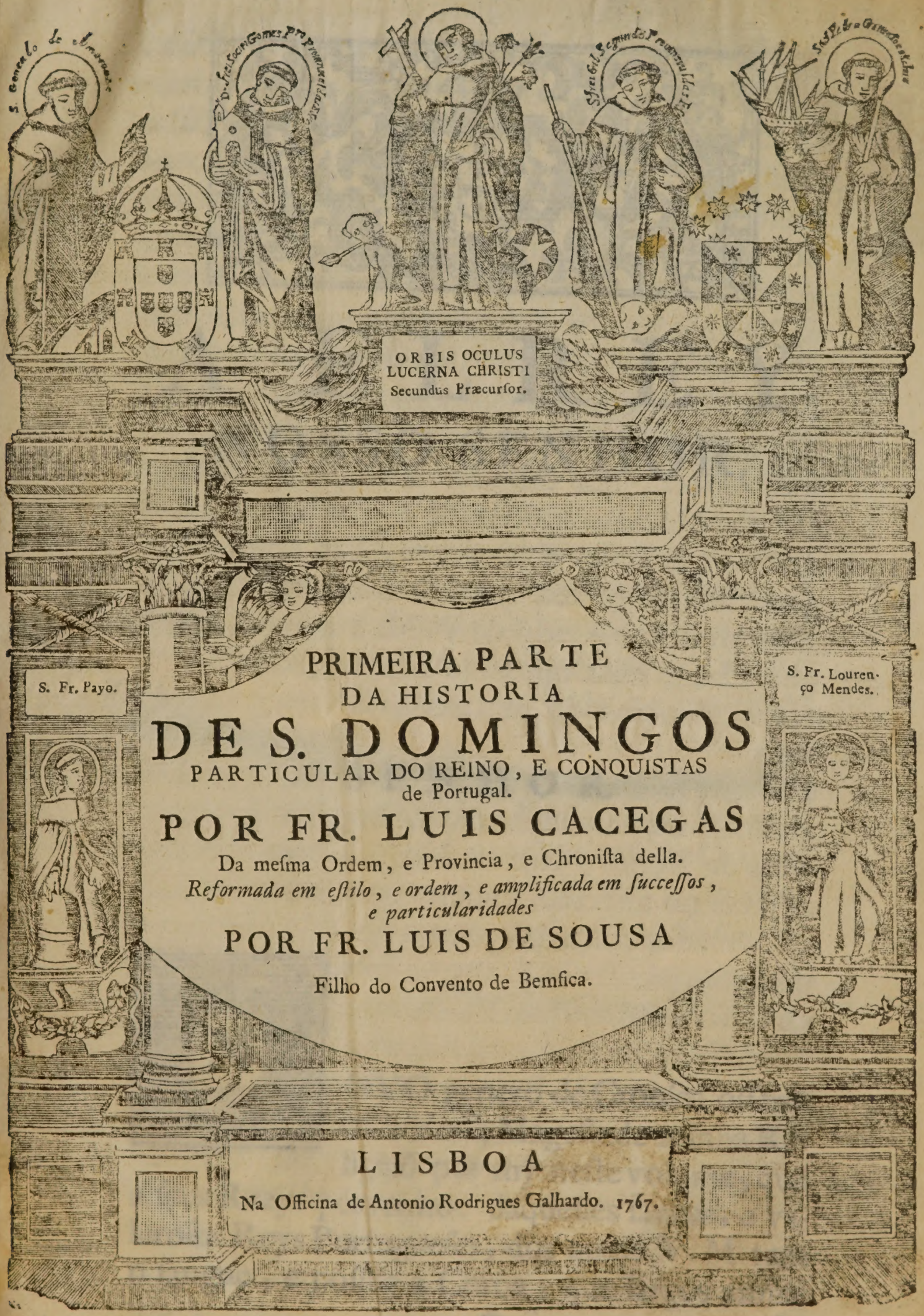
HISTOR
DE S
DOMINGO
T. I.



PRIMEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS
PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS
de Portugal.

POR FR. LUIS CACEGAS
Da meſma Ordem, e Provincia, e Chroniſta della.

Reformada em eſtilo, e ordem, e amplificada em ſucceſſos, e particularidades

POR FR. LUIS DE SOUSA
Filho do Convento de Bemfica.

LISBOA
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1767.

PRIMEIRA PARTE

DA HISTORIA

DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS

DE PORTUGAL

POR FR. LUIS DE SOUSA

DA ORDEM DOS PREGADORES

A ELREY
NOSSO SENHOR.

SENHOR.

NOVO genero de Cronica offerece a Voſſa Mageſtade minha Religiaõ por my neſte volume, que a ſeus Reays pés tenho: daquelles ſantos, e valeroſos Reys Portugueſes, dos quays V. M. tem o ſangue, e poſſue a Coroa, que largos annos

feliciſſimamente poſſuirà. Cronica verdadeira, e certa, naõ dos climas novos, e mares nunca navegados que deſcobriraõ, nem das batalhas que venceraõ, nem dos Reynos que conquiſtaraõ: mas ſó da pureza de fé, com que por todas as idades buſcaraõ a Deos, do zelo, e fervor com que ſe empregaraõ em o ſervir, da liberalidade, e magnificencia com que agazalharaõ, enriqueceraõ, e honraraõ todas as Religioens, em que ſeu nome he venerado. E iſto naõ ha duvida que val mais que conquiſtar, que vencer, que triunfar. Porque na verdade as correntes das vitorias, e as enchentes das riquezas que dellas procederaõ, naõ teveraõ origem noutras fontes. Juntou Deos na Coroa de Eſpanha, e em maõ de V. M. a mayor, e mais dilatada, e mais opulenta Monarquia, que nenhum Principe do mundo deſde ſeu principio até noſſos tempos poſſuhyo: e eſta, pera moſtrar que ſó era dadiva ſua, naõ quiz que foſſe ganhada com os milhoens de homens dos exercitos de Xerſes, cuja multidaõ ſecava os rios, as ſetas no ar faziaõ nuvens que tolhiaõ o Sol, as Armadas lançavaõ pontes de Aſia a Europa: mas com poucas nàos que ſayraõ de Sevilha deu ao Catolico Rey dom Fernando de glorioſa memoria hum mundo novo, terras taõ largas que correm de Polo a Polo por infinito numero de legoas, taõ ricas que os rios correm por ouro, as entranhas dos montes ſaõ prata, as ſerras eſmeraldas, as prayas do mar perolas. Da meſma maneira fez que poucas nàos, que ſayraõ de Lisboa ganhaſſem pera el Rey dom Manoel,

e por

e por ſeu meyo pera V. M. o Senhorio do Oriente, vencidos os medos, e tempeſtades do Cabo Tormentorio com navegaçaõ taõ eſpantoſa, que de louca, e deſaſizada lhe deraõ nome os eſtrangeiros deſaffeiçoados de Eſpanha, perdendo o tino da verdadeira eſtimaçaõ das couſas, ou com o paſmo della, ou com a enveja (naõ quero dizer rayva) que lhes fazia, verem que os grilhoens que o vaõ Xerſes mandava em huma occaſiaõ lançar ao eſtreyto mar mediterraneo, recebia, e ſofria de maõ de poucos Portugueſes o vaſtiſſimo Oceano. Prezaſe Deos de honrar, e galardoar nos filhos, e ſucceſſores a virtude, e merecimentos de pays, e avòs. Foraõ eſtes dous Principes decendentes de Reys ſantos, e religioſiſſimos: de hum Ranymiro que em graças de huma vitoria de Mouros, fez tributaria com voto Eſpanha toda ao Apoſtolo Santiago, e a ſua Igreja: de hum dom Afonſo Enriquez, que prometeo, e deu a S. Bernardo, e à ſua Ordem poſto ſobre huma alta ſerra tudo quanto alcançou com os olhos atè os Orizontes: taõ pio, e generoſo, que naõ edificando nunca pera ſi caſa, as que deixou feitas pera Deos aſſombraõ as grandezas do tempo preſente com a capacidade, com a architectura, com a groſſura de rendas. E ſendo tays eſtes dous Reys, foraõ igualados, por naõ dizer vencidos, de muitos que delles procederaõ atè V. M. He eſtreito o campo pera falar de todos: digamos de hum Filippe primeiro em Portugal, ſegundo no reſto de Eſpanha, que na meſma conjunçaõ que os hereges de França faziaõ guer-

ra

ra às ſepulturas dos Santos queimando ſeus veneraveys oſſos, e dandolhes na terra fria delles o martyrio que vivendo deſejaraõ por Chriſto: entra polas portas de Toledo com as Reliquias do Santo Prelado Eugenio ſobre ſeus hombros trazidas de muito longe, e com grande deſpeſa: e em tempo que Alemanha, e Inglaterra profanavaõ as Aras, roubavaõ, e aſſolavaõ os templos, levanta hum taõ famoſo, que do mundo he oytava maravilha, oytava em numero, primeira em calidade. Digamos de hum dom Joaõ Terceiro de Portugal taõ inflamado em amor do culto Divino, que a elle deve a Igreja Catolica a dilataçaõ da Fé por todo o Oriente muyto alèm da Aurea Cherſoneſſo, e atè à ultima China, e Japaõ, provincias que os antigos nem por fama conheceraõ: a elle deve o Oriente os triunfos de grande numero de martyres laureados nellas de ſeu ſangue, e muytas Catredays fundadas por toda a India, que a Sè Apoſtolica provè, as rendas Reays ſuſtentaõ: a elle deve Portugal as letras, e doutrina das univerſidades, a obſervancia, e reformaçaõ de todas as Religioens. Naõ he logo maravilha que a Omnipotencia Divina por hum Offir, que nos tempos muyto antigos deu em comercio a hum filho de hum Rey Santo, guardaſſe dous pera os dar a V. M. em poſſe, hum na India Oriental, outro na Occidental, ſendo filho, e ſucceſſor de tantos Principes ſantos: e ſobre eſſa grandeza lhe deſſe no reſtante da terra tamanha parte, que na Europa poſſue o melhor de Italia, e muitas provincias de Alemanha: ſendo

em

em humas, e outras o arbitro da paz, e da guerra, e eſcudo por huma parte contra a potencia Otthomana, por outra contra os hereges: na Africa he ſenhor de todas as coſtas, e Ilhas adjacentes, atè dentro à Ethiopia. Por maneira que, aſſiſtindo V. M. no meyo de Eſpanha, como em centro, e cabeça do mundo, eſtà deſpachando Viſoreys, Governadores, Capitaens, exercitos, e Armadas pera todas as partes de ſua redondeza ao meſmo modo que o Sol as viſita, e aquenta com ſeus rayos.

Eſte he pois o intento, eſta a confiança deſtes eſcritos, manifeſtar ao mundo huma Hiſtoria de novo achada (como thezouro eſcondido) dos Reys antigos de Portugal. Mandounos a obediencia averiguar, e pôr em memoria os principios, e meyos com que a Ordem de Noſſo Patriarcha S. Domingos ſe fundou neſte Reyno. Feyta a Hiſtoria, achamos que na ſuſtancia he taõ propria dos Reys, e Principes Portugueſes, que, ſe lhe tirarmos o titulo de S. Domingos, ficarà mais delles, que delle: e ſe lhe chamarmos Cronica Eccleſiaſtica dos Reys, ficarà ſendo toda ſua em titulo, e ſuſtancia. Porque ſe V. M. for ſervido paſſar os olhos por ella, acharà que tudo, o que contem, ſaõ obras que elles fizeraõ de piedade, e devaçaõ, altares, e templos que levantaraõ, Moſteyros, e Santuarios que fundaraõ em honra da Fé, e veneraçaõ do nome de Chriſto, com tanto animo, e largueza, que quaſi naõ temos caſa antiga, nem moderna, ſeja de Religioſos, ſeja de Religioſas, que naõ deva aos Principes

ou

ou a origem, ou o augmento, ou a ſuſtentaçaõ, ou tudo junto. O primeiro gaſalhado, que eſta Ordem teve, do qual procedeo o Moſteyro dos Frades de Santarem, lhe foy dado pola Infante dona Sancha. O ſegundo, que foy em Coymbra, por ſuas irmans dona Tareja, e dona Branca, todas tres filhas do grande batalhador, e Rey dom Sancho Primeiro. Do Convento de Lisboa foy fundador em ſua origem dom Sancho Segundo. A Igreja, que hoje eſtà em pè, edificou ſeu irmaõ dom Afonſo Terceiro. O meſmo fundou o Moſteyro de Elvas. El Rey dom Joaõ Primeyro deu à Ordem tres caſas: duas em Portugal que foraõ a Batalha, e Bemfica, outra em Africa. O Infante dom Pedro edificou a de Aveyro. El Rey dom Manoel nos deu a da Serra de Almeyrim, e dotou em Lisboa o Collegio de Santo Thomas, que hoje eſtà em Coymbra: ſeu filho dom Joaõ Terceyro nos deu Amarante: ſeu biſneto dom Sebaſtiaõ Setuvel: e os dous Filippes ſantos que eſtaõ no Ceo, pay, e avô de V. M. nos adiantaraõ em renda cada hum particularmente o Moſteyro da Batalha. E ſendo aſſi que as boninas do jardim mais devem ſua freſcura, e belleza a quem dà o ſitio pera ſe plantarem, e as fontes pera ſe regarem, que às maons que as deſpoem, e cultivaõ, naõ ha duvida que aos Reys eſtamos devendo todos os grandes fruytos que eſta Religiaõ tem dado de doutrina, de letras, de prègaçaõ, de reformaçaõ de coſtumes, e augmento de virtudes, e atè os Santos que tem produzido, e ſua ſantidade. E como

ſó

ſó eſta moeda he a que tem valia diante do ſoberano Rey da Gloria, aſſi ſó a ella he rezaõ que refiramos as grandezas com que eſte pequeno Reyno ſe fez inſigne no mundo. E ficará ſendo eſta eſcritura huma Cronica de empreſas do Ceo, e do valor eſpiritual dos Reys: como as que V. M. lhes manda fazer ſaõ dos feitos em armas, e conquiſtas da terra. O que me faz ter por certo que ſerà de V. M. naõ ſó com benignidade olhada, mas recebida em ſerviço, e amoroſo reconhecimento, inda que fraco, e pobre, da gratidaõ que todas as Religioens, e Religioſos deſte Reyno eſtamos devendo à ſanta memoria dos Reys, e a V. M. e de que a minha começa hoje, e he primeira a deſempenharſe. E naõ carece de miſterio (como todas as couſas da terra vem traçadas do Ceo) ſer V. M. o primeiro Principe deſpois de tantos, e taõ glorioſos anteceſſores, a quem eſte juſtiſſimo tributo ſe offerece: poys vemos anticiparſe tanto nos actos de Fé, e Chriſtandade, que o que elles fizeraõ deſpois de muytos annos de vida, e mundo, começou V. M. a executar na hora que entrou polos Orizontes della, e delle: ordenando a Divina Providencia daremſelhe as ſagradas agoas do Bautiſmo no meſmo vaſo, em que as tinha recebido 434 annos antes meu glorioſo Patriarcha S. Domingos: e juntarſe no meſmo dia ao feliciſſimo nome de Filippe o apelido ſanto de Dominico. Foy iſto venerar V. M. todos os Santos neſte Santo: foi honrar todas as Religioens neſta Religiaõ: foy alegrar a Igreja Catholica, e confundir a heregia, e infideli-

dade em hum ponto da Santa Igreja muito eſtimado, e dos hereges, e infieis com eſtremos aborrecido. Saõ os bons principios grande pronoſtico do futuro. Eſtes nos eſtaõ prometendo (naõ ſó pronoſticando) de V. M. que ha de vencer em boas venturas todos ſeus mais glorioſos anteceſſores, que ha de atropellar, e ſogeitar com famoſas vitorias, como vay fazendo, todos os hereges da alta, e baixa Alemanha, por mais que conjurem com elles os enemigos publicos, e amigos diſſimulados, e levem conſigo até o ſangue: e em fim que ha de ſenhorear, e dominar (como o acena o nome Dominico) toda a infidelidade atè arvorar os eſtandartes da Cruz de Chriſto, e Lioens de Eſpanha ſobre as torres de Conſtantinopla. Que pois os primeiros paſſos da vida feliciſſima de V.M. madrugaraõ tanto em beneficio, e favor da verdadeira Religiaõ, como jà temos viſto: e os de ſeu governo conformaõ tanto com os da vida, que por remedear Catholicos afligidos, inda que eſtranhos, e naõ de ſua preciſa obrigaçaõ, offerece liberalmente nobiliſſima parte de ſeu ſangue, naõ póde faltar a maõ omnipotente, e liberaliſſima do Senhor em recompenſar taõ ſantos, e altos eſpiritos com alegres, e venturoſos fins de todas as empreſas, e penſamentos de V. M. e com lhe dar largos, e proſperiſſimos annos de vida pera grande bem, e augmento da Chriſtandade, e gloria de ſeus Reynos, como todas as Religioens, e Religioſos com oraçoens continuas lhe pedimos. Deſte Convento de Benfica ultimo dia do anno de 1623.

Fr. Luis de Souſa.

PRO-

PROLOGO

AOS RELIGIOSOS DA ORDEM de S. Domingos.

TENÇAÕ tinha de eſcuſar eſte prologo, e naõ deſpender tempo nem papel em dar contas ao Leitor, por mais candido, e benevolo que chegaſſe a lernos. Sey que ſe naõ grangea perdaõ, ſe ha de que o pedir, como ſempre ha. Sey que ninguem levanta a lança, ſe acha que calumniar. E ſe o Prologo naõ he muy apontado, quem quer ſe faz juiz pera condenar por elle toda a obra. Aſſi determinava ſatisfazer ao coſtume com as poucas regras que no primeiro capitulo abrem a porta à Hiſtoria, como jà fizemos em outra occaſiaõ: mas tiraõme de meu ſentido pareceres alheyos: e fazem-me força, porque naõ ha defender deſpois de conſultar. Querem que demos rezaõ de algumas couſas, ſe naõ a todos, ao menos aos meus. He primeira a contradiçaõ que repreſenta o titulo do livro propondo a hum sò trabalho, e naõ o mayor do mundo, dous Autores: hum morto, e outro vivo: hum à Hiſtoria, outro ao eſtilo: hum feito Croniſta, outro reformador: e parecia baſtante verſe qual dos feitios peſava mais, e darſe o nome ao de mais ſuſtancia. Sabemos de Tito Livio entre os Latinos, que ſe aproveitou taõ particularmente dos eſcritos de Polybio Grego, que ao pè da letra treslada delle livros inteyros. Valeoſe Damiaõ de Goes entre os noſſos, pera a Cronica del Rey dom Manoel, dos trabalhos de Ruy de Pina, e Fernaõ de Pina ſeu filho, que a tinhaõ quaſi toda feyta (confeſſa-o elle là em hum canto della, puderao fazer no roſto.) Aſſi ſe fizeraõ ambos donos do ſuor alheyo, mas com juſtiſſima cauſa: porque ſervindoſe do que acharaõ nos anteceſſores sò pera informaçaõ, era demaſiada liberalidade communicar ao informador o nome de Autor. Naõ faltou quem com tais exemplos nos obrigava a cortar duvidas, e fazer o livro em todo noſſo. E avia mais rezõens

por minha parte. Porque tudo, o que o Padre Frey Luis Cacegas deixou eſcrito, he hum monte de couſas indigeſtas, e informes: o modo de dizer ao antigo, pouco polido, e falto de arte, e qual ſe conta que foy o do Romano Ennio, com lhe ſobejar engenho: *Ennius ingenio maximus, arte rudis.* Falo aſſim ſem mais ſalvas nem rodeos; porque eſcrevendo, como eſcrevo, entre os que o conheceraõ, e trataraõ, e à viſta de ſeus papeis que temos vivos, ſey que lhe naõ faço offenſa. Foy eſte Padre bom Letrado Theologo, grande amigo dos livros, e de ter muytos, e muyto bons: e, o que val mais que tudo, eſſencial religioſo. Viveo largos annos, e paſſava dos ſetenta quando faleceo. Deſtes gaſtou mais de vinte em andar polos Conventos da Provincia deſentranhando Cartorios, revolvendo pergaminhos, inveſtigando antiguidades: e tudo, o que em fim nos deixou, ſaõ, como diſſemos em outra parte, materiays pera edificar mais, que edificios feitos. E eſta foy a cauſa porque os Prelados me mandaraõ fazer obra delles; que foy o meſmo que conſtituirme por Autor, e architecto do que fizeſſe. Mas que conta dariamos da humildade, e modeſtia da Religiaõ, a que a Miſericordia Divina nos trouxe ao pôr do ſol da vida, ſe naõ ouveramos de fazer contas mais deſintereſſadas? Voz foy do Ceo a que fez a Arſenio conſtante morador do deſerto: *Fuge, quieſce, & tace*: Foge, aſſoſſega, e naõ fales. E pera o repouſo corporal ſoube aconſelhar o meſmo hum Gentio dizendo: *Ama neſciri*: Procura que ninguem te ſaiba o nome. Se fogimos huma vez, pera que he tornar a povoado, nem por letra? Se ha d'aver quietaçaõ, ſe ſilencio, de que ſerve ſer lido, e ouvido por todas as praças, e falar nellas naõ menos que com livros inteiros? Iſto he o que me obrigou eſtando vivo, e ſaõ a dar o meu trabalho, vida, e nome ao Padre Cacegas defunto de ſete annos. Se me perguntaõ porque o fiz de meas, e naõ inteiramente (que fora perfeita liberalidade) reſpondo com huma ſó palavra. He proprio da Religiaõ o que eſtá eſcrito: *Nemo noſtrum viuit ſibi*: fuy mandado, obedeci. O titulo de Reformador, que repreſenta mais ambiçaõ, naõ deſculpo, porque alem de ſe fundar em verdade, aſſaz humilhado

Surius. t.4.f.250.

Ad Roman. 14.

fi-

fica, naõ ſó temperado, com o ſegundo lugar, que o outro nem em Roma queria.

Segue a poz a controverſia do titulo, outra naõ pequena no diſcurſo da Hiſtoria. E he que começando a geral da Ordem o famoſo prègador, e meſtre o Padre Frey Fernando de Caſtilho, e proſeguindoa o Reverendiſſimo Senhor Biſpo de Monopoli, e eſcrevendo ambos com grande cuydado, e diligencia de ſua parte, e com grande credito, e honra deſta Provincia no particular que tocaõ della, toda via ſe offerecem encontros, e variedade entre a ſua eſcritura, e eſta noſſa, em nomes de peſſoas, de lugares, e Conventos: huns trocados, outros taõ disfarçados, que ſe fazem eſcuros, e mal entendidos até pera os que ſomos naturais. Seja exemplo no Padre Frey Fernando o nome do primeiro Provincial de Eſpanha conſtituido nella da maõ de noſſo Santo fundador, que huma vez lhe chama Frey Gomes, e outra Frey Sueyro, e naõ lhe dà nacimento, ſendo couſa bem achada ſer Portuguez, como o confeſſa na ſua Quinta parte o ſenhor Biſpo. Seja exemplo no Senhor Biſpo chamar Petragoria ao Convento do Pedrogaõ, chamar del Salto ao da Serra, de Almeyta ao de Almada, com mais alguma variedade em ſucceſſos, e na computaçaõ de annos, e tempos: venialidades cauſadas humas das informaçoens ſerem ou Latinas, ou mal declaradas: outras de deſcuidos da impreſſaõ, que temos neſta parte muyta falta em toda Eſpanha. E por eſta rezaõ paſſamos por ellas no diſcurſo da Hiſtoria ſem apontar nem contradizer: e ſó fazemos aqui eſta advertencia pera que quem com algumas ſe embaraçar recorra a eſte noſſo trabalho, como a commento de ambos. Porque na verdade nos aconteceo a todos tres o que he ordinario a quem toma agoa na fonte em que eſtà pura, e limpa, como eu a tomey: ou nos regatos, onde em cor, e ſabor vay jà inficionada da terra por que paſſa, como elles a tomaraõ. E com tudo naõ aja ninguem que por eſtas couſas leves, e vizinhas faza juyzo temerario contra as graves, e afaſtadas, que eſcrevem. Porque ſe a vizinhança cauſa às vezes algum deſcuydo, a diſtancia mayor dos lugares, e o peſo das que importaõ eſperta, e aviva o cuidado de ſorte, que

P. 1. l. 1. cap. 24. Idem p. 1. l. 2. c. 1.

P. 5. l. 2. c. 32. Idem p. 5. l. 2. c. 34.

por

por ſem duvida podemos ter , que ha em todas grande certeza. Por onde eſtamos em muyta obrigaçaõ a ambos: mas em mayor ao Senhor Biſpo , que mais tempo , e mais aturadamente tem trabalhado em honra da Ordem.

Reſta animarmonos todos huns a os outros , e lembrarmonos que, ſendo qualquer hiſtoria meſtra da vida , eſta , que he de Santos , que foraõ noſſos hirmaons , e companheiros , naõ ſó nos deve ſervir de meſtra , mas de hum eſpelho criſtalino , e puro , a cuja viſta enfeitemos , e componhamos a vida , e coſtumes , eſtimando ſua ſantidade , naõ pera nos vangloriarmos nella , ſenaõ pera a imitarmos , conforme à ſentença do Romano , que tratando da obrigaçaõ que fazem os retratos dos homens valeroſos a ſeus deſcendentes : *Idcirco* , diz , *in prima ædium parte poni ſolere effigies maiorum , ut eorum virtutes poſteri non ſolum legerent , ſed etiam imitarentur.*

Valer. Max. l. 5. c. 8.

Valete felices.

Frey Luis de Souſa.

AP-

LICENÇAS.

DA ORDEM.

COMECEI a ver eſte livro do Padre Frey Luis de Souſa, que he a primeira parte do que toca a eſta noſſa Provincia de Portugal; e ſendo principio de o ler curioſidade, e goſto mais que obrigaçaõ, juntouſe mandarme o noſſo Padre Provincial, que foſſe eu hum dos revedores pela Ordem: o que me obrigou a novo cuidado. E fazendo juizo em rigor, acho que temos nelle naõ sò para noſſa Ordem, mas para todo eſte Reyno de Portugal dous ricos theſouros, hum de ſantidade, e verdadeira Religiaõ de infinitos varoens que eſta terra, em que naſcemos, produzio pera o Ceo, e là eſtaõ rogando a Deos por nós: outro de excellencias de eſtilo, e lingoagem: eſtilo grave, elegante, e ſentencioſo, com brevidade, e clareza juntamente, que em poucos ſe acha: lingoagem natural, corrente, e cortezam, com termos taõ proprios, taõ ſignificativos, e efficazes, e longe de affeites, e artificios vicioſos, que ſem encarecimento podemos affirmar, que dos livros, que atè o preſente ſaõ eſcritos em Portuguez nenhum ſe acharà de mais policia, e perfeiçaõ. E atrevome a dizer, que aſſi como a lingoagem Caſtelhana eſtà em toda ſua pureza nos eſcritos do noſſo Padre Frey Luis de Granada, e quando acertaſſe de ſe perder podiamos por elles reſtauralla, ſegundo foi opiniaõ de hum bom eſpirito de ſeu tempo: nem mais nem menos temos neſte volume entheſourada a Portugueza, e em grào taõ ſubido, que naõ ha deſejarlhe mais fineza, nem mais graça, e gravidade. E o que mais admira he, que em tanto papel eſcrito, e tanta variedade de couſas, nem hum sò vocabulo lhe acho tomado de lingoa eſtranha, nem ao perto nem ao longe, como muitos indignamente vaõ fazendo: com o que faz evidente que naõ he paradoxo, mas demonſtraçaõ ſer a lingoagem Portugueza taõ abundante de palavras, taõ rica de bons termos, e pela meſma rezaõ taõ perfeita, como a melhor de Europa. Por onde me parece que com

to-

toda a brevidade ſe deve imprimir eſta Hiſtoria, como eſpelho de ſantidade, e virtude pera os devotos, e como fórma, e modello de bem eſcrever, e falar para eſtudioſos. Em S. Domingos de Lisboa, 16 de Setembro de 1622.

Fr. Agoſtinho de Souſa.

POr mandado do noſſo muito Reverendo Padre Provincial o Padre Meſtre Frey Diogo Ferreira vi attenta, e curioſamente eſte livro intitulado a Primeira parte da hiſtoria de S. Domingos, particular do Reyno, e Conquiſtas de Portugal, ordenada, e reformada pelo Padre Frey Luis de Souſa Portuguez, Religioſo profeſſo da Ordem dos Frades Prègadores, e filho do Convento de Benfica neſta Provincia de Portugal: nella achei muita verdade nas materias, muita gravidade no tratallas, muita pureza nas palavras, muito ſuave, e agradavel eſtilo no diſpollas, e ordenallas, de que o Autor ſingularmente he dotado. Pelo que toda a Hiſtoria aſſi deleita os ouvidos, que por elles introduz na alma huns fervoroſos deſejos de imitar varoens taõ ſantos, como o leitor acharà a cada paſſo. E eſtà o livro taõ cheyo deſta celeſtial gente, que mais parece cathalogo de Santos, que narraçaõ de couſas jà paſſadas, as quais a hiſtoria tem por fim fazer preſentes com ſua repreſentaçaõ, e liçaõ. Eſta he muy curioſa, muy ſanta, muy aprazivel, e cheya de muito ſpirito do Ceo. Por onde me parece muy digna de ſe mandar à eſtampa, e ſayr a luz, para honra da noſſa ſagrada Religiaõ, e grande utilidade ſpiritual, naõ sò dos que profeſſaõ a vida religioſa, mas Chriſtam. Antes nos podemos gloriar de que a noſſa idade nos deſſe na noſſa Provincia hum taõ illuſtre individuo, que com ſeu illuſtre eſtylo illuſtraſſe varoens taõ illuſtres em ſantidade, fazendo que ſe conheçaõ no mundo os que a antiguidade do tempo, e a incuria dos homens tinha poſto em eſquecimento. E aſſi merece o nome (ſejame licito aſſi falar) de hum novo, e ſanto Tito Livio das heroicas proezas

dos

dos antigos ; e modernos heroes de virtude , como na Hiſtoria verà o devoto , e curioſo leitor. Em S. Domingos de Lisboa aos 18 de Setembro de 1622.

Fr. Thomas de S. Domingos Magiſter.

Do Padre Provincial.

NOs Frey Diogo Ferreira Meſtre em ſanta Theologia, Conſultor do Santo Officio, e Prior Provincial da Ordem dos Prègadores nos Reynos de Portugal , &c. Viſta a approvaçaõ dos Padres Revedores , damos licença ao Padre Frey Luis de Souſa pera imprimir eſta Primeira parte da Hiſtoria deſta Provincia. E lhe mandamos in meritum ſanctæ obedientiæ , *que o imprima o mais em breve que for poſſivel. Dada em o noſſo Convento de S. Domingos de Lisboa em 19 de Setembro de* 1622.

Frey Diogo Ferreira Prior Provincial.

Do Santo Officio.

Approvaçaõ do Revedor.

VI eſte livro da Hiſtoria do Patriarcha S. Domingos, na parte que toca a eſta Provincia de Portugal, compoſta pelo Padre Frey Luis de Souſa. Na qual ſe vè por hum eſtilo muy alevantado, grave, e muy religioſo, tratado com toda a eloquencia os grandes fructos , que fazem na Igreja Catholica , e na defenſaõ , e prègaçaõ da Fè ſagrada os filhos deſta Provincia ſancta : os muitos Sanctos que eſta ſagrada Provincia tem dado a Deos , a muita religiaõ , ſantidade , e letras que nella florecem. Vèſe mais a muita devaçaõ , fervor , e charidade dos

Reys,

Reys, e Principes de Portugal, e nobres delle, com que fundaraõ eſta ſanta Provincia, e amaraõ os filhos della, encommendandolhes os negocios mais importantes a ſuas almas, e bem do Reyno, por ſaberem da ſua grande religiaõ, e letras. Pelo que me parece livro digniſſimo de que ſeja impreſſo huma, e muitas vezes, porque ſe edifiquem os Catholicos, e affervorem no amor de taõ ſancta religiaõ, e ſe confundaõ os herejes inimigos da Fé. Em S. Franciſco de Lisboa, hoje 8 de Novembro de 1622.

Frey Andre da Reſurreiçaõ.

EU Frey Thomas de S. Domingos, Revedor, e Calificador do Santo Officio, vi diligentemente eſte livro por mandado do noſſo Padre Provincial; e a minha approvaçaõ eſtà no principio do livro a que me remetto. Em S. Domingos de Lisboa, 12 de Novembro de 1622.

Fr. Thomas de S. Domingos Magiſter.

VIſtas as informaçoens, podeſe imprimir o livro da Hiſtoria de S. Domingos, e depois de impreſſo torne conferido com o original para ſe dar licença para correr, e ſem ella naõ correrà. Lisboa, aos 16 de Novembro de 1622.

Antonio Diaz Cardoſo. Gaſpar Pereira. Dom Joaõ da
Franciſco de Gouvea. Manoel Pereira. Sylva.

Do Ordinario.

POdeſe imprimir eſta Hiſtoria de S. Domingos. Lisboa, 17 de Novembro de 1622.

Viegas.

Do

Do Deſembargo do Paço.

QUe ſe poſſa imprimir eſte livro, viſta a licença do Santo Officio, e do Ordinario. Lisboa, a 21 de Novembro de 1622.

Dinis de Mello. Vicente Caldeira.

LICENÇA.
Da Real Meza Cenſoria

PODem correr todos os quatro Tomos deſta Hiſtoria. Meza, 21 de Julho de 1768.

Arcebiſpo Regedor P.

Gama.

Coelho. Vaſconcellos. Pereira.

TABOADA

DOS CONVENTOS, DE QUE SE TRATA nesta primeira Parte.

CONVENTOS DE FRADES.

1 PRimeiro Convento junto à Villa de Alanquer na ſerra de Monte junto, liv. 1. cap. 12. p. 45.
Tresladaçaõ deſte Convento do ſitio de Montijràs na Villa de Santarem pera o lugar onde hoje eſtà, liv. 2. c. 2. p. 129.
2 Convento da cidade de Coimbra, liv. 3. c. 1. p. 133.
3 Convento da cidade do Porto, liv. 3. c. 9. p. 283.
4 Convento da cidade de Lisboa, liv. 3. c. 17. p. 310.
5 Convento da cidade de Elvas, liv. 4. c. 8. p. 409.
6 Convento da villa de Guimaraens, liv. 4. c. 12. p. 422.
7 Convento da cidade de Tuy, liv. 4. c. 22. p. 448.
8 Convento da cidade de Evora, liv. 5. c. 1. 479.
9 Convento da villa da Batalha, liv. 6. c. 12. p. 617.

MOSTEIROS DE FREIRAS.

1 SAõ Felix de Chellas junto à cidade de Lisboa, liv. 1. c. 23. p. 96.
2 S. Domingos das Dònas na villa de Santarem, liv. 5.
3 c. 20. p. 525.
Corpus Chriſti em Villa nova junto à cidade do Porto, liv. 6. c. 2. p. 590.

LI-

LIVRO PRIMEIRO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Do naſcimento do Patriarcha S. Domingos, ſua criaçaõ, eſtudo, e virtudes, até tomar o habito dos Conegos regulares de Santo Agoſtinho.

TEMOS a cargo eſcrever, e pôr em memoria os feitos illuſtres dos filhos, e ſucceſſores de noſſo glorioſo Patriarcha S. Domingos na parte que toca ao Reyno, e conquiſtas de Portugal. E parece que naõ procederá a narraçaõ delles com a ordem, e termo devido, ſe avendo de tratar dos filhos nos deſcuidarmos em dar alguma noticia da vida, e ſantidade do Pay. E naõ nos deſobriga o ſer ſabida de todos, ouvida cada dia dos pulpitos, lida em muitos livros, eſcrita em todas as lingoas. Porque ſendo qualquer Religiaõ hum corpo myſtico, em que o fundador he a cabeça, e os membros ſaõ ſeus filhos, e ſucceſſores: aſſi como perderia o tempo, e o feitio quem nos quizeſſe repreſentar em pintura, ou relaçaõ hum corpo humano perfeito, ſe tratando de pés, e braços naõ fizeſſe caſo da cabeça, e roſto, que naturalmente he baſi, e principio, e como alma delle: Nem mais, nem menos pede a razaõ que ſe naõ louvem fruitos, ſem dar novas da arvore, nem ſe pintem torres ſem moſtras da firmeza, e fundamento em que eſtribaõ, nem ſe trate de filhos ſem falar de ſeu pay. Mas porque temos hum grande mar

A dian-

diante, de annos, e antiguidades, que pedem muita leitura, e volumes crecidos, navegaçaõ que obriga a hum prolongado, e intoleravel trabalho, (e como ſomos velhos, e naõ podemos prometter para longe) contentarnos hemos com fazer huma ſuccinta relaçaõ da vida, e obras de noſſo Santo fundador: a qual ainda que fique com menos luz da que lhe he devida, viſta a difficuldade que tem pintar Gigantes em pequena taboa, ſerá a que baſte, para fogirmos, quanto a mim, dos defeitos de corpo monſtruozo: e quanto aos curioſos que nos lerem, pera terem diante dos olhos hum eſpelho, em que ſem cançar a memoria enxerguem, quão bem ſouberaõ os Portugueſes filhos deſta Ordem, e Provincia retratar em ſi por todas as idades a vida, e coſtumes de ſeu Meſtre, naõ sò imitallo. Seguirſeà de huma, e outra couſa hum grande beneficio pera os que oje nos prezamos da gloria de taõ honrado tronco, e do valor de taõ bons irmãos: o qual ſerà eſpertarmonos a ſeguir com viveza, e fervor os caminhos de virtudes heroicas, como o outro Grego, que confeſſava de ſi lhe faziaõ perder o ſono as proezas que ha do venturoſo Milciades. E ſeguirſeà tambem acudirmos com antidoto apropriado ao mal da profanidade, e infinidade de livros, que cada hora ſaem por todas as provincias, cheyos de fabulas, e ocioſidades, eſtragadoras daquella pureza dos bons coſtumes antigos, que tanta ſaudade nos fazem. Aſſi faremos remedio de livros contra livros: como nos inſina a natureza a compor triagas das bivoras, e ſerpentes mais venenoſas pera defenſivo dellas meſmas. Que na verdade ſe em algum tempo foy conveniente fazer a gente eſpiritual grandes empregos de eſtudo, e trabalho em eſcrever; a idade em que vivemos naõ sò o eſtà pedindo, mas obrigando, e forçando a todos os que pera ſi tem qualquer talento, e do bem commum algum zelo. Mas toca eſte cuidado mais de perto aos que ſeguimos a diſciplina monaſtica. Porque as Religiões ſaõ em geral os exercitos, e campos formados que Deos mandou ao mundo, e ſuſtenta nelle, pera reformaçaõ de coſtumes, deſterro de vicios, e conſervaçaõ da ſanta doutrina. Rayvem quanto quizerem os hereges, perſeguindoas com lingoas ſerpentinas, roubandolhes as rendas, aſſolandolhes as caſas, e aparelhando aſſi os caminhos ao Antichriſto. Rayvem, e arrebentem de furia, que ao ſeu peſar, dos cantinhos das cellas ſe povoa o Ceo de milhares de Santos. E aſſi como as Religiões ſaõ os exercitos, aſſi ſeus Moſteiros ſaõ os caſtellos que guardaõ as Cidades com vigia de eſtudo, e letras, com exercicio de jejuns, lagrimas, e diſciplinas, e com armas de ſacrificios, e orações, armas que baſtaõ a ſuſpender a ira do Altiſſimo ſempre de peccados provocada. E nelles como em praças militares ſe criaõ, e adeſtraõ na diſciplina ſanta valeroſos eſpiritos pera a conquiſta do Ceo, ſenaõ com tantos hombros, como os primeiros Atlantes, nem com tantos braços como os antigos Briareus, quero dizer, com que os San-

Plutar. in vita Themiſtocl. Valer. Max. liv. 8. c. 25.

Santos Capitaens, a quem ſeguem: ao menos com a meſma confiança na graça Divina que os fez tais. E eſtes ſaõ os fruitos com que as ſagradas Religioens vaõ acudindo em tempo ao ſoberano Pay de Familias, como largamente ſe deixa ver em todas: e Nos o moſtraremos, ſe o Senhor for ſervido, em hum pequeno garfo da noſſa, por eſta Hiſtoria: a qual eſcrevo de melhor vontade, tanto pela força que me faz a neceſſidade que apontamos, como por honra deſte Reyno em que nacemos, e pola obrigaçaõ immortal, em que todas as Religiões, e Religioſos lhe eſtamos. Porque aſſi como elle foy huma das primeiras terras de Eſpanha, que recebeo a fé de Chriſto, e foy a primeira de toda Europa, que fundou Prelacia em ſeu nome, com a preſença, e pregaçaõ do grande Apoſtolo Santiago, naquella Cidade, que como em profecia deſta excellencia gozava jà glorioſo apellido, chamandoſe Brachara Auguſta: e tambem foy a primeira de Eſpanha, e Europa, que ſe matizou com ſangue ſanto, derramado por honra do meſmo Senhor, (como adiante moſtraremos:) da meſma maneira abraçou com tanta devaçaõ, e amor todas as Ordens que oje ha na Igreja de Deos, que nenhuma naçaõ do mundo em taõ eſtreitos limites as enriqueceo tanto, nem honrou mais. Mas he tempo de começar.

O Brevi. Brach. S. Iſid. nas vidas dos Santos c. 73.

O Papa Calixto na vida de Santiago.

Vè adiante lib. 6. cap. 1.

Vè adiante lib. 2. cap. 4.

Caleruega, que as noſſas lendas chamaõ Calaroga, he Villa do Biſpado de Oſma, em Caſtella, na parte que oje chamaõ Caſtella a velha, e nas demarcações dos Romanos chamavaõ Eſpanha citerior. Em tempos antigos foy rico, e inſigne lugar, morada, e aſſento de gente illuſtre, e de muitos varões que naquella idade, rica de valor mais que de titulos, e rendas, eraõ conhecidos polo nome de ricos homens. Eſtes tinhaõ tanto lugar diante dos Reys, que achandoſe na corte aſſinavaõ com elles as cartas de privilegios, e mercés: e aſſinavaõ naõ como teſtimunhas ou miniſtros, ſenaõ como conſintidores, e quaſi como companheiros. Porque aſſinando, ſe declarava que confirmavaõ elles o que el Rey concedia. E bem ſe deixa entender, que o confirmar he hum certo auto, como de poder igual. E por iſſo era ordinario confirmarem juntamente o Principe herdeiro do Reyno, e os Infantes que avia. Neſte lugar vivia dom Felix de Guzmaõ filho de Rodrigo Nunes de Guzmaõ apellido, e gente jà naquelle tempo taõ illuſtre, que nos conſta confirmarem com os Reys, por eſcrituras autenticas. Irmaõ de dom Felix mais velho foy Alvaro Ruyz ou Rodriguez de Guzmaõ, do qual per linha maſculina procedeo dom Alvaro Pires de Guzmaõ, que em Caſtella chamaraõ el Bueno. E foy aquelle que defendendo Tarifa aos Mouros, e ſendo ameaçado, que ſe naõ entregava a Villa, lhe degolariaõ diante dos olhos hum filho que em ſeu poder tinhaõ, eſteve taõ longe de ſe dobrar ao partido, que do muro, donde eſtava com elles à fala, lhes lançou embaixo o punhal que cingia, ſignificando, que onde ſe tratava de fidelidade, naõ duvidava pola guardar, offerecer armas contra ſuas proprias entranhas: feito glorioſo

Pero de Medina na ſua Eſpanha l. 2. c. 110. Ptolom. l. 2. c. 6. Plin. lib. 3. c. 3.

M. Fr. Fernando de Caſtilho l. 1. c. 2. Hiſt geral de S. Domin.

em Eſpanha, e digno braſaõ da grande caſa de Medina Sidonia. Foy caſado dom Felix com dona Joanna d' Aça ſua igual em nobreza, mas em virtudes nobiliſſima.

De tal matrimonio, e em tal Villa, e de taõ illuſtre ſangue naceo noſſo glorioſo Patriarca S. Domingos. E como a virtude acompanhada de nobreza realça tanto, que paſſa a eſtremos de fermoſura, quiz o Senhor que foſſe tal a deſte Santo, pera lhe naõ faltar parte nenhuma das que eſtaõ bem nella. Tinhaõ eſtes ſenhores jà dous filhos, Antonio, e Mamede (ou Manes, como lhe chamaõ outros) quando dona Joanna ſintindoſe de novo pejada, ſe poz à caminho pera o Convento de S. Domingos de Silos a encommendar a Deos por meyo daquelle Santo o fruito que eſperava, e a hora de o dar ao mundo a todas as mãys temeroſa. He eſte Convento de Religioſos de S. Bento: mas a devaçaõ do ſanto Abbade Domingos, que nelle vivendo florecera em ſantidade; e agora morto reſplandecia com milagres, lhe tinha trocado o nome. Cumprio a devota Matrona ſua novena com fervoroſas orações à viſta das ſantas Reliquias: e o Santo alcançou de Deos, que levaſſe logo a paga com hum ſucceſſo de grande conſolaçaõ. Apareceolhe, e diſſelhe que da parte de Deos a aviſava, que daquelle parto daria ao mundo hum filho que nelle ſeria huma grande couſa. Mas dura pouco qualquer alegria da vida. A poucos dias deſpois de tornada a ſua caſa, baſtou hum ſonho pera a deſconſolar, e encher de medo. Repreſentouſelhe dormindo, que o filho, de quem taõ boas novas ouvira, naõ era homem, nem de humana criatura tinha forma, mas de hum cão. E pera mais ſe embaraçar, e temer, vialhe atraveſſada na boca huma tocha ardendo com tanto fogo, que o pegava a toda a terra. Agoado aſſi o goſto da primeira viſaõ com o pavor do ſonho, que na verdade era confirmaçaõ della, paſſou entre medo, e eſperanças, atè a hora que ſe vio rica de mais hum filho (que riqueza he em gente nobre huma meza rodeada de muitos filhos, principalmente ſe a criaçaõ foſſe qual ſohia ſer a daquelles tempos.)

Corria o anno de Noſſo Senhor JESU Chriſto de 1170. era Summo Pontifice Alexandre Terceiro, e Emperador de Alemanha Federico primeiro chamado Barbarroxa: Rey de Caſtella dom Afonſo filho de dom Sancho que chamaraõ o deſejado: e reynava em Portugal dom Afonſo Enriquez primeiro dos Reys, e do nome deſte Reyno. Converteo dona Joanna os medos em alegria, e dobrouſelhe com novos, e bem aſſombrados pronoſticos, que logo ſe foraõ vendo no minino: pronoſticos todavia prodigioſos, e fóra do natural. Ao tempo que o levantou o Sacerdote das agoas ſagradas do bautiſmo, vioſelhe na teſta huma reſplandecente eſtrella: ou em final que avia ſer guia, e norte de ſalvaçaõ pera muitos, como deſpois moſtrou o ſucceſſo: ou que era aquella a eſtrella, cujo nacimento eſtava profetizado dous mil quatrocentos e noventa e ſete annos antes pola Sybilla Eritræa, dizendo aſſi

1170.

Caribay lib. 12. cap. 16. Hiſt. de Eſpanha.

assi em hum de seus versos: *Sydus, cuius nitore vniuersus terrarum orbis illustris reddetur & clarus, in Hispania creabitur.* Quer dizer: Em Espanha nacerà huma estrella, cuja luz darà fermosura, e resplandor a toda a redondeza da terra. Leandro Alberto Mestre grave, e douto traz esta profecia na vida deste Santo escrita muitos annos ha. Mas bem podemos dizer desta estrella, que foy lingoa de fogo, com que o Espirito Santo quiz visivelmente santificar aquella bendita alma, que polo nome de Domingos, que lhe foy posto, jà escolhia por sua. Deixouse isto entender logo dos effeitos de sua criaçaõ. Porque sendo ainda de peito lhe acontecia deixarse cayr da cama de sua Ama, e ficar dormindo em terra: cousa que se naõ pode conceder sem movimento do Ceo. Porque parecendo primeiro caso accidental, tantas vezes lhe succedeo, que veyo a ser avido por mysterio, e huma certa inclinaçaõ, e principio daquella rigurosa penitencia que despois por toda a vida abraçou, como se conta de alguns Santos, que des dos peitos das Amas, e naquelle primeiro leite começaraõ executar abstinencia. Notava dona Joanna tudo, e vendo como hia conformando com a revelaçaõ da Igreja de Silos, tanto que teve sete annos naõ quiz tardar em o entregar a Deos na maneira que entaõ podia. Mandou-o a hum irmaõ seu Arcediago da Igreja de Gumiel de Yçan, varaõ de provada virtude. Aqui foy estudando as primeiras letras, occupandose juntamente no serviço dos altares, e coro: e como crecia nos annos, hia descobrindo nas letras habilidade, e nas cousas da Igreja affeiçaõ, e perfeiçaõ, e em tudo o que fazia naquella puericia hum peso, e madureza que parecia velhice. Era jà de quatorze annos, e naõ se lhe via cousa que descubrisse culpa, ou leviandade, nem ainda pequena nota naquella primeira graça que no bautismo recebera. Nesta idade foy mandado à Cidade de Palencia pera entender nos estudos maiores (era entaõ Palencia assento das letras de Espanha, que despois se passaraõ à Salamanca.) Começou o moço seu estudo livre da sojeiçaõ de pay, e parentes, com hum modo de vida estranho, e novo pera entre seculares. Como quem espera enemigos poderosos em tempo de guerra, que naõ se dando por seguro no campo, procura encastellarse em lugar forte provido de presidio, e muniçoens, assi se armou de todas as virtudes contra todo genero de vicios. Em casa recolhimento, silencio, continuaçaõ sobre os livros: fòra modestia, humildade, frequencia de sacramentos. Com tal companhia dentro de pouco tempo se acreditou de maneira, que em toda a Universidade era avido por hum Anjo em carne.

M. Leandr. Alb. in vita S. Dominici.

De S. Nicolao ex Metaphraste, & Romano Breviar.

Assi foy estudando Logica, Filosofia, e Metafisica, e passou à santa Theologia, e crecendo nas letras, e na idade aquiria novas forças, e novo vigor na virtude. Sintia profundamente peccados alheios: choravaos com vivas lagrimas, fazia por elles penitencia, como se foraõ proprios: despendiase todo em esmollas, compassivo por estremo dos trabalhos que via nos proximos.

mos. Veyo hum anno eſteril, creceo o preço das couſas, parou em fome geral. Deſpois de repartir entre pobres o que tinha, e quanto avia de bom em caſa, olhou pera as eſtantes que eſtavaõ povoadas de livros, alegrouſe como ſe achara theſouro ocioſo. Valiaõ naquelle tempo os livros muito, como naõ avia impreſſaõ: logo os poz em venda, e entezourou o preço no ſeyo dos neceſſitados. E matando a fome a eſtes com a obra, abrio os olhos aos ricos com o exemplo, pera alargarem mãos, e animos. Naõ lhe ficava que dar, e a caridade inſinou o que ainda tinha que vender, ou ao menos empenhar. Veyoſe a elle huma affligida molher, como a rico, e nobre, e liberal, choroulhe hum irmaõ cativo em terra de Mouros: chorou elle tambem a pena do cativo, e a de quem lha repreſentava, e diſſelhe que todavia lhe lembrava que ainda tinha com que a remedear, acrecentando logo com deliberada vontade, que trataſſe com o Mouro ſe aceitaria a peſſoa de Domingos de Guzmaõ pola de ſeu irmaõ, que logo a entregaria por elle. Mas naõ permittio Deos que ouveſſe por entaõ outro Paulino. A eſtas virtudes ajuntava perpetuo cuidado de ſua pureza, e caſtidade: effeito particular da Divina graça, que começando naquella alma des do berço lha conſervou limpa, e ſem magoa por toda a vida. Eſta pedia a Deos em oraçaõ continua arrebatado jà entaõ em altas contemplaçoens, e amores do Ceo. Quem aſſi eſtudava, claro fica com quanta facilidade ſe faria ſenhor das ſciencias, e principalmente da que tem o nome de Deos. Naõ chegava a vintecinco annos, jà era conſultado por muitas peſſoas, e de muitas partes em materias altas de Theologia.

S. Paulino Biſpo de Nola.

Era Biſpo de Oſma dom Diogo de Azebes, que alguns chamaõ de Azevedo, peſſoa de grandes partes em religiaõ, e prudencia. Tinha introduzido em ſua Igreja huma eſtranha reformaçaõ, ou transformaçaõ de vida. Acabara com os ſeus Conegos que de ſeculares ſe fizeſſem regrantes, viveſſem em communidade, e clauſura, e em fim guardaſſem a regra de Santo Agoſtinho. Ouvindo as novas, que corriaõ no Biſpado, das letras, e virtude do noſſo Eſtudante, pareceolhe que ſeria muito a propoſito ſua companhia pera conſervaçaõ, e amplificaçaõ de tal vida: Convidou-o pera ella: foy facil de entrar em eſcola onde ſe profeſſava perfeiçaõ. Entrado procurou adiantarſe em todos os exercicios eſpirituaes, e de diſcipulo ſe fez meſtre, e era eſpelho pera todos. Quiz o Biſpo que teveſſe o cargo de Supprior, que nos eſtilos da Sè reſpondia a Arcediago. Aceitou-o à força, e exercitou-o com humildade, e inteireza. Paſſado algum tempo tornou a Palencia com certa occaſiaõ a aſſiſtir na Univerſidade: e chegando aos trinta annos começou a deſcobrir com a pregaçaõ Evangelica os doens do Ceo que Deos communicava a ſua alma, e entendimento. Era admiravel o fruito que fazia nas almas, juntandoſe excellencia de engenho com virtude conſummada, palavras bem aſſentadas com vida ſanta. Levava

tras

tras ſi toda a Univerſidade, e todo o genero de gente. Aqui lhe aconteceo ſegunda vez pôr em almoeda os livros que de novo juntara: achou pobreza em muita gente, naõ lhe ſofreo o coraçaõ vella em outrem, ſem ſer participante della: ficou pobre como todos.

CAPITULO II.

Parte Frey Domingos pera França, paſſa a Paris, e a Roma: torna de aſſento a Toloſa prégar aos Hereges: funda hum recolhimento de Donzellas: vence muitos Hereges em diſputas: converte outros. Aparecelhe a Virgem Noſſa Senhora: inſinalhe a devaçaõ do Santo Roſario, e mandalhe que a pregue.

MAS chegavaſe o tempo em que Deos queria deſcobrir ao mundo as grandezas pera que criara ſeu ſervo Domingos, e tomou por inſtrumento o meſmo Biſpo de Oſma dom Diogo, o qual eſtando de caminho pera França encarregado de huma embaixada de importancia por elRey dom Afonſo de Caſtella, naõ quiz fazer a jornada ſem elle. Partiraõ por
1203. Abril do anno de 1203. entraraõ pela parte de Toloſa cidade principal da Provincia Narbonenſe. Souberaõ logo que andava levantada naquella comarca huma diabolica heregia, que naſcida no lugar de Albi, hia lavrando como fogo por todos os lugares vizinhos, e inficionando como peſte naõ ſó a gente popular, mas tambem nobres, e ſenhores Frey Domingos que jà em Eſpanha coſtumava derramar lagrimas por peccados alheyos, e ordinarios, que faria nos de falta de Fè? Foy dòr que o ferio na alma. E muito mais, quando vio por ſeus olhos, e ouvio com ſeus ouvidos na primeira pouſada, em que entraraõ, hum pobre eſtalajadeiro atrevidamente pòr em pratica, e diſputa myſterios ſoberanos da Fè (manha he ordinaria de hereges, como naõ tem a Fè no coraçaõ, trazeremna ſempre na boca, e qualquer idiota preſumir de falar, e argumentar nella.) Tremiaõ as carnes aos Catholicos de ouvir as blasfemias. Tomou Fr. Domingos entre mãos o miſeravel, e por cego, e obſtinado que eſtava, em poucas razoens o deixou atado, e convencido, e como primicia da jornada, allumiado, e reduzido. Paſſaraõ à Corte de França, era a Rainha Eſpanhola; e tal peſſoa, que por ella confeſſaõ os Eſcritores Franceſes, que entraraõ todos os bens em França. Chamavaſe dona Branca, filha do meſmo Rey dom Afonſo de Caſtella, em cujo ſerviço era a embaixada. Como devota, e religioſa folgou de communicar com Frey Domingos. E como tardava em alegrar o Reyno com ſucceſſaõ, pediolhe que com ſuas oraçoens lhe alcançaſſe de Deos fruito de bençaõ; e naõ ſe enganou na petiçaõ: dentro de pouco tempo teve hum filho taõ de bençaõ, como foy o Santo Rey Luis.

Concluido o negocio da embaixada, quiz o Biſpo, pois eſtava em caminho, viſitar as reliquias dos Sagrados Apoſtolos em Roma, e dar conta ao Pontifice como teſtimunha de viſta do eſtrago que fazia a heregia nas terras de Toloſa, e da nec-
ceſ-

ceſſidade que avia de remedio apreſſado. Fez a jornada, e naõ foy perdido o trabalho. Deſpachou o Papa peſſoas de letras, e virtude que ſe foſſem empregar na pregaçaõ, e reducçaõ dos hereges. Eraõ doze Abbades da Ordem de Ciſter. Sahio pouco deſpois o Biſpo em ſeguimento delles, mas achou tudo mais danado do que o deixara; e muitos lugares inteiros declarados na heregia com ſeus ſenhores. Começaraõ todos a pregar rogando, inſtando, amoeſtando, inſinando. Naõ ſe pode crer o deſaforamento que avia. Naõ sò deſprezavaõ a doutrina, e doutrinantes, mas faziaõſe reformadores, e reprenſores dos Meſtres da verdade, que comiaõ, que veſtiaõ, que andavaõ a cavallo. Tratou Frey Domingos com o Biſpo que tiraſſem toda occaſiaõ de murmurar aos inimigos, a vèr ſe tinha a verdade mais lugar, ajudada de hum raro exemplo. Determinaſe o Biſpo, larga o fauſto, e deſpede pera Eſpanha o acompanhamento de Prelado, e Embaixador, ficaſe sò com Fr. Domingos. Entraõ ambos a pè por Monpelher. Fizeraõ o meſmo os Abbades. He a terra grande, e populoſa, e eſtava chea dos que jà ſe chamavaõ Albigenſes, tomando o nome do lugar em que tevera nacimento o deſatino. Juntaſe o povo, contentavaſe Noſſo Padre com ſer ouvido, abrialhe os olhos, deſcobrialhe a cegueira, concluyaos. Mas crecia a ignorancia, e o atrevimento nos mais cegos: pera apartarem o povo da pregaçaõ, cometem ao Biſpo que per diſputa publica querem calificar ſuas opinioens. Porem foy facil de vencer a mentira.

Convencidos, e corridos pedem ſegundo partido: dizem que Fr. Domingos vence com agudezas argumentando, e com eloquencia falando, que ſe diſpute por eſcrito. Eſcrevem elles, eſcreve elle. Mas deſconfiando os hereges de ſuas ſofiſtarias, paſſaõ a maior temeridade, querem ſinais do Ceo: e fazem inſtancia que ſe remeta ao fogo a verdade do que cada parte defende. Refuſava Frey Domingos tentar a Deos quando eſtava vitorioſo em todos os outros meyos. Paſſaraõ muitos dias, crecia a contumacia, e a ſoberba. Pareceo forçado aceitar o deſafio. Naõ podiaõ os hereges eſperar milagre, nem eraõ taõ ignorantes que o eſperaſſem: que nunca ouve milagre onde faltou a verdadeira fé: mas foy lanço de artificio, e malicia. Faziaõ conta, que tinhaõ por infallivel, que o fogo conſumiria os eſcritos Catholicos: e ainda que os ſeus tambem ardeſſem, já ficavaõ iguaes na cauſa, que era aſſaz pera elles. E naõ falta quem affirme que tinhaõ quem com eſconjuros, e arte Diabolica ſe offerecia ſuſtentarlhe os ſeus ſem dano no meyo das braſas. Em fim aprazouſe dia. O noſſo Pregador entre tanto naõ tinha hora de deſcanço. De dia oraçaõ, e jejuns: de noite oraçaõ, lagrimas, e diſciplinas. Eſte era o maior eſtudo pera a contenda que eſperava. Chegado o prazo, toma ſeus cadernos, juntaſe com o Biſpo, e Abbades. Acodem os contrarios, poemſe em meyo hum braſeiro ardendo: lançaõſe os papeis de cada parte. Caſo eſtranho. Saltaõ fora do fogo os que continhaõ a verdade, abrazaõſe

zaõſe os hereticos em hum momento. Louvaraõ a Deos os Catholicos : ficou Frey Domingos com nome de Santo. E peraque num sò milagre ouveſſe tres , ſegunda, e terceira vez foy convidado o fogo cos meſmos papeis: e outras tantas os deitou de ſi ſem leſaõ , nem final della.

Mas naõ baſtaõ pera os incredulos milagres do Ceo. Porque permitte Deos pera caſtigo dos maos , quando a cegueira nace de vontade danada , que vendo naõ vejaõ , entendendo naõ entendaõ. Naõ só ficaraõ em ſua dureza , mas paſſaraõ ao ultimo deſatino , e proprio de herejes , que he ſuprir , e confundir com forças as faltas da razaõ: tomaõ as armas, fazemſe temer , e obedecer por ellas. Eſtava prevertido , e em ſeu favor o Conde de Toloſa ſenhor poderoſo. Juntaraõſelhe na opiniaõ , e na força os Condes de Foyx , e Comminge. Cahio de todo a cauſa dos bons, atropellada do poder , e das armas. Andavaõ os Catholicos encolhidos , e encantoados , outros fogidos , ou envergonhados , e abatidos: ſuas caſas eraõ ſaqueadas , as fazendas deſtruidas , tudo confuſaõ , e injuſtiças. Aſſi deraõ em tanta pobreza , que muitos nobres por ſuſtentar a fé chegavaõ a deſemparar as caſas , e as filhas donzellas: e tais avia que polas naõ ver padecer eſcolhiaõ por menos mal entregallas como vendidas , e cativas aos hereges que reynavaõ. A eſte deſemparo acudio o Santo Frey Domingos com hum deſenho do Ceo , que ſempre dos maiores males coſtuma Deos tirar grandes bens. Tinhalhe dado o Biſpo de Tholoſa Fulcon varaõ religioſo , e ſanto huma Igreja entre Carcaſſona, e Tholoſa pera ſeu recolhimento (era a invocaçaõ Noſſa Senhora , e o nome do ſitio Prulliano.) Ordena Frey Domingos nella hum recolhimento pobre por entaõ , e mal reparado , conforme ao tempo que corria. Começa logo a povoallo de donzellas nobres , e pobres, pondo à conta de Deos o governo , e ſuſtentaçaõ: e chegaraõ em pouco tempo a numero de cento. De taõ fracos principios veyo a ſer, e he oje caſa ſumptuoſiſſima , e o primeiro Moſteiro de Freiras que ouve nas Ordens mendicantes , e o primeiro de França que admittio clauſura.

Avia jà dous annos que o Biſpo dom Diogo aſſiſtia neſta conquiſta de almas. Vendo que o trabalho era intoleravel , e ſem fim , porque ainda que aproveitavaõ muito por huma parte , hia por outra tomando novas forças a heregia , e de novo ſe corrompiaõ mais lugares , determinou acudir a ſuas ovelhas. Foiſe: e o meſmo fizeraõ os Abbades. Ficou S. Domingos sò , que naõ pode acabar conſigo largar o campo : antes ardendo em zelo da honra de Deos , e do remedio de tantas almas , tomou o negocio tanto a peito , que aos dous annos , que jà tinha aſſiſtido , ajuntou deſpois com invencivel conſtancia oito : e foraõ dez por todos os que perſeverou nelle. Grandes couſas lhe ſuccederaõ no diſcurſo de taõ largo tempo , que naõ poderemos fazer mais que yr tocando algumas de paſſo , e deixando outras por abreviar. Pregava ſem cel-

ceſſar em publico, e polas caſas particulares, correndo os lugares, e villas da comarca. Sentemſe os hereges, porque lhes tirava reputaçaõ, e grande numero de diſcipulos: tornaõ a pedir conferencia, e diſputas publicas das opinioens. Aſſentouſe junta em hum lugar pouco diſtante de Tholoſa. Quiz o Biſpo Fulcon acharſe preſente, e apercebiaſe de acompanhamento conforme à ſeu eſtado, parecendolhe conveniente, pois era auto publico, moſtrar autoridade, e pompa, contra gente armada de poder, e força. Perſuadelhe S. Domingos que vença a ſoberba heretica com humildade, e imitaçaõ de Chriſto. Poemſe ambos ao caminho a pè, e deſcalços. Vioos partir hum herege: ſaelhes ao encontro fora das hortas, e fingindo doerſe delles com palavras, e corteſia de amigo offereceo levallos por hum paſſo que ſabia com que atalhariaõ terra, e trabalho. Que facil he de enganar a virtude! Seguemno; dà com elles em hum monte ſerrado de matos, e aſpereza: triunfa em ſeu coraçaõ vendoos cançados, e moidos, e dos peis deſcalços correndo ſangue. Mas naõ ſe dava de todo por ſatisfeito, porque todavia hiaõ alegres, e ſofridos. Cançouſe o infelice rodeando montes, e valles: e em fim notando que durava mais nelles a paciencia, que nelle o goſto, e teima de os quebrantar, foy tal a confuſaõ, e compunçaõ que recebeo daquella ſanta conſtancia, reconhecendo nella a verdade da fè, e do eſpirito, e graça Divina, que no meio do mato ſe lançou aos peis de S. Domingos, confeſſou ſeu erro, e pedio perdaõ, e reducçaõ à Igreja. Pagou Deos a ſeus ſervos o trabalho do caminho com glorioſa vitoria nas diſputas.

Mas venciaõ em poder, e numero os que em razoens, e argumentos eraõ vencidos. E como da parte de S. Domingos faltava corpo de gente, e o viaõ sò, e pobre, determinaraõ deſcompolo com afrontas, e deſprezos, humas vezes dizendolhe injurias no roſto, outras tirandolhe pedras, e lançandolhe lodo das ruas ao veſtido, e aos olhos. Triunfava o Santo conhecendo a cauſa, porque padecia: pagava com ſilencio, e olhos a Deos em graças do que lhe dava a merecer por defenſaõ, e honra da verdade. E ſendo aſſi que em muitos lugares recebia eſtas ignominias, e na Cidade de Tholoſa era ainda reſpeitado, e amado, notavaſe nelle, que pera yr àquelles tinha azas nos peis; e pera Tholoſa ſempre hia forçado. Ardiaõ os hereges em raiva com a humildade do ſofrimento, e muito mais com a continuaçaõ da prègaçaõ de que nunca deſiſtia: ameaçaõno com a morte, ſe naõ calla: e trataõ de lha dar; porque naõ temendo Rey nem Prelados, delle sò tremem deſcalço, e pobre. E hum dia lhe diſſeraõ ſem rebuço, que ſe paſſara por certo lugar, onde lhe tinhaõ armado, eſtiveraõ jà deſcançados. Perguntou que determinavaõ fazer, reſponderaõ, que fartarſe de ſeu ſangue: e elle replicou, que porque viſſem que naõ tinha menos ſede de o derramar polla cauſa que defendia, que elles de o beber, lhes ouvera de pedir em tal paſſo, que lhe naõ encurtaſſem a glo-

ria

ria de padecer matandoo depreſſa, mas que lhe foſſem cortando cada membro por ſi, e tantas mortes recebeſſe, quantos eraõ os membros.

Soubeſe em Roma o que paſſava. Deſpachou o Pontifice hum Legado por nome Pedro de Caſtronovo, ou Caſtel novo, que he o meſmo, da Ordem de Ciſter. Entrou polla terra, falou com os Condes, fez juntas, tentou remedios: achando tudo cerrado, e todos contumazes, eſcommungou o Conde de Tholoſa, e fez volta. Sintioſe o Conde, mandou gente tras elle, mataõno as lançadas. Era
1208. entrado o anno de 1208. governava a Igreja de Deos Innocencio Terceiro varaõ ſantiſſimo: determina caſtigar a impiedade a fogo, e ſangue como merecia. Manda logo a França por ſeu Legado o Cardeal Gallon do titulo de Santa Maria in Porticu. Eſcreve a el Rey, e a todos os Principes da Chriſtandade, que acudaõ ao caſtigo dos rebeldes, e paſſa Bulas pera ſe prègar Cruzada contra elles, e ſeus valedores, como era coſtume quando ſe juntavaõ exercitos pera a conquiſta da terra Santa. Foy grande o poder de gente que começou a correr pera a empreza de toda ſorte, eſtado, e calidade, e de todas as provincias da Chriſtandade.

Naõ eſtava entre tanto o Santo ocioſo, procurava por todos os meyos reduzir os cegos ao caminho da verdade, antes que caiſſe ſobre elles o rigor que antevia da eſpada Divina. Corria, como coſtumava, todos os lugares, fazia grandes inſtancias com os homens: mas muito maiores com Deos, pera quem cada dia ganhava muitas almas. He couſa certa, que em hum lugar deſtes, apoſentandoſe em caſa de humas Senhoras illuſtres, que viviaõ na cegueira da heregia, paſſou humá Quareſma inteira a paõ, e agoa, e ſem outra cama mais que huma taboa, ajuntando a tal cama, e tal mantença muita oraçaõ, e aſperas diſciplinas. O que ſendo dellas notado, e vendoo na Paſcoa com mais forças, e melhor còr de roſto, do que entrara na Quareſma, pode mais que a prègaçaõ, eſta viſta, e diſcurſo: eſpantadas da virtude, e poder Divino deixaraõſe vencer da verdade, e abjuraraõ a heregia. Era o fim deſtas penitencias naõ huma sò caſa, nem poucas almas. Eſtendiaſe aquella inflamada caridade a todo o Reyno de França, e a toda a Chriſtandade, temendo muito aquelle fogo, e lembrando-ſe do antigo de Arrio, e outros ſemelhantes, que com ſeus erros corromperaõ, e levaraõ ao inferno grande parte do mundo: proſtravaſe por terra diante do Senhor, regavaa com rios de lagrimas, e com profundiſſima humildade gritava por remedio. Deſcançava hum pouco, e logo diſcorria que poderia fazer de ſua parte em ſerviço daquelles proximos, que foſſe de momento para os allumiar, e reduzir àquelle Senhor que nenhuma couſa mais ama que a ſalvaçaõ dos que criou. Eſtendia o penſamento a juntar gente contra o inferno, como elle juntava contra Deos: gente armada de fé, de penitencia, de humildade, de doutrina, contra a que profeſſava infidelidade, ſoberba, diſſoluçaõ, ignorancia. De-

leitavaſe na traça, que na verdade jà era do alto, donde todo bem procede; mas julgandoſe por indigno, e fraco pera tamanha empreſa, tornava às lagrimas. Após as lagrimas, requeria com ſangue arrancado à força de huma cadea de ferro, que de noite lhe ſervia de diſciplina, e de dia fazia officio de cilicio cingida, e apertada a raiz das carnes. Aſſi alternando oraçoens, diſciplinas, gemidos deſpendia muitas horas: e no cabo parecendolhe que naõ era ouvido por ſeus peccados, acudia à Virgem Mãy, fonte de toda miſericordia, e lembrandolhe que ſeu Unigenito Filho no tempo que lidava na Cruz com as anguſtias da morte, que lhe davaõ os peccadores, aly meſmo lhe dera o titulo de mãy delles, e lho deixara como por herança, e em teſtamento, tomavaa por medianeira em tantos males, inſtava, e pedialhe favor. Deſpois de perſeverar muitos dias neſte requerimento, acudiolhe a Virgem piadoſiſſima com huma viſaõ, que aſſi como foy pera o Santo de grande conſolaçaõ, juſto he que o ſeja tambem pera os que ſomos ſeus filhos, e pera todo Chriſtaõ em quanto o mundo durar, pois tanto durarà o fruito della, ſe o ſoubermos eſtimar. Apareceolhe viſivelmente, e inſinoulhe a ſagrada devaçaõ do Roſario, mandoulhe que a prègaſſe com certeza que ſeria remedio efficaz pera vencer, e acabar a heregia, e preſervar do veneno della os que a abraçaſſem, e exercitaſſem. Animouo juntamente a levar a diante a empreſa de prègar contra os erros, e pravidade heretica, e defender, e publicar as verdades Catholicas, dandolhe novas que brevemente veria dado cumprimento à traça que trazia imaginada de ajuntar homens pera o meſmo officio, por ſer traça que a Deos muito agradava.

CAPITULO III.

Começa a guerra contra os hereges Albigenſes. Dà S. Domingos principio ao Santo Officio da Inquiſiçaõ: Confirmao o Summo Pontifice, e dàlhe titulo de Pregadores a elle, e a ſeus Companheiros.

ERa entrado o anno de duzentos e nove, abria o tempo, e dava jà lugar pera os Cruzados poderem ſayr em campanha, e começarem a manear as armas. Nomeou el Rey de França por General do exercito a Simaõ Conde de Monforte, e encomendoulhe com particularidade a peſſoa do Meſtre da prègaçaõ Frey Domingos, que jà de muitos dias èra conhecido de todos por eſte titulo, e a meſma recomendaçaõ teve por letras do Papa. Eſtavaõ os hereges encerrados nos lugares fortes, apercebidos de armas, e muniçoens, e animados a eſperar nelles pertinazmente todo trance, antes que mudar de opiniaõ. Foy o primeiro acometimento contra a Villa de Beſſes, ou Briſſiers: defendeoſe com valor de gente deſeſperada: mas em fim foy entrado o lugar, e paſſados a fio de eſpada ſete mil homens. Paſſaraõ a Carcaſſona: fez pavor o ſucceſſo de Beſſes, deuſe a partido. Acompanhava o Santo prègador os Cruzados na primeira fileira do eſquadraõ, 1209.

fei-

feito Alferes de hum devoto Crucifixo, que levava arvorado em huma aſte. Mas hia metido em hum mar de cuidados, como ardia em zelo das almas, e da honra de Deos, qual outro Elias. Conſiderava que o fim das armas Chriſtans naõ devia ſer deſtruir sòmente, ſe naõ tambem edificar, que convinha tomarſe algum termo com aquelles, que ou o medo do caſtigo, ou algum bom eſpirito trouxeſſe à obediencia da Igreja: e darſe ordem pera ſerem recebidos à penitencia, por tal modo, que ſe ficaſſe entendendo ſe procedia de coraçaõ, ou de fingimento: parecialhe que ſe perdia o tempo na guerra, e nos remedios violentos, ſe a paſſo igual ſe naõ negoceava algum meyo com que ficaſſe a terra limpa de contagiaõ, e ſem medo de tornar a brotar a perverſa zizania, ou por occulta, ou por mal mondada. Deu conta de tudo ao Legado Apoſtolico, que acompanhava o exercito; elle como prudente entendia a neceſſidade: mandalhe como a outro Joſef do Egypto, que pois Deos lhe communicara penſamentos taõ acertados, elle meſmo trace o remedio, elle o execute ſem meter tempo em meyo: que entre tanto aviſarà ao Pontifice. Deſte ponto teve origem o veneravel tribunal do Santo Officio contra a heretica pravidade, de que tantos, e taõ grandes bens tem reſultado a Chriſtandade. Tomou logo a maõ o Santo em inquirir nos de Carcaſſona, quaes eraõ obſtinados, quaes pediaõ miſericordia. E como era jà ſeguido de alguns virtuoſos ſojeitos, obrigados das maravilhas, e grande eſpirito que nelle viaõ, fez tomar a rol, e em livro nomes, idades, eſtados, ſexo, e calidades dos culpados, com todas as mais diligencias, e circunſtancias neceſſarias. Aſſi foraõ os obſtinados ao fogo: foraõ com miſericordia recebidos os que de arrependimento deraõ ſinaes. Mas amoeſtados, que ſendo achados ſegunda vez em culpa, ſeriaõ caſtigados em todo o rigor. Era grande a vigilancia, e cuydado com que o Santo procedia no novo officio, que como conſiſtia em inquirir, e cenſurar vidas, fé, e coſtumes, foy tomando nome dos effeitos, nome, e officio, nunca dantes ouvido, nem uſado na Igreja. Naõ era menos o louvor que tinha dos grandes do exercito, e principalmente da boca do Legado, a cuja autoridade referia tudo o que fazia, tomando sò pera ſi o trabalho, e dandolhe a elle o nome, como era rezaõ, pois era aly Miniſtro ſupremo da Sè Apoſtolica, e immediato ao Pontifice. Foy o campo conquiſtando todos os lugares de força, e o Santo Inquiſidor ſeguia com as armas de ſeu officio, e com zelo de bom Paſtor ſeparando o gado enfermo do ſaõ. Em Cazzéras relaxou ſeſenta juntos, que foraõ queimados. No caſtello de Minerva cento, e quarenta, em outro lugar quatrocentos. E por outras partes cento e oitenta. Em Vauro Villa forte do Biſpado de Toloſa foraõ queimados hum grande numero: e a ſenhora do lugar chamada Giralda, por pertinaz na heregia, foy empoçada. Do reſto do povo huns eraõ reconciliados, outros penitenciados com ſuas cerimonias, e ſentenças pera exemplo, e caſtigo.

So-

Soou em Roma o exercicio, e fruito deſte cargo acreditado dantes com as cartas do Legado: e ſendo eſtimado de toda a corte, deſpachou o Santo Pontifice Innocencio III. ſuas letras de approvaçaõ delle, e de muita honra, e favor pera o Santo. Nellas lhe mandou que o exercitaſſe, e como Inquiſidor Apoſtolico procedeſſe contra os contumazes. Aſſi o affirmaõ dom Luis de Paramo Inquiſidor de Sicilia, e Blondo, e Joaõ Buccheto, e outros. E acrecentaõ huma couſa que ſuccedeo ao cerrar do Breve, em que ao parecer naõ faltou myſterio: e foy que reparando o Pontifice na forma do ſobreſcrito, e mandandoo emendar por tres vezes, na ultima aſſentou que foſſe aſſi: *Ao Meſtre Frey Domingos, e aos irmãos prègadores que com elle eſtaõ.*

DomLuis de Par. de orig. Off. S. Inquiſ. l.2. t.1. c. 2. n. 9. Blondus l 6. dec.2. Joann. Bucch. in annal. Aquit.

Mas naõ me atrevo a paſſar adiante ſem pedir com caridade a dous Religioſos Ciſtercienſes Eſcritores em lingoa Caſtelhana, que pelo que devem a ſi meſmos, e ao credito que deſejaõ a ſeus livros, folguem de ſe retractar (que os bons, e ſabios ſe retractaõ) de huma opiniaõ, em que moſtraõ paixaõ demaſiada, e pouco conhecimento das Hiſtorias antigas, e modernas, affirmando que na ſua Ordem, e naõ na noſſa teve principio o Santo Officio da Inquiſiçaõ. E antes doutra couſa lhes lembro, que eſcrevendo elles deſpois do anno de 1587. em todos os que correraõ atras des do tempo que N. Padre S. Domingos começou a prègar em França, que ſaõ poucos menos de quatrocentos, a nenhum dos Eſcritores da ſua Ordem, nem dos chegados a ella paſſou nunca pola imaginaçaõ porem tal couſa em papel. E pois eſtes a naõ eſcreveraõ, ſendo aſſi que floreciaõ entaõ em letras, em poder de Conventos, em numero de Biſpos, e Arcebiſpos, e Cardeais, claro fica que o naõ deixaraõ de fazer, ſe naõ porque na verdade naõ queriaõ pera ſi, e pera ſua Religiaõ mais do que direitamente lhe pertencia. E como em tal opiniaõ naõ tem por ſi Autor antigo nenhum, nem ſeu, nem alheyo: e nòs temos em favor noſſo toda a veneravel antiguidade, quero dizer todos os que eſcreveraõ em tempos vizinhos à guerra Albigenſe, em que o Santo tribunal teve principio, e em que podia aver muitos, e poderoſos contraditores: e aſſi eſtaõ por nòs os que deſpois falaraõ na materia por todo o diſcurſo deſtes 400. annos tanto ſeculares, como Eccleſiaſticos: tanto Religioſos noſſos, como doutras Ordens: bem ſe ſegue ſer aſſumpto temerario quererem dous ou tres, sò na confiança de bom engenho, eſcrevendo neſta idade, ſaber mais que todos os ſeus, e contradizer todos os noſſos, e os que de nòs falaõ. Bem eſtou na conta, que me haõ de culpar os meus de dar vida a ſuas rezoens, com lhes fazer repoſta: mas façoa por dous reſpeitos. Primeyro, porque eſcrevem em vulgar, e o vulgo he facil de levar de novidades, quando naõ ſaõ impugnadas. Segundo, porque he juſto acudirmos à obrigaçaõ, e fraternidade que nos devemos as Religioens, humas às outras, naõ conſintindo fazerſe à do Santo illuſtriſſimo Bernardo tamanha offenſa, como ſeria procurarlhe

rarlhe honra de ſuor, e trabalhos alheyos, quando elle com os proprios lhe ſoube aquirir tanta.

E porque a verdade he que N. Padre S. Domingos foy o inventor do Santo Officio da Inquiſiçaõ, como atraz dizemos, e o primeiro Inquiſidor, e Inquiſidor geral confirmado por dous Papas, iremos apontando os Autores que o eſcrevem. Seja o primeiro Camillo Campegio Inquiſidor geral, e Biſpo de Nepi na Toſcana, que largamente o prova nas ſuas addiçoens. O meſmo affirma Franciſco Pegnia, e Zanchino Ugolino de Hæreticis. E Pedro Mathæus Doutor em ambos os direitos diz eſtas palavras: *Fauit B. Dominici votis & operi Summus Pontifex iniuncto ei cenſuræ ſeu quam vocant Inquiſitionis hæreſeos munere, quo quidem ipſe Beatus Pater primus omnium ornatus eſt.* Aſſi o dizem Fr. Leandro Alberto, Fr. Sebaſtiaõ de Olmedo, Fr. Antonio de Sena, Fr. Joaõ Marieta, Fr. Eſtevaõ de Senhalac, Fr. Joaõ Sagaſtizaval, Aymerico Inquiſidor geral de Aragaõ, e Bernardo Quijon Inquiſidor de Toloſa. Saõ de ver as palavras de Lucio Marineo Siculo na ſua Hiſtoria de Eſpanha: *Procurante Innocentio III. Pont. Max. hæreſim apud Toloſam nuper obortam mira celeritate atque virtute compeſcuit S. Dominicus, &c.* E ſaõ iſto catorze Autores, ſem os tres que alegamos atràs, e ſem outros ſete que iraõ na margem, por encurtarmos aqui leitura. Mas bem puderamos eſcuſar todos, sò com referir o teſtimunho do famoſo Pontifice Sixto V. cujas couſas inda oje eſtaõ eſpirando inteireza, e valor. Diz elle em hum Breve que paſſou no anno de 1586. ſobre a feſta do noſſo Inquiſidor, e primeyro Martyr por aquelle officio ſagrado, S. Pedro de Verona: *Imò verò imitatione accenſus B. P. Dominici, ut ille perpetuis & concionibus, & diſputationum congreſſibus, officioque Inquiſitionis, quod ei primùm prædeceſſores noſtri Innocentius III. & Honorius III. commiſerant contra Hæreticos mirabiliter ſe geſſit.* E mais abaixo confirma o meſmo acrecentando: *Quam ob rem poſt B. Dominicum non immeritò Princeps appellari debet ſacroſancti Officij Inquiſitionis, cum ipſe primus illud ſuo ſanguine conſecrarit.* Iſto ſaõ letras Apoſtolicas que irrefragavelmente provaõ que dous Papas ſantiſſimos deraõ primeiro a N. P. o Officio de Inquiſidor, que a toda outra peſſoa. E com tudo eſtejamos à conta com eſtes dous Padres, e examinemos ſeus fundamentos; que por elles moſtraremos que naõ dizem por ſi, nem contra nòs couſa de ſuſtancia. Fazendolhes primeiro a ſaber que o breve allegado começa, ſe o quizerem ver: *Inuictorum Chriſti militum numerus ingens, &c.* E foy paſſado em 15. de Abril do anno de 1586. primeiro de ſeu Pontificado.

O primeiro, que he o P. Frey Bernabe de Montalvo na Hiſtoria de ſua Ordem diz aſſi: *Eſte miſmo officio de Inquiſidor conſervò Santo Domingo todo el tiempo que bivio nueſtro Arnaldo Generaliſſimo de Ciſter Arçobiſpo de Narbona Inquiſidor General. Por cuya muerte, que fue el anno de 1224. y la de ſu ſucceſſor Pedro Diacono Cardenal, embiando el Pontifice por ſu Legado a Latere a don Bernardo nueſtro Monge Ciſtercienſe*

Camill. Camp. in ſuis addit. Franciſ. Pegn. 3. p. direct. com. 32. tit. quod Inquiſi. Zanch. Ugol. de Hæret. c. 20. Petrus Math. in annot. ad ſummam conſtitutio. Pont. tit. Pij V. §. 26. Fr. Leand. Alb. in vita S. Dom. l. 1. F. Sebaſ. de Olm. in vita ejuſdem. F. Ant. de Sena Dec. 1. f. 13. Marieta p. 2. l. 7. c. 11. Senhal. c. 2. de gl. nom. prædic. Sagaſtizaval in ſuo Roſ. f. 53. Aymer. ſerm. 2. de S. Pet. Mart. Nicol. Bert. in hiſt. Toloſæ. Luc. Marin. Sic. li 5. Bernar. Quijon Inquiſ. Toloſ. Salzed. in prat. crimin. Canon. c. 114. UſusMaris f. 2. ſui Cat. Antiſt. l. de Inquiſ. Suſatus c. 2. ſuæ Cronic. Caſtel blanc. f. 44. ſuæ Hiſtor. Soncin. in epiſt. dedic. ad Petrum de Palu de ſuper lib. Sententiar. Flamin. lib. 2. de S. Dom. P. 5. L. 5. f. 144. & 145. da Hiſt. da ſua Ord.

cienſe Presbitero Cardenal, y Capitan del exercito de los Catholicos contra los hereges de Aquitania: y confirmò el officco de Inquiſidor a Santo Domingo, como conſta de la diſpenſacion que dio a un Cavallero de Toloſa. Por los quales inſtrumentos, ſentencias, y cartas de Santo Domingo claramente ſe collige, que nunca el fue Inquiſidor por autoridad Apoſtolica. Ni en los Archivos de Roma haſta oy ſe ha hallado inſtrumento, ni letras Apoſtolicas en contrario deſta verdad que aqui pruevo, que no aya ſido el primer Inquiſidor Santo Domingo: no obſtante que lo diga Franciſco Pegnia Commento 32. pagina 461. Suppueſto lo que tenemos dicho facil ſerá de provar, reprovando primero con el reſpeto devido a tan gran Varon: la opinion de Fray Hernando de Caſtillo, que dize aver tenido principio eſte Santo Officio de Inquiſicion por ſu Padre Santo Domingo. Lo qual provarè ſer falſo, no ſolo con las autoridades y letras Apoſtolicas que dan eſto a monges de nueſtra Orden, ſinò tambien con las que el miſmo trae para provar, que Santo Domingo fue Inquiſidor (como es verdad lo fue) mas no Inquiſidor General, ni el primero que invento el Santo Officio de la Inquiſicion. Com eſta comprida, e envolta arenga quer eſte Religioſo dar por provado ſeu intento: na qual lhe moſtraremos ao olho tres erros, com que claramente ſe condena. Primeiro erro he dizer, que deſpois do anno de 1224. fez o Monge dom Bernardo autos de confirmaçaõ com Noſſo Padre S. Domingos, ſendo aſſi que naõ ha quem ignore, que era falecido S. Domingos tres annos antes no de 1221. Segundo erro, e intoleravel erro, affirmar, como affirma, que atè o dia em que eſcreveo ſe naõ achavaõ nos Archivos de Roma inſtrumentos, nem letras Apoſtolicas que deſſem a S. Domingos nome de primeiro Inquiſidor. Claro final que naõ revolveo bem aquelles Santos archivos. Que ſe o fizera achara o Breve atras referido deſpachado no anno de 1586. antes de ſayr a luz a Hiſtoria do Meſtre Frey Fernando de Caſtilho, contra quem elle eſcreve. Terceiro, e mayor erro comete, dizendo que moſtrarà ſer falſo averſe dado principio ao Santo Officio da Inquiſiçaõ por S. Domingos: e que o provarà com autoridade e letras Apoſtolicas, que affirma, daremno a Monges da ſua Ordem de Ciſter. As quaes letras naõ moſtra: nem as pode moſtrar, porque ſeria dar dous Breves Apoſtolicos em huma meſma cauſa repugnantes entre ſi, ſem expreſſa rezaõ de tal repugnancia. Hum sò defeito baſtava pera invalidar, e annullar toda eſta ſua prova: que ſerà avendo tres, e taõ palpaveis, e taõ enormes? Aſſi naõ ha que fazer caſo della: nem doutra, em que o meſmo Autor moſtra fazer confiança, perſuadindonos, que no nome do habito que polo S. Officio ſe veſte aos penitenciados ficou a memoria de S. Bento chamandolhe Sambenito. Ridicula derivaçaõ. Arrimouſe à ſemelhança do vocabulo ſem lèr os Autores antigos allegados neſte ponto polo Inquiſidor de Sicilia dom Luys de Paramo. Que ſe os lèra, achara que na primitiva Igreja, a quem tinha cometido delito merecedor de penitenca publica, ſe mandava uſar veſte de ſacco: e por-

Dom. Luys de Paramo l. 1. t. 2. c. 5. & lib. 2. t. 3. c. 11.

e porque a benziaõ com particular oraçaõ os Sacerdotes, era ſeu nome *Saccus benedictus*. A força da antiguidade foy comendo, e encurtando o nome. Mas vejamos ſe tem mais nervo o o ſegundo.

CAPITULO IIII.

Cenſuraſe hum lugar de outro Religioſo da meſma Ordem, e opiniaõ.

Na Laurea Evangel. L. 3. Diſc. 8. §. 1. 2. 3.

CHamaſe o ſegundo Religioſo Frey Angel Manrique, e começa aſſi hum periodo, falando das grandezas da Ordem de Ciſter: *Entre todas las que haſta aqui hemos dicho, y ſi otras algunas dixeremos al fin deſte diſcurſo, la que a my parecer puede tener por principal blaſon de ſu nobleza, es el Santo Officio de la Inquiſicion, que ſin duda ninguna tuvo ſu origen y principio de nueſtra Orden.* Com eſta taõ reſoluta propoſta quer tirar a capa dos hombros alheyos, e na verdade grande honra lhes fora, como diz, ſe ella naõ tevera dono com preſcripçaõ de poſſe na Ordem de S. Domingos de 400. annos, e preſcripçaõ de ſilencio na ſua de Ciſter de outros tantos. Que fora ſe naõ teveramos armas, no Breve referido de Sixto V. valeroſo filho do Serafico Franciſco? Mas a verdade he, que vivemos jà oje na idade miſeravel de ferro, taõ de ferro, e pouca juſtiça, que pouco adiante no meſmo livro, e diſcurſo ſe atreve tambem a defraudarnos da funçaõ da Ordem da Mercè dandoa aos ſeus, ſem fazer mençaõ nenhuma de S. Raymundo de Penha fort Frade noſſo, e Confeſſor del Rey dom Jayme de Aragaõ, que os meſmos Padres Mercenarios a boca cheya confeſſaõ, e reconhecem por ſeu fundador, e legiſlador que lhe deu, e veſtio o habito: e atè a ſua reza, que foy ſempre Dominica, exceito de poucos annos pera cà, que tomaraõ a Romana. Aſſi naõ ha que eſpantar querernos deſpojar do que tem por gloria, quem niſto que menos importa, faz preſa. Mas tornando ao ponto; em dous principios funda eſte Religioſo ſua opiniaõ tomados ambos de Autores da Hiſtoria de Saõ Domingos, e ambos torſidos a ſeu propoſito. Deſpois de nos querer perſuadir que o Santo Monge Pedro de Caſtro novo foy o primeyro Inquiſidor que ouve no mundo acrecenta em bom Caſtelhano: *Aſſi lo confieſſa Ludovico de Paramo lib. 2. de orig. Inquiſit. tit. 1. c. 1. aun que en el cap. 2. adelante dize, que Santo Domingo fue el primer Inquiſidor: olvidado de lo que acabava de dizir en eſte: ſus palabras ſon las ſiguientes. Sanctiſſimæ ergo Inquiſitionis officium eo tempore ſumpſit exordium, quo impij erroribus, & blaſphemijs execrabilibus Albigenſium, Comitatus Toloſanus infectus, & penè extinctus erat. Tunc enim glorioſus Deus in Innocentio Tertio Summo Pontifice eam mentem iniecit, ut Petrum de Caſtro novo Monachum virtutis, & ſanctitatis gloria florentem crearet Legatum, & ad illam provinciam ad Chriſtum Servatorem noſtrum reducendam mitteret.* Por maneira, que sò com Paramo dizer neſtas palavras que Pedro Monge foy mandado por Legado a Toloſa, quer dar por certo, e provado, que foy tambem por Inquiſidor. Tenho por neceſſario

Fr. Natalis Xavet Mercenarius lib. de eodem Ord. Annal. Eccl. 1223.

Ovid. l. 1. Metamorph.

L. 3. Diſc. 8. §. 5.

dallas traduzidas em noſſa lingoagem, pera que todos julguem o teſtemunho que lhes levanta, dizem aſſi: *Teve pois ſua origem o officio da ſantiſſima Inquiſiçaõ no tempo, que o Condado de Toloſa eſtava inficionado, e quaſi perdido com os erros, e blasfemias dos Albigenſes. Porque entaõ foy Deos ſervido pòr no coraçaõ do Summo Pontifice Innocencio Terceiro, que nomeaſſe por Legado a Pedro de Caſtro novo, monge de grande nome, de virtude, e ſantidade, e o mandaſſe àquella Provincia pera effeito de a tornar a Chriſto noſſo Salvador.* Tal he o primeiro principio em que eſte Autor ſe funda: e he o meſmo (alem de torſer o ſentido de Paramo) que naõ alcançar a differença que ha entre os officios de Legado, e Inquiſidor: e outroſi eſtar muy alheyo doutro principio muy notorio, qual he, naõ ſe mandarem Inquiſidores aonde os Principes, e cabeças das terras ſaõ declarados inimigos da Igreja Romana. Pois ninguem ignora que ſeria couſa ridicula mandarenſe Inquiſidores a Olanda, e Gelanda, ou a Genevra, ou à Rochella no eſtado em que eſtas terras oje eſtaõ. A verdade he, que o Santo Monge fez o officio que Paramo lhe dà de Legado, e Embaixador do Pontifice, pera tratar com os Condes ſenhores da Provincia, que jà eſtavaõ pervertidos da heregia. E iſto fez polo direito das gentes, com que os Embaixadores ſem medo de offenſa entraõ por caſa dos inimigos. Se os achara em diſpoſiçaõ de obedecerem aos ſantos conſelhos, e amoeſtaçoens do Papa, entaõ uſara do poder de Legado, abſolvendoos, e reduzindoos ao gremio da Igreja. E bem claro eſtà, que naõ entrou aqui parte nenhuma de officio de Inquiſidor. O que fez de Legado eſcommungando o Conde de Toloſa (que pudera eſcuſar ſe quizera, pois ipſo jure eſtava eſcomungado) lhe cuſtou a vida, como atras contamos. E dahi naceo mandar o Papa publicar Cruzada contra elle: e conſeguintemente, como ouve exercito, e força, tratar S. Domingos de ſe dar ordem pera ſe alimparem as terras que ſe hiaõ conquiſtando, da mà ſemente, com a traça Divina que inventou do Santo Officio. E porque Paramo o eſcreve, e entende aſſi, deduzindo humas couſas de outras, ſeguramente ſem ſe encontrar, nem eſquecer (que naõ ha eſquecimento de Capitulo primeiro pera ſegundo) declara logo que o Padre S. Domingos foy o primeiro Inquiſidor que ouve na Igreja de Deos, como eſte Padre o refere.

Tal como eſte he outro lugar que tambem traz do meſmo Paramo, para moſtrar, que doze Abbades da ſua Ordem foraõ tambem Inquiſidores: e he o ſeguinte: *Eo tempore Summus Pontifex miſit duodecim Abbates ex Divi Bernardi familia eximia virtute, & præclara doctrina ornatiſſimos, ut hæreticorum pagos excurrentes, &c.* E he de notar, que parando aqui ſem nos dar o remate do periodo Latino, acabao em Caſtelhano dizendo: *Que fueſſen a exercitar el miſmo officio.* Grande falta, ou miſeravel artificio pera quem emprende contraſtar couſas difficultoſas. Alem de tais falencias, como todo edificio mal fundado por ſi meſmo cae, elle meſmo dà com

eſte

eſte em terra , com outras palavras que traz de Vincencio Belvacenſe , que dizem aſſi , falando deſtes Abbades : *Cæperuntque ſinguli Euangelicam paupertatem complecti , peditesque diſcurrere , ac ſtrenuè fidem Chriſti verbo & opere prædicare.* Querem dizer , e começaraõ todos , e cada hum por ſi abraçarſe com a pobreza Evangelica , e andar a pè , e a prègar valentemente a fé de Chriſto. O que he clara confirmaçaõ do que atras temos dito , que fizeraõ por conſelho de noſſo Padre S. Domingos , e do Biſpo de Oſma. Aſſi fica claro , que nem o Legado era mais que Legado , nem os Abbades foraõ mais que prègadores.

Menos força tem , ainda que traz mais alguma aparencia , outra rezaõ , com que eſte Padre cuyda que de todo deixa encabeçada a Inquiſiçaõ na ſua Ordem , dizendo , que noſſo Padre S. Domingos confeſſa que recebeo do Legado que era Abbade Ciſtercienſe o Officio de Inquiſidor , porque em huma ſentença que deu , diz : *Quod nobis officium iniunxit dominus Abbas Ciſtercienſis Apoſtolicæ Sedis Legatus , &c.* E daqui infere , que pois Saõ Domingos foy Inquiſidor por ordem , e commiſſaõ do Legado , ficava o Legado ſendo Inquiſidor ſupremo , e primeiro Inquiſidor que S. Domingos. A eſta deſatada , e fraca conſequencia ſe reſponde com facilidade. Primeiramente ninguem pode duvidar que os Legados no ſoberano poder , que exercitaõ , provèm muitos cargos neceſſarios pera a execuçaõ delle , que ou ſaõ incompativeis com ſua dignidade , ou inferiores a ella , e de força ſe haõ de adminiſtrar por terceiro. E ainda que elles os poſſaõ prover , e conferir , naõ ſe ſegue por iſſo , que tambem os podem exercitar , ou que os fiquem eminentemente exercitando alguma hora. E tal avemos de confeſſar , que era entaõ eſte genero de officio : officio , como ſaõ de ordinario todos os que ſe criaõ de novo , ſem proveito , nem honra , de muyto cuydado , de grande trabalho , e riſco entre hereges perverſiſſimos , e sò accommodado à grande humildade de S. Domingos , e ao zelo em que ardia das almas. E por ſer tal , eſtimou o ſabio Legado querer o Santo occuparſe nelle , e lhe mandou que o fizeſſe , pois achara a traça como atras diſſemos , em quanto aviſava ao Pontifice. Aſſi naõ negamos , nem queremos negar que o ſervio por commiſſaõ de quem tinha o ſupremo poder da Igreja em França , atè que o Pontifice mandou a ſua de Roma. Com a qual começou a fazer o officio com plenaria autoridade , ſem mais ſojeiçaõ ao Legado que aquella que todo miniſtro Eccleſiaſtico deve aos que ſaõ immediatos da ſuprema cadeira quando ſe achaõ preſentes. E eſta diſtinçaõ de tempo , e ſervintia , e commiſſoens ſe collige da meſma Hiſtoria de Caſtilho em que o Padre Frey Angel ſe funda. Porque naõ pode negar , que onde achou eſcrita a ſentença , diz Caſtilho como em prologo della as palavras ſeguintes : *De antes que fueſſe Inquiſidor (entende S. Domingos) de officio , ſino por ſola commiſſion del Legado , que andava en las revoluciones de Toloſa , ſe halla una ſentencia dada contra un herege.* E lo-

logo ſegue a ſentença. Nem pode negar que no meſmo capitulo, em que achou eſta, ſe lè outra ſentença, ou diſpenſaçaõ, que confirma à diſtinçaõ de tempo, dizendo aſſi: *Univerſis Chriſti fidelibus, ad quos literæ præſentes peruenerint, Frater Dominicus Oxomenſis Canonicus, prædicationis humilis miniſter ſalutem & ſinceram in Domino charitatem. Diſcretio veſtræ univerſitatis præſentium autoritate cognoſcat, quòd nos Raymundo Gulielmo de Altaripa Pelagan'rio licentiam conceſſimus, ut Gulielmum Vgutionem hæreticali quondam habitu, ut idem coram nobis aſſeruit inueſtitum, ſecum in domum ſuam apud Toloſam teneat more aliorum hominum conuerſantem, &c.* Reſponde traduzida em Portuguez aſſi. A todos os fieis Chriſtãos que eſtas letras virem, Frey Domingos Conego de Oſma, humilde miniſtro da prègaçaõ, ſaude, e amor no Senhor. A todos vos ſeja notorio por autoridade das preſentes, que nòs demos licença a Raymundo Guilherme de Altaripa Pelaganirio, pera ter em ſua caſa em Toloſa a Guilherme Ugociano, ſem differença no trato commum, e ordinario de todos os mais homens, ſem embargo que em tempos atras foy condenado ao habito de penitencia que ſe dà aos hereges, ſegundo diante de nòs o affirmou, &c.

Bem ſe diz, que convem fazer diſtinçaõ de tempos, quem quer achar conveniencia nos direitos. Se eſte Padre notara a differença que ha nas duas ſentenças quanto à commiſſaõ, e exercicio, e ſervintia do officio, fundandoſe a primeira na autoridade do Legado em quanto tardava a do Pontifice: e fundandoſe a ſegunda em autoridade propria, porque a tinha jà de Roma, como ſe moſtra no termo, *conceſſimus*, e naõ ſe referir como na primeira ao Legado. Se notara a differença dos tempos, que claramente parece no *quondam*, da ſegunda: de crèr he, que ſe naõ enganara, nem tomara ſobre ſi huma opiniaõ taõ encontrada com todos os hiſtoriadores, e eſtudioſos: pois com eſtas diſtinçoens ſe moſtra clara, e corrente, e ſem contradiçaõ a verdade que ſeguem, que he a meſma em que concordaõ Paramo, e o Padre Frey Fernando de Caſtilho, abraçada tambem (porque nos naõ fique nada por dizer) por Joannes Azzor da Companhia de JESUS, varaõ de grande doutrina, e muy verſado na liçaõ das Hiſtorias Eccleſiaſticas, que tratando eſta materia diz aſſi: *Ex Hiſtorijs Eccleſiaſticis didicimus hoc muneris quadam ex parte primùm Beato Dominico fuiſſe mandatum circa annum Domini* 1208. E mais abaixo: *Et ideo ut ſalutaribus pœnitentijs impoſitis eos redeuntes (entende os hereges) poſſet abſolvere plenam ad id facultatem à Romano Pontifice impetrauit.*

Joannes Azzor t. 1. l. 8. c. 18. inſtit. moral.

Noticia tenho que ha terceiro mantenedor do aſſumpto deſtes dous Religioſos, e que he da meſma Ordem. Naõ fiz muita diligencia polo ver, porque naõ deve dizer mais que os dous, e baſtalhe a meſma reposta.

Fr. Lourenço de Zamora na Monarch, Miſt. P. 7. na vida de S. Dom. f. 356.

Mas temos nova contenda com outro Religioſo da Ordem do glorioſo Padre S. Franciſco, que pera tirar a S. Domingos o lugar de primeiro In-

Fr. Ant. Daça na 4. part da Hiſt de S. Franciſ. l. 1. c. 14.

Inquiſidor, conforma com a opiniaõ reprovada dos Ciſtercienſes, dizendo que o foy ſomente por commiſſaõ do Abbade Legado. E deſconcerta com os meſmos pera fazer ſua Serafica Ordem participante por partes iguais nos principios daquelle Santo Officio com a de S. Domingos; pera o que affirma de ſeu parecer abſoluto, que ſe naõ conta a origem da Inquiſiçaõ de mais atras, que de quando o Papa Gregorio Nono mandou Inquiſidores da ſua, e noſſa Ordem contra os hereges do Condado de Toloſa. Por maneira que por huma via nos quer tomar tudo, e por outra quer entrar com noſco ao meyo.

Pera prova do primeiro faz grande força na ſentença que atras apontamos, em que Noſſo Padre confeſſa que exercitava inda entaõ o cargo por commiſſaõ do Legado. E he caſo gracioſo, que andando junta a ſegunda ſentença que o meſmo Santo deu deſpois ſem falar no Legado, e com autoridade propria, porque a tinha jà do Santo Pontifice Innocencio Terceiro, como fica moſtrado: e ſendo força, que onde vio huma, avia de ver ambas, valſe daquella que ſerve pera ſeu intento, e calla eſtoutra que o encontra, e poem por terra.

S. Ant. p. 3. tit. 23. c. 9. §. 1.

Naõ traz melhores armas pera confirmaçaõ do ſegundo. Allega humas palavras eſpedaçadas da Hiſtoria de S. Antonio, onde conta que foraõ por Inquiſidores pera as partes de Toloſa alguns Padres das Ordens dos Prègadores, e Menores, que deſpois padeceraõ martyrios ás mãos dos hereges. E digo eſpedaçadas, porque uſando dellas pera moſtrar que foraõ eſtes os primeiros Inquiſidores, naõ lhes dà o Santo Hiſtoriador tal nome de primeiros: e ſervindoſe tambem dellas pera provar que foraõ mandados por Gregorio Nono, calla a circumſtancia mais importante do anno apontado pelo meſmo Eſcritor: porque era o de 1242. que em claro desbarata ſeu intento, por quanto Gregorio Nono era falecido de primeiro de Setembro do anno atràs. E de muitos antes avia jà Inquiſidores Dominicos em França, em Lombardia, em Sicilia, e Alemanha.

Annaes Eccleſ. no anno de 1241. Ilheſcas na Pont. na vida de Gregor. Nono.

Deſcuberta a fraqueza deſtes fundamentos, que naõ tem por ſi mais que a imaginaçaõ de ſeu dono, deſacompanhada de Autores de importancia: porque os Ciſtercienſes jà ficaõ refutados: e eſtando por nòs todos os que nomeamos no capitulo antes deſte, bem nos puderamos queixar de cair taõ injuſta pretençaõ em peſſoa, que por Croniſta da ſua Ordem, eſtava obrigado a ter noticia do que tantos eſcrevem, e affirmaõ: e por Religioſo della naõ pode deixar de venerar com ſojeiçaõ de animo, e entendimento a Extravagante do Santo Pontifice Sixto V. ſeu Frade, que atras tocamos, na qual pera confuſaõ do primeiro erro, declara que foy S. Domingos o primeiro Inquiſidor da Igreja de Deos: e pera deſengano do ſegundo, que o foy por commiſſaõ de dous Pontifices Innocencio, e Honorio ambos Terceiros, e ambos falecidos antes de Gregorio Nono ſubir àquella ſanta Cadeira. E iſto baſte.

Don Luis de Par. l. 2. tit. 1. c. 2. n. 4. & c. 3. n. 6. Annais Eccleſ. an. 1215. n. 11. & an. 1225. n. 7. Paramo l. 2. c. 25.

Sixtus V. in Extravag. quæ incipit: Invicto-rum Chriſti militum.

CA-

CAPITULO V.

Paſſa o campo Catholico contra outros lugares. Contaõſe algumas maravilhas que Deos obrou polo Santo. Cercaõ os Catolicos a Cidade de Toloſa, retiraõſe com perda, e desfazſe o campo.

TOrnando ao fio de noſſa Hiſtoria, cuſtou dous annos de tempo, e muito ſangue aos Catolicos a conquiſta dos lugares, que atràs apontamos, e doutros a que logo foraõ paſſando: e naõ menos trabalho ao Santo Prègador, que nunca tinha hora ocioſa. Porque quando o inverno fazia ceſſar as armas da guerra, manejava elle as da prègaçaõ, e diſputas, com que ſempre grangeava muito pera Deos, ou allumiando almas, ou confundindo as que naõ queriaõ luz. Aconteceo na Villa de Murel, ou Monreal, (e advirto que eſtes nomes dos lugares como ſaõ tomados de hiſtorias Latinas, andaõ muy disfarçados, e differentes dos proprios modernos, e antigos) que deſpois de huma longa contenda que teve com hereges de paz, em que ouve grande numero de ouvintes, que moſtravaõ querer entender a verdade, como vio que os tinha tomado as mãos, quiz ver ſe os podia acabar de render. Trazia a materia eſcrita em termos. Era do Sacramento da penitencia, e confiſſaõ vocal: tirou do papel, e meteolho nas mãos. Foraõſe com elle, juntaõſe à noite os que preſumiaõ de mais agudos: debateraõ, canſaraõ ſem achar que replicar, atè que hum de pura rayva arrebata o papel, e arremeſſao a huma fogueira que todos cercavaõ em huma grande chaminè. Prodigioſo ſucceſſo! Perdeo o elemento a força natural à viſta da verdade, e tomou outra contranatural, que foy, rebater, e rechaçar o papel com tanta força, que voando parou ſobre huma viga que atraveſſava a ſala. Eſte caſo teveraõ por entaõ em ſegredo, atè que muitos dias deſpois foy publicado por hum da companhia que ſe converteo, e a viga ſe guarda hoje por memoria.

Mas naõ acreditava o Senhor sò por huma via a doutrina de ſeu ſervo, ſarava enfermos, lançava demonios, e fazia outras grandes maravilhas. A humas deſaventuradas molheres, a quem o demonio trazia atolladas em torpezas, porque naõ podia acabar de as perſuadir que ſe emendaſſem, offereceo darlhes viſta, e conhecimento de quem as guiava, e a quem ſerviaõ. Mandou ao enimigo que deſcubriſſe a figura com que as acompanhava. Taõ fea, e temeroſa era que acabou o medo della quando a viraõ, o que o de Deos naõ fazia.

Foy hum dia para entrar em huma Igreja cercado de ouvintes, a quem queria doutrinar. Achoua cerrada. Tardavaõ as chaves à caſo, ou àſinte. Chegou às portas, pozlhe as mãos, abriraõſe de par em par com admiraçaõ de todos.

Outro dia caminhava com preſſa pera certo lugar. Ao paſſar de hum rio (chamaõlhe Aregia) cahiolhe na agoa o Breviario envolto com papeis de importancia. Era peſo junto, foyſe

ao

ao fundo : e naõ ouve remedio pera ſe tirar, nem elle conſintio que ſe fizeſſe muita diligencia, aſſi por naõ perder a jornada, como por dar tudo por perdido deſpois de paſſado da agoa. A cabo de tres dias trazemlhe o Breviario, e papeis, tudo taõ enxuto, como ſe nunca tocaraõ agoa. Foy o caſo, que arraſtando hum peſcador ſuas redes no meſmo lugar, colheo o envoltorio, e fez reſtituiçaõ ao Santo. E como os papeis deviaõ ſer das materias de fè que andavaõ em queſtaõ, naõ quiz ſer menos cortez com elles o elemento da agoa, do que fora o do fogo com os outros. Neſte meſmo caminho aconteceo, que paſſando huma barca, ao ſaltar em terra, lhe pedio o barqueiro o preço da paſſagem, e de ſeu trabalho. Como o Santo naõ trazia dinheiro, porque vivia de eſmolas, e o barqueiro naõ determinava ficar ſem paga: antes a requeria com ſoberba, e deſcompoſtura, poz elle os olhos no Ceo com huma breve oraçaõ, e logo tornandoos a terra, vio junto de ſi com que ſatisfez a divida.

A eſtas maravilhas ajuntou o Senhor darlhe eſpirito de profecia, com que antevia couſas grandes por vir, e a tempos declarava algumas, como veremos ao diante. Effeito foy deſte eſpirito o remedio de hum pobre moço, que ſendo por elle relaxado ao braço ſecular por herege emperrado, quando o vio levar ao fogo, naõ ſey que nelle lhe revelou o Ceo, que pedío lho largaſſem. Era o moço de gentil preſença em diſpoſiçaõ, e roſto. Sem falar ninguem avogaraõ por elle eſtas partes: trouxeo conſigo aſſi obſtinado. E em fim veyo a ter lume da verdade, e mereceo receber o habito na Ordem, e acabou nella com ſinaes de predeſtinado.

Mas era entrado o anno de 1211. e o Conde de Monfort juntando ſeu campo determinou acometer o lugar de Albi, ninho da heregia, e que lhe dera nacimento, e nome. Tomouo a viva força, e ſem deixar eſfriar a corrente da victoria foy entrando, e conquiſtando outras praças, acompanhado ſempre do noſſo Inquiſidor, e prègador. E ultimamente foyſe lançar ſobre Toloſa, onde eſtava junta toda a força dos hereges, fazendo conta que aqui arrematava a guerra. He a terra grande, eſtava bem provida, fazia brava reſiſtencia. Aſſi foy o cerco prolongado com varios ſucceſſos, e perigos, cuja relaçaõ naõ pertence a eſta Hiſtoria, ſenaõ em quanto tocaõ ao Padre S. Domingos. Aſſiſtia elle no campo prègando, e animando, e ſervindo a todos, e fazendo oraçaõ por todos, que era pelejar por todos. Eisque hum dia acodem a elle muitos ſoldados huns tras outros, laſtimandoſe todos, que acabavaõ de ver perder no rio huma barca carregada de gente, e polo que ſe podia conjeiturar, julgavaõ ſerem Catolicos. Affligido com a nova ſae da tenda, ſeguemno todos a hum teſo ſobre o rio, dali começa a dar vozes inflammado em compaixaõ, e caridade chamando da parte de Deos pelos que jà naõ apareciaõ, e logo à viſta de todo o campo Catholico (podemos bem dizer: *Obediente Domino voci hominis*) começaõ a levantar

1211.

Joſ. 10.

vantar as cabeças ſobre a agoa, e vir ſaindo hum, e hum do fundo do rio pera a praya, e ſem faltar homem de toda a companhia, reconhecidos todos do milagroſo beneficio ſe vieraõ lançar aos pès do Santo, que os abraçava cheyo de alegria, como o eſtavaõ os circunſtantes de maravilha, vendo ſaons, e ſalvos os que viraõ perder, e affogar, e deſaparecer no meyo da agoa. Entaõ ſe ſoube o numero, e calidade. Eraõ quarenta peregrinos que paſſavaõ em devaçaõ a Santiago, de naçaõ Ingrezes. O tempo forte, e o peſo da gente fez ſoçobrar o vaſo, pequeno pera tamanha carga.

Avia muitos meſes que o cerco durava, ſem nenhum bom effeito, pola pertinacia, e valentia com que os cercados ſe defendiaõ. Começaraõ a faltar mantimentos aos cercadores, derramavaõſe os ſoldados, e mingoava o exercito: foraõ recrecendo outros inconvenientes. Em fim foy forçado levantar o campo com perda de reputaçaõ, e grande deſconſolaçaõ do Santo.

CAPITULO VI.

Anima o Santo aos Catholicos com huma alegre profecia do fim da guerra. Contaõſe algumas maravilhas obradas por meyo do Santo Roſario: e a grande vitoria que ſe alcançou dos hereges.

ERa julgada por tamanha deſgraça eſta retirada de Toloſa, que naõ avia Catholico que levantaſſe o roſto, aſſi andavaõ caydos, e deſmayados. Sò o Padre S. Domingos cheyo de confiança no Ceo, conſolava, e animava a todos, e alegremente affirmava que a guerra teria fim muito cedo. Mas o mal preſente naõ conſintia darſe credito a nenhuma boa eſperança, com quanto tinhaõ experiencia das verdades do Santo. Declaravaſe mais, apontava particularidades, que averia huma famoſa batalha, ſeriaõ vencedores os Catholicos, ficaria hum Rey morto no campo. Naõ baſtava nada, porque lançando contas humanas, achavaõ tantos inconvenientes no eſtado das couſas, que vinhaõ a julgar mal do Santo, naõ sò a negarlhe fè. Acrecentava a deſconfiança verem entrado o anno de 1213. e ſem aver poder de parte dos Catholicos, andarem os hereges poderoſos de gente, e alianças. Com tudo o Santo porfiava, e prègava, rogando publicamente que naõ quizeſſem com a deſeſperaçaõ encurtar, ou anteparar a miſericordia Divina: que ſem falta, lhes affirmava, os viria conſolar a tempo aquella Senhora, Virgem, e Mãy, cujos Roſarios rezavaõ, e traziaõ nas mãos, e ſobre os peitos. A iſto ajuntava lembranças das muitas, e grandes maravilhas, com que a meſma Senhora aly meſmo, e entre elles lhes tinha feito conhecer o muito que valia ſua devaçaõ. Aſſi os hia entretendo, e aliviando em quanto tardava o prazo que no Ceo eſtava determinado ao cumprimento da profecia. Mas porque naõ he rezaõ ficarem em ſilencio os caſos que o Santo lhes lembrava, diremos brevemente por honra da Virgem, e do ſeu Roſario alguns dos muitos que naquelle tempo ſuccederaõ.

P. Frey Fernand. de Caſtilho l. 1. c. 34.

An-

Andava no campo Catholico hum fidalgo de Bretanha por nome Alano de Valcoloara, do qual ſe affirma, que todos os dias rezava o Roſario, deſpois que o Santo prègara, e inſinara a devaçaõ. Achouſe hum dia em huma eſcaramuça: era valente ſoldado: empenhouſe demaſiado cos enemigos, e quando menos cuidou, achouſe cercado de muitos, e quaſi deſempàrado dos ſeus. Naõ avia ſe naõ morrer. Aparecelhe neſta preſſa a Senhora, poemſe de ſua parte. Quem ſeria contra ella? Começaõ ſubitamente a cayr pedras ſobre os hereges com tanta furia que voltaraõ as coſtas com muitos mortos, e todos feridos, e mal tratados. E porque digamos tudo o que ſe eſcreve deſte devoto: Aconteceolhe alguns annos deſpois da guerra acharſe no mar em huma tormenta, e a paragem tal, que ſem remedio hia o navio à coſta ſobre huma rocha talhada. Acudio elle ao ſeu Roſario, e acudiolhe a Senhora. Saltou ſubitamente o vento à terra, lançou o navio pera o mar, e ſalvouſe. Conheceraõ os marinheiros o milagre, e reconheceoo elle tomando o habito de S. Domingos, tanto que poz os pès em terra.

Caſtilho ubi ſup.

Saõ os perigos da alma tanto mais de temer que os do corpo, quanto ella val mais, e he mais nobre que elle. Mas tambem nelles acha a eſta Senhora quem a buſca: e como he Mãy, às vezes tambem quem a naõ buſca. Quando ſuccedeo o milagre dos papeis lançados no fogo que contamos, achouſe entre os hereges que foraõ preſentes hum muito principal em poder, e ſangue. Eſte vendo o caſo ficou enleado, e atonito, porque avia quinze annos que ſe naõ confeſſava. E caindo em huma profunda imaginaçaõ do que vira, e do eſtado em que eſtava, vioſe ſubitamente arrebatado por huma legiaõ inteira de Demonios, que o levaraõ ao inferno, e o poſeraõ à viſta do que padeciaõ os que eſte Sacramento Santo aborreceraõ na vida. E vio que cada hum dos tais tinha hum feyo dragaõ ferrado nas ilhargas, que enroſcado polas coſtas lhe roya o coraçaõ em pago da dureza com que fogiraõ da confiſſaõ: e as dores que padeciaõ os faziaõ dar bramidos como beſtas feras: dos olhos em lugar das lagrimas que ouveraõ de chorar de penitencia, lançavaõ labaredas de fogo, das bocas vomitavaõ podridaõ, veneno, e fedor: e parando o vomito pera naõ terem hora livre de tormento, lhes entravaõ por ellas lagartos, e bivoras. Era tudo tal, e taõ medonho, que sò da viſta ſe ſintio atormentado, e lhe parecia ſer jà companheiro nas penas. Mas a miſericordia Divina lhe deparava aly a Virgem do Roſario, cujas grandezas tinha algumas vezes ouvido ao P. S. Domingos, a qual via que em meyo deſta affliçaõ lhe dava a maõ, e o livrava. Aſſi na primeira hora que pode, ſem meter tempo em meyo, ſe foy ao Santo que o confeſſou, e pera cura perfeita lhe inſinou a devaçaõ de quem lhe valera no trabalho: a qual tomou tanto a peito que de herege, e eſtragado ſe fez Capitaõ de Catholicos, e nas bandeiras trazia por deviſa o Santo Roſario, que lhe deu dos hereges muitas vitorias, como lhe dera do inferno.

Caſtilho ubi ſup.

Por differente via teve cura igual outro nobre Catholico. Era vicioſo, e devaſſo em ſenſualidades, e tratava mal huma virtuoſa femea ſua mulher. Ella ardendo em ira, e rayva de ver que a deſprezava por outras, andava em penſamentos de ſe perder, por ſe vingar do marido em materia que igualmente lhe doeſſe. Paſſando aſſi alguns dias aborrecida da vida, e do marido, e de ſua propria honra, e alma: e naõ acabando de pòr em obra o que jà na vontade trazia executado: foy ſervido o Pay de miſericordia repreſentarlhe em ſonhos as penas que no inferno padeciaõ os ſenſuais. Vio que jaziaõ em fornos ardendo, abraçados de ſerpentes, e liados dellas por toda parte: de ſorte, que nem as podiaõ lançar de ſi, nem eraõ ſenhores de mover pè nem maõ. Sahiaõlhe polos olhos, boca, e narizes chamas de fogo horrendo de azulado, e negro, com huma reſpiraçaõ, e cheiro incomportavel como de Vulcanos que ardem nos minerais de enxofre: e a voltas do fogo vinhaõ huns borbulhoens de materias como de poſtemas podres, negras, e nogentas que lhes corriaõ, e cobriaõ os corpos de pès a cabeça, e paſſavaõ às entranhas, criando aly fragoa, donde tornavaõ a ſobir em corrente perpetua. Nacia de tudo hum tormento deſeſperado nos triſtes padecentes, e do tormento hum grito continuado que atroava o inferno. E ſendo tal o martyrio, nem matava, (que fora genero de conſolaçaõ) nem podia matar: e eſta certeza de perpetuidade era cauſa de nova, e mayor pena. Entre eſtes fornos via hum vazio de condenado, mas naõ dos inſtrumentos dos outros, e foylhe dito que aquelle eſperava por ſeu marido A pobre ſenhora, que pudera alegrarſe com a vingança, eſtava taõ aſſombrada do que via, que cheya de compaixaõ começou a fazer hum ſentido pranto, que lhe tirou o ſono, e a viſaõ. Acordou banhada em lagrimas, mas conſolada, e contente de naõ ter executado os danados propoſitos de que eſtivera perſuadida. E como naõ podia perder da memoria o que vira, buſcou logo a S. Domingos, deulhe conta de duas almas, e levou remedio pera ambas. E foy aſſi. Deulhe o Santo hum Roſario ſeu, mandoulhe que rezaſſe por elle, e de noite o poſeſſe debaixo do traveſſeiro ao deſcompoſto marido. Divino, e poderoſo feitiço. Na primeira noite lhe cahio n'alma hum grande medo acompanhado de tamanha dòr de ſeus peccados, que a paſſou toda em lagrimas: na ſegunda ſe lhe repreſentou que era chamado a juizo diante do tribunal Divino, com que eſpertou cheyo de novo terror, e ſem poder tomar ſono tudo foraõ ſoſpiros, e pedir perdoens à molher atè pola manham. Finalmente foy Deos ſervido moſtrarlhe outra viſaõ do inferno ſemelhante à que contamos de ſua molher, com que ſe reſolveo em fazer nova vida. E em quanto lhe durou, foy grande pregoeiro do poder, e virtudes do ſanto Roſario.

Mas tornando a noſſa Hiſtoria, e aos deſconfiados Catholicos, era chegado o tempo em que o Senhor os queria conſolar, e dar comprimento à profecia

fecia de ſeu ſervo ; e pera que a victoria foſſe toda ſua , ordenou que ſuccedeſſe no tempo que o partido Catholico eſtava mais deſeſperado , e paſſou deſta maneira. Era por Setembro de
1213. 1213. Andavaõ os hereges ſenhores do campo : e o Conde de Monfort , repartidas as poucas gentes que tinha polas terras ganhadas , eſtava encerrado com poucos no Caſtello de Murel , praça forte ſobre o rio Garona. Foraõ ſobre elle os Condes hereges com tamanho poder que ameaçavaõ a toda França , naõ sò aos cercados. Levavaõ em ſeu favor a el Rey dom Pedro de Aragaõ acompanhado de hum exercito vitorioſo , com que no anno atràs de 1212. ſe achara com el Rey de Caſtella na famoſa batalha das Navas , em que ambos desbarataraõ , e mataraõ hum numero infinito de Mouros. Naõ avia no Caſtello mais de mil e oitocentos homens de armas , e os enemigos cobriaõ montes , e valles , affirmaſe que naõ eraõ menos de cem mil combatentes. Acompanhava S. Domingos aos cercados , e como outro Moyſes negoceava com Deos por meyo de fervoroſas oraçoens , e do ſanto Roſario , e muitas lagrimas , naõ sò o remedio do lugar , mas do Reyno de França inteiro , que entaõ pendia delle. Era gente eſcolhida , e valeroſa a que o Conde de Monfort recolhera conſigo : mas à viſta de tanto enemigo naõ avia peito livre de temor. Sò o Santo alegre , e confiado propoem que aſſaltem os hereges confiados em ſua multidaõ , e deſcuidados do perigo , e affirma que tanto dilataõ a vitoria , quanto tardaõ em os acometer. Foy conſelho que ſe armaſſem todos das armas ſantas dos Sacramentos da confiſſaõ , e ſagrada communhaõ. Aſſi animados , abrem as portas , poemſe o Santo na dianteira com o ſagrado guiaõ de Chriſto crucificado nas mãos. Arremeteo aquelle pequeno eſquadraõ aos enemigos com hum torvaõ de alarida. Naõ ſe pode eſcrever qual foy o encontro , nem qual a reſiſtencia , como venceraõ taõ poucos , como foraõ vencidos tantos : veyo a vitoria do Ceo , donde eſtava prometida às lagrimas do ſervo de Deos : aſſi ficou desfeito aquelle grande exercito em hum momento , como o outro de Senacherib , ao parecer mais por obra de Anjos , que por mãos de homens , e alagando com ſangue os campos que dantes cubria com corpos , e armas , e he couſa certa , que foraõ mortos vinte mil homens , naõ faltando dos vencedores mais que ſete ou oito. E porque ſe compriſſe em todo a profecia do Santo , e a vitoria mais glorioſa foſſe , ficou morto no campo el Rey dom Pedro , deſgraça digna da companhia que tomou , naõ de ſeu valor. Rendeo a vitoria a S. Domingos celebrarſe ſeu nome com novos titulos , alem de Santo , de Profeta , de milagroſo , e amado de Deos. Bem ſey que ſe eſcreve differentemente por alguns eſte ſucceſſo , dizendo que ficou o Santo poſto em oraçaõ com huns Prelados , que avia no Caſtello. Mas naõ he de crer que acompanhando elle os exercitos grandes em eſcaramuças , e recontros de menos conta , deſemparaſſe eſte pequeno eſquadraõ em perigo taõ manifeſto , e taõ

4. Reg. 19.

neceſſitado de ſua preſença. E notouſe nelle mais ao claro, o que jà em outros recontros tinhaõ os homens viſto, que ſendo o Santo nos acometimentos o dianteiro, nem em ſua peſſoa, nem na figura do ſanto Crucifixo, tocou nunca lança, nem ſeta, nem outro tiro, ficando pera inteira confirmaçaõ do milagre a haſte em que hia arvorado, creſpa de muytas ſetas que a pregaraõ. Eſte Crucifixo por memoria do ſucceſſo ſe guarda, e moſtra oje no noſſo Convento de Toloſa. E pola meſma conta devia dar o conſentimento comum a noſſo Padre hum Crucifixo por deviſa que todos os pintores lhe poem nas mãos: e della uſaõ os Meſtres geraes da noſſa Ordem no ſello grande de ſeu cargo. E he o coſtume taõ antigo, que no Capitulo que ſe fez em Bolonha no anno de 1240. ſe decretou particular ordenaçaõ, que nenhum outro religioſo a trouxeſſe em ſinete.

Suſato na vida de Fr. Bereng. 13. M. Geral.

Rendeo a meſma vitoria aos Catholicos correrem logo, e ſenhorearem toda a terra, ſem aver quem lhes fizeſſe roſto, caſtigaraõſe muitos herejes, ganharaõſe todas as forças que eſtavaõ por elles, e o que mais importou, reduziraõſe infinitas almas ao gremio da Igreja. E he couſa averiguada que foraõ poucas menos de cem mil as que converteo no tempo que duraraõ eſtas alteraçoens a diligencia, e prègaçaõ, e vida de S. Domingos, ſegundo conſtou polos autos que pera ſua canonizaçaõ ſe proceſſaraõ. Apaziguada a terra, começaraõ a crecer os bens, e fruitos da paz, com augmentos de religiaõ, e quietaçaõ de corpos, e almas. Gozavaos o Santo recolhido em Toloſa com ſeus companheiros. Viviaõ juntos, e em communidade em humas caſas que lhe dera hum delles chamado Pedro Cellan. Aqui os exercitava em ſilencio, e recolhimento, jejuns, vigilias, oraçaõ, e contemplaçaõ: enſayandoos com ſeu exemplo nos trabalhos da Religiaõ, e vida nova que em ſeu animo traçava, vida nunca ocioſa, nunca deſcançada, activa na neceſſidade, contemplativa no ocio.

Fr. Fernando de Caſtilho Hiſt. de S. Dom. p. 1. l. 1. c. 15.

CAPITULO VII.

Dà S. Domingos principio à ſagrada Ordem dos Prègadores. Pede confirmaçaõ ao Pontifice: alcançaa verbal, e condicional. Funda em Toloſa o primeiro Convento. Faz renunciaçaõ de rendas, e fazenda. Torna a Roma em demanda da Confirmaçaõ: Contaõſe humas viſoens que ay teve.

AQuelle Senhor que tudo diſpoem ſuavemente, e em ſuas promeſſas nunca fez falta, querendo acudir à que em beneficio do mundo tinha feito a ſeu Servo Domingos por meyo da glorioſa Virgem Mãy, e Eſpoſa ſua, como a tràs fica contado, foy ſervido darlhe comprimento pelos termos, e modos que agora diremos. Tinha o Padre S. Domingos dezaſeis companheiros bem provados todos nos trabalhos deſtes annos, e no exercicio da prègaçaõ, e ſerviço da Inquiſiçaõ em que o tinhaõ ajudado muito. Porque alguns eraõ bons letrados, e todos de grande virtude, e eſpirito.

rito. Avia outros muitos ſojeitos que deſejavaõ ſeguillo. Pareceolhe tempo de manifeſtar ao mundo, e pòr em effeito o que de longe trazia imaginado, que era fundar huma Ordem, que foſſe ſeminario permanecente de gente apoſtada a encontrar hereges, e heregias, e ſer eſcudo, e defenſa da verdadeira doutrina: officio em que jà avia muitos dias elle, e os ſeus andavaõ exercitados. Deu conta do deſenho a ſeus grandes amigos o Biſpo Fulcon de Toloſa, e o Conde de Monfort. Ambos louvaraõ a empreza, e às palavras ajuntaraõ obras; entendendo que pera ſe empregar com todo cuidado no eſpiritual, de que taõ bons effeitos tinhaõ viſto, convinha ſer fomentado com ajudas temporaes, cada hum lhe fez ſua doaçaõ. Deulhe o Conde o ſenhorio temporal de huma boa Villa chamada Fanjous. O Biſpo, todas as rendas da Igreja de Santa Maria da meſma Villa de Fanjous, a que ajuntou outras Igrejas, e a ſexta parte dos dizimos de todo ſeu Biſpado, com conſentimento da Cleriſia, que era tudo couſa muy groſſa.

M. Fr. Jurdaõ c. 20 M.Fr. Bernar. Guido tit. Das Freiras de Prulliano. Caſtilho p. 1. l. 1. c. 15.

Publicou neſte tempo por toda a Chriſtandade de parte do Summo Pontifice Innocencio III. convocaçaõ geral de Prelados pera Concilio univerſal, que veyo a celebrar por Novembro do anno de 1215. em Roma na Igreja de S. Joaõ de Latraõ. Foyſe S. Domingos a elle em companhia do Biſpo de Toloſa, naõ duvidando com tal teſtemunha de ſeus trabalhos pedir, e alcançar approvaçaõ, e confirmaçaõ de ſua Ordem. Mas ſendo bem viſto do Papa, e de toda a Corte Romana, por nenhum caſo foy admittido o requerimento: antes ſahio particular decreto do Concilio, que ſe naõ conſintiſſem Religioens novas. Parece que foy ordem da Divina providencia pera mayor honra deſta Religiaõ, e pera que ficaſſe publico, e notorio no mundo, que naõ tevera ſeu principio nelle, ſenaõ no Ceo, e como tal era neceſſaria na Igreja Catholica. Acodia S. Domingos a Palacio de dia requerendo aos homens, gaſtava deſpois as noites inteiras clamando a Deos com oraçaõ, e lagrimas. Corria o tempo, perſeverava o Santo conſtantemente em ſua pretençaõ, e requerimento, e durava igualmente a contradiçaõ: quando amánhecendo hum dia em Palacio, lhe foy dito que era buſcado de mandado do Papa; o qual vendoo lhe mandou, que logo ſe tornaſſe a ſeus companheiros, e com elles deliberaſſe na eſcolha de huma das regras approvadas pola Igreja, e com iſſo lhe faria a graça da confirmaçaõ de ſua Ordem. Fez geral eſpanto em toda a Corte mudança taõ ſubita no Santo Pontifice. Mas muito mais admirou a rezaõ della. E foy que na meſma noite começando a repouſar afadigado do peſo, e cuidados de ſeu governo, repreſentouſelhe que via o templo famoſo de S. Joaõ de Latraõ taõ inclinado, e pendente ſobre hum lado, que ao parecer ſe vinha ſem remedio ao chaõ: logo notava que hum homem veſtido de murſa, e roxete ſe chegava ao edificio, e pondolhe as mãos o ſuſtentava, e livrava de ruina. Vigiava o eſpirito, ſe bem os ſentidos eſtavaõ adormecidos:

Cap. 13. Ne nimia Religionum diverſitas, &c.

S. Ant. 3. p. t. 19. c. 3. & t. 23. c. 4. §. 3.

1215.

mecidos : conheceo o homem, e lembrouſe do requerimento, e ficou entendendo deſpois de acordado, que naõ era ſonho, ſenaõ advertencia do Ceo o que vira, do que devia fazer. Aſſi defirio logo com goſto, ao que dantes reſiſtia com aſpereza. Encomendoulhe de novo o officio da prègaçaõ, e Inquiſiçaõ, mandando eſcrever em huma inſtrucçaõ das couſas que lhe encarregava o titulo jà outra vez dado, como affirmaõ muytos, ao Meſtre Frey Domingos, e aos irmãos Prègadores.

Petrus Matth. Vilheg. Fr.Sebaſ. Olmedo. Fr.Step. de Señalac. tract. 2.

Naõ tardou o Santo em tornar pera os ſeus. Juntouos na Igreja de Prulliano : deulhes conta do deſpacho que trazia, e do que convinha reſolver. Aſſentaraõ em tomar a regra do Padre S. Agoſtinho com as conſtituiçoens, e cerimonias pela mor parte da Ordem de Premonſtrel (he eſta Ordem filha da de S. Agoſtinho, dos Conegos regulares, foy fundador S. Nortberto Biſpo Magdeburgenſe.) Naõ ignoro que Dionyſio Carthuſiano varaõ graviſſimo quer que da Cartuxa tomaſſe S. Domingos eſtatutos, e habito : e o meſmo affirma dom Theodoro Petreyo nas notas que fez à Cronica Cartuzienſe. Mas no que tenho dito conformaõ todos os noſſos, ſeguindo ao Meſtre Frey Humberto de Romanis, que aſſi o eſcreve, e alcançou ao Padre S. Domingos, e foy Geral da Ordem aos trinta e tres annos deſpois de ſua morte. Como quem jà tinha conſentimento, e confirmaçaõ da boca do Summo Pontifice, começou tambem a pòr mãos no edificio do primeiro Convento. Deralhe o Biſpo Fulcon a Igreja de S. Romaõ em Toloſa, por occaſiaõ de humas caſas nobres a ella vizinhas, de que lhe tinha feito doaçaõ Ramon Vidal, e ſua molher Brunequildes. Aqui armou o Convento com pouca deſpeza, juntando caſas, e Igreja. E paſſouſe logo a elle, deixando as caſas de Pedro Cellan. Eraõ as cellas de tal feitio que quaſi arremedavaõ ſepulturas em comprimento, e largura. Entenderſeà a medida, do que ao diante veremos, que ſuccedeo ao Santo em Bolonha : dentro hum feixe de vides, ou hum teſſido de verga pera cama : e huma pequena banca pera meza de livros, e eſtudo, e naõ avia lugar para mais. Dividiaõſe com a groſſura de huma taboa. O corredor do dormitorio muito eſtreito, as cellas ſem fecho, nem porta pera ſe fechar. A tal fabrica quiz que reſpondeſſe a ſuſtentaçaõ. Pareceolhe que, pois tomavaõ à ſua conta exercitar o officio dos Santos Apoſtolos, a quem Chriſto mandou que o fizeſſem ſem alforge, deviaõ viver ſobre a terra ao uſo dos meſmos Apoſtolos, ſem poſſuirem couſa nenhuma nella. E logo fez renunciaçaõ, e treſpaſſo no Moſteiro, e Freiras de Prulliano de todas as rendas que tinhaõ.

In opuſ. Dionyſ. Cart. ar. 8. de præcon. lau. Ord. Carthuſienſ. D. Theodor. Petreio ſuper l. 9. c. 14.

Compoſtas aſſi eſtas couſas, era paſſado muito adiante o anno de 1216. pozſe de novo em caminho pera Roma a tirar as letras de confirmaçaõ. Achou defunto o Papa Innocencio, e a ſeu ſucceſſor Honorio Terceiro occupado em negocios graviſſimos, parte com apreſtar hum groſſo exercito que mandava pera a Terra Santa : parte com o recebimento do Emperador de Con- 1216.

Conſtantinopla Pedro Altiſidiorenſe, que com a Emperatriz ſua molher ſe vinha coroar de ſua maõ em Roma. Naõ fazia o Papa Honorio duvida na materia, mas os muitos negocios interpunhaõ cauſas de dilaçaõ. Affligiaſe o Santo: e o Senhor benigniſſimo eſtimando a affliçaõ, de que era cauſa, tinha cuydado entre tanto de o conſolar com viſoens Celeſtiaes. E foy huma, moſtrarſelhe Chriſto com tres lanças na maõ, em acto, e poſtura, ao que parecia, de vingar com ellas os peccados do mundo, com os tres açoutes mais temidos nelle. Logo via a Virgem Mãy ajoelharſe com entranhas de piedade diante do Filho irado, e pedirlhe miſericordia, offerecendoſe por fiadora de huma nova, e grande reformaçaõ em toda a terra, por meyo de dous devotos ſervos ſeus que nella tinha: os quaes lhe moſtrava ſinalandoo a elle, e a outro homem que naõ conheceo, envolto num capote de ſaco, pès deſcalços, roſto infiado, e desfeito. E notava que o Senhor ſe deixava vencer dos rogos, e promeſſas, e ficava aplacado. Foy grande a conſolaçaõ, e confiança com que ficou de ſeus negocios: mas grande tambem o deſejo de conhecer, e venerar hum tal companheyro. E naõ paſſaraõ muitos dias que encontrou S. Franciſco na Igreja de S. Pedro, e ſegundo lhe ficara impreſſa na memoria a viſaõ paſſada, naõ duvidou na peſſoa, nem em ſe lançar a ſeus pès. Abraçaraõſe, trataraõſe como amigos, e prometeraõſe fiel companhia para toda a vida, e que, ainda que fundavaõ Ordens differentes em leys, cerimonias, e trajo, foſſem ambas huma sò nos animos dos ſucceſſores que nellas profeſſaſſem (e creyo eu que naõ ſerà verdadeiro filho deſtes Santos, quem de taõ antigo trato, e contrato ſe eſquecer.) Deſta viſaõ teveraõ noticia os noſſos Frades por relaçaõ do Padre S. Franciſco, a quem sò a contou o Padre S. Domingos. Aſſi o deixou eſcrito o famoſo Croniſta Franciſcano, e Portugues Frey Marcos de Lixboa Biſpo do Porto. Na Cronic. dos Men. p. 1. l. 1. c. 46.

Chegavaſe o fim do anno, e naõ chegava o effeito dos deſejos do Santo. Era grande a mortificaçaõ que ſintia, e o que acrecentava com ella de merecimento pera com Deos, feito como outro Daniel, hum varaõ de deſejos. Dan. 9. Alegrouo o Senhor de novo com outra viſaõ. Ficouſe huma noite em oraçaõ na Igreja de S. Pedro em Vaticano diante das ſagradas reliquias dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, regava aquellas lageas com vivas lagrimas. Eis que lhe aparecem ambos, e falando com elle mandaõlhe de parte de Deos, que pregue ſua fé polo mundo por ſi, e por ſeus companheiros, e em penhor de tal mandato offerecelhe cada hum delles ſua dadiva (dadiva honroſa, e em que podemos fundar os Religioſos deſta Ordem grande certeza de miſericordias do Ceo, mas tambem huma perpetua lembrança de grandes obrigaçoens noſſas) S. Pedro lhe deu hum bordaõ, S. Paulo hum livro.

CA-

CAPITULO VIII.

Alcança S. Domingos em Roma letras Apoſtolicas de confirmaçaõ de ſua Ordem, com titulo de Ordem dos Prègadores. Torna a França, faz eleiçaõ de Prelado entre os ſeus, e mandaos a prègar por varias partes.

EM fim foy deſpachada a confirmaçaõ da Ordem de S. Domingos polo Summo Pontifice Honorio III. com aſſiſtencia de dezoito Cardeaes em 22. dias do mez de Dezembro, anno da Redençaõ do genero humano 1216. Começa o Breve que della ſe paſſou: *Honorio Biſpo ſervo dos ſervos de Deos ao amado Frey Domingos Prior de S. Romaõ de Toloſa, &c.* E o titulo foy: *Letras de confirmaçaõ da Ordem dos Frades Prègadores.* E daqui naceo, que dando o tempo, e occaſioens delle varios titulos a eſta Ordem, e todos bem honroſos, como era chamaremnos em humas partes Frades de Noſſa Senhora, porque della recebemos o habito, e outros particulares favores, como adiante o contarà a Hiſtoria. Em outras partes Frades da Ordem da verdade, pola conſtancia, com que ella ſe oppoz ſempre à falſidade das heregias em ſerviço, e defenſaõ da verdadeira fé. Com tudo no Capitulo Geral celebrado em Paris anno 1256. ſe fez particular decreto, em que ſe mandou que doutro nome naõ uſaſſemos, ſalvo deſte, em que Honorio nos confirmou aqui, e que Innocencio ſeu anteceſſor nos tinha dado dantes. Diz o decreto: *Fratres noſtri vocentur Fratres Prædicatores, & non alijs nominibus.*

22. de Dezemb. 1216.

S. Ant. 3. p. t. 23. c. 3. §. 1. M. Fr. Ant. de Scena na ſua Cron. fol. 27. O meſmo Fr. Ant. de Sena f. 25. & 179.

Naõ ſe deteve o Santo mais em Roma. Chegado a Toloſa ao ſeu Convento abrio os braços a receber noviços, e os penſamentos, e determinaçaõ a eſpalhar polo mundo eſſes poucos companheiros antigos de que jà tinha experiencia. Do numero delles falaõ variamente os Autores. Os mais concordaõ que foraõ dezaſeis. A ſaber, ſete Franceſes, Matheus, Eſtevaõ de Metz de Lorena, Beltraõ de Garriga, Guilherme Clarete, Pedro, e Thomas Cellan irmãos, Natal. Deſtes aviaõ ſido Priores de Igrejas Collegiadas, homens maduros, e bons letrados os dous primeiros Matheus, e Eſtevaõ. Outros ſete Eſpanhoes, Manes, ou Mamerto irmaõ inteyro de noſſo Padre S. Domingos, Miguel de Vzzero, Domingos Eſpanhol o pequeno, ou polo ſer de corpo, ou por differença de ſeu Meſtre, Joaõ de Navarra que alguns querem que foſſe Lombardo, e ſe chamaſſe de Vanaria, naõ de Navarra, Pedro de Madin, Miguel de Eſpanha, por outro nome de Fabra: e Sueyro Gomez, que ſendo ſabidamente Portuguez nenhum Autor antigo nem moderno lhe finalla patria. Eraõ mais hum Lourenço Ingres, e hum Leigo que huns chamaõ Othorio, outros Odorico Normando. Como eraõ taõ poucos foy forte a contradiçaõ que o Santo achou nos mayores amigos, a quem por rezaõ, e corteſia deu conta do deſenho. Sempre foy ordinario encontrar o mundo os movimentos Divinos. Naõ ſofria o Biſpo Fulcon averſe de dividir por outras terras aquella pequena eſquadra de prègadores, quando a ſeu pare-

cer

cer sò a ſua os avia miſter todos. Deſta opiniaõ era o Conde Simaõ, e todas as peſſoas de autoridade com quem communicava. Porem elle ſe armou sò contra todos, e obrigado do titulo recebido do Papa, do inſtincto do Ceo, e do mandato dos Apoſtolos affirmava conſtantemente, que eſſes grãos de moſtarda taõ poucos, e taõ pequenos que queria ſemear, e derramar polo mundo, aviaõ de dar arvores que o cobriſſem todo. E ſem mudar hum ponto de ſeu propoſito foy acabando de compor a caſa de S. Romaõ em perfeiçaõ de Moſteyro, veſtio os companheyros de murſas, e ſobrepellizes como elle uſava: e logo mandoulhes que elegeſſem entre ſi Prelado que o foſſe de todos, e do Convento em que eſtavaõ. Porque na peregrinaçaõ, que imaginava, naõ queria que ſua peſſoa ficaſſe de fòra, antes pretendia tomar pera ſi a parte mais difficultoſa (exemplo digno de ſer imitado de todos os que mandaõ.) Affirmaõ alguns Eſcritores, que foy ſua tençaõ neſte paſſo entrar por terra de Mouros a prègar a fè inflammado em eſperanças de ſer Martyr por Chriſto, e com tal preſuppoſto tinha deixado creſcer a barba. Sahio canonicamente eleito (e foy a primeira eleiçaõ deſta Ordem) Frey Matheus, homem de boas letras, e idade crecida, como atràs apontamos, e fora Prior, antes de ſeguir a S. Domingos, da Igreja collegiada de S. Vicente de Caſtras. Chamouſe por entaõ Abbade, e foy o primeiro, e ultimo Prelado deſte titulo na Ordem. Porque logo tras elle ſe foraõ chamando Priores. Eſta eleiçaõ por ſer a primeira quiz S. Domingos que ſe fizeſſe no Moſteyro de Prulliano em dia fermoſo, que foy o da glorioſa Aſſumpçaõ de noſſa Senhora em 15. de Agoſto de 1217. 1217.

Logo paſſado dia de N. P. Santo Agoſtinho, deu principio a determinada ſementeira divina na forma ſeguinte. Deſpachou ſete companheiros à grande cidade de Paris cabeça de França, huns pera prègarem, outros pera eſtudarem. Mandou hum pera as terras vizinhas de Limoges, e quatro pera Eſpanha, ſinalandolhes os Reynos em que cada hum avia de aſſiſtir. Mas porque eſta Hiſtoria he sò do que toca ao Reyno de Portugal, viſto como todas as outras provincias tem ſeus Eſcritores, deixaremos o muyto que fizeraõ, e trabalharaõ, e fructificaraõ os que foraõ a França, pera que o digaõ com melhor eſtilo ſeus naturais; e trataremos sòmente dos quatro a quem coube Eſpanha. Aos quais ſeguiremos em quanto forem companheiros, e em quanto delles ſe naõ dividir o que deſta Religiaõ foy Apoſtolo de Portugal. Tanto que ſe apartarem, ſeguiremos eſte ſomente, deſobrigandonos dos mais, porque o reſto de Eſpanha tem tambem ſeus Croniſtas particulares, que nos eſcuſaõ o trabalho de dar noticia delles. Eraõ todos os quatro Eſpanhoes. E os nomes pela ordem, e formalidade que os mais dos Autores guardaõ em os contar, eraõ Frey Gomes, Fr. Miguel de Vzero, Frey Pedro de Madin, que alguns chamaõ Frey Pedro de Madrid pola ſemelhança do nome, e Frey Domingos o pequeno. Naõ os tomou de ſubito,

to, nem deſapercebidos eſta obediencia: muitas vezes os tinha o Santo prevenido, e aviſado de ſua determinaçaõ, e do que pretendia, e eſperava delles: e taõ meſtres os tinha feito nas regras da verdadeira reſignaçaõ, que nem os que ficaraõ ſe alegraraõ por ficarem em repouſo, nem os inviados ſe ſintiraõ vendoſe obrigados a novo genero de vida, e a averem de aparecer entre parentes, e amigos em trajo pobre, e groſſeiro, caminhando a pè, e ſuſtentando a vida com hum pedaço de paõ comprado com a vergonha de o pedir de porta em porta. Aſſi ſe dividiraõ ſem alteraçaõ de parte a parte, exceito aquella que era rezaõ cauſaſſe em gente unida em Chriſto o apartamento de tal pay, e tais irmãos; que de força avia de arrancar lagrimas ſignificadoras do amor que os liava: e naõ deviaõ ſer poucas as do pay, que à todos tinha na alma. Porem ſendo as lagrimas ordinario teſtemunho de triſteza, aqui naõ avia ſenaõ jubilos de alegria. Porque os filhos, como bons ſoldados, que confiados no valor, e bom juizo do Capitaõ, baſta poremlhe os olhos no roſto pera correrem ao perigo, como a vitoria certa, hiaõ cheyos de alvoroço pera ſe verem a braços com os trabalhos. E tal ficava o pay, a quem o eſpirito fazia crer que naõ devia eſperar menos daquelles filhos, que em Chriſto gerara, e em ſerviço do meſmo Chriſto, e com ſua bençaõ largava de ſeu bafo, do que eſpera o lavrador ſiſudo, quando atrevidamente deſpeja o cileyro, e lança à terra a melhor parte do trigo mais grado, e mais limpo, que lhe tem cuſtado gotas de ſangue. Dos colloquios deſta deſpedida, que deviaõ ſer cheyos de fogo do Ceo, e parece eſtà pedindo a curioſidade de quem lè, ſaber quaes foraõ, nem os eſcritores antigos nos deixaraõ lembrança, nem a humildade de filho, e frieza de eſpirito, e brevidade prometida nos conſente fazer juizo, pera ſe quer pola obrigaçaõ de hiſtoriador darmos alguma noticia delles. Partidos, que foraõ começou tambem o Santo ſua peregrinaçaõ co roſto por entaõ em Italia, e Roma, onde o deixaremos hum eſpaço, por ſeguirmos os quatro companheyros, que faziaõ ſeu caminho Apoſtolicamente, e com boa diligencia pera as terras de ſeu nacimento. Naõ eſpecificaõ os eſcritores que lugares demandaraõ primeiro, nem onde ſe apartaraõ, nem onde fizeraõ aſſento. Mas colligindo a obra polo ſucceſſo, entraraõ por Catalunha, prègaraõ em Barcelona, e ſucceſſivamente em C,aragoça, e paſſaraõ a Madrid, e em todos eſtes lugares fizeraõ fruito favorecidos de Deos, e ajudados dos homens, como a diante ſe tocarà. Sò Frey Gomes eſtendeo mais ſua jornada, e paſſou ao Reyno de Portugal.

CAPITULO IX.

Entra Frey Gomes em Portugal. Dàſe conta de quem era em nome, patria, e calidades.

ERa entrado o inverno deſte anno, em que vamos correndo de 1217. quando Frey Gomes entrou por terras de Portugal. E podemos bem dizer que com ſua 1217.

ſua chegada anticipou o veraõ neſte Reyno polos effeitos que della ſeguiraõ. Mas antes de paſſarmos a diante, parece rezaõ darmos noticia de quem era por naçaõ, e geraçaõ. He de ſaber, que os autores antigos, de cujos eſcritos pola mor parte colhemos, e vamos tecendo eſta Hiſtoria, todos ſem exceituar nenhum, ſaõ eſtrangeiros de Eſpanha, huns Franceſes, outros Italianos, e doutras naçoens, os quais eſcrevendo a vida, e feitos de Noſſo P. S. Domingos ſaõ deminutos, e faltos ſobre maneyra nas couſas que tocaõ a Eſpanha. E naõ faltaõ malicioſos, que o daõ por vicio de animo em alguns, porque fazem juizo das hiſtorias antigas pelo que achaõ nas modernas, eſcritas na idade de noſſos pays, e noſſa: mas he agravo, que ſe faz a ſingeleza, e bondade dos antigos, em quem ſe naõ pode dar mais culpa que pouco cuydado, e falta de informaçoens. A eſta falta atribuimos a pouca noticia que nos daõ dos principios deſta Ordem nas terras de Eſpanha, e de quem a veyo prantar nellas. E como as mais das naçoens, a uſo dos antigos Gregos, tem por barbara toda a gente que vive fora das rayas de ſuas provincias, cometem outro erro intoleravel no que eſcrevem dos Eſpanhoes, que por latinizarem os nomes dos homens, rios, e lugares, humas vezes os eſtendem, outras os encurtaõ, e abreviaõ, e em fim os corrompem de ſorte que ficaõ quaſi inintelligiveis atè pera os naturaes. Quem lè as Hiſtorias me eſcuſarà de apontar mais exemplos que o que temos preſente no noſſo Frey Gomes, que ſendo ſeu nome verdadeiro Frey Sueyro Gomes, huns lhe chamaõ Gomecio, outros Gnomenicio, e os que menos erraõ Frey Gomes, deixando o nome proprio polo patronimico. Mas o de que mais me queixo he, que ſendo Portuguez taõ manifeſtamente, que pera todo bom juizo he materia ſem duvida, naõ ha nenhum dos antigos que o diga: e os eſcritores modernos, e vizinhos noſſos, que ſaõ os de Caſtella, e Aragaõ, conhecendo, como de força devem conhecer, e reconhecer que eſte nome, Sueyro Gomez, aſſi junto naõ no ouve nunca dos montes Pireneos pera fora, com tudo naõ lhe daõ terra nem nacimento, dandoo a todos os mais companheiros de noſſo Padre, (tiramos deſte numero sò o ſenhor Biſpo de Monopoli, que na ſua quinta Centuria, que agora ultimamente compoz, o faz Portuguez.) E o pior he, que naõ sò lhe negaõ o nome de Portuguez, mas nem Eſpanhol o fazem. Donde nace avermonos por obrigados a deſcubrir com hum breve diſcurſo a verdade de quem era: que ſendo, como he, pera Portugal de grande gloria, naõ renderà menos luſtre a todo o reſto de Eſpanha; que aſſi como o inſtituidor da Ordem Saõ Domingos naceo em Caſtella, ſeja nado, e criado dentro de Eſpanha, e em Portugal quem a prègou, e fundou, e mais dilatou por toda ella, que foy o noſſo Frey Sueyro Gomez.

Cent. 5. l. 2. c. 32.

He pois couſa certa, que entre os eſtrangeiros, a ſaber Franceſes, Italianos, e Alemaens, e quaſi todas as outras naçoens, paſſa em coſtume ordi-

nario nomearemſe os homens polos nomes patronimicos, quero dizer ſobrenomes, ou apellidos de pays ou familias, deixando os proprios que dizemos nomes da pia, como por exemplo, a S. Joaõ Chryſoſtomo chamaõ S. Chryſoſtomo, a S. Pedro Gonçalves Telmo, S. Telmo, a S. Joaõ Boaventura, S. Boaventura. E iſto às vezes he cauſa de grandes perplexidades nas Hiſtorias, como moſtraremos em algumas de Eſpanha. Porque ſendo aſſi que o Arcebiſpo dom Rodrigo eſcritor Eſpanhol antiquiſſimo, e de muito credito, chama Inhigo ao Capitaõ geral que el Rey dom Rodrigo ultimo dos Godos nomeou pera reſiſtir aos Mouros, quando conquiſtaraõ Eſpanha, Razzis Mouro, e Croniſta dos meſmos lhe dà nome de Sancho. Por onde ficava em duvida, e riſco a verdade, ſe nos naõ acudira Luis del marmol que os concerta, referido por hum bom autor moderno, e diz que ſe chamava Inhigo Sanches, ſervindoſe o Chriſtaõ do nome proprio, e o Mouro sò do patronimico. Iſto meſmo ſe nos offerece em Frey Sueyro Gomez. Porque dos eſtranhos huns lhe chamaõ Gomecio, outros Suerio, e dos Eſpanhoes o P. Frey Fernando de Caſtilho huma vez o nomea por Frey Gomes, outra por Frey Sueyro. E o Santo Frey Raymundo, que foy ſeu ſubdito, como veremos adiante, lhe chama Gomecio, chamandolhe dom Lucas Biſpo de Tuy, que foy ſeu contemporaneo, Suerio. E na verdade tinha ambos os nomes, como ſe collige deſtes Autores, e da rezaõ dos tempos, e mais claramente de huma letra do livro antiquiſſimo dos Obitos, e Noas do real Moſteiro de S. Vicente de Lisboa, onde era coſtume lançaremſe os nomes das peſſoas de conta que faleciaõ, e diz aſſi: *Sexto Calendas Maij obijt Suerius Gometij quondam Prior Prædicatorum.* E he o primeiro Frade deſta Ordem que no livro anda, avendo ao diante outros, e outras conjeituras na calidade, e antiguidade do livro, e da caſa, que provaõ baſtantemente ſer eſte o que dizemos.

Que eſte nome aſſi junto ſeja Portuguez, naõ de outra Provincia, nem fora de Eſpanha, nem de dentro della, ſenaõ de Portugal, moſtralloemos logo. Primeiramente o naõ ſer Francez, nem Italiano, nem doutra terra mais alongada, o meſmo nome o declara ſem mais prova. Porque, ainda que as Hiſtorias nos offerecem na Noruegia, ou Norüega hum Rey do nome Suero, que faleceo em Bergas anno de 1203. e homens particulares chamados Suenos, que trazem pouca differença (nomes que podiaõ paſſar a Eſpanha com os Godos, e outros moradores do Norte que a ella vieraõ) com tudo a junta de Gomes nos tira a duvida. Sò fica pera diſcutir ſe ſeria de outra Provincia dos Pireneos pera dentro, que naõ foſſe Portugal. E pera naõ ſer Aragonez, Cataläo, Valenciano, ou Navarro, baſta que pera a Coroa de Aragaõ, e Reyno de Navarra he o nome totalmente eſtranho. Porque ainda que me poſſaõ dar nella algum Gomes (e muitos Gemes que todavia fazem differença grande) naõ ha nenhum Sueyro. Que naõ ſeja Caſtelhano moſtraſe com grande evidencia.

Lib. dos Obitos de S. Vicente de Lisb.

Dom Rodrigo Arcebiſpo l. 3. c. 18.

Razzis Mouro na Hiſt. de Eſpanha.

Luys del marmol. p. 1. l. 2. c. 10.

Fr. Bern. de Brito Monar. Luſ. p. 2. l. 7. c. 2.

Caſti. p. 3. l. 1. c. 25.

Idem. p. 1. l. 2. c. 1.

cia. Porque ſendo, como foy, primeiro Provincial de Eſpanha, e nomeado por S. Domingos, como peſſoa de excellentes virtudes, e por tal eſtimado del Rey dom Fernando o Santo de Caſtella, e dos Reys de Aragaõ, e Portugal, como veremos ao diante; naõ ſe pode duvidar que, ſe fora Caſtelhano, ou Aragonèz, Catalaõ, Valenciano, ou Navarro, ſe faltara (como faltou) quem o diſſera entre os antigos, que aos mais companheiros de N. Padre deraõ patria, e nacimento, naõ faltara entre os eſcritores modernos Caſtelhanos, e Aragonezes: dos quais he bem de crèr que naõ quereria tirar eſta honra a ſuas Provincias mormente tendo pera iſſo, e achando como de caſa hum taõ efficaz, e forçoſo fundamento, como he a formalidade do nome, pera o poderem polo menos naturalizar em Caſtella, onde naõ faltaõ inda oje alguns Gomes, e Sueyros, ſe ao nome ſe ajuntara qualquer outra leve congruencia. Donde ſe infere com certeza, naõ sò probabilidade, que ſendo, como he, o nome de Frey Sueyro Gomez meramente Eſpanhol, e naõ o podendo fazer ſeu Aragaõ, Catalunha, Valença nem Navarra, nem ſe atrevendo a tomarnolo Caſtella, com quem contamos o reyno de Leaõ, e Galiza, naõ lhe podemos dar outra terra, donde ſeja natural, ſe naõ he Portugal.

E naõ obſta poderſe dizer, que pois nenhum dos Autores antigos nem modernos o faz Eſpanhol, conſeguintemente fica provado naõ ſer Portuguez, viſta principalmente a particularidade com que nomeaõ todos os que tinhaõ por Eſpanhoes na companhia de S. Domingos. Porque antes eſta rezaõ tacitamente faz em noſſo favor, ſe bem nas aparencias nos encontra. E digo que faz em noſſo favor, porque deſpois que paſſaraõ aquelles antigos pays da Hiſtoria Gregos, e Romanos, gente conſumada nas artes neceſſarias pera bem eſcrever: em quaſi todos, os que apos elles ſeguiraõ, faltou aquella puntualidade, e rigor de falar com propriedade em muitas couſas, e com verdadeiro conhecimento da Geografia, e Topografia. Aſſi acharemos nos mais que eſcrevem em vulgar, quando trataõ de Portugal, e do reſto de Eſpanha: que aſſi falaõ em Portugueſes como ſe foraõ gente, e provincia de França, ou Alemanha, e naõ comprendida nos limites de Eſpanha dizendo: *Juntòſe el armada de Portugal con la de Eſpanha.* Ou dizendo: *Quatro ſoldados Portugueſes y ſeis Eſpañoles.* A eſte modo fala Santo Antonino na vida de noſſo Padre. He Italiano, e eſcreve em lingoa Latina. Quando trata dos Moſteiros de Eſpanha diz: *In Hiſpania vnum Monaſterium Monialium, in Caſtella alterum, quod eſt Calarogæ, in Portugallia vnum.* E como aſſi ſeja quando os Autores eſtranhos naõ fazem Eſpanhol a Frey Sueiro, nem por iſſo lhe tiraõ poder ſer Portuguez. E haſe de entender, que naõ chegando a ſua noticia ſer Portuguez, todavia alcançaraõ naõ ſer das meſmas terras donde eraõ naturais os mais companheiros que por Eſpanhoes apontaõ. De ſorte que no ſeu modo de falar podia ſer Portuguez pera nos, e naõ ſer Eſpanhol pera elles.

P. 3. t. 23. c. 13.

Mas

Mas ſe alguem me perguntar, porque me afadigo em provar o que ninguem me nega, nem pode negar, reſpondo com duas razões. Primeira, por me parecer que ſe naõ podem ſalvar de culpa os que eſcrevem deſta ordem dentro dos limites de Eſpanha, pois ſendo ſabida, e irrefragavelmente da meſma terra o nome de Sueyro: e ſendo grande gloria pera Eſpanha ſaberſe que foy natural della o primeiro homem que lhe trouxe a pranta de huma Ordem que tanto a tem honrado, e que foy primeiro Provincial, e Pay ſeu; antes quizeraõ privarſe deſſa honra, diſſimulando ſeu nacimento, que declarandoo confeſſallo por Portuguez. A ſegunda rezaõ he, que como nos fazemos autores de opiniaõ que por ſi naõ tem outro, e a alma da hiſtoria he a verdade, e certeza do que ſe eſcreve, convem por honra do officio, que indignamente nos poſeraõ às coſtas, corroboralla de ſorte, que fique livre de todo eſcrupulo, naõ sò de duvida, ainda que ninguem nos encontre nem contradiga. E por tanto diremos mais alguma couſa em confirmaçaõ della no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO X.

Confirmaſe a verdade de Frey Sueyro Gomes ſer Portuguez: com algumas rezoens, com as quaes ſe deſcobre que tambem era nobre, e letrado.

A Calidade do nome prova com grande evidencia em Frey Sueyro a natureza de Portugal. Porque era taõ corrente, e coſtumado neſte Reyno o nome de Sueyro, polos annos em que levamos eſta Hiſtoria, como oje he o de Antonio em Lisboa, e o de Gonçalo em entre Douro, e minho. E naõ duvidarà diſto quem lèr o livro das linhagens antigas, compoſto polo Conde dom Pedro filho del Rey dom Dinis: no qual encontramos a cada paſſo com o nome Sueyro nas familias mais nobres, hora em lugar de proprio, hora hum pouco disfarçado, e transformado de Sueyro em Soares, em lugar de patronimico, ſegundo o coſtume antigo de todas as naçoens, que era tomar o filho pera ſobrenome o nome do pay, e por elle ſe dar a conhecer. He couſa taõ notoria que tenho por eſcuſado trazer os lugares eſtendidamente. Apontados vaõ na margem; quem os buſcar acharà outros muitos. O que naõ encontramos em muitas geraçoens dos Reynos de Caſtella, que com cuidado buſcamos, antes he couſa taõ rara nelles, que alguns Sueyros, que achamos, parecem ſer por deſcendencia, ou communicaçaõ deſte Reyno: como he hum Sueyro de Aguilar nos primeiros fundadores da caſa de S. Romaõ, o qual era filho de dom Gonçaleanes d' Aguiar, que de Portugal paſſou a ſervir a el Rey dom Fernando o Santo de Caſtella. E em toda a caſa de Aguilar naõ ha outro Sueyro. Na caſa de Quinhones ſe acha hum Suer Peres, que vivia polos annos do Senhor de 1351. e 1353. e hum Suero de Quinhones biſneto deſte. Eſta multiplicaçaõ de Sueyros, que temos moſtrado nas familias nobres de Portugal, achamos tambem nas plebeyas

T. 16. 21. 22. 25. 30. 41. 42. 44. 65. 66. 67. 68. 71. 74.

(co-

(como ſempre o povo ſe affeiçoa ao que vè eſtimado nos nobres) e parecerà por algumas eſcrituras daquelles tempos, que a outro propoſito avemos de trazer ao diante, julgandoas no preſente por ſuperfluas. Mas deixando a rezaõ do nome, paſſaremos a outras mais ſuſtanciais, que sò por ſi nos fazem o homem Portuguez, ainda que o nome fora manifeſtamente eſtranho. E ſeja a primeira, que tanto que Frey Sueyro entrou em Portugal, e teve companheiros, e ſeguidores de ſua doutrina, o que foy logo deſpois de ſua chegada, e antes de ſer nomeado por Provincial de Eſpanha, logo alcançou licença dos Prelados do Reyno pera prègar em ſuas Dioceſis, como ſe verà de huma do Biſpo de Coimbra dom Pedro, que originalmente veyo a noſſas mãos, C. 16. e ao diante irà tresladada em outro propoſito, a qual he de crer ſe lhe naõ concedera taõ facilmente, ſe naõ fora conhecido por natural em lingoa, e nome. Confirmaſe iſto com o Fr. Marcos de Lisboa p. 1. l. 1. c. 48. que conta Frey Marcos na Cronica dos Menores, que entrando no meſmo tempo neſte Reyno dous companheiros do glorioſo Patriarcha S. Franciſco, que foraõ os Santos Frey Zacharias, e Frey Gualter, ſe acharaõ muy eſtranhos, mal recebidos, e pior ouvidos, sò por eſtrangeiros, e pola lingoa eſtranha que falavaõ. E por eſſa rezaõ padeceraõ, pera mais merecimento com Deos, muitos trabalhos em ſua entrada. E claro eſtà que ſem intervir milagre mal poderia prègar, e ſer entendido entre gente rude, e plebea, quem ſe naõ declaraſſe com a lingoagem da terra, como fazia Frey Sueyro, que por iſſo ſua doutrina fructificou tanto, que em breves dias teve Frades pera povoar Conventos. E creceo tanto em reputaçaõ no Reyno (que he o ſegundo ponto de ſuſtancia dos acima offerecidos) que achamos ſeu nome em autos publicos dos Reys, e entre os grandes delle: couſa que naõ ſomente o califica por natural, ſenaõ tambem por nobre. E moſtrado iſto, ſuperfluas ficaõ todas as mais provas.

Moſtrallo emos por duas eſcrituras, cujos originaes temos na torre do tombo (que he o Archivo real das memorias antigas) das quaes daremos ao diante tresladados alguns pedaços a outro propoſito: contèm huma dellas certa compoſiçaõ que el Rey dom Sancho ſegundo chamado o Capello fez com ſuas tias dona Tareja, e dona Sancha, e dona Branca, ſobre huma contenda que avia muitos annos durava, e fora cauſa de grandes deſgoſtos entre el Rey dom Affonſo ſegundo ſeu pay, e eſtas Infantes, da qual ao diante ſerà forçado darmos mais larga noticia. Neſta eſcritura achamos aſſinado o Arcebiſpo de Braga, que entaõ, e ſempre foy o primeyro prelado do Reyno, e com elle Frey Sueyro com eſtas palavras: *Suerius Prior Fratrum Prædicatorum in Hiſpania.* A outra he hum compromiſſo que paſſou entre o meſmo Rey, e o Arcebiſpo de Braga dom Eſtevaõ Soares da Sylva em materia de perdas, e danos, de que aquella Igreja pretendia ſatisfaçaõ contra el Rey dom Affonſo ſeu pay, e de conformidade fizeraõ juiz louvado de toda C. 21. & 22.

da a cauſa a Frey Sueyro em primeyro lugar, e elle os compoz. E bem ſe deixa entender que a rezaõ de natural obrigou a el Rey, e ao Arcebiſpo. Porque naõ pudera hum homem eſtrangeiro ignorante nos eſtilos do Reyno, nas valias, e eſtimaçoens das couſas, nas moedas, nas compras, e vendas ſer buſcado pera tal negocio, nem elle aceitallo, requerendoſe homem muy verſado em tudo. Donde fica claro que naõ ſomente era Portuguez, do que jà ninguem pode duvidar, mas que tambem era muito nobre em ſangue, e homem de letras. Porque todas eſtas partes era rezaõ concorreſſem em juiz de tais peſſoas, mormente ſendo entrado de poucos annos no Reyno. E naõ he poſſivel que sò ſua virtude, por grande que era, o levantaſſe a tanto, ſe naõ fora acompanhada, e favorecida de dous taõ poderoſos adjuntos, como ſaõ ſciencia, e nobreza.

Ajuda eſta opiniaõ acharmolo nomeado em todas as eſcrituras antigas com o titulo de Dom, contra o coſtume dos noſſos Frades, ainda que Provinciaes, e Geraes foſſem. Aſſi o nomea el Rey dom Fernando o Santo de Caſtella em huma ſua proviſaõ que adiante tresladaremos, e o Biſpo de Coimbra na licença que lhe dà pera prègar, e o que he mais nas eſcrituras do compromiſſo que paſſou diante del Rey dom Sancho eſtà com o meſmo titulo nomeado: o qual ou pertencendolhe por rezaõ de pay, e avòs, ou de alguma honra, ou Prelacia que antes de religioſo poſſuiſſe, naõ ſe communicava naquelle tempo ſe naõ a peſſoas muy aventajadas em merecimentos das ordinarias. Que lhe pertenceſſe por rezaõ de ſangue, e parentes ſe infere bem do livro do Conde dom Pedro em muytos titulos de familias illuſtres, a que daõ principio homens deſſe nome hora em proprio, hora em patronimico. Como he no titulo 21. onde diz aſſi: *Dona Marinha Gomez filha de dom Gomes Mendes Gedeaõ, e de dona Mor Paes filha de dom Payo Soares, neta de dom Sueyro Paes.* E no meſmo titulo, quando nomea os que acompanharaõ a Gonçalo Mendes de Amaya o lidador, aponta os ſeguintes: *Dom Soeyro Ayres de Valadares, dom Nuno Soares, dom Sueyro Paes, dom Sueyro Viegas filho do bom Egas Monis de riba de Douro.* E no titulo ſeſenta, e dous temos hum periodo que diz: *E dona Marinha Martins irmam da dita dona Sancha, foy caſada com Sueyreanes de Pauha, e fez em ella Joaõ Soares de Pauha, e Gomes Soares, e dona Conſtança Soares que foy Abbadeſſa de Lorvaõ, e outro que óuve nome Pay Soares de Pauha, e Frey Vaſco Soares que foy frade Prègador.* E que lhe pudeſſe pertencer o Dom por rezaõ de Prelacia, ou outra grandeza ſemelhante, Serafino Razzi autor Italiano no lo perſuade, dizendo que deixou prenda grande no mundo, por ſeguir a humildade da Religiaõ. E bem podiamos preſumir ſem temeridade que ſeria o noſſo Frey Sueyro filho ou neto deſte Sueyreanes, collegindoo polo filho ſabido Frey Vaſco (como he ordinario obrigar o parenteſco a muitos a ſeguirem a Religiaõ.) A S. Bernardo naõ ficou irmaõ no mundo tendo muitos. S. Domingos de

Nobiliario do Conde dom Pedro.

Seraph. Razzi na vida de S. Doming.

de dous que teve, levou hum apos ſi. Naõ ignoramos que o, Dom, podia ſer honra anexa a Conego regrante uſada inda oje. Mas ſe por eſta rezaõ lhe tocara, tanto que mudou o habito, devia mudar as honras delle: e as eſcrituras que apontamos ſaõ todas feitas alguns annos deſpois de deixado o habito de Conego, e trocado no que oje uſamos.

Ficaõnos por moſtrar ſuas letras. E como em couſas taõ antigas, e faltas de luz de hiſtoria, he forçado governar por conjeituras, baſta pera darmos por certo que foy letrado, ſabermos alem do que Seráfino Razzi conta delle, que o eſcolheo N. Padre pera fundar a Ordem em ſua patria Eſpanha, e por Prelado dos que a iſſo mandava, ſendo Eſpanhoes, e peſſoas de muita conta. E como nos conſta que alguns dos companheiros eraõ letrados, e que a Paris inviou a Frey Matheus que o era, bem ſe ſegue que naõ mandaria a ſua Patria homem idiota. Aſſi lhe devemos por todas as vias, e daremos daqui em diante o nome de dom Frey Sueyro Gomes.

CAPITULO XI.

Dàſe conta do eſtado, e governo do Reyno do Reyno de Portugal na chegada de dom Frey Sueyro Gomes: e do que fez entrando, e como deu principio ao primeiro Convento que ouve em toda Eſpanha da Ordem dos Pregadores.

INverno era eſcuro, tempeſtuoſo, e triſte, como atras começamos a dizer, quando dom Frey Sueyro entrava polas portas de ſua patria, naõ sò na ſazaõ, e tempo do anno, mas muito mais nas vidas, e conſciencias de quaſi todos os moradores della. Reynava em Portugal dom Affonſo ſegundo, que chamaraõ o gordo. Deicharalhe ſeu pay el Rey dom Sancho primeiro o Reyno acrecentado de terras, florecente de paz, e a caſa real cheya de prata, e ouro, à cuſta de ſeu braço, e ſangue, e de muitas vitorias alcançadas dos Mouros, e parecendolhe rezaõ deixar bem herdadas nelle tres filhas ſuas, Tareja, Sancha, e Branca, ou fiando no muito que tinha trabalhado pera poder partir largo, ou deſconfiando da condiçaõ do filho que jà devia ter conhecida: repartira entre todas tres muito dinheiro, muito ouro, e prata lavrada, e em particular deixara a dona Tareja a Villa de Montemor o velho, e a dona Sancha a de Alanquer (tanto ha que eſta Villa de Alanquer começou a andar bem aforada, e pertencer a gente real) e deralhes a poſſe dos lugares em vida. Tanto que o filho lhe vio os olhos cerrados, pretendeo fazerſe ſenhor das terras. Poemſe em armas, revolve o Reyno. Tinhaõ as Infantes brio, e valor de quem eraõ: naõ lhe faltavaõ valedores na terra, e nos Reynos vizinhos, defendiaõ ſeu partido animoſamente. Eſte foy o principio do reynado del Rey dom Affonſo, e ceſſando as armas entraraõ em lugar dellas litigios, odios, diviſoens, e longos debates de eſcomunhoens, e interditos, com que o Papa acudio em favor das Infantes, que pediaõ termos judiciais contra a força que por muitas vias

Duarte Nunez de Liaõ na vida del Rey dom Sancho primeiro.

ſe lhes fazia. E quando pareceo que ſe quietava a tempeſtade com eſperanças de concertos que ſe tratavaõ, começaraõ novas contendas occaſionadas da liberdade da guerra, e diviſoens paſſadas (que taes ſaõ os fruitos da diſcordia) queixandoſe o Arcebiſpo de Braga dom Eſtevaõ Soares da Sylva em ſeu nome, e do Clero do Reyno, de grandes perdas dadas às Igrejas em geral, e particular, forças feitas nas rendas, e patrimonio eccleſiaſtico, roubos de gados, e dinheiros, quebrantamentos de foros, e privilegios, e izençoens concedidas pola ſuprema Cadeira. E dilatando el Rey a ſatisfaçaõ, ou por conſelho de gente intereſſada, ou por entender que a naõ devia, fulminou o Arcebiſpo novas eſcommunhoens contra os miniſtros Reais, e deſpois agravando as cenſuras veyo a pòr interdito em todas as terras do Reyno, ſalvo as que eraõ da obediencia das Infantes.

Neſte eſtado eſtava Portugal quaſi ſemelhante ao dos Mouros ſeus vizinhos em naõ ter Miſſa, nem officio Divino, nem ſom de ſinos, ou outra ſolenidade eccleſiaſtica (infelice, e calamitoſo eſtado) quando a miſericordia Divina, como tem por objeito a maior miſeria, e acode ſempre aos maiores deſemparos, ordenou que entraſſe pera remedio univerſal, e inſtrumento de paz, e nova primavera em vidas, e almas o embaixador da nova Religiaõ dom Frey Sueyro Gomes. Reyna no commum da gente Portugueſa huma affeiçaõ a ſeu natural mayor com grande aventagem, que em todas as outras naçoens, ou porque a bondade da terra o merece: ou pola condiçaõ branda dos homens. Vinha dom Frey Sueyro alvoroçado pera ver ſua terra, naõ por matar ſaudades de muitos annos de auſencia de parentes, e amigos; que eſtas tinha a Deos ſacrificadas, quando deixou o mundo, mas pera enriquecer as almas com a doutrina de ſeu grande Meſtre. Conſiderava o muito fruito que com ella deixava feito por Catalunha, e Aragaõ, nas Cidades de Barcelona, e C,aragoça, e nas que ouviraõ ſua prègaçaõ por Caſtella, ſendo recebida em todas com proveito das almas, e eſpertando Deos por ſeu meyo amor do Ceo, e da ſalvaçaõ: fazia conta, (e parecialhe que a naõ lançava errada) que naõ fructificaria menos, ſemeada nos coraçoens Portuguezes, devotos por natureza, e diſpoſtos ſempre pera emprezas de fim honrado. Mas quando chegou, e entendeo nos primeiros lugares o que paſſava em todos os mais, quais eſtavaõ as cabeças, quais os membros, facil he de crer a dòr que ſua alma receberia. Porem, como em natural, ſe bem era grande a magoa do que ouvia, naõ ſeria menos a compaixaõ, e o deſejo que a força da caridade acenderia de remedear tamanhos males. E por muito que o embaraçava o enemigo commum offerecendolhe montes de difficuldades pera o acovordar: a neceſſidade da terra a quem devia o ſangue, e a criaçaõ, a lembrança de quem o mandara, e do a que vinha lhe davaõ animo pera vencer tudo, e paſſar adiante. E determinado em naõ largar o arado que huma vez tomara na maõ, nem

ném ſomente olhar pera tràs, ſò trátava conſigo que lugar demandaria primeiro, porque o eſtado das couſas fazia vacillar os conſelhos. A tençaõ que de longe trazia, era naõ buſcar Rey, nem corte, onde poderia encontrar amigos, e conhecidos, e por ventura parentes (que mal, e com grande riſco torna ao mar, e ondas das cortes quem huma vez lhe pode, ou ſoube fogir, foſſe acaſo, ou por conſelho.) Determinava entrar em lugares grandes, onde reyna a ſoberba, anda ſem freyo a cobiça, a abundancia, e ocioſidade trazem todos os vicios eſpertos ſenhores das almas. A tais lugares, e contra tais monſtros fazia conta que era mandado. Agora vè, que eſtando todo o mal na cabeça, parecia tempo perdido aplicar medicamentos a outros membros, e que bem poderia aparecer diante do Rey, e dos validos quem foſſe armado de huma firme determinaçaõ de naõ querer, nem dizer outra couſa, ſenaõ hum, *non licet tibi*: como outro Bautiſta. Levavaſe deſte penſamento, e quaſi ficava vencido delle: mas logo tornando ſobre ſi, e temendoſe delle como de fina tentaçaõ, em fim aſſentou em yr direito à villa de Alanquer que sò eſtava deſaſſombrada de interditos, e daly proceder ſegundo aconſelhaſſe o tempo. E aſſi o fez.

Como hia magoado de tanta Igreja fechada, e tanto ſilencio, e triſteza como atè aly achara em todas, alegrou ſeu animo com a viſta de hum lugar, que sò lhe parecia gozar de Sol, e luz. Começou logo a dar alegres novas ao povo da nova Ordem que era vinda ao mundo a prègar verdades, e publicar deſenganos, e por iſſo tinha titulo de Ordem de Prègadores, da qual elle vinha por meſſageiro a Portugal pera grande bem das almas, e conſciencias de todos. A novidade deſta lingoagem, o geito, e compoſiçaõ eſtranha do homem, e a lingoa Portugueza grangearaõ graça, ajuntaraõlhe ouvintes. Prègava cada dia nas Igrejas, e praças. Dezialhes entre outras couſas, que ſe bem tinhaõ o Reyno livre, à cuſta de muito ſangue, do injuſto ſenhorio dos Mouros, que tantos annos o piſaraõ, e poſſuiraõ, inda faltava libertallos de outros Mouros, enemigos mais pernicioſos, e tyrannos injuſtiſſimos das almas, que eraõ infinitos vicios, abuſos, e deſordens que levavaõ ao cativeiro do inferno, contra os quais eraõ neceſſarias forças, e poder do Ceo, naõ baſtavaõ as humanas. Que em vaõ ſe jactaria de forro, e livre quem da caſa em que vivia naõ foſſe inteiro ſenhor: ſem proveito mondaria o lavrador ſeu trigo, ſe cortando as ervas que o affogavaõ, lhe deixaſſe na tetra as raizes, donde ao outro dia brotavaõ de novo: que como a raiz das calamidades que ainda opprimiaõ grande parte de Eſpanha aviaõ ſido peccados, e devaſſidoens na vida dos Reys, e dos vaſſallos, ſe deſenganaſſem, que durando eſta, inda eſtavaõ ſopeados, inda cativos. Aſſi os perſuadia, e juntamente fazia temer, diſcorrendo polas miſerias, e infamias do peccado, e polas penas, e caſtigos que acarrea em vida, e morte. Logo os aſſegurava, e alegrava com a facilidade do remedio junto a eſperanças de grandes bens

por meyo do Santo Roſario da Virgem puriſſima, recontando os maravilhoſos effeitos que por elle vira na guerra dos Albigenſes. Dava o Senhor dos Ceos viveza nas palavras efficacia nas rezoens. Era ouvido com ſilencio, e attençaõ, e moſtravaſe no ſembrante de todos, que sò lhes faltava Meſtre pera correrem os caminhos da virtude. Seguiraõ obras, começaraõ confiſſoens. Era buſcado, e tratado pera materias de conſciencia. Bem ſe deixa entender como ſe alegraria ſeu eſpirito com taõ bons principios, e tal diſpoſiçaõ.

Foy a nova à Infante dona Sancha (Raynha lhe chamaõ as Hiſtorias antigas, que era o titulo, com que entaõ ſe tratavaõ as filhas dos Reys) deſejou de o ver, e ouvir: mandao vir diante de ſi. Era Alanquer villa pequena em praça, e povo, mas honrada por antiguidade de ſua fundaçaõ, e calidade dos moradores ricos, e bem erdados na largueza, e fertilidade dos campos vizinhos, que lava o Tejo. Foy ſeu primeiro nome Alanoquerca, e polo que delle pareçe, devia ſer edificio de Alanos, huma das naçoens Septentrionaes que paſſaraõ a Eſpanha, e aſſentaraõ neſta parte de Portugal, muitos annos antes dos Mouros, comeo-o, e encurtouo o tempo, como faz a tudo. Era a Infante ſenhora do lugar, como atràs tocamos, e vivia nelle reſpeitada por quem era, e igualmente polas grandes virtudes de que era dotada. A renda era curta pera ſua calidade, e caſa, mas valiaſe de muita riqueza, que ſeu pay el Rey dom Sancho lhe dera em vida, e governavaſe com tal prudencia, que tinha pera ſi, e pera alargar a maõ em eſmollas: de ſorte que era ſua caſa hoſpital de pobres, e refugio de peregrinos. E develhe Alanquer poderſe gabar de ſer o primeiro lugar, que ouvio, e agaſalhou em Portugal os embaixadores Euangelicos dos grandes Patriarchas Franciſco, e Domingos, e o primeiro que lhes deu de ſeu ſangue filhos, e diſcipulos. Porque tambem aqui vieraõ primeyro os Santos Frey Zacharias, e Frey Gualter da Ordem Franciſcana primeyros meſſageiros, pera eſte Reyno. Achamos poſto em memoria deſta Princeſa, que era dada à liçaõ de livros devotos, e vidas de Santos, e que lendo as colaçoens dos Padres do ermo nos eſcritos de Joaõ Caſſiano, eraõ grandes os deſejos que acendiaõ em ſua alma aquelles exemplos de ver em ſeu tempo ſemelhantes eſpiritos, e ſemelhantes exercicios. Quando vio, e ouvio a dom Frey Sueyro, entendido fica qual ſeria a pratica. Podemos crer que foy toda celeſtial. Aſſi ficou entendendo que tinha preſente, e vivo o que là na letra morta lhe retratavaõ os ſeus livros. Vieraõ por fim de prarica a tratar da cauſa de ſua vinda, declarou elle com breves, e humildes rezoens, que naõ era outra ſenaõ eſpertar na gente Portugueza memoria da ſalvaçaõ, e deſejos do Ceo, e de vida perfeita: e pera eſte fim fazer de ſua parte tudo aquillo com que entendeſſe a poderia obrigar, e levar a elle: e ſe achaſſe (como eſperava em Deos, e na grande virtude de hum Pay, e Meſtre, e grande Santo que o inſinara, e o in-

F. Marcos de Lisboa na Cron. dos Men.

Rezende in vita B. Ægidij l. 2. tract. 2. & 85.

Idacio Claro na ſua Cronol. Monarc. Luſit. p. 2. lib. 6. c. 3.

o inviava) quem o quiſeſſe ſeguir, e ajudar, trazia animo de ajuntar companhias, e edificar caſas que foſſem humas praças fortes, guarnecidas de valente preſidio contra o Inferno, e humas eſcolas donde ſe ouviſſem vozes continuas que eſtiveſſem retinindo nas orelhas do povo, hora com louvores de Deos, hora com brados, e clamores em abominaçaõ de vicios, e peccados. Naõ ſe podia dizer à Infante couſa de que mais ſatisfaçaõ teveſſe. E como era paſto ſuaviſſimo pera ſua alma, aſſi he de crer, que logo daly, inda que muitas outras vezes o ouvio em publico, e em particular, ficou traçado que o Santo varaõ lançaſſe olhos por lugar acomodado a ſeu intento. E ou foſſe que a eſtreiteza da villa lhe naõ deſſe azo a edificar nella, ou que quiz, como parece mais provavel, ſatisfazer à tençaõ, e deſejo pio da Infante (digo provavel, porque naõ temos luz de eſcritura que nos guie no certo, e vamos em muitas couſas, arrimandonos a tradiçoens, e conveniencias) eſcolheo pera morada ſua, e ſitio do primeiro Convento a ſerra de Monte junto, e nella huma ermida da invocaçaõ de Noſſa Senhora das Neves. E tal foy o principio, e ſolar que teve a Familia dos Prègadores, e Ordem Dominicana neſtes Reynos de Portugal, como veremos mais em particular no capitulo ſeguinte.

CAPITULO XII.

Deſcreveſe o ſitio do primeiro Convento que a Ordem de S. Domingos teve em Portugal, e a fabrica delle.

A Duas legoas e meya de Alanquer contra o Norte ſe levanta a ſerra que oje chamaõ de Monte junto. A mayor antiguidade lhe chamou Monte ſacro, e tambem Monte tagro, nome que com pouca differença ſe conſerva inda oje no lugar de Tagarro ahi viſinho. Nos a puderamos nomear por hum sò monte de pedra, ou huma sò pedra, antes que ſerra. Porque o nome de ſerra comprende montes de penedias, e rochedos encadeados, e continuados com valles, e ſobidas: e eſta conſta de huma sò pedra, ou monte que igual, e juntamente crece, e ſobe, em meyo de terras lavradias, e por toda parte cultivadas, e ainda que ſaõ dobradas, e de varzeas, e outeyros entreſachadas, ficaõ em comparaçaõ della hum campo razo. E tal viſta offerecem aos olhos de quem do alto as conſidera. Repreſenta eſta pedra que terà de ſobida huma boa meya legoa, tendo no pè, e fundamento mais de quatro de circuito, e he taõ agra, e alcantilada em roda, que com grande difficuldade ſe pode ſubir a cavallo. Porque em muitas partes naõ ha paſſar ſem apear, e valer das maons, como dos pès. Sò da parte occidental contra Villa verde offerece huma coſta alguma couſa menos ingreme, a qual ſe fora cortada, como era facil, tinhamos aqui hum retrato de huma daquellas for-

Reſende l. 1. das Antiguid. f. 40. M. Varro Columella. Plinio.

forças que nos pintaõ as Hiſtorias da India, e Etiopia por inexpugnaveis. Porque ſendo da natureza criadas a eſte modo muy altas, e talhadas em roda como ao picaõ atè as rayzes, baſtaõ pera defender huma sò entrada, ou duas que ha feitas à maõ, muyto poucos homens contra grandes exercitos: e contaſe que tem no alto largueza pera ſuſtentar muyta gente. Eſta farà no cume duas legoas de praça, e ainda que quaſi tudo he pedra continua, abre no meyo huma grande varzea de terra lavradia, que terà em circuito meya legoa, a que fazem coroa groſſas penedias veſtidas a partes de matos eſpeſſos, e crecidos, guarida de lobos, e outros animais ſilveſtres: na varzea ha duas lagoas de agua clara, e boa: e em pouca diſtancia, e ſobre huma pequena coſta, que ainda ſe ſobe aſpera ſempre, e pedregoſa, ſe acha huma ermida, a que a devaçaõ dos vizinhos deu nome de Noſſa Senhora das Neves. A caſa he pequena, e baixa, mas pera deſerto de boa fabrica. Tem de fòra ſeu recebimento, ou alpendre cuberto: e dentro diviſaõ de Capella, e corpo de Igreja, com ſeu arco em meyo, tudo cerrado de abobada. Fòra do arco, e das grades que o cerraõ, tem ſeus altarinhos, como he coſtume de huma, e outra parte. No altar da Capella ſe vè hum retabolo com huma imagem de Noſſa Senhora, e outras de Santos, tudo pintura moderna. Nas paredes pendem algumas memorias de enfermos, e cativos. Nos altares traveſſos naõ ha pinturas, mas algumas figuras de vulto de antiga eſcultura, e groſſeira: entre ellas duas com habito Dominico, das quais huma tem nome de S. Domingos, e eſtà autorizada com mitra na cabeça (devia julgar a ſimplicidade montanheza, que naõ lhe eſtava bem aos pès) todas prometem huma grande antiguidade, naõ sò no feitio, mas no trato, e repreſentaçaõ da madeira comida, e conſumida da velhice, e do tempo. Na entrada da porta ſe acha huma pia aberta ao picaõ na lagea, e chaõ natural da ermida, que juntamente he pia, e fonte, porque corre agoa, e dura a fama de ſer milagroſa pera infirmidades. A hum lado vaõ continuadas, e contiguas duas pequenas caſas, como de Sacriſta, huma dellas com chaminè, e deſtas correm algumas paredes arruinadas, que moſtraõ diviſoens, e ſinais de caſas algum tanto mayores, e cerca eſpaçoſa, em partes pedra em ſoſſo, noutras pedra, e barro, em nenhuma raſto de cal, nem pedra lavrada, nem ſinal de edificio curioſo. E tal he o eſtado preſente da ſerra, e da ermida: do que entaõ era naõ nos conſta. Mas aquellas figuras velhas, e mal obradas, a oſſada pobre de caſas, e paredes delidas da força dos annos acreditaõ com baſtante teſtimunho a tradiçaõ recebida, e continuada por quatrocentos annos nos povos vizinhos de pays, e avòs: de que ouve aly caſa, e Convento de noſſa Ordem. Porque de nenhuma outra couſa podiaõ ſervir aquelles pobres edificios: nem a eſtranheza do ſitio podia conſentir outros moradores, ſe naõ foſſe gente aborrecida da vida, e deſejoſa de abreviar os caminhos pera o Ceo. E bem podemos

Fr. Joaõ dos Santos na ſua Etiopia l. 4 c. 4. & 5. Anton. Pin. nos cercos de Goa, e Chaul. l. 1. c. 7 & 9. Q. Curt. in hiſt. Alexan. Lopo de Souſa Coutinho no cerco de Diu l. 1.

demos ter por certo que ſeria tudo entaõ muito mais fero, e mais inculto, pois naquella idade muitas terras chans eraõ cubertas de brenhas, e criavaõ animais bravos, à falta de quem as abriſſe. E tal devia ſer a informaçaõ que ſe deu a dom Frey Sueyro. Mas elle naõ ſe eſpantando nem deſcontentando de nada ſobio à ſerra, viſitou a ermida, lançouſe por terra diante daquella Senhora, dandolhe graças, como he de crèr, com lagrimas de alegria, por ver que aſſi como a ſeu Meſtre dera em França primeyro gaſalhado em caſa ſua, qual era a de Prulliano, aſſi o queria tambem dar ao diſcipulo em parte taõ diſtante. Aqui lhe pederia, que aſſi como com as neves de que aly tinha a invocaçaõ, dera antigamente ſinal na força das calmas do eſtio, que lhe agradava a devaçaõ daquelles dous ſervos ſeus que em Roma lhe tinhaõ offerecido almas, e fazenda, quiſeſſe moſtrar agora ſeu ſoberano poder, derretendo neves de alguns coraçoens enregelados, com chamas de celeſtial caridade que alumiaſſem entendimentos, abrazaſſem vontades, pera que ceſſando eſcandalos, e contendas ficaſſem diſpoſtos pera receberem a doutrina do Ceo, que de taõ longe lhes vinha communicar, como jà ſe hia recebendo, e eſtimando naquella pequena villa. Naõ achamos apontado mez nem dia em que o edificio começaſſe a crecer, nem a ſer povoado. Mas bem ſe ſegue, que como a efficacia de ſua pregaçaõ, e a devaçaõ Portugueza lhe foy logo ajuntando companheiros (que iſto he couſa ſabida) naõ tardaria em os levar ao Monte, e como ſeu penſamento sò em architectura celeſtial tinha a mira, poſtos na ſerra apareceria a caſa acabada taõ depreſſa, como traçada. Deu o monte pedra, madeira, e barro, poſeraõ elles as mãos, e o ſerviço. Começouſe a exercitar o rigor monaſtico, ao que podemos alcançar com a primavera do anno ſeguinte de 1218. Exercitavaõſe em todo genero de mortificaçoens que a religiaõ inſina das portas a dentro, jejuns, cilicios, diſciplinas, vigilias, ſilencio, e oraçaõ continua. Ao trabalho de caſa ſeguia o de fora tanto mais intoleravel, quanto era tomado por gente exauſta de forças com os rigores caſeyros. Deciaõ da ſerra, entravaõ polos lugares a mendigar a pobre mantença. Se a traziaõ, e ſe a naõ traziaõ tudo era tormento. Porque a coſta aſpera pera os que tornavaõ leves, e ſem eſmola, era trabalhoſa por ſi, e por averem por culpa, e demerito proprio naõ alcançar com que alimentar os companheiros, e a ſi: e aos carregados o peſo lhes tirava as forças, e os quebrantava de novo. Valia em tudo o exemplo do Meſtre, que como ſabia ſer o primeiro, e mais diligente no que era mais penoſo, naõ avia nenhum covarde nem froxo. Lembravaſe o Santo Varaõ dos eſtranhos generos de padecer que notara em ſeu bom Meſtre: as diſciplinas noćturnas ſempre com ferro, e nunca ſem ſangue: as quareſmas inteiras de paõ, e agoa: a terra fria por cama, o Ceo por manta: o pendurar os çapatos no cinto polos caminhos do monte por ſe magoar: o calçallos no povoado por fogir vamgloria: correrem os pès ſangue, 1218.

e a

e a boca entoar alegres hymnos, convidando os paſſarinhos a louvores do Criador. Via que criava noviços, naõ sò pera religioſos ordinarios, mas pera meſtres, e pays da provincia que vinha fundar, naõ lhe ficava nada por fazer pera boa inſtituiçaõ: e ajudavao a graça Divina a levar hum trabalho que excedia as forças humanas. Amanhecia em Alanquer, e polos outros lugares vizinhos a doutrinar, inſinar, e prègar: e deſpois de canſado, e moydo deſte ſerviço, hia tambem de porta em porta pedindo hum pedaço de paõ pera ſi, e pera os ſeus. E quando avia de aliviar, tornava a ſobir a ſerra, ſobida que sò por ſi, quando muito ocioſo, e folgado andara, era tormento exceſſivo. Edificavaõſe, e eſpantavaõſe todos, e elle cuidava que fazia pouco, e que era obrigado a mais. E eu tambem cuydo que eſta demaſia em trabalhar nos obriga a inquirir, e diſcurſar polo officio que fazemos de Hiſtoriador, que rezaõ podia mover a hum varaõ ſiſudo a huma empreſa taõ ardua como foy ſeguir juntamente vida do deſerto, e do povoado: contemplativa entre feras, e penedos: e activa entre homens: feito Ancoreta ſolitario, e no meſmo tempo prègador, e meſtre cercado de povo, e ouvintes. A contradiçaõ he grande polo eſtremo de ſe alongar tanto da gente, que parecia impoſſivel poder acudir ao inſino della (que he o fim principal deſta Ordem) e vira em ſeu Meſtre exemplo differente, pois naõ edificara fòra de povoado. Donde infiro que neſte novo modo de vida teve algum fim mais alto, e sò encaminhado ao remedio dos males que via no Reyno, ſem ſer ſua tençaõ ficarem elle, nem os ſeus pelo tempo adiante moradores do ermo. E pera concluir digo, e ſinto, que conſiderando eſte prudente varaõ o calamitoſo eſtado do Reyno na parte mais importante que era a eſpiritual, e vendo a quietaçaõ com que os grandes ſe deixavaõ eſtar eſcomungados, e interditos, ouveſe por obrigado em razaõ de letrado, e nobre, e por miniſtro Apoſtolico da prègaçaõ Evangelica ſignificar deſde logo, que naõ aprovava, nem aprovaria em nenhum tempo tal modo de proceder, por mais rezoens que por ſi alegaſſem. Clara ſignificaçaõ foy, inda que muda, deſviarſe da Corte logo no principio, alem das mais cauſas que apontamos. E com o meſmo intento foy a retirada que agora fez da villa de Alanquer, eſcolhendo antes viver entre feras, que na companhia dos homens, pera que quando foſſe conhecido, e buſcado (como eſtava certo o avia de ſer) do Rey, e dos grandes, calando reſpondeſſe, e moſtrando que dentro em ſua patria vivia como peregrino della, ſerviſſe tal obra de lingoagem, e rezoens vivas, que lhes eſtiveſſem lançando em roſto, e eſtranhando a temeridade com que ſe mantinhaõ tanto tempo avia, contra eſcomunhoes, ſem final de humildade, nem cuydado de paz. Perſuadiaſe dom Frey Sueyro que era obrigaçaõ dos que Deos poz em lugar alto por qualquer via que a elle ſubiſſem, naõ sò naõ ajudarem, nem autorizarem, nem favorecerem as obras exorbitantes, e deſarezoadas, e aos autores

tores della : mas torcendolhe o roſto, e fogindolhe com a preſença teſtimunharem ao mundo, que naõ eraõ nellas , nem com elles conſintidores. Foy o conſelho aprovado do ſucceſſo. Porque em fim era conſelho de quem ſe tinha todo entregue a Deos, e por elle vinha guiado , como adiante o veremos: deſpois que diſſermos alguma couſa do Padre Saõ Domingos , com quem he força que vamos continuando, e tecendo eſta eſcritura que delle depende em quanto o temos vivo.

CAPITULO XIII.

Das grandes maravilhas que Deos noſſo Senhor obrou em Roma por S. Domingos. Contaſe a nova forma de habito que o Santo deu aos ſeus Frades , e a rezaõ della : e como poz em clauſura as Freyras de Roma. Ordena liçaõ de Theologia no ſacro Palacio , e he o primeiro Leitor della. Prèga a devaçaõ do Roſario.

EM quanto nas ultimas partes do Occidente paſſavaõ as couſas que temos contado , corriaõ as da Ordem em Roma com grande proſperidade , acreditando Deos a ſeu ſervo Saõ Domingos com huma extraordinaria corrente de mercès , e favores do Ceo: de ſorte que em poucos meſes ſe vio o Santo naõ sò pay de muitos filhos, mas de muitos Conventos , e grandes familias Patriarcha. Diremos algumas brevemente , e quanto baſtem pera ſe entender o proceſſo de ſua vida que começamos. Entrou o Santo em Roma por fim de Outubro do meſmo
1217. anno de 1217. deſpois de ter dado à ſua Ordem os principios que temos viſto em França , e Eſpanha. E como entrava jà fundador de Religiaõ pola Santa Sè Apoſtolica aceitada , e confirmada , foy recebido naquella Corte com hum taõ grande amor , e aplauſo de todo genero , e eſtado de gente , que ſe enxergava claramente ſerem effeitos da maõ Divina , naõ naſcidos nem grangeados por nenhuns meyos humanos. Tinhalhe Deos mandado polos Apoſtolos que prègaſſe , prometeralhe que ſeus hombros ſuſtentariaõ a Igreja: e como elle he o que dà os cargos , e juntamente a ſufficiencia pera elles , começou a deſempenharſe da promeſſa. Foy o principio pòr taes palavras na boca do ſeu prègador , e darlhe tal graça nellas , que trazia toda a terra apos ſi , e como couſa celeſtial era ouvido , buſcado , e ſeguido : dos peccadores pera remedio , dos bons pera guia , parecendo a todos que naõ podia faltar meyo de ſalvaçaõ , e abundancia de bens do Ceo em tal companhia , e doutrina. Eraõ tantos os que lhe pediaõ o habito , que toda caſa era eſtreita pera os recolher. Acudio o Santo Pontifice Honorio a eſta falta : deulhe a Igreja de S. Sixto pera Convento. Começa logo a edificar por huma parte , e receber noviços por outra. Creciaõ as paredes , e os habitadores como a competencia : e o Ceo tinha a cargo ajudar a obra com novos meyos.

Correndo a fabrica , cahio de improviſo hum lanço de parede velha : à viſta de muito povo junto colheo hum dos officiaes , foy grande a grita , acodem com preſſa a deſenterrallo , achaõno

ſem figura de homem, feito hum bollo. Naõ edificava o Santo pera matar, ſenaõ pera dar vida, e ſaude. Vem correndo, chegaſe ao defunto, poem os olhos no Ceo com huma breve oraçaõ, e logo levantando a voz manda ao ſeu official que ſe levante, e torne a vencer ſeu jornal. Obedeceo a morte, levantouſe o defunto, e tornou a trabalhar. Paſmaraõ os circunſtantes, e perguntavaõſe huns aos outros polo caſo, porque aos olhos proprios naõ davaõ credito.

Mas fez ceſſar o eſpanto outro caſo que logo ſe vio tras eſte. Huma dona nobre, mãy de hum sò filho (chamaõlhe os eſcritores Guttadona) tinhao enfermo. Deixouo huma manham, por acudir ao ſermaõ do Santo: tornando a caſa, achao paſſado da vida. Dà volta pera a Igreja com o minino nos braços, e vozes laſtimoſas ao Ceo: chama polo Santo, miſtura queixas com rogos: que de deixar o filho por devota, lhe nacia chorallo agora por moſina: que bem podia elle fazer por ſeu filho, o que fizera polo official da ſua obra. Laſtimaſe o Santo, conſolaa: ella pede obras, naõ palavras, vida pera o filho, e nella ſeu unico remedio. Venceſe o Santo, faz o ſinal ſantiſſimo da Cruz ſobre o morto, e entregao vivo a ſua mãy. Naõ ha palavras que poſſaõ encarecer o movimento que cauſou no povo tal ſucceſſo. Chegavaõſe ao Santo, cortavaõlhe a ſobrepelliz, e a loba, ſem ſe poder defender: faziaõ conta que levavaõ pera caſa antidoto contra todos os males.

Entre tanto enchiaſe o Convento de Frades, que he couſa certa paſſaraõ de cento em poucos meſes. Mas naõ parava aqui o eſpirito do Santo: a mayores empreſas ſe eſtendia. Deſejava o Papa reduzir a clauſura as Freiras de Roma, e particularmente as do Moſteyro de Santa Maria, que chamavaõ de trans Tyberim. Devaçara a malicia dos tempos, que ſempre correm pera pior, aquella ſimplicidade antiga, com que as donzellas que ſe recolhiaõ a ſervir a Deos nos moſteiros, fiavaõ tanto de ſi, e dos homens, que ſe atreviaõ a andar, e tratar fora de clauſura, e converſar entre elles naõ sò ſem dano, mas tambem ſem temor. Eſtava trocada eſta bondade de animos: eraõ tantos os ſucceſſos aveſſos, que ſe perdia a Religiaõ, e o credito della, e cumpria acudirſe ao mal com cura apreſſada. Pedioſe remedio pera gente viva, a quem o ſabia achar pera mortos. Chamou o Papa a S. Domingos, entregoulhe o negocio nas mãos. Molheres nobres, e ricas, e muitas em numero (eraõ quarenta e quatro) avezadas a liberdade: naõ podia com ellas o Principe ſupremo da Igreja, que faria hum pobre Frade? Viſitouas, prègoulhes, falou Deos por elle. Naõ sò ficaraõ perſuadidas a clauſura, mas o que ninguem cuidou, e que teve fortes contraſtes, aceitaraõ paſſarſe do lugar em que eſtavaõ, que era pouco decente, pera o ſeu Convento de S. Sixto. E começou logo de o accommodar pera ellas, e a caſa de Santa Sabina, que o Papa lhe nomeara de novo, pera os ſeus Frades.

Era jà neſte tempo o numero dos Frades taõ crecido, polos muitos que cada dia entravaõ,

vaõ, que ouve o Santo, podia partir com alguns lugares de Italia, dos muitos que com inſtancia, lhe pediaõ prègadores, e avia ſojeitos taes que ſe podia fiar muito delles. Pareceolhe tempo de empregar as novas prantas, e fazer miſſaõ nova. Mandou a Bolonha huns pera prègarem, outros pera eſtudarem, e a Milaõ, Como, e Bergamo pera entenderem na prègaçaõ, e doutrina do povo. E com tudo ficavaõ ainda em Roma, como diz a Hiſtoria, ao juſto cem Conventuais: eſtes viviaõ de eſmolas colhidas com alforge, e brado polas ruas, e portas, como fazem inda oje com ſanto exemplo os Frades Menores. Aconteceo hum dia fazeremſe horas de jantar, e naõ aver que pòr na meſa. Quem a tinha a cargo deu conta da falta ao Santo. Nunca mais bem aſſombrado, nem mais alegre roſto lhe viraõ: reſponde que fiem de Deos, e ſe faça logo o final coſtumado: faz elle o de Prelado: entra a Communidade, toma cada hum ſeu lugar. Naõ avia que benzer, mais que meſa ſeca: benze todavia dando graças ao Senhor pola mingoa, como outras vezes fazia pola abundancia (que em todo eſtado lhas devemos, ſe ſomos Chriſtaons.) Tudo foy hum, aſſentaremſe os Frades, e entrarem dous moços com caniſteis de paõ nos hombros, de que foraõ provendo todas as meſas: paõ alvo, e mimoſo, qual nunca olhos viraõ. A preſença, a diſpoſiçaõ, o geito dos ſervidores, arrebatou os olhos de toda a Communidade: e ſem ſaber como, deleitavaſe mais em ſua viſta, que no remedio da neceſſidade. Notouſe, que começaraõ a ſervir primeiro aos mais humildes leigos, e noviços moços, e dahi foraõ ſubindo atè o Prelado. Eſte modo de proceder, e a confiança dos autores delle, deu certo indicio de ſerem cortezãos do Ceo. Aſſi o declarou o Santo aos ſubditos, ajuntando por ley perpetua no ſerviço das meſas, a liçaõ que deraõ, que ſe guarda atè oje inviolavelmente por toda a Ordem. Segunda vez achamos que ſuccedeo a meſma neceſſidade, e ſoccorro nella polo meſmo modo, e na meſma caſa; sò foy a differença no numero dos que foraõ preſentes que eraõ sò 40. Frades.

Mas parece que o Ceo todo ſe queria occupar como à porfia em fazer honras a eſta Ordem. Apareceo por eſtes dias em Roma hum famoſo letrado em ambos os direitos, Dayaõ da Sè de Orliens, e Leytor da Univerſidade de Paris chamado Reynaldo, ou Reginaldo: o qual cuydadoſo de ſua ſalvaçaõ buſcou a S. Domingos, e aſſentou com elle deixar todas as honras do mundo, e veſtir o habito da Ordem, como cumpriſſe certa jornada de voto. Apercebiaſe pera ella, quando ſe vio ſalteado de huma febre ardente, ao parecer dos Medicos, mortal, e ſem remedio. Aſſiſtialhe o Santo, ſentido da perda de tal ſojeito, porque fundava nelle grande augmento da Ordem por letras, e virtude. Pediaõ ambos a Deos a vida, chamando por valedora com grande efficacia a Virgem Mãy, particular Mãy, e avogada deſta Ordem em todo trabalho. Naõ tardou a piadoſa Senhora em ſoccorrer a ambos. Viſitou peſſoal, e viſivelmente o en-

Cronica da Ordẽ. De Joaõ Garzon. Leandro Alb. l. 5. Apold. l. 2. c. 11. S. Ant. p. 3. t. 29. c. 4.

o enfermo, deulhe ſaude, e como em penhor della moſtroulhe hum habito, e eſcapulario branco, dizendo que tal como aquelle veſtiria, e tal queria que foſſe daly em diante o deſta Ordem em forma, e còr. Viſitou tambem, e alegrou a S. Domingos com a meſma viſaõ, e aviſo: e elle ſe veſtio logo pola traça das maons Divinas moſtrada, trocando a autoridade da loba, murſa, e roxete, trajo Epiſcopal; na humildade de hum habito, e eſcapulario branco, e capa preta tudo de pano groſſeiro, e no feitio eſtreito, e curto, e o meſmo fizeraõ todos ſeus ſubditos preſentes, e auſentes. E tal foy o principio do habito dos Prègadores, dadiva do Ceo, e vinda por meyo, e maõ da Mãy de Deos.

Continuava o Santo ſermoens de grande fruito por todas as Igrejas, e praças de Roma. Entrando hum dia no ſacro Palacio, notou que era infinita a gente que andava por aquelles clauſtros, e ſalas perdendo tempo em corrilhos, e murmuraçoens, em jogos, e outras leviandades, foy imaginando ſe poderia aver algum meyo de advirtir, e occupar em entretimento honeſto, e proveitoſo: Suſato c. 2. offereceoſelhe hum trabalho intoleravel pera quem como elle ſe repartia em tantos outros, que foy lèr huma liçaõ quotidiana da Eſcritura ſagrada nas horas que mais povo acudia ao Paço. E foy couſa taõ bem recebida do Papa, e Cardeais, que no dia que iſto vamos eſcrevendo paſſa de quatrocentos, e dous annos que perſevera, e ſempre em Leytores da meſma Ordem em que começou, ſem nunca aver mudança.

Ajuntou logo outra liçaõ pera os bem occupados de grandes proveitos, e pera todos. Foy a devaçaõ do ſanto Roſario: na qual ſe empregou com tanta efficacia com occaſiaõ da primeira, que pola novidade era frequentada do melhor de Roma, que a fez aceitar por todos os Cardeais, e ſenhores da Corte: recebendo de ſua maõ os inſtrumentos della, digo muitos ramais de Contas, que com grande goſto repartia: e vio logo dellas formoſos effeitos. Foy entre outros a converſaõ de huma molher de vida perdida, e que era cauſa de muitos a perderem. Porque ſendo dotada de excellentes partes naturais, ſerviaõlhe todas de fazer gente pera o Inferno, e abrazar a cidade em fogo de ſenſualidade, brigas, e odios: e procedeo ſeu remedio de hum Roſario que alcançou da maõ do Santo. Rezava por elle, traziaõ nas maons, e ao peſcoço. Em fim valeolhe pera merecer taõ boa ventura, que ainda antes de mudar de todo os erros da vida viſſe a Chriſto Redentor em ſua caſa, e à ſua meſa trocando figuras, pera lhe trocar a alma, hora tomandoa de minino, hora de homem de idade perfeita, huma vez com Cruz às coſtas, e coroa de eſpinhos na cabeça, outra pès, e maons correndo ſangue, e em fim feito ſeu Prègador: Obras que de peccadora por eſtremo devaſſa (louvemvos os Anjos JESU bendito) a trocaraõ em ſanta de eſtremos. Flamin. l. 2. Caſtilho p. 1. l. 1. c. 35.

Mas porque tràs eſte caſo ſeguiraõ outros em numero, e calidade eſpantoſos, que em Roma, e toda Italia fizeraõ a devaçaõ grandemente celebre: e pro-

procedendo o tempo a eſtenderaõ por todos os membros da Chriſtandade, favorecendoa Deos com tantas miſericordias do Ceo, e graças, e privilegios na terra por ſeus ſantos Vigarios, que jà naõ ha Cidade, nem Villa, nem aldea, nem ainda caſa particular, que deixe de a abraçar, e venerar dando por toda parte teſtimunho Chriſtaõ os ramais de Contas, hora nas mãos, hora ſobre os peitos: parece rezaõ, que pois eſta hiſtoria he do Patriarcha Saõ Domingos, e por ſeu meyo foy o Senhor ſervido mandar tanto bem ao mundo, digamos antes de paſſar adiante, alguma couſa do proceſſo, e augmento, e grandezas delle: e ſerà com a meſma brevidade que vamos ſeguindo, viſto como jà andaõ livros inteiros no meſmo argumento. Sohia a ſer no bom tempo, quando no mundo tinha lugar juſtiça, e rezaõ, que era patrimonio honrado atè dos filhos ricos, os bons ſerviços do pay, pera requererem, e alcançarem mercès do Rey da terra: nòs que ſomos filhos pobres, e temos requerimento com o Principe do Ceo juſtiſſimo, e riquiſſimo, he bem que tenhamos vivas, e poſtas em bons papeis as auçoens de que Noſſo Padre Saõ Domingos nos fez herdeiros, pera nos valermos nas neceſſidades da vida: principalmente quando a caridade dos proximos vay eſtando taõ resfriada, que quem naõ pode fazer ſeu o alheyo: contentaſe com fazer que fique meſcabado, e de pior condiçaõ pera ſeu dono.

CAPITULO XIIII.

Moſtraſe como Saõ Domingos foy o primeiro que inſinou a rezar por Contas os myſterios de noſſa Redençaõ, que he a devaçaò do Santo Roſario, contra os que a querem fazer mais antiga. Contaſe como reſuſcitou ao ſobrinho do Cardeal Eſtefano em Roma.

ALguns autores modernos que trataõ deſta ſanta devaçaõ, querem que ſeja taõ antiga que ſe lhe naõ ſaiba principio, e achamos que o diz hum, a quem outros ſeguem, por eſtas palavras: *Nam quoad antiquitatem, tanta eſt, vt eius initium ignoretur*, e pera a lançarem nos tempos muy atrazados, jà a referem aos do Concilio Claramontenſe, e de hum Pedro Eremita que nelle ſe achou polos annos do Senhor de 1095. jà a atrazaõ aos do Papa Leaõ Quarto, que foy no de 854. jà a lançaõ na primitiva Igreja, e idade dos Apoſtolos. E he bem de eſpantar, que ſendo obrigaçaõ dos homens de letras falar nas materias com diſtinçaõ, e clareza: e avendo neſta a forma da devaçaõ, que he o que propriamente ſe chama Roſario, e a ſanta Igreja na ſua Miſſa propria lhe chama ſacratiſſimo Roſario: e avendo tambem o material das Contas, polas quais ſe reza: elles juntaõ tudo, no nome do Roſario, e aſſi em confuſo fazem ſua origem eſcura, immemorial, e ignorada. E naõ ha duvida que ſe fizeraõ reflexaõ na differença que ha de huma couſa à outra, ella meſma os guiara pera acharem principio, e origem certa, no que he ſuſtancial di-

Franciſc. Soar. t. 2. de virtute Relig. l. 3. c. 9. Rebello no livro do Roſ.

digo na devaçaõ, e pſalteyro de Noſſa Senhora, cujo nome he Roſario, ou Roſal.

E começando a buſcalla por ordem, como quem deſeja deſcobrir verdades, querolhes conceder toda a mais alta antiguidade que pertendem no uſo das Contas, pera effeito de ſe contarem por ellas os Pſalmos, e Hymnos, e Oraçoens da ſanta Igreja rezando: e confirmolha aſſi. No tempo que os deſertos do Egypto ſe começaraõ a povoar daquelles ſantos Ermitaens, dos quais as hiſtorias Eccleſiaſticas nos daõ por pay ao Evangeliſta S. Marcos, taõ pobres que eſpantavaõ o mundo com ſuas penitencias, e com as faltas que padeciaõ: taõ Santos que Philo Judeu quiz honrar o Judaiſmo com ſuas virtudes, em hum livro que delles eſcreveo, dandolhe grandes louvores como a gente ſua, chamandolhe Eſſenos: he couſa certa que pera terem conta, e ordem no que aviaõ de rezar entre dia, e noite, ſe aproveitariaõ como gente neceſſitada de tudo, dos fruitos ſilveſtres, e ſecos do mato, infiados em ſeus ramais. E jà daqui fica colhida a etimologia das Contas polo effeito em que ſerviaõ. Que iſto foſſe coſtume entre os Ermitaens bom argumento he, naõ vermos nenhum nas pinturas antigas ſem eſtas infiaduras de eſteriles fruitos nas maons. E de que os meſmos uſaſſem em ſeus ajuntamentos rezar numero certo de Pſalmos, temos autor antiquiſſimo que o affirma, qual he S. Theodoreto. E pois avia conta, e numero de reza determinado, bem ſe ſegue que convinha aver algum meyo de fazer memoria: e os deſertos naõ o podiaõ dar melhor. Mas toda a duvida nos tira o coſtume que oje em dia dura entre os Mouros de Africa, de ſe ſervirem pera ſuas ſuperſtiçoens de grande ramais de Contas: coſtume taõ antigo nelles como ſua Seita, que tem jà de anſianidade mais de mil annos. Por noſſos olhos os vimos em Argel dar voltas a longas, e groſſas infiaduras, paſſando cada bugalho com duas palavras, que eraõ: *Stafar Alla.* Cuja ſignificaçaõ he: *Perdoame Deos.* Foy Mafamede colhendo da ley da Graça, e da eſcritura as couſas que lhe pareceo podiaõ autorizar ſeus deſatinos: eſtava bem reputado o exercicio das Contas, miſturouo com elles.

Ex aqui o uſo de Contas com muitos mais de mil annos de idade: mas que ſe ſiga diſſo, ſer taõ antiga como ellas a devaçaõ que lhe accomodamos hoje, e chamamos do Roſario, he couſa indigna de homens que falaõ ingenuamente. Aſſi temos juſta queixa contra Gregorio de Vilhegas de affirmar que o Papa Liaõ Quarto na guerra que teve com os Sarracenos em Hoſtia, armou ſeus ſoldados de Roſarios (ouvera de dizer, ſe tal ouve, ramais de Contas.) Mas culpa mayor he de quem fundou neſta palavra atrazar a devaçaõ a eſtes annos, que fica ſendo o meſmo que defraudar da honra della, a quem muitos deſpois foy ſeu primeiro, e verdadeiro inventor. Quanto mais que o que Vilhegas eſcreve he taõ mal fundado, que nenhum autor antigo tem por ſi, e pera couſa taõ atrazada naõ he baſtante ſeu dito pera com noſco, nem o devera ſer pera os que o ſeguiraõ.

Ve-

S. Jeronym. dos Eſcritores Eccleſiaſt.

Theod. de vir illuſt. in vit. Julian. Monach.

Polyd. Virg. l. 7. c. 8. Luys del marmol. l. 2. c. 1. El Rey dom Afonſo em ſuas taboas. Fortalitiũ fidei de bello Sarracem. l. 40. art. 10.

Vilheg. no Flos Sant. na Exaltaçaõ da Cruz a 14. de Setembro.

Vejaõſe os que apontamos na margem, que ſaõ todos Autores graves, e eſcrevem a meſma guerra, e a vida do meſmo Pontifice ſem falar em Contas, nem Roſarios. E contra os que lhe daõ por Autor o Ermitaõ Pedro, temos a autoridade do Cardeal Baronio, que tratando delle em ſeus annais, e de como o Papa Urbano Segundo propoz no Concilio de Claramonte a reza do officio pequeno de Noſſa Senhora recebido deſdentaõ por toda a Chriſtandade, nenhuma menção faz de Contas, nem Roſario.

Platina de vita & mor. Pontif. f. 106. Illeſcas na Pontif. 1. p. l. 4. f. 204. Onuph. Panuin. in epiſt. Pontif. Roman. f. 42. Baron. t. 10. Annal. Eccleſ. no anno 849. ex Anaſt. Bibliot. Bonifac. Simoneta Ord. Ciſterc. lib. 5. de Pontif. perſecut. c. 9.

Sendo logo deſconhecida por velha, e atrazada, a origem do material das Contas: e naõ avendo autor nenhum que diga, nem poſſa dizer outro tanto da formalidade da devaçaõ, daremos muitos que eſcrevem clara, e patentemente o meſmo que atràs deixamos contado, que foy primeiro Prègador, e promotor della Noſſo Padre S. Domingos recebendoa da Virgem ſagrada. E por que lhe foy dada por tais maons, e nella temos cifrada, como todos ſabem, ſua ſanta vida, ſeus trabalhos, e glorias de miſtura com a vida, morte, e paixaõ, e glorioſa Reſurreiçaõ de Noſſo Redentor, mereceo o nome do Roſario na lingua Latina que na Portugueza reſponde, Roſal. He a roſa a mais nobre flor de todas as flores por fineza da còr, por excellencia do cheyro, por utilidade da virtude: alegra a viſta, deleita o olfacto, conforta o coraçaõ: e he conſervadora da vida humana, com a agoa ſendo eſtilada, com o oleo em infuſaõ, com a ſuſtancia em conſerva. Por eſtas calidades, e porque naſce armada de eſpinhas, e abrolhos, que offendem, e magòaõ, he ſimbolo da honeſtidade, e vergonha virginal: como parece das ſagradas letras, onde o Eſpirito Santo pera declarar as excellencias da Eſpoſa Santa por termos do campo humildes, e paſtoris naõ buſcou melhor comparaçaõ, dizendo em nome della: *Ego flos campi, & lilium conuallium.* E noutra parte: *Sicut lilium inter ſpinas, ſic amica mea inter filias.* E falando tambem do Eſpoſo Divino, naõ lhe quiz dar mayores gabos, que dizer delle: *Qui paſcitur inter lilia.* E muito tempo antes tinha dito: *Pulchritudo agri mecum eſt.* E naõ obſta apontar o texto sò em lirios. Porque no Hebraico lyrios, e roſas tem hum meſmo nome, como advirtio o M. Sotto Maior por eſtas palavras: *Vox enim Hebræa vtrumque ſignificat tam roſas, quam lilium.* E onde o Latino diz: *Ego flos campi.* Traduzem os Hebreus: *Ego roſa Saron.* E a verſaõ que anda de Hebraico Eſpanhola, que naõ tem pouca autoridade, onde a Latina lè: *Qui paſcitur inter lilia*, diz, *entre roſas.* E Santo Ambroſio nos enſina que eſtes lirios, e roſas ſaõ as Virgens ſantas, e que a Igreja ſagrada affirma o meſmo de ſi. Saõ as palavras: *Chriſti lilia ſunt ſpecialiter Virgines, quarum eſt ſplendida & immaculata virginitas. Vnde plerique accipiunt, quòd Eccleſia videatur dicere, Ego flos campi, & lilium conuallium.*

Cant. 2.

Ibid.

Ibi. c. 6.

Pſal. 49.

Sotto Maior. in Cant. c. 6. fol. 1065.

Idem c. 2. f. 422.

Verſaõ do Hebraico Eſpanhola.

Ambr. l. de inſtit. Virgin. c. 15.

Naõ ſe podia logo achar nome mais proprio pera huma devaçaõ toda alternada em myſterios de gozos, e magoas da Virgem, e Mãy benditiſſima, de dores, e glorias da Mãy, e do Filho Deos, e homem verdadeiro.

O S. Fr. Jordaõ. O Geral Humberto & Theodorico todos tres eſcritores da vida de S. Domin. Os Annais Eccleſiaſt. nos an de 1213. n. 9. & 11. & 12. Jo. Ant. Flamin. Fr. Alano de Rupe. F. Fern. de Caſt. F. Jeron. Taix. Fr. Diego de Hogeda Sagaſtizaval. O Biſpo de Monopoli.

deiro. Aſſi deſpois que foy aprovada pola Igreja, logo ſe lhe foy aplicando tudo o que ſe acha eſcrito de roſas nas letras Sagradas. Jà lhe chamamos: *Roſa puritatis*, e *roſa ſine ſpina*, jà *roſa ſapientiæ*. Jà lhe cantamos: *Sicut plantatio roſæ in Jerico.* E pera que tudo quadre com a forma da devaçaõ, temos autor que affirma, eraõ taõ dobradas eſtas roſas de Jerico em Paleſtina, que ſe contavaõ em cada huma cento, e cincoenta folhas. Do que naõ diſcrepa muito Plinio, que nos aviſa de outras que chama centifolias, em huma provincia de Italia, e noutra de Grecia. E foy taõ aceito à meſma Senhora eſte ſerviço, e nome, que por muitas vezes ſe deixou ver de ſeus devotos hora coroada, hora cercada de roſas: e eſtas, pera nos confirmar na ordem, que ſeu ſervo tinha dado da reza, enterſachadas a cada dez brancas, de huma mayor encarnada. Do que ouve tantos teſtimunhos, que delles naceo darſe o nome de Roſal à devaçaõ, e paſſar da devaçaõ ao inſtrumento, de maneira que jà oje eſtà recebido por nome proprio das Contas: e naõ ha pintura deſta invocaçaõ da Senhora, que deixe de vir ſemeada de Roſas.

Plin. lib. 21. c. 4.

Mas tudo iſto teve ſua origem na forma, e repartiçaõ dos myſterios aplicados às Contas, e prègados por S. Domingos. E como elle a começou a prègar, ſegundo affirmaõ todos os eſcritores de ſua vida, em Toloſa: e deſpois no anno de 1220 em Roma, naõ he mais alta, nem mais moderna a antiguidade do nome, e devaçaõ do Santo Roſario, ou Roſal, por muy antigo que ſeja o uſo das Contas. E ſe ouver algum incredulo no ponto mais ſuſtancial, de que a recebeo por revelaçaõ Divina, e pedir ſinaes, darlhosemos do Ceo, e da terra. E ſeja o primeiro que a primeira peſſoa de quem o ſoubemos, e por quem paſſou aos ſucceſſores, foy o meſmo Patriarcha, taõ digno de ſer crido, que à ſua voz reſuſcitaraõ quarenta mortos juntos, jà ſumidos, e affogados na madre de hum profundo rio, à viſta de hum grande exercito: A ſeu brado tornou à vida nos olhos de toda a Cidade, e corte de Roma hum Napoleon, naõ sò morto, mas feito pedaços. A ſua doutrina renderaõ almas, e entendimentos de bronze cem mil hereges. Teſtimunho he eſte de quem ſe deve deixar vencer todo bom juizo. Mas temos outros muitos, quais ſaõ, que todas as vezes que o mundo ſe deſcuydou, ou adormeceo na ſanta devaçaõ, a Senhora teve cuydado de a eſpertar, naõ buſcando outro meyo, ſe naõ o dos filhos do ſeu primeiro prègador (grande, e ſoberana honra deſta Ordem) primeiramente no anno de 1461. por Frey Alano Ingrez: e deſpois no de 1475. polo Meſtre Frey Jacobo Prior do Convento de Colonia em Alemanha, aos quais ambos ſe moſtrou viſivelmente, e lhes mandou que a prègaſſem: e deſtes annos em diante foy em grande crecimento, e começaraõ a levantarſe confrarias por toda parte, e eſcreveremſe nellas Reys, e Principes, e todo genero, e eſtado de gentes, ſeguiraõ infinitos milagres. Confirmaraõna com letras Apoſtolicas ſucceſſivamente os Vigarios de Chri-

Andres Copeſt. l. 2. da Cõf. do Roſ. Bonifa. in virginali l. 2. c. 25. Cartag. Franciſcano l. ult. §. 125. F. Alanus de Rupe c. 4. 5. & 7.

O Biſp. de Monopoli na 3. p. da hiſtor. da Ord. L. 2. c. 2.

Jodoco Beyſelio opuſc. do Roſar. F. Jacintho Choquecio hiſt. dos Santos da Ordem em Fland. c. 23. p. 207.

Alexand. Legad. in bull. Non defuit Papa Liaõ x. in Bulla Paſtoris æterni. Pius v. in Bull. quæ incipit. Conſueverunt Romani Pont. &c. Gregor. XIII. in Bull. quæ incipit Monet Apoſtol.

Sixtus V. in Bulla quæ incipit. Dum in effabilia meritorum inſignia. S. Greg. Papa homil. 29. in Evang.

Chriſto honrandoa com grandes graças, privilegios, e indulgencias. E ultimamente como em gratificaçaõ do ſerviço que a Igreja neſte particular recebeo de S. Domingos, e pera ſe naõ perder a memoria delle, tres Pontifices ſantiſſimos hum tras outro declararaõ por ſuas Bullas deverſe ao Santo. Saõ os Pontifices Pio Quinto, Gregorio Decimoterceiro, Sixto Quinto. As Bullas traz eſtendidamente Frey Alonſo Fernandes no livro dos milagres do Roſario. A de Pio falando de S. Domingos diz em hum periodo: *Modum facilem & omnibus peruium ac admodum pium orandi & precandi Deum Roſarium, ſeu Pſalterium ejuſdem Beatæ Mariæ Virginis nuncupatum*: e cerra abaixo: *Excogitavit, excogitatum per Sanctæ Romanæ Eccleſiæ partes propagauit, &c.* As palavras de Gregorio ſaõ: *Memores Beatum Dominicum Ordinis Prædicatorum inſtitutorem, cum & Gallia & Italia à perniciosis premeretur hæreſibus, ad iram Dei placandam, & Beatiſſimæ Virginis interceſſionem implorandam pijſſimum illum orandi modum inſtituiſſe, quod Roſarium, ſiue Pſalterium Beatiſſimæ Virginis nuncupatur, &c.* O meſmo affirma o valeroſiſſimo Sixto, digno filho do Serafico Franciſco dizendo: *Attendentes itaque quàm religioni noſtræ fructuoſum fuerit ſanctiſſimi Pſalterij Roſarij nuncupati, glorioſæ ſemperque Virginis Mariæ, almæ Dei genitricis inſtitutum, per Beatum Dominicum Ordinis Fratrum Prædicatorum autorem, Spiritu Sancto, ut creditur, afflatum, excogitatum, &c.*

Naõ nos fica que dizer, ſenaõ o que hum grande Santo aponta em ſemelhante caſo: que a dureza de crer dos duvidoſos, naõ he tanto fraqueza ſua, como meyo de firmeza noſſa, pois à viſta de provas taõ claras, naõ averà jà mais nevoa que offuſque a verdade. Antes podemos cuydar dos meſmos, que nos ajudaraõ a engrandecer as miſericordias do Senhor, que pera mayor corroboraçaõ della, tem conſervado eſte grande beneficio na Ordem de ſeu ſervo Saõ Domingos por mais de 400. annos, hora com revelaçoens do Ceo, hora com favores da terra prohibindo ultimamente os Santos Pontifices, que em nenhuma, ſenaõ nella ſe poſſaõ levantar Confrarias, da Senhora do Roſario. Concluamos logo, que eſte he hum dos hombros de Noſſo Patriarcha, e deſta Religiaõ, com que Innocencio Terceiro vio ſuſtentada a Igreja Lateranenſe: porque o outro he o Santo Officio da Inquiſiçaõ, de que tambem foy primeiro inventor, e miniſtro. Mas temonos divertido muyto, e he tempo de tornar ao fio da hiſtoria.

Pius V. in Bull. quæ incip. Inter deſiderabilia cord. &c.

Apoz tamanha maravilha como a que fica contada no Capitulo precedente, obrou outras o Senhor por ſeu ſervo, que excedendo o curſo natural das couſas, lhe renderaõ grande gloria diante dos homens. Lidava jà com paroxiſmos da morte o Procurador do Convento Frey Domingos de Mele, ardendo em huma febre peſtilencial. Era peſſoa de importancia pera o governo, e bem da Communidade, e muito amado della. Choravaõno todos. Chegouſe o Santo à cama, e fez huma breve oraçaõ: fogio a doença, e ficou com inteira ſaude o que era chorado por morto. Mas na ſaude

Procurador aviſou o Santo aos mais religioſos, que a perderiaõ em breve dous, e acabariaõ o curſo da vida mortal: a outros dous ſuccederia pior caſo, que fogiriaõ de caſa feitos traydores a ſua profiſſaõ. Cubrio a nova de medo, e triſteza a todos, receoſos de qualquer das ſortes. Servio a profecia de olhar cada hum por ſi, e andarem apercebidos, e com recato. Mas dentro de poucos dias viraõ com mayor eſpanto o cumprimento.

Era acabado o anno de 1218, e naõ acabavaõ as obras que ſe faziaõ em Saõ Sixto pera as Freyras: nem as de Santa Sabina pera os Frades. Com a entrada do anno novo mandou o Pontifice apertar, e dar preſſa: e vieraõ a paſſarſe as Freyras no primeyro Domingo da Quareſma que cahio em 24 de Fevereyro deſte anno de 1219. Logo à quarta feyra ſeguinte foraõ ao Moſteyro tres Cardeais, pera aſſiſtirem em certa ſolennidade de renunciaçoens que as Freyras aviaõ de fazer de fazenda, e proprios em maõ de Saõ Domingos. Eſtavaõ juntos com elle entendendo no negocio: eis que ſentem na porta hum tropel de gente, e logo muitas maons que batem nella com grita, lagrimas, e confuſaõ. Eraõ os criados do Cardeal Eſtefano de Foſſa nova, hum dos tres que eſtavaõ dentro: contaõ que Napoleon ſeu ſobrinho ficava morto no meyo da rua, e naõ sò morto, mas feito pedaços. Cae o bom velho nos braços de S. Domingos todo deſmayado, laſtimaõſe todos, e choraõ duas mortes, huma certa do moço, e outra do velho de que naõ duvidaõ. Era Napoleon a luz dos olhos do Cardeal: quiz paſſar a carreira em huma rua, lançouo o cavallo de ſi, de tal modo, que ficou no miſeravel eſtado que diziaõ. Ouvindo os que eſtavaõ na caſa tamanho deſaſtre, e que tinhaõ conſigo a peſſoa de Saõ Domingos, de quem tantas maravilhas ouviaõ, e ſabiaõ, acodem a elle todos juntamente, apertaõ, inſtaõ, importunaõ, que ſe compadeça de caſo taõ laſtimoſo, que rogue por duas almas merecedoras ambas de melhor fortuna, e que levaõ conſigo todo o bem, e alegria da corte: que moſtre aqui ſua fè, e ſua valia com Deos. Encolhiaſe o Santo com grande humildade, e moſtrandoſe igualmente triſte, e deſconſolado com os mais, mandou a ſeu companheyro que aparelhaſſe pera dizer Miſſa. Foy tal a devaçaõ, e fervor do eſpirito com que a celebrou, que ao levantar da ſagrada Hoſtia ſe levantou com ella no ar à viſta de todos hum grande eſpaço. Acabado o ſanto ſacrificio foyſe ao corpo morto, ſeguindoo os Cardeais, e grande numero de povo, concertou com ſuas maons os membros torſidos, e eſpedaçados, chegando cada hum a ſeu lugar, e feito ſobre elle o ſinal da Cruz, mandalhe em virtude de JESU Chriſto que logo ſe alevante. Levantouſe o morto, reſpondeo, e falou, e pera que foſſe o paſmo mayor, pedio de comer, e comeo diante de todos.

1219.

CA-

CAPITULO XV.

Contaſe outros grandes milagres. Parte o Santo pera Eſpanha. Eſcreveſe o que lhe ſuccedeo no caminho. Funda em Segovia Convento de Frades, em Madrid de Freyras. Torna para Italia.

FIzeraõ illuſtriſſimo o milagre que acabamos de contar as circunſtancias que o acompanharaõ, como foraõ a preſença de tres Cardeais, a nobreza do reſucitado, a grande multidaõ do povo que ſe ajuntou, e os effeitos de alta devaçaõ que ſe viraõ no Santo. Seguio logo na gente Romana hum novo, e grande deſejo de continuar a eſcola, e doutrina de tal homem. Corriaõ bandos de noviços de todas idades a Santa Sabina, e bandos de donzellas à recluſao de S. Sixto com tanta vontade de trocar por ella a liberdade do mundo, que achamos eſcrito foraõ recebidas ao habito antes do Santo ſayr deſta vez de Roma ſeſſenta Noviças. E pera que ellas, e elles ſe confirmaſſem na ſanta vocaçaõ contra as ſiladas, e tentaçoens do enemigo commum uſava o Senhor de grandes miſericordias, e novas maravilhas em credito, e favor de ſeu ſervo. Achouſe o Santo hum dia em S. Sixto com trinta companheiros: ſintio ſede, pedio de beber, trouxeraõlhe hum pequeno vaſo com vinho (que em Italia, ou por coſtume, ou por ſerem as agoas menos ſadias que em Eſpanha, uſaſe pouco dellas na bebida ſingellamente) bebeo, e deu o vaſo ao que eſtava mais perto, mandandolhe que bebeſſe, e paſſaſſe aos mais, pera que bebeſſem todos. Eraõ muitos, e o vaſo naõ podia ſer tamanho, que tiraſſe poder cuydar algum, que era o cumprimento ocioſo pera com tantas bocas. Mas o fino obediente naõ faz diſcurſos: bebeo, e foy paſſando o vaſo de maõ em maõ aos mais. E pois foraõ mandados tomar a pobre refeiçaõ, perſuadome que devia ſer o jantar daquelle dia, ou ſem proviſaõ de vinho, ou muito fraco de vianda, como entaõ eraõ todos. E como os pobres, e mal jantados bebem às vezes com fome de taõ boa vontade, como o fazem os ricos, e fartos com ſede, deviaõ ſatisfazer bem à neceſſidade, e eſcuſar termos de cortezia. Em fim beberaõ todos com eſpanto de todos, e a vaſilha inda moſtrava no peſo que naõ eſtava vazia. E o Santo pera que entendeſſem donde procedia ſua confiança, e aquelle vinho, mandou que paſſaſſe às Freyras, e que bebeſſem todas ſem ficar nenhuma: e aſſi ſe fez. E eraõ já a eſte tempo entre todas cento e quatro. Deraõſe graças ao Senhor por taõ raro prodigio, com que moſtrou ſerlhe taõ facil fazer crecer o licor no vaſo, como nacer na parra: e como tambem crecer ſubitamente a agoa no rio ſem chuva, nem invernadas, o que ſe vio por eſtes dias, e tambem em favor da Ordem.

Levavaõ dous Frades de Roma pera outra cidade hum noviço Romano, moço nobre, polo deſviarem dos parentes, que tomavaõ mal ſua ſanta determinaçaõ, e pretendiaõ tirallo à força do Convento. Tinhaõ deixado atràs hum pequeno ribeiro que ſe offerece a quem

vay pela eſtrada Numentana, por onde era ſeu caminho, e paſſado a pè enxuto. Hiaõ em ſeu ſeguimento os parentes a cavallo, e chegando poucas horas deſpois ao rio, em dia claro, e ſereno, ſubitamente o acharaõ taõ crecido de agoas, e taõ temeroſo de corrente, que lhes tolheo a paſſagem, e trocou a tençaõ de fazerem força ao noviço, reconhecendo naquella novidade o poder Divino: que de maneira acompanhava o Santo, e ſuas couſas, que atè dos Demonios era temido, e obedecido, quanto mais dos homens.

Manifeſtouſe eſte reſpeito em dous caſos. Foy o primeyro em huma molher a quem juntamente atormentavaõ, e juntamente ſe ouviaõ falar nella ſete eſpiritos differentes, e ſete vozes diſtintas, e de todos a livrou mandandolhes o Santo imperioſamente que logo a deixaſſem. E chamavaa elle deſpois Sor Amada, em Saõ Sixto, onde a recolheo pera Freyra. Outro dia fazendo huma pratica eſpiritual às Freyras na horta do Moſteyro, começou o enemigo a eſpantallas. Era a figura de hum feyo, e medonho lagarto de duas cabeças. Davaõſe por mortas. Mandoulhe o Santo que logo ſe foſſe lançar em hum lago que na horta avia. Naõ pode reſiſtir: foiſe de hum ſalto mergulhar nelle, e deſapareceo.

Folgavaõ os Anjos de ſervir (couſa bem de crer) a quem o Inferno temia. Achouſe huma tarde em S. Sixto: foy forçado deterſe, entrou a noyte eſcura, e o tempo carregado. Pediaõlhe as religioſas, e os companheiros que ficaſſe no Moſteiro, porque era longe a Santa Sabina. Naõ ſe deixou perſuadir. E quando o importunavaõ muito, dizia, vamos, vamos, que naõ faltarà hum Anjo que nos guie. E aſſi aconteceo. Porque aos primeiros paſſos viraõ diante de ſi hum vulto, ao que ſe podia diviſar de homem mancebo, que com bordaõ na maõ caminhava deſpachadamente ao paſſo delles, e como ſe fora guia foy infiando as ruas atè Santa Sabina, onde deſapareceo. E chegando o Santo à Igreja (porque no Convento dormiaõ jà deſeſperados de ſua vinda) as portas ſe abriraõ por ſi.

Era iſto ao que ſe pode alcançar entrada de Março deſte anno em que vamos correndo de 1219. Andava o Santo com cuydado de ſaber dos ſeus que mandara a Eſpanha. Parece que lhe revelava o Eſpirito o pouco tempo que jà tinha de vida mortal. Determinou vellos. A hora da partida de Roma foyſe a S. Sixto lançar a bençaõ àquella companhia ſanta. Acudiraõ as Religioſas a ſeu Prelado, e Pay. Perguntou ſe faltava alguma, porque queria falar a todas. Foylhe reſpondido, que tres eſtavaõ em cama ardendo em febres, e muy atribuladas, que sò iſſo as pudera ter. Chamou o Santo a Rodeyra, dizlhe que và, e diga às enfermas, que elle lhes manda que naõ tenhaõ mais febre. Soberana confiança, glorioſo imperio. Vieraõ logo ſem mal nenhum, e como ſe nunca o teveraõ. Neſta vinda do Santo a Eſpanha ha differença entre os autores ſobre que anno foy. O Padre Frey Fernando de Caſtilho nos tira de duvida, e moſtra com boas razoens que naõ podia

1219.

Caſtilho p. 1. lib. 1. c. 40.

ſer

ſer ſenaõ na conjunçaõ, e anno que vamos ſeguindo de 1219.

Algumas couſas grandes fez por elle o Senhor em Eſpanha, mas ou foſſe por falta de eſcritores (que em Eſpanha naõ avia entaõ quem eſcreveſſe, e os de fora em chegando a feitos della logo emmudecem, como jà nos queixamos) ou foſſe que quiz o Senhor ſer imitado de ſeu Servo em naõ fazer milagres em ſua patria, ſaõ muito menos em numero, e em calidade, das que em breve tempo deixava feitas em Roma: e peraque ſe note iſto melhor, naõ deixaremos nenhuma das que andaõ eſcritas.

Caminhava o Santo com muitos companheiros diſcipulos ſeus, ajuntouſelhe hum do P. S. Franciſco, que levava o meſmo caminho. Em certo lugar inviouſe hum caõ ao Franciſcano, que acaſo ficara atràs, pera o morder, e fazendo preſa no pobre habito abriolhe huma grande farpa. Era no monte, e pera quem o levava ſingelo ſobre as carnes, faziaõlhe guerra vergonha, e impoſſibilidade. Uſou S. Domingos hum remedio, qual dava o lugar, e o tempo, mas ao parecer, gracioſo: juntou as raſgaduras, tomou lodo da eſtrada, apertouas com elle. Chegados à pouſada quiz o Frade coſerſe, achou que o barro fizera officio de grude, naõ sò de linha, e agulha.

Mas acharaõ pior encontro em huma venda. Entraraõ, e como eraõ muitos, e gente a pè, deſcalça, e enlameada, naõ ſe prometeo a vendeira proveito de tal companhia. Começou a enfadarſe, e murmurar primeiro entre dentes. Mas quando vio que em lugar de pedirem de comer, entravaõ muito de aſſento em conferencia de materias eſpirituais, ſolta a lingoa em huma corrente de pragas contra todos, e principalmente contra o que vio mais reſpeitado, que era o Santo (devia querer obrigalo a deſpejar a caſa.) Rogoulhe elle com a ſua brandura que os deixaſſe hum pouco, e temperaſſe a lingoagem. Foy o bom termo hyſope de agoa em forja aceſa. Jà naõ eraõ palavras, ſe naõ brados, e furia. Affligioſe o Santo, porque naõ avia outra pouſada: e levantando o roſto ſem nenhum genero de paixaõ nem ira diſſe: Tàpete Deos poderoſo eſſa boca, jà que rogos humildes naõ baſtaõ. Acudio o Senhor por ſeu ſervo: naõ ſahio mais palavra da boca furioſa, ficou muda. E peraque naõ tornemos a falar nella, tornando o Santo pola meſma caſa de volta pera Italia, ſahio a muda, lançouſe a ſeus pès, e alcançou por humilde a fala, que perdera por ſoberba.

O primeiro lugar de Caſtella que achamos nomeado neſta entrada do Santo, he Guadalajara. Padeceo nelle hum grande deſgoſto pera prova de paciencia, e daquella inteira verdade, que naõ ha Profeta em ſua patria. Trazia muitos diſcipulos, fogiraõlhe quaſi todos. Foy tentaçaõ do Inferno que lhe fez guerra, da qual o Santo teve revelaçaõ, e os aviſou: mas permittio Deos que prevaleceſſe o tentador. Sintio-ſe o Santo como ſanto, chorando no ſucceſſo o peccado dos Apoſtatas, mais que o deſcredito, ou deſemparo proprio: e com invencivel

civel paciencia imitando ao Salvador, falou a tres que sò ficaraõ, perguntandolhes ſe queriaõ tambem yrſe. Mas nem eſtes quizeraõ deixallo, nem os outros ſe perderaõ todos, que poucos dias deſpois tornaraõ os mais à obediencia de ſeu Meſtre. Com os tres paſſou por entaõ à Cidade de Segovia, onde ſendo bem ouvido, aceitou ſitio pera fundar caſa, e foy por elle eſcolhido entre huns penedos, em que lhe deu gaſalhado huma lapa, que por ſer acomodada pera ſeus exercicios de oraçaõ, e diſciplinas lhe ſervia de cella, e oratorio. E porque as pedras toſcas della ſendo borrifadas com o ſangue do Santo conſervaraõ longos annos aquelles ſinais, veyo polo tempo adiante a ficar mettida no Convento em huma capella de ſua vocaçaõ. Creceo a devaçaõ no povo, porque em hum dia de Sol claro, e Ceo ſereno, que nenhuma eſperança dava de humidade, ſoſpirando todos por agoa, porque ſe perdiaõ as novidades por ſeca, prometeo no ſermaõ que fazia a grande multidaõ de gente, que Deos lhes acudiria no meſmo dia com ſua miſericordia. E viraõ comprida a promeſſa, e regada a terra de grande abundancia d'agoas ainda antes de acabado o ſermaõ. Naõ edificou menos outra promeſſa, que melhor diremos profecia, que naõ tardou anno inteiro em ſe cumprir. E foy o caſo, que hum homem dos principais da terra, começando o Santo a prègar ſe levantou, e deixou a prègaçaõ, juntando à deſcortezia da obra, outra mayor de palavras contra o Santo. E o Santo diſſe logo aos que ficavaõ que rogaſſem a Deos por elle, porque antes do anno acabado ſeria morto por ſeus inimigos. E aſſi aconteceo. Que juſto he que o pague quem trata com deſprezo a doutrina do Ceo. Melhor ſe ouve na meſma Cidade huma boa molher: ſoube guardar como joya precioſa huma tunica do Santo, que fora dita verſe oje, pera confuſaõ do mimo com que nos tratamos (era de aſpero burel) e deulhe por ella outra de verdadeiro ſilicio. Guardoua, e queimando-ſelhe por deſaſtre a caſa, com quanto nella avia, sò perdeo a força o fogo contra huma grande arca, em que tinha junto, e fechado o que poſſuya de preço em companhia da ſanta reliquia.

Deixada boa ordem na nova eſtancia de Segovia, foyſe o Santo à villa de Madrid, onde tinhaõ tomado aſſento os diſcipulos que inviara com dom Frey Sueyro Gomes. Naõ declaraõ as hiſtorias ſe eraõ todos tres, ou parte, ou ſe era gente chamada jà por elles à Religiaõ. Quaeſquer que foſſem: achou que eſtava delles a terra bem ſatisfeita, e lhes tinha ſinalado pera morada ſitio competente; e por boas conveniencias, e polo que ſe collige de eſcrituras autenticas, os tres companheiros naõ eſtavaõ, nem podiaõ eſtar juntos, nem parados. Porque neſte meſmo tempo tinhaõ ordenado principio de caſas, ou reſidencias em Palencia, e em C,amora, e Salamanca, e tambem em Toledo. Eraõ eſtes principios reſidirem nos Hoſpitais, continuando exercicio de caridade com os enfermos, e acudindo a corpos, e almas. Daly ſahiaõ a prègar às Igrejas, e ſe o povo era muito

Caſtilho p.1. lib.1. c.43.

prè-

grègavaõ nas praças, e deſpois faziaõ doutrina polas ruas. E aſſi procediaõ atè terem caſa, ſe a terra lha dava, ou paſſavaõ a outras. E naõ ha duvida que em Barcelona, e C,aragoça tinhaõ deixado ordem, e gente pera fundarem crecendo o numero, e fervor dos Religioſos por toda parte. E pola meſma rezaõ podemos cuydar que os tinha o Santo chamado, e mandado juntar em Madrid como a Capitulo, e pera dar aſſento nas couſas de Eſpanha: e he de crer, que lhe acudiria tambem de Portugal, e do ſeu novo Convento de Monte junto o Prelado, com quem primeiramente os mandara peregrinar. Mas diſto naõ achamos memoria nem certeza: a conveniencia he grande com o que diremos no fim do Capitulo. Porque a vinda de S. Domingos a Eſpanha com tanta preſſa, que quaſi naõ teve hora pera parar em nenhum lugar, naõ devemos conceder que foy inconſiderada, nem sò a fim de fundar em Segovia, e Madrid. Mas com alto penſamento, e como dando forma, e regra ao que oje fazem os Prelados mayores ſeus ſucceſſores. Determinava fazer huma junta geral de ſeus filhos, quiz ver primeiro a todos por ſeus olhos, como viviaõ, e procediaõ. E por iſſo foy logo paſſando aos mais lugares da Chriſtandade, onde ſua Familia começava a ter gaſalhado, que todos correo, e viſitou dentro deſte anno. As ordens que deu, foraõ animar, e conſolar: naõ reprender, nem emendar. Porque na verdade eſtavaõ taõ bem fundadas aquellas novas prantas com o que de ſeu eſpirito, e com a fama, e exemplo de ſuas virtudes lhes communicava auſente, que achava em todas muito que louvar, nada que reprovar. Aviſou em geral que pera dia de Pentecoſte do anno ſeguinte de 1220. celebraria Capitulo em Bolonha, e logo deixou apontados os Religioſos que de cada terra, e provincia aviaõ de yr a elle. Em particular ordenou que no ſitio que os Frades tinhaõ em Madrid, com o pouco que jà poſſuyaõ de proprios ſe fundaſſe Moſteyro pera Freyras, e tudo renunciaſſem nellas. E de dous ſojeitos a que neſta jornada lançara de ſuas benditas maons o habito, ambos de idade madura, e ambos chamados Domingos (ao que parece em davaçaõ do Meſtre, e deteſtaçaõ do mundo deixado) a hum, que era natural de Segovia, e ſe chamava de ſobrenome Munhòs, mandou ficar em companhia das Freyras, e delle ha oje memorias no Moſteiro: ao outro, que era Portuguez, e o ſobrenome de Cubo, mandou acompanhar, e ajudar a dom Frey Sueiro, bom argumento de que eſtava preſente. E iſto aſſentado tratou logo de ſua partida.

Annais de Aragaõ l. 2. c. 70. Caſtilho ubi ſup.

CAPITULO XVI.

Parte o Santo de Madrid pera Italia: e dom Frey Sueyro pera Portugal. Pedem os Prelados de Portugal a dom Frey Sueyro Prègadores pera ſeus Biſpados. A Infante dona Branca offerece fundar caſa em Coimbra.

DEſpedioſe Saõ Domingos de ſeus filhos, e tomou o caminho de França pola via de C,aragoça. Ficaraõ os filhos com

com magoa do pouco tempo que lograraõ a viſta do Pay : e foraõſe cada hum pera onde os chamava ſua obrigaçaõ. Tornouſe dom Frey Sueyro ſem perder jornada ao ſeu Monte. E como era jà muy divulgada polo Reyno ſua virtude, e a dos ſeus moradores do deſerto, achou que o eſperavaõ recados da Infante dona Branca, e de alguns Prelados : delles, pera lhes yr prègar em ſuas Dioceſis, ou mandar quem o fizeſſe. Della, pera o ouvir, e ter perto de ſi caſa da Ordem. De huma couſa, e outra achamos letras autenticas. Saõ as primeiras de hum Biſpo de Coimbra com licença muy ampla pera elle, e ſeus Frades prègarem naquelle Biſpado : e naõ sò licença, mas tambem indulgencias pera quem os ouviſſe, e commiſſaõ pera emendarem, e caſtigarem as deſordens que achaſſem. E ſaõ as que ſe ſeguem, tiradas do original de verbo ad verbum.

Petrus Collimbrienſis Eccleſiæ Miniſter humilis, licet indignus: vniverſis Chriſti fidelibus per Collimbrienſem Epiſcopatum commorantibus ad quoſcunque iſtæ literæ peruenerint, & illis qui eas legere audierint ſalutem & benedictionem. Vniuerſitati veſtræ notificetur, quòd nos conceſſimus, & concedimus Domno Suerio de Ordine Prædicatorum Priori, & omnibus ſuis Fratribus licentiam prædicandi per totum Collimbrienſem Epiſcopatum. Et adhuc concedimus ei licentiam & poteſtatem compellendi & corrigendi omnes exceſſus, quatenus Dei gratia vos omnes per eorum prædicationem melius & facilius ad fidem Catholicam vos valeant perducere. Et etiam addimus, quòd ipſi vobis concedant abſolutionem peccatorum veſtrorum quadraginta dierum: de illis dicimus, qui ad prædicationem eorum venerint, & eos benignè audierint, & eorum prædicationem exaudierint.

Em noſſa lingoagem reſpondem aſſi. Pedro humilde miniſtro da Igreja de Coimbra, inda que indino, a todos os fieis Chriſtaons neſte Biſpado moradores, a que eſtas letras chegarem, e as lerem, e ouvirem, ſaude, e bençaõ. Sejavos a todos notorio, que nòs temos dado, e damos licença a dom Sueyro Prior da Ordem dos Prègadores, e a todos ſeus Frades, pera prègarem por todo o Biſpado de Coimbra. E aſſi lhe damos mais licença, e poder pera emendarem todas as deſordens que acharem, obrigando, e conſtrangendo as partes: a fim que mediante a graça de Deos, e ſua prègaçaõ, vos poſſaõ melhor doutrinar, e com mais facilidade inſtruir nas couſas da fé Catolica. E queremos outro ſi, que em noſſo nome vos dem, e concedaõ indulgencia de quarenta dias de perdaõ: àquelles entendo, que acudirem às prègaçoens, e as ouvirem de boa vontade, e a ſuas amoeſtaçoens obedecerem.

Ainda que eſtas letras naõ tem data, pola narraçaõ dellas ſe deixa entender o tempo. Porque como falaõ com dom Frey Sueyro Prior, dizendo, *Priori*, denotaõ que jà tinha Convento, e ſubditos. O que naõ foy, nem podia ſer, ſenaõ dentro nos annos de 1218, e 1219, e poucos meſes do ſeguinte, no qual foy eleito Provincial. E aſſi ficamos alcançando a data com mais verdade, que ſe a teveramos por numeros de ariſmetica

que

que muitas vezes o tempo borra, e o deſcuido troca. E tiramos daqui outra certeza muito importante, de que alguns eſcritores daõ noticia, que he do modo que naquelles tempos faziaõ os noſſos Frades o officio da prègaçaõ: o qual era correrem toda a terra, ſem deixar aldea por vil, e deſprezada que foſſe, deſterrando ignorancias daquella rudeza bronca, e groſſeira, e com paciencia dando a ſintir nos entendimentos, e guardar nas memorias as verdades da Fè. E naõ ſe contentavaõ com eſte exercicio sò nas terras em que tinhaõ Conventos. Porque como as taes eraõ de ordinario povoaçoens grandes, onde ſempre ha muitos doutrinantes, e melhor noticia das couſas, achavaõ que ſe tirava mais fruto do trabalho, empregandoſe nas aldeas, e inſinando nellas aos mininos, e aos velhos igualmente neceſſitados de doutrina, da qual deſpois compoſeraõ cartilhas, que ainda chegaraõ algumas a noſſos tempos. E em fim era o meſmo officio que com muito louvor fazem oje nos lugares em que aſſiſtem os Padres da Companhia de JESU. Que na verdade os filhos das ordens regulares viemos ao mundo pera ajudantes do miniſterio Eccleſiaſtico, e Epiſcopal. E ſe o emprego a Deos mais aceito, he onde vay mayor neceſſidade, ninguem me negarà que nos lugarinhos pobres, eſquecidos, e miſeraveis ſe faz muito mais ſerviço, e naõ baſta dizer, que eſſes tem ſeus Curas particulares. Porque ſe ſomente ſe ha de acudir, onde ha falta de Curas, mais letrados, e mais diligentes os tem as Cidades. E por eſta rezaõ cor-

riaõ os noſſos Frades tudo (como ſe collige da lingoagem do Biſpo) e chamavaõ a iſto naquelle tempo apoſtolar, ſegundo ao diante o veremos melhor.

Mas tornando à hiſtoria, a Infante dona Branca, que deſpois foy Senhora de Guadalajara em Caſtella (ſegundo affirma Duarte Nunes de Liaõ) era irmã das Infantes dona Tareja ſenhora de Montemor o velho, e dona Sancha ſenhora de Alanquer, e todas tres filhas del Rey dom Sancho primeiro, e irmans del Rey dom Afonſo Segundo que por eſte tempo reynava. Eſta dona Branca vivia junto a Coimbra em companhia de dona Tareja, e eſtando jà neſte tempo quietas todas da força que el Rey ſeu irmaõ pretendeo fazerlhes nas villas que poſſuyaõ (como atràs tocamos) porque ſe tratava de compoſiçaõ: deſejava à imitaçaõ de ſua irmã dona Sancha ter junto de ſi caſa da Ordem de Saõ Domingos, e gozar de ſua doutrina. Pera eſte effeito quiz ver, e ouvir a dom Frey Sueyro, e offerecia comprarlhe ſitio em Coimbra, e fazer a deſpeza do edificio. E parece que foy traça pera o mais obrigar, ajuntar ao ſeu recado as letras do Biſpo. Naõ ha duvida que acudio dom Frey Sueyro a huma couſa, e outra com aquelle zelo das almas que de ſeu Meſtre aprendera, ainda que vinha neceſſitado de deſcançar do caminho de Madrid, que tomara a pè, como naquelle tempo ſe faziaõ todos neſta religiaõ por largos que foſſem. Succedeolhe a jornada bem, como todas as que tem por fim a Deos. Porque entre muitos, e bons ſojeitos que Co-

Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Sancho primeiro.

imbra lhe deu pera o habito, lançouo a hum natural da meſma Cidade, que deſpois deu grande Santo, como ao diante veremos: Era o povo grande, de gente bem inclinada, e branda, achou bom ſitio nas almas pera o edificio eſpiritual, porque era ouvido com muita vontade, e reſpondia a ella o fruito. E naõ ſe agradou menos do poſto que alcançou na terra pera a fabrica material do Convento, que foy pegado com a Cidade, e ſobre o rio, onde chamavaõ a Figueira velha. Naõ nos conſta do tempo que aqui ſe deteve dom Frey Sueyro, nem do dia, e anno em que começou a obra do Convento, mas por eſcrituras antigas, de que ao diante daremos noticia, e treslados, ſe collige, que por eſte tempo teve principio, e que ſete annos deſpois deſte em que vamos correndo, que vem a ſer no de 1227. avia jà Convento formado com Prior, e Supprior. E tomou eſta Princeza tanto a peito a obra, e com tal goſto, que a nenhuma peſſoa quiz dar parte nella, ſe naõ foy à Infante dona Tareja ſua irmam. De tudo damos adiante larga relaçaõ em Capitulo particular. Porque me pareceo mais clareza das materias dizer juntamente tudo o que toca a cada Convento com ſua fundaçaõ, e couſas notaveis no lugar que lhe couber por ſua antiguidade, e ſucceſſaõ: que naõ yr miſturando, e tecendo os ſucceſſos de huns Conventos com outros, sò por guardar com pontualidade a rezaõ dos tempos de cada hum, quando caem juntos em hum meſmo anno. Viſto como he mais acertado levar deſembaraçado, e corrente o ſuſtancial da Hiſtoria que conſiſte nos ſucceſſos, que naõ o particular do tempo, e conjunçaõ de cada ſucceſſo, que fica remediado com o repetirmos, e eſpecificarmos de novo em ſeus lugares, e onde parecer neceſſario. A eſte trabalho nos obriga a calidade de hiſtoria que nos coube em ſorte, que ſendo como he de muitos Conventos, e muitas fundaçoens, e ſendo força eſcrever os ſucceſſos que ha de todos por diſcurſo de largos annos: cada Convento por ſi faz huma hiſtoria propria. E fica eſta eſcritura hum volume de Cronicas, ou mais propriamente hum aranzel de relaçoens de Conventos: pois a cada paſſo ha de ſer cortada, e eſtroncada em tantas Cronicas, ou relaçoens particulares, quantos Conventos tever. Deſgoſto, e fadiga grande pera quem eſcreve, que naõ tem outro alivio, ſenaõ cuidarmos que por novidade, e variedade ficarà a quem ler deleitoſa. Dado eſte aviſo, que era neceſſario, tornemos à noſſa Hiſtoria.

L. 3. c. 1.

Deixada baſtante ordem em Coimbra, paſſou dom Frey Sueyro a Braga, e a Guimaraens. Era Guimaraens naquelle tempo huma das terras de mais importancia, e de mais eſtima do Reyno. Tinhaõ nella ſuas caſas, e aſſento muitos fidalgos, e muita outra gente nobre, e rica, que ſe prezava por Chriſtandade, e por termo de honra, e corteſia abraçar a religiaõ, e profeſſores della. Aſſi quaſi no meſmo tempo deraõ gaſalhado aos filhos dos dous grandes Patriarchas Franciſco, e Domingos. Os Franciſcanos com Frey Gualter ouveraõ hum pequeno oratorio apartado da villa: donde

F. Marcos de Lisboa p. 1. l. 6. c. 40.

de deſpois de alguns annos ſe paſſaraõ ao Convento mayor que edificaraõ junto della. Dom Frey Sueyro com os ſeus foy agaſalhado no hoſpital da villa, e nelle reſidiraõ muito tempo ſeus ſucceſſores (taõ bons de contentar eraõ entaõ os Religioſos) ſaindo a prègar polas terras vizinhas, e tornandoſe a recolher a elle. Donde veyo ficarlhe o nome de Hoſpital de S. Domingos: e eſtarem oje as paredes, e retabolos da Igreja cheyos de memorias ſuas, e dos Santos da Ordem. È quando cinquenta annos adiante viemos a ter primeyro Convento, e Igreja na villa, inda que os Frades deixaraõ a morada do Hoſpital, que atè entaõ fòra ſeu Convento, ficou em coſtume que oje dura, (ſem ſe ſaber o fundamento) yr hum Religioſo todos os Sabados do anno dizer Miſſa nelle. Mas ao diante no titulo deſte Convento (como em ſeu proprio lugar) faremos mais larga relaçaõ deſta antiguidade.

Naõ podia dom Frey Sueyro andar eſtes caminhos devagar, pois tinha por diante a obrigaçaõ de aparecer em Bolonha por Pentecoſte do anno que entrava, como deixamos dito, lhe era ordenado por Saõ Domingos. Tornouſe ao ſeu Convento com propoſito de começar a jornada com cedo. Viſitou em Alanquer a Infante dona Sancha, e dandolhe conta do que deixava aſſentado com ſua irmam, dos Frades que deixava em Coimbra, e Guimaraens, do fruito que fizera em ambos os lugares, e Noviços que recebeo, conſolavaſe muito a Princeſa, como Santa que era, e dava graças ao Senhor, que a fizera de taes obras medianeira, e acendendoſe em verdadeira caridade cahia na conta do injuſto, e inſoportavel trabalho que padeciaõ os ſeus Frades na vivenda da ſerra, de que nacia naõ poderem communicar a ſanta doutrina com tanta continuaçaõ como as neceſſidades, e devaçaõ dos povos pediaõ. Mas elles naõ deſiſtiaõ da ſobida, e decida do monte: e o prelado com mais animo que todos, dando cada hora mais vivos exemplos de caridade, e mortificaçaõ, com que ſe fazia venerar dos ſubditos, e reſpeitar de toda a comarca, e polo Reyno corria ſua fama como de homem Santo.

CAPITULO XVII.

Parte dom Frey Sueyro pera o primeyro Capitulo geral de ſua Ordem a Italia. Contaſe o que ſuccedeo a Saõ Momingos deſpois que ſahio de Dadrid atè a celebraçaõ delle: e o que ficou ordenado naquella ſanta junta.

NO primeyro tempo que o anno novo de 1220 prometeo ſerenidade, tomou dom Frey Sueyro ſeu bordaõ, e Breviario, que foraõ os Companheyros com que primeyro entrou por terras de Eſpanha, e em Portugal. E ſem outro alforge, nem viatico, e ſem dar moleſtia, nem ſer peſado a ninguem (ditoſa confiança, dina de nos fazer grandes envejas) ſe poz a quatrocentas legoas de caminho. Anticipouſe pera chegar a tempo, porque caminhava a pè, e naõ queria perder a conſolaçaõ de ver, e tratar de paſſagem os Religioſos de Caſtella, e Aragaõ, que todos o reconhe- 1220

ciaõ, e veneravaõ por pay.

Neſte tempo tinha S. Domingos paſſado Aragaõ, atraveſſado França, decido polos Alpes a Lombardia, viſto Bergamo, e Bolonha, e em fim entrado em Roma, donde ſayra por Março do anno proximo paſſado de 1219. Muytos caſos ouve na jornada dignos de memoria. Iremos apontando alguns. Em Caragoça viſitou os ſeus Frades em hum pobre recolhimento que jà tinhaõ ſobre o rio Ebro. Prègou na Cidade, e fez huma admiravel converſaõ. Entrava pola Igreja ao principio do ſermaõ hum homem dos principais da terra (devia ſer curioſidade, ſe pior fim naõ era.) Deſcubrio Deos aos olhos do Santo huma legiaõ de Demonios que o cercavaõ, por aviſo de qual era a vida que fazia. Encheoſe de compaixaõ, e pedindo a Deos miſericordia por elle dentro de ſua alma, afiou a lingoagem, encareceo os perigos do peccado, a pena de fogo, e tormento eterno dos condenados. Bem ſe diz que he mais afiada, e cortadora que huma eſpada de dous gumes a palavra de Deos. Ficou o fidalgo penetrado de medo polo que em ſi ſintia: e foy primeiro effeito trazello a outro ſermaõ. Nelle permittio o Senhor pera ſalvaçaõ ſua, e aviſo de todos, e por merecimentos do Santo, que viſſe toda a Igreja o infernal eſquadraõ que o ſeguia. Foy tal o eſpanto, e terror que naõ parou homem dentro. O meſmo peccador de confuſo, e corrido queria, ſe pudera, fogir de ſi. Mandoulhe o Santo hum Roſario, inſinoulhe a devaçaõ: ajudado della emendou a vida, e veyo a ganhar a alma.

7

Caſtilho p. 1. l. 1. c. 43. Annais de Aragaõ l. 2. c. 70.

Hebr. 4.

Em Toloſa viſitou os ſeus Conventos de Saõ Romaõ, e Prulliano. Tomou de S. Romaõ oito Frades, e foiſe na volta de Paris. Faltou na primeira jornada a eſmola: eraõ muitos, e todos cançados, a comida pouca, e pera bebida hum vaſo muy pequeno de vinho. Mandouo vazar em outro grande, e que fora baſtante pera a companhia, ſe ficara cheyo; e diſſe que o acabaſſem de encher de agoa. Poſeraõlho diante, lançoulhe a bençaõ (ſanta, e poderoſa bençaõ) beberaõ todos vinho ſaboroſo, e fino. Naõ he pera ficar em ſilencio que eſſa meſma noite deſpois de deixar os companheiros na pouſada bem accommodados ſe foy a Igreja pera dar graças a Deos da mercè recebida, e tomou por recreaçaõ do trabalho do dia paſſar em oraçaõ atè pola manham.

No dia ſeguinte deu com huns fidalgos Alemaens, que em habito de Romeyros levavaõ a meſma eſtrada. Foraõſe todos juntos, deleitandoſe os Alemaens na novidade do traje dos Frades, e muito mais na ordem com que caminhavaõ, que era cantando Hymnos, e parando a eſpaços a fazer oraçaõ. Mantiveraõlhe companhia os Romeyros quatro dias, tendoo ſempre por convidado com todos os ſeus, e naõ conſintindo que tomaſſem o trabalho coſtumado de yr mendigar polas portas. Ao quinto pareceo ao Santo pouco primor deixar paſſar tanto tempo ſem dar algum genero de agradecimento àquella caridade. Ficouſe hum pouco atraz, fez oraçaõ, e tornando a alcançar os companheyros, começou a travar pratica com os Alemaens,

em

em ſua lingoa, falandoa taõ cerceada, e pronta, como ſe nacera em Alemanha: e eſpantandoos com o milagre, porque atè aquella hora fòra mudo., alegrouos com lingoagem do Ceo, e materias da alma, que lhes foy tratando por eſpaço de outros quatro dias, que ainda foraõ juntos. O meſmo ſe eſcreve (ſe naõ he mayor caſo) que lhe aconteceo outra vez topandoſe com hum varaõ ſanto de terra, e lingoa muy eſtranha, que ſe entenderaõ, e communicaraõ ambos, falando cada hum a ſua natural.

Mas neſta jornada notou Frey Beltraõ de Garriga diſcipulo dos antigos, e ſeu companheyro nella, outra maravilha que deſpois contava, julgandoa por muyto mais prodigioſa. Caminhavaõ longe de povoado, armouſe huma trovoada, começou a lançar de ſi apoz relampagos, e bombardadas de trovoens, pedra groſſa, e grande agoa, e vinhaſe pera elles a toda furia com força de vento. Naõ avia tempo pera lhe fogir, nem roupa pera a eſperar. Poz os olhos no Ceo, fez o ſinal da Cruz contra ella. Deſcarregou a tempeſtade ſem torcer nem parar: mas elles foraõ caminhando como metidos em hum toldo ſem lhes tocar gota de agoa. Outras vezes ſuccedia chegar à pouſada paſſado da chuva, e cuberto de lodo: e o alivio que tinha era agaſalhar os Frades com boa fogueira pera ſe enxugarem, e elle yrſe buſcar a Igreja, e nella paſſar em oraçaõ a noite inteira. Porèm pagavalhe o Senhor em conſolaçoens do Ceo, e porque foſſem entendidas dos ſeus, notavaõ elles que quando os vinha demandar pola manham, naõ avia habito mais enxuto na companhia que o ſeu. Abrangia ao veſtido o fogo que ardia na alma.

Chegou a Paris à noſſa Igreja de Santiago, que foy a primeyra que aly tivemos, donde teve origem o nome que os Franceſes nos daõ de Jacobinos. Alegrouſe de ver os Frades jà quietos nella. Porque quaſi hum anno inteyro tinhaõ feito ſua eſtancia em hum hoſpital. Paſſou depreſſa por atraveſſar os Alpes antes da força do Inverno. No lugar de Caſtelhar foy agaſalhado por hum bom Sacerdote com todos os que levava, com feſta, e boa ſombra. Mas perturbou tudo, e a todos hum grande deſaſtre. Acabavaõ de entrar, quando vem polos ares caindo do alto de hum eirado hum ſobrinho do hoſpede, com tal impeto que ficou em terra eſtirado, ſem ſentido, e com as pernas quebradas, e parecia ter acabado ſeus dias. Deſconſolados todos, e juntos ſobre elle em pranto, acudio o Santo à oraçaõ, refugio ſeu em todo trabalho. Eſtando nella levantouſe o que davaõ por morto, ſaõ, e ſalvo, como ſe eſpertara de algum ſono. Dobrouſe a feſta com a maravilha, e ficaraõ por convidados os parentes, e amigos que vinhaõ ajudar a chorar. Poſtos à meza vio o Santo que naõ lançava maõ de nada a mãy do que paſſara o deſaſtre. Sabida a cauſa, que era andar cativa de huma importuna quartam, e eſtar na meſma hora com a força da fezaõ: fezlhe hum prato de humas inguias que vieraõ à meza, lançoulhes a bençaõ, e mandoulhe que comeſſe ſem medo.

do. Refuſando ella, inda que confeſſava apetite ao peixe, certificoua que lhe naõ faria dano. E aſſi foy, que no primeiro bocado ſe ſintio livre de todo mal, e naõ lhe tornou mais a quartam.

Ao paſſar dos Alpes foy deſfalecendo hum irmão Leigo, de pura fraqueza, e falta de mantença, de ſorte que perdia o alento, e naõ podia dar paſſo. Fez o Santo diligencia polo animar, a ver ſe poderia chegar ao primeyro lugar. Naõ valendo nada pera o esforçar, apontoulhe pera huma arvore, mandoulhe que foſſe a ella, e acharia que comer. E aſſi aconteceo. Achou hum paõ de tal ſabor, que ficou com novo eſpirito, e forças, como de comida milagroſa, qual na verdade era.

Em Bergamo viſitou os ſeus Frades que de novo achou entrados na Cidade. Prègou ao povo, e conſolou a todos. Em Bolonha deu o habito a muitos moços eſtudantes da Univerſidade, que deraõ deſpois homens
1219. de grande conta. E em fim veyo a entrar em Roma no meſmo anno em que ſahio della: onde ſendo geralmente eſtimada ſua vinda, nos ſeus dous Moſteiros foy feſtejada com eſtremo. A primeyra couſa em que entendeo foy inſtituir huma nova ordem pera ſerviço da Igreja. Era huma irmandade ou milicia que chamou de JESU Chriſto, compoſta de gente ſecular, com leys, e fim principal de defenderem com armas materiais o patrimonio da Igreja, e ſeu direyto, e jurdiçaõ contra os hereges: e foy abraçada com grande vontade por todos os nobres da Chriſtandade, e honrada com favores dos Pontifices. Mas ceſſou como foraõ ceſſando as heregias, e veyo a converterſe de Ordem de homens em Ordem de molheres, com nome da terceyra regra de Saõ Domingos, ou da penitencia. E por ella tem vindo ao mundo grandes lumes de Santidade por toda Europa, como ao diante veremos em ſeus lugares, e baſtante he huma Caterina de Sena pera honrar muitas Ordens, e ſendo como foy Freyra terceyra, ſer primeyra em todas. Deſta milicia primeyra de homens teve origem, e dependencia a companhia dos que o tribunal do Santo Officio admite oje ao ſerviço daquelle ſagrado miniſterio da Fè com nome de Familiares, e honra de privilegios, e de huma Cruz branca, e negra, que trazem a tempos, inſignia ſua, e da Ordem de S. Domingos, procurada jà oje nas mais das provincias de Eſpanha, e eſtimada de todos os nobres della.

Neſte tempo lançou o habito ao bendito Jacintho ſobrinho do Biſpo de Cracovia, que a caſo ſe acharaõ em Roma juntos, e foy com taõ boa ſorte, que juntamente com o habito lhe deu todo ſeu eſpirito. Aſſi fez em Polonia, e por aquellas partes do Norte grande dilataçaõ da Ordem, confirmada com vida innocentiſſima, e famoſos milagres, que oje o tem canonizado.

No meyo de tantas occupaçoens acudia o Santo quotidianamente ao pulpito em Santa Sabina, e S. Sixto, naõ dando hora de alivio aos cançados membros, que ſua invencivel caridade fortalecia de maneyra que excediaõ as forças humanas. E

ca-

cada hora lhe ſuccediaõ couſas que moſtravaõ bem, quaõ gratos eraõ ſeus trabalhos àquelle poderoſo Senhor por quem os levava. Viſitava na Cidade, e confeſſava huma molher de grande, e provada virtude, e igualmente affligida de fortes infirmidades, porque ſe naõ eſpantem os bons de terem trabalhos (chamavaſe Bona.) Acudiraõlhe de novo hum cancro, que vindo a apoſtemar, lhe comia os peitos em vida, naõ sò com a força do mào humor interior, mas com huma podridaõ deſcuberta, que fervia em bichos, e cauſava dores, e outros accidentes incomportaveis. Naõ podia o Santo crèr tanto mal em quem taõ poucos merecia: deſejava ver a chaga, porque avia por couſa monſtruoſa o mal contado, e a alegria, naõ sò paciencia com que Bona o levava. Ouve Bona de obedecer a ſeu Padre eſpiritual. Vio o Santo a chaga, conſideroua, maravilhouſe. Tomou em ſuas maons hum dos bichos, ou pera ſe mortificar, ou pera que viſſem os companheyros, onde eſtavaõ os theſouros do Ceo. Aponta a hiſtoria que era nojento, e feyo, e grande, e a cabeça negra. Caſo peregrino, e nunca ouvido! No meſmo ponto que tocou aquellas ſantas maons, tornouſe em huma perola que deleitava os olhos de oriental, bella, e fina. Requeriaõ os companheiros que a guardaſſe pera memoria do caſo. Requereo Bona que lhe tornaſſe a ſua perola. Porque della, e das irmans tinha jà tanto goſto, que ſe alguma acertava a cayr do lugar cancerado, era couſa ſabida, que logo a tornava a elle. Entregoulha o Santo, e tornou logo a ſua primeyra figura, e a roer como de antes no peito enfermo, mas igualmente valeroſo. Deſpedioſe encomendandoa a Deos, e fazendo ſobre a poſtema o final ſalutifero da Cruz. Naõ tinha acabado de decer a eſcada quando Bona ſintio ſubitamente ſaltar fòra a podridaõ, e os bichos, deſpegandoſe tudo, e ficando aliviada do mal, foy logo enxugando, e encarnando o peito, e cobrou ſaude perfeita.

Em outra beata igualmente virtuoſa, e perſeguida de doenças, ſe vio pouco deſpois ſemelhante milagre Juntaraſelhe em hum braço hum humor venenoſo, e corroſivo: e começando a apoſtemar tinhalhe lavrado o braço todo, e comida a carne, que naõ avia jà mais que as canas nuas, e ſecas, como de corpo defunto, ſem eſperança de remedio: mas foy cura repentina, e perfeita, hum final da Cruz feyto polo Santo ſobre o mal.

Naõ podia deixar de ſer aborrecido do enemigo comum quem tanto favor tinha da potencia Divina. Aſſi era inquietado delle à toda a hora, e a todo ſeu poder: e naõ podia nada, porque naõ tem mais força, que quanta lhe permitte aquelle Senhor que o he de tudo, e de todos: e polo meſmo caſo nem o Santo o tinha em conta, nem lhe faziaõ pavor ſuas carrancas. Hum dia em Santa Sabina eſtando em oraçaõ na Igreja, fezlhe tiro do alto com huma grande pedra, taõ bem apontado, que lhe deu polo capello, paſſando, e ſem outro dano quebrou diante delle com hum eſtrondo infernal. Mas nem deſta

vez

vez o apartou do Santo exercicio; nem de outras que procurou perturballo com maſcaras, e figuras temeroſas, alcançou mais que eſprimentar a fraqueza propria: e arder em nova rayva de ſe ver deſprezado, e mandado com imperio, e como eſcravo por huma criatura de terra, e mortal, e ſendo ſua natureza taõ alta.

Deſejava o Santo dar viſta aos Conventos de Italia, que eraõ jà principiados muitos. Mas era muito entrado o anno de
1220. 1220, e medindo o tempo em que cumpria acharſe em Bolonha pera celebraçaõ do Capitulo aprazado, chegou sòmente a Milaõ. Aqui adoeceo de humas febres muy rijas. E he de ſaber, que querendo curados ſeus filhos em qualquer enfermidade, naõ sò com caridade, mas com mimo, e ſentindo-ſe aſſaz trabalhado deſta, nem teve melhor cama que huma taboa, nem ſe pode acabar com elle que comeſſe carne hum sò dia, nem deixaſſe de jejuar. Mas naõ era iſto couſa nova: com o meſmo rigor nos conſta que ſe governou outras duas vezes que foy doente antes deſta, huma em Viterbo, outra em hum dos primeiros caminhos que fez a Roma. E ſendo huma das doenças graviſſimas, nenhuma couſa quiz nunca aceitar das que he coſtume daremſe aos enfermos pera hum pouco de mais alivio; e o mayor mimo que admittio, foy huns guiſados de ervas, e alguns legumes. Como melhorou, tomou por recreaçaõ yrſe por Cremona. Dizem que foy a tençaõ viſitar ſeu grande amigo o Padre S. Franciſco, que aly ſe achava em huma caſinha que os ſeus Frades começavaõ a edificar. Viraõſe, e conſolouſe muito com elle. E ſuccedeo que eſtando juntos chegou o Guardiaõ, e diſſelhes, que pois Deos aly os ajuntara, alcançaſſem delle com ſuas oraçoens o remedio daquella caſa, que conſiſtia em hum poço que mandara abrir, e deſpois de muito trabalho, e deſpeza, naõ achavaõ mais que hum pouco de humor, que era mais lama que agoa. Ouve comprimentos, e porfias de humildade entre os Santos, ſobre qual ficava obrigado a tomar à ſua conta aquella neceſſidade. Foy vencido o Padre S. Domingos por hoſpede, e pedio que lhe trouxeſſem hum vaſo daquelle lodo que o Guardiaõ dizia. Benzeo o lodo com o poderoſo final da Cruz, mandou que o tornaſſem ao poço, e des daquelle ponto teve o poço agoa perpetua, clara, e boa.

Na entrada de Mayo deſte anno de 1220 vieraõ entrando 1220.
em Bolonha todos aquelles Padres que o Santo tinha aviſado, e ordenado que ſe achaſſem com elle pera celebrarem Capitulo geral. Chamalhes o Padre Frey P. 1. l. 1. c. 51.
Fernando de Caſtilho Provinciais, deve querer dizer as cabeças, e primeiros Padres das cinco Provincias que entaõ ſe contavaõ, que eraõ Eſpanha, Provença, ou Toloſa, França, Roma, Lombardia. Qualquer que foſſe o titulo deſtes Padres (porque o de Provinciais naõ o achamos em outros autores, ſe naõ no anno ſeguinte de 1221) entrou, e aſſiſtio com elles dom Frey Sueyro Gomez. Como o Santo os teve juntos, propoz com novo genero de humildade a inſufficiencia que em ſi ſentia pe-

pera os governar, pedindolhes com palavras muy efficazes poſſem no cargo peſſoa que melhor o mereceſſe. Sobreſaltados com a novidade do requerimento, foy a primeyra repoſta confuſaõ, e lagrimas: a ſegunda, deſpois que deu lugar a dòr, que nunca em tal conſintiriaõ em quanto elle, e elles vida teveſſem. Ordenou entaõ que em todos os Capitulos gerais ſe fizeſſe eleiçaõ de certo numero de Padres, cujo officio, e poder foſſe reprender o Geral avendo culpas, e caſtigallo, e abſolvello ſendo neceſſario. Eſte decreto, e o genero de Magiſtrado perſevera atè oje. Chamaõſe Diffinidores, e paſſou a ley tambem aos Capitulos Provinciais. Dura o poder tanto tempo, como a junta do Capitulo. O numero he de quatro, e fazem quinquevirato com o Provincial novamente eleito. E temſe viſto nas Provincias uſarem do poder que noſſo Padre aqui deu, penitenciando, e depondo Provinciais. Aſſentouſe mais neſte Capitulo Geral com decreto riguroſo o que jà outras vezes tinha o Santo mandado, e ſempre fora ſua determinada vontade, que naõ poſſuiſſem os Conventos dos Frades nenhum genero de fazenda de rayz: ſem embargo da conceſſaõ geral que jà tinha do Summo Pontifice pola Bula da confirmaçaõ da Ordem. E daqui teve principio eſcreverem alguns antigos que fez noſſo Padre eſta ley, obrigado do exemplo do Padre S. Franciſco, achandoſe com elle em Aſſis no Capitulo que chamaõ das Eſteyras, e notando as maravilhas que aly reſplandeceraõ da providencia Divina. Mas o fundamento tem contradiçaõ: porque he couſa ſem duvida, que no meſmo tempo deſte Capitulo, que foy polo Pentecoſte do anno de 1219 eſtava S. Domingos em Eſpanha: e nos dous atràs em Roma, e Toloſa: e nos dous adiante eſteve em Bolonha celebrando tambem ſeus Capitulos pola meſma conjunçaõ de Pentecoſte. Ultimamente advirtio o Santo os ſeus Capitulares, que no anno ſeguinte de 1221 ſe juntaſſem todos outra vez na meſma Cidade, e polo meſmo tempo: ficando por aſſento, que dahi em diante ſeriaõ os Capitulos gerais hum anno em Paris, outro em Bolonha. E logo tomada ſua bençaõ ſe tornou cada hum pera ſua Provincia temperando a fadiga da longa jornada, com o intereſſe, e goſto de poderem tornar brevemente aos olhos de taõ bom Pay.

Confor. de Frey Bertol. de Piſa p. 2. fruct. 12. Floret. c. 17.

Caſtilho p 1. lib. 1. c. 51.

CAPITULO XVIII.

Celebra noſſo Padre S. Domingos ſegundo Capitulo geral em Bolonha. Acode a elle dom Frey Sueyro, e torna pera Eſpanha com nome de Provincial, e com letras Apoſtolicas em ſeu favor, e dos ſeus.

COmo noſſo Santo Patriarcha era dotado de ſumma prudencia humana, e por outra parte dependia em todas ſuas acçoens dos conſelhos Divinos, como outro Moyſes, occaſiaõ nos dà de diſcorrer hum pouco, e buſcar qual ſeria o fim que teve em dar tamanho trabalho aos ſubditos, como era fazellos correr cada anno centenares de legoas, com as deſcommodidades de caminhar a pè, e ſem bolſa:

e o que mais admira he, que eſtes eraõ os ſeus mais amados, e filhos primogenitos, os velhos, e pays da Religiaõ, os mais dignos de deſcançarem, e mais importantes pera aſſiſtirem com ſuas peſſoas de aſſento nas Provincias. Como avemos logo de conceder, que ſendo elles tais, e ſendo o pay qual temos dito, naõ ouveſſe alguma rezaõ muy poderoſa, e muy do Ceo, pera elle o entender, e mandar aſſi? Seria por ventura querer que aquellas cans veneraveis foſſem prègando ao mundo com os paſſos cançados, e com a ſuſtentaçaõ buſcada de porta em porta, que he largamente mais efficaz prègaçaõ, que todas as bem eſtudadas nas cellas, bem repreſentadas nos pulpitos? Ou ſeria darlhes eſtas jornadas pera contrapeſo da honra do governo, e de terem o primeiro lugar entre ſeus irmaons? Ou ſeria querer que entendeſſem todos, que o mandar neſta Ordem avia de trazer conſigo tais encargos, que os primeiros em mandar foſſem primeiros em mais trabalhar, e melhor ſervir, que era hum genero de confundir, e matar eſte mào apetite humano de ſenhorear, e preceder, apetite taõ pegado a noſſa natureza, deſpois que polo peccado foy inficionada, que naõ falta quem diga que atè no Inferno he ſaboroſo o mandar, como naõ faltou outro que trocava ſer ſegundo em Roma triunfante, por primeyro em huma aldea das mais triſtes, e mais defumadas dos Alpes. Qualquer que foſſe o fim de noſſo bom Padre, ſem nos conſtar qual foy, podemos affirmar que foy Santo, e muito ſuſtancial. E poló meſmo caſo me atreveria a julgar que ſe acertaramos de o ter oje com noſco, quando bem ſofrera os intervallos mayores que ha nos Capitulos, naõ ouvera de levar em paciencia faltarem nelles muitas vezes os mais velhos, e melhores votos das Provincias: viſto como jà naõ ha trabalho que arrecear, pois eſta idade tem metido em uſo poderem caminhar com toda commodidade. Mas deixado eſte diſcurſo, pera que o peſe, e examine quem sò o pode remedear, tornemos a acompanhar o Santo.

Devia ter jà noticia do pouco tempo que lhe reſtava de vida, e ainda que ſempre trabalhou incanſavelmente, agora excediaſe a ſi meſmo. Paſſado o Capitulo deixou Bolonha dando primeiro ordem na obra do Convento que ſe hia fazendo: e foyſe por Italia viſitando as caſas jà fundadas, e procurando fundar outras de novo: pera o que tinha favores continuos do Papa Honorio, que eſtimando o muito crecimento que avia de Religiaõ, e devaçaõ nas terras em que os Frades aſſentavaõ, acudialhe com letras Apoſtolicas pera todos os Prelados, e ſenhores ſeculares em recomendaçaõ dos novos agricultores da vinha do Senhor. Colhia o Santo grande fruito dellas, e de ſua ida, porque com a viſta atrahia os animos de todos, e trocava coraçoens com a prègaçaõ, de maneira que deixava fermoſo raſto, por onde paſſava, do fogo Divino em que ardia, ficando os Conventos cheyos de novos diſcipulos, e as Cidades deſpejadas de muita gente que à ſua conta buſcava a ſalvaçaõ. Mas tendo gaſtado muitos meſes neſta pe-

peregrinaçaõ, e ſendo entrado
1221. o anno de 1221, veyoſe recolhendo a Bolonha. Vinha alegre a ver ſeus filhos: porèm achou couſa na entrada do Convento que lhe águou todo o goſto que trazia. Poz os olhos no edificio que deixara começado, vio cellas hum pouco mayores, e mais altas do que traçara quando ſe auſentou. Foy couſa que lhe ferio a alma, queixouſe com todos, e de todos, reprendeo o Procurador que tinha a obra a cargo. Chorava, e laſtimavaſe como ſe vira hum grande principio de perdiçaõ da Ordem. E eraõ as palavras, que daquelle peito manſiſſimo, e nunca alterado ſahiaõ, taõ ſentidas, que he bem nos fiquem impreſſas na alma a todos ſeus filhos, pera memoria da pobreza a que nos deixou, e deſejou obrigados naõ sò em geral, mas no particular de cada hum, e atè no veſtido, livros, e roupa, e nas mais miudas alfayas de huma cella. Dizia ſuſpirando: *Adhuc me viuente palatia vobis ædificatis.* He a ſignificaçaõ, como ſe diſſera: Que em minha vida, e à minha viſta levanteis caſas Reays pera morar? grande magoa, e grande mal. Aſſi parou o edificio, e naõ ouve quem ſe atreveſſe a proſeguillo em quanto viveo. E he rezaõ ſabermos pera confuſaõ noſſa, que as cellas que noſſo Padre avia por palacios, tinhaõ ao juſto nove peis de cumprido, e ſete e meyo de largo. Dura inda hoje pera memoria huma das que o Santo eſtranhou, que eſtando quaſi acabada mandaraõ os Padres que ficaſſe aſſi imperfeita pera ſempre, a qual, paſſando quem iſto eſcrevia, a Roma, no anno de 1571.

vio, e medio por curioſidade.

Neſta caſa de Bolonha, como avia de ficar por ſolar, e cabeça da Ordem, quiz o Senhor honrar ſeu ſervo com caſos maravilhoſos. Diremos alguns. E primeyro dous que foraõ quaſi em todo ſemelhantes a outros que deixamos contados em Roma. Diſſelhe o Procurador hum dia que naõ avia em caſa mais que dous paens pera toda a Communidade. Naõ vos agaſteis, reſpondeo o Santo, que eſſes baſtaraõ. Tomou os dous paens: foyos fatiando em partes taõ miudas, que naõ ficou nenhum lugar de Frade ſem ſua parte. Entrou á Communidade, aſſentouſe. Tanto creceraõ aquelles pequenos bocados, que foy banquete de feſta em abundancia, e ſabor. Outra vez era refeitoreyro Frey Bomviz (dizemos o nome, porque elle, e Frey Reynaldo, que deſpois foy Arcebiſpo de Hybernia teſtimunharaõ o milagre no proceſſo da Canonizaçaõ) naõ avia totalmente que pòr na meza: e era dia de jejum da Igreja. Soubeo o Santo, levantou mãos, e olhos ao Ceo, dando alegres graças a Deos, por querer que ficaſſem ſeus ſervos aquelle dia ſem jantar, quando era certo que naõ faltava nelle com ſua raçaõ, e mantença a nenhum animal do campo, nem ave do ar, como poderoſo que era pera acudir a todos. Deteveſe hum pouco neſta conſideraçaõ: quando abaixou os olhos, vio que entravaõ polo refeitorio dous mancebos ambos bem carregados, que correndo as mezas, e deixandoas abaſtadas de paõ, e figos paſſados, deſapareceraõ.

Hum eſtudante atollado em

vicios, e ſenſualidades teve atrevimento pera ſe chegar ao Santo, e beijarlhe as maons. Qualquer que foſſe a tençaõ, tal cheyro, e tal virtude ſahio dellas, que daquella hora mudou vida, e penſamentos. Outros dous lhe pediraõ hum dia que os encomendaſſe a Deos que tinhaõ neceſſidade, e acabavaõ de ſe confeſſar em caſa. Paſſado hum eſpaço chamouos, e a hum encheo de eſperanças de perdaõ; e ao outro de medo, advertindoo que fizeſſe confiſſaõ plenaria, e deſcobriolhe hum peccado que eſcondia.

Naõ he pera eſquecer hum caſo que Deos aqui permittio pera exemplo noſſo. Amanheceo hum dia fortemente atormentado do Diabo hum irmaõ que ſervia de enfermeyro. Acodiolhe o Santo, mandou ao enemigo que o deixaſſe. Aporfiava por ficar, dizendo que tinha licença contra elle, porque onde todos os mais Frades padeciaõ por penitentes, e devotos, eſte andava farto, e cheyo de carne por goloſo, à conta dos enfermos, e enfaſtiados que curava. Moſtranos Deos que he vileza, e deſcorteſia digna de ſer caſtigada por algoz do Inferno, querermos pouparnos, quando os outros trabalhaõ: naõ ſendo nòs melhores, nem mais neceſſarios na caſa, ſenaõ por ventura mais inutiles, e ao certo, quais diſſe o outro polos que ſe atreveraõ a deixar yr os companheiros aos perigos do mar, e ſe ficaraõ em terra deſcançados: *Animos nil magnæ laudis egentes*, quiz dizer, gente que lhe naõ dà nada por adiantar em honra, e credito.

Virgil. Ænei. 5.

Quando veyo dia de Pentecoſte deſte anno de 1221 em que vamos, eſtavaõ juntos com o Santo Patriarcha os Padres velhos cabeças das Provincias, ou Provinciais: e com elles o que mais terras, e mais legoas caminhava, e vinha do ultimo Occidente dom Frey Sueyro Gomes. Todos os eſcritores dizem claramente que neſte Capitulo foraõ com formalidade eleitos Provinciais pera todas as Provincias que entaõ avia na Ordem, e que foy eleito pera a de Eſpanha dom Frey Sueyro. Eſta comprendia todos os Reynos dos Pireneos pera dentro, com todos os Conventos que nelles avia. E naõ foy iſto mais que encomendarſelhe com titulo, o que dantes com realidade jà tinha a cargo. O mais que neſta ſanta junta paſſou naõ he de noſſa obrigaçaõ. Deſpedio o Santo a ſeus filhos com bençoens, e abraços, que ſabia aviaõ de ſer os ultimos de ſua vida, e aſſi he de crer ſeriaõ mais affectuoſos. A dom Frey Sueyro deu cartas do Pontifice: humas gerais pera os Prelados de Eſpanha favorecerem a Ordem: outras particulares pera os Reys, em recommendaçaõ da peſſoa de dom Frey Sueyro, e dos ſeus Frades. E porque naõ era em ſua maõ tomar hora de deſcanço em quanto tinha vida, determinou paſſar à grande cidade de Veneza, julgando que como era terra de groſſos tratos, e concurſo de varias gentes, poderia fazer bom emprego de ſua doutrina, e peſcaria certa de almas. Partio dando primeyro de ſua maõ o habito com venturoſa ſorte ao bendito Frey Pedro de Verona em idade pueril: a quem a Igreja ſanta honrou deſpois com titulo de

1221. 1221

de S. Pedro Martyr, porque o foy por honra della, e da Fè.

Caminhavaõ tambem os Capitulares pera ſeus diſtrictos, e dom Frey Sueyro pera Eſpanha. E pera começar logo a viſitar os Conventos de ſua obediencia, obrigaçaõ primeyra, e principal do officio de Provincial, e os trazer de caminho infiados, entrou por Catalunha em Barcelona. Edificavaſe entaõ o Convento de Santa Caterina Martyr. Porque he couſa certa, que quaſi tres annos aſſiſtiraõ os noſſos Religioſos naquella cidade por hoſpitais, e ſem domicilio certo. Aqui achou o grande Doutor Frey Raymundo de Penhafort ſeu filho, peſſoa jà entaõ de tantas letras, e taõ provada virtude, que no tempo que pudera reſidir em caſa de noviços, ſegundo os eſtilos da Ordem, foy eſcolhido, e chamado por el Rey dom Jayme de Aragaõ pera ſeu Confeſſor, e foy por Divina revelaçaõ fundador, e legislador da illuſtre, e ſanta Ordem de noſſa Senhora da Mercè. Porque a fundou por Agoſto do anno de 1218 e tinha recebido o habito em Barcelona na Quareſma do meſmo anno aos quarenta e cinco de ſua idade. Soubè o Provincial aproveitarſe de ſuas letras, encomendoulhe que compoſeſſe huma Summa de caſos de conſciencia, com que ſahio brevemente (chamaſe *Summa Raymundi*) e por ſer a primeyra que ſe eſcreveo neſta forma, e que deu principio, e methodo a todas as que deſpois ſe foraõ eſcrevendo, rèndeo grande honra a ſeu Autor, e a quem lha mandou fazer. Mas pouco ſervem honras da terra a quem as goza do Ceo, ſendo aſſi, que foy tal a vida deſte filho do noſſo dom Frey Sueyro, tantas as maravilhas que Deos por elle obrou, que o temos oje pola Santa Madre Igreja entre os Santos della canonizado.

M. Frey Jordaõ na hiſt. da Ordem.

Annais de Aragaõ l. 2. c. 70.

Neſta cidade apreſentou o Provincial as letras Apoſtolicas que trazia pera os Prelados de Eſpanha. Traduzidas em vulgar ſaõ as ſeguintes.

HOnorio Biſpo ſervo dos ſervos de Deos aos veneraveis irmaons Arcebiſpos, e Biſpos: e aos amados filhos Abbades, e Priores, e a todos os mais Prelados das Igrejas de Eſpanha ſaude, e Apoſtolica bençaõ, &c. Se tendes cuydado de amar, e honrar as peſſoas religioſas, tende por certo que fazeis agradavel ſerviço a Deos, a quem ſervir he o meſmo que reynar: e que diz de ſi, que qualquer couſa feyta em favor do mais pequenino de ſua caſa, aſſi a eſtima, e aceita, como ſe a ſua propria Mageſtade ſe fizera. Polo que a voſſa devaçaõ rogamos, e efficazmente a todos vos exortamos, e por eſtas Apoſtolicas letras mandamos, que aos amados filhos da Ordem dos Prègadores, das preſentes portadores, cujo util miniſterio, e religiaõ cremos

ſer

ſer a Deos agradavel, empareis, e favoreçais em ſeu louvavel propoſito, procurando que ſejaõ benignamente recebidos ao officio da prègaçaõ, pera que eſtaõ deputados. E tendoos por encomendados em reverencia da Sè Apoſtolica, os ajudeis em ſuas neceſſidades, como a homens que entendendo no aproveitamento das almas, e ſeguindo sò, e buſcando a Deos, eſtimaõ ſobre tudo o titulo de pobreza. Finalmente de tal modo ponde em effeito o que aſſi vos encomendo, e mando, que quando vier o dia temeroſo da conta, e juyzo final, vos acheis em companhia dos eſcolhidos do Senhor, e à ſua maõ direita, e alcanceis com elles o Reyno, e gloria eterna: e naõ ouçais nem vos toque a temeroſa ſentença dos danados, aos quais o meſmo Senhor, por ſe aver por deſprezado, e afrontado no deſprezo que deſtes pequeninos ſeus ſervos fizeraõ, ha de condenar a fogo perpetuo. Dada em Uiterbo aos dezaſete das Calendas de Dezembro no anno quarto de noſſo Pontificado.

De Barcelona veyo dom Frey Sueyro correndo todos os Moſteyros da Provincia: e como ſua peſſoa, e partes, ſua prègaçaõ, pobreza, e modeſtia acreditavaõ muito as encomendas que trazia, com os Reys, e com todos os Prelados, foraõ os Breves Pontificais de grande effeito: e creceo tanto a devaçaõ da Ordem nas terras por onde primeyro veyo entrando da coròa de Aragaõ, que antes de oitenta annos cumpridos deſpois de conhecida nellas, teveraõ Conventos baſtantes pera fazerem Provincia por ſi, e ficarem ſeparados com titulo de Provincia de Aragaõ. Deixando viſitados eſtes Conventos, e provido nelles o que por entaõ convinha. O que avemos de entender foy muy de ſobre maõ, porque nos conſta que naõ veyo a entrar em Caſtella ſe naõ no principio do anno ſeguinte, como logo veremos: tornou a continuar o caminho em proſeguimento de ſua obrigaçaõ.

CAPITULO XIX.

Proſegue o Provincial dom Frey Sueyro Gomez a viſita de ſua Provincia nos Reynos de Caſtella, e Portugal. Contaſe o felice tranſito de noſſo glorioſo Patriarcha Saõ Domingos: e a eleiçaõ que ſe fez em ſeu lugar de Meſtre Geral da Ordem.

ENtrava o anno de 1222, e no meſmo tempo caminhava por Caſtella o noſſo Provincial em demanda da Corte, avendo por couſa importante pera o bem da Provincia, e por termo de cortezia devida a hum Rey que tinha nome de Santo darlhe conta de ſi, e do ſerviço que com a nova obrigaçaõ do cargo vinha fazer a todos os Rey- 1222. Caſtilho p. 1. l. 2. c. 1.

Reynos de Eſpanha, e preſentarlhe as cartas que trazia do Pontifice. Era Rey em Caſtella dom Fernando Terceyro, que reynando em Liaõ, veyo a ſucceder nos mais Reynos de Caſtella, por morte del Rey dom Anrique, que ſem deixar filhos morreo de hum deſaſtre em Palencia, e era tio de dom Fernando, irmaõ de ſua mãy a Raynha dona Berenguela. A fama que jà corria com louvor de ſuas partes de virtude, e bom governo lhe veyo a render deſpois o nome de Santo, por quem oje he conhecido. Deulhe o Provincial conta do eſtado da Ordem, e do cargo que trazia, e a que vinha. Lembroulhe a obrigaçaõ que tinha, como Rey, e como Catholico, e bom governador de favorecer huma Ordem, cujo fim era com ſam doutrina deſterrar vicios do povo, e prantar virtudes, que era o meſmo que fazerlhe vaſſallos fieis, e ſantos: Ordem fundada por hum vaſſallo ſeu nacido em Caſtella, e do melhor della: vaſſallo ſanto, e taõ ſanto, como a fama, e voz publica teſtemunhava, e com ella o meſmo Pontifice Principe da Igreja de Deos, cujas letras lhe offerecia. Foy o Provincial bem viſto del Rey, e ouvido com benignidade, e promeſſas de todo favor que pera bom effeito de ſua pretençaõ lhe foſſe neceſſario. E deſde logo lhe mandou paſſar huma proviſaõ geral pera todos ſeus Reynos, em particular abonaçaõ, e recomendaçaõ de ſua peſſoa, e de toda a Ordem, a qual tirada do original que oje eſtà vivo no noſſo Convento de S. Pedro Martyr de Toledo he a ſeguinte.

FErrandus Dei gratia Rex Caſtellæ & Toleti omnibus hominibus Regni ſui hanc chartam videntibus ſalutem & gratiam. Uniuerſitati veſtræ notum fieri volumus, quòd Donum Suerium Priorem Ordinis Prædicatorum in Hiſpania diligimus, & charum habemus, eiuſque meritis exigentibus firmam de eo fiduciam gerimus & conſtantem. Vnde rogamus vos propenſius, & mandamus, quòd cum ad loca veſtra venerint tam dictus Prior, quàm Prædicatores Ordinis ſui (cùm eundem Ordinem, & Fratres ad preces & mandatum Domini Papæ ſub protectione, & defenſione noſtra receperimus, & ad promotionem dicti Ordinis velimus intendere diligenter) eos benignè recipere, deuotè audire, & cum reuerentia debita tractare in omnibus ſtudeatis: circà eos in omnibus taliter vos habendo, quòd maiorem apud nos mereamini gratiam inuenire. Facta charta apud Madrid Reg. exp. die XVIII. Ianuarij Era mileſima ſexageſima, anno regni ſui quinto.

Tra-

Traduzida em vulgar diz aſſi:

FErnando pola graça de Deos, Rey de Caſtella, e de Toledo, a todos os que eſta carta virem ſaude, e graça. Queremos que a todos vos ſeja notorio, que amamos, e nos he muy caro dom Sueyro Prior da Ordem dos Prègadores em Eſpanha, e delle, porque aſſi o requerem ſeus merecimentos, fazemos firme, e ſegura confiança. Pelo que encarecidamente vos rogamos, e mandamos, que quando elle ou os Prègadores de ſua Ordem forem a voſſas terras, folgueis de os agaſalhar com amor, ouvir com devaçaõ, e tratallos em tudo com a reverencia devida, e procedendo com elles de maneyra que pera comigo vos façais merecedores de mais graça, e mercè: viſto como a dita Ordem, e Frades tenho tomado debaixo de noſſa protecçaõ, e emparo, a rogo, e por mandato do Senhor Papa, e com diligencia queremos entender em ſeu acrecentamento. Feita em Madrid a dezoito de Janeyro da Era de mil e duzentos e ſeſenta, aos cinco annos de noſſo reynado (reſponde ao juſto aos annos de Chriſto mil duzentos e vinte dous.)

Do teor deſta proviſaõ ſe deixa bem entender qual ſeria o encarecimento das cartas do Pontifice, e que naõ ſeriaõ menos efficazes, as que o Provincial trouxe pera el Rey de Aragaõ, e trazia pera o de Portugal. Tambem fica entendido o grande fervor com que o Provincial procurava dilatar a Ordem, e abranger com o zelo de outro Paulo a todos os lugares de Eſpanha, pois vindo de caminho taõ comprido, e inſtando outro pera o Capitulo de Paris naõ tomava dias de deſcanço, e na força do inverno queria aproveytar o tempo.

Neſtes penſamentos, e obras andava occupado dom Frey Sueyro quando foy certificado da morte do Santo Patriarcha. Foy ſeu ditoſo tranſito em Bolonha huma ſeſta feyra aos ſeis de Agoſto do anno paſſado de 1221. Sayra, como atràs diſſemos daquella cidade na volta de Veneza logo deſpois do Capitulo: fora prègando por todas as cidades, e lugares de importancia, em Ferrara, em Mantua, em Faença, com grande trabalho ſeu, que ſe augmentava com hum extraordinario concurſo, e devaçaõ dos povos. Em Veneza naõ teve momento de repouſo, ſendo da meſma ſorte buſcado, e ouvido a todas horas. Mas como ſabia que ſe lhe eſtreitava o prazo da vida, ſegundo o declarara 1221.

clarara à ſayda de Bolonha a huns devotos ſeus, dizendolhes que brevemente acabaria ſeu deſterro, e que ſeria no meſmo anno, e antes do dia da Aſſumpçaõ de Noſſa Senhora, deuſe preſſa em fazer volta, e com o trabalho do caminho ſempre a pè, e nunca aliviado, juntandoſe a força das calmas que abrazavaõ a terra (era por fim de Julho) chegou a Bolonha taõ cançado, e desfalecido, que jà ſe naõ podia ter nos peis. E com tudo ainda aquella noite ſe naõ quiz entregar a doente. Aſſiſtio no Coro às Matinas, e deſpois na Igreja atè pola manham em ſeus acoſtumados exercicios. Mas amanheceo com febre deſcuberta, e ſobrevieraõ outros accidentes que o debilitaraõ demaſiadamente, e foy neceſſario levaremno a huma cella. E eſta foy a primeyra vez que ſofreo ſemelhante gaſalhado. Como de grande novidade apontaõ as Hiſtorias cuja era, e dizem que de Frey Moneta. Nella foy lançado ſobre hum pobre enxergaõ: he nome de palha recolhida, e apertada entre duas mantas de xerga ou ſaco. Aly andando todos os roſtos cubertos de nuvens de triſteza, reſplandecia no ſeu hum Sol de alegria, como quem eſperava com alvoroço o cumprimento de huma nova, que recolhendoſe hum pouco em oraçaõ teve da boca do meſmo Chriſto. Apareceolhe o Senhor em figura de hum moço belliſſimo ſobre tudo o que ſe pode dizer, ou imaginar, e dizialhe. Vem, amigo, vem, e entraràs na poſſe dos verdadeyros gozos. Confeſſouſe geralmente neſta hora, ſendo aſſi que o tinha feito outras vezes: recebeo todos os Sacramentos da ſanta Igreja com a ſua devaçaõ, que naõ ha mais encarecer: e tratandoſe da ſepultura, foy palavra expreſſa ſua que o enterraſſem aos pès dos ſeus Frades. Hia enfraquecendo, e acabando por momentos: vio que na ſua melhor hora o deſpediaõ ſeus filhos com rios de lagrimas, que corriaõ dos olhos de quantos o cercavaõ, que eraõ todos os que avia no Convento: naõ o pode ſofrer aquella caridade angelica, esforçou a voz, conſolouos com palavras de celeſtial eſpirito, encomendandolhes com particularidade todas as virtudes: e quando chegou à caridade, dezia que eſta com a humildade, e pobreza Evangelica eraõ a herança que por teſtamento lhes deixava. E porque creciaõ effeitos, e vozes de amor chorandoſe os Frades por deſemparados com a falta de tal pay; foraõ ultimas palavras certificallos, e prometterlhes, que no lugar, pera onde hia morrendo, lhes ſeria de mais proveito, que na terra vivo. E levantando as maons, e olhos ao Ceo, deu aquella bendita alma nas maons do Criador: em idade de cinquenta, e hum annos. Certificaraõ logo ſua gloria muitas, e varias revelaçoens de gente ſanta, e ſeguiraõ teſtemunhos de grandes milagres em ſua ſepultura. Era S. Domingos de meam eſtatura, muito alvo, e gentilhomem de roſto: o cabello tirava a ruivo, poucas cans, mas mais na cabeça que na barba. O cabello da cabeça muito eſpeſſo, e ſem final de entradas nem calva. A voz no pulpito muito alta, mas de bom metal, e nada penoſa aos ouvintes. Magro de ſeu natural, mas com as pe-

penitencias mais desfeito, e quebrado do que pedia o numero dos annos. Notavaõ muitos que da teſta, e olhos lhe ſahiaõ algumas vezes huns como rayos, que afuzilavaõ na viſta de quem o olhava, e tratava, de ſorte que o faziaõ grandemente veneravel. De condiçaõ era manſiſſimo: de ſua boca ſe naõ ſabe que ſayſſe nunca palavra de ira, ou deſcompoſiçaõ, nem ocioſa: todo ſeu trato, e praticas ou eraõ de Deos, ou com Deos: riguroſo com eſtremos pera conſigo: e com os meſmos brando, e mavioſo pera ſeus ſubditos. Amigo ſobre tudo, o que ſe pode dizer, de ſer pobre, e deſprezado do mundo, inimiciſſimo das glorias, e grandezas delle, do que deu bom teſtemunho: engeitando tres Biſpados, que em differentes tempos lhe foraõ offerecidos, como o eſcreve Theodorico Apoldia em ſua vida, que compoz por mandado do noſſo ſetimo Geral Munio, paſſa jà de trezentos, e vinte annos, e conta que quando foy buſcado pera hum deſtes, que elle chama Cizeranenſe, reſpondeo, que antes aceitaria morrer logo, que verſe em tal honra, nem em outras ſemelhantes. Affimaraõ os que de ſuas confiſſoens podiaõ teſtemunhar, que nunca peccou mortalmente. Nunca comeo carne, nem por doente deixou de jejũar. Nunca deſpois de fundada a Ordem teve outra caſa ſe naõ a Igreja, nunca outra cama ſe naõ as lageas della. As noites paſſava inteiras em oraçaõ, e diſciplinas: diſciplinas taõ aſperas, e continuas que eraõ tres cada noite, e ſempre de ſangue, e o inſtrumento cadeas de ferro. A oraçaõ taõ afervorada, que humas vezes ſe arrebatava em profundas extaſis, hora ficando ſem movimento, nem ſentido, e como paſſado da vida, hora levantado no ar: outras eraõ tantos os ſoſpiros, e gemidos, que ſem ſe poder valer ſahiaõ do ſanto peito, que ao eſtrondo, e rumor delles acordavaõ os Frades, e perdiaõ o ſono. Aſſi naõ lhe ficava hora de repouſo: e quando os membros cançados pediaõ a ſatisfaçaõ natural, tomava por almofada hum breve eſpaço que dormia os degràos de algum altar. Do ſanto ſacrificio da Miſſa era devotiſſimo: naõ ſe lhe paſſava dia ſem celebrar: e era ſempre com taõ alto ſentimento, que como de duas fontes corriaõ as lagrimas de ſeus olhos, e deciaõ atè o chaõ.

Theod. Apold. in vita B. Dom. l. 1. c. 10. Idem l. 4. c. 10.

Temperou o Provincial o ſentimento, e ſaudades do bom Pay, com a certeza que tinha de ſua gloria, por eſtas virtudes, e outras muitas que por brevidade deixamos, de que elle era boa teſtemunha: e obrigado de todas, e do que a fama trazia de ſeu ſanto tranſito, tomava novo animo pera o trabalho que ſobre ſeus hombros carregava, ſem fazer conta da vida, nem a querer pera outra couſa. Como foy tempo de caminhar pera o Capitulo de Paris, ſegundo a ordem que eſtava dada, começou a jornada com novo cuidado da eleiçaõ que inſtava de ſucceſſor de S. Domingos. E anticipouſe, a meu parecer, alguns dias pera yr de paſſagem colhendo fruito de ſua prègaçaõ, e doutrina nos lugares da Montanha, como ſaõ Burgos, e outros por onde he a eſtrada de Paris, que entaõ eraõ terras gran-

grandes, e bem povoadas. Em todas he de crèr, que ſe deteria purificando conſciencias, e affeiçoando com ſua prègaçaõ os animos à virtude, e àquella eſtreita pobreza com que caminhava, que como de verdadeyro filho de S. Domingos eſpantava, e confundia os que a viaõ. E daqui teve principio tratarem os vizinhos de Burgos de darem caſa à Ordem. E eſta he das bem antigas, e que teveraõ ſeu principio por eſtes annos. Tambem me perſuado por bons fundamentos que teve a origem deſta jornada huma Hiſtoria que nos deixou de ſua maõ dom Lucas, que deſpois foy Biſpo de Tuy em Galiza, e eſcritor celebre daquelles tempos. Era dom Lucas Conego regular do Moſteiro de Santo Iſidro, ou Iſidoro de Leaõ: como homem de virtude, e letras devia ver, e tratar o Provincial. E o Provincial como lhe entendeo o talento, deſejou logo occupallo em couſa que foſſe de proveito das almas. E porque os exemplos dos Santos podem muito pera eſpertar nos fieis a memoria da ſalvaçaõ, fezlhe lembrança que ſeria obra de importancia tirar a luz a vida, e milagres do grande Arcebiſpo de Sevilha Santo Iſidoro, pois em caſa ſua, e do ſeu nome reſidia. Obrigouſe dom Lucas ao trabalho, e ſaindo depois a luz com huma parte delle, dedicoua ao meſmo Provincial com eſte titulo: *Sanctiſſimo Patri Suerio Priori, &c.* e entre as clauſulas do prologo ha huma cujo principio he: *Cum ad ſcribenda miracula, bone paſtor Sueri, Sanctiſſimi Ordinis Prædicatorum in Hiſpanijs Prior Prouincialis, &c.* E por remate do prologo diz aſſi: *Dignare orare, benigniſſime Pater, vt quia hoc in ſua materia laudabile opus veſtra iubente, ac ſuadente ſanctitate in incepto affectionis conſiſtit; auxilium divinum ad optatam perfectionem miſericorditer faciat peruenire.* Eſte livro eſcrito de maõ ſe guarda no Archivo do Moſteyro de Santo Iſidoro de Leaõ, ſegundo o affirma o Conego Joaõ de Palacios no Catalogo que fez dos Biſpos de Tuy. Chegado a Paris o Provincial dom Frey Sueyro, e juntos os mais Provinciais, e Padres Capitulares no ſanto dia de Pentecoſtes do anno que corria de 1222 foy eleyto com ſumma conformidade por Meſtre Geral de toda a Ordem, e ſucceſſor de S. Domingos o Meſtre Frey Jordaõ de naçaõ Alemaõ, das terras de Saxonia, peſſoa de grandes partes de letras, e virtude, que por ſer tal fora eleyto polo meſmo Santo em Provincial de Lombardia. E ſem fazerem outra couſa que toque a noſſo propoſito ſe deſpediraõ os Padres pera ſuas Provincias.

Joaõ de Palacios no Catalogo dos Biſpos de Tuy.

1222.

CAPITULO XX.

Vem a Portugal o Provincial dom Frey Sueyro, treslada o Conventо de Montejunto pera Santarem ao ſitio de Montijràs.

BEm podemos affirmar que era deſejada a vinda do Provincial neſte Reyno polos que eraõ ſeus ſubditos, e por toda a mais gente que delle tinha conhecimento. Porque quanto aos ſubditos, alèm do deſgoſto que geralmente cauſa a falta do Prelado, a grande bondade deſte, e auſencia de hum anno e meyo (viſto como naõ parece poſſivel

que entre eſtes dous Capitulos teveſſe tempo pera decer a ſua patria) acrecentava o deſejo, e as ſaudades em quem naõ conhecia outro pay. Ajuntavaſe da parte dos conhecidos, e affeiçoados tratarſe com grande calor por peſſoas bem intencionadas, e amigas do bem commum, que ſe buſcaſſe algum meyo pera terem fim as duvidas, e contendas que de tanto tempo, e taõ porfiadamente corriaõ (como atràs tocamos) entre o Arcebiſpo de Braga dom Eſtevaõ Soares da Sylva em ſeu nome, e do Clero de ſua Igreja, e el Rey dom Affonſo, em grande prejuyzo das almas de ſeus vaſſallos, e deſcredito da Religiaõ, por rezaõ das eſcomunhoens, e interditos que todavia duravaõ. E o meyo que ſe apontava era hum louvamento em peſſoa deſintereſſada, que ſem eſtrepito de juyzo decidiſſe com brevidade todos os litigios. E da peſſoa naõ avia quem duvidaſſe, quando a tinhaõ tal no Reyno como era a do Provincial, que por partes de ſciencia, e conſciencia ſe naõ podia buſcar outra mais a propoſito. Aſſi foy bem vindo pera todo eſtado, e genero de gente: e logo ſe começou a apertar mais a pratica polos que a traziaõ entre maons, e foy com tanta força, que poucos mezes deſpois foy Deos ſervido chegaſſe a effeito.

Mas elle entre tanto naõ vivia fora de cuydados: e ſobre todos o afadigava terlhe moſtrado o tempo que naõ era poſſivel aturarem os Frades a vivenda da ſerra, e ſerra taõ aſpera, e intratavel, quando a Ordem tinha tantas outras aſperezas, que sò per ſi eraõ baſtantemente conſumidoras de qualquer muy robuſto ſojeito. Quanto mais que pera o proveito eſpiritual da terra, que era o alvo de noſſo inſtituto, eſtavaõ muy deſviados do povoado, naõ sò em rezaõ de diſtancia, mas tambem de ſitio: e naõ sò ficavaõ inutiles por viverem longe, mas por eſtarem em parte, onde dos devotos naõ podiaõ ſer buſcados ſem muito trabalho: e iſto sò em hum tempo do anno que era no veraõ. Aſſi era jà reſoluçaõ dos que melhor ſintiaõ entre os Religioſos, e dos ſeculares que à Ordem tinhaõ mais devaçaõ, que ſe naõ tardaſſe na mudança. Sò no lugar ſe duvidava. Porque ſe lhes fazia de mal aos Padres, e parecia ſer contra a caridade deſempararem as terras de Alanquer, onde acharaõ primeiro gaſalhado: e muito mais deixar a vizinhança da Infante que os amava, e favorecia. Contra iſto avia, que Alanquer como naõ era lugar grande, pera doutrina tinha baſtantes Meſtres nos Padres Menores jà moradores, e vizinhos das portas a dentro: e pera exercicio de caridade em os ſuſtentar naõ eraõ poucos: e ſobre tudo naõ ſentiaõ na villa lugar commodo pera outro Convento. E quanto à Infante eſtava certo, que em alcançando paz que teveſſe por firme com el Rey ſeu irmaõ pola compoſiçaõ que jà tambem andava em pratica, naõ ſofreria a auſencia de ſuas irmans. Conſideravaſe tambem, que como os Moſteyros tem reſpeito à perpetuidade, naõ era ſizudo conſelho ſojeitar eſte a huma sò vida, e de huma Princeſa jà entrada em dias, mormente quando neſta ſojeiçaõ era o ſerviço que ſe lhe

lhe fazia pouco ; e o dano que os Religioſos padeciaõ muito: e muito o que entre tanto perdia qualquer outra terra , das que jà os chamavaõ pera fundar.

Naõ avendo duvida em deixar Alanquer , e a ſua ſerra, nem faltando recados de bons lugares , que requeriaõ fundaçaõ , e offereciaõ pera ella ſuas eſmollas, o que mais conveniente pareceo ao Provincial por todas as vias, foy Santarem Villa primeira de todas as do Reyno, e por grandeza , e numero de povo , e opulencia de comarca comparavel às melhores cidades delle. No ſitio que lhe offereceraõ de Monteiràs , inda que logo lhe notou inconvenientes , naõ reparou , ou por ſe naõ moſtrar màо de contentar, quando era chamado , e rogado : ou porque em comparaçaõ do que deixava , todo outro parecia muy acommodado. Mas o que o ſucceſſo nos faz julgar por mais certo , he que o aceitou, naõ como caſa de morada: ſe naõ como gaſalhado de empreſtimo, atè com bom conſelho o buſcar qual convinha. Deu conta de tudo à Infante : ella com animo real , e pio naõ sò o naõ encontrou , mas como quem era teſtimunha do muito que os pobres Frades tinhaõ padecido , e padeciaõ queimados do Sol , do frio , e ventos de taõ trabalhoſa vivenda , aprovou a determinaçaõ , antepondo , como dizia, o mayor bem dos Religioſos ao goſto que levava de os ter junto de ſi. Naõ ſe moſtrou taõ facil como a Infante o comum da villa de Alanquer, e o governo della , que ſabendo como ſabiaõ o grande ſerviço que a Deos ſe fazia naquella ſanta companhia com oraçoens continuas , jejuns, vigilias , diſciplinas , pareciallhes que perdiaõ com ſua yda hum preſidio , e guarda de ſuas vidas , e fazendas , alèm da honra que lhes reſultava de terem conſigo dous Conventos de gente tanto do Ceo , quando avia poucas terras em toda Eſpanha que teveſſem hum sò. Mas o conſintimento da Infante franqueou todas as difficuldades. Mudaraõ caſa , e ouve taõ pouco eſtrondo na mudança (bem aja quem te ama , e quem com obras , e coraçaõ te abraça ſanta pobreza) que ſem nenhum pejo levaraõ tudo o que avia que mudar , debaixo dos braços. E o tudo eraõ alguns livros , e humas leves alfayas da Sacriſtia, e as pobres mantinhas que lhes faziaõ abrigo nas cellas. O mais movel dellas , e atè a meſma fabrica do Convento era pera o ſeu trato facil de achar em todo lugar, onde ouveſſe mato , e pedra, e barro. Aſſi em chegando a Santarem naõ ouve tardança em terem caſa feita. Porque o mais difficultoſo tinha de ſeu o ſitio , que era huma Igreja bem accommodada.

Deu o Provincial o cargo da obra a Frey Domingos de Cubo filho de habito de noſſo Padre S. Domingos do tempo que veyo a Segovia , e Madrid , como atràs fica dito , o qual deſde entaõ ficou em Portugal , e deu peſſoa de grande marca na Religiaõ , como ao diante veremos. Juntamente o apercebeo que deſde logo foſſe lançando os olhos por ſitio melhorado em vizinhança com a villa. Que pois da ſerra os trazia hum sò deſejo de ſe empregarem a to-

toda hora em ſerviço do povo, naõ tinha por acertado ficarem longe della, mais que em quanto ſe buſcaſſe melhor poſto. Cnmprio Frey Domingos huma, e outra ordem, entendendo com as maons na fabrica preſente, e com os olhos buſcando, e marcando ſitios que armaſſem pera a encomendada. E foy o Senhor ſervido que em breves dias ſe acreditaraõ os Religioſos com a terra de ſorte, que ouve quem deu o dinheyro pera ſe comprar novo ſitio em nome delles, e ſe começou a tratar da mudança. Mas por hora ſe ficaraõ em Montijràs. Pera melhor ſe entender o que antigamente era, e onde cahia Montijràs remeto o Leytor ao Capitulo primeyro do ſegundo livro, onde fazemos deſcripçaõ de toda a villa, como em ſeu proprio lugar. Agora baſta ſaberſe que era hum ſitio, cujo nacimento começava à rayz do monte, que oje chamaõ dos Apoſtolos, e ſe eſtendia polo valle do arrabalde da ribeira contra a villa, afaſtado hum eſpaço do meſmo arrabalde, que entaõ era couſa pouca: e pera a villa ficava huma ſobida de coſta comprida, e agra. O valle jà naquelle tempo era cultivado de hortas. Aqui contaõ as Cronicas do Reyno que parou el Rey dom Afonſo Enriques primeiro Rey de Portugal com ſeus ſoldados pera fazer horas de acometter o venturoſo aſſalto, e eſcalada, com que em huma noite, e com poucos companheyros, e ſendo elle em peſſoa hum dos mais arriſcados acomettedores, ſe fez ſenhor da villa matando infinitos Mouros, ſem perder homem. E polo valle fez a entrada contra a porta que chamaõ da Atamarma. Foy eſte feito no anno de noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1147, e ſendo emprendido com tanto valor, e bom ſucceſſo, foy o ſegredo tal, que nem em Coimbra, donde ſahio, ouve quem imaginaſſe que tal ſe tratava, ſe naõ deſpois que ſe vio acabado. E a Igreja, que os noſſos Frades acharaõ, devia ſer obra do meſmo Rey, como em graças da vitoria, que daquelle poſto teve principio.

Duarte Nunes de Leaõ na vida del Rey dom Afonſo Enriques. Maris fol. 39. dos ſeus Dial.

Deu o Provincial preſſa em que ſe accommodaſſe o recolhimento, pera que os Frades, que juntamente eraõ architectos, e trabalhadores, naõ faltaſſem à prègaçaõ, e doutrina. E tal foy o primeyro ſitio, e o principio do Convento, que eſta Provincia teve em Santarem, ficando com o nome de S. Domingos de Montijràs: o qual colligimos parte de memorias, e papeis antigos, que oje vivem no cartorio daquella caſa, parte da tradiçaõ commum que nella, e na villa dura entre os velhos, deduzida das idades antigas atè a preſente. Queixome porèm do deſcuydo com que viveraõ da poſteridade os Padres que neſte Convento naquelles bons tempos ſe criaraõ, pois ſendo taõ inſignes ſua vida, e obras, que as achamos celebradas por livros, e lingoas eſtranhas, foraõ elles em nolas dar de ſua maõ eſcritas taõ avaros, que he neceſſario andarmos mendigando muitas couſas por conveniencias, e conjeituras pera podermos formar eſta Hiſtoria. Aſſi naõ baſtou nenhuma diligencia pera alcançarmos ao certo o anno preciſo deſta tranſmigraçaõ, ſendo couſa certa que foy por eſtes annos em

em que vamos: nem pera ſabermos como desfez o tempo eſta Igreja de Montijràs, viſto naõ aver oje raſto, nem ſinal della, e ſer tambem certo que eſteve muytos tempos em pè, e muitos manteve o nome de S. Domingos, ainda deſpois de a deixarem os noſſos Frades com ſegunda tresladaçaõ que fizeraõ pera o lugar, onde oje temos o Convento na meſma villa: e ſendo dada a outros moradores, como ao diante ſe verà.

CAPITULO XXI.

Vay o Provincial a Coimbra chamado del Rey dom Sancho Segundo. Concordao com o Arcebiſpo de Braga, ſendo por ambos eleyto Juiz das contendas que traziaõ.

QUando os medianeyros da compoſiçaõ, que ſe tratava entre el Rey dom Affonſo ſegundo, e o Arcebiſpo de Braga dom Eſtevaõ Soares da Sylva, acabaraõ de aſſentar com el Rey as condiçoens do compromiſſo que ſe avia de fazer (como atras fica tocado) na peſſoa do Provincial dom Frey Sueyro, mandouſelhe recado a Santarem pera que ſe achaſſe preſente às eſcrituras, e aceitaſſe, e aſſinaſſe o louvamento. Acodio o Provincial, e veyo o Arcebiſpo a Coimbra, onde el Rey eſtava. Mas como couſas grandes tem ſempre ſuas difficuldades, e el Rey decia aos concertos mais por animo Chriſtaõ, e pio, que por entender que em conſciencia tinha obrigaçaõ alguma às queixas do Arcebiſpo: e folgava de cortar, ſegundo dizia, por ſi, por atalhar as deſconſolaçoens que avia no povo com as eſcomunhoens, e interditos, ouve tanta dilaçaõ em meyo, que eraõ paſſados do anno novo de 1223 dous mezes, e as eſcrituras naõ ſe celebravaõ. E quando naõ faltava mais que aſſinaremſe, decretouſe outra couſa no tribunal Divino: veyo el Rey a adoecer, e faleceo logo aos vintecinco de Março deſte anno em que vamos correndo de 1223 Porèm, naõ eſtorvou tamanho accidente o que eſtava capitulado: antes el Rey dom Sancho, inda que moço que naõ chegava a dezaſete annos, querendo entrar com bençoens, e boa eſtrea no Reyno, paſſados os dias que eraõ devidos a exequias, e nojos Reays, mandou que teveſſe effeito o louvamento, e a eſcritura ſe fez no mez de Junho logo ſeguinte. Della poremos aqui alguns pedaços tirados do original que ſe guarda no cartorio da Sè de Braga, donde nos foraõ dados. E diz aſſi. 1223.

CUm olim quæſtio verteretur inter Domnum Alfonſum Secundum illuſtrem Regem Portugalliæ ex vna parte, & Donum Stephanum Brac. Arch. ex altera ſuper quibuſdam ganatis & pecunia, de quibus dicebatur idem Rex ſforciaſſe Monaſteria, & Eccleſias, & ſuper quibuſdam domibus, & vineis, & alijs damnis irrogatis eidem Arch. & Eccleſiæ Brach. & Theſaurario. Quare idem

idem Arch. ſententias interdictorum in regnum, & diverſarum excommunicationum in ipſum Regem Donum Alfonſum, & factores ſuos, & in eum ſequentes, & in perſonas quorundam clericorum, & quædam alia Concilia partim autoritate ſua, partim Summi Pontificis fecerat promulgari. Tandem prædicto Rege viam vniverſæ carnis ingreſſo placuit filio eius Dono Sancio Secundo illuſtri Regi Portugal. cum præfato Archiep. amicabiliter compoſitionem facere in hunc modum. In primis iurauit idem Rex & Barones ſui ad ſancta Dei Euangelia ea quæ ſequuntur, ſcilicet quòd de ganatis, ſforciado & pecunia ſpoliatis emendam faciet per ſabedoriam & exiſtimationem Domini Suerij Prioris Fratrum Prædicatorum in Hiſpania, & Archidiaconi Brac. Domini Garciæ Menendi, & Ferdinandi Petri olim Cantoris Ulixbonenſis iuratorum ad ſancta Dei Euangelia bona fide veritatem de ganatis, & pecunia inquirere, & quantum Donum Regem ibi dare oporteat, & qualitate amicabiliter definire: quorum exiſtimationi vtraque pars ſtare tenetur, &c.

Ao diante vaõ condiçoens, e clauſulas particulares de obrigaçoens de depoſitos, e entregas de dinheyro, que deixamos, porque naõ ſervem, e apos ellas procede a eſcritura dizendo:

Dominus autem Archiep. iurauit ad ſancta Dei Euangelia coràm poſita, quòd facta depoſitione pecuniæ præfatæ apud Aquam leuatam, de qua debeat conſtare per literas ſupradictorum exiſtimatorum, & ſatisfacto ipſo Archiep. de prædictis ſex millibus aureorum Portugallenſis monetæ communis abſoluet ſine mora totum regnum, & tollet generali abſolutione omnes ſententias, quas tulit, vel fieri procurauit, tam interdictorum, quàm excommunicationum maiorum, vel minorum, ſiue in loca, ſiue in regnum, ſiue in concilia, ſiue in perſonas tam clericorum, quàm religioſorum, quàm laicorum, quàm quorumcunque occaſione huiuſmodi diſcordiæ, ſiue ſententiæ fuerunt latæ autoritate Domini Archiepiſcopi, ſiue Dom. Papæ, ſiue per iudices, ſiue per executores tam Dom. Papæ, quàm Archiep. &c.

E ultimamente cerra a eſcritura aſſi:

Actum

Actum Colimb. menſe Iunio ſub Era M. CC. LXI. præfatis Rege & Archiep. hæc confirmantibus cum appoſitione ſigillorum ſuorum: præſentes autem fuerunt, &c.

E logo abaixo vaõ muitos ſinais ſem mais declaraçaõ que a primeyra letra do nome de cada hum, e ſua dignidade pola ordem que vaõ poſtos.

Donus P. Abbas Alcobaciæ.
Donus R. Prior Hoſpitalis.
Donus Ambritius Abbas S. Ioan.
Magiſter Ioan. Decanus Colimbr.
Magiſter V. Decanus Vlixb.
Donus P. Magiſter Templi in Portug.
Donus S. Prior Prædicat.
de Tarauca. Mag. P. Cantor Portug.
G. Archid. Brac.
I. Theſaurarius Egitanus.

Eſtas clauſulas traduzidas em noſſo vulgar reſpondem o ſeguinte:

COrrendo demanda em tempos atràs entre o ſenhor Rey dom Afonſo Segundo de Portugal de huma parte, e o ſenhor Arcebiſpo de Braga dom Eſtevaõ da outra, ſobre, e por rezaõ de certos gados, e dinheyros, dos quais ſe dizia que el Rey esbulhara Moſteyros, e Igrejas: e ſobre algumas caſas, e vinhas, e outros danos dados ao meſmo Arcebiſpo, e à Igreja de Braga, e ao Theſoureyro della: por rezaõ das quais couſas elle Arcebiſpo fizera publicar ſentenças de interditos contra o Reyno, e varias excomunhoens contra o meſmo Rey dom Afonſo, e contra ſeus miniſtros, e ſequazes, e contra as peſſoas de certos clerigos, e contra algumas terras, e conſelhos: parte em nome, e por autoridade delle Arcebiſpo, parte por autoridade do Summo Pontifice. E hora ſendo o dito Rey falecido da vida preſente, ouve por bem el Rey dom Sancho Segundo ſeu filho fazer com o dito Arcebiſpo amigavel compoſiçaõ na forma ſeguinte. Primeyramente jurou el Rey, e com elle os Senhores de ſua Corte aos ſantos Euangelhos que comprirà as couſas ſeguintes, a ſaber: que polos gados, e dinheyros, forças, e esbulhos feytos darà a ſatisfaçaõ que juſto for a juyzo, e alvidramento de dom Sueyro Prior dos Frades Prègadores em Eſpanha, e do Arcediago de Braga dom Garcia Mendes, e de Fernaõ Peres Chantre que foy de Lixboa, ajuramentados, que com boa fè procurem averiguar a verdade do que toca aos gados, e dinheiro, e logo determinem amigavelmente

quanto ſerà bem que o Senhor Rey dè, e em que forma. E ambas as partes ſejaõ obrigadas eſtar polo que ſentenciarem. *Segue adiante.* E o ſenhor Arcebiſpo jurou aos ſantos Euangelhos que tinha diante, que ſendo primeyro depoſitado o dinheyro acima dito no lugar de Agoa levada: do qual depoſito conſtaria por aſſinados dos ditos juyzes: e ſendo elle Arcebiſpo ſatisfeito das ſeis mil peças d'ouro de moeda Portugueſa atràs declaradas, logo ſem mais demora abſolverà todo o Reyno, e levantarà com abſolviçaõ geral todas as ſentenças que deu, e fez dar, aſſi de interditos, como de eſcomunhoens mayores, ou menores contra quaiſquer lugares, e contra o Reyno, Conſelhos, e peſſoas aſſi de clerigos, e frades, como de leigos, e quaiſquer outros que a eſta diſcordia deraõ occaſiaõ, quer as ditas ſentenças foſſem dadas por elle ſenhor Arcebiſpo, ou pelo Senhor Papa, quer por juizes, ou miniſtros de ambos, ou de cada hum, &c. *Abaixo.* Feito em Coimbra no mez de Junho Era de M. CC. LXI. (*que correſponde aos annos de Chriſto de* 1223.) confirmando tudo os ditos Rey, e Arcebiſpo com ſeus ſellos, &c.

He de ſaber, que alèm dos que atràs notamos no fim da eſcritura que foraõ preſentes, e aſſinaraõ huns como Prelados de autoridade no reyno, outros como juizes, ou partes: aſſinaraõ outras muitas peſſoas que juraraõ por parte del Rey, como diz a eſcritura, e eraõ os fidalgos mais principais do Reyno, ſegundo parece de huma regra antecedente aos ſinais que diz aſſi: *Barones autem qui iurati fuerunt ex parte domini Regis ſunt iſti.* E he de notar, que eſtaõ nomeados polo taballiaõ duas vezes, quaſi ſem differença, primeyro como teſtemunhas, e deſpois como partes, e poſtos pola ordem que aqui vaõ. E o *Donus* em tantos moſtra ſer cortezia do eſcrivaõ, e naõ titulo de Dom em todos.

Donus P. Ioan. Maiordomus Curiæ.	Donus Gon. Menendi.
Donus M. Ioan. ſignifer Domini Regis.	Donus Ro. Menendi.
Donus Gar. Menendi.	Donus Gil Vaſques.
Donus Io. Fernandi.	Donus Henrichius.
Donus Poncius.	Donus F. Ioan.
Donus G. Menendi Cancellarius.	Donus Aprilis.

Eſta eſcritura ainda que hum pouco dilatada me pareceo ajuntar pera moſtrarmos com taõ verdadeiro teſtimunho o primeyro ſerviço que a Ordem de S. Domingos fez a eſte Reyno, e aos

aos Reys, com certeza de mez, e anno, que em tamanha antiguidade he bem de eſtimar. Tambem he de notar nella a grande Chriſtandade, e bondade dos Reys Portuguezes, que ainda que ſe ſintiſſem contra o que tinhaõ por rezaõ, aggravados dos miniſtros Eccleſiaſticos ſeus vaſſallos, ou com reſpeito, e modeſtia filial lhes naõ tolhiaõ uſar de todo direito, e armas de ſeu foro: ou com real benignidade, deſprezado todo intereſſe, deciaõ com elles a qualquer compoſiçaõ. Mas porque atràs prometti moſtrar com duas eſcrituras a grande reputaçaõ em que dom Frey Sueyro eſtava no Reyno, como indicio de ſer nacido nelle, e do melhor delle: ainda que por eſta fica bem entendido, ajuntaremos a outra, que ſegundo parece ſuccedeo em tempo à que fica lançada, a qual lhe naõ dà menos honra. Porque ſe pera a primeyra foy chamado por Arbitro, como natural, e ſabio, e virtuoſo, e nobre: pera a ſegunda parece que foy buſcado pera com ſua preſença, e final a authorizar, genero de honra muito aventajado. E irà no capitulo ſeguinte tambem eſpedaçada, e tomando della sò o que nos parecer neceſſario por encurtar leytura.

CAPITULO XXII.

Aſſiſte o Provincial a huma eſcritura de compoſiçaõ entre el Rey dom Sancho Segundo, e as Infantes ſuas tias. Averiguaõſe os annos que reynaraõ dom Afonſo Segundo, e dom Sancho ſeu filho.

HE de ſaber que el Rey dom Afonſo II. deſpois que obrigado por comminaçoens de cenſuras, e interditos do Summo Pontifice largou as armas, que tinha tomado contra as Infantes dona Tareja, e dona Sancha ſuas irmans, com pretençaõ de as deſapoſſar das villas de Montemòr o velho, e Alanquer, de que el Rey dom Sancho ſeu pay as deixara ſenhoras: decendo com ellas a contenda de juizo civil, e correndo a cauſa neſte Reyno, e deſpois em Roma, em fim alcançou ſentença contra ellas. Porque ſendo patrimonio real, naõ podia el Rey dom Sancho ſeu pay alheallas da Coroa, nem ſeu filho, e ſucceſſor della conſintir niſſo. Foy agente del Rey em Roma o Biſpo de Lisboa dom Sueyro, mandado por elle a ſolicitar a cauſa. E conſta da ſentença, e deſta agencia por huma proviſaõ do meſmo Rey, que nos foy communicada do cartorio da Sè de Lisboa: a qual poremos aqui de verbo ad verbum, como faremos polo diſcurſo da hiſtoria a outras antigualhas ſemelhantes: porque deſejo ſejaõ exemplo aos que deſpois de nòs tomarem o trabalho de eſcrever feitos paſſados, pera que vejaõ que o melhor meyo de deſcubrir verdades,

averiguar ſucceſſos de importancia, e concordar tempos, e annos duvidoſos, he revolvendo cartorios antigos das Igrejas grandes, e communidades autorizadas: onde ſe lançaõ muitas memorias sò a propoſito do que lhes cumpre ſem medo de deſagradar, nem ambiçaõ de comprazer a ninguem: as quais como eſtaõ puras, ſingelas, e ſem vicio ſervem de grande lume pera a hiſtoria. E naõ tenho duvida que ſe os noſſos Croniſtas antigos, digo aquelles que eſcreveraõ dos Reys, longos annos deſpois da ſua morte, aſſi como ſe valeraõ de informaçoens verbais teveraõ ou curioſidade, ou paciencia, pera deſenrolar pergaminhos velhos, e yr ſoletrando ou adivinhando (que quaſi aſſi convem) a letra Gotica humas vezes embaraçada, outras quaſi apagada, e cega de velhice, como mais de huma vez nos aconteceo: ſempre ouveraõ deixado mayor noticia, e mais acertada de muitas couſas de importancia, em que ainda oje ſe deſeja. E paſſemos à noſſa proviſaõ que diz aſſi:

ALfonſus Dei gratia Portugalliæ Rex vniuerſis de Regno ſuo, ad quos literæ iſtæ peruenerint, Sal. Sciatis quòd ego ſum multum debitor, & omnes qui de me deſcenderint dono S. Vlixbon. Epiſcopo, & toti generi ſuo, & eidem Eccleſiæ, & Canonicis eiuſdem pro eo, quòd ipſe Epiſcopus ſeruiuit in multum tam apud Romam, quam in regno noſtro in cauſa, quæ vertebatur inter me & ſorores meas ſuper caſtris Montis maioris, & Alanquerij, de quibus ipſæ tenebant me exhæredatum, & iuuit ad hæreditationem prædictorum caſtrorum, in ſententia à Dom. Papa Innoc. III. obtenta ſuper eiſdem caſtris. Et iuuit me tam in hoc, quam in alijs multis ſeruitijs, in quibus ipſum neceſſarium habui. Quapropter ego recepi illum in meam commendam cum omnibus, quæ Eccleſia Vlixbon. habet, & habuerit in toto regno meo, &c. & propter hoc dedi eis iſtam meam chartam apertam noſtro ſigillo plumbeo munitam. Dat. apud Vlixbon. XVII. die Aprilis, per mandatum Domini Regis Æra M. CC. LV. (reſponde aos annos de Chriſto de 1217.)

Eſcuſamos a traduçaõ, por ſeguir brevidade, e porque ſem ella fica entendido o que pretendemos moſtrar de como el Rey litigou em Portugal, e na Curia Romana com ſuas irmans, e teve ſentença em ſeu favor, e em que tempo. Eſta ſentença ou que foſſe sò na propriedade, ou em todo, procurou el Rey aſſentar com ellas por eſcritura, e contrato pacifico que por ſua morte deixaſſem as villas livremente à Coroa. Dilatouſe o negocio por duvidas que ſe deviaõ mover: e podia ſer que ouveſſe con-

contratos feitos por terceiros, e os meſmos ſe recindiſſem por naõ ſerem a goſto das partes. Porque a Infante dona Tareja queria que por ſua morte ficaſſem Montemor, e Eſgueyra à Infante dona Branca ſua irmã: e por falecimento d'ambas entaõ ficaſſe Montemor à Coroa, e Eſgueyra ſe deſſe ao Moſteyro de Lorvaõ. Em fim veyo eſte concerto tambem às maons del Rey dom Sancho, como o do Arcebiſpo de Braga, e veyo a celebrarſe no meſmo mez, e anno, mas naõ no meſmo lugar, e ao que parece foy alguns dias deſpois, porque naõ tendo data em dias a eſcritura do Arcebiſpo, eſta ſe declara que paſſou em Veſpera de S. Joaõ Bautiſta. Quiz el Rey que ſe autorizaſſe eſte acto com intervençaõ da peſſoa do Provincial dom Frey Sueyro, e que ſe fizeſſe em Montemòr o velho em preſença da Infante dona Tareja, onde elle ſe foy acompanhado do Arcebiſpo de Braga, que tambem aſſinou na eſcritura. Della lançaremos aqui algumas clauſulas, por ſerem em memoria de dom Frey Sueyro, e honra, e autoridade da Ordem de S. Domingos. Começa aſſi:

IN Dei nomine. Hæc eſt forma pacis & compoſitionis factæ inter Dominum S. ſecundum illuſtrem Regem Portugalliæ ex vna parte, & nobiliſſimas Reginas (jà diſſemos atràs que eſte titulo gozavaõ entaõ todas as filhas dos Reys) *Dominam T. & Dominam S. & Dominam B. ex altera; ſua ſponte, & in ſua ſanitate ſuper caſtris Montis maioris, & Alanquer, & ſuper Iſgueira: videlicet quòd Regina dona T. & dona S. debeant tenere in vita ſua caſtrum de Alanquer, & poſt mortem naturalem Reginæ donæ T. & reginæ donæ S. ipſum caſtrum de Alanquer debeat redire cum omni iure ſuo liberè, & ſine omni diminutione ad dictum Dominum S. Regem Portugalliæ, & ad filium eius, vel ad ſuum hæredem legitimum. Et Regina dona T. debet habere in vita ſua caſtrum Montis maioris & Iſgueiram, & poſt mortem eius naturalem regina Domina B. debet habere ipſum caſtrum & Iſgueiram: & poſt mortem naturalem ipſarum ambarum, caſtrum ipſum in pace cum omni iure ſuo liberè, & ſine omni diminutione redeat cum ſuis pertinentijs ad dictum Dominum S. Regem Portugalliæ, vel ad ejus legitimum hæredem: & poſt mortem naturalem reginæ donæ Tharaſiæ, & reginæ donæ Blancæ Iſgueira debet remanere Monaſterio de Lorvano pro hæreditate, &c.* Deſpois ſeguem outras couſas, e por fim dellas diz: *Actum publicè apud Mon-*

tem

tem maiorem veterem in vigilia S. Ioan. Baptiſtæ menſe Iunio. Præſentes fuerunt Domnus Brac. Archiepiſ. G. Archidiaconus, A. Theſaurarius, G. Capellanus Bracaren. S. Prior Fratrum Prædicatorum in Hiſpania : Abaixo ſeguem todos os mais, ou quaſi todos os aſſinados na outra eſcritura de Coimbra: e arremata dizendo : *Actum ſub Æra M. CC. LXI.* (que he o proprio anno em que vamos de 1223.)

Agora he tempo de advirtirmos aos que andaõ viſtos nas Cronicas deſte Reyno da rezaõ que temos pera nos naõ conformarmos na computaçaõ dos annos, e ſucceſſo da morte del Rey dom Afonſo Segundo com a letra de ſua ſepultura do Moſteyro real de Alcobaça, que o dà aly ſepultado no anno de Chriſto de 1233, principalmente ſendo aprovada polos Doutores Frey Bernardo de Brito, e Duarte Nunes de Leaõ reformador das Cronicas dos primeyros Reys de Portugal, peſſoas, a cujas letras, e ſciencia ſe deve grande reſpeito. Digo pois, que ſendo principio poſto em toda boa rezaõ naõ ſe conſintir diſputa em materias que ou conſiſtem em feito, ou que defeito ſe podem averiguar, ſatisfaço baſtantemente com duas eſcrituras atràs, cujos originais eſtaõ vivos, hum no cartorio real deſte reyno, outro no da Sè de Braga, donde me foy dado o que delles temos apontado, polo Licenciado Gaſpar Alvares de Louſada Machado, que o Braccarenſe teve a ſeu cargo alguns annos, e o Real tem de preſente com titulo de Reformador dos Padroados da Coroa, e Eſcrivaõ da torre do Tombo, e vay digerindo aquellas memorias antigas por taõ boa ordem, que ſerà facil aos eſcrupuloſos ſatisfazeremſe com viſta de olhos de ambas as eſcrituras referidas, porque tambem me conſta, que na meſma torre ha treslado autentico da de Braga. E huma, e outra fazem morto el Rey dom Afonſo Segundo antes do mez de Junho do anno de 1223 dizendo a primeyra: *Tandem prædicto Rege viam vniuerſæ carnis ingreſſo* : e fazendo em ambas el Rey ſeu filho autos que naõ fizera ſe naõ fora herdado, e Senhor ſoberano do Reyno. Por onde ſendo iſto teſtemunhos vivos, e mayores de toda exceiçaõ, claramente fica convencida a culpa da pedra de Alcobaça ſe a ouve nella, e culpados de deſcuydo os que à ſeguiraõ, naõ penetrando a ſignificaçaõ do letreyro, que com bom juizo eſculpio, ou o primeyro que aſſentou a ſepultura, ou o ſegundo que a mudou, que foy o Abbade dom Jorge de Mello. E moſtralloey com hum breve diſcurſo.

Duarte Nunes nas Cronic. reformadas. F. Bern. de Brito nos elogios dos Reys.

Diz a Letra : *Conditur hoc tumulo Donus Alfonſus Secundus nomine, ordineque Tertius Luſitaniæ Rex anno M. CC. XXXIII.* Quer dizer : Neſte muimento eſtà metido (ou foy mettido, uſando do preſente por preterito) dom Afonſo Rey de Portugal Segundo no nome, Terceyro em numero no anno de

1233. Duas couſas ha neſte letreyro que eſtaõ como com o dedo apontando duvida. Seja huma falar por annos de Chriſto, ſendo aſſi que nem entaõ, nem muito tempo deſpois ſe falou ſe naõ por Era de Ceſar: a outra he aquelle, *conditur*: que faz differente ſignificaçaõ, viſto principalmente que em todos os mais letreyros ha outros termos, como, *obijt deceſſit*, e outros, que claramente dizem faleceo, acabou, e nos eſtaõ amoeſtando que naõ ſem fundamento uſou do *conditur*. Ambas eſtas couſas, e cada huma dellas fora rezaõ que obrigaraõ aos Croniſtas a revolver antiguidades, e cartorios, que ſaõ fonte de luz dellas, como fica dito. Que ſe o fizeraõ, acharaõ as eſcrituras atràs lançadas, das quais conſta que era falecido antes de Junho de 1223. Acharaõ no livro dos Obitos do Moſteyro de Santa Cruz de Coimbra huma letra que diz: *Octavo Cal. Aprilis obijt Donus Alfonſus, Tertius Rex Portugal. Æra M. CC. LXI.* E acharaõ a meſma na Sè de Coimbra, que acrecenta deſpois do nome, e do tempo: *Qui dedit huic Eccleſiæ viginti millia aureorum ad clauſtrum faciendum, & pro anniverſario ſuo mille morabitinos.* A meſma, e com as meſmas palavras anda no livro dos Obitos do Moſteyro de S. Vicente de fora da cidade de Lixboa, acrecentando: *Cantetur Miſſa ad maius altare, fiat proceſſio.* E tambem a traz outro livro de Obitos da Sè de Lixboa ſem diſcrepar em nada, e ajuntando sòmente: *Qui dedit Capitulo mille morabitinos in commemoratione ſui Anniuerſarij.* (E naõ faça duvida o dizer *Alfonſus Tertius Rex*, porque a meſma Era moſtra que naõ podia ſer outro ſenaõ Afonſo Segundo em nome, Terceiro em numero.) Deſta opiniaõ he Garibay na Hiſtoria geral de Eſpanha. E dameſma o Croniſta Ruy de Pina, sò com differença de hum anno adiante. E a ella ſe chegaõ Maris, e o meſmo Duarte Nunes de Leaõ na genealogia dos Reys que imprimio primeiro que as Cronicas. E o Padre Mariana na hiſtoria de Eſpanha. E Vaſeu que he mais antigo que todos. Reſta deſcubrirmos a rezaõ porque a ſepultura de Alcobaça eſtà differente em dez annos adiante. Eſta he, que el Rey naõ foy levado a Alcobaça ſenaõ dez annos deſpois de ſeu falecimento: quem quizer ver a cauſa da dilaçaõ, lea toda a eſcritura primeyra de que atràs naõ trazemos mais que pedaços por bons reſpeitos, e ficará ſatisfeito, aſſi do que dizemos, como da boa conſideraçaõ, com que o Autor da letra da ſepultura fazendo verdadeira relaçaõ do tempo que aquelle corpo real aly foy recolhido, ſe livra de dar outras, e a do dia preciſo de ſeu falecimento.

Garib l. 34. f. 802. Pina na vida del Rey dom Afonſo Segundo. Maris nos dial. de varia hiſt Duarte Nunes na genealog. dos Reys. Mariana l. 12. c. 10. f. 597. Vaſeu.

Confirmaõ eſta verdade algumas conveniencias. He a primeira dizerem as Cronicas que el Rey dom Afonſo por ſeu filho dom Sancho ficar moço, e sò, o deixou encomendado a ſua tia a Raynha de Leaõ. Saibamos a que chamaõ moço, e a que chamaõ sò: ſe falecendo no anno de 1233 era dom Sancho (como elles meſmos confeſſaõ) de vinteſeis annos, e taõ pouco sò que o acompanhavaõ dous irmaons legitimos, dom Afonſo, e dom Luis, cada hum del-

Cronic. de Portugal, e Duarte Nunez na vida del Rey dom Sancho 2.

delles de mais de vinte annos. Bem ſe ſegue deſta contradiçaõ, que foy verdadeyra a recomendaçaõ, e o anno que nòs lhe damos de ſua morte, que he o de 1223, porque nelle era dom Sancho moço de dezaſeis annos, idade pueril, e pera ſe poder encomendar a huma tia: e tambem ſe podia chamar sò, pois ſeus irmaons eraõ mininos.

Segunda conveniencia he, que naõ era poſſivel deixaſſe hum Rey ſizudo cumprir idade de vinte ſeis annos a hum Principe ſucceſſor do Reyno ſem o caſar, principalmente quando os meſmos Croniſtas confeſſaõ, que jà conhecia nelle fraqueza natural.

Sobre tudo o que mais faz ao caſo he, que ſendo os Portugueſes taõ contrarios à depoſiçaõ del Rey dom Sancho, como em effeito ſe moſtraraõ, fica dura couſa de crèr, que em taõ breve tempo de reynado, como doze annos que os Croniſtas lhe daõ (porque o ultimo jà foy de deſterro) ſuccedeſſem tantas couſas juntas, como foraõ os aggravos intoleraveis que ſeus validos faziaõ, as queixas do povo multiplicadas à Sè Apoſtolica, cartas, e reprenſoens do Summo Pontifice, vindas de Legados, e em fim depoſiçaõ hum Rey. O que tudo conforma com falecer ſeu pay no anno das noſſas eſcrituras, e tomar elle no meſmo o governo do Reyno, ſendo moço de dezaſeis annos: e por iſſo ficar por caſar, e encomendado a huma tia, e logo taõ facil de levar dos artificios de gente mal inclinada, que ſe apoderou delle. Aſſi he toda a differença de dez annos, os quais tirados à idade do Pay dom Afonſo, e dados à vida, e reynado do filho dom Sancho, naõ sò os naõ deſcompoem: mas antes concertaõ toda a Hiſtoria de ambos, e nos daõ em ſeu verdadeyro, e legitimo tempo os ſucceſſos, e compoſiçoens del Rey dom Sancho com o Arcebiſpo de Braga, e com as Infantes, que foraõ celebradas ſendo Provincial de Eſpanha dom Frey Sueyro Gomez, o qual dez annos adiante era falecido. Faltavanos algum auto real que dom Sancho fizeſſe deſacompanhado de Frades pera minha ſatisfaçaõ, e d'algum demaſiado eſcrupuloſo. Acudionos o Cartorio da ſanta Sè de Evora com huma carta deſte Rey, paſſada em Lisboa no mez de Abril Era de 1262, que he anno do Redentor 1226 na qual recebe aquelle Cabido debaixo de ſua protecçaõ. E pois jà entaõ reynava, bem certo fica, que naõ podia ſeu pay falecer no de 1233, como querem os que refutamos. Anda eſta carta no livro das compoſiçoens da Sè.

CAPITULO XXIII.

Como foy fundado o primeyro Moſteyro de Freyras que ouve em Portugal da Ordem dos Prègadores.

JUnto à cidade de Lisboa, ao Norte della, em diſtancia de quaſi huma legoa, ha hum valle por copia de quintas, e freſcura de hortas, e pumares aſſaz deleitoſo, que chamaõ Valle de Chellas. Avia nelle polos annos em que vamos de 1223 huma Igreja taõ antiga na primeyra fundaçaõ, que, ſem aver quem diſſo duvidaſſe, ſe referia 1223.

ao

ao tempo em que a primitiva Igreja florecia com favores do Ceo, e perſiguiçoens da terra. Porque ſendo regada com rios de ſangue de infinitos Martyres, que cada hora padeciaõ, tomava forças do meſmo ferro, e fogo, com que era perſiguida, e hia crecendo, e pulando, e tomando poſſe do mundo. Aſſi he couſa certa, que deraõ occaſiaõ a ſe fundar eſta Igreja os glorioſos Martyres S. Felix, e Adriano. Porque padecendo ambos em tempo de Diocleciano Emperador animoſa, e ſantamente pola Fè: Felix em Girona de Catalunha, aonde veyo buſcar o martyrio, fogindo da cidade Scilitana, em que nacera, e da de Ceſarea em Africa, onde ſeus pays o criavaõ no eſtudo: e Adriano ſendo martyrizado em Nicomedia de Bithinia: por varios caſos, e em differentes tempos vieraõ as ſantas reliquias de ambos, com muytas de outros companheyros do martyrio aportar neſte valle, e no lugar da Igreja, aonde naquelle tempo chegava o mar, que agora lhe fica longe quaſi meya legoa. Foraõ os Martyres conhecidos por relaçaõ de quem os acompanhava, mas logo reconhecidos, e reverenciados por meyo de eſclarecidos milagres que obraraõ. Edificoulhes Igreja a devaçaõ de Lisboa, e foraõ honrados nella debaixo do nome de S. Felix, ou porque padeceo em terras de Eſpanha, ou porque foy primeyro em chegar ao Valle: e em teſtimunho da grande antiguidade ficou com nome quaſi trocado no povo, chamandoſe S. Pero Fins de Achellas. Na entrada dos Mouros, que deſpois ſuccedeo, de crer he que o medo, e a confuſaõ que por caſtigo do Ceo opprimia os animos, uſaria do remedio mais facil pera ſalvar as ſantas reliquias, que era enterrallas no meſmo lugar, e encomendallas aos meſmos Santos: e podemos cuydar do grande favor, que ainda hoje exprimentaõ os que a eſta caſa o vem buſcar em ſuas neceſſidades, que elles nos guardaraõ eſte theſouro. O qual ſe devia deſcobrir deſpois no dia em que as lendas do Moſteyro celebraõ ſua tresladaçaõ, que he aos 14. de Janeyro. Entaõ ſe poſeraõ em duas grandes caixas de pedra os corpos de S. Felix, e Santo Adriano que traziaõ nome ſabido. Os mais que eraõ vinte quatro com o de Santa Natalia ficaraõ em confuſo ſem ſe poder averiguar qual era o da Santa. Neſte eſtado fez delles ultima, e ſolenniſſima tresladaçaõ o Illuſtriſſimo ſenhor Arcebiſpo dom Miguel de Caſtro, paſſandoos do ſitio em que eſtavaõ para a Igreja. E nella ſe vem agora em meyos corpos de obra curioſa, e cuſtoſa, S. Felix com doze companheiros no altar collateral da parte do Evangelho; Santo Adriano da Epiſtola com a Santa conſorte; e com mais onze companheyros. E podemos cuydar que elles ſaõ os que com ſua interceſſaõ ſuſtentaõ a vida de quem aſſi os honrou em idade que tem quaſi cinquenta annos de Prelado. Dos ſeus milagres antigos nos daõ muita noticia huns devotos officios que na caſa ſe rezaraõ por mais de trezentos annos, em quanto nella ſe conſervou a reza Dominica, que vieraõ a noſſa maõ, e conſta por elles que ſe fazia feſta à S. Felix em primeyro dia de Agoſto, e a San-

S. Iſidor. Prudencio.

Suri. Adon.

a Santo Adriano em nove de Setembro. Dos modernos temos baſtante teſtimunho na grande multidaõ de povo que acode a eſta caſa todas as ſeſtas feiras do anno, ſem nunca aver falta, e chamaõlhe a romagem de S. Perofins.

Lançados os Mouros de Liſboa polo braço, e valor del Rey dom Afonſo Enriquez: purificadas as Igrejas, que ainda avia em pè, e reedificadas pouco a pouco as que eſtavaõ em ruina, foy povoada eſta de Frades: o que ſe vè de proviſoens, e outros eſtormentos autenticos do cartorio della, que particularmente vimos, e notamos, e cotamos: mas com mais clareza nos conſtou de huma doaçaõ feyta aos Frades por el Rey dom Sancho ſeu filho, a qual lançaremos aqui aſſi como jaz no original, e he a que ſe ſegue.

IN Dei nomine. Hæc eſt charta donationis, & perpetuæ firmitudinis, quam ego Sancius Dei gratia Portugalliæ Rex vnà cum vxore mea Regina Domna Dulcia, & filijs, & filiabus meis facio Fratribus Sancti Felicis de Achellis tam præſentibus, quàm futuris, de quadam vinea quam vobis damus, & monaſterio veſtro, vt ibi ſemper ſit pro hæreditate in perpetuum. Et hoc quidem facimus pro amore Dei, & glorioſæ ſemper Virginis Mariæ, & vt in orationibus, & beneficijs veſtris valeamus ſemper eſſe participes. Huius vineæ iſti ſunt termini. A parte Aquilonis vinea filiorum de Suario Barrina: ab omnibus alijs partibus viæ publicæ. Damus vobis hanc vineam tali pacto, vt ſemper ſit hæreditas Monaſterij de Achellis: & nulli ſit licitum eam vendere, aut aliquo modo ab eodem Monaſterio alienare, ſed monaſterium ipſam poſſideat iure hæreditario in perpetuum. Quicunque igitur hoc factum vobis integrum obſeruauerit, ſit benedictus à Deo, amen. Facta charta donationis & perpetuæ firmitudinis apud Vlisbonam in Æra M. CC. XXX. menſe Auguſto (que he anno de Chriſto 1192.) *Nos ſupra nominati reges qui hanc chartam facere iuſſimus, eam coram teſtibus roboramus, & hæc ſigna facimus. Qui affuerunt.*

Domnus Suerius Vlysbon. Epiſc. Conf. — *Fernandus Petri teſt.*
Dommus Ioan. Ferd. Maiordomus Curiæ Conf. — *Gũſt. Nunis teſt.*
Rodericus Ferd. Prætor Vlisbon. Conf. — *Giraldus Pelagij teſt.*
Iulianus Notarius Curiæ ſcripſit.

Ao pè deſta proviſaõ eſtà huma poſtilla pola qual el Rey dom Afonſo ſeu filho confirma a doaçaõ, e mercè, que nella ſe contèm, e ſaõ as palavras:

Hanc

Hanc chartam ſupraſcriptam, quam pater meus Rex Donus Sancius fecit, & conceſſit Fratribus Sancti Felicis de Achellis de quadam vinea, concedo ego Fratribus eiuſdem Monaſterij, &c. Apud Vlisbonam menſe Madio Æ. M. CC. LVII. (he o anno de Chriſto de 1219.)

Eſta proviſaõ, e poſtilla de confirmaçaõ teſtemunhaõ ſer eſta caſa em ſua primeira reſtauraçaõ deſpois dos Mouros, dada a Frades, e por elles ſer poſſuida em vida deſtes dous Reys atè o anno de 1219. E porque sò pera eſte effeito a lançamos aqui, naõ curamos de a traduzir advirtindo ao Leytor que eſta, e todas as mais eſcrituras antigas, que no diſcurſo deſta Hiſtoria ſe acharem, vaõ tiradas dos originais com tanta pontualidade, que a guardamos atè nas abreviaturas, e nos modos de eſcrever aſſi como ſe hiaõ trocando com os annos, e com os entendimentos dos homens. Os Frades que em Chellas tinhaõ Convento eraõ Cavalleiros da Ordem de S. Joaõ do Hoſpital de Jeruſalem, que viviaõ entaõ em communidade: e conſta per outros eſtormentos de compras, e vendas, que permanecem oje no cartorio do Convento.

Mas qual foy o anno em que os Frades largaraõ eſta caſa, e começou a ſer povoada de Freyras, e quem foy o meyo, e inſtrumento de as juntar, e trazer a ella, iſto ficou taõ cego, e apagado ou com o longo diſcurſo dos annos, que tudo eſcurecem: ou com a rudeza dos homens, que nada eſcreviaõ, ſenaõ o que preciſamente era forçado pera o que traziaõ entre maons; que totalmente o naõ pudemos deſcubrir. Somente alcançamos de pergaminhos velhos do cartorio com baſtante clareza, que no eſpaço de dez annos, que ouve entre o da doaçaõ, e confirmaçaõ dos Reys atràs eſcrita, e o de mil e duzentos e vinte nove ſe fez a mudança de Frades pera Freyras: de Frades de S. Joaõ Bautiſta, pera Freyras de S. Domingos. Entre muitos que o moſtraõ he huma doaçaõ em ſua narrativa bem notavel, e por iſſo irà com ſua traduçaõ.

IN nomine Domini, Amen. Nouerint vniuerſi præſentem chartam inſpecturi, quod ego Dominica Roderici quondam vicina Sanctaren. in vita mea, & integro ſenſu meo conſiderans ſtatum mundi, & meum, & præcauens in futurum, ad honorem Dei, & Ordinis Sancti Dominici do & concedo, & roboro corpus meum & animam in Monaſterio Dominarum de Achellis in earundem Ordine, ſumpto eiuſdem Ordinis habitu, in vita & in morte in perpetuum permanſuram. Do etiam & concedo Prioriſſæ & Conuentui eiuſdem Monaſterij de Achellis omnia bona

mea temporalia mobilia & immobilia, & ſe mouentia, quorum loca & termini, in quibus poſſeſſiones ſitæ inferius ſunt ſcripta, &c. Actum apud Vlisbonam menſe Martij Æra M. CC. LXVII. Qui præſentes fuerunt Frater Pelagius Braccaren. Frater Petrus Suerij Vlisbonen. Frater Dominicus Martini Vlisbonen. Ioannes Ioannis de Riparia quondam Procurator Dominarum.

A lingoagem he:

EM nome de Deos Amen. Saibaõ quantos eſta eſcritura virem, como eu Domingas Rodrigues moradora que fuy em Santarem, eſtando viva, e ſam, e em meu perfeito juizo, conſiderando as couſas do mundo, e ſeu eſtado, e meu, e acautelandome pera o diante: à honra de Deos, e da Ordem de S. Domingos, dou, e outorgo, e com firmeza offereço minha alma, e corpo ao Moſteyro das dònas de Chellas, pera ficar com ellas em ſua Ordem, e com ſeu habito em vida, e morte, e pera ſempre. Tambem dou, e outorgo à Prioreſſa, e communidade do meſmo Moſteyro de Chellas, toda minha fazenda, e bens, aſſi moveis, como de rayz, e os que por ſi ſe movem: e os lugares, ſitios, e confrontaçoens das propriedades vaõ abaixo declaradas, &c. Fezſe em Lisboa no mez de Março Era de M. CC. LXVII. *Reſponde ao anno de Chriſto de* 1229. Foraõ preſentes Frey Payo de Braga, Frey Pedro Soares de Lisboa, Frey Domingos Martins de Lisboa, Ioanianes de Ribeyra, Procurador que foy das meſmas Donas em tempo atràs.

Do teor deſta eſcritura fica bem entendido, e ſem lugar de duvida, que jà no anno de 1229, em que paſſou, eſtava o Moſteyro em poder de Freyras aſſentado, e corrente, e que as Freyras eraõ da Ordem, e habito de S. Domingos, e como aquelle *quondam* faz indicaçaõ de tempo paſſado, e naõ pouco, ſe dermos o principio do Moſteyro em cinco annos atràs, achado fica que foy no de 1224, e que o recolhimento das Freyras paſſou por maõ do Provincial dom Frey Sueyro logo no anno ſeguinte deſpois da morte del Rey dom Afonſo, e da concordia do Arcebiſpo com el Rey dom Sancho. Mas naõ duvido, que pera couſa taõ nova em Portugal interviria braço de peſſoa real, e muy

muy poderoſa , pois precedeo tirarſe a caſa aos Frades , que de força avia de ſer negocio cuſtoſo. Tambem fica claro o muito que cuſtaria de trabalho, e cuydado ao Provincial eſte ultimo ſerviço publico que fez a ſua Patria : quantos paſſos daria, quanto ſe canſaria em prègaçoens publicas, e perſuaſoens particulares por ajuntar eſte rebanho Santo ao Paſtor, e Eſpoſo celeſtial. Obra foy na verdade digna de verdadeiro filho de S. Domingos , e de quem ao vivo em penſamentos , e obras o imitava : e oje lhe deve render grandes gràos de gloria no Ceo. Porque naõ ha duvida que todas quantas almas tem ſubido daquelle recolhimento aos gozos eternos neſtes quatrocentos annos , lhe ſaõ em algum modo devedoras como a primeyro pay ſeu, e primeyro autor da ſanta recluſaõ em que mereceraõ o Ceo. E o Reyno de Portugal lhe eſtà devendo ſer eſte o primeyro Moſteyro de Freyras que das Ordens mendicantes ſe fundou nelle. Porque ſendo aſſi que o primeyro que cà ouve de Freyras de Santa Clara , foy hum que ſe edificou no anno de 1258 nas ribeyras do rioDouro,em pouca diſtancia da cidade do Porto, onde chamaõ entrambos os Rios, que he o meſmo que deſpois no anno de 1354 foy paſſado pera dentro da Cidade , ficalhe o de Chellas ſuperior em anſianidade por mais de trinta annos

Eſmerouſe o Provincial em fazer eſte Moſteyro de S. Felix de Lisboa hum retrato de S. Sixto de Roma, prantando nelle o meſmo rigor , e obſervancia, com as meſmas leys, e auſteridades : e como era jardim de ſua maõ, cultivado com ſua doutrina , e exemplos freſcos, e quaſi vivos do Padre S. Domingos, e acompanhado, quando elle faltava de Meſtres muito eſpirituais e Santos , começou a ter cheyro, e fama de hum Parayſo na terra, e corriaõ a elle muitas donzellas do melhor do Reyno. Porèm , como he condiçaõ das couſas humanas yr ſempre variando, e deſcaindo, e as que ſaõ mais perfeitas terem mayores contraſtes, foy faltando com os annos aquelle primeyro fervor. Era gente nobre, e mimoſa , faziaſelhe de mal tanta continuaçaõ de aſperezas. Deviaõ ajudar pays, e parentes indiſcretamente piadoſos. Começaraõ a levar mal o rigor da regra, avendoa por intoleravel, naõ sò peſada na parte que com mais rezaõ lhes ouvera de ſer ſuave , que he a clauſura: pois eſta he a chave, e ſello de toda Religiaõ , e ſem ella he impoſſivel conſervarſe. Fazia dano o exemplo que ſempre tem grande poder pera mal. Avia no Reyno outros Moſteiros que viviaõ na ſimplicidade antiga de ſayrem as Freyras em communidade hora a ſuas erdades, hora acompanhar prociſſoens : e em particular viſitavaõ ſuas mãys , e irmans : tinhaſe por couſa ſanta , naõ sò ſem dano. Deziaõ, que entrando pera ſervirem a Deos com alegria , viviaõ em huma perpetua malencolia , e em huma roda viva de trabalhos, ſem hora de alivio , como tinhaõ os mais Religioſos do Reyno : que daqui naciaõ doenças novas, e ſem remedio , que jà avia entre ellas, ajudando o aſſombramento da recluſaõ perpetua as deſtemperanças , e malig-

ni-

gnidade do ar. Que a vida que tinhaõ naõ era sò de encerradas, mas pior que de emparedadas: porque eſtas como cada huma era prelada de ſi meſma, tinhaõ em ſua maõ o trabalho, e o deſcanço, diſpunhaõ do dia, e da noite à ſua vontade: mas ellas com a vontade, e entendimento ſojeito ao arbitrio d'outrem, naõ tinhaõ momento que pudeſſem chamar ſeu: Freyras no nome, nos effeitos encarceradas. Que tudo ſe pudera levar, ſe huma vez no anno puderaõ viſitar a mãy velha, e o pay enfermo, ver a caſa em que naceraõ, em fim reſpirar hum dia em outro ar, e eſtar huma hora ſem ouvir ſinos, ſem viver por regra. Que era forte couſa fiarem menos dellas os Prelados Dominicos, do que fiavaõ das ſuas os outros Prelados, ſendo todas Portuguezas, todas bem criadas, todas bem nacidas. Que pera molheres honradas, e de bom entendimento naõ avia cerca mais alta, nem muro mais forte, que o ponto da honra, e o medo de infamia. Quanto mais, que ſendo eſta pequena liberdade, alivio pera a vida, e remedio grande pera a ſaude, corria jà no Reyno por genero de afronta, faltarlhe a ellas quando ſobejava a outras, que naõ eraõ melhores em nada.

Aſſi ſe queixavaõ, e aſſi inſtavaõ. Acudiaõ os Prelados com todos os meyos que a prudencia inſina pera as quietar. Quando viraõ que naõ baſtavaõ, ouveraõ por menos mal perder o Moſteyro, que deſcer hum ponto do primeyro inſtituto. Recorreraõ à Sè Apoſtolica, pediraõ abſolviçaõ do cargo, e da adminiſtraçaõ delle: e em fim o vieraõ a largar no anno de 1295 deſpois de o governarem mais de ſeſenta annos: e ficou na jurdiçaõ do Ordinario de Lisboa, conſervando todavia atè noſſa idade o habito, reza, e cerimonias de S. Domingos. Mas porque neſta idade ouve quem quiz eſcurecer eſtas verdades, e he rezaõ acudirmos por ellas, ſerà neceſſario fazermos inda hum par de Capitulos neſte argumento: quem os tever por ſobejos, porque a Hiſtoria pode bem paſſar ſem elles, livrarſeà do trabalho com voltar poucas folhas.

CAPITULO XXIIII.

Cenſuraſe huma letra eſculpida de freſco em huma pedra do Moſteyro de Chellas: deſcobreſe o artificio, e tençaõ della.

NEſta noſſa idade fertil de monſtruoſas novidades, poucos annos antes do de 1608, que foy o meſmo em que as Religioſas do Moſteyro de Chellas deixaraõ a reza do Breviario Dominicano, apareceo huma pedra poſta em lugar alto, e publico da ſua Igreja, e entalhado nella o letreyro ſeguinte:

ESte Convento he de Conegas regrantes de S Agoſtinho por eſcrituras antiquiſſimas: e foy caſa das Veſtays antes da vinda de Chriſto Noſſo Senhor, como ſe vè polos veſtigios de pedras que eſtaõ na Craſta velha, e polo cipo de Iulia Flaminia, e ara das Veſtays com o buraco

co da urna do igne perpetuo. Aſſi que ſe acha ſer reedificada eſta Capella quatro vezes , huma em tempo das Veſtays , outra na primitiva Igreja de Eſpanha , e duas deſpois.

Sem eſcrupulo podemos affirmar , que a tençaõ deſta letra , e colocaçaõ da pedra , naõ foy outra , ſenaõ que como pedras ſaõ de mais dura que pergaminhos : e he couſa ſabida eſtarem vivos , e ſaons muitos que a encontraõ , alcanſaria com tal meyo vitoria delles ſe naõ foſſe de preſente , ao menos daqui a longos annos , quando em falta de tudo ſe venha a eſtar polo que differem pedras (deſmeſurada providencia ! em deſcredito de todas as memorias antigas das pedras Romanas , que ſempre foraõ de eſtima , e goſto.) Mas graças a eſte papel , que ſendo em ſi couſa fraquiſſima , ſe farà naõ sò forte , mas immortal em virtude da impreſſaõ : e nelle ficarà pera ſempre viva , e notada a ſem juſtiça da pedra , e da letra , e de quem a notou : e permaneceràõ igualmente as rezoens que temos de a condenar na parte que toca à Religiaõ de S. Domingos , que sò iſſo me move. E deixando à parte a vaidade das Veſtais , do buraco , da urna , do igne perpetuo , em que nos naõ toca falar , nem diremos palavra , viſto como em nenhuma parte do mundo , fora de Roma , ouve nunca caſa de virgens Veſtais , por ſer contra as leys , e ritos dellas , receberſe em tal companhia nenhuma donzella que teveſſe ſeu domicilio fora de Italia : e nas que ſe recebiaõ precedia exame de ſuas partes , e calidades , feito polo Pontifice Maximo que em Roma reſidia : e elle era o que por ſua maõ as metia no recolhimento do templo , guardando certas cerimonias de obra , e palavra : elle o que as vigiava , reprendia , e caſtigava quando avia deſcuidos : e a caſa era na parte mais povoada , e mais ſegura de inſultos que avia na cidade. Polas quaes razoens todas em nenhum dos eſcritores antigos ſe acha que ouveſſe Veſtais por outras provincias , mais que em Roma. E aſſi naõ perdendo indignamente o tempo , trataremos sò da primeyra parte do letreyro , que pretende tirar aos Frades de Saõ Domingos o titulo de fundadores do Moſteyro , dizendo que por eſcrituras antiquiſſimas he de Conegas regrantes.

Dura e nova contenda he em huma opiniaõ aſſi abſolutamente affirmada , avermos de litigar ſem ver autor , nem reſponente. Porque ſe a queremos accuſar (como de feito accuſamos) de errada , e injuſta , em quanto naõ vemos quem ſuſtente , he hum eſgrimir no ar , e dar golpes em vaõ , e em fim falar com hum penedo. Se lhe aparecera dono , forravamos grande trabalho. Porque como quem ſe dà por autor de qualquer novidade , logo ſe obriga à prova della : e eu eſtou certo , que em favor deſta naõ ha nem pode aver eſcrituras antigas , nem modernas : ſe o teveramos em praça , certos ficavamos da vitoria , e livres de mais

Aulus Gellius l. 1. c. 1. Feneſt. de Sacerdot. Rom. c. 6. IuſtusLypſius de Veſta & Veſtalib. l. 1. c. 2. Alex. ab Alexand. l. 5. c. 12. Genial. dierum.

mais contenda. Mas em caſo que o avemos com pedra, e pedra demaſiado palreira em affirmar couſas ſem fundamento, ſurda pera ſe vencer da boa rezaõ, muda pera confeſſar culpa, inſenſivel pera levar pena, ficamos obrigados ao trabalho de negar como reos, e juntamente provar como autores: quando nenhuma ley, nem direito manda, que ſe provem negativas. Primeyramente negamos neſte Moſteyro o titulo de Conegas regrantes, aſſi abſoluto, que o letreyro lhe dà; e provamolo polo eſtormento do Capitulo precedente, tirado do ſeu meſmo cartorio, que as chama expreſſamente Freyras da Ordem de S. Domingos, e eſtà por Frades della aſſinado. Segundariamente negamos aver debaixo do Sol as eſcrituras que chama, e diz tem antiquiſſimas, pera prova de ſerem Conegas regrantes, ſem ſojeiçaõ da Ordem, e conſtituiçoens de S. Domingos: e moſtroo aſſi. Ou eſtas eſcrituras ſaõ antes da entrada dos Mouros em Eſpanha: ou deſpois de lançados de Lisboa. Serem dantes naõ pode ſer, porque ſe o foſſem, era neceſſario eſtarem celebradas do anno de Chriſto Noſſo Redentor de ſetecentos, e quatorze pera atràs, tempo em que reynavaõ os Godos, e os Mouros conquiſtaraõ Eſpanha, do qual naõ ha eſtormento, nem memoria particular neſte Reyno que faça mençaõ de outras Freyras, mais que da Ordem de S. Bento. Serem deſpois de lançados de Lisboa os Mouros, tambem naõ pode ſer. Porque Lisboa foy ganhada por el Rey dom Afonſo Enriques no anno de 1147, e a proviſaõ de ſeu filho el Rey dom Sancho, que lançamos no Capitulo atràs, he feita poucos annos deſpois no de 1192, e eſta com outras eſcrituras que ha do meſmo tempo fazem o Moſteiro morada de Frades atè o de 1219, e logo no de mil e duzentos e vinte nove ſem aver em meyo mais que dez annos, conſta que jà eſtava povoado de Freyras da Ordem de S. Domingos por eſtormento autentico, cujo treslado fica no meſmo capitulo. Logo: ſe antes dos Mouros ſe naõ deu o Moſteyro a Conegas regrantes: nem deſpois dos Mouros ſe lhe podia dar, porque neſſe tempo ſe entregou a Frades: e ſe entre os tais Frades, e as Freyras de Saõ Domingos naõ ouve eſpaço intermedio, pera nelle poderem entrar eſtas Conegas regrantes: ſegueſe com evidencia indubitavel que naõ ha nem pode aver aquellas antiquiſſimas eſcrituras que o letreyro publica: viſto como naõ fica tempo em que ſe pudeſſem fazer, nem darſe o Moſteyro a Conegas regrantes, e polo conſeguinte he o titulo fantaſtico, ficticio, e imaginario, e fica bem provado naõ poder ninguem dizer, que ouve tempo algum em que eſta caſa foſſe poſſuida d'outras Freyras ſe naõ Dominicas.

F. Bern. de Brito Monarc. Luſit.

Duarte Nunes de Leaõ na vida deſte Rey dom Afonſo Garibay na vida do meſmo.

CAPITULO XXV.

Confirmaſe a materia do Capitulo antecedente com hum Breve Apoſtolico, e com outros documentos.

MAs porque acabemos de convencer o artificio de quem fez falar hum marmore, pera furtar o corpo a dar rezaõ dos

dos abſurdos que lhe lançou às coſtas, confirmaremos de novo noſſo intento, naõ já com doaçoens de Reys, nem de vaſſallos, por muito autenticas que ſejaõ, mas com letras Apoſtolicas, que ſe bem ſe podem por cà perder, ou ſuprimir, tem ſeus regiſtros na Curia Romana, onde ſempre eſtaõ vivas, como em ſua fonte. E ainda que puderamos trazer a Bula primeira de Gregorio IX. pola qual confirma eſte Moſteyro em Freyras de S. Domingos, tomandoas debaixo de ſeu emparo, e dandolhes licença pera poſſuirem bens temporais, receber noviças, e eleger Prioreſſa, e começa: *Prudentibus Virginibus, quæ ſub habitu Religionis, &c.* paſſada no anno de 1234 alguns anos deſpois de eſtarem em poſſe da caſa. E ainda que puderamos ajuntar outras muitas Bulas expedidas em Roma pera negocios particulares do Moſteyro deſpois que entrou na jurdiçaõ do Ordinario, nas quais todas uſaõ os Pontifices dos antigos, e originarios titulos delle, dizendo aſſi: *Dilectæ filiæ Prioriſſæ Conuentus Sancti Felicis de Achellis per Prioriſſam ſoliti gubernari ſub regula, & ſecundum inſtituta Fratrum Prædicatorum, &c.* e naõ lhes chamando nunca Conegas regrantes. Com tudo deixadas todas juntaremos sòmente huma, que foy deſpachada trinta e dous annos adiante polo Papa Clemente IIII. à inſtancia do M. Geral da Ordem, e dos Frades de Portugal, quando começaraõ a tratar de ſe deſobrigar deſte Moſteyro: a qual como em tempos já afaſtados da fundaçaõ, e mais chegados a nòs, com relaçaõ do paſſado, e decretos pera o futuro declara largamente o que cumpre pera inteira averiguaçaõ da materia preſente, e do que apontamos no fim do Capitulo paſſado. Por ſer tal pera que ſeja de todos entendida, e naõ occupemos muyto papel, vay logo traduzida em vulgar.

CLemente Biſpo ſervo dos ſervos de Deos aos amados filhos o Abbade de Alcobaça, e aos Guardiaens dos Conventos de Lisboa, e Santarem da Ordem dos Frades Menores do Biſpado de Lisboa ſaude, e bençaõ Apoſtolica. De boa vontade tiramos toda materia, e occaſiaõ de poderem cayr os Religioſos, pera que ſe naõ abra algum caminho que os deſvie de ſua obrigaçaõ: e de muito melhor lhes deſejamos graça de ſalvaçaõ. Couſa certa he, ſegundo ſomos informados, que as amadas filhas em Chriſto as Freyras ou Sorores do Moſteyro de Chellas da Ordem de S. Agoſtinho, ha mais de trinta annos que vivem ſegundo os eſtatutos, debaixo do governo dos amados filhos, os Frades da Ordem dos Prègadores: de tal modo que os Priores Provinciais da meſma Ordem, que polo tempo foraõ naquellas partes,

por ſi, ou polos Frades de ſua obediencia, naõ sòmente fizeraõ Prioreſſas no meſmo Moſteyro, e as tiraraõ: mas tambem exercitaraõ nelle os officios de viſitaçaõ, correiçaõ, e reformaçaõ, ſegundo lhes parecia ſer neceſſario: e aſſi faziaõ todas as mais couſas concernentes ao bem delle, que todos os mais Provinciais, Priores, e Frades da meſma Ordem dos Prègadores, coſtumaõ executar nos Moſteyros de Freyras da dita Ordem de S. Agoſtinho, que eſtaõ ſojeitos a ſeu governo. O que tudo affirmavaõ fazerem em conformidade de muitas licenças que tinhaõ de diverſos Pontifices noſſos predeceſſores. E hora eſtavaõ as couſas da dita caſa em termos, que ainda que o amado filho Prior Provincial a quem pertence, ſolicito da ſalvaçaõ das Freyras, as tenha efficazmente amoeſtado por meyo de ſeus Frades, obrigandoas com mandados, e preceitos, e com rogos, que por honra ſua, e delles guardaſſem clauſura, aſſi como ſe guarda no Moſteyro de S. Sixto na cidade de Roma: ellas com tudo ou a mayor parte dellas metendoſe voluntariamente em perigo o naõ queriaõ fazer, e appellavaõ delle Provincial, e de ſeus Frades pera noſſo veneravel irmaõ o Biſpo de Lisboa. Pola qual rezaõ nos foy humilmente pedido por parte de noſſos amados filhos o Meſtre geral da dita Ordem dos Prègadores, e do Provincial, e dos meſmos Frades, que os quizeſſemos abſolver do cargo, e cuydado dellas, e do ſeu Moſteyro, pera que ſe naõ ſiga a elles, e à dita Ordem dos Prègadores alguma nota de murmuraçaõ, vivendo as Freyras com licença de liberdade nociva. Por onde querendo nòs pola obrigaçaõ de noſſo officio proceder no caſo com a diligencia que convem, e prover nelle acertadamente, a voſſa deſcriçaõ, e bom juizo eſtreitamente cometemos, e encomendamos em virtude de ſanta obediencia, que vades peſſoalmente ao dito Moſteyro, e com cuydado vos informeis das meſmas Freyras, e de outras peſſoas fidedignas ſobre eſtas couſas, dandolhes primeiro juramento, polo qual declarem ſe as ditas Freyras por eſpaço dos ditos annos viveraõ debaixo da obediencia, e cargo: e ſegundo os eſtatutos dos ditos Frades:

des: e ſe os ditos Frades poſeraõ, e tiraraõ Prioreſſas, e exercitaraõ no dito Moſteyro o officio que acima fica declarado: e tambem ſe eſſes Frades, ou outros de ſeu mandado, e licença lhes adminiſtraraõ os ſacramentos Eccleſiaſticos, e juntamente ſe as Freyras fizeraõ profiſſaõ em maõ dos meſmos Frades (ou por ordem delles em maons da Prioreſſa que polo tempo foy) prometendo a elles perpetua obediencia, e recebendo o habito de ſua maõ, ou por ordem ſua. Por maneira que aja clareza, ſe todas eſtas couſas ſuccederaõ, e teveraõ effeito ſem contradiçaõ dos Biſpos deſſe lugar, exceito do que agora he: e ſe he fama publica que eſtas Freyras ſejaõ commummente nomeadas por Freyras da dita Ordem dos Prègadores. E conſtando por eſta tal inquiriçaõ ſerem verdadeyras, e certas as couſas acima ditas, em tal caſo determinadamente, e com noſſa autoridade mandareis às ditas Freyras, que com effeito obedeçaõ ao dito Provincial, e Frades, em tudo o que lhes ordenarem a cerca das couſas acima ditas: e ſobre tudo ſem dilaçaõ nem replica ſe determinem viver em clauſura, como ſe vive no Moſteyro de S. Sixto, &c. *E mais abaixo.* Mas ſe por ventura naõ achardes que as ditas Freyras ou Sorores foraõ entregues por letras Apoſtolicas à obediencia dos ditos Meſtre, e Provincial: ou naõ conſtar deſtas couſas: com tudo porque muitas couſas ſaõ verdadeyras, que ſe naõ podem provar, abſolvereis à cautela ao dito Meſtre, e Provincial, e Frades de terem mais cuydado deſtas Freyras, e do dito Moſteyro. E a ellas obrigareis pola meſma cenſura, e ſem appellaçaõ ſendo primeyro amoeſtadas: que deixem o habito da dita Ordem dos Prègadores. Dada em Peroſa aos 21 de Fevereyro anno ſegundo de noſſo Pontificado.

Eſte anno ſegundo de Clemente IIII. reſponde ao juſto aos annos do Senhor de 1266. Por que elle foy poſto na Cadeyra Pontifical por Novembro de 1264. E como avia mais de trinta annos ſegundo o Breve relata, que o Moſteyro era da obediencia de S. Domingos, juntos eſtes trinta e tantos aos da Bula de Confirmaçaõ de Gregorio IX. que foy expedida, como atràs apontamos, no de 1234, vem juſtamente a compòr o numero de 1266, que foy o meſmo em que o Papa Clemente deſpachou

chou eſte Breve. E polo conſeguinte naõ dà tempo nem lugar em que o pudeſſem ter eſtas Religioſas pera deixarem de ſer Dominicas, e terem hum sò dia de Conegas regrantes. E naõ he duvida pera entre gente Curial ſerem nomeadas por Freyras, e ainda Conegas da Ordem de S. Agoſtinho: porque eſte titulo com ſua diſtinçaõ, ſuſtentaraõ ſempre as noſſas, reſpeito da primeira regra deſte Santo, que ellas, e os Frades ſeguimos, como ſe verà ao diante de huma petiçaõ das Freyras de Santarem feita ao Papa: e por hum Breve Apoſtolico paſſado em favor das de Corpus Chriſti do Porto.

L.5.c.27. L.6.c.3.

Parece couſa ſuperflua deſpender mais rezoens neſta materia, onde ouver quem queira ſem paixaõ conſiderar eſte Breve, e tudo o que delle em noſſo favor ſe collige, como he, o litigarmos por deixar o Moſteyro, o buſcarmos pera iſſo poder do Principe da Igreja (o que tudo eſcuſavamos ſe naõ fora noſſo, ou ſe tevera qualquer dependencia, ainda que muito eſcura, de qualquer outra Ordem) o naõ falar o Papa nem huma sò palavra no titulo que a pedra lhe dà de Conegas regrantes, nem noutro algum, antes como quem tinha por certo ſer noſſo, mandar com efficacia aos Commiſſarios, buſquem por onde nos prendaõ, e obriguem a naõ largarmos a adminiſtraçaõ. Do que tudo naceo (porque os Commiſſarios deixaraõ a cauſa indeciſa) naõ nos podermos acabar de iſentar della, ſenaõ ainda vinte nove annos adiante no de 1295, ſendo falecida a Prioreſſa Tareja Fagundes, e eleita em ſeu lugar Maria Sebaſtiaõ.

E pera que nos naõ fique nada por dizer: deſta Tareja Fagundes anda hoje vive no cartorio do Moſteyro de S. Domingos das donas de Santarem huma doaçaõ que ao diante irà tresladada, pela qual conſta que por Ordem dos Prelados Dominicos mandou duas Freyras de Chellas, fundar naquelle de Santarem a noſſa Religiaõ, que humas, e outras ſeguiaõ: e no meſmo de Chellas anda huma procuraçaõ autentica, que confirma a ſojeiçaõ em que vivia da Ordem, da qual o treſlado de verbo ad verbum he o que ſe ſegue:

L.5.c.25.

NOs Tareja Fagundijs Prioreſſa do Moſteyro de Achellas, e mais Convento ordenamos, eſtabelecemos, e confirmamos por noſſo lidimo Procurador Frey Fernando Fruituoſo portador deſta noſſa procuraçaõ, pera arrecadar aquelle erdamento, que nos tem forçado dom Roy Fernandes Alcayde da Azambuja: e pera receber o paõ, e tomar poſſe, e arrecadar, &c. *E abaixo deſpois de algumas clauſulas.* Rogamos dom Frey Gil Prior dos Frades Prègadores de Lisboa, de cuja Ordem nòs ſomos ſojeitas, que nòs iſto outorguedes, e dedes li-

licença ao dito Frey Fernando Fruituoſo de receber eſta procuraçaõ. *E logo conſeguintemente.* Eu dito Prior rogado da dita Prioreſſa, e do Convento do Moſteyro de Achellas, outorguei, e outorgo licença ao dito Frey Fernando Fruituoſo de receber eſta procuraçaõ em ſi: e douli poder de fazer livremente todas as couſas de ſuſoditas, e cada huma dellas, e outorgo, e concenſo na dita procuraçaõ: e pera iſſo naõ vir pois em duvida, faço eſta carta ſegelhar do ſegelho de meu officio do davamdito Priorado, e nos de ſuſo ditas Prioreſſa, e Convento poſemos aqui os noſſos ſegelhos. E por eſta procuraçaõ ſer firme, e eſtavel por todo ſempre, os que foraõ preſentes Frey Domingos dito bom, Eſtevaõ Joaõ, Vaſco Vicente. Feita a procuraçaõ em Achellas oito dias andados do mez de Julho; Era M. CCC. XXX. annos (*que reſponde ao anno de Chriſto* 1292.

Mas porque he rezaõ que naõ falte alguma prova moderna entre tantas antigas, cerraremos eſte capitulo com huma bem notavel acompanhada de hum gracioſo caſo ſuccedido de freſco em deſgraça, e reprovaçaõ total deſta pedra. Tinhaõna collocada, e publicada os edificantes, quando cayraõ na conta que lhes ficava das portas a dentro vivo, e em pè hum teſtemunho que desbaratava o artificio, e condemnava o edificio: e era eſtarem no meſmo tempo toda aquella communidade rezando o Breviario Dominicano, e uſando do noſſo Ordinario, e cerimonias delle. Fizeraõ entaõ inſtancia por introduzir o Romano. Mas como ſaõ màos darrancar coſtumes velhos, foy neceſſario violencia. Eſta por ſer de muita força, deſterrou o Dominicano no anno de 1608. E aſſi podemos dizer, que teve mais poder com eſtas Religioſas o eſtimulo, ou reſpeito de conſervarem a opiniaõ do ſeu marmore, do que teve no tempo paſſado o mandato de hum Pontifice Romano que foy Pio V., e o decreto de hum Concilio univerſal, que foy o Tridentino: contra o qual alegaraõ, (e lhes valeo) que o mandato Pontifical exceituava as Communidades que de duzentos annos atràs uſaſſem particular Breviario: e a ſua naõ tinha menos annos de uſo do Dominicano, dos que contava de fundaçaõ, e quaſi tantos como a meſma Ordem Dominicana, que paſſavaõ entaõ de trezentos e cinquenta. Neſte caſo naõ fica que dizer, ſe naõ, que ou aja quem faça a eſta pedra o que Afonſo de Albuquerque fez a outra na India por ſe livrar de contradiçoens, que foy virarlhe pera dentro da parede a face eſcrita, e mandar eſculpir na contraria aquella ſabida letra: *Lapidem quem reprobauerunt ædificantes.* Ou que nos acuda o juizo do piadoſo her-

Commẽt. de Afonſo de Albuq.

Joaõ de Barros Dec. 1. l. 5. c. 11.

Theod. lib. de viribus illuſt.

hermitaõ Jacobo, que ſendo preſente a huma malicioſa ſentença de hum juiz Perſiano, mandou a hum grande marmore que lhe ſervia de tribunal, que moſtraſſe em ſi a pena que merecia quem nelle ſe aſſentava, e aſſi ſentenceava. E no meſmo ponto eſtallou por toda parte o ſeixo ferrenho, e mociſſo, e ſe desfez em pò.

A fama, ou ſonho que anda na boca do povo, fundado na ſemelhança do nome: de que neſte valle, e entre as Veſtais foy eſcondido o moço Achilles por quem lhe queria bem, polo divertirem da guerra de Troya, e que dahi lhe ficou o nome: he mera fabula, e indigna deſte lugar. Pouco ſabia de computaçaõ de tempos, quem ajuntou Achilles com Veſtais: e pouco das meſmas fabulas quem com eſta ſe enganou. Mas nem a vaydade dellas, nem a ſem rezaõ da letra me podem tirar fazer memoria de algumas couſas que achey neſta caſa, merecedoras de as naõ eſcurecer o tempo, como faz a tudo. E ajuntallaſemos logo.

CAPITULO XXVI.

De algumas particularidades notaveis do Moſteyro de Chellas.

DEſpois que temos moſtrado com evidencia ſer eſte Moſteyro a primeyra pranta de donzellas recolhidas em clauſura neſte Reyno, pola diligencia de hum filho, e diſcipulo immediato de S. Domingos: em boa rezaõ eſtà que tratemos delle, como de caſa noſſa: e moſtremos quanto lhe montou ſua doutrina pera o tempo adiante: e o muito que lhe val oje a fama, e certeza della, inda que taõ mal confeſſada por quem mais a devera conſervar, e manter. E começando por eſta certeza, ella he a que me obriga a ſer ſeu Croniſta naõ rogado nem requerido. E quanto à doutrina, he de ſaber, que ficou taõ bem aſſentada nos animos das primeyras Religioſas que a receberaõ: que paſſando às ſucceſſoras foy ſempre correndo de maõ em maõ com notavel aproveitamento; e lançando por todas as idades hum cheyro de virtudes excellente, como miſtura de materiais aromaticos confecionada de boa maõ, que por muito antiga naõ pode perder a viveza da primeyra fragrancia: perſeverou, e chegou atè o preſente em grande numero de Religioſas. E ainda que nos eſcondeo, e apagou a memoria de quaſi todas, quem tudo acaba, e desbarata, que he o curſo dos annos, temos com tudo indicios muy certos de ſeu grande valor, no de algumas, que em noſſa idade, e de noſſa idade, e de noſſos pays alcançamos. E naõ obſta a queixa que atràs referimos feita polos noſſos Frades à Sè Apoſtolica. Porque eſta conſiſtia sò em naõ quererem as Religioſas daquelle tempo conſintir na eſtreiteza da clauſura de Saõ Xiſto, ſendo em todas as mais partes de noſſa Conſtituiçaõ obſervantiſſimas, e tendo por ſi innocencia grande de coſtumes, ponto, e brio de nobreza, e o uſo, e liberdade em que viviaõ todas as mais Freyras de Portugal. E tenho pera confirmaçaõ deſte diſcurſo alguns teſtimunhos do Ceo em ſeu favor, taõ extraordinarios,

rios, e gerais, que de força avemos de confeſſar, que eraõ merecimento de virtudes tambem gerais. Que ſofra Deos culpas, e peccados por algum tempo, com aquella ſua longanimidade, e miſericordia de verdadeyro Pay, ordinariamente o vemos: e tambem vemos que do que tarda em caſtigar ſe paga, e recompenſa no peſo, e graveza dos caſtigos. Mas huma continuaçaõ de mercès ſuas ſem interpolaçaõ de tempos, he grande ſinal de aver a meſma na guarda da Religiaõ. Conforme aquilo: *Oculi Domini ſuper iuſtos*, e o que a Igreja ſagrada canta, quando encomenda aos homens a execuçaõ da vontade Divina: *Quia nulla eis nocebit aduerſitas, ſi nulla dominetur iniquitas.* Seguros, diz, eſtaraõ de todo mal, ſe de todo peccado ſe acharem izentos. Sabemos (e he grande caſo, e com certa, e conſtante tradiçaõ provado) que aconteceo muitas vezes pegarſe fogo no Moſteyro, caſa de edificio velho, e deſemparada de auxilio de homens, atearſe em madeira ſeca, eſtar longe a agoa, aſſoprarem ventos: e todavia acudindo a communidade à oraçaõ parar o incendio, e como mandado obedecer aos brados do ſanto ajuntamento.

Valer. Max.

Pſal. 33.

Mayor caſo he, que ardendo a cidade de Lisboa em outro fogo muito mais temeroſo de furioſa peſte, em differentes tempos, e por muitas vezes (como adiante o contarà a Hiſtoria,) e naõ podendo eſcuſar o Moſteyro communicarſe com ella pera remedio da vida: nunca jà mais naquelles clauſtros ſe exprimentou, nem ſintio ar contaminado. Antes pera moſtrar o Ceo, que como caſa de gente ſanta morava debaixo da protecçaõ do Senhor delle, aconteceo, (e ficou em memoria) o que agora diremos. Entrou dentro hum lavrador que levava certa renda de paõ, e foy medilla ao cileyro. Hia ferido do mal, e em tal eſtado, que em ſayndo fòra da clauſura cahio morto: eſteve rodeado de muitas Religioſas, e a nenhuma danou a contagiaõ. Antes he de conſiderar, que a força do bom ar que a Divina bondade mantinha entre ellas, apertou, e refinou o danado, que o morto trazia conſigo pera o matar mais depreſſa: como ſe vè em boa filoſofia na polvora da eſpingarda, que faz mayor effeito, quanto mais attacada. Aſſi naõ ha lembrança, que em tempo algum deſemparaſſem a ſanta clauſura: Com o que podemos confeſſar que nos tem honradamente recompenſado a queixa que tevemos de ſuas anteceſſoras.

Mas ſobre todos os caſos deſcobre as miſericordias, com que o Senhor olha eſta caſa, hum muito eſtranho, que foy ſervido moſtrarnos em noſſa idade: do qual vivem ainda hoje por teſtemunhas muitos vizinhos della: e algumas Madres que com grande conſolaçaõ, e ſuavidade d'alma o contaõ, como peſſoas que foraõ preſentes. E quaſi todas as que deſpois entraraõ, o ouviraõ às que ſaõ mortas. Entrou o Duque de Alva em Lisboa no anno de 1580 acompanhado de hum luzido exercito por terra, e groſſa armada por mar, ſem mais repugnancia, que hum leve recontro que teve nos muros della com poucos homens faltos de forças, e ar-

armas, e muito mais de conſelho: e como ſe fora ſemelhante o perigo ao que noutro tempo experimentou no rio Albis em Alemanha, quiz repreſentar famoſa vitoria, publicando ſaco contra a terra que lhe naõ reſiſtio: e naõ duvidou contra toda ley de boa guerra entregar à cubiça, e furia dos Soldados, que quaſi naõ tinhaõ arrancado eſpada, tudo o que avia fora dos muros, e tres legoas à roda da cidade. Avia muitas caſas de Religiaõ. Como entre Catholicos mandou todavia acudir com guarda às mais notaveis. Ficou a noſſa de Chellas, ou por diſtante, ou por menos conhecida, ſem nenhuma. Encheo a Igreja a gente das Quintas vizinhas: e os clauſtros, e officinas o que cada hum tinha de mais preço. Entrando a primeyra noyte, e creſcendo com ella o temor do que ſe eſperava, tomaraõ as Religioſas a cargo paſſalla em vigia, por naõ ſerem colhidas de improviſo. Eis que entre as onze, e a meya noite ſentem que ſe picava o muro da cerca. Eſpertaſe toda a Communidade, acodem à parte donde ſoava a obra. Avia jà hum agulheiro feito, que ſe via por elle a claridade da Lua da outra parte. Daõſe por perdidas, correm à portaria, e ao Coro pedir favor a Deos, e aos homens que avia. Sayraõ logo alguns fòra, mais pera atalayas, ou eſcutas do que ſe fazia, que pera remedeadores do dano que ſe tinha por certo em tal tempo. Mas tornaraõ logo cheyos de novo medo, referindo por mayor mal, que vinhaõ cercando o Moſteyro huma groſſa eſquadra de Cavallos. Naõ faltaraõ outros atrevidos, que quizeraõ dar fè do que eſtes affirmavaõ, e contaraõ vinte cinco lanças, que todos ſem faltar hum, cavalgavaõ cavallos brancos, e veſtiaõ ſobre as armas marlotas brancas. E o que mais eſpantou, notaraõ que ſem parar foraõ dando voltas ao Moſteyro, e com tanto ſilencio, que nunca ſe ſintio, nem pode colher palavra de entre elles: e durou o paſſeo ſem outro effeito atè as tres deſpois da meya noite. O mal que ſe temeo de tanta gente junta, como mayor, fez eſquecer o menor dos que aportilhavaõ a cerca. Mas ſuccedeo, ſem ſe ſaber como, que ceſſou o rumor dos inſtrumentos que a batiaõ. Amanheceo o dia ſeguinte, foy dando com a luz tregoas ao medo da noite, e lugar a ſe fazerem diſcurſos do que nella ſe vira. Affentavaõ todos que a Cavallaria era do exercito, e viera mandada pera guarda do Convento, pois della naõ reſultara dano, mas antes fogirem os que rompiaõ o muro. Neſte ponto chegou recado em nome do Duque, com deſculpas de naõ ter mandado acudir àquella Caſa, offerecendo fazello logo, como de feito mandou. Foy a repoſta das Madres cheya de agradecimentos da offerta preſente, mas mayores da obra da noite paſſada: a qual ſendo contada aos meſſageiros, e deſpois no exercito: foy ouvida com maravilha. Porque em todo o campo, ſegundo affirmavaõ, naõ avia vinte cinco cavallos brancos repartidamente: quanto mais juntos em huma sò companhia. Donde naceo darem por certo, aſſi as Religioſas, como os vizinhos que foraõ preſentes, que os vinte

te cinco Cavaleyros eraõ os ſeus Martyres que teveraõ cuydado de as vir defender, e guardar: e fundavaõ a verdade no numero, nas cores, e no effeito. No numero, porque faltava nelle hum sò pera vinte ſeis, o qual naõ era rezaõ aparecer em tal habito (iſto diziaõ por Santa Natalia.) Nas cores, porque tais ſaõ as com que aſſiſtem os Martyres diante do trono Divino, deſpois que lavaraõ ſuas roupas no ſangue do Cordeyro: e as tiraraõ delle mais alvas que neve: mas sò com eſta differença que la tem nas mãos palmas de triunfadores: cà empunharaõ lanças de combatentes no effeito, porque livraraõ a caſa do perigo que jà tinhaõ nos olhos, e do que mais pudera ſucceder na meſma noite.

Com tais maravilhas coſtuma Deos honrar as Communidades que o buſcaõ, e amaõ: e baſtavaõ eſtas pera prova de quam bem ſervido foy ſempre neſta de Chellas: ſe me naõ parecera que fazia offenſa a todo o Moſteyro, deixando em ſilencio o que ſabemos de algumas Religioſas, que em noſſa idade ſe foraõ delle pera o Ceo. Couſas ſaõ que naõ eſpantaràõ menos que as que acabamos de contar, e acreditaraõ igualmente o valor de ſuas anteceſſoras. Seja a primeyra a Madre dona Maria da Silva, que governou eſta caſa quarenta e dous annos, que foy todo o tempo que viveo deſpois de huma vez eleita. Tal era ſua vida, que dezia por ella el Rey dom Joaõ o Terceiro, que ſe fora poſſivel repartir dona Maria por muitos Moſteyros, sò com iſſo os dera todos por muy reformados. Muito faz ao caſo approvaçaõ de Rey taõ ſanto, muito importa o que ſabemos das virtudes deſta Madre: mas temos entre maons hum ſucceſſo viſto, e palpado neſte meſmo anno de 1622, em que iſto vamos eſcrevendo, taõ extraordinario, que podemos crèr o permittio Deos pera que ſem eſcrupulo a veneremos por Santa. Ultimo dia de Janeyro trinta, e tres annos deſpois que a comia a terra, ſe abrio a ſua ſepultura pera lançarem nella huma ſobrinha ſua. Achouſe conſumido, e tornado cinza tudo o que com ella ſe enterrou, e atè os oſſos quaſi delidos: sò apareceo ſaõ, e inteiro o veo preto, com que todas as Freyras ſe enterraõ, e envolta nelle a caveyra deſcarnada, e ſeca. Grande, e myſterioſo prodigio: em que o Senhor, ao que parece, nos eſtà moſtrando que manteve eſta Religioſa inteiramente, e ſem quebra os dous pontos que a todas ſe encomendaõ na profiſſaõ. He o primeyro, que ſaiba a profeſſa que ha de preſentar diante do tribunal de Chriſto ſem nodoa nem magoa aquelle veo que recebe. Segundo, que o aceita, como ferrete no roſto, e em ſinal de que a nenhum outro amor darà lugar em ſua alma: que iſto querem dizer as palavras: *Suſcipe velamen, quod perferas ſine macula ante tribunal Domini noſtri Ieſu Chriſti.* E as outras da Antifona: *Poſuit ſignum in faciem meam, ut nullum præter eum amatorem admittam.*

Fama avia no Moſteyro que fora viſto ſemelhante ſucceſſo nelle treze annos antes no de 609 na ſepultura da Madre Sor Elena do Eſpirito ſanto, que falecera outros treze atràs no de 1596.

1596. E contavaõ que naõ ſe achando nella mais que terra, e oſſos, aparecera o veo preto taõ abraçado com a caveyra, e taõ ſaõ, que procurando o Coveyro tirallo com a enxada, quebrou, e partio a caveyra, e naõ o veo: de ſorte que eſtavaõ oſſos mais podres que hum fraco lenço. Mas em geral foy menos o eſpanto, ou por parecer pouco eſpaço o de treze annos, ou tambem porque eſtava freſca nos animos das Religioſas a memoria de ſuas virtudes: affirmandoſe della eſtremos de penitencias, e huma continuaçaõ de oraçaõ admiravel, e tanto cuidado em andar compoſta, que ſendo porteyra quaſi toda a vida, nunca ſecular nenhum lhe vira o roſto deſcuberto, ſe naõ fora o Medico.

Sabida couſa he, que ſe naõ izenta de corrupçaõ debaixo da terra nenhuma couſa criada, ſe naõ he o ouro, que tem eſte privilegio atè contra o fogo: e por iſſo he ſimbolo de perfeiçaõ. Grande credito da religiaõ deſta caſa: em que ficamos duvidando ſe deve mais à terra que tanto reſpeito guarda aos ſeus veos, ou os veos a ſua virtude, que he a que por boa conta os preſerva de corrupçaõ: principalmente moſtrandonos Deos de novo nella, e neſte meſmo anno de 622, e na meſma materia terceyra maravilha que logo contaremos. Tinha vivido a Madre Sor Brites da Paixaõ muitos annos com grande opiniaõ de ſantidade, e acabado ſua carreyra com fim ſemelhante no anno de 603. Sabiaſe que atè a ultima doença, de que acabou, fora ſua cama huma cortiça acompanhada de pobres mantas, e por cabeceira hum madeyro ſeco, que deſpois de longos dias trocou em huma almofada de lam, mas taõ embutida, e dura, que quaſi naõ ficava ſendo menos penoſa pera a cabeça. Jejũava a paõ, e agoa todas as feſtas feiras do anno, e na Quareſma ajuntava as quartas feiras: e todo o mais tempo de Quareſma, e Advento paſſava com legumes ſem outro mantimento. Sendo muito caritativa, e piadoſa com todas, ſeguia hum aperto eſtranho de pobreza conſigo: porque poſſuindo com licença huma tença groſſa, toda deſpendia em eſmollas, nada em commodidade ou alivio ſeu. Aſſi quando veyo a falecer naõ ſe lhe achou na cella mais que huma pobre Cruz de pào. O veſtido que tinha era sòmente quanto pedia a neceſſidade pera ſe mudar, e lavar, ſem peça de guarda, ou de ſobejo. Conformandoſe com ſeu nome era devotiſſima da Paixaõ: e foy o Senhor ſervido pagarlhe a devaçaõ com a levar pera ſi no dia da Exaltaçaõ da ſanta Cruz: e com lhe dar a ſintir nos ultimos dias da vida, em pès, e maons, e coraçaõ humas graviſſimas dores, que ſendo recebidas por ella com grande paciencia, affirmava, que ſem auxilio Divino era impoſſivel aturallas. Veyo a abrirſe a cova, em que fora ſepultada, pera outro enterro, alguns meſes deſpois que ſe vio o que contamos na da madre dona Maria da Silva. Eraõ paſſados ao juſto dezenove annos, e naõ avendo mais que cinza de todo o deſpojo mortal, achouſe o veo preto ſalvo de corrupçaõ, e como coſido com a caveira. Pera conſolaçaõ da nobreza, e

lem-

lembrança do muito que obriga a quem a tem, he de ſaber que eraõ eſtas Religioſas todas tres muito nobres. A madre dona Maria filha de Joaõ Fogaça Deça, que foy irmaõ de dona Joana Deça Camareira mòr da Rainha dona Caterina. Sor Elena ſobrinha do Arcebiſpo de Evora dom Joaõ de Mello, filha de ſeu primo com irmaõ Antonio d'Azevedo de Caſtro. Sor Brites filha de dom Fernando de Lima. Reſtanos pera concluſaõ do que prometemos, dizer sò de outra Religioſa, ſerà no Capitulo ſeguinte: advirtindo primeyro duas couſas nos prodigios referidos. Huma ſerà, que noſſa tençaõ naõ he dar por milagre nenhum delles, nem dos que adiante eſcrevermos, em quanto pola Igreja naõ forem calificados: ſem embargo de ſabermos que neſtes annos proximos ſe ſentenceou por verdadeyro milagre polo Ordinario da cidade de Coimbra, com parecer de grandes letrados, acharſe hum Roſario na caveira de hum defunto enterrado de quatro ou cinco annos, que eſtava ſaõ, e ſem corrupçaõ, aſſi no pào das contas, como no cordaõ que as infiava. A outra ſerà que nos dous veos das Madres dona Maria da Sylva, e Sor Brites da Paixaõ fizemos eſtreitas diligencias com os meſmos padres, que os teveraõ em ſuas maons, aſſiſtindo aos enterros das defuntas, que foraõ cauſa de ſe acharem. Sò no veo da Madre Sor Elena como em couſa mais atrazada naõ achei tanta clareza, ſem embargo, que dura a memoria delle como dos mais entre as Religioſas do Moſteyro.

CAPITULO XXVII.

Da Madre Sor Felipa do Eſpirito Santo.

COm ſetenta annos de habito, e oitenta e cinco de idade deixou a vida mortal pera paſſar à eterna a Madre Sor Felipa do Eſpirito Santo, entrando o de Chriſto de 1617. Temos na vida deſta Religioſa dous eſtremos, que naõ sò eſpantaõ, mas atemorizaõ, conſiderados com attençaõ. Foy o primeyro huma longa continuaçaõ de penalidades, e rigores voluntarios. E o ſegundo outra corrente de afflicçoens mandadas da maõ de Deos: humas, e outras eſpantoſas por grandes, e peſadas, e pola paciencia com que as levou, igual a ellas: que naõ ha mais encarecer. Entrou Sor Felipa muito moça na Religiaõ: mas trazia jà de fòra tanto lume das couſas de Deos, que podemos crer foy prevenida com as bençoens de ſuavidade celeſtial, que o Senhor coſtuma dar a ſeus amados quando he ſervido. Vioſe iſto em huma entranhavel devaçaõ, que naquella tenra idade começou a ter ao Santiſſimo Sacramento, acompanhada de fè taõ viva, que antes de ter annos pera cobrir manto em caſa de ſeus pays, jà tinha entendimento pera notar, e ſaber eſtimar os diſcurſos com que os Prègadores procuravaõ dar a entender as maravilhas daquelle ſoberano memorial de noſſa redençaõ: e entrada na Religiaõ, nenhuma couſa fazia com mais goſto, que empregarſe toda em ſua veneraçaõ, e ſerviço. Aſſi tanto que ſe vio profeſſa, que foy aos de-

dezaſeis annos da idade, ou pouco mais, começou hum genero de vida de molher perfeita. Diligentiſſima em acudir ao Coro, alegre no ſerviço delle, ultima em o deixar. Na guarda da regra naõ sò pontual conſigo, mas taõ zeloſa, que polo tempo em diante naõ duvidava reprender defeytos onde os via. Ao que ajuntava profunda humildade, e huma mortificaçaõ de todos os ſentidos maravilhoſa. O ſeu jejum era taõ eſtreito que paſmavaõ as outras Religioſas de como ſe podia ſuſtentar. As diſciplinas eraõ continuas, e aſperas: e pera ſerem de mais tormento, eraõ taõ gerais que atè nos braços, e pulſos lhe foraõ notadas por muitas vezes nodoas azuis, e piſaduras groſſas. O ſono quaſi nenhum, porque chegou a eſtado que, paſſado hum breve eſpaço que tomava pera repouſar, logo corria pera o Coro, e poucas vezes tornava delle ſenaõ pola manhã. Mas tal era o leito que a agaſalhava que naõ fica de eſpantar ſe dormia pouco. He couſa ſem duvida que em muitos annos ſe lhe naõ ſoube mais cama que huma cortiça com duas mantas groſſas, e por almofada hum madeiro rolliço envolto, por honra, ou por fogir vangloria, em huma toalha. Tambem he certo, que nunca veſtio tunica de linho, ſenaõ tres dias antes de falecer. No amor da pobreza chegou a termos, que naõ avia em ſeu poder peça nenhuma de goſto ou curioſidade, ſenaõ era hum devoto Crucifixo que muito amava. Na devaçaõ do Santiſſimo Sacramento creceo grandemente: fazialhe a feſta todos os annos em quanto naõ ouve confraria aſſentada entre as Religioſas: o cuſto della perà ſer mais meritoria era grangeado com abſtinencia de todo o anno, tirandoo da pobre pitança do refeitorio. E porque iſto era pouco, ajuntava tudo o que lhe davaõ tres irmaons que tinha, dous Clerigos ricos, e hum ſecular, ſem reſervar pera ſi nada. E naõ he pera eſquecer que tinha por coſtume acrecentar neſte dia o jantar de toda a Communidade, com duas pitanças à ſua cuſta: eſtas eraõ ſirejas, e leite: banquete humilde, e pobre na ſuſtancia, mas cortezaõ, e rico na tençaõ: repreſentava nelle ao que parece, ou as cores das eſpecies ſacramentais de paõ, e vinho: ou aquellas que a Eſpoſa ſanta gaba no Divino Eſpoſo, quando por alvo, e còrado o dà a conhecer às filhas de Jeruſalem. E hum caſo ouve deſpois de ſua morte, que deu bom indicio que naõ deſagradava no Ceo a devaçaõ. Porque na verdade a ſua feſta mayor era toda de fervor de eſpirito, como ſe deixa entender do aparelho que uſava todas as vezes que ſe chegava à ſanta communhaõ. Eſte era confeſſandoſe à veſpera, ſeguir a confiſſaõ com huma riguroſa diſciplina, e deſpois guardar ſilencio atè todo o dia ſeguinte. Ao commungar ſe faziaõ ſeus olhos lingoas do que lhe paſſava n'alma, tornados duas fontes de lagrimas, que algumas vezes polo impeto, com que ſahiaõ, era neceſſario ao Sacerdote eſperar, e darlhe lugar. Deſpois que as Freyras ordenaraõ entre ſi confraria, ficou fazendo ſempre o gaſto de toda a cera, com tanto goſto de ſua parte, que naõ ſofria ſe chamaſſe iſto gaſtar, ſe naõ entezourar:

Cant. 5.

ao

aõ que ajuntava todas as quintas feiras do anno rezarlhe o officio inteiro da feſta. No ſerviço da Communidade naõ avia Religioſa que mais trabalhaſſe : incanſavelmente fazia todos os officios: jà Sacriſtã, jà eſcrivã, tangedora, e cantora continua : jà Meſtra de Noviças , Vigayra; Porteyra : pera cada couſa deſtas parecia que sò nacera. Tal era ſeu talento em tudo. A brandura , e boa ſombra com que procedia , faziaa amada de todas : a prudencia , e gravidade igualmente reſpeitada. Começaraõlhe a render eſta vida , e calidades opiniaõ de Santa , em caſa , e fòra della. E ella a tinha de ſi taõ differente , que ſempre andava buſcando occaſiaõ de fazer por ſua maõ o que era obrigaçaõ das mais humildes ſervidoras de caſa : e porque naõ ouveſſe quem lho tolheſſe , valiaſe das horas em que as Religioſas eſtavaõ recolhidas. Aconteceo louvalla huma Religioſa em certa occaſiaõ , e nomealla por Santa. Aſſi ſe offendeo como pudera fazer outrem de huma grande affronta : e cheya de eſpirito naõ dilatou tomar a vingança em ſi do juizo alheyo, dandoſe com ſua propria maõ duas bofetadas com tal força , que lhe ficaraõ os dedos aſſinelados nas faces. E polo contrario ſuccedendo outro dia tratarемna mal de palavra (era em hora que rezava por hum livro eſtando em pè) naõ sòmente manteve ſilencio ouvindoſe affrontar : mas poz os joelhos em terra , e foy continuando ſua oraçaõ ſem fazer movimento, nem moſtrar ſentimento.

Com tal vida entrou Sor Felipa polos annos da velhice. Parecia tempo de deſcançar , ou ao menos aliviar hum pouco de tanto trabalho. Mas foy tanto ao revès , que entaõ começou a entrar em novos , e extraordinarios trabalhos , que lhe naõ deixaraõ hora de repouſo atè o ultimo fio da vida. Quem ſe naõ eſpantarà ? quem naõ paſmarà de medo , vendo ao parecer mal tratada huma virtude taõ ſobida? Parece que quiz Deos moſtrarnos neſta Religioſa hum retrato do que noutro tempo fez com o Santo Frey Henrique Suſo Frade tambem deſta Ordem. Tinha Frey Henrique paſſado grande parte de vida em eſtranhezas de penitencias , e mortificaçoens : e ouvio hum dia que lhe dizia o Senhor. Ategora andaſte por eſcolas baixas , foſte ſoldado de pè. Convem que ſaibamos pera quanto preſtas , paſſando adiante, e poſto acavallo. E confirmou eſtas palavras com huma bataria de tormentos , e affliçoens taõ riguroſa, que algumas vezes lhe chegavaõ a por em riſco a paciencia , e a confiança : o meſmo temos em Sor Felipa. Quando naturalmente devera ſer izenta de todo peſo , e cuydado , e antes começar a lograr os premios de huma vida pura , ordenou a Summa bondade provalla em huma fragoa de dores , de deſaſtres, e martyrios. Vai muito a dizer de mortificaçoens voluntarias , e caſeiras , às naõ eſperadas , e que vem de fora. Doem menos aquellas polo que tem de eleiçaõ , e maõ propria : ferem eſtas com mais força , por ſerem de braço alheyo : e fazemſe mais ſintir , quanto ſaõ menos previſtas. Começou o primeiro aſſalto por huma graviſſima doença. Deſta lhe procederaõ humas do-

Surius in vita Henr. Suſon.

dores de eſtamago taõ intenſas, e continuas, que naõ eraõ menos que dores de inferno. Porque naõ avia nellas remedio nem alivio ſenaõ com mal mayor: e paſſa aſſi que todas as vezes que aparecia o Ceo eſcuro, lhe cobriaõ o coraçaõ outras tantas nuvens com medo de trovoens, e rayos, e naõ avia ſenaõ morrer de afliçaõ. Entaõ ſe ſuſpendiaõ as dores do eſtamago, quanto durava o aſſombramento do ar. Era nella o temor de Deos igual ao amor: porèm confeſſava mayor medo nas carrancas do Ceo irado. Pſal. 17.

Continuava eſte mal, e ella naõ ceſſava de ſervir, e trabalhar, como quando mais ſam. E aſſi chegou aos ſetenta e cinco annos. Pera eſte ponto lhe eſtava guardada nova, e mayor Cruz. Era Porteyra: e ſuccedendo aver obras de pedra, e cal no Moſteyro, tinha hum dia a porta meyo aberta pera correr o ſerviço: e eſtava a caſo detràs em pè, e rezando por hum Breviario: empuxaraõ ſubitamente a porta dous homens que acarretavaõ pedra com huma padiolla: e foy tal o impeto, ajudado do peſo que levavaõ, que encontrando a pobre Porteira, deraõ com ella por terra taõ piſada, e maltratada, que dali a levaraõ atraveſſada em hum colchaõ, dando gritos que chegavaõ ao Ceo. E porque ninguem duvidaſſe que do Ceo procediaõ, notouſe, que foy o deſaſtre no dia de ſua mayor devaçaõ, que era huma quinta feira, e a reza em que entendia o officio do Satiſſimo Sacramento. E naõ ſe queixava de balde, porque vindo Cirurgiaens, acharaõ que d'alto abaixo ficara moida, e deſconjuntada quaſi toda a armaçaõ daquelles oſſos velhos, e canſados: e tratando de remedio naõ obravaõ as mezinhas, ou pola fraqueza do ſojeito, ou porque o Senhor, que dera o mal, naõ permittia que teveſſem bom ſucceſſo. Aſſi eſteve padecendo mortais tormentos dous annos e meyo: e taõ tolhida que em todos elles naõ foy ſenhora de ſe virar ſobre hum lado. E pera qualquer movimento, que nunca era ſem grandes dores, ſe valia de cordas lançadas a huma trave da cella. Mas he muito de notar o como levava tanto mal. Louva a Eſcritura ſagrada a Job de naõ peccar, nem ſoltar huma sò palavra deſcompoſta nas ſintidas queixas, em que o fizeraõ romper ſuas calamidades. E nòs temos em Sor Felipa hum Job taõ ſofrido, e conſiderado, que nunca de ſua boca ſayraõ rezoens mais abrazadas em amor de Deos, nem louvores mais encarecidos de ſuas miſericordias, que quando as dores eraõ mais vivas, e mais crueis. Era novo genero de tormento a cella em que a recolheraõ: porque della a huma ſepultura avia pouça differença. Tinha em comprimento pouco mais de doze palmos, e ſete de largo: o ſitio debaixo de huma eſcada: a luz taõ alongada, que quaſi ſempre era noite nella. Neſte purgatorio aturou oito annos, e meyo ſem nunca ſe queixar, nem deixar de rezar o officio Divino, ajuntando às quintas feiras o do Sacramento, jejuando as Quareſmas, e adventos inteiros, e dos mais tempos as quartas, e ſeſtas, e ſabados, com tanto rigor, como quando era muito ſam. Job 1.

Affinaſe a virtude na tribulaçaõ.

laçaõ. Porque acode o Senhor a ſeus ſervos com favores aventajados aos trabalhos que lhes dà. Taõ reſignada vivia Sor Felipa na vontade Divina, que ficando toda aleijada, de maneira, que ſem duas muletas naõ podia dar paſſo, todas as vezes que falava neſte deſaſtre, o nome com que o ſignificava, era a ſua mercè de Deos. E dezia bem, porque do meſmo ponto começou a eſprimentar altiſſimas mercès de ſua Divina bondade, humas vezes concedendolhe o Senhor tudo quanto pedia em requerimentos proprios, e alheyos, de muyta gente que em ſuas oraçoens ſe mandava encomendar: outras moſtrandolhe viſoens ſobrenaturais de grande conſolaçaõ: outras revelandolhe couſas futuras. E de tudo temos exemplos, e caſos muy notaveis baſtantemente verificados por muitas Religioſas, e por ſeus Confeſſores: os quais deixamos de referir, eſperando que ſayaõ brevemente a luz polos meyos que a Igreja coſtuma: como ſerà rezaõ pera gloria de Deos, e honra do valor Monaſtico, a peſar das lingoas venenoſas que o perſeguem, e mordem.

Corria por oytenta, e quatro annos de idade, quando a vida jà naõ he vida, ſe naõ trabalho, e dor: e ainda o Senhor achava nella ſitio pera empregos de novo merecimento. Na entrada de Janeiro de 1616 começou a ſintir huns accidentes do coraçaõ taõ vehementes, que do primeyro eſteve vinte quatro horas ſem fala, e ficaraõlhe acudindo em todas as conjunçoens da Lũa. Dezia que ſe ſintia com elles abrazar toda interiormente, e as anguſtias que padecia eraõ de morte. No meyo de tanto martyrio era de ver a alegria de ſeu roſto, e a conformidade que tinha com Deos, e as graças que lhe dava em quanto podia formar voz. Chamava eſtes males, mimos celeſtiais: e affirmava que eraõ tamanhas as conſolaçoens que no ponto mais alto da tribulaçaõ ſintia, que excediaõ a capacidade de ſua alma: e podendo o corpo com a guerra dos trabalhos, a alma naõ podia com as mercès, e favores. Mas continuando os accidentes, a cabo de hum anno vieraõ a derribar de todo a natureza jà por ſi cayda, e paſſaraõna a melhor vida, com hum tranſito taõ bem aſſombrado, e ſanto, que em todo o Moſteyro deixou ſaudade, e enveja. E naõ ſe duvida que foy por ella muito antes conhecido. Porque tinha mandado aviſar a certo Religioſo, de quem ſabia que a encomendava a Deos, que quando lhe diſſeſſem que tinha mal em hum pè, ſoubeſſe que acabava ſua carreira. Deulhe eſte mal dez dias antes da morte. Tres Religioſas de credito affirmaraõ, que na meſma conjunçaõ, que todas andavaõ em pranto pola defunta, ouviraõ excellente muſica de vozes, ſem poderem atinar onde era. O que de certo conſta he, que eſtando por ſoterrar vintequatro horas, eſtavaõ ſuas maons, e braços taõ meneaveis, e brandos, como quando mais ſaude tinha. E a cabo de trinta e oito dias que a ſepultura eſteve ſem campa, ouve hum official que com hum eſcopro ſe atreveo a fazer força nas taboas do caixaõ em que eſtava, e affirmou que ſahia delle ſuave cheiro: o que logo foy confirmado

Pſalm. 89.

por

por outros que chegaraõ a fazer a meſma experiencia. Tambem ſe averiguou que dentro do Moſteyro, e fora delle alcançaraõ ſaude repentina, e quaſi deſeſperada algumas peſſoas enfermas aplicando reliquias da defunta, e valendoſe da fè de ſeus merecimentos. Foraõ irmaons deſta Religioſa Nicolao de Frias Architecto del Rey dom Felipe o primeyro de Portugal, e o P. Antonio de Frias Prior de Unhos, Igreja de groſſa renda, em cujo ſerviço foy bom imitador das virtudes de ſua irmã, como tambem o foy a Madre Sor Ines de Jeſu Freyra de S. Domingos no noſſo Moſteyro de Abrantes, e tambem irmã ſua.

Concluamos eſta memoria com o que della ſe fica collegindo, que ſaõ duas couſas. A primeyra que faça o Leitor juizo deſta Caſa, ſegundo as regras dos bons deſcubridores de minas d'ouro, os quais daõ por certo ſinal de riqueza nas entranhas da terra, quando as moſtras ſuperficiaes ſaõ de metal fino. A ſegunda he, que ſaibaõ as Religioſas della, que todos eſtes bens devem à doutrina, e ſantidade daquelle grande eſpirito que Deos foy ſervido darlhes por ſeu primeyro Meſtre, e fundador, que foy noſſo glorioſo Patriarcha Saõ Domingos.

CAPITULO XXVIII.

Do grande augmento, e proſperidade da Provincia de Eſpanha, no tempo que foy governada por dom Frey Sueyro. Dàſe conta de ſeu grande eſpirito, e virtudes, e dos annos que viveo.

DOze annos continuos achamos que governou dom Frey Sueyro eſta Provincia que avemos de chamar Eſpanha ſem agravo dos reynos particulares della, em quanto andar unida, e ſem diviſaõ de membros. Tal era ſua prudencia, tais ſuas virtudes, que ſe muitos mais vivera, todos a governara. Notavaſe em ſeu tempo que a olhos viſtos creciaõ todos os bens nella, aſſi eſpirituais, como temporais. Favor do Ceo em grandes ſojeitos que ſe vinhaõ ao habito, e em grande eſpirito que Deos dava a todos. Favor dos Reys em honrarem a Ordem: amor do povo em a eſtimar, pedindo tantas cidades prègadores, e deſejando Conventos por toda Eſpanha, que naõ era poſſivel poderſe acudir a todas com o numero, e calidade de Religioſos que pera fundar convinhaõ. Aſſi ficaraõ principiados muitos, que todos referem ſua origem a dom Frey Sueyro, e todos o tem por ſeu fundador: e os grandes Religioſos que nelles profeſſaraõ, que foraõ muitos, e muitos delles Santos, o reconhecem por Pay Que quando naõ teveramos dito, nem por dizer outra couſa deſte famoſo Portuguez, parecia baſtante pera credito, e honra, e teſtimunho de ſeu ſoberano eſpirito contarmos sòmente as virtudes dos

dos ſubditos. Ganhaõ os ſoldados a vitoria, conquiſtaõ o Reyno: muita honra he de cada hum: mas toda junta, e a de cada ſoldado ſe refere ao Capitaõ. Porque ainda que muitas maons fazem muito, huma cabeça que as menea todas he a que acaba tudo. Foy o primeyro a reconhecer eſta verdade o admiravel Santo Barcelonès S. Raymundo, Santo que antes de cumprir anno inteiro neſta Religiaõ foy fundador doutra. Na Summa de Caſos, que à inſtancia de dom Frey Sueyro fez, lhe chama Beatiſſimo, dedicandolha com eſte titulo no prologo: *Reuerendo & Beatiſſimo Patri in Chriſto Fratri Gometio Priori Fratrum Ordinis Prædicatorum in Hiſpania Frater Raymundus de Pennia fort.* Filhos ſaõ ſeus pela meſma conta, hum S. Frey Poncio de Planedis, pois começamos por terras da Coroa de Aragaõ, que ſendo Inquiſidor morreo à maõ de hereges, e morto fez o milagre de Joſuè em Gabaon, e do Meſtre de Santiago dom Payo Correa Portuguez no Algarve. Mas com eſta ventagem, que elles fizeraõno em vida, e Frey Poncio jà tornado terra fria. Là teve o Sol obediencia a vozes humanas: cà reſpeito a oſſos ſecos, e mudos, porque parou em ſeu curſo por eſpaço de ſeis horas, e tantas foy mayor o dia das exequias deſte Santo pera ſerem dignamente ſolenizadas. Hum Frey Pedro Cendra milagroſo, que em final das muitas almas, que allumiou com ſua doutrina, deu luz corporal a quatorze cegos ſobre outras grandes maravilhas. Hum Frey Miguel Bennazar Malhorquin, que na infidelidade Mahometica nacido, deu affamado Santo convertido. Em ſeu nome foraõ recebidos à Ordem S. Frey Gil, e S. Pero Gonçalves Telmo em Palencia: o Santo Frey Lourenço Mendes em Guimaraens: e no meſmo lugar S. Gonçalo de Amarante, cujos milagres ſaõ hoje taõ ordinarios, como trezentos e cinquenta annos atràs, quando eraõ quotidianos. De ſua maõ lançou o habito ao Santo Frey Payo, Santo encuberto, e deſconhecido na vida; glorioſo deſpois de morto, em Coimbra, como outro Santo Aleixo em Roma. De ſua maõ o deu em Montejunto a hum Chantre da Sè de Lisboa, grande em nobreza de ſangue, mayor em ſantidade, que por tal foy nomeado por ſeu adjunto em negocio de tanto peſo, como a compoſiçaõ atràs referida del Rey dom Sancho com o Arcebiſpo de Braga.

Joſue 10.

F. Franciſco Diago l. 1. c. 4. da Hiſt. da Ordem em Arag. Zurita l. 3. c. 75. dos Anais de Arag. Paramo l. 2. t. 2. c. 8.

Mas todas eſtas excellencias de dom Frey Sueyro podemos referir a outra mayor ſua, qual foy ſer filho, e companheyro de noſſo grande Patriarcha, ajudator inſeparavel de ſeus primeyros trabalhos, criado aos peitos de ſua doutrina, em a qual procurou imitallo tanto ao vivo, que pera de todo o tresladar em ſi, naõ lhe faltou mais que o nome: e aſſi foy outro S. Domingos em tudo o mais. Bem o conhecia o Pay, que naõ sò nas obras, mas dentro nos peitos eſpiava coraçoens, polo eſpirito profetico que do Ceo tinha. E vendo o theſouro que aquelle vaſo de barro eſcondia, avendo de mandar Apoſtolos à Patria que amava, foy elle hum dos eſcolhidos pera taõ honrada miſſaõ: e ſendo quatro os que mandava,

dava, dos quais os tres lhe tocavaõ mais por lingoa, e vizinhança de nacimento, e mereciaõ muito por valor, e partes: todavia deſde logo lhe deu o primeyro lugar, e deſpois lho confirmou fazendo o pay de toda a Provincia. Foy a cauſa, que quanto mais adiantava na idade, e no exercicio de ſuperior, mais ſe aventajava nas partes que lhe tinhaõ dado o cargo: que he grande prova de virtude, conſervalla mandando, quanto mais melhoralla.

Conſideremos agora quais eraõ os companheyros, pera alcançarmos por verdadeira proporçaõ a medida, e grandeza do que lhe foy dado por Prelado. O que chamavaõ Frey Domingos pequeno, foy em tudo o mais tamanho, que a elle aconteceo aquelle memoravel caſo, que atrevendoſe a tentallo, ſocapa de virtude, huma miſeravel femea, inſtigada de miniſtros de Satanas, que naõ podiaõ ſofrer a força de ſuas reprenſoens: elle lhe offereceo por cama hum monte de braſas abanadas, nas quais ſe lançou aſſi veſtido como eſtava: e como ſe em cama de roſas ſe reclinara, aſſi eſteve quieto, ſem o fogo ſe atrever a offendello, nem em hum pelo do habito, paſmando os que vinhaõ de concerto, e ſegredo pera teſtemunhas do pretendido inſulto, e ficando attonita a tentadora de medo, e de confuſaõ: que todavia lhe valeo pera meyo de ſalvaçaõ, como o foy de honra pera o Santo. E tal era o pequeno: e por elle poderemos fazer juizo das calidades dos outros dous. Bem ſabia quem os ajuntou, que avia conveniencia entre todos, e naõ ſe pode cuydar menos. De tal gente ſe deu o governo a dom Frey Sueyro, e ſendo iſto pera elle hum novo genero de obrigaçaõ, pera em alto gràо affinar todas as virtudes, como fez: pera nòs he claro indicio da grande reputaçaõ que por toda Eſpanha devia ter de Santo. Aſſi o moſtra ſintir o Meſtre Frey Franciſco Diago na Cronica da Provincia de Aragaõ dizendo:

Caſtilh. p. 1. l. 1. c. 29 Humb. p. 4. Leand. l. 5. Flam. l. 1.

SAnto Domingo hizo Provinciales de ſu mano al Santo Fray Iordan de Lombardia, y a Fray Suero de Eſpanha, que devio ſin duda ſer vn Santo. Porque pues Santo Domingo quando en Toloſa entendiò en embiar ſus hijos por el mundo, embiandolos tales, a cada parte, que algunos dellos fueſſen Santos, qual fue Fray Miguel de Fabrà entre los que embiò a Paris, Fray Pedro Cellan entre los que embiò a Limoges: no privò deſte don tan del cielo a Eſpanha por ſer ſu patria, &c. *E o meſmo juyzo faz o Meſtre Frey Fernando de Caſtilho na Hiſtoria geral da Ordem, cujas palavras formais ſaõ.* Era entonces Provincial en eſtos Reynos de Caſtilla Fray Suero, hombre de mucha prudencia y ſantidad, y de tantas partes, que

para

para ſaber quantas y quales eran, baſta ſaber que le auia pueſto en el officio el miſmo Santo Domingo en el Capitulo General proximo paſſado, y aora entendia en el govierno y acrecentamiento de la Orden en toda Eſpaña, &c.

E naõ obſtante nem faz ao caſo faltarnos noticia particular de ſuas penitencias, jejuns, vigilias, oraçaõ, e caridade: e ignorarmos prodigios, e milagres, teſtemunhadores da valia que por eſtas virtudes tinha com Deos. Porque como os Santos, ſendo todos huns em ſerem Santos, naõ o ſaõ ſempre pola meſma via, e modo de ſantidade: aſſi ordena, e permitte aquelle, que os ſobe a eſſe eſtado, que huns vivaõ com grande nome no mundo: e outros que por ſuas obras mereciaõ a meſma honra, ſejaõ como peregrinos nelle ignorados, e deſconhecidos. Huns obrem grandes maravilhas: outros de igual virtude naõ façaõ huma em toda a vida. Huns vivaõ cheyos de mimos, e conſolaçoens do Ceo: outros andem ſempre deſconſolados, famintos, e desfavorecidos delle: e todavia igualmente filhos, e igual-
Pſalm.44. mente Santos. Eſta he aquella variedade que o Pſalmiſta gaba nos panos d'ouro, e roupas bordadas, que com grande graça veſtem a Eſpoſa ſagrada. Do que puderamos apontar exemplos, ſenaõ fora forçado yrmonos recolhendo. Quem lè as vidas dos Santos me forrarà o trabalho. E quem ſouber lançar boas contas, e quizer ſaber as eſtreitas mortificaçoens de dom Frey Sueyro, ſua levantada contemplaçaõ, ſeu ardentiſſimo amor pera com Deos, e com os proximos: os cegos a que deu viſta em corpo, e alma, os coxos a que deu peis, os mudos a que deu fala, os enfermos que ſarou, e em fim os mortos que reſuscitou: veja, e conſidere tudo o que fizeraõ todos os Santos que atràs nomeamos, e os que ao diante apontaremos, e aja que tem achado o que fez dom Frey Sueyro. Porque quanto elles obraraõ, e todos os que o conheceraõ por pay, tudo lhe rende oje louvor na terra, e grandes gràos de gloria accidental no Ceo: e tanto por ventura mais avantajados là, quanto cà foy menos celebrado ſeu valor. Viveo dom Frey Sueyro no cargo doze annos: faleceo cortado mais de trabalhos, e penitencias, e longos caminhos, que da idade. Eſcondeonos o tempo, e o deſcuido dos homens ſua ſepultura, como as mais particularidades de ſua vida, e morte, que puderaõ fazer eſta Hiſtoria eſtimada, e deleitoſa. Segundo os annos que governou, e o em que foy eleito, veyo a falecer no anno de 1233. O ſucceſſor que teve foy tambem Portuguez. Declararſeà ſeu nome no diſcurſo da Hiſtoria: e naõ ſe diz agora por naõ confundirmos com couſas poſteriores as antecedentes, e primeiras em tempo. Porque como eſta Hiſtoria he particular das fundaçoens dos Conventos, e dos varoens illuſtres que nelles floreceraõ, e de cada hum avemos de fazer relaçaõ continuada, como lhe chegar po-

lo curſo, e ordem dos annos ſua fundaçaõ, ſem ficar nada por dizer do que acharmos notavel atè noſſa idade: naõ he poſſivel para clareza, e diſtinçaõ dos ſucceſſos, levallos atados aos Provinciais, mormente daqui em diante, que vaõ multiplicando fundaçoens: e fora grande confuſaõ querer yr tocando, e tratando todas juntamente, e ſeguindo a paſſo igual os Provinciais. E ſe o fizemos com dom Frey Sueyro, foy a cauſa acharmos eſte principio deſabafado de fundaçoens: e ſer elle primeyro Provincial noſſo, e Portuguez: e devermoslhe tudo, pois eſta eſcritura he de varoens illuſtres, por illuſtriſſimo Pay, e fundador Noſſo.

Fim do primeiro Livro.

LIVRO SEGUNDO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Do ſitio da villa de Santarem: e do que nella ſe deu de novo ao Convento de S. Domingos de Montijràs.

AVENDO de tratar do ſitio, e fabrica do Convento, que a Ordem tem oje no alto da villa de Santarem, primeiro treslado da caſa, que teve no baixo della em Montijràs, e ſegundo da que teve em Montejunto: com os quais treslados he cabeça de todos os Conventos de Eſpanha, naõ sò de Portugal: parece neceſſario darmos primeyro noticia da villa, e do aſſento, e calidades della. E naõ ey por mal empregado, nem ocioſo o trabalho: porque imagino que eſcrevo para as provincias eſtranhas grandes, e dilatadas, tanto como pera a minha pequena, e eſtreita. E deſejo naõ ſer colhido na culpa, que vejo reprender cada hora em outros eſcritores, que fazendo conta que eſcrevem sò pera os ſeus, e temendo parecer ſobejos com particularizar muitas couſas, ficaõ curtos atè pera os meſmos: e eſcuros, e confuſos pera os eſtrangeiros.

A quatorze legoas de Lisboa polo Tejo acima, em cabo de terras dobradas, e montuoſas, e principio de grandes mares de campinas levantou a natureza, como marco entre montanha, e campo huma junta de montes dependurados ſobre a margem direita do rio, e tanto mais altos que toda a outra terra: que de qualquer parte que ſejaõ buſcados, ſe deixa ver muitas legoas ao longe, como ſe foraõ huma muy empinada ſerra. Saõ os montes bem conſiderados, ſete, todos divididos com profundos valles polas fraldas, huns mais, outros menos, e cada hum com ſua differença,

mas

mas de maneira juntos nas cabeças, que fazem ſobre as coroas hum plano igual, e commum a todos ſete, capaz de huma grande povoaçaõ, com largueza de praças, e commodidade pera mayor povo, e tal he Santarem. Para dar a entender eſte ſitio a quem o naõ vio, ſeguiremos o coſtume dos Geografos, que uſaõ de comparaçaõ de alguns membros do corpo humano, pera ſe declararem na ſignificaçaõ de outros do grande corpo da terra. Repreſentarnosà bem o plano que temos dito com ſuas aberturas de valles, huma maõ eſquerda apartada do braço, com a palma, e dedos eſtendidos, e divididos hum do outro quanto naturalmente ſe podem alargar: ſe aſſentarmos a maõ de maneira, que o dedo do meyo corra direitamente contra o Sul, e o collo da maõ fique ao Norte. Aſſi ficaõ ſendo primeiros montes os dous cantos do collo da maõ, e primeyra parte do plano ſobre elles a palma atè o meyo, que he huma fermoſa, e eſtendida praça diante da porta que chamaõ de Leyria, que fica ao Norte da villa, cercada de Moſteyros, e caſas nobres, e por rezaõ do uſo em que ſerve muitos dias do anno tem nome de Chaõ da Feyra. Eſtes primeyros montes ſaõ divididos de hum valle que vay ſubindo por entre elles, e trazendo a eſtrada que vem de Leyria, atè dar no plano do Chaõ da Feyra, e primeyra parte da palma, e na porta que chamaõ de Leyria. Nos cantos deſta grande praça eſtaõ ſituados da parte de Ponente o Moſteyro novo de S. Domingos, de que de preſente avemos de tratar. E no outro de Levante o Moſteyro da Trindade.

Faz terceiro monte (porque naõ deixemos a ſemelhança, com que começamos) o dedo pollegar: e na primeira junta, ou rayz delle fica aſſentado o Convento de S. Franciſco. E logo adiante, quaſi no meyo do dedo tem ſeu aſſento o grande Moſteyro de Santa Clara, caſa muito antiga, e nobre, e de grande Religiaõ: e na cabeça delle a Ermida dos Apoſtolos, que eſtà à conta de Religioſos de S. Bento.

Da porta de Leyria, que aſſentamos no meyo da palma, dà o muro da villa huma volta larga, em que comprende hum Caſtello antigo, e caſa real juntamente, e deixando ainda livre hum eſpaço da palma, vay enteſtar na rayz do dedo mayor, e eſtendendoſe por elle atè a ponta, abraça deſta parte tudo o que he cercado de muro na villa: deixando na meſma rayz outra porta que chamaõ de Manſos; e tanta praça diante que dà lugar à ſe communicar com a praça mayor do Chaõ da Feyra.

Corre a povoaçaõ polo reſto da palma, e polo plano dos dedos, que fazem quarto, e quinto montes. A do dedo mayor vay direyta ao Sul, e tem por remate hum Moſteyro de Capuchos, e hum moinho de vento. Aqui teve a caſa de Bragança antigamente hum bom apoſento que agora eſtà por terra, como eſtaõ outros muitos na villa que foraõ de nome. O bairro que toma o index vay fazer na ponta huma fortaleza guerreira, e fermoſa, e com tanta praça

den-

dentro, que a faz a huma boa Igreja, e algumas caſas nobres, e por iſſo retem o nome antigo de Alcaçova. Inclina eſte monte pera o nacente tanto como nos repreſenta o meſmo dedo bem afaſtado do companheiro, e vay beber no rio com hum grande, e dependurado barrocal, que por tres partes acompanha a fortaleza, e a faz inacceſſivel. Naõ he pera eſquecer que dentro nella a hum lado da entrada criou a natureza hum outeiro, ou tumulo de terra, redondo, e como feito a maõ, que crecendo em boa altura ſuſtenta no alto huma torre, donde em dias claros ſe deviſa a cidade de Lisboa: e devia ſervir pera em tempos de guerra ſe darem aviſos com fogo.

Os vazios entre os dedos, e por fora delles, ſaõ valles profundos, como temos dito, com coſtas, e quebradas muy agras, exceito o valle que ſobe ao collo da maõ dividindo, ſegundo fica moſtrado, os dous primeiros montes. Porque eſte vem ſubindo de longe, e faz a entrada menos cuſtoſa.

O primeyro valle, que ſeguindo a noſſa comparaçaõ, abre entre o pollegar, e Index: aſſi como na maõ ſe faz mayor abertura entre eſtes dous dedos, que nos outros, aſſi he muito mais largo, e capaz, e comprende hum grande arrabalde, que com a commodidade do rio que o lava, e lhe deu o nome (chamaſe a Ribeyra) tem crecido tanto, que faz repreſentaçaõ de huma grande villa ornada de boas Igrejas, e ſuas praças. Neſte valle ao pè do monte dos Apoſtolos que dece do pollegar, he o ſitio que atràs diſſemos, do noſſo recolhimento de Montijràs.

O ſegundo valle he entre o Index, e o mayor. E aſſi como eſtes dedos naturalmente abrem menos, tambem o valle que entre elles fica he mais apertado, ſendo igualmente fundo, e hum arrabalde que por elle ſe eſtende atè o rio he de menos conta em grandeza, e gente, e edificio (chamaſe Alfange.)

Entre o dedo mayor, e o quarto (que os Latinos chamaõ annular do coſtume, que avia de naõ pejarem outro com os aneis, que eraõ inſignia dos nobres) corre outra ſemelhante quebrada atè a porta de Manſos, e faz o monte ſexto: polo lombo do qual corre hum eſpaço a eſtrada que ſae deſta porta pera Lisboa, acompanhada de humas Ermidas, e de hum pequeno arrabalde, e logo faz grande quèda pera o baixo, ficando o ſetimo monte no dedo minimo, mas muito mais curto, e com menos repreſentaçaõ entre os mais montes, da que elle tem entre os dedos: e nelle pegados com a palma aſſentaõ juntamente oje dous Moſteyros, hum de Frades da Terceira regra de Saõ Franciſco ſobre o valle do Annular: e outro de Freyras de S. Domingos, que olha ſobre as ladeyras que decem do dedo minimo da parte de fora, e do canto da maõ. Tal he a forma que oje tem a villa de Santarem. E quadralhe bem a comparaçaõ, pola ſemelhança que tem com a cidade de Volterra na provincia de Toſcana em Italia, chamada na lingoa Latina *Vola terræ*, que he o meſmo, que palma da maõ da terra. E he de ſaber, que no tempo que a ella veyo a noſſa Or-

Strab. l. 5. Plin. l. 3. c. 5.

Ordem, naõ tinha Moſteyro nenhum. E sò ſe via no meſmo lugar, onde oje he o noſſo Convento dos Frades huma pequena Ermida da invocaçaõ de noſſa Senhora da Oliveyra, que com elle ſe extinguio: e junto aonde he o das Freiras, outra que ainda dura, com titulo, e nome da Madalena.

A eſtes montes aſſi juntos, e villa aſſi ſituada vem demandar o Tejo por meyo de largos campos com impetuoſa corrente, e cortando polas raizes do alto monte da Alcaçova faz ſeu curſo direito contra Lisboa. He eſte lugar inſigne por antiguidade, e por abundancia de bens do Ceo, e da terra. Os do Ceo ſaõ duas eſpantoſas memorias que nelle ſe conſervaõ ha muitos centenares de annos dos myſterios de noſſa fè. Huma naquelle milagre dos milagres que por excellencia chamamos o Santo Milagre, onde eſtà Chriſto Senhor noſſo ſacramentalmente envolto em ſeu proprio ſangue, como nos corporais de Daroca em Aragaõ: da qual faremos relaçaõ mais particular ao diante, na parte onde pertence a eſta hiſtoria. A outra memoria a figura de hum Chriſto cruificado, deſpegado de ambos os braços da Cruz, e todo inclinado, e dobrado de corpo, e cabeça, e ſuſtentado sò no cravo dos pès, que ſe guarda com grande veneraçaõ a cargo de Religioſos de S. Bento, no oratorio do monte dos Apoſtolos (caſo digno de larga hiſtoria, ſuccedido em favor, e teſtemunho de honra de huma affligida molher.) Tambem he celeſtial maravilha o ſepulcro da glorioſa Portugueza virgem, e martyr S. Irena (que oje chamamos Eyria) fabricado por maons de Anjos nas entranhas do rio, defronte do arrebalde da Ribeira, e da Igreja em que he venerada ao longo da agoa. Foy morta à eſpada na villa de Thomar no anno de Chriſto de 653 por honra da pureza virginal, e como victima della. E sendo lançada no rio Nabaõ veyo milagroſamente por elle ao Zezere, e do Zezere ao Tejo, e em fim parar, e ſepultarſe neſte lugar pera honrar com ſeu nome a villa. Com o de Eſcalabis foy ella conhecida muito antes que a conheceſſem Romanos: e tanto atràs que naõ falta quem queira referir ſua origem a hum Abydis Rey vigeſimo quarto dos que em Eſpanha floreceraõ logo deſpois do diluvio por ſucceſſaõ continuada. A ambiçaõ Romana, que em nome como em poſſe queria fazer tudo ſeu, lhe poz o de *Præſidium Iulium*, e metendo dentro moradores Romanos, como quem conhecia a força do ſitio, honroua com titulo, e privilegios de Colonia Romana. E porque o lugar era capaz de tudo, aſſentou nelle huma das tres Relaçoens ou caſas de juſtiça com que ſe governava a Luſitania, a que chamavaõ *Conventos juridicos*.

Lenda antiga da Santa.

F. Bern. de Brito na Mon. Luſit. 1. p. l. 1. c. 22.

Faz aqui o rio huma agradavel diviſaõ, deixando à parte direita, e occidental, onde fica a villa, tudo o que ha de montuoſo, e à eſquerda eſtendidas campinas, que fertiliza com ſuas enchentes, como faz ao Egypto o ſeu Nilo. E com tudo tal fertilidade tem os montes, que ſe atrevem a competir com os campos. Porque ſe eſtes ſaõ ricos de todo genero de graõ: enrique-

ce os montes hum boſque continuo de olivais, que os cobre atè os muros da villa. E da meſma maneira que os campos parecem cheyos de fermoſos caſais, e inſtrumentos de lavoura, e povoados de todo genero de criaçaõ de gado: aſſi polos montes ſe vem infinitas Quintas de bom edificio cercadas de vinhas, e pumares, e hortas, regadas de fontes, e arroyos de agoas excellentes. E ſe o campo he agradavel de inverno pola caça, e muita volateria que nelle ha: fáz ao monte deleitoſo no veraõ a freſcura, e alegria dos boſques, e grande abundancia de fruitas de toda ſorte. E he bem de eſpantar, que coſtumando a terra delicioſa produzir os homens ſemelhantes a ſi meſma, quero dizer de corpos, e animos pouco varonis: eſta polo contrario tem dado por todas as idades gente de grande valor, como puderamos moſtrar com exemplos, ſe nos deraõ licença as leys da Hiſtoria. A villa he morada de mais familias illuſtres que todos os mais lugares do Reyno deſpois de Lisboa, e quaſi ſolar delles, pola magnificencia de caſas que ahi tem de tempos antigos edificadas. Polo meſmo modo vemos nella muitos, e grandes templos: e ſuſtenta Moſteyros de quaſi todas as Ordens, ricos de rendas, e edificios, de dourados, e pinturas nos altares, e muita prata lavrada, e reliquias ſantas nas ſacriſtias.

Pera tal terra tresladou dom Frey Sueyro o ſeu Convento de Montejunto: e como naõ eſtava contente do poſto de Montijràs, com quanto a força dos negocios da Provincia o trazia repartido em grandes cuydados, naõ ceſſava de lembrar a Frey Domingos de Cubo, que tinha a cargo o recolhimento, como atràs diſſemos, que procuraſſe chegarſe pera mais vizinhança da villa. Porque alèm dos inconvenientes de ficarem longe em Montijràs, deviaõ deſcubrirſe outros no ſitio, de pouco ſádio de veraõ com os ares do campo, e com a humidade do monte no inverno. Naõ ſe deſcuidou Frey Domingos: e conſiderando muitos poſtos, veyo a ſatisfazerſe de hum junto da Ermida da Madalena, no chaõ que poſemos na rayz do dedo minimo, ou monte ſetimo da noſſa deſcripçaõ, que he o meſmo lugar em que oje vemos o Moſteyro de Freyras da noſſa Ordem, que vulgarmente chamaõ das Donas. Tratou da compra. Como ſe ſoube na villa, ſobejoulhe tudo.

CAPITULO II.

Começaſe a obra da caſa nova no primeiro ſitio que ſe comprou. Suſpendeſe por hum eſtranho caſo, e fundaſe a caſa em outro. Daſe conta de quem foy o que deu a traça da Igreja, e craſta.

IGualmente deſejavaõ os moradores da villa, e os Religioſos a paſſagem do recolhimento de Montijràs pera o alto: e huns, e outros com fim ſanto, e cheyo de caridade, mais que por intereſſe proprio: os Frades ſintindo a deſcommodidade que era para os vizinhos irem ao baixo buſcar a prègaçaõ, e officios Divinos: os vizinhos doendoſe do trabalho que cuſtavaõ

aos Frades as prègaçoens, e qualquer outra obra de caridade, pera que eraõ chamados na villa. Aſſi deraõ preſſa todos, e como de maõ commum a Fr. Domingos, que naõ dilataſſe a obra. Começou elle a abrir os aliceſſes com geral goſto do povo. Acudiaõ os devotos com todo genero de materiais, e os Religioſos todos ao trabalho ſem exceiçaõ de peſſoa. Mas a cabo de poucos dias ſuccedeo couſa que deu muito que cuidar, e ſuſpendendo a fabrica em fim fez mudar o intento. Foy caſo muy eſtranho, e que eu me naõ atrevera a por neſtes eſcritos, polo grande cuidado com que vou, de que naõ pareça nelles couſa que faça a verdade ſoſpeitoſa, ſendo ella sò a que dà alma, e vida à hiſtoria; ſe me naõ tirara o eſcrupulo a tradiçaõ antiquiſſima que o tem acreditado, e recebido por toda a Provincia. Deixavaõ os officiais quando à noite deſpegavaõ do trabalho, juntos, e baſtantemente arrecadados os inſtrumentos de que ſe ſerviaõ na obra; que devia ſer fechandoos em alguma caſa que ouveſſe no ſitio. Eis que hum dia amanhecendo nelle pera trabalharem, naõ achaõ ferramenta, e a caſa taõ limpa, que nem huma sò peça avia. Naõ pareceo ladroice, por ſer, como era, o furto pouco cubiçoſo. Menos cuidavaõ em zombaria, ou traveſſura de ocioſos, como igualmente peſada pera huma grande ocioſidade. Fizeraõ diligencia, queixaraõſe os Religioſos, faloufe muito no furto. A caſo ſe ſoube que em huma Ermida naõ pouco diſtante (era a de Noſſa Senhora da Oliveyra ſituada, como atràs diſſemos, no monte primeyro), e canto direito da palma da noſſa comparaçaõ) eſtava lançada huma copia de ſemelhantes inſtrumentos: foraõ là, acharaõ toda ſua fazenda junta, aſſi como a tinhaõ deixado a noyte d'antes, ſem faltar nada. Tornaraõ a trabalhar ſem fazer caſo, ou fazendo graça do ſucceſſo: e todavia ao recolher ouve cuydado de a deixar em lugar ao parecer mais ſeguro. Quando foy pola manham, acharaõſe eſcarnecidos, e roubados, como no dia atràs: mas ouve menos fadiga na buſca: foy hum correndo à meſma Ermida, e achou tudo. Iſto contaõ que ſuccedeo mais vezes, e ou foſſe que o roubo myſterioſo fizeſſe força aos Religioſos: ou que o ſitio da Ermida lhes agradaſſe mais, juntamente começaraõ a tratar delle, e levantaraõ maõ da obra, em que ſe trabalhava. Era a Ermida annexa da Igreja collegiada de Noſſa Senhora da Alcaçava da meſma villa: fizeraõ os Conegos liberal doaçaõ della à Ordem. E como o negocio vinha traçado do Alto, donde vem todo o bem, porque deſte canto da terra ſe queria o Ceo povoar de muitos Santos, alargouſe logo o ſitio com huma grande Quinta, que huma Senhora nobre offereceo aos Religioſos, taõ a propoſito delle, que o cingia todo: e ficaraõ com caſas, vinha, pumares, e olivais junto com Igreja. Era iſto Moſteyro quaſi feito, e Frey Domingos alegre com o ſucceſſo naõ duvidou deſpejar logo Montijràs, e recolherſe com ſeus Frades na caſa nova, que deſte dia em diante foy perdendo o primeiro nome na memoria do povo, mas naõ da Religiaõ, que por lho con-

conſervar dedicou o altar mòr a Noſſa Senhora da Oliveira, como ſe vè na pintura delle.

Eſtava viva nos animos dos ſubditos a queixa que o Patriarcha Saõ Domingos fizera em Bolonha, e naõ ſem lagrimas, quando vindo de fòra, achou crecidos os limites da traça que encommendara, (e era crecimento aſſaz pequeno.) Eſta memoria obrigou a Fr. Domingos a dar o Convento por acabado com pouco feitio. O mayor que ouve foy levantar huma caſa terrea grande, e comprida, abrirlhe janellas altas nos topos, lançar hum corredor de taboado polo meyo, dividillo deſpois em cellas, e ficar dormitorio. E tal gaſalhado ſervio tantos annos, que dura inda hoje a lembrança do lugar que occupava. Aqui trabalhavaõ todos igualmente ſervindo aos meſtres da obra no que cumpria. Naõ ſe deſdenhavaõ as maons ſagradas de amaſſar o barro, nem as coſtas moidas com diſciplinas refuſavaõ carregar a pedra: e edificando pera ſi criavaõ outro edificio mais alto, e mais importante nos animos do povo, que acudia em bandos a vèr, e conſiderar com devaçaõ, e alegria tais alveneres. E tenho por certo que muitos dos melhores delle fazendo juizo que aquella fabrica era mais propria ſua, e pera ſeu bem eſpiritual encaminhada, que pera os meſmos que nella ſuavaõ cheyos de pò; lançariaõ maõ das enxadas, e padiollas, tendo por dita ſerem companheiros, e participantes em tal obra.

Aqui he lugar de averiguarmos o anno em que eſte edificio teve principio, como ponto que em todos os de conſideraçaõ he o primeiro que ſe buſca. Eſcritura donde o poſſamos achar naõ ha nenhuma. Aſſi he neceſſario buſcarmolo por lanços de conveniencias, e boas conjeituras. Em todos os eſcritores da vida do Padre S. Frey Gil achamos, ſem diſcrepar nenhum, que ao ſetimo anno de ſua converſaõ lhe tornou o enemigo do genero humano hum eſcrito de vaſſalagem, que de ſeu ſangue lhe tinha feito, como adiante o contarà a Hiſtoria. Achamos tambem que o anno de ſua converſaõ foy o meſmo em que os noſſos Frades começavaõ a edificar caſa em Palencia, porque nelle, e nella recebeo o habito. Os meſmos eſcritores conformaõ que o eſcrito lhe foy reſtituido neſta caſa de Santarem, na Capella do Capitulo della, e confirmaõ a tradiçaõ univerſal da villa, e da provincia, moſtrando na Capella, que oje he a meſma, lugar particular, e proprio por onde o papel veyo decendo do alto. Logo achado o anno da fundaçaõ de Palencia, que por ſer dos muy antigos de Caſtella podemos crer ſuccedeo por fim do anno de 1219, reſulta que acabado o de 1226 tinha Frey Gil cumpridos ſete de ſua converſaõ, e polo conſeguinte eſtava jà em pè, e corrente o Convento de Santarem, pois em tal tempo avia recebido nelle o ſeu eſcrito. E quando lhe naõ demos mais que hum anno pera eſtar acabado naquella pobreza, e humildade primeyra que entaõ ſe coſtumava, ficanos caindo ſua fundaçaõ no anno de 1225, em que ao parecer naõ cabe duvida. Aſſi naõ eſtiveraõ os Religioſos dous annos perfeitos em Montijràs.

Formado o Convento, e agaſalhados os Frades, ficavaſe sò fintindo a pouca capacidade da Ermida. Porque a muita devaçaõ, e concurſo que avia de gente às pregaçoens, e doutrina obrigava a porem o pulpito fòra. Suprioſe o defeito por entaõ com hum grande alpendre alto, e capaz, mas ſem mais feitio que quanto baſtaſſe pera defender do Sol, e da chuva. E daqui ficaraõ as alpendoradas que ainda oje duraõ nos Conventos mais antigos deſte Reyno, como ſaõ Guimaraens, Porto, e Aveiro. Noutros, como em Lisboa, e neſte de Santarem naõ ſaõ apagados os ſinais.

Mas naõ ſofreo a devaçaõ del Rey dom Sancho Segundo, que neſte tempo jà reynava, a deſcomodidade que a noſſa pobreza dava ao povo. E como a mayor nobreza dos grandes lugares ſaõ caſas de oraçaõ ſumptuoſas, e magnificas, mandou a Frey Domingos de Cubo, que no que tocava a tudo o mais do Convento, ſeguiſſe embora as leys da ſua Ordem, mas quanto à Igreja, e craſtas deixaſſe a traça à ſua conta: e mandouas dizenhar na grandeza, e capacidade, que inda hoje huma, e outra couſa repreſenta. Porque poſto, que a Igreja eſtà redificada de poucos annos, naõ tem differença da praça antiga, e a meſma ordem vay no clauſtro. Como el Rey era pio, e naturalmente bem inclinado, naõ tenho duvida, que como deu a traça devia ter tençaõ de acudir com a deſpeſa. Mas a cobiça, e perverſidade dos miniſtros naõ deixavaõ ſer bom Rey, quem de ſeu era boniſſimo varaõ. Fora ditoſo, ſe ou tevera brio pera naõ fiar o Reyno, e governo d'outro conſelho mais que do ſeu, ou achara junto de ſi privados de igual bondade, e polo menos, fieis. A falta deſtes cauſou no Reyno grandes calamidades (como ao diante diremos, e a elle o mayor de todos os infortunios, que foy verſe em vida deſpojado de Reyno, e honra, e ficarlhe como por eſcarneo o titulo de Capello, que por Religioſo merecia. No deſterro, e na morte moſtrou quaõ largamente acudira à obra de que ſe deu por architecto, ſe de ſua vontade tevera livre jurdiçaõ, e do que entendia execuçaõ. Declaralloemos com huma verba tirada originalmente do teſtamento que fez em Toledo, onde eſtà ſepultado: *Mando operi Prædicatorum de Santarem trecentos morabitinos: & mando quòd dent eis de mea madeira de Vlisbona, & de alijs meis locis quanta eis fuerit neceſſaria.* Eſtes maravedis ſe eraõ de ouro, e da valia antiga, do que naõ ficou clareza, tinha cada hum quinhentos reis, porque ſeſenta faziaõ hum marco de ouro, e em ſeu lugar ſuccederaõ, ſegundo parece, as moedas de Cruz do meſmo valor, e peſo: e naõ era pequena eſmolla pera aquelles tempos, e pera o eſtado em que ſe achava.

Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho primeir. f. 65.

CA-

CAPITULO III.

Proſegue a relaçaõ do edificio da caſa nova de Santarem. Contaõſe algumas antiguidades tocantes a ella. Moſtraſe como lhe pertence a precedencia de todos os Conventos de Eſpanha.

TArdou a Igreja em ſe levantar muitos annos. Porque teve na traça Rey, e faltoulhe Rey no lavor. Faleceo dom Sancho, que a traçou: e ſeu irmaõ, e ſucceſſor dom Afonſo Terceiro, inda que ajudou a obra com boas eſmollas, era como em couſa alheya, naõ como propria (taõ antigo he naõ querer ninguem continuar o que outrem começou.) Aſſi ficando a cargo dos Frades, faziaſelhes difficultoſo em tempos apertados pedir eſmollas pera o paõ, e ſuſtentaçaõ quotidiana, como pediaõ: e juntamente pera pedra, e cal de fabrica realenga: e parando nella, ſerviaõſe da Ermida. Podemos crer deviaõ correrſe de a continuar por ſua autoridade, achandoſe poſtos em cerco por huma parte da traça que jà naõ podia tornar atràs, pelo cabedal que à conta do Rey defunto tinhaõ metido: e por outra da regra, e Conſtituiçoens da Ordem, que ſe bem daõ licença pera aver mais largueza nas Igrejas, que nos outros membros dos Conventos: com tudo naõ permittem demaſias. Eſtas perplexidades inferimos do muito tempo que durou a obra, e do remedio que buſcaraõ pera naõ ficar imperfeita, que foy impetrar do Summo Pontifice huma indulgencia pera os que deſſem ſuas eſmollas pera ſe acabar. As palavras da Bula declaraõ o eſtado da Igreja dizendo: *Quam ibidem, ſicut accepimus, cæperunt ædificare.* A Bula eſtà oje viva no cartorio deſte Convento, paſſada por Alexandre Quarto, anno terceyro de ſeu Pontificado, que reſponde aos do Senhor de 1257. Achamos nella digno de notar que foy a indulgencia, cem dias de perdaõ: e devia ſer avida por bom favor.

Sahio a Igreja grande, e alteroſa em proporçaõ, e como convinha para tamanho povo: tres naves, presbiterios altos na que fica encoſtada ao clauſtro: ſeu cruzeiro que sò por ſi pudera fazer huma boa Igreja: nelle a porta traveſſa, por onde he todo o ſerviço, por ficar mais vizinha à villa. De todas as noſſas Igrejas daquella idade foy eſta a mayor exceito a de Lisboa, que ſe aventajou em corpo, como tambem em padrociro mais poderoſo, e mais proſpero, mas naõ na traça, que he a meſma de Santarem. Tambem de todas as grandes he a que sò ficou ſem padroeiro Real, e pola meſma rezaõ ſem letra nem final que nos declaraſſe tempo nem autor. Couſa bem eſtranha em Portugal, porque foraõ ſeus Reys por todas as idades taõ Catolicos, que nas obras pias, e magnificas tomaraõ ſempre a mayor parte: e daqui vem naõ vermos quaſi em todo o Reyno Igreja de edificio cuſtoſo, ſem eſcudo das armas Reays por frontaria.

Todavia achamos duas memorias del Rey dom Afonſo Terceyro que foy Conde de Bolonha, ambas em favor dos Religioſos deſte Convento, nenhu-

nhuma do edificio. Rezaõ he ficarem neſtes eſcritos por honra da antiguidade, e polo que entaõ ſe eſtimou a mercè, ainda que pouco importante. Reſidia neſta villa a caſa, e corte do Civel, que el Rey dom Joaõ o primeyro muytos annos deſpois paſſou pera Lisboa, e em noſſos dias transferio el Rey dom Felippe, tambem primeyro pera nòs, à cidade do Porto. Fizeraõ os Reys eſta honra a Santarem, como em memoria da que poſſuyo longos annos em tempo de Romanos, com o Convento juridico, que atràs diſſemos. Era o lugar ordinario das execuçoens dos que padeciaõ por juſtiça, taõ vizinho ao Convento, que ficavaõ nos olhos dos Religioſos os que ſe enforcavaõ, ou queimavaõ. Nos primeyros annos ſintiaſe pouco eſte mal porque nos que reynou el Rey dom Sancho era couſa muy rara hum juſtiçado andando a terra cheya de malfeitores. Mas entrando o governo ſevero, e inteiro de ſeu irmaõ que lhe tomou o Reyno, como avia cuydado em punir delitos, e delinquentes, tinhaõ os Religioſos a miude viſtas nojoſas, com que ſe deſconſolavaõ muito. Deſtas pediraõ a el Rey que os livraſſe, fezlhes a mercè por huma carta de ſello pendente que vimos, e tresladamos do cartorio do Convento, e he a que ſe ſegue:

ALfonſus Rex Portugalliæ & Comes Bolonienſis Prætori, Aluazilibus, & Concilio Sanctarenenſi ſalutem. Sciatis quòd ego mando & defendo firmiter ſub pœna corporum & habere, quòd nullus ſit auſus comburere, nec iuſticiare hominem, nec facere grauamen aliquod Fratribus Prædicatoribus ab illa via publica, quæ vadit rectè à porta Leyrennæ uerſus domos Leproſorum vſque ad monaſterium Fratrum Prædicatorum Sanctarenenſium: quia quicunque inde aliud fecerit, remanebit pro noſtro inimico, & ego calumniabor eum in corpore, & in habere, & inſuper leuabo incantum de ipſo. Datum Sanctarennæ octaua die Decembris Æra M.CC. LXXXIX. (reſponde ao anno do Salvador de 1251.) Eſcuſamos traduzir eſta carta, porque jà fica feita relaçaõ do que contèm.

A outra memoria conſta de carta paſſada com as meſmas ſolennidades nove annos adiante no de 1260, a qual por menos importante naõ tresladaremos, diremos sò a ſuſtancia. Parece que a devaçaõ indiſcreta de alguns ſeculares, deſpois que os padres Menores teveraõ tambem recolhimento na villa, levantou controverſia entre as duas Ordens, avendo nas meſmas Igrejas, em que ambas prègavaõ, quem pendia a huma mais que a outra. Chegou a cauſa a el Rey, quiz evitar differenças, mandou vir dous Religioſos eſtrangeiros a prazimento dos Frades,

des, e de ſeus mayores, que partiraõ vinte, e duas Igrejas, e Ermidas, que entaõ avia na villa, e arrabaldes, e aſſentaraõ que ficaſſe a cada Ordem numero igual. E pera tirar todo o eſcrupulo, e tambem acudir à inclinaçaõ, e devaçaõ do povo, foy condiçaõ que cada ſeis meſes fizeſſem troca, e alternativa das Igrejas, de ſorte que em cada hum anno ſe ouviſſe nas meſmas Igrejas doutrina d' ambas as Ordens. Eſtà o concerto aſſinado polos juizes arbitros, e polo meſmo Rey (obra na verdade de animo benigno, e muy Chriſtaõ decer, e aſſiſtir a eſtas miudezas por manter paz entre as Religioens.) He pera notar que entre as vinte duas Igrejas, que todas vaõ eſpecificadas, ſe conta tambem no arrabalde da ribeira a de S. Domingos de Montijràs. Donde ſe fica entendendo que naõ quiz largar o nome que com a reſidencia dos Frades erdou. E o naõ termos oje noticia della, devia ſer cauſa algum incendio ou terremoto que a poſeſſe em ruina: e ſobrevindo diſcurſo de annos apagou de todo a memoria. Eſte he taõ poderoſo, que baſta sò por ſi, inda que ceſſe a violencia dos elementos, pera deſtruir, e acabar os mais firmes, e fortes edificios da terra. Muito prometia durar o que nos tinha levantado com tanto trabalho, e deſpeſa o Santo Frey Domingos do Cubo: mas quando chegou o anno de 1604, faltando ainda muitos pera cumprir quatrocentos de idade, eſtava jà taõ danificado, que templo, e clauſtros ſe vinha tudo deſatando, e caindo por ſi. Aſſi temendoſe com bom juizo huma ruina ſubita, que podia ſucceder em hora que prejudicaſſe a muitos, foy decretado na Provincia que ſe desfizeſſem, e de novo ſe redificaſſem. Era Provincial o Meſtre Frey Manoel Coelho, que deſpois foy Inquiſidor em Lisboa: deu o cuydado ao Preſentado Frey Sebaſtiaõ de Pavia Prior do Convento. Começou elle a obra com grande animo: e dentro em ſeu tempo, e noutros tres annos que ſe lhe prorogou o cargo, deixou acabada a Igreja que ameaçava grande dilaçaõ. Ficou feita de abobada na meſma traça da primeyra, e polos meſmos aliceſſes, ficando em pè o que eſtava duravel, como eraõ o Coro, e Capella mòr, e todas as mais capellas aſſi do cruzeiro, como do corpo da Igreja. Polioſe deſpois, e aperfeiçoouſe polos ſucceſſores, e eſtà muito airoſa, e bem aſſombrada. E porque tambem ſe temeo perigo da torre dos ſinos, porque conhecidamente fazia abalo quando ſe dobravaõ, ſeguindo o movimento, e balanços do peſo (o que nacia de ſer eſtreita, e alta, mais que de fraqueza, ſendo como era toda de cantaria, muito liada, e bem feita) foy conſelho derribarſe, e levantarſe outra, como ſe fez. Acompachouſe deſpois com caſa nova de ſacriſtia alta, e eſpaçoſa, guardandoſe a reedificaçaõ dos clauſtros pera ultimo trabalho, e nelles ſe entende de preſente. Deuſelhes principio por Agoſto de 1620, e começou polo lanço mais neceſſario, que era o da parte do refeitorio: porque junta por cima as ſerventias da hoſpedaria, e caſa de noviços com o dormitorio: e por baixo faz ſombra à entrada do refeitorio.

He

He a obra de abobada ſobre arcos de pedraria boa, e luſtroſa, e toma a meſma praça do clauſtro antigo: naõ o excedendo mais que em mayor altura, que foy neceſſaria pera correr a olivel por cima com as officinas, que por ella ſe ficaõ ſervindo.

CAPITULO IIII.

Moſtraſe como pertence a eſte Convento a precedencia de todos os de Eſpanha.

TEmos dito tudo o que avia do Convento de Santarem pertencente ao edificio material, e ſua antiguidade: em que ſe vè que de todas as Religioens, que eſta villa oje ſuſtenta, a noſſa foy a primeyra que a veyo ſervir. Vèſe tambem que lho ſouberaõ pagar os moradores no amor com que peſſoalmente ajudaraõ a obra do Convento, e deraõ pera ella naõ hum sò, mas tres ſitios: acontecèndonos aqui o meſmo que em Roma, onde tevemos primeyro S. Sixto, logo Santa Sabina, deſpois a Minerva que oje poſſuimos. E ſe he verdade que nos deve obrigar muito eſta memoria, naõ lhes fica a elles menos obrigaçaõ de amar, e eſtimar o que he obra de ſuas maons, viſto como naturalmente todo homem ama a arvore que plantou, e acha mais ſabor na fruita do garfo que enxertou, e aparou, e atou.

Aqui ſe moſtra tambem o muito que todo eſte Reyno deve ao Patriarcha S. Domingos, pois no dia que ſe determinou eſpalhar ſeus diſcipulos polo mundo, logo lhe mandou hum particular Portuguez: e a eſte quiz fazer cabeça dos que inviava a ſua patria, e ſendo ſeus naturais. Donde naceo ficar em Portugal, e neſta villa a cabeça de todos os Conventos de Eſpanha, por meyo da antiguidade da caſa de Montejunto, em cuja erança, e repreſentaçaõ ſuccede o Convento de Santarem. Porque eſtando edificado o de Montejunto na entrada do anno de 1218 como atràs contamos, com todas as circunſtancias que na Ordem ſe praticaõ em materia de funçoens, a ſaber, licença do Summo Pontifice, aceitaçaõ da Ordem, poſſe do ſitio, autoridade do ſenhor da terra, e conſintimento dos moradores: e ficando taõ corrente, e aſſentado, que logo teve por filho o de Coimbra, e pouco deſpois deu principio ao de Chellas, bem ſe ſegue que he primeyro, e mais antigo que todos os de Eſpanha, pois nella naõ ouve Convento formado ſenaõ deſpois que o Padre S. Domingos a veyo viſitar no anno de 1229. Aſſi o ſente o Meſtre Frey Jordaõ, quando diz que antes de noſſo Padre vir a Eſpanha tinha dom Frey Sueyro aproveitado muito com ſuas prègaçoens. E naõ he contradiçaõ dizer elle meſmo deſpois, e confirmallo Santo Antonino, que o Convento de Segovia fundado por noſſo Padre no anno de 1219, foy o primeyro de Eſpanha. Porque jà advirtimos que eſtes eſcritores naõ comprendiaõ Portugal debaixo do nome de Eſpanha: e antes eſta autoridade he em favor de Montejunto, que eſtava edificado hum anno antes, no de 1218 como fica dito. Deſta opiniaõ he o Autor do livro que ſe intitula: *Stemma Ordinis Prædica-*

M. Frey Jordaõ c. 24.

S. Antonin. p. 3. tit. 23. §. 1.

Stemma Ord. Prædic. f. 223.

dicatorum, quando contando os Conventos da Ordem daquella primeyra idade, poem em primeiro lugar o de Santarem. E o Padre Frey Joaõ de la Cruz falando mais claramente na ſua Cronica diz, que atè a vinda do Padre S. Domingos a Eſpanha naõ avia Convento nenhum da ſua Ordem em Caſtella: mas na Luſitania ſi. E quanto à Provincia de Aragaõ tambem nos dà o primeiro lugar, dizendo o Croniſta della Frey Franciſco Diago, que os Conventos de Barcelona, e C,aragoça teveraõ ſeu principio no anno de 1219.

F. Joaõ de la Cruz p. 1. f. 16. 89. 90.

F. Franc. Diagol. 2. c. 1. 8. 32.

Mas ſe iſto he obrigaçaõ pera a gente Portugueza, bem largamente ſe tem dante maons deſindividado della, na grande piedade, e devaçaõ com que desde tempos antiquiſſimos agaſalhou, e reverenciou quaſi todas as Religioens da Igreja de Deos, recebendo humas, e chamando outras, enriquecendo, e ſuſtentando todas, e fundando outras de novo, que ſaõ como fruito proprio deſte torraõ de Portugal. Seja exemplo a Ordem de S. Bento, que logo em ſeus principios, ainda em tempos dos Reys Suevos ſemeou de tantos Moſteyros a eſtreiteza das terras de Entredouro, e Minho, que com muitos que ſeus Religioſos deſpois largaraõ, enriqueceraõ outras Ordens, e com os que poſſuem eſtaõ muito ricos. Muito de ver he a grandeza, a fermoſura, a limpeza das caſas dos Conegos regrantes de Santo Agoſtinho, cuja opulencia, ſem parecer que perderaõ nada ſuſtenta oje as groſſas deſpezas da Univerſidade de Coimbra. A familia de S. Bernardo ainda em vida do Santo foy chamada, e honrada, e dotada com tanta liberalidade polo grande Rey dom Afonſo Enriques, que do que oje ſobeja à real caſa de Alcobaça faz prato a hum Infante de mais de dez mil cruzados de renda. As caſas das mais Ordens ſaõ quaſi ſem numero, e todas vivem, todas ſe ſuſtentaõ, ſuprindo a caridade do povo, onde faltaõ as rendas. A religiaõ da Companhia de JESUS, ſendo ultima das que vieraõ, naõ he inferior à de S. Bento em groſſura de rendas, nem à dos Conegos regrantes em magnificencia de caſas, iguala a de S. Bernardo na honra de ſer tambem chamada polos Reys, tanto em ſua flor, que quando à petiçaõ del Rey dom Joaõ o Terceiro nos deu o Santo Franciſco Xavier, que jà oje vemos beatificado polos altares, pera Apoſtolo do Japaõ, inda era vivo ſeu Santo inſtituidor.

P. I. de Lucena na vida do Santo Franciſco Xavier.

Cron. de Cyſter. p. 1. l. 6. c. 9. Monarc. Luſit. p. 2. l. 6. c. 12.

Mas naõ he menos de eſtimar hum genero de Religiaõ (fruito proprio, e natural deſte Reyno) que os ſeculares inventaraõ pera exercicio de virtude: que he o ſerviço geral das caſas de Miſericordia, introduzido naõ sò nas cidades, mas em todas as villas do Reyno. Empregaõ nelle os ſobejos da fazenda os ricos: e os ſobejos do tempo os ocioſos: e redunda tudo nas mais piadoſas, e mais acertadas obras que em favor dos proximos ſe podem fazer. Quem quiſer ſaber a grandeza, e cuſto dellas, ſe for bom contador, alcançalloà facilmente, proporcionando os membros com a cabeça, quero dizer, todo o reſto das terras do Reyno com Lisboa, na qual ſe deſpenderaõ no anno, que iſto vamos eſcreven-

do, que he o de 1621, por conta liquida, e publicada no dia da Viſitaçaõ de Noſſa Senhora, que he o dia mais ſolemne deſta Irmandade, cinquenta, e ſete mil trezentos e noventa e ſete cruzados.

Em differente genero frutificou eſta ceara Portugueza naõ menos pia, nem menos magnificamente, com que podemos fazer inveja a todas as naçoens do mundo. Acabou a famoſa Ordem dos Templarios em tempos paſſados com geral ſintimento da Chriſtandade, ſendo executores de ſeu deſaſtrado fim, dous poderoſos inimigos, odio, e cubiça. Reſiſtio Portugal. Teve o Rey valeroſo por vileza (era dom Dinis) ajuntar à ſua coroa preço de ſangue de esforçados Cavaleyros, levantou de ſuas cinzas como huma Fenix, sò trocado o nome, outra Ordem mais bella, e mais fermoſa, e mais rica, e tambem no titulo melhor eſtreada (chamou a de Chriſto.) E eſte Senhor como ſua a tem acrecentado tanto, que a preſidencia della (paſſa jà de cem annos) por exceder muito à capacidade de vaſſallos, que nos tempos atràs a governavaõ, anda na peſſoa do meſmo Rey. Chega o numero das Commendas por liſta, que temos em noſſa maõ, a quatrocentas e vintoito correntes, e liquidas, a fòra mais de outras cento litigioſas. E paſſa o rendimento das correntes, ſegundo o que tem ſobido no tempo preſente, de trezentos mil cruzados em cada hum anno.

Mas he tempo de recolhermos eſte diſcurſo, que crecerà demaſiado, ſe diſſermos tudo o que ha que conſiderar, e apontar nelle: e diremos ſomente que deve Portugal ter particular conſolaçaõ na lembrança deſtas couſas, porque ſaõ hum final clariſſimo de fè, e amor de Deos. Por onde com grande confiança podemos eſperar que a juſtiça Divina levantarà algum dia a maõ dos açoutes, e calamidades, com que tantos annos ha ſomos diſciplinados, e affligidos.

CAPITULO V.

Da grande ſantidade que fiorecia no Convento de Santarem: com huma notavel memoria da pobreza em que nelle ſe vivia. Dàſe conta de quem eraõ dous Religioſos, que ſeguiraõ a el Rey dom Sancho fòra do Reyno.

SEgue a poz a obra de pedra, e cal, fabrica terreſtre, e corruptivel, outro edificio mais alto, e de mais conta, pera cujo ſerviço ſe compoem todos os da terra. Eſte he o myſtico, e eſpiritual, onde ſe lavraõ os cedros cheyroſos, e os marmores finos das almas puras pera ſerem tresladados à Celeſtial Jeruſalem, e deſpois de desbaſtados com o ferro das penitencias, e amarguras da vida, polidos na roda do exercicio das obras ſantas, luſtrados com o deſprezo da terra, e amores do Ceo, ſerem collocados por maõ do ſoberano Architecto naquelles muros, cujo fundamento he ouro fino de todos os quilates de virtudes; as pedras, diamantes de conſtancia, rubis de caridade, eſmeraldas de pureza: e a Angular, que fecha toda a obra, e lhe dà luſtre, e perfeiçaõ, he Chriſto JESU, eterno Sol de juſ-

juſtiça, a cujos rayos eſtaõ brilhando com luz incomparavel, e ſem fim. Deſta tal fabrica, e tal officina hei de tratar hum pouco, mas com muito goſto, polo que leva em falar dos bens da Patria quem mais longe ſe acha della, que fora ſem duvida muito aventajado, ſe nos naõ encubrira o mais do que nella ſe trabalhou, parte a antiguidade dos annos, parte a ſanta teyma com que os meſmos trabalhadores procuraraõ eſconderſenos, pera ſerem sò conhecidos do Ceo. Começaremos por algumas generalidades que alcançamos, pera yrmos por ellas fazendo juizo de quais ſeriaõ os particulares de que nos faltar noticia. E porque iſto he hiſtoria Portugueza, ſeja principio hum teſtemunho de fòra, e de Autor que por autoridade de virtude, e letras, e polo que revolveo de livros pera a hiſtoria que eſcreveo, merece grande credito. He o Padre Meſtre Frey Fernando de Caſtilho prègador muitos annos del Rey dom Felipe Segundo em Caſtella, que na hiſtoria geral da Ordem falando deſte Convento, diz aſſi: *Eſtos y otros ſemejantes eſpiritos ſe criavan en el Convento de Santarem, que quaſi no ſe hallava en toda aquella caſa quien no fueſſe Santo, y ſingularmente Santo.* E noutra parte diz o ſeguinte: *Embiaronle los Prelados a Portugal, y al Convento de Santarem, que era un retrato del Cielo acà en la tierra con vnas colores y ſombras de aquella ſoberana ſantidad, y devocion, y fervores de eſpirito.* E na verdade fala ao juſto do que avia nelle. Porque a obſervancia da regra, a auſteridade da vida, o rigor dos jejuns, e diſciplinas, o fervor da oraçaõ, e contemplaçaõ tudo eraõ eſtremos. O eſtudo, e liçaõ continua, o ſilencio tal, que eſtando a caſa cheya de Religioſos, ſe fazia julgar por erma dos que entravaõ de fòra; hora nenhuma ocioſa, recolhimento perpetuo, ſe naõ era nas horas forçadas que ſe davaõ aos proximos, ou confeſſando, ou prègando, ou aconſelhando, ou fazendo doutrina. E a doutrina atè polas ruas, e praças, como entaõ coſtumavaõ. Na prègaçaõ conceitos chãons, claros, devotos, e eſpertadores do amor do Ceo, e da devaçaõ do Santo Roſario, ajudandoſe ſempre daquelle pio coſtume, que os noſſos Prègadores primeiro introduziraõ na Igreja, de invocar nos principios o favor da glorioſa Virgem Mãy, com a ſaudaçaõ Angelica. Fòra deſtas horas naõ ſe via Frade, ſenaõ no Coro, ou no altar. E no altar eſpantava, e conſolava juntamente a devaçaõ, e eſpirito com que celebravaõ os Divinos myſterios, trasluzindo polo roſto, e olhos de cada hum os varios effeitos, que obrava o Senhor nas almas. Huns afogueados de amor, e confiança: outros pallidos, e ſumidos com pavor, e humildade: huns derretidos em lagrimas de alegria polo que tinhaõ entre maons, outros em lagrimas de reverencia, de compunçaõ, e contriçaõ: e todos como abſorptos, e enlevados em paſmo daquella ſoberana memoria, e recopilaçaõ de todas as maravilhas de Deos. A criaçaõ dos noviços era tal, que ſe naõ eſcrevem mayores encarecimentos dos que ſe criavaõ nos deſertos da Thebayda, nem de mortificaçaõ, nem de aproveytamento. A dou-

Caſtilho p. 1. l. 2. c. 67.

O meſmo p. 1. l. 2. c. 72.

trina, os miniſtros que a davaõ, o fogo de eſpirito com que a buſcavaõ os diſcipulos, era tudo tanto do Ceo, que poucos meſes deſte noviciado faziaõ meſtres. Da pobreza, com que ſe vivia, puderamos dizer muito, porque como eſtes padres naõ poſſuyaõ proprios, como agora, e pendiaõ da caridade dos proximos, que naõ era ſempre igual nem baſtante, parecia a vida tambem Angelica nas faltas do paſto, como na abundancia das virtudes, e excellencias referidas. Huma memoria temos oje viva no real Moſteyro de Alcobaça da Ordem de Ciſter, que nos confirma bem eſta verdade. Anda na livraria delle hum livro que no feitio, e no eſtado, em que eſtà, repreſenta huma grande antiguidade. He todo de pergaminho, quaſi tres palmos de comprido, e hum, e meyo de largo. Contem vidas de Santos, de boa letra ordinaria: e na ultima folha eſtaõ duas regras de outra corrida, e differente, que dizem aſſi:

DEderunt nobis Fratribus de Alcobacia hunc librum de vitis Sanctorum Fratres Prædicatores de Santarem, pro pignore noſtræ crucis æneæ anno Domini M.CC.XXXX. tertio nonas Martij Querem dizer: Eſte livro de vidas de Santos nos deraõ a nòs Frades de Alcobaça, os Frades Prègadores de Santarem em penhor de noſſa Cruz de cobre, aos cinco de Março do anno do Senhor de mil e duzentos e quarenta.

Merecia eſta memoria traduzirſe em todas as lingoas. Porque naõ pode ſer mais vivo teſtimunho de extrema pobreza em hum Convento, que viver de empreſtimo, e uſar de penhor pera huma Cruz de cobre.

Mas avendo de entrar nos particulares da caſa, que he principal inſtituto deſte noſſo trabalho, e eſcritura, poemnos em cuydado donde tomaremos o principio. Porque como ella foy taõ fertil de Santos, e todos os deſta primeira idade, como em ceara de anno benigno, vieraõ a florecer & frutificar quaſi juntos, eſtou arreceando a eleiçaõ. Muito me obriga o grande lume deſta villa o extatico padre Saõ Frey Gil. Porque jà quando faleceo dom Frey Sueyro eſtava em tanta reputaçaõ de Santo, que tanto que ſe juntaraõ os Padres da Provincia em Capitulo de eleyçaõ, foy acclamado por ſucceſſor do defunto, e recebido com aplauſo de toda Eſpanha. Mas quanto elle ganha por merecimento de mais ſanto, e de Prelado: tanto ſe lhe aventajaõ outros pequeninos ao parecer, e mal conhecidos no mundo, que foraõ primeiros a receber o premio, e a coroa da vida trabalhada, eſtendendoſe ao Prelado o deſterro, e curſo mortal dos annos, que o Senhor por ſeus ocultos juizos quiz abreviar aos ſubditos. Por onde parece que ceſſa toda a duvida, e que nos devemos yr tras os que naceraõ primogenitos na herança, e poſſe do Ceo, quais ſaõ aquelles

que

que ſe anticiparaõ a ſayr das priſoens da carne, e do lodo, e miſerias da terra. Aſſi fazendo ſeguiremos a ordem que a Igreja ſagrada guarda na celebraçaõ das feſtas dos Santos, que he ſolemnizar nellas, naõ o dia que vieraõ a fazer numero entre os mortais no mundo, ſe naõ o em que voaraõ immortais ao Ceo. Mas deſta regra haõ de ficar por hora exceituados dous valeroſos eſpiritos, que com naõ deixarem actos memoraveis de ſua morte, por hum que fizeraõ em vida, merecem ficar lembrados entre os que contamos por gente ſanta, irmaons ſeus de caſa, e habito. Eſtes dous Religioſos na retirada que el Rey dom Sancho Segundo fez pera Caſtella, deſpojado do Reyno polo Conde de Bolonha ſeu irmaõ, voluntariamente ſe deſterraraõ com elle, e o acompanharaõ atè ſua morte, e aſſinaraõ em ſeu teſtamento. Chamavaõſe Fr. Miguel que o ſervia de eſmoller, e Frey Vicente de Lisboa, que ſendo ſecular fora ſeu medico. E he muito digno de ſer advirtido, que ſendo os noſſos Frades, os que por mandado do Papa com liberdade lhe intimavaõ os Breves de ſua depoſiçaõ, quando mais proſpero reynava: e os que do pulpito mais proſperamente reprendiaõ as deſordens que conſintia, e naõ remedeava no reyno, com tudo ſouberaõ ſeguir, e ſervir, e amar a peſſoa, em que eſtranhavaõ, e aborreciaõ vicios. Effeito de verdadeira caridade naõ liſongear o Rey na proſperidade; ſervillo com amor, e goſto na perſeguiçaõ, e deſamparo.

CAPITULO VI.

Da ſanta vida, e morte do Padre Frey Fernando Pires, Chantre que foy da Santa Sè de Lisboa.

COmecemos por hum velho, que a miſericordia do Pay Eterno das familias chamou da ocioſidade das praças do mundo ao pòr do Sol, e cerrar do dia da vida: e mandandoo cavar na vinha, quando veyo a hora da paga, foy ſervido por ſua grande liberalidade, e bondade igualallo nella com os que tinhaõ trabalhado todo o dia em peſo cançando, e ſuando deſde pola manham atè noite. Grande nova, e boa eſtrea pera aquelles que gaſtado o aço da idade robuſta em ſervir ao mundo, naõ trazem pera Deos, mais que ferro frio, poucas forças pera o empregar, e poucas horas pera merecer. Boa nova digo: animar, e naõ deſmayar: que ainda que acudimos tarde ao ſerviço, e em eſtado mais de dar pejo, que de aproveitar aos que trabalhaõ, temos amo liberal, rico, e grandioſo, que ſabe que dà do ſeu, e naõ ſojeita ſua real condiçaõ às eſcaceſas, e contas acanhadas do mundo. E bem o moſtrou com eſte velho cançado, e fraco, de quem tomamos principio pera tratar dos valeroſos obreiros do primeiro Convento deſta Provincia.

Era dom Fernando Pires muito nobre, e rico, cercado de parentes do melhor do Reyno, poſto em dignidade, e renda de Chantre da Sè de Lisboa. Vivia abaſtado de tudo o que o mundo pode dar, gozando, e trium-

fando,

fando a vida em goſto, e paſſatempos avia muitos annos, com grande eſquecimento de que avia outra de mais dura, e mais pera eſtimar. Deraõlhe novas da reſoluçaõ, com que ſeu parente (que o era muito) Frey Gil de hum eſtremo de adiantado no mundo, ſe paſſara a outro de abatido, e aniquilado nelle, e naõ sò a ſer pobre, mas a ſervir, e ſer eſcravo de pobres. Foy huma aldrabada que Deos lhe deu nas portas da alma (que tambem iſto ganhaõ os que buſcaõ a Deos, abrirem os olhos com ſeu exemplo a muitos cegos, e enganados) começou a entrar em contas conſigo, e a perder o goſto de tudo, com ver o que reſultava dellas. Muitos annos perdidos, aver de dar rezaõ de todos; e naõ de annos, ſe naõ de horas, e momentos, e em tribunal de juiz, e juizo temeroſo. Olhava pera ſi, via o roſto quebrado, a cabeça cuberta de neve, com que o tempo vai dando aviſo aos velhos, e aos deſcuidados (aviſo de que nunca fizera caſo.) Cahia na conta do eſquecimento em que vivia: dava mil graças ao parente que o eſpertara da modorra, e do encantamento, louvavao, e deſejava yrſe tras elle: mas naõ acabava de ſe reſolver. Parece que devia pòr o negocio em conſelho, pera que naõ foſſe tachado de leve, e naõ achar quem lhe favoreceſſe o penſamento, antes muitos que o encontraſſem: que eſtava entrado em dias, e naõ poderia com o trabalho da Religiaõ, e ſeria mais vergonha o tornar atràs tendo começado (tudo diſcurſos humanos.) Que em ſua caſa podia ſer Santo, e juntamente fazer bem a parentes, e criados: que a renda naõ tolhia virtude, e como era velho, ella pera a velhice ſe buſcava, quando convinha o mimo, e a cama branda, e a caſa abrigada, e o ſerviço dos criados, e os parentes à cabeceira. De crer he, que peſando tudo, e conſiderando que os mais faziaõ cauſa propria, poucos a ſua delle, e nenhum a de Deos, ſe deſconſolaria, naõ da força dos conſelhos que nada o dobravaõ, ſe naõ polos ter pedido, vendoſe arriſcado, a que deſpois em qualquer ſucceſſo aveſſo aviaõ de triunfar delle os conſelheiros. Daqui nacia a falta de execuçaõ. Mas como tinha por ſi ao Senhor que o baſejava com bons movimentos, e conſtancia (como delle procede todo o bem) fazia diſcurſo, e reſolvia conſigo, que nas couſas que ſabidamente ſaõ boas he deſacordo culpavel quem tem eſpirito pera as acometer, ſojeitarſe a pareceres alheyos. Porque homem que poem em diſputa ſe darà eſmola, ſe farà penitencia, ſe perdoarà ao enemigo, e couſas ſemelhantes de ſi manifeſtamente boas, e ſantas, dà final que as naõ quer fazer, e sò quer tirar do conſelho aquella honrinha publicada ſem outro fim. Cortou em fim por tudo animoſamente, e eſta foy a mayor difficuldade, e a mòr vitoria. Quando menos ſe cuydou eſtava com o habito veſtido. Louvemvos os Anjos Deos de toda bondade que vòs dais, e de vòs procede fazermos alguma couſa boa quando a fazemos: e vòs ſois o meſmo que dais o premio, e a coroa por eſſe bem, ſe o executamos. Voſſa foy a inſpiraçaõ, com que dom Fernando deixou o mun-

o mundo, vòs o trouxeſtes aos clauſtros, e à pobreza de S. Domingos, vòs o armaſtes, e animaſtes de maneira, que em todos os rigores daquella ſanta Caſa, que jà temos declarado quais eraõ, ſe igualava com o mais robuſto executor delles: e com taõ boa ſombra levava, e vencia as auſteridades maiores, como ſe nunca ſoubera que couſa era mimo, nem vida folgada. E o que mais lhe dourava eſte valor nos olhos dos religioſos, era enxergarſe nelle, que quanto perdia das forças corporais enfraquecendo a carne, que todavia ſintia o peſo, tanto ganhava, e adiantava de eſpirito. Aſſi foy ſubindo ao monte alto da perfeiçaõ Evangelica, e em poucos mezes teve nome de Santo entre a gente nobre do Reyno. Donde naceo, que pera o concerto que el Rey dom Sancho aſſentou com o Arcebiſpo de Braga, que atràs fica contado, foy elle hum dos tres louvados, com grande ſatisfaçaõ de ambas as partes nomeado, e aceitado. Aſſiſtio, e fez ſeu officio, porque foy mandado por obediencia: mas logo deu as coſtas ao trato do paço, e negocios ſeculares, fogindo pera o ermo da cella, como quem sò nella ſintia verdadeiro deſcanço. A cabo de poucos annos quiz o Senhor moſtrar quanto ſe paga de huma determinada, e verdadeira converſaõ, e quaõ bem a paga. Chamouo por meyo de huma grave doença, e nella lhe deu tais luzes, e ſintimentos interiores com certeza de ſua ſalvaçaõ, que viſitandoo na ultima hora o Santo Frey Gil, que naquelle tempo andava no fervor de ſuas penitencias, e perguntandolhe como ſe achava, reſpondeo com maravilhoſa confiança: Meu Padre Frey Gil, muy bem me acho, porque o inferno eſtà cerrado pera my, jà ſey que naõ ey de yr là: e ſem dizer mais palavra eſpirou. Começou a Communidade o officio da commendaçaõ com muitas lagrimas, porque era de todos amado. Sò o Santo Frey Gil, nem ajudava o canto, nem a reza: mas em lugar dos Pſalmos de finados rezava, e repetia muitas vezes o Pſalmo *Laudate Dominum de cœlis*. E moſtrandoſe riſonho, e alegre, affirmava que naõ era em ſua maõ fazer outra couſa, nem lhe parecia rezaõ celebrar noutra forma tal genero de morte tanta paz, e ſegurança de conſciencia, e tamanha confiança em Deos, e em ſeus ſantos Sacramentos em hum homem que tantos annos vivera enfraſcado nas ocioſidades, nos goſtos, e deſaſſoſegos da terra. Por onde naõ avia que fazer ſe naõ alegrar, e feſtejar quem aſſi partia, louvar, e engrandecer o Senhor que tais maravilhas obrava. Da morte deſte Padre ſe faz memoria no livro dos Obitos do real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, como de peſſoa de grande calidade: *Obijt Domnus Fernandus Petri Frater Prædicatorum quondam Cantor Vlisbonenſis Kal. Aprilis*. Muito deviamos a eſtes Religioſos por eſta curioſidade, ſe naõ fora defectuoſa no que mais importa, que he a conta dos annos que naõ aponta.

CA-

CAPITULO VII.

Da religioſa vida, e ſanta morte do Padre Frey Martinho de Lisboa: e do irmaõ Frey Martinho Leigo.

MAs naõ devemos menos louvores ao Rey da gloria pola bemaventurada morte de outro velho, que quaſi foy ſemelhante em tudo ao que acabamos de contar. Era ſeu nome Frey Martinho de Lisboa. Fora capellaõ de hum Biſpo da meſma Cidade, Biſpo de quem ſe eſcreve que juntamente com o Capellaõ veſtio o habito de S. Domingos. Veyo à Religiaõ muito entrado na idade, e aſſi teve poucos dias de vida nella. Mudança de terra, e ares desbarata muito a velhice: juntouſe a eſta a do comer, e beber, do ſono, e da vigia, fizeraõ todas forte impreſſaõ no corpo carregado de annos, lançaraõno depreſſa na ſepultura. E com tudo naõ teveraõ poder pera o conſumir taõ em breve, ſe naõ fora a preſſa, e determinaçaõ com que o bom velho ſe entregou a todo genero de penitencia, e trabalho. Apertou o paſſo pera alcançar por diligencia aos que eraõ entrados primeiro, e hiaõ muito adiante em tudo. Foy caſo eſtranho que paſſou a muitos, e chegou a porſe hombro por bombro com os mais aproveitados em todo genero de virtude, fazendo em ſi verdadeiro o que ſe
Sap. 4. diſſe por outrem, que gaſtado em breves dias cumprio carreira de longos annos. Brevemente acabou a vida, mas neſſa brevidade chegou a tudo o que os mais ardidos ſoldados daquella milicia religioſa com muito trabalho, e longo tempo alcançaraõ de perfeiçaõ. Era por Paſcoa de Reſurreiçaõ. Salteouo huma febre, que naõ deſcobria alteraçaõ, nem accidentes pera temer, antes na continuaçaõ ameaçava doença mais comprida, que mortal. Paſſou pera a enfermaria pera ſe curar, mas ſem pena do mal que lhe cauſava. Quando foy veſpera da Aſcenſaõ acertou de entrar o Padre S. Frey Gil, que como medico das almas, tanto como dos corpos, acudia de ordinario a viſitar os doentes com aquelle ſeu fogo de caridade que pera os affligidos era eſpecial epitima de conſolaçaõ. Tanto que Frey Martinho o vio chamou alto por elle, com ſembrante, e ſignificaçoens de alegria, dizendo: Boas novas Padre Frey Gil, boas novas meu Padre: chegandoſe o Santo a elle foy continuando, e dizia. Eſtou muito alegre, porque o dia dàmanhã ha de ſer o ultimo de meu deſterro, e principio de meu deſcanço. E levantando maons, e olhos ao Ceo, acrecentava. Muitas graças vos dou meu Senhor JESU Chriſto por tamanha mercè, como he averme de yr pera vòs em taõ fermoſo dia como o dàmamanham, dia em que vòs ſubiſtes em carne a eſſe Ceo; dia, e feſta a que ſempre tive particular devaçaõ. Naõ era a voz de doente, e muito menos de quem ſe fazia taõ vizinho da morte. Tomoulhe o Santo o pulſo, e foiſe ſaindo, e dizendo. Por muita preſſa que ſe dè eſſa febre a vos matar, naõ o farà nem pode fazer em oito dias. Falava o Santo como Medico, e o doente como Santo. Enganouſe

nouſe a medicina, acertou a ſantidade. Amanheceo o dia da Aſcenſaõ, pede os ſacramentos ſagrados da Euchariſtia, e unçaõ, divinos, e excellentes ſocorros da Igreja, hum pera viatico da jornada, outro pera esforço da luta que eſperava. Faziaſe de mal ao Prior tal requerimento em homem que ao parecer naõ tinha mais de doente, que eſtar na enfermaria. Mas naõ deſiſtindo delle, adminiſtroulhos ſem dilaçaõ: e Frey Martinho os recebeo com conſolaçaõ de Santo, e devaçaõ de quem morria. E aſſi foy, que acabando de os receber, antes de deſpejarem os Padres que lhe rodeavaõ a cama, deu a alma a Deos à viſta, e com eſpanto de todos.

Succeda a hum Martinho outro Martinho, aquelle Sacerdote, eſte Leigo, ambos Santos, e no ſucceſſo da morte quaſi iguais. Tinhaſe notado neſte Leigo por toda a vida tanta ſingeleza d' alma, tamanha pureza de coſtumes, que na opiniaõ de todos era julgado, e avido por Santo. Adoeceo mortalmente no mez de Dezembro; quando foy dia de S. Thomè, ſobreveolhe hum accidente com tais termos, que pareceo eſtava acabando, naõ sò aos Religioſos que com grande caridade curavaõ delle, mas tambem ao Santo Frey Gil, que como medico foy chamado pera o ver. E porque ſe perſuadio que brevemente eſpiraria: aſſi como niſſo naõ tinha duvida, tambem a naõ tinha (porque conhecia o ſojeito) que deſatada aquella alma do corpo ſe iria voando aos braços do Criador, e fezlhe lembrança (parece que devia eſtar virado pera a parede) que hum grande Santo, e tambem Martinho como elle, achandoſe em ſemelhante artigo, quizera acabar em poſtura que deſcubriſſe o Ceo, e a parte Oriental com os olhos, dizendo, que ficava aſſi melhor, porque deſpedida a alma do corpo ſe iria a elle ſeu caminho direito. E chamou hum enfermeiro, e diſſelhe à orelha que fizeſſe outro tanto ao noſſo Martinho. Parecia, e era impoſſivel ouvillo outrem na caſa, quanto mais quem eſtava penando em paroxiſmos de morte. Eis que eſperta o que davaõ por morto, e levanta a voz, como tornado do outro mundo, dizendo, Padre Frey Gil naõ morro agora, paſſaràõ quatro dias, entaõ me irey pera o Ceo. E aconteceo pontualmente, como o diſſe. Porque no dia Santo do glorioſo nacimento de Chriſto à hora que no Coro ſe começava a entoar o Invitatorio: *Chriſtus natus eſt nobis*: ſe foy elle ajudallo a cantar aos Anjos no Ceo.

CAPITULO VIII.

Do Padre Frey Pedro de Santarem, e do irmaõ Leigo Frey Martinho ſegundo.

ONde faltaõ informaçoens de vida, baſtante prova he de virtude huma boa morte. Eſte capitulo ſerà tambem de mortes com hiſtoria breve de ſucceſſos em vida: mas eſſes acompanhados de claros ſinais de grande valia com Deos. Acharaõſe hum dia na enfermaria juntos o Padre Frey Pedro de Santarem, que fora medico antes de Religioſo, e hum irmaõ Leigo, por nome Frey Martinho, que chamaremos ſegundo pera differença

ça do primeyro, de quem falamos no capitulo precedente, e o ſanto Padre Frey Gil. Os dous ainda enfermos, e em cama: o Santo convalecente, e de pè. Na hora de Noa, que a Communidade eſtava no Coro dando aquelle eſpaço à oraçaõ, naõ o quizeraõ perder os dous enfermos (que obriga muito o bom exemplo aos olhos, e em caſa, ſe ſe naõ vive entre gente inſenſivel) eraõ ambos muito eſpirituais, e virtuoſos: o trabalho da doença affinava o eſpirito, e aperfeiçoava a virtude. Foy a oraçaõ de Frey Pedro taõ fervoroſa, que aſſi como eſtava de joelhos ſobre as pobres mantas ſe foy levantando no ar atè pòr a cabeça no telhado. Naõ eſtava longe Frey Martinho: acertou à virar os olhos, ficou naõ attonito nem paſmado, porque tambem era eſprimentado, e douto nos effeitos da oraçaõ, mas louvando a Deos com cordial conſolaçaõ: e vio que paſſado hum bom eſpaço tornou o extatico companheiro a decer pouco a pouco, e ficar como dantes ſobre o leito. Entrou deſpois o Padre Frey Gil; e Frey Pedro, ſe confeſſou com elle, dandolhe conta de ſi, e de algumas couſas que vira, e particularidades que ſintira. Porque o Padre Frey Gil jà neſte tempo, como adiante veremos, era buſcado pera tais materias como Pay da Provincia, e como letrado, e Santo, e por ſua relaçaõ que fazia ao Meſtre Frey Humberto Geral da Ordem, chegaraõ quaſi todas eſtas couſas ao tempo preſente. E os verdadeiros humildes quanto mais avante vaõ no caminho da luz, tanto menos fiaõ de ſeu parecer. Reſpondeolhe o Santo por remate de tudo, que teveſſe cuydado de eſconder, e enterrar os favores do Ceo, polo riſco que ha de ſe offender aquelle Senhor que os dà: porque quem publica tezouro, he ſinal que ou quer ſer roubado, ou pertende vam gloria. Acabada a confiſſaõ foyſe ao leyto do Leigo, que com ſimplicidade de Leigo lhe começou a perguntar, ſe lhe dera Frey Pedro conta de hum maravilhoſo rapto que tevera na hora de Noa; e eſpantandoſe o Santo, como que o ignorava, foylhe contando, e encarecendo o que vira, que conformava puntualmente com o que da boca de Frey Pedro ouvira. Mandoulhe o Padre o meſmo que aconſelhara a Frey Pedro, obrigandoo a guardar ſegredo com boas rezoens, e com ſua autoridade. Ambos eſtes enfermos teveraõ fim glorioſo, e em breve tempo. Hia Frey Pedro convalecendo da doença, e crecendo em perfeiçaõ, e ao meſmo paſſo lhe acudia o Senhor com o Manà celeſtial de ſuas conſolaçoens, e miſericordias. Naõ ſofria o enemigo das almas que coubeſſe tanto bem em peito mortal, ardia em fogos de rayva, e enveja. Eſtava o convalecente hum dia de joelhos diante de hum altar orando: chegaſe a elle diſfarçado com maſcara, e habito de Frade, e como beſta fera que he, ſacodelhe hum couce, com que lhe abrio grande ferida em huma perna: e naõ contente com iſto, levao pelos pès arraſtado por toda a Igreja com tanta furia que ficou todo piſado, e de novo enfermo pera muitos dias. Porque a ferida como foy de pè Luciferino nunca acabou de ſoldar, e em fim

Gregor. Hom. 11. in Evangel.

fim ficou em fiſtula: e della veyo a morrer. E aſſi a ira de quem cuydou que lhe fazia mal, lhe acarretou o mayor bem dos bens, qual he pera os juſtos acabar contas com o mundo, e entrar na poſſe da gloria.

Naõ tardou muito em lhe ſer companheiro na morte quem o fora na doença, e na enfermaria, digo Frey Martinho o Leigo: em cujo tranſito quiz a miſericordia Divina deſcubrir o tezouro de virtudes que andava encerrado, e deſconhecido debaixo da cortiça toſca de hum Leigozinho idiota, e rude, rude, e idiota pera o mundo: grande ſabio diante de Deos. Acabou de eſpirar, cobrioſelhe o roſto da ſombra, e noite da morte, em lugar da luz, e graça da vida que hia fogindo. Começou a Communidade junta o officio da commendaçaõ da alma como he coſtume: eis milagre eſpantoſo, trocaõſe de novo as cores do morto, reveſteſe o ſembrante pallido, e mortal de huma luz extraordinaria, como de orizonte, onde o Sol vem nacendo muy vizinho (ſinal certo do que jà lhe allumiava a alma) luz taõ clara, e luminoſa, que cerrandoſe o dia, ficou o Prior rezando a ella polo proceſſionario, que tinha na maõ, todo o Officio, como pudera fazer ſe tevera junto de ſi huma tocha.

CAPITULO IX.

Do ſanto fim de Frey Domingos, e Frey Gonçalo irmaons Leigos.

REzaõ he que à viſta de taõ bendito Leigo, naõ ſſaya a hiſtoria de Leigos. E naõ he menos de eſtimar o que agora diremos de dous: e taõ venturoſos ambos, que teveraõ por ſeu Croniſta o Santo Padre Frey Gil, que ajuntou o que avemos de contar delles à relaçaõ que atràs diſſemos. Chamavaſe hum Frey Domingos, que por muito modeſto, manſo, e encolhido, era amado, e confeſſado do Santo Frey Gil. A elle reconhecia o Leigo por Meſtre, ainda que avia outro em caſa: a elle dava conta de ſua alma. Com tal nome, e com tal meſtre bem era que foſſe Santo. Veyo a adoecer perigoſamente, e por tempo deu em hidropico. He o mal muito penoſo, e de que poucos eſcapaõ: e todavia tinha alguns dias de tanto alivio, que ſe prometia a ſaude que deſejava. Pozlhe hum dia o deſejo della na imaginaçaõ, que o ſitio da enfermaria era contrario ao ſeu mal; que ſe mudaſſe eſtancia, ſe acharia melhor: e naõ he bom ſinal em doentes procurar mudanças de lugar. Com tudo pedio que o tiraſſem da enfermaria, fez inſtancias atè tomar por valedor ſeu amigo, e confeſſor, e em fim paſſaraõno a huma cella que apontou. Deitouſe, quietou, alegrouſe. Era ſobre tarde, tangeraõ a Capitulo deſpois de Completas. Pareceo ao enfermeiro que lhe dava a boa ſombra do ſeu doente lugar, pera naõ perder o Capitulo. Foyſe a elle, acertou a ſer comprido, tardou hum eſpaço largo. Quando tornou, acha o doente inquieto, enfadado, e queixoſo, que falava conſigo, e dezia: Valhame Deos que couſa taõ mal feita? como ſe deſcuidaraõ os porteyros? que entraſſe huma molher polo Convento, e polas

officinas, e sò? e que naõ ouveſſe quem acudiſſe a tal deſordem? Attonito o enfermeyro com o que ouvia, naõ ſabia que cuidaſſe, e parecialhe genero de tresvalio. Chegouſe a elle, e o doente ſe começou a queixar de novo, e contava, que tanto que elle o deixara, entrara pola cella huma molher, que no geito, e trajo, e no ar da peſſoa parecia nobre, e ſenhora. E que naõ fora ſonho, nem força de imaginaçaõ, que eſtava muito em ſi quando a vira: e ainda que ficara corrido, e paſmado de tal viſta, notara que veſtia de branco roupas de preço, e na cabeça trazia hum fino volante por toucado que lhe decia atè os hombros: e eſtivera devagar, e aſſentada no eſcabello que tinha à cabeceyra perguntandolhe pola doença, e animandoo a ſofrella com palavras graves, e de muita edificaçaõ: com as quais naõ negava que ficara conſolado: mas eu, acrecentava o doente, eſcuſara bem viſita, e viſta de molheres em tal tempo, e a tal hora: e eſpantome irmaõ, como naõ topaſtes com ella: que agora ſe vay daqui: e naõ acabo de cayr em quem poſſa ſer. Lançou o enfermeiro pola porta fora, tirou correndo à portaria, correo o Convento, perguntou a todos. Como naõ achou quem lhe deſſe novas de tal molher, tornou mais maravilhado do que fora: e de novo cançava o doente por ſaber particularidades da viſita, que jà tinha por couſa grande, e myſterioſa. Chegou a nova a ſeu Confeſſor, foyſe a elle, e ouvio de ſua boca por extenſo tudo o que temos referido. Mas eys que amanhecendo o dia ſeguinte, que era veſpara da glorioſa virgem, e martyr ſanta Agueda entra o doente em artigos de morte. Acode o Santo Frey Gil, e apoz elle muitos outros Religioſos, e ouvem que em voz alta, e alegremente dizia: Logo, logo: ſim quero, quero morrer, e muito depreſſa. E com eſtas palavras na boca acabou a vida aos quatro dias de Fevereyro do anno de 1262. E acrecenta o Santo na memoria que fez deſte Religioſo, que fora parecer conforme dos Padres que preſentes ſe acharaõ, e ſeu, que a Senhora que o viſitara, fora a ſanta virgem Agueda, e que a meſma em ſuas veſparas o viera chamar pera o Ceo com ſinais mais claros de quem era, que os do dia atràs. O que infiriaõ do proceſſo da viſita primeira, e das ultimas palavras do defunto, que foraõ indicio de outra; e muito mais ao certo da ſua boa vida: e julgavaõ que a ſanta virgem, como quem tanto padecera em ſeu martyrio, quiſera valer a quem fora martyr na doença, e como virgem, a quem tambem o era: do que elle Frey Gil ſe dava por fiel teſtimunha, como quem muitos annos o confeſſara.

Caſtilho p. 1. l. 2. c. 76. da Hiſt. Geral de S. Doming.

Chamavaſe o outro irmaõ Leigo Frey Gonçalo. Eſtava em cama de huma febre aguda tentado, mas ao parecer dos medicos ſem perigo. Hum dia mandou à preſſa que lhe chamaſſem o Prelado, e pediolhe com efficacia que ſem dilaçaõ lhe quizeſſe adminiſtrar os Sacramentos, porque ſe ſintia yr acabando por momentos. Fazia o Prior duvida em tanto apertar quem naõ moſtrava mais ſinais de morte, que os de ſeu dito. E o doente acrecentou: Eu Padre Prior

naõ

naõ me engano: e ſe voſſa Reverencia viera hum pouco antes, achara neſſe lugar minha mãy, e irmã, as quais ſaõ mortas dias ha, como voſſa Reverencia ſabe. Ellas me diſſeraõ que me aparelhaſſe, que ſem duvida morreria à manham, e com ellas me iria ao Ceo. Eu me ſobreſaltey muito quando as vi, e conheci, e fiquei ſuſpenſo, e perplexo, imaginando ſe ſeria alguma illuſaõ do Demonio. Ellas vendome duvidar, me aſſeguraraõ dizendo, que naõ fizeſſe duvida em ſerem as meſmas: e ſoubeſſe que por interceſſaõ da Virgem Mãy alcançaraõ licença pera me vir conſolar, e aviſar. E voſſa Reverencia ſabe muito bem que ambas eraõ molheres de boa vida, e devotas de noſſa Ordem. Tambem me aviſaraõ, que ainda que me apareçaõ muitos demonios, que viràõ pera me perturbar, naõ tema nada, que ellas com muitos Frades do noſſo habito ſe acharàõ aqui comigo. E aſſi eſtiveſſe advirtido que quando aqui chegaſſe meu Senhor JESU Chriſto (que sò polas entranhas de ſua miſericordia me queria fazer eſta mercè) me proſtraſſe a ſeus pès nelle poſeſſe todos meus penſamentos, e a elle encomendaſſe minha alma. Ouvidas eſtas rezoens, naõ fez o Prior mais contradiçaõ, porque a virtude, e bom exemplo de Frey Gonçalo lhe tinhaõ ganhado reputaçaõ pera ſer crido em couſas grandes. E poſto que os Medicos affirmavaõ que naturalmente falando, naõ era poſſivel desliaremſe os eſpiritos vitais taõ em breve daquelles membros, polo grande vigor que nelles ſintiaõ, fez a vontade ao enfermo, miniſtroulhe os Sacramentos, e elle os recebeo, como quem tinha por certo que morria, com devaçaõ, e conſolaçaõ. E logo no dia ſeguinte ao romper da manham ſe foy pera o Ceo, deixando aos Religioſos, que com elle aſſiſtiraõ, grandes penhores de ſua bemaventurança, no roſto, e meneos antes, e deſpois de eſpirar.

He de notar que alguns autores eſtrangeiros, que eſte ſucceſſo colheraõ dos eſcritos do Padre S. Frey Gil, variaõ no nome do irmaõ, naõ variando na verdade da relaçaõ, e ſegundo ſeu coſtume huns lhe chamaõ Frey Anrique, outros Frey Gonçalo. E he a cauſa, que devia ter o Frade dous nomes, como apontamos em outros, e ſer nomeado com ambos polo Padre S. Frey Gil, ſeguindo o eſtilo Portuguez: e os eſtrangeiros lançarem maõ cada hum do ſeu, ſem quererem advirtir na confuſaõ que faz, ou naõ darem ambos, ou naõ concordarem em hum. Devia chamarſe Frey Gonçalo Anriques. Eſta he a culpa em que outras vezes achamos comprendidos os eſcritores antigos, e de que nos temos queixado. Mas jà paſſa aos modernos, como ſe pòde ver nos que eſcreveraõ do noſſo Santo Frey Luis Beltraõ: cada hum lhe dà ſeu nome, poucos lhe juntaõ ambos.

M. Frey Vicente Antiſt. M. Frey Franciſco Diago. Cron. da provincia deAragaõ l. 2. c. 75.

CA-

CAPITULO X.

Do Padre Frey Domingos Gomez Prior do Convento de Santarem.

FOy Frey Domingos Gomez hum dos primeiros ſojeitos que da villa de Santarem vieraõ à Ordem: e como dos primeiros em tempo, tambem foy dos que mais ſe aventajaraõ em virtude, e por tal veyo a ſer eleito em Prior da meſma caſa. Adminiſtrando o cargo com toda prudencia, e religiaõ que ſe podia deſejar, era taõ profunda ſua humildade, que ſe corria, e avia por indigno de governar gente taõ ſanta como tinha no Convento. E entendendo que lhe ſeria melhor ſer mandado que mandar, e obedecer antes que ſer obedecido, polo grande riſco que he pera huma conſciencia pura aceitar por ſua vontade cargo de almas, pedia com grande efficacia abſolviçaõ do officio, alegando alèm do impedimento interior de ſua conſciencia, outro naõ pequeno de infirmidades, que na verdade padecia trabalhoſas: as quais lhe tolhiaõ ſeguir as Communidades, e exercicios da Ordem com a continuaçaõ, que eſtà obrigado todo Prelado, muito mais que os ſubditos. Mas naõ lhe valendo ſuas diligencias em particular com o Provincial, fez conta que lhe valeriaõ com os Padres da Provincia no Capitulo que inſtava. Deſpachou pera elle o companheiro que por eleiçaõ do Convento lhe foy dado, porque ſuas indiſpoſiçoens lhe naõ davaõ lugar pera fazer caminho. E encomendoulhe ſobre tudo o que a cargo levava, lhe alcançaſſe no Diffinitorio ſua abſolviçaõ: e naõ contente com eſta diligencia pedia a outros Padres que hiaõ a Capitulo publicaſſem ſua inhabilidade, e impoſſibilidades, e ajudaſſem o requerimento. Mas achando a todos contra ſi, que chammente lho eſtranhavaõ, e aviaõ por genero de ingratidaõ querellos deixar, quando de ſeu governo ſe davaõ por contentes, e conſolados: affligiaſe, e dezia com grande eſpirito: Hora meus Padres façaõ embora o que quizerem, que ſe là me naõ quizerem livrar deſte tormento, Prelado mayor temos no Ceo, que conhece minha inſufficiencia, e os intentos que me movem; elle com ſeu poder me abſolverà. E aſſi lhe ſuccedeo como o diſſe. Adoeceo, idos os Capitulares, e antes de tornarem a caſa deixou vida, e cargo juntamente, com dor, e admiraçaõ de todos quando o ſouberaõ, e arrependidos tarde da contradiçaõ feita, que ainda continuaraõ no Capitulo. Mas bem moſtrou ſua morte que nem os ſubditos ſe enganavaõ no conceito que tinhaõ delle: nem elle do que valiaõ ſuas oraçoens diante de Deos. He couſa certa, que entrando na batalha da morte aſſi feſtejou a nova della, como ſe ao ſabido entrara a vencer, e triunfar, naõ a pelejar. Naceo-lhe eſta confiança, e animo da honra que lhe fez naquella hora temeroſa, a Virgem Mãy de Deos com ſua glorioſa preſença. Foy o eſpaço breve, e ao parecer do doente hum momento. Ficando muyto esforçado, ficou por eſtremo ſaudoſo. Que como eſtà eſcrito, mil annos de bens da gloria, ſaõ hum dia curto da ter-

Pſal. 89.

terra, e dia jà paſſado. E tornandoſe ao Padre Frey Alvaro que junto delle eſtava, queixavaſe piadoſamente, e dizia: Meu Padre Frey Alvaro, pera onde ſe foy aquella Senhora que agora aqui eſtava? Imaginou o Religioſo que ſeriaõ delirios de enfermo, reſpondeolhe que eſtiveſſe bem no que dezia, que como ignorava elle, que naõ podiaõ chegar molheres àquelle lugar. Iſſo ſaõ molheres da terra, tornou o doente: e eu deſſas naõ falo, ſenaõ da que he bendita entre todas as da terra. Por eſta pergunto, que agora eſtava aqui diante de nòs com o precioſo JESUS em ſeus ſantos braços: e muito me eſpanta naõ dar V.R. fé della. Apoz eſtas palavras fez muitas vezes ſobre ſi o ſinal da Cruz; parecendo aos Padres que era combate de enemigos, e que entrava em paſſamento, fizeraõ tanger as taboas pera acudir a Communidade (coſtume ſanto da Religiaõ acharſe em tal paſſo todo o Convento preſente pera ſocorrer com oraçoens multiplicadas ao affligido, e juntamente tomar cada hum doutrina nelle do que eſpera a todos.) Abrio entaõ os olhos, e vendo a caſa cheya de ſeus irmaons, levantou as maõs, e olhos ao Ceo, como quem dava graças a Deos por ſe ver acabar em tal companhia, e foyſe a elle em paz.

Poucos dias deſpois apareceo eſte Padre a outro da meſma caſa, peſſoa de credito, que eſtava eſperto, e rezando, e conhecendoo lhe fez pergunta ſem torvaçaõ, ſe era elle como parecia o Prior Frey Domingos pouco antes falecido. Eſſe meſmo ſou, reſpondeo o defunto, morto pera o mundo, mas vivo pera Deos, e em ſua gloria. Peçovos que advirtais os noſſos Frades, que naõ conſintaõ entrar ſeculares onde eſtiver Religioſo em artigo de morte, porque perturba naquelle paſſo a viſta delles: e a my me cuſtou alguma couſa a preſença de huns que me acompanharaõ: eraõ parentes, fizeraõme compaixaõ ſuas lagrimas, ſintias com fraqueza humana, e pagueias com pena de fogo. Parece que fazia inda o bom Prior officio de Prelado vindo da outra vida a dar advertencias a ſeus ſubditos. E na verdade aſſi he, que naõ perdem os juſtos a caridade com a morte: antes ſe aviva, e refina com o lume da gloria que gozaõ. E por iſſo he ſanto, e proveitoſo penſamento fazermos muito polos fieis defuntos, ſendo certos que nos naõ podem faltar com agradecimento, e paga quando mais nos importar. Moſtrouo eſte Santo com o ſeu Supprior por termo extraordinario (digo ſeu, porque ſervia ainda o officio que elle lhe dera, e eſte caſo foy poucos mezes deſpois de ſua morte.) Eſtava Fr. Domingos Afonſo, que aſſi ſe chamava o Supprior, doente na enfermaria, mas era o mal taõ leve a parecer de todos, que naõ dava cuydado. Eis que alta noite ſoa huma grande voz no dormitorio, que eſpertou todos os Frades, como ſe cada hum fora chamado à porta da cella: e naõ ouve nenhum que duvidaſſe ſer a fala do Prior defunto. Dezia a voz: Levantayvos irmaons, acudi depreſſa ao voſſo Supprior que morre. Foraõ todos correndo à enfermaria com o Credo na boca, como he coſtume na Ordem em caſos ſemelhantes, eſpantados

do

do eſpertador muyto mais, que do perigo naõ cuidado do enfermo: e acharaõno em eſtado de grande neceſſidade. Mas naõ parou aqui a caridade do defunto. Tinha o Santo Padre Frey Gil neſte tempo ſeu recolhimento fora do Dormitorio comum, por ſer muito velho: e em parte que naõ podia ouvir a voz que eſpertou a communidade. Foyſe o defunto a elle, tiroulhe do braço, que dormia, e dandoſe a conhecer, diſſelhe que acudiſſe depreſſa ao Supprior Frey Domingos Afonſo, porque eſtava acabando, e eſtando jà acompanhado de todo o Convento sò elle faltava: ſendo elle quem o trabalhado enfermo mais deſejava ver pera alivio do aperto em que eſtava. Levantouſe o Santo velho, chamou por hum irmaõ leigo que o acompanhava na cella pera irem ambos, dizendolhe do accidente do Supprior, e quem o aviſara delle. Naõ ſe perſuadia o Frade, nem acabava conſigo deixar o leito, affirmando que na meſma noite ao recolher o deixara quieto, e ſem ſombra de perigo: por onde naõ avia que crer de fantaſmas. Foraõ com tudo ambos: e chegando acharaõ o enfermo no eſtado em que o defunto diſſera, o qual recreado hum pouco com a viſta, e bençaõ do bom velho, que todos tinhaõ por pay, e reſpeitavaõ como Santo, ſe finou logo. No livro dos Obitos do Convento de S. Vicente de Lisboa, que chamaõ de fòra, por ficar fòra dos muros antigos da cidade, e podemos dizer, que foy o primeiro que nella ſe povoou de Religioſos depois de tomada aos Mouros (ſaõ Conegos regrantes de S. Agoſtinho) achamos memoria deſte Padre com eſta letra: *XI. Kal. Octob. obijt Frater Dominicus Gometij Prior Præd. Sanctaren.* Mas naõ aponta anno, como jà advirtimos; e he o primeyro Frade deſta Ordem, de que faz mençaõ deſpois de dom Frey Sueyro.

CAPITULO XI.

Do Padre Frey Fernando de JESU, de ſuas doenças, e paciencia: de ſua ſanta morte, e aparecimento deſpois della.

AQui cabe lugar a outro Religioſo deſta caſa, que tambem veyo da outra vida darnos aviſos, e boas novas. Era ſeu nome Frey Fernando de JESU: e naõ o teve debalde: porque toda ſua vida foy huma perpetua cruz, e huma invencivel paciencia com que a levava. A calidade do trabalho foraõ doenças prolongadas acompanhadas de dores, com que movia a piedade, e laſtima os Religioſos, e movera infieis ſe o viraõ, ſegundo eraõ apertadas, e terribeis. O termo, com que ſe avia nellas veyo a paſſar o mais alto gràо de paciencia. Porque fez da pena goſto, e do tormento recreaçaõ, naõ ceſſando de dar graças ao Criador, quando mais atribulado ſe via; como outro Job, por lhe tirar as riquezas da ſaude, que ſaõ as mayores da vida, e carregarlhe a maõ em lepra de dores por todos os membros, que cada momento o chegavaõ ao martyrio da morte. Mas no fim moſtrou o meſmo Senhor que de ſua maõ procederaõ doenças, dores, e paciencia, coroando tudo, ao paſſar da vida, com hum manifeſto ſinal da glo-

gloria, que jà lhe começavaõ a render. E foy imprimirlhe no roſto huma luz extraordinaria, e incomparavel, que ſendo julgada por reverberaçaõ do Sol Divino da gloria trocou logo as lagrimas dos bons irmaons em alegria, e as laſtimas que lhe tinhaõ em ſanta enveja.

Naõ paſſaraõ muitos dias que eſte defunto ſe repreſentou em ſonhos a outro Religioſo do meſmo Convento, o qual conhecendoo, mas duvidando da viſaõ, lhe fez algumas perguntas. Foy a primeira ſe era elle Frey Fernando, como o parecia, a quem pouco avia, ajudara a enterrar. E reſpondendo, que era o meſmo que vira morto, e enterrado: Perguntoulhe ſe lhe ſaberia dar novas de hum Frade da meſma caſa falecido de poucos dias que chamavaõ Frey Diogo: reſpondeo, que eſtava no purgatorio, mas que ſeria brevemente livre, e entraria no Ceo Seſta feira da ſemana Santa, que vinha perto. Eſtendeoſe a curioſidade do que dormia, a querer ſaber a cauſa da pena: e o defunto o ſatisfez, apontando com o dedo na boca, e na garganta, e dizendo que fora complacencia que tevera de ſi quando cantava. Perguntandolhe mais por outros Frades, reſpondeo que eſtavaõ bem. Porque aveis de ſaber (dizia o defunto) que os Frades que morrem em ſua Religiaõ, e trabalhaõ por cumprir com ſuas obrigaçoens, nenhum ſe perde: e particularmente ſaõ ajudados da Virgem Noſſa Senhora na hora da morte. Pediolhe entaõ o que perguntava, algum ſinal pera certeza do que tinha ouvido, foy a repoſta que no dia da feſta de Ramos, que eſtava proxima, naõ averia no Convento ſom de ſinos, que iſto levaſſe por ſinal. Acordou o Frade tanto em ſi, e com a memoria taõ viva das particularidades referidas, que sò lhe fazia duvidar dellas, e de toda a viſaõ, a impoſſibilidade que achava na ultima do ſinal, ſendo aſſi, que o dia he taõ feſtejado por toda a Igreja, como ſabemos. Mas chegado o dia, verificouſe o ſinal por rezaõ de hum interdito, que ouve em todas as Igrejas da villa: e deuſe por certa a viſaõ em tudo o mais, aſſentando os Padres que permittira Deos taõ vagaroſo colloquio pera doutrina, e aviſo, e conſolaçaõ de muitos, pola virtude, e merecimentos do ſanto defunto. E por ſer tal, fez o Santo Frey Gil relaçaõ delle ao Meſtre Geral da Ordem. E naõ falta quem affirme, fundado em boas rezoens, que nos caſos raros, e ſemelhantes a eſte que o Santo eſcreveo, e affirmou, como apontava Frade ſem nome, era elle o meſmo apontado. Porque caſos de tanta admiraçaõ, e taõ extraordinarios naõ os conta nenhum ſiſudo, ſenaõ viſtos, e apalpados com as proprias maons.

Reſende na vida de S. Fr. Gil l. 1, c. 7.

CAPITULO XII.

De quem foy o Padre Frey Domingos do Cubo: e de ſua vida, e morte, e ſepultura.

SEmpre cauſou grande controverſia, e muitas vezes engano entre os eſcritores antigos a ſemelhança, e alluſaõ dos nomes em homens, e lugares. E ſe naõ ha muito cuydado nos que deſpois eſcrevemos, he forçado

çado errar polos muitos ſeguidores que cada opiniaõ leva tràs ſi. Nas hiſtorias Pontificais he quaſi impoſſivel de averiguar entre tres Papas do nome Joaõ 20. 21. 22. a qual delles pertencem os caſos que ſuccederaõ por todo o tempo dos tres: e cauſou eſta variedade ſerviremſe do meſmo nome, e naõ aver grande diſtancia de annos entre o governo de cada hum, como bem o advirtio Genebrardo na ſua Chronologia. Da meſma maneira nos dà em que entender hum Thomas Doutor Anglico, meſturando ſuas obras com as do noſſo Thomas Doutor Angelico, pola vizinhança dos nomes, avendo tanta differença na real ſignificaçaõ delles, quanta ha da terra ao Ceo, de Ingres a Angelico. Eſte trabalho temos no Capitulo preſente, avendo de tratar do Santo Frey Domingos do Cubo (como elle ſe aſſinava,) e naõ de Cuba, como algumas memorias antigas lhe chamaõ. Porque concorreraõ com elle outros dous Domingos, que ſem embargo de ſe diſtinguirem baſtantemente por ſeus ſobrenomes, ouve taõ pouca diligencia nos que eſcreveraõ ſuas couſas em no los dar a conhecer por eſtas diſtinçoens, que deixaraõ huma perpetua confuſaõ, e enleyo aos que deſpois quizeraõ eſcrever, porque ſem grande culpa foraõ aplicando os feitos, e virtudes de todos àquelle, a quem a caſo, ou por alguma rezaõ ſe inclinavaõ. Aſſi convem fazermos aqui huma breve digreſſaõ, declarando quem foy cada hum dos tres, antes de entrarmos na hiſtoria do noſſo.

Gen. in Chrono. l.4. f.682.

He pois de ſaber, que entre os companheyros do Patriarcha S. Domingos naõ ouve mais que hum sò Domingos (como deixamos eſcrito) e Eſpanhol, e de ſobrenome o Pequeno: e deſte foy aquelle feito celebrado, que ſe lançou no fogo veſtido, e calçado, ſem receber huma minima lezaõ, nem na roupa, nem na carne. E o meſmo foy hum dos tres companheyros que o Santo Patriarcha deu a dom Frey Sueyro Gomes pera a jornada de Eſpanha (como atràs contamos.) E delle eſcreve o Meſtre Frey Joaõ Teutonico no regiſtro dos Santos, e varoens illuſtres da Ordem, que paſſando a Italia faleceo em Peroſa cidade da Toſcana, e jaz ſepultado na Igreja velha do noſſo Convento. Vindo deſpois noſſo Padre de Roma a Eſpanha no anno de 1219 entre os ſojeitos que de ſua bendita maõ receberaõ o habito foraõ dous Domingos, hum Caſtelhano natural de Segovia, que ſe chamou Frey Domingos Munhòs: outro Portuguez por nome Frey Domingos do Cubo. Ambos trouxe alguns dias conſigo, e foraõ poucos, porque naõ puderaõ ſer mais que os que ſe deteve em Eſpanha. Mas eſſes baſtaraõ pera os deixar taõ aproveitados em todo genero de virtude, que foraõ eſpelho della entre os Religioſos de ſeu tempo. E por ſerem tais andaõ envoltas as memorias que delles ficaraõ atè com o nome de ſeu Meſtre. O Caſtelhano reſidio muitos annos por Vigario, e Confeſſor das Freyras de Madrid no Moſteiro de Santo Domingo el Real. Ao Portuguez mandou noſſo Padre que ſe vieſſe ajudar a dom Frey Sueyro a Portugal.

L. 1. c. 8.

L. 1. c. 8.

Caſtilho p. 1. l. 1. c. 42.

Eſte era Frey Domingos do Cu-

Cubo. Em Portugal ſervio no miniſterio da prègaçaõ, em que era unico, correndo muitas terras do Reyno taõ fructuoſamente, que obrigou muita gente nobre a buſcar a Religiaõ, levados da excellencia da doutrina, e ſuavidade da pratica com que ſe declarava, à qual ajuntava exemplo de vida Angelica, coſtumes puriſſimos, e penitencia em todo eſtremo riguroſa. Reſende l. 2. t. 1. exép. 82. Os eſcritores da vida de S. Frey Gil apontaõ entre outros Frey Bertolameu Pires, Frey Matheus, Frey Joaõ Domingues, e Frey Martim Godinho, que juntamente eraõ noviços em Santarem, e todos quatro nobres. Aſſi ganhou por todo o Reyno nome de Apoſtolo de Portugal, polos muitos que fazia deixar o mundo, e nome de Santo polas mais virtudes: como o Meſtre Frey Jeronymo de Padilha em humas memorias, que ſendo Provincial neſte Reyno, e hum dos reformadores, que de Caſtella vieraõ a chamado del Rey dom Joaõ o Terceiro, deixou de ſua maõ eſcritas das couſas notaveis delle. E acrecenta, que eſte Convento de Santarem por tradiçaõ recebida de tempo immemorial o reconhece por ſeu fundador no ſitio, e lugar em que oje o vemos. Trabalhou muito Frey Domingos em chegar a perfeiçaõ huma tamanha maquina como foy Igreja, e clauſtro ſem braço de Rey, como atràs tocamos. E niſſo ſe deixa bem ver o que valia com os homes a opiniaõ de ſua virtude. Faleceo em boa velhice dous annos pouco mais ou menos primeyro que S. Frey Gil. Do lugar de ſua ſepultura naõ ha noticia certa. Eraõ aquelles tempos faltos de curioſidade, e quanto a meu juizo naõ por defeito de quem ſoubeſſe, ou pudeſſe eſcrever entre os noſſos: mas porque era tal a perfeiçaõ dos Religioſos, que tudo quanto faziaõ lhes parecia pouco: e naõ fazendo couſas taõ grandes que sò a fama as fizeſſe duras por exorbitantes: aviaõ por vergonha lançar em livro as que tinhaõ em ſi por ordinarias, que ſaõ as meſmas que oje nos eſpantaõ delles. E na verdade quando ſoube dizer hum Gentio: *Facilis iactura ſepulcri*, tendo por leve perda a de ficar ſem ſepultura, naõ he de eſpantar que aquelles noſſos mayores, que sò dos bens da alma tratavaõ, fizeſſem pouco caſo do ſitio em que avia de ficar o corpo mortal, e corruptivel: fariaõ conta que onde faltaſſe a cerimonia da pedra que o cobriſſe, ou ainda terra que o agaſalhaſſe, naõ podia faltar a capa do Ceo que tudo cobre, como diſſe o outro: *Cælo tegitur qui non hábet vrnam*: e eſſa baſtava pera eſperar o dia glorioſo da Reſurreiçaõ. A tradiçaõ mais aprovada he que o muimento de S. Frey Gil contem em ſi duas ſepulturas, e quem conſiderar com attençaõ a fabrica delle acharà que logo repreſenta huma ſobre outra. E dizem que pera a baixa foy tresladado o corpo do Santo Padre Frey Domingos do Cubo (o que devia ſer quando ſe paſſou pera a alta o de S. Frey Gil ſeis annos deſpois de ſeu falecimento, como adiante veremos) porque ambos jaziaõ no commum cemiterio, e aſſi como eraõ venerados nelle, ficaraõ deſpois venerados, e viſitados juntos em hum ſepulcro. E bem concerta eſtarem juntos

Virgil. Æneid. 2.

Lucan. Pharſ. 7.

em huma capella, e debaixo de huma lagea aquelles que em vida foraõ muito amigos, e cuja memoria na morte ficou à viſta de ambos pintada no retabolo que faz ornamento à capella. E naõ devemos duvidar, que como tudo ſahio de hum penſamento, e de huma sò maõ, capella, ſepulcro, e pintura, naõ ſe eſqueceria quem tudo fez, de honrar com marmores a quem folgou de dar vida com o artificio de tintas, e cores. Quem foy autor deſta fabrica dizemos adiante na vida do Santo Frey Gil. Aqui tocaremos sòmente a parte que pertence della ao Padre Frey Domingos.

Reſende l. 2 t. 8. exẽp. 35.

Vivia em Santarem na freguesia de S. Nicolao huma virtuoſa, e nobre matrona por nome Elvira Paes, a qual ſendo como era viuva, toda ſua conſolaçaõ, como outra Anna profetiſſa, era a continuaçaõ da Igreja, e o ſanto exercicio da oraçaõ, e meditaçaõ em que tinha por meſtres eſtes ſantos Religioſos, que por iſſo faziaõ della muita conta. Polos annos do Senhor de 1265, avendo jà dous, pouco mais ou menos que era falecido o Padre Frey Domingos do Cubo, adoeceo S. Frey Gil da ultima doença. Andava Elvira Paes deſconſolada, e ſollicita temendolhe o ſucceſſo, como era muito velho. Amanhecendo o dia glorioſo da Aſcençaõ trouxe à Igreja a obrigaçaõ da feſta, e o cuydado de ſaber do ſeu Santo, que tinha novas eſtava no cabo. Quando chegou ſoubę que o acabavaõ de ſepultar. Ficando magoada, e triſte, foy o Senhor ſervido de a conſolar no meſmo dia, e na meſma Igreja com huma viſaõ celeſtial, a qual contava por eſtes termos. Sintida da perda do Santo paſſava pola memoria ſuas virtudes: e contemplava o grande peſo de gloria, que jà lhe teriaõ rendido: deſejava yrſe tràs elle. Eſtando abſorta neſte penſamento, repreſentavaõſelhe à viſta dous velhos veneraveis por cans, e paramentos de ouro, e purpura, que conhecia ſerem os dous amigos Frey Domingos, e S. Frey Gil. E logo via huma grande eſcada, que tendo o pè no meyo do cemiterio do Convento, chegava com as pontas ao Ceo, e notava que deciaõ por ella dous Anjos cheyos de luz, e fermoſura de quem eraõ, e com grande feſta chamavaõ polos dous velhos, dizendo: Vinde irmaons, vinde, e ſubi, que vos chama o Senhor. Aſſi foraõ logo ſubindo, e ſeguindo aos Meſſageiros atè ſe recolherem com elles no Ceo. Era Elvira Paes por partes de virtude, e honra taõ acreditada, que naõ ouve quem duvidaſſe da viſaõ: e mereceo alèm da tradiçaõ, que paſſaſſe à idade preſente em hum novo genero de eſcritura, de tempo em que nada ſe eſcrevia: que foy pintandoſe em hum painel do retabolo que ſe fez juntamente com a capella, e ſepultura de S. Frey Gil: e permanece oje a pintura, porque ſe foy renovando a tempos. Contava Elvira Paes muitas vezes deſpois eſta viſaõ aos noſſos Frades com abundancia de lagrimas, e grande ſuavidade de eſpirito, e mais particularmente a hum padre que do meſmo tempo nos deixou eſcrita a vida de S. Frey Gil, e a Frey Martim Pires, e Frey Bernardo Religioſos muito eſpirituais, e de autoridade, por cu-

cuja relaçaõ veyo paſſando em tradiçaõ atè a idade preſente, alèm do teſtimunho da Pintura.

CAPITULO XIII.

Do nacimento, geraçaõ, eſtudos, e peregrinaçaõ do Santo Frey Gil, atè o dia de ſua converſaõ.

QUem vio nunca vaſo de barro feito pedaços, deſpois de repaſſado do fogo nas mais vìs cozinhas do mundo, moydo de novo, amaſſado, e fundido tornar à roda do oleyro: e ſayr de ſuas maons mais luſtroſo, mais polido, e muito mais perfeito do que era primeyro? Iſto he o que sò faz, e pode fazer a omnipotencia Divina quando lhe apraz, como o diz por hum Profeta, e o provou em hum Paulo de perſeguidor da Igreja tornado vaſo de eleiçaõ: e com igual, ou mayor evidencia parecerà no noſſo Santo Frey Gil, de quem ſerà eſte Capitulo, e alguns mais. Porque pertencendo elle ao Convento de Santarem, cuja hiſtoria vamos ſeguindo, por muitas rezoens, inda que filho de habito de S. Paulo de Palencia, pertencenos tambem (porque nenhum titulo nos falte) por rigor de juſtiça fundada em Actas de hum Capitulo Geral celebrado em Bolonha anno de 1240, que diſpoem, e manda que o Frade, que morar de aſſento nos limites da prègaçaõ de qualquer Convento, ſeja reputado, e avido por filho delle, ſem embargo de aver recebido o habito, e profeſſado em outra Provincia.

Ierem. 18. Act. 9.

Naceo Gil Rodrigues no lugar de Bouzella, termo da cidade de Viſeu polos annos do Senhor de 1190, pouco mais ou menos: de pay, e mãy illuſtres por ſangue, e por lugar, e fazenda no Reyno. Seu pay ſe chamou dom Ruy Paes de Valladares: foy do Conſelho del Rey dom Sancho Primeiro, e ſeu Mordomo mòr, e juntamente Alcaide mòr da cidade, e caſtello de Coimbra. Do que dà baſtante teſtemunho a letra de huma ſepultura da Igreja de Santa Cruz de Coimbra, celebre Convento de Conegos regrantes de Santo Agoſtinho, alegada por Frey Andre de Reſende, a quem ſeguimos neſta hiſtoria, que diz aſſi:

Fr. And. de Reſende in vita Beati Ægid. l. 1. c. 1.

HIc ſitus eſt Domnus Rodericus pater Fratris Ægidij Sanctarenenſis maior præfectus arcis, & vrbis Conimbrigenſis. Aqui jaz dom Rodrigo pay de Frey Gil de Santarem, Alcaide mòr do caſtello, e cidade de Coimbra.

Declaramos o Latim, porque dous Autores mais antigos lhe daõ titulo de Pretor, que era officio de paz, como Juiz, ou Corregedor, e naõ de Alcaide mòr, que he o que reſponde o nome de *Præfectus* na latinidade. Tambem dà que conſiderar o novo modo da inſcripçaõ, querendo quem a fez dar a conhecer o pay polo filho. Donde parece que ſe devia fazer muitos an-

annos deſpois, naõ ſem curioſidade, ou ambiçaõ, mas nada culpavel: porque hum Santo baſta pera dar luz a toda huma geraçaõ de paſſados, e ſucceſſores. Da meſma maneira argue tempos mais modernos o termo de *maior Præfectus*, porque deſdiz muito da ſingeleza dos antigos pouco cuydadoſos deſtas mayorias. Mas como quer que ſeja, ſeguimos o eſcritor acima nomeado, que he de noventa annos atràs, e foy Religioſo de noſſa Ordem, peſſoa de calidade, e autoridade, digna de ſe alegar, que eſta hiſtoria poz em boa lingoa Latina, tirando a de outra muito mais antiga, e meyo barbara, que ſe guarda no Convento de Santarem tambem compoſta por Frade: e de hum, e outro podemos eſtar ſeguros que fariaõ o officio livres de paixoens que deſviaõ da verdade.

A mãy de Gil Rodrigues foy dona Tareja Gil, que o meſmo Autor nomea por tia de dona Joana Dias ſenhora da villa da Atouguia, que muitos annos andou em caſa da Rainha dona Breitiz de Guzmaõ molher del Rey dom Afonſo Terceiro, e foy mãy de Nuno Fernandes Cogominho, peſſoa de grande nome, e Almirante do mar em tempo del Rey dom Dinis. Eſta dona Joana alcançando em annos ao Santo primo lhe edificou capella, e ſepultura, como ao diante veremos. Teve Gil Rodrigues mais dous irmaons, Payo Rodrigues, e Joaõ Rodrigues, e outro que naõ nos conſta ſe foy irmaõ inteiro, Dayaõ da Sè de Lisboa. Sendo moço, e moſtrando inclinaçaõ às letras com habilidade, foy poſto no eſtudo por ſeus pays. Era Coimbra aſſento da corte, e juntamente avia nella Meſtres das boas artes, e ſciencias. Porque el Rey dom Sancho como recebeo de ſeu pay o reyno pacifico, e rico, procurou illuſtrallo, e acrecentallo por muitas vias: e naõ lhe eſqueceo a das letras, que he a que mais luſtre dà aos homens, e às provincias. Deuſe Gil Rodrigues, deſpois que teve eleiçaõ nos eſtudos, com particular affeiçaõ à Medicina, e começou a ter nome de grande eſtudante. Naõ deſagradou a el Rey a determinaçaõ quando a ſoube, como ſeu Pay cabia tanto com elle folgou de lha favorecer, enriquecendoo a eſſe fim de beneficios Eccleſiaſticos, e tantos que naõ eraõ menos de cinco os que poſſuya ſendo ainda bem moço. Tres Conezias em tres Igrejas differentes, e diſtantes, Braga, Coimbra, e Guarda. Dous Priorados, hum de Santa Eyria de Santarem, outro de Coruche. Sofria o tempo eſtas diſformidades, ou polo fraco rendimento das prebendas, ou por falta de homens: ou porque ſempre aos validos ſobejaõ razoens pera ajuntar nos ſeus. Vioſe o moço proſpero de renda, e engenho: e como tinha jà tomado o ſabor ao goſto que dà o nome, e eſtimaçaõ das letras, parecendolhe que ſe tocaſſe qualquer Univerſidade ſubiria a grandes gràos de honra nellas; perſuadido do penſamento negocea licenças, poemſe a caminho com os olhos em Paris. Naõ falta quem diga que a rezaõ de ſe aplicar ao eſtudo da Medicina, inda que entaõ naõ era indigno de gente illuſtre, fora com fim pouco honeſto de poder entrar em muitas caſas, e penetrar como

Reſend. l. 1. c. 1. in vita B. Ægidij.

mo medico, onde como mancebo, e nobre achava tudo cerrado, e timido. E aſſi o deſcubrio o ſucceſſo. Porque naõ tinha andado muitas jornadas, quando ſe lhe fez encontradiſſo em figura humana o autor de tais penſamentos, e pay de toda maldade, e fingindo que levava o meſmo caminho, entrou com elle em praticas, como he coſtume de caminhantes, dando, e pedindo contas. O deſcuydado mancebo ſe lhe abrio todo; e o enemigo começou a combatello a duas maons: huma inviſivel dentro na alma, e outra de palavras ſuaves, e venenoſas nas orelhas. Que acertava, lhe dizia, porque era muy conforme a ſua idade, e calidade pretender valer, e ter nome: e juntamente levar boa vida. Que na verdade ſe a valia, e honra naõ avia de ſer meyo pera poder viver livre, e alegremente, e em todo genero de delicias: e ſe a primavera da idade ſe naõ ouveſſe de lograr com os goſtos, e paſſatempos, que naturalmente apetece, titulo vaõ, e ſem ſuſtancia era a honra, ſenſabor, e pouco de eſtimar o melhor tempo que Deos dera ao homem. Que naõ fora màо termo inclinar à profiſſaõ de Medico, pera com roupas largas yr poſſuindo rendas Eccleſiaſticas: mas pera ſer famoſo no mundo, e juntamente ver, e alcançar muitas couſas de goſto, e grandes boas venturas, avia ſciencia mais poderoſa que a Medicina, e menos cuſtoſa de aprender. E perguntado qual era, reſpondia, que a arte Magica era sò a que podia fazer hum homem eſtimado nas cortes, valido dos Reys, e de todo o reſto do mundo quaſi abſoluto ſenhor. Porque aos que a ſabiaõ naõ ſe lhe eſcondia nada do que avia, e ſe fazia em todas as provincias, quanto mais em todas as caſas: e naõ sò alcançavaõ o preſente, mas tambem anteviaõ o que eſtava por vir, com os ſucceſſos particulares da fazenda, e da honra, da morte, e da vida, da guerra, e da paz: e daqui viera nos tempos muito antigos chamaremſe Magos os grandes ſabios, por ſer eſta a mayor ſciencia de todas. Logo lhe foy apontando alguns homens que naquelles tempos aviaõ ſido famoſos em Eſpanha, e affirmava que o foraõ por beneficio della, obrando maravilhas hora de eſpanto, hora de riſo, humas de importancia, outras de paſſatempo. Em fim era arte pera honra, e pera goſto: e ſendo arrimada à Medicina, que elle jà ſabia, teria bella capa pera grandes effeitos, porque atribuindo as couſas grandes à força natural da Fiſica ganharia nome do mayor Filoſofo da terra, e eſpantaria o mundo, como outro Apollonio Thianeu. Com eſtas mintiras foy engolfando o pay dellas hum animo temerario, e cobiçoſo, em deſejos de ſe vender, ſe foſſe poſſivel, por achar hum meſtre de tal ſciencia: e com grande efficacia lhe perguntava que meyo averia pera deſcobrirem algum. Entaõ lhe foy dizendo, como ſem torſerem muito, poderiaõ dar em lugar, onde avia eſcola, e meſtres conſumados: mas que era couſa muy ſecreta, e ſabida de poucos, e que tinha ſuas difficuldades, e algumas condiçoens peſadas: que ſe quizeſſe lhe faria ſerviço de o guiar. Naõ ſabia

bia o moço a hora que ſe avia de achar em Academia tanto da ſua arte, e davaſe mil parabens por aver encontrado com tal homem. Sò nos eſtilos que lhe referia da eſcola reparava hum pouco: porque deixar a fé (como propunha) hum homem nobre, era couſa indigna: obrigarſe a iſſo por eſcrito, e eſcrito feito, e aſſinado com ſangue proprio, parecia abatimento dallo, e huma deſconfiança torpe, e de gente baixa, e roim o pedillo: Facilitavalhe tudo o companheiro: e em fim vencido da aſperança das honras, e dos goſtos de que jà ſe repreſentava ſenhor, foyſe com elle onde o eſperavaõ os miniſtros da officina infernal. Era huma gruta na rayz de hum monte, em lugar ermo, e longe de povoado. Aqui entrou, e reſidio feito diſcipulo de Lucifer. Muitas particularidades ſe contaõ de condiſcipulos que vio levados em corpo, e alma ao inferno, e outras couſas que lhe puderaõ bem abrir os olhos, ſe naõ eſtivera de todo cego. Em fim fez ſeu eſcrito à vontade de quem lho pedio, e deſpedido foiſe buſcar melhor eſcola. Todos os que eſcrevem dizem que reſidio neſta das covas tempo de ſete annos, e que eraõ junto a Toledo. A dilaçaõ de tantos annos ſe me faz dura de crer pera em animo que sò tinha por mira vicio, e goſto. Caminhou direito a Paris, entrou nos eſtudos, e aulas da Medicina, e moſtrou logo tal agudeza nos autos da ſciencia, e tal maõ em algumas curas de importancia, que antes do tempo foy avido por digno do gràо que pretendia. Entaõ ſe começou a entregar a todo vicio à redea ſolta, ſervindoſe das màs artes humas vezes pera ſer mais màо, e outras pera eſpanto, e entretimento ſeu, e de amigos, obrando couſas que pareciaõ exceder as forças da natureza. Aſſi andava na boca das gentes eſtimado, e envejado: e por eſtremo contente, e igualmente eſquecido de ſi. Em tal abiſmo de enganos, e miſerias vivia, quando o Senhor foy ſervido pòr nelle os olhos de ſua Divina miſericordia por hum novo, e eſtranho modo, como veremos no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO XIV.

Da milagroſa converſaõ do Santo Frey Gil, e como tomou o habito de S. Domingos, e fez profiſſaõ.

EStava Gil Rodrigues hum dia em ſeu eſtudo, e ſobre os livros da infernal ſciencia, deſcuydado de toda couſa que lhe podia dar pena. Eys que ſubitamente ſe lhe poem diante hum homem armado, e acavallo, e brandindolhe huma lança nos olhos com braveza, dizia: Muda a vida homem, muda a vida. Aſſombrouſe Gil Rodrigues, e ſobreſaltouſe muito, arguindolhe a conſciencia (como acontece) naquelle tempo muitas couſas juntas, e todas màs, e triſtes, e medonhas: mas tornado ſobre ſi, e tirando pola carne a liberdade, e ſoltura da vida, parecialhe a viſaõ ſonho, e o fazer caſo della puſillanimidade, lembrandolhe que o cavallo, e cavalleyro lhe pareceraõ de pedra, e deſpois ſe reſolveraõ em ar. Aſſi foy continuando em ſeus deſatinos. Mas Sap. 17.

naõ

naõ ſe eſquecia o bom Paſtor da ovelha perdida. Paſſados poucos dias torna o cavaleyro ſobre elle na meſma poſtura, e habito, mas com termo, e ſembrante mais temeroſo: e arremeſſandolhe o cavallo como que o queria levar debaixo dos pès, e pondolhe a lança nos peitos: Muda, diſſe, muda, muda homem a vida, ſe naõ morto es. Ficou Gil Rodrigues como fòra de ſi, de attonito, e confuſo, e reſpondeo com pavor, quaſi como outro Paulo. Si farey Senhor. E peçovos me perdoeis naõ obedecer da primeyra vez. Iſto dezia, e juntamente ſe ſintia ferir da maõ do cavaleiro com tanta força nos peitos que lhe parecia ficava atraveſſado da lança: e obrigado da dor deu hum grande grito chamando polos criados que lhe acudiſſem. Achouſe com menos mal do que cuydava, porque naõ apareceo no lugar do encontro mais que huma riſcadura leve, e ſuperficial, e com tudo determinou logo naõ eſperar terceira amoeſtaçaõ, e mandou fazer preſtes pera caminhar, e fogir de Paris. E foy bom principio da promeſſa feita, mudar terra; ao que ajuntou, dar fogo a quantos livros tinha da maldita magica: e feitos em cinza pozſe a caminho. Caminhava deſabrido, e malenconico: davalhe occaſiaõ o verſe sò pera imaginar: entrava em ſi lançava os olhos polos annos que tinha vivido: naõ achava hora izenta de culpa: quando chegava aos que empregara nas covas de Toledo, e ao que delles lhe reſultava, perdia o goſto de tudo de corrido, e confuſo, e abafando de peſar. Aſſi ſendo dantes amigo de travar praticas de paſſatempo com os criados, e com os que encontrava humas vezes com graças, e ironias, outras com derivaçoens, e agudezas, como era de condiçaõ bem aſſombrado, e jovial: agora hia mudo, carregado, e aborrido de ſorte, que os criados paſmavaõ naõ podendo atinar com a cauſa de tal novidade. Chegava à pouſada, naõ tocava em nenhuma couſa de quanto lhe punhaõ na meza: faziaõlhe a cama, ou naõ ſe deitava, ou naõ tomava ſono. E ou que foſſem iſto Act. 9. jà principios de penitencia que 2.Cor. 7. obravaõ triſteza pera verdadeira ſaude: ou que redundaſſem no corpo (como he ordinario) as feridas que ſeus cuydados lhe faziaõ na alma; cahio em huma febre malenconica de quartans, que lhe davaõ muito trabalho: e com tudo nunca ſe quiz curar, nem perder jornada atè entrar em Eſpanha. Entrado nella, e por Caſtella, trouxeo a eſtrada que ſeguia à cidade de Palencia. Neſte lugar paſſou a caſo polo ſitio em que os Frades de S. Domingos andavaõ actualmente rompendo paredes em humas caſas velhas, e levantando outras pera comporem ſeu Conventinho: vio ferver a obra, e nella amaſſando cal, e carregando pedra cubertos de pò, e caliça homens, que no geſto, e no geito moſtravaõ naõ aver nacido pera tais miſteres. Edificouſe, e compungioſe, naõ lhe parecendo feyo aquelle pò, nem pouco honrado o ſerviço, quando lhe ſoube o fim. Logo fez conta de naõ paſſar daly. No dia ſeguinte tornou ao ſitio, buſcou o Prior. Achou homem eſpiritual, e ſabio: falaraõ de vagar, deulhe conta de ſi. Aqui fez a primeira re-

tractaçaõ, ou abjuraçaõ de ſeus deſconcertos, e vida paſſada por confiſſaõ vocal.

Ficou Gil Rodrigues algum tanto aliviado com eſte bom principio. He medicamento Divino huma boa confiſſaõ, he porta, e entrada pera todo bem, e que mais deſabafa, e aſſoſſega huma conſciencia, que começa a ſintirſe, e a ſintir. Foy cobrando alento, e eſtendendo o animo a couſas mayores. Tornou ao Prior, e propozlhe com palavras cheyas de humildade, e conhecimento proprio, ſe averia naquella ſanta caſa miſericordia, e lugar pera hum peccador deſaforado, e facinoroſo, e que o fora toda a vida contra ſua alma, e contra Deos: mas ſintindo d' alguma
Pſ. 118. maneira, e muito deſejoſo de deſejar tornar ſobre ſi, e ſalvarſe de ſeus naufragios, por meyo da muyta ſantidade que alli via. Naõ deviaõ ſer ouvidas com olhos enxutos taes palavras, e tal requerimento, onde avia verdadeira caridade. Foy reſpondido naõ sò com bom deſpacho, mas abraçado, e admitido com amor, e alegria do Prior, e dos mais Religioſos. E naõ tardou mais em veſtir o ſanto habito, que em quanto eſcreveo aos ſeus, e deſpedio os criados. Neſte paſſo teve o primeyro merecimento da fogida do mundo: porque levantaraõ pranto, como ſe o deixaraõ enterrado: mas elle apercebendo a paciencia pera mayores contraſtes, enganavaa neſte, com fazer conta, que ſe via jà livre de huma parte naõ pequena dos cativeyros do mundo, polo muito que obrigaõ os bons criados.

Deſapegado delles, e encerrado com os ſeus Frades, e novos companheyros começou Frey Gil hum novo genero de vida, novo pera elle, mas ordinario nelles. Pagava a boa vida paſſada, de dia com eſtreita abſtinencia, e com trabalhar na obra do Convento como o mais vil jornaleiro: de noite com aſperas diſciplinas, e oraçaõ, furtando pera ella muitas horas ao ſono, e ao deſcanço corporal. E parecendolhe tudo pouco, a comparaçaõ do muito a que ſe achava obrigado, vingavaſe de ſi, naõ sò como algoz, mas como enemigo: carregandoſe a maõ com caſtigos particulares, em pago das particularidades com que ſervira, e deleitara os ſintidos: polas caſas grandes, e bem armadas huma cella erma, pouco mayor que huma ſepultura: polas ſedas do leyto, e olandas da cama hum tecido ſeco de varas, ou de canas, ſem mais abrigo que huma manta de ſaco. Contra as ſobogidoens dos banquetes, pedaço de paõ groſſeiro, e negro: e pera os poder paſſar, humas folhas de couve cozidas em agoa, e ſal (que eſta era a vida daquelles primeiros Padres de Palencia) quando alcançavaõ huma gota de azeite era caſo raro, ou feſta grande. As alegrias dos ſaraos de França, as graças, e galantarias de corte, em que era unico, pagava com hum ſilencio inviolavel, ainda nas couſas muyto neceſſarias. Os apetites de grandeza, e reputaçaõ, com andar na cozinha, lavar a louça, curar dos enfermos nos mais abatidos, e humildes ſerviços da Religiaõ. Finalmente em vingança das ſenſualidades que taõ ſem freyo apetecera, cingioſe huma cinta de ferro ſobre as carnes fechada

com

com cadeado : e pera ſe privar pera ſempre de toda eſperança de alivio , lançada a chave no rio. Aſſi procedia com grande edificaçaõ dos Religioſos , atè que pareceo tempo (que ainda entaõ naõ era certo , e preciſo como agora) de lhe fazerem ſua profiſſaõ. Mas eſta, como a fez , naõ criou nelle mais liberdade da vida, nem mais alivio no modo della : começou a ſer noviço pera ſi , como o fora atè entaõ pera a Religiaõ : agora voluntario, como dantes por obrigaçaõ.

CAPITULO XV.

Sae Frey Gil de Palencia, mudado pera Santarem. Continùa ſuas penitencias. Contaõſe as perſiguiçoens , e aſſombramentos que padeceo do Demonio , atè alcançar o eſcrito que lhe tinha dado.

NEſte rigor perſeverou atè que foy mandado pera Portugal. Naõ nos conſta com que occaſiaõ. Parece que devia ſer inſtancia de parentes com dom Frey Sueyro, a cujo cargo eſtavaõ as couſas da Provincia: porque a vontade em Frey Gil era affeito totalmente morto. Muyto nos importàra achar ao juſto o anno em que ſe paſſou a Portugal, tirado por conjeitura, como atràs fizemos pera alcançar o principio da caſa nova deſta villa: ſe foy logo deſpois da profiſſaõ, reſpondenos ao fim do anno de 1220 , ou entrada de 1221. Mas como todos os autores dizem que veyo logo pera Santarem, onde neſte tempo naõ avia ainda Convento , he força dizermos que ſe deteve em Palencia tres , ou quatro annos. Achou Frey Gil a caſa de Santarem florida de gente ſanta, recreaçaõ grande pera ſua alma, confuſaõ nova por outra parte, quando lhe lembrava o penhor que tinha em poder do enemigo, pacto infelice, e penhor de ſangue , eſcrito , e aſſinado de ſua maõ, feito, e dado com muito goſto. E naõ avia couſa que o conſolaſſe , parecendolhe que tanto lhe durava a triſte vaſſalagem a que ſe condenara , quanto tardava em o reſgatar. Aqui era o desfazerſe em lagrimas diante do Santiſſimo Sacramento , naõ ceſſando noite , e dia. Aqui o apertar com novas penitencias, e bradar por miſericordia. Mas julgando que naõ era, nem merecia ſer ouvido, tornavaſe à Virgem Mãy , emparo, e remedio de peccadores, ancora ſagrada , e ultimo refugio de affligidos. Pedialhe que valeſſe ao filho adoptivo diante do natural : que naõ poderia negar nada a taõ boa Mãy, inda que foſſe por taõ mào filho. Avia na caſa do Capitulo huma devota imagem da Senhora. A eſte lugar o trazia a confiança que sò nella tinha, pranteava, carpiaſe ſem deſcançar, queixavaſe de ſi, e confeſſava que naõ era merecedor de perdaõ, e logo ſe dava a pena lavando as coſtas em ſangue, que corria em rios atè regar as lageas. Muito tempo continuou neſte exercicio ſem mais conſolaçaõ , nem orvalho piadoſo do Ceo, que huma interior confiança que ſe perſeveraſſe, lhe naõ faltaria deſpacho , conforme à Divina promeſſa: *Omnis , qui petit , accipit ; & qui quærit , inuenit.* Mas eſta lhe procurava roubar o enemigo ,

L. 2. c. 2.

Luc. 11.

atemorizandoo com figuras medonhas, e fantaſmas infernais. Eſtava huma noite cheyo de fervor orando: eis que ſubitamente lhe abre a terra atè o centro, e poemlhe diante dos olhos todo o Inferno junto (viſta horrenda) ſem ficar couſa que pudeſſe mover aſco, e pavor, que lha naõ repreſentaſſe, as miſerias, os tormentos, as disformes poſturas dos padecentes, as cruezas, as viſagens, a fealdade dos atormentadores; trabalhando perſuadillo que por muyto que oraſſe, aquelle horror ſempiterno avia de ſer ſua eterna morada. Outra vez tomando a figura de hum monſtruoſo Centauro armado de arco, e frechas, embebia huma no arco com tanta força, que lhe fazia juntar as pontas, e apontava em Frey Gil, (que de medo eſtava ſem ſangue) com geito, e ferocidade tal, que lhe parecia naõ podia eſcapar de atraveſſado. Valiaſe neſtes paſſos das armas de fiel Chriſtaõ, do nome poderoſiſſimo de JESU, e ſua Cruz ſantiſſima. Fogia o enemigo: mas elle naõ deixava de ficar perturbado, e deſcontente, attribuindo a ſeus peccados tanto poder, e tamanhas afrontas: e todavia como bom ſoldado tornava ſem deſmayar a ſeu requerimento, e oraçaõ. Sintiaſe Satanas de o ver perſeverante nas penitencias, e animoſo na oraçaõ: arremete hum dia a elle feito huma fea, e disforme tartaruga, de cabeça, e boca taõ deſmeſurada, que prometia podelo engulir: foy grande o medo, dandoſe por outro Jonas no ventre da Balea. Mas alcançando jà pouco por eſtes meyos, porque a continuaçaõ tinha criado em Frey Gil animo pera deſprezar ſuas fantaſmas, como cocos de minino, determinouſe em guerra deſcuberta. Deixa figuras alheyas, entra em campo com ſua propria, mais temeroſa por mais conhecida; e porque com ella refreſcava a memoria das promeſſas, e culpas paſſadas ao delinquente. Começava a deſpregar aquella lingoa ſerpentina em mil afrontas, chamandolhe traydor, e ingrato, fementido, e perjuro: ingrato a quantas boas venturas lhe grangeara de goſtos, e delicias: traydor a quanta honra lhe dera entre Principes, e grandes da terra. Dava bramidos como Liaõ, fulminava feros, e blasfemias com geſtos, e carrancas, que a ſi meſmo ſe excedia de feyo, e abominavel. Mente, dezia, falſea, e perjura comigo quanto quizeres. Que iſſo meſmo te ha de fazer a guerra, porque ninguem te crea, a ninguem enganes. Chora, trabalha, canса, derrama eſſe ſangue aleyvoſo. Meu has de ſer chorando, e padecendo: melhor te fora rindo, e folgando. Affirmava Frey Gil quando deſpois de muyto velho com ſanta ſingeleza contava eſtas couſas, que tanto lhe cuſtava de medo, e tormento cada huma dellas, que muito menos ſintira verſe levar a juſtiçar em huma praça publica, naõ huma sò vez, ſe naõ muitas. E todavia aturou eſte martyrio, e tentaçoens com valor, e conſtancia ſete annos inteiros, contados do dia que foy recebido ao habito. No cabo delles eſtando huma noite na ſua ordinaria eſtancia do Capitulo, e no ſeu coſtumado, e continuo requerimento com a ſagrada Virgem, e pedindolhe remedio com pa-

palavras ſaydas do intimo da alma, e cheyas de laſtima, e deſconſolaçaõ, foraõ ſobre elle muytos Demonios juntos, e com mayor violencia que nunca pretenderaõ metello em deſeſperaçaõ; e miſturando ameaças com vituperios deziaõ, que a ſeu peſar, nem Ceo, nem terra avia jà de lograr. Porque o Ceo tinha fechado, e feito de bronze, polo eſcrito de obrigaçaõ que com ſua maõ, e com ſeu ſangue fizera ao Inferno; e a terra com os bens, e goſtos della perdia, polo querer quebrar como falſario: e aſſi naõ tinha que fazer, ſenaõ deſeſperar, e arrebentar, pois tinha perdido tudo ſem remedio. Eſtava o penitente proſtrado com o peito, e face em terra, cheyo de medo dos exercitos de Satanas que o aſſombravaõ: mas muito mais do que ſua conſciencia o accuſava, vendo nella mil teſtemunhos do que ouvia aos enemigos: e iſto ſintia mais que todas ſuas ſobranças rias. Levantava o roſto, e olhos à Virgem, e com grande dor, e humildade dezia: Virgem benditiſſima, elles dizem verdade, eu o confeſſo, no que toca a minhas graviſſimas culpas: e naõ nego que tambem mereço por ellas o que dizem. Mas nunca confeſſarey que peſaõ mais meus peccados, que os merecimentos daquelle precioſo ſangue que meu bom JESU Filho de Deos, e voſſo, por my derramou na Cruz. E como iſſo ſeja verdade, nunca deſeſperarey de ſua Divina miſericordia, inda que toda a vida padeça, e viva milhares de annos. E vòs Virgem fonte de piedade naõ conſintais que ſe alegrem voſſos enemigos, levando vitoria deſte pobre filho voſſo, que em vòs fia, e por vòs chama tantos annos ha. Moſtray Senhora que ſaõ falſos, e mintiroſos contra vòs, e contra voſſo Filho, e tambem contra my. Moſtray com elles que ſoys Mãy de Deos: moſtray comigo que o ſoys de deſemparados, acudindome com alguma conſolaçaõ, e miſericordia deſſas maons poderoſas neſte abiſmo de miſerias. Aſſi dezia, do peſo da tribulaçaõ quaſi deſmayado: e os enemigos como em batalha rota atroavaõ tudo com grita, com braveza, e eſtrondo infernal. Neſte ponto ſe ſintio ſocorrido de poder inviſivel. Porque vio fogir de repente os exercicios de Lucifer, como quem com medo dava as coſtas a mayor força: ſoando dentre elles huma voz horrenda que claramente dezia. Toma com a minha maldiçaõ, e de todo o Inferno. Nunca o ouveras, ſe me naõ fizera força quem eſtà neſſe altar: ella me faz guerra, ella me vence. E logo notou que vinha decendo do alto da capella, da parte onde a vazava huma abertura, pola qual os vira yr fogindo de tropel, hum pedaço de pergaminho, que pera final do que era, e de quem o ganhara, e dera a vitoria, ſe veyo como poſto à maõ offerecer, e aſſentar aos pès da Senhora ſobre o altar: era eſte o meſmo lugar por onde cahia a corda do ſino do Convento, e atè noſſa idade ſe conſervou no meſmo eſtado, e ſerviço, e juſto fora que ſe naõ perdera o final delle, pera memoria de caſo taõ raro, inda que ſe eſcuſou o uſo. Naõ ha em nenhuma lingoagem termos baſtantes a ſignificar o gozo, e alegria que o atribulado

do Frey Gil ſintio em ſua alma, quando vio, e reconheceo a carta do infame concerto reſtituyda a ſuas maons. Tornaſe a lançar por terra, e com a boca muda, e pegada nas lageas, e os olhos feitos duas fontes, deixouſe eſtar grande eſpaço em ſinal das graças que deſejava dar: e offerecia por ellas lagrimas, e ſilencio, porque naõ achava razoens que reſpondeſſem ao que ſintia. Em ſua alma ſe prometia por cativo à Mãy, e como reſgatado por ſer meyo: prometiaſe por eſcravo ao Filho, pois moſtrara em o livrar que naõ engeitava ſua contriçaõ, e penitencia: e cheyo de prazer offerecia naõ aver de ter hora nem momento em toda a vida, que empregaſſe em outra couſa mais, que ſerviço da Mãy, e amor do Filho. Mas aqui he de conſiderar a alteza das miſericordias, e riquezas de Deos, que quando faz mercès, excede, e ſobrepoja naõ sò os merecimentos, mas atè os deſejos, e imaginaçaõ do homem. Por ſete annos, que Frey Gil chorou, lhe pagou com outros ſete de perpetuos mimos, e favores: e particularmente o acompanhou em todos com huma luz da gloria, que como tocha aceſa lhe andava, e aparecia ſempre diante dos olhos, como em penhor de patrocinio certo contra as ſiladas do Inferno, que tanto o tinha afadigado, e nunca deſpois deixou de o perſeguir em toda occaſiaõ que pode. E eſte ſocorro foy parte pera lhe vir a perder o medo de maneyra, que naõ sò o deſprezava, mas era eſpanto, e terror a todos os eſpiritos Infernais. Aſſi veyo a cobrar huma grande paz, e quietaçaõ d'alma, mas naõ que foſſe parte pera deixar os rigores, e penitencias coſtumadas: antes as executava agora com mais vontade, quanto via, e tinha por certo, polo que lhe tinhaõ aproveitado, que as podia fazer com mayor confiança.

CAPITULO XVI.

Parte Frey Gil pera França a eſtudar Theologia. Contaſe a ſanta vida que fazia em Paris eſtudando, e como recebeo o grào de Doutor pola Univerſidade, e foy declarado pola Ordem por Meſtre, e Leitor de Theologia.

AJuntou Frey Gil à auſteridade de vida que ſeguia, pera mais merecimento com Deos, e com a Ordem, darſe ao eſtudo da ſanta Theologia: no qual ſe empregou com tanto cuydado, que fòra das horas que dava a Deos, em nenhuma outra couſa ſe ocupava dias, e noites. Como lhe ſobejava habilidade, e eſtava fundado na Filoſofia do tempo que eſtudara a Medicina, tinha baſtante meſtre em ſeu engenho, e Aula na cella. Mas porque nenhuma ſciencia ſe aprende fundadamente ſe naõ em eſcolas, onde a conferencia, e emulaçaõ poem eſporas, e aviva os engenhos, foylhe mandado polo Provincial que foſſe reſidir, e graduarſe em Paris. Pozſe ao caminho por obediencia, que noutro tempo tomara por goſto: e tal era a differença em tudo. Entaõ rico, e acompanhado de recamara, e criados, e engolfado em cuydados de agradar ao mundo: agora pobre, e a pè, e todo embebido em fazer alguma couſa por

ſer-

ſerviço daquelle Senhor que o livrara delles, e delle.

Ao entrar por França, de crer he, que achandoſe em partes que noutro tempo lhe foraõ occaſiaõ de offenſas do Criador, tambem agora o feriaõ de novas lagrimas, imitando o que tinha ouvido dos grandes penitentes. Que ſe sò o canto de hum gallo fazia arrebentar em pranto o Principe dos Apoſtolos, que fariaõ em Frey Gil os encontros que a cada paſſo tinha de muitas couſas juntas, em cada huma das quais reconhecia naõ sò offenſas ordinarias, mas aquella mayor de todas da vil capitulaçaõ que fizera com os enemigos de Deos contra o meſmo Deos. Chorava de novo, mas juntamente engrandecia as miſericordias do Senhor que o livrara, e aſſi crecia com elle em graça, e merecimentos (que eſte intereſſe rendem peccados bem chorados.) Mas ſe chorava nas cidades, alegravaſe nos campos, ſervindolhe quelquer flor que via, ou paſſarinho que ouvia, de ſe arrebatar em louvores Divinos. E como trazia grandes luzes na alma communicadas daquella, que lhe ficou ſempre diante dos olhos, como atràs diſſemos, andava em perpetua uniaõ com Deos, amandoo, deſejandoo, e enlevandoſe nelle de ſorte, que tudo o que naõ era Deos lhe aborrecia, e dava pena. Eſtado bemaventurado, e qual deve ſer o de todo Religioſo, que pois buſcamos a hum Senhor que ſe naõ quer ſervido de meyas, erro ſerà naõ lhe darmos o coraçaõ inteiro, pera alcançarmos a boa ventura daquelles *qui toto corde exquirunt eum.* Pſ. 118. Aſſi adiantou muito em eſpirito, e perfeiçaõ neſta jornada de França, e quaſi ao meſmo paſſo do que perdeo na primeira.

Achou Frey Gil em Paris ao Santo Frey Jordaõ Meſtre Geral da Ordem, que tendo noticia de quem era, e recomendaçaõ de ſua peſſoa por carta del Rey dom Sancho lhe fez muito gaſalhado, e honra, e mayor deſpois que o tratou, e foy conhecendo o goſto, e continuaçaõ com que ſe empregava no eſtudo primeiro da Religiaõ que he a virtude, e no ſegundo que he o cuydado de aproveitar nas letras. Aqui teve por companheiro das Aulas, e da cella ao grande Humberto, que deſpois veyo a ſer Geral da Ordem. Eſte varaõ ſe lhe affeiçoou muito, e notando com attençaõ ſua vida no tempo que eſtiveraõ juntos, nos deixou noticia em ſeus eſcritos de algumas couſas della. Affirma que ſua occupaçaõ continua era orar, ou eſtudar, ou ſervir enfermos: com tal conſtancia que em todo o dia, e em toda a roda do anno, e em quanto eſtudou em Paris, nunca o vio huma sò hora ocioſo. Com taõ grande teſtemunho puderamos eſcuſar tudo o mais que ha de ſua reſidencia em França. Mas como eſta hiſtoria ſe eſcreve pera exemplo, e doutrina dos que de preſente vivemos, e dos que haõ de vir traz nòs, parece obrigaçaõ dizermos mais alguma couſa. Tinha Frey Gil particular goſto de ſervir na enfermaria: no qual officio fazia muitos officios. Porque humas vezes viſitava os enfermos como Medico que era conſumado, e logo lançava fòra Hipocrates, e Galeno pera lhes levantar os animos ao Ceo.

Eccl. 38. Ceo. Dezia que Deos criara o Medico, e a medicina, bom era ouvir o Medico, e aceitar o medicamento; mas confiar sò em Deos, que podia mais que a natureza. Outras vezes como ſe fora o mais humilde irmaõzinho de caſa de noviços, punha as maons em tudo o que convinha ao doente ſem pejo, nem aſco, nem cerimonia, ſe naõ com huma vontade taõ prompta, e alegre, que ſe lhe trasluzia em tudo hum coraçaõ inflammado em verdadeyra caridade. Tambem quando convinha acudia como Santo. Porque como a doença naõ he outra couſa ſenaõ deſcompoſiçaõ de humores: e eſtes deſcompoſtos trocaõ, e pervertem a boa complexaõ natural dos doentes; daqui vem ſerem muitos homens na doença penoſos, deſcontentadiços, e màos de ſervir. Pera eſte ponto era Frey Gil dotado de huma certa graça natural, que por mais deſcompoſto que achaſſe o enfermo, elle o tornava de colerico, macio, e brando: de malencolizado alegre, de impaciente ſofrido, de deſmayado, animoſo, e cheyo de eſforço. O que ſervindo muito pera a ſaude corporal, naõ aproveitava menos pera a eſpiritual. E aſſi como trazia todo o Convento edificado, e obrigado com eſta arte, naõ o edificava menos com a que uſava conſigo, quando era enfermo. Porque de nenhuma maneira podia acabar conſigo ſer peſado, nem dar pena a nenhuma criatura. Se lhe davaõ de comer, ſe lho naõ davaõ, ſe vinha cedo, ou tarde, ſe mal, ou bem guiſado, ſe frio, ou requentado, ou eſcaldando, a tudo fazia o meſmo roſto, e ſempre bom roſto. E o que mais eſpanta he, que ſendo ſingular Medico, entrando a vello os de caſa, eſtava por tudo o que delle ordenavaõ ſem falar palavra, cativando por humildade o entendimento proprio ao parecer alheyo, e às vezes pouco acertado. Mas naõ era menos proveitoſo medico pera as almas dos ſaons, do que o era pera os corpos, e condiçaõ dos doentes. Como durava a memoria do tempo em que o viraõ naquella Univerſidade celebrado Medico, e autor de grandes maravilhas, buſcavao muita gente perſuadida, que devia ter muyto de Deos quem alcançara delle poder trocar a gloria de andar nas bocas da gente, e nas azas da fama, por huma tunica de lam, e hum habito remendado. Vinhaõ huns com as almas chagadas de graveza de peccados, chagas podres, e ao parecer incuraveis: neſtes como taõ eſprimentado em feridas proprias fazia milagroſas curas. Nenhum ſe lhe hia ſem remedio. Aqui polo muito que amava a Deos, empregava toda ſua ſufficiencia ajudando alèm da Fiſica dos bons conſelhos, com a de ſuas oraçoens. Na meſma forma aliviava, e mandava conſolado todo outro affligido, qualquer que foſſe o trabalho: ou em perda de fazenda, ou de eſtado, de honra, ou de fama. Taes couſas ſabia dizer, tal virtude punha Deos no que dezia, que ninguem ſahia de ſuas maons ſem remedio. E ſe o chegavaõ a tratar por curioſidade, como acontecia, alguns mancebos, ou começados a enganar das vaydades do mundo, ou enfraſcados jà nellas, aſſi os fazia temer, e entrar em ſi, que davaõ volta em

em redondo na vida, e nos penſamentos. Aſſi aquirio muita gente nobre em França pera a Religiaõ: e o meſmo fez deſpois em Portugal. E podemos bem dizer por elle, que na arte de encantador ficou o meſmo que dantes era, trocados sòmente os fins. Porque, como ſe naõ perdera a efficacia, e embaimentos della, forçava com ſuavidade os coraçoens, obrigava, rendia, e encaminhava os homens pera Deos, furtavaos ao Inferno. Eſta graça conta delle o Santo Geral Humberto, que tinha tambem com noviços, quando ſalteados de qualquer deſgoſto, ou tentaçaõ, vacillavaõ, ou tornavaõ atràs nos ſantos propoſitos. Baſtava meteremlhos nas maons, pera ſayrem dellas cheyos de valor, e conſtancia. Mas eraõ jà effeitos ſobrenaturais, naõ humanos, nem ordinarios. Porque nos poucos annos que ſe deteve em França paſſou tanto adiante na virtude, e perfeiçaõ, que todo ſeu trato era com Deos, e ſua converſaçaõ no Ceo, nem fazia couſa que là naõ negoceaſſe primeyro. E teſtemunha o meſmo Padre Humberto, que lhe acontecia muitas vezes arrebatarſe ſubitamente, e ficar alienado de todos os ſintidos de tal ſorte, que entrando algumas peſſoas onde eſtava, de nenhuma dava fé, e a cabo de grande eſpaço, que tornava em ſi, entaõ lhes falava, e as ſaudava, como ſe naquella hora chegaraõ. Communicavalhe o Rey da gloria aquelle divino cheyro dos ambares, e agoas de Angeles das boticas celeſtiais, naõ era mais em ſua maõ, corria traz elle: e perdia o goſto, e o conhecimento de tudo o da terra. Porèm iſto, que entaõ era sò huma faiſca de fogo Divino, deſpois andando o tempo paſſou a effeitos taõ extraordinarios, e eſpantoſos, que roubandolhe de todo uſo os ſintidos, e os membros do peſo natural, arrebataváõ aquelle corpo polos ares, como adiante veremos.

Ajudada aſſi dos divinos favores a deſtreza natural do bom engenho, naõ foy neceſſario gaſtar muytos annos pera merecer a honra do gràо: e porque el Rey dom Sancho tinha mandado prover as deſpeſas delle, Frey Gil a recebeo publica na Univerſidade com feſtas, e aplauſo: e logo outra particular na Ordem, ſendo nomeado por Leitor, e Meſtre em Theologia pera a Provincia de Eſpanha. Iſto affirmaõ todos os que eſcrevem delle. O que nòs achamos apontado no livro, que chamaõ *Vitas Fratrum* da noſſa Ordem, he o ſeguinte: L. 4. tit. de virt. orat.

HÆc Frater Ægidius de Portugallia ſcripſit vir ſimplex & rectus, & timens Deum, in ſæculo magnus in artibus & Phiſica, & in Theologia in Ordine Doctor.

CAPITULO XVII.

Torna Frey Gil pera Eſpanha. Contaſe o que lhe ſuccedeo no caminho: e como começou a prègar em Portugal. Refere-ſe hum eſtranho artificio com que o demonio o tentou, e como ſe ouve nelle.

SEndo Frey Gil nomeado por Meſtre, e Leitor de Eſpanha, foylhe mandado que logo ſe vieſſe à Provincia exercitar ſeu talento. Achamos poſto em memoria hum caſo que lhe ſuccedeo neſta volta que fez pera Eſpanha, digno de ſer ſabido, pera vermos qual era neſte tempo ſua confiança em Deos, e o fruito, e poder de ſua oraçaõ. Caminhava por terras da comarca de Poytiers: e tinha andado hum dia deſde pola manhaã atè quaſi meyo dia: e como ſuas penitencias o traziaõ deſcarnado, e fraco, começou a ſintir o trabalho, e deſejava deſcançar. Vendo perto huma aldea, diſſe ao companheyro, que ſeria bem iremſe a ella, e pedindo de caminho alguma eſmolla comeriaõ hum bocado, e repouſariaõ hum pouco. O companheyro que era robuſto, e trazia mais alento, reſiſtia, e dezia que naõ era bom conſelho parar em lugar pobre, porque eſtava certo acharem nelle taõ pouco remedio, que ficariaõ impoſſibilitados pera ſeguirem deſpois o caminho, de fome, e fraqueza. Que o melhor era apertar o paſſo, e chegar a lugar onde ſe pudeſſem refazer baſtantemente. Acolhiaſe Frey Gil aos poderes Divinos, dizialhe que naquella triſte aldea podia Deos acudirlhes com muyto mais do que aviaõ miſter. Que naõ duvidava, reſpondia o companheyro, das grandezas de Deos, mas que tais milagres naõ coſtumava fazer, nem eraõ pera eſperar. Cheyo entaõ de confiança o Santo, hora, irmaõ, diſſe, naõ duvideis, nem temais, que eu vos affirmo, que aqui nos ha de prover oje meu Senhor JESU Chriſto com grande largueza. Hiaõ neſta conſulta, quando apareceo hum tropel de gente de cavallo, e de pè, que trazia o meſmo caminho: e chegando a elles, foraõ ſaudados de huma dòna, que no geito, e lugar que trazia, parecia Senhora de toda a companhia, e reconhecendo que eraõ Frades Dominicos fez parar os ſeus, e deteveſe com Frey Gil praticando hum eſpaço, quaſi julgando de ſua preſença, e aſpeito quem devia ſer dentro na alma. Ao deſpedir chamou por hum filho moço que trazia conſigo, e diſſelhe, que ſegundo a hora que era, aquelles ſervos de Deos deviaõ vir neceſſitados, que por reverencia do meſmo Senhor os acompanhaſſe atè o lugar que aparecia, e lhes deſſe muito bem de jantar. O moço ſe apeou como bom cortezaõ, e ſe foy com elles alegremente, e naõ ſe contentou com menos que banqueteallos com tudo o que avia na aldea, e ſervillos de meſtreſala, pondo, e tirando pratos, e lançandolhe o vinho nos copos, com taõ boa ſombra de geſto, e palavras, que naõ sò os convidava a comer, mas obrigava, e forçava, Aqui lhes diſſe, como ſua mãy era ſenhora do caſtello de S. Maxencio, e particularmente devota da Ordem de S. Domingos. Acabado o jantar,

diſ-

diſſe o Santo pera ſeu companheyro : façamos , irmaõ , oraçaõ a noſſo Senhor , e à Virgem por quem uſou com noſco de tanta caridade , e peçamoslhe que ponha ſeus olhos neſte gentil mancebo , que com tanta graça , e cortezia nos agaſalhou , e o faça ainda hum grande ſervo ſeu. E poſtos os joelhos em terra rezaraõ o Hymno : *Veni Creator Spiritus* : e a *Salve* com ſuas oraçoens. E deſpedidos tornaraõ ao caminho. Contaõ as hiſtorias , que paſſados tres annos vindo o Santo Frey Gil pera hum Capitulo geral que ſe fazia em Paris, paſſou pola cidade de Poytiers , e pouſando no Convento , que nella temos , achou eſte moço feito frade , e jà profeſſo , e muito contente , e conſolado de o ſer : o qual deſpois de lhe tomar a bençaõ , ſe lhe deu a conhecer , lembrandolhe o encontro , e jantar da aldea , e a oraçaõ com que lho pagara , e confeſſando que a ella devia a grande miſericordia que Deos com elle uſara em o tirar do mundo, e trazello à Religiaõ.

Caminhava o Santo a grandes jornadas , quanto ſua fraqueza lhe dava lugar , com deſejo de ſe ver na patria , e poder fazer algum ſerviço àquelle Senhor , a quem taõ obrigado ſe conhecia , empregandoſe em aproveitar a ſeus proximos , e naturaes. Chegado a Portugal naõ tomou dias de repouſo pera ſi , nem pera dar aos amigos , e parentes : mas começou logo a trabalhar em ſeu miniſterio inſinando , doutrinando , e prègando , do pulpito , no Confeſſionario , e polas ruas : nas cidades , e villas grandes , nos lugares menores , e nas aldeas , naõ deixando paſſar occaſiaõ nenhuma de ſanto intereſſe , pera poder dizer a ſeu tempo que tornava o talento , ſe naõ dobrado , ao menos aproveitado , e com uſura. Naõ nos conſta de lugar particular em que fizeſſe officio de Leitor , conſtando baſtantemente do mais por memorias do Reyno , e de fòra delle. A el Rey dom Sancho prègou com valor , e liberdade , porque começava aver queixas de grandes deſordens , que naõ remedeava : e crecendo eſtas polo tempo adiante , creceo tambem nelle o zelo Apoſtolico pera lhe dizer verdades , e ſofrer por ellas injurias , como em ſeu lugar veremos. Ao povo prègava com bom ſucceſſo , porque era ſeguido , e buſcado : e buſcada por ſeu meyo a Religiaõ. Mas tambem prègava pera ſi , e pera todos os profeſſores da obrigaçaõ do pulpito , advirtindoos com energia , e ſentenças graves , que mal uſavaõ delle , e em vaõ uſavaõ , e ſe mataváõ , ſe deſejando aproveitar a outrem , naõ começaſſem por ſi. Porque era condiçaõ Fariſaica palavras do Ceo , e obras da terra : e pera quem quizeſſe fazer Santos , era meyo caminho andado ſer primeyro Santo. E eſta doutrina procurava dar eſtampada em ſi , tendo por paõ quotidiano aquelle antigo rigor de vida do temqo de ſua converſaõ.

Do tombo da Sè de Braga.

Mas ardia em fogos de enveja , e odio novo o velho dragaõ do Inferno , naõ levando em paciencia , que quem lhe avia ſaydo das unhas lhe fizeſſe agora guerra , tornado de obediente vaſſallo , enemigo publico. De tiros deſcubertos naõ fiava jà , porque sò tirava delles ficar deſ-

prezado, e com vergonha: buſcou traça nova, e muito ſua. Era Frey Gil morador no Convento de Coimbra em companhia do Prior Frey Domingos Pays que o eſtimava, e amava, porque ſabia o que tinha em tal peſſoa. Fazſe o enemigo encontradiſſo com elle emmaſcarado, e deſmintido (pera naõ deixar nunca de ſe parecer conſigo, e ſempre mintir) na figura de hum Religioſo de caſa, chamado Frey Juliaõ Francez; e começa a entender com elle, primeiro com graças, e rizinhos, fazendo zombaria de ſua compoſiçaõ, e modeſtia. Deſviavaſe Frey Gil naõ eſquecido de ſi: mas achavao logo outra vez diante, e paſſando a termos mais peſados chamavalhe de hipocrita, refalſado, que andava enganando o mundo feito Beato de homem perdido, que merecia caſtigado, naõ viſto, nem ſofrido de ninguem. Tinha Frey Gil feito calos de ſofrimento; e como trazia a Deos ſempre preſente em ſua alma, tirava ganho da perſiguiçaõ, e alegrandoſe com a afronta julgava por miniſtro de Deos aquelle Frade, lembrado do termo com que hum Rey Santo, e tambem perſeguido ſe ouve nos atrevimentos de hum vaſſalo: deſejava imitallo, e fazia conta que Deos movia aquella lingoa pera prova de ſua paciencia. Porèm iſto que lhe ſervia a elle de esforço, e armas, levantava incendio de nova ira em Lucifer. Reyna inda oje nelle a meſma ſoberba com que ſe quiz pòr hombro por hombro com o Altiſſimo: como ſofrerà deſarmar em vaõ com hum bichinho da terra? Buſcou de novo ao Santo huma manham, determinado a naõ largar o campo ſem o deixar vencido, ou polo menos deſcompoſto: tantos oprobrios lhe diſſe, disfarçado com a meſma maſcara, tantos deſatinos fez, que naõ faltou mais que porlhe as maons (naõ teve licença pera tanto.) Foy tentaçaõ em todo eſtremo apertada, e tanto mais perigoſa, quanto menos entendida; via o Santo, e conhecia o roſto, e voz do Frade, naõ podia cayr na ſilada. Primeiro valeoſe de ſilencio, como coſtumava, e paſſava, ou retiravaſe: naõ baſtando, porque logo tornava a dar com elle, pediolhe com humildade, e ſem ſoltar palavra de paixaõ nem eſcandalo, que o deixaſſe viver, que o naõ quizeſſe maltratar ſem cauſa, e deulhe as coſtas. Mas quando deſta vez ſe vio livre, reſolveoſe em mudar na meſma hora terra, e caſa: naõ arriſcar a paciencia a outro encontro, ſintindo como Santo igualmente, ou mais, a deſcompoſtura que imaginava do Frade, que a afronta propria. Vaiſe direito à cella do Prior, pedelhe licença. Alterouſe o Prior com a novidade, e com a preſſa, fez inſtancia por ſaber a cauſa: deſcobriolhe o Santo tudo o que era paſſado de dias atràs entre elle, e Frey Juliaõ, e o que naquella hora lhe acabava de ouvir, acrecentando por remate, que tinha por melhor conſelho carecer da conſolaçaõ com que vivia em ſua companhia, e naquelle Convento, que naõ dar occaſiaõ a hum Religioſo, que ſempre tevera em boa, conta de ſe inquietar a ſi, e a elle. Naõ ſabia o Prelado que conſelho tomaſſe, conhecia a Fr. Juliaõ por virtuoſo, e ſiſudo; e ſe naõ fora a Frey Gil, a nenhuma

nhuma outra peſſoa crera o que delle ouvia. Todavia mandouo vir diante de ſi, e ſendo preſente mandoulhe que fizeſſe a venia ao Santo (he cerimonia ſanta da Ordem, com que ſe humilha, quem offendeo, ao offendido, em ſinal de arrependimento, e ſatisfaçaõ) acrecentando que lhe pediſſe perdaõ do màо termo com que o tratara, e eſcandalizara aquella manham. Obedeceo o Frade quanto à venia, e alevantado por Frey Gil, que tambem ſe lançou no chaõ, pedio licença pera falar, e affirmou, e jurou ſolemnemente, que des que amanhecera o dia atè a hora preſente naõ falara elle Frey Juliaõ pouco nem muito, nem mal nem bem com o Santo: e pedia a Deos naõ permitiſſe chegallo a tanta falta de juizo, que alguma hora perdeſſe o reſpeito a quem em ſeu conceito era merecedor de toda veneraçaõ, como Frey Gil. Entaõ creceo mais a admiraçaõ em todos tres, e ſem ſerem neceſſarios muitos diſcurſos aſſentaraõ que fora lanço do Demonio, que pertendera com hum sò tiro fazer muitas maldades: humas publicas tolhendo o bem que o Santo fazia a muitas almas na cidade com ſua doutrina: outras particulares, metendoo em paixaõ, ou deſabrindoo com ſeu irmaõ. Mas em ambos ficou enganado o Pay da maldade: porque com o irmaõ ficou mais unido em amor, e caridade fraternal: e pera continuar com ſeus ſermoens, e inſino do povo quietamente ſe animou muito, fazendo conta que de algum fruito eraõ, pois deſagradavaõ ao enemigo de todo bem. Eſte ſucceſſo poem o Padre Caſtilho em annos atràs: nòs ſeguimos nelle a Frey Andre de Reſende que vio as memorias antigas em ſuas fontes.

Caſtilho p. 1. l. 2. cap. 72.

Reſende l. 1. c. 8. in vita B. Ægidij.

CAPITULO XVIII.

Como foy eleyto em Provincial o Santo Frey Gil, e do cuydado, e inteireza com que procedeo no cargo. Paſſa à ilha de Malhorca celebrar Capitulo Provincial. Dàſe conta da tempeſtade que teve no mar, e das afrontas que por rezaõ della lhe fizeraõ: e como ceſſou por ſua oraçaõ.

NAõ durou muito eſta quietaçaõ ao Santo Frey Gil. Porque faleceo na meſma conjunçaõ o Santo Provincial dom Frey Sueyro, e juntandoſe os Padres da Provincia pera lhe darem ſucceſſor (naõ ficou em memoria onde foy a junta) e achandoſe nella S. Frey Gil, ſem precederem votos, nem eſcrutinios, foy de conſintimento univerſal acclamado Provincial. E daqui ſe pode fazer juizo qual era jà a opiniaõ que por toda Eſpanha corria de ſua ſantidade: do que dà bom teſtimunho o Padre Frey Fernando de Caſtilho falando deſta eleiçaõ por eſtas palavras: *Y los Frayles de Caſtilla le hizieron ſu Provincial en la primera occaſion, por tenerla ellos para ſer ſantos con el exemplo de vn Paſtor ſanto.* Advirtimos de paſſo ao Leitor que naõ lhe faça duvida, ſendo eſta eleiçaõ de toda a Provincia, e a primeira della, em que de força ſe aviaõ de juntar todos os votos que nella ſe comprendiaõ, dizer eſte Padre que a fizeraõ os Frades de Caſtella. Uſou como melhor Orador, que hiſtoriador, da figura Retorica

Caſtilho p. 1. l. 2. cap. 73.

de

de tomar a parte polo todo, como faz em outros caſos : e naõ poſſo crer que quizeſſe ſeguir o coſtume de alguns eſcritores de fora, que por darem tudo o que podem a ſeus naturais, ſe aproveitaõ della à peſar das leys do officio. O anno preciſo em que foy eleyto S. Frey Gil naõ conſta por nenhum dos que delle eſcrevem. Mas pola conta que levamos dos doze annos que dom Frey Sueyro viveo Provincial vem a cayr no de 1233, que era jà o decimo do reynado del Rey dom Sancho Capelo.

Moſtrou o Santo Frey Gil aos ſeus eleitores, e a toda a Provincia que naõ fora engano, nem favor mal conſiderado a honra que lhe fizeraõ. Porque onde o cargo coſtuma a manifeſtar faltas, e fraquezas nos eleitos, que muitas vezes, ou cobre a ſagacidade da ambiçaõ ou o eſtarem longe das occaſioens de governo, nelle deſcobrio mayor ſufficiencia, e mais merecimentos. Era diligente, trabalhador, amigo da virtude, e honrador dos virtuoſos : manſiſſimo com todos ; auſtero, e riguroſo sò conſigo, e em fim mais Pay que Prelado em tudo, e como tal amado dos ſubditos. E podemos dizer que naõ ſintio a Provincia mudança de governo, mais que no nome. Aſſi foy crecendo por toda a parte em Conventos, e reputaçaõ, e foy grande o numero dos que ſe fundaraõ por Caſtella, e Aragaõ, e Catalunha. E teveraõ principio em ſeu tempo em Portugal o do Porto, e o de Lisboa, como ſe verà adiante em ſeus particulares titulos. Mas he de conſiderar, que avendo no diſtricto de ſua obrigaçaõ duzentas legoas de caminho, que tantas ſe contaõ de Lisboa a Barcelona por eſtrada direita, he couſa certa que em todo o tempo deſte primeiro cargo ſempre viſitou a pè (raro exemplo, e digno que o viramos cubiçado, e ſeguido em noſſa idade: moſtrariaõ os Prelados que sò amor de Deos os move a aceitar as honras, ſem nos ficar eſcrupulo de os crermos.) Ajuntemos a iſto (porque naõ cuyde ninguem que pedimos milagres) que acodia cada anno aos Capitulos gerais, e naõ mandava ninguem em ſeu lugar, nem mudava eſtilo no caminhar ; ſendo hum em Paris, outro em Bolonha : e ſobre tudo levava ſobre as carnes huma cinta de ferro apertada : que naõ ſe pode imaginar mais tormentoſa companhia pera huma hora de andar a pè, quanto mais dias, e annos. Bem avia miſter ſocorro do Ceo, e naõ lhe faltava. Donde nacia offerecerſe animoſamente a todo trabalho por dilatar, e illuſtrar a Provincia, como veremos no caſo ſeguinte.

He a ilha de Malhorca huma, e a mayor das que ſaõ conhecidas entre a coſta de Eſpanha, e Africa, com o nome de Baleares no mar Mediterraneo. Avia nella hum principio de Convento da Ordem, des do tempo que el Rey dom Jayme de Aragaõ a ganhara, poucos annos avia, aos Mouros. Pareceo à Provincia que ſeria acertado, pera ficar no eſtado que convinha pera em terra povoada de novo, celebrarſe nella hum Capitulo Provincial. Naõ refuſou o trabalho o valeroſo Prelado : quando foy tempo, achouſe em Barcelona pera daly paſſar. Eſtava de partida huma nào de mer-

mercadores pera a ilha, embarcouſe nella com alguns Capitulares repartindo outros por outras embarcaçoens. Levantadas ancoras ao deferir das velas ſoou hum eſpirro entre os paſſageiros. Foy couſa de eſpanto a alteraçaõ, e pavor que entrou juntamente em mareantes, e mercadores, por huma couſa taõ natural, e ordinaria, como he hum eſpirro. No meſmo tempo mandaõ que ſe tomem as velas, e ſe larguem de novo as ancoras, dizendo que com tal agouro nenhum ſizudo ſe deſabrigava de terra. Acudio o Santo, mais pola honra de Deos, que pola neceſſidade de navegar, e começou a reprovar a determinaçaõ, com razoens ſantas fundadas em Fè, e Chriſtandade, e no credito da providencia Divina, que rege, e governa todas as couſas: e dependendo todas della, nenhuma tem força nem poder em ſi, ſe naõ quanto ella lhe communica, e concede, como ſuprema, e ultima cauſa que he de tudo. Donde nacè que he vaydade, e fabula dizer, que ha agouro, ou hora mingoada em tempo, caſo, animal, nome ou ſucceſſo. E ſe alguma hora ſe vem effeitos que acreditem as couſas, he permiſſaõ de Deos pera caſtigo de peccados, e dos que nellas attentaõ com mais cuydado, do que devem à Fè que profeſſaõ. Sojeitaraõſe os homens à boa doutrina, e obrigouos mais o vento que era de viagem, e em jornada breve, que naõ he mais de ſeſenta legoas de traveſſa. Sayraõ em popa.

Eſte vicio de olhar em agouros he ordinario em muyta gente, e foy particular da antiga Gentilidade, e por tal trabalha o enemigo de o introduzir, e ſuſtentar entre os Chriſtaons, pera dahi paſſar à danos mayores. Mas o ſucceſſo do eſpirro, que eſtes tomaraõ em agouro aveſſo, foy nos tempos muito antigos recebido em contrario ſintido, como o aponta o Principe dos Poetas em Penelope, de quem conta que ſe alegrou, ouvindo hum eſpirito quando Ulyſſes começou a executar a vingança de ſeus enemigos, e que o ouve por boa eſtrea, e ſinal de vitoria. Donde fica provado o engano, e futilidade do agouro pola differença dos tempos, e opinioens. Às hiſtorias menos antigas fazem mençaõ de huma doença geral, e taõ pernicioſa, que o homem que dava eſpirito, dava com elle juntamente a vida: e quando foy aplacando, ſe hum eſpirrava, e acertava a ficar vivo, acudiaõ os preſentes a darlhe as emboras, como oje fazemos ſem mais rezaõ, que o coſtume poſto jà em poſſe, e termos de cortezia. E por ventura foy deduzido eſte, e o agouro dos mareantes do meſmo principio.

Homer. Odyſſ. l. 17.

Ilheſcas 1. p. l. 4. c. 1. na vida de S. Gregor. Papa.

Mas tornando a noſſa hiſtoria, cerrada a noite creceo o vento, engroſſou o mar, eſcureceo o Ceo cobrindoſe de nuvens, e quando amanheceo era tormenta desfeita. Eis que começa a gente do mar a queixarſe, e dar culpas a quem os fizera navegar. Acodem os mercadores, e vendo embravecer o mar cada vez mais dandoſe por perdidos, e perdida a fazenda que eſtimavaõ igualmente com as vidas: e em lugar de fazerem oraçoens a Deos, daõ em deſeſperaçoens: tornaõſe contra o Santo, que ſahio debaixo a conſolallos, dizemlhe

lhe mil afrontas, e improperios, lançandolhe toda a culpa do trabalho. Ajuntaõſe outros mais danados, ou com o medo, ou com o exemplo, gritavaõ que o lançaſſem ao mar, e foſſe primeyro afogado, quem fora primeiro em os perſuadir a deixar a terra: e faltava pouco pera violarem com maons ſacrilegas as veneraveis cans. Vendo o Santo a força do tempo ajudada da rayva, e deſatino dos homens, levantou os olhos ao Ceo, e pondo toda ſua alma, e confiança em Deos, diſſe em voz alta. Que he poſſivel, Senhor, que aveis de permitir que acabemos aqui, e que triunfe o demonio, e fiquem acreditadas ſuas mintiras? Ah naõ ſeja aſſi, meu bom JESU. Acudi Senhor, e ſocorrey a voſſos ſervos, que ſe vós quiſerdes, taõ obedecido ſoys no mar, como na terra, e em todo lugar podeis caſtigar, e dar remedio. Quiz Deos moſtrar que ouvia a ſeu ſervo, e quiz que o conheceſſem, e entendeſſem aſſi, todos os que onviraõ ſua oraçaõ. Aplacou o mar, naõ como he coſtume, ceſſando pouco a pouco vento, e ondas: mas ſubitamente, e como de pancada em acabando a ultima palavra do Santo, acabou tambem toda a tempeſtade, a furia dos ventos ficou calma, ſomiraõſe as ſerras de mares que ſubiaõ às nuvens, tornou Sol, e dia claro. Paſmados da maravilha quantos avia no navio, levantaraõ as maons ao Ceo, e voz em grita davaõ graças ao Senhor, e juntamente ao Santo: e chamanlhe Santo, e mil vezes Santo, confeſſavaõ receber de ſua maõ vidas, nào, e fazenda. Os mercadores mais em particular ſe lhe lançaraõ aos pès, e hum que mayor parte tinha na nào, e mais deſacatado andara com elle de obras, e palavras, conhecido de ſua culpa fazia força por lhe beijar os pès, pedindolhe perdaõ com lagrimas, de ſua ira, e ſoberba. Naõ ſe podia o Santo defender como verdadeyro humilde que era, a hum humilhado: e em fim diſſelhe, que o perdoaria com huma condiçaõ igual, que era, ſe elle tambem perdoaſſe a quem o tinha offendido. O mercador, ou por naõ cayr no que o Santo pretendia, ſendo colhido de ſubito: ou porque tinha inda preſentes na alma os medos paſſados, e a morte que vira nelles, naõ ſe atreveo a contradizer o partido. Era o caſo publico, e o mais falado que naqelles dias corria em Barcelona. Tevera brigas com hum parente, e ſayra dellas com tal ferida pola cabeça, que ficou julgado por morto: eſcapou com muitos dias de cura, e com ver ſeus olhos muitos pedaços de caſco, que lhe tiraraõ della. Como ſe vio ſaõ, foraõ extraordinarias as diligencias que fez, e meyos que buſcou pera ſe vingar. A gente de ſeu natural he mal ſofrida, e teymoſa. Ajuntavaſe ao eſcandalo, e afronta, ſer homem rico: fazia conta de ſatisfazer por ſi, ou por outrem, e tinha dado em ſua alma tamanho lugar ao odio, que tratando o Biſpo de o quietar, e metendoſe niſſo parentes, e amigos, e toda a nobreza da cidade, de nenhuma maneyra puderaõ com elle acabar nada. Agora obrigado polo Santo, deixouſe vencer, e deu ſua palavra de perdoar ao contrario, e ſer ſeu amigo. E o Santo ficou cheyo de

de prazer, porque no perdaõ de hum ficou ganhando as almas, e quietaçaõ de ambos.

CAPITULO XIX.

Do eſtranho meyo porque Saõ Frey Gil foy ſabedor do naufragio de huns Capitulares que hiaõ em outro navio. Deſpacha Religioſos pera Inquiſidores dalgumas cidades de Catalunha. Celebra Capitulo em Burgos. Aceitaſe nelle o Convento da cidade do Porto. Vem a Portugal. Prèga com liberdade a el Rey dom Sancho. Recolheſe a Santarem.

SAõ as merces de Deos em tudo perfeitas. Aſſi como deu fim à tormenta, acodio tambem com vento proſpero, que brevemente os meteo no porto da ilha. Entrou o Provincial no ſeu Convento, que tem nome de Noſſa Senhora, e S. Miguel da Vitoria; e foy recebido com eſpanto, e alegria de toda a terra, porque entendiaõ que de força o colhera no mar a tempeſtade, e davaõ graças a Deos de o verem em ſalvo, ſendo aſſi, que no porto, e em terra fizera muita perda. Pola meſma rezaõ eſtava o Provincial com grande cuydado dos ſeus Capitulares, vendo que tardavaõ, e em fim veyo a ſaber delles brevemente polo modo ſeguinte. Reſidia no Convento da ilha Frey Miguel de Benazar natural della, nacido, e criado na ley de Mafamede. Vendo a patria conquiſtada por el Rey dom Jayme, deixouſe tambem conquiſtar da verdade da Fè: foy recebido ao habito, e obrou nelle a graça de ſorte, que foy hum modello de virtude, e religiaõ, e he avido por Santo entre os Padres Aragoneſes. Como ſe eſperava Capitulo era elle ſobre quem carregava todo o cuydado de buſcar, e pedir o neceſſario. Levantouſe huma manhã de madrugada, deſpois de chegado o Provincial, a entender em ſua obrigaçaõ: eys que ſe lhe offerece de longe huma longa prociſſaõ de Frades da Ordem: apertou o paſſo alegremente a encontrallos, tendo por certo ſerem os Capitulares que eſperavaõ; e dandolhes a boa vinda offereciaſe a acompanhallos, e guiallos ao Convento. Reſpondeolhe hum por todos, que na verdade eraõ os Capitulares, e que pera aquella caſa vinhaõ, porèm que ordenara a Providencia Divina outra couſa, mandandoos yr pera a Celeſtial, e ſoberana da gloria, onde jà deſcanſavaõ pera todas as Eternidades: e fora o meyo deſte bem a tormenta paſſada que abrira o navio, e ficaraõ ſumidos no abiſmo das agoas ſem eſcapar nenhum de vinteſinco que eraõ. E iſto dito deſapareceraõ todos. Foy o ſucceſſo de muita magoa pera o Provincial. Sintia a perda de tantos ſojeitos juntos, que eraõ dos mais calificados da Provincia: e sò lhe temperava a dor como a Santo, a boa ſorte, com que eſtava certo tinhaõ trocado as ondas, e tempeſtades da vida.

Como faltava nos Frades perdidos a mayor parte da Provincia, naõ ouve que eſperar mais na ilha. Viſitou o Convento, e fez volta pera Eſpanha. Chegando a ella, foylhe communicado polo Arcebiſpo de Tarragona hum Breve que tinha de tempos atràs do Summo Pontifice Gregorio Nono dirigido a

O M. Fr. Franciſco Diago DomLuis de Paramo.

elle, e aos Biſpos ſeus ſuffraganeos, e deſpachado em Eſpoleto aos ſeis dias do mez de Mayo de 1232, e começa: *Declinante iam mundi veſpere ad occaſum, &c.* A ſuſtancia do qual era mandarlhes o Pontifice que por ſi, e por meyo dos Frades Prègadores, e doutras peſſoas idoneas fizeſſem diligencia contra as heregias, e hereges. E a clauſula que faz ao caſo traduzida do Breve diz aſſi:

EXhortamos voſſa Fraternidade, mandando eſtreitamente com preceito por palavras Apoſtolicas debaixo de citaçaõ do Divino juyzo eſcritas, que por vòs, polos Frades Prègadores, e outros que entenderdes ſerem pera iſſo idoneos, inquirais com diligente cuydado ſe ha hereges, ou gente infamada de heregia, &c.

Eſtas ſaõ as primeiras letras Apoſtolicas, que achamos deraõ principio a ſe exercitar em Eſpanha o Santo Officio da Inquiſiçaõ: e logo o Papa nomea os Frades Prègadores pera elle, como a quem pertencia por direito, e herança do inventor, e primeiro executor della, que foy noſſo glorioſo Patriarcha S. Domingos. Mas naõ nos conſta do anno preciſo em que ſe começaraõ a pòr em exercicio, ſendo couſa certa que foy nos primeyros deſte Provincialato do Santo Frey Gil, polo pouco tempo que viveo dom Frey Sueyro Gomez no cargo deſpois de expedidas as letras. O certo he, que na hora que S. Frey Gil entendeo o mandato do Pontifice, e foy advirtido polo Arcebiſpo dos lugares a que convinha acudir com Inquiſidores, nomeou pera elles ſogeitos de letras, e prudencia: e feita eſta diligencia foyſe dando volta à Provincia, e convocou novo Capitulo
1237. pera o anno ſeguinte de 1237 no Convento de Burgos na Montanha.

Eſte Capitulo celebrou o Santo polo Eſpiritò Santo deſte anno: e nelle foy aceitada a fundaçaõ do Convento da cidade do Porto em Portugal, ſendo pedida polo Biſpo, e Cabido por huma carta que contem relaçaõ laſtimoſa dos males que ſe padeciaõ naquella Dioceſi ſem aver juſtiça, nem poder que os remediaſſe. He carta notavel pera ſe entender o triſte eſtado do Reyno, e a grande reputaçaõ em que eſtava a Ordem; porque a rezaõ, que daõ pera deſejarem Convento, he parecerlhes que por oraçoens, e merecimentos dos Religioſos, teriaõ os males termo. Adiante vay lançada no titulo deſte Convento.

Daqui veyo decendo o Provincial pera ſua Patria naõ a deſcançar de taõ largos caminhos, mas a participar dos trabalhos que nella ſe padeciaõ, de que tinha aviſo por cartas de muitos, e ultimamente ficara mais inteirado pola carta do Biſpo, e Cabido do Porto que diſſemos. Procediaõ os males, de el Rey dom Sancho ſe ter de todo entregue a homens pouco tementes a Deos, os quais tratando

do sò de conſervar ſua valia, e adiantar em riqueza, e poder, convertiaõ em intereſſe proprio todas as deſordens, e deſaforamentos que ſe cometiaõ na Republica. E como eraõ ſenhores da vontade del Rey, e o traziaõ cercado de homens de ſua manga, e ſemelhantes a ſi na conſciencia, e trato, quem ſe queixava (ſe alguem ſe atrevia a iſſo) ou naõ era ouvido, porque eſtes o tolhiaõ, ou naõ aproveitava a queixa, porque o remedio pendia delles, e avia de correr por ſua maõ. Aſſi tendo a terra hum Principe em ſua peſſoa naõ mào, padecia tantos males, e ſem juſtiças, como ſe fora regida polo mais cruel tyranno do mundo. E fazia o eſtado mais miſeravel ver que nas aparencias naõ lhe faltava parte nenhuma de bom governador. Era benigno, brando, pio, religioſo: entendia o bem, e o mal, e moſtravao arrezoando, e converſando, e no que por ſeu juizo mandava, e ordenava. Sò era a deſgraça, que quando chegava à execuçaõ, repreſentava hum corpo paralitico, cujos membros naõ acodem com nenhuma operaçaõ aos movimentos da vontade. E atè nas couſas de ſeu goſto ſeguia a meſma fraqueza: porque naõ ſabia querer, nem apetecer nada ſenaõ ao modo, e arte dos validos; os quais tendo alcançado com quem o aviaõ, jà naõ eraõ validos nem privados, ſe naõ amos (deſaforamento grande) e ſenhores abſolutos, e como tais procediaõ em tudo. Eſperouſe que crecendo na idade, creceria juntamente nas paixoens, que em Reys coſtumaõ a ſer vehementes de ira, odio, amor, e vontade. Porque quando tomou o ſetro, que foy como atràs fica dito no anno de 1223, tinha pouco mais de dezeſeis de idade, porèm eraõ paſſados mais catorze, e a remiſſaõ eſtava taõ de aſſento, que muitos a julgavaõ por ajudada com màs artes, e naõ natural. Donde começaraõ grandes deſcontentamentos nos Prelados, e nobreza do Reyno, que amando a ſeu Rey ſobre todas as couſas da vida ſofriaõ muito polo naõ deſagradar: e em fim vendo que ſe perdia a terra, e naõ avia emenda com os annos, nem com advertencias, e cartas, e Nuncios, que à ſua inſtancia lhe deſpacharaõ os Pontifices, tomaraõ huma riguroſa determinaçaõ, de que reſultou chamarſe, e vir Rey de fora, como ao diante veremos: que força nos ha de ſer tocar o ſucceſſo pera entendimento da noſſa hiſtoria. Entre tanto faziaõ ſeu dever os noſſos Prègadores trabalhando abrir os olhos ao Rey, e trazer ao caminho da rezaõ, e da virtude os miniſtros. Mas chegando o Santo Frey Gil, pareceo a todos os bem intencionados, que pola boa vontade que el Rey lhe tinha, e por ſua autoridade, e nobreza acabaria alguma couſa com elle, ou com os validos: e por iſſo era deſejada ſua vinda de todo eſtado de gente. Aſſi começou a fazer em publico, e em particular tudo o que devia a quem era, e ao conceito que delle ſe tinha, ſem grangear nem adular, ſem pretender, nem tratar mais que do bem publico. Mas foy Deos ſervido por ſeus occultos juizos, que nada aproveitaſſe. Deixou logo a Corte, por naõ parecer que autorizava af-

CAPITULO XX.

Dos grandes effeitos, que fazia no Santo a força do amor Divino, com diverſidade de enlevamentos, e raptos maravilhoſos. Contaõſe alguns. Dà principio ao Convento de Lisboa.

COſtumava o Santo Provincial por ſua grande humildade em meyo das mayores occupaçoens do cargo, viſitar com goſto os irmaons de caſa de noviços, fazerlhes ſuas praticas, inſinallos, e animallos. Achandoſe hum dia neſte Convento de Santarem com huns que de freſco tinha recebido, foylhes dizendo algumas couſas, e em particular como a melhor arma que avia contra as tentaçoens do Demonio era a oraçaõ: e a melhor, e mais perfeita oraçaõ conſiſtia em trazer ſempre a Deos diante dos olhos da alma louvandoo, deſejandoo, amandoo: que eſta purificava a alma de toda a culpa, e a habilitava pera paſſar a outro grào mais alto, e tal que quem a elle chegava, começava a ſintir neſta vida humas luzes da gloria, huns penhores da eternidade, que exprimentados ſe faziaõ eſtimar mais que todos os theſouros, e todos os Reynos da terra. Hia o Santo aſſi diſcorrendo, e deleitandoſe nos bens que prometia, ſe naõ quando de repente ſe lhe ata a lingoa, perde a fala, e fica mudo, e taõ profundamente arrebatado, que os moços que naõ tinhaõ viſto, nem ouvido couſa ſemelhante, ficaraõ primeyro paſmados, e ſuſpenſos: mas vendo que naõ tornava, julgaraõ que fora effeito de velhice, ou de can-

1238. aſſiſtindo, o que naõ podia remediar aconſelhando. Recolheoſe a deſcançar no Convento de Santarem, e tomar hum pouco de alento pera novo, e mayor trabalho, que era averſe de achar no anno ſeguinte de 1238 em Bolonha, onde pertencia o Capitulo geral futuro. Amava o Santo Provincial a caſa de Santarem, polas mercès que nella recebera do Senhor: e quanto tempo podia furtar aos negocios, tanto empregava com Deos por meyo de alta contemplaçaõ, taõ deſcuydado de tudo o da terra, que em qualquer momento que o deixavaõ, aſſi ficava na cella, como ſe vivera nos deſertos da Thebayda. Aly era o remontar ſobre todos os choros dos Anjos: unirſe por amor, ao abiſmo da ſoberana Divindade: aly o paſmar na Mageſtade, e abraſarſe em deſejos de romper as priſoens da carne, e ficar muitas vezes em eſtado que de todo parecia eſtar livre dellas, e tresladado jà ao Ceo. E era tal a ſuavidade, que neſta ſanta occupaçaõ achava, que quando della ſahia, ou era chamado pera negocios de ſua obrigaçaõ, teſtemunhavaõ os olhos com lagrimas, e o peito com ſuſpiros o muito que lhe cuſtava tiraremno della. Muitos caſos eſpantoſos lhe ſuccederaõ neſta materia, diremos alguns no capitulo ſeguinte.

canſaço : e avendo que ficava bem adormecido, deſpejaraõ o Oratorio, e recolheraõſe. Porèm brevemente foraõ deſenganados da calidade daquelle ſono com o caſo ſeguinte ſuccedido na meſma caſa.

Entrou huma manham pola enfermaria a viſitar os doentes: couſa em que recebia conſolaçaõ, e a dava grande. Chegouſe a hum que padecia dores, e eſtava impaciente com a força dellas, começoulhe a dizer algumas palavras pera o animar a ſofrer, e ſofrendo merecer. E na verdade traziaõ todas as ſuas huma certa virtude envolta que obrava maravilhas. No meyo dellas deu o enfermo hum ſoſpiro acompanhandoo com o nome de JESU. Foy couſa eſtranha, que em lhe ſoando nas orelhas aquelle ſanto nome, perdeo a corrente do que dezia, e derretendoſelhe a alma com ſuavidade, como ſe ouvira huma muſica dos Anjos, dezia cheo de alegria: Irmaõ Frey Martinho (aſſi ſe chamava o doente) ſabeis como he fermoſo, como he amavel, como he doce eſſe nome Divino? ſabeis as riquezas que em ſi encerra? E repetindoo muitas vezes levantouſe com força, como quem ſe abalança pera dar grande ſalto, ou pera correr, e alcançar alguem, e ajudandoſe do bordaõ que trazia na maõ. Mas neſta poſtura o deſemparou a alma adiantandoſe a fazer, o que o corpo moſtrou que queria, e deſejava, e voou taõ longe que ficaraõ os membros como huma eſtatua de marmore privados de todo ſintido, e movimento humano, encoſtados ou pendurados ſobre o bordaõ: e taõ fixos, e immoveis, que acudindo muitos Padres a lhe fazer força pera tornar em ſi com empuxoens, e aballos, naõ faziaõ mais effeito que ſe o ouveraõ com hum monte. Reſidia no Convento Frey Vicente de Lisboa que fora Medico de fama, e dos mais eſtimados da caſa del Rey dom Sancho, e o foy acompanhando deſpois quando deixou o Reyno como fica dito. Eſte fiado no muito que ſabia de Filoſofia humana, e querendo medir com ella as grandezas divinas, de nenhuma maneyra ſe perſuadia que podia aver tal genero de enlevamentos. Como o Santo ficou no eſtado que temos dito, naõ faltou quem folgaſſe de o aviſar. Veyo correndo, vioo, e naõ crendo ainda o que via, arrebatoulhe o bordaõ tendo por certo que viria ao chaõ tirado o arrimo. Mas ficando em pè, e ſem mudança, paſſou o medico de incredulo a cruel. Porque deſpois de provar forças pera o menear, deſpois de lhe tirar com aſpereza polos narizes, buſcou huma agulha com que lhe picou cruamente as maons, e ultimamente como ſe fizera auto de Inquiſiçaõ pera tirar a limpo negocio duvidoſo, trouxe huma vela aceſa, e naõ ſe deu por vencido atè que vio que nem com lhe queimar as unhas, e as pontas dos dedos, moſtrava ſintimento, nem dava acordo de ſi.

Muyto ordinarios eraõ eſtes raptos no Santo: e ſeria grande leitura eſpecificar todos. Mas o que teve em Leyria vindo de caminho merece ſer ſabido por huma grande circunſtancia que nelle ouve de mais, e pola publicidade com que foy celebrado. Caminhava pera Coimbra, e

acer-

acertou de fazer noite em Leyria em caſa de huma molher virtuoſa, e nobre, que chamavaõ de ſobrenome Pichena. Chegando entrou pera huma camara que lhe tinham concertada, e aſſentouſe na borda da cama pera deſcançar hum pouco. Como ſeu deſcanço era converſar nos Ceos, ſegundo a lingoagem, e vida de outro S. Paulo, tudo foy hum aſſentarſe o corpo, e voar a alma arrebatada de huma extaſi vehemente, que levou tràs ſi os membros atè junto do telhado. Acompanhavao Frey Andre Pires natural de Santarem que era novo neſtas materias, e entrando no apoſento ficou paſmado parecendolhe que via fantaſma. Quando cahio no que era julgou que ſeria bem decello: deu aviſo à ſenhora da caſa, juntaraõſe os criados, fizeraõ força, deraõlhe tormento com balanços, e aballos, e naõ ſomente o naõ puderaõ decer, mas nem levemente menear. Soubeſe do caſo na vizinhança, acudio toda, e paſſando a voz veo correndo o lugar inteiro com tanto alvoroço que naõ cabendo nas caſas ſobiraõ polos telhados, e deſtelharaõ a camara por verem a maravilha. Era alta noite, o Santo naõ tornava, nem os homens ſe podiaõ apartar feitos extaticos do que viaõ: em fim obrigados das horas do ſono deſpejaraõ. Paſſado grande eſpaço foy eſpertando, e tornou ao primeiro aſſento, e ſabendo do companheiro o que lhe acontecera, e o concurſo que ouvera, ſintido, e corrido de ſer achado com aquelle ſanto furto nas maons, pagouo com novo trabalho, que foy madrugar de ſorte, que quando amanheceo tinha feito muito caminho.

Ad Philip. 3.

Mas porque ao diante averà lugar de tornarmos a dizer mais alguma couſa dos effeitos que o amor Divino obrava no Santo, he tempo de darmos conta da jornada de Bolonha. E he de ſaber, que antes de partir de Santarem lhe chegou recado de ſer falecido o Meſtre Geral da Ordem o Santo Frey Jordaõ, e que ſe avia de fazer eleiçaõ de Geral. Achouſe o Santo a tempo com os mais Provinciais em Bolonha por Pentecoſte de 1238, e foy eleito o Santo Frey Raymundo de Penhafort. Deſta vez faço conta que trouxe o Provincial a capa de noſſo glorioſo Patriarca, com que enriqueceo o ſeu Convento de Santarem, alcançandoa do novo Geral ſeu grande amigo, e atè entaõ ſubdito. E porque naõ conſta do anno certo em que a ouve, ſendo couſa certa que a elle a devemos, tambem ha quem diga que lha deu o Meſtre Frey Jordaõ. E pera concluirmos com o que mais fez no tempo que lhe durou o trabalho de Provincial deſta primeira vez que ſervio: achamos apontado que de huma jornada deſtes Capitulos gerais que ſe faziaõ cada anno, tornando pera Eſpanha, nos tirou de França (naõ conſta do anno preciſamente) o grande, e ditoſo eſpirito Frey Bernardo de Morlans, pera filho de habito, e gloria de Santarem: de cuja vida, e morte ao diante falaremos largo. Pouco tempo deſpois, que foy no anno de 1241 aceitou o Convento de Lisboa, e a rogo del Rey dom Sancho Segundo, e com licença do Dayaõ, e cabido da Sè que eſtava vacante, lançou nelle a primeira pedra hum Biſpo eſtrangeyro, co-

1241.

como veremos adiante no titulo deſta caſa, onde pertence a relaçaõ inteira de ſua fundaçaõ por eſcuſarmos repitiçoens. O que aqui podemos dizer he, que procurar el Rey honrar, e acrecentar a Ordem em tempo que S. Frey Gil, e os ſeus Frades andavaõ afiados contra ſua fraqueza, e contra a força de ſeus miniſtros: nelle era obra de ſua boa, e pia inclinaçaõ: mas nos que o mandavaõ, e conſintiraõ no edificio, ou obrava a ambiçaõ de agradarem ao povo com alguma empreſa virtuoſa, ou era manha, e pretençaõ de aplacarem por eſta via ao Santo, e aos ſeus. Mas brevemente moſtrou o effeito que em ambas as couſas ſe enganavaõ.

Naõ ha clareza nos eſcritores antigos dos annos que o Santo governou a Provincia deſta primeyra vez, nem que rezaõ ouve pera deixar o cargo; sò nos conſta por huma conveniencia que adiante tocaremos, que na entrada do anno de 1246 jà eſtava livre delle. E ſem duvida podemos crer, que ou elle pedio abſolviçaõ, ou lha procuraraõ os privados del Rey dom Sancho, por abaterem de autoridade hum contrario, que por nenhuma via podiaõ mollificar.

CAPITULO XXI.

Como foy decretada a depoſiçaõ del Rey dom Sancho do Reyno: e como lha intimou em ſua peſſoa o Santo Frey Gil. Contaõſe as afrontas que por iſſo recebeo: e a revelaçaõ que teve no meyo dellas: e huma antiguidade, em que ſe moſtra quanto era eſtimado del Rey dom Afonſo.

TInhaõ chegado a tamanho eſtremo a remiſſaõ del Rey dom Sancho, e os exceſſos dos que o governavaõ, que os Prelados, e nobreza ſe determinaraõ em pedir ao Papa mandaſſe a eſte Reyno o Infante dom Afonſo ſeu irmaõ ſegundo, que em França vivia, naõ pera tirar o Reyno a dom Sancho, mas pera o governar com juſtiça, e melhores conſelhos em ſua vida, e ſucceder nelle por ſua morte naõ tendo filhos. Foraõ procuradores deſte requerimento o Arcebiſpo de Braga dom Joaõ Egas, e o Biſpo de Coimbra dom Tiburcio, que ſendo mandados por el Rey dom Sancho a outro effeito aceitaraõ de boa vontade a jornada pera negocearem com mayor affouteza, e mais a ſeu ſalvo o bem da Patria. Eſtava em Paris o Infante caſado com Matildis Condeſſa de Bolonha em Picardia, cidade que os Franceſes chamaõ Bilhon. Viraõſe os Prelados com elle. Deſpachou o Papa ſeus Breves pera o Reyno da depoſiçaõ de dom Sancho com as condiçoens acima referidas, que a lealdade Portugueſa apontou, e pedio pera naõ faltar, como nunca em nenhum tempo faltou no ponto della. He hum famoſo Decreto, que

Duarte Nunes de Liaõ na Cron. do Conde dom Anriq. f. 19.

Lib. 6. Decret. Capit. Grandi. Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Sanch. II.

que anda inſerto no Direyto Canonico. Com os Breves mandou Commiſſarios a Paris, que em preſença dos dous Prelados, e de Ruy Gomes de Briteyros, e Gomes Viegas fidalgos principais, e Frey Pedro Afonſo Frade Dominico, e Frey Domingos de Braga Franciſcano, como aceitantes todos deſte contrato em nome do Reyno, deraõ juramento ao Infante Conde na conformidade do Decreto. Paſſou eſte auto em Paris em primeiros de Setembro do anno de 1245, e logo como pola poſta chegaraõ treslados delle a Portugal, e mandatos do Summo Pontifice aos Religioſos de S. Domingos, e S. Franciſco que intimaſſem o que eſtava decretado pola Sè Apoſtolica a el Rey dom Sancho, e o publicaſſem nas cidades, e povo.

Eſtava S. Frey Gil deſpejado do cargo, quieto, e deſcançado na ſua cella: tinha obrigaçoens peſſoais a el Rey, e outras particulares por ſeus irmaons, e parentes que o ſerviaõ: mas tocavalhe por Prègador fazer ſua diligencia com o povo, em cumprimento dos mandatos Apoſtolicos: e por peſſoa de autoridade fazella com o proprio Rey. Neſtas contrariedades venceo o bem publico ao particular da carne, e ſangue: e peſou mais a obrigaçaõ de Miniſtro da Igreja, que a de ſua quietaçaõ. Poemſe em campo, e ſabendo certo que fazia embaixada de muito deſgoſto pera el Rey, e de grande perigo pera ſi, foyſe ao Paço, e com a liberdade de hum Bautiſta, declaroulhe no roſto, e na preſença dos poderoſos, que o cercavaõ, a vontade, e determinaçaõ do Pontifice. Era dom Sancho taõ froxo de natureza como temos viſto, e pera com Religioſos facil, e cheyo de ſantos reſpeitos: com tudo neſte caſo alterouſe, e tomou fogo. Porque tirarſelhe o Reyno avido por herança, confirmado como poſſe, nem elle ſe perſuadia que poderia nunca ſer, nem que averia quem tiveſſe boca ou eſpirito pera lhe falar em tal, (e aſſi lho faziaõ crer os que o enganavaõ em tudo o mais.) Queria reſponder, mas adiantouſe hum dos que o acompanhavaõ, e mandavaõ, e que mais deſaforadamente uſava de tal mando, e poder: e como em cauſa que por igual lhe tocava, deſatou furioſamente a lingoa contra o Santo em huma corrente de palavras injurioſas, e tais que naõ foraõ menos deſcortezes pera hum Rey que as ouvia, que pera as cans veneraveis, e habito Religioſo: porque entre gente de primor, e bom entendimento quaſi igualmente offendem as deſcortezias aos amigos, e enemigos. Hia o Santo apercebido pera dar a cabeça ao talho, ſe cumpriſſe; humilhoua às palavras, que às vezes he mais. Mas aquelle Senhor que dos ſeus Santos he taõ cuydadoſo, que nem hum cabelo da cabeça conſente que percaõ, como conſintirà que ſe lhe tire da honra? Aly meſmo lhe revelou logo o caſtigo com que determinava vingallo. Hia por ſeu companheyro Frey Andre Religioſo de autoridade, e que em ſecular profeſſara letras; quando vio, e ouvio o vilipendio com que o Santo foy tratado diante del Rey, e ambos lançados fòra do Paço, vinha paſmado, e queixavaſe como naõ fulminava o Ceo

Luc. 21.

ò Ceo coriſcos ſobre tanta maldade. Deixayo, Padre Frey Andre, reſpondeo o Santo, que pouco fez pera o deſaventurado fim que o eſpera, e lhe vereys cedo. Moſtrou o ſucceſſo brevemente comprida eſta revelaçaõ, e profecia. Porque entrando o Conde de Bolonha em Portugal, foy eſte hum dos primeyros que ouve às maons, e ſendolhe provados enormes delitos, fezlhos pagar por junto na forca.

Fr. And. de Reſende lib. 2. tract. 3. exẽp. 49.

Retirouſe el Rey dom Sancho pera Caſtella: viveo pouco mais de hum anno, e ſuccedeo o Conde no Reyno. E como as couſas delle naõ ſaõ de noſſa obrigaçaõ mais, que em quanto pertencem a eſta Hiſtoria, ou pera melhor entendimento della, ou por irem com ella travadas, iremos tocando sòmente algumas, que fizerem a noſſo caſo, como fizemos no ſucceſſo paſſado.

A primeira que ſe offerece he huma carta de confirmaçaõ que o Conde fez pouco tempo deſpois de recebido em Lisboa, e ainda antes de tomar o titulo de Rey, pola qual lhe confirma todos ſeus foros, e privilegios, viſta a pronta obediencia que nos moradores della achou aos mandatos Apoſtolicos, e em ſeu recebimento. Eſta anda tresladada nos livros da Camara em hum que chamaõ dos Prègos. E merece andar tambem neſte, pola honra, e lugar que nella tem S. Frey Gil, aſſinando com o Arcebiſpo de Braga, e com o Biſpo de Coimbra ao que parece, como confirmando, ſegundo uſo daquelles tempos, inda que o naõ declara. A carta tirada do original he a ſeguinte:

Livro dos Prègos f. 4.

ALfonſus filius illuſtris Regis Portugalliæ, & procurator regni eiuſdem, & Dei gratia Comes Boloniæ, Prætori, Alvazilibus, & univerſo Concilio Ulisbonenſi, in vero ſalutari Salutem. Cum propter malum ſtatum regni Portugalliæ, in quo fides, & iuſtitia crudeliter deperibat, ad magnum clamorem Prælatorum, Baronum, & Conciliorum, Dominus Papa ad ſupradictum regnum nos mitteret, ut ibidem fidem & iuſtitiam faceremus obſeruari: vobis qui mandato Apoſtolico & noſtro prudenter obediſtis contra inimicos fidei & iuſtitiæ, concedimus vobis chartas veſtras, & foros veſtros ſcriptos & non ſcriptos, & omnia iura ad veſtram ciuitatem pertinentia, ſicut ab antiquo habuiſtis, & vobis conceſſerunt progenitores noſtri, & promittimus ſeruare. Promittimus etiam vobis, quòd ſi qui fori mali inducti ſunt de novo contra vos, quòd eos tollemus, & conſeruabimus, & cuſtodiemus vos in bono ſtatu, quantùm Deus poſſibile nobis dederit intelligere. Et vt factum noſtrum firmius robur obtineat, hanc præſentem chartam ſigilli noſtri munimine fecimus roborari. Acta apud

Ulixbonam Menſe Februarij ſub Æra M. CC. LXXXIIII. præſentibus Dominis I. Archiep. Brachaven. & T. Epiſcopo Collimbrienſi, & G. commendatore de Mertola Ordinis Militiæ Sancti Iacobi, & Fratre Ægidio Ordinis Prædicatorum, & per Gillium Giron.

A traduçaõ em vulgar he a ſeguinte:

DOm Afonſo filho do illuſtre Rey de Portugal, e do meſmo Reyno adminiſtrador, e por graça de Deos Conde de Bolonha. Ao Corregedor, Juſtiças, e Alguazis, e a todo Conſelho, e Camara de Lisboa ſaude, no que he verdadeira ſalvaçaõ. Como quer que o Senhor Papa avendo reſpeito ao màо eſtado em que o dito Reyno eſtava por falta de verdade, e fidelidade, e juſtiça, me mandou que vieſſe a elle à petiçaõ, e requerimento dos Prelados, e fidalgos, e povos, pera ordenarmos que ſe guarde juſtiça, e aja bom governo. E vòs outros obedeceſtes aos mandados Apoſtolicos, e noſſos, ſem fazerdes caſo dos enemigos da verdade, e juſtiça. Por tanto vos concedemos, e confirmamos as cartas de voſſas liberdades, e voſſos privilegios, e foros, aſſi os que tendes por eſcrito, como os que sò em coſtume, e ſem eſcritura alguma gozais, e todos os mais direitos a voſſa cidade pertencentes, aſſi, e da maneira que polos Reys deſte Reyno meu pay, e avòs vos foraõ concedidos, e outorgados, e os tendes de tempos antigos, aſſi volos prometemos manter, e guardar. E outro ſi prometemos, que avendo de novo introduzidos alguns foros contra rezaõ, e em prejuizo de voſſa Republica, tiraremos, e vos guardaremos, e manteremos em todo bom eſtado, quanto o Senhor Deos for ſervido deixarnos com o entendimento alcançar. E pera que o que aſſi fazemos, e ordenamos, mais força, e vigor tenha, vos mandamos dar eſta carta com noſſo ſelo firmada, e autorizada. Feita em Lisboa no mez de Fevereyro da Era de mil e duzentos e oitenta e quatro (*reſponde ao anno do Senhor* 1246) ſendo preſentes dom Joaõ Arcebiſpo de Braga, e dom Tiburcio Biſpo de Coimbra,

e dom

e dom Gonçalo Commendador de Mertola da Ordem de Santiago: e Frey Gil da Ordem dos Prègadores. Eſcrita por Gíl Giraõ.

Bem ſe deixa ver que eſtava o Santo jà izento do cargo de Provincial, quando aſſinou neſta carta, porque naõ ſe eſquecera o eſcrivaõ de lhe dar o titulo da dignidade, ſe a tivera, como deu aos mais. E eſta he a conveniencia em que nos fundamos, como atràs fica apontado, pera o darmos por aſſolto della jà des do anno atràs.

CAPITULO XXII.

De alguns effeitos admiraveis da oraçaõ de S. Frey Gil, em que ſe vio por caſos differentes o muyto que por ella alcançava de Deos.

Fr. And. de Reſéd. l. 2. tr. 1. exẽp. 99. in vita B. Ægidij.

O Meſtre Frey Andre de Reſende affirma que ſuccedeo ao Santo o que agora queremos contar, quaſi vinte annos antes de ſua morte. Por onde nos cae bem no fim deſte anno

1246. de 1246, em que vamos: ou na entrada do ſeguinte, viſto como faleceo no de 1265 ſegundo adiante veremos.

Acabou hum dia de dizer Miſſa no Convento de Santarem, pera onde ſe acolhia, e recolhia todo o tempo que tinha por ſeu. Foyſe logo ao Coro, ſegundo ſeu bom coſtume, a dar graças ao Senhor de taõ alta mercè, como recebia naquelle Divino paſto. Sintioſe abalado do eſpirito. Quizſe retirar a lugar menos publico, pera lograr com mais ſegredo eſtes ſegundos bocados, demandou a Sacriſtia, Achandoa fechada, e naõ podendo mais reſiſtir a quem o chamava, aſſentouſe junto da porta, e deixouſe nas maons da diſpoſiçaõ Divina, como quem naquelle eſpaço naõ tinha vontade, nem era ſenhor de ſi. Começando a Pſ. 126. dormir aquelle ſono bemaventurado, que Deos dà a ſeus amados em arras da herança mayor que os eſpera, eſtava na Igreja huma nobre, e virtuoſa femea, moradora na meſma villa, e muito continua na noſſa Igrejà (chamavaſe Elvira Duranda.) E ou foſſe a caſo, ou que teveſſe alguma couſa que negocear com o Sacriſtaõ: ou porque na verdade todos os caſos da terra vem traçados, e acertados do Ceo, chegouſe a huma rede, ou ralo da porta, por onde ſem abrir reſpondia o Sacriſtaõ, a qual naquelle tempo em que os Frades ſe ſerviaõ ainda da ermida antiga, ficava defronte da outra da Sacriſtia, e deu com os olhos no Santo, que eſtava todo enlevado, e como paſſado deſte mundo. Detendoſe hum pouco, eis que vè decer ſobre elle huma coluna de luz mais clara, e mais bella que a do Sol, e logo ficar o Santo todo penetrado della, reſplandecendo como hum criſtal puro, tranſparente, e fermoſo, e do roſto lançando rayos, que ella comparava, por naõ achar ſemelhança mais propria, aos que reverbera hum eſpelho ferido do Sol. Ficou a molher attonita, e como fora de ſi, naõ crendo bem a ſeus olhos viſaõ taõ nova. E como ninguem lhe tolhia lograrſe della, deixou-

ſe eſtar na Igreja, como deſpois affirmava, eſpaço de duas horas, por ver em que parava: em fim vio yr mingoando, e deſaparecendo todo aquelle fogo, e o Santo tornando em ſi, mas com huns ſoſpiros arrancados do centro da alma, como quem perdia eſtado, que lhe cuſtava muito deixallo. E notou que ao partir ſe foy arrimando às paredes, e apalpando, como quem levava ainda a viſta, e os mais ſintidos enleados. Hum dos Padres antigos, que iſto eſcreveraõ, affirma que Elvira Duranda gritou, cuydando que o Santo ſe abrazava em verdadeiro fogo, e que aos brados acudio toda a Communidade, e foy teſtemunha do que temos contado. Foy o ſucceſſo pera eſta alma occaſiaõ de grande bem ſeu, e doutras muitas. Porque fazendo reflexaõ no que vira, e diſcorrendo com bom juizo que naõ podia ſer a caſo communicarſelhe aos olhos mortais huma maravilha taõ celeſtial, foy logo aſſentando conſigo levantar o eſpirito a hum genero de vida mais alto, e mais perfeito que o que atè entaõ ſeguira. Faltavaõ na villa Moſteyros de Freyras, reſolveoſe em fazer sò moſteyro por ſi (tanto pode huma boa inſpiraçaõ.) Recolheoſe ou ſepultouſe em huma eſtreita caſinha terrea que mandou edificar no ſitio, onde agora vemos o Moſteiro da Trindade, ſem mais entrada, nem porta, nem janella, que huma pequena freſta, ou ſeteyra pera luz, e péra receber a comida que lhe vinha de fora, e a ſeus tempos os ſantos Sacramentos da Igreja. A eſta animoſa molher foraõ imitando outras, e crecendo o numero vieraõ a dar principio ao Moſteyro que chamamos das donas da Ordem de S. Domingos, de que ao diante faremos particular titulo, quando lhe chegar ſeu anno. E nelle daremos larga relaçaõ da vida, e calidade deſta devota, e de ſuas companheyras, e da rezaõ porque a Ordem ſe encarregou dellas. Por hora baſte ſaberſe que ſe deve ſua origem a S. Frey Gil. L. 5. c. 20.

Ajuntaremos a eſte caſo outro, que tambem foy effeito notavel da oraçaõ do Santo, ſe bem por via, e termos differentes, e a meu parecer devia acontecer polos annos em que vamos, e ſendo elle Prior deſta caſa. Porque naõ o eſpecificando os autores antigos, da meſma narraçaõ ſe collige. Contaõ pois, que eſtando huma tarde com o Santo o Padre Frey Giraldo Domingues peſſoa de letras, e eſpirito, que por tal foy nomeado por el Rey dom Afonſo Terceiro, por hum de ſeus teſtamenteiros: era a converſaçaõ ſanta, eſtendeoſe, e entrou muito pela noite. Quiz o Santo antes de ſe agaſalhar, dar huma volta ao Convento, e ver como eſtava fechado, e cercado. Em ſaindo da cella começaõ a ouvir huma revolta eſpantoſa de eſtrondo, e grita, e vozes confuſas, que parecia ſoverterſe a caſa. E Frey Giraldo, que allumiava ao Santo, perdido de medo deixou cayr a vela, e cahio meyo amortecido. Animavao o Santo, e dezialhe. Naõ ha que temer, eu ſey o que iſto he, algum roubo me quer fazer o lobo tragador no Convento: e mandavalhe que foſſe a acender a vela. Neſte paſſo chegou o Supprior Frey Domingos Afonſo fazendo eſtremos

mos de ſintimento, e dizendo que naquella hora era fogido de caſa de noviços hum moço dos que melhor geito moſtravaõ, eſtando em veſpara de Profiſſaõ. E o que mais lhe dohia que ſe fora deſatinadamente, e com perigo por cima de hum telhado. Naõ me enganou o roubador, reſpondeo o Santo, bem lhe conheci os bramidos, mas em vaõ ſe alegra com a preſa, que ſe Deos he ſervido, eu lha arrancarey das unhas. E lançandoſe por terra no meſmo lugar, começou a orar polo fugitivo. E foy tal a efficacia da oraçaõ, que logo moſtrou o ſucceſſo que fora ouvido. Porque o noviço ſem ninguem o buſcar tornou polo meſmo telhado, e vindoſe buſcar a cella do Santo deu com elle, onde ainda jazia proſtrado em oraçaõ: e lançandoſelhe aos pès com eſpanto de toda a Communidade que eſtava junta, contou que o enemigo o tentara taõ apertadamente aquella noite, que como fòra de ſeu juizo o fizera lançar polos telhados ſem ſaber por onde hia: e buſcando deſpois por onde ſaltar fòra, lhe dera na cabeça huma vertigem que o embaraçara, e detivera: e querendo todavia lançarſe do telhado abaixo, lhe acudira Deos por tal modo, que ſem ſaber como, elle meſmo ſe reprendia com palavras tais que parecia lhas davaõ por eſcrito dizendo: Aonde vàs traydor? Para iſto te lançaſte aos pès de hum homem Santo pedindolhe te recebeſſe na Religiaõ? Para iſto o importunaſte que rogaſſe a Deos por ti? Hora ſus, tornate a elle, que pay he, e tu es filho: naõ te negarà perdaõ. Aſſi dizia derramando muitas lagrimas, e fazendo que todos o acompanhaſſem nellas. Levantouo o Santo, e levouo nos braços cheyo de alegria, como a outro filho prodigo: e naõ duvidou fazerlhe profiſſaõ no dia ſeguinte: nem o moço faltou polo tempo adiante nas eſperanças que tinha dado nos principios.

Aconteceo neſte tempo yr o Santo a hum Capitulo, e da volta paſſar por C,amora, onde avia jà de alguns annos hum muito religioſo Convento da Ordem. Deſejou deſcançar huns dias, e recrear ſeu eſpirito com o trato, e ſantidade dos ſojeitos que nelle reſidiaõ. Achou aqui enfermo hum ſeu conhecido antigo chamado Frey Pedro Fernandes de naçaõ Galego, e à differença doutro chamado Eſpanhol, de grande nome em letras, mas muito mayor em virtude. Lera Theologia em muitos Conventos da Ordem, e em Santarem tevera eſtreita familiaridade com o Santo, e fora ſeu filho de confiſſaõ. Viſitouo, e conſolouo, e perguntando deſpois a hum Padre amigo do enfermo, polo tempo, e eſtado da doença, elle lhe deu toda a informaçaõ, e juntou que fazendo por elle oraçaõ, como por peſſoa importante à Ordem, e amigo, tevera huma viſaõ, e naõ podia attinar com o que ſignificava: e era que vira ſobre hum monte alto ao enfermo cercado de muita luz, e acompanhado de dous mancebos, cuja diſpoſiçaõ, e ar excedia tudo o que a ſeu parecer podia aver na terra, de gentileza. Tornou o Santo deſpois a Frey Pedro, e ou foſſe polo que colligio da viſaõ como Santo, ou polo que entendeo do eſtado da doença co-

como Medico; e ſabendo bem com quem falava: Boas novas, diſſe, Padre Frey Pedro, boas novas vos trago. Alegrar, que he chegada a hora de vos yrdes pera o Ceo. Peçovos que em pago dellas ſaudeis em meu nome a Virgem Noſſa Senhora, e a noſſo Padre S. Domingos. Aſſi ficou alegre, e alvoroçado o doente com as novas da morte, como as pudera feſtejar de ſaude perfeita quem muito a deſejara: e cheyo de prazer, dezia: Meu irmaõ Frey Gil torneme a dizer iſſo, que naõ ha pera minha alma goſto igual. E dando inteiro credito à embaixada (que he facil de crer o que ſe deſeja) pedio as armas ſantas da Igreja que ſaõ os Sacramentos, os quais recebidos com tanta devaçaõ que a fez grande a todos, chamou ao Santo, e contoulhe com ſegredo, e lagrimas que naquella hora o viſitara a Virgem Mãy de Deos acompanhada do Dicipulo amado: e lhe poſera na cabeça huma fermoſa coroa que em ſuas benditas maons trazia: e o Dicipulo lhe poſera outra: mas naõ podia entender por onde lhe vinhaõ tamanhas honras, conhecendoſe por grande peccador. Reſpondeolhe o Santo que ambas lhe pertenciaõ. A da Virgem, pola pureza virginal que toda a vida guardara: a do Diſcipulo pola dignidade de Doutor ganhada com o trabalho de inſinar, e prègar. E ambas, acrecentava o Santo, vos alcançou o favor da Senhora, e a interceſſaõ do Diſcipulo. Peçovos que me encomendeis muito a ella. Levantou o enfermo as maons, e com grande ſegurança prometeo que o faria. E tràs iſto pedio que ſe fizeſſe final com as taboas pera ſe juntar a Communidade. Sendo juntos os Religioſos deſpedioſe de todos com palavras ſantas, e acabou com eſtas. Sabey certo, meus irmaons, que tem Deos particular amor a eſta noſſa Ordem, e que ſe agrada muito do ſerviço que ſe lhe faz nella: eſtimaya, e amaya com caridade, e obſervancia. Grande enemigo tendes no Inferno: muito aborrecer eſte monte Sion. Mas naõ ha que temer, que certo he naõ vos faltar o ſocorro do Ceo. Apoz eſtas rezoens paſſou da vida com tal ſeneridade, como ſe paſſara de huma cella pera outra. Eſte caſo he hum dos muitos que o Santo eſcreveo ao Meſtre Geral Humberto, e ſuccedeo algum tempo antes do anno de 1260. Como ſe prova de que o poz em memoria entre os exemplos dos Santos da Ordem Frey Gerardo Fraqueto no ſeguinte de 1261 por mandado do meſmo Geral. O que advirtimos, porque naõ falta quem faça a eſte Padre filho do Convento de Eſtelhà da provincia de Aragaõ, ſendo aſſi, que aquella caſa ſe começou a edificar quaſi polos meſmos annos de 1260, ou de 1259. E nòs temos conjeituras provaveis, que tomou o habito com os primeyros filhos do Convento de Montejunto, e por iſſo pertence a eſte de Santarem com que vamos continuando, porque que quem ler com attençaõ os caſos, que o Santo eſcreveo ao Geral Humberto, e andaõ referidos polos hiſtoriadores da Ordəm, acharà que ſaõ pela mor parte ſuccedidos em filhos dos Conventos de Portugal. Falou dos de ſua patria com quem tinha communicaçaõ eſ-

Fr. Gerardo Fraq. l. 5. c. 3. exemp. 16. dos Frades da Ordem Fr. Franc. Diago l. 1. c. 7. da provincia de Arag.

eſtreita, e pola meſma rezaõ mais certeza de ſuas couſas.

CAPITULO XXIII.

Vem a Santarem o novo Provincial. Achaſe preſente a huma extaſi do Santo. Dà el Rey dom Afonſo principio à Igreja de S. Domingos de Lisboa. Refereſe a familiaridade com que tratava a S. Frey Gil em Santarem. E como convaleceo da gota por ſeu meyo. Torna o Santo a ſervir o cargo de Provincial.

Reſende na vida de S. Fr. Gil l. 2. exemp. 2.

SUccedeo ao Santo no cargo, e governo da Provincia o Padre Frey Pedro de Hueſca (ſegundo achamos em Frey Andre de Reſende, mas ſem declaraçaõ, ſe foy ao primeyro cargo, ſe ao ſegundo) eſte Provincial decendo a Portugal em proſecuçaõ de ſeu officio veyo viſitar o Convento de Santarem: e como andavaõ na boca de todos, os raptos do Santo Frey Gil, foy huma das primeyras couſas que ouvio aos Frades, mas taõ pouca fé lhes deu como ſe fallaraõ dos maiores impoſſiveis da terra. Succedeo que ſe deteve alguns dias, e nelles (era por huma feſta) acabando o Santo de dizer ſua Miſſa pola manhã cedo, foiſe ao Coro, ſegundo ſeu coſtume: e antes de ſe pòr de joelhos, foy prevenido do Ceo: e aſſi como eſtava em pè, e direito ficou todo abſorpto. Acudiraõ os Frades logo ao Provincial, dizendo que podia deſenganarſe do que naõ cria, ſe quizeſſe dar poucos paſſos. Foy o Provincial, e achouo, como diſſemos, e primeiro por ſe certificar do que lhe affirmavaõ, chegoulhe a orelha à boca, e narizes, e naõ lhe ſintindo reſpiraçaõ nem anhelito, fez bater rijamente nas cadeyras com hum martello de ferro que a caſo ficara nellas a huns Carpinteyros do dia dantes. E naõ eſpertando o Santo de ſeu ſono, nem elle de ſua incredulidade, pozlhe as maons empuxandoo a toda força, com outras diligencias extraordinarias. Em fim quando lhe naõ ficou nada por tentar deu e por convencido, e acabou de crer com lagrimas de arrependimento, e compunçaõ.

Por eſte tempo que foy polos annos de 1249, começou el Rey dom Afonſo a grande machina da noſſa Igreja de Lisboa, como a vemos oje. Devia parecerlhe couſa pouca pera taõ grande cidade, e que cada dia hia crecendo, a que el Rey dom Sancho ſeu irmaõ fizera com o Convento: moſtrou ſeus eſpiritos na magnificencia, e ſumptuoſidade da obra, e o poder real na diligencia, acabandoa em dez annos, como ao diante diremos em ſeu proprio lugar. Fazemos aqui mençaõ della por ſer feita em vida de S. Frey Gil, viſto como naõ devia importar pouco pera el Rey ſe reſolver em tamanha fabrica a preſença do Santo, e o goſto que moſtrava de lhe fazer honra, e favor, como o declarou em muitas couſas outras polo tempo em diante. E foy huma vindo a Santarem por Dezembro do anno de 1251 communicar o Santo com grande humanidade, e brandura. Vindo ao Moſteyro muitas vezes, e pera o poder fazer mais familiarmente, e com menos nota da mageſtade, e autoridade real, como o Santo era velho, e enfermo, e por eſſa rezaõ tinha hu-

1249.

1251.

huma pobre cella ſeparada do Dormitorio comum, porque quaſi nunca ſahia della ſenaõ pera a Igreja, ou pera o Coro, mandoulhe el Rey prantar, e cercar hum jardim junto della, ao qual vinha, e nelle deſpedidos os fidalgos, e acompanhamento real ſe ficava sò, e devagar com o Santo: pera o qual tambem era de recreaçaõ a freſcura do arvoredo, e variedade das flores nos actos mentais em que ſempre andava occupado.

Creceo o amor que el Rey tinha a S. Frey Gil, com o que pouco deſpois lhe aconteceo com elle. Era el Rey dom Afonſo em ſua primeyra idade muito inclinado aos exercicios militares de juſtar, e tornear, e muito fragueiro nelles, e quando eſtes faltavaõ, nos da caça, e montaria. Eſta natureza ajudada do coſtume dos Franceſes, entre quem vivia, que ſaõ neſta parte incanſaveis, traziao enxuto de membros, ſaõ, e bem deſpoſto. Como eſteve no Reyno a occupaçaõ dos negocios, e governo apartou o dos exercicios corporais: foy logo criando carnes, e humores demaſiados, que com a carga dos annos pararaõ em gota. Começoulhe polos pès com grandes dores, como traz conſigo. Viſitavao o Santo algumas vezes. De huma que eſtava muy afadigado, e aſſentado em huma cadeira, por naõ poder ſofrer a cama: vendo que entrava o Santo a vello, perſuadiolhe a affliçaõ do mal, que naõ deixa couſa por tentar, que tinha na maõ o remedio. Eſtavaõ ambos de bordaõ, o que viſitava, e o viſitado. El Rey por doente, e o Santo por velho, e fraco. Ao deſpedir diſſelhe el Rey diſſimuladamente. Troquemos, Padre, os bordoens, que me parece melhor eſſe voſſo. Naõ alcançou o lanço a humildade; pareceo ao Santo que naõ podia el Rey dizer ſenaõ o que ſintia, e que feria juntamente querer honralo com a troca, como fazia em outras couſas. Foy couſa certa, e provada que fez milagre a fé del Rey, e a virtude do Santo, de ſorte que da hora que el Rey lhe tomou o bordaõ naõ ſintio mais dores, convaleceo, e ſarou perfeitamente. E ficou taõ certo que delle lhe procedera o bem, que por devaçaõ o trazia de ordinario na maõ por caſa. E acontecendo entrar no Paço muitos annos deſpois pejado grandemente, e quaſi manco do meſmo mal de gota hum Pero Martins Petarino, muito ſeu aceito, e do ſeu Conſelho, Alcayde mòr de Ourem, deulhe o bordaõ que trazia na maõ, e diſſelhe. Eſte tomey a Frey Gil, e me deu ſaude na minha gota, tambem vola darà a vòs. Levouo o valido, e valeolhe, como fizera à el Rey. Mas porque pode aver algum juizo agudo, que neſte ſegundo effeito ache mais poderes de adulaçaõ (por intervir privado) que de virtude, dallo emos autorizado com teſtimunho irrefragavel, terceira maravilha obrada por meyo do meſmo bordaõ com que deſde entaõ previnio os incredulos, e he a que ſe ſegue.

Na villa de Ourem aconteceo a hum Domingos Martins jantando pegarſelhe na garganta huma laſca de hum oſſo taõ aguda, e tenaz, que por muito que porfiou pola lançar, ou paſſar, nenhum remedio baſtou. Vendo

que

que ſe affogava, pedio que lhe trouxeſſem quem o confeſſaſſe. Em quanto foraõ buſcar o Confeſſor, creceo a opreſſaõ de maneyra, que quando chegou, jà naõ pode falar palavra. Ajuntaraõſe os vizinhos, ouve grande revolta. Chegou a nova do deſaſtre a dona Eſtefania molher do Alcaide mor. Tanto que ſoube o que paſſava, toma da maõ do marido o bordaõ do Santo, e dadiva del Rey, e mandao. Mandado fez milagre ſem ſoſpeita. Naõ fizeraõ mais que chegallo a tocar a garganta do meyo affogado, e logo lançou o oſſo. Acrecenta a Hiſtoria, que vendoſe livre ſe confeſſou: e deſpejada a garganta, e aliviada a conſciencia, tornou à meza a comer alegremente, donde ſe levantara pouco avia anguſtiado, e pera morrer. Foraõ teſtemunhas do milagre dona Eſtefania, e ſeu marido, e hum Capellaõ ſeu, que todos o contavaõ deſpois, e o Confeſſor Eſtevaõ Martins que ſervia na Igreja de S. Joaõ.

Tornando a noſſa Hiſtoria, ouve por eſte tempo na Provincia Capitulo de eleiçaõ, e foy eleito com a meſma vontade, que no antigo, o Santo Frey Gil. Era auſente por velho, e carregado de annos, e infirmidades: o trabalho immenſo pera homem muito robuſto, e muito advirtido em ſe poupar; quanto mais pera quem eſtava conſumido de penitencias, e ſobre tudo procedia no governo publico, e no de ſua peſſoa em todo o rigor da Regra: fezſelhe muy agro o aceitallo. Mas em fim obrigouo ſua charidade, e a inſtancia da Provincia. Começou a viſitar como quando tinha mais forças, Apoſtolicamente a pè, e ſem mais remedio que o que alcançava de eſmolas. E como eſte trabalho naõ tinha outro fim, ſenaõ a honra, e gloria de Deos, aſſi recebia delle a toda hora grandes mimos, e favores em ſua alma, e era grande o fruito que nas dos ſubditos fazia com ſeu exemplo, doutrina, e ſermoens. Se reprendia vicios, tinha tal efficacia no dizer, que fazia tremer, e paſmar de medo quem o ouvia. Se tratava das virtudes, ou dos bens do Ceo, abrazava os coraçoens em amor de Deos: e nelle meſmo ſe hia ſaboreando neſta muſica de ſorte, que muito amiude ficava no eſtado, que atràs diſſemos, de alheado dos ſintidos, e na meſma poſtura em que hia praticando immovel como huma coluna. Crecia o merecimento, faltavaõ conſolaçoens da terra: dobravalhe o Senhor as ſobrenaturais do Ceo.

CAPITULO XXIIII.

Manda o Santo Provincial Prègadores a terra de Mouros. Contaſe hum eſtranho caſo que lhe ſuccedeo caminhando por Caſtella: e outros em Portugal, todos em materia de eſpirito. Pede abſolviçaõ do cargo em Capitulo Geral; alcançaa. Contaſe huma penitencia que nelle ſe deu a huns Frades.

NAõ nos deixaraõ declarado os antigos o anno preciſo em que o Santo começou eſte ſegundo governo. Mas contandonos que eſtava muito adiante na idade, e a ſua chegou quaſi aos oitenta annos, como veremos em ſeu lugar, ſe der-

mos doze annos ao primeyro cargo, e outros tantos a ſeu ſucceſſor, veyolhe a entrar eſte polo de 1257, ou pouco mais, e jà ſobre os ſetenta da vida, que pera as naturezas daquelle tempo naõ era demaſiada velhice, ſe foraõ de vida mais folgada, ou menos perſeguida de rigores, que a ſua. Começando animoſamente a fazer ſeu officio, huma das primeyras couſas, em que entendeo, foy em dar cumprimento a humas letras do Papa Alexandre Quarto, polas quais particularmente encomendava, que ſe mandaſſem Religioſos prègar aos Mouros; e como dentro de Eſpanha avia grandes terras ſenhoreadas delles, naõ era neceſſario paſſar o mar: nem o Santo Provincial teve muito trabalho em buſcar ſojeitos que ſe arriſcaſſem à empreſa. Porque antes foy alvitre pera toda a Religiaõ. Deſpachou os que lhe pareceo que convinhaõ, e deixou a muitos ſintidos, e envejoſos. He bem de ver pera credito da Ordem a nota da Bula. Poremos sò algumas palavras della, por naõ eſtender leitura. E ſaõ as ſeguintes:

SAnè quia inter alios propugnatores fidei Chriſtianæ Fratres Ordinis tui, iuxtà profeſſæ religionis officium zelus comedit animarum; ex eis ad gentes, quæ Chriſtum Dominum non cognoſcunt, & ad ſubtractionis filios, qui ſacroſanctæ Romanæ Eccleſiæ non obediunt, decreuimus aliquos deſtinandos, &c.

Do que fizeraõ os inviados, donde eraõ filhos, e a que lugares foraõ, tudo deixaraõ noſſos mayores em ſilencio, e atè os nomes, que com letras eternas devem eſtar eſcritos no livro da vida (indigno ſilencio, e erro ſem deſculpa.) As couſas que sò eſcreveraõ em lugar deſtas iremos dizendo.

Continuando o Santo ſeus caminhos chegou à cidade de Quenca em Caſtella. Hia de paſſagem, porque naõ tinhamos inda aly Convento. Juntouſe alguma boa gente à novidade do habito que naõ tinhaõ viſto, pediraõlhe que quizeſſe prègar. Como eſta he a verdadeira obrigaçaõ da Ordem, ainda que moido o corpo do caminho, e o eſpirito dos negocios, naõ ſe ſoube eſcuſar. Recolheoſe com cedo pera ver algum livro. Leo hum eſpaço, paſſeou outro. Logo, ſintindo, ao que ſe pode entender, o impeto do eſpirito, arrimouſe ao leito, e lançando maõ da vela, meteoa debaixo delle (devia ſer com tençaõ de a apagar) mas ou foſſe deſcuido, ou naõ eſtar jà ſenhor de ſi, ficou em parte, que as pontas do cubertor, e lençoes eſtavaõ ao juſto ſobre a labareda, como poſtas affinte. Acompanhavaõ ao Santo neſta jornada Frey Joaõ Romo Galego, e Frey Pedro Belhoc Aragones. Chegaraõ à porta, viraõno enlevado, temeraõ perturballo, naõ quizeraõ entrar. E ou naõ notaraõ o eſtado, e o perigo do fogo: ou fizeraõ conta, que pois naõ fazia

da-

dano, a vela ſe iria gaſtando, e por ſi ſe apagaria. Mas o caſo foy, que o Santo amanheceo na poſtura, e ſono bemaventurado em que o deixaraõ à noite, e a vela tambem com elle no meſmo eſtado em que a tinhaõ viſta, ardendo, e nada conſumida, ſendo aſſi que naõ podia naturalmente durar mais que quando muito duas horas: e as pontas da roupa taõ communicadas com o fogo, que era impoſſivel deixarem de arder ſem intervir milagre claro, e manifeſto. Por maneira que conſideravaõ quatro milagres juntos. Primeyro, o rapto de huma noite inteira: ſegundo, arder outro tanto tempo hum pedaço de vela, que naõ tinha alimento pera duas horas; terceyro, arder, e naõ ſe conſumir; quarto, eſtarem ſobre o fogo toda huma noite eſtopa, e lam ſem ſe queimar, nem creſtar, nem ſomente ſe defumar.

A eſte modo vindoſe recolhendo polo alto de Portugal hum deſtes annos pera Santarem, lhe aconteceo caſo notavel no Moſteyro de Freyras de Arouca da Ordem de Ciſter. Pediraõlhe as Religioſas, que pois Deos o trouxera por aly, as quiſeſſe conſolar com huma pratica eſpiritual, e ſua. Aſſentouſe à grade do Coro, era preſente toda a Communidade: prègava a gente devota, e eſpoſas do bom JESU, que avia de ſer o ſermaõ, ſenaõ amores, e requebros do meſmo Senhor. Foyos propondo com huns termos taõ brandos, huns encarecimentos taõ vivos, e huma devaçaõ, e fervor tanto do intrinſeco da alma, que as Religioſas penduradas da ſanta eloquencia ſe hiaõ alheando de ſi, como com hum encantamento de força inviſivel. Mas tudo era pouco pera o que o Santo ſintia em ſi. Vioſe logo o effeito. Porque como tratava do que exprimentava cada dia, e o repetia com o meſmo goſto, e ſabor que o ſintia, e entendia, e lho communicava o Sol Eterno, foyſe arrebatando nelle atè hum ponto, em que alevantando as maons ao Ceo, em graças do muyto que deviamos a Deos, sò por querer, e conſintir que o amaſſemos, ſendo taõ ſoberano, e nòs terra, pò, e lodo, ficou como transformado em hum penedo, ſem voz, ſem anhelito, e o que he mais, ſem pulſo, e privado de toda a outra operaçaõ dos ſintidos, os braços, e maons em alto, na forma em que o tomou o rapto, e com o meſmo geito de boca, olhos, e ſembrante com que hia falando. E aſſi perſeverou algumas horas.

Mas o que lhe aconteceo deſpois que chegou a Santarem paſſa por tudo o que ſe pode dizer neſta materia. Entror hum dia na ſua cela Frey Pedro de S. Joaõ que o acompanhava, e lhe tinha cuidado della, e achouo levantado no ar, mais alto que a meza em que eſtudava, com as maons, e olhos ao Ceo. Tiroulhe polo habito a ver ſe o podia decer: como vio que trabalhava debalde, ſahio correndo a dar aviſo ao Prior Frey Eſtevaõ: e naõ o achando, tornou com Frey Pedro da Cruz, e Frey Afonſo de Toledo, que encontrou: mas acharaõno jà aſſentado, e quieto. Dezia Frey Pedro de S. Joaõ, que quando entrara da primeira vez lhe vira aberto o livro de S. Dionyſio Areopagita em hum lu-

Dionyſ. de Divinis nomin. c. 4.

lugar, onde aponta algumas excellencias do amor Divino, e como Meſtre, e exprimentado diz delle que enleva, e allumia a quem o poſſue: enleva com ſuavidade, e allumia com luz da gloria. E attribuya o rapto à liçaõ, pelo que ſabia que o Santo ſe pagava della. Eſte Frey Pedro da Cruz tinha ouvido das ordinarias extaſis do Santo, e ficou ſintido de naõ chegar a tempo que o viſſe neſta taõ differente. Mas naõ paſſaraõ muitos dias que tocandolhe por certa occaſiaõ acompanhar o Santo, ſe ſatisfez baſtantemente. Ficouſe hum dia deſpois de Completas rezando no Coro, e tornando jà noite cerrada, naõ achou o Santo na cella. Sahio ao jardim, ſenaõ quando ſe lhe offerece à viſta hum homem, como fantaſma pendurado no ar, roſto, e maons erguidas ao Ceo. Conheceo quem era, e todavia, como em couſa nova, ficou cheyo de medo, cuydando que poderia cayr com perigo: foy correndo em buſca do Supprior Frey Martinho Martins, contoulhe com admiraçaõ que acabava de ver hum corpo glorificado em retrato, e pediolhe que foſſem ambos a decello, e recolhello, viſto ſer noite. Aſſi começaraõ a martyrizar o Santo cada hum de ſua parte com forças, e aballos, atè que em fim ſe foy deixando mover, e o trouxeraõ em braços ao leito, mas naõ livre de todo daquella deleitoſa peregrinaçaõ dos ſintidos.

Eſtava o Santo em ſetenta e ſeis annos, taõ cançado jà, que naõ podia fazer caminho por ſeus pès; e todavia, por naõ deixar de acudir a correr a Provincia, ſerviaſe de hum aſninho, porque lhe naõ valiaõ rogos com o Geral da Ordem pera ſoltar por ley humana quem jà polas da natureza eſtava forro, e izento de todo trabalho, com a mayor força de todas, que era impoſſibilidade. Eſforçouſe na entrada deſte anno a caminhar duzentas legoas pera aparecer no Capitulo geral, que eſtava publicado pera Barcelona. Fez conta que alcançaria, ſendo viſto, o que naõ impetrava ouvido. Foy, pedio huma hora deſabafada de negocios pera morrer, pois em quanto tevera forças pera ſervir, nenhuma de trabalho refuſara. Moveo os Padres a piedade a velhice, a peſſoa, e a rezaõ, deraõlhe abſolviçaõ.

E porque o Santo velho devia ſer, como taõ anſiaõ, e autorizado, hum dos principais votos deſte Capitulo, naõ ſerà fóra de rezaõ que por ſua conta fique aqui em memoria huma penitencia que nelle ſe deu a hum Prior que avia ſido do meſmo Convento de Barcelona: e referillaemos polas meſmas palavras que ficaraõ nas Actas que oje eſtavaõ vivas, e ſaõ as ſeguintes:

FRatri, qui erat Prior quando Dormitorium Barchinonenſe fuit inceptum, & Fratribus, qui tunc erant ad dandum conſilium circà opera, ex quorum negligentia ſeu diſſimulatione factum eſt, quòd prædictum Dormitorium altitudinem ab Ordine prætaxatam excedit notabiliter, iniungimus

gimus tredecim dies in pane & aqua , & totidem diſciplinas. Et diſtrictè iniungimus , quòd domus , quæ adhuc ſunt faciendæ , non ſint altiores , quam in Conſtitutionibus eſt taxatum.

Querem dizer.

COndenamos ao Frade que era Prior deſta caſa de Barcelona , quando ſe começou a levantar o Dormitorio , e aos Frades a quem tocava dar conſelho na materia do edificio , em treze dias de paõ , e agoa , e outras tantas diſciplinas : viſto como de ſeu deſcuido , ou diſſimulaçaõ procedeo ficar o Dormitorio notavelmente mais alto , do que eſtà determinado pola Ordem. E em todo rigor mandamos , que as caſas , que eſtaõ por fazer , naõ paſſem da medida que nas Conſtituiçoens eſtà limitada.

Com eſte rigor ſe acudia entaõ a culpas taõ leves , claro argumento do que ſeria nas grandes , ſe as ouvera : e de quam entranhado andava nas almas o amor da ſanta pobreza.

CAPITULO XXV.

De algumas viſoens ſobrenaturais que o Santo teve : e milagres que por ſeu meyo , e oraçaõ obrou o Senhor.

VEyoſe o Santo Frey Gil pera a ſua cella a eſperar a ultima hora , começou a empregarſe todo no cuydado della , como ſe jà a tevera preſente , vivia no corpo huma vida que podemos chamar Angelica : taõ puro , taõ penitente , taõ vigiado atè do pò , e da ſombra das mais pequenas venialidades , como ſe entaõ começara os dias de ſua converſaõ de Palencia. Pagavalhe o Senhor com grandes miſericordias , humas vezes de viſoens ſobrenaturais moſtradas aos olhos , e viſtá corporal , outras de milagres patentes obrados por ſua oraçaõ , e interceſſaõ. Das viſoens era grande encubridor , porque algumas , que ſe eſcreveraõ , foraõ ſabidas a caſo , ou alcançadas por conjeituras. Como era velho , e naturalmente ſevero , naõ ſe atrevia ninguem a fazerlhe perguntas , e quem lhas fazia , ficava ſem repoſta , e corrido. Contava Frey Pedro ſeu companheiro , que eſtando o Santo hum dia ſobre o leito pola ſeſta , e elle tambem deitado naõ longe , acudira às feſtas , e alvoroço , com que o Santo levantando as maons , e batendo as palmas com os olhos no alto dezia : Ah meu Senhor Jeſu. Ah dulciſſimo Jeſu , no coraçaõ he rezaõ que vos eu traga : no coraçaõ andeis eſcrito , impreſſo , eſculpido. O' Senhora piadoſiſſima , Mãy de meu piadoſiſſimo Senhor. O' ſantiſſima Mãy de Deos.

Deos. O' Virgem glorioſa, Raynha da terra, Raynha do Ceo, que graças vos darà hum pobre homenzinho, hum bichinho da terra? E tendo Frey Pedro por certo que falava com viſta dos olhos manifeſta, ſegundo as palavras o teſtemunhavaõ, e vendoo taõ alegre, tudo lhe dera animo pera lhe perguntar, naõ pola viſaõ, de que eſtava ſem duvida, ſe naõ por algumas particularidades que deſejava ſaber. Mas o Santo ſem diferir à pergunta, lhe mandara que o deixaſſe, e repouſaſſe.

A Infante dona Sancha ſenhora de Alanquer, de cujas virtudes fizemos atràs larga relaçaõ, tinha tanta devaçaõ ao Santo, que naõ sò ſe levantava ao receber, quando lhe entrava por caſa: mas poſta de joelhos lhe pedia a bençaõ, e que a encomendaſſe a Deos. Vindo a falecer apareceo ao Santo a horas que elle começava a repouſar. Eſpertou hum pouco tornado, mas caindo logo em quem era quietouſe, e perguntoulhe como lhe hia. Muito bem me vay, reſpondeo a defunta, por mercè de meu Senhor Jeſu Chriſto, e por meyo de voſſas oraçoens. Eſta viſaõ contou o Santo a Frey Bartolameu Frade de grande religiaõ, e acrecentava que a defunta o deixara cheyo de celeſtial conſolaçaõ, ſinal certo da gloria immortal que jà poſſuya.

Celebrava hum dia em Santarem. Eis que no meyo da Miſſa fica ſubitamente arrebatado: e a cabo de grande eſpaço torna rindo, e fazendo feſtas com huma alegria taõ fòra do ordinario, que deu em que cuydar a muitos Padres, que acudiraõ ao rapto chamados do miniſtro: e faziaõ varios diſcurſos, tendo por deſcompoſiçaõ o que viraõ, em tal lugar, e tempo. Acabada a Miſſa, fezlhe pergunta o Prior polo que vira, e ouvira, como quem fora hum dos que o miniſtro chamara: e que cauſa ouvera pera tal, ſendo aſſi que ſempre acabava aquelles ſantos myſterios com lagrimas, e as extaſis com queixas, e ſoſpiros. Naõ pode o Santo negar nada a quem inquiria como Prelado, e foylhe contando que naquella hora ſe lhe repreſentara, e vira com os olhos corporais a alma de hum grande ſeu amigo, e grande Santo, que ſe hia ao Ceo cercada de reſplandores de gloria, e levada por maons de Anjos. Era eſte dom Gonçalo Mendes Geral da Ordem dos Conegos regrantes de Santo Agoſtinho deſte Reyno, que falecera em Lisboa, e vivendo na Ordem com grande exemplo alcançara o cargo ſem pretençaõ, e o ſervira com a meſma innocencia, e bondade com que o merecera, e cheyo de annos, e virtudes ſubia naquella hora a receber o premio verdadeyro. Notou o Prior dia, e hora: e achou deſpois que puntualmente entaõ acabara no Convento de S. Vicente de Lisboa.

Grandes couſas nos vay deſcobrindo a vida deſte Santo, quanto mais adiante vamos: e pera que nos naõ eſpantem as paſſadas, temos entre maons milagres que vencem as leys da natureza, com que a Omnipotencia Divina quiz honrar, e acreditar ſeu Servo. No tempo que ſe edificava o Convento de Lisboa, em quanto naõ avia baſtante gaſalhado pera os Religioſos que jà aſſiſtiaõ na Cidade

de prègando, e doutrinando, tinhalhes dado huma dòna principal chamada dona Urraca hum quarto das caſas em que vivia, porque alèm de ſer rica, e devota do habito, era mãy de Fr. Domingos Martins que eſtava na Ordem. Vivia na cidade huma molher honrada que padecia fluxo de ſangue avia dezenove annos: como andavaõ na boca do povo as maravilhas que Deos obrava por S. Frey Gil, pedio a dona Urraca, que vindo elle à cidade quizeſſe avizalla. Paſſados poucos dias ſoube que era chegado: veyo logo a caſa, lançouſe aos pès do Santo, tomoulhe o eſcapulario, beijouo com devaçaõ, deſculpando o atrevimento com a neceſſidade que padecia, e eſperança do remedio que a obrigava. Acudiraõ os Religioſos que eraõ preſentes por interceſſores. Diſſe o Santo aos Frades, ſeja Chriſto JESU com ella: e a ella. Ide embora filha. Acudavos Deos ſegundo voſſa Fè. Foyſe, e foy ſam des daquella hora, e de todo ponto livre do mal.

Dez annos avia que era caſada Maria Antioca, e julgada jà por eſteril dos Medicos, com quem ſe tinha cançado, e deſpendido, deſejando ver hum filho, e ſucceſſor em ſua caſa. Determinou buſcar o remedio em Deos, onde nunca falta a quem o ſabe pedir. Tinha particular devaçaõ com o Padre S. Domingos: e a meſma com o Santo Frey Gil polo que delle ouvia; foyſe hum dia a elle, e pediolhe com encarecimento, quizeſſe alcançar do Padre S. Domingos ſe lembraſſe della, prometendo a ambos, que ſe Deos lhe deſſe hum filho, ella lho tornaria dandoo à Ordem. Paſſados poucos dias, ſintioſe prenhada, teve hum filho, chamoulhe Domingos, e cumprio a promeſſa fazendo o Frade. Affirma hum eſcritor muyto antigo, de quem tomamos parte deſta Hiſtoria, que o alcançou na Ordem, moço de taõ bom natural, que logo parecia filho de oraçoens de Santos.

Correo a voz pola terra: acreditouſe logo o milagre com outro em tudo ſemelhante. Tornavaõ de Sevilha pera Lisboa pola via do Algarve Frey Martim Gonçalves natural de Lisboa, e Frey Eſtevaõ Verdugo. Chegando a Fàro, agaſalhouos em ſua caſa Diogo Affonſo Alcaide mòr da terra. Antes de ſe deſpedirem tomouos a parte dona Micia ſua molher, e teve com elles longa pratica, dizendo que des que ſe entendera, tevera ſempre grande inclinaçaõ, e devaçaõ à Religiaõ de S. Domingos, e folgara de lhe fazer todo bem que em ſua maõ fora: e de preſente era particular devota do Padre Frey Gil, e ainda que o naõ vira nunca, em auſencia o reſpeitava, e venerava como a Santo: e deſejava ſaber ſe era verdade o que lhe tinhaõ dito, que por ſuas oraçoens era Maria Antioca mãy de hum filho. Porque ſe tal era, naõ deſmerecia ella ao Santo, e à ſua Ordem alcançarlhe de Deos ſemelhante favor, pois eſtava na meſma neceſſidade, avendo muitos annos que era caſada, e temia que a falta de filhos foſſe cauſa de ſeu marido ſe vir a deſgoſtar com ella, vivendo ambos em tudo o mais com muita conformidade. Deraõ os hoſpedes por couſa certa o que ſe dezia

zia de Maria Antioca. E quanto à ſua neceſſidade, e petiçaõ prometeraõ ſer diligentes procuradores, tanto que chegaſſem a ver o Santo. Quando o viraõ, naõ foraõ deſcuydados: propozeraõlhe a cauſa, e os merecimentos da boa ſenhora, ajunta-raõ rogos. Obrigado o Santo diſſelhes que o ajudaſſem com outros Religioſos, que eraõ preſentes, a rogar por ella offerecendo a Noſſa Senhora a Antifona *Salve Regina.* Rezoua de joelhos, e diſſe a oraçaõ. E dona Micia veyo parida de hum filho daquelle dia a nove mezes: e por ſe deſindividar em alguma couſa com o Santo, chamoulhe no bautiſmo Diogo Gil.

Os caſos prodigioſos naõ perdem a eſtranheza por acontecerem às vezes em ſojeitos, e occaſioens de menos importancia, quando Deos he ſervido de tambem nas tais dar honra a ſeus ſervos. Foy couſa certa, e com muitas teſtimunhas dignas de fé confirmada, que achandoſe o Santo na Azoya, lugar do termo de Santarem (era eſte lugar do Dayaõ de Lisboa ſeu irmaõ, e por iſſo acudia là algumas vezes, quando o Dayaõ era preſente,) e começando a fazer huma pratica eſpiritual aos moradores, aſſentados todos no campo, apareceo junto delles hum gallo, e começou tambem ſua natural muſica, replicandoa com tanta importunaçaõ, e deſentoamento, que o Santo lhe arremeſſou o bordaõ: e foy taõ certeyro que o derribou morto. Recolheoo depreſſa hum dos ouvintes debaixo da capa, porque o Santo naõ teveſſe deſgoſto, como era certo ſe o vira morto. Acabada a pratica, como o Santo naõ ouvio mais o ſeu muſico, julgou o que era. Pedio que lho trouxeſſem, e quando o vio, começouſe a culpar de demaſiado colerico contra hum animal irracional, e pondo os olhos no Ceo tornou logo, e tocando o gallo com a ponta do bordaõ: Ea, diſſe, levantaivos dahi, tornaime logo a voſſo officio, e louvai o Criador. No meſmo ponto ſe levantou, e batendo as azas foy dando ſaltos, e cantando com eſpanto, e alegria dos circunſtantes. Lembrado eſtou que outro caſo ſemelhante ſe conta no livro que chamaõ Vidas dos Padres da noſſa Ordem, e sò faz differença no lugar, mas como diz juntamente que foy eſcrito polo Padre Frey Gil, ſem dar nome do autor da maravilha, podemos crer, que o quiz o Santo disfarçar eſcrevendo, por naõ confeſſar que ſaira de ſuas maons (como jà o temos advirtido em outros caſos.) Porque naõ ha duvida que eſte ſuccedeo na Azoya, ſendo preſentes Frey Bernardo de Morlans, e Frey Bertolameu Pires, Frey Domingos da Cinceira, Frey Pedro da Cruz, Frey Joaõ de Marvilla, e Frey Jordaõ de Torres. E acrecenta hum eſcritor muito antigo, que alcançou ainda huma Ermiſenda molher de bem, moradora do meſmo lugar, que ſe achara preſente ao milagre, e o contava na meſma forma.

CA-

CAPITULO XXVI.

De algumas couſas milagroſas que o Santo fez por ſua maõ.

MIlagres de Medico Divino temos pera eſte Capitulo, que cura doenças, ou sò com o tacto de ſua maõ, ou com couſas contrarias às meſmas doenças, bem como o fazia Chriſto Senhor noſſo, e como o dezia a ſeus diſcipulos, que o fariaõ elles ſe teveſſem fé, e outras maravilhas muito mayores. Diremos primeyro algumas ſemelhantes: adiante pode ſer que
Act. 5. as achemos aventajadas. Que ſe a ſombra de S. Pedro preſente dava ſaude aos enfermos que alcançava: aqui acharemos remedio dado a muitos sò com a fama, e nome, ou com a invocaçaõ de S. Frey Gil auſente. Acudiaõ de continuo ao Santo muitos enfermos, huns como a Medico grande que era dentro dos limites da Filoſofia, e eſtudo, e que curava de graça: outros que ſabiaõ ſua virtude, com fim mais alto, e como a Santo Juntaraõſe hum dia na noſſa portaria dous: hum taõ perdido de mal de olhos, que naõ sò os trazia correndo humor continuo, e cubertos de nevoa, mas peſtanas, e ſobrancelhas peladas, e comidas, e faltando pouco pera cego de todo. O outro com força de doenças, e falta de cura viera a encurvarſe, e alcorcovarſe de ſorte que naõ era ſenhor de levantar a cabeça, nem olhar direito. Cada hum por ſua via obrigou ao Santo a compaixaõ. E detendoſe hum pouco, como que cuydava no remedio, mandou ao Porteyro Frey Joaõ que lhe trouxeſſe hum pouco de azeite, benzeoo com o ſinal da Cruz, e huma breve oraçaõ, e untou os olhos ao cego. Acudio hum Padre que chamavaõ o Medico, porque o fora em ſecular, reprovando tal genero de mezinha, viſto ſer o azeite totalmente contrario à viſta. Toda a arte, reſpondeo o Santo, ceſſa onde ha fé. Naõ vos lembra que contra toda a rezaõ de Fiſica curou Chriſto a hum cego com lodo, e nos deixou dito, que quem teveſſe fé poderia beber ſem dano vaſos cheyos de peçonha? Pois, a eſte azeite, eſpero, e confio eu nelle, que ha de dar tal virtude, que cure onde coſtuma a danar. È aſſi foy, porque untando peito, e coſtas ao contreito, como fizera aos olhos do cego, ambos ſe tornaraõ ſaons, hum direito, e ſaltando, outro allumiado, e logrando os bens de viſta clara.

O meſmo effeito fez a maõ do Santo eſtando em Coimbra, em hum moço filho de Joaõ Paes cidadaõ honrado, que eſtudava pera Clerigo, e tinha jà beneficio em S. Bertolameu. Deraõlhe alporcas, e tinhaõlhe o peſcoço taõ afeado de landoas groſſas, e eſcaras, e vermelhidoens, (era uſo da mayor antiguidade o que agora vemos renovar de peſcoços deſcubertos: melhores couſas puderamos tomar della) que ſe naõ atrevia aparecer em publico. He o mal rebelde à Fiſica, e nelle eſtava incuravel: deſpois de tempo, e muito gaſto perdido com medicos. Naõ faltou quem o aconſelhaſſe que ſe valeſſe do Santo. Foyſe a elle por meyo de Frey Eſtevaõ Beſa. Deulhe conta de ſi, moſtrou-

lhe o peſcoço. O Santo, que era todo brandura, e piedade, pozlhe as maons, e fezlhe o ſinal da Cruz. Sem outro feitio em poucos dias ſe lhe veyo a juntar todo o humor venenoſo em hum lugar, onde ſuporando, e ſaindo em materia podre deixou o peſcoço enxuto, e ſem groſſura nem pejo, ficando sò algumas coſturas leves como em memoria do milagre.

E porque naõ ſayamos de Coimbra: na meſma cidade huma Maria Godinha filha de Godim Paes o moço, ficou de huma longa doença taõ ſeca, e mirrada de carnes, que com nenhum remedio tornava em ſi, e ſe dava por etica. Tinha aſſentado ſua mãy Mor Sueyra levalla ao Santo, mas hiaſe dilatando de dia em dia, atè que obrigada de hum forte accidente de convulſaõ de todos os membros, e febre juntamente, ſe vieraõ mãy, e filha ao Santo: e fazendolhes elle o ſinal da Cruz ſobre as cabeças, tornaraõ com o remedio que buſcavaõ.

Era primo do Santo Martim Gonçalves Chacim fidalgo principal de nobreza antiga, e conhecida entaõ, apagado oje, como muitas outras que o tempo extinguio. Quiz hum dia feſtejar o Santo em ſua caſa, e como ſabia que naõ comia carne, apercebeo hum banquete de peixe, quanto podia ſer, eſplendido. Chamou parentes, e amigos, eſtendeoſe a comida. E procurando que ouveſſe alegria, rogava aos convidados que comeſſem: e occupado todo niſto, e em mandar os criados, e governar a meza, deſcuidouſe tanto de ſi, que levou em hum bocado huma eſpinha envolta, a qual ſe lhe ferrou na garganta de ſorte, que por muita força que fazia, naõ podia paſſalla, nem lançalla fóra. Começou a temer, e affligioſe, o roſto feito braſa, e os olhos que lhe ſaltavaõ de inchados, os convidados com toda a caſa torvados, e deſcompoſtos. Aqui acudio o Santo, e eſtendendo o braço pozlhe a maõ na garganta, e feito nella o ſinal da Cruz mandoulhe que tuſſiſſe. Eſtava jà taõ trabalhado, que o naõ pode fazer ſem muita pena. E logo ſe deſpegou a eſpinha, veo fóra, e ficou quieto.

Iſto, que a Martim Gonçalves ſuccedeo com eſpinha, aconteceo puntualmente a hum pobre homem do lugar, que diſſemos da Azoia, com hum oſſo. Bebia huma eſcudella de caldo de vaca com deſcuido, ou com apetite, e fome de pobre, levou nelle de volta huma laſca de oſſo que ſendo aguda de huma, e outra parte ſe lhe atraveſſou na via da comida: fez força pola deſpedir, e o impeto de homem robuſto, e forçoſo, naõ ſendo baſtante pera a deſaferrar, e cuſpir, foy parte pera a encravar mais: aſſi ficou em eſtado que nem podia falar, nem paſſar couſa de mantimento. A cabo de poucos dias começoulhe a criar inchaçaõ de huma parte, e doutra: com que ſe lhe hia apertando a reſpiraçaõ, e tomando o folego, e começava a deſeſperar da vida. Aqui acudiraõ os parentes, poemno em huma cavalgadura, daõ com elle em Santarem à porta do noſſo Convento: pedem que lhes deixem ver o Santo, e darlhe conta de ſuas laſtimas. Diz a Hiſtoria que ſe acharaõ com elle Frey

Ber-

Bernardo de Morlans, e Frey Pedro da Cruz; e dandolhe conta do caſo, perguntava o Santo a Frey Bernardo que ſeria bem aplicarlhe, como ſe determinara curallo com a fiſica humana, e ordinaria: e Frey Bernardo, que tinha entendido o mal de raiz, reſpondeo. Naõ he eſte o caſo que ſe cura aſſi, Padre Frey Gil: o poder de voſſa grande fé he o que lhe ha de valer; que pera remedios humanos jà naõ he tempo. Todavia mandou o Santo que lhe deſſem huns bocados de paõ, a ver ſe engolindo lançavaõ o oſſo abaixo: mas foy diligencia perdida: antes, como interiormente avia jà tumor crecido, pozſe o pobre em perigo de ſe affogar com a força, e groſſura do bocado. Pedio entaõ hum pouco de azeite, e untandolhe a guela pola parte de fóra, donde ſe queixava, e feito o ſinal da Cruz em cima, mandou que lhe lançaſſem ſobre a cabeça a capa do Padre S. Domingos, pretendendo que a honra do milagre ſe atribuiſſe à virtude da capa, e de ſeu dono, antes que à ſua maõ. Começaraõ a entrar na Igreja pera fazerem o que o Santo mandava: eis que ſubitamente ſente o doente reſolverſelhe toda a inchaçaõ, e aperto da garganta com huma leve toſſe que lhe acudio: e ſubindolhe à boca hum golpe de ſangue piſado, e materia imperfeita, que vomitou, ſahio de miſtura a laſca do oſſo enſangoentada de ambas as pontas. E com tudo naõ quiz o Santo que deixaſſe de tocar a capa de noſſo Patriarca, pera que a ella referiſſem o remedio.

CAPITULO XXVII.

De outros caſos milagroſos obrados por interceſſaõ do Santo auſente: mas ainda vivendo na terra.

AGora diremos os milagres que obrou auſente, eſtando ainda vivo, e ſaõ, e em carne mortal. E veremos acudir a Omnipotencia Divina à fé dos que chamavaõ por ſeu ſervo: ou ſe valiaõ de alguma couſa que ouveſſe andado em ſeu uſo: como ſe com elle em tal grào ſe achara empenhada, que lhe pudeſſem fazer força merecimentos humanos: merecimentos que quando os ha, ſaõ dadiva, e mercè ſua, nem tem mais valor que aquelle que o meſmo Deos he ſervido darlhes. Atràs deixamos eſcrito o bom ſucceſſo que el Rey dom Afonſo teve na troca do bordaõ que trazia por gotoſo, com o que o Santo uſava por velho. Mas em couſas ainda de menos ſuſtancia moſtraremos igual, e eſpantoſo effeito.

Indo o Santo pera Coimbra com Frey Bertolameu Pires por companheyro, entrou de caminho em hum Convento de Conegos regrantes de Santo Agoſtinho de hum lugar que os Eſcritores chamaõ Colmeas. Receberaõno os Frades com amor, e alegria: e na meza foy agaſalhado com tudo o bom que avia em caſa. Sò do vinho lhe pediraõ perdaõ, queixandoſe que ſe danara todo ſem ficar huma gota que preſtaſſe: com que ſe paſſava aſſas trabalho no Convento. Agradecia o Santo a boa ſombra, e vontade que enxergava em todos: e ſem fazer ca-

ſo de mais, dezialhes que nenhuma couſa dava melhor tempara à comida, nem mais ſabor ao vinho: e que pera a ſua arte fora agaſalhado muito melhor do que pudera deſejar. Eſta benignidade, e ſingeleza do Santo obrigou ao Adegueiro a fazer conceito, que naõ ſem cauſa ſe contavaõ tantos louvores de ſua virtude, e querer valerſe della. E tomando occaſiaõ de lhe ver na maõ huma agulha, que a caſo tirara da manga (outros eſcrevem que era cabacinha que lhe ſervia no caminho pera agoa, e a trazia pendurada da cinta) pediolhe que lha deixaſſe ver, e foyſe com ella a adega, e lançoua dentro em huma grande cuba, em que eſtava recolhida toda a novidade daquelle anno, e taõ mal parada, que nenhuma parte tinha de que ſe pudeſſe eſperar bem. Ajuntou oraçaõ breve, mas cheya de fé, e devaçaõ, dizendo, que em nome do Senhor, e de ſeu ſervo Frey Gil ſe atrevia a fazer aquella diligencia, confiando que por ſeus merecimentos, e por ſer couſa que trouxera nas maons, e em ſeu uſo, ſeria ſua Divina bondade ſervido que o vinho melhoraſſe: e aſſi teveſſem os pobres Frades com que paſſar o anno, e ſeu ſervo ficaſſe honrado. No dia ſeguinte foy tirar vinho pera a Communidade: lançado nos copos, de turvo apareceo claro, de groſſo delgado, e o que mais he, trocado em cor, e ſabor, e em fim como dado de milagre. Foy grande o eſpanto nos Religioſos, mas naõ durou mais que quanto tardaraõ em ſaber o feitio que o Adegueiro fizera, e o que deviaõ por elle aos merecimentos do Santo, de quem jà ſabiaõ couſas mayores.

Entre os meſmos Frades, mas em lugar differente, e differente occaſiaõ, quiz Deos pouco deſpois acreditar tambem ſeu Servo. Foy a Igreja de Anſede no Biſpado do Porto Moſteyro de Conegos regrantes, antes que vieſſe a Ordem de S. Domingos que agora a poſſue. Paſſavaõ polo lugar Frey Miguel Joaõ natural do Porto, e Frey Roberto Frades noſſos: foraõ convidados dos Padres do Moſteyro com amor, e cortezia, e comeraõ alguns com elles. Veyo à meza ſavel, que acodem muitos ao Douro, que aqui perto corre, e de nenhum rio de Eſpanha ſaõ taõ ſaboroſos nem tamanhos, como os que ſe peſcaõ nelle, e no Minho. Succedeo a hum dos Padres de caſa, com preſſa ou deſatento atraveſſarſelhe huma eſpinha que acertou a ſer mais teza do que coſtumaõ as muitas com que a natureza armou eſte peixe. Procurou deſpedilla toſſindo, fez muita força, naõ baſtava nada: eſtando todos confuſos, diſſelhe Frey Miguel em voz alta, que nomeaſſe o Santo Frey Gil, que Deos lhe acudiria por ſeus merecimentos. Tudo foy hum chamar polo Santo, e vir a eſpinha fóra, e tornarem a comer alegremente, e ficarem todos por mais titnlos devotos do Santo.

Coſtuma a Divina bondade honrar muitos Santos com particulares graças, pera ſerem mais eſtimados dos homens por ſua interceſſaõ em ſeus males, e neceſſidades remedeados. Aſſi buſcamos a S. Joaõ Bautiſta pera dores de cabeça, a Santo Inacio pera mal do coraçaõ, a S. Paulo

lo contra as quèdas dos cavallos, S. Bento contra venenos, S. Domingos pera livrar de febres, S. Pedro Gonçalves Telmo das tempeſtades do mar, e muitos outros Santos de varias infirmidades. Parece que quer Deos que naõ fiemos demaſiado nas boticas de medicamentos humanos: offerecenos eſta do Ceo. Em males de garganta teve o Santo Frey Gil em vida, e morte grande favor do Senhor. Dos que curou vivendo temos ainda tres caſos, que por ſerem quaſi ſemelhantes, iraõ juntos. No primeiro foy curado Frey Vicente o Medico, aquelle de quem contamos humas muy apertadas, e pouco cortezans experiencias, que quiz fazer das extaſis do Santo. E aconteceolhe o que he ordinario aos que dalguma maneira peccaõ de protervos, e teymoſos por cabeça, que vendo naõ vem: inda quando ouvia fallar nellas, ou torſia o roſto, ou marchava, por naõ dizer duvidava. Mas veyo a deſenganarſe com lhe fazer ſintir na garganta huma dura eſpinha o que elle procurou que ſintiſſe o Santo quando lhe picava as maons, e queimava os dedos. Era em Coimbra diante de toda a Communidade do Convento, e d'alguns cidadaons, que foraõ aquelle dia convidados. Ferrouſelhe a eſpinha na guela taõ vivamente como ſe fora huma agulha. Vioſe atribulado, e como deſeſperado, porque a naõ podia paſſar nem arrancar: e ſem comer mais bocado encoſtouſe à parede quaſi deſmayado. Lembrouſe entaõ que ainda que os Santos ſejaõ pouco vingativos, tinha juſta pena de ſuas incredulidades. Em fim cumprioſe nel-
Eſa. 28. le o que eſtà eſcrito, que os trabalhos daõ entendimento. Encomendouſe de coraçaõ ao Santo, e logo com huma leve toſſe, e ſem nenhuma força veyo a eſpinha envolta em ſangue: guardoua, e moſtravaa deſpois.

O ſegundo foy livre de hum oſſo de peixe atraveſſado na garganta, com igual perigo, e com a meſma devaçaõ. Chamavaſe Payo Rodrigues morador em Torres novas, onde era Almoxarife das rendas da Rainha: e coſtumava agaſalhar em ſua caſa os noſſos Frades quando hiaõ aly prègar, e eſte dia jantavaõ com elle Frey Miguel Martins, e outro.

O terceyro caſo foy em Portalegre, ſendo preſentes Frey Durando Eſtevens, e Frey Nuno, e jantando ambos com o Prior da Igreja de Noſſa Senhora dom Andre. Jantavaõ juntamente alguns Clerigos, e hum delles por nome Domingos Joaõ levou inadvertidamente huma eſpinha de Savel (que he peixe grande caſtigador de goloſos) e eſtando meyo affogado, e em grande eſtremo de affliçaõ, tanto que chamou polo nome de S. Frey Gil, à inſtancia de Frey Durando que lho lembrou, lançou huma eſpinha retorſida como hum anzol toda enſanguentada, que moſtrou a todos, naõ ſe fartando de dar graças a Deos, e ao Santo, que peregrinando ainda entre os mortais tanto favor alcançava de Deos. Foy mais teſtimunha deſte milagre Frey Joaõ de Portalegre, que entaõ era moço, e ſecular, e ſe achou preſente no jantar.

CA-

CAPITULO XXVIII.

Do grande nome que o Santo tinha em toda a Ordem, e por terras eſtranhas : e de ſeu felice tranſito.

Senec. Filoſ.

SAõ companheyras inſeparaveis da virtude, como a ſombra do corpo, honra, e fama glorioſa : e tal he o agradecimento, com que ella paga a quem a ſegue, tal o intereſſe que rende a ſeus amadores. Dos acontecimentos que temos contado, e de outros ſemelhantes que naõ eſcrevemos, tinha o Santo Frey Gil ganhado tal nome em toda a Ordem, que a boca cheya era nella celebrado por grande Santo. Porèm naõ ſe contentou a Divina bondade com o fazer conhecido entre os ſeus, ſe naõ eſtendeſſe tambem ſua gloria aos eſtranhos. Vivia no meſmo tempo em Roma hum ermitaõ de abalizada virtude, eſtimado, e conhecido por tal de muitos Cardeais, e outros Prelados. Achandoſe hum dia em caſa de hum Cardeal, que viſitava, com alguns Eſpanhoes, perguntou com efficacia, ſe lhe ſaberiaõ dar rezaõ de hum Frade Dominico Portuguez de nome Fr. Gil, e tal geito, e tais feiçoens de roſto, e começou a pintar o Santo com tanta propriedade, que ſendo hum dos que o ouviaõ o Meſtre Pero Vicente Conego de Braga, que muitas vezes o tinha viſto, e tratado, lhe reſpondeo, que bem ao natural tinha retratado hum grande Santo que em Portugal conhecia do nome, e partes que lhe dava. Contou entaõ o Ermitaõ, que avia alguns dias que eſtando huma noite em oraçaõ, e ſendo jà perto da manhã cayra em hum leve ſono, no qual ſe lhe repreſentara a viſaõ ſeguinte. Vio o Ceo aberto, e Chriſto Salvador noſſo em pè, e a Virgem ſua Mãy junto delle com as maons juntas, e levantadas, como que o adorava : logo via abaixo dos braços da Senhora hum homem que no trajo repreſentava Frade da Ordem dos Prègadores, e cercado de hum eſtranho reſplandor : tinha as maons em poſtura, que ſe moſtrava ſuſtentar com ellas os braços da Virgem, como ſe eſcreve que ſoſtinhaõ os braços de Moyſes, quando orava no Monte, Aaron, e Hur. E acrecentava, que ficando maravilhado, e deſejoſo de entender quem ſeria o bemaventurado de tamanha honra merecedor, lhe fora dito pola meſma Senhora, que era Frey Gil Eſpanhol da ultima Luſitania, Frade da Ordem dos Prègadores, ſeu particular devoto, e tal peſſoa, que aſſi como via ſuſtentarlhe os braços, aſſi por ſuas oraçoens, e merecimentos ſe mantinha, e augmentava a Ordem dos Prègadores. Tentando ſaber mais, deſaparecera a viſaõ, e o ſono, ficandolhe impreſſo na memoria o nome que ouvira, e o roſto que vira : e atè aquella hora andara ſempre com deſejos de encontrar peſſoas que o pudeſſem ſatisfazer ſe avia tal homem no mundo : e dava graças ao Senhor por lhe ter moſtrado o que buſcava, e confirmado com iſſo a ſua viſaõ. Eſte Conego viudo a Coimbra referio ao noſſo Convento o que temos dito, confirmandoo com juramento em preſença do Prior Frey Martinho

Exo. 17.

Mar-

Martins, e dos Padres Frey Lopo Meſtre, e Leitor de Theologia, e Frey Bertolameu Pires, e outros muitos.

Mas he muito de ponderar, que ſendo eſtas honras, que acompanhaõ, e ſervem à virtude, negoceadas polo meſmo Deos em favor de ſeus ſervos, elles as aborrecem, e abominaõ, e aſſi vivem temeroſos, a acautelados dellas, como de perigoſa tentaçaõ, porque ſabem que o enemigo commum, em quanto vivemos no carcere da carne, naõ perde occaſiaõ de armar ſilada, e envolver veneno em tudo. Aſſi nenhum varaõ ſiſudo ſe dà por ſeguro em quanto vive, inda que ſe veja nadar em mimos, e favores do Ceo. E eſta deve ſer a rezaõ, porque lemos de muytos Santos antigos que clamavaõ com Paulo: *Quis me liberabit de corpore mortis huius?* Quando acabaremos de nos ver livres de hum corpo, em que tudo he morte? Porque ainda que a eſperança do premio obriga muito, parece que faz mayor força o receyo de poder offender ao Senhor que amaõ, em huma vida toda cheya de laços, e occaſioens de cayr. Deſejava S. Frey Gil como Santo romper as priſoens. Quiz Deos que o ſoubeſſemos por mais honra ſua por vias extraordinarias, naõ sò por ſua boca. Eſtefania Brocarda dòna honrada, e rica, que vivia em Lisboa em ſanta viuvez, e opiniaõ de virtude, dava em ſua caſa por amor de Deos apoſento, e raçaõ a hum pobre cego chamado Eſtevaõ homem virtuoſo, que contente com aquella eſmolla tratava sò de ſe encomendar a Deos em continua oraçaõ, ſem andar polas ruas, cego nos olhos, mas muito allumiado na alma. E hum dia deſpois de ter dado longas horas a eſte exercicio, tendo os olhos de ſua alma bem eſpertos, vio que ſubia da terra com eſtranho impeto, e velocidade hum globo de fogo ardente, e clariſſimo, e notava, que chegando a emparelhar com as eſtrellas ſe abria o Ceo, e ſahia hum Anjo que ſe lhe punha diante, e abanando com huma toalha o rebatia, e fazia tornar a decer pera a terra. Maravilhado o cego da contenda, e eſtendendo a oraçaõ com deſejo de entender a ſignificaçaõ, e myſterio della, foylhe dito polo meſmo Anjo, que a bola de fogo era a alma de Frey Gil de Santarem, que abrazada de amor Divino eſtava anelando por ſe ver livre do peſo mortal, e voar aos braços do Criador: e elle era mandado a detello pera bem de muitas almas, que Deos queria ainda ganhar por ſeu meyo na terra, pera lhe renderem tambem deſpois mais altos gràos de gloria. Contou o cego com ſimplicidade o que ſe lhe repreſentara a Eſtefania Brocarda como a peſſoa eſpiritual. E ella, porque o tinha em grande conta, e juntamente era muito devota do Santo, publicou a viſaõ. E de ſua boca affirma que a ouvio, o primeiro, e mais antigo eſcritor da vida do Santo, em preſença de Frey Gonçalo Martins natural de Santarem, e ajunta que viveo o Santo deſpois quaſi cinco annos.

Rom. 7.

Paſſados eſtes cinco annos, e ſendo entrado o Santo nos oitenta de ſua idade, eralhe a vida trabalho, e dor mais que vida, tanto pola velhice, e fraquezas grandes que padecia, co-

mo polas anſias, com que ſuſpirava por Chriſto, e deſejava fogir da terra, que faziaõ por ſi outra infirmidade. Em fim chegou o meſſageiro de ſua liberdade, que foy huma febre naõ ardente, nem temeroſa: mas elle conhecendoa davalhe graças com alvoroço do que por meyo della eſperava alcançar. Que ſe ſervir a Deos he poſſuir Reynos, como dezia Santo Antonio, que ſerà reynar com elle? Tratavaõ os Frades de fiſicas, e medicamentos: deſenganouos que naõ perdeſſem tempo, porque a hora de ſeu deſcanço era chegada. Pedio, e recebeo os Sacramentos da Igreja com entranhavel devaçaõ: e entrando o dia, que Chriſto noſſo bem ſubio com gloria ao Padre Eterno, anno de 1265 mandouſe tirar do leito, e lançar em terra ſobre huma manta de ſaco, e conſolando aos Religioſos com palavras cheyas de amor, e brandura, lembravalhes a guarda da obſervancia, e os ganhos certos que nella tinhaõ: e alegre entre triſtes, riſonho entre choroſos levantou as maons ao Ceo, e pronunciou com voz inteira aquellas palavras: *In manus tuas Chriſte Deus commendo ſpiritum meum.* E logo deixando cayr os braços em Cruz, rendeo o eſpirito taõ ſem pena, que pareceo entrara em ſaboroſo ſono: e tal ficou ſeu roſto, aſſi bem aſſombrado, e compoſto. Ao amortalhar, e compor do corpo pera a ſepultura, lhe foy achada à rayz da carne a cinta de ferro que em Palencia cingio, como atràs contamos, nos principios de ſua converſaõ, e nunca mais tirou. E por tal ſe guarda no Convento como precioſa reliquia: e he pedida de muitas molheres em partos perigoſos, moſtrando o ſucceſſo, que dura ainda naquelle ferro frio, e morto a virtude dos membros que tanto tempo acompanhou vivos.

B. Ant. in leg. Ord. Prædic.

1265.

CAPITULO XXIX.

Dos ſinais que ouve da gloria do Santo, por diverſidade de ſucceſſos que a confirmaraõ.

O Primeyro ſinal publico, e patente, que ouve da gloria deſte Santo, foy que na hora que eſpirou, ceſſou hum cheiro deſagradavel, que de ordinario acompanha os enfermos, e ſua roupa, e apoſentos, e ſubitamente ſe trocou em outro taõ ſuave, e cordial, que a todos conſolava, e naõ avia quem lhe ſoubeſſe dar igual, ou ſemelhante em todos os da terra. O ſegundo foy o que deixamos contado na vida do Santo Frey Domingos do Cubo, que por iſſo naõ repetimos aqui. Tambem ſe teve por couſa muy certa o que contava Frey Andre o Medico, que hum tempo fora ſeu companheyro. Dezia elle que o Santo lhe aparecera com ſembrante ſobre maneira fermoſo, e cheyo de luz, veſtido de humas roupas como de neve na alvura: e porque Frey Andre ſe eſpantava de o ver, lhe diſſera. Vivo eſtou Frey Andre, naõ vos enganeis, nem cuydeis que ſou morto. Que a eſta hora deixo Santarem, e me vou por eſſas aldeas a prègar. Ficou Frey Andre entendendo que o Santo deſpois de o certificar de ſua gloria, lhe quiz apontar em alguma remiſſaõ de que era notado no officio da prègaçaõ, e fazerlhe

L. 2. c. 12.

zerlhe cortezammente na morte a lembrança que por ventura lhe fazia muitas vezes em vida com ſeveridade.

Soou num momento por toda a villa o falecimento do Santo, e podemos dizer, que naõ ouve homem que naquelle dia faltaſſe na noſſa Igreja. Ou foſſe o amor, e beneficios com que o Santo ſabia obrigar a todos, ou a dor da perda de hum tal vizinho, e pay da patria; que muito he pera ſintir auſentarſenos hum Santo da terra. Anticiparaõſe os Religioſos no officio, e enterro, reſpeito da ſolenidade do dia, e com receyo do que logo viraõ. Porque tanto que acabada a Miſſa, poſeraõ maõ no ataude pera o levarem ao cemiterio, eſpertouſe o amor, e ſaudade no povo: procuravaõ todos chegar a vello, e tocallo, e ficar com alguma memoria ſua: e foraõlhe cortando os habitos com tanta preſſa, e alvoroço, que a naõ ſe eſtorvar, ficara o corpo com indecencia. Mas ſendo ſoterrado, perſuadio a devaçaõ aos que naõ puderaõ alcançar parte no veſtido, que taõ grande Santo tambem communicaria virtude às taboas em que aly viera. Foy couſa de ver a competencia com que o ataude foy desfeito, e a miudeza com que ſe repartio, cuydando cada hum que levava pera caſa remedio, e ſaude. E moſtrouo a experiencia. Huma pobre velha muito affeiçoada ao Santo, naõ pode aver mais que humas muy pequenas laſcas do ataude, que por miudas ficaraõ polo chaõ, e huma pouca de terra da cova, que ainda do Santo naõ tinha mais que o nome: e com eſtas peças ſe foy recolhendo pera caſa taõ rica, e contente, como os que melhor quinhaõ ouveraõ. De caminho quiz ver huma vizinha ſua atribulada com hum filho minino, que tinha a cabeça aberta de huma perigoſa ferida avida por deſaſtre. Chamavaſe o Pay Miguel Grainho. Entrando, ſoube que lhe tinhaõ os Cirurgiaens feito novas feridas, e tirado oſſos, com o que elles chamaõ alegrar o caſco; e deſpois lhe ſobreviera hum fluxo de ſangue aos narizes taõ importuno, que naõ avia eſtancalo: e jà o davaõ, e choravaõ por morto. Acudiolhe a boa velha com o remedio que pera ſi trazia do Convento, e a mãy do ferido recebeo a dadiva com fé: e pondo tudo ſobre a cabeça do filho, vio effeito ſanto, e maravilhoſo. Porque de repente ceſſou a corrente do ſangue, com que foy dado por livre de perigo, e pouco deſpois veyo ao Convento ſaõ, offerecerſe, e dar graças ao Santo.

Mas naõ deu menos occaſiaõ de louvar a Deos outro ſucceſſo claramente milagroſo, e tambem do meſmo dia. Juntandoſe toda a villa no Convento à celebraçaõ das honras, como diſſemos, com tal frequencia, que parecia naõ faltar vizinho nenhum: ouve hum taõ amigo do que à ſua fazenda, e goſto pertencia, e taõ deſcuidado do que devia à ſolemnidade da glorioſa Aſcenſaõ, que ſe poz pola manhã a cavallo, e ſe foy polo termo a negocear o que ſem perigo pudera fazer no dia ſeguinte, ou noutro menos feſtival. Mas naõ tardou a ira, ou a miſericordia Divina (que huma couſa, e outra ſe deſcubrio no ſucceſſo) em acudir por ſua honra, e pola

de ſeu ſervo. No meyo do negocio, ou do paſſatempo, em que entendia Martim Gonçalves Guecha, que aſſi ſe chamava o pouco eſcrupuloſo fazendeyro, foy ſalteado de hum accidente de garganta (he ſeu nome entre os Medicos eſquinencia) com dores agudas, e vehementes, e tal aperto da reſpiraçaõ, que ſe naõ podia fartar de folego. E o pior era, que creciaõ por momentos as dores, e a opreſſaõ interior: e aſſentou conſigo, que ſe o mal durava, naõ podia eſcapar de affogado. Mas logo foy aparecendo novo trabalho de hum tumor grande por toda a garganta pola parte de fòra, que começava a deſcer pera o peito. Entaõ começou tambem entrar em ſi, e cayr na conta da irreverencia que uſara contra o Santo dia, e contra o Santo defunto. Lançouſe em terra arrependendoſe, e reprendendoſe: e quanto as dores eraõ mais intenſas, que como àſinte naõ ceſſavaõ de apertar os cordeis do tormento, mais merecedor ſe julgava dellas. Neſte paſſo acudio a miſericordia do Senhor, inſpirandolhe que ſe valeſſe do Santo, pera remedio da offenſa feita à Feſta, e ao Santo. Como naõ ignorava as maravilhas que o Santo fizera em vida, nem duvidava que morto tinha eſtado, e merecimentos de as poder fazer mayores, ajuntou à compunçaõ hum voto de ſe yr confeſſar ſeu erro, ſe lhe dava remedio, na ſua caſa, e diante dos ſeus Frades: e como penitenciado de culpas graves aparecer com huma véla na maõ. Logo colhendo hum junco cingio com elle a garganta, que jà com a inchaçaõ tinha extraordinaria groſſura, e prometeo com lagrimas que tal ſeria a medida da véla. Era o dia de triunfos, e de naõ aver ninguem deſcontente. Acabando de fazer o voto, vio logo os effeitos de ſua contriçaõ, e do poder do Santo. Tornou todo o mal atràs polos meſmos paſſos que viera: e porque caiſſe de verdade em que huma, e outra couſa tinha origem do Ceo, ceſſou a dor, deſinchou o peito, e garganta, fartouſe de ar, naõ ſe fartando de dar graças a Deos, e ao Santo, de ſe ver taõ milagroſamente reſtituido à ſaude. E no dia ſeguinte cumprio ſua promeſſa em tudo.

Por maravilha, que tambem cahio quaſi no felice tranſito, ajuntaremos a preſente. Tinha viſitado ao Santo algumas vezes na ultima doença o Alcaide mor da villa Mem Peres, fidalgo honrado, e muito ſeu affeiçoado: e tornou de huma muito deſconſolado pera caſa, por entender que hia acabando a vida, naõ polo que a doença ameaçava, mas porque o meſmo doente lho certificara. Deſapegaſe mal noſſa natureza do que ama. Naõ ſofria o fidalgo averlhe de faltar taõ bom amigo, mas perſuadido do que temia, dezialhe com ſintimento. Pois meu Padre Frey Gil, e que ha de ſer de Mem Peres ſem vos? Que vida ha de ſer a minha, quando entrar neſta caſa, e naõ vos achar? Quem como vos me ha de aconſelhar, guiar, e conſolar? Vòs ireys para Deos como deſejais, eu ficarey morrendo por me yr tràs vos. Conſolavao o Santo com hum novo genero de promeſſa. Dezialhe que fiaſſe delle, que deſpois de morto lhe avia de fazer mais ſerviço, do que fazia vi-

vivendo: e em penhor deſta verdade lhe prometia, que ſe alguma hora chamaſſe por elle com viva confiança em Deos, o avia de achar à ſua ilharga vivo, e naõ morto. Eis que a poucos dias deſpois de falecido, adoece Mem Peres, e foy o mal em tanto crecimento, que os Medicos deſconfiaraõ, e declararaõ, que era tempo de tratar da alma. Naõ ouve que fazer, ſenaõ virar pera a parede como outro
4.Reg.20 Ezechias, e buſcar ſocorro do Ceo. Lembrouſe das promeſſas do ſeu Santo, e fazia conta que eraõ duas: huma, que lhe avia de ſer de proveito deſpois de morto: outra que o avia de achar vivo, ſe por elle chamaſſe. Pois, meu Santo, dezia o enfermo, ſe algum bem me aveis de fazer, pera quando mo guardais? Se eſperais neceſſidade grande, nunca a tive mayor. Se neſta, que me tem em braços com a morte, me naõ acudis, nem vos acho vivo, como me prometeſtes; pera quando ey de eſperar que me aproveitem voſſos poderes? No meyo deſta affliçaõ ſe lhe poz o Santo diante alegre, e reſplandecente, e veſtido de roupas de gloria, dizendo: Eisme aqui Mem Peres. Naõ deſconfieis, que Deos he com voſco. Elle vos darà ſaude, e logo. As palavras dos Santos ſaõ juntamente obras. Deſapareceo o Santo, e a doença juntamente com elle: e ficou taõ ſaõ, e as forças taõ inteiras, que eſtando no dia atràs ſentenciado à morte polos medicos, no ſeguinte viſitou a ſepultura do Santo, e em final de ſaude perfeita jantou com os Frades do peixe da Communidade: os quais ouvindolhe o caſo, notavaõ antes do milagre duas profecias do Santo, e no milagre cumprimento dambas: viſto como lhe prometera duas couſas, e ambas cumprira nelle.

CAPITULO XXX.

Como reſuſcitaraõ por oraçoens feitas ao Santo tres mortos: e foraõ livres do Demonio quatro peſſoas.

BEm he que, pois temos occaſiaõ, comecemos eſte Capitulo polas terras em que o Santo naceo, jà que o precedente nos levou todo a em que morreo. Morava no lugar de Alafoens vizinho a Bouzella dona Tareja Martins prima do Santo, molher de Rodrigo Afonſo de ſobrenome Capaõ, e criava em ſua caſa hum minino por nome Pedro, filho de Lourenço Afonſo Capaõ ſeu cunhado com amor de filho proprio, e como adoptivo, por carecer dos naturais. Ha no lugar humas fontes de agoas quentes medicinais, e tanques junto dellas pera os banhos, com que ſe curaõ varias doenças. Neſtes he fama que foy curado el Rey dom Afonſo Anriques ſendo minino, da aleijaõ com que naceo. Succedeo que andando o minino Pedro brincando com outro junto do tanque, foraõ ambos em tombos polas eſcadas à agoa. O tanque tem altura, elles mininos: quando acudiraõ os que ſe acharaõ perto, naõ deraõ fé mais, que de hum que tiraraõ meyo affogado, e tal que foy neceſſario penduraremno polos pès pera vomitar a muita agoa que tinha bebido. Faltava o Pedro: como pode falar o companheiro, que o era continuo

feu, perguntaraõlhe por elle: reſpondeo que quando cayra na agoa, ambos hiaõ juntos, e pegados, e naõ ſabia mais. Ficouſe entendendo o que era, que eſtaria afogado dentro do tanque, e jà cozido, ſegundo a calidade, e quentura da agoa, que em breve eſpaço coze ovos, e péla galinhas, e patos: e ſegundo a hora em que cayra. Fezſe diligencia, a agoa he clara, apareceo morto no fundo. Lançaraõſe a elle, e conta a hiſtoria que foy quem o tirou hum Sacerdote nobre filho de dom Juliaõ. Poſto fòra naõ sò vinha morto, mas jà meyo cozido com a tez do roſto denegrida, e todo o corpo inchado, e azulado. Acudio dona Tareja: quando o vio tal, foy o pranto mais que de mãy Deſpois de muitas laſtimas, e lagrimas, lembrada do parente Santo tornou ſobre ſi, e com devaçaõ igual à dor dezia poſta de joelhos. Ah bom Padre Frey Gil, ſe vòs ſois Santo, e amado de Deos, como todos criamos que o ereis quando entre nòs vivieis, tornaime eſta criatura que por filho criava, e como filho amava: que bem creyo, e confio que, ſe vòs quiſerdes, mo podeis dar vivo, e ſaõ. Naõ ſaõ vagaroſas as dadivas do Ceo. Acabava de pronunciar as ultimas palavras, ſe naõ quando contra toda ordem, e razaõ natural, começa, o minino a abrir a boca, e vazar agoa, e pouco deſpois abre os olhos, e com voz clara, e diſtinta chamou pola mãy, e por ſua ama. Foy o paſmo em todos naõ menor, que o prazer da mãy. E o pay a brados o offereceo logo à Ordem de S. Domingos. E deſpois quando teve idade o levou a Santarem a preſentalo diante das reliquias do ſanto parente, como couſa ſua por novo titulo; e ao Prior da caſa pera lhe lançar o habito (dizem as memorias que era Prior Frey Domingos de Caleruega chegado em ſangue a noſſo Santo Patriarcha.) Autenticouſe o caſo por autos publicos: foraõ teſtimunhas dona Tareja, e dona Maria Serram mãy do moço: e o clerigo que o tirou, e ſeu pay dom Juliaõ que o teve nos braços, e muitos outros. O moço em quanto viveo, ficou ſempre amarelo, e ſem cor de roſto: permiſſaõ Divina pera perpetuo teſtimunho do milagre.

Mas ſe neſte fez alguma força ao Santo a carne, e o ſangue, diremos logo de outros dous reſucitados, em que sò verdadeira devaçaõ teve lugar. Em Lisboa na freguеſia de Santa Juſta faleceo hum mancebo nobre de doença prolongada. Pranteavaõno os pays, e parentes, e ſobre todos huma avò que o tinha por lume dos ſeus olhos. Naõ era hora de o darem à terra, quando acabou de eſpirar, porque anoitecia. Ficaraõno acompanhando, e carpindo toda a noite. Quando foy meya noite, começou a tocar o ſino de S. Domingos a Matinas: e aquelle ſom fez lembrança a alguns pera irem conſigo diſcorrendo polo cuydado com que os Religioſos ſe levantavaõ naquella hora; e faziaõ violencia à natureza pera cantarem louvores a Deos: que polos meſmos paſſos correra S. Frey Gil, e ſe fizera Santo, e milagroſo, e taõ celebre como entaõ andava na terra: e aſſentouſe entre to-

todos mandarem pedir ao Convento huma reliquia ſua. Vieraõ com ella os Frades, poſeraõna ſobre o defunto, e rezando algumas oraçoens, pareceo que fizera o corpo movimento. Acudiraõ a verlhe o roſto: achaõ ſembrante, e pulſo de quem tornava à vida, e com eſpanto de todos tornou logo, naõ sò vivo, mas tambem ſaõ. Aſſi empregaraõ em ſacrificios de graças o que tinhaõ aparelhado pera mortuorio.

Na villa de Eſtremoz acabava de dar a alma ao Criador hum mancebo mirrado de huma trabalhoſa infirmidade. Era unico em caſa. Deſpois de muito chorado tratouſe de mortalha, ſepultura, e exequias. Entrou a acompanhar a mãy, e parentas huma dòna principal do lugar chamada dona Anna: e trazendo conſigo huma reliquia do Santo, que em grande eſtima tinha, e guardava, chegouſe ao defunto, e chamando em ſeu coraçaõ com muita confiança polo Santo, pozlha ſobre os peitos. Milagroſo effeito: como ſe com ella lhe trouxera vida, e alma, tornou, viveo, ſarou, levantouſe, e dentro de poucos dias foy a Santarem viſitar o Santo, e contava aos Padres que ſua alma deſatada do corpo vira o veneravel Padre veſtido em ſeu habito Dominico, e elle lhe mandara que tornaſſe a animar aquelles membros jà frios, e defuntos: e polo beneficio recebido lhe hia render as graças.

Succedeo a huma pobre molher em Alanquer cayr de hum eyrado taõ alto, que huns homens que acertaraõ a vella, quando vinha polos ares, a davaõ por feita pedaços, naõ sò por morta. Chegando a ella achaõna ſam, e ſalva, e ſem nenhuma leſaõ. Paſmados de a ver com vida, dezialhes a molher alegremente, que logo em ſe ſintindo cayr chamara polo ſeu Santo Frey Gil em ſua alma, e elle lhe valera: e dezia ſeu Santo; porque o meſmo favor lhe fizera em tempos atràs na doença de hum anno, onde cada dia tinha a morte preſente: mas entaõ fora ſarar, agora reſuſcitar.

A eſtes quatro livres das leys da morte ajuntaremos outros quatro livres das afrontas, e inſultos do Demonio, que deſpois que por permiſſaõ Divina tem licença (ſem ella naõ pode nada) pera nos perſeguir, he mais temeroſo por feyo, que a meſma morte: e mais prejudicial por maligno, e polo grande odio que tem aos homens, que todo o mal do mundo.

Seis annos avia que era atormentada de grandes tremores de coraçaõ Maria Sueyra molher pobre, moradora em Santarem, na freguеſia de Santo Eſtevaõ. E jà ſe ſabia que naõ procediaõ de cauſa natural. Apareceralhe o demonio duas vezes: e tal viſta fez effeitos conformes. Ficaraõlhe alèm do mal do coraçaõ huns eſtremecimentos de todo o corpo, que lhe acabavaõ a vida com tormento. E o enemigo naõ ceſſava de a perſeguir com infernais tentaçoens que acabaſſe de ſayr de huma vida cançada, penoſa, e triſte; e pois tinha maons, naõ eſparaſſe outro meyo, que naõ tinha que eſperar de Deos. Outras vezes ſe perſuadia que tinha o Demonio dentro nas entranhas, e que lhas arrancava de ſeu lugar. A iſto

ajun-

ajuntava darlhe com maõ inviſivel crueis bofetadas no roſto, que a faziaõ yr fogindo como deſaſizada fòra da caſa. Aſſi andava a pobre ſem cor, nem figura de criatura humana, taõ avexada deſtes trabalhos, como do medo delles, que era guerra por ſi, quando ceſſavaõ Confeſſavaa Frey Andre da Cruz varaõ eſpiritual: fazia todas as diligencias pola quietar, mas perdia tempo, e trabalho. Era grande a força do enemigo: a molher de ſeu fraca ajudavaſe pouco dos bons conſelhos. Naõ avia hum mez que o Santo era paſſado a melhor vida: amiudavaõ milagres em ſua ſepultura. Mandoulhe o Confeſſor que continuaſſe na Igreja, e pediſſe remedio ao Santo. Ao terceiro dia que tinha começado a devaçaõ eſtando levemente adormecida, repreſentouſelhe que via o Santo grandemente fermoſo em veſtido, e ſembrante, e parecialhe que ſe chegava a elle com humildade, e tomandolhe a borda da capa, punhaa ſobre a cabeça, e dizialhe: Avey piedade de my, Padre ſanto, livraime das afrontas deſte enemigo. E o Santo lhe reſpondia. Vaite embora, filha, buſcame no lugar de minha ſepultura, que là me acharàs. Acordou a affligida, comprou candeas, foy com ellas onde era mandada. He couſa certa, que desdaquella hora nunca mais ſe lhe atreveo o enemigo.

Domingos Joaõ, que em Coimbra tinha a ſeu cargo arrecadar as rendas del Rey, fora em vida do Santo particular amigo, e devoto ſeu, e à ſua conta fazia muitas caridades aos noſſos Frades, e ao Convento. Como ſabia muito delle, quiz ficar com huma peça ſua, e uſou deſta manha: mandoulhe fazer huma capa nova, e pediolhe que a trocaſſe com a que trazia bem uſada, e velha. Pareceo ao Santo que era receber eſmolla, acto de pobreza, e humildade, naõ fez difficuldade. Dahi a muitos annos aconteceo entrar o Demonio em hum Domingos Pires ſeu vizinho, e atormentallo taõ terribelmente que fazia grande laſtima a vida que paſſava. Vindo à noticia de Domingos Joaõ hum dia, que o pobre mais tyranizado eſtava, lançoulhe a capa do Santo às coſtas. Foy effeito nunca cuydado. Raivando, e bramindo ſe ſahio do corpo, e nunca mais ſe atreveo a tornar a elle.

A hum mancebo chamado Abril, de obrigaçaõ de Fernaõ Fernandes homem principal de Thomar, tomou hum mal repentino, e naõ entendido dos medicos: o qual lhe dava com huma dor de coraçaõ, e das entranhas taõ deſmedida, que arrebentava em furia, e ferneſis: e de maneira forcejava, que muitos homens juntos o naõ podiaõ ter, nem tolherlhe desfazer, e eſpedaçar quanto podia alcançar com os dentes, tanto em ſi, como em outrem. E naõ avia remedio pera lhe defenderem comerſe aos bocados, ſe naõ era tendoo atado em aſpa de pès, e maons, e amarrandolhe atè a cabeça. Neſte martyrio vivia o pobre, e confeſſava jà que era eſpirito màо, naõ humor quem lho cauſava. Acertou de entrar por caſa dom Lourenço de Thomar Procurador dos cavaleiros Templarios, que aly tinhaõ ſeu Convento, homem religioſo, e

de

de autoridade. E notando o que paſſava, lançou maõ ao ſeyo, e tirou delle hum papel que lhe meteo nos peitos. Foy caſo de paſmar. Porque repentinamente de tigre furioſo tornou hum cordeiro, e dizia com manſidaõ. O' bom Deos! ò bom Senhor! eu eſtou ſaõ. E acrecentava falando com dom Lourenço: De verdade ſenhor, que ou voſſas maons tem alguma grande virtude ſecreta: ou trazeis convoſco couſa que a tenha. Porque em me tocando eſſa maõ, fiquei livre de huma oppreſſaõ atrociſſima. Dom Lourenço derramando lagrimas de prazer polo effeito que via, declarou entaõ aos circunſtantes que nacia a maravilha da terra da ſepultura do Santo Frey Gil que conſigo trazia. E porque ficaſſe mais patente o milagre, permittio o Senhor, que deſpois de ſolto das priſoens o acometeſſe de novo o enemigo apertandolhe com maõ inviſivel huma perna, e joelho taõ duramente, que o pobre voz em grita pedia que lhe acudiſſem com a terra ſanta ao lugar, ſe naõ que morria. Aplicouſelhe, e no meſmo ponto ceſſou a dor, e fogio quem lha dava. Terceira vez, indo hum dia pera entrar em caſa, deu com elle de roſto, que o eſperava da banda de dentro cercado de hum numero infinito de Demonios, que lhe tinhaõ a porta tomada. Ficou aſſombrado, e naõ ſe atrevia a entrar, valeoſe do primeyro ſoccorro: lançaraõlhe ao peſcoço a terra do Santo: como a trouxe, nunca mais a enemigo teve maõ contra elle.

Faltanos o quarto dos que prometemos. Eſte era hum moçozinho filho de Sylveſtre Peres Taballiaõ de Santarem, e de ſua molher Domingas Peres. Sendo muito amiude acometido, e maltratado do Demonio, lançoulhe a mãy ao peſcoço huma nomina com terra do Santo: foy defenſivo com que ficou de todo livre. A cabo de hum anno torna o maldito a fazerlhe guerra. Sentidos os pays buſcaraõlhe o peſcoço: confeſſou, que dandoſe por ſaõ largara a nomina. Armaraõno com outra, e baſtou pera ficar toda a vida em paz.

CAPITULO XXXI.

Como ſe converteo hum Mouro, e foraõ curadas algumas peſſoas de grandes males por meyo de reliquias do Santo.

AOs caſos milagroſos que temos pera eſte Capitulo farà principio hum em que grandemente reſplandece a miſericordia de noſſo bom Deos, e ſe offerece materia de conſolaçaõ pera todo animo fiel, e pio. Dona Maria Bernardes viuva, moradora em Santarem, dòna nobre por geraçaõ, e virtude, tinha hum eſcravo Mouro, que deſejava ver bautizado por lhe ganhar a alma, e porque via nelle taõ boas partes naturais, que lhe fazia laſtima averſe de perder. E he de conſiderar, que nenhuma rezaõ baſtava pera o perſuadir. Taõ cego, e emperrado vivia com Mafamede, que quando ſe via convencido, porque naõ podia fazer mudo a quem o convencia, faziaſe a ſi ſurdo polo naõ ouvir, metendo os dedos nos ouvidos. Vindo a adoecer de huma febre de mà calidade, tinha a ſenhora de ſeu hum

hum eſcapulario do Santo que muito eſtimava ; pozlho à cabeceyra por ſua maõ com a fé que lho fazia eſtimar , e piedade que avia do eſcravo , dizendo , que fiava na ſantidade , de cuja fora aquella peça , que ou avia de ter ſaude no corpo vivendo , ou na alma morrendo Chriſtaõ. Aſſi o deixou huma tarde , e foiſe ao Convento a Veſperas. Entre tanto obrou a ſanta reliquia inviſivelmente raro , e viſto effeito de Prègador. Gritou o Mouro que lhe chamaſſem ſua ſenhora , que logo logo ſe queria bautizar , que naõ ouveſſe tardança. Acudiraõ dom Bernardo, e Giraldo Soares , Lourenço Mendes , e dona Caterina todos irmaons de dona Maria. Juntaraõſe de fòra dona Gontina , e Orraca Gil vizinhas : foy grande o alvoroço , e contentamento. Recebeo a agoa do ſanto Bautiſmo com huma fé taõ viva, como quem merecera ter por prègador o Eſpirito Santo que o prevenio ſobrenaturalmente. Foyſe agravando a doença , e elle crecia na fé. Pareceo bem darſelhe o Santiſſimo Sacramento por viatico : e foy bem a tempo o Divino ſocorro. Porque começou a ſer tentado com vehemencia , moſtrandoſelhe à viſta muitos Demonios , contra os quais uſava das armas da Cruz o novo ſoldado daquella celeſtial bandeira , perſinandoſe muitas vezes , e pedindo a todos que o ajudaſſem. No meyo deſte combate ficou de repente ſuſpenſo , fazendo geitos no roſto , hora de alegria , e humildade , hora de admiraçaõ , e como quem via , e ouvia couſas de que muito ſe agradava. Paſſado hum eſpaço , contou que eſtando a caſa cheya de gente diſforme , e medonha , ſubitamente entrara huma luz como de muitas tochas juntas , que a fizera fogir : e logo vira a Chriſto Noſſo Salvador com a Virgem bemdita ſua Mãy , que o animavaõ contra os medos da companhia infernal. E deſpois entrara Gonçalo Mendes ſeu ſenhor , e marido de dona Maria Bernardes acompanhado de huma filha defuntos ambos , e ambos cercados de claridade lhe deziaõ que ſe foſſe com elles. E o meſmo lhe dezia tambem hum Frade Dominico que via muito reſplandecente , e formoſo. Referia iſto o bemaventurado cheyo de conſolaçaõ , e eſpanto , e aſſi voou aos gozos eternos. Ninguem ouve que duvidaſſe que todo eſte bem tevera origem do eſcapulario do Santo , e que elle era o Frade que o defunto vira.

Sobre couſas taõ religioſas como eſta , e muitas que temos contado , parecia ſuperfluo deſpendermos tempo , e papel , em ajuntar outras que naõ ſaõ de tanta maravilha , nem podem dar mais honra ao Santo. Com tudo porque ſeria fazer injuria aos que antes de nòs eſcreveraõ , ſe deixaſſemos de apontar os caſos que elles naõ deſprezaraõ por menos importantes , diremos mais alguns com a mayor brevidade que pudermos.

Huma molher rica de Torres novas teve huma poſtema no roſto de humor taõ venenoſo , que lhe veyo a lavrar , e comer toda huma queixada em forma que jà lhe deſcobria os dentes , e nelles , e na boca hia fazendo tal impreſſaõ , que a meſma enferma naõ podia ſofrer o halito que della procedia. Foyſe a Santarem

tarem pera ſe valer de medicos, e cirurgiaens de mais nome. Ay viſitou huma emparedada de fama em virtude pera lhe pedir ſuas oraçoens. Eſta lhe aconſelhou que buſcaſſe sò remedios do Ceo encomendandoſe a S. Frey Gil. Obedeceo, foyſe ao Convento, poz a face fiſtulada ſobre a ſepultura do Santo com devaçaõ, e lagrimas, e polvorizou á chaga com terra della. Começou logo a ſintir melhoria: e ao quarto dia ſe achou de todo ſam, ſem lhe ficar no roſto mais ſinal que humas leves coſturas. O Meſtre Frey Andre de Reſende ſeguindo a Frey Pedro Paes, hum dos eſcritores antigos da vida do Santo, diz que eſta molher era de Villa nova de Vermoym. Poſſivel he que foſſem dous milagres diſtintos.

Outra ſemelhante poſtema naceo a huma moça de ſerviço, que em ſua caſa tinha hum homem nobre de Valença de Alcantara, por nome Joaõ Peres. Tevera principio entre as eſpadoas, foylhe ſubindo, e tomando peſcoço, e garganta com dureza, e inflammaçaõ, que dava ſinaes mortaes, porque lhe tolhia a reſpiraçaõ, e a fala. Chamaõ os medicos a eſte genero de poſtemas carbunculos, e entrazes: ſaõ de mà calidade, porque ſe geraõ de humor colerico, e aduſto, e por eſſa cauſa em tempos de contagiaõ ſaõ avidas por taõ mortiferas, como as nacidas ordinarias da peſte. Avendo jà tres dias que naõ falava, e a poſtema ſempre mais rebelde, e ſem final de ſuporaçaõ, lembrouſe o Amo dos milagres de S. Frey Gil, de que no meſmo lugar avia grande fama por relaçaõ de parentes, que a meſma enferma tinha em Santarem: e fez voto, ſe lhe dava ſaude, de yr com ella viſitar ſua ſepultura. Foy couſa viſta, e certa, que tràs o voto ſaltou por ſi a eſcara, e vaſou grande copia de materia, com que logo deſafogou a garganta, e pode reſpirar, e falar livremente, e em breve foy ſam.

Do meſmo mal tinha em Santarem hum Mendo Joaõ ſua molher taõ chegada ao eſtremo da vida, que naõ tratava jà mais que de remedios da alma. Quando a vio neſte eſtado foy correndo ao Convento: toma em hum lenço huma pouca da terra do Santo: aſſi atada lha chegou ao peſcoço, onde tinha a nacida. Ceſſou logo a dor, que era muy vehemente, e abaixou, e reſolveoſe a poſtema, e ficou a enferma de todo livre.

Na meſma villa era moradora, mas de mayor mal atormentada, huma Mor Paes. Porque tinha dentro na boca hum cancro ſem lhe valer mezinha, nem a eſperar da terra. Sonhou huma noite que hia à ſepultura do Santo, e com terra, que della tomava, alcançava ſaude. Tanto que luzio a manham fez o ſonho verdadeiro em tudo: foy à cova, tomou terra, aplicoua ao mal, e ficou ſam.

A Martim Joaõ Clerigo do Biſpado do Porto ſe lhe abrio huma chaga no braço eſquerdo de hum humor taõ corroſivo (chamaõlhe os Cirurgiaens fogo de Santo Antaõ) que lhe tinha lavrado atè o cotovelo, comida a carne, deſcubertas as canas, e em eſtado que de maõ, e braço naõ tinha jà mais que oſſos ſecos. E porque ſe entendia que o dano naõ pararia no cotovelo,

era conſelho, (e o pobre Clerigo eſtava jà perſuadido) deixar cortar o braço por ſalvar a vida. Neſte ponto lhe lembraraõ amigos que ſe encomendaſſe ao Santo Frey Gil, cujas maravilhas andavaõ na boca de todos. Aceitou o conſelho, offereceoſe de coraçaõ ao Santo com voto de viſitar ſua caſa, ſe lhe dava remedio. He couſa averiguada que logo parou o mal, e acudio a natureza a cubrir de nova carne as canas, e em pouco tempo naõ ouve differença de hum braço a outro.

Quatro mezes avia que hum filho do procurador do noſſo Convento de Santarem tinha na cabeça huma grande inchaçaõ, ſem aver remedio que lha mollificaſſe, ou reſolveſſe. E diziaõ os medicos que procedia de figado abrazado, e corrupto: e aſſi ſe hia o moço conſumindo. Acudio o pay ao Santo, encomendoulho com lagrimas, e amor de pay, trouxe da ſua terra, lançoulha ſobre a cabeça. Era iſto em eſtado que o moço eſtava jà em artigo de morte, olhos fechados, ſem fala. No meſmo ponto que lhe tocou a terra eſpertou gritando, que hum Frade de S. Domingos lhe abrira a cabeça. Viraõ logo correrlhe della hum rio de materia como de poſtema madura, eſtando atè aquella hora rebelde, e deſeſperada; e em poucos dias convaleceo de todo.

CAPITULO XXXII.

De muitas, e varias doenças que teveraõ milagroſa cura encomendandoſe os enfermos ao Santo, ou uſando de ſuas reliquias.

HE o mal de hydropeſia poucas vezes curavel. E em gente pobre quaſi todos os males tomaõ eſta calidade. Eſtava enfermo della, avia dous annos, Martim Domingues Barqueiro de Santarem, tinha perdido a fazenda em curas, e naõ alcançado cura. Deſpois de martyrizado com fontes, e chagas que lhe abriraõ pera lhe vazarem a agoa, e tudo ſem proveito, foyſe hum dia ſobre hum bordaõ viſitar o ſepulcro do Santo. Tornando cançado do caminho, e da infirmidade adormeceo, e começou a ſonhar que hia pera hum lugar do termo afadigado de ſe naõ poder ter nas pernas, e encontrava com o Santo que bem conhecia. Alegre com taõ bom encontro lançavaſelhe aos pès, pedialhe que lhe deſſe remedio como dava a todos. E o Santo lhe perguntava que doença tinha, e pondolhe as maons onde a força della o trazia mais inchado, dezia. Tornaivos pera caſa, que jà ides ſaõ. Acordou com hum leve accidente de diſſenteria, que baſtou pera o deſinchar de todo, e cobrar ſaude.

A outro homem da meſma villa deu no roſto, e cabeça huma extraordinaria inchaçaõ, e hialhe crecendo atè decer ao peito, e garganta, com tal diſformidade, que quaſi ſe lhe naõ enxergavaõ olhos nem feiçaõ de roſto. Acudio ao Santo, poſe-

raõlhe

raõlhe ſobre a cabeça hum retalho do ſeu eſcapulario. Logo ſem aver dilaçaõ de tempo em meyo, e à viſta de muitas peſſoas, ſe lhe abrio huma fonte debaixo da barba, por onde evacuou tanto humor, que ficou enxuto, e ſaõ, como quando o mais era.

Payo Nunes natural de Santarem ſendo homem que vivia de ſeu trabalho, veyo a ter por deſaſtre huma disforme quebradura de ambas as virilhas. Como deixou de ganhar jornais polo impedimento do mal, cahio em eſtrema pobreza (doença mayor que a primeira) e pera pedir o remedio polas portas determinou mudar terra, onde naõ foſſe conhecido. Mas quiz primeiro viſitar o Santo, e repreſentarlhe ſua neceſſidade, e reſoluçaõ: foy ao Convento, chorou, laſtimouſe, pedio miſericordia, e trouxe conſigo da terra da ſepultura. Logo na noite ſeguinte eſtando eſperto, e ſem dormir, vio chegarſe o Santo a elle, e porlhe as maons com tanta força, que ſintindo graviſſima dor gritou, ay de my, Padre Frey Gil, que me mataſtes. O Santo lhe reſpondeo que naõ temeſſe, que ficava ſaõ. E aſſi foy.

Do meſmo mal alcançaraõ ſaude por differentes vias Domingos Martins de Coimbra, e Raymundo Francez de Mompelher. O Domingos Martins padecia grandes tormentos ſecretos, naõ querendo manifeſtarſe a medicos, ou por honeſto, ou por corrido da enfermidade. Vendoſe em huma conjunçaõ de Lua apertado de hum accidente de extraordinarias dores, nem iſſo baſtou pera ſe ſojeitar a mezinhas humanas: falou com o Santo em ſua alma, dizendo que a elle sò queria por ſeu Medico, a elle remetia ſeu remedio com voto que viſitaria ſua caſa, ſe lho dava. Naõ tardou o Santo em lhe fazer conhecer quanto acertara: repentinamente ſe achou ſem dores, e com as roturas ſoldadas. O Francez cobiçoſo de ſaude, mais que pejado da deformidade ſayra de ſua terra pera C,aragoça de Aragaõ à fama de Meſtres que aly curavaõ ſemelhantes trabalhos. Gaſtou com elles ſua pobreza; abriraõno duas vezes, coſeraõno: deſpois de fortes martyrios foy a cura taõ pouco duravel, que a poucas jornadas deſpois de ſaydo de C,aragoça pera Santiago feito Romeyro, como caminhava a pè, tornou ao primeiro eſtado: e continuando todavia o caminho, abrio ſegunda rotura, e ficou com duas. Aſſi atormentado acabou ſua romaria, e fazendo conta que em Lisboa acharia embarcaçaõ que o poſeſſe junto de ſua terra, entrou por Portugal, chegou a Santarem. Aly ouvindo os milagres do Santo, foyſe ao Convento cheyo de boa eſperança. Continuando ſua devaçaõ, quando veyo o ſexto dia ſintioſe aliviado notavelmente de hum pejo continuo que ſempre o acompanhava, e parecialhe que naquelle momento, e lugar (eſtava diante do altar) crecia em forças, e alento como quando era ſaõ, e moço. Eſpantado da novidade, e tornando ſobre ſi, achou que de todo ponto ſe lhe aviaõ cerrado, e ſoldado por ſi ambas as roturas; e derramando lagrimas por graças diante do Santo entrou no Convento, e contou de praça o milagre.

Hum moço nobre, filho de dona Mayor de Guimaraens, foy em Santarem atropelado de hum cavallo, de que ficou com hum braço quebrado. Curouſe, ſoldaraõ as canas. Mas ficoulhe tal fraqueza que naõ era ſenhor de o dobrar, nem abrir, e fechar a maõ, nem ainda bolir com os dedos. Levouo ſua mãy ao Santo, atoulhe nos braços da ſua terra: foy Deos ſervido que antes de ſayr da Igreja meneava livremente o braço, e movia toda a maõ, e pouco deſpois naõ teve mal nenhum.

O meſmo aconteceo a Payo Nunes que atràs nomeamos. Andava em ſeu trabalho deſcalço, meteoſelhe hum oſſo agudo pola planta do pè, foy penetrante, apoſtemou, logo inchou pè, e perna, ſeguiraõ intoleraveis dores. Lembrado do beneficio que outra vez recebera da terra do Santo, como fica contado, mandoua buſcar, polvorizou a chaga huma sò vez. Naõ foy mais neceſſario pera ficar logo ſaõ.

Frey Gil Ermiguez, e Frey Rodrigo Fernandes ambos Frades noſſos, ſe deraõ por affogados com eſpinhas na garganta atraveſſadas, ambos foraõ livres com chamarem polo Santo. O primeiro levou a eſpinha no refeitorio, foyſe lançar ſobre a cova do Santo orando em ſeu coraçaõ, porque com a lingoa naõ podia, e lançava logo cuberta de ſangue. O ſegundo teve o perigo em Obedos, era a eſpinha de Dourada (que ha muitas na alagoa daquella villa) affogavaſe, valeolhe a invocaçaõ do Santo com hum ſinal da Cruz ſobre a garganta.

Em Santarem na freguefia de Marvilla hum minino de peito, filho de Domingos Munhòs, lançou maõ de hum anel da mãy, e como os mininos tudo levaõ à boca, metteoo nella ſem ſer viſto: e cahiolhe na eſtreiteza da guela. Affogavaſe, chorava, queixavaſe, tuſſia, ninguem entendia o que era, mais que ſer mal na garganta. Acudio a vizinhança, entrou juntamente huma molher que dava candeas aos devotos da noſſa Igreja. Eſta deſenrolou depreſſa hum maço das que trazia conſigo, e cingindolhe o peſcocinho; prometeo yr acender, e offerecer logo a medida ao Santo. Feito o voto, ſae do profundo da garganta o anel envolto em ſangue, paſmando todos, e engrandecendo o milagre na conſideraçaõ do perigo.

A Pero Sueyro de Tancos naceo na ponta do nariz hum genero de poſtema, que os medicos chamaõ *Noli me tangere*. Tomavalhe jà todo o roſto com huma fea inchaçaõ, e eſcara por cima. Veyo a Santarem buſcar remedio a hum Cirurgiaõ de fama por nome Meſtre Martinho, o qual imaginando que cortado o mal na raiz, e arrancado, deixaria o enfermo ſaõ: pozlhe o ferro, e lançoulho deſtramente fòra. Mas enganouſe, porque ſobreveyo nova inchaçaõ que tomava o peſcoço, e garganta, e entrava em anſias de morte. Neſte paſſo lhe acudio Eſtevaõ Nunes, em cuja caſa ſe agaſalhava, com hum pedaço de tunica que tinha do Santo: e a olhos viſtos amainou a inchaçaõ, aliviou a garganta, e ficou curado.

Cinco annos avia que padecia fluxo de ſangue continuo huma dòna honrada, moça, e muito

to rica, molher de Domingos Eſtevens, e com hũma sò doença penava em dous tormentos, hum da infirmidade nojoſa por ſi, e deſconſolada, outro da deſconfiança de poder ter filhos que muito deſejava (eraõ moradores em Santarem na freguesia de Marvilla.) Hum ſabado primeiro deſpois da Aſcençaõ, em hora que ſe achava com notavel fraqueza cauſada do mal, diſſelhe a mãy que ſe esforçaſſe, e foſſem ouvir as veſparas do Santo, porque ao Domingo ſe lhe fazia no Convento a feſta. Fez o caminho encoſtada em duas molheres. Na Igreja proſtrouſe em terra humilde, e devota, e atribulada: e fez voto de lhe jejuar toda a vida a veſpara de ſua feſta, ſe lhe dava ſaude. Affirmava deſpois, que logo na meſma tarde ſintira melhoria, e no dia ſeguinte ſe achara com taõ bom alento, que aſſiſtira ſem pena à Miſſa, e prègaçaõ, e de maneira ficou livre da deſaventura em que vivia, que pera verdadeyro, e claro teſtemunho, aos nove mezes cumpridos alegrou a caſa, e o marido, e a ſi com hum filho macho.

Eſta meſma molher hum anno deſpois teve hum accidente de parlezia que lhe tolheo hum braço. Como tinha experiencia freſca do que valiaõ com o Santo rogos humildes, foyſe ao Convento, chorou, rogou, inſtou, tornou pera caſa naõ sò remediada, mas ſam de todo.

CAPITULO XXXIII.

De algumas molheres que alcançaraõ remedio em partos difficultoſos, encomendandoſe ao Santo: e como foraõ curados ſurdos, e mudos com a terra da ſua cova.

HUma dòna honrada de Coimbra, andando prenhada, deu em huma hidropeſia disforme, e ao parecer ſem remedio, porque os que a Fiſica podia aplicar, tolhia a prenhez. Acolheoſe aos remedios do Ceo, buſcou huma reliquia do Santo, trouxea conſigo, e fez voto de yr em peſſoa, ou mandar viſitar ſua ſepultura. Naõ paſſaraõ tres dias que a inchaçaõ, que a trazia feita hum monſtro, ſe ſumio, e reſolveo por ſi, e teve ſaude, e bom parto.

No lugar de Ceice termo de Ourem eſteve huma molher tres dias inteiros com dores de parto continuas, e reduzida a tamanha fraqueza, que as Comadres a davaõ por morta. Acertaraõ a paſſar pola rua huns Frades de S. Domingos de caminho pera Thomar. Eraõ os gritos da pobre taõ laſtimoſos, que os obrigou a caridade a perguntar a cauſa: quando a ſouberaõ mandaraõlhe dizer, que ſe encomendaſſe a S. Frey Gil, e teveſſe por certo o ſoccorro do Ceo. Começou logo a chamar polo Santo, e elle naõ eſperou ſer importunado, deulhe alivio, e forças, e hora boa que a fez mãy de hum filho.

No meſmo lugar ſuccedeo a outra ſemelhante trabalho em dores, e em tempo. Foy viſitada da que acabamos de contar, e ad-

advirtida que ſe valeſſe do Santo como ella fizera. Tomou o conſelho, e no meſmo ponto teve remedio. Correo a fama pola terra, creceo a devaçaõ. Em apontando a neceſſidade, naõ conheciaõ outro Santo: e achamos em lembrança que outras tres molheres, poſtas em igual perigo, foraõ livres encomendandoſe a elle.

Dona Maria Bernardes, de quem atràs falamos, padecia grandes dores em hum ouvido com inflammaçaõ, e tumor nelle. Acudiolhe febre intenſa, perdeo o ſono, e o ouvir. Tinha remedio em caſa provado com experiencia, que era hum eſcapulario do Santo, mandouo vir, e fez que lho poſeſſem ſobre a cabeça. Logo na noite ſeguinte repouſou. E caindo em hum ſono deſcançado, de que andava falta, ſonhou que via diante de ſi o Santo, e que lhe dezia, que pozeſſe o ouvido ſobre huma panella nova cheya de agoa quente, e tomando aquelle bafo guareceria logo. E parecialhe que o Santo por ſuas maons lhe aplicava o meſmo remedio, e com elle aliviava a dor, e deſpejava o humor. Acordou, e vio com effeito o que o ſono lhe repreſentara. Porque ceſſaraõ as dores, a inchaçaõ abaixou, tornou a ouvir como quando era ſam, e os traveſſeiros da cama apareceraõ tintos de ſangue, e materia envolta, que ſem ella o ſintir, deſpidio a natureza.

Domingos Munhòs tambem de Santarem, cuja molher tambem foy curada polo Santo duas vezes, como fica contado, vivia triſte, porque hum filho minino que tinha, de dores de cabeça veyo a ficar taõ profundamente ſurdo, que ſe naõ era por acenos, nenhuma couſa entendia. A mãy que tinha por certo o ſocorro no Santo pera todo trabalho, polo que em ſi exprimentara, mandouo com outros da meſma idade à ſepultura do Santo, inſtruidos no que aviaõ de fazer pera que elle fizeſſe o meſmo, porque doutro modo naõ era poſſivel doutrinallo. Foraõſe de companhia à cova do Santo, tomavaõ da terra, lançavaõna ſobre a cabeça, esfregavaõ com ella o roſto, e metiaõna polos ouvidos. Fazia o ſurdinho outro tanto. E o Santo naõ deſprezou a devaçaõ da mãy, nem a obra do filho: e a terra, por ſer ſua, fez effeito contrario do que toda outra coſtuma, coſtuma cerrar, obſtruir, e enſurdecer mais, eſta abrio, eſpertou, aguçou, e em fim reſuſcitou aquelle ſentido ſepultado, e perdido, ſem final de que nunca nelle padecera falta.

Outra molher da meſma villa vivia com grande pena, porque huma doença larga lhe deixara nos ouvidos huns tinnidos, que a traziaõ totalmente ſurda: e ajudava o mal huma vehemente inclinaçaõ, e apetite de comer barro, a que naõ podia reſiſtir, nem reſiſtia. E de tal nutrimento procediaõ outros males, com que o dos ouvidos vinha a ſer o menor. Deſeſperada de tal vida por meyos humanos, acolheoſe à Igreja, offereceoſe ao Santo, viſitou ſua ſepultura. Foy logo amaynando o rugido da cabeça, e eſpertando o ſentido do ouvir: e o que mais eſpantou, tamanho aborrecimento criou ao barro, que sò a memoria delle lhe fazia vomitos.

Hum mancebo em tanto eſtremo

tremo ſurdo, que nenhuma voz nem brado, por grande, e muy vizinho que foſſe, ouvia, alcançou inteiro remedio, com ſe lançar ſobre a ſepultura do Santo, pòr nella os ouvidos, e nos ouvidos a terra della.

Polos meſmos paſſos guareceo outro homem de huma poſtema nacida dentro em hum ouvido, que lhe tinha o roſto todo eriſipulado, e inflammado com tamanhas dores que temia perder o juizo. Cobrio a orelha toda da terra do Santo. (Raro, e nunca viſto effeito) fogio o humor nocivo do lugar como ſe o lançaraõ com a maõ, e à força, e foy fazer defluxaõ debaixo de hum braço: onde madurou logo, e com huma leve picada de lanceta deſcarregou a natureza.

Aconteceo em Santarem a huma molher moça ficar muda de hum ſobreſalto: e nem hum grito, nem hum gemido podia dar. E entendiaſelhe que padecia grandes tormentos interiores, porque cruzava os braços, apertava, e troſia as maons, lançavaſe em terra, e eſpojavaſe nella como deſaſizada. Poſeraõlhe da terra do Santo ſobre a cabeça, deraõlha a beber em agoa, tornoulhe a fala, como quando mais ſolta, e mais eſpevitada a tinha.

Celebravaſe naquelles tempos a tresladaçaõ do Padre S. Domingos na cidade de Lisboa com grandes feſtas, e concurſos de povo. Paſſaraõ huns ourives pola porta doutro que eſtava entendendo em ſeu officio, rogaraõlhe que ſe foſſe com elles à feſta. Naõ quiz deixar o que fazia, e continuando (era obra de fogo) ſaltoulhe huma faiſca dentro num olho: fez logo empola que lhe tolhia fechallo, ſeguiraõ dores incomportaveis. Inſinado do deſaſtre foyſe correndo à feſta, e chegou a tempo que eſtavaõ a meya prègaçaõ, e o Prègador a caſo hia contando alguns milagres do Santo Frey Gil. Como os ouvio prometeo yr a pè dentro a Santarem viſitar ſua ſepultura, ſe lhe ſalvava o olho. Naõ foy neceſſario mais pera o Santo acudir logo à humildade, e contriçaõ. Chegando a caſa ſintioſe muito aliviado das dores, e ſem pejo no olho. Eſpantado de taõ notavel melhoria, em parte demaſiado ſenſitiva, tomou hum eſpelho, e vio o olho limpo, e claro, e ſem lezaõ. E conhecendo que naõ podia ſuccéder tal ſem manifeſto milagre em taõ curto eſpaço de tempo, porque a natureza naõ obra nada em inſtante, cheyo de prazer por ſe ver ſaõ, ſem lembrança de comer nem beber, nem da hora que era (era das onze pera o meyo dia) nem do tempo jà calmoſo, tirou pola porta fora, e foyſe dar cumprimento a ſeu voto.

CAPITULO XXXIIII.

Como foy tresladado o Santo pera a ſua Capella.

SEis annos avia que o Santo gozava dos eternos bens do Ceo, continuando em todo Portugal prodigioſos caſos em honra ſua, à viſta de qualquer reliquia, ou sò invocaçaõ de ſeu nome, ſemelhantes em ſuſtancia, aventajados em numero aos que temos contado. E todavia ninguem tratava de o melhorar de lugar na terra. Eſtava entre os

ſeus

ſeus debaixo dos pès de todos, quem entre os eſtranhos andava ſobre as cabeças de todos por reputaçaõ, e fama de ſantidade. E era mayor o ſintimento nos devotos, porque lhe tinha lavrado capella, e tumulo ſua prima, e grande devota dona Joana Dias ſenhora da Atouguia, e naõ baſtava iſto pera ſe determinarem os Frades. Em fim acudio o Santo por ſi. Em primeyro de Julho
1271. do anno de 1271 apareceo a Frey Joaõ de Santarem porteyro do Convento, eſtando em oraçaõ, e diſſelhe, que advirtiſſe ao Prior, e mais Religioſos, que era tempo, e Deos o queria, que tiraſſem ſeu corpo do ſitio humilde em que jazia, pera onde ficaſſe nos olhos do povo que o amava, e eſtimava. Fez o Porteiro ſua embaixada, e foylhe crida, porque ſua peſſoa, e virtude a acreditavaõ. Mas offereciaõſe inconvenientes fundados em humildade, e animos deſintereſſados, que à viſta pareciaõ baſtantes pera impedirem a obra: e ſobreſteve por entaõ. Paſſaraõ dias: fez o Santo ſegunda lembrança ao Prior, ſem uſar de meyo d'outrem: diſſelhe claramente huma noite que effeituaſſe o que polo terceiro lhe ſignificara. Naõ ſe atreveo o Prior a eſcrupulear mais. Prègou no Domingo ſeguinte, aviſou ao povo de tudo o que era paſſado, e deſculpando com as viſoens, e mandatos do Santo a determinaçaõ de o treſladar, temeroſo ainda de ſe poder julgar que pretendia ou vangloria pera o Santo, ou proveito temporal pera a caſa. Mas enxergou logo que fora ſeu o engano. Porque o povo aceitou a nova com goſto, e alvoroço de toda a villa. Aprazouſe dia, acudio gente ſem numero, começouſe huma Miſſa de grande ſolemnidade. Deſpois do Offertorio deceo do altar o Prior, que a cantava, miniſtros, e acolitos, e Cruz diante com toda a Communidade. E ſeguidos de infinito povo caminharaõ pera o cemiterio onde o Santo jazia. Como foraõ nelle, começaraõ os Religioſos a entoar o Hymno *Te Deum laudamus*, e hum Frade velho poz nas maons do Prior huma enxada, e elle tomandoa deu hum golpe ſobre a cova, em final, e principio de abertura: o meſmo fizeraõ o Diacono, e Subdiacono, hum tràs outro. Logo chegaraõ officiaes que foraõ cavando atè darem no caixaõ. Eſtava cerrado e pregado: e ſendo tirado fòra, e aberto, foy ſintido entre todos hum cheyro que conſolava, e recreava. Vioſe, e veneroufe com geral devaçaõ, e prazer o ſanto corpo, e com lagrimas de muitos foy notado, que deſpois de ſeis annos eſtava inteyro ſem falta nem leſaõ de membros, e como na hora em que foy ſepultado. Fervia a Igreja em devotas, e alegres acclamaçoens que a competencia louvavaõ, e engrandeciaõ o Santo. Ajudouas elle pera gloria de Deos com dar viſta naquelle publico ajuntamento a huma molher cega, e ſaude perfeita a hum aleijado, e a outros enfermos. Trouxeraõno quatro Religioſos ao Coro com a meſma ordem em que o foraõ buſcar, e com ella deſpois de acabada a Miſſa foy levado à ſua capella, e metido no moimento novo. He a capella no arco do Cruzeyro, que reſponde à porta traveſſa da Igreja. Ficou pe-

que-

quena, porque o ſitio naõ dà lugar pera mais: e pobre, conforme a humildade do Santo, e eſtreyteza dos tempos antigos. O moymento he grande, toma o largo della da banda da Epiſtola, a face de fora lavrada de folhagens ao uſo antigo, na lagea que o cobre entalhada de relevo ao longo, huma figura de Frade. Servelhe de letreyro, porque na pedra naõ parece nenhum, a pintura do retabolo, inda que pequeno, e pouco luſtroſo, que repreſenta em cores, e ſombras a converſaõ do Santo, e alguns ſucceſſos mais de ſua vida, e morte.

Moſtrou logo o Senhor com grande numero, e diverſidade de milagres, que aceitava em ſerviço a honra que ſe fizera ao ſervo fiel. Alguns diremos ſem pedir de novo perdaõ aos Leitores: viſto como em hiſtoria pia ſerve o teſtemunho dos milagres pera conſolaçaõ, e augmento de devaçaõ nos fieis: e pera convencer a dureza, e incredulidade dos infieis. Mas lançaremos primeiro as oraçoens que pera eſta Miſſa ſe deviaõ compor, que achamos de tempo immemorial eſcritas. Saõ devotas, e dignas de ſe verem. Porque a primeira nos dà eſte Santo por valedor particular de grandes peccadores. O que, ainda que ſe pode colligir dos meyos de ſua converſaõ, poſſivel he que ouveſſe caſos, que a nòs naõ chegaraõ, que obrigaſſem ao Autor das Oraçoens a darlhe eſte titulo: titulo de grande conſolaçaõ pera os que vivemos, que todos ſomos peccadores, aver hum Santo avogado de almas enfermas, cuja ſaude merece buſcarſe com mais cuydado que toda a corporal.

Seguem as Oraçoens.

DEus, qui beatum Ægidium confeſſorem tuum à peccati ſubiectione reuocaſti, ei perpetrati ſceleris veniam impetrandi ſpecialem gratiam tribuens, da eius meritis tuam hic conſequi miſericordiam, vt noſtrorum exceſſuum deteſtatione perpetrata ſcelera redimamus. Per Dominum noſtrum Jeſum Chriſtum Filium tuum, &c.

Secreta.

BEati Ægidij, quæſumus Domine, intercedentibus meritis glorioſis munera hæc placatus accipias: & grata tribue offerre dona, quibus tribuiſti & offerre officia. Per Dominum noſtrum Jeſum Chriſtum, &c.

Poſt Communionem.

OBlato, Domine, ſalutis noſtræ exordio, eius concede nos adiuuari ſuffragijs, de cuius confiſi meritis, hæc tibi ſacramenta voce libamus, & mente. Per Dominum noſtrum Jeſum Chriſtum Filium tuum &c.

Antes de entrar nos milagres, que de novo prometemos, convem eſtar advirtido o leytor, que os que eſcreveraõ eſta hiſtoria antes de nòs, naõ fizeraõ diſtinçaõ de tempos, nem nos que jà ficaõ contados, nem em alguns dos que reſtaõ, e doutros que deixamos por eſcuſar leytura. E naõ tenho duvida que muitos dos que jà vaõ nos capitulos atràs, podiaõ ſucceder muito tempo deſpois da tresladaçaõ: mas como por ſerem as couſas taõ antigas naõ foy poſſivel averiguar eſta circunſtancia, guardamos pera eſte lugar alguns que com mais evidencia nos pareceraõ ſuccedidos deſpois, que yraõ no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO XXXV.

Como por interceſſaõ do Santo alcançaraõ huns pobres homens remedio pera vinho danado, e perdido: e outros o teveraõ em graves doenças, e varias neceſſidades.

Vieraõ os moradores de Santarem a fazer tamanha confiança do amor que achavaõ neſte Santo, que deſpois de lhes curar todo genero de infirmidades de corpos, e almas, naõ duvidaraõ que tambem lhes valeria nas de ſuas fazendas. Infirmidade he do vinho engroſſar, ou azedarſe, como da fruita apodrecer, e do trigo criar em ſi o gorgulho. Hum Joaõ Solier tinha huma grande cuba de vinho taõ danado em tudo, que atè o cheyro lhe naõ podia ſofrer, e determinava abrirlhe o torno, e lançallo fóra de caſa. Mas ou que ſoubeſſe do milagre que a agulha do Santo fez no vinho dos Conegos regrantes, que atràs contamos: ou que a neceſſidade por ſi he engenhoſa, e inventora, foyſe à ſua capella, propozlhe o aperto em que ficava ſua familia perdendo aquelle vinho, que era a melhor parte de ſua fazenda, pediolhe o remedio com fé, como a quem cada dia obrava maravilhas aventajadas. Tornando a caſa ſem fazer detença quiz ver o que montara ſua oraçaõ: achou o vinho naõ sò remedeado, mas eſtremo de bom. Foy couſa publica na villa, aſſi o dano paſſado do vinho, como o concerto, e bondade preſente, e grangeou ao Santo nova devaçaõ entre os moradores, vendo que atè de ſua ſuſtentaçaõ tinha cuydado. E logo ſe viraõ outras experiencias ſemelhantes com grande contentamento, e utilidade dos que as faziaõ.

Particularmente ſe conta de hum Andrè Pires homem pobre, cujo remedio pera todo o anno conſiſtia em huma boa copia de vi-

vinho que tinha encubado, e eſtava de todo perdido, e tal que naõ avia que eſperar, ſenaõ deſembaraçar a vaſilha pera a novidade ſeguinte. Sò a molher naõ deſeſperou, foyſe ao ſepulcro do Santo, ajuntou hum pouco de pò de junto delle, atouo em hum pano, lançouo na cuba. Provaraõ o vinho no dia ſeguinte: foy tal a mudança, que os fez ricos aquelle anno. Daqui teve principio mandarem os Padres abrir na groſſura da pedra, que cobre o moimento, huma concavidade que fica como pia por baixo do hombro direito do vulto eſculpido: na qual os que deſejaõ ſeus vinhos remediados, ou conſervados mandaõ lançar ſuas amoſtras, como em offerta, e do que achaõ jà offerecido tomaõ pera lançarem nas pipas. Serve tambem eſte vinho pera levarem conſigo os enfermos, e devotos em lugar da terra, que nos tempos atràs tomavaõ da ſua cova no cemiterio.

Aos milagres de vinho ſuccedem com rezaõ os de agoa, que he mais neceſſaria na terra, e a muitos mais agradavel. He moſteyro famoſo, e antigo de Freyras da Ordem de Ciſter o que chamaõ de Cellas junto a Coimbra, e os antigos chamavaõ Cellas de Guimaraens. Coſtumava o Santo viſitallo de boa vontade, quando ſe achava na cidade, e fazer ſuas praticas eſpirituaes às Religioſas, que ellas muito eſtimavaõ. Paſſados alguns annos deſpois de ſua morte, ſuccedendo vir hum anno de grande ſeca, veyo a faltar agoa em hum poço do Moſteyro que era todo o remedio delle, e pouco deſpois ſecou de todo. He o Moſteyro grande, e ſempre povoado de muita gente: era intoleravel o trabalho que ſe padecia, e as faltas em que ſe viaõ com agoa de carreto. Hum dia que a neceſſidade apertou mais, fez a Abbadeſſa ajuntar a Communidade no meſmo lugar donde coſtumavaõ ouvir as pregaçoens do Santo. E pedindo a todas as Religioſas que a ajudaſſem com ſuas oraçoens, diſſe em voz alta, e naõ ſem lagrimas: Padre Frey Gil, Santo de Deos amado, lembradas ſomos, e vòs naõ deveis eſtar eſquecido, que quando vivieis nos communicaveis com muita conſolaçaõ noſſa aquellas fontes de agoa viva, que perpetuamente eſtà brotando pera a vida eterna. Agora que as eſtais logrando immortalmente, poder tendes pera nos alcançar do Senhor dellas, eſta mortal da terra, de que eſtamos taõ neceſſitadas pera a vida preſente como vedes. Acudinos com ella padre ſanto, e piadoſo. Reſponderaõ todas, Amen. E logo aſſi como eſtavaõ juntas ſe foraõ ao poço. E donde dantes nem ſinal de humidade aparecia no fundo (maravilhas da Divina bondade) achaõno cheyo de agoa atè o bocal. Eſpanto, e alegria foraõ as graças do milagre: e em teſtimunho delle mandaraõ huma ſervidora a Santarem a offerecer no altar do Santo huma medida da altura do poço cuberta de cera. E he couſa ſem duvida, que nunca deſpois nelle faltou agoa, com ſe dar largamente a toda vizinhança.

Em differente materia eſprimentaraõ pouco deſpois eſtas Religioſas o meſmo favor, e lembrança do Santo. Tinha o Con-

vento dous eſcravos Mouros, que eraõ todo o ſerviço de fóra. Deſapareceraõ hum dia: foraõ buſcados: como naõ ouve nova delles, acudio a Communidade ao Santo: fizeraõlhe oraçaõ confiadamente; e quando menos cuydavaõ, entraraõ os Mouros por caſa, de ſua livre vontade, ſem força, nem conſtrangimento de ninguem. Em memoria mandaraõ as Religioſas pendurar diante do altar do Santo quatro pès de cera.

M. Frey Andrè de Reſende na vida de S. Fr. Gil . 4. t. .

A eſtes milagres ajunta mais tres o Meſtre Frey Andrè de Reſende, que eſta hiſtoria do Santo nos deixou eſcrita em muy eſcolhida lingoa Latina, e delles ſe dà por teſtemunha de viſta. Naõ ſerà rezaõ ficarem por dizer. Foy o primeyro em hum pobre homem Andaluz, que avia doze dias jazia no alpendre do Convento tolhido de hum lado de alto abaixo, e a boca torſida, e poſta, como dizem, na orelha, de hum forte accidente de parleſia. Sayraõ a caſo à portaria o Meſtre Frey Andrè, e Frey Roque Leme com outros Padres acompanhando o Supprior Frey Thomas de Matos à ver huns officiaes que lavravaõ pedraria no alpendre pera certa obra de caſa. Apiadados do pobre aſſi como eſtavaõ juntos perſuadiraõno que ſe foſſe ao altar do Santo, e ſe encommendaſſe a elle. Foyſe arraſtando com muito trabalho atè à capella, e os Religioſos ſeguiraõ com huma Antifona, e oraçaõ: naõ era bem acabada, quando começou a gritar que acudiſſem, que ſe abrazava em fogo: e logo foy eſtendendo a perna, e braço tolhidos, e a boca lhe tornou a ſeu lugar. Cobrando mais confiança começou a paſſear ſoltamente, e deſpois correr, e ſaltar com o prazer de ſe ver ſaõ.

No Domingo ſeguinte ordenaraõ os Religioſos, que aſſiſtiſſe eſte homem à pregaçaõ em hum lugar alto pera ſer viſto do povo, quando o Prègador referiſſe o milagre que jà eſtava tomado por fé, e autos de Eſcrivaõ publico. No meſmo tempo quiz o Senhor acreditar o milagre, e a voz do Prègador que o contava com outros dous juntos, cada qual por ſi fermoſo, e prodigoſos. Pode ſer que ouveſſe homens preſentes de taõ pouca fé nas grandezas do Ceo, que teveſſem neceſſidade de cura. Era ouvinte do Sermaõ huma molher que trazia de hum cancro comido hum peito, e nelle chaga fea, podre, e aſqueroſa: com o que ouvio do Andaluz, myſterioſamente curado por interceſſaõ do Santo, cobrou animo, e alento pera confiar, confiança pera eſperar, eſperança pera pedir, e alcançar. Chegouſe ao ſepulcro, molhou hum pano no vinho da pia que diſſemos, e eſtendeoo ſobre a chaga. Foy couſa viſta por hum povo inteiro, que ſendo publica, e ſabida a infirmidade, ſem ſe mudar do lugar ſe lhe cobrio de carne nova, e limpa o peito apoſtemado, e roido, e ficou ſem nenhuma differença do outro, ſalvo em huma vermelhidaõ notavel, como final, ou do milagre, ou de couſa que a natureza obediente ao Criador gerara de freſco.

Outra mulher trazia nos braços hum minino muito maltratado de hum genero de ſarna, ou fogagem, ordinario naquellas ida-

idades. Chamalhe a medicina uzagre. Naõ he mal perigoſo pera a vida, mas importuno, e cheyo de dores pera as crianças, canſativo, e nojoſo pera as mãys. Tomou do vinho do Santo em hum pano, envolveolhe nelle hum bracinho, onde o mal eſtava junto, e lho tinha todo lavrado, e creſpo laſtimoſamente de huma eſcara aſpera, e groſſa. Paſſado hum eſpaço, julgando que eſtaria o pano ſeco da quentura continua do mal, quiz humedecello de novo. Quando foy pera o tirar vio que toda a ſecura, e boſtella, que cobria a fogagem, ſahia pegada no pano ſem o minino fazer queixa nem ſintimento: e eſpantada do que via notou com novo eſpanto que todo o bracinho eſtava liſo, e limpo, e ſem mal nenhum. Moſtrouo aos Religioſos, que conſideravaõ pera mayor gloria de Deos, que procedera do vinho do Santo huma cura contra a natureza, porque tendo o vinho calidades de fogo, fizera officio de hum refrigerante medicinal, como pera tal infirmidade convinha. Aponta o eſcritor que corria o anno de 1520, e era no mez de Outubro, e que a obra que ſe fazia no Convento era em ſerviço do Santo, e por mandado del Rey dom Manoel agradecido da bem aſſombrada hora que tevera a Raynha dona Lianor em ſeu parto, de que andava temeroſa, ſendolhe levada a cinta de ferro do Santo. Naceo entaõ a Infante dona Maria, cuja memoria vive com gloria na capella, e hoſpital que por ſua morte mandou edificar no Moſteyro de Noſſa Senhora da Luz de Frades da Ordem de Chriſto: obra magnifica, e verdadeyramente real. E com eſta lembrança acaba a hiſtoria, e nòs lhe daremos remate, acrecentando que a Princeza dona Joana com o exemplo de ſua tia ſe valeo do meſmo remedio pera alegrar o Reyno com o nacimento del Rey dom Sebaſtiaõ (incomparavel alegria, ſe a naõ eclipſaraõ noſſos peccados aos vintecinco annos com deſaſtrado fim ſeu, e de tudo bom que avia no Reyno.) A Princeſa tornou o ferro acompanhado de ouro, e prata de eſmolla. A Raynha reformoulhe a capella, e retabolo. Mas ninguem tratou atègora da mayor honra, e taõ bem merecida do Santo, que he ſua canonizaçaõ. Do que nos podemos queixar com juſto ſintimento.

CAPITULO XXXVI.

Da ſanta vida, e glorioſo tranſito do Padre Frey Bernardo de Morlans: e de dous mininos Santos ſeus diſcipulos.

ATràs prometemos relaçaõ copioſa da vida, e morte de Frey Bernardo de Morlans, quando tocamos como o Santo Frey Gil o tirou de França. He tempo de nos deſinvidarmos. Vindo o Santo de hum Capitulo Geral de Paris pera Eſpanha da primeira vez que foy Provincial, e fazendo ſeu caminho por terras de Gaſcunha, em hum lugar que chamaõ Morlans lhe veyo tomar a bençaõ hum mancebo de pouca idade: o qual lhe deu conta de ſua vida, e alma por taes termos, que entendeo o Santo tinha Deos nelle depoſitado grandes teſouros de ſua graça. Alcançou polo que Cap. 20.

fa-

falaraõ que era muito nobre, e aparentado. E ſendo prevenido com bençoens do Eſpirito Santo que o guiava a deixar as vaydades do mundo: todavia forças de parentes o tinhaõ obrigado a eſpoſarſe por palavras de futuro, com huma donzella ſua igual. Neſta conjunçaõ chegou a Morlans o Santo Provincial: e o mancebo vendo em ſua terra o habito de S. Domingos, a que ſe confeſſava devoto, e tal peſſoa com elle, ouve que lho trazia Deos a caſa pera por ſeu meyo ſe livrar dos laços da vida ſecular, da obrigaçaõ da eſpoſa, e da caſa, e da fazenda, que tudo por amor de Deos deſejava largar. E affirmando, que o naõ tinha feito atè entaõ por falta de occaſiaõ, e guia, pediolhe com inſtancia que ouveſſe piedade de huma alma que ſe punha em ſuas maons, e por ellas eſperava achar ſalvaçaõ. Quem duvida que ſeria iſto muſica celeſtial pera hum eſpirito ſempre abrazado em amores Divinos? Recebeo o Santo com abraços da alma. Animouo com ſuas palavras que eſpiravaõ fogo, e com exemplos dos Santos antigos que na flor da idade deraõ demaõ aos goſtos, aos eſtados, e às eſperanças: hum Antaõ a quem ſobejava tudo, fogido pera hum deſerto falto de tudo: hum Aleixo ſenhor do melhor de Roma, deixando Conſulados, e eſpoſa nobiliſſima, por hum pedaço de paõ negro buſcado de porta em porta com affronta, e muitas vezes negado com aſpereza. Era iſto aſſoprar fogo que por ſi ardia. E como em conſelhos de buſcar a Deos toda diligencia he vagaroſa, aſſentaraõ que ſe poſeſſe logo a caminho pera C,aragoça, e ahi eſperaſſe polo Provincial, que como caminhava a pè, de força avia de tardar em chegar. Tal foy o principio da vida do Santo Frey Bernardo, principio de aſſentarem nelle todos os favores, e mimos do Ceo, que o Senhor promete a quem polo ſervir ſabe aborrecer os nadas da terra. Chegou o Santo a C,aragoça com deſejos de ver o ſeu valeroſo fugitivo: e achouo naõ menos alvoroçado pera ſe entregar ao deſerto, e pobreza da religiaõ. Lançoulhe ali logo o habito por filho do ſeu amado Convento de Santarem, e foy neſta jornada ſeu Meſtre de noviços. Daqui podemos inferir qual ſayria de tal eſcola, e entrando em tal Convento, onde, como temos dito, tudo eraõ Santos. Tal ſe fez, que diz delle Frey Andrè de Reſende as palavras ſeguintes:

S. Jeron. nas vidas dos Padres. Baron.

Reſende l. 2. t. 1. exẽp. 99. na vida de S. Frey Gil.

Hic Bernardus, de quo modo mentionem feci, longe recentior altero (faz comparaçaõ com S. Bernardo Abbade de Claraval) *fuit, ſed columbina ſimplicitate, morum innocentia, & virginali puritate non adeò diſſimilis.*

Que-

Querem dizer.

ESte Bernardo, de quem agora fiz mençaõ, foy muito mais moderno que o outro (Abbade Santo de Claraval) mas nada differente na ſingeleza de pomba, na ſantidade de coſtumes, e na pureza virginal.

Morava Frey Bernardo em Santarem, e fazia o officio de Sacriſtaõ com cuydado, e limpeza de Santo: e como era tal a opiniaõ que tinha na villa, traziaõlhe os homens nobres ſeus filhos mininos pera os doutrinar, e yr inſinando a ler, e eſcrever nas horas que tinha livres de ſua occupaçaõ. Faziao elle com caridade como quem criava prantas pera o Ceo. Entre os que mais continuavaõ ſua eſcola, avia dous que andavaõ veſtidos no noſſo habito, e ou por ſerem parentes, ou vizinhos vinhaõ, e aprendiaõ juntos. Como acudiaõ pola manham, mandavaos Frey Bernardo recolher em huma capela, em quanto dava ordem na Sacriſtia. Aly hiaõ lendo por ſuas cartas, e eſcrevendo ſuas materias, atè que elle vinha, e dandolhes liçaõ, ſendo ſempre primeyra a da doutrina Chriſtam, os deſpedia. Pera paſſarem as manhans, e ſofrerem as eſperas do Meſtre, como he taõ ordinario levarſe a idade tenra de couſas de comer, naõ ſubindo aquelles annos a outros cuydados, mandavaõnos as mãys providos de ſeus almorços atados em ſeus lenços, ou recolhidos em ceſtinhos. Como tinhaõ trabalhado hum pouco, punhaõ de parte cartas, e papeis, eſtendiaõ os lenços, faziaõ meza dos degraos do altar, e deſpejavaõ o que avia. Iſto era coſtume de cada dia, e a capella, em que aſſiſtiaõ mais de ordinario, era a dos Reys contigua ao Coro, e capella mòr da parte do Evangelho. A qual, porque fique deſde logo dito, e ſabido, poſſuyo eſte nome dos Reys atè o anno em que veyo canonizado S. Jacinto de Polonia noſſo Frade: e entaõ ſe deu ao Santo o titulo della: e o jazigo, e enterro pedio Ayres de Saldanha, que foy Viſorey da India, e irmaõ de Frey Diogo de Saldanha Frade noſſo, pera ſi, e ſeus ſucceſſores, como gente que tem a devaçaõ da Ordem por herança de avòs, e do apellido. Avia no altar huma imagem de noſſa Senhora de vulto antiga, e grande com ſeu Minino JESUS no collo. Aconteceo hum dia, que eſtando os dous companheirinhos com meza poſta feſtejando o almorço, levantou hum delles os olhos à imagem, e detendoos no Minino JESUS, diſſelhe com a innocencia da idade, que lhe fazia crer o tinha preſente, ſe queria almorçar, deceſſe, e comeriaõ todos. Como o Senhor ſe paga tanto de animos ſingellos, e puros, honrou logo aquella ſanta ſimplicidade: viaõno decer, aſſentarſe com elles, lançar maõ do que avia, e moſtrar que comia; e fazendo o

moſ-

meſmo outras vezes; acabado o almorço tornarſe a ſeu lugar. De crer he, que nem ſempre desfaria logo a companhia, antes ſe deteria com elles, vendolhes as cartas, e materias, e naõ ſeria o trato mudo: nem tambem os mininos teriaõ em ſegredo a ſuas mãys o que paſſava, ou pera fazerem crecer a raçaõ, pois tinhaõ convidado: ou porque he tambem parte da innocencia dizer tudo. Paſſados alguns dias deſpois que a converſaçaõ continuava, vieraõ a dar conta ao Meſtre: e como em queixa deziaõ que o Minino JESUS comia muy bem do que elles traziaõ, mas que nunca punha nada. Ouviaos Frey Bernardo primeyro com duvida: deſpois de certificado, com admiraçaõ. E como a Santo derretiaſelhe o coraçaõ em amores da Divina bondade. Offerecialhe eternos louvores por tanta miſericordia, e convidava a elles toda a Corte celeſtial. Foy cuydando logo como grangearia algum grande bem aos innocentinhos, em que pudeſſe ter tambem ſua parte. Diſſelhes que eſtiveſſem advirtidos pera a primeira vez que o Minino tornaſſe a ſer ſeu hoſpede, dizeremlhe, que pois folgava de comer dos ſeus almorços, tambem ſeria rezaõ darlhes algum dia em caſa de ſeu Pay huma merenda, e que pera ella levariaõ conſigo a ſeu Meſtre. Ficaraõ cheyos de prazer com o conſelho, e eſperanças de negocearem com ſeu hoſpede a paga do que a ſeu parecer lhes tinha comido, ignorando de todo a traça ſanta de ſeu Meſtre. Era huma ſegunda feyra da ſemana da glorioſa Aſcenſaõ. Acudiraõ à ſua liçaõ, e capella, e deviaõ vir melhor providos os ceſtinhos, viſto como determinavaõ pedir. Naõ faltou o hoſpede, nem elles foraõ eſquecidos de lhe propor ſeu requerimento. Reſpondeolhes, que era contente de os convidar a ambos pera caſa de ſeu Pay, e que ſeria dali a tres dias. Tornaraõ com o aviſo ao Meſtre, que naõ deſconfiando das miſericordias do Senhor, e julgando que a falta da repoſta era pera prova de ſua conſtancia, uſou da jurdiçaõ, e direito de ſeu officio. Mandoulhes, que lhe diſſeſſem no dia ſeguinte, que como traziaõ o habito de S. Domingos, eſtavaõ obrigados a guardar as leys dos Frades. E porque huma das principaes era obediencia ao Meſtre, elle naõ era contente que foſſem ſós a ſua caſa, nem conſintiria na yda, ſe naõ indo tambem de companhia. Deixouſe vencer a Divina bondade deſta ſegunda inſtancia, e do artificio do Meſtre, aceitouo por convidado. E elle recebeo a nova com eſtremos de alvoroço, eſtando bem na conta de qual avia de ſer o banquete. E como varaõ eſpiritual começou a entender no aparelho que pera elle convinha, pera naõ ſer achado em tal dia ſem roupa de bodas. Aparelho perpetuo he pera a meza da gloria, a vida da Religiaõ; mas a hora de chegar, he hora de confuſaõ, e de temor, e tremor atè pera os mais perfeitos. Convem grande cuydado, e grande vigia: e tal foy a de Frey Bernardo, ſobre huma vida de Santo. Chegado o dia da Aſcenſaõ, que era o prazo da merenda, dizem, que foy elle o ultimo de caſa a dizer Miſſa; e jà quando os Padres hiaõ pe-

pera o refeitorio (devia ſer eſperar a hora em que o Senhor ſubio ao Ceo.) Diſſea no altar do Divino hoſpede , foraõ miniſtros os Fradinhos diſcipulos , e he tradiçaõ que de ſua maõ os comungou nella. Acabada a Miſſa pozſe com elles de joelhos diante do altar , com maons levantadas , e olhos no Ceo , eſperando a hora de ſerem chamados. E neſta poſtura lhes foy cumprida a Divina promeſſa. E nella foraõ achados da Communidade , que vindo às graças , e ſayndo deſpois pola Igreja acudio toda a ver o eſpectaculo devoto , e maravilhoſo. Porque à viſta , e no ſembrante eſtavaõ vivos , mas feitas as experiencias neceſſarias , ſe vio que eraõ paſſados a melhor vida. Publicouſe o caſo , acudio toda a villa , vieraõ pays , e parentes dos mininos. Entaõ ſe ſouberaõ por relaçaõ ſua as particularidades todas que temos contado , porque a pouca cautela da idade deſcobria ſuas boas venturas com facilidade , e eſſa meſma as fazia julgar entaõ por ridiculas de quem lhas ouvia. Foy celebrado o caſo com eſpanto , e lagrimas no povo : com devaçaõ , e enveja no Convento , como entre Santos. E rezaõ fora que entre todos ſe ſolennizara com marmores , e pergaminhos : marmores pera ſe dar illuſtre , e digna ſepultura a gente taõ mimoſa do Ceo : pergaminhos pera ficar por eſcrito , e muito ſabida na terra huma memoria de tanta honra pera noſſa Ordem. Mas quem o crerà ? Nenhuma deſtas couſas ſe fez. Andava a caſa acoſtumada a grandes maravilhas : aviaſe por caſo de menos valer, fazer muita conta deſtas. Huma sò honra lhes deraõ , que foy ſepultallos juntos na meſma capella , e à viſta do meſmo Senhor que com tanta miſericordia foy ſervido banqueteallos. Polo tempo em diante , ou foſſe occaſiaõ algum milagre , ou entrar no Convento gente mais curioſa , eſtranhouſe naõ eſtarem mais honrados os corpos que aviaõ ſido depoſitarios de almas taõ ditoſas. Fezſe a tresladaçaõ , recolheraõnos em hum archete de pedra , que embeberaõ na groſſura da parede do Cruzeiro , defronte da meſma Capela polos naõ apartarem dos olhos de ſeu amado hoſpede. Sobre o archete ſe pintou a freſco de maõ pouco polida huma imagem da Senhora , e abaixo della a do minino JESU entre dous fradinhos do habito Dominico , cada hum com ſeu cabazinho na maõ. Mas nem inda eſtes Padres , que por eſta obra , e por mais chegados a noſſos tempos chamamos curioſos , tiveraõ cuydado de nos deixar eſcrito o primeiro ſucceſſo , nem como , e quando ſe fez a tresladaçaõ , nem que rezaõ ou occaſiaõ ouve pera ſe fazer. Sò a pintura lhe devemos , e naõ he pequena divida em tantos deſcuidos. Porque ella ſem aver couſa eſcrita foy ajudando a tradiçaõ quanto ao caſo principal , que tambem eſtivera apagada com os annos , e nos guiou pera ſe deſcobrirem as ſantas Reliquias , e em fim ficar tudo com huma nova , e grande luz , e perpetuado pera em quanto o Mundo durar. Que iſto he hum cabello da cabeça dos juſtos que Deos ſe tem obrigado por ſua verdade que naõ ha de perecer ; memoria mundana , que em com-

paraçaõ da Eterna, que tambem promete, ainda he menos que hum cabello. A traça, e meyo diremos no capitulo ſeguinte.

CAPITULO XXXVII.

Como foraõ achados os corpos dos Santos Frey Bernardo, e ſeus diſcipulos, e collocados em altar particular.

A Porta das graças do Convento tinha antigamente a ſervintia ſobre os presbiterios da Igreja. Dezejavaõ os Padres mudalla, e abrir outra, aſſi por tirarem aquella indecencia, como por ganharem mais huma Capella nos presbiterios: mas deixavaõ de o fazer porque naõ avia outro lugar ſe naõ onde ficava a pintura que diſſemos, cujo indicio junto à tradiçaõ, ſem aver outra certeza, atava as maons aos Prelados pera naõ bolirem na parede. Atreveoſe a romper polo inconveniente o Prior Frey Miguel do Roſario, e merece ficar em memoria ſeu nome: porque do bom juizo com que o fez reſultou ficarem o Convento com commodidade, e os Santos com honra. Tendo junto o neceſſario pera dar principio à obra, pedio ao Vigario Geral, que polo Arcebiſpo aſſiſte na villa, quizeſſe acharſe preſente: porque ſe Deos foſſe ſervido acharſe o que ſe ſoſpeitava naquelle lugar, ouveſſe ſolenidade, e lembrança tal, que ſe naõ queixaſſem os vindouros. Foy aſſinado o dia aos 14 de Janeyro do anno de 1577. Acudio elle acompanhado de dous Notarios Apoſtolicos, e foraõ chamadas algumas peſſoas nobres, e outra gente devota da Ordem. A primeyra couſa que ſe fez foy conſiderarem a calidade, e eſtado da pintura que eſtava ſobre o ſitio, onde ſe avia de começar a romper, a qual notaraõ, e aſſentaraõ todos ſer muy antiga, colligindoo das feiçoens de roſtos, e veſtidos, em tudo deſacoſtumados, e differentes do tempo preſente, e de eſtarem as cores botadas, e o perfil da pintura em partes cego, e em partes apagado, (indicio certo de longo diſcurſo de annos.) Logo foraõ officiaes começando a picar a parede polo meſmo lugar da pintura: e a poucos golpes deraõ em huma pedra grande, lavrada, que ſendo ſeguida, e deſcarnada, e deſcuberta pareceo ſer caixaõ ou archete cerrado. Decido do alto com alegria, e reverencia, e aberto diante de todos, pareceraõ dentro dous envoltorios em toalhas de linho. As toalhas ſans, e taõ novas, e alvas que pareciaõ poſtas ali daquella hora (couſa que muito admirou) tinhaõ ao longo das bainhas humas liſtas vermelhas, e polo meyo onde ſe ouveraõ de juntar com coſtura huma cadenilha ou renda de ſeda, ao parecer feita de agulha. Ao abrir do primeyro envoltorio, recendeo pola Igreja, e foy ſintido de todos os que eraõ preſentes hum ſuaviſſimo cheyro, que lançavaõ de ſi os oſſos que nelle eſtavaõ. Eraõ grandes, ſecos, e alvos, que naõ ſe podia duvidar ſerem de homem, e ſua caveyra grande, que reſpondia em proporçaõ com elles. Na outra toalha avia mais oſſos em numero, mas todos miudos, e delgados, e huma caveyra inteira, e pequena, que logo parecia ſer de minino: e huns pe-

daços

daços de caſco doutra, que tambem moſtravaõ ſer pequena. A inteira eſtava cuberta de hum veo negro. Alguns dos oſſinhos tinhaõ ainda carne pegada. Achouſe com elles hum pedaço de pano de lam, que devia ſer dos habitos dos mininos: e juntas com o pano humas guedelhas de cabellos louros, e curtos como de cercilho dos Fradinhos. Celebraraõ os Religioſos eſte achado com a devaçaõ, e contentamento, que era rezaõ, dando muitas graças a noſſo Senhor, pola manifeſtaçaõ, e confirmaçaõ taõ infallivel de hum ſucceſſo que pendia sò de huma tradiçaõ quaſi morta, e do teſtimunho da pintura meyo apagada, ſendo tanto da honra de Deos, e da Chriſtandade, e da Ordem de S. Domingos. Fizeraõſe logo autos em fórma de direito, com ſummario de teſtimunhas tiradas ante o Vigario geral, com declaraçaõ de todas as particularidades, e circunſtancias que temos dito, de que ſe pediraõ, e deraõ treslados pera o cartorio do Convento, onde eſtaõ guardados.

He particular circunſtancia, e honra da verdade ſer ſempre uniforme, e huma meſma ſem variedade, nem alteraçaõ. Pode eſtar eſcondida, enterrada, ou eſquecida: mas differente de ſi, ou encontrada conſigo nunca o pode ſer: porque polo meſmo caſo naõ fora verdade. Bem o temos viſto na correſpondencia que achamos deſte ſucceſſo com a tradiçaõ antiga: e na conformidade da tradiçaõ com a pintura, e da tradiçaõ, e pintura com a ultima prova, e viſta das reliquias: e da ſantidade, que contamos de Frey Bernardo, reconhecida com a fragrancia deſuſada do cheyro de ſeus oſſos, uſada, e viſta sò nos de grandes Santos. Mas iſto meſmo me obriga a ſentir mais, que ſendo o principal goſto da hiſtoria ſaber o tempo certo das couſas: deſpois de nos conſtar com clareza eſte glorioſo ſucceſſo, de força avemos de ficar com duvida dos annos em que aconteceo, porque onde falta eſcritura, nenhum diſcurſo nem conjeitura nos pode baſtantemente certificar. Muitos affirmaõ que foy no anno de 1250, e ſem falta ſe enganaõ: porque vivendo como vivia inda entaõ S. Frey Gil, e aviſando como ſabemos ao Meſtre Geral da Ordem de particulares caſos de vida, e morte de Religioſos deſte Reyno, era impoſſivel deixar eſquecido hum taõ peregrino, como eſte. Ajuntaſe, que ao tempo do falecimento de S. Frey Gil, que foy quinze annos deſpois no de 1265 era vivo o Santo Frey Bernardo. O que achamos nos eſcritores de ſua vida, e o refere o Meſtre Reſende na viſaõ que teve Elvira Paes da gloria do meſmo Santo deſpois de ſua morte, dizendo que eſta molher a contou ao Santo varaõ Frey Bernardo, e a outros que nomea; e aſſi he forçado paſſarmos o ſucceſſo muito adiante. E porque humas das principais obrigaçoens do hiſtoriador, he computar, e averiguar com preciſaõ os tempos do que eſcreve, he de ſaber, que no ſummario de teſtimunhas, que como fica dito tirou o Vigario Geral, concordaraõ todos os mais velhos, que foraõ preſentes, que o caſo paſſara avia trezentos annos, (e aſſi ficou eſcrito) os quais tirados de 1577,

M. Frey Andrè de Reſende l.2.trac.8. exẽp. 35.

que corriaõ quando ſe fez o ſummario, ficaõ ao juſto 1277, e eſte he o tempo verdadeiro a pouco mais ou menos, em que aconteceo.

Naõ ignoramos, que alguns Autores quizeraõ lançar eſte acontecimento nos annos muito adiante de 1348 atè 1350, allegando que ouvera em tal conjunçaõ huma peſte geral no Reyno taõ violenta, que deixara deſpovoados muitos Conventos, levando de dez partes dos Religioſos as nove: e que a falta de Frades obrigava aos que ficaraõ a yr criando mininos, pera lhes darem a ſeu tempo o habito, quaes eraõ eſtes noſſos. Mas enganaraõſe por outro ſemelhante milagre com que Deos quiz honrar outro Convento noſſo em tal conjunçaõ, que foy o de S. Miguel de Vitoria da ilha de Malhorca: o qual milagre teve algumas differenças do noſſo, como ſe pode ver nos eſcritores da provincia de Aragaõ: primeira ſer hum sò minino convidado, ſegunda, e terceira ſucceder em Domingo, e mais de ſetenta annos adiante.

M. Frey Franciſco Diago l. 2. c. 43. hiſt. da provincia de Aragaõ

Mas tornando à hiſtoria, tiradas as ſantas reliquias foraõ levadas com ſolenidade à capella mòr, e poſtas nos degràos do altar em quanto ſe tratava do lugar onde aviaõ de ficar. Eſtava doente, e muy trabalhado avia juſtos oitenta dias de humas riguroſas terçans dobres hum Religioſo antigo do Convento por nome Frey Andrè de S. Paulo: foy aviſado do que paſſava, e aconſelhado que ſe aproveitaſſe da occaſiaõ. Ainda que o mal o tinha reduzido à eſtrema fraqueza, cobrou coraçaõ. Levantouſe, e fezſe levar primeyro a Sacriſtia, onde ſe confeſſou, e commungou, e deſpois ao altar mòr. Vio as ſantas reliquias, venerouas, e beijouas, pediolhes ſua valia, e interceſſaõ pera ſe ver alguma hora livre de tanto frio, e tanto fogo, como padecia cada dia taõ importunamente, que jà lhe parecia que nunca avia de ſer ſaõ. He couſa certa que deſde eſta hora naõ teve mais ſezaõ, nem mal nenhum: e como em ſaude de milagre, foy taõ apreſſada a convalecencia, que aos oito dias foy comer em Communidade o peixe ordinario do refeitorio.

Fez o Prior relaçaõ de todas eſtas couſas ao Arcebiſpo de Lisboa dom Jorge d' Almeida: e com ſua licença deputou altar particular no corpo da Igreja pera decente collocaçaõ das reliquias, no qual por entaõ ſe poſeraõ bem fechadas, ficando em meyo do altar a meſma imagem milagroſa do Minino JESUS, de cuja invocaçaõ ſe inſtituyo logo huma Confraria com eſtatuto de ſe dizer huma Miſſa da Aſcenſaõ todas as quintas feiras do anno, e celebrarſelhe feſta no meſmo dia da Aſcenſaõ, viſto como nelle foy ſervido obrar a maravilha com ſeus ſervos.

Alguns annos deſpois aſſentaraõ os Padres do Convento com melhor conſelho, pera que tudo tambem nos lugares ficaſſe conformando com a antiguidade, que a S. Jacintho ſe dèſſe outra capella: e a que occupava dos Reys ſe reſtituiſſe à imagem milagroſa, e às reliquias dos ſeus convidados. E aſſi ſe fez. E a imagem antiga da Senhora que o tinha nos braços, pera ſe conſervar com mais decen-

cencia, ſe paſſou à Capella do Roſario, e he a meſma que aly tem a invocaçaõ della. Huma, e outra couſa ſe ordenou com muita conſideraçaõ, porque alèm da grande veneraçaõ, que a ambas eſtas imagens ſe deve polo paſſado, e por milagres que oje fazem, eſtà recebido, e aſſentado neſta villa entre peſſoas religioſas, e ſeculares de bom juizo, que a do minino tem crecido notavelmente, e eſtà muito mayor do que era em tempos atràs: e os que continuavaõ no Convento, e na viſta delle affirmaõ que ainda hoje vay crecendo conhecidamente. Do que he argumento que ſendo recolhido em tempos atràs em huma caixa que ſe lhe fez pera reſguardo forrada de ſetim carmeſi, na qual ſegundo a tradiçaõ comum cabia folgadamente cuberta a cabeça com ſeu chapeozinho alto, feito do meſmo ſetim, teſtemunhaõ muitos Padres de grande authoridade, e credito, e ſeculares dignos de fee, que viraõ com ſeus olhos dezeſeis annos atràs, ſerlhe a caixa taõ curta, que com difficuldade entrava nella desbarretado. O que ſendo publico, e chegando à noticia das Religioſas Framengas da Ordem de S. Franciſco que tem ſeu Moſteiro em Alcantara arrabalde de Lisboa, cheas de eſpirito, e devaçaõ inviaraõ ao Prior huma caixa mayor, e melhor lavrada, e dourada, pedindolhe a troco della a que o minino a parecer de todos jà engeitava por curta. Foy o Prior facil de vencer do partido, e aceitouo com liberalidade pouco conſiderada. Porèm a meſma imagem ſanta o vay deſculpando, porque neſtes dezeſeis annos tem crecido tanto ao ſabido, que ſendo aſſi, que quando aceitou o novo recolhimento, eſtava nelle com grande largueza coroado de huma coroa de prata cerrada que remata em huma Cruz no alto: os meſmos que o viraõ entaõ, paſmaõ hoje: porque o enche tanto ao juſto, e taõ apertadamente, que he neceſſario geito, e artificio pera o tornarem a recolher, quando os Padres acertaõ de o tirar por alguma occaſiaõ. Donde ſe infere ao certo que tambem aqui vay crecendo. Mas o maior crecimento ſe vio, e notou a olhos de toda a villa de Santarem, quando ſaindo do Convento huma devota prociſſaõ averà oito annos em occaſiaõ de graviſſimo ſintimento, pareceo ao Prelado que ſeria importante pera fazer devaçaõ, e pedir miſericordia, yr nella a imagem antigua da ſenhora, e em ſeus braços a do minino milagroſo. Fezſe aſſi, e enxergouſe huma exceſſiva deſproporçaõ do corpo do filho ao da mãy, porque claramente a encobria, e aſſombrava de maneira que a naõ deixava ver. Aſſi achamos Religioſos nas diligencias que de proximo fizemos no caſo, que naõ duvidaõ jurar que vay crecendo.

Mas iſto ſaõ couſas muito vizinhas ao tempo preſente. Tornando às mais afaſtadas, quando ſoou polo Reyno a manifeſtaçaõ deſtes Santos, foy grande a devaçaõ, e affecto de piedade, com que geralmente foy ouvida. Aſſi ſe pediraõ logo reliquias de muitas partes. E pedindoas tambem a ſenhora dona Caterina filha do Infante dom Duarte, e mãy do Duque de Bragança

ça dom Theodoſio, lhe foy dada a cabeça que entre as dos mininos ſe achou inteira: a qual ſe guarda com outro grande numero de precioſas reliquias na ſumptuoſa capella que os Duques tem nos ſeus paços de Villa Viçoſa.

CAPITULO XXXVIII.

Do Santo Frey Bernardo Segundo, ſua converſaõ, vida, e milagres, e ſepultura.

A Hum Bernardo bem pode ſeguir outro Bernardo, quando naõ foy inferior na virtude, nem no ſangue: nem differente em Convento: ſe bem ouve grande differença nos lugares onde ambos naceraõ, e nos annos em que floreceraõ. Temos tradiçaõ muyto antiga (eſcritura naõ ha nenhuma, nem ha jà pera que perder tempo em culpar deſcuydos, nem defender ſingelezas de noſſos mayores) que polos annos de 1340, poucos mais ou menos, tomou o habito neſte Convento hum moço muito illuſtre, e natural da meſma Villa. E foy o meyo, por onde o Eſpirito Santo o trouxe a buſcar o Ceo, hum caſo accidental, que paſſou deſta maneyra. Sahio hum dia a cavallo com outros ſeus iguais ao Chaõ da Feyra (aſſi chamaõ à grande praça que ſe eſtende entre a porta de Leyria, e os Moſteyros de S. Franciſco, e S. Domingos.) Era a tençaõ feſtejar a tarde em virtuoſo exercicio, moſtrando cada hum ſua deſtreza, e as boas manhas dos ginetes. Começando a paſſar a carreyra, pozſe no poſto Bernardo (aſſi avia nome o moço) trazia hum poderoſo cavallo: e ou foſſe que o naõ teveſſe bem conhecido: ou que o permittiſſe aſſi Deos pera o fim que ordenava, foy taõ deſcompaſſado o impeto, com que o animal furioſo ſe arremeſſou à carreyra, que o deſcompoz, e arrancou da cella, e com os eſtribos perdidos hia a olhos viſtos ao chaõ. Neſte paſſo ſe lembrou de S. Domingos (corria com o roſto no Convento) foyſe a elle com o penſamento, como hia com a viſta, pediolhe ſocorro: e logo ſem ſaber como, nem porque via, ſegundo deſpois contava, ſe vio taõ ſenhor da cella, e do cavallo, que ſem nenhum deſar, e com eſpanto dos companheyros chegou ao cabo da carreira, e foy parando concertado, e gentilhomem. Mas lembrado do perigo em que vira ſua vida, e opiniaõ, que huma, e outra couſa ſintia igualmente, logo determinou tomar eſtado, em que pera ſempre ficaſſe izento de ſemelhantes afrontas: e conhecendo bem o que devia a quem o livrara da preſente, amanheceo o dia ſeguinte no Convento, e pedio o habito. Naõ poz o Prior dilaçaõ em lho veſtir, porque eraõ publicas as calidades do ſojeito: nem o generoſo moço em moſtrar, que fora a mudança da maõ do Altiſſimo: ſe bem tevera principio em humilde accidente da terra. Entregouſe a todos os exercicios da Religiaõ, como ſe pera outra couſa naõ nacera: eſtimava a pobreza, como ſe nunca fora ſenhor de fazenda: aſſi obedecia, como ſe toda a vida fora ſubdito, e nunca ſoubera que couſa foſſe mandar: riguroſo no jejum, devoto na oraçaõ, no ſilencio conſtante.

O

O recolhimento da cella, e a liçaõ dos livros ſantos, era o ſeu mayor goſto: mas pera os exercicios humildes ninguem ſahia della com mais vontade. Das portas do Convento pera fòra naõ queria ſaber nada: parentes, e amigos do mundo poz de todo em eſquecimento: e atè o nome da familia, e do ſangue enjeitou, ficandoſe sò com o de Frey Bernardo, nem lhe ſabemos outro. Aſſi foy ſobindo a hum alto genero de ſantidade, que elle encubria com outro igual de abatimento, e deſprezo de ſi. Mas eſte foy o mayor deſcubridor della. Porque o enemigo comum que particularmente aborrece humildade, naõ arrependido do peccado antigo, vendo que ſe fundava na de Frey Bernardo valeroſa coluna da Religiaõ, começou a fazerlhe guerra a todo ſeu poder. Porèm pola miſericordia Divina ficava ſempre vencido, e o bom ſoldado de Chriſto cobrava com o exercicio novas forças pera pelejar, e vencer. Veyo a ſer occupado no cargo da Sacriſtia. Aqui achou o enemigo hum novo ardil pera o inquietar. Eraõ os Frades poucos, ou era elle sò pera muito, ſervia a Sacriſtia ſem companheiro, e faziao com particular diligencia. Era eſmerada a limpeza, e concerto com que tudo andava em ſua maõ. Mas queixavaõſe os Frades, que as mais das noites achavaõ as alampadas do Dormitorio, e da Igreja apagadas. Differaõlho, procurou o remedio provendoas ſempre, e deixandoas em eſtado que por boa conta ſuſtentaſſem a luz horas dobradas, cerrando freſtas, e janellas. Mas naõ baſtava nada. Porque no tempo mais quieto ſe achavaõ mortas ſem combate de vento, nem tormenta: e os Frades faziaõ queixa publica de ſua negligencia. Aſſi andava enemiſtado com elles, e deſacreditado com o Prelado ſem culpa nenhuma. Foy tirado a Capitulo, reprendido, penitenciado. Naõ ſabia que fizeſſe, chorava, e ſintia o eſcandalo da Communidade, mais que ſeu deſcredito; e o deſgoſto do Prelado, mais que as penitencias que lhe dava, porque outras fazia mais riguroſas, e continuas. He conſtante tradiçaõ que nove annos lhe durou eſte trabalho, e afronta, trazendoo affligido, e tresnoutado de ſe levantar a cada paſſo a vigiar, e acender de novo; com hum ſofrimento incanſavel, aceitando jà o trabalho por exercicio de virtude, e offerecendo a Deos a injuſtiça das culpas que lhe davaõ. Mas o diſcurſo do tempo, e a paciencia de Frey Bernardo foy moſtrando que naõ era couſa natural: e jà todos entendiaõ que tal importunaçaõ, e contumacia naõ podia proceder ſe naõ do Inferno, e acabouſe de ver no caſo que agora diremos.

Acabou huma noite de concertar, e acender a alampada do altar mòr, e em virando as coſtas achoua apagada. Era o tempo claro, e ſereno, naõ ſe ſintia bafo de vento: ſem fazer juizo temerario entendeo que fora feito à ſinte, e a alampada apagada à maõ. Era falta no culto Divino, indigna de ſe diſſimular, arrebentou o ſofrimento. Proſtraſe por terra diante do Santiſſimo Sacramento pedindo efficazmente, e com deſconſolaçaõ ao Senhor lhe quizeſſe manifeſtar algum dia quem tanta

lhe

lhe cauſava. Acabada a oraçaõ foiſe buſcar luz, e começava a entender com a alampada, ſenaõ quando ſe lhe poem diante, e junto della hum feyo animal, bode na barba, e armaçaõ. Julgando logo quem podia ſer o dono de tal maſcara, mandoulhe da parte de Deos que dali ſe naõ boliſſe, nem mudaſſe a figura: e foyſe correndo à Sacriſtia, trouxe huma groſſa diſciplina, levou o cabraõ polas barbas, deſafogou a paixaõ, ou quebrou as maons em o diſciplinar. E deſpois de cançado levouo arraſtando, e atroando o Convento com berros infernais atè a caſa commum, e lançouo por ella abaixo. Entaõ ceſſou a queixa das alampadas: e cayraõ os Frades no que tinhaõ dado a merecer de tanto tempo atràs ao pobre Sacriſtaõ com ſeus mal fundados juizos.

Crece a virtude, e o valor nos trabalhos. Creciaõ graças, e favores do Ceo em Frey Bernardo, quando mais acoſſado andava do Inferno: e viaõſe prodigios de ſua oraçaõ, e de ſuas maons, eſpantoſos. He couſa ſem duvida, que a muitos enfermos deſeſperados de remedio humano livrou das portas da morte, ſàrou aleijados, deu olhos a cegos, e reſuſcitou mortos. Das circunſtancias, e particularidades de cada maravilha deſtas naõ chegou a nòs à noticia, porque eſtando eſcritas muitas polos antigos, e contemporaneos de Frey Bernardo, os ſucceſſores foraõ taõ deſcuydados (porque nunca nos faltem queixas) que deixaraõ conſumir os pergaminhos, que ainda eraõ vivos em tempo de Frey Andrè de Reſende, como elle o teſtimunha na vida de S. Frey Gil; dizendo de certa particularidade, que a achou apontada entre os milagres de S. Frey Bernardo. Mas diremos hum que por eſtranho, e quaſi nunca viſto naõ pode ſer da antiguidade vencido, porque ſe conſervou a tradiçaõ delle com ajuda de pintura.

Reſende l. 2. tr. 3. exẽp. 49.

Foy o caſo, que ſendo levado a enforcar huma manham hum pobre homem, por ſentença, e mandado da juſtiça, e feita nelle a execuçaõ ſegundo coſtume: quando foy ſobre tarde permittio o Senhor que paſſaſſem por junto da forca certos homens, os quais ſe ouviraõ chamar della, e acudindo à voz naõ livres de medo, mas animados com a companhia, diſſelhes o pendurado que chegaſſem ſem temor, porque naõ era fantaſma quem lhes falava, ſenaõ homem vivo, e uſaſſem com elle de miſericordia, jà que Deos os trouxera por aly. Deſpois que o deceraõ, naõ faltou curioſidade pera lhe perguntarem a rezaõ de tal maravilha, tendo tamanha contradiçaõ entre ſi vivo, e enforcado. Reſpondeo, que Frey Bernardo Sacriſtaõ de S. Domingos aparecera ali, e eſtivera com elle ao tempo que lhe lançavaõ os cordeis, e ſem elle padecente ſaber como, o defendera da morte, e o ſuſtentara atè aquella hora que os ſintira, e chamara. Soubeſe deſpois que a mãy era grande devota do Santo, e que ao tempo que o levavaõ a padecer, ſe fora a elle com lagrimas pedindolhe remedio, e manifeſtarlhe, como he de crer, que padecia ſem culpa: o que muitas vezes tem acontecido, naõ deixando de fazer ſeu dever a juſtiça, e juizes.

O

O ſucceſſo tem toda a certeza que humanamente pode aver em couſa taõ antiga. Porque teve por Croniſta todo o povo de Santarem, a cujos olhos ſe pintou a hiſtoria nas paredes da Capella que entaõ era dos Reys Magos, contigua ao Coro, e Capella mòr da parte do Evangelho. E claro eſtà que ſe naõ pintara couſa duvidoſa avendo de ter tantas teſtimunhas. E nòs alcançàmos a pintura que era viva ha menos de cinquenta annos. Lembrame como natural de Santarem, ouvir muitas vezes Miſſa neſta Capella, e verlhe as paredes cubertas de pinturas a freſco de alto abaixo, e de maõ pouco polida, prometendo muita antiguidade no feitio, e no eſtado de cores botadas, e pouco diſtintas em parte. Notavamos a forca, e o pendurado, em ſua alva veſtido, y roſto cuberto, e pès eſtirados, e lembrame como moço fazerme horror, e aſco. Viamos a outra parte homens amortalhados, e outros que repreſentavaõ hum hoſpital, por ſerem muitos, e todos com ſembrante, e geito de enfermos: tudo memorias dos que por oraçoens do Santo teveraõ remedio milagroſo. Naõ eſqueceo a hiſtoria que contamos do apagador das alampadas, em huma parte repreſentandoſe ao Santo, noutra diſciplinado, e em acto que moſtrava ou fingia ſintir o caſtigo. Menos danificada eſtava eſta memoria no anno em que o Padre Meſtre Frey Jeronymo de Padilha a vio, que foy o de 1539 em que fez os apontamentos que temos ſeus, de couſas que como Provincial que era foy notando nas caſas da Provincia: e diz as palavras ſeguintes:

Eſte glorioſo Santo (fala de Frey Bernardo) ha hecho muchos milagros, y aſſi eſtà toda ſu Capilla llena de pinturas dellos oy en dia, dado que ha que paſsò mas de dozientos años.

De qual foy ſua morte naõ temos certa relaçaõ. Bem acreditada eſtà com a vida dantes, e com a honra que lhe grangeou deſpois. Porque como a Santo ſe lhe deu ſepultura alta na Capella que temos dito, que foy hum grande moimento de pedra lavrado a uſo daquella idade, que ficava arrimado à parede do Coro, e Capella mor, entalhado hum vulto de Frade de relevo na lagea que o cobria, e aos pès a figura em que o diabo ſe lhe deſcubrio quando o perſeguia. E ajuntaraõ os devotos a pintura pera ornato da Capella, e elogio da ſepultura. Eſte moymento ſe abrio, e desfez no tempo que a Igreja ſe reedificou. A cauſa de ſe abrir foy aver fama, que hum Prior antigo paſſara os oſſos que nella avia pera a ſepultura do S. Frey Gil. Mas a que ouve pera ſe desfazer foy, naõ ſe ſaber cujos eraõ: e parecer que convinha deſembaraçar o lugar pera effeito de ſe engroſſarem, e fortificarem as paredes da Capella mòr. Aberto o ſepulcro verificouſe a mudança das reliquias, porque ſe naõ acharaõ mais que tres ou quatro oſſos, os quais recolhidos em huma boceta, com hum papel que declara a rezaõ do feito, ficaraõ ſumidos na groſſura da parede no meſmo ſitio da ſepultura, e poſta ſobre elles à face huma pedra ſinelada das armas da Ordem ſem outra memoria. Soſpeitaraõ os Padres, que entendiaõ na pedra, e cal, ſer a ſepultura do

Padre Frey Domingos de Cubo, porque lhes faltou a pintura que os guiaſſe, trocada jà entaõ em azulejos, des do tempo que ſe dedicou a Capella a S. Jacinto. Aſſi ficou Frey Bernardo deſpois de longos annos ſem nome, ſem Capella, e ſem ſepultura, repartido parte na alhea, e parte encerrado na parede: porèm ſem culpa dos edificadores, e sò por falta de noticia da antiguidade. Que ſe eſta ouvera, de crer he, que com novos titulos ſe avivara a memoria de tal Santo: e nòs em lugar delles lhe offerecemos em nome da Provincia, que nos manda eſcrever, e no noſſo humilde, mas como natural, eſtas poucas regras, que ſe por ſerem de noſſa penna merecerem pouca eſtima, polo valor da impreſſaõ duraraõ mais que todos os jaſpes, e pòrfidos da terra: e por empregadas em ſeu ſerviço podemos eſperar que ſejaõ immortais.

CAPITULO XXXIX.

De alguns Religioſos que deſpois de ſervirem grandes cargos na Ordem ſe recolheraõ neſte Convento. E outras antigualhas delle.

COmo eſte Convento era conhecido, e nomeado por toda a Ordem por hum Seminario de Santos, e com mais particularidade na provincia de Eſpanha de que era cabeça, como atràs temos moſtrado; ouve muitos Padres dos mais abaliſados della, que deſpois de a terem ſervido nos cargos mayores, quizeraõ rematar nelle o curſo de ſua peregrinaçaõ, fiando que ſeria conſolaçaõ dos ultimos dias, e remedio pera a alma, viver entre Santos, e ficar entre Santos ſepultado. O primeiro, de que temos noticia, e mais antigo, foy o Meſtre Frey Arnaldo Segarra natural de Barcelona, em Catalunha, varaõ inſigne em virtude, e letras. Era Provincial, veyo a concluyr ſeu cargo com a viſita deſte Convento na entrada do anno de 1255: e vendo com ſeus olhos o que a fama pregoava no Santo Frey Gil, e em outros Religioſos, e ouvindo maravilhas dos que eraõ de freſco falecidos, naõ ſe ſoube apartar mais de tal morada, e vida, nem querer melhor jazigo na morte que o cemiterio commum. Eſtava a humildade em taõ alto ponto, que os cargos grandes eraõ oborrecidos como carga; e o mais humilde lugar era avido por mais honrado em vida, e tambem na morte. Parece que ſoava ainda nas orelhas dos filhos aquella palavra do Santo Patriarcha, quando ſendo perguntado onde queria que o ſepultaſſem, reſpondeo, que aos pès dos ſeus Frades. Eſte exemplo ſeguio S. Frey Gil duas vezes Provincial, e ſe o vemos melhorado, foy porque o arrancou da terra a devaçaõ dos fieis. Naõ deviaõ pretender mais honra Frey Arnaldo, e os que apos elle buſcaraõ eſte Convento.

A variedade dos tempos foy variando eſtilos, e introduzindo ſepulturas altas, letras, e pinturas, em que devemos louvar a tençaõ pia dos ſucceſſores, que ſupriaõ com eſtes meyos a falta da eſcritura, e conſervavaõ a memoria dos que vinhaõ honrar a caſa. Aſſi achamos nella em humas partes nichos, e archetes

de

de pedra, ſem letra, nem outro final ſumidos nas paredes da Igreja: que ſe viraõ, e conſideraraõ quando ſe derribava pera ſe levantar de novo; e como eſtavaõ ſem nome paſſavaõ as oſſadas ao cemiterio. Por outras partes ha pedras, letreiros, e ſepulturas altas de Frades, mas ſaõ jà de tempos mais chegados a nòs, e por iſſo alguma couſa menos ſeveros, ou mais polidos. Na parede da craſta de huma, e outra parte da entrada do Capitulo ſe vem oje duas pedras ambas pequenas, e entalhadas de letras Goticas miudas. Dizem humas:

HIc jacet Domnus Frater Dominicus Veeyra reuerendus Doctor Ordinis Prædicatorum, qui bona ſenectute plenus dierum, & ſapientiæ obijt in Domino in Vigilia Natalis Æra M. CCC. LX. (Reſponde ao anno de Chriſto de 1322.)

As outras ſaõ:

HIc iacet Frater Gonçaluus de Calciata Prior Prouincialis Ordinis Prædicatorum, qui obijt anno Domini M. CCC. LX.

Na capella dos Santos Coſmos, que he contigua ao Coro, da parte da Epiſtola avia huma ſepultura com ſeu letreyro que declarava ſer do Meſtre Frey Eſtevaõ de Santarem, que fundara o ſegundo Dormitorio do Convento. Eſte final baſta pera termos eſte Padre por hum dos muy antigos delle. Porque o Dormitorio por velho ſe veyo a derribar no anno de 1602 ſendo Prior Frey Eliſeu de Almeida, e no ſitio ſe fez parte do refeitorio que oje ſerve, e parte da caſa de noviços. Mas naõ valeo a Frey Eſtevaõ ſua anſianidade pera ficar em repouſo. Os reedificadores da Igreja mudaraõ a oſſada pera o cemiterio, picaraõ a letra da campa, e aplicaraõna a outro ſerviço. Se foy com juſtiça, outrem o julgue. Eu tenho por de grande eſtima qualquer letra antiga, e as deſte Convento por muito aventajadas em preço, polos muitos Santos que produzia; e tenho por certo que todos eſtes enterros differenciados eraõ de gente que os merecia por ſantidade. No cruzeiro da Igreja junto à capella de S. Frey Gil fica huma ſepultura com eſta letra Portugueſa notavel.

AQui jaz Meſtre Gonçalo que foy Provincial da Ordem de Saõ Domingos por dezoito annos, e Prior do Moſteyro da Vitoria por dez annos. Alma ſua folga em paz. E finou Æra Domini M. CCCC. XXXXVIII. aos XVIII. dias de Outubro.

Outra differença parece em muitas ſepulturas no Capitulo, e pola Igreja, que ſaõ campas lançadas no chaõ com figuras inteiras de Frades dizenhadas, ou riſcadas sòmente, e cada huma com ſua diviſa do grào que ſeu dono teve, mas ſem nome, nem outra declaraçaõ: e todas em geral com ſeu bordaõ, e livro nas maons. A rezaõ deſta inſignia era, porque nos principios da Ordem todos os Religioſos caminhavaõ com ella, e a pè, em lembrança, que fora antigamente dada polos Santos Apoſtolos a noſſo Patriarcha, como atràs contamos. E ſua ſignificaçaõ era, ſegundo dezia o grande Meſtre Frey Joaõ Teutonico Meſtre Geral da Ordem, averem de eſtar ſempre prontos, e preſtes os Prègadores Apoſtolicos pera correrem polo mundo todo pregoando, e eſtendendo o ſanto Evangelho entendido polo livro, arrimados ao bordaõ, que he a Cruz de Chriſto, ou a vara de Jeſſé, por quem entendemos a Virgem Mãy, em cuja confiança poderiamos vencer, e atropellar ſem medo todos os perigos, e trabalhos da vida.

E porque nos naõ fique por dizer nenhuma antigualha que de alguma maneyra toque à reputaçaõ deſta caſa: ſomos lembrados ver huma pintura no Capitulo, na parede fronteira da entrada, que em defeito de eſcritura (como doutras deſte Convento temos dito) ſuſtentou atè noſſa idade huma memoria bem de eſtimar. E foy que o veyo viſitar hum Meſtre Geral da Ordem com devaçaõ do que delle ouvia: em tempo taõ antigo, que naõ avia mais que ſeis Conventos em todo o Reyno, a ſaber Santarem, Coimbra, Porto, Lisboa, Elvas, Guimaraens. E pera os ver todos em ſuas cabeças fez aqui huma congregaçaõ dos Priores. Moſtrava a pintura no alto hum antigo retrato do Padre S. Domingos com eſta letra: *Sanctus Dominicus primus Magiſter ſacri Palatij.* E logo abaixo o Padre Geral em meyo dos ſeis Priores, com huma diſciplina de varas na maõ, que he inſignia com que ſe coſtumaõ pintar os Gerais deſta Ordem. Quizeraõ os Padres, que ſe acharaõ preſentes, que ficaſſe perpetua a memoria deſta honra, fiaraõna sò de pintura feita a freſco, e ſobre a cal, e por official pouco primo, indicio da pobreza, que em tudo ſe guardava. Em favor da antiguidade a referimos aqui, e mereceo ella, porque naõ he menos que de trezentos, e cinquenta annos, viſto como a conta de ſeis Conventos he do anno de 1270 atè o de 1280 em que começamos a ter ſete, como ſe verà polo diſcurſo da Hiſtoria.

CA-

CAPITULO XXXX.

Das grandes maravilhas que em varios tempos ſe viraõ no cemiterio, em confirmaçaõ da ſantidade do Convento. Das peſſoas Reays que nelle jazem. Dos Religioſos que os Reys lhe tiraraõ pera differentes cargos.

MAs ſe eſtas couſas, com ſerem ſò fundadas em huma boa opiniaõ do povo, fazem ao caſo, e rendem credito ao Convento, que farà a ſuſtancia, e verdade dellas ſabida? Pouco hé tudo o que deſde ſeus principios temos contado delle: e certo final, que o eſcrito, e ſabido ſaõ humas cifras do muito que à noſſa noticia naõ chegou de numero de Santos, e de grandeza de ſantidade. Hiſtoria he que anda neſta caſa recebida de maõ em maõ dos antigos moradores, e celebrada na Provincia por muito verdadeyra, que eſtando el Rey dom Afonſo Quarto, que chamaraõ o Bravo, em Santarem, e chegando em huma noite de veraõ a huma janella do Paço das que tem viſta pera o Convento, vio arder à parte do cemiterio huma grande claridade de muitos lumes juntos, e logo notou huma comprida prociſſaõ de Frades em branco com cirios aceſos nas maons, que dava volta ao cemiterio, e ali meſmo acabava, e deſaparecia E contaõ que ſem eſperar que foſſe manhã, mandara no meſmo ponto ſaber do Prior que cauſa avia pera ſe fazer tal prociſſaõ, e a tal hora, que era pouco deſpois de meya noite. E o Prior pera reſponder com puntualidade, e moſtrar que naõ ouvera movimento extraordinario em caſa, contra a viſta de hum Rey, levara o meſſageiro polo Dormitorio, moſtrandolhe como os Religioſos todos, ditas ſuas Matinas, eſtavaõ recolhidos, e deſcuydados em ſeus leitos.

Muitos annos deſpois ſuccedeo a meſma viſaõ a el Rey dom Joaõ o Segundo, e como era varaõ eſpiritual, e muito dado a Deos, naõ foy huma ſò vez, ſe naõ muitas, as que ſe lhe deſcobriraõ eſtes lumes, e prociſſoens, (dom he do Ceo, e à poucos concedido ter olhos pera ſemelhantes viſtas: esforçaos Deos, quando he ſervido moſtrarlhes couſas taõ ſobre naturaes.) Devia cuydar da continuaçaõ, com que as via, que ſeria coſtume, ou obrigaçaõ da caſa, naõ fez por entaõ caſo dellas. Todavia chamando hum dia o Prior pera outro negocio, perguntoulhe deſpois delle, a que fim ſe faziaõ no Convento aquellas prociſſoens nocturnas. Maravilhandoſe o Prior, e affirmando que tal naõ avia, contoulhe el Rey por extenſo donde, e como, a que horas; e as muitas vezes que as vira. Grande conſolaçaõ pera hum Rey Chriſtaõ ver em ſeu Reyno, e diante de ſeus olhos taõ vivos ſinais de verdadeira religiaõ: e tanto numero de ſantos, e moſtrarlhe Deos, como em hum eſpelho, ſignificaçaõ certa que eſtaõ occupados naquella hora, e em todas diante de Deos em ſemelhantes preces polo Reyno, e pola terra donde ganharaõ, e mereceraõ as commendas da Gloria que gozaõ. Maior conſolaçaõ pera os que ſomos filhos de tal Ordem, termos tantos, e tais ſantos por hirmaons mais velhos, que nos fi-

ficaõ em lugar de pays, tutores, e curadores, como ſe uſa nas familias do mundo: e de força haõ de eſtar em rogativa continua como noſſos mercieiros, porque Deos nos faça taes como elles, e por ſuas piſadas cheguemos ao que jà poſſuem. Confuſaõ pera os herejes, e pera todo màO Chriſtaõ (ſe ha algum taõ màO, que com olhos torſidos olha as ſagradas Religioens) em ſinais taõ claros de que as eſtima, e ama, e ſe deleyta nellas como em jardim ſeu aquelle Senhor, de quem cantamos: *Qui paſcitur inter lilia.* Cant. 6. Aſſim o moſtrou ſempre a Divina miſericordia, naõ ſò aos olhos, mas tambem aos mais ſintidos: naõ ſò nos tempos paſſados, mas tambem nos modernos, e preſentes, como parecerà deſta hiſtoria, pera que naõ aja ninguem que por fraco trema, por peccador deſconfie, quando temos o ſocorro de ſua graça ſempre pronto, e certo, e continua em noſſo favor a interceſſaõ dos bons irmaons.

Couſa he muito ſabida, e provada de tempos immemoriaes, que todas as vezes que neſte cemiterio ſe abria cova pera enterro de algum religioſo, em ſe bolindo aquella terra ſanta acontecia o meſmo que ſe começaraõ a ferver muitas caſſoulas das melhores paſtilhas, e agoas cheiroſas da terra: ſe naõ que o cheiro era taõ aventajado a eſſes ordinarios, que naõ avia quem lhe ſoubeſſe dar ſemelhante Daqui naceo ſer o lugar deſda fundaçaõ do Convento, e por todas as idades muito venerado, e eſtar cercado, e fechado de muro alto. Que pois o Senhor ſe ſervia de conſervar naquelle barro frio, e morto a meſma fragrancia, que quando tinha vida, lhe fazia agradavel holocauſto de innocencia, e pureza, e de todas as mais virtudes monaſticas: rezaõ era porſe em cuſtodia como precioſa reliquia naõ ſò o lugar inteiro, mas atè as ervinhas delle: como nos deixou inſinado o devotiſſimo Biſpo de Turs ou Turon ſaõ Martinho, que pedindo, e ſendolhe negada huma reliquia dos Santos Martyres da legiaõ Thebèa, contentouſe com lhe moſtrarem o lugar do martyrio. Poſto nelle fez conta que tinha mais do que deſejava moſtrandolhe a ſè que qualquer torraõ da terra, que fora regada com taõ precioſo ſangue, era reliquia pera entezourar. E naõ ſe enganou; porque metendo a faca na terra pera arrancar huma herva, veyo a raiz com ella correndo ſangue, e foiſe rico, e contente. Lenda do Breviario Rom. a 22 de Setemb

Mas porque me naõ digaõ que revolvemos antiguidades apagadas: ou que he acabada nas religioens aquella fineza de ſantidade que fazia recender a terra em perfumes, e fragrancias do Ceo: trataremos da idade de noſſos pays, e noſſa. Certo, e ſem duvida he, naõ alcanſado por memorias ou tradiçoens ſem Era, que mandando o meſtre Frey Niculao Dias abrir huma cova neſte cemiterio em ſua preſença, toparaõ os officiaes com hum moimento de pedra inteiro, e parecendo grande novidade aver tal couſa debaixo de terra, acudiraõ o Prior, e muitos Religioſos, e trataraõ que ſe levantaſſe a campa deſejoſos de ver o que averia dentro. Tanto que ſe começou a deſcobrir foy taõ deſacoſtumada

a ſua-

a ſuavidade de cheyro que de dentro ſahia, que todos paſmavaõ: e o Prior tocado de eſcrupulo mandou que como couſa ſagrada, e que os olhos naõ mereciaõ ver nem os mais ſentidos gozar, ſe tornaſſe a cerrar, e cobrir da ſua terra com muita preſſa, e a cova ſe abriſſe em outra parte. Iſto nos deixou eſcrito o meſmo Meſtre Frey Niculao Dias peſſoa de tal calidade por virtude, e letras, que com juſtiça o avemos por teſtemunha mayor de toda exceiçaõ.

Mas de noſſos dias temos muitas experiencias ſemelhantes. O dormitorio, que hoje chamamos novo, he fabrica começada do anno de 1560 pera cà. Foy neceſſario pera levar a obra direita tomar parte do cemiterio. Ao abrir dos aliceſſes encontravaõ os officiais com alguns oſſos, que ſecos, e mirrados deleitavaõ o olfacto com tal eſtremo, que davaõ grande occaſiaõ de louvar a Deos. Alguns annos deſpois ſe abrio outro aliceſſe pera ſe fazer o corredor de abobada que vay pera o coro. Eſte entrou muyto mais pola terra ſagrada, e aſſi deu mayores ſinais, e mais vivos do que dizemos nos oſſos que ſe acharaõ. Mas ainda que cauſou grande admiraçaõ, e devaçaõ em Religioſos, e ſeculares o que aqui ſe vio, com grande aventagem foy tudo, quando ſe edificou a capelinha do lavatorio que fica defronte da porta da Sacriſtia, obra mais moderna de todas. Porque como eſtà toda fundada dentro no cemiterio, foy eſtranha, e fragrantiſſima a ſuavidade que ſe ſintio tanto que ſe foy movendo a terra, e mais particularmente cortando ao longo de outra caixa de pedra que ſe achou ſoterrada.

Por onde podemos com rezaõ cuidar que a ſantidade deſte Convento, muito mais celebre nos tempos atràs, devia obrigar alguns Reys a mandarem ſepultar nelle os filhos que amavaõ, ſem embargo de terem enterros reais: como fez el Rey dom Afonſo o Quarto de quem pouco ha fizemos mençaõ, que falecendo o Infante dom Afonſo ſeu filho em idade pueril na villa de Penela o mandou trazer a eſte Convento, tendo mais perto Coymbra, e Alcobaça: e nelle eſtà, mas do lugar certo ſe tem perdido a memoria. O meſmo tinha feito primeiro el Rey dom Dinis ſeu pay a hum baſtardo querido, que chamaraõ dom Fernando Sanches, e tem ſua ſepultura na capella dos Santos Coſmos, que he contigua à capella mòr da parte da epiſtola.

Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Afonſo IIII. fol. 173.

Aſſi tinha o Senhor cuidado de honrar eſta caſa por todas as vias, ordenando que os Reys tiraſſem della ſogeitos pera ſerviço de ſua caſa, e ſeu ou da Republica, trazendoos no Conſelho, ou encarregandoos de Prelacias. Mas iſto ſempre confeſſaremos com dor que ſendo honra da Ordem, de nenhuma couſa lhe reſulta mais dano. Porque por huma parte nos tiraõ homens feitos, e aquelles que com virtude, e letras lhe daõ luſtre, e bom exemplo, e ſendo Biſpos jà naõ ſaõ noſſos. Por outra os que continuaõ as Cortes, e ſerviço do Rey, por perfeitos que ſejaõ, ſaõ occaſiaõ de relaxaçaõ pera ſi, e por ſeu meyo pera outros. Porque o religioſo fóra da cella ſempre anda arriſcado

a per-

a perder. Achamos por eſte tempo no Algarve dous Biſpos deſta Ordem. Dom Frey Roberto, e dom Frey Bertolameu. Dom Frey Bertolameu foy criado na doutrina do ſanto Frey Gil, e governou aquella Igreja em tempo del Rey dom Dinis. O outro foy mais antigo. Em boa troca deſtes varoens que a Ordem deu entaõ pera Biſpos, nos deu no meſmo tempo o mundo pera ella hum Biſpo de Lisboa. Mas que diremos ao deſazo do tempo, e da gente? Ficounos o nome do capellam Frey Martinho que com elle veyo à Ordem, do Biſpo naõ ficou particularidade. E temos muitos autores que eſcrevem o feyto, e naõ ha duvida que foy certiſſimo, porque todos fazem eſcritor primeiro delle a ſaõ Frey Gil. Na ſanta Sè de Lisboa achamos duas memorias que ao parecer nos daõ ſem duvida o nome, e enterro deſte ſanto Biſpo, e o tempo de ſua morte. Huma he de hum livro antigo das capellas, e obrigaçoens de defuntos, que diz aſſi em Portuguez: *Anniverſario do Biſpo Sueiro que jaz em Santarem em Sam Domingos dos Frades.* Bom indicio de ſer Frade noſſo enterrarſe em tal tempo com noſco. O tempo de ſua morte ſe vè por outra verba que anda nas margens de hum martirologio muito antigo, em que ſe declaraõ as peſſoas porque ſe faziaõ anniverſarios, e diz aſſi: *IIII. Cal. februarij eodem die obijt Suerius tertius Epiſcopus Vlyſſiponenſis*, e abaixo ajunta *Era M. CC. LXX.* que reſponde ao anno de 1232. Bem ſey que ha outro Biſpo Sueyro da meſma cidade, e falecido no anno de 1249. Mas eſte tem ſua ſepultura na porta do Clauſtro da meſma Sè, e chamaſe nas memorias Sueyreanes. E ainda que couſas taõ antigas ſempre trazem conſigo algumas duvidas, nenhuma fica no nome, e enterro do noſſo: e sò faz falta naõ ſe declarar que tomou o habito de S. Domingos. Donde inferimos, que por naõ alcançar licença do Pontifice ficaria governando ſua Igreja veſtido em noſſo habito, como aconteceo a dom Frey Pedro Centelhas Biſpo de Barcelona, e a dom Frey Raymundo de Ponte Biſpo de Valença, e em França ao Biſpo de Perigort dom Frey Pedro de Santo Aſterio. Todos tres quaſi no meſmo tempo do noſſo de Lisboa veſtiraõ o habito de S. Domingos, mas naõ puderaõ impetrar licenças pera deixarem ſuas ovelhas.

Duarte Nunes na vida del Rey dom Afonſo III.

Frey Gerardo de Fraqu. nas vidas dos Padres Prègad. l. 5. c. 3. exemp. 7. Caſtilho p. 1. l. 2. c. 67.

Cronic. de Aragaõ l. 1. c. 1 & 8. M. Frey Bern. de Guido.

Dos, Frades que achamos empregados em ſerviço dos Reys, e da Republica, he o primeyro Frey Pedro Afonſo, que foy a Paris aſſiſtir ao juramento que ſe tomou por ordem do Papa, e em nome do Reyno, ao Infante dom Afonſo Conde de Bolonha: os ſegundos ſaõ dous, que atràs diſſemos, que ſeguiraõ em ſua retirada a Caſtella a el Rey dom Sancho Capello. Apoz eſtes ſe ſerviraõ os Reys ſempre de Frades deſta Ordem, aſſi na Corte, e Conſelhos, como em negocios ſeus particulares. ElRey dom Afonſo Terceiro eſcolheo por ſeu teſtamenteiro a Frey Giraldo Domingues Meſtre, e Leitor na Provincia, o qual em huma memoria do Reyno do anno de 1277 eſtà nomeado com eſte titulo: *Frater Geraldus Ordinis Prædicatorum Conſiliarius Regis.*

El

El Rey dom Dinis ſeu filho teve conſigo primeyro a Frey Durando, deſpois a outro Frey Giraldo Domingues, e Frey Pedreanes, e a todos tres achamos aſſinados em cartas, e confirmaçoens, e negocios importantes deſte Rey des do anno de 1294 atè o de 1311, como nos foy moſtrado da torre do tombo, em livros della polo Licenciado Louſada atràs nomeado Eſcrivaõ daquelle real Cartorio. Outros deſte tempo puderamos ajuntar que deixamos por brevidade. Os que polo tempo em diante andaraõ em ſemelhantes trabalhos yraõ apontados em ſeus lugares.

CAPITULO XXXXI.

Da devaçaõ, e virtudes do Padre Frey Manoel de Beja, e do irmaõ Frey Diogo das Vinhas. E da jornada que fez à India o Padre Frey Pedro Coelho.

REqueria eſte Convento sò huma Cronica inteira, pera memoria dos ſojeitos que nelle floreceraõ. Mas foy providencia Divina, que pera naõ fazermos inveja a todas as Religioens juntas, de huns faltaſſe quem eſcreveſſe, e de outros ſe perdeſſe o que avia eſcrito. E aſſi acontece que de tantos annos naõ temos quaſi que dizer, clamando em favor de todos a terra em que ſe tornaram, tornada em paſtas aromaticas com a corrupçaõ das ſepulturas: e o Ceo, de que gozaõ, com as luzes que deſpois moſtraram. Teſtimunho taõ celebre, que quando ouvera grandes maravilhas eſcritas, nos forrava o trabalho de as repetir. Todavia por moſtrarmos o cuidado com que trabalhamos em buſcar, e tirar a luz tudo, faremos memoria de alguns modernos, parte que noſſos pays alcanſaram, parte que nòs conhecemos, e tratamos.

Deſtes o mais antigo foy o Padre Frey Manoel de Bèja, e por huma sò particularidade quizeraõ os que o conheceram, que entendeſſemos ſeu grande eſpirito: nem nòs diremos outra. Eſta era que todas as vezes que celebrava, o fazia com tanta devaçaõ, e taõ inflamado affeito, que ſeus olhos ſe tornavaõ dous rios de lagrimas, e naõ avia quem os teveſſe enxutos, vendoo. E na verdade como eſte Divino ſacrificio foy huma memoria, e recapitulaçaõ de todas as maravilhas que o miſericordioſo Deos fez em favor do genero humano, com rezaõ faziam os homens juizo das virtudes que moravaõ na alma deſte Religioſo, polo reſpeito, e veneraçaõ com que o viaõ todo enlevado, e abſorpto na preſença, e celebraçaõ delle. Deos naõ teve mais que dar nem o mundo mais que dezejar Os que aqui eſtamos tibios, ou deſcuidados, ou adormecidos, he porque eſtamos longe naõ sò de Santos, mas de conhecer bem o que temos entre maons. Pſ. 110.

Do meſmo tempo foy Frey Diogo das Vinhas irmaõ leigo, e filho deſte Convento. Vivendo com raro exemplo de virtude, e religiaõ huma vida mui larga, particularmente ſe eſmerou na obediencia. Porque pera tudo o que lhe mandaſſem os Prelados, e a qualquer hora, e tempo que foſſe, era taõ leve, tam facil, e preſtes, que cauſava ad-

miraçaõ. E ſendo muito velho, e dando a velhice muitas licenças, tam alegremente obedecia quando era de ſetenta, e mais annos, e atè que acabou a vida, como na idade mais florida. Mas naõ tinha menos de humilde, que de obediente. Sendo jà de oitenta annos deſcompozſe com elle hum màо homem, e como miniſtro de Satanas, que o quiz por tal maõ tentar, atreveoſe a afrontar aquellas veneraveis cans com huma enorme bofetada. Ficou quieto, e ſem fazer movimento, e taõ deſaſſombrado com a injuria, como ſe o roſto naõ fora ſeu. Sò, porque via que em o tratar aſſi naõ tivera rezam, lhe perguntou por ella, mas com muita brandura: à imitaçaõ de Chriſto noſſo bem, quando em ſemelhante deſatino, diſſe ao criado de Caifas: *Quid me cœdis?* Fiaõ muito de Deos os humildes, e entaõ vivem com mais ſegurança, quando o mundo cuida que os abate, porque quanto mais decem à viſta dos homens, tanto ſe levantaõ nos olhos de Deos. Eſta confiança fazia a Frey Diogo taõ animoſo, que nenhuma couſa da terra ſintia nem temia. Aconteceo hum dia virarſe a elle furioſamente hum boy feroz, e bravo, em lugar que naõ teve tempo pera ſe valer dos pès. Viraõ de longe o perigo alguns Religioſos, deraõ o Frade por morto: porque como era taõ velho, pequeno encontro baſtava pera o acabar. E elle eſteve tanto em ſi, que ſem ſe bollir, quando o animal eſtava jà com elle, naõ fez mais que como com imperio mandarlhe com a maõ, e com a voz que ſe deſviaſſe, dizendo: Vaite pera là beſta fera. E sò iſto baſtou pera ſe afaſtar logo feito hum cordeiro. E o que mais eſpantou foy, que em paſſando dali tornou a entrar em furia, e braveza, como dantes.

Luc. 18.

Mas, porque naõ faltaſſe nos filhos deſte Convento, e deſta villa nenhum genero de eſpirito dos que muito ſe eſtimaõ no ſerviço de Deos, temos hum natural della, e filho delle, que com aquelle animo com que em tempos muito antigos ſe deſterraraõ voluntariamente das partes de Italia alguns Religioſos deſta Ordem pera Tartaria, e Preſte Joaõ, outros pera irem prègar à Perſia, e fundar Conventos (como fundaraõ, e ainda oje naõ eſtaõ apagados entre os Armenios) ſe embarcou de Portugal pera a India novo, e valeroſo peregrino. Digo novo, porque ainda que des dos primeiros annos do deſcubrimento da India, ſempre foraõ alguns Religioſos noſſos, como adiante veremos, e reſidiaõ nella, pera conſolaçaõ dos naturàis que acompanhavaõ, e pera irem tentando os animos da Gentilidade: com tudo em communidade, e a fim de fundar Conventos, nem eraõ idos atè entaõ nenhuns, nem foraõ ſe naõ alguns annos deſpois. Aſſi devemos ao Convento de Santarem darnos o primeyro Prelado de Prègadores Apoſtolicos deſta Ordem pera a India. Eſte foy Frey Pedro Coelho grande letrado, e famoſo Prègador. A cauſa, e fim de ſua yda ſe eſcreve na fòrma ſeguinte. Polo nome do Preſte Joaõ, ainda que corrupto, e differente do proprio, he conhecido o grande ſenhor das terras da Ethiopia, que na India ſe chamaõ vul-

Joaõ de Barros Dec. 3. l. 4. c. 1. Marco Paulo Veneto. F.. Joaõ dos Santos l. 1. da Chriſtandade Orient. c. 1. Serafino Razzi na Cron. de S. Dom. f. 295. Paramo l. 2. t. 1. c. 9. de Orig. Inquiſit. Cómentarios de Affonſo de Albuquerque p. 1. c. 1. 4. 21. Diogo do Couto Dec. 4. l. 1. c. 10. Caſtanheda l. 7. c. 14. da Ind. Os primeiros fundadores da Congregaçaõ da India foraõ em Março de 1548. Frey Joaõ dos Santos l. 2. c. 2. de varia hiſtor. da Chriſtandade Orient.

vulgarmente terras do Abexim. Chegara à Corte, do que de preſente reynava, e andara nella devagar hum Joaõ Bermudes, em tempo que padecia cruel guerra de hum Rey Mouro ſeu vizinho poderoſo de armas, e inſtrumentos de polvora, e fogo, couſa naõ conhecida nem viſta atè entaõ em Etiopia. Informouo, que o poder, que aſſombrava a India de muitos annos atràs, era de hum Rey de Ponente que ſeguia a ley de Chriſto, e profeſſava ſua fé, a qual era a meſma dos Abexins. Encheoſe o Preſte de eſperanças, que teria nelle valedor contra ſeus enemigos. Deſpachouo com cartas pera el Rey de Portugal, e com ordem que paſſaſſe a Roma, e trataſſe com o Summo Pontifice materia eſpiritual de ſua reduçaõ à obediencia da Sè Apoſtolica, e com el Rey a temporal de ſocorro de gente, e artilheria contra os Mouros de Zeyla. Entrou Bermudes em Roma: foy deſpachado do Papa Paulo III. com titulo de Patriarcha da Etiopia, e com nome de dom Joaõ Bermudes, e veyo a eſte Reyno encomendado a el Rey dom Joaõ. Deſpachouo el Rey tambem com boa ſatisfaçaõ ao requerimento do Preſte: e pera ajudar o Patriarcha no edificio das almas, mandou ao Provincial que lhe deſſe Religioſos pera o acompanharem, e allumiarem aquelles eſtendidos Reynos da cegueira de muitos erros em que viviaõ. Foy nomeado pera eſta ſagrada miſſaõ o Padre Frey Pedro por concorrerem nelle as partes neceſſarias pera a empreſa, e feito Prelado de cinco companheyros que animoſamente aceitaraõ o trabalho com os olhos em Deos, e na obrigaçaõ do habito. Partiraõ todos nas nàos de viagem do anno de 1539, e chegaraõ a ſalvamento a Goa: mas naõ paſſaraõ à Ethiopia, porque lho impedio quem tinha o governo da India, com grande ſintimento do Patriarcha, e naõ menor dos Religioſos, que como varoens Apoſtolicos tinhaõ jà tragado na determinaçaõ todos os medos, e offerecida na vontade a vida ao talho: faltoulhes eſte, naõ lhe faltaraõ elles. Todavia ficaraõ na India ſervindo no miniſterio de ſua profiſſaõ, e apoſtados a ſeguir o primeiro propoſito, como teveſſem licença.

Dom Joaõ Bermudes no tratado de ſua embaixada c. 4.
Frey Joaõ dos Santos l. 2. c. 1. da varia hiſtor.

CAPITULO XLII.

Vida, e morte do irmaõ Frey Diogo de Saldanha, filho deſte Convento.

A Eſtes tres ajuntaremos hum sò; que tratamos, e alcançamos, e naõ tem menos auçaõ pera ficar neſtas memorias, que aquelles que concorreraõ nos principios deſte Convento Viveo em Santarem, e teve caſa, e rendas, como natural da villa, Antonio de Saldanha fidalgo honrado por calidades de ſangue, e peſſoa: a que ajuntou bons ſerviços feitos aos Reys dom Manoel, e dom Joaõ na India, e neſte Reyno, dos quais foy o ultimo yr por Capitaõ mòr da armada, com que o Infante dom Luis paſſou à empreſa de Tunes em companhia do Emperador Carlos V. Era jà taõ velho quando foy neſta jornada, que fazendolhe el Rey dom Joaõ da volta della algumas mercès pera

em ſua vida, porque naõ tinha filhos, nem era caſado, ſe ouve por agravado, dizendo aos miniſtros (aſſi o ouvimos contar a quem o alcançou) que naõ avia por mercès as que juntamente naõ eraõ pera ſeus filhos. Soubeo, el Rey feſtejou o agravo fundado em requerimento de homem meyo enterrado por velho, pera filhos naõ nacidos. E como era Principe prudente, e benigno, mandouo ſatisfazer a ſeu goſto. Seguio ao deſpacho o caſamento, e ao caſamento hum enxame de filhos. Foy a molher dona Joanna de Mendoça filha de Ayres de Souſa Commendador das Commendas de N. Senhora de Alcaçava, e Rio mayor da Ordem de Avis. Tinha eſta caſa particular devaçaõ ao Convento de S. Domingos, que andava nella como por herança: e devia ter principio, ao que parece, no jazigo que ſeus paſſados tinhaõ eleito da capella mòr que era ſua. Continuou nella Diogo de Saldanha, que aſſi avia nome o filho mais velho, ficando por morte de ſeu pay muyto moço. E o meſmo fez deſpois de caſado, empregando muitas horas em tratar com os Religioſos, e acudindo a ſuas neceſſidades com muito amor. Mas levandolhe Deos ſua molher dona Ines de Tavora a poucos annos deſpois de caſado, logo fez reſoluçaõ de ſe entregar todo ao Padre S. Domingos, e à ſua Religiaõ. Aſſi começou a profeſſar huma nova ordem de vida em continuaçaõ de exercicios eſpirituais, oraçaõ, e penitencias, e frequencia de Sacramentos. Tem as couſas Divinas huma excellencia, que quanto mais ſe uſa dellas, mais ſaborroſas ſe achaõ, e mais ſe fazem apetecer. Deſejava, e morria por paſſar adiante. Mas era impedimento hum filho que sò lhe ficou, de quem ſendo pay, fazia tambem officio de mãy em falta da natural. E avia negocios de ſua fazenda com dependencias da coroa real, a que era forçado acudir com habito ſecular. Eſcolheo hum termo que a muita gente eſtivera bem, que foy ſer religioſo ſem habito nem tonſura de Religiaõ: e fazer vida monaſtica em trajos ſeculares. E porque ainda iſto avia por por pouco, tomou cella em caſa de noviços, ſeguia as Communidades com elles, feito menino entre mininos, cumprindo quaſi à riſca o que diſſe o Senhor que convinha pera a ſalvaçaõ, que era nacer de novo. Aſſi paſſou muitos annos com hum grande trabalho de ſempre noviço, e ſempre minino no eſtado, ſendo na idade cada dia mais velho. Porque como os negocios naõ tomavaõ termo pera o deixarem profeſſar, nunca paſſava de noviço puro, ficando no primeyro andar dos mais humildes mininos. E com tudo reſplandeceo ſempre nelle verdadeyra humildade em huma grande reverencia ao Meſtre, amor, e affabilidade com os pobres irmãozinhos, e notavel reſpeito a todos os Padres. E tal era o exemplo que dava, que ſendo eſte genero de vida em todo eſtremo encontrado com as leys de noſſa Ordem, faneava, e ſupria tudo com ſua virtude. Porque ſe parecia indecencia hum homem de ferraroulo, e ſombreiro, e muito entrado em annos viver entre mininos; tomado o negocio por outra parte,

mar-

marcavao a vida, que fazia, polo mais reformado noviço de quantos o acompanhavaõ: taõ composto, taõ surdo, e mudo, e taõ nada em sua propria estimaçaõ, que naõ aparecia nelle mais que sombra de homem, proceder de innocente, feitos de Santo. Correraõ annos, nunca se vio mudança: hum mesmo estilo, e teor de vida seguio sempre. Casou seu filho, fezse avò de netos, e muitos netos: naõ sò naõ alterava hum ponto com as cans, e idade mayor, mas reverdecia pera abatimento de mais noviço, e mais minino. Por mais de vinte annos perseverou leigo nas obrigaçoens de frade: atè que Deos foy servido chegar as cousas de sua casa a estado, que pode dispor das de sua alma a todo seu sabor: como fez na entrada do anno de 1592 vestindo o santo habito com estremos de alegria. Mas a poucos mezes deste gosto, lhe bateo à porta huma visita do Ceo, com huma forte doença, a qual inda que naõ veyo sobre muita velhice, achou o sojeito gastado de penitencias, e taõ fraco que o venceo depressa. Desconfiaraõ os medicos. Declaroulhe o Prelado o ponto em que estava. Ouvio elle o desengano com muita serenidade no sembrante, testimunho certo da que lhe ficava dentro na alma, e respondeo com render graças pola lembrança, e pedir os sacramentos pera a jornada que se lhe denunciava: acrecentando, que de acabar sua peregrinaçaõ nenhum pesar sintia: antes se hum grande peccador podia falar assi, levava muito gosto de morrer, pois morria em tal casa, e entre tais Religiosos: sò lho aguava ver que lhe tolhia Deos por seus peccados o que toda a vida desejara, que era entregarse à Ordem por solene profissaõ. Porque na verdade naõ podia negar que muyto sospirava por ver o fim àquelle anno, que avia de ser meyo de ficar filho de S. Domingos por voto, como era por vontade, e estimara grandemente concederlho o Senhor. Moveraõse a piedade os Padres, porque sabiaõ todos que eraõ razoens saydas da alma. Propoz o Prior em conselho fazerlhe profissaõ por hum Breve que temos do Papa Pio V. expedido a 23 de Agosto de 1570 que começa, *Summi Sacerdotij*, *&c.* pola qual concedeo aos noviços da nossa Ordem, que estando a juizo de medico em artigo de morte, possaõ fazer solemne profissaõ, dado que naõ tenhaõ satisfeito com a disposiçaõ do direito Canonico, que manda se naõ faça, nem seja valiosa sem o cumprimento de hum anno inteiro de provaçaõ. Ajuntaraõse as razoens que avia de parte de tal sojeito, provado, e approvado com o discurso de vinte annos, que he a tençaõ da ley: e o que ganhava a Ordem, e aquelle Convento, com ficar contado hum taõ religioso varaõ no numero de seus filhos. Foy o Senhor servido pera mais consolaçaõ sua, que era vespera do dia, e festa de Nosso Padre, quando se lhe deu a nova, e logo vio a execuçaõ della. Fezlhe o Prior profissaõ em presença de seu filho Antonio de Saldanha, e de outros fidalgos que se juntaraõ. E pedindolhe o filho a bençaõ, lançoulha, encomen-

Manoel Rodrig. tom. 3. Quæst. Reg. Quæst. 15. art. 6.

mendandolhe que foſſe ſempre muito amigo, e ſervidor da Ordem. E como eſtava cheyo de contentamento por ſe ver profeſſo, deſejando moſtrarſe agradecido a tamanho beneficio no pouco que entaõ podia, diſſelhe mais, que eſtiveſſe advirtido que no dia ſeguinte ſe fazia a feſta de ſeu Padre S. Domingos, e teveſſe cuydado de mandar pera o jantar dos Padres o ſeu coſtumado prato (ſohia o profeſſo todos os annos por tal dia acrecentar o jantar dos Frades com huma particular iguaria pera toda a communidade) e ajuntou, que lhe duraſſe por amor delle a lembrança, e a obra pera toda a vida. Aſſi acabou com glorioſo fim dias bem vividos, ganhando indulgencia plenaria, e remiſſaõ de todos os peccados, em forma de Jubileu concedido aos noviços, que na hora da morte profeſſaõ, e outras muitas graças, que todos os Religioſos alcançaõ naquelle artigo. Foy ſepultado na terra ſagrada do cemiterio commum do Convento, gozando jà do privilegio de Religioſo, ſem embargo de ter enterro na capella mòr, de que era legitimo padroeiro, como temos dito.

CAPITULO XLIII.

Das ſantas Reliquias que ha neſte Convento.

POrque naõ faltaſſe nada de quanto ſe podia pedir, e deſejar pera credito, e honra de huma caſa ſanta, ordenou Deos enriquecer eſta com huma precioſiſſima reliquia de ſeu miraculoſo Sangue, poſto por ſua altiſſima miſericordia clara, e patentemente à viſta de olhos peccadores: milagre perpetuo, e perenne, que dura, e permanece aſſi ha mais de trezentos e cinquenta annos pera confirmaçaõ da Fè, e huma ineffavel conſolaçaõ dos Catholicos, e grande confuſaõ dos cegos, e miſeraveis hereges, que podem acabar conſigo privarſe do mayor, e mais alto bem de todos os bens. O ſucceſſo he autentico, e certiſſimo, a hiſtoria temeroſa: mas polo fim, que teve, ſaboroſiſſima. E affirmo, que quando nos naõ obrigaramos a eſcreven eſta Cronica da Ordem a outro fim mais, que pera com occaſiaõ della eſpalharmos polo mundo taõ eſtranha maravilha, fora baſtante rezaõ pera trabalharmos com goſto. E dou infinitas graças ao Divino Autor della, por me dar maõ, e forças pera chegar a eſcrevella, como deu olhos pera a ver algumas vezes. Reynando em Portugal el Rey dom Afonſo Terceyro, que foy Conde de Bolonha, aconteceo na villa de Santarem polos annos do Senhor de 1266 que huma pobre molher do povo, naõ achando em ſeu marido igual correſpondencia de amor, ao que a ſeu parecer lhe merecia, ou por ſer aſpero de condiçaõ, ou por ſe divertir em mocidades: e deſejando mais, que a propria vida, achar algum meyo de o reduzir, e abrandar, deu conta de ſi a huma molher de ley, e naçaõ Judia, como naquelle tempo avia muita gente deſta em Portugal, que em bayrros ſeparados viviaõ à ſua vontade por todas as terras, e lugares grandes. Devia ſer de humas velhas, que por ge-

genero de vida com qualquer conhecimento de ervas, ou experiencias ſe fazem chamar Meſtras no povo: e às vezes paſſaõ a tratos, e pactos com o Demonio. Eſta como ouvio as queixas da Chriſtam, e conheceo a rayz donde procedia a anſia com que vinha, julgou que tinha ſitio pera fundar quanto quizeſſe nella. Prometelhe facil cura, como de ſua parte ajudaſſe com o que podia. Que naõ faria com tal promeſſa quem outra couſa naõ buſcava? A tudo ſe offereceo quanto lhe quizeſſe mandar. Inſtruida pola Judia do que avia de fazer, as horas lhe pareciaõ annos pera a execuçaõ. Tinha ſua morada na freguefia de Santo Eſtevaõ (aponta a hiſtoria que era na rua dos eſteyreyros) vayſe pola manham à Igreja, pede confiſſaõ, e communhaõ a titulo de indiſpoſta, os tempos entaõ pouco acautelados, ella determinada, e cheya de paixaõ, e molher: ao receber da ſagrada Hoſtia teve atrevimento, e manha pera lhe por as maons profanas, e immundas, tiralla da boca, e atalla na ponta da beatilha que trazia ſoqueixada (chama a lingoagem do povo beatilha a hum genero de veo, ou touca groſſa com que as molheres plebeyas cobrem por honeſtidade cabeça, e garganta,) e o que mais he, que logo ſe poz em caminho pera a yr entregar ao Judaiſmo. Mas naõ permittio o Senhor que em huma villa taõ illuſtre, e onde tantos Santos, e tanta ſantidade avia, lhe foſſe feito tamanho deſacato, como ſer nella de novo entregue a quem de novo pretendia tornallo a crucificar: e pera grandes bens, e honra de Santarem converteo a afronta, que ſe aparelhava em hum ſoberano genero de miſericordia. Caminhava a atrevida, e mais que infiel femea pera a Judiaria, e caminhava feita andor, e Cuſtodia de Chriſto Jeſus Deos trino, e uno poderoſiſſimo, e ſoberaniſſimo, como padeceo por nòs, e como eſtà glorioſo nas alturas do Ceo Impireo. Mas eys que começaõ a regarſe as ruas de ſangue ſagrado, como noutro tempo às de Jeruſalem. O' ineffavel maravilha! Lingoas de Anjos ouveraõ de falar neſte paſſo, que todas as humanas ſaõ pobres, fracas, e indignas pera taõ alta materia. Viraõ huns homens o ſangue que corria atè o chaõ, notaraõ as roupas da molher tintas nelle, perguntaraõlhe eſpantados, que couſa era, ou que feridas levava. Olhou ella pera ſi, vio que ſahia do nò da beatilha, ſobreſaltouſe, e perturbouſe toda. Parece que ajudaraõ os Anjos a perturbaçaõ, pera que mudaſſe conſelho. Dà volta pera ſua caſa, tira a beatilha, encerraa com o Divino depoſito dentro de huma arca. Paſſou o dia ſem ſe determinar no que faria: ſenaõ quando cobrindoſe o mundo de noite eſcura, amanhece no apoſento dia, e reſplandor celeſtial. Acorda o marido paſmado: deſmaya, e torvaſe de novo a molher. Notaõ ambos, que de huma parte baixa ſahiaõ rayos mais claros, e mais ardentes que do Sol do meyo dia. Naõ ſe atreveo a autora do ſacrilegio a mais ſegredos, conhecendo que procediaõ da arca, que aly tinha ſeu lugar, e da meſma cauſa que de dia vertera ſangue. Contou tudo

do o que era paſſado ſem encubrir nada. Acudio o homem, correndo aõ Prior da Igreja: juntouſe o povo todo: foy grande a revolta, e o eſpanto, grande o alvoroço, e devaçaõ. Tratouſe primeyro de huma ſolene pompa, e prociſſaõ pera tirarem o Senhor donde eſtava. Em ſegundo lugar entrou em duvida que parte, ou que Igreja ſeria bem honrar com elle. Era vulgo, foy grande a variedade de pareceres. Huns propunhaõ S. Domingos allegando que eſtaria bem ſervido onde tudo eraõ Santos: outros S. Franciſco, onde naõ faltavaõ: outros queriaõno pera a Igreja matriz. E os freguefes de Santo Eſtevaõ, inda que poucos, e pobres requeriaõ pola ſua Igreja, com a juſtiça de aver ſaydo o meſmo Senhor della. Mas ſendo tudo pobre pera tamanho hoſpede, erao mais que tudo a freguefia. E naõ falta quem affirme com bons fundamentos, que o primeyro poſſuidor de taõ alta reliquia foy o Convento de S. Domingos. Mas no tempo preſente he couſa certa, e ſem duvida que a poſſue a propria freguefia, e por eſſa rezaõ foy perdendo a Igreja ſeu antigo nome, e tomando o que oje tem do Santo milagre, que por excellencia lhe compete. Com as eſmollas, e concurſo dos fieis ſe tem feito hum luzido templo em edificio, e rendas, e de ordinario anda o Priorado delle em peſſoas de muita calidade. E oje o poſſue o Doutor Luys da Sylva de Brito natural da meſma villa. Correndo o tempo foy o Senhor ſervido de juntar a eſta Divina Reliquia duas circunſtancias, que cada huma per ſi he ſoberano Milagre, e ambas juntas lhe acrecentaõ tanta autoridade, e grandeza, que a fazem unica no mundo (entre outras que ſabemos da meſma calidade) com grande honra do Reyno de Portugal, e da villa de Santarem. A primeyra he, que ſendo, como foy, conſelho, (e devia ſer nacido dos Frades de S. Domingos, que ſeriaõ conſultados como letrados, e Santos) recolherſe com cera todo o ſangue que avia por fora da beatilha, e da ſagrada Hoſtia, e comporſe tambem de cera, como de materia menos corruptivel hum genero de recolhimento, ou cuſtodia, em que ſe guardaſſe tudo (devia faltar ouro, e prata, como em idade pobre) aconteceo a cabo de annos, que viſitando o Prior a ſanta Reliquia, ou querendoa moſtrar ao povo, como entaõ era coſtume, na feſta de Corpus, achou com grande eſpanto recolhida a hoſtia ſagrada dentro de huma ambula de criſtal de tal feitio, que claramente parece obra, e miniſterio de Anjos tal recolhimento. Porque tendo a ambula o aſſento da largura, e forma de huma moeda de oito reales Caſtelhana, ſobe em forma piramidal com hum collo alto, e eſtreito: e dentro parece o corpo da particula Sagrada do tamanho da metade de hum toſtaõ grande, e nella humas nodoas em parte quaſi pretas, como de ſangue piſado, e em parte vermelhas, como de ſangue freſco, e o reſto branco, e alvo da cor das Hoſtias freſcas: e no fundo do vaſo ſe deviſaõ humas gotas groſſas de ſangue, vermelhas humas, e outras quaſi pretas. O que tudo argue que naõ averia maons humanas que te-

O P. Joaõ de Lucena na vida do P. Frãciſco Xavier. Pero de Maris na hiſt. deſte Santo migre c. 4.

teveſſem poder nem ouſadia pera entender em tal obra. He a ſegunda circunſtancia, ou ſegundo milagre continuado des dos primeiros tempos atè a idade preſente ſervirſe o Senhor pera confirmaçaõ de fè, e cordial conſolaçaõ das almas devotas, de ſe repreſentar em varias figuras aos olhos de muitos, como o deixaraõ eſcrito algumas peſſoas de muito credito, e nòs o ouvimos a outras: e o declara huma eſcritura ou relaçaõ antiquiſſima que ſe guarda no cartorio da meſma Igreja por eſtas palavras: *Et apparet intus in ampulla multis, in diverſis ſimilitudinibus hominis: quandoque in cruce, quandoque in gremio Matris, quandoque aliter, pro vt placet ei.*

Deſte taõ famoſo milagre tem hoje o Convento de S. Domingos de Santarem huma fermoſa parte: que he hum pedaço da beatilha todo enſangoentado, e taõ vermelho de preſente, (ſendo o ſucceſſo taõ antigo) como ſe de proximo o enſoparaõ em ſangue freſco, e groſſo, e muito vermelho. E eſtà guardado em hum viril de criſtal, no fundo do qual ſe vem mais dous pelouros de huma cera deſcorada tamanhos como graons de comer, que foraõ parte da meſma com que os Sacerdotes foraõ recolhendo algum ſangue que avia pola arca, e fóra da beatilha. Eſte pedaço dizem que ſerà de hum palmo de comprido, e tres dedos de largo. Em tempos atràs eſtava na Sacriſtia, recolhido em hum ſacrario de pedraria que ſe fez pera elle encaixado na parede fronteira da porta que ſae pera a Igreja, e dourado por dentro, e por fòra, e cercado de pinturas, e letras acomodadas ao miſterio. O ſitio pera ſegurança, e reſpeito he taõ alto que ſe lhe naõ podia chegar facilmente: e ardiaõ diante duas alampadas perpetuas. Aqui eſteve mais de duzentos e ſincoenta annos, e ſe moſtrava a peſſoas nobres, e devotas. Deſpois pareceo que eſtaria mais venerado no Sacrario da Capella mòr, como em ſeu proprio lugar: paſſouſe a elle, e ahi eſtà agora.

A occaſiaõ, de que naceo vir ao Convento tamanha, e taõ precioſa parte, naõ conſta ao certo, nem ha eſcritura que o diga. A tradiçaõ dos Frades antigos era, que logo no principio (como atràs fica dito) viera toda a Santa reliquia ao Convento: e pouco deſpois arrependidos os freguezes de ſua ſobeja liberalidade repetiraõ por juſtiça o que tinhaõ dado por cortezia: e ouvera longo litigio; e por bem de paz, ficara aos Religioſos a parte que temos. Aſſi o querem ſignificar humas palavras de huma relaçaõ muito antiga do meſmo milagre que andava no Cartorio da ſua Igreja que dizem aſſi: *In cœnobio Prædicatorum ſeruatur quædam particula eiuſdem miraculi in ampulla de criſtallo repoſita in ſacrario, quam tunc temporis obtinuerunt religioſi multa ſanctitate præſtantes.* E que ouve eſcrituras mais antigas, a meſma, que traz o Licenciado Pedro de Maris em ſua hiſtoria, o aponta dizendo no fim do prologo, *ſecundum inueni ſcriptum ab antiquis.* A meſma tradiçaõ ſe confirmou por homens velhos tirados por teſtimunhas em hum ſummario que o meſmo Maris allega feito por mandado do Cardeal Infante dom Anri-

Ha hiſt. do Santiſſimo Milagre c. 3. f. 34.

que, que ſuccedeo no Reyno a el Rey dom Sebaſtiaõ. Era o Cardeal juntamente Arcebiſpo de Lisboa, e como Prelado mandou fazer a diligencia, por hum requerimento que lhe fizeraõ os Beneficiados do Santo Milagre: e por ella pareceo baſtantemente o que temos dito, e por iſſo ſe guardaõ os proceſſos no Cartorio do Convento.

Puderamos eſcuſar tratar de mais reliquias à viſta da que temos dito: mas por dizer tudo, temos neſta caſa a capa inteira de que N. P. S. Domingos uſava quando faleceo, peça de grande eſtima por hum penhor de ſeu eſpirito, como a de outro Elias. Atràs fica dito quem a deu, e
L.2. c.20. quem a trouxe. He de eſtamenha groſſa, a cor muito deslavada: do que he cauſa a antiguidade, e o ſer tinta ſobre vermelho. O capello eſtà cozido com ella, e a aba he muito curta. Guardaſe em huma caixa de prata.

Das onze mil Virgens temos aqui grande cantidade de reliquias, e com ellas outras do Martyr S. Gerion. Trouxeas a eſte Convento hum Prior delle, tornando de hum Capitulo que ſe celebrou em Colonia Agripina anno de 1403. Eſtaõ autorizadas com certidaõ de quem as deu, que foy o Prior da Caſa Frey Guilhermo de Aquiſgran. O noſſo, que as recebeo, ſe chamava Frey Gil Martins.

Faltanos pera cerrar eſte capitulo, e a relaçaõ deſta caſa, apontar as mercès que goza dos Reys, e Prelados: e acho que por Abril do anno de 1501 lhe deu el Rey dom Manoel a Ermida de N. Senhora da Serra, ſituada em meyo dos montes da coutada real de Almeirim, onde he toda a recreaçaõ dos Reys. Pola qual reſaõ ſe ouve a Ordem por obrigada a fazer nella Convento formado. E porque oje o he, ficarà o mais que puderamos dizer delle, pera quando chegarmos com a hiſtoria aos annos de ſua fundaçaõ, e particular titulo.

Os Illuſtriſſimos Metropolitanos de Lisboa tem ſinalado huma boa eſmola à caſa de Santarem, com obrigaçaõ de huma liçaõ publica, e quotidiana de Caſos de conſciencia na Igreja de Santa Maria de Alcaçava, pera a qual ſe nomeaõ ſojeitos de ſufficiencia nos Capitulos Provinciais, ſem embargo que no Convento, como de ordinario ſuſtenta quarenta, e cinco Religioſos, ha ſempre muytos de nome em pulpito, e letras.

Fim do ſegundo Livro.

LI-

LIVRO TERCEIRO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Da fundaçaõ, e principios do Convento de Coimbra.

FOY primeyro ramo da planta, que nos deu na ſerra de Montejunto aquelle pequeno graõ de moſtarda, nella ſemeado, e cultivado por maõ de dom Frey Sueyro Gomes, o Convento da cidade de Coimbra, morada, e Corte por largos annos dos Reys deſte Reyno: deſpois illuſtre Academia de todas as ſciencias delle: e taõ antiga em ſua origem, que refere a fundaçaõ do ſeu caſtello ao Thebano Hercules. Os meyos, e modos, porque teve principio eſte Convento deixamos contados no começo deſta Hiſtoria, quando contamos como foy chamado dom Frey Sueyro, ainda antes de Provincial, da Infante dona Branca filha del Rey dom Sancho Primeyro, e juntamente do Biſpo de Coimbra, e como teve logo ſitio pera fundar, por obra, e favor deſta Infante, e da Raynha dona Tareja ſua irmam, e guardamos pera eſte lugar a narraçaõ mais copioſa. He pois de ſaber, que na ribeyra direyta do rio Mondego, que lava a cidade, no plano, onde oje vemos aſſentada grande parte da povoaçaõ da ponte pera baixo, avia em tempos antigos muita freſcura de pumares, que chamavaõ o Figueiral. Entre elles pareceo à Infante dona Branca lugar accommodado pera fundar Convento, hum poſto que avia nome a Figueira velha. Porque por huma parte pera a communicaçaõ da cidade naõ ficava longe, e por outra ſenhoreava o Rio, que naquella idade (quem o crerà oje?) corria fundo, e alcantilado: e vinha o ſitio muito a propoſito pera a commodidade, e recreaçaõ dos Religioſos. Começando a mandar com-

L. 1. c. 11.

prar as propriedades, veyo à noticia da Infante dona Tareja ſua irmam o que paſſava. Era eſta Senhora irmam mais velha de dona Branca, fora caſadâ com el Rey dom Afonſo de Liaõ: deſpois de terem filhos foy ſeparado o matrimonio, e tornouſe à terra em que nacera. E como Princeza religioſa, e pia, quais foraõ ſempre todas as deſte Reyno, inda que ſintio terlhe ſua irmam ganhado por maõ na determinaçaõ, naõ quiz por iſſo perder o merecimento de entrar à parte em obra taõ ſanta, e tratou com ella que partiſſem entre ſi a deſpeſa. E foraõ os termos taõ cortezes, e taõ de quem ambas eraõ, que a Infante lho ouve de conceder. Conſtounos pola meſma carta que a Raynha paſſou das compras que fez do ſitio, e propriedades que nelle avia: a qual os Frades lhe pediraõ alguns annos deſpois, pera lhes ficar por titulo, e poder conſtar em todo tempo de como as ouveraõ. E porque he de ver a nota, a lançamos aqui, e he a que ſe ſegue.

IN nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti, Amen. Ego Regina Domna Taraſia, filia Regis Sancij Primi de Portugallia, facio notum omnibus præſentem paginam inſpecturis, quòd cum ſoror mea Regina Domna Blanca vellet facere Monaſterium Fratrum Prædicatorum apud Collimbriam, ego cupiens in tam grandi bono habere partem, rogaui iam dictam ſororem meam, vt placeret ei, quòd ego emerem hæreditatem, in qua poſſet fundari Monaſterium, & alia fieri, quæ neceſſaria eſſent Fratribus ibidem moraturis. Ipſa ergo libenter & liberê conceſit mihi quod petebam, meis precibus inclinata. Tunc ego emi hæreditates iſtas de propria pecunia in illo loco, qui dicitur, Ficus vetus, ab Abbatiſſa de Loruano Domna Maria Alfonſi, & Conuentu ſuo emi hæreditatem quantam Monaſterium de Loruano habebat prædicto loco per centum triginta Morabitinos. Et à Petro Munionis Priore, & clericis Sancti Petri de Collimbria quantum in illo loco habebat ipſa Eccleſia per centum viginti Morabitinos, & à Domno Thomaſio Priore, & clericis Sancti Saluatoris quantum ibi habebat ipſa Eccleſia. Et dedi eis pro eo, quod ibi habebat ipſa Eccleſia, tria caſalia in Braſe. Et emi illi caſalia ab Abbatiſſa de Cellis de Vimaranis Domna Fruila & Conuentu ſuo per ducentos Morabitinos. Præterea emi ab hominibus, qui morabuntur in prædictis hæreditatibus, & poſſidebant illas ad forum & conſuetudinem ſuam, quam

inde

inde faciebant Monaſterio, & clericis ſupradictis, totum ius, quod inde habebant, & etiam domos in quibus morabantur, ſicut placuit illis. Tunc iſtam totam hæreditatem comparatam & expeditam, ſicut dictum eſt, dedi tempore illo Fratribus Ordinis Prædicatorum, vt in ipſa facerent Monaſterium ſui Ordinis pro ſalute animæ meæ, & parentum meorum. Et modò ipſam donationem, quam feci, per iſtam chartam roboro & confirmo. Et vt donatio mea maius robur obtineat, in ipſa manus meas, & ſigillum meum appono. Non ergo alicui hominum hanc meæ donationis chartam liceat infringere, nec ei auſu temerario contra ire. Quod ſi quis fecerit, Domino terræ iuxta terræ conſuetudinem obnoxius calumniæ teneatur, & hæreditatem, ſuper qua poſſeſſores inquietauerit, duplet eis. Facta charta donationis & confirmationis menſe Februarij ſub Æra M.CC. LXXX. regnante in Portugallia Sancio Secundo.

Em noſſa lingoagem reſponde o ſeguinte:

EM nome do Padre, e do Filho, e do Eſpirito Santo, Amen. Eu a Rainha dona Tareja filha del Rey dom Sancho Primeyro de Portutugal, a quantos eſta carta virem, faço ſaber, que ſendo informada como a Raynha dona Branca minha irmã queria fundar hum Moſteyro da Ordem dos Frades Prègadores em Coimbra: e deſejando que me tocaſſe alguma parte em tamanho bem, lhe pedi foſſe contente que compraſſe eu o ſitio, em que ſe avia de fazer o edificio, e o mais que pera boa vivenda dos Religioſos era neceſſario. E ella ouve por bem conformarſe comigo, concedendome com goſto, e livremente tudo o que lhe pedi. O que viſto, comprey logo por meu dinheyro no lugar que chamaõ a Figueira velha as propriedades ſeguintes. A ſaber, da Abbadeſſa, e Moſteiro de Lorvaõ toda a fazenda que tinha na dita parte por preço de cento e trinta Morabitinos. E a Pedro Munhòs Prior da Igreja de S. Pedro de Coimbra, e ſeus beneficiados, por cento e vinte morabitinos tudo quanto ahy poſſuya a dita Igreja. E aſſi ouve do Prior dom Thomas, e dos clerigos de S. Salvador o que ahi tinha

tinha a ſua Igreja, dandolhe em troca, e eſcaimbo tres caſais meus em Braſe, e outros que comprey a dona Fruila Abbadeſſa de Cellas por duzentos morabitinos. E porque eſtas propridades eſtavaõ emprazadas a differentes peſſoas, que dellas pagavaõ foro aos ditos Moſteyros, e Igrejas, fiz nova compoſiçaõ, alem de ter comprado o direito ſenhorio polos preços acima ditos, com os poſſuidores, e uſufructuarios, pera mas largarem, e me deixarem atè as caſas de ſua morada que tinhaõ feito, dandolhes por huma, e outra couſa quanto quizeraõ. E toda eſta fazenda aſſi junta, e livre, e deſembargada, tanto que foy minha, a dey, e doey logo no meſmo tempo aos Religioſos da Ordem dos Prègadores pera effeito de fabricarem nella hum Convento polas almas de meus pays, e minha. E a tal doaçaõ, que entaõ lhes fiz, ratifico agora, e de novo a confirmo por eſta carta. E pera que mais força, e vigor tenha, de minha maõ a aſſiney, e ſelley com meu ſello. E por tanto nenhuma peſſoa intente ou pretenda invalidalla, nem per alguma via encontralla; ſo pena que fazendoo, fique por tal atrevimento obrigado a pagar ao ſenhor da terra as penas que ſegundo coſtume della ſe levaõ aos que falſa, e malicioſamente demandaõ o que lhes naõ pertence: e aos poſſuidores pague em dobro a valia da propriedade ſobre que lhes der moleſtia. Foy feita eſta carta de doaçaõ, e confirmaçaõ no mez de Fevereiro: Era de 1280 (*reſponde ao anno de Chriſto* 1242.)

Polo teor deſta doaçaõ temos por fundadoras deſte Convento duas Princezas. E he bem de conſiderar a virtude de ambas, e a pouca ambiçaõ de cada huma, pois ambas tratavaõ sò do effeito da obra pia, e a nenhuma lembrava a honra ou nome della. E he de ſaber que naõ era o cuſto leve pera aquelles tempos. Porque os Morabitinos, como jà apontamos outra vez, ſe eraõ douro, valia cada hum quinhentos reis, que aſſi conſta do teſtamento del Rey dom Sancho Primeyro, que foy pay deſtas Infantes. E naõ devia ſer menos contia a que ſe deu aos poſſuidores das propriedades, da que levaraõ os que tinhaõ o direito ſenhorio. Mas advirtimos ao Leitor, que como a Eſcritura naõ declara a calidade, e valia da moeda, podiaõ ſer eſtes maravedis de huns que achamos alguns annos deſpois com nome de maravedis velhos, e ſua valia de vinte ſete

L. 2. c. 2. Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho Primeir. f. 65

te ſoldos, ou reays brancos. Eſta doaçaõ eſtà oje viva no Cartorio do Convento. E por outros papeis que delle nos foraõ moſtrados conſta, que começada a obra pareceo neceſſario compraremſe mais outros pedaços de terra, e pumares: dos quais huns ſe pagaraõ de contado: outros com propriedades equivalentes buſcadas, e compradas pera iſſo: e eſtas foraõ as que pertenciaõ ao Biſpo, e Cabido que naõ quizeraõ vender a dinheyro: e humas, e outras fizeraõ de cuſto outros duzentos e vintecinco morabitinos, os quais devia mandar pagar a Infante dona Tareja.

Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho Primeiro.

A conta da Infante dona Branca ficou a obra de pedra, e cal, e todo o mais edificio: e como o fazia com devaçaõ, e poder: porque el Rey ſeu pay a deixou igualada com ſuas irmans em groſſa erança de ouro, e prata, e ſegundo affirmaõ alguns hiſtoriadores era ſenhora da cidade de Guadalajara em Caſtella, creceo a obra taõ depreſſa, que no anno de 1227 avia jà Convento formado com Prior, e Supprior. E conſta por memorias, que vimos no Cartorio, que era Prior neſte anno hum Frey Joaõ, do qual huma dona Elvira confeſſa receber tres morabitinos, por rezaõ de humas arvores que à inſtancia dos Religioſos cortou em hum quintal ſeu: e fez contrato, que no tal lugar ſe naõ plantariaõ outras em nenhum tempo, por quanto com ellas ſe devaſſava a cerca do Convento. Aſſi ſe fica colligindo com clareza, que pois neſte anno eſtava a caſa tanto adiante, de alguns atràs, e naõ poucos, devia eſtar principiada. O meſmo ſe deixa entender da carta da Infante dona Tareja, porque ainda que a data he quinze annos adiante, pola narrativa della ſe moſtra, que ouve grande diſtancia entre o tempo da entrega das terras, e o em que mandou deſpachar a carta: declarando, que quando as comprara, logo entaõ as dera aos Religioſos, e confirmava agora o que de tempo atràs tinha dado. Confirma eſta antiguidade ſabermos que reſidio S. Frey Gil neſta caſa antes que foſſe Provincial a primeira vez: e conſtanos, que foy ſua eleiçaõ no anno de 1233 por morte de dom Frey Sueyro.

Reſende na vida de S. Frey Gil.

CAPITULO II.

Vida, morte, e milagres do Santo Frey Payo.

ERa Coimbra nos primeiros annos do Reyno de Portugal como cabeça, e metropoli delle. Porque reſidindo nella de aſſento a Corte, como entaõ reſidia, o meſmo fazia o melhor, e mais luzido de toda a nobreza, e doutra gente de calidade. Aſſi foy eſte Convento meyo de ſalvaçaõ, e remedio de muitas almas, com ſua doutrina, e prègaçoens, e exemplo: almas, que as ondas de pretençoens, e eſperanças vans da Corte coſtumaõ trazer eſquecidas de ſi. Tambem nos grangeou pera a Ordem muitos ſojeitos, que deſpois a honraraõ com virtude, e letras: dos quais ouvera muito que dizer, ſe nos antigos naõ faltara a curioſidade de eſcrever; de que ſempre nos queixaremos. Donde nace, que ſendo certo que ouve neſte Con-

vento

vento muytos Religioſos dignos de honrada memoria, quaſi naõ teveramos de quem a fazer particular, ſe nos naõ dera hum Frey Payo taõ abalizado em ſantidade, que fez eſcrever os eſtranhos primeyro que os noſſos. Do que podemos inferir que em arvore, donde tal fruito ſe produzio, naõ podiaõ faltar outros ſemelhantes. Mas baſtarlhesa a elles eſtarem eſcritos no livro da vida, ſe o naõ ficarem neſte: e a nòs, termos em tais irmaons quem de vèras nos procure com ſua interceſſaõ, que cheguemos algum dia a eſcrevermonos tambem nelle.

S. Anton. 3. p. tit. 23. c. 10. M. Lean. Albert M. Seraphin. Razzi. Caſtilho p. l. 2. cap. 58. Marieta nos Santos de Eſpanha 2. p. l. 12. t. 53.

Foy Frey Payo filho de habito do grande dom Frey Sueyro, honra pera o filho, mas naõ menor pera o pay: e temos conjeituras que foy natural, e nacido em Coimbra. E ainda que baſta eſtar ſepultado dentro de ſeus muros, pera grande gloria da terra, mayor he ſer filho della. Que ſe Padua em Italia ſe jacta de hum Santo Antonio eſtrangeiro, e hoſpede, sò porque o tem conſigo: e Lisboa faz o meſmo, tendoo auſente, sò porque o deu ao mundo, e o criou em ſeus ares: muito deve Coimbra a Deos por lhe dar hum taõ grande Santo por hoſpede juntamente, e por cidadaõ. Couſa he rara, e maravilhoſa, que de todos os outros Santos ſabemos que o foraõ, por ouvirmos contar excellencias de ſua vida, ou de ſua morte; e do preſente naõ temos nenhuma que eſcrever: e com tudo ſabemos que foy grande Santo, e por tal nolo pregoaõ a boca chea quaſi todos os eſtrangeiros que deſta Ordem eſcreveraõ. E naõ he eſta a mais pequena maravilha das que avemos de contar delle. Por onde juſtamente podiamos pedir licença pera perguntar ao Senhor, que o fez tal, que rezaõ ouve, pera que ſendo taõ liberal pagador de bons ſerviços, que ainda neſte mundo ſe preza de reſponder a cento por hum, aſſi permittio que ficaſſe enterrada huma vida puriſſima, e huma morte ſanta, que nenhuma fama nem noticia ouveſſe della. Eu leyo, Senhor, de hum Hilariaõ que vivendo entre ſalvagens no coraçaõ do deſerto, ordenaſtes que os meſmos Demonios o fizeſſem conhecido em muitas partes do mundo. Leyo de hum Aleixo Romano que peregrinando pobre, e deſconhecido pola Syria, huma imagem de voſſa ſagrada Mãy publicou ſeu nome. E a hum Paulo primeiro ermitaõ embrenhado nas ſerras da Thebayda deſpois de cem annos de vida mandais quem o viſite, e lhe faça exequias: Que avemos logo de reſponder neſte caſo, ſenaõ que mais mercè fizeſtes a hum Frey Payo, que a muytos celebrados da terra? Porque ſendo aſſi, que vos agradais muito dos que mais ſe ſabem eſconder, e furtar às lingoas, e favor dos homens, por eſta via o quizeſtes fazer hum Santo unico, e ſem igual. E como em voſſa Divina palavra naõ pode aver falta, o que lhe tardaſtes com mercès publicas na vida, recompenſaſtes na abundancia, e calidade das que lhe fizeſtes deſpois de morto. Era Frey Payo quando veyo à religiaõ entrado jà em dias, e conhecido por letras, e virtude. E como tal foy o primeyro Prior do Convento, e ficando em Coim-

Coimbra morador continuo. Ajudou muito o edificio material com ſua aſſiſtencia: mas muito mais o eſpiritual, com a prègaçaõ, no qual miniſterio ſabemos que foy eminente, e incanſavel. Faleceo ſegundo a conta dos mais dos autores, que delle eſcrevem, polos annos do Senhor de 1257, pouco mais, ou menos. Mas ſe nos avemos de conformar com a letra de ſua ſepultura, que adiante poremos, em dezeſete annos ſe enganaraõ. Foy ſua vida, e morte ſurda, e ſem rumor. Achouſelhe huma cinta de ferro groſſa, e larga, que trazia a rayz da carne. Mas iſto de vida penitente, e trabalhada pera aquella idade era couſa taõ ordinaria, que em ninguem fazia abalo, e foy enterrado ſem mais ruido nem cerimonia, que qualquer dos frades conventuaes. As particularidades ſecretas de alta perfeiçaõ cobrio vivendo com eſtranha diſſimulaçaõ, e morrendo com a ſepultura. E quando Deos foy ſervido deſenterrallas, e publicallas, inda naõ quiz que as alcançaſſemos mais que em ſoma, e ſem diſtinçaõ. Elle ſabe o porque. O modo foy o que agora diremos. Era falecido de alguns mezes, e enterrado no cemiterio commum. Veyo a morrer outro Religioſo, mandouſelhe abrir cova ao longo delle. Andava hum official trabalhando nella, preſentes a caſo alguns frades: e ou que ſe chegaſſe demaſiado à cova vizinha, ou que profundaſſe muito a que abria, cahio hum torraõ da terra da de Frey Payo. Em cayndo, eis que ſae della (caſo eſtupendo, e nunca ouvido) à viſta de todos huma nuvem, ou nevoa eſpeſſa, que como vapor de muitos thuribulos, que ardeſſem juntos com copia de perfumes, ſe foy levantando, e dilatando, e juntamente recreando os ſintidos com taõ eſtranha, e nunca jà mais imaginada ſuavidade, que fez acudir todo o Convento com eſpanto ao cemiterio. No meyo do alvoroço dos frades, e ruydo dos vizinhos que ſe juntavaõ, e huns, e outros confeſſavaõ a vozes a Frey Payo por Santo, largou o coveyro a enxada, e trabalho, e torna logo carregado de huma moça paralitica (era filha ſua, tolhida avia annos de pès a cabeça) rompe por todos, lançaſe com ella na cova que tinha feito. Mas em lhe dando o ar da vizinha, e o cheyro que por tudo recendia, a moça ſe levantou ſam, e ſalva. E naõ sò tornou por ſeu pè pera caſa, a que viera em braços alheyos: mas na meſma tarde pera confirmaçaõ do milagre foy, e veyo ao rio com ſua talha à cabeça, ſervindo, e acarretando agoa.

A novidade do caſo, tanto como eſperança de ſaude arrancou da cama em que jazia avia dias, muyto enfermo, e fraco hum Frade do Convento: e naõ foy bem chegado à ſepultura, quando ſe ſintio com novas forças, e ſe levantou do lugar com perfeita ſaude.

Eſpalhouſe pola terra a fama dos milagres, eſpertou a todos os que alguma couſa padeciaõ, e todos levavaõ remedio taõ ſubido, e taõ geral, como ſe buſcaraõ agoa no rio, ou ſe abrira ali alguma fonte dantes ignorada, e agora achada. E na verdade fonte era de miſericordias divinas, pera honra do ſervo fiel. O primeyro, que logo

deſpois ſe aproveitou della, foy hum vizinho do Convento, que em vida do Santo fora ſeu confeſſado, e de preſente eſtava cego, por remate de huma forte doença, que deſpois de muito trabalho padecido, o deixou ſem olhos cobrando ſaude nos mais membros. Fezſe levar ao Santo: lembravalhe quantas vezes fiara delle os ſecretos de ſua alma, e lhe ouvira, e aceitara ſeus conſelhos: pedialhe com confiança, que pois eſtava taõ valido com aquelle Senhor que tudo podia, quizeſſe moſtrallo em o livrar das trevas em que vivia, ou por melhor dizer morria. Foy caſo de paſmar, que antes de ſe bolir do lugar em que fez a oraçaõ, ſe achou com ſua viſta, como quando a tinha mais perfeita.

Dous homens da meſma cidade eſtavaõ afadigados de differentes males: hum apertado de eſquinencia que ſe afogava ſem remedio: outro de febres continnas que o tinhaõ no eſtremo da vida. Naõ lhes ſendo poſſivel irem peſſoalmente à ſepultura do Santo, mandaraõ buſcar da terra della: e eſta fez o effeito que cada hum deſejava.

Aſſi como dizemos atràs, que avia no Reyno polas cidades, e lugares grandes, bairros ſeparados em que vivia gente de naçaõ Hebrea em ſua ley: avia tambem outros, que eraõ vivenda de Mouros ſeguidores do ſeu Mafamede, e ainda oje conſervaõ o nome de Mourarias. Soando entre elles a voz dos milagres, fizeraõſe levar à noſſa Igreja duas Mouras que ardiaõ em febres, mais tentando que confiando. E ambas acharaõ no Santo a meſma liberalidade que ſe foraõ boas Chriſtans, ambas tornaraõ ſem febre, e ſans.

CAPITULO III.

Proſeguem outros milagres do Santo Frey Payo: com a eſtranheza do ſino fundido com a terra da ſua cova.

FOraõ crecendo os prodigios, aſſi como acudiaõ os neceſſitados. Porque nenhum vinha que tornaſſe fruſtrado em ſua confiança. Começaraõ entaõ os Frades a buſcar por caſa peças de veſtido do Santo, e outras couſas de ſeu uſo que ainda avia. Em particular poſeraõ em guarda com reſpeito, e veneraçaõ a cinta de ferro que lhe tiraraõ na morte. A qual ſendo pedida de algumas partes fez logo milagroſos effeitos, particularmente em partos difficultoſos, pera os quais ſe foy callificando com as experiencias por remedio taõ certo, que deſde entaõ atè oje ſe pede de ordinario. Trazemna os Religioſos forrada de veludo, e naõ ſae de caſa ſe naõ acompanhada de alguns. Mas repartindoſe as peças de veſtido entre gente devota, he couſa averiguada, que por meyo dellas foy noſſo Senhor ſervido obrar muitas, e grandes maravilhas. A huma molher que perecia de dores de eſtamago, de humas que mataõ raivando, em ſe lhe aplicando huma peça deſtas, no meſmo ponto ficou ſem ellas. Com o meſmo remedio ſe provou que foraõ livres em tempos, e terras differentes ſinco homens, atormentados do Demonio, naõ podendo o enemigo valerſe contra a virtude communicada a hum retalho de pa-

no

no de hum corpo defunto, e feito cinza. Mas caſo mayor he o que ſe ſegue.

Se he grande mal Demonio no corpo, quanto mayor ſerà Demonio na alma? Tanto he mayor, quanto he mais nobre a alma que o corpo, e quanto ſe arriſca mais nos bens eſpirituais eternos, que em todos os outros. Naõ ſe podia perſuadir deſta Filoſofia hum pobre homem, que de ſua vontade ſe tinha entregue ao enemigo, e ſua companhia o trazia taõ eſquecido do que ſe devia a ſi meſmo, e a ſua ſalvaçaõ, que ſobre outros males naõ avia força de rezoens, que o pudeſſe chegar ao ſanto Sacramento da Confiſſaõ. Quando ſe via convencido, e envergonhado dos amigos, defendiaſe com dizer, que de nenhum modo podia ter arrependimento da vida que fazia, nem contriçaõ de ſuas culpas, ainda que conhecia que o eraõ. Apertaraõ hum dia com elle, e obrigaraõno quaſi à força que viſitaſſe a ſepultura do Santo, e com a frieza de homem perdido qual andava, lhe pediſſe huma pequena de brandura pera aquelle coraçaõ de pedra. Foy ſem vontade, e por comprazer a quem o rogava: propoz ao ſanto com devaçaõ alhea, e palavras naõ ſuas a neceſſidade propria: ſintio logo a maõ do Senhor, e a interceſſaõ do ſervo: porque ſubitamente quebrou o bronze da cerviz dura, e rebelde, buſcou confeſſor; e poſto a ſeus pès paſſou a hum novo genero de contriçaõ. Porque onde dantes ſe naõ podia confeſſar por ſecura, e dureza de affeito, agora lhe tolhiaõ a confiſſaõ chuvas, e tempeſtades de lagrimas.

Saõ maravilhoſas em alto gràо as maravilhas deſte Santo. E viſto como as maravilhas baſtaõ pera conhecermos a grandeza de ſeus merecimentos, e deſejarmos ſua interceſſaõ diante de Deos, naõ ajuntaremos mais que huma, que ſobe tanto em calidade ſobre as contadas, e ſobre muitas que ſe contaõ de grandes Santos, quanto tem de eſtranheza por duravel. A ſaude dada em huma doença, ou ſe perde com outra, ou ſe acaba com a vida. Aqui temos milagre que paſſando de trezentos annos que ſuccedeo, eſtà hoje taõ freſco, taõ vivo, e taõ viſto como no dia, e hora em que ſe fez. Quiz hum Prior deſte Convento fazer hum ſino mayor que o que ſervia: chamou meſtres, lançaraõ contas, ajuntou metal quanto pareceo baſtante pera o corpo que ſe pretendia. Feitas as formas, e poſto o metal no fogo, tornou o official ſobre ſi, e achou que ſe enganara na conta com tamanho exceſſo, que lhe faltava pera encher a forma quando menos huma terça parte do que jà eſtava preſtes, e derretido. Faziaſe a fundiçaõ no Convento. Viraõ os Religioſos que aſſiſtiaõ o meſtre alcançado, e confuſo: ficaraõno elles muito mais, quando lhes confeſſou o erro. Porque alèm do tempo, e feitio perdido, viaõſe ſem ſino velho, nem novo, nem modo com que remedear tamanha falta com a brevidade que convinha em Convento que vivia de eſmollas. Neſta perturbaçaõ foyſe hum dos Religioſos como inſpirado do Ceo à cova do Santo, e pedindolhe com a efficacia, e ſintimento que o caſo obrigava, ſe com-

padeceſſe da pobreza da Caſa em que vivera, e da deſconſolaçaõ dos Frades ſeus irmaons, lança maõ à terra, e fazendo alforge do eſcapulario, e levando quanta pode colher nelle, entra polo meyo dos Frades que rodeavaõ o fogo, arremeſſaa ſobre o metal que fervia. Paſma o fundidor, julgandoo feito por genero de deſeſperaçaõ, ou deſatino, grita, queixaſe, acode a remedear o dano que tem por certo da miſtura. Mas eys que paſma de novo, porque vè yr empollando, e crecendo o metal com tanta preſſa, e abundancia, que quaſi naõ cabe jà no vaſo, e ſaltando de prazer, e eſpanto affirma que grande ſegredo era o daquella terra que ſeu entendimento naõ pode penetrar: mas qualquer que ſeja, naõ teme jà falta no metal, inda que muyto mayores foraõ as formas. E aſſi aconteceo, porque o ſino ficou feyto em toda a grandeza do molde, e ſobejou cantidade de metal, que peſado pera teſtimunho do milagre chegou a duas arrobas e vinte arratens. E conſideravaõſe no caſo duas maravilhas juntas, e ambas muy prodigioſas. Primeyra da tranſmutaçaõ de barro em bronze, ſegunda da multiplicaçaõ, e crecimento com tal novidade, que vieſſe a ſobejar muito, onde dantes faltava muito. O ſino eſtà oje vivo, e ſaõ, e ſerve no Convento, e vemſe nelle claros ſinais de obra milagroſa. Porque ſe lhe enxerga a lugares o metal areoſo da miſtura da terra: e ao tanger faz hum ſom notavelmente differente dos outros ſinos: polo qual he conhecido por toda a Cidade, repreſentando a quem o ouve a cada movimento nova armonia, hora hum tinido muito agudo, e eſperto, hora groſſo, e grave, hora vario entre hum, e outro: e aſſi recreando, e eſpantando faz lembrança de ſua origem.

Outra particularidade aſſaz eſtranha attribuyaõ os antigos a eſte ſino, que a meu ver era alhea, e naõ ſua. Contaõ, que em quanto ſervio na torre do Convento, que foraõ poucos menos de trezentos annos, aſſi como ſe movia quando o tangiaõ levava juntamente conſigo a torre, e de tal ſorte a abalava, e embalava, que logo no pè fazia final, e abertura que podia receber o groſſo de hum dedo polegar, a qual crecendo em proporçaõ com a altura da torre vinha a fazer no alto do campanario tamanha inclinaçaõ, que a quem a via de fòra cauſava eſpanto grande, e a quem a experimentava em cima fazia medo, e fazia crer que ſe hia ao chaõ. Deviſavaſe mais eſta differença em tempo que o Convento eſtava em pè (que como logo veremos foy derribado pera ſe lhe dar melhor ſitio) porque avia huma parede muito chegada à torre, com a qual fazia a perſpectiva verdadeyro juizo do muito que ſe alargava della. Huma, e outra couſa vio, e provou o Infante dom Luis unico no nome em Portugal, e unico em excellencia de condiçoens entre os Principes de ſeu tempo. Paſſando por Coimbra de caminho pera Santiago, levado de curioſidade do que lhe contaraõ, ſobio à torre, e mandou dobrar o ſino. Tal foy o cabecear do campanario com pendores a huma, e outra parte, que lhe parecco o perigo de-

demaſiado: e avendoo por indigno de ſua peſſoa, e baſtantes pera a experiencia poucos balanços: pera que ceſſaſſem, levou da eſpada, e cortou a corda que movia o ſino.

Quando ſe tresladou o Convento pera o lugar onde oje eſtà, sò a torre ficou em pè pera memoria ou deſte prodigio, ou da antiguidade. Naõ he muito alta, mas o ſer de cantaria bem liada, e edificio firme, e perfeito, e ſobre tudo muito eſtreita, e delgada, faz facil de crer poderſe abalar ſem myſterio, sò com o movimento, e peſo do ſino, como atràs contamos que acontecia à do Convento de Santarem, que foy cauſa de ſe derribar, e levantar outra. Se o abalo pendia do ſigo ſer milagroſo verſeà como teve torre. De preſente ſerve em huma parede entre caſas, e naõ alta, onde ſe podem mal notar os effeitos que deſcobria o edificio alto, e deſacompanhado. As reliquias do Santo ſe tiraraõ do baixo, e ſe levantaraõ recolhidas em huma caixeta de marmore, ficando de fòra a cabeça, que ſe moſtra aos devotos, e ſe leva aos enfermos com certeza de curas milagroſas. De preſente eſtaõ na Igreja do Collegio de Santo Thomas (de que adiante trataremos) em quanto ſe naõ acaba a do Convento. O ſitio he a capella mòr, e eſtà a caixa embebida na parede da parte do Evangelho: e na face eſculpido eſte letreyro.

L. 2. c. 3.

Primus huius Conventus Priorum ſanctitate, ac miraculorum gloria inſignis Pelagius hic ſitus eſt. Obiit circà annum 1240.

Por cima parece hum vulto do Santo entalhado em pedra com hum ſino na maõ por inſignia, na baſi tem huma letra que declara o nome de quem mandou fazer a obra, e a cauſa, que foy hum milagre do Santo em beneficio do Autor della.

CAPITULO IIII.

De algumas antiguidades deſte Convento, e como foy mudado pera o ſitio em que hoje eſtà.

PORque ſe veja a grande opiniaõ que avia da ſantidade deſte Convento, e o reſpeito que por toda a parte ſe lhe tinha, diremos de algumas memorias que achamos muito dignas de ſe naõ deixarem eſcurecer do tempo. Preſidindo na Igreja de Deos o Pontifice Innocencio Quarto cometeo ultimamente ao Arcebiſpo de Braga, e ao Biſpo de Coimbra que lhe tiraſſem huma informaçaõ do eſtado em que ſe achava o Reyno com o governo del Rey dom Sancho ſegundo, de que avia queixa geral, a que queria acudir, como logo acudio. No breve deſta commiſſaõ dà o Papa por adjunto a dous taõ graves Prelados, e em materia de tanto peſo, ao Prior de S. Domingos de Coimbra. Os originais della, e das informaçoens ſe vem hoje no cartorio da Sè de Braga.

Particular devota, e bemfeitora deſte Convento foy a ſenhora dona Coſtança Sanches filha baſtarda del Rey dom Sancho primeiro, que aquella idade chamava Infante, e naõ era o erro grande, quando às legitimas dava nome de Rainhas. Foy bençaõ deſte Convento ſer valido de Princeſas, e bom jui-

zo deſta inclinarſe a huma caſa que toda era feitura de ſuas hirmans. Moſtraſe por ſeu teſtamento que era o Prior ſeu confeſſor, e declara ſem eſpecificar o nome, que fez o teſtamento com elle, e lhe pedio o autorizaſſe com ſeu ſello, como entaõ ſe uſava: e entre os legados he hum de ſincoenta livras pera a caſa de Coimbra, e trinta pera cada huma das outras que no Reyno avia deſta Ordem, e naõ era a eſmolla curta pera entaõ. A valia das libras naquelle tempo, polo que ſe pode colligir do que eſcreve o Doutor Duarte Nunes de Liaõ, era cada huma cento, e ſeſenta reis (dizemos naquelle tempo porque os paſſados, e preſentes nos inſinaõ alteraremſe muitas vezes as moedas no preço, e valia ſem mudança dos nomes.) Faleceo eſta ſenhora no anno de 1269. Eſtà enterrada no Moſteiro de ſanta Cruz de Coimbra.

Duarte Nunes de Liaõ Cronic. dos Reys fol. 134.

No anno de 1360 entrou em Coimbra dom Vaſco Arcebiſpo de Toledo, e demandando eſte Convento, nelle ſe apoſentou, e reſidio em quanto viveo, que naõ foy muito. Vinha deſterrado por el Rey dom Pedro o cruel de Caſtella, ou fogindo de ſua ira. Procedeo com grande exemplo de virtude, e paciencia em ſeus trabalhos: mas a ſem rezaõ, e deſgoſto lavrou por dentro, e abrevioulhe a vida. Faleceo em cabo de dous annos, e mandouſe enterrar no noſſo cemiterio. Em hum livro antigo dos Obitos do Moſteiro de Santa Cruz ha huma memoria que fala delle por eſtas palavras.

Feria ſecunda ſete dias do mez de Março Era de M. CCCC. ſe finou dom Vaſco deſte mundo Arcebiſpo de Toledo, o qual foy inviado do Reyno de Caſtella por ſanha del Rey, e chegou à cidade de Coimbra, e fez vivenda no moſteyro de S. Domingos deſta cidade. (A Era reſponde aos annos de Chriſto de 1362.) Eſte Arcebiſpo hum mez antes de falecer ſagrou a Igreja grande de S. Franciſco ſituada da outra banda do rio ſobre a margem delle: e no meſmo dia ſagrou tambem a hum Biſpo da cidade de Orenſe, que he em Galiza, aſſiſtindo com elle em ambas as ſacras o Biſpo de Viſeu, e dom Frey Gil Biſpo de Cirendoni, que devia ſer titular. Mas he força darmos hum grande ſalto de annos, pera yrmos ſeguindo o que ha que dizer mais deſte Convento. E temos primeyro a tresladaçaõ delle pera o ſitio, em que de preſente tem mais nome, que forma de Convento. Sendo corridos trezentos annos da fundaçaõ, vieraõ a ſer taõ grandes as enchentes do Mondego, que acontecia de inverno eſtar o Convento muitos dias feito ilha, e poſto em cerco. Seguiraõ annos invernoſos, continuaraõ, e creceraõ as agoas com novo mal, que foy trazerem conſigo grande poder de areas, e cegarem com ellas a madre do rio, de maneyra, que donde antes corria taõ fundo, que o ſitio do Convento lhe ficava ſobranceiro, e ſenhor, veyo a igualar a corrente ordinaria com elle, e a força da agoa começou a lançar as areas por cima das mais altas margens, ſenhoreandoſe do campo, e entupindo cerca, e officinas. E acontecia pola muita abundancia das areas, ſobir o rio a tanta altura com qualquer

quer pequena enchente, que naõ sò cobria os campos, e alavaga o Convento, mas lançava por cima da ponte. Donde naceo, que temendoſe ficar brevemente vencida das areas, como jà ſe hia ſomindo nellas, tratou a cidade de fazer com tempo outra, que he a que oje vemos: e affirmaſe que foy direitamente fundada ſobre a antiga, de que naõ temos mais que a fama. E com a podermos chamar nova, vay fazendo jà bom teſtimunho ao que dizemos. Porque acontece em alguns dos arcos terem eſtreita, e trabalhoſa paſſagem os meſmos barcos que poucos annos atràs paſſavaõ folgadamente à vela. A cauſa de tanto mal ſabida he, e naõ eſtà taõ ſem remedio polo eſtado a que tem chegado, como por ſer negocio publico, porque eſtes quaſi em nenhuma parte do mundo tem oje emparo ou valedor. Chega a cobiça, ou a multidaõ, e neceſſidade dos homens a naõ deixar palmo de terra, que naõ rompa. Em tempos muito antigos eraõ inviolaveis as coſtas, e ladeyras que cahiaõ ſobre os rios, com medo do que oje ſe padece, e como couſa ſagrada eſtava o cargo de ſe guardarem à conta dos melhores do Reyno. Lembrame ouvir aos velhos, que receberaõ dos mais antigos, fora eſte cuydado em hum tempo do Infante dom Pedro que chamaraõ da Alferroubeyra, pela morte que junto de huma o levou, Principe de grande valor, inda que igualmente deſgraciado. Faz perder os campos muyto largos, e muyto proveitoſos, o querer aproveitar montes pola mayor parte eſteriles, ou pouco fructiferos: achaõ as invernadas a terra bolida, levaõna ao baixo, e ficaõ deſpidos os altos atè deſcobrirem os oſſos, que ſaõ as lageas, e penedias do centro, e aſſi ficaõ os campos perdidos, e os montes naõ daõ proveito.

Mas tornando ao ponto, ajuntavaſe ao mal dos diluvios, que as agoas de muyto tempo encharcadas deixavaõ o Convento apaulado: e quando com o veraõ vinha a enxugar, era sòmente na face da terra: e ficava do interior lançando vapores que cauſavaõ graves doenças. Venciaſe eſte inconveniente com a paciencia, e ſantidade dos Religioſos, à conta de naõ deſemparem hum Santuario que fora morada de muitos Santos, e era depoſitario de ſeus oſſos. Obrigavaos juntamente o reſpeito devido a todos os nobres da cidade, cujos pays, e avòs tinhaõ conſigo enterrados. Aſſi era de ver o cuydado, e amor com que toda a nobreza, e povo lhes acudia, tanto que as agoas creciaõ. Porque como eſtavaõ ſatisfeitos de ſua conſtancia, em ſe fazendo final com o ſino, como era coſtume, naõ avia homem timido, nem pobre pera os ſocorrer. Acudiaõ como a competencia na força das tormentas, e muitas vezes com perigo, e reluzia a caridade com eſmollas gerais, e taõ copioſas, que ſobejava provimento na caſa pera longos dias deſpois de paſſado o aperto.

Porèm quando veyo polos annos de 1540 era jà o mal tamanho, e taõ continuo, que parecia tentar a Deos aſſiſtirem mais em tal caſa homens ſiſudos. Nem os cidadaons, que muito o ſintiaõ, duvidavaõ jà em ſer for-

força a mudança. Porque ſobre os danos referidos, começavaſe a ſintir outro mais temeroſo, que era yr a continuaçaõ das agoas ſocavando, e enfraquecendo as paredes, que de ſeu naõ eraõ muito fortes, e temiaſe huma ruyna ſubita. Fizeraõ relaçaõ de tudo a el Rey dom Joaõ Terceyro os Prelados mayores. Era pay, e emparo de todas as Religioens, deu ſua licença, e eſmollas pera a mudança. Pedioſe, e alcançouſe outra no Capitulo geral do anno de 1546 celebrado em Roma, ſendo Meſtre Geral da Ordem Frey Franciſco Romeu. Com eſta ſendo primeyro confirmada polo Papa Paulo Terceyro ſe fez a tresladaçaõ no meſmo anno. Tinhaõ lançado olhos a hum ſitio na rua de Santa Sofia, que ſe eſtende atè a porta do campo, que chamaõ do Arnado, e fica todavia no plano da cidade. Agaſalhados aqui pobremente, foraõ logo comprando mais caſas, e chaons, ajudando com muita liberalidade, e largueza o commum, e particulares da cidade: e porque andava jà em pratica fundarſe hum Collegio ſeparado do Convento, que ſerviſſe sò pera os ſojeitos que a Provincia mandaſſe eſtudar na Univerſidade, procurouſe logo tamanha capacidade de ſitio, que foſſe baſtante pera Convento, e Collegio. Valeraõnos muito os Padres do real Moſteyro de Santa Cruz, que por ſua grande religiaõ fizeraõ doaçaõ gracioſa à Provincia de huns chaons, e caſas que poſſuyaõ no meſmo poſto: com a qual commodidade ficamos com oitenta braças em comprimento ao longo da rua, e deſtas ſe tomaraõ pera o corpo do Convento quarenta, e cinco.

CAPITULO V.

Do proceſſo do edificio do Convento novo: e da grande virtude, e partes do Meſtre Frey Martinho de Ledeſma.

COrria a obra de vagar, e com fraqueza, porque faltava braço de Principe que a tomaſſe à ſua conta, como em tempos paſſados. O preço das couſas eſtava por todo o Reyno muito levantado, e a Provincia naõ tinha forças pera ſuprir tamanha deſpeza. Neſte eſtado nos acudio o Duque de Aveyro dom Joaõ, neto do grande Rey dom Joaõ Segundo, e porque naõ deſſemos por de todo acabada a bençaõ taõ propria deſte Convento, tomou à ſua conta parte da obra. Fora Duque da meſma cidade o Meſtre de Santiago ſeu pay: eſtavalhe bem ter ſeu jazigo nella: eſcolheo pera elle a capella mòr do novo Convento: e ordenou algumas couſas, que ſendo de muyta piedade Chriſtam redundaõ em honra, e reputaçaõ da caſa. Foy a primeyra deixar cem mil reis de juro pera tres Miſſas quotidianas perpetuas. Inſtituyo hum modo de mercearias pera ſete clerigos pobres eſtudarem com doze mil reys a cada hum por anno. Eſtes acodem todos os dias a dizer ſua Miſſa no Convento, e ſe lhes dà guiſamento na Sacriſtia. Deixou outra eſmolla pera ajuda de caſamento de treze orfans a doze mil reis pera cada huma. Obras verdadeyramente reays huma, e outra: e he adminiſtrador dellas o Prior.

Era

Era entrado por eſte tempo na Univerſidade pera Lente da cadeira de prima de Theologia o famoſo Doutor, e Meſtre Frey Martinho de Ledeſma, que ſendo de naçaõ Caſtelhano, e filho da Provincia de Caſtella, ſe encorporou neſta de Portugal, e foy perfilhado por eſte Convento de Coimbra. E como bom filho começou logo a empregarſe em o ſervir, eſtendendo o animo a couſas grandes. Por onde ficamos obrigados por dous titulos a tratar delle neſte lugar, primeyro por bemfeytor do Convento, cuja hiſtoria temos entre maons: ſegundo, por filho digniſſimo delle. Tinha o Meſtre Frey Martinho tamanho animo pera couſas do ſerviço de Deos, e de ſua Ordem, que podemos dizer eraõ eſpiritos Reays. Porque ſe alguma hora ſe viraõ eſtes, engaſtados em barro de pura humildade, e deſprezo proprio, foy nelle. Sendo muy humilde, e pobre no trato de ſua peſſoa, e cella, e veſtido: e muito chaõ, e igual com os Religioſos ordinarios em toda a converſaçaõ, e modo de proceder: por outra parte nas obras de virtude ſubia taõ alto com os penſamentos, que quaſi num meſmo tempo acometeo edificio de dous Conventos juntos. Hum foy pera o Collegio de Santo Thomas, que deixou de todo acabado, e delle faremos mais larga mençaõ em ſeu lugar proprio ao diante: outro pera os Frades que ſe mudaraõ do ſitio velho: mas neſte naõ pode dar cabo, porque emprendeo mayor fabrica do que eraõ ſuas forças. Tendo feito gaſalhado pera os Frades, toleravel pera em principios de caſa nova, quiz começar a Igreja. Engana o goſto de edificar, e às vezes traſporta. E os Meſtres de traças, como diſpoem de bolſa alhea, folgaõ de moſtrar habilidade propria; e myſterios de architectura. A traça começada a executar obriga a naõ fazer pè atràs, ainda que ameace impoſſibilidades. Tal foy a Machina que fundou em grandeza, e perfeiçaõ de lavor, que deſpendendo nella muitos annos o que lhe valia a cadeira (porque conſigo gaſtava pouco,) e ſobre eſte rendimento, que naõ era pequeno, tudo o que pareceo devia contribuir a caſa de Aveiro por rezaõ da capella mòr, cujo edificio eſtava à conta dos padroeiros: em fim acabou huma vida bem larga, qual foy a ſua, ſem paſſar da capella mòr. Mas o que ficou lavrado he obra de tanto primor, e cuſto, que pode competir com as que no Reyno ſaõ mais louvadas. O marmore he alviſſimo, e muy fino, e a falta que tem de menos forte, e duro, do que ſe requer pera obras, cujo fim he perpetuidade, recompenſa bem com a facilidade de ſe cortar, e lavrar: a policia, e delicadeza, e miudeza que ſe vè no lavor da pedraria parece traçada mais pera pincel em pintura, que pera eſcopro em cantaria. E faz laſtima grande a todos os que vem tal obra, cuidarſe que chegarà primeiro a cayr, e acabar de deſemparada, que a porſe em eſtado de preſtar, e ſervir no miniſterio pera que foy começado. Porque como faleceo quem lhe deu principio, que ha perto de cinquenta annos quando iſto vamos eſcrevendo, faltaraõ tambem maons, e eſpiritos pera a pro-

ſeguir, e as calamidades, e mudanças que logo ſuccederaõ no Reyno ajudaraõ a ficar eſquecida. Aſſi ficou tambem o reſto do Convento atè oje, informe, e longe do devido remate, naõ sò de perfeiçaõ. A renda da caſa eſcaſſamente com a Sacriſtia ſupre à deſpeſa dos Religioſos. Nos moradores da cidade naõ falta o animo pio, e caridoſo dos annos paſſados, mas por deſgraça commum a muitos lugares grandes do Reyno, eſtaõ caydos em pobreza, e pola mòr parte podem pouco.

Tornando ao Meſtre Frey Martinho, de quem devemos tratar como de filho primogenito do Convento novo, e ſegundo filho de ſuas obras, pois elle o edificou: tais foraõ as ſuas eſpirituaes, que deixaõ (como dizem) a perder de viſta todas as temporaes, por muito que foſſem ſumptuoſas, e magnificas. Por obras de eſpirito contamos as de ſeu eſtudo, polas quais em ſeu tempo era chamado de todos os grandes Theologos poço de letras. Daõ bom teſtimunho ſeus eſcritos com que honrou a Provincia, e toda a Ordem. Imprimio dous volumes ſobre o Quarto livro do Meſtre das Sentenças, cuja doutrina he muy ſeguida por ſolida, e certa: eſtimada por clareza de reſoluçoens, e repoſtas doutiſſimas. Eſcreveo varios Commentarios ſobre toda a Summa de Santo Thomas, como quem a leo, e dictou de cadeyra, e naõ huma sò vez polos muitos annos que teve de vida. Foraõ obra de muita eſtima, ſe acabara conſigo veſtilla de termos mais polidos, e melhor fraſi. Continuou a liçaõ, e as eſcolas com tanta conſtancia, que deſpois de jubilado naõ perdoava ao trabalho, e leo quaſi outro tanto tempo. E enxergavaſe nelle que naõ era reſpeito de mais renda, ou ambiçaõ, e gloria vam, mas sò virtude, e bom zelo. Grande virtude pera onde avia tanta ſciencia. Muitas puderamos particularizar ſuas, mas forrarnosà trabalho, e leitura contar hum sò acto em que foy provado, e nos deixou bem provado, que as tinha todas em ſua alma, como em tezouro encerradas. Governava eſte Reyno a Rainha dona Caterina na menoridade del Rey dom Sebaſtiaõ ſeu neto: deſejava acertar no provimento das prelacias, como couſa taõ eſſencial: chamou Frey Martinho, fezlhe ſaber que o tinha eſcolhido pera Biſpo de Viſeu, que he huma cidade de ſitio aprazivel, e bom rendimento. Reſpondeo com palavras ſingellas, que eſtimava o juizo, mas naõ a mercè, e conſtantemente enjeitou a dignidade, honra, e renda, que ſem negoceaçaõ nem cuydado lhe entrava por caſa: antepondo a quietaçaõ de ſua alma a todas as grandezas da terra taõ ſuſpiradas, e taõ ancladas de todos. Viveo deſpois muitos annos, e faleceo em boa velhice no de 1574 aos quinze de Agoſto, foy enterrado na capella mòr do ſeu Collegio, em ſepultura baixa, conforme a ſua humildade, naõ a ſeus merecimentos.

CA-

CAPITULO VI.

Vida, e morte de dom Frey Vicente da Fonſeca Arcebiſpo de Goa Primàs da India.

FIlho deſte Convento foy dom Frey Vicente da Fonſeca Arcebiſpo de Goa, e Primàs da India Oriental. Era natural de Lisboa, e de gente nobre. Tomou o habito muito moço. Pola viveza de engenho, e bom natural, que moſtrava, foy mandado eſtudar no Collegio de S. Thomas Acabado o eſtudo leo hum curſo de Artes, e Filoſofia em Lisboa, e conſeguintemente Theologia. Naõ ha mayor eſtudo que o de quem lè: eſperta muito o juizo a obrigaçaõ publica, e faz trabalhar o deſejo de agradar. Com huma, e outra liçaõ fezſe eminente Theologo, e naõ menos eminente Prègador. Tinha grande agudeza nos conceitos, muita eloquencia pera diſcorrer, graça no repreſentar, nervo, e força pera mover. Por eſtas partes lhe deu a Provincia o grào de Preſentado. E quando foy a jornada de Africa no anno de 1578 entre os Religioſos, que o Provincial Frey Joaõ da Sylva eſcolheo, pera o acompanharem, e irem com elle em ſerviço de ſeu Rey, que foraõ dos mais grados da Provincia, foy elle hum. E acompanhando o exercito ficou cativo dos Mouros. Os trabalhos aſſi como aperfeiçoaõ a virtude, tambem criaõ entendimento, e adelgaçaõ o engenho. De tudo deſcubrio muito nelle o cativeyro. Era continuo na prègaçaõ entre grande numero de fidalgos, e muytos outros cativos, huns feridos ainda da batalha, outros enfermos dos caminhos, os mais deſpidos, e famintos, todos deſconſolados. O eſtado triſte fazia attençaõ: animavaõſe ao trabalho com a virtude, e pacienaia, e boas razoens do Prègador, e tratavaõ todos do Ceo. Mas naõ era menos ouvido dos Judeos, e de ſeus Rabinos. Acudiaõ eſtes a tirar intereſſe da miſeria dos neceſſitados, offerecendo dinheyro aos fidalgos com exceſſivas uſuras, que o mal preſente fazia parecer caridade. De caminho ouviaõ as prègaçoens, e como de ordinario todos ſabem as lingoas de Eſpanha, porque as conſervaõ des do tempo que della foraõ lançados, acudiaõ muitos obrigados da ſuavidade da pratica. Naõ ſe deſcuidava Frey Vicente da occaſiaõ, tentava ſua dureza com claros teſtimunhos das Eſcrituras, confundiaos, e foy meyo de ſe converterem alguns, vendoſe atados, e convencidos da rezaõ. Tambem fez tornar em ſi hum renegado de muitos annos, rico, e caſado, e adiantado em honras entre os Mouros. Era jà Alcaide, que naõ ha em Africa mais grandeza em particulares. Chamavaſe Ali Rapoſo, nome compoſto do Africano, e do Portuguez donde tinha o ſangue. A molher ſe converteo juntamente, e recebeo o ſanto bautiſmo, tendo paſſado por duas leys, primeiro pola de Moyſes, porque era Judia de nacimento, deſpois pola de Mafamede, e nella ſe chamava C,ayda. O Padre Frey Vicente lhe bautizou por ſuas maons hum filho. Aſſi o conta Jeronymo de Mendoça na hiſtoria que eſ- Lib. 13. f. 110.

creveo deſta infelice jornada.

Sendo reſgatado, e vindo ao Reyno foy ouvido algumas vezes del Rey dom Felipe, que tinha ſucedido a el Rey dom Anrique. E por elle foy nomeado por prègador de ſua capella, e pouco deſpois por Arcebiſpo de Goa, e Primàs da India Oriental; pera onde ſe embarcou nas primeyras nàos de viagem, que foraõ as do anno de 1583. Chegado à India começou a entender no governo de ſuas ovelhas com muita inteireza, e prudencia, prègando, viſitando, e remedeando o que convinha como vigilante, e cuydadoſo paſtor. Mas atalhou o curſo deſte bom procedimento embarcandoſe de novo pera o reyno intempeſtivamente. As cauſas publicas de tal reſoluçaõ eraõ, averſe por obrigado a aparecer em Roma a dar obediencia peſſoal, e Canonica ao Summo Pontifice em conformidade de hum motu proprio promulgado de proximo polo Papa Gregorio Decimo tertio, o qual diſpoem, e manda que todos os Biſpos a tempos certos façaõ a tal jornada a effeito de viſitar, e venerar as ſagradas reliquias dos Apoſtolos, e reconhecer por ſuprema aquella Cadeira, e o Pontifice que nella reſide por cabeça univerſal de toda a Igreja Catholica. Mas tinhaſe por certo que eſta rezaõ era cuberta de outras ſecretas, e muito importantes à ſua conſciencia. E naõ podiaõ deixar de ſer tais as que obrigaraõ a hum tamanho Prelado a arrepiar hnma carreira taõ larga, e cançada, e nunca paſſada ſem muitos perigos. Deziaſe por fòra que o fizeraõ embarcar deſgoſtos peſados ſobre jurdiçaõ. Faleceo no mar quaſi nos áres da patria em huma paragem que chamaõ a volta do Sargaço. Suſpeitouſe do genero da doença, que fora cauſada de peçonha negoceada na India por peſſoa que ſe ſintira da liberdade de ſuas reprenſoens, e ſe temera que foſſem ao diante mais peſadas. He todo aquelle Oriente fertiliſſimo de ſimplices contra veneno. De là vem vem as pedras de bazàr, as de porco eſpim, os unicornios, e abadas, os cocos de Maldiva, o pào da cobra, e outras. Mas pareceme que lhe devemos por todos muy pouco, porque he muyto mayor a abundancia dos venenos que cria: e tal a ſciencia dos homens em os compor, e temperar, que ſe affirma ha cozinheyros que os daõ pera dias, e mezes, e annos preciſos ſem errar tiro. E o pior he que recebendoſe ſempre na comida, naõ ha poder atinar com elles comendo, nem val aſſiſtencia de miniſtros que tomem ſalva ao uſo antigo das mezas Reays: porque ſe naõ entende o engano ſe naõ deſpois de feito o mal.

CAPITULO VII.

Do Padre Frey Thomas Pinto Inquiſidor.

A Meſma jornada fez, mas com melhor remate, ſe bem com cargo inferior, outro filho deſte Convento por nome Frey Thomas Pinto. Deſpois de ter trabalhado muito na Ordem, e alcançado o gràо, e titulo de Preſentado, à que ſe naõ ſobe de ordinario ſem ſuores, e frios de muitos annos, foy nomeado pe-

pera Inquiſidor da India no tribunal de Goa. Embarcou na nào Santiago por Abril do anno de 1585. Era Capitaõ mor deſta viagem Fernaõ de Mendoça, e hia na meſma nào. Paſſado com bom tempo o Cabo de Boa eſperança (que he a mòr difficuldade em yda, e vinda) foraõ encalhar deſaſtradamente ſobre os baixos que chamaõ da Judia, levados das correntes, e do engano do Piloto. Foy a confuſaõ como em ſentença ſubita de morte, vendoſe embarrados em terra no meyo do mar, e ſem viſta de terra, nem coſta por nenhuma parte (novo, e miſeravel genero de naufragio.) Ajudou o terror, e deſconſolaçaõ o ſer de noite, e perſuadiremſe que naõ poderiaõ chegar a ver a luz da manham com vida. A gente Chriſtam, e temente a Deos amoeſtada do perigo, acudio aos remedios ſantos, e ultimos d'alma. Mas era o povo muito, e confuſo, e deſanimado: e tanta a preſſa que cada homem tinha por ſe confeſſar, que ouve alguns que deſatinados ou com o medo da morte, ou dos peccados começaraõ a fazer confiſſoens publicas, e em altas vozes. Atalhouas o Inquiſidor, reprendendo, e rogando, e animando: e aſſentouſe no chapiteo com ſeu companheyro Frey Adriaõ de S. Jeronymo, e deraõſe taõ bom expediente ambos, e huns Padres da Companhia de Jeſus, que antes de amanhecer eſtava confeſſada toda a gente, que paſſava de quatrocentas e cinquenta almas. E aturou todo eſte trabalho o Inquiſidor com eſtar juntamente padecendo graviſſimas dores de huma ferida que na meſma noite, e conflicto recebeo na cabeça, de hum aparelho que cahio da entena, a que por entaõ naõ ſoube, nem pode dar outro remedio, mais que cobrilla, e apertalla com as maons. E porque naõ era tempo de buſcar alivio, nem deſcançar, quando cada hora cuydavaõ ſer ſorvidos do mar, gaſtaraõ o que reſtava da noite atè pola manham em fazer praticas, e animar a gente a ſe conformar com o que Deos era ſervido. Entre tanto quietou hum pouco o mar, e o vento, que tudo perſeguia os pobres naufragantes, e foy deſcobrindo a luz do dia aos olhos o miſeravel eſtado em que eſtavaõ. Tratou o Capitaõ mor Fernaõ de Mendoça de ſua ſalvaçaõ no eſquife da nào, e embarcouſe com algumas peſſoas de pouca ſorte. Procuraraõ fazer o meſmo no batel alguns fidalgos, e outra gente de calidade. Pera iſto poder ſer com ordem, e quietaçaõ, era neceſſario tomar as armas a muitos, que dellas ſe tinhaõ apercebido fazendo conta que lhe valeriaõ pera alcançar lugar por força em qualquer embarcaçaõ que ſe ordenaſſe, quando de grado lhe naõ foſſe dada. Era taõ grande o reſpeito que entre todos ſe tinha ao Inquiſidor, que sò delle fiou o Capitaõ, que foy eleito pera eſta viagem, (chamavaſe Duarte de Mello) que poderia acabar alguma couſa com os armados. Encomendoulhe o cargo, e ſuccedeo como o imaginou. Porque ſe ouve com elles por taõ bom termo, que todos ſe deixaraõ vencer, e huns entregavaõ as armas, e outros, que primeyro refuſavaõ, pondolhes o Padre a maõ, naõ ſe atreviaõ a ne-

Manoel Godinho Cardoſo na relaçaõ deſta nào.

negarlhas. De toda a gente que temos dito naõ coube lugar no batel, mais que a cinquenta, e tantas peſſoas. Naõ foy menos importante o cargo que aqui ſe deu ao Inquiſidor deſpois de embarcados. Era o mantimento que ſe pode ajuntar naquelle aperto taõ pouco, que ſe faltara diſpenſeyro religioſo, e prudente, eſtava certa huma nova, e mais deſeſperada perdiçaõ, qual he a da fome. Eſte ſe entregou ao Inquiſidor; e da quantidade com que cada hum ſe contentava, entenderemos o pouco que ſe meteo no batel pera todos. Era raçaõ do dia inteyro (chamalhe a lingoagem do mar, regra, e cabialhe aqui bem o nome pola eſtreiteza, com que era regrada) tanto biſcouto, quanto ſe tomava com huma maõ, e huma talhada de marmelada, que embarcandoſe no Reyno pera remedio de enfermos, veyo a ſervir de mantimento de ſaons: e davaſe mais hum copo de vinho naõ grande, e muito aguado.

Começaraõ ſua navegaçaõ em demanda da coſta. Tocou logo novo trabalho ao meſmo Padre, que foy ter eſpertos os marinheiros que hiaõ às eſcotas da vela do batel: o governo dellas importava tanto na nova viagem, que a aver qualquer deſcuido, tinhaõ a perdiçaõ certa, porque o batel naõ tinha leme, e sò as eſcotas meneadas com cuidado, e humas pàs lançadas por popa, faziaõ o que o leme avia de fazer, quando o ouvera. Mas naõ avia homem que deixaſſe de eſtar muy alcançado do ſono, e neceſſitado de repouſo, polo muyto que a todos tevera eſpertos na nào o medo da morte, e o cuidado do remedio: com tudo em igual neceſſidade, e trabalho aceitou o noſſo P. cortar por ſi, e vigiar elle, e fazer vigiar os que governavaõ. Aſſi navegavaõ, porèm viaſe claramente que ſe fazia pouco caminho, porque o batel de ſobrecarregado da muita gente que levava, naõ ſurdia, e ſegundo o pouco mantimento, que avia, eſtava certo novo genero de naufragio, ſe naõ ſe dava ordem pera aliviar a embarcaçaõ, e ſe navegar mais eſpedidamente. Tomouſe conſelho: foy a reſoluçaõ perecerem alguns por naõ acabarem todos, e executouſe logo. Lançavaõ olhos ao que parecia mais inutil ou por idade, ou por forças, ou por outras conſideraçoens. Mandavaõno ſubir ſobre o bordo, punhalhe outro as maons, trabucava, e ficava ſumido nas agoas (horrenda, e laſtimoſa morte.) Aſſi aliviaraõ de carga, e pouparaõ comida.

Mas naõ ſe pode deixar em ſilencio por honra da caridade fraternal o que ſucedeo neſta embarcaçaõ a dous hirmaons. Cahio a ſorte de yr a o mar ſobre o mais velho, aparelhavaſe pera a execuçaõ da ſentença: acudio o outro com huma eſtranha propoſta, dizendo que mais rezaõ parecia morrer elle que era moço, e ſua vida importava pouco, que naõ o condenado, que por mais velho era emparo, e remedio de huma mãy, e irmans que ambos tinhaõ, e tocava a muitos ſua perda. Quebrou coraçoens com eſpanto, e piedade, o valor, e deſprezo da morte, onde ſe hia comprando taõ caro o fogir della. Mas foy aceitada a rezaõ, e o partido: e logo lançado ao mar em lugar do irmaõ: do

qual

Cic de amicit.

qual naõ conſta que pera tal Pylades fizeſſe ſe quer alguma arremetida ou cumprimento, ou geito de Oreſtes, mais que com lagrimas, e palavras triſtes que cuſtaõ pouco. E naõ he de maravilhar, porque huma boa amizade qual foy a daquelles Gregos vence a todo parenteſco: e na idade preſente ſe acerta aver fineza entre parentes, como aqui vimos, achaſe poucas vezes igual reſpondencia, inda que ſeja entre irmaons, e entre pays, e filhos, conforme aó que diſſe o outro, tanto tempo ha: *Fratrum quoque gratia rara eſt.* Acudio Deos poló bom eſpirito do moço, deulhe forças, e alento pera ſeguir nadando o barco mais de tres horas, vencendo arrebatadas correntes, e chamando ſempre por JESUS, e por ſua bendita Mãy: e no cabo dellas móveó a piedade os companheyros, e foy recolhido. Juſto he que naõ fique ignorada ſua natureza: eraõ nacidos em Liſboa.

Ovid. Metam. 1.

A cabo de oito dias ferraraõ terra na coſta brava da Etiopia Oriental, habitada de barbaros, gente negra de cor, e de cabello revolto, o nome entre nòs he Cafraria. Livres dos medos do mar, começaraõ a exprimentar os males da terra. E porque lhes naõ duraſſe muito o goſto de ſe verem nella, no meſmo dia ſe viraõ ſalteados de huma nuvem eſcura de Cafres, e foraõ todos deſpojados deſſa pouca roupa que traziaõ ſobre ſi, e levados cativos. E o Inquiſidor, porque fez reſiſtencia a largar o veſtido, obrigado da honeſtidade religioſa, ficou com duas feridas de azagaya. Aqui padeceraõ eſtrema miſeria: de fomes deſeſperadas, de Sol que abrazava de dia, de frio que enregelava, e entorpecia os membros de noite: e chegaraõ a termos com tal tratamento junto ao que traziaõ do mar, que onde pareceo ſe abria caminho de algum deſcanço, adoeceraõ os mais, e morreraõ muitos: e tais eſtavaõ todos de fracos, e deslapidados, que o Padre Frey Adriaõ de S. Jeronymo tirou às coſtas da prizaõ, em que eſtavaõ, onze defuntos, e por ſua maõ os enterrou, ſem aver homem que teveſſe forças pera lhe ſer companheyro no trabalho.

Naõ he rezaõ ficarnos por dizer o meyo com que ſe ſalvaraõ outros da nào, porque redunda em honra de Deos, e de ſua Santa Cruz, ſe bem parecia alheyo deſta eſcritura, e da obrigaçaõ que ſeguimos. Foy o caſo: que apartados da nào o batel, e eſquife, como diſſemos, entre o povo que ficou a pè quedo eſperando a morte, que ſeria na hora que a força do mar acabaſſe de deſtroncar os membros da cuberta da nào em que ſe ſuſtentava, animaraõſe quinze ou deſeſeis homens com o ſotapiloto, e juntando algumas taboas, e outra madeyra o menos mal que puderaõ, compoſeraõ huma jangada (aſſi chamaõ os marinheyros eſta junta de madeyra ſem ordem nem fòrma de embarcaçaõ.) Saltaraõ nella os aventureiros, parecendo aos que ficavaõ, que naõ era mais remedio que dilatar o fim da vida algum pouco, ou yr buſcar a morte afaſtados daquelle infelice poſto. Nem era mayor a confiança dos que ſe arriſcaraõ. Porque a jangada com o peſo da

da gente hia toda por baixo da agoa, e ſem nenhum remedio pera tomarem repouſo: e o mantimento era huma pera em conſerva por dia a cada companheyro, e menos de meyo quartilho de vinho temperado com agoa ſalgada. Deſeſperada determinaçaõ, e que sò podia ter remedio baſejada, como foy, do favor Divino. Levava hum dos embarcados ao peſcoço huma pequena reliquia do Santo lenho da Vera Cruz, lançoua ao mar com fé de bom Chriſtaõ, atada em hum cordel por popa da jangada. Com tal leme foraõ navegando, ou nadando milagroſamente treze dias, atè darem em terra. E porque a fome, e o trabalho, e a dilaçaõ do tempo os naõ fizeſſe deſeſperar, quiz o miſericordioſo Deos moſtrarlhes que os levava à conta da ſua ſanta Cruz, com huma conhecida maravilha. He couſa certa, que cinco dias antes que chegaſſem à coſta, tanto que ſe cerrava a noite, os acompanhava huma muſica de notavel ſuavidade, em vozes como de mininos, das quais com diſtinçaõ ſe deixava entender o principio, e toada ordinaria da doutrina Chriſtam, que os mininos aprendem, e cantaõ nas eſcolas de Portugal: *Todo fiel Chriſtaõ he muy obrigado a ter devaçaõ à Santa Cruz, &c.* Tanto que tocaraõ terra perderaõ a companhia dos muſicos, e naõ acharaõ a Santa reliquia, que ao parecer elles a deviaõ levar. Publicouſe a maravilha deſpois que em Moçambique ſe vieraõ ajuntar todos os que eſcaparaõ da perdiçaõ; e o Inquiſidor inquirio juridicamente os da jangada, e achou ſem diſcrepar nenhum que fora couſa certa, e verdadeyra: e por tal a publicou, pera gloria daquelle bom Senhor que deſte lenho banhado com ſeu ſangue tinha noutro tempo feito barca, e remedio pera ſalvar o mundo inteyro. E naõ era muito virem agora Anjos acompanhar com celeſtial melodia aquella parte delle, e conſolar, e alegrar os affligidos, que por tal meyo buſcavaõ vida, e ſalvaçaõ. O Padre Frey Thomas paſſou com ſeu companheyro à India, onde viveo alguns annos ſervindo ſeu cargo em Goa, e jaz enterrado no Capitulo do noſſo Convento da meſma cidade. Frey Adriaõ com amor da patria teve animo pera exprimentar ſegunda vez os medos do Oceano, e nella veyo a lograr o reſto da vida.

CAPITULO VIII.

Do Grande cuidado, e ſolenidade, com que na cidade, e Convento de S. Domingos de Coimbra, ſe celebraõ as feſtas do Santo Roſario. Referemſe dous milagres ſuccedidos de proximo por interceſſaõ da Virgem.

AInda que em todas as teras grandes deſte Reyno, e principalmente onde ha Conventos da Ordem de S. Domingos, he ſervida com particular devaçaõ no titulo do Santo Roſario a Virgem mãy de Deos: a cidade de Coimbra de alguns annos a eſta parte ſe tem avantajado em a venerar, e feſtejar com grande eſtremo, procurando todos os eſtados, e calidades de gente como à competencia ter parte em ſeu ſerviço. Aſſi eſtà a Confraria rica de prata, e or-

e ornamentos, e acompanhada ſempre dos melhores da terra, e as feſtas ſaõ celebradas com pompa, e gaſtos extraordinarios. Do que a Virgem ſagrada, como fonte que he de piedade, moſtra agradarſe, recompenſando taes obras com beneficios, e favores que faz à terra, e a ſeus contornos, obrando a meudo claros, e patentes milagres, que ſaõ cauſa de ſe acender de novo a devaçaõ: e a Senhora tambem ſe obrigar a lhe procurar, e alcançar de ſeu bendito filho novas miſericordias. E porque o encubrir as merces do Rey, alèm de ſer ingratidaõ de quem as recebe, he tambem offenſa que ſe faz à ſua grandeza, e parece hum genero de oppoſiçaõ, e encontro à corrente de ſua liberalidade: faremos relaçaõ neſte lugar de dous milagres com que de freſco tem moſtrado eſta Senhora que naõ engeita os bons deſejos dos grandes, e ricos, nem os humildes rogos dos pobres, e pequeninos. Serà iſto huma offerta de animos agradecidos feita de parte, e em nome da meſma cidade, pois outro ſerviço lhe naõ pode fazer a noſſa penna, viſto como pera com Deos he efficaz oraçaõ, e petiçaõ o ſaberlhe render as graças de ſeus beneficios quem os recebe: e ainda com o mundo he arte de pedir, e manha de grangear, hum encarecido agradecimento. Mas naõ me culpe ninguem de eſcrevermos sò dous milagres, quando ſaõ muitos, e muito averiguados os que ſe contaõ. Porque a pureza, e verdade da hiſtoria que ſeguimos naõ admite mais, que aquelles que achamos aprovados polo Ordinario, como ſaõ eſtes dous, e como puderaõ ſer outros muitos ſe ouvera nelles o meſmo cuidado.

No anno de 1614 cahio a feſta que chamaõ da Roſa que ſe coſtuma fazer em Mayo aos vinte ſinco do mez. No meſmo dia ſucedeo que hum Antonio Joaõ official pedreiro conhecido por homem bem acoſtumado, e de bom viver, teve huma briga acidental com outro homem, no terreiro de ſanta Cruz. Da qual reſultou fazerlhe o contrario tiro com huma grande pedra, que colhendoo em cheyo no meyo dos peitos, foy tamanha a impreſſaõ, e abalo que dentro ſintio, que ſe deu por morto, e foy correndo ao Collegio de Santo Thomas pedir confiſſaõ. Devia ſer devoto de noſſa Senhora do Roſario, pois avendo em meyo outros moſteiros, paſſou por todos a buſcar o dos ſeus Frades. Entrando no collegio, lançouſe no meyo do Geral da Theologia que achou aberto, com a reſpiraçaõ taõ apertada, e a voz taõ debil que julgaraõ os Padres que morria. Perguntado polo mal que trazia, contava que huma pedrada naõ de maõ de homem, nem de Gigante, mas diſparada a ſeu parecer de huma bombarda, lhe dera ſobre o peito, e lhe tinha quebrados, e moidos todos os oſſos dentro, ſegundo o que em ſi ſintia. Deſcobriraõlhe os peitos: fazia fé ao que dezia grande elevaçaõ cuberta de nodoas negras, ſinais da bataria, e contuſaõ da pedra, e nella tamanho ſintimento, que naõ ſofria chegarſelhe com a maõ. E era indicio de mayor dano, e dano interior, que pola boca, e narizes lançava ſangue. Como foy

confeſſado, acudiolhe hum Padre com humas roſas bentas daquelle dia dandolhe humas a beber com agoa, lançandolhe outras polo peſcoço, e peitos. Na meſma hora à viſta de muitos padres, que o acompanhavaõ, tornou em ſi como ſe ſahira de algum grande acidente, levantouſe ſem pena, e alegre, dizendo que eſtava ſaõ, e que vira a Senhora daquellas roſas com hum roſario de contas na maõ (eraõ palavras formais do ferido) que lhe queria ir dar graças à Igreja. Eſpantados os Religioſos de tamanha novidade, e taõ ſubita convaleſcencia, porque em ſinal della batia nos peitos com muita força, onde dantes naõ conſintia tocarlhe levemente a maõ, quizeraõ verlhos de novo, e acharaõ toda a inchaçaõ abatida, e o que naõ podia ſer em inſtante ſem milagre, as nodoas, e piſaduras deſaparecidas, como ſe nunca as tevera, e ſaõ de todo ſe foy da Igreja pera ſua caſa que tinha na rua nova, freguezia de Santa Juſta. Foraõ teſtemunhas do trabalho, e affliçaõ primeira, e da ſaude que logo ſeguio, todos os Frades Collegiais, e por lhes parecer o milagre famoſo trataraõ que ſe autenticaſſe. Feitas as diligencias diante do Biſpo dom Afonſo de Caſtelbranco, elle o deu por verdadeiro por ſeu deſpacho publicado em quatro de Dezembro do meſmo anno, com licença pera ſe poder prègar ao povo.

De tiro do Ceo, e maõ inviſivel eſtava chegada às portas da morte na meſma cidade huma Anna Joaõ molher de Manoel Fernandes hortelaõ da freguesia de S. Joaõ de ſanta Cruz. Era o mal eſquinencia de taõ mà calidade, e taõ groſſa inchaçaõ interior, que nem agoa podia paſſar pera baixo: e baſtava a falta de mantença pera a matar ſem os accidentes da infirmidade. Aſſi falava jà taõ mal, que quaſi ninguem a entendia. Eraõ paſſados ſete dias ſem melhorar, deſconfiaraõ o Medico, e Cirurgiaõ: e dandoa por morta, mandaraõ que ſe lhe acudiſſe com o Sacramento da unçaõ, e naõ trataraõ da ſanta Communhaõ, polo reſpeito que diſſemos da oppreſſaõ da garganta. Foy ungida hum Sabado onze dias do mez de Mayo do anno de 1619. Era ao Domingo a feſta da Roſa. Differaõno à enferma algumas peſſoas que a vigiavaõ como a quem morria, lembrandolhe que naquella hora ſe eſtava fazendo a feſta de Noſſa Senhora do Roſario; que ſe encomendaſſe a ella, que poder tinha pera lhe valer em todo aperto. Levantou ella os olhos a hum retabolo da Virgem, que tinha defronte pendurado na parede, e falando com o coraçaõ, e com o geito dos olhos, e ſembrante, porque a lingua eſtava preſa, e impoſſibilitada, encomendavalhe ſua neceſſidade com muita fé. Naõ dilatou a Senhora ſuas miſericordias a tal oraçaõ. Repentinamente arrebentou a poſtema, e lançandoa diante de todos pola boca, ficou taõ viva, e ſenhora das operaçoens de ſaõ, que logo falou claramente, e comeo com goſto. E pera que ſe viſſe ſer a ſaude milagroſa, aconteceo caſo igualmente eſpantoſo, e foy que a pobrezinha tinha huma criança de peito quando adoeceo: e porque logo ſe lhe ſecou o leite, eſtava jà fóra de caſa. Mas na ho-

hora que a Senhora foy ſervida darlhe ſaude, como ella naõ faz mercès de meas, ſenaõ em tudo perfeitas, tornoulhe juntamente o ſeu leite, e com tanta abundancia, que ſe mandou buſcar a criatura pera lhe deſpejar os peitos. Eſtava o milagre patente: pareceo rezaõ calificarſe juridicamente. Perguntaraõſe teſtimunhas, foy huma o Medico, que jurou lhe naõ paſſara pola maõ, deſpois que curava, doença taõ pernicioſa: nem vira ſaude mais milagroſa. Aſſi foy julgado por certo, e verdadeyro milagre por ſentença do Doutor Joaõ Pimentel Vigario geral do Biſpado em Sede vacante aos cinco de Outubro do meſmo anno de 1619.

CAPITULO IX.

Da origem, e principio do Convento da cidade do Porto: e das cauſas que ouve pera ſe aceitar pola Provincia.

HE o Convento da cidade do Porto terceyro em tempo, e ordem de antiguidade dos que temos em Portugal: mas o primeyro que foy pedido por conſelho, e decreto de Biſpo, e Cabido no Reyno. E redundando iſto em honra da Religiaõ, naõ ſaõ de menos importancia pera o credito dos filhos, as razoens porque ſe moveraõ a pedillo. Reynava em Portugal avia quatorze annos dom Sancho Segundo, por morte de dom Afonſo Segundo ſeu pay, que faleceo no de 1223 como atràs moſtramos: e procedendo em ſeu governo com o deſcuydo, e froxidaõ que diſſemos, e largando toda a adminiſtraçaõ dos negocios nas maons de poucos homens depravados nas conſciencias, infieis ao Rey que os honrava, enemigos da Republica que os ſofria, acabouſe de entender por toda a terra a falta da cabeça, e o deſmancho dos que a governavaõ: que o Rey naõ era ſenhor de ſi, que os privados naõ eraõ já privados com ſojeiçaõ, ſe naõ abſolutos mandadores com imperio, e ſuperioridade: e começaraõ, como he ordinario, a crecer vicios, e maldades por todo o Reyno, e a deſaforarſe vicioſos, e inſolentes por todas as cidades, e terras grandes: cometiaõſe violencias publicas contra grandes, e pequenos, contra ſeculares, e Eccleſiaſticos, nenhuma ſe caſtigava. Nem avia juſtiça, nem quem ſe atreveſſe a fazella. Porque os aggreſſores procuravaõ ter hum amigo em caſa dos validos, e iſſo baſtava pera abſolviçaõ, e ſegurança, e pera cometerem novos inſultos. E os validos tinhaõ por razaõ de eſtado ſuſtentar os atrevidos, e deſalmados, pera com elles como gente ſua ſe fazer reſpeitar, e temer. Naõ faltavaõ homens de bom eſpirito que ſintiaõ o mal, e dezejavaõ atalhallo: mas a huns faziaõ anteparar intereſſes proprios, em outros naõ avia brio pera cortarem polas dependencias que tinhaõ com os que mandavaõ, ou por rezaõ de ſangue, ou de amizade. Outros mais livres, que ſe atreviaõ a chegar a el Rey, e proporlhe ſem rebuço as deſordens, e falta de juſtiça, eraõ bem ouvidos em quanto fallavaõ: paſſada aquella hora, ficava tudo como dantes. Porque ſe bem era capaz, e

docil pera entender o que ſe lhe dezia, nenhuma força tinha pera executar o que entendia. Aſſi foraõ crecendo, e encapellando mares de miſerias, e calamidades em tanto eſtremo que dellas meſmas veo a arrebentar o remedio, chamando o Reyno ao Conde de Bolonha pera reſtaurador delle, como deixamos contado. Mas em quanto eſte ſe naõ buſcava, por ſer commum de todos, e por iſſo muito vagaroſo, procurava a gente zeloſa acudir em particular cada hum em ſua cidade com os meyos, e cura que o bom diſcurſo offerecia, e ſua poſſe abrangia. Iſto aconteceo ao Biſpo da cidade do Porto dom Pedro. Sintia com zelo, e animo de bom Paſtor as deſaventuras que a cada paſſo lhe feriaõ as orelhas, e alma, e muitas vezes os olhos, ſem as poder remedear: imaginou que poderiaõ ſer de proveito em meyo de tanta devaſſidaõ, e maldade os exemplos vivos de virtude, e ſantidade que floreciaõ nos Religioſos de ſaõ Domingos, e ſe publicavaõ por toda a parte com louvor, juntandoſe com ſua prègaçaõ, e doutrina em que ſe ſabia eraõ continuos, e incanſaveis. Communicou o penſamento com ſeu Cabido, pareceo a traça acertada polo que tinha de reſpeito ao Ceo, porque sò as tais ſaõ o verdadeyro antidoto dos males da terra. Avia novas que naquelle anno (entrava o de 1237) celebravaõ os noſſos Frades Capitulo Provincial na cidade de Burgos, e era Provincial o Santo Frey Gil conhecido por natural do Reyno, e por fama de ſuas virtudes que eraõ já muy notorias. Ajudou tudo a ſe darem preſſa em deſpachar quem foſſe a elle com o requerimento. Achouſe o meſſageiro a tempo em Burgos, e encaminhado polos Frades deu ſua carta no Diffinitorio: a qual ſendo nelle aberta vioſe que continha o ſeguinte.

VEnerabilibus viris & in Chriſto chariſſimis Priori Prouinciali, & Diffinitoribus, totique Capitulo fratrum Prædicatorum Burgis celebrando, Petrus Dei miſeratione Portuenſis dictus Epiſcopus finalem in Dei ſeruitio perſeverantiam cum ſalute &c. Vergente ad occiduum die, quando inualeſcente iniquitate, non iam multorum refrigeſcit, ſed potius extinguitur charitas: nec poterit ignis ille, quem venit Dominus in terram mittere, vt vehementer ardeat, ſine Divini verbi flabello vllatenus reaccendi. Ideò noſtris temporibus non dubitamus Ordinem veſtrum Dei prouidentia ſuſcitatum, per quem Dominus infrigidatos malitia ad ſui amoris incendium reuocaret. Quanta igitur præ cæteris Portugallenſibus locis, tam in noſtra Diœceſi, quam Bracharenſi, & etiam Lamecenſi, quæ à veſtrorum Fratrum conſolatione non modicum

cum ſunt remotæ, malitia inundauit, vobis nullatenus ſufficimus explicare. Inſurrexerunt enim prædones innumerabiles, qui Deum non timent, nec Deum reuerentur, qui de Monaſterijs & Eccleſijs, ſolius Dei cultui deditis, ſpeluncas lattronum efficiunt, nec non clauſtra pugnantum, ſtabula iumentorum, proſtibula meretricium: direptiſque tam clericorum, quàm agricolarum, & etiam religioſorum poſſeſſionibus, poſſeſſores ipſos contra altare crudelitùs trucidantes, vel cum clericis comburentes, à facto tam execrabili nec admonitionibus, nec excommunicationibus cohibentur. Quis non doleat quoſdam paruulorum ab vberibus matrum auulſos gladijs trucidari, allidi ſcopulis, quoſdam ſubmergi fluminibus, niſi à ſpoliatis parentibus prece, vel alio quantulocunque pretio redimantur? Quis non horrebit puellas ante annos nubiles violenter abrumpi, & in Eccleſijs plurimorum ex nefandorum hominum libidinoſa frequentia expilari? Intuentes igitur cum Salomone hæc mala quæ fiunt ſub Sole, calumniaſque pauperum, & lachrymas innocentium, & conſolatorem neminem: nec poſſe reſiſtere malorum violentiæ cunctorum auxilio deſtitutos: dignum duximus, de Capituli noſtri conſilio, & aſſenſu plantare Conuentum veſtri Ordinis in loco noſtro ad cooperationem ſalutis auimarum, & ſolatium afflictorum: credens fratrum veſtrorum præſentia cum Dei gratia non modicum noſtris partibus profuturum. Damuſque vobis in bono loco Eccleſiam conſecratam cum domibus in quadro ad modum clauſtri conſtructis, & ſpatium ſatis latum ad habendum hortum, & ad officinas alias conſtruendas. Veſtram igitur, de qua planè confidimus, rogamus in Domino charitatem, quatenus amore Dei, & noſtri, & ſalutis animarum intuitu, ad iam dictum Conuentum conſtruendum, fratres quos nobis videritis neceſſarios, qui virtute verbi Dei valeant mala ſupradicta irrumpere, nobis digneminì deſtinare. Parati enim ſumus, dante Deo, ſemper eos in ijs quæ potuerimus adiuuare, & ob dilectionem, quam ſemper erga veſtrum Ordinem habuimus, vberius confouere. Orate pro nobis, & valete.

Foy lida a carta com attençaõ, e ouvida do Provincial Portuguez com abundancia de lagrimas, laſtimado naõ menos dos males de ſua patria, de que tinha baſtante noticia, que de os ver publicados por terras eſtranhas. Pareceo a todos os Capitulares que ſe devia ſatisfazer com effeito, e brevemente ao requerimento: pois eramos chamados de hum Prelado, e de huma Cidade das mais importantes do Reyno, onde ſe podia fazer muyto ſerviço a Deos, que era o mayor intereſſe da Religiaõ. E aſſi ſe deu por repoſta ao meſſageiro. A carta declara as infelicidades daquella idade melhor que todas as Cronicas. E porque ſe veja a rezaõ que o Reyno teve de buſcar valedor contra ellas, irà em vulgar, e he a que ſe ſegue:

PEdro por mercè de Deos chamado Biſpo do Porto, aos veneraveis varoens, e em Chriſto cariſſimos o Prior Provincial, e Diffinidores, e a todo o Capitulo que eſtà pera ſe celebrar na cidade de Burgos: ſaude, e em ſerviço do Senhor perſeverança atè o fim. Cerrandoſe jà o dia do mundo, e eſtando quaſi no cabo: pois com o poder, e forças que a maldade tem tomado nelle, naõ sò ſe esfria a caridade de muitos, mas de todo ſe vay perdendo, e apagando: e naõ ſe podendo eſperar que aquelle fogo, que o Senhor veyo pegar na terra, ſe torne a acender, pera que com vehemente ardor abraze as almas, ſe naõ for avivado, e abanado com o ar, e aſſopros de ſua ſanta palavra. Por iſſo aſſentamos, e temos por certo que criou, e levantou a providencia Divina a voſſa Ordem em taes tempos, pera por meyo della tornar a inflammar em ſeu amor aquelles que a malicia do peccado traz enregelados, e amortecidos. Aſſi naõ ha palavras que poſſaõ bem declarar o muito que tem crecido os exceſſos, e deſaforamentos, mais que em todas as outras partes de Portugal, neſte noſſo Biſpado, e nas Comarcas de Braga, e Lamego, terras onde ſe vive longe do trato, e conſolaçaõ dos voſſos Religioſos. Podemos dizer, que vay tudo cuberto de enchentes de peccados. Porque andaõ levantados infinitos ſalteadores, que ſem temor de Deos, nem reſpeito dos homens, fazem dos Moſteyros, e Igrejas dedicadas ao culto, e ſerviço de hum sò Deos, covas de latrocinios, caſtellos de ſoldadeſca, eſtrebarias de ſuas beſtas, caſa publica de mo-

molheres infames, e perdidas. E ſaqueando os caſaes, e fazendas dos clerigos, e lavradores, e atè dos Frades, mataõ à eſpada os meſmos caſeyros diante dos altares, ou os queymaõ com os Clerigos. E naõ baſtaõ pera refrear tamanhas exorbitancias nenhumas diligencias Eccleſiaſticas de monitorios, e eſcomunhoens. Quem poderá ouvir ſem muyta dor, que chegaõ a arrebatar as crianças dos peitos das mãys, e humas paſſaõ de eſtocadas, outras arrebentaõ nos penedos, outras affogaõ nos rios, ſe os pays deſpois de roubados de todo naõ acodem a reſgatallas com alguma couſa de valia, por pouca que ſeja, ou com lagrimas, e rogos? Quem naõ ha de tremer, e paſmar de naõ valer às moças ſerem quaſi mininas, e muito longe dos annos de caſar, pera eſcaparem de ſer com barbara violencia forçadas, e dentro das Igrejas afrontadas por muitos homens juntos em alcateas à execuçaõ de taõ enorme, e beſtial ſenſualidade? Todos eſtes males paſſaõ entre nos, e à noſſa viſta, e vendo ſobre elles injurias de pobres, lagrimas de innocentes, e nenhum conſolador, como ſe queixava Salamaõ: e ſobre tudo naõ ſermos poderoſos pera reſiſtir à força mayor da gente danada, e perverſa, por eſtarmos de todo ponto deſemparados de quem nos poſſa valer: pareceonos acertado fundar neſta noſſa Cidade hum Convento da voſſa Ordem, aſſi pera termos nelle coadjutores no que cumpre à ſalvaçaõ das almas, como a conſolaçaõ, e alivio dos atribulados. Pera o que ouvemos primeyro conſelho, e beneplacito de noſſo Cabido: tendo por certo que com a graça do Senhor nos ſerà de muita utilidade eſpiritual neſtas partes a preſença, e companhia de tais Religioſos. E deſde logo vos offerecemos huma Igreja jà ſagrada, e em bom ſitio, acompanhada de humas moradas de caſas edificadas em quadro a modo de clauſtro, com hum pedaço de terra bem largo, em que averà lugar pera fazer officinas, e prantar horta. Por tanto pedimos a voſſa caridade em o Senhor, na qual eſtamos confiados: que por ſeu amor, e noſſo, e polo que toca à ſalvaçaõ das almas, ajaes por bem mandarnos logo os frades que vos parecerem neceſſarios pera ordenarem o Moſteyro:

teyro: e que ſejaõ peſſoas de tal valor, que com o poder, e armas da palavra de Deos ſe poſſaõ oppor, e fazer guerra aos males que temos dito. Porque de noſſa parte eſtamos preſtes com o favor Divino, pera os ajudar em tudo o que pudermos, e os agaſalhar com muyto amor, polo que ſempre tevemos a eſſa Ordem. Encomendainos ao Senhor, que vos guarde, e dè ſaude.

CAPITULO X.

Dos Religioſos que foraõ mandados fundar o Convento do Porto. Dà-ſe conta dos muytos favores que o Biſpo lhes fazia. E como deſpois mudou parecer, e das rezoens que para iſſo teve.

NOmeou o Diffinitorio pera eſta fundaçaõ dous Religioſos, de cujas partes avia experiencia que ſatisfariaõ baſtantemente à tençaõ pia, e ſanta do Biſpo, e Cabido, e à obrigaçaõ de quem os mandava. Eraõ Frey Gualtero, e Frey Domingos Galego, que partiraõ logo. Eſperavaos o Biſpo, e toda a Cidade com alvoroço. E quando chegaraõ foraõ recebidos com feſta, e hoſpedados com amor, e largueza: e logo ſe lhes deu poſſe da Igreja, caſas, e chaons polo Biſpo offerecidos. Começaraõ a prégar, e confeſſar, enſinando nas horas vagas a doutrina Chriſtã em caſa, e polas ruas, e juntamente entendendo na fabrica, e ordem do Convento. Era o trabalho grande, e como a duas maons: encaminhando, e dando traças no temporal, e naõ largando o eſpiritual. Mas aliviava a fadiga ver que ſe edificavaõ todos os bons, e os que dantes andavaõ ſoltos, e deſcompoſtos ſe começavaõ a reprimir, e entrar em ſi: de ſorte que obrando Deos por maõ de ſeus ſervos, dentro de poucos mezes ſe vio notavel mudança nas vidas, e coſtumes. E acudindo como ouve gazalhado mais religioſos, corriaõ aos lugares vizinhos, e aproveitavaõ muito em todo genero de gente. Alegravaſe o commum da Cidade, e agradecida a ſeu Prelado a vinda de tais hoſpedes. E elle com deſejos de que teveſſem em breve caſa feita, mandou publicar por todo o Biſpado huma proviſaõ em recomendaçaõ dos Frades, e de ſeu Convento, concedendo graças, e indulgencias aos que de alguma maneira ajudaſſem a obra delle. Eſta poremos aqui de verbo ad verbum tirada da propria que ſe guarda no Cartorio da caſa, e tambem irà traduzida em vulgar. Porque convem aſſi, reſpeito das alteraçoens que logo ſeguiraõ. A Latina diz aſſi.

Pe-

PEtrus Dei patientia Portuenſis Epiſcopus, omnibus tam clericis, quàm laicis in Portugallenſi diœceſi ſalutem, & bonis operibus abundare. Noveritis nos Fratres Prædicatores ad morandum in civitate noſtra de conſenſu, & voluntate Canonicorum, & omnium ciuium Portugallenſium recepiſſe, credentes ipſos vtiles, & neceſſarios corporibus, & animabus degentium in ciuitate, & in Epiſcopatu noſtro. Vnde cùm prædicti Fratres nihil habeant, nec poſſint ſine meo iuuamine, & veſtro Eccleſiam, & domos ſibi neceſſarias conſtruere, vniuerſitatem veſtram rogamus, atque in remiſſionem veſtrorum vobis iniungimus peccatorum, quatenus tam in lignis colligendis, quàm etiam in lapidibus ducendis operi prædictorum fratrum neceſſarijs vos exhibeatis propitios, & deuotos iuxta illud: Sibi ædificat, qui domum Dei ædificat. Nos igitur de Dei miſericordia pleniſſimè confidentes, omnibus, qui ſibi fideliter in lignis colligendis, & lapidibus ducendis, vel ibi proprio corpore laboraverint per vnum diem, vel operarium miſerint loco ſui, quadraginta dies de iniuncta ſibi pleniſſimè pœnitentia miſericorditer relaxamus. Atque in hunc modum qui operi prædicto & Fratribus plus boni fecerint, plus mercedis accipient & coronæ. Datum Portugalliæ ſub Æra M.CC.LXXVI. die ſexto menſis Martij. Ualeat uſque ad duos annos.

A Portugueza he.

PEdro pola paciencia de Deos Biſpo do Porto, a todos os moradores deſte noſſo Biſpado, aſſi Eccleſiaſticos, como ſeculares, ſaude, e acrecentamento em bem fazer. Sabereys que nòs recolhemos neſta noſſa Cidade para morarem nella aos Frades Prégadores com conſintimento, e goſto dos Conegos, e de todos os Cidadaons, tendo por certo que ſua companhia he neceſſaria, e ha de ſer de proveito temporal, e eſpiritual pera todos os moradores da cidade, e Biſpado. Pela qual rezaõ viſto como os Religioſos naõ poſſuem nenhuma couſa de proprio, nem podem compor ſua Igreja, e fabricar as caſas,

de que tem neceſſidade, ſem voſſa, e minha ajuda, rogamos-vos a todos, e em remiſſaõ de voſſos peccados vos encarregamos, que moſtreis com elles facilidade, e devaçaõ, aſſi em os ajudar a cortar, e ajuntar a madeyra, como no carreto da pedra neceſſaria pera a obra, conforme aquillo: Pera ſi edifica, quem a Deos faz caſa. E por tanto confiando nòs pleniſſimamente na miſericordia de Deos a todos aquelles que fielmente lhes acudirem no colher da madeyra, e carregar da pedra: ou lhes derem por ſi, ou por outrem hum dia de trabalho na obra, concedemos quarenta dias de perdaõ das penitencias que lhe forem impoſtas. E a eſte modo ſejaõ certos que os que mais favorecerem tal obra, e a quem a faz, mais premio receberaõ, e mayor coroa. Dada no Porto a ſeis de Março da Era de Mil e duzentos e ſetenta e ſeis (*reſponde aos annos de Chriſto de* 1238.) Valha por tempo de dous annos.

He a gente deſta Cidade geralmente dotada de honradas calidades, pia, devota, liberal, e bem inclinada. E na nobreza he mayor a ventagem, quanto mais ſe adianta no ſangue. Aſſi pera a Cidade foy pouco neceſſaria a amoeſtaçaõ do Prelado. Porque ſe a liberdade do tempo trazia alguns deſconcertados na vida, faziaõ por honra, e brio, o que outros por virtude: e naõ faltava nenhum em acudir à Caſa de Deos ſegundo ſua poſſibilidade. Faz muito ao caſo em toda a materia o exemplo dos nobres. Valeo eſte no reſto do Biſpado, junto com a recomendaçaõ do Biſpo, pera procurarem muitos ter merecimento na obra. O Biſpo tambem naõ contente com o que tinha dado aos Padres como Prelado, quiz entrar à parte como particular. Poſſuya huns chaons de ſeu patrimonio que partiaõ com o ſitio, fezlhes doaçaõ delles pera ſe alargarem. Aſſi podemos dizer deſta Cidade, que como do noſſo Convento de Coimbra foraõ fundadoras as duas Princezas filhas del Rey dom Sancho Primeiro: da meſma maneira o foy ella deſte: começando o braço Eccleſiaſtico, e ſeguindo o ſecular.

Mas he grande a inconſtancia, e fragilidade da natureza humana, pera que a boca cheya demos por acertada a ſentença: *Maledictus homo qui fidit in homine*; Jerem. 17. e pera que ſò em Deos fiemos. No meyo deſtes fervores, ou foſſe que o Clero entraſſe em ciumes das groſſas eſmollas que corriaõ ao Convento, e julgaſſe de algumas que começaraõ a entrar por enterros, e beneſſes, e legados de teſtamentos (como na terra naõ ha mais Freguezia que a Sè) que tudo o que hia pera os Frades, era como agoa furtada à erdade dos Clerigos; ou

ou foſſe enveja do enemigo comum, que ſintia ſer lançado da jurdiçaõ, e poſſe pacifica de muitas almas, com os brados da prègaçaõ, e doutrina dos Religioſos, e adivinhava mayor perda pera o diante: ou tudo junto: creceo em tanto grào o fogo da deſconfiança do que viaõ, que parou em hum incendio que moſtrava ſinais de ſe naõ apagar com nenhumas forças. E ſendo aſſi, que a qualquer homem do povo ſaem cores ao roſto, ſe diante doutro nega a palavra, ou troca parecer ainda em negocio muito deſarrezoado: neſte que era Santo, e todo de Deos, pode tanto o medo do dano imaginado, ou a tentaçaõ de Lucifer, que naõ duvidaraõ Conegos, e dignidades, e todo o Cabido junto, gente conhecida por virtuoſa, e prudente, tornar atràs com tudo o que tinhaõ concedido, dado, e doado, e pondo nota ſobre ſi de pouca conſtancia chamaremſe enganados em couſa de comum conſelho acordada, e decretada. O primeyro ponto que deraõ no negocio foy mandarem embargar a obra que corria no Convento. Suſpenſos os pobres Frades com o embargo, pareceo que acharíaõ emparo no Biſpo como em quem fora o primeyro autor de ſua vinda, e o que mais os tinha favorecido, e em fim feito o Convento couſa ſua, com lhe ter lançado a primeyra pedra. Mas acharaõſe enganados. Porque ſayndo de caſa o Prior, e outro frade pera ſe irem valer delle, deraõ de roſto na portaria com hum Notario Apoſtolico, que de ſua parte lhes notificou que em ſeu Biſpado naõ prègaſſem, nem confeſſaſſem, nem celebraſſem Miſſa, nem outro officio Divino. Foy grande o eſcandalo que toda a Cidade recebeo, e principalmente a nobreza, moſtrandoſe muy ſentida do aſpero termo com que ſe procedia com gente buſcada, e chamada, gente que a ninguem offendia, e a todos edificava. Juntaraõſe muitos, e tomaraõ à ſua conta o edificio, como ſe tocara a cada hum delles, e nada aos Frades. E fizeraõ que correſſe adiante, aſſiſtindo com ſuas peſſoas, e fazendas, e animando aos Religioſos, que naõ ſabiaõ, que conſelho tomaſſem affligidos, e deſconſolados de verem nacer a perſiguiçaõ donde eſperavaõ o remedio. Mas naõ parava o Inferno em aſſoprar as braſas da diſcordia, pera que ſe viſſe que era ſua a mayor parte della. Vendo o Clero o concurſo que avia dos cidadaons no Convento, e como lhe acudiaõ com nova liberalidade, fazem relaçaõ ao Biſpo, que naõ foy vagaroſo em fulminar cenſuras, e pòr interdito contra todos os que deſſem favor, ou ajuda, ou conſelho pera ſe continuar a obra. Entaõ ficaraõ os Frades poſtos em cerco: vendoſe privados de todo remedio divino, e humano que na terra avia, tornaraõſe a Deos: pediaõ-lhe com continuas oraçoens, e ſacrificios abriſſe os olhos a ſeus perſiguidores, pera que naõ erraſſem contra elle, e contra ſi meſmos. Offereciaõlhe aquella tribulaçaõ, e afronta que sò por elle padeciaõ, e polo amor dos proximos, cujo ſerviço vinhaõ procurar naquelle lugar, ſem nenhum intereſſe proprio delles Religioſos. Por outra parte co-

mo gente exercitada em materias do eſpirito alegravaõſe no trabalho, fazendo conta, que alguns bens antevia o Demonio averem de ſayr daquelle Convento pera gloria de Deos, e remedio dos homens, pois com tanta ſemrezaõ eſtorvava o edificio, ſemrezaõ totalmente indigna da virtude, e bom entendimento do Prelado que a fazia. Aſſi diſcorrendo, e ſofrendo com ſilencio, e conſtancia, e ſem ſe ouvir de ſuas bocas palavra de impaciencia, eſperavaõ recluſos o remedio do Ceo, aviſando de tudo ao Provincial, e ſojeitandoſe a ſuas ordens.

CAPITULO XI.

Buſcaõſe interceſſores poderoſos por parte do Convento: naõ valendo nada, queixaõſe os Frades a Roma. Comete o Summo Pontifice ao Arcebiſpo Primâs que os deſagrave.

ENtre tanto eraõ muytos os que procuravaõ alcançar do Biſpo, e Cabido algum meyo de paz. Por huma parte trabalhavaõ alguns velhos dos mais nobres, e autorizados da Cidade, obrigados de inſtancias de todos os mais. Por outra o Provincial, que era o Santo Frey Gil, deſejando eſcuſar queixas, e litigios, pedio à Raynha dona Mafalda tia del Rey dom Sancho Segundo, irmã de ſeu pay, quizeſſe interpor ſua autoridade em pacificar o Biſpo com os ſeus Frades. O meſmo pedio ao Arcebiſpo Primàs de Braga dom Sylveſtre. Fizeraõſe por todos diligentes, e apertados officios com o Biſpo, e Cabido. Mas aconteceo o que he ordinario em todos os que ſabem pouco de negocios, quando ſe vem rogados, que referem os rogos à falta de juſtiça, e naõ à boa natureza de quem roga. Aſſi vendo o Biſpo, e Conegos tantos, e taõ honrados interceſſores por parte dos frades, deraõſe por abſolutos ſenhores da cauſa, e naõ ſó naõ admittiraõ concordia, mas ajuntaraõ novo eſcandalo aos paſſados. E foy, que tendo os frades comprado alguns chaons, e caſas vizinhas ao Convento, e dado dinheyro, e feito eſcrituras com licença, e aprazimento do Cabido, por ſerem foreyros a elle, revogaraõ as licenças que por eſcrito tinhaõ dado: e com a meſma deſhumanidade publicaraõ por nullas algumas doaçoens voluntarias que de bens ſemelhantes tinhaõ feito algumas peſſoas pias ao Convento. Viſta tamanha dureza, foi neceſſario acudir por remedio à Suprema Cadeyra. Preſentaraõſe ao Pontifice as queixas do Convento, e ſuas rezoens. Proveo logo no caſo com hum Breve muy amplo, que poremos de verbo ad verbum, e com ſua traducçaõ: aſſi porque eſtes ſaõ os titulos deſte Convento, como porque ſeja a todos notoria a pureza, e verdade da hiſtoria que ſeguimos, e naõ pareça a ninguem que a enfeitamos. Eſte Pontifice era Gregorio Nono, que ſendo Cardeal com nome de Ugolino fora grande devoto de noſſo Patriarcha S. Domingos em vida, e deſpois de aſſentado na Cadeyra de S. Pedro, como teſtimunha de ſeus merecimentos o poz no Catalogo dos Santos canonizados. Segue o Breve.

Gre-

Gregorius Epiſcopus ſeruus ſeruorum Dei, Uenerabili Fratri Archiepiſcopo, & dilectis filijs Decano & Cantori Bracharenſibus ſalutem & Apoſtolicam benedictionem. Olim venerabilem fratrem noſtrum Epiſcopum Portugallenſem illius eſſe credebamus induſtriæ, vt perennis obtentu gloriæ libenter efficeret, per quæ Deo & hominibus complaceret. Sed cogimur opinari contrarium, illis in conſpectu noſtro clamantibus, quos ſine cauſa perſequitur non abſque contumelia Redemptoris. Sanè dilectorum filiorum Fratrum de Ordine Prædicatorum Portugallenſium inſinuatione percepimus, quòd idem Epiſcopus aliquando piè cogitans eorum ſtudijs animarum procurari ſalutem, & ampliationem Catholicæ puritatis, eis Portugalliam ad ſuam vocem intrantibus, locum ipſis pro Eccleſia fundanda conceſſum, de ſui conſenſu Capituli liberaliter aſſignauit, ponens ibidem lapidem primarium, & ſuæ partem hæreditatis adjiciens, vt inchoatum ædificium poſſet magis effici ſpatioſum: cunctis loci eiuſdem per eum nihilominus facta certa remiſſione peccaminum, qui ad hoc ipſis præſtarent ſubſidium opportunum. Uerùm cum dicti Fratres locum ipſum pacificè poſſidentes, & ibidem de ſua licentia Divina liberè celebrantes pro huiuſmodi perfectione operis graues labores ſubierint, & expenſas: ipſe ſubitò de patre commutatus in hoſtem, eos exinde vnà cum ſuis Canonicis amouere nititur, multis ex hoc, ac eiſdem fratribus in graui ſcandalo conſtitutis. Præſertim cum idem ipſis contrà indulgentias eis ab Apoſtolica Sede conceſſas, ne prædicent, ſeu confeſſiones audiant, vel Diuina celebrent duxerit inhibendum, lata in omnes interdicti ſententia, qui eis ad huiuſmodi perfectionem operis conſilium, vel auxilium largiuntur. Cum igitur prorſus indecens & deteſtabile videatur, vt idem Epiſcopus videatur de tanta varietate notabilis, & perſecutor Deum timentium reputetur: eundem rogamus & hortamur attentè, noſtris ſibi diſtrictè in virtute obedientiæ mandantes literis, in præceptis, vt fratres eoſdem præfati loci poſſeſſione pacifica, ſine præiudicio iuris ſui, & etiam alieni pro Divina & noſtra reuerentia gaudere permittat, latam per ipſum in benefactores

eorum

eorum interdicti ſententiam, infrà octo dies poſt ſuſceptionem earum ſine qualibet difficultate relaxans. Quocircà diſcretioni veſtræ per Apoſtolica ſcripta mandamus, quatenus ſi dictus Epiſcopus præceptum noſtrum infrà præſcriptum tempus neglexerit adimplere, vos extunc relaxantes eandem, & ſi ſimilem in illos de cætero ferre præſumpſerit, eam tanquam contra inhibitionem Sedis Apoſtolicæ promulgatam, nullam eſſe penitus decernentes, fratres ipſos ſuper eiuſdem poſſeſſionibus, ac eos, & benefactores ſuos, ſuper conſtruendis ibidem ædificijs eorundem fratrum vſibus opportunis non permittatis ab aliquo indebitè moleſtari, moleſtatores huiuſmodi authoritate noſtra appellatione propoſita, compeſcendo. Quòd ſi non omnes ijs exequendis potueritis intereſſe, tu frater Archiepiſcope cum eorum altero ea nihilominus exequaris. Datum Anagniæ VIII. Cal. Octobris, Pontificatus noſtri anno duodecimo.

Em vulgar reſponde aſſi.

GRegorio Biſpo ſervo dos ſervos de Deos, ao veneravel irmaõ Arcebiſpo de Braga, e aos amados Dayaõ, e Chantre da meſma Igreja de Braga ſaude, e Apoſtolica bençaõ. Tivemos ſempre em taõ boa conta noſſo veneravel irmaõ o Biſpo do Porto, que crìamos delle faria com goſto, a fim de alcançar a eterna bemaventurança, tudo aquillo que o pudeſſe fazer grato a Deos, e aos homens. Mas obrigaõnos hoje a cuidar outra couſa delle as queixas, e brados que ante nòs daõ aquelles a quem perſegue ſem cauſa, e naõ ſem afronta do Redentor. Soubemos por relaçaõ certa dos amados filhos os Frades da Ordem dos Prègadores do Convento do Porto, em como o meſmo Biſpo, tendo delles boa opiniaõ, e do cuidado com que trataõ da ſalvaçaõ das almas, e augmento da pureza chriſtam, os chamou, e levou àquella Cidade, nella lhes aſſinou lugar pera fundarem Igreja, com beneplacito do ſeu Cabido, no edificio poz de ſua maõ a primeira pedra, e pera terem mais largueza os ajudou com fazenda de ſeu patrimonio: e ſobre tudo publicou indulgencias, e remiſſaõ de peccados pera todos

os

os que dalguma maneira deſſem ajuda, e favor à meſma obra. E que eſtando por eſte modo em poſſe pacifica do ſitio, que lhes dera, e celebrando nelle com ſua licença os Officios Divinos, e procurando juntamente com muito trabalho, e deſpeza por chegarem à perfeiçaõ o Convento: hora trocado repentinamente de pay em enemigo, fazem toda força elle, e ſeus Conegos polos lançarem da terra, com grave eſcandalo de muita gente, e dos meſmos Frades: principalmente por lhes mandar que naõ prèguem, nem confeſſem, nem celebrem os Officios Divinos, ſendo couſas que a Sè Apoſtolica lhes tem concedido: e perſeguir com interdito os que de obra ou palavra lhes acodem ou fazem algum bem. Por tanto como ſeja couſa totalmente indecente, e abominavel, que no meſmo Biſpo ſe ache juntamente nota de homem vario, e de perſeguidor dos que a Deos temem, polas preſentes letras lhe rogamos, e com efficacia o amoeſtamos pondolhe riguroſamente preceito em virtude de Santa obediencia, que por reverencia de Deos, e noſſa deixe gozar os Frades da poſſe quieta, e pacifica do lugar em que eſtaõ, ſem prejuizo porèm do direito que elle ou outrem no tal lugar pretenda. E dentro de oito dias, deſpois de lhe chegarem eſtas letras, levante ſem fazer nenhuma duvida o interdito, e todas as mais cenſuras que contra os bemfeitores do Convento tever poſtas. E à voſſa diſcriçaõ cometemos, e encomendamos que ſe o Biſpo no termo aſſinado naõ cumprir noſſo mandado, em tal caſo vòs as levanteis. E ſe outra tal preſumir ao diante fulminar, a julgueis por nulla, e como paſſada contra publica inhibiçaõ da Sè Apoſtolica: naõ conſintindo que ſejaõ moleſtados de peſſoa alguma nem os Frades na poſſe de ſeu ſitio, e caſa, nem ſeus bemfeitores no favor, e ajuda que pera proſeguir ſuas obras lhe quiſerem dar. E reprimireis por autoridade, e poder noſſo ſem appellaçaõ, nem recurſo, quem quer que os inquietar. E acontecendo naõ vos poderdes achar juntos à execuçaõ do que aſſi mandamos, vòs irmaõ Arcebiſpo o podeis fazer ſò com qualquer dos nomeados. Dada em Anagnia aos 24 de Setembro no anno duodecimo

decimo de noſſo Pontificado, (*que reſponde ao do Senhor de* 1238.)

CAPITULO XII.

Levantaõſe as cenſuras, e proſegue a obra do Convento. Paſſa el Rey dom Sancho aos Frades carta de Padroeiro. Mitigaſe o Biſpo, e faz compoſiçaõ com elles.

ERa jà no cabo do anno de 1238 quando chegou o Breve às maons do Arcebiſpo. E ainda que tinha trabalhado por quietar o negocio, ſem lhe valer nada ſua boa diligencia, como contamos: e pudera com rezaõ ſer arremeſſado executor: com tudo reſpeitando o credito, e autoridade do Biſpo, deſejou que naõ pareceſſe em juizo, e tornou a tratar de paz, aviſandoo do rigor da commiſſaõ. Mas ha muitos entendimentos que naõ he em ſua maõ conhecer os bens da paz, ſenaõ deſpois de bem acutilados, e atropelados da guerra. Taõ cegos eſtavaõ de paixaõ, e taõ confiados da vitoria Biſpo, e Conegos, que naõ quizeraõ vir em nenhum partido, e quando deciaõ a hum pouco de brandura, o menos que pediaõ, era que os Frades naõ deſſem em ſua Igreja ſepultura geral, nem particular, nem recebeſſem offertas, com outras exorbitancias ſemelhantes. O que viſto polo Primaz, publicou o Breve, mandouos parecer em Braga por ſi ou por ſeus procuradores. E logo levantou as cenſuras, e interdito que o Biſpo tinha poſto aos ſeculares pera naõ ajudarem o edificio, nem communicarem no Convento; e mandoulhe que deſembargaſſe a obra, e naõ impediſſe o ir adiante. E obrigou ao Cabido a confirmar as vendas, e doaçoens feitas ao Convento, e revalidar as licenças que revogara, e a dar de novo todas as que pedidas lhe foſſem. Com eſte principio abriraõ os Religioſos ſuas portas: publicaraõ no povo os favores da Sè Apoſtolica: e ainda que guardavaõ toda moderaçaõ em ſuas praticas, a terra, que eſtava reſintida, e queixoſa, naõ fazia o meſmo, antes celebrava a vitoria, como ſe fora cauſa propria. E polo meſmo teor acudiaõ tantos officiaes à obra, e eraõ tantos os que proviaõ o neceſſario pera ella, que crecia maravilhoſamente. Mas naõ corria com menos proſperidade o edificio eſpiritual: porque o Provincial tinha inviado numero de Religioſos, e querendo todos moſtrarſe agradecidos à boa vontade, e caridoſos animos que em ſeus trabalhos acharaõ na Cidade, empregavaõſe com grande cuydado em a ſervir, e agradar em tudo o que era miniſterio da Religiaõ.

Na meſma conjunçaõ lhes acudio Deos com novo favor. Era entrado o anno de 1293. El Rey dom Sancho ſegundo, que reinava, movido de bom eſpirito (que na verdade tal era o ſeu na fonte) ou perſuadido ao que ſe pode congeiturar da Rainha dona Mafalda ſua tia paſſou huma proviſaõ, pola qual de ſeu motu proprio ſe deu por autor, fundador, e padroeyro do

do Convento. No que he de ver ſua grande bondade, porque era couſa certa que neſte meſmo tempo todos os noſſos prègadores ſe desfaziaõ nos pulpitos em vituperar deſcubertamente as faltas de ſeu governo. Foy eſta proviſaõ de muyta importancia: porque ainda que sò por ſi naõ fora de effeito, polo pouco reſpeito que geralmente ſe tinha ao Rey, e a ſeus mandados: baſtou junta com o favor de Roma, pera os Frades ſicarem armados, e animados a procederem confiadamente em ſuas fabricas. A nota, e antiguidade della me faz cuidar que ſerà agradavel a quem ſe occupar neſta liçaõ: dezia aſſi:

SAncius Dei gratia Portugalliæ Rex, omnibus de meo Regno, ad quos literæ iſtæ peruenerint, ſalutem. Sciatis quod ego mando facere pro anima mea monaſterium Fratrum Prædicatorum in Portu. Quia intelligo quòd erit grande bonum, & magna profetantia mihi & omnibus de Regno meo. Et recipio ipſum Monaſterium, & ipſos fratres in commenda mea. Vnde mando firmiter, quòd nullus ſit auſus in regno meo eis malum facere, neque operarijs ſuis. Quia quicumque eis malum fecerit, aut fortiam, ſiue tortum, pectabit mihi quingentos morabitinos, & eis emendabit damnum in duplum, quod illis fecerit, & ſuper remanebit pro meo inimico. Et vt ipſi & locus ipſorum ſint melius emparati, do eis iſtam meam chartam apertam, quòd teneant illam in teſtimonium. Datum apud Collimbriam iij Kalend. Februarij Æra M.CC. LXXVII (reſponde aos trinta de Janeiro do anno de Chriſto 1239.)

De crer he que paſſando el Rey huma proviſaõ com palavras taõ claras, e reſolutas, e affirmando que mandava fazer o Moſteiro por ſua alma, naõ ſeria (como nos perſuade a conjunçaõ em que a paſſou) fantaſticamente, e sò a fim de valer aos Religioſos contra a força que ſe lhes fazia: mas que mandaria deſpender com elle da fazenda real. Confirmaſe iſto com que a Igreja, inda que naõ ſeja muito grande, he toda de cantaria, e obra cuſtoſa, e mayor do que naquelle tempo demandava o cuſtume das fabricas da Ordem que tambem nas Igrejas guardavaõ moderaçaõ, ſalvo naquellas que os Reys tomavaõ à ſua conta. Se naõ quiſermos dizer que pode ſer eſta meſma de que o Biſpo fez offerta ao capitulo. De qualquer maneira que a origem foſſe: certo he que o Moſteiro ficou realengo, e conſtanos de outra proviſaõ paſſada por el Rey dom Dinis ſeſenta annos deſpois da que fica atras, e eſcrita em Portuguez, cujo original he do teor ſeguinte.

DOm Dinis pola graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, a quantos eſta carta virem faço ſaber, que eu recebo em minha guarda, e em minha encomenda, e ſob meu defendimento o meu Moſteiro, e Convento dos Prègadores do Porto, e ſeus homens, e ſuas agoas, e todas as couſas que pertencem a eſte Moſteiro. Polo que mando, e defendo que nenhum nom ſeja ouſado que faça mal nem força em eſſe Moſteiro, nem a eſſes Frades, nem a ſeus homens, nem a ſuas hortas, nem a ſuas agoas, nem em nenhumas de ſuas couſas. E aquelle que ende al fizer, ficarà por meu imigo, e peitarà a my o meu encouto de ſeis mil ſoldos, e corregerà em dobro o mal ou força que fizer ao dito Moſteiro, ou aos Frades delle, ou a ſeus homens, ou a ſuas agoas, ou a alguma de ſuas couſas. Em teſtimunho da qual couſa dey ao dito Convento eſta minha carta. Dada em Lisboa treze de Setembro. El Rey o mandou por Pedrafonſo Ribeiro. Domingos Joanes a fez, era de M.CCC. XXXVIII. annos, (*Reſponde aos de Chriſto de* 1300.)

O meſmo ſe moſtra por outro indicio muito mais publico, que he vermos nas vidraças que eſtaõ ſobre o arco da Capella mòr a inſignia taõ ſabida das eſferas del Rey dom Manoel. E com tudo ficando baſtantemente provado por tais memorias ſer eſte Convento da obrigaçaõ dos Reys, naõ achamos nenhuma de merce perpetua que elles lhe fizeſſem de renda, ou fazenda, ou bens da Coroa.

Mas tornando à hiſtoria, foy o Biſpo caindo na conta das ſemrazoens que tinha feito aos Frades, e entendendo que naõ poderia prevalecer contra elles, pois tinhaõ por ſi os poderes do Ceo, e da terra, começou a humanarſe, e deſcer a partidos mais acommodados. E os Frades por moſtrarem que naõ tinhaõ goſto da diſcordia, inda quando eſtavaõ certos da vitoria, folgaraõ de cortar por ſi, e concederaõ em algumas condiçoens peſadas, que o tempo deſpois foy aliviando, e reduzindo tudo ao eſtado de paz, e quietaçaõ com que hoje ſe vive. Pera o que ajudou muito a Rainha dona Mafalda, de quem pouco ha falamos, polos meyos que diremos no capitulo ſeguinte.

CA-

CAPITULO XIII.

Faz a Raynha dona Mafalda doaçaõ do padroado de huma Igreja à Sè do Porto, pera de todo pacificar o Biſpo, e Cabido com os Frades. Procede o Biſpo com elles em amizade: fazlhes eſmolla de duas fontes pera o Convento.

Monar. Luſit. p. 2. l. 7. c. 22. Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho Prim.

A Raynha dona Mafalda foy filha del Rey dom Sancho Primeyro de Portugal, e caſada com el Rey dom Anrique o Primeyro de Caſtella, aquelle que morreo em Palencia do deſaſtre de huma telha que lhe cahio ſobre a cabeça: do qual ſendo apartada por ſentença da Sè Apoſtolica, por caſarem ſem diſpenſaçaõ, avendo entre ambos eſtreito parenteſco, tornou pera Portugal, e andando o tempo fundou o Moſteyro de Arouca na Ordem de Ciſter, e nelle ſe recolheo, e eſtà ſepultada. Eſta ſenhora como procurou nos principios atalhar as inquietaçoens que o Biſpo dava aos Frades, aſſi deſpois que os vio ſenhores da cauſa com os favores do Pontifice, e del Rey, deſejou polo amor, e grande devaçaõ, que tinha à Ordem, que naõ ficaſſem em caſa alhea hoſpedes mal aſſombrados. E a eſte fim fez doaçaõ ao Biſpo, e Cabido de huma Igreja que tinha de ſeu padroado na ribeyra de Leça, offerecendoa liberal, e eſpontaneamente, e afiançada com certos caſaes, em recompenſa das perdas, e danos que os Clerigos da vizinhança dos Frades temiaõ. Grande, e memoravel virtude! que por pacificar deſavenças alheas, em que nada intereſſava, nem perdia, folgou de perder a fazenda propria. O original da eſcritura ſe guarda no Cartorio do Convento: e nòs polo que toca à memoria, e honra de tal Princeſa, daremos aqui o treſlado, pera que em quanto eſtes eſcritos durarem, viva nelles ſeu nome, e noſſo agradecimento. Segue a doaçaõ.

IN Dei nomine Amen. Notum ſit omnibus præſentem paginam inſpecturis, quòd ego Regina Domina Mafalda pro remedio animæ meæ, ob gratiam Fratrum Prædicatorum in ciuitate Portuenſi de conſenſu Epiſcopi & Capituli Portugallenſis commorantium do Eccleſiam ſanctæ Crucis de Ripa Lecciæ cum omnibus ſuis poſſeſſionibus & iuribus ſuis, Eccleſiæ ſanctæ Mariæ Sedis Portuenſis in recompenſationem grauaminis, ſi in aliquo ex Prædicatorum Fratrum commoratione Eccleſia Portugallenſis fuerit aggrauata. Et ſtatim mitto Epiſcopum Dominum Petrum & Capitulum eiuſdem Eccleſiæ in dominium & poſſeſſionem Eccleſiæ ſupradictæ, ut quicquid iuris, hæreditatis, poſſeſſionis vel quaſi in prædicta obtineo Eccleſia, totum in Epiſcopum & Capitulum ſupradictæ Sedis transfero pleno

iure. Et vt iſta mea donatio firmum robur obtineat, aſſigno ſex Caſalia in villa de Louredo de Souſa, vt ſi fortè aliquis vellet impedire donationem meam, & de iure in eadem Eccleſia in vita mea ius euinceret patronatus: & ego prædictam Eccleſiam non liberauero, de prædictis caſalibus recipiat Eccleſia Portugallenſis quantum damnum ſuſtinuerit in prædicta Eccleſia Sanctæ Crucis. Et ſi totum amiſerit Eccleſia Portugallenſis in perpetuum, tunc in perpetuum prædicta Caſalia penes Portugallenſem Eccleſiam libera remaneant. Quòd ſi fortè aliquis vel aliqui in vita mea ipſam Eccleſiam impetierint, & in eadem aliquid non obtinuerint, liberum ſit mihi de eiſdem caſalibus in morte mea pro mea diſponere voluntate. Et ſi interim de eiſdem Caſalibus aliter voluero ordinare, debeo primò aſſignare prædictæ Sedi alia Caſalia æquiualentia in Portugallenſi Diæceſi conſtituta, quæ ſint conditione & modo ſimili obligata. Epiſcopus autem & Capitulum ſupradicti debent me iuuare ad liberationem ſupradictæ Eccleſiæ per iuſtitiam Eccleſiaſticam, quantum de iure potuerint bona fide. Et vt ſupradicta in dubium non veniant, nec aliqua inde contentio oriatur, fecimus per alphabetum dividi chartas iſtas, vt vtraque pars ſuam teneat in teſtimonium firmitatis, & ſigillo meo proprio communire. Facta charta menſe Iunij ſub Æra M. CC. LXXVII. (reſponde ao anno corrente de Chriſto 1239.) *Ego verò tabellio memoratus* Antonius *Stephanus, qui ſupradictam literam inſpexi cum ſupradicto ſigillo ipſius Reginæ habente ex vna parte imaginem mulieris quaſi amictæ pallio habentis manum dexteram in qua tenebat florem, & manum ſiniſtram ſuprà pectus quaſi tenentem chordas pallij, & habentis coronam in capite; & ſuprà coronam dictæ imaginis & ſub pedibus ipſius, in ſuprema ſcilicet, & in inferiori parte ſigilli erant ſigna Regum Portugalliæ: ex altera verò parte ſigilli erat imago cujuſdam Caſtri: literæ verò per totum circuitum ſigilli ex vtraque parte erant iſtæ. S. Dominæ Mafaldæ Dei gratia Caſtellæ & Toleti Reginæ, eadem gratia Sanctij illuſtris Portugalliæ Regis filiæ.*

Porque temos atràs baſtantemente declarado a ſuſtancia deſta eſcritura : e he bem eſcuſarmos leitura deſneceſſaria , traduziremos sòmente as palavras que no fim della ajuntou a taballiaõ de ſeu officio, que pode ſer ſejaõ bem aceitas dos que naõ ſabem Latim, as quais querem dizer:

EEu dito taballiaõ Antonio Eſtevens vi a carta acima eſcrita com o ſello pendente da meſma Raynha, o qual tem de huma parte huma figura de molher que repreſenta eſtar com manto cuberto, e huma flor na maõ direyta , e a eſquerda que lhe fica ſobre o peito, parece travada de huns cordoens que ſaem do manto. E tem na cabeça ſua coroa; e por cima della na volta mais alta do ſello, e na inferior por baixo dos pès ſe deviſaõ as armas de Portugal. Da outra banda parece hum caſtello com muytas letras que o rodeaõ , e fazem orla ao ſello por ambas as partes , e dizem. Sello de dona Mafalda por graça de Deos Raynha de Caſtella, e Toledo: e pola meſma graça filha do illuſtre Rey de Portugal dom Sancho.

Aſſi teve fim eſta tormentoſa contenda. E o Biſpo, ou que entraſſe nella por induzimento, e perſuaſaõ doutrem : ou que caiſſe agora na conta do muito que ganhava em ſeu officio Paſtoral com obreyros taõ proveitoſos , como cada hora hia conhecendo que o eraõ os Frades, procurou por todas as vias ſoldar a quebra paſſada , e ſepultar os deſgoſtos paſſando de enemigo, e perſiguidor publico , a publico bemfeitor , e amigo. E foy o principio acudir ao Convento com copiolas eſmollas: e logo no meſmo anno de 1239 enterveyo com ſua peſſoa , e final de ſua maõ em huma eſcritura de doaçaõ que certo devoto fez ao Convento de huma horta que partia com elle. E deſpois no de 1245 em final de animo verdadeyro, e naõ fingida reconciliaçaõ deu pera a caſa duas agoas de humas erdades ſuas que logo ſe trouxeraõ , e foy eſmola de muita importancia. O aſſinado que dellas fez original ſe guarda no Cartorio, e he o ſeguinte:

NOtum ſit omnibus tam præſentibus , quàm futuris has literas inſpecturis, quòd ego Petrus Diuina miſericordia Portugallenſis Epiſcopus cauſa eleemoſynæ & intuitu pietatis in remiſſionem peccatorum meorum dono Fratribus Prædicatoribus de Portu duos fontes, quorum vnus ori-

oritur in hortu meo circà quoddam palumbare, alter verò ſuperius circá viam, quæ contigua eſt iam dicto horto in perpetuum poſſidendos. Inſuper concedo eis liberum tranſitum tam per loca mea, quàm per loca aliorum, vt poſſint aquam dictorum fontium ad ſuum Monaſterium ducere liberè & ſecurè: Data charta pridiê Cal. Maij anno Domini M. CC. XLV.

Outra fonte nos deu hum fidalgo da cidade, cujo apellido dura inda hoje nella: chamavaſe Domingos Gonçalves Ferreira, e ſua molher Marinha Mendes. A fonte tem nome da Galvoa. Aſſi ficou a caſa com abundancia dagoa baſtante pera cozinha, e horta, mas nenhuma boa de beber. E porque ſe veja a pouca curioſidade, com que os Religioſos deſta caſa viveraõ ſempre, do que a ſuas peſſoas tocava, ou a bebiaõ aſſi ſalobre, e groſſa, ou tiravaõ da comida, e das eſmolas que pera ella grangeavaõ, quanto baſtava pera comprarem melhor agoa. E neſte modo de vida perſeveraraõ conſtantemente atè poucos annos ha, que os Padres Menores ſeus vizinhos trazendo de fòra huma muito boa pera o ſeu Convento, e naõ tendo outro caminho pera a levarem com commodidade ſe naõ pola noſſa cerca, partiraõ com noſco quanto baſta pera ſuprir a falta, recebendo, e fazendo fraternal caridade. A Igreja como ouve concordia foy logo lageada de ſepulturas requeſtadas à competencia. E porque ſobejavaõ requerentes pera outras, e faltava lugar: hum Prior filho do meſmo Convento, a quem nas memorias antigas achamos com nome de dom Frey Pedro Eſtevens, levantou o grande alpendre que cobre o adro, o qual foy logo povoado de ſepulturas, e em parte ſerve de recreaçaõ, e caſa de negocio aos naturaes, ao modo que fazem as grades da Sè de Sevilha aos ſeus. Porque como a cidade eſtà ſituada em lugar dependurado, e o Convento lhe fica no meyo, e como no coraçaõ della naõ ha lugar mais a propoſito pera ſer frequentado dos negociantes, juntandoſe a commodidade da Igreja, e o emparo que o alpendre dà pera Sol, e agoa. A viſta dos dormitorios cae ſobre o Douro que faz porto à cidade, e lava as muralhas, que decem a beber na agoa. Aſſi he o poſto aprazivel, e ſadio. Suſtenta o Convento de ordinario vinte, e quatro Frades. Porque dado que a fazenda, que poſſue de raiz, he muito curta pera tantas bocas: a caridade da terra naõ he hoje menos que naquelles primeiros, e antigos tempos.

CA-

CAPITULO XIV.

Da confraria do ſantiſſimo nome de Jeſu ſita neſte Convento : de ſua antiguidade , e milagres.

NO anno que el Rey dom Duarte unico deſte nome falleceo , padecia o Reino hum cruel açoute de peſte , da qual dizem que foy ſua morte: e eſtendendoſe por todas as Comarcas foy grande o eſtrago que fez. E como os males de contagiam onde achaõ mais frequencia de gente, ferem com maior violencia , tanto que o fogo delle chegou a eſta cidade ateou com tanta força, que naõ ſe ſabiaõ os homens dar a conſelho , nem achavaõ remedio humano pera ſe valer. Muito ordinario he mandarnos Deos trabalhos , pera ſerem meyo de o buſcarmos : e tambem inſtrumento de nos fazer mercès. Era publico que aſſolandoſe Lisboa poucos annos atràs com ſemelhante praga , ſe juntara o povo em huma confraria do ſuaviſſimo nome de Jeſu. E avendo muitos annos que durava ſem dar hora de repouſo , quaſi ſubitamente deſapareceo com eſte remedio, ſendo aſſi que a confraria ſe aſſentou no Convento de S. Domingos polo mez de Novembro do anno de 1432 (como ao diante veremos) e quando veo fim de Dezembro que logo ſeguio , jà naõ avia mal nenhum. A eſta imitaçaõ entrando o anno de 1448 ſe acordou entre os Cidadaons do Porto inſtituir huma ſemelhante Confraria , e junta a terra toda levaraõ com ſolene prociſſaõ hum devoto Crucifixo ao noſſo Convento , e o collocaraõ em altar particular ſeu. Mas he dino de muita conſideraçaõ que obrando noſſo Senhor por meyo deſta imagem muy provados milagres em peſſoas particulares , naõ foy ſervido remedear por entaõ a corrupçaõ do ar , e infirmidade publica : antes durou mais alguns annos , deſpois de ceſſar por todo o Reyno , clamando a voz do povo , que aſſi junta coſtuma muitas vezes acertar nos juizos, que a rezaõ de perſeverar era huma tormenta de contradiçoens, que levantaraõ certos homens a ſeu parecer zeloſos , pretendendo tirarnos a imagem , e extinguir a confraria : materia em que ouve ſeis annos de litigios , e padeceraõ os Religioſos tantas vexaçoens , e trabalhos , que ouveraõ por milagre do Senhor livrallos delles com lhes dar ſentença , como deu , em favor. Muitas vezes faz dano trazer de novo à praça negocios peſados , quando o tempo os tem ſepultado. Por iſſo deixaremos em ſilencio as cauſas , e autores , e proceſſo deſtes. E trataremos de alguns milagres dos annos mais vizinhos a eſta noſſa idade , com que ſe acreditaõ bem os antigos que naõ ficaraõ em eſcrito.

Polo mez de Maio do anno de 1574 mandou o Sacriſtaõ a caſa de huns devotos huma toalha com que eſtava cingido como he coſtume o Santo Crucifixo , pera que lha lavaſſem. Avia nella huma minina de ſeis pera ſete annos , que paſſava de dous que naõ ſahia fòra da porta por eſtar de todo cega. Fora principio do mal muita copia de humor que lhe acudio aos olhos com taõ groſſa , e ſobeja inchaçaõ

çaõ ſobre elles, que a nenhum remedio obedeceo: e foy deixada dos Medicos por incuravel, entendendoſe que os devia ter quebrados. Quando viraõ em ſua maõ pèça que em tal miniſterio ſervira, chamaõ a minina com alvoroço, e devaçaõ, poemlha ſobre a cabeça, e olhos: grita a mãy desfazendoſe em lagrimas: Ah meu Senhor Jeſu Chriſto, a huma Cananea Gentia curaſtes vòs noutro tempo a filha atormentada, e a outra Hebrea deu ſaude a borda da voſſa roupa tocada: bem podieis vòs hoje, ſe quiſeſſeis, dar remedio a huma mãy deſconſolada, e a huma criaturinha affligida com tormento de trevas quaſi antes de ter idade pera ver, nem de perder a graça que em voſſo ſangue polo bautiſmo recebeo. E bem podia ſer meyo do que vos peço eſte lenço, pois ſervio na imagem que nos eſtà repreſentando o muito que por ella, e por my, e polo mundo todo fizeſtes. Paſſadas duas horas foy abaixando a grande inchaçaõ que cubria os olhos da minina, de ſorte que começou a abrir o eſquerdo, e chamando pola mãy com alegria affirmava que naõ ſintia jà pejo nelle, e que via. Naõ podia a mãy crer tamanho bem. Eisque no meyo do alvoroço foiſelhe abrindo o outro, e enxugando ambos de maneira, que de cega de todo, ficou ſam, e com perfeita viſta de todo. Como o milagre foy taõ patente, ouve cuidado de o fazer juſtificar, e autorizar polo Ordinario. E achamos em lembrança que ſuccedeo em 18 de Maio do anno que temos dito de 1574. E foy o miniſtro que fez a diligencia o Doutor Joaõ Pais Proviſor, e Vigario geral polo Biſpo dom Ayres da Silva, e a minina ſe chamava Elena. Mas naõ eſpantaràõ menos os que ſe ſeguem.

Mat. 15.

Math. 9.

Dezeſeis annos avia que Lianor Leitoa moradora na meſma cidade na rua das Cangoſtas padecia hum eſtranho mal na cabeça, hora de dores intenſas, e intoleraveis, com que lhe acudiaõ huns vomitos de grande tormento: hora com vagados como de mal caduco que davaõ com ella em terra, e ficava ſem juizo: e a continuaçaõ deſtes acidentes a tinha enſurdecido, e todos os dentes taõ abalados que lhe era pena o comer. E o major mal era que com nenhum beneficio da Fiſica ſintia melhoria. Ouvindo contar o milagre da cega, fezſe levar ao Convento, lançouſe em oraçaõ diante do altar de Jeſu, trouxeraõlhe a toalha, beijoua, e polla ſobre a cabeça. Quando ſe levantou, ſe achou taõ outra do que viera, que como ſe aly lhe mandaraõ deixar os males todos, nunca mais ſintio nenhum de quantos trazia. Eſtà apontado que o dia, que eſteve no Convento, foi aos 16 de Junho do anno corrente de 1574.

Por Agoſto do meſmo anno adoeceo de hum prioris Caterina Rabella molher de Martim Ferraz ambos gente nobre, e foy o mal taõ vehemente, que ao ſeteno deſconfiaraõ os Medicos della. Neſte eſtado mandou buſcar a ſanta toalha, e pondoa ſobre a cabeça, e chegando huma ponta aò lugar donde mais ſe dohia, ſintio logo que ſe lhe desfizera huma dureza como taboa que lhe tomava o eſtamago: e pedio de comer, couſa de

que

que totalmente tinha perdido o goſto. A eſtes principios ſucedeo hum copioſo ſuor, que lançou fora a febre, e a doença. Tambem ſe autenticou eſte milagre com ditos de muitas teſtimunhas. E a enferma em penhor de agradecimento mandou ao Convento hum fermoſo cofre de madre perola guarnecido de prata pera ſervir ao ſantiſſimo Sacramento no Sacrario.

Maria Gonçalves molher pobre, que ſe agaſalhava no hoſpital de noſſa Senhora do Cais, avia quaſi quatro annos que caindo quebrara o braço direito pola cana junto da maõ. Curouſe, ſarou do braço. Mas ficaraõlhe tres dedos da maõ encolhidos, e ſem uzo, nem movimento nenhum. Ajuntavaſe andar quaſi tolhida de huma perna, que com muito trabalho, e dores arraſtava. Chegando o primeiro dia do anno novo de 1575 em que ſe fazia a feſta do nome de Jeſu, foyſe como pode ao Convento. Poſta diante do Senhor chamou por elle com grande fee; e queixandoſe dos meſtres, em cujas maons perdera o pouco que tinha de fazenda, e naõ achara ſaude, pedialhe que foſſe ſeu meſtre, e ſua ſaude, que eſta lhe ſeria tambem fazenda, e remedio na pobreza, e miſeria que padecia: tomou a ſanta toalha com a maõ manca, e beijoua com devaçaõ. Logo na noite ſeguinte ſintio grandes dores que lhe corriam pola maõ, e dedos aleijados atè pola manham: e entrando o dia começou a eſtender, e endereitar os dedos com eſpanto de ver que jà naõ eſtavaõ amortecidos como dantes, mas que os movia, e meneava deſpejadamente. Conheceo logo donde lhe vinha tanto bem, foy ſervindo, e trabalhando com elles, e dando graças ao Senhor que pera mayor gloria ſua, apoz a cura da maõ, lhe deu tambem ſaude na aleijaõ da perna.

CAPITULO XV.

De outros milagres do Santo Crucifixo.

MUitos outros milagres achamos poſtos em memoria, que deixamos por encurtar leitura: e diremos ſòmente dous mais inſignes, que naõ merecem ficar eſquecidos. No Moſteiro de Corpus Chriſti de Villa nova de Gaia, que fica defronte da cidade na outra margem do rio, e he de Freiras de Saõ Domingos, eſtava enferma Sor Maria de Bairros profeſſa. Sendo mandada ſangrar pera remedio de huma doença, ficou com duas deſpois de ſangrada. Porque o official por deſaſtre, ou pouca deſtreza lhe picou hum nervo, á que ſeguio logo grande inchaçaõ no braço, e mayor no lugar offendido, e começarſe a tingir todo de nodoas azuis, e verdenegras, acompanhadas de dores crecidas, que faziaõ medo, e indicios de grande mal. E naõ era ſenhora de o eſtender, nem bolir. Eſtando aſſi aleijada, e naõ melhorando com nenhuma cura de muitas que lhe faziaõ, trouxeraõlhe hum eſpinho da Coroa do Santo Crucifixo. Era preſente a Prioreſſa, e toda a Comunidade. A enferma com grande fè, e devaçaõ deſcobrio o braço, lançou fora empraſtos, e ataduras: e chega o eſpinho aonde tinha a origem do mal, e pe-

e pede que alli lho atem, e apertem, que naõ quer outro empraſto, nem outra mezinha. Ajudaraõ as Religioſas ſua confiança rezando a Antifona *Chriſtus factus eſt pro nobis obediens &c.* e a oraçaõ *Reſpice, quæſumus &c.* com hum *Credo.* Foy principio de milagre que logo aquella noite tomou ſono tendoo de todo perdido, e quando amanheceo eſtava ſam, ſem aver no braço dor, nem final de nodoa ou inchaçaõ. Levantouſe logo, foyſe ao Choro render as graças ao Senhor. Quando as Religioſas a viraõ poſtrada nelle imaginaraõ que o poderſe veſtir, e chegar aly quem eſtava no eſtado, em que a tinhaõ deixado a tarde atràs, devia ſer força de dores, ou de deſeſperaçaõ: foraõſe a ella laſtimadas, e ella levantandoſe cheya de alegria pedialhes que a ajudaſſem a dar graças a Deos por tamanha miſericordia como lhe tinha feito, e moſtroulhes o braço limpo de todo mal. Começaraõ entaõ a entoar todas huma Antifona à ſanta Coroa, e a enferma pouco deſpois em teſtemunho da ſaude milagroſamente alcançada lançou as maons à corda do ſino grande do Moſteiro, e ſem outra ajuda o abalou, e tangeo com facilidade: e daquelle dia em diante naõ conſintio mais que lhe chamaſſem Maria de Bairros, ſe naõ Maria da Coroa.

Em caſo de ſangria, mas com mayor perigo, foy tambem o ſegundo que prometemos. Governava a caſa, e Corte do Porto o Conde de Miranda Anrique de Souſa decendente do grande meſtre da Ordem de Chriſto dom Lopo Dias de Souſa, e herdeiro, e poſſuidor de ſua caſa. Tinha enferma huma filha moça, e de grandes partes. Parecendo que ſe devia ſangrar, perturbouſe o official com ſer o melhor da terra, de ſorte que errou mais onde mais dezejava acertar, e naõ picou nervo que muitas vezes tem facil cura: mas cortou arteria, que poucas he remediavel. Conheceoſe logo o dano, porque ſahia o ſangue, naõ com corrente continuada, como faz o das veas, mas com hum movimento interpolado, qual he o do pulſo. Ficou o homem fora de ſi conhecendo o erro. Acudiraõ Cirurgioens, e Medicos, naõ avia tomar o ſangue, nem eſperança de ſoldar a arteria reſpeito da agitaçaõ continua, com que ſe movem todas imitando a reſpiraçaõ de que vivemos. Era grande a deſconſolaçaõ dos pays, como he de crer, e da enferma que deſejava, e merecia viver. Mas crecia o perigo: lembrava, e temiaſe caſo ſemelhante ao que ſe tinha viſto poucos annos atràs em duas ſenhoras principaes em Lisboa: huma irmam do Conde de Villa franca Ruy Gonçalves da Camara, outra irmam de dom Jorze de Almeida Arcebiſpo de Lisboa, que ambas por eſte modo morreraõ a ferro, e maons de ſangradores. Como ſe vio que naõ obravaõ os medicamentos, antes começavaõ a aparecer ſinaes de mayor mal, naõ podendo a enferma repouſar com graveza de dores, acudio toda a caſa aos remedios do Ceo. E foraõ correndo ao Convento com recado do Governador, que com muita efficacia pedia lhe acudiſſem os Padres com a ſanta toalha de Jeſu, de quem ſò eſperava o remedio. Era Prior o Pa-

o Padre Frey Antonio Maſcarenhas. Mandoua com o Suprior, e outro Padre. Foy couſa de maravilha, e de grande gloria, e louvor de Deos. Porque no meſmo momento, que lha poſeraõ ſobre o braço, foy livre das dores, ſoldou a arteria, e brevemente cobrou ſaude: o goſto da qual foy o Governador celebrar no Convento com huma Miſſa ſolene no altar de Jeſu, e muitas eſmollas por graças. Mas agradeceo-a melhor quem a recebeo. Porque dahy a poucos annos do meyo das grandezas, e eſperanças da Corte, e caſa da Rainha dona Margarida de Auſtria, a quem ſervia, ſoube dar de maõ a tudo, e contentarſe com huma cella eſtreita, e pobre de hum Moſteiro de riguroſa obſervancia, onde ſe recolheo, e profeſſou.

Pois tratamos de milagres, que neſte Convento teveraõ ſua origem, naõ he rezaõ deixarmos de dizer, como ſendo os Padres delle ajudados de toda a cidade a feſtejar a canonizaçaõ do glorioſo Saõ Jacinto Frade noſſo no anno de 1595 com huma ſoleniſſima prociſſaõ, moſtrou Deos aceitar o ſerviço que ſe lhe fazia em honra de ſeu Santo com muy conhecidos, e provados milagres em favor de alguns moradores da meſma cidade. Os quaes naõ eſpecificaremos por ſerem notorios affi eſtes, como outros muytos com que o Santo ſe fez celebre, e eſtimado por todo o Reyno naquelle tempo: e tambem porque naõ ſaõ direitamente da obrigaçaõ deſta Hiſtoria.

CAPITULO XVI.

De alguns filhos deſte Convento: e das reliquias que nelle ha. E outras particularidades.

ANtes de entrarmos na materia propoſta no titulo deſte capitulo, porque ha de ſer ultimo das couſas do Porto, farey repoſta a huma duvida que ſe offerece no que temos eſcrito deſte Convento. E he que o Biſpo na carta, que eſcreveo ao Capitulo de Burgos, offereceo Igreja ſagrada: e deſpois dizemos, (e aſſi conſta do Breve do Papa) que elle lançou a primeira pedra na fabrica della. Iſto, em que parece aver contradiçaõ, tem duas repoſtas. Porque ou podemos dizer que ſe fez de novo ſomente a Capella mòr, que conſiderado o eſtado preſente da obra, naõ ha duvida ſer edificio mais moderno que o corpo da Igreja, inda que o genero de fabrica ſeja o meſmo; e nella faria o Biſpo a cerimonia dita: com que ſe ficaõ ſalvando as palavras do Breve entendendo o todo pola parte: ou que a prometida Igreja ſeria em poſto taõ deſacomodado pera ſe poder eſtender o Convento, que teriaõ os Frades por menos mal fabricalla de novo em ſitio largo, e capaz. Se naõ quizermos dizer que ouve tudo junto, darſe Igreja feita, e mais levantarſe outra de novo: podendo ſer a velha a meſma, que hoje vemos encoſtada à nova, que he huma ermida a que ſe ſobe por huma eſcada alta, e ingreme, que por tal deſcomodidade, e ſer couſa pequena naõ eſcuſava o

Convento outra. E he taõ antiga que naõ ha entre nòs memoria de ſua fundaçaõ : avendoa dos principios da confraria que nella inſtituiraõ os mercadores por hum contrato celebrado no anno de 1556 entre o Convento, e os primeiros mordomos.

Agora diremos dos filhos do Convento, e diremos de poucos, e pouco de cada hum, pola rezaõ que muitas vezes tocamos, e muitas nos ha de ſer forçado repetir, da humildade, ou brio dos Religioſos daquelle tempo, que queriaõ fazer couſas dignas de eſcritura, antes que eſcrevellas, correndoſe de lançar em livro as que eraõ de honra, e louvor proprio. E quanto a my baſtante Cronica he da virtude, e ſantidade de todos os Padres daquella idade, e muitas ao diante, a Carta do Biſpo dom Pedro, e as rezoens com que ſe deraõ por obrigados (leaõſe com attençaõ) elle, e o ſeu Cabido pera os chamarem, e naõ menos o amor com que toda huma Cidade ſe armou por elles no tempo dos desfavores do Biſpo. Com muita confiança os poſera eu em Catalogo de varoens inſignes, ſe ſoubera ſeus nomes, poſto que de feitos particulares me naõ conſtara. Mas atè diſto foraõ pera com noſco taõ avaros, que sò de Frey Gualtero, e de ſeu companheiro nos deixaraõ memoria, a qual devemos celebrar por rezaõ de fundadores, e polo peſo de trabalhos, e contradiçoens que padeceraõ no officio ; e em Frey Gualtero temos mais a opiniaõ que delle teve a Raynha dona Mafalda, como logo ſe dirà.

A caſo achamos lembrança do Meſtre Frey Domingos do Porto, nome que por filho do Convento, como era, e natural da terra lhe competia. Foy peſſoa de tantas partes de religiaõ, e eminencia de letras, que o eſcolheo o Papa Nicolao III. pera ſeu Penitenciario em Roma. E pola grande ſatisfaçaõ que avia de ſua inteireza, e virtude foy conſervado no cargo polos ſucceſſores Celeſtino Quinto, e Bonifacio Oitavo. De Roma como bom filho reconheceo a mãy que o criara, mandando a eſta caſa algumas peças de prata ricas pera o altar : entre as quais era hum grande, e fermoſo Caliz dourado, e guarnecido de huns engaſtes de eſmeraldas. Mandou mais alguns ornamentos Sacerdotaes, e entre elles avia hum muito rico. A eſtas peças ajuntou huma copia de dinheyro pera effeito de ſe lhe fabricar na caſa huma Capella de Santa Marta de quem era devoto, com huma enfermaria, de que avia falta. Dura a memoria do que mandou, e ordenou do dinheiro, naõ do que ſe fez. Elle faleceo em Roma.

Filho era tambem deſte Convento, mas de tempo mais moderno, Frey Alvaro do Porto, que polas boas calidades que nelle concorriaõ, achandoſe em Roma chegou a ſer Capellaõ do Summo Pontifice. Mas naõ eſquecido do que devia à criaçaõ, mandou algumas eſmolas a eſta caſa, e vive ſua memoria na vidraça grande da Sacriſtia, que fica defronte da porta, que ſe fez com parte dellas.

Nas Cronicas deſte Reyno na parte onde ſe eſcreve a jornada que el Rey dom Joaõ o Primeyro fez à Cidade de Ceita em Africa, quando a ganhou aos

Gomezianes L. da tomada de Ceita f. 36.

aos Mouros, achamos apontado, que eſtando em oraçaõ hum Religioſo filho deſta caſa, huma noite deſpois de Matinas diante do altar de Noſſa Senhora do Roſario, ſe lhe repreſentou à viſta o meſmo Rey armado de todas armas, e poſto de joelhos diante da Senhora com as maons ao Ceo levantadas: e vio que lhe metiaõ na maõ huma eſpada que de luzente, e acicalada lançava de ſi tal reſplandor que naõ tinha comparaçaõ com couſa da terra. E naõ comprendendo quem lha dava, todavia ficou entendendo ſer couſa celeſtial. Naõ declara a Cronica o nome do Religioſo: nem nòs o pudemos alcançar por outra via. Gram caſo, que contem hiſtoriadores ſeculares couſa de honra de noſſa Religiaõ, e pera nòs ſejaõ eſtranhas. Boa prova de noſſo deſazo no que nos toca, que na verdade tem pouca deſculpa.

Ha neſte Convento huma reliquia de grande preço, pola calidade della, e pola maõ de que veyo. He huma Cruz feita do ſagrado lenho da em que padeceo Noſſo Salvador. Foy dadiva da Raynha dona Mafalda, que tambem falecendo nos quiz obrigar com novos penhores, alem dos que nos deu de ſua devaçaõ em vida, que temos contado. E he de conſiderar, que acabando ſeus dias no Moſteyro de Arouca, onde ficava ſepultada, quiz antes pera nòs eſta precioſa reliquia, que pera o ſeu Moſteiro. Que naõ pode ſer mayor prova de amor, e da grande opiniaõ que tinha dos moradores do noſſo. Deixou-a em teſtamento com declaraçaõ que fora de Santa Elena, que he ponto de muyta ſuſtancia, porque ſe naõ devia fundar em congeituras leves. Deixounos mais outra reliquia de valor, que he hum oſſo do Santo Martyr Saõ Bras. E ajuntou às reliquias huma honrada eſmola de duzentos morabitinos, que ſe eraõ douro, valia cem mil reis, como atràs fica dito, e cem medidas de paõ, que declara ſeja do melhor do ſeu celeiro de Bouças. A verba do teſtamento, que ſe guarda no Convento, he do teor ſeguinte.

Mando Monaſterium fratrum Prædicatorum de Portu crucem de ligno Domini, quæ fuit de Sancta Helena: & os Sancti Blaſij, quod dederunt mihi Hoſpitalarij, & ducentos Morabitinos veteres, & centum modios de pane meliori cellarij mei de Baucis. Eſta he a verba: o teſtamenteyro foy Frey Gualtero, que entaõ tinha o cargo de Prior do Porto; e pois eſta Princeza o eſcolheo pera tamanha honra, bem conhecia que eſtava nelle bem empregada.

De tempo immemorial vai todos os dias hum Religioſo deſta caſa à Sè, ler huma liçaõ de caſos de conſciencia aos Clerigos, e todos os mais que querem ſer ouvintes. Por eſte trabalho daõ os Biſpos huma eſmola perpetua.

Da meſma maneira vay outro viſitar todas as nàos eſtrangeiras, principalmente as que vem de terras ſoſpeitoſas de heregia, pera ſe evitar a entrada de livros danados. He commiſſaõ que os Priores tem do Inquiſidor geral.

CA-

CAPITULO XVII.

Da fundaçaõ do Real Convento de Lisboa.

O Convento de S. Domingos de Lisboa he obra Real des da primeira pedra. Foy fundador el Rey dom Sancho Segundo no nome, e Quarto no numero, e ordem dos Reys deſte Reyno. Conſtanos por documentos autenticos que temos vivos em ſua origem no Cartorio delle, os quais daremos tresladados de verbo ad verbum, e traduzidos em vulgar, aſſi por honra do autor da obra, que na verdade era de ſeu natural pio, e amigo da Religiaõ, como porque naõ faltaõ eſcritores que queiraõ dar eſta fundaçaõ a ſeu irmaõ, e ſucceſſor no Reyno o Conde de Bolonha, que foy dom Afonſo III. dos Reys deſte nome. A rezaõ que teveraõ huns foy tirada da pedra que hoje vemos ſobre a porta das graças do meſmo Convento, (chamamos porta das graças a que dà ſervintia da Igreja pera o clauſtro: e o nome he do effeito de entrarem por ella os Religioſos quando ſaem do Refeitorio, e vaõ juntos ao Coro dar graças ao Senhor polo paõ cotidiano, e encomendarlhe juntamente as almas de todos aquelles que com ſuas eſmolas nos ajudaõ a ſuſtentar.) E porque, como a letra della faz autor do edificio do templo a el Rey dom Afonſo, tomando o todo pola parte, naõ era engano muito culpavel, mas foy engano. Outros conſiderando o eſtado do Reyno quanto ao governo publico, e aos ſojeitos que aviaõ de povoar a caſa, deviaõ ter por impoſſivel que em tal tempo ſe deſſe conſintimento pera a fabrica, e era o diſcurſo acertado. Porque do governo eſtavaõ apoderados homens, de cujos coſtumes, e conſciencias avia queixas publicas: e o gaſalhado avia de ſer pera Religioſos, cujas prègaçoens jà entaõ eraõ huma perpetua invectiva clara, e deſcuberta contra eſſes meſmos homens (muitas vezes o temos apontado atràs obrigados do curſo da Hiſtoria, que pera ſer entendida nos fòrça a repitir as meſmas couſas mais de huma vez.) Mas ſoltaſe a duvida com duas rezoens muito achadas. A primeyra da bondade del Rey que amava a virtude nos meſmos que lhe eraõ peſados, e ſofria o ſeu deſgoſto a troco do que ganhava o povo em os ter conſigo. A ſegunda da manha, e artificio dos poderoſos privados: que como todo animal, por toſco, e inhabil que ſeja, he por natureza pera ſua conſervaçaõ engenhoſo, ou ſe queriaõ congraçar com os Frades que temiaõ, ou vender hypocreſia ao Summo Pontifice que a el Rey, e a elles reprendia: e daqui nacia que folgando el Rey de edificar, naõ reſiſtiſſem elles. Aſſi foy a obra del Rey dom Sancho, ſeu o penſamento, ſua a traça: e o principio no anno do Senhor de 1241, e no meſmo aceitada pola Ordem, ſendo Provincial o Santo Frey Gil, prerogativa grande deſte Convento. Quiz el Rey que ouveſſe no começo toda ſolenidade Eccleſiaſtica. Eſtava Lisboa em Sede vacante, aproveitouſe de hum Biſpo Eſtrangeiro que andava na Cidade. Pediolhe por car- 1241.

carta ſua que fizeſſe a cerimonia. Deraõ ſua licença o Dayaõ, e Cabido. Com ella poz o Biſpo a primeyra pedra no edificio, ao que ſe pode colligir, por fim de Fevereyro, ou entrada de Março (porque do dia preciſo naõ conſta) do anno ſeguinte de 1242, e paſſou ſua certidaõ do feito eſtando em Santarem, que he do teor ſeguinte. 1242.

F. *Dei gratia Regenſis Epiſcopus vniuerſis præſentes literas inſpecturis ſalutem in Domino. Cum eſſemus in Vlisbonenſi Diœceſi conſtituti, Dominus Rex Portugalliæ precibus apud nos inſtitit, ſpeciales nobis literas deſtinando, vt in quodam loco circà civitatem Vlisbonenſem, qui dicitur Corredoura, vbi Monaſterium Orainis Fratrum Prædicatorum conſtruere proponebat, primarium lapidem poneremus. Vt autem nobis licitè competeret, preces regias effectui mancipare, fuerunt nobis ex parte Capituli Ulyſſiponenſis, eadem Eccleſia debito Paſtore vacante tales literæ præſentatæ. Notum ſit omnibus præſentes literas inſpecturis, quòd nos Decanus & Capitulum Ulysbonenſe damus licentiam Fratribus Prædicatoribus conſtruendi Monaſterium apud Ulisbonam. Intelligimus etenim quòd hoc proueniat ad honorem Eccleſiæ noſtræ & ſalutem animarum. Et vt hæc conceſſio robur obtineat firmitatis, ſigillo noſtro eam fecimus communiri. Datum apud Ulisbonam XIII. Kal. Nouembris anno Domini* 1241. *Item aliæ ſub hac forma. Venerabili in Chriſto Patri ac Domino F. Dei gratia Regenſi Epiſcopo Capitulum Vlisbonenſe reuerentiam cum ſalute. Paternitatem veſtram duximus attentiùs deprecandum, quatenus in eis, quæ Fratribus Prædicatoribus noſtræ Diœceſis, quæ ad officium Epiſcopale ſpectant, occurrerint neceſſaria, dignemini Epiſcopale officium exercere, Dominationi veſtræ ſuper prædictis celebrandis licentiam tribuentes. Datum apud Ulisbonam quinto Idus Februarij. Harum igitur autoritate literarum voluntati prædicti Regis inclinati in prædicto loco primarium lapidem impoſuimus ad Monaſterium Fratrum dicti Ordinis conſtruendum. Datum apud Sanctarem ſeptimo Kal. Aprilis anno Dom.* 1242.

A tra-

A traduçaõ he.

F. Por merce de Deos Biſpo Regenſe a todos os que as preſentes letras virem ſaude no Senhor. Achandonos no Biſpado de Lisboa, nos mandou pedir por carta ſua o Senhor Rey de Portugal, que lançaſſemos a primeyra pedra no edificio do Convento que pretendia fazer pera os Frades Prègadores no ſitio que chamaõ a Corredoura junto à Cidade de Lisboa. O que querendo nòs pòr em execuçaõ, pera o podermos legitimamente fazer, eſtando a dita Igreja, como eſtà, em Sè vacante, nos foraõ preſentadas humas letras de parte do Cabido della, cuja ſentença era eſta. Saibaõ quantos eſtas letras virem, que nòs Dayaõ, e Cabido de Lisboa damos licença aos Frades prègadores pera edificarem Moſteyro neſta Cidade. Porque entendemos que reſultarà de tal obra honra pera noſſa Igreja, e ſerà meyo de ſalvaçaõ pera as almas. E pera que eſta licença tenha força, e vigor, a confirmamos com noſſo ſello. Em Lisboa aos vinte de Outubro anno do Senhor 1241.

Tambem nos foy dada huma carta do meſmo Cabido que continha o ſeguinte.

AO veneravel em Chriſto Padre, e ſenhor F. Biſpo Regenſe, o Cabido da Sè de Lisboa, reverencia, e ſaude. Pareceonos pedir com boa conſideraçaõ a V. P. que nas occaſioens de neceſſidade, que aos Frades Prègadores ſe offerecem em couſas tocantes ao miniſterio Epiſcopal, ſeja voſſa Senhoria ſervido executallo, porque pera as tais lhe damos licença. Em Lisboa nove de Fevereyro. Por tanto em virtude deſtas letras deſejando nòs ſatisfazer ao dito Senhor Rey, fomos ao ſitio acima declarado, e aſſentamos a primeyra pedra pera ſe proſeguir a obra do dito Convento que ſe determinava fazer. E eſta paſſamos em Santarem aos 26 de Março anno do Senhor de 1242.

Por

Por eſta certidaõ do Biſpo, que inclue outra certidaõ, e carta do Cabido, ſe deixa bem ver que naõ foy outro o fundador do Convento ſe naõ el Rey dom Sancho, viſto como neſtes annos de 241 e 242 reynava pacificamente, e baſta nomearſe o anno, inda que ſe naõ declare o nome do Rey. E de naõ eſperar polo Biſpo proprietario, que devia eſtar eleito, e naõ confirmado: nem por outro do Reyno, que fora couſa facil, ſe collige claramente que avia apetite na obra, e deſejo que correſſe logo: ſegundo a qual vontade, e o pouco feitio das noſſas fabricas naquella bendita idade, que sò nas do eſpirito ſe alargava, e eſmerava, podemos ter por certo que foy dizer, e fazer: iſto he que foy o Convento logo acabado. E temos bom argumento no teſtamento que eſte Rey pouco deſpois fez no deſterro de Toledo, no qual deixando eſmolas, como atràs contamos, pera as obras do noſſo Convento de Santarem, porque ſabia eſtarem em aberto, nenhuma mençaõ fez do de Lisboa, como de caſa perfeita de todo ponto, e ſem neceſſidade. E na verdade pera dormitorios, e officinas terreas, feitas à medida de noſſas conſtituiçoens, e pera Igreja proporcionada poucos meſes baſtavaõ de trabalho.

Achamos por memorias antigas que entrava por eſte ſitio hum grande eſteyro do mar, que devia ter fundo pera agaſalhar navios: do que vimos por noſſos olhos certeza, naõ sò conjeituras no anno de 1571 quando ſe abriaõ os aliceſſes pera o dormitorio que agora ſerve. Porque ſe deſcobriraõ ſylhares de pedraria bem lavrada, e a partes groſſas argollas de bronze travadas, e pendentes della, como em caiz, pera ſervirem de amarrar navios: e por outra parte montes de caſca de mariſco. Donde naõ fica ſendo maravilha que ouveſſe outro tal eſteyro, que ſubiſſe atè o Moſteyro de Chellas polo valle de enxobregas, no tempo que aly aportaraõ as reliquias dos Santos Martyres, ſendo o caſo ſuccedido muytos centenares de annos antes, como atràs contamos.

Reſtanos declarar a terra, e nome do Biſpo eſtrangeiro, ou a rezaõ de darmos ſeu nome em cifra, e o Biſpado quaſi da meſma maneira. Quem tiver lido com attençaõ o que temos eſcrito atè aqui, naõ creo que me pedirà rezaõ da Cifra, pois nos temos queixado do termo de eſcrever antigo no que pertence a nomes proprios, em que muitas vezes he neceſſario adivinhar, e neſte nos aconteceo o meſmo. Da Igreja naõ temos duvida que ſeria a de Regensburgh em Alemanha, cujo nome Latino he Ratisbona.

CAPITULO XVIII.

Funda el Rey dom Afonſo Terceiro a Igreja grande do Convento, fazlhe doaçaõ de muitos chaons, e terras à roda. Contaõſe alguns trabalhos que ouve na caſa por cheyas, e tremores de terra.

NAõ eraõ bem paſſados ſeis annos deſpois de acabado o Convento por el Rey dom Sancho, quando ſeu irmaõ, e ſucceſſor el Rey dom Afonſo moſtrando bem a differença que

vay de homem a homem na condiçaõ, e grandeza de animo emprendeo a maquina do templo que hoje vemos, maquina famoſa pera o tempo preſente, quanto mais pera o antigo, que bem olhada por toda parte, e conſiderado o pouco que entaõ era Portugal eſtà teſtemunhando em ſeu autor hum eſpirito merecedor de grandes Reynos. E ou foſſe porque a Igreja que ſeu anteceſſor fizera naõ era capaz do povo que ſe ajuntava às prègaçoens, e officios Divinos: ou que quizeſſe moſtrar a devaçaõ que tinha à Ordem, e o que lhe devia polo muyto que os filhos della trabalharaõ no negocio de ſua entrada, e ſucceſſaõ no Reyno por mandado do Summo Pontifice: e juntamente pretendeſſe illuſtrar a cidade com magnificencia de edificios, que he a couſa que mais emnobrece os lugares grandes, naõ eſperou pera lhe dar principio mais que aſſentar os negocios do Reyno. E entrando o terceiro anno de ſeu Reynado, que foy quarto deſpois de chegado a Portugal, porque o nome de Rey naõ tomou ſenaõ por morte de ſeu irmaõ dom Sancho que viveo hum anno em Toledo, poz maõ na obra com taõ boa vontade que em termo de dez annos a deu acabada. Tudo conſta de huns verſos Latinos abertos de letra Gotica em huma pequena pedra ſobre a porta das graças, como atràs tocamos. E ſaõ os ſeguintes.

Strenuus Alfonſus Rex Quintus Portugalenſis,
Illuſtris Dominus Comitatus Bolonienſis,
Qui dilatauit regnum patris, & reparauit,
Ac extirpauit prauos, hoſtes ſuperauit,
Iſtius Eccleſiæ iecit fundamina magnis
Sumptibus, egregiè compleuit quinque bis annis.
Annos millenos Domini, decieſque vigenos,
Ac quinquagenos, minus vno, collige pleno.
Cum Rex incipiens opus hoc produxit in eſſe
Annos tres faciens ex quo Rex cœperat eſſe.

A eſte modo de verſos com reſpondencia de conſoantes nos cabos chamaraõ Leoninos os que os começaraõ a uſar. Introduziraõſe no mundo, quando foy faltando a policia da lingoa Latina, e a viveza de ſua Poeſia. Durou eſta em quanto Roma triunfava, entrou a baſtarda, e barbara com a declinaçaõ do Imperio. Devia nacer o nome do primeyro autor da invençaõ, porque a calidade della naõ merece por ſi nome magnifico, viſto como aquillo meſmo, em que foy fundar ſua graça, que he junta de conſoantes, ſempre ſe reprovou entre os bons Poetas Latinos, e lhe chamavaõ cacofonia, que he o meſmo que huma falſa na muſica, ou deſentoamento que offende as orelhas. Mas podemoslhe conceder o nome honrado à conta de que fi-

zeraõ

zeraõ paſſagem, e como fundamento pera o genero de Poeſia vulgar que hoje uſamos, agradavel já, e bem recebido à força do tempo, e do coſtume. E tornando à Hiſtoria a ſignificaçaõ delles he eſta.

O valeroſo Afonſo dos Reys de Portugal em ordem Quinto, ſenhor illuſtre do Condado de Bolonha, que o Reyno de ſeu Pay reſtaurou, e alargou, e alimpou de gente roim, e desbaratou ſeus enemigos, foy o que fundou eſte templo com grandes deſpeſas, e o acabou com toda perfeiçaõ em eſpaço de dez annos. Corria o do Senhor de 1249 quando começou a obra, e avia tres que reinava.

Iſto he o que dizem os verſos. Pera os naturais naõ ha que advirtir nelles, porque he a hiſtoria mais trilhada de quantas ha no Reyno. Aos de fòra advirtiremos que ſe naõ enganem com eſta Bolonha pola ſemelhança que tem no nome com outra de Italia. Eſta, de que falamos, he em França, ſeu nome oje Bilhon, o ſitio, ſobre o mar Oceano, a Provincia, Picardia. Era Condado honrado, e rico: a ſenhora delle viuva, e moça. Caſou dom Afonſo com ella pera viver, porque era pobre Infante ſem terras, e ſem herança. Fez o caſamento ſua tia a Raynha de França dona Branca irmam da Raynha de Portugal dona Urraca ſua mãy. Chamavaſe a Condeſſa Matildes, e naõ ouveraõ filhos.

Se ſobre tanta clareza ouver ainda algum eſcrupuloſo que todavia queira por fundador do Convento a eſte Rey antes que a dom Sancho, remetoo ao teſtamento do meſmo Rey dom Afonſo, e peçolhe que ſe naõ deſengane ſem o ver. He feito em Lisboa a 23 de Novembro de 1271 alguns annos antes que faleceſſe. Nelle acharà que deixando eſmolas a todos os Conventos do Reyno, quando fala no de Elvas diz que ſe lembra delle, porque o fundou, e ſaõ as palavras formais: *Item Fratribus Prædicatoribus de Elbis centum libras, quia ego fundaui Monaſterium hoc in hæreditate mea.*

E deixando a eſte de Lisboa a eſmola dobrada, ou por ſer caſa de mais Frades, ou porque ſe mandava depoſitar nelle, naõ lhe dà titulo de obra ſua, como dera, ſe o fora, pola aventagem que avia de hum a outro.

Ficou eſte Convento, polo que temos moſtrado fabrica de dous Reys, e dous irmaons: mas ſem lhe porem por iſſo nenhuma carga de obrigaçoens: tambem lhe naõ deixaraõ ordinaria nenhuma, nem eſmola perpetua ſequer pera reparo do edificio, ou pera as alampadas, como puderaõ fazer, (inda que noſſas Communidades viviaõ entaõ ſem rendas) com particular applicaçaõ: devia ſer naõ quererem os Prelados quebrar hum ponto da obſervancia das leys admittindo em caſa rendas, por muy juſtificado que foſſe o titutulo. O que sò admittiraõ foy, a fim de ficarem os Religioſos livres de perturbaçaõ de vizinhos, huma doaçaõ que el Rey dom Afonſo lhes fez deſpois da Igreja levantada, dos chaons, e terras que cercavaõ o Convento, começando das que ſe eſtendiaõ atè onde agora he a porta de Santo Antaõ: por onde corria a eſtrada que chama-

vaõ a Corredoura : e voltando ſobre a maõ direita, aſſi como agora ſobe o muro atè o poſtigo de Santa Anna, e decendo com elle atè o baixo onde ſaõ os canos da Mouraria : e daly correndo pera a Igreja de S. Matheus, por onde hya outra eſtrada, e dando volta polo que agora he a rua da Beteſga, ficando dentro deſſe circuito, e como em Ilha a Ermida de Saõ Matheus com as caſas do Conde de Monſanto, e tudo o que toma o hoſpital del Rey, atè tornar àjuntar com o Convento. Naquelle tempo eraõ terras devolutas de que o povo ſe ſervia ſem aver dono particular dellas, em telhaes, e fornos de tijolo por huma parte, e por outra em ſementeiras de ferregeais, e hortaliças. O muro, que hoje as cinge, ſe lançou longos annos deſpois como a cidade foy em crecimento. Eſta mercè que entaõ ſe aceitou por ſer de terra deſaproveitada, e baldia, e ſem olho a intereſſe, veo deſpois a importar muyto. E importara mais, ſe el Rey dom Joaõ Primeyro naõ tomara ao Convento o grande ſitio que occupou com a Real fabrica do ſeu hoſpital.

Aſſi como o Convento era apraſivel por deſabafado, e livre de ſogeiçaõ em quanto eſtava fora de povoado : aſſi deſpois que a cidade ſe alargou, e foy crecendo, e caminhando pera a grandeza que hoje tem, ficou no melhor poſto della entre todos os Conventos. Porque eſtà como no centro, e coraçaõ do lugar, na parte mais plana, e mais habitada, e de mais concurſo delle, e ſuas portas na melhor praça. Mas como em tudo ha defeitos, pagaraõ os Religioſos eſtas commodidades no tempo antigo com muitos medos, e perigos, e no preſente tambem com alguns. Era a cauſa que nos primeiros annos antes de aver edificios à roda, todas as agoas que corriaõ do monte, e campo de Santa Anna, e do grande valle, que ainda hoje ſe chama da Mouraria, vinhaõ demandar os muros da Igreja, e Convento, como a huma barreira : e tanto que as invernadas paſſavaõ do termo ordinario, o que muitas vezes acontecia, faziaõ nelle grandes danos: principalmente ſuccedendo decer a força das agoas da terra em conjunçaõ de alguns eſtos mayores do mar, porque entaõ naõ ſò ficava impedida a vazante às da terra, mas ajudavaõſe ſuas enchentes com o crecimento do mar, e do Rio que tambem ſahia de madre: e toda eſta furia vinha a cair, e quebrar ſobre o Convento. Achamos poſto em lembrança que alguns annos ſe viraõ os Religioſos em grande trabalho. Aſſi devia ſer em huma famoſa chea de que faz mençaõ o livro das Calendas da Sè, que deu muyta perda na cidade, e foy em 4 de Janeiro de 1343. Mas quarenta 1343.
e hum annos deſpois no de 1384 1384.
em 24 de Outubro foraõ as agoas taõ crecidas, taõ arrebatadas, e impetuoſas, que aſſolaraõ toda a cerca do Convento, e levantaraõ nelle altura de quatro covados, e meyo de agoa (aſſi o apontaõ as memorias que temos) e deixando feita irreparavel deſtruiçaõ em todas as Officinas, foraõ ſair polas portas da Igreja com tal força, que arrombaraõ as paredes de que era

cer-

cercado o Alpendre; e como toda a caſa era terrea, foy laſtimoſa couſa o eſtado em que ficou tudo o que avia de ornamentos, livros, proviſaõ, camas, e veſtidos. Pera naõ aver mortes valeo o pouco ſono, ou a vigia continua dos Frades. Em ſemelhante aperto ſe acharaõ muytos annos a diante no
1488. de 1488 huma Terçafeira 16 de Setembro. E foi mayor o perigo, porque veyo o diluvio repentinamente, e em tempo que ainda ſe naõ temia nem eſperavaõ agoas: e engroſſou tanto, que naõ foy baſtante pera lhe dar evaſaõ a grande madre do cano que corre por detràs do Convento que a cidade tinha mandado abrir com grande deſpeſa tanto pera eſte fim, como pera limpeza da terra, e pola capacidade, e largueza, que tem, he chamado Real. Eſtiveraõ os pobres Frades alagados com altura de dez palmos dagoa por toda a caſa (ſaõ palavras formais da lembrança, que era altura de huma braça de craveira.)

De todos os Reys, em cujo tempo ſuccederaõ eſtas cheas, o primeiro que ſe doeo dos que padeciaõ os tormentos, e medos dellas, foy el Rey dom Manoel, que por eſſe reſpeito mandou derribar todo o edificio velho que era terreo, e fez lavrar, e levantar de novo hum dormitorio alto. Aſſim acabou a antiguidade da vivenda baixa que a todos dava cuidado. E naõ eſtaõ em pequena obrigaçaõ por tal obra a eſte Rey os Religioſos que ſe acharaõ no Convento por Dezembro do anno paſſado
1618. de 1618, no qual veo ſobre elle huma força de agoas ſemelhante àquellas antiguas no impeto, e abundancia, e tambem na occaſiaõ de marè; e achando porta aberta na cerca que era ſervintia de obra que ſe fazia em caſa de Noviços, meteo dentro hum mar de agoa com tal furia, que em todas as officinas baixas ſubio oyto palmos, e em algumas mais. Valeo muito a diligencia, e animo do Prelado: a diligencia em fazer dar ſaida às agoas, e o animo pera reparar as perdas ſem ſe ſintirem em caſa, e ſem ſer peſada fòra, nem aos amigos que jà apercebiaõ as bolſas pera groſſa deſpeſa.

Mas o reparo que el Rey dom Manoel fez contra as agoas naõ baſtou contra os outros elementos. Vieraõ tremores de terra em lugar dos diluvios, com igual medo, e mayor riſco. E ſuccedeo neſta cidade hum entre outros no anno de 1531 huma 1531.
Quinta feira 26 de Janeiro com abalos taõ deſcompaſſados que ſe ſez ſintir por mais de ſeſſenta legoas de diſtancia, e aſſolou lugares inteiros por todo Ribatejo, e por outras partes: e em Lisboa poz por terra muitas caſas fazendoas ſepulturas de ſeus donos. As ruinas que ouve entaõ neſte Convento ſe deixaõ entender do grande dano que recebeo a Igreja: porque ſendo fundada ſobre firmiſſimos aliceſſes com paredes de groſſura, e fortaleza pera muros de huma cidade, abriraõ todas as naves de alto abaixo, e ficou o corpo todo taõ eſtroncado, e desliado de membros, que por mais diligencias que ſe fizeraõ pola fortificar, polo alto com groſſas linhas de ferro, e polos lados com eſcoras de grandes botarèos de

can-

cantaria, foy com tudo neceſſario deſfazer deſpois grande parte della, e reedificalla de novo,
1566. como ſe fez polos annos de 1566 ajudando todos os moradores da cidade a obra com tanto ardor, e vontade, como ſe tocara sò a cada hum o bem della.

CAPITULO XIX.

Da antiguidade, e devaçaõ da Ermida de noſſa Senhora da Purificacaõ que commummente ſe chama da Eſcada.

HE contigua ao corpo da Igreja deſte Convento, e quaſi como parte, ou capella della da banda do Evangelho a Hermida que o povo chama de noſſa Senhora da Eſcada (ſendo ſeu proprio, e antigo titulo da Purificaçaõ) por ſer caſa de ſóbrado, e ſe ſobir a ella por muitos degraos de huma eſcada de pedra que cae no adro, e circuito que antigamente tomava a alpendorada que ficava diante della, e da porta principal da Igreja. A forma do edificio he eſtar aſſentada ſobre firmes abobadas de tres ou quatro capellas, que tem ſeus arcos, e ſerviço no andar da Igreja, e abrir ſobre ellas huma grande janela raſgada, e taõ alta que fica ſendo tribuna muy commoda para toda a Igreja, defronte das capellas de Jeſu, e do Roſario. Que rezaõ ouveſſe pera tal ſorte de fabrica nem ſe eſcreve, nem ſe comprende. Alcançalla por diſcurſo he trabalho ſem fruito, como ſerà tambem querermos averiguar os principios de ſua fundaçaõ, onde naõ ha eſcritura que nos dè luz. Muytos concordaõ em ſer a primeira caſa que na cidade ſe edificou a noſſa Senhora deſpois de lançados os Mouros. Mas he maravilha, ſe aſſi foy, naõ ſe falar nella na certidaõ do Biſpo Regenſe pera confrontaçaõ do noſſo Convento quando começava, nem em outras memorias delle. Se naõ quizermos dizer que nos ficava longe antes de edificada a Igreja por el Rey dom Afonſo, e que eſta foy meyo de a fazer noſſa. O que conſta de certo he que de tempos muito antigos foy frequentada com devaçaõ, e romagem, naõ sò do povo, mas tambem dos Reys. Do primeiro fundador naõ ha memoria. Reformador ſabemos que foy della hum Pedrafonſo Mealha vèdor da fazenda, e valido del Rey dom Fernando, que tem ſua ſepultura em huma das Capellas que lhe ficaõ debaixo: e merecenos bem eſta lembrança, pola que elle teve do remedio deſte Convento deixandolhe a Quinta que temos em Almada junto a noſſa Senhora da Piedade, que he boa parte da ſuſtentaçaõ delle. E de em tal tempo eſtar a ermida neceſſitada de reparo ſe collige bem que teria jà bons annos de anſianidade. Mas naõ faltaõ outros indicios que lha confirmaõ. E ſeja o primeiro acharmos em memorias antigas que todas as prociſſoens que a cidade ordenava, ou pera pedir a Deos remedio em neceſſidades publicas, ou pera lhe dar graças por mercès recebidas, a eſta Ermida vinhaõ. Nas Cronicas do Reyno ſe lè que avendo guerra entre elle, e o de Caſtella, pola ſucceſſaõ del Rey dom Joaõ o Primeyro, fez a cidade alguns votos pola vitoria: e entre elles prometeo hu-

huma prociſſaõ perpetua a eſta Ermida. Naõ ſerà deſagradavel aos curioſos lançarmos aqui hum pedaço de capitulo da Cronica deſte Rey, pera ſe ver a Chriſtandade de noſſos antepaſſados em negocear com Deos, e a veneraçaõ que tinhaõ à Ermida: e irà na meſma lingoagem, e termos do Croniſta, e diz aſſi.

Cronica del Rey dom Joaõ I. p.2.c.4.

E A fòra as preces, e oraçoens que por eſto cada dia tinham ordenado fazer, juntaraõſe todos na Camara da cidade, onde tinhaõ de coſtume de falar ſeus feitos. E mandaraõ chamar peſſoas Religioſas, Doutores, Meſtres em Theologia pera averem com elles conſelho, como averiaõ a Deos em ſua ajuda, e amanſado de alguma ſanha ſe contra elles por ſeus peccados tinha. (*E mais abaixo*,) e por tanto os officiais, e homens bons dos meſteres ouvindo as palavras daquelles Padres Prègadores, e querendo ſeguir ſeu conſelho, vendo como per muitos annos o povo da cidade fora amoeſtado em prègaçoens, que ſe partiſſe de alguns peccados, e danados coſtumes dos Gentios que ſe em ella de longo tempo uſaraõ, mormente erros de idolatria. (*E hum pouco adiante*) Por ende eſtabeleceraõ, e ordenaraõ prometendo a Deos guardar pera ſempre por ſi, e por ſeus ſucceſſores, que day em diante na cidade, e em ſeu termo nenhum naõ uzaſſe de feitiços, nem de chamar Diabos, nem deſencantaçoens, nem ſonhos, nem lançar roda, nem ſortes, nem outra nenhuma couſa a que a arte de fiſica naõ conſinta. E mais que nenhum naõ cantaſſe Ianeiras, nem Maias, nem outro nenhum mez do anno, nem furtaſſem agoas, nem lançaſſem ſortes, nem obſervança que a tais feitos pertença. E porque o carpir ſobre os finados he coſtume deshoneſto, e decende dos Gentios, ſendo eſpecie de idolatria defeza por Deos em ſeus mandamentos: por ende ordenaraõ, que homem nem molher nom ſe carpiſſe, nem depenaſſe, nem bradaſſe ſobre algum finado, poſto que foſſe padre, ou madre, nem filho, nem hirmaõ, ou marido, ou molher: nem por outra nenhuma perda, nem nojo: mas trouxeſſe ſeu dò, e choraſſe honeſtamente: e quem o contrario fizeſſe, que pagaſſe certa pena de dinheiro, e teveſſe o finado oito dias em ſua caſa. E porque os coſtumes dos Gentios ſe uſavaõ

vaõ em certos dias do anno, aſſi como dia de Janeiro, e dia de Mayo, e dia de Santa Cruz: eſtabeleceraõ que cada anno pera ſempre fizeſſem tres Prociſſoens por eſtes dias. A primeira na Sè Catredal, a ſegunda a Santa Maria da Eſcada por devaçaõ da Madre de Deos, a terceira que foſſe a Santa Cruz por ſeu ſerviço, e honra &c. *Atè aqui ſaõ palavras da Cronica.*

A primeira couſa que a cidade fez tanto que pola vitoria ſe vio obrigada ao comprimento deſtes votos foy ajuntar huma geral, e extraordinaria Prociſſaõ de todo o eſtado, e ſexo de gente, e ſem exceiçaõ de peſſoa vieraõ todos deſcalços render as graças por meyo deſta Senhora ao Senhor dos exercitos, que he o que dà as vitorias, como, e quando, e a quem he ſervido, e com aquella quaſi milagroſa deu por entaõ paz, e quietaçaõ no Reyno affligido.

Seguiraõſe logo as Prociſſoens prometidas nos dias aſſinados. A que tocava a eſta Ermida em primeiro dia de Mayo ſe ordenou ſempre com particular pompa, e ſolenidade. Punhaſe a caſa de feſta, armada de tudo o bom que avia na terra, e ornada de toda a freſcura de flores, e boninas que traz Abril: recebia a Prociſſaõ com ſolene Miſſa, e prègaçaõ. Eſta Prociſſaõ continuou aſſi longos annos, e por eſte dia. Mas deſpois que pareceo eſtar conſeguido o fim pera que fora inventada de extinguir as profanidades gentilicas que ſe uzavaõ em tal dia mudouſe com bom conſelho pera o da vocaçaõ da Ermida, que he o ſegundo de Fevereiro da Purificaçaõ da Virgem. Neſte ficou continuando perpetuamente por eſte modo. Saõ mordomos ſempre da Confraria da Senhora dous Cidadaons, os quais com o povo que ſe junta em grande numero aſſiſtem ao officio da bençaõ das Candeas que ſe faz na Capella de Jeſu, e della vaõ em Prociſſaõ com ſuas vèlas aceſas nas maons à Ermida em companhia de todos os Religioſos do Convento, que cantaõ a Miſſa ſolemne da Feſta, e ha prègaçaõ. Por eſte meyo ſe trocou a ſuperſtiçaõ danada em Feſtas religioſas, e ſantas, e foraõ arrancados os màos abuſos Gentilicos. E he couſa averiguada que foraõ autores deſte artificioſo conſelho os Frades deſta Ordem, e em eſpecial o Meſtre Frey Vicente de Lisboa, Provincial de Caſtella, e Portugal, e Inquiſidor geral de ambos os Reynos antes da diviſaõ das Provincias, como adiante o dirà a Hiſtoria. Entenderaõ aquelles Padres com bom diſcurſo que ſofre mal noſſa natureza mudanças ſubitas, inda que ſejaõ pera bem, e que folga de ſer enganada: uzaraõ de manha, acabou ella com ſuavidade, o que a violencia pudera endurecer mais.

P. 2. No Convento de Benfica.

Mas naõ era menos a devaçaõ que os Reys tinhaõ a eſta Senhora, e Ermida. El Rey dom Joaõ o Primeiro a mandou em ſua vida renovar com curioſidade. E deſpois no cabo della eſ-

eſtando enfermo em Alcouchete da doença de que faleceo, e ſintindoſe acabar, mandouſe trazer a Lisboa, e antes de entrar em ſua caſa veo a eſta a deſpedirſe, e tomar a bençaõ da Senhora della, e encomendarlhe ſua alma, e ſeus Reynos. Daqui ſe foy pera os Paços do Caſtello, onde ſe finou brevemente.

Eſte meſmo reſpeito, e devaçaõ permaneceo como por erança em ſeus filhos, e nos Reys ſeus ſucceſſores. El Rey dom Duarte ſeu filho, e primeiro ſucceſſor acrecentou a Ermida, e a poz no eſtado, e capacidade que hoje tem, e lhe fez eſmola pera arder huma alampada perpetua diante da Senhora.

O Infante Santo dom Fernando irmaõ del Rey dom Duarte quando ſe quiz embarcar pera a infelice jornada de Tangere, em que ficou cativo, neſta Capella ſe confeſſou, e commungou: e daqui ſe foy meter na nàо, e na meſma hora ſe fez à vèla com toda a Armada em
1437. dia de Santiago do anno 1437. Morreo eſte Infante no cativeiro por occultos juizos daquelle Senhor, que tudo governa com ſumma providencia, e juſtiça: mas eſta Senhora o animou nos trabalhos, e conſolou no ultimo artigo da morte aparecendolhe viſivelmente, e certificandoo da gloria que naquelle meſmo dia o eſperava: como adiante o contaremos.

Com melhor ſucceſſo fez ſemelhante deſpedida ſeu ſobrinho el Rey dom Afonſo Quinto filho del Rey dom Duarte no an-
1471. no de 1471, quando foy tomar Arzila, e Tangere aos Mouros. Acompanhado de toda a Corte veyo viſitar a Senhora na manhã do dia de ſua glorioſa Aſſumpçaõ, a quinze de Agoſto. Ouvio Miſſa, e deixandolhe eſmola pera arder outra alampada perpetua com a de ſeu pay, ſe foi embarcar, e no meſmo dia ſahio do porto.

Em caſo muito differente moſtrou elRey dom Manoel a veneraçaõ que em ſua alma tinha a eſta Ermida. Porque dandoſe por muy offendido, como era rezaõ, do deſaſtrado caſo que em ſeu tempo ſuccedeo no anno de 1506 da matança dos 1506.
Judeus, que de freſco eraõ bautizados, e mandando que no Convento de S. Domingos naõ ficaſſe nenhum Frade, porque nelle tevera principio a deſordem: logo exceituou o que tinha a ſeu cargo a Ermida, e eſte ſò ficou. Apontaõ as memorias antigas que ajudou a boa tençaõ del Rey ſer o Frade varaõ ſanto, e por tal avido em toda a cidade.

Naõ diſcrepou delle el Rey dom Joaõ Terceiro ſeu filho, quando foy o tremor da terra que atràs contamos do anno de 1531. Como o Convento ficou 1531.
todo desbaratado, e poſto em ruina, pedindolhe o Prior, que era Frey Afonſo de Madail, eſmola pera o reparo, mandoulha dar bem groſſa, mas com diſtinçaõ declarada da parte que dava pera remedear o dano que ouveſſe na Ermida, e na nave da Igreja que ſobre ella cae, como parte, e membro da meſma Ermida.

CAPITULO XX.

Da vida, e morte do Padre Frey Fernando do Cadaval Capellaõ de noſſa Senhora da Eſcada.

O Cargo deſta Ermida foy ſempre coſtume andar em Frades velhos, e de virtude callificada. Por morte do que aſſima diſſemos que o ſervia em tempo del Rey dom Manoel, deuſe a hum bom velho muito pio, e ſingello que tinha bem ſervido a Ordem, ſendo muitos annos Meſtre de noviços no Convento, e alguns Supprior. Era ſeu nome Frey Fernando do Cadaval. Vendoſe o velho ſacriſtaõ da Senhora, ouveſe por largamente pago dos trabalhos da longa vida: e era grande o goſto, e cuidado com que ſe empregava em ſeu ſerviço. Quando pola manhã hia abrir as portas chegavaſe ao altar, falava com a Senhora, encomendavalhe ſua alma, e ſua vida, pedialhe favor, e ajuda pera a ſervir bem aquelle dia, e em quanto viveſſe. Deſpois de falar com a Virgem, olhava pera o minino que tinha em ſeus braços, e como ſe o vira nelles quando a Senhora o criava, e na meſma idade que aly repreſentava, dezialhe ſeus requebros, e com ſanta ſimplicidade, e licença dos annos (que quando ſaõ muitos ſe tornaõ a igualar com os dos mininos) eſtendia as maons, e os braços, e dezialhe que ſe vieſſe pera elles, e deixaſſe os da mãy ſagrada; e com palavras pueris, e imperfeitas offerecia darlhe algum mimo da cella. Quando vinha à tarde fechar ſuas portas, e concertar as alampadas, rezava ſuas devaçoens à Senhora: e por remate dezialhe, que ſe acabava o dia, e entrava a noite, aviſando a quem era velho como elle, que naõ podia tardar cerrarſe tambem o dia de ſua vida, e entrarlhe por caſa a noite da morte. Que pera entaõ avia miſter ſeu ſocorro, entaõ ſe lembraſſe de quem folgava de a ſervir agora. Deſpediaſe logo do minino com novos amores, e pedialhe a maõ pera lha beijar, e prometia buſcar que lhe trazer pera o dia ſeguinte. Tornava pola manham cheyo de alvoroço pera aquelle ſanto trato, e nelle andava taõ embebido, e afervorado, que de nenhũma couſa outra da vida tinha lembrança. As primeyras violetas, que em Lisboa traz Dezembro dando novas anticipadas do veraõ, as primeyras roſas de Março começando a deſabotoar, os cravos, as moſquetas, e jaſmins, tudo buſcava ſegundo os tempos pera o ſeu minino, e pondolhe nas maons o que trazia, fazia offerta da innocencia de ſua alma, que ao Senhor mais agrada, accommodando ditos, e galantarias à idade de quem o recebia.

Aſſim continuava o velho o ſerviço de ſua capellania: e naõ ſe deſcuidando nelle hora nem momento, quiz o Senhor dos Ceos tambem por meyo da meſma imagem, em que era venerado, correſponder a ſua devaçaõ, e conſolallo. He couſa certa, e que foy viſta, e notada por Padres que algumas vezes o acompanhavaõ, que indo pola manham cedo abrir a ſua Ermida, achava o minino Jeſus aſſentado no meyo do altar ſobre a pe-

a pedra de ara. Ali eraõ novos amores, e o abraſarſe em devaçaõ: tomavao nos braços, e como outro Simeaõ pedialhe licença pera acabar ali a vida, porque a alma naõ era capaz de tamanho gozo, como recebia em tal eſtado: e beijandolhe os pès tornavao ao collo da Virgem. Outras vezes fazialhe perguntas como a minino, pera que decia ao altar, aonde teria frio: porque deixava os peitos da Senhora, em que eſtava mais abrigado, e melhor agaſalhado: e por remate tornavao a ſeu lugar. Eſtà a Imagem da Virgem ſobre o altar aſſentada em hum nicho alto, mas em ſitio taõ firme, e ſeguro que ſabidamente naõ era poſſivel cair o minino de noite: e quando ſuccedeſſe acaſo alguma vez, naõ podia ſer tanto a miude, como era achado embaixo: e quando demos que cahia muitas vezes, naõ ſe pode conceder que ſempre caiſſe direito, e aſſentado em hum meſmo lugar. Por onde naõ ha duvida ſe naõ que era obra do Altiſſimo pera conſolaçaõ daquella alma pura, como vimos que o fazia em Santarem agazalhando os mininos innocentes, e moſtrandolhes que aceitava os ſeus almorços. Pera confirmaçaõ diſto ſabiaſe que naõ entrava peſſoa viva na Ermida deſpois que a fechava, porque era taõ vigilante no ſerviço, e taõ cioſo della, que naõ fiava de ninguem as chaves, e dormia com ellas à cabeceira. Conſideravaſe tambem que avia myſterio em o minino ficar ſempre aſſentado ſobre o altar, porque era neceſſario dobrarſe, e fazer poſtura, e geito muito differente do que tem nos braços da Senhora: pera o que naõ dava lugar ſem milagre a materia de que he feito, que he pào. E em fim tudo eſtava perſuadindo obra do Ceo, e fòra do natural. Mas o bom velho, acontecendolhe iſto amiude, veo a ſintir o que lhe cuſtava tornallo à Senhora: porque era força pera o fazer, ſubirſe ſobre o altar: e hum dia queixouſe à Virgem dizendolhe com muitas lagrimas, e com ſimplicidade, e candideza de pomba, qual era a de ſua alma, que aquelle ſeu indigno Capellaõ era muito velho, e naõ tinha jà forças pera ſubir tantas vezes ſobre o altar a entregarlhe o minino Jeſus; que lhe pedia naõ no largaſſe de ſi, e a elle forraſſe tamanho trabalho. Mas o Senhor naõ deixava de exercitar o ſeu velho naquella facil penitencia, em que avia mais de mimo, que de fadiga: e algumas vezes, que naõ decia, fazia que quando vinha pola manham achaſſe ſobre o altar o chapeozinho que tinha na cabeça, que tambem era impoſſivel cayr ſem myſterio, porque no lugar naõ ha vento: e dado que o ouvera encaixava na Imagem tanto ao juſto, que naõ era leve de tirar, quanto mais de cayr. E o bom velho, inda que peſado, e canſado, naõ queria dar aquelle cargo a outrem, ſubia ao Altar cuſtandolhe muyto, e cobria o minino.

Mas naõ tardou novo exercicio de paciencia. Eisque abrindo hum dia pola manham, como coſtumava, ſuas portas, acha apagada a alampada que he obrigaçaõ arder dia, e noite. Pareceolhe grave culpa, ſintioa, deceo os degràos que ſaõ muitos pera a Igreja a buſcar lume.

Quando tornou o outro dia, tornoua a achar morta: entendendeo que era couſa feita à maõ, e à ſinte: porque o tempo eſtava quieto, a caſa bem fechada, o azeite limpo. Entaõ ſe queixou, e chorou: e acendendoa foyſe ao minino, e em todo ſeu ſiſo lhe diſſe com efficacia, que pois via quaõ velho, e fraco era pera ſobir, e deſcer muitas vezes taõ comprida eſcada, teveſſe elle cuydado de vigiar a ſua alampada, e naõ conſintir que lha apagaſſem, porque dali lha entregava. Porem o Senhor inda o quiz provar outra vez: quando veyo pola manham achou tudo às eſcuras: creceo a paixaõ, ſintindo com ſeu trabalho a pouca reverencia de ficar a Senhora ſem luz. Foyſe ao minino, queixouſe delle, pediolhe conta do deſcuido em couſa que tanto lhe encomendara: mas querendo tomar a eſcada pera yr buſcar lume, eisque ſubitamente a vio aceza. E deſde aquella hora nunca mais ſe lhe apagou. Foy opiniaõ dos Frades que o Demonio lhe fazia eſtes tiros pera o tentar, e provocar a ira: e fundavaõſe em ſaber que o perſeguia com muitos outros. Porque humas vezes lhe aparecia em figura muy propria de quem elle he, que era de porco, e grunhindo: e o Santo velho, naõ fazendo caſo delle, eſtendia a ponta da correa, e diſciplinavao com ella. Outras vezes recolhendoſe pera a cella, achavao na cama, e na meſma figura eſtirado entre as mantas: e com muito deſcanço, e ſem nenhum pavor (que pouco teme varas, e beliguins quem naõ deve à juſtiça) reprendiao, e dizialhe palavras formais: *Naõ vos tenho eu aviſado, dom previſo, que me naõ entreys neſta cella: ſus, levantar dahi muyto nas màs horas, que eſſa cama he muyto eſtreita pera dous. Quanto mais que naõ aceito eu taõ roim companhia.* E o enemigo deſaparecia logo. Continuou o Santo velho muytos tempos com eſta vida, e ſempre com raro exemplo de virtude. Em fim foyſe pera o Ceo cheyo de annos, e merecimentos em ſete de Outubro de 1555.

CAPITULO XXI.

Do Padre Frey Matheus de Ogeda Capellaõ de Noſſa Senhora da Eſcada.

SUccedeo a Frey Fernando no ſerviço da Ermida, e devaçaõ da Virgem outro velho taõ antigo na Ordem, e na idade como elle, e naõ menos eſtimado por religiaõ, e pureza de vida. Eſte foy Frey Matheus de Ogeda, nacido em Burgos nas montanhas, filho de pay Portuguez, e mãy Biſcainha, da qual tomou o apellido. Veyo a eſta provincia por companheiro do Padre Frey Jeronymo de Padilha, quando por mandado del Rey dom Joaõ ſe começou a reformaçaõ por meyo de alguns Padres de grande obſervancia que de Caſtella deceraõ a ſeu chamado, dos quais Frey Jeronymo vinha em primeyro lugar. E vindo a tal officio, bem acreditada fica a virtude do companheyro que pera elle eſcolheo. Era a virtude grande, e igual a habilidade em materia de papeis. Juntava com ella facilidade no negocear, e huma certa brandura natural com que ſe fazia amar

amar de ſubditos, e Prelados: de ſorte que morto o Padre Frey Jeronymo, fez o meſmo officio com outros quatro Provinciais ſucceſſivamente, e ſempre com ſatisfaçaõ de todos. No meſmo anno em que veyo ſe perfilhou por eſte Convento: e quando faleceo Frey Fernando do Cadaval, paſſava Frey Matheus muyto dos ſetenta annos. Aſſi pareceo por todas as rezoens que ſeria digno ſucceſſor do defunto: e bem o moſtrou nos annos que viveo, que ainda foraõ muitos, e vividos todos com ſingular exemplo de vida Contaõ os antigos que ſendo eſte cargo como genero de jubilaçaõ, e hum modo de ficarem apoſentados, e izentos de obrigaçoens os que tem trabalhado, e ſervido: elle o entendeo taõ differentemente, que ſervindo a noſſa Senhora com todo cuidado na ſua Ermida, nunca faltava de matinas no Convento. E affirmaſe delle que em todo o tempo que neſta Provincia reſidio, que foraõ trinta e oyto annos, nunca faltou nellas em qualquer Convento, que ſe achaſſe, nem uſando do privilegio que a força dos negocios dava quando era Companheiro, nem do mais forçoſo a que o obrigava a idade deſpois de apoſentado. Antes aconteceo que andando jà muito no cabo, dous annos, ou pouco mais, antes que faleceſſe, por ſe entender que tinha quaſi cento, foy mandado recolher na enfermaria pera ſer tratado como enfermo, pois era baſtante doença tamanha velhice. E com tudo ainda entaõ ſe fazia força, e naõ deixava de yr todas as noites rezar com a communidade as matinas de noſſa Senhora, dando fermoſo exemplo a todo o Convento. Parece que ou podia mais o habito continuado de tantos annos, que a fraqueza natural: ou que a obrigaçaõ de Capellaõ da Virgem lhe dava animo, e alento.

Mas he caſo quaſi prodigioſo que em quanto eſte Padre viveo, nenhum trabalho o quebrantava, nem o medo da morte o fazia buſcar mimos ou commodidades. Na grande peſte, que no anno de 1569 aſſolou Lisboa, ſendo feridos alguns Religioſos no principio do mal, quando fazia mais terror, e tudo era fogir; Frey Matheus os viſitava todos polo menos duas vezes no dia, e os confeſſava, e aſſiſtia com elles quando ſe lhe adminiſtravaõ os ſacramentos, e entravaõ em artigo de morte; e ſempre acudia ao officio da comendaçaõ da alma a cada hum. Nem os deixava deſpois de ſalecidos, antes quando ſe davaõ os corpos à terra tinha elle por devaçaõ levar a Cruz diante, e neſte miniſterio acompanhou aos que em caſa morreraõ, e aos que arriſcandoſe voluntariamente à morte com ſanta, e Religioſa caridade acabaraõ curando os enfermos na Caſa da Saude. Porque ſeus corpos eraõ trazidos ao cemiterio commum do Convento. Mas naõ faltarà quem diga, que pouco faz quem deſpois de vividos noventa annos, como elle jà entaõ tinha, deſpreza a morte, conforme ao dito do Tragico. 1569.

Fortem facit vicina libertas ſenem. Seneca tragic.

Querendo dizer que naõ faz muito em moſtrar valentia contra as carrancas da morte, quem po-

pola muita idade ſe vè abraçado com ella. Porem naõ corria eſta rezaõ em Frey Matheus. O que o fazia animoſo era huma vida religioſa, e auſtera continuada por diſcurſo de longos annos em pureza de coſtumes. E o que lhe conſervava a ſaude era huma firme reſoluçaõ com que vivia de ſe naõ poupar, nem buſcar mimos ou commodidades, traz que muitos a perdem. Porque eſtas ſaõ a verdadeyra peçonha, e deſtruiçaõ della. Quem acabarà de perſuadir eſta verdade no mundo! He a vida humana hum vaſo de vidro muyto delicado: e o vidro naõ o quebra tanto ſua fragilidade, como o receyo, e ſobejo cuidado, com que ſeu dono ſe vigia de que naõ quebre, empapelandoo, e reſguardandoo mais do que merece, como diſſe hum antigo.

Martial. epig. l. 24. *Frangere dum metuis, frangis criſtallina: peccant*
Securæ nimium, ſolicitæque manus.

Naõ obrigava menos a Frey Matheus a vencer todos os medos, e trabalhos ſua grande caridade, que era hum fogo perpetuo em que ardia, e com que dezejava de ſe deſentranhar pera acudir a todos os neceſſitados, e que delle ſe queriaõ valer. Aſſi com tantos annos de companheiro dos Prelados mayores, e huma vida taõ larga, naõ avia cella mais falta de tudo que a ſua, nem Frade mais pobre no trato de ſua peſſoa que elle, grande amigo de fazer por todos, grande precatado em naõ ſer peſado, nem dar moleſtia a ninguem. Avia jà vinte annos que ſervia de ſacriſtaõ da Senhora, e pouco menos de dous, que eſtava recolhido na enfermaria: e ſendo julgado por homem que corria em perto de cento de idade, era todavia robuſto, e andava em pè. Mas ou que foſſe diſcurſo de bom juizo, qual foy ſempre o ſeu, ou algum aviſo ſecreto do Ceo, que elle nunca publicou: entrou hum dia pola cella do Prior, que era o Padre Frey Eſtevaõ Leitaõ, que acaſo eſtava acompanhado de muytos Religioſos, e era hum delles quem iſto deſpois apontou: e alvoroçandoſe todos com ſua vinda, porque todos o amavaõ, e dezejando entender que occaſiaõ o trazia aonde nunca vinha: aſſentouſe, e deſpois que deſcanſou hum pouco, propoz aſſi. Noſſo Padre Prior, inda que dizem que naõ ha ninguem taõ velho, que naõ poſſa viver hum anno: ſegundo o que ſinto, eſta regra naõ ſe entende jà em my. Muitos annos ha que ando no cabo da viagem, mas agora eſtou jà no porto. Minha condiçaõ foy ſempre naõ dar pena a ninguem: com tudo naõ ſe poderà eſcuſar levarem meus irmaons comigo algum trabalho: quero dizer no officio da ſepultura: que na doença, e morte eſpero em noſſo Senhor que lhes naõ hey de ſer penoſo. Venho pedir a voſſa Reverencia huma caridade, a qual he que pera o dia, que aſſi ſe canſarem comigo, mande dar a toda a Communidade ao jantar huma pitança de arroz doce. Apercebiaſe o Prior pera lhe reſponder à vontade, ſegundo moſtrava na boa ſombra com que o ouvia: E elle indo por diante, diſſe: e pera iſto lhe peço que receba eſta eſmola que agora me deraõ. Sem dizer mais levantouſe, entregou a eſmola, que

Tullius lib. de ſenect.

que ſe vio ſerem dez cruzados, e tornou pera a enfermaria.

Paſſados poucos dias, entrando o mez de Janeiro de 1576, quando veyo a veſpera dos Reys ſoou polo Convento que morria Frey Matheus. Juntouſe a Communidade, acharaõ que ſe hya apagando aquella candea, por lhe faltar com a muita idade alimento, que detiveſſe nos membros a luz da bendita alma. Porque naõ tinha febre, nem frio, nem outra doença: e aſſi ſe foy na meſma noite receber com glorioſa morte o premio de huma ſanta vida. Teveraõno os Frades no Choro em quanto durou a Miſſa da feſta, e prègaçaõ, e teve ſempre o roſto deſcuberto, porque eſtava naõ ſò bem aſſombrado, mas com huma cor roſada como de vivo. E por ſer ſua peſſoa, e virtude muy conhecida de todo o auditorio, naõ foy parte a Feſta pera tolher ao prègador fazer delle huma honrada memoria. Acabada a Miſſa, foy levado à ſepultura polos meſmos Miniſtros aſſi como eſtavaõ reveſtidos de feſta em ornamentos de brocado, e cores, ſeguindo toda a nobreza, e povo que em tal dia concorre em grande numero ao Convento, como ſe foraõ a triunfo, naõ a mortuorio.

CAPITULO XXII.

Da origem, e principio que teveraõ na Ordem de S. Domingos os Altares, e Confrarias do nome de Jeſu.

ENtre grande numero de Irmandades, que em ſerviço de Deos Noſſo Senhor, e de ſeus ſantos eſtaõ neſta Igreja inſtituidas, he a primeira em calidade, e quaſi em antiguidade, a do nome de Jeſu. Para ſe entender o fundamento, e origem della, he de ſaber que governando a Igreja univerſal o Papa Gregorio decimo, e dezejando com paternais entranhas que todos os fieis em reconhecimento do muito que devemos ao Salvador do mundo Chriſto Jeſu verdadeiro Deos, e homem, veneraſſemos com cordial affeito ſeu glorioſo nome: pera que deſta veneraçaõ reſultaſſe alcanſarmos delle novas mercès nas continuas neceſſidades de que noſſa vida ſempre anda cercada, paſſou hum Breve ao Meſtre Geral da Ordem de S. Domingos Frey Joaõ de Vercellis, cujo treslado tirado do ſeyſto das Decretais, onde anda lançado, he o ſeguinte. Decret.

Gregorius Epiſcopus ſeruus ſeruorum Dei, dilecto filio Magiſtro Ordinis Fratrum Prædicatorum Salutem & Apoſtolicam benedictionem. Nuper in Concilio Lugdunenſi duximus ſtatuendum, vt ad Eccleſias humilis ſit, & deuotus ingreſſus, & ſit in eis quieta conuerſatio, Deo grata, inſpicientibus placita, quæ conſiderantes non ſolum inſtruat, ſed reficiat: conuenientes ibidem nomen id quod eſt ſuper omne nomen, à quo aliud ſub cælo non eſt datum homi-

hominibus, in quo ſalvos fieri credentes oporteat, nomen videlicet Jeſu Chriſti, qui ſaluum fecit populum ſuum à peccatis eorum, exhibitione reuerentiæ ſpiritualis attollant. Et quod generaliter ſcribitur, vt in nomine Jeſu omne genu flectatur, ſinguli ſingulariter in ſe ipſis implentes, ſpecialiter dum aguntur Miſſarum ſacra myſteria, glorioſum id nomen quandocunque recolitur, flectant genua cordis ſui, quod capitis inclinatione teſtentur. Ideoque dilectionem tuam rogamus, & hortamur attentè per Apoſtolica tibi ſcripta mandantes, quatenus tu, & fratres tui Ordinis, cum vos populis contigerit proponere uerbum Dei, populos ipſos ad præmiſſa efficacibus rationibus inducatis. Ita quòd proinde retributionis die præmium poſſitis promereri. Datum Lugduni Xij Calendas Octobris, Pontificatus noſtri anno tertio.

Em vulgar reſponde aſſi.

GRegorio Biſpo ſervo dos ſervos de Deos, ao amado filho o Meſtre da Ordem dos Prègadores ſaude, e Apoſtolica bençaõ. No Concilio, que pouco ha celebramos na cidade de Liaõ, nos pareceo conveniente mandar ordenar, e decretar, que pera que em todos os fieis aja grande cuidado de entrarem nas Igrejas com humildade, e reverencia, e nellas aſſiſtaõ com tal ſoſſego, e compoſtura, que a Deos agrade, e aos que a virem alegre, e naõ sò ſirva de edificaçaõ, e doutrina a quem a vir, e conſiderar, mas tambem de recreaçaõ: todos, os que em tais lugares ſe juntarem, honrem com particulares moſtras de reverencia, e devaçaõ eſpiritual aquelle nome que he ſobre todo o outro nome, nome que fòra delle naõ ha debaixo do Ceo outro, em que ſe poſſa eſperar ſalvaçaõ. Eſte he o nome de Jeſu Chriſto que veyo remir ſeu povo, e livrallo do cativeiro dos peccados: e cumprindo cada hum particularmente aquilo a que todos eſtaõ obrigados, que he humilharſe todo o Chriſtaõ, e dobrarſe todo o joelho com reſpeito, e humildade ao nome de Jeſu: principalmente o façaõ quando forem preſentes ao ſanto Sacrificio da Miſſa, dobran-

brando os joelhos de ſuas almas , e humilhandoſe todas as vezes que nella ſe ouvir eſte Divino nome , e teſtemunhem com inclinaçaõ exterior da cabeça a que interiormente lhe fazem com a vontade. E por tanto a voſſa caridade rogamos, e conſideradamente exhortamos por eſtas letras Apoſtolicas , a vòs com eſpecial commiſſaõ dirigidas , que todas as vezes que vòs , e voſſos Frades prègardes ao povo, trabalheis por lhe perſuadir com efficacia de rezoens o que affima dizemos, e o façais de maneira que no dia da paga geral do Senhor poſſais merecer o galardaõ de bons ſervos. Dada em Liaõ aos vinte de Setembro no terceiro anno do noſſo Pontificado (cahio eſte anno no de Chriſto de 1274, porque foy eleito eſte Pontifice no mez de Julho de 1271.)

Viſto o Breve polo Padre Geral, e entendida por elle ſua ſanta tençaõ , teve por eſpecial honra da Ordem huma commiſſaõ de tanto ſerviço , e gloria do Senhor. E com diligencia o eſpalhou em copias por todos os Conventos , e provincias da Chriſtandade, encomendando a ſeus filhos com vivas , e fervoroſas palavras a execuçaõ delle. Tomaraõ os Religioſos a peito o mandado do ſanto Pontifice, e a amoeſtaçaõ de ſeu Prelado com tanta vontade, que naõ avia prègaçaõ , nem pratica eſpiritual , nem ainda converſaçaõ , em que naõ deſſem grande parte a eſta devaçaõ. Lembravaõ com encarecimento aos fieis o reſpeito que ſe devia àquelle ſantiſſimo nome , recontavaõ ſuas ſoberanas prerogativas , deſcobriaõ o tezouro que nelle ſe encerra das altas miſericordias que o Senhor obrou na ſalvaçaõ do genero humano. Como ſe falava com gente pia , e catholica , foy grande o fruito que colheraõ de ſeu trabalho. Porque naõ ha duvida que a eſtremada reverencia, com que hoje o vemos venerado de todo Chriſtaõ , teve principio neſta diligencia, ſendo aſſi que naõ ha lugar na Chriſtandade taõ apartado do trato , e policia civil , nem taõ agreſte, e rude, onde ſe naõ reconheça o preço do glorioſo nome de Jeſu com geral humilhaçaõ de corpos , e cabeças , em ſoando nas orelhas , e com claros ſinais que eſtà bem arreigada nos coraçoens a eſtimaçaõ delle. E iſto bem ſe deixa entender que ficou como erança recedida dos primeiros ouvintes deſpois que em ſuas almas ſe fundou com aquellas continuadas , e devotas amoeſtaçoens dos Prègadores , a que foy encomendado o cargo. Aſſi podemos à boca cheya dizer que pola boa induſtria , e cuidado delles vemos hoje cumprida a palavra do Apoſtolo na parte que lhe faltava das criaturas da terra : quando o Pontifice ouve por neceſſario os officios em ſuas letras encomendados , pois dellas parece que devia aver notavel

vel eſquecimento na Republica Chriſtam da obrigaçaõ que era reconhecerem as criaturas terreſtres a eſte divino nome com publicidade, e exterior demonſtraçaõ, aquella meſma vaſſalagem, com que por dito do Apoſtolo ſe lhe humilhaõ, e ſogeitaõ ao ſeu pezar as infernais, e com goſto, e alegria as celeſtiais, e Angelicas.

Mas naõ parou nos Religioſos o dezejo de bem ſervir com os bons effeitos que viaõ preſentes. Conſideraraõ que convinha força de artificio contra a fragilidade, e pouca conſtancia da memoria humana. E inventaraõ logo pera eſpertadores continuos della os altares que levantaraõ por todos os Conventos, e Igrejas da Ordem, dedicados particularmente ao bom Jeſu. Por maneira que nos Frades de S. Domingos quaſi he taõ antiga como a meſma Ordem, a poſſe que temos da companhia de Jeſu, e dos ſeus altares, e ſerviço, naõ per eleiçaõ noſſa, ſe naõ por ordem, e mandado do meſmo Senhor, pois nos veyo por commiſſaõ do Principe ſupremo da Igreja Catholica, ſeu vigario na terra. Levantados os altares, ficou dado principio às Confrarias. Porque ordinario he naõ ſe inſtituir nenhuma, ſem preceder como fundamento o altar do Santo ou Santa, em cuja veneraçaõ ſe unem os devotos com comformidade de irmaons. Mas naõ era ainda entaõ conhecido eſte bom modo de obrigar a Deos. Conheceoſe muytos annos deſpois, e começou neſte Convento de S. Domingos de Lisboa, e no altar, e nome de Jeſu (pera proſpero, e felice ſucceſſo de todo ſemelhante ſerviço) como logo veremos.

CAPITULO XXIII.

Da occaſiaõ, e tempo em que foy inſtituida a primeira Confraria do nome de Jeſu no Convento de S. Domingos de Lisboa.

REinando em Portugal o valeroſo reſtaurador do Reyno, e da liberdade dom Joaõ o primeiro (que por tal merece naõ ſer nunca nomeado ſem o titulo ſaudoſo de boa memoria, que o conſintimento commum de todas as idades lhe tem dado) foy Deos ſervido caſtigar a terra com huma corrupçaõ peſtilencial do ar, que ſendo cruel matadora por todo o Reyno, em Lisboa, e ſeus termos fez crueliſſimo eſtrago. Acudia o povo deſta cidade a Deos amiudando oraçoens particulares, e gerais: e as que mais continuava eraõ em Prociſſoens de quaſi cada dia a noſſa Senhora da Eſcada na Ermida de que pouco ha falamos. Com a occaſiaõ de povo junto em lugar taõ vizinho, mandavaõ os Prelados que ouveſſe prègaçaõ na noſſa Igreja todas as vezes que vinhaõ, pera dar animo aos affligidos, e ſe aliviar a tribulaçaõ que era muy crecida. Continuava quaſi ſempre o pulpito neſtes dias dom Frey Andre dias de Lisboa: o qual ſendo natural della, e Frade noſſo paſſou a Italia, e veyo por ſuas letras, e grande eſpirito, e eloquencia a ſer eleyto polo Papa em Biſpo de Mègara antiga cidade da provincia de Achaia em Grecia: mas tirando por elle o amor da patria, como os Portuguezes ſaõ taõ affeiçoados a eſte pe-

pequeno torraõ de ſeu nacimento, quiz antes viver pobre, e privadamente entre os ſeus, que mandar nos eſtranhos: tornou ao gremio, em que nacera, e vivia contente com o pouco que lhe rendia o Moſteyro de S. Joaõ da Alpendorada, de que el Rey o fizera commendatario. Faziaõno muito ouvido a dignidade, e partes que temos dito. E elle compadecido das calamidades, que via em ſeus naturais, trabalhava por ſe aventajar a ſi meſmo: e como prègador de eſpirito Apoſtolico, ainda que de ſua colheita tinha ſer agradavel às orelhas com a muſica da lingoagem, e partes de eloquencia, empregava todo ſeu eſtudo em buſcar meyos pera levantar as almas deſmayadas, e caidas com o peſo da tribulaçaõ, a ſe armarem chriſtammente contra ella com armas de paciencia, e amor de Deos, e eſperança firme nelle: affirmando que eſta era a verdadeira cura, e triaga contra o veneno dos males que padeciaõ: que aſſi fariaõ rendoſa a pena das mortes do filho, do pay, do irmaõ: aſſi tirariaõ merecimento dos trabalhos, e das miſerias miſericordia, e ſobre tudo que naõ avia mais certo meyo de aplacar a Deos que pòr os olhos em Chriſto Jeſu cordeiro innocentiſſimo pregado na Cruz. Aqui paravaõ todos ſeus diſcurſos. Aqui lhes deſcobria altos tezouros de conſolaçaõ, moſtrando como eſte Senhor daquelle trono que pera ſalvar o mundo enfermo eſcolhera nelle, eſtava dando exemplo, e liçoens de ſofrimento, de caridade, e confiança, pera que naõ ouveſſe nenhum homem taõ affligido que com tal eſpelho diante dos olhos naõ cobraſſe animo, e alivio, e boa eſperança. Logo exhortava com eſtranha vehemencia, e rezoens ſaidas da alma, que ſe queriaõ ver fim ao mal, todo homem ſe empregaſſe de coraçaõ em ſer devoto do nome ſacratiſſimo do bom Jeſu, que era couſa certa, e por certo o affirmava, que hum Senhor que taõ atribulado fora por valer a homens, quando lhe naõ mereciaõ nada, ſe doeria, e averia miſericordia dos que via atribulados, que remidos jà com ſeu ſangue todavia fazia por lhe merecer alguma couſa. Outras vezes naõ ſaindo do meſmo conceito, perſuadia que todo homem trouxeſſe o ſanto nome continuamente naõ sò na alma, mas tambem na boca: naõ sò na alma, e na boca, mas que o trouxeſſem eſcrito ſobre o peito, e o mandaſſem pintar ſobre as portas das caſas: que ſem duvida ſeria remedio poderoſo pera o Senhor amanſar ſua ira. Acendiaſe a gente affligida em amor do affligido Jeſu, e no meyo das mortes aceleradas, caindo aqui huns, ali outros, andava todavia o ſagrado nome nas bocas de todos, louvavaõno com paciencia os que morriaõ, louvavaõno, e davaõlhe graças os que ficavaõ, eſcreviaõno, pintavaõno.

Quando o Prègador vio, e entendeo taõ boa diſpoſiçaõ, encheoſe de confiança que naõ podia o Senhor faltar com ſua miſericordia; e propoz em hum Sermaõ que ſe ordenaſſe huma Confraria, e que foſſe o titulo do nome de Jeſu: affirmando conſtantemente que o benditiſſimo Jeſu, que he fonte de piedade, uſaria della com todos os

que folgaſſem de ſer ſeus irmaons, e Confrades; e por meyo delles com toda a terra: que olhaſſem que sò niſto eſtava chegar o remedio de tantas calamidades, e tanta deſaventura, como cada hum via em ſua caſa. Dezia iſto, e repetiao com grande efficacia, e jà era pedida de muitos a Confraria, e deſejada de todos: mas ou foſſe porque nas couſas boas nunca faltaõ impedimentos, ou porque as muitas mortes tiravaõ o juizo, e o conſelho, naõ acabava de aver reſoluçaõ. Entre tanto crecia o dano da contagiaõ com furia terribel, naõ avia caſa, nem homem ſeguro: mais fero, e mais pernicioſo contra os mais robuſtos, era tiro de fogo, que apontava, e derribava, feria, e matava tudo junto. Mas o que naõ tinha reparo, e que sò com o medo tirava vidas, era que o ar corruto, e venenoſo deſpois de enterrar hum, e muitos, naõ ſe enterrava nem acabava com elles: vivo, e inteiro ficava em qualquer peça de veſtido, e em qualquer dobra de pano por pequena que foſſe, daly como de emboſcada acometia de novo a quem ſe atrevia a tocallo, e com a meſma violencia o matava, que fizera ao que jà eſtava tornado cinza. Fazendo iſto grande força ao Biſpo pera bradar, e rogar, e inſtar, em fim foy Deos ſervido que ſe veyo a aſſentar, e fundar a Confraria dia ſinalado, veſpera da Preſentaçaõ de Noſſa Senhora vinte de Novembro do anno do Senhor 1432. Era Domingo, e
1432. prègava o meſmo Biſpo, declarou do pulpito o que eſtava aſſentado, e advirtio juntamente, que acabada a Miſſa avia de benzer agoa em nome do bom Jeſu Autor, e Senhor da Confraria, pera que a levaſſem pera caſa, e a communicaſſem aos enfermos. Foi recebida a nova com extraordinario alvoroço, e alegria, como bem eſtreado pronoſtico do que logo ſuccedeo: e naõ avia homem que quizeſſe ficar fòra da Irmandade, nem ſayr da Igreja ſem ſua parte da agoa. Aſſi eſperaraõ todos atè que acabada a Miſſa ſahio o Biſpo veſtido em Pontifical, e ſubio ao altar de Jeſu. Era o povo tanto que naõ cabia na Igreja. Eſtava poſta abaixo dos degràos huma grande talha de agoa. Benzeoa com as bençoens coſtumadas da Igreja, com muita ſolenidade, e devaçaõ de ſua parte, e infinitas lagrimas dos aſſiſtentes, porque nenhum avia em tamanha multidaõ, que naõ teveſſe ou eſperaſſe em ſua caſa occaſiaõ dellas: e he couſa averiguada que muitos eſtavaõ feridos deſpois de entrarem na Igreja, polo muito que ſe reforça, e aviva em qualquer ajuntamento o fogo da contagiaõ. Carregou logo tanta gente pera participar da agoa benta, que ſem ſe poderem valer os dianteiros pola preſſa, e aperto que faziaõ os que ficavaõ detràs, foy a talha derribada, e a agoa derramada. Mas naõ ſe perdeo, antes foy occaſiaõ o derramarſe de chegar aos mais afaſtados, e tocando todos as maons, e os lenços nella, ſoubeſe com certeza, que logo dos feridos, que eraõ preſentes, ſararaõ muitos; e dos auſentes, a quem ſe levou, hum grande numero. O que foi occaſiaõ de o Biſpo benzer outra mais vezes, porque era buſcada de toda a cidade como unico

co antidoto contra o mal, e com effeitos taõ certos em calidade, que affirma o Biſpo por letra ſua em hum livro daquelle tempo, que ſe guarda na Confraria, que naõ eraõ acontecidas em toda a Chriſtandade junta de cem annos atràs tantas, e tais maravilhas. Encarecimento que sò a taõ ſanto varaõ ſe pode crer. Mas pera que em nenhum tempo poſſa aver duvida nem dos milagres, nem do encarecimento, creceraõ elles de maneira, que dentro de quarenta dias contados daquelle Domingo em diante ſe vio o mal de todo acabado: e no fim de Dezembro eraõ jà entradas na cidade muitas familias inteiras de gente nobre, que na força do trabalho ſe tinha retirado a ſuas Quintas: e agora acudiaõ tanto às novas da ſaude, como do novo, e ſanto remedio della.

CAPITULO XXIV.

Ordenaſe ſolene feſta no Altar de Jeſu, por graças da ſaude: fazemſe Compromiſſo, e Eſtatutos da Confraria.

PAreceo entaõ que ſeria juſto daremſe graças ao Senhor pola ſaude, e milagre della. E ordenouſe huma ſolene feſta no Altar de Jeſu, a quem ſe devia, pera em ſeu dia, que foy o primeiro do mez, e do anno ſeguinte de 1433, e nelle ſe fez com aſſiſtencia de toda a nobreza, e povo da cidade, e ſendo preſente o Padre Meſtre Frey Gonçalo Mendes Provincial deſta provincia de Portugal, jà entaõ ſeparada de Caſtella, e o Padre Frey Vicente da Azoya, Prior do Convento, a quem os livros da Confraria nomeaõ por Doutor. E no meſmo dia à tarde, (taõ aceſa andava a devaçaõ em todos) tornaraõ ao Convento, e juntos com os Religioſos deraõ ordem que começaſſe a correr, e exercitarſe a Confraria decretada. E o primeiro auto foy que todos os que ſe tinhaõ declarado por Confrades, e de novo ſe declararaõ, fizeraõ eleiçaõ de ſete Irmaons pera a começarem a ſervir, e governar com titulo de hum Juiz, hum Mordomo, hum Eſcrivaõ, e quatro conſelheyros. Foy ſegundo acordo comprometeremſe todos nos ſete eleitos pera ordenarem com maduro conſelho hum Compromiſſo das leys que foſſem convenientes pera bom governo da Confraria, e mayor gloria do Senhor, com declaraçaõ que o pudeſſem logo mandar confirmar polo Summo Pontifice. Dado eſte aſſento, e tomado por eſcrito, e aſſinado, achamos nas lembranças que duraõ na Confraria, que foy tamanho o contentamento em todos, que naõ cabendo nos peitos tresbordou por fòra, a huns brotando polos olhos em lagrimas, a outros movendo pès, e maons pera darem ſaltos no meyo da Igreja, e voltas no ar, ſem mais ſom que o de ſeu prazer, dizendo, e repetindo com a lingoagem daquelle tempo, que o faziaõ à honra, e pera gloria do bom Jeſu, por ſerviço, e renembrança do bom Jeſu. E tal foy o principio deſta ſanta Confraria.

Inſtituyoſe deſpois o Compromiſſo com ſuas leys, e ordenaçoens; e foy a primeyra, que a feſta da Confraria ſe celebraſſe no primeyro dia de cada

da hum anno, por ſer o meſmo em que o Senhor quiz começar a padecer polos homens, e tomar nome, e contarſe entre elles. E pera eterna memoria, e agradecimento da mercè recebida, ouveſſe todos os annos à veſpara da feſta huma Prociſſaõ, em que iriaõ os Religioſos do Convento, e ſe acharia com elles toda a Irmandade: e hum Sacerdote acompanhado de Diacono, e Subdiacono levaria em ſuas maons huma imagem do minino Jeſu. Eſta prociſſaõ ſe juntaria na Ermida de N. Senhora da Oliveyra ſita no adro da Igreja de S. Giaõ, e dahi iria ao Convento. Foy confirmado o Compromiſſo, ſegundo por elle parece, polo Cardeal Ranucio Penitenciario mayor do Papa. E porque muitos annos deſpois foi moſtrando o tempo que convinha acrecentar ordenaçoens de novo, e reformar algumas das antigas, juntouſe a Irmandade, e com ſeu acordo ſe proveo nellas, e o que ficou aſſentado ſe confirmou autoritate Apoſtolica polo Infante dom Anrique Cardeal, e Legado a latere neſte Reyno.

Os milagres que N. Senhor obrou na fundaçaõ da Confraria, e outros muitos com que deſpois quiz honrar os devotos de ſeu nome, ſe eſcreveraõ em folhas de pergaminho, e dellas ſe fez livro, que pera conſolaçaõ dos fieis, e curioſos ſe pendurou nas grades da Capella por huma cadea de ferro, com conſelho mais pio, que prudente. Porque ficou occaſionado ao que deſpois aconteceo, que foy rouballo hum atrevido, naõ quebrando ferro, mas reſgando pergaminho com magoa de todos os bons. Outro livro anda na Confraria vivo, que foy trabalho, e compoſiçaõ do meſmo Biſpo dom Frey Andre. Saõ muitas oraçoens em proſa, e verſo vulgar de louvores, e excellencias do nome de Jeſu, apropriadas pera eſpertar a devaçaõ delle, e todas teſtimunhaõ bem a de ſeu autor. Em tempos antigos que avia mais ſingelleza, e menos malicia que nos preſentes, era coſtume às feſtas feyras, quando naõ occorria feſta de guarda, e ſe cantava a Miſſa de Jeſu, que em tal dia he ordinaria, ſobirſe o Diacono ao pulpito aſſim como eſtava reveſtido deſpois de dizer ſeu Evangelho: e abrindo eſte livro lia ao povo huma das oraçoens que diſſemos, qual vinha mais a propoſito pera o tempo, porque as avia nelle accommodadas pera todo o diſcurſo do anno. E affirmaõ os antigos que faziaõ fruito, e ſe edificava o auditorio: porque ficavaõ ſervindo de huma breve pratica eſpiritual.

O ſitio da Capella he no corpo da Igreja, no meyo della, ſobre o presbiterio alto que ſe eſtende por toda a nave direita. Faz diviſaõ das Capellas collaterais com grades de ferro torneadas, o tecto he taõ alto, como a nave, o frontiſpicio chega a pegar no friſo do emmadeiramento do meyo da Igreja, que he grande altura: e aſſi o tecto por dentro, como o frontiſpicio por fòra ſaõ lavrados de tarjas, e figuras de meyo relevo de boa maſſenaria, e todas cozidas em ouro ſem ſe ver outra couſa. O retabolo ſobe quanto a parede, e com a largura toma toda a Capella. He pouco aparatoſo em feitio, mas de boa pintura nos paineis. No

meyo

meyo abre hum grande nicho alto, e largo, e cerrado com portas de grade forte, cujos balauſtres ſaõ de prata mociſſa. Dentro fica hum Chriſto crucificado de grande devaçaõ, em vulto, e eſtatura de hum bem proporcionado homem. No lado eſtà ſempre o Diviniſſimo Sacramento recolhido em hum relicario, ou cuſtodia redonda, de tal arte que de fora ſe deviſa toda a redondeza da Hiſtoria ſagrada. Deſtas Cuſtodias ha duas no Convento, huma de prata dourada, que ſerve quotidianamente, guarnecida de pedraria: outra de ouro mociſſo, e feitio igual à materia de que ſe uſa nas feſtas, e tem mais de hum palmo em diametro. Eſta peça foy dadiva do Infante dom Luis, ſendo por ſua devaçaõ mordomo da Confraria: as grades fez o primeiro Conde de Santa Cruz dom Franciſco Maſcarenhas, que foy o que defendeo o famoſo cerco de Chaul na India. Ardem continuas diante ſete alampadas de prata. As tres grandes, e cuſtoſas, as outras de menos conta. A eſte ornato reſpondem os paramentos que ha pera o altar, e miniſtros, pera todo o diſcurſo do anno, ricos, e muy perfeitos. Aſſi he a Capella de mais luſtre, e mageſtade deſpois da mayor, que ha em todas as Igrejas da Ordem: e no Reyno poucas lhe fazem ventagem.

Por ſer tal ſituaraõ os Prelados nella a Confraria do Santiſſimo Sacramento, por communicaçaõ da univerſal Confraria do noſſo Convento da Minerva de Roma, pela qual todos os Conventos da Ordem gozaõ do privilegio de poderem levantar em ſuas Igrejas eſta Confraria, e fazer prociſſoens nas terceyras Domingas de cada mez, particulares: e duas publicas, e ſolenes na Dominga *infrà Octavas* da feſta de Corpus, huma pola manham, e outra à tarde. E pera mais ſolenidade eſtà prohibido por letras Apoſtolicas a todas as mais Religioens Monacaes fazerem em tal dia ſemelhantes prociſſoens. Do anno, em que começou a correr eſta Confraria, naõ conſta ao certo: mas certo he que foy a primeyra deſta invocaçaõ que em toda a Cidade ouve: e aſſi ſe julgou por ſentença no anno de 1548 em huma longa demanda que por parte do Cabido da Sè correo contra os noſſos Frades. E a grande antiguidade lhe tem rendido muitas, e grandes indulgencias, e graças: humas que os Summos Pontifices concederaõ à Confraria de Jeſu: outras que o Papa Paulo Terceiro expreſſa, e eſpecialmente concedeo à Confraria do Santo Sacramento nella encorporada, e outras com que de novo a enriqueceo o Papa Pio Quinto de glorioſa memoria no anno de 1571 com indulgencia plenaria, e remiſſaõ de todos os peccados aos fieis que preſentes ſe acharem nas duas Prociſſoens da Dominga *infrà Octavas*.

1548.

1571.

Ultimamente ſe annexou à Confraria de Jeſu, e à ſua Capella outra Irmandade, cujo titulo he do nome de Deos pera evitar juramentos. Eſta teve principio em Caſtella, e foy inſtituiçaõ de hum Religioſo de S. Domingos, por nome Frey Diogo de Vitoria no anno do Senhor de 1500. E deſpois a confirmou, e dotou de grandes In-

1500.

Indulgencias o Papa Pio Quarto, e ſeu ſucceſſor Pio Quinto confirmandoa de novo lhe acrecentou outras graças; e por hum particular Motu proprio ordenou que em nenhum outro Convento ou Igreja ſe pudeſſe ſituar, ſalvo nas da Ordem de S. Domingos; e onde faltaſſe caſa da Ordem, ſe ouveſſe licença dos Religioſos della, ſem a qual nenhuma indulgencia nem
1580. graça ſe alcançaria. No anno de 1580 confirmou tudo o acima dito Gregorio Decimo tercio, aſſi como eſtava concedido, e confirmado por ſeus anteceſſores: e começa a Bulla. *Aliàs per fælicis recordationis Papam Pium Quartum, &c.* E de novo ajuntou outros favores, e mandou que a Prociſſaõ que ſe coſtumava fazer por eſta Confraria nos primeiros Domingos do mez ſe paſſaſſe a outro, pera ficarem deſpejados os primeiros pera o ſanto Roſario. E por eſta maneyra ficaraõ tres Confrarias unidas em huma.

CAPITULO XXV.

Da Confraria de Noſſa Senhora do Roſario.

NAõ ha duvida que aſſi como o primeiro Prègador que a Virgem ſacratiſſima eſcolheo pera communicar ao mundo os thezouros de ſeu ſanto Roſario foi o Patriarca S. Domingos: da meſma maneira ficou a cargo aos filhos ſerem delle pregoeiros: e naõ fundarem caſa nenhuma deſdo principio da Ordem, ſem dedicarem logo juntamente particular Capella, ou Altar com titulo da Senhora do Roſario. Mas como ſomos homens, e de todas as couſas humanas he propriedade natural naõ permanecerem muito tempo em hum eſtado, foy deſcaindo pouco, e pouco eſta devaçaõ, porque eraõ homens os que a mantinhaõ: e chegou a termos de eſtar quaſi eſquecida, e apagada. Mas aquella Senhora que he fonte de miſericordia, e como tal foy ſempre medianeira de manarem as riquezas, e bens do Ceo ſobre a terra, vendo o muito que os fieis perdiaõ neſte deſcuido: ainda que os Frades de S. Domingos, que por tantos titulos eſtamos obrigados a ſeu ſerviço, eramos no eſquecimento os mais culpados, foy ſervida de tornar a fiar dos meſmos a honra do ſeu Roſario (louvemvos os Anjos Virgem bendita, que bem moſtraſtes niſto que ſois verdadeira mãy,) e aparecendo primeiro ao noſſo famoſo Prègador Frey Alano de naçaõ Ingres, e deſpois ao Prior de S. Domingos de Colonia em Alemanha, mandou a hum, e outro que reſucitaſſem, e tornaſſem de novo ao mundo eſte ſanto genero de oraçaõ acommodado, e facil pera os homens, agradavel a Deos, e a ella, e pera alcanſar miſericordias do Ceo muy poderoſo. Era polos annos do Senhor de
1475, e paſſados já duzentos e 1475.
ſincoenta e tantos deſpois de falecido noſſo Santo Patriarca. Convinha muito pera a empreſa outro tal eſpirito como o ſeu. Mas ſuprio a Senhora as faltas dos que entaõ avia, com tanta ſuperabundancia de graças, que fazendo elles o que de ſua parte podiaõ, naõ ha palavras que poſſaõ bem declarar quam celebre, e eſtimada fizeraõ com ſeus Sermoens a ſanta devaçaõ, eſtenden-

dendoa por toda a redondeza da terra. Grandes foraõ as maravilhas, infinitos os milagres que por ella ſe viraõ. As Irmandades, e Confrarias ſem numero, concorrendo a ellas naõ ſò a gente ordinaria, nem sò os Fidalgos, e honrados, mas Principes, e Reys, e Emperadores, e atè os meſmos Papas, tendo por honra eſcrever ſeus nomes nos livros da Senhora. Aſſi o achamos apontado em memorias digniſſimas de fee (gloria grande pera eſta ſagrada Religiaõ, e que devemos procurar conſervar polos meſmos meyos que nos entrou em caſa.) A primeira Confraria, que deſte tempo achamos fundada, foy na meſma cidade de Colonia, e no Convento de S. Domingos, a qual aprovou, e confirmou no anno 1479. de 1479. o Papa Xiſto Quarto por hum Breve riquiſſimo de graças, e Indulgencias: e o meſmo fez por outro ſemelhante no de 1484 Innocencio Oytavo. 1484. E deſde eſte anno nos conſta que começou tambem eſta Confraria no Convento de S. Domingos de Lisboa, inſtituida, e aſſentada na ſua meſma Capella, que deſde os fundamentos da Igreja lhe foy logo dedicada duzentos annos atràs. E daqui ſe foy dilatando por todo o Reino, e crecendo a devaçaõ, e reverencia do ſanto Roſario de parte dos fieis, foy tambem moſtrando a Senhora delle que ſe agradava do ſerviço com alguns ſucceſſos maravilhoſos obrados em beneficio de ſeus devotos. O que deu ocaſiaõ a que levantandoſe na cidade novo in- 1490. cendio de peſte no anno de 1490 acudio o governo della acompanhado dos melhores da nobreza, e povo a eſte Convento, e juntos em ſua Capella, e com voto feyto de a ſervirem, e ſolenizarem ſuas feſtas, a tomaraõ por avogada do mal. Moſtraſe dos livros da Confraria que aſſiſtiraõ com elles a eſta ſanta determinaçaõ o Meſtre Frey Bras de Evora Provincial, e o Prior do Convento Frey Pedro Faleiro: e que no meſmo tempo ſe renovaraõ alguns Capitulos do Compromiſſo, e acrecentaraõ outros pera melhor ſerviço da Confraria. O proveito, que deſte remedio ſe ſintio, foy tal, que cobrou novas forças nos animos dos homens o fervor, e affeiçaõ do ſanto Roſario: e os mimos, e favores, com que a Senhora o acreditava, eraõ tantos, que andaõ eſcritos livros inteiros delle. Apoz a devaçaõ creceo a riqueza no altar, e Confraria, em ornamentos, prata, ſedas, e brocados, e grande copia de cera: levantouſe a Capella na meſma forma de altura, lavor, e dourados, que diſſemos da de Jeſu que lhe he contigua. E ardem nella ſinco alampadas de prata. Introduzioſe deſpois benzeremſe Roſas polo mez de Mayo em nome, e à honra da Virgem: e como ella he, e tem por titulo, roza de pureza, deuſe por bem ſervida deſta cerimonia: e foraõ grandes os beneficios que logo entaõ receberaõ, e inda hoje recebem os que com fee ſe valem dellas em ſuas neceſſidades, como naõ aja deſcuido nas outras de ſuas Ave Marias, que ſaõ as roſas, que mais eſtima: e por cujo reſpeito, e em ſignificaçaõ do que lhe agradaõ ſe moſtrou algumas vezes coroada das que cria Abril, e Mayo. Viraõſe os

effeitos em alguns caſos muy peregrinos, que naõ he rezaõ ficarem fòra deſta eſcritura, por terem todos em certo modo ſua origem, e dependencia deſta Confraria: brevemente diremos alguns dos mais notaveis.

Agueda Lopes ſe chamava huma pobre molher em Lisboa, que ſendo acuſada de ſeu marido por adultera, foy poſta em priſaõ, e feito proceſſo judicial contra ella. Correndo a cauſa, era grande a efficacia com que continuava em encomendar ſua innocencia à Virgem por meyo do ſanto Roſario que muitas vezes paſſava cada dia, conſolando ſua tribulaçaõ com as dores que conſiderava da Senhora, alegrandoſe nos paſſos de ſeus gozos, e eſperando remedio nos de ſua gloria. Mas por ocultos juizos de Deos ſahio por ſentença condenada à força pola culpa que o ſucceſſo moſtrou que naõ tinha. Ouvio a ſentença, afferrada todavia ao ſeu Roſario; e com elle no ſeyo, e ſobre o coraçaõ foy a padecer. Fezſe a execuçaõ, e dizem que ao tempo que o algoz a empuxou da eſcada pera ficar pendurada, deu hum grande grito chamando nomeadamente pola Virgem do Roſario. Quando veyo ſobre tarde, paſſadas muitas horas deſpois da juſtiça feita, ouve quem quiz tratar de a enterrar: decido o corpo, notaraõ os autores da caridade, que parecia ter ſinais de vida, e começaraõ a tratar della mais que da ſepultura. A primeira palavra, com que tornou, foy nomeando a Senhora do Roſario: e dizendo que ella lhe valera, pedia que a levaſſem ao ſeu altar. Deuſe recado no Convento, e levada com o reſguardo neceſſario, lançouſe diante da Senhora regando a terra com lagrimas em lugar de graças pola reſtituiçaõ, que alcançara de duas vidas em huma sò vida. Aprovouſe o milagre juridicamente com teſtimunho dos que a trouxeraõ: e ella em ſeu juramento affirmou que na hora, em que lhe fora lançado o laço que a avia de affogar, vira a piadoſa Virgem por quem chamara junto conſigo, e ella lhe ſuſtentara a vida em aquelle trance. Eſta molher viveo deſpois muitos annos, e todos empregou em acender, e alimpar as alampadas da Senhora. Naõ parece queſtaõ pera ventilar, ſe era innocente, como foy condenada em juizo de gente Chriſtã: ou como ouve milagre pera ella, ſe era culpada. Porque he facil a repoſta. Podia aver erro no juizo, ou falſidade no proceſſo: ſendo aſſi que (como acontecem muitos caſos sò pera manifeſtaçaõ da gloria de Deos) podia ſer cegaremſe os Juizes, e ſentencearem mal: ou julgarem bem, ſendo o proceſſo, e ſua prova tudo falſo.

Mas aſſi como acudio aqui a Virgem Mãy a huma innocencia aos olhos dos homens duvidoſa, em huma molher plebeya: aſſi remedeou logo outra muy clara, e notoria em huma nobre, livrandoa de igual ou mayor perigo. E paſſou o caſo deſta maneira. Vivia eſta molher junto do Convento, e como virtuoſa, e honrada tinha particulas devaçaõ à Virgem, e a ſeu ſanto Roſario com cuidado de naõ paſſar dia ſem lhe dar voltas. Era o marido moço, deſconfiado, e colerico, e devia trazer os olhos em caſa alhea,

que

que lhe fazia julgar mal do bem que tinha na ſua. Veyo a cegarſe de todo, e perſuadirſe que avia nella culpas dignas de ſe pagarem com a vida, determina tirarlha. Sintialhe a innocente no trato, e no ſembrante o deſgoſto com que vivia della: queria tentar juſtificaçoens de palavra, mas porque danaõ mais, onde ſe julga mal das obras, tornavaſe ao ſeu Roſario, chorava com elle. Hum Domingo ſobre tarde vio que mandara criados, e criadas fòra de caſa, e notou que hya cerrando ſobre ſi as portas por dentro, e julgou mal, e temeoſe: ſubioſe ao alto da caſa, toma em ſuas maons o Roſario, e com os joelhos em terra, e olhos no Ceo pedia à Virgem foſſe eſcudo, e emparo da verdade, pois a ſabia. No meyo deſtes medos bateraõ rijo na porta da rua, e repetiraõ huma vez, e outra com tanta preſſa, que o cego, e enganado mancebo, que jà ſobia pera pòr em effeito a danada tençaõ, ſe ouve por obrigado a acodir primeiro abaixo. Deceo, e acha hum gentil moço, que em trajo, e aſpeito repreſentava calidade mais que ordinaria, o qual lhe diſſe com termo muito cortez, e brando, que hum Padre de S. Domingos (nomeava hum Religioſo ſeu conhecido, e peſſoa de importancia) lhe pedia que na meſma hora quizeſſe chegar ao Convento, que cumpria darlhe huma palavra em negocio de ſuſtancia. Começou o cego a deſculparſe, e deſpedillo, dezejando deſembaraçarſe do meſſageiro, e acabar ſua obra. Mas elle replicou com tanta efficacia dizendo que o Padre lhe pedira, que achandoo em caſa o naõ largaſſe, porque avia perigo na tardança, ſem o levar conſigo: que em fim ſe deixou vencer, mais de ſua preſença, e boa arte, que do recado que trazia. Cubrio a capa, e foyſe com elle. Chegando defronte da Igreja, viraõ que ſe cantava a Salve, como he coſtume, com aſſiſtencia de toda a Communidade. Foy força entrar, e ouvilla: e conſiderar hum pouco ao ſom daquella muſica ſanta no deſatino que trazia no peito. Sendo acabada quiz todavia deſpacharſe, e requerendo o companheiro pera irem em buſca do Frade, porque ſahiraõ do Coro, naõ o vio: buſcouo por toda a Igreja, e naõ no achando, ficou hum pouco ſobreſaltado: com tudo foyſe ao Frade ſaber o que lhe queria: o qual o ſobreſaltou de novo, e confundio mais, porque affirmou que nem lhe mandara recado, nem conhecia o moço que por meſſageiro delle nomeava. Entaõ foy o Senhor ſervido de lhe abrir os olhos pera acabar de entender que os maos propoſitos daquelle dia eraõ enredo, traça, e traiçaõ de Satanas: e a vinda fora negoceada polo Anjo do Senhor que o trouxera à Salve de ſua mãy ſagrada, pera lhe dar tempo de cair na conta de ſeu erro com tantos ſinais, e ſalvar a innocente molher. Tornouſe pera caſa todo trocado, e ficando com ella em muita paz paſſados tempos lhe recontou a obrigaçaõ em que eſtava à Senhora do Roſario: e a forte conjunçaõ em que lhe valera com ſeu meſſageiro. Mas naõ ſaõ de menos gloria da Virgem outros caſos que diremos no Capitulo ſeguinte, huns menos antigos que os referidos, e outros do

meſmo tempo em que vamos eſcrevendo.

CAPITULO XXVI.

Proſeguem mais alguns milagres do Santo Roſario.

ENtrava em artigo de morte huma pobre molher de huma forte doença que a tinha toda inchada. Cercavaõna muitos filhinhos que com pranto, que faziaõ, lhe dobravaõ o mal. O marido andava por fòra buſcandolhe o remedio por ſeu trabalho. Acudiraõ as vizinhas, pobres como ella, a porlhe na maõ huma candea, ultimo ſocorro de Chriſtandade. A preſſa, e à revolta dellas, e ao pranto dos mininos acudio huma vizinha honrada, que por eſmola a mandava curar, e como devota (que o era muito) de noſſa Senhora do Roſario, levoulhe humas roſas ſuas, e fezlhe tomar hum trago dagoa dellas mandandolhe que ſe encomendaſſe de todo coraçaõ à Virgem. Foy couſa prodigioſa, e de grande gloria de Deos, que no momento, que tomou a agoa, de artigo, e dores de morte, entrou em ponto, e dores de parto, e traz grande copia de humor, que vaſou, e em que ſe reſolveo a mayor inchaçaõ, lançou com muita facilidade huma criança morta. Mas entrou em novo trabalho, porque as que lhe faziaõ officio de comadre, diziaõ que lhe ficava outra criatura: e ſegundo a poſtura, em que a natureza a queria deſpedir, e a fraqueza eſtrema da molher, tinhaõ por certo que primeiro ſe finaria. Morava a pobre em huma caſinha ao pè dos degràos da calçada do Carmo: foraõ correndo a S. Domingos buſcarlhe confeſſor. Tocou a ſorte ao Padre Frey Luis Cacegas, a quem ſe deve o trabalho original da melhor parte deſtes eſcritos. Quando o Padre ſoube o eſtado da enferma, e o que era paſſado, empregouſe todo em a animar, affirmando de parte de Noſſa Senhora do Roſario, que pois começara a fazerlhe mercè, naõ deixaria de a perfeiçoar: e acabando de a confeſſar, fezlhe tomar mais agoa das meſmas roſas que primeiro tomara, e lançandolhe ao peſcoço o Roſario, que elle Frey Luis trazia, deixoua. Naõ era bem deſpedido de caſa, quando a enferma ſe ſintio ſubitamente taõ esforçada, que ſem ajuda nem miniſterio de comadres deitou a ſegunda criança, e tambem morta, e dentro de breves dias teve perfeita ſaude, que a dito das vizinhas, que lhe aſſiſtiraõ, e de todos os que ſouberaõ do caſo, foy julgada por manifeſtamente milagroſa: e aſſi ſe juſtificou diante do Ordinario à inſtancia do Padre Meſtre Frey Nicolao Dias. E ficou em lembrança, que a vizinha nobre ſe chamava Lianor de Azevedo, e huma das comadres Maria Domingues, e foy o ſucceſſo polo mez de Julho anno 1574. 1574.

Quaſi do meſmo tempo he outro que agora diremos, o qual ſobre todos, os que ficaõ atràs, nos confirma o muito que a Virgem Sacratiſſima toma a ſeu cargo emparar, e remedear os que a buſcaõ polo meyo do ſeu Roſario: e tem huma circunſtancia de muita eſtima, a qual he que paſſou polas maons do Padre Meſtre Frey Luis de Gra-

Granada, e foy por elle prègado na meſma Igreja de S. Domingos onde aconteceo. Huma Dona Illuſtre deſta cidade eſtava de joelhos diante da Imagem de Noſſa Senhora das Virtudes, que tem ſeu altar no Cruzeiro, em que agora vemos tambem S. Jacinto, pedindolhe favor com anguſtiado eſpirito em hum negocio que a trazia em todo eſtremo deſconſolada. E no meyo dos rogos, e das lagrimas, com que os acompanhava, ſe ouvio chamar da Senhora benigniſſima por ſeu nome, e dizerlhe palavras formais, que lhe ficaraõ eſculpidas na alma: Naõ tenhais pena; que eu me encarrego deſſe negocio, pois que vòs tendes cuidado de me rezar cada dia o meu Roſario. A peſſoa era conhecida do Meſtre, e de tal virtude, e calidade que acreditava o ſucceſſo, e por ſer viva, quando o prègou, naõ publicou o nome.

Mas porque naõ pareça que faltaõ milagres preſentes, onde tantos, e taõ illuſtres ouve antigos, ajuntaremos dous taõ de freſco ſuccedidos, que ambos nos vieraõ à maõ em tempo que hiamos pondo em limpo eſtes eſcritos pera ſe darem à impreſſaõ. Ambos ſaõ do anno paſſado de 1620. E ambos podemos contar com os deſte Convento, porque ainda que hum delles ſuccedeo em terras taõ remotas como ſaõ as de Angola, parte da Etyopia Occidental: da meſma maneira que deſta cidade de Lisboa procederaõ todas as conquiſtas que os Portuguezes fizeraõ, aſſi as Confrarias, e devaçoens do Roſario, que a ellas levaraõ, naõ ſe pode negar deverem ſua origem à meſma cidade, e ao lugar della em que tinhaõ ſua raiz, e floreciaõ, que era eſte Convento. Naõ faltaõ outras razoens pera confirmaçaõ do que dizemos, que ao diante ſe veraõ: agora digamos os milagres. E ſeja primeiro o de mais longe.

Era Governador do Reyno de Angola Luis Mendez de Vaſconcellos. Trazia ſeu campo fòra fazendo guerra polo Reyno onde entendia que convinha, Portugueſes poucos, Negros amigos, e fieis muitos, e todos a cargo de hum filho ſeu. Chegaraõ ribeiras do rio Coanza hum Domingo quinze de Março de 1620. He o rio grande, e poderoſo de agoas, e neſta parte corre muy largo, e faz algumas Ilhas. Pareceo aos noſſos que ſeria bem ſojeitallas, buſcouſe remedio. Acharaõſe duas almadias ſobre pequenas, rotas, e velhas. Naõ faltando animoſos que as abonaſſem, ſaltaraõ dentro dous Capitaens armados de pès a cabeça, e ſeus arcabuzes nas maons, e eſpadas na cinta, e hum Alferes mais com elles, e Negros remeiros, e frecheiros, e foraõ remando contra a Ilha, e contra os enemigos que os eſperavaõ à borda da agoa. Saõ as Almàdias embarcaçoens de hum sò pào, e ainda as grandes, e fortes ſaõ taõ cioſas, que com qualquer deſcompoſiçaõ logo çoſſobraõ. Eſtas, que ſe affirma eraõ pouco mayores que gamellas, e por ſerem abertas, hiaõ jà meyo alagadas, no ponto que chegaraõ a tiro, em ſe começando os noſſos a revolver, os brancos com os arcabuzes, e os negros com os arcos, viraraõ ambas ſem remedio. Franciſco Correa, que aſſi ſe chamava hum 1620.

dos

dos Capitaens, ſem diſparar mais que huma ſò vez, ſe affogou logo, e naõ apareceo mais. Sebaſtiaõ Dias, que era o outro, ſe foy tambem a pique ao fundo, como ſe fora de chumbo. Sendo ambos julgados por mortos com dor de todo o campo, que eſtava à viſta, eis que parece emcima da agoa Sebaſtiaõ Dias, bracejando com huma rodella que trazia embraçada, porque naõ ſabia nadar, e ſuſtentando na outra maõ o arcabuz, que nunca largou: atè afferrar em huma das almàdias, à qual tanto que chegou, deu hum grande grito, chamando por noſſa Senhora do Roſario, em graças de ſe ver ſalvo por ella com evidente milagre. E naõ o foy menos eſcapar dos enemigos deſpois de pegado na Almàdia, e andar boas tres horas na agoa atè ſe poder recolher ao campo. Parece que quiz a Senhora acreditar publicamente ſua devaçaõ com negros, e brancos, porque eſte homem era em geral conhecido de todos por grande devoto do Roſario, e contava, que quando caira na agoa, fora marrar com a cabeça na area, e neſte paſſo ſe lembrara do Roſario que levava ao peſcoço, e chamara em ſeu coraçaõ pola Senhora delle, e logo ſe achara leve, e cheyo de alento, e em eſtado de poder chegar a lançar maõ da Almàdia pera ſe ſuſtentar, e ſalvar. Couſa, que ſem milagre era impoſſivel ſuccéder.

O outro temos mais perto, e quaſi na vizinhança do Convento: porque ſuccedeo no que os noſſos Frades tem na cidade de Evora. Ordenavaſe nelle a feſta do milagroſo Santo de Amarante S. Gonçalo por Janeiro do anno de 620. He a Confraria pobre, e adminiſtrada por gente taõ humilde, que pera acrecentarem ſolenidade, e encurtarem deſpeſa, pediraõ de empreſtimo parte da cera de Noſſa Senhora do Roſario, a condiçaõ de pagarem a que o fogo, e o tempo gaſtaſſe. E por iſſo a tomaraõ por peſo, e de conformidade fizeraõ huns, e outros Mordomos ſeus aſſentos do que peſava. Acabada a feſta, e juntos pera a entrega, e paga, fizeraõ ſegundo peſo: e onde eſperavaõ falta de muitos arratens, porque ardera às Veſperas, e Miſſa, e tudo com muita ſolenidade, e muſica celebrado, acharaõſe com peſo aventejado, e naõ em pouca contia, ao que cada parte tinha poſto em eſcrito. Foy grande o ſobreſalto, e torvaçaõ. Culpaõſe os de Noſſa Senhora de deſcuidados, e daõſe por enganados: tornaõ a ler, e reler ſuas lembranças, peſaõ de novo, e repeſaõ a cera, eſmerilhaõ ſe ha erro na balança, ou vicio nos peſos. Gente plebeya, e humilde naõ ſe atrevia a cuidar em milagre, tendoo entre maons evidente. Referiaõ o negocio a erro de todos juntos, ainda que fieis, e verdadeiros em ſeu trato. Mas aquella Senhora, que he emparo de humildes, e Mãy de hum Deos que tanto ſe humilhou no mundo, que delle nos manda aprender humildade, quiz honrar os humildes, confirmando o milagre por novo caminho: e foy aſſi. Apartaraõſe os ſeus Mordomos, deſpois de longo debate, a recolher ſua cera affirmando deverſelhes todavia por boa rezaõ o que a balança negava: 1620.

va : ao menos em duas tochas que entre as mais tinhaõ dado, que eraõ novas quando as deraõ , e agora vinhaõ manifeſtamente gaſtadas. Começavaõ a lançalla em ſua caixa. Eisque os aſſombra extraordinaria maravilha. As tochas que quando novas , e inteiras entravaõ folgadamente na caixa , agora naõ cabiaõ ardidas: paſmaõ, gritaõ, naõ criaõ hum milagre, jà confeſſaõ dous, hum no crecimento do peſo , outro do corpo das duas tochas. Chamaõ por teſtemunhas quantos avia na Igreja , correm aos Frades , daõ todos ſoberanas graças à Virgem do Roſario taõ benigna pera os pobres , que naõ conſintio que por ſua conta ſe levaſſe preço aos humildes feſtejadores do ſeu ſervo S. Gonçalo , acudindo com tal prodigio: antes moſtrou que naõ ſò eſtimava a devaçaõ, mas que folgava de a ajudar, e contribuir nella , como qualquer dos pobres com os arratens de cera que o fogo conſumio , e com os que ſe acharaõ de crecença. Em milagre taõ patente ouve pouco que fazer. Juſtificouſe logo, e approvouſe polo Ordinario: e com ſua licença o prègou na feſta deſte anno de 1621 o Prior do Convento que era o Padre Preſentado Frey Chriſtovaõ Carvaõ.

CAPITULO XXVII.

De outras Confrarias que ha neſta Igreja , e de ſua antiguidade, e devaçaõ.

MEreciaõ primeyro lugar por calidade as Confrarias de que tratamos nos capitulos precedentes. Das que reſtaõ iremos agora fazendo relaçaõ ſegundo ſuas antiguidades. A que mais annos conta entre todas , as que ha neſta Igreja , he a dos Santos Reys Magos , que tem ſeu altar pegado com o de Noſſa Senhora do Roſario contra a porta da Igreja. A capella , e retabolo foi mandado fazer , e pintar por el Rey dom Dinis , quando deſpois de Rey mandou fazer de novo algumas officinas neſte Convento , e reparar outras. E aſſi tem a pintura mais de 320 annos de antiguidade , viſto como dom Dinis começou a reynar no de 1279 em que dom Affonſo III. ſeu pay faleceo : e os meſmos tem a Confraria. Ha neſte altar huma curioſidade muito digna de ſer ſabida. E he que na Imagem de Noſſa Senhora , que eſtà no meyo do retabolo cercada dos Reys, temos tirada ao natural a Rainha Santa Dona Iſabel , molher del Rey dom Dinis : e na do minino Jeſu , que tem nos braços , o Principe ſeu filho , que entaõ ſe criava , e deſpois ſuccedeo no Reyno com nome de dom Affonſo Quarto. Quem foſſe autor de tal memoria , naõ conſta , mas bem he de crer que ſeria el Rey, pois o foy da obra do retabolo , e ſem ſua ordem ſe naõ atreveria o pintor. E baſtante indicio he ſabermos que fazia el Rey neſta Capella a feſta de S. Dioniſio cada anno em quanto tardou em ſe acabar o edificio de S. Dinis de Odivellas , Moſteiro real por muitas calidades , em que o meſmo Rey jaz ſepultado. O que foy cauſa de ſe nomear muitos annos por Capella de S. Dinis , e fazer el Rey mercè ao Convento , por conta della , de dez libras em cada hum anno em

em quanto viveo: E ſaõ as palavras formais da Proviſaõ, que fazia eſta eſmola pera ſe adubar a Igreja do ſeu Moſteyro de S. Domingos da Villa de Lisboa. Eſta Proviſaõ temos confirmada por el Rey dom Afonſo ſeu filho no anno de 1326. E porque ſe veja o muito que entaõ valia pouco dinheiro, pois com eſta contia ſe podia acudir ao reparo de tamanha caſa, importavaõ dez libras da moeda de agora, ſendo a conta de Duarte Nunes de Liaõ, mil e ſeiſcentos reis.

Na Cron. dos Reys f. 134.

Tem ſegundo lugar de antiguidade a irmandade dos Ingreſes na Capella de ſeu padroeiro S. Jorge, que he collateral à Capella mòr da parte do Evangelho. Deveſe a inſtituiçaõ della aos Reys daquelle Reyno, que como eraõ taõ Catolicos nos tempos atràs, e com eſte Reyno conſervaraõ ſempre commercio de amizade, e algumas vezes de ſangue, quizeraõ que ſeus vaſſallos reſidentes continuos nelle teveſſem particular Capella onde ſe juntaſſem aos Officios Divinos pera teſtimunho de ſua religiaõ: e com ordem que ouveſſe quem os apontaſſe, e tambem quem teveſſe poder de multar os deſcuydados, e levarlhes a pena. Ajuntaraõ deſpois a eſte bom coſtume, hum direyto nas mercadorias que deſpachavaõ na Alfandega, que valia dez reis por cada peça de panno; e como era o trato groſſo, e grande numero de nàos, vinha no cabo do anno a montar muyto. Arrecadavaſe o direito polos livros da Alfandega, e eraõ executores os Mordomos com aſſiſtencia do ſeu Conſul. Aſſi eſtava a Confraria rica de muita, e boa prata, e bons ornamentos do Altar. Como là faltou a Religiaõ nos Reys, foy tambem faltando aquelle primor, e goſto antigo do culto Divino nos vaſſallos que navegavaõ, e o groſſo direito de dez reis por cada pano, trocouſe em hum cruzado por cada nào, que foy grande abatimento. E com tudo entre os que eraõ moradores antigos deſta Cidade, aſſi como ſe conſervou a fè com a pureza de ſeus mayores, ajudada com o exemplo que tinhaõ nos Portuguezes: aſſi nunca ſe deſemparou de todo o ſerviço da Capella no meyo das calamidades, e tormentas que aquella ilha padece ha muytos annos em materia de religiaõ. E com naõ ceſſarem eſtas inda oje, a paz, que faz crecer todos os bens, como dura ha jà vinte annos com a Coroa, e Reynos de Eſpanha, tem moſtrado que naõ eſtà apagado neſta naçaõ o Catolico eſpirito de ſeus antepaſſados. Porque em bom ſerviço, e em numero, e frequencia de homens eſtà a Irmandade de preſente muy adiantada, e começaõ a reformar, e illuſtrar a Capella de novo com marmores, e pinturas, e dourados que a vaõ aventajando às mais eſtimadas do Convento. Naõ falta quem diga que a inſtituiçaõ da Capella, e Confraria Ingreza he taõ antiga como a tomada de Lisboa quando foy ganhada aos Mouros com ajuda daquella grande armada de varias naçoens do Norte, que na conjunçaõ do cerco, que el Rey dom Afonſo Anriquez lhe tinha poſto, aportou na barra, e foz do Tejo. Porque dellas ficou com noſco muita gente nobre, e ple-

Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Afonſo Anriques.

e plebeya, e mais da Ingreza. E querem atribuir eſte cuydado ao valeroſo Arcebiſpo, e Martyr de Cantuaria Santo Thomas, dizendo que elle procurara no tempo que teve maõ no governo de Inglaterra, que ſeus naturaes ſe juntaſſem cà em Capella, e companhia particularmente ſua, e que da Igreja das Martens, onde eſtivera primeyro, ſe paſſara à de S. Domingos tanto que fora edificada. De que a Ermida das Martens (cujo verdadeyro nome he dos Martyres) teveſſe principio naquelle tempo, e foſſe obra dos meſmos eſtrangeyros no tempo do cerco da Cidade, ninguem duvida: e de que permaneceo nella ajuntamento, e devaçaõ dos que ficaraõ no Reyno, bem ſe deixa crer da pintura que dura no alto do retabolo; que nos faz repreſentaçaõ dos Capitaens eſtranhos juntos à bandeyra de S. Jorge.

De certo ſabemos, que em tempo del Rey dom Duarte eſtava jà taõ autorizada a Confraria neſta ſua Capella de S. Domingos, que elle como filho de Ingreza que era, ordenou que ſe lhe diſſeſſem nella em cada hum anno no dia da feſta de S. Jorge humas Veſparas ſolenes, e Miſſa cantada, e pera ella deixou de renda quinhentos reays brancos, nos quais ſe montava quaſi ao dobro da moeda que oje corre, a rezaõ de dez ſeitis, e quatro quintos de ſeitil por cada real branco da antiga moeda: o que ignorando os que trataraõ da reformaçaõ do padraõ neſtes annos proximos, aceitaraõ quinhentos reis da moeda preſente, que he de ſeis ſeitis o real, e ficaraõ perdendo o mais: como ſe pode ver da reduçaõ que el Rey dom Manoel fez das moedas em ſeu tempo. Nas Orden. velhas del Rey dom Manoel l. 4. t. 1.

No anno de 1414 em 12 de Abril achamos que foy fundada a irmandade da gente Framenga, que naquelle tempo era chamada irmandade dos Borgonhoens, nome que comprendia todas as Provincias ſojeitas ao grande Duque de Borgonha, Conde, e Senhor de Frandes. Deuſelhes pera ella a Capella collateral da Mayor da banda da Epiſtola, que fica em ſitio igual com a dos Ingrezes. Foy o nome de Santa Cruz, e do Apoſtolo Santo Andre antigo padroeyro da Caſa de Borgonha, e de ſua Ordem do Tuſaõ de ouro, Ordem militar, mas poſta em reputaçaõ de ſe naõ communicar mais que a Principes, e grandes Senhores. Como gente amiga do bem publico, ſouberaõ começar polo principal, que foy enriquecella com muytas reliquias de Santos, e particulares dos Apoſtolos Santo Andre, Santiago, e S. Felipe, e logo com indulgencias, e alguns Jubileus que impetraraõ de Roma. E ajuntaraõ pera commodidade eſpiritual terem no Convento hum Frade deputado pera ſeu Capellaõ, o qual por privilegio Apoſtolico tem poder pera lhes adminiſtrar todos os Sacramentos, como ſe fora ſeu parrocho: e como tal lhes diz ſua Miſſa nos Domingos, e dias de Feſta, à qual acodem com cuydado, e a ouvem juntos. He eſtatuto entre elles guardado com puntualidade darem pera a fabrica da Confraria, e Capella hum por milhar de tudo o que val a fazenda que lhes entra nas maons, e todas ſuas nàos pagaõ por tonelada hum vintem, que

como ſaõ muitas, e a terra de Frandes naõ tem outro genero de vida nem trato, ſenaõ mercadejar, he hum, e outro rendimento taõ importante, que huns annos por outros paſſa de dous mil, e quinhentos cruzados, quando o commercio naõ eſtà cerrado. Aſſi celebraõ ſuas feſtas com grande deſpeſa, e pompa: e eſtà a Capella muy luzida, e abaſtada de prata rica, e bem lavrada, e de muitos ornamentos de frontais, e caſulas de tèlas de ouro, e prata, e ſedas de todas cores, pera ſervirem ſegundo os tempos, e as feſtas. Mas o que mais lhes devemos louvar, he terem por coſtume, e ordem repartir muitas eſmolas entre os pobres de ſua naçaõ, e caſarem orfans filhas deſtes com dotes competentes. Ao que ſe ajunta, que quando acontece virem a eſte Reyno alguns naturais ſeus a negocear, ſe caem em doença ou em outra neceſſidade ſaõ curados, e providos com caridade, e largueza: pera o que ſe fintaõ todos, e acode cada hum de ſua caſa com o que pode, quando naõ baſta a renda commum da Confraria. E pera perfeita piedade, todos os pobres ſaõ enterrados à cuſta da Irmandade, e acompanhados com muita cera, que uſaõ toda verde, e ſocorridos logo com Miſſas, e ſuffragios. E tem pera ſeu enterramento lugares ſeparados, a ſaber aquella parte do cruzeiro que fica diante da ſua Capella, e a Sacriſtia della, que he huma boa caſa. Foy iſto commodidade, e graça que os Religioſos lhes fizeraõ em reconhecimento de particulares, e aventajadas eſmolas, com que nos tempos antigos dos tremores da terra acudiraõ ao reparo da Igreja, e Convento, e foraõ ſempre os que mais ſe ſinelaraõ neſte ponto. E o meſmo fizeraõ polo tempo em diante, e ategora, nas obras que ſuccederaõ de importancia, e neceſſidade.

CAPITULO XXVIII.

Proſegue a relaçaõ das Confrarias, e outras irmandades que ha na Igreja.

A Caſa, e Corte da Suplicaçaõ, tribunal ſupremo da juſtiça deſte Reyno, tem neſta Igreja antiquiſſimo aſſento de Confraria, que deve ſer igual em annos aos que ella tem de aſſiſtencia na Cidade, deſpois que os Reys a trouxeraõ de Santarem, como atràs tocamos. Mas naõ nos conſta do anno em que começaraõ, e por iſſo lhe damos eſte lugar. Eſtes Padres fazem ſua feſta ao Eſpirito Santo na primeyra Oitava da meſma feſta, ſem eleiçaõ de Capella ou altar particular, e celebraõna com muita mageſtade. No anno do Senhor de 1566, ſendo Rege- 1566.
dor da Caſa Lourenço da Sylva, ſe fez novo Compromiſſo, no qual emendaraõ algumas couſas do eſtilo antigo, que uſavaõ, e ordenaraõ de novo outras pera bom ſerviço da Confraria: as quais confirmaraõ por el Rey dom Sebaſtiaõ.

He muito bem ſervida, e com grande cuydado a Serafica Santa Caterina de Sena. He Santa da Ordem, e como dizem, de caſa. Aſſi tem ſumptuoſa Capella, e altar rico de perfeita pintura, em que ſe lem parte das maravilhas de ſua ſantiſſima vida. A huma parte recebendoa Chriſ-

Chriſto Jeſu por ſua eſpoſa, e ſendo medianeyra do Divino concerto a Virgem ſacratiſſima ſua Mãy. A outra imprimindo-lhe ſuas divinas chagas. Moſtra-ſe o bom Jeſu pregado em huma Cruz no alto do Ceo cercado de celeſtial claridade, e a Santa abſorta toda nelle, recebendo o ſoberano favor por meyo de humas linhas de fogo, e ſangue que o repreſentaõ. Veſe em outro painel o amoroſiſſimo Senhor (porque acabemos de entender os eſtremos que faz por quem o ama) tocando ſeu Divino coraçaõ com o da Santa. Eſta Capella, e altar toma todo o topo do cruzeyro da parte da Epiſtola.

No topo fronteiro tem Capella por eſtremo fermoſa a Virgem Noſſa Senhora com titulo das Virtudes. He a imagem de vulto veſtida de eſtofado: perfeitiſſima em eſcultura. Foy mandada fazer em Frandes por el Rey dom Manoel, com tençaõ de a dar ao Moſteyro de S. Jeronymo do Eſpinheiro de Evora. Sendo chegada a Lisboa, e muito gabada a el Rey, mandou que a poſeſſem neſte Convento pera a ver. Vendoa no Altar mòr, onde a poſeraõ, ſatisfezſe tanto da fermoſura do roſto, talho, e proporçaõ della, que a gabou muito aos fidalgos que o acompanhavaõ. Tornando no paço a falar nella, e repetindo quaõ bem lhe parecera, hum valido ſeu, e da noſſa Ordem devoto, deſejandoa pera eſta caſa, valeoſe da occaſiaõ, e poſto de joelhos diante del Rey, pediolhe de mercè, que pois taõ contente eſtava da imagem, foſſe ſervido contentarſe tambem do altar em que a vira, e naõ conſintir que ſe tiraſſe delle, porque aly a poderia ver mais vezes, do que faria eſtando em Evora. Juntouſe o goſto proprio com a affeiçaõ do privado, concedeoa ao Convento, e mandou que ſe fizeſſe outra pera o Eſpinheyro. Eſteve a Imagem no Altar mòr atè o anno de 1558, que foy o em que ſe acrecentou à meſma Capella tudo, o que nella parece de obra moderna, e differente da antiga, que ſe deixa bem conhecer. Entaõ ſe paſſou pera onde oje eſtà, e onde tem ſua Confraria, e ſe lhe faz ſolene feſta no dia de ſeu glorioſo Nacimento. E eſta he a imagem de que atràs contamos, que falou, e conſolou a huma devota do ſeu Roſario. 1558.

Sendo canonizado S. Jacinto, e recebido neſte Reyno ſeu nome com tanta devaçaõ, que foraõ muitos, e notaveis os milagres que em todas as partes delle tem obrado, parece que a Senhora das Virtudes ſeria ſervida de agaſalhar no ſeu altar quem de tantas foy dotado. Aſſi ſe poz nelle huma devota Imagem do Santo com ſua cuſtodia nas maons, em lembrança daquella, com que fogindo dos Barbaros infieis paſſou o grande rio Boriſthenes fazendo caminho ſobre a corrente das agoas impetuoſas, com a meſma confiança, e facilidade, que pudera fazer polo lageado da ſua Igreja. Mas que maravilha, ſe levava nellas quem o levava, e guiava a elle, e lhe dava a vida, o ſer, e o valor? Deſdo meſmo dia ficou aſſentada nova Irmandade em nome do Santo: e pera mais honra ſua ſe annexou à da Virgem: com a qual ſe encorporou tambem de novo a Irmandade da

Reſurreiçaõ, e ficaraõ unidas tres em huma ſò.

E porque os ſoldados da guarda Tudeſca, que ſerve a el Rey neſte Reyno, e em ſua auſencia acompanha os Viſoreys, e Governadores que ſua peſſoa repreſentaõ, quiſeraõ tambem formar Confraria pera exercicio de obras virtuoſas como bons, e fieis Catolicos: eſcolheraõ com acertado conſelho por padroeiro, e protector eſte Santo, ſe naõ natural de ſua terra, ao menos mais vizinho que os Santos de cà. Ficou fundada eſta Irmandade na meſma Capella, e Altar onde o Santo eſtà, e debaixo de ſua invocaçaõ, mas ſeparada das outras tres, e diſtinta em leys, e eſtatutos, como em gente, e lingoa. Porèm paſſados alguns annos achamos que mudou ſitio pera outra Igreja.

Ultimamente inſtituyo neſta Igreja o graviſſimo ſenado da ſanta, e geral Inquiſiçaõ huma ſolene Irmandade ſem eſcolha de Altar particular: cujo titulo he do valeroſo Martyr S. Pedro de Verona Frade de S. Domingos, por ſer o primeyro que por honra do ſagrado Officio da Inquiſiçaõ, que ſervia, deu ſua vida, e com o proprio ſangue ennobreceo o cargo. E por eſta rezaõ celebra em ſeu dia o ſanto Tribunal a feſta da Confraria. Acode a ella o Inquiſidor Geral, acompanhado de todos os Padres que com elle ſervem: e juntos aſſiſtem às Veſparas, e deſpois no dia à Miſſa, e prègaçaõ. Acodem todos os Miniſtros, e Familiares do Santo Officio, trazendo eſtes dous dias ſobre os peitos ſuas cruzes quarteadas de branco, e preto, diviſa propria da Ordem de S. Domingos, em memoria que nella teve principio eſte taõ importante miniſterio.

Outras Irmandades ha, quaſi tantas em numero como ſaõ as Capellas, e Altares. Em todas ſe vè riqueza, e devaçaõ, e bom ſerviço, com que a Igreja eſtà muito frequentada, e ennobrecida. Mas dito o principal, convem paſſar a outras couſas.

CAPITULO XXIX.

De alguns Religioſos filhos deſta caſa que faleceraõ com opiniaõ de ſantidade.

AViſando primeiro ao Leitor da noſſa ordinaria queixa, que he faltaremnos noſſos antepaſſados com memorias gerais dos Santos, e mais varoens aſſinelados que ſabemos certo ouve neſte Reyno no principio da Ordem, quando mais florecia, e no proceſſo a diante quando ſe dilatava em Conventos, porque a ſantidade conhecida era cauſa de ſerem pedidos, e dezejados de todos os lugares grandes que os podiaõ manter, como viviaõ ſem proprio: ſerà forçado ficarmos curtos em hiſtoria de huma caſa que ſò nos podera dar materia de grandes volumes, ſe naõ ficara enterrada com os ſogeitos, que nella floreceraõ, ſua memoria. Por onde paſſaremos aos que quaſi nos foraõ preſentes: advirtindo primeiro que de dous illuſtres filhos della, que tinhaõ aqui ſeu lugar, fazemos particular relaçaõ, e com titulo proprio na ſegunda, e terceira parte deſta hiſtoria em Conventos que com ſua preſença, e virtudes illuſtraraõ,

raõ , e fundaraõ. Hum muyto antiguo, que foy o Meſtre Frey Vicente de Lisboa, Provincial, e Inquiſidor geral de toda Eſpanha antes da ſeparaçaõ deſta provincia: de quem tratamos no titulo do Convento de Benfica onde eſtà ſepultado: outro he o Meſtre dom Frey Bertolameu dos Martyres, Arcebiſpo digniſſimo de Braga , primàs das Eſpanhas , moderno em tempo, mas comparavel em ſantidade aos primeiros , e mais antigos ſantos aſſi da Ordem, como da Santa Igreja. Daremos relaçaõ de ſua vida quando chegarmos aos annos, em que fundou com ſeu trabalho, e deſpeſa o Convento que a Ordem tem em Alem douro na inſigne villa de Viana , ſem embargo de a termos eſcrito , e publicado em particular hiſtoria impreſſa na meſma villa no anno de 1619.

O primeiro que agora ſe nos offerece he o Padre Frey Diogo de S. Dionyſio chamado o mayor , a differença doutro mais moço , e tambem porque lhe quadrava o nome por todas as vias. Floreceo em grandes , e abalizadas virtudes neſte Convento , polos annos do Senhor de 1550, e era grandemente eſtimado por ſua prègaçaõ. Porque como prègava com exemplo de vida , e fazendo o que dizia, eraõ ſuas palavras fogo que abrazava coraçoens , e ſua lingoa eſpada de dous gumes, que afiada em muita graça , e eloquencia natural, de que era dotado, penetrava, obrigava, e rendia os mais duros , e rebeldes peccadores, fazendo tornar muitos à eſtrada do temor , e amor de Deos. Aſſi tinha no pulpito hum eſtranho fervor : e em algumas materias pronunciava o que ſintia , com huns brados taõ efficazes , e taõ conhecidamente ſaydos da alma, e de hum aceſo deſejo de aproveitar , que feria as almas dos ouvintes : mas com eſta vehemencia fazia muito dano à ſua ſaude, inda que lhe rendia ganho nos proximos : ficava trabalhado , e moydo como ſe entrara em batalha , e em fim o aturar lhe veyo a cauſar a morte. Porque ſendo velho , e continuando todavia o pulpito com conſtancia de moço, nacida de ſeu grande eſpirito, e zelo das almas , hum dia ſe forçou tanto , que lhe rebentou huma vea no peito , e tornou pera a cella vaſandoſe em ſangue pola boca. Fizeraõ-ſelhe muitos remedios : como naõ ajudava a idade , era tempo perdido. Moſtrou no trabalho da doença quem fora no bom tempo da ſaude : levava-a naõ ſò com paciencia, mas com alegria. Porque entendendo com bom diſcurſo , que poſto que ſoldaſſe a vea , naõ ficava jà o peito capaz de tornar às ſuas energias , e fervores , com que dava alma, e vida a tudo o que dizia : ſintiaſe nelle que deſejava acabar a carreyra , avendo, que pois avia de ficar inutil pera trabalhar , naõ era rezaõ que viveſſe ſò pera fazer numero, e comer , e dar pejo em caſa. Reduzido jà a grande fraqueza, e ſuſpirando pola hora que o avia de deſatar da vida, entrou o Medico huma manham, e tomandolhe o pulſo declaroulhe ſem rodeos (porque ſabia com quem o avia) que tinha perto a ultima hora. Aſſi lhe agradeceo Frey Diogo o deſengano, como noutro tempo pudera eſti-

mar

mar novas de ſaude : e fez demonſtraçaõ por obras , avendo que naõ baſtavaõ palavas. Deulhe forças o goſto , como aos franeticos a furia do mal. Aſſentouſe na cama , e lançando os braços no peſcoço ao Medico, pediolhe que recebeſſe aquelle abraço, que era tudo o que lhe podia dar , dezejando que fora huma rica dadiva polo goſto da boa nova que lhe trouxera : e tardou pouco em a ir lograr.

Com as meſmas anſias de chegar ao fim da carreira deſta vida mortal, ſe foy pera a eterna Frey Sebaſtiaõ do Roſario Irmaõ leigo , e mancebo , mas de grande ſerviço , e virtude provada. Ajudava na portaria ao bom velho Frey Jordaõ do Eſpirito Santo , aproveitavaſe do exemplo , e liçoens de ſeu eſpirito , e tinha alcançado que ſò na boa morte conſiſtia todo o bem da vida. Como tinha eſta certeza , e fiava muito da miſericordia Divina dezejava como valente , o que os fracos por cà tememos. Eſtava doente, e apertado : diſſelhe hum dia o Medico , que de ſua virtude tinha muyto conhecimento : Boas novas Irmaõ Frey Sebaſtiaõ : cedo eſtareis com Deos , eſte pulſo me diz que naõ tardareis de oje. Alvoroçouſe o enfermo com o que ouvio de ſorte , que como muyto ſaõ quizera ſaltar do leito a abraçallo, e com voz inteira ; e robuſta lhe reſpondeo : Pague Deos a voſſa mercè ſenhor Doutor as alviçaras que lhe devo por taõ boas novas , com lhe dar todos os bens que deſeja. Façolhe a ſaber que nunca me falou tanto à vontade , como agora. Pedio logo o ultimo Sacramento , e recebido com devaçaõ dormio no Senhor.

CAPITULO XXX.

Da glorioſa morte do Padre Frey Dinis de Mello , e do Padre Frey Afonſo de S. Matheus.

QUaſi polo meſmo tempo concluhio com glorioſo fim huma vida muito larga o bom velho Frey Dinis de Mello. Fora Prior de muitos Conventos , e trabalhara bem em quanto o ajudaraõ as forças. Como lhe faltaraõ com a idade , e entraraõ doenças , certa companhia da velhice , recolheoſe a eſta caſa como filho della , naõ a deſcançar , que jà naõ avia lugar polo mal que deſcanſa quem he doente : ſenaõ a morrer. Aſſi em nenhuma couſa outra tratava , nem cuidava mais que na morte. E como ſe nella teveſſe certas todas as delicias do mundo , aſſi dizia muitas vezes , que por acelerada que lhe vieſſe , nunca ſeria tanto , que o achaſſe deſcuidado. Porque pera toda hora , e lugar , e pera todo ſucceſſo andava preſtes , e apercebido. E por tanto advirtia a todos que ſe acertaſſem de o achar morto em qualquer parte , e de qualquer modo que foſſe , naõ diſſeſſe ninguem que acabara de morte ſubita. Porque tinha por mais acertado viver cuidando que cada hora morria , que morrer imaginando que poderia viver mais hum anno. Com eſte pretexto todos ſeus exercicios eraõ de homem que eſtava com a candea na maõ , e pera eſpirar : toda ſua occupaçaõ era tratar ſò com Deos , falar

lar com elle, ou mentalmente orando, ou rezando pſalmos. E coſtumava rezar muitas vezes na ſemana o Pſalterio de David inteiro. Naõ podia faltar o Senhor com huma hora bem aſſombrada a quem o eſperava com tal vigia. Reveloulhe quando avia de chegar: e foy tanto ao certo, que em hum dia, que ninguem cuydou, o viraõ correr os Dormitorios tangendo as taboas. He ſom temeroſo em todo Convento, quando ſe ouve fòra de horas, ou ſem precederem ſinos: parece que batem aquellas aldrabas ſobre o coraçaõ, naõ em taboa. Naõ ſe ſabia, que ouveſſe doente de perigo em caſa: era mayor o terror. Sahiaõ os Frades às portas das cellas, paſmados de o verem naquelle officio, perguntavaõlhe por quem tangia, reſpondia alegre, e ſoſſegado que por ſi meſmo, que queria morrer. Naõ ouve nenhum a quem deixaſſe de parecer mero delirio: porque no meſmo dia diſſera ſua Miſſa, e comera no Refeitorio da enfermaria, onde eſtava recolhido naõ por enfermo nem convalecente, ſe naõ ſò por velho. Todavia aporfiou que morria, e pedio que o naõ deixaſſem: e ſendo chamado o Medico, e conhecendo do pulſo que o deſemparava a virtude natural, conformou com elle: e com eſpanto de todos fez no meſmo dia bemaventurado fim.

Como huma boa morte he verdadeiro teſtemunho quaſi ſempre de huma vida ſemelhante, gaſtamos pouco papel em eſcrever obras particulares dos tres Religioſos que atràs ficaõ. Mas ſeguillosa huma vida de grande admiraçaõ, e grandes eſtremos. Affirmaõ os antigos de Frey Afonſo de S. Matheus, filho deſta caſa, que deſdo dia que tomou o habito, nunca mais comeo carne, nunca quebrou jejum da Conſtituiçaõ, nem ſe ſoube delle que comeſſe fòra do refeitorio da Communidade. E ſendo a comida, que de ordinario ſe dà na Ordem, baſtante paſto, mas naõ demaſiado pera ſuſtentar huma vida: elle fazia que a ſua porçaõ ſupriſſe a duas, cortandoa ſempre polo meyo, e ajudando a ſuſtentar com a parte que tirava hum pobre honrado, com licença que tinha alcançado dos Prelados. Todos os dias à prima noite caminhava pera o Coro, e nelle ficava atè hora de matinas. Entaõ, ſe avia horas de noſſa Senhora, aſſiſtia a ellas com a Communidade, e acabadas ſe recolhia, porque tinha officio, que o obrigava a madrugar, como logo diremos. Seu dormir era ſempre veſtido, a cama huma taboa nua, o cubertor huma manta aſpera, deſabrigada, e fria, de pelo de cabra: e com eſte tratamento cingia de continuo hum muy aſpero cilicio: e tinha de ſeu alguns, cada hum de diferente genero pera lhe ſervirem conforme aos tempos. Foy ſeu primeiro officio ajudar na Sacriſtia: deſpois ſuccedendo no cargo inteiro della ſervio, e perſeverou vintoito annos continuos no trabalho de Sacriſtaõ mòr, e em todos elles, ſe affirma, que nunca teve amizade particular com peſſoa nenhuma, avendo muytas que a dezejavaõ ter com elle. Lembrado eſtou que ouvi contar a quem o conheceo, e tratou de perto, que a Rainha dona Caterina tendo relaçaõ de ſua vida deſejara de

de o ver, e tratar, como foſſe ſem lhe fazer força; e elle furtara o corpo à honra, de maneira que nunca entrara no Paço. Vindo a falecer, todo o recheyo da ſua cella ſe reſolveo em alfayas de penitencia, cilicios fortes, e crueis, e bem curtidos do uſo, tres ramais de diſciplinas, humas de roſetas, outras enceradas, outras de cordeis, e todas com claros ſinais de naõ viverem ocioſas. A iſto ſe juntou huma fronha de traviſſeiro que ſe lhe achou recheada de retalhos de varias ſedas, e meadas de retroz de cores, que lhe ſerviaõ de remendar, e cozer por ſua maõ (ſegundo genero de mortificaçaõ, e penitencia) frontais, e veſtimentas nas horas ocioſas da ſua cella. Livros naõ tinha mais que hum ſò, e eſſe em vulgar. E tal era a riqueza de hum Sacriſtaõ mòr de Lisboa. A rezaõ de tanta pobreza em quem tinha occaſioens de lhe ſobejar cabedal pera boa livraria, e curioſidades, eſtava entendida, porque todos ſeus empregos, e grangerias eraõ deſentranharſe com pobres, e buſcar pera elles: e naõ lhe baſtando o proprio pera ſua caridade, avia Fidalgos que ſabendo ſeu proceder repartiaõ por ſua maõ copia de dinheiro que elle ſabia empregar com ſegredo, e prudencia entre peſſoas honradas, e pobres, e virtuoſas. E particularmente tinha commiſſaõ de Jorge da Sylva, Fidalgo rico, e grande pay de pobres, pera deſpender com elles cada mez huma boa contia. Faleceo no anno de 1569 aos oito de Agoſto na grande peſte que ouve neſta cidade.

1569.

CAPITULO XXXI.

Da vida, e martyrio glorioſo do Padre Frey Jeronymo da Cruz.

GRande ſalto nos obriga a dar hum illuſtre filho deſta caſa em ſeu ſeguimento: aſſi o puderamos ſeguir nas obras. He o Beato Frey Jeronymo da Cruz nacido neſte ultimo occidente, e na Sè de Lisboa bautizado: morto, e de ſeu ſangue laureado alèm do Indio, e do Ganges por honra da fè, e de ſua Religiaõ Tomou o habiro em idade de trinta annos, ſendo jà Bacharel formado em Canones por Coymbra. Era nobre por geraçaõ de pay, e mãy, o apellido delle Paiva, della Chamorra. O primeiro anno deſpois de profeſſo foy ordenado de Epiſtola, e Evangelho. No outro ſeguinte indo pera a India quatro Religioſos, e eſtando jà embarcados, ſuccedeo caſo forçado que impoſſibilitou a jornada a hum delles. E foy tanto em veſperas da partida, que no dia ſeguinte ſe faziaõ as nàos à vèla. Era Provincial o grande Meſtre Frey Jeronymo da Azambuja: ouve que ſeria quebra, mandando taõ poucos pera onde eraõ neceſſarios muitos, aver falta nelles. Taes moſtras dava o novo Diacono, que lhe pareceo encheria dignamente o lugar Eraõ horas que ajudava a cantar a Salve deſpois de Completas. Chamouo, diſſelhe ſem prologos que ſe foſſe embarcar pera a India, que convinha aſſi. Naõ ouve mais palavras de parte do Provincial: nem do ſubdito mais repoſta que dizendo Benedictus

Deus

Deus a uzo da Ordem, fazer a venia, e beijarlhe o eſcapulario, caminhar pera a cella, cubrir a capa, e tomar o Breviario, e tirar alegremente pera a portaria. Perfeito ſacrificio de obediencia, yr mandado, yr logo, yr com goſto, e yr ſem por em conſulta ſe arma a yda. Mas outro ſacrificio fez mayor Frey Jeronymo, que tendo na cidade ſua mãy, offereceo a Deos as ſaudades que lhe merecia, e a deſconſolaçaõ que lhe deixava: embarcouſe a furto della, e naõ foy na meſma hora, porque acudio o Prior que era o Padre Frey Eſtevaõ Leitaõ, dizendo que ſeria bem tomar primeiro Ordens de Miſſa pera o que logo deu traça. Aſſi teve aquella noite pera ſe deſpedir dos Frades amigos acudindo os que ſouberaõ da ida a enriquecello de livros, e do que cada hum podia, porque fez aballo em todos o animo, e a reſoluçaõ. Levantouſe ante manham a tomar as Ordens que lhe deu o Biſpo dom Belchior Belleago. E foy o tempo taõ eſtreito que hia pola barra fòra, e no mar largo, e a mòr parte do Convento naõ ſabia que ſe embarcava. Jà parece que podemos contar por principio do martyrio tal modo de deixar a patria. Mas a jornada nos deſcubrio muito mayores moſtras de ſeu valor.

Hya na nào hum mancebo bem nobre no ſangue, mas muy pouco em coſtumes, atrevido de lingoa, e colerico, e da arte de huns ignorantes, que achaõ por valentia inventar novas formas de juramentos, e afrontar com ellas o Ceo, e as orelhas pias. Hum dia que Frey Jeronymo o vio deſmandado em muytos, naõ ſe atreveo o animo religioſo a tolerar as injurias do Salvador: inda que conhecia o riſco, foyſe a elle, e com termo brando, e grave eſtranhoulhe os juramentos, dizendolhe o que mais lhe pareceo obrigaçaõ do habito. Naõ era acabada a ultima palavra, quando o deſatinado mancebo levanta a maõ, e aſſenta-a com toda a força do braço ſobre a face veneravel do Sacerdote. Tomaraõ os ſeculares que eraõ preſentes, e muitos a injuria ſobre ſi, como na verdade em ley de primor ſobre elles cahia: ouve grande rumor, grande revolta: ſò o offendido naõ ſe alterou, nem por ſi acudio com mais palavra, que as do animo com que ſe tinha todo dedicado a Deos, que foraõ. Seja por amor de Jeſu. E porque iſto eraõ enſayos com que o Senhor o hia diſpondo pera a batalha mayor do martyrio, grangeoulhe novo merecimento, e ſegundo intereſſe da afronta por ſua honra varonilmente aceitada. E foy aſſi que começando a levantarſe brigas ſobre o ſucceſſo entre os paſſageiros, pareceo ao Capitaõ que averia quietaçaõ ſe foſſe auſente quem fora origem, e cauſa dellas. Pediolhe que ſe paſſaſſe a outra nào. Era iſto o meſmo que lançar Jonas ao mar pera ceſſar a tormenta levantada ſem culpa ſua. Sofreo o Santo, que jà nos merece bem nomearmolo aſſi, a pena que lhe davaõ polo erro alheyo com o meſmo valor, que a bofetada: e foyſe deſterrado da companhia dos Padres ſeus irmaons, que pera viagem taõ comprida naõ podia ſer mayor deſconſolaçaõ. Mas pagoulha noſſo Senhor, quando por honra de ſeu nome ſe lhe

Joan. 1.

multiplicavaõ trabalhos: porque naquelle deſemparo, e apartamento dos ſeus, o viſitou com grandes conſolaçoens, das quais naceo ſobir taõ alto nas materias do eſpirito, que andando deſpois na India, todas as vezes que ſe recolhia na Oraçaõ, em que era muy continuo, ſe arrebatava em profundas extaſes.

M. Frey Anton. de Sena Cronic. da Ord. fol. 336.

Chegado à India, como Deos lhe queria abreviar a coroa, pareceo que ainda em Goa ſeria ſua preſença ocaſiaõ de diſcordia aos meſmos que primeiro a tiveraõ por elle. Deſpachouo o Vigario Geral da noſſa Congregaçaõ logo pera Malaca: e com a meſma brevidade o deſpidio de Malaca pera o Reyno de Syaõ o Prior daquelle Convento, como Vigario dos Religioſos que por aquellas partes andavaõ derramados na converſaõ da Gentilidade que jà entaõ eraõ muytos, e agora tem ſobido a grande numero, ſegundo veremos adiante quando chegarmos com a hiſtoria aos annos do deſcubrimento da India. Deulhe o Vigario por companheiro em Malaca ao Padre Frey Sebaſtiaõ do Canto. Foraõ eſtes dous Padres os primeyros que entraraõ naquelle grande Reyno a prègar o Evangelho. Entendido polos naturais quem eraõ, e que vida faziaõ, e que fim os levava à ſua terra, pareceo aos mais que mereciaõ honra, e gaſalhado, pois lhes hiaõ dar novas, e conhecimento do verdadeiro Deos que deviaõ adorar, que era o meſmo que dos Frades tinhaõ publicado os Portugueſes homens de negocio, que reſidiaõ na primeira cidade em que poſeraõ os pès. A eſta conta foraõ bem recebidos, e apoſentados no melhor lugar della. Logo ſe juntaraõ os nobres a viſitallos, e atè os Sacerdotes dos idolos os foraõ buſcar, moſtrandoſe todos deſejoſos de ouvir a nova doutrina. A primeira couſa, em que os Religioſos entenderaõ, foy eſtudar a lingoa; e naõ cauſou pouca admiraçaõ na terra a grande brevidade com que a tomaraõ, e ſe começaraõ a dar a entender com os naturais. Começavaõ jà a publicar o ſanto Evangelho, e enſinar os mininos, com eſperança de tirarem grande fruito de ſeu trabalho: quando o Senhor por ſeus occultos juizos permitio que naõ paſſaſſem adiante os bons principios, ou porque a terra por ſeus peccados naõ merecia entrarlhe a luz: ou porque quiz abreviar a gloria, e a palma ao ſeu Martyr. Como em todas as terras maritimas do Oriente tem os Mouros trato, e morada de muytos annos antes que os Portugueſes paſſaſſem a ella, e tem certeza que onde forem honrados os Chriſtaons naõ podem elles deixar de ſer perſeguidos, procuraraõ os que avia neſte porto adiantarſe, e apagar o fogo nos principios antes de levantar incendio, como jà ſe lhes trasluzia na geral inclinaçaõ que viaõ no povo pera as couſas da fè, e no muito que o Padre Frey Jeronymo lhe tinha em particular ganhado as vontades. Foy conſelho armar briga com os mercadores Portugueſes que acudiaõ a caſa dos Padres, pera que ſaindo elles, como era certo, a meter paz, foſſem acometidos, e mortos, e pareceſſe o negocio accidental. Pera melhor effeito peitaraõ alguns Gentios, que ouvindo rumor faiſſem

ſem com ſuas armas, pera que por todas as vias foſſe a traiçaõ mais diſſimulada. Aſſi como o traçaraõ, o poſeraõ por obra, e aſſi lhes ſuccedeo. Acharaõ à porta dos Padres os mercadores Portugueſes, ſoltaraõſe com elles em palavras: naõ ſofreraõ os noſſos o atrevimento, levaõ das eſpadas, travaſe a briga. Acodem os Gentios peitados, e conjurados, com ſuas armas, como eſtava tratado, revolvemſe todos, arde a rua em grita, e confuſaõ. Chegou o rumor aos Padres, decem abaixo, metemſe por entre eſpadas, e lanças, procurando apartar, e quietar. Mas como elles eraõ os buſcados, entaõ creceo mais o ruido, e carregando de propoſito pera onde vinhaõ todo o peſo da revolta, e das armas, foy atraveſſado o Padre Frey Jeronymo com huma lança polos peitos, de que logo cahio morto; e o Padre Frey Sebaſtiaõ ficou mal ferido na cabeça, mas naõ de morte. Moſtrou a cidade notavel ſintimento do caſo, e vioſe claro quaõ bons fundamentos tinha lançado, pera aproveitar no principal, o Padre Frey Jeronymo de bem quiſto, e amado em commum. Porque atè os mininos choravaõ ſobre elle, e com vozes, e clamores ao Ceo repetiaõ *Vapa beta*: *vapa beta*, que quer dizer, meu pay, meu pay. O meſmo ſintimento teve el Rey que eſtava auſente em huma cidade diſtante, quando foy informado do que paſſara; e mandou fazer exemplares juſtiças em Mouros, e Gentios. As reliquias do Santo Martyr ſe trouxeraõ pera Malaca no anno ſeguinte; e ſendo recebidas com prociſſaõ, e triunfo por toda a cidade, foraõ poſtas no Convento que aly tem a Ordem. Succedeo o Martyrio no anno de 1566 pola conta mais certa. 1566.

CAPITULO XXXII.

Vida, e trabalhos do Padre Frey Lopo Cardoſo.

COm boa bençaõ deſpedio o Convento de Lisboa tal filho, como foy o Martyr Frey Jeronymo, pois tal ventura alcançou. Mas naõ devemos eſtimar menos outros que ſe naõ foraõ Martyres de cutello, e ſangue derramado, padeceraõ tormentos de merecimento igual. Porque naõ ha duvida que os trabalhos da fome, e ſede, de perigos da terra, e medos do mar ſaõ hum genero de morte vagaroſa, e martyrio prolongado, que muitas vezes mata com dobrada pena. Pedio el Rey de Camboja por ſeu Embaixador ao Capitaõ de Malaca que lhe mandaſſe alguns Religioſos pera em ſeu Reyno prègarem a fè, e edificarem caſa. He Camboja grande, e dilatada Provincia, e huma das que com Malaca tem ordinario commercio. Deu o Capitaõ conta ao Vigario de S. Domingos, e elle aos Frades. Offereceoſe à jornada o Padre Frey Lopo Cardoſo, filho do Convento de Lisboa, e por ſeu companheyro o Padre Frey Joaõ Madeyra. Era Frey Lopo jà neſte tempo conhecido por homem de valor, e grande religiaõ: fora Prior em Chaul, Vigario de Malaca, e da Chriſtandade de Solor: e em todas eſtas partes ſe tinha governado com muita prudencia, e bom exemplo. Entraraõ os

dous companheyros em Camboja como pedidos, e chamados, e aſſi foraõ recebidos do Rey com todas as moſtras de amor que ſe podia deſejar. Seguiraõ obras conformes, mandandolhes ſinalar ſitio pera Igreja, e deſpachar ſuas licenças pera prègarem. Começava Frey Lopo com fervor, animado de taõ bons principios. Mas ſuccedeolhe o caſo mais aveſſo que em tal tempo ſe podia eſperar. Faleceo el Rey, entrou no Reyno hum filho moço entregue todo aos Sacerdotes dos Idolos. Eſtes como ſe viraõ com autoridade, empregaraõna em fazer o dano que podiaõ aos Religioſos, e foy o primeyro tirarlhes a licença de prègarem aos naturais do Reyno. Tratou logo Frey Lopo de deixar a terra: e em quanto aviſava ao Vigario de Malaca, por naõ largar o miniſterio a que fora chamado, entendeo em prègar a alguma gente de ſecreto, e aos tratantes foraſteyros em publico, porque avia muitos, e de varias naçoens: e converteo alguns.

Naõ conſintio o Vigario de Malaca que Frey Lopo deixaſſe Camboja, entendéndo que com o tempo, e com ſua prudencia viria a vencer a oppoſiçaõ dos enemigos: e pera o obrigar foyſe ver com elle a Camboja, levoulhe outro companheyro em lugar de Frey Joaõ Madeyra, que fora com o aviſo a Malaca (foy eſte o Padre Frey Sylveſtre de Azevedo.) E viſitou a el Rey a fim de o reduzir ao bom animo de ſeu pay. Quando ſe quiz partir mandoulhe el Rey entregar huns moços Jaos que cativara na guerra: com ordem que em Malaca lhos fizeſſe vender, e do procedido lhe compraſſe, e inviaſſe certas peças que lhe apontou. Foy a deſgraça, que chegado o Vigario a Malaca, os eſcravos como naõ andavaõ a ferro deſapareceraõ logo; o que aly he ordinario pola vizinhança da terra firme: e naõ ouve de que dar cumprimento à encomenda. Sabido em Camboja o que paſſava, pagaraõ os que là eſtavaõ o deſcuydo do encomendeyro, ou o deſaſtre da encomenda, e foraõ logo deſpojados de toda a pobreza, que em caſa tinhaõ, por mandado del Rey, atè o caliz, e veſtimenta, e Miſſal lhe levaraõ: e naõ parando o negocio no fato, por ſer de pouca valia, foraõ os Padres poſtos em aſpera priſaõ. Aqui foy o merecer padecendo eſtremos de fome, que ſendo genero de morte deſeſperado, ſe temperava com novas que cada dia lhe davaõ, que el Rey os mandava lançar aos elefantes bravos. E naõ avia duvida, que fora executado o mandado, ſe lhes naõ valera hum privado que o Padre Frey Lopo tinha de ſecreto convertido à fè, e juntamente a mãy del Rey que lhe affeava tratar mal homens entrados no Reyno debaixo da fè, e ſeguro Real de ſeu pay. Mas em fim por aqui teveraõ remedio de ſoltura os corpos, ainda que nenhum a fazenda roubada.

Naõ he pera ficar em ſilencio pera exemplo do muito que pode a fè prantada em hum animo, ainda que barbaro, que tendo Frey Lopo convertido hum moço de naçaõ Canarim, que chamou Domingos no bautiſmo, foy tanta ſua piedade do que via padecer ao pay eſpiritual, que naõ ſentindo outra via pera o po-

o poder ſocorrer, lhe pedio por vezes que o quizeſſe vender por eſcravo, e valerſe no aperto em que vivia com o preço que achaſſe por elle.

Vendoſe Frey Lopo livre do carcere, deſejou livrarſe tambem da terra, em que jà naõ era de tanto proveito como imaginara: e andando em traças de fogida, foy mexericado, e de novo preſo com ſeu companheyro: e tratados ambos com exorbitantes afrontas de palavra, e obra. Porque ainda aſſi os queria el Rey ter em arrefens das ſuas eſcravas com cobiça, e baixeza de infiel. Paſſados muytos dias acudiolhes o Senhor, por quem padeciaõ, inclinando aquelle animo avaro a hum partido, que foy largar a Frey Lopo pera que foſſe a Malaca reſucitarlhe a ſua encomenda: ficando todavia por prenda, e lembrança o companheyro. Chegou Frey Lopo a Malaca, tirou por eſmolas com que ſatisfazer a el Rey, e tambem agradecer à Rayna ſua mãy os beneficios que lhe fizera. Embarcado o retorno del Rey, e hum preſente pera a Raynha, inda aqui quiz Deos dar occaſiaõ de merecimento a Frey Lopo, e a ſeu companheyro, permittindo que comeſſe o mar tudo com a embarcaçaõ que o levava. Aſſi tornou com novo trabalho, e afronta a mindigar ſegundo retorno, naõ eſperando ver de outra ſorte ſeu companheyro reſgatado, e ſua palavra deſobrigada. Porque he condiçaõ tacita, que acompanha as encomendas dos poderoſos, naõ lhes prejudicar nenhum naufragio, e averemlhe de tornar à maõ ſeguras de todo riſco. Era taõ eſtimado Frey Lopo em Malaca, que todavia juntou o que convinha pera deſempenhar a Frey Sylveſtre. Mas naõ ſe atreveo a eſperar outro naufragio: embarcou a bom recado o que tinha negoceado, dirigido ao companheyro, e meteoſe no primeiro navio que ſe offereceo pera Goa. O ſucceſſo deſta fazenda, que naõ teve melhor ventura que a primeira, e as novas fortunas que por iſſo paſſou o Padre Frey Sylveſtre, veremos nas relaçoens dos Conventos da India, ſe Deos for ſervido chegarnos a eſcrevellas. Sò he rezaõ, por naõ dilatarmos paga, e agradecimento de beneficio recebido, ficar aqui logo em memoria, que tendo noticia em Japaõ o Padre Alexandre Valinhano da Companhia de Jeſus, Viſitador daquella Provincia, do eſtado em que eſtes Padres ſe achavaõ em Camboja, lhes mandou hum Caliz de prata com veſtimenta aparelhada, e frontal, e Miſſal Romano; e porque naõ faltaſſe, nada ajuntou farinha de trigo, e vinho de Portugal: o que tudo buſcava ao Padre Frey Lopo; e naõ no achando, foy entregue em maons de Frey Sylveſtre, que o teve por celeſtial conſolaçaõ do deſterro, e affliçoens que nelle deſpois padeceo.

O Padre Frey Lopo ſeguindo ſua viagem chegou a Goa, onde fizeraõ laſtima de ſeus trabalhos; e como varaõ ſanto foy mandado polo Vigario geral da Congregaçaõ deſcançar em caſa ſanta. Encomendoulhe a Igreja de Noſſa Senhora dos Remedios no termo de Baçaim, onde eſta Senhora quiz, e mandou que o Religioſos deſta Ordem lha edificaſſemos, e em teſtimunho diſ-

ſo

ſo a tem feito celebre por toda aquella coſta com tantos mila-
1605. gres, que no anno de 1605 ſe contavaõ cento e vinte juridicamente approvados, como o contarà a hiſtoria, quando chegarmos com ella ao anno em que teveraõ principio. Deſpois de reſidir aqui alguns annos, nos quais com ſua induſtria acrecentou a caſa, e com ſua ſanta vida edificou muito a terra, foy eleito em Prior de Cochim. Servindo neſte cargo a Ordem acudio a Goa a hum Capitulo, e nelle faleceo de ſua doença. Foy enterrado em hum lanço do clauſtro do Convento daquella cidade. Puſeraõlhe ſobre a ſepultura, quando ſe ladrilhou o lugar della, ſinco azulejos em Cruz. E iſto foy quanto ſe fez em memoria, e veneraçaõ de tal peſſoa. Aſſi vamos oje ſeguindo as piſadas, mas os defeitos de que nos queixamos em noſſos mayores.

CAPITULO XXXIII.

Da vida, e morte do Padre Frey Inacio da Purificaçaõ. E do Irmaõ Frey Pedro de S. Domingos leigo.

DOus filhos deu o Convento de Lisboa pera perfazerem o numero de doze (numero de boa eſtrea) que no anno de
1548. 1548 foraõ fundar a Congregaçaõ de Noſſa ſagrada Ordem nas partes da India em companhia do primeyro Vigario Geral della Frey Diogo Bermudes, ſendo Provincial neſta Provincia o Padre Meſtre Frey Franciſco de Bovadilha, e Governador da India o bom velho Garcia de Sà: como largamente contaremos adiante quando com a hiſtoria chegarmos a eſtes annos. Taes foraõ em ſuas obras os dous ſojeitos que pera tal empreſa deu Lisboa, que honraraõ bem o juizo de quem os eſcolheo. Foy hum o Padre Frey Inacio da Purificaçaõ: e outro Frey Pedro de S. Domingos Irmaõ leigo. Frey Inacio era prègador de nome, e nomeada ſua obſervancia, e virtude na Ordem, e como tal fizera o officio de Meſtre de Noviços no Convento de Lisboa com eſtremada diligencia. Tanto que o Vigario Geral poz os pès na India, e tratou de receber gente ao habito, logo fez conta que naõ tinha outrem pera lhe dar a criaçaõ que convinha, como Frey Inacio: e como teve numero competente de noviços, lhos entregou com inteira confiança de ſairem de ſua maõ Meſtres. E na verdade elle tomou tanto a peito o cuidado, vendo que criava hòmens pera Apoſtolos daquellas vaſtiſſimas provincias do Oriente, taõ cegas, como vaſtas, que ſe adiantou a ſy meſmo, e fez diſcipulos, que deraõ de ſy homens de muita conta. E por honra dos velhos he rezaõ que fiquem em lembrança, que entre os mininos, que pera Noviços lhe foraõ entregues, entrou hum Fidalgo velho, e honrado, que aborrecido do mundo, e engeitando ſuas promeſſas ſe determinou em ſeguir a Chriſto pobre, e nú: chamavaſe Simaõ Botelho d' Andrade. Servira doze annos de Vèdor da fazenda da India, e tres de Capitaõ de Malaca. Eſtava rico, e era opiniaõ geral, que ninguem entendia melhor o governo daquelle eſtado de quantos

tos Fidalgos tinhaõ paſſado o cabo de Boa Eſperança. Aſſi foy grande eſpanto dos vaons, e cubiçoſos, mas mayor ſua conſolaçaõ, e com ella profeſſou, e acabou ſantamente no habito. Com tal Meſtre, e tais Noviços começou a Congregaçaõ da India. O Meſtre Frey Inacio paſſados alguns annos deixou o cargo pera deſcançar. Sendo morador em Cochim, prègava com muita continuaçaõ, e com hum zelo ferventiſſimo da ſalvaçaõ das almas. E hum dia foy tanta a vehemencia com que trabalhou por perſuadir, e mover o auditorio, que no cabo do Sermaõ foy tirado do pulpito quaſi pera eſpirar, e no meſmo dia acabou com grandes ſinais de Santo. E por tal anda contado no catalogo, e Martyrologio da Ordem.

Frey Pedro o Irmaõ leygo foy dotado de taõ boas partes de virtude, e prudencia, que o Vigario geral fiou delle, e doutro Irmaõ tambem leygo irem ambos aſſiſtir na fabrica da Igreja de Santa Barbara, que foy huma das quatro Vigairarias que o Governador da India Jorge Cabral deu à noſſa Ordem na Ilha de Goa. Chamavaſe a aldea, em que fundaraõ, Morumbim. Muitos annos deſpois foy mandado pera o Convento que ſe deu à Ordem em Damaõ. He a Cidade na coſta de Cambaya, e muito importante, por ſer perpetua fronteira contra os Mogores gente bellicoſa, e fera, que ha muitos annos ſaõ ſenhores daquelle Reyno. Mas eſtava taõ pouco defenſavel, que era mais pera ſoldados muito trabalhadores, e amigos de empreſas perigoſas, que morada pera Religioſos quietos. Naõ o ignoravaõ os enemigos, eſtavaõ cada dia ſobre ella de cerco, e algumas vezes apertavaõ com tanta furia, que davaõ muito cuidado aos noſſos. Em huma deſtas occaſioens, como naõ avia mais fortificaçaõ que vallos, e trincheiras de terra, e faxina, tendo por vergonha que com taõ fraca defeſa ſe ſuſtentaſſem poucos homens contra hum exercito vencedor de Provincias inteiras, acometeraõ a entrada com eſtranha porfia. Governava a terra hum valeroſo Fidalgo, encheoſe de fogo, e colera, (e por ventura que foy mais temeridade, que prudencia) determina acometellos fòra das trincheiras, e pelejando em campo razo moſtrar ao enemigo que avia dentro força, e esforço naõ ſò pera defender, mas tambem pera offender. Poem ſua gente em ordem, manda abrir as portas: ſe naõ quando, avendo muitos que torſiaõ o roſto a feito taõ deſeſperado, acha junto conſigo ao noſſo Frey Pedro feito alferes de hum devoto Crucifixo em huma aſte arvorado. Seguindo tal bandeira ſae o Capitaõ animoſo, e dando como hum rayo ſobre os enemigos, por muito que trabalharaõ em ſe manter, e fazer roſto vendoſe de acometedores acometidos, em fim foraõ rotos, e desbaratados, e deixaraõ o campo cuberto de armas, e corpos ſem vida. Mas ficou entre elles morto o bom alferes de Chriſto: morto, porèm naõ vencido, ſe naõ antes vencedor, e martyr, e verdadeiro imitador de ſeu glorioſo pay S. Domingos, que a eſte modo ſohia acompanhar os eſquadroens Catholicos contra os he-

hereges Albigenſes de França, como em ſua vida deixamos contado.

Naõ ſerà rezaõ ficar em ſilencio à viſta de hum Frade martyr em guerra ſanta, que andando o tempo obrigou a neceſſidade deſta importante praça aos Frades de S. Domingos, ſobre o miniſterio de ſua vocaçaõ, tomarem tambem à ſua conta a fortificaçaõ della. Elles foraõ os que com ſua diligencia a acabaraõ de cercar de muralha, e baluartes firmiſſimos em poucos annos, como hoje eſtà: e iſto foy com duas circunſtancias muyto de eſtimar: primeira, ſendo rogados dos Viſoreis, e inſtados do governo, e moradores da cidade: ſegunda, naõ tomando nunca dinheiro na maõ, mas aſſiſtindo ſò com a vigilancia, e induſtria em todas as particularidades da obra. E ou foſſe que os Capitaens, a quem pertencia mais propriamente o negocio, teveſſem occupaçoens mayores: ou que os Viſoreis fiaſſem muyto do cuydado, e fidelidade dos Frades: aſſi nos conſtou por papeis autenticos que temos em noſſo poder, dos quais faremos relaçaõ mais copioſa, quando chegarmos aos annos em que tem ſeu lugar proprio as couſas da India.

CAPITULO XXXIV.

Do naufragio, trabalhos, e martyrio do Padre Frey Nicolao do Roſario.

MUytos annos adiante paſſou à India outro filho de S. Domingos de Lisboa, cuja vida atè a perder foy huma continuada tragedia de trabalhos, e deſaſtres, e por iſſo pertence a eſte lugar. Chamavaſe Frey Nicolao de Sà, ou do Roſario. E ſendo filho do Convento de Lisboa, era nacido na villa do Pedrogaõ. Eſte Padre deſpois de ter curſado a India alguns annos com nome de grande prègador, e vida pura, e exemplar, ouve licença pera ſe tornar pera o Reyno. Embarcouſe na nào S. Thomè, Capitaõ Eſtevaõ da Veiga, entrada do anno de 1588. Chegando ao Cabo de Boa eſperança, acharaõ as tempeſtades ordinarias que noutro tempo lhe deraõ nome de Cabo Tormentorio, ou tormentoſo. E foraõ ellas taes, que fazendo força a todos o deſejo de paſſar, abrio a nào huma agoa pola roda da proa, a qual com o muito trabalhar dos mares groſſos foy crecendo, e brevemente chegou a eſtado que naõ avia vencella com muitas bombas. Acordouſe em commum que arribaſſem a Moçambique a buſcar remedio, antes que o mal foſſe mayor. Voltaraõ em poupa, mas foy o conſelho ſem proveito por tarde, que tomado com cedo dera ſalvaçaõ. Antes de ſayrem da paragem, que chamaõ da terra do Natal, a nào ſe cubrio de agoa atè quaſi a cuberta de cima. Era em meyo do golfo, e a perdiçaõ ſem genero de remedio, nem aſperança delle. Mandou o Capitaõ lançar o eſquife ao mar com guarda pera ſalvar ſua peſſoa com os que lhe pareceſſe, que naõ podiaõ ſer muitos. E poſto debaixo da varanda foraõ por ordem ſua decendo a elle por cordas as peſſoas de mais conta, entre as quais foy o Padre Frey Nicolao. Recolhidos no eſquife os que couberaõ,

aca-

acabou de ſe cobrir dagoa a miſeravel nào, e começaraõ a verſe laſtimoſos caſos: mas entre todos quebrou o coraçaõ atè aos que ficavaõ em ſemelhante deſaventura, huma minina de oyto annos filha de pay, e mãy fidalgos, e gente muito conhecida, bracejando piadoſamente nas ondas, e lidando com a mòrte atè ficar afogada entre ſuas eſcravas que a cercavaõ. E em tal eſtado teve ſua propria mãy olhos pera a ver, e animo pera ſe ſalvar ſem ella. Mas naõ he de crer ſe naõ que a força do medo da morte a fez deſcuidar do penhor da alma no primeiro aſſalto; e no ſegundo lhe perſuadio, que porſe no eſquife era tomar lugar pera ſy, e pera a filha, e que teria valia pera a recolher deſpois. Aſſi o pretendeo logo com gritos, e laſtimas, que quebrantaraõ a todos, mas naõ acharaõ em ninguem piedade pera lhe dar remedio.

Porèm logo ſe viraõ no eſquife outros caſos, que por mais deſaſtrados fizeraõ eſquecer os da nào. Pareceo a gente demaſiada pera taõ pequeno vaſo, tratouſe de o aliviar, e naõ podia ſer ſem ſentença de morte contra alguns. Foraõ logo condenados, e lançados ao mar muitos dos que pouco antes davaõ parabens à ſua ventura, de ſe verem a ſeu parecer em ſalvo, ficando tantos bons companheiros ſepultados na profundeza das agoas. Foy o ſorverſe a nào no mar, e a paſſagem ao eſquife tudo abreviado, e como por momentos. E todavia no lugar, que o tempo deu, moſtrou Frey Nicolao entranhas de verdadeira piedade, e religiaõ, ouvindo confiſſoens, e animando a todos: e o meſmo fez mais de aſſento nas fadigas, e perigos da ſegunda navegaçaõ: na qual o medo de ſoçobrarem com qualquer mar groſſo, lhes trazia a morte diante dos olhos a cada momento. A cabo de alguns dias foy Deos ſervido, que tomaraõ terra em huma paragem que chamaõ terra dos Fumos, parte da Ethiopia Oriental. Lançaraõ fòra dous companheiros a deſcobrir ſe avia povoaçoens, ou gente tratavel. Foy a ventura que a menos de meya legoa deraõ com huma aldea de negros cafres de cabello revolto, como ſaõ os mais deſta coſta. Mas era a gente bem aſſombrada, branda, e alegre: e taõ bemaventurada, que nunca tinha viſto eſtrangeiros; do que deraõ final nos eſtremos de paſmo que faziaõ de os verem brancos; e polo que ſe podia colligir dos geitos, e meneyos que faziaõ, davaõlhes nome de filhos do Sol. Seguioſe ao paſmo bom gaſalhado, e convidaremnos a comer, e beber do que tinhaõ: e ſairem logo alguns com elles em buſca dos companheiros à praya. Mas eraõ deſaparecidos; que viraõ vento em popa, e naõ quizeraõ perder viagem: do que os deſcubridores levantaraõ gritos ao Ceo como deſeſperados. E por naõ ficarem ali em nova, e mayor perdiçaõ, tomada licença dos bons hoſpedes, ſe lançaraõ à praya, a ver ſe davaõ com o eſquife. Os cafres os conſolavaõ com moſtras de compaixaõ de ſua deſgraça, e miſturavaõ conſelhos naquella lingoagem muda: em que queriaõ ſignificar, que o mar era doudo furioſo, e ſempre irado, e mais doudo quem ſe fiava delle: que andaſ-

ſem por terra como faziaõ os moradores daquella aldea, e nunca teriaõ de que ſe queixar. Conſelho ſiſudo, ſe naõ viera tarde: e na verdade pera os cobiçoſos nenhum vem a tempo, como logo ſe moſtrou neſtes. Hiaõ caminhando com aſſaz malencolia, arriſcados a ficarem pera ſempre ſepultados entre aquelles barbaros: acertaraõ de conhecer ambar na praya, e naõ avia menos que montes delle por toda a coſta: aſſi ſe carregaraõ da mercadoria, como ſe caminharaõ de Belem pera Lisboa: e carregados chegaraõ ao eſquife, que acharaõ ſurto com força de vento contrario. Daqui ſe fizeraõ à vèla, e foraõ correndo a coſta atè darem em huma Ilha, que conheceraõ ſer das terras de hum Rey amigo dos Portuguezes, chamado o Inhacca: e ſem fazerem mais diligencia; poſeraõ fogo ao eſquife, porque naõ ouveſſe quem deixaſſe a companhia, aproveitandoſe delle furtadamente. Foy o conſelho taõ precipitado, que eſtiveraõ por elle em riſco de hum novo naufragio de fome, e ſede. Porque a Ilha era deshabitada, e tal, que corrida toda nem agoa tinha de beber, nem couſa que comer. Neſte eſtado moveo Deos os coraçoens de huns Cafres da terra firme a que paſſaſſem à Ilha a entender a cauſa de huns fogos que nella viraõ, feitos polos noſſos na meſma noite que chegaraõ. Levaraõ duas embarcaçoens, em que paſſaraõ os pobres naufragantes à terra firme, mas com novos medos, e trabalhos, porque eraõ Almàdias pequenas em demaſia, e faciles de virar com pequena força de tempo, a traveſſa grande, e os mares temeroſos. Como a terra era de Rey amigo, foraõ caminhando deſcançadamente atè onde tinha ſeu aſſento: e elle os agaſalhou com amizade, e cortezia. Pareceo que eraõ acabadas todas as fadigas com tal gazalhado, mas acharaõſe muito enganados. Porque avendo sò dous caminhos pera ſe tornarem à India, que eraõ, ou ficar ali eſperando embarcaçaõ pera Moçambique, ou caminhar por terra à noſſa fortaleza de Sofalla: os que ficaraõ eſperando pagaraõ a quietaçaõ com peſtilenciais doenças, e neceſſidades ſem remedio, com que acabaraõ muitos miſeravelmente: os que ſe atreveraõ ao caminho, padeceraõ fomes, e ſedes, e encontros de Cafres de guerra màos, e deshumanos, a fora oitenta legoas de aſperiſſimos caminhos tomados a pè. Deſtes atrevidos foy hum o Padre Frey Nicolao, e ſuccedeolhe bem, porque achou em Sofalla Caſa de S. Domingos, e Frades da Ordem. Era ali Vigario o Padre Frey Joaõ dos Santos, que deſpois eſcreveo parte deſte naufragio ouvido da boca dos que o padeceraõ, na ſua Varia Hiſtoria da Ethiopia Oriental. P. 2. l. 3. c. 5.

CAPITULO XXXV.

Como foy martyrizado o Padre Frey Nicolao do Roſario.

COmo Frey Nicolao deſcançou, deixou a fortaleza, e paſſouſe à Ilha de Moçambique, terra ſàdia, e freſca. Mas como quem veſte o habito da Religiaõ, e zelo della, naõ ſabe deſcançar, nem pouparſe: em lugar de tornar pera a patria, e aos

e aos ſeus amados penedos do Pedrogaõ, ou pera a delicioſa cidade de Goa: ſe foy de novo offerecer às febres, e deſaventuras dos rios de Cuama, que ſaõ na meſma coſta, e Cafraria, onde ſe perdera. Era polo anno
1592. do Senhor de 1592, quando emprendeo eſta viagem. Nella ſe fez bem conhecer, e eſtimar por eſpirito Apoſtolico de todos os lugares por onde andou, atè acabar, dando a vida por Deos, e polos proximos pola maneira ſeguinte.

Succedeo neſte tempo aparecer naquellas partes hum exercito de Cafres, o nome Zimbas ou Muzimbas, gente nova, e nunca nellas viſta, que ſaindo de ſuas terras, correo grande parte deſta Ethiopia, como açoute do Ceo fazendo deſtruiçaõ em toda couſa vivente que encontrava, com brutalidade mais que de fèras. Porque como verdadeiros Antropofagos da antiguidade celebrados, comiaõ carne humana: no lugar, donde entravaõ, naõ perdoavaõ a couſa viva, nem homem, nem animal: tudo matavaõ, e tudo comiaõ, e atè os bichos, como por conjuraçaõ. Eraõ em numero mais de vinte mil, gente ſolta ſem molheres, nem filhos: e como eraõ tantos, e naõ vinhaõ com tençaõ de buſcar terras pera morar ao uſo dos antigos Hunos, Godos, e Vandalos, e outras naçoens do Norte: ſe naõ ſò inſtigados de eſpirito diabolico de fazer mal, corriaõ em breve muita terra, e como achavaõ a gente deſcuidada, e os lugares abertos, nenhuma couſa lhes reſiſtia, aſſolavaõ tudo. O remedio, que achavaõ os naturais, era largar as povoaçoens, (que na verdade ſaõ pouco cuſtoſas) fogir pera o mato, e embrenharſe no mais eſpeſſo: ou ajuntarſe com elles em ſemelhante genero de vida, porque ſò aſſi eſcapavaõ à morte, e a ſeus dentes. Tendo corrido victorioſos mais de trezentas legoas de coſta, e andando nas terras de Monopotapa: pera com mais ſegurança ſenhorearem a provincia, fortificaraõ hum lugar, e nelle faziaõ aſſento, e ſahiaõ a tempos como ſalteadores. Tem os Portugueſes neſtas partes duas caſas fortes, ſituadas ſobre as ribeiras do grande rio Zambeze, em diſtancia de ſeſſenta legoas huma da outra: huma eſtà na povoaçaõ de Sena, de que era Capitaõ Andre de Santiago, outra na de Tete, Capitaõ Pero Fernandez de Chaves. Eſtes Capitaens ſaõ ſubditos do noſſo Capitaõ, e Governador de Sofala, e ordinariamente ſaõ homens de ſua obrigaçaõ, ou ſeus criados: e as caſas lhe ſervem de feitorias pera o reſgate do ouro que mandaõ fazer, e he o trato mais groſſo de Sofala. Obrigado Andre de Santiago dos males que os Zimbas vinhaõ fazendo nas terras vizinhas, determinou buſcallos, pelejar com elles, e ver ſe os podia desfazer antes de crecerem mais em poder, e reputaçaõ. Ajuntou tudo o que avia em Sena de Portugueſes, e meſtiços, e negros confidentes, e foyſe em demanda delles ao meſmo lugar de que ſe dezia eſtavaõ ſenhores. Mas chegando, achou a empreſa mais difficultoſa do que ſe perſuadira ao ſair de caſa, porque o enemigo tinha cercado a povoaçaõ em roda de fortes trincheiras de pàos

a pique, ſuas cavas largas, e fundas, com travezes, e ſeteiras, tudo em rezaõ militar, e naõ como barbaros. Aviſou logo ao Capitaõ de Tete, que ſe vieſſe ajudallo com o mayor poder que lhe foſſe poſſivel. Naõ tardou Pero Fernandez de Chaves em acodir, porque a cauſa era commum, e como fazia conta que teriaõ cerco largo, pedio ao Padre Fey Nicolao que avia dias reſidia em Tete, quizeſſe ſer companheiro na jornada pera adminiſtraçaõ dos Sacramentos, e conſolaçaõ de todos. Naõ ſe ſoube elle negar, como ſe tratou de ſerviço de Deos, e bem das almas. Pozſe com elle em caminho. Tiveraõ os Barbaros noticia do ſoccorro, lançaõ eſpias fòra, pera ſaberem a ordem, e caminho que traſiaõ. Como eſtiveraõ informados, ſae de noite caladamente hum eſquadraõ dos melhores, vaõſe deitar em ſilada em hum paſſo de huma grande mata de arvoredo eſpeſſo, e cego, por onde o ſocorro tinha ſua eſtrada: que naõ podia ſer mais a propoſito pera o effeito. Vinhaõ os noſſos ſem nenhuma fòrma de gente de guerra, eraõ poucos mais de cem homens entre Portuguezes, e Meſtiços, gente bem armada, mas todos taõ deſcuidados, e ſem cautela, como ſe naõ ouvera enemigo em toda a terra. Os mais em andores às coſtas de ſeus eſcravos ſem armas preſtes, nem mecha aceza, nem homem diante que deſcobriſſe o campo: em fim como gente que naõ temia, nem eſtimava o enemigo: o qual tanto que os vio bem entregues no mato, levantando hum trovaõ de alarida que foy ferir nas nuvens, deu ſobre elles com tanta furia, que antes de terem tempo de arrancar eſpada, foraõ degolados todos os Portuguezes, e meſtiços, ſem eſcapar homem. Ajudou a deſaventura, que os noſſos por virem mais deſabafados, caminhavaõ mea legoa diante dos cafres amigos, que traziaõ pera companheiros do perigo, que eraõ hum grande numero, gente boa e determinada: e aſſi quando chegaraõ ao valle da emboſcada, jà os Barbaros ſahiaõ delle vitorioſos. O Padre Frey Nicolao ſendo achado inda vivo, e conhecido por Religioſo, foy trazido por elles à ſua povoaçaõ, aſſi como eſtava ataſſalhado de feridas mortais: ali o ataraõ de pès, e maons a hum madeiro alto, e às frechadas o acabaraõ de matar em odio de noſſa ſanta Religiaõ, dizendo que os Portugueſes naõ faziaõ aquella guerra ſe naõ por conſelho dos ſeus Cacizes (que aſſi chamaõ os Cafres aos noſſos Sacerdotes com lingoagem dos Mouros da coſta ſeus vizinhos antigos.) Affirmaſe que ſofreo a morte com alegria, e olhos no Ceo: naõ sò com paciencia, conſiderando como he de crer, que puro zelo de ſervir a ſeus proximos, e cumprir com ſua obrigaçaõ o chegara a taõ duro paſſo. Aſſi acabou ſua vida, e trabalhos com mais eſte merecimento, e com outro, que logo ſeguio tambem aſſaz conſideravel que foy ſer paſto daquellas fèras em carne humana cozido, e aſſado: pera podermos dizer delle o que ſe conta dos Martyres antigos: *Obturauerunt ora Leonum &c.* ſendo deſpois de aſſeteado como ſaõ Sebaſtiaõ, comido de fèras como Santo Inacio. Heb. 11.

Mas

Mas porque he certo que fica dezejando o fim de taõ carniceiros algozes, quem iſto lè, brevemente o diremos, inda que naõ ſeja de noſſa obrigaçaõ. Com a vitoria de Pero Fernandes de Chaves, facilitaraõ a outra que logo ouveraõ do Capitaõ de Sena que os cercava: fizeraõlhe ver as cabeças dos amigos, e conhecidos que o vinhaõ ſocorrer. Reſolveoſe em deixar o cerco. Mas a triſteza, e horror do deſaſtre fez nos ſeus o meſmo deſmancho, que nos do Chaves. Deſordenaraõſe ao partir, e (como toda a retirada tem partes de deſconfiança, e medo) ſayndo tràs elles toda a multidaõ dos cercados, foraõ desbaratados, e mortos, ainda que teveraõ a conſolaçaõ de ſer com as armas nas maons, e vendendo bem ſuas vidas. Paſſaraõ eſtes negros deſpois à Ilha de Quiloa, onde ſe affirma que comeraõ mais de tres mil Mouros, e Mouras, e deſpois à de Mombaça, onde fizeraõ o meſmo em todos os moradores, que naõ ouve eſcaparlhes nenhum. Ultimamente foraõ mortos, e acabados todos por el Rey de Melinde, que lhes deu batalha acompanhado de outros Cafres homens de valor chamados Moſſeguejos. Aſſi caſtigou Deos, e acabou o inſtrumento com que tinha caſtigado a tantos. Outro exercito ſemelhante a eſte, ha muitos annos que correo a coſta da meſma Ethiopia, que chamamos Occidental, porque corre do Cabo de Boa eſperança pera o Norte, com os meſmos eſtilos de vida, e guerra, e com nome de Jagas: e andaõ jà no Reyno de Angola, e polos vizinhos. Saõ varas de Deos que manda por toda a parte quando lhe parece, pera eſcarmento do mundo, e exemplo noſſo.

Frey Joaõ dos Santos na Ethiopia p. 1. l. 2. c. 21.

CAPITULO XXXVI.

De alguns filhos deſte Convento que ſubiraõ a grandes Prelacias.

DEſpois de dizermos dos filhos que com ſantidade, e trabalhos, e em fim com ſangue honraraõ a mãy que os gerou no Senhor, e pera elle os criou: entraõ outros, que tiraraõ da meſma criaçaõ poder illuſtrar a meſma mãy, e toda a Ordem merecendo, e alcançando honras ou nas Univerſidades com ſuas letras, ou nos tribunais mais altos com ſua religiaõ, e inteireza, ou nas Prelacias do Reyno com huma couſa, e outra. Mas porque fora leitura ſem fim proſeguir com particularidade a vida, e obras de cada hum: por tanto naõ faremos mais que yr apontando os nomes com algumas particularidades forçadas, e com advirtirmos ao Leitor, que dos que apontarmos, que ſaõ quaſi todos de noſſo tempo, ou muy chegados a elle, faça juizo quanto mayor numero puderamos dar, ſe noſſos antepaſſados nos quizeraõ deixar por eſcrito ſuas vidas, ou polo menos ſeus nomes.

Por todos os titulos que temos propoſto merece lugar neſte catalogo, e que ſeja ante todos nomeado polo que tem de mais antigo, hum Biſpo que o curſo da Hiſtoria que atràs fica nos foy deſcobrir no anno de 1432 principiador da Confraria do Santo nome de Jeſu; digo dom Frey Andrè Dias de Lisboa, Biſ-

Biſpo de Megara, que como era de Lisboa natural, naõ temos duvida em ſer filho deſte Convento.

Seja ſegundo quem por mayor dignidade merecia ſer primeyro, e naõ menos por heroicas virtudes, e grandes letras, que foraõ as partes que o tiraraõ do canto de ſua humildade, pera o Arcebiſpado de Braga, e Primacia de Eſpanha. Tomou o habito neſte Convento no anno de 1528. E foy naſcido em Lisboa, ſeu nome dom Frey Bertolameu dos Martyres. Livros ha de ſua vida que nos eſcuſaõ ſer aqui mais largos.

Tambem foy filho deſta caſa dom Frey Jorge Temudo, que ſendo Preſentado em Theologia na Ordem, foy della tirado pera Biſpo primeiro de Cochim, e tal valor moſtrou neſta prelacia, que foy della paſſado pera Arcebiſpo de Goa, e Primàs de toda a India Oriental.

Dom Frey Bernardo da Cruz, de Meſtre de Noviços de ſeu Convento de Lisboa, foy mandado a Roma por el Rey dom Joaõ III. a negocios de muita importancia: da volta o nomeou por Biſpo da Ilha de S. Thomè, e achando nelle talento pera couſas mayores, que cada hora ſe offereciaõ no Reyno, do que ordinariamente eraõ as do Biſpado, empregouo em Reytor, e reformador da Univerſidade de Coimbra, e fazendoo Commiſſario do Santo Officio, mandoulhe que deſſe principio ao tribunal delle, que naquella cidade ſe aſſentou. Chamado deſpois a Lisboa entrou por deputado do Conſelho da Meſa da Conſciencia, e Ordens. Em fim eſcuſouo el Rey de yr experimentar as febres, e ardores da torrida zona no ſeu Biſpado, e deulhe o cargo de ſeu eſmoler, e boa renda em melhor terra, encomendandolhe os Moſteyros de Tibaens, e Carvoeiro da Ordem de S. Bento em Entredouro, e Minho, onde vivendo com muito exemplo, e fazendo largas eſmolas acabou em boa velhice.

Dom Frey Gaſpar dos Reys, e dom Frey Jorge de Santiago, foraõ dous filhos deſte Convento, que ao parecer andaraõ a par, e conformes em todos os ſucceſſos da vida. Porque ambos cada hum por ſua via foraõ eſtudar a Paris. Ambos ſe doutoraraõ em Theologia naquella Univerſidade. Ambos leraõ nella a meſma faculdade com taõ bom nome, que a hum, e outro chamou el Rey dom Joaõ juntamente pera ſe ſervir delles, e ſuccedendo darſe principio ao Santo Concilio Tridentino no anno de 1545 polo Papa Paulo III. ambos mandou a elle por ſeus Theologos: e tornando brevemente a Portugal, porque o Concilio ſe interrompeo, foy dom Gaſpar ſagrado em Biſpo titular de Tripoli, deſpois de ſervir muitos annos no tribunal da Santa Inquiſiçaõ de Lisboa: em que foy o primeyro revedor de livros que ouve em Portugal. Dom Frey Jorge foy tambem Inquiſidor em Lisboa, e ultimamente eleito Biſpo de Angra, e Ilhas dos Açores. Mas ſendo os autos da vida taõ conformes deſtes dous Prelados atè chegarem ao mayor eſtado, foy maravilhoſa a differença que teveraõ em o lograr: hum de deſcanço, e ſoſſego: outro de trabalho, e inquietaçoens. Dom Gaſ-

Gaſpar que ſe contentou de yr ſervir ao Cardeal Infante ſem mais dignidade que a titular, gozoua em muita paz dentro de huma bem aſſombrada, e rica cidade, qual he Evora, ſem nunca ſayr mais dos limites do Reyno, e da patria. E he de ſaber, que eſtavaõ taõ conhecidos ſeus merecimentos na Corte de Roma, polo nome que ſuas letras lhe ganharaõ no Concilio, que quando nella ſe preſentou a ſuplica do Cardeal, em que dizia falando à Realenga que o queria pera lhe fazer os Pontificaes na Sè: o Summo Pontifice, que era Julio III., lembrado das calidades do Religioſo, deu de maõ ao papel, dizendo que a tal peſſoa hum grande Arcebiſpado em propriedade, e naõ ſò titulo, era devido: e naõ conſintio no deſpacho das letras. E aſſi foy neceſſario ao Cardeal reformar a petiçaõ, e dizer que polas grandes partes, que no homem concorriaõ, o buſcara elle, naõ pera ſubdito, ſenaõ pera igual, naõ pera ſegundo, ſenaõ pera primeiro na adminiſtraçaõ de ſua Dioceſi, viſto eſtar elle Cardeal de ordinario, e forçadamente auſente com negocios do governo do Reyno. E entaõ alcançou deſpacho.

Porèm dom Jorge deſdo dia que poz a mitra na cabeça, inda que o mundo ouve que ficava aventajado na prebenda: começou a correr tormenta de cuidados da alma, e perigos da vida, como ſe entrara em batalha. O primeiro trabalho foy a paſſagem do mar que nunca he ſem riſco. Poſto em Angra achou aquella Ilha, e as mais muy depravadas em vicios, e algumas almas taõ vencidas delles, que lhe foy neceſſario grande valor pera as tornar à virtude. Bem ſe diz, que naõ pode ſer Prelado ſenaõ quem tever animo para arroſtar, e naõ temer deſagradar a hum poderoſo. Era grande letrado pera conhecer ſuas obrigaçoens, e grande animoſo pera executar o que entendia. Achando alguns, que naõ ſintiaõ bem da fè, cubrioos de ferros, e mandouos entregar no carcere do Santo Officio em Liſboa. Apertou com outros com as armas eſpirituais em todo rigor, atè os meter no caminho dos mandamentos Divinos. Mas cuſtoulhe verſe tres vezes em fortes perigos. Huma querendo paſſar de huma Ilha pera outra foy acometido de gente armada na embarcaçaõ, e pera ſe ſalvar naõ teve outro remedio ſe naõ lançarſe ao mar, e valerſe dos braços, e nadar. Outra eſtando fazendo ſeu officio de Viſitador lhe tiraraõ com huma eſpingarda, guardouo Deos, e mataraõ hum ſobrinho ſeu que o acompanhava. Terceira vez tentaraõ matallo em certa caſa, onde tirava huma devaça: e acometendo as portas os culpados nella com armas, e determinaçaõ danada, valeolhe, que como andava acautelado, acharaõnas trancadas por dentro, e ſeguras. E com tudo inda moſtraraõ deſcortezia, e poder diabolico, porque chegaraõ a entaipar o Prelado, ajuntando pedra, e cal, e cerrandoas de parede por fòra. Naõ faltou gente nobre, e de melhor animo que lhe acudio. Muito trabalhou, mas tambem remedeou muito: que eſte he o officio de Prelado. Ultimamente paſſou de novo o mar, e

veyo

veyo ao Reyno a negocios da Dioceſi: e tornando com animo de edificar huma caſa da ſua Ordem em Angra, pera o que levava conſigo pera fundadores tres Religioſos de boas letras, e bom pulpito, e todas as licenças neceſſarias, desfez ſua morte os bons deſenhos. Eſte Padre que diſſemos era filho do Convento de Lisboa, entendemos adoptivo: porque tomou o habito, e profeſſou em Santo Eſtevaõ de Salamanca: e deſpois foy perfilhado por eſte Convento.

Dom Frey Jorge de Lemos de Preſentado em Theologia veyo a ſer Biſpo do Funchal, e Ilha da Madeyra. Succedendo vir ao Reyno a negocios, deſejou deſcarregarſe da dignidade, porque o carregavaõ muitos annos: renunciou o Biſpado, e aceitou ſer Eſmoler del Rey: e faleceo em Lisboa, e ſepultouſe no noſſo Convento, ſendo Prior o Padre Frey Jeronymo Correa.

Dom Frey Jeronymo Pereyra foy Biſpo titular de Salè à petiçaõ do Cardeal Infante, traz dom Frey Gaſpar, e com o meſmo fim, e razoens, porque era bom letrado, e prègador de grande nome.

Dom Frey Jorge de Padilha Meſtre em Theologia, e Biſpo de Civita Ducale em Italia.

Dom Frey Antonio de Souſa, filho do famoſo Governador da India Martim Afonſo de Souſa: ſendo Meſtre em Theologia, veyo a ſer Vigario Geral de toda a Ordem dos Prègadores: prègador dos Reys dom Sebaſtiaõ, dom Anrique, e dom Felipe I., e ultimamente Biſpo de Viſeu.

Dom Frey Antonio de Santo Eſtevaõ prègador dos Reys dom Felipe I. e II. na peſte de Lisboa, que acabou no anno de 602, aturou tres annos com admiravel conſtancia o cargo de enfermeyro mòr da caſa da Saude (nome, com que disfarçamos o horror que faz dizer hoſpital de peſte) tendo à ſua conta todo o temporal, e eſpiritual della, e ſuſtentando a vida como por milagre no meyo de infinitas mortes; e foy deſpois Biſpo do Congo, e Angola. 1602.

Dom Frey Antonio Valente leo muitos annos em Noſſa Senhora da eſcada aos Clerigos do Collegio que a Raynha dona Caterina, como adiante diremos, inſtituyo neſte Convento: e foy examinador das Igrejas do Padroado real, e Meſtrados de Chriſto, e Santiago, e Avis, e ultimamente Biſpo da Ilha de S. Thomè. Bem he naõ ficar em ſilencio por honra deſta noſſa cidade, que eſtes tres Antonios eraõ filhos della, e nacidos nella, aſſi como o eraõ deſte Convento.

Eſtes ſaõ os Prelados que achamos em lembrança deu à Igreja de Deos o Convento de Lisboa. Apoz elles diremos no Capitulo ſeguinte os que ſerviraõ no graviſſimo tribunal do Santo Officio, porque nelle ſe callificaõ os bons juizos, e ſe fazem dignos das Prelacias.

CA-

CAPITULO XXXVII.

De outros filhos deſte Convento que ſerviraõ nos tribunais do Santo Officio.

PUderamos dar primeyro lugar a hum Inquiſidor Geral de toda Eſpanha, e juntamente Provincial, antes da ſeparaçaõ deſta Provincia, prègador, e confeſſor del Rey dom Joaõ o Primeyro deſte Reyno, que foy o Meſtre Frey Vicente de Lisboa. Mas jà temos dito que he ſeu lugar proprio o Convento de Benfica, onde faremos mayor mençaõ delle.

O Meſtre Frey Manoel da Veiga ſobre grandes letras foy dotado de huma ſingular excellencia de entendimento natural. E por ſer tal correo por ſeus degràos os tribunais do Santo Officio, que ha neſte Reyno, Coimbra, Evora, e Lisboa. No de Evora lhe aconteceo dar proſpero fim a hum negocio de tanta importancia, que naõ hia menos nelle que a honra de huma cidade inteira, e à ſua diligencia devemos tirarſe a limpo, e ſayr à luz a verdade: e quando de Frey Manoel naõ ſouberamos outra couſa, eſta baſtava pera o fazer muito illuſtre. O caſo foy, que ſendo preſos pola Inquiſiçaõ na cidade de Beja quatro homens da naçaõ dos Chriſtaons novos (nome, com que entendemos os filhos, e netos daquelles que em tempo del Rey dom Manoel ſe converteraõ do Judaiſmo a noſſa ſanta Fè) quando deſpois foraõ em particular examinados, e perguntados, como ſe coſtuma, polos complices, apontaraõ ſem diſcrepar hum do outro, e falando todos quatro por huma boca, dezoito caſas de homens nobres, e honrados da meſma cidade. Como era teſtimunho uniforme, e conteſte, foraõ logo preſos homens, e molheres com grande terror, e eſpanto de toda a terra, e levadas a bom recado ao carcere do Santo Officio de Evora. Negaraõ elles, e ellas o crime com boas rezoens: favoreciaos a quietaçaõ de animo com que eſtavaõ, e reſpondiaõ; ajudava ſua calidade, e o ſangue limpo, e ſem miſtura com os accuſadores. Fazia tambem por elles ſerem os quatro accuſadores todos da naçaõ ſem parte nenhuma de Chriſtaons velhos, ſalvo hum que era ordenado de Diacono, e tinha de Guinè o que lhe faltava do ſangue da naçaõ, porque era mulato. Aſſi parecia a quem de fòra julgava, que penavaõ innocentemente. Todavia eſtava o negocio reduzido a perigoſos termos: accuſaçaõ feita por quatro homens, ratificada huma, e muitas vezes, e com interpolaçoens de tempo em meyo: ſem fazerem mudança nem alteraçaõ nos ditos. O tribunal zeloſo, e temeroſo de caſos de heregia por alguns que de freſco eraõ ſuccedidos em algumas partes de Eſpanha. O Rey, e o Reyno alterado com a ſoſpeita do que nunca fora inficionado em corpo de gente. Vioſe o Santo tribunal em hum laberinto de confuſaõ, e irreſoluçoens: e fez o negocio mais duvidoſo quando ao parecer eſtava em favor dos accuſados, que hum delles ſintindo mais o trabalho da recluſaõ, que o ponto da honra, confeſſouſe chammente por cul-

pado, acreditando aſſi os accuſadores. Aqui reſplandeceo a prudencia, a virtude, e a religiaõ do noſſo Inquiſidor. Vendo caſo taõ cego, determinouſe em o remeter ao autor da Luz, pera que lha deſſe no que devia fazer nelle: com que naõ padeceſſe a innocencia dos homens, ou o credito do intemerato, e ſagrado miniſterio da Inquiſiçaõ, ſe condenaſſem gente ſem culpa (como he facil enganarſe a humanidade.) Mandou fazer muitas oraçoens por gente virtuoſa, e por diſcurſo de tempo: as ſuas eraõ continuas, e affirmaſe que juntava a ellas muita penitencia, jejuns, e lagrimas, dando ſempre voltas ao entendimento, que remedio teria pera deſcobrir a verdade. Em fim pozlhe Deos na imaginaçaõ a traça, como a outro Daniel. Eraõ paſſados quatro annos: entra hum dia no carcere, e ſendo aſſi, que os quatro avia longo tempo que eſtavaõ ſeparados, e muito longe hnns dos outros, mandouos trazer juntos, e publicos, de modo que ſe viraõ, e reconheceraõ: e fez que os poſeſſem em hum corredor onde avia quatro cubiculos contiguos hum a outro, em que ficaraõ repartidos. Imaginou o ſanto Inquiſidor, que vendoſe aſſi juntos, falariaõ de noite, e procurariaõ communicar ſobre ſuas couſas, e que ſeria meyo pera ſe abrir caminho a ſe alcançar alguma luz dellas. Poemlhes guardas com ordem, que colhendo quaeſquer razoens ſoſpeitoſas gritaſſem logo, pera que os preſos entendeſſem ſerem ouvidos, e deſcubertos. Succedeo puntualmente como ſe lhe repreſentou. Tanto que ſe viraõ juntos, teveraõno a boa ventura: quietando a noite, começaraõ a chamar huns polos outros, e a falar ſem cautela, e taõ largamente, que as vigias aprenderaõ mais do que era neceſſario, e como lhes pareceo tempo bradaraõ, reprendendoos do que tinhaõ ouvido. Foraõ logo chamados à meza cada hum por ſi, como ſe lhe propoſeraõ palavras, e rezoens conhecidas deraõſe por deſcubertos. Confeſſaraõ entaõ chammente huma eſtranha, e nunca viſta conjuraçaõ, dizendo que no tempo de ſua priſaõ em Beja viraõ com ſeus olhos a muitos dos accuſados fazer feſtas, e correr carreyras à honra de ſeu trabalho, (e na verdade aſſi contaõ os antigos que aconteceo) por onde logo entaõ na meſma cadea, em que eſtavaõ preſos, ſe concertaraõ elles quatro de fazer pagar aos dezoito o goſto que moſtravaõ de os verem nella, nomeandoos por complices da heregia, como falſamente tinhaõ feito: ſendo verdade que nunca com nenhum delles teveraõ tal communicaçaõ. Cuſtou eſta confiſſaõ aos quatro ſerem queimados com ſuas inſignias de carochas nas cabeças, pera ſerem do povo conhecidos. Aos dezoito foy reſtituida ſua honra, ſendo condenado em degredo pera o Braſil o que por fogir à vexaçaõ poz ſobre ſi a culpa que naõ tinha, com que fazia duvidoſa a innocencia dos companheiros. Obriga eſte ſucceſſo a darmos immortais graças a Noſſo Senhor polo fim delle todos os que ſomos catolicos, e mais em particular os que ſomos Frades de S. Domingos, pois o meſmo Senhor foy ſervido

do

do que deſta ſua Ordem ſaiſſe em tempos antigos taõ ſalutifero medicamento das almas, como he o do Santo Officio: e nos modernos hum taõ valeroſo eſpirito como foy o deſte Inquiſidor: pera que naõ ouveſſe ſentença errada, onde a tençaõ era pia, e juſta, e amiga de acertar. E cerremos eſte elogio com dar os parabens à nobre Villa de Aveiro por ſer nacido nella, quanto à carne, hum taõ inſigne ſogeito, como o foy quanto ao eſpirito no Convento de Lisboa. Correndo deſpois o anno de 1571, e celebrandoſe capitulo de eleiçaõ na villa de Santarem, foy eleito com grande conformidade de todos os capitulares em Provincial: o qual cargo naõ ſervio, porque o contradiſſe o Cardeal Infante Inquiſidor Geral neſte Reyno, affirmando importar mais ao ſerviço de Deos a ſufficiencia de tal peſſoa pera aſſiſtir no tribunal do Santo Officio de Lisboa, em que o tinha occupado, que naõ governando a ſua ordem, em que avia muitos ſogeitos pera iſſo baſtantes: e porque tinha poderes do Padre Geral, caſſou a eleiçaõ.

O Meſtre Frey Antonio Pegado foy Deputado do meſmo tribunal.

O Meſtre Frey Antonio de S. Domingos Lente de Prima da cadeyra de Theologia na Univerſidade de Coimbra, e nella jubilado, foy famoſo prègador, e revedor dos livros, e Deputado do Santo Officio na meſma cidade de Coimbra. Deſte Padre ſabemos, que ſendo Prior de Lisboa na mòr força da peſte grande do anno de 1568 naõ deſemparou o Convento em quanto lhe durou o cargo: ſendo aſſi, que obrigou a muitos Religioſos a ſe ſayrem delle: e mandandolhe pedir hum Irmaõ leygo que do meſmo mal eſtava acabando, que o quizeſſe confeſſar, com tal teyma, que parecia mais freneſi, que conſelho, porque de nenhum outro Religioſo ſe ſatisfazia, animoſamente lhe acudio, ouvindoo, e conſolandoo muito de vagar. Faleceo em Coimbra no anno de 1596 em idade de ſeſſenta e cinco.

O Meſtre Frey Bertolameu Ferreyra revedor dos livros, e Deputado do Santo Officio em Lisboa. Frey Ant. de Sena na ſua Bibliot.

O Meſtre Frey Franciſco Foreyro foy mandado por el Rey dom Sebaſtiaõ ao Santo Concilio Tridentino entre os Theologos que pera elle ſinalou: onde o eſcolheo aquella graviſſima junta pera Secretario da Congregaçaõ dos Biſpos, que foraõ deputados pera cenſurarem os livros, que ſe aviaõ de prohibir, e fazer catalogo dos permitidos, e dos reprovados. Deſpois que tornou foy revedor delles em Lisboa, e juntamente Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens, e noſſo Provincial. O mais que delle temos, que naõ he pouco, ſe verà quando chegarmos ao Convento que edificou, e dotou em Almada.

O Meſtre Frey Manoel da Serra Deputado do Santo Officio da India no tribunal de Goa.

O Padre Frey Thomas do Eſpirito Santo nacido na villa de Guimaraens de bom, e antigo ſangue tomou o habito neſte Convento de Lisboa, e paſſando à India ſoube tambem ajuntar as obrigaçoens da religiaõ com Frey Joaõ dos Santos P. 2. l. 2. c. 16. de Var. Hiſtoria Orient.

com as do nacimento, que dos Religioſos que o conheciaõ de perto, e do povo que o tratava mais de longe era avido por Santo. E por tal foy muytos annos Deputado do Santo Officio: e taõ eſtimado dos Viſoreys de ſeu tempo que naõ davaõ ponto em negocio de importancia ſem ſeu conſelho. Sendo Prior do Convento de S. Domingos de Goa emprendeo fazer huma caſa em Pagim que he hum ſitio deleitoſo, pouco afaſtado da Cidade. E valeo ſua induſtria, e o amor que lhe tinha a terra pera ſayr com a obra, e a ver acabada, e moradores nella trinta Religioſos. Eſte edificio mudou deſpois nome, e ſitio ſendo tresladado pera dentro da cidade, com nome de Collegio de Santo Thomas, e confirmandoſe nelle o de ſeu autor primeiro, e as rendas, e ordenados reays que o meſmo lhe tinha grangeado.

O Meſtre Frey Pedro martyr ſendo lente de cadeyra de veſpara de Theologia na Univerſidade de Coymbra foy revedor dos livros polo Santo Officio da meſma cidade.

Sendo Inquiſidor Geral neſte Reyno o Cardeal Infante dom Anrique que deſpois ſuccedeo na coroa delle, era cargo annexo ao do Priorado deſte Convento, por proviſaõ ſua ſerem revedores dos livros os Padres que nelle entraſſem.

CAPITULO XXXVIII.

De outros Padres, que foraõ lentes de grandes catredas na Univerſidade de Coimbra ſem entenderem em outro miniſterio.

DOs primeiros Religioſos que reſidindo no Collegio de Santo Thomas de Coimbra foraõ publicos profeſſores das ſciencias na Univerſidade da meſma cidade foy hum o Doutor Frey Joaõ de Pedrazza perfilhado por eſte Convento de Lisboa: e leo a cadeira de veſpara de Theologia. Deſpois de longos annos de idade deixou a continuaçaõ da Catreda, mas naõ do eſtudo, e pouco antes de falecer ſahio com huma ſumma de caſos de conſciencia que compoz à inſtancia do Biſpo dom Juliaõ Dalva: foy obra eſtimada em ſeu tempo, e impreſſa muytas vezes.

Ao Meſtre Frey Antonio da Fonſeca Doutor Pariſienſe por ſer filho deſte Convento, e natural de Lisboa, mandou el Rey dom Joaõ Terceiro vir de Paris, pera lhe dar a cadeira da ſagrada Eſcritura da Univerſidade de Coimbra: e foy lente de veſpara: e juntamente o fez ſeu prègador. Porque tinha com as letras admiravel eloquencia. Eſte Padre foy o primeiro prègador que introduzio neſte Reyno prègar o ſintido literal da Eſcritura apoſtillando o Santo Evangelho: modo facil, e menos trabalhoſo pera quem o ſegue, porque he totalmente ſeparado do eſtilo oratorio antigo que ſe compoem de ſuas partes, com ſeus tropos, e figuras, e flores Rhetoricas: e ha miſ-

miſter eſtudo particular. He pera o povo mais aprazivel, e mais claro o apoſtillar, polo que tem de menos circuito de rezoens, e periodos, e pola meſma rezaõ mais abreviado no reſumir: porem de força ſe ha de ſuprir com conceitos, e ſentenças, e lugares de ſuſtancia o que faltar de elegancia, e ornato de palavras, de que os Gregos, e Latinos faziaõ tanto caſo, que lhe chamavaõ arreyos, e jaezes da Oraçaõ, *Phalerata dicta.* Qual ſeja melhor genero he longa queſtaõ, e naõ deſte lugar. Hum antigo chamava Oradores de cartapacio aos que com ditos, e ſentenças alheas, e hiſtoria antiga teciaõ toda a Oraçaõ: e dizia que o ſaber era fazer homem alguma couſa ſua, ſem pender ſempre do que outros differaõ. Saõ as palavras: *Aliquid & de tuo profer. Iſtos nunquam Autores, ſemper interpretes nihil puto habere generoſi.* E mais abaixo: *Scire eſt & ſua facere quæque, nec ab exemplari pendêre.* Mas deſtas couſas o tempo que tudo vay trocando, e o uzo com quem vivemos, ſaõ os que haõ de dar a ſentença. Em Frey Antonio avia eloquencia, e avia engenho, com que juntava huma couſa, e outra, e fazia que tudo lhe eſtiveſſe bem.

Terent in phor.

Seneca Epiſt. 33.

O Meſtre Frey Diogo de Morais ſendo Prior de S. Domingos de Lisboa foy mandado abſolver do officio pola Rainha dona Caterina que governava na menoridade del Rey dos Sebaſtiaõ ſeu neto, pera yr ler à cadeira de Theologia de veſpara na meſma Univerſidade. Tinha lido eſta faculdade em Lisboa muytos annos Naõ viveo mais que dous em Coimbra. Eſtes com raro exemplo de modeſtia nos actos publicos, e de pobreza conſigo, porque nunca ſe ſervio nem aproveitou em particular do rendimento da cadeira: e ſempre ſobio às eſcollas a pè ſem querer uzar de cavalgadura.

O Meſtre Frey Luis de Sotomayor, vindo do Concilio de Trento, em que aſſiſtio, foy mandado por el Rey dom Sebaſtiaõ ler a cadeira de Eſcritura na univerſidade. Nella jubilou com o nome que de direito lhe podemos dar de *Triſmegiſto*, quero dizer tres vezes maximo, grande letrado, grande eſtudante, e (o que mais importa) grande Religioſo. E ſobejandolhe idade, e forças pera ſegunda vez poder jubilar, largou as eſcolas no que podia parecer cobiça que fora yr lendo de novo: e naõ no que era trabalho. Porque ficou eſtudando, e eſcrevendo em ſerviço da Republica literaria atè o ultimo eſpirito com a meſma aplicaçaõ, e continuaçaõ que ſe eſtivera obrigado às liçoens da Univerſidade: e nella faleceo em idade de oitenta e quatro annos ſendo ſua fama celebrada pola excellencia do que tinha eſcrito, por todos os bons eſpiritos da Chriſtandade, e avendo quarenta e ſinco annos que começara eſta liçaõ de Coimbra. Do diſcurſo de taõ larga vida puderamos dizer muyto, mas reſumillaemos nas mais breves palavras que for poſſivel. Tomou o habito muyto moço em S. Domingos de Lisboa. Paſſou a Frandes à Univerſidade de Lovayna. Nella eſtudou Theologia, e juntamente ſe deu às lingoas Grega, e Ebraica. Como tinha profundo juizo, e huma me-

memoria ſobre tudo o que ſe pode dizer tenaz, e firme, conſumouſe na ſciencia, e nas lingoas. A Latina leo publicamente em Londres por mandado del Rey dom Felipe ſegundo de Caſtella que depois foy primeiro de Portugal, quando paſſou a caſar com a Raynha Maria de Inglaterra, pretendendo aquelles Reys, que foſſe juntamente aos diſcipulos Ingreſes meſtres da pureza da Fè. Exercitou deſpois todas em Frandes, e Alemanha: e por rezaõ dellas ſe foy aplicando com grande cuydado a penetrar o ſintido, e myſterios do texto das ſagradas letras. Andou fòra da Patria atè à celebraçaõ do Santo Concilio de Trento em que aſſiſtio: e ſendo acabado, deceo a Veneza pera paſſar com o Padre Frey Bonifacio de Araguza da Ordem dos Menores a viſitar a terra Santa. Levava eſte Padre a familia Franciſcana a ſeu cargo, e os peregrinos daquelle anno. Huma grave doença eſtorvou a a ſanta jornada ao Padre Frey Luis. Mas ficou em memoria huma encomenda que deu ao Padre Frey Pantaliaõ de Aveiro Franciſcano, e Portuguez quando ſe embarcava, como embarcou, na meſma jornada: encomenda que deſcobre bem a fee, e eſpirito de quem a fazia. Pedialhe que pois naõ merecera a Deos ſer ſeu companheiro, lhe trouxeſſe de qualquer rua ou eſtrada publica de Jeruſalem huma pouca de terra, porque como o bom Jeſu andara por ellas, tinha por certo que atè o centro ficara toda a terra ſantificada.

Vindo a Portugal começou a ler Eſcritura em S. Domingos de Lisboa. Mas foy por poucos dias, porque logo o mandou el Rey dom Sebaſtiaõ pera a Univerſidade de Coimbra, onde eſcreveo doutiſſimos commentarios ſobre o Teſtamento velho, e novo, moſtrando nelles as riquezas de erudiçaõ que entezourava ſua memoria. Porque como tinha lido com attençaõ quaſi tudo quanto ha eſcrito em todas as faculdades deſde a Humanidade atè a mayor, e milhor ſciencia, taõ preſente eſtava nas que tinha paſſado quando moço, como nas em que de proximo ſe empregava. Ajudavaſe de artificio pera a conſervaçaõ do que eſtudava, cotando os livros com diverſidade de ſinays de penna, e paſſando eſtes a huma grande taboa que tinha na parede, com que lhe ficava facil achar os livros, as materias, e as particularidades. E porque ſeus eſcritos antes de chegarem à Impreſſaõ jà corriaõ por toda a Chriſtandade com fama, e grande aceitaçaõ de todos os doutos, o Papa Clemente oitavo lhe mandou eſcrever hum Breve cheyo de honras em que o anima, e amoeſta que imprima. Foy paſſado o Breve em S. Pedro de Roma em 28 de Março de 1597, e porque anda jà impreſſo no volume, que eſcreveo ſobre os Cantares, deixamos de o lançar aqui.

Foy incanſavel no ler, e no eſcrever. Affirmaſe delle que leo todas as obras de Santo Agoſtinho, a cuja doutrina, e liçaõ tinha particular devaçaõ, e affeiçaõ, duas vezes, e algumas dellas ſinco, e mais vezes: ſendo aſſi que ha poucos homens que as leſſem huma ſò vez polà grandeza, e numero dos volumes que comprendem. O ſeu

ler

ler foy ſempre com a pena na maõ, qualquer que foſſe o livro, pera ſe aproveitar de tudo, e de todos. O ſeu eſcrever ſempre por ſua maõ, atè que lhe deu a gota na direita. E com lhe ſucceder iſto, no cabo da vida, fez logo trabalhar a eſquerda, primeiro em fazer o ſeu final, e deſpois em eſcrever tudo o que ſe lhe offerecia, de maneira que veo a uzar della como da direyta. O ſeu eſtudar era continuo ſem tempo certo nem determinado. Fòra das horas que dava a Deos, ou às neceſſidades naturais de comer, e dormir, ou lhe tomavaõ negocios preciſos, logo ſeu eſpirito corria ao eſtudo, como a pedra ao centro. Polo comer cortava ſempre pera partir com os pobres, e pera dormir menos. E do ſono tirava tanto, que de ordinario ſe levantava à meya noite (pera o que tinha ſempre conſigo hum eſpertador de relogio) ſem tomar da cama mais que o neceſſario pera a vida nada pera recreaçaõ. Contava delle o Padre Frey Joaõ da Sylva que indo ambos a hum Capitulo geral, com yr cançado do caminho, todas as noites paſſado o primeiro ſono acendia candea (pera o que levava aparelho de fuſil, e pederneyra,) e entendia cos livros, que ſempre com elle peregrinavaõ, como ſe eſtivera na quietaçaõ da cella. Ajudavao muyto huma complexaõ robuſta, e forte que o acompanhou, como dizem de Santo Agoſtinho, atè quaſi os ultimos annos da vida. Porque da gota naõ foy tentado ſe naõ entaõ, e ainda aſſi lhe dava graças chamandoá ditoſa neceſſidade, porque lhe rendia mais tempo pera o eſtudo, livrandoo de acudir a negocios ou de comprimento de gentes, a quem ſe naõ podia negar, ou de força, da Univerſidade, pera que ſempre era chamado, como primeiro, e mais antigo voto della. Da regra, e conſtituiçoens foy obſervantiſſimo, livre, e azedo reprenſor do que era contra a ley de Deos, ou verdade politica, perpetuo bemfeitor em commum com a eſmolla, com a interceſſaõ pera todos os que o buſcavaõ, e em particular pera eſtrangeiros, como quem o foy muitos annos peregrinando fòra da patria. Em caſa brando, facil, e converſavel. Na cella morador taõ aturado, que quaſi nunca ſe achava fòra della: e fòra de caſa naõ hia, ſe naõ arrancado de grande, e forçoſa obrigaçaõ.

Chegando à idade que temos dito no anno de 610 dia da Glorioſa Aſcenſaõ do Redentor ſe levantou pola manham, e ſe foy ao Oratorio do Collegio, ouvio Miſſa, confeſſouſe, e commungou, e recolhendoſe pera a cella, tratou de morrer taõ determinadamente, que foy conſtante opiniaõ de todos os que o conheciaõ, e notaraõ com attençaõ o ſucceſſo de ſua morte, que lhe fora revelada a hora della. De ſua humildade, e modeſtia ſabemos, que nunca tal lhe ſahio da boca. Mas falaraõ por elle os effeitos que naõ pode reprimir. Foy o primeiro, do qual ſe naõ teve noticia, ſe naõ muitos dias deſpois de ſua morte, hum papel que ſe lhe achou em hum eſcritorio, feito neſte meſmo dia, e de ſua maõ aſſinado. He huma proteſtaçaõ da fè, que por ſua, e de tal hora, na qual eſ-

eſtava com os olhos na eternidade, merece que todos os que ſomos ſeus irmaons do habito, e nos prezamos de diſcipulos de ſua doutrina a imprimamos nas almas. E por iſſo a lançamos aqui, e ſerà no ſeguinte capitulo.

CAPITULO XXXIX.

Do proteſtaçaõ da fè que o Padre Frey Luys de Soto Mayor deixou eſcrita : e de ſua bemaventurada morte.

ECce iam morior , vel potius dormio , & viuere incipio in Chriſto vita mea , cuius gratia vſque in hunc diem in fide eiusdem catholica vixi , licet minus benè , fateor ingenuè & doleo. Quoniam verò , vt inquit Paulus Apoſtolus, corde creditur ad iuſtitiam: ore autem confeſſio fit ad ſalutem. Idcircò neceſſarium putaui nunc temporis , & in hac hora fidem meam conceptis verbis atque etiam ſcriptis breuiter ad ſalutem , ſimulque exemplum aliorum confiteri in tanta præſertim profanarum vocum nouitate , vt ne dicam licentia & impunitate ; pròque ea fide immortales Deo gratias agere , qui me pro ſua immenſa miſericordia dignatus eſt fidelem Catholicum non ſolum efficere , ſed etiam vſque in finem ſeruare nullo quidem merito meo , ſed potius merito Chriſti Filij ſui , & Domini mei , qui dilexit me , & tradidit ſemetipſum pro me. Eius itaque merito & iuſtitia & gratia ſpero me poſſe ſaluari , id eſt , vitam illam immortalem & beatam me adepturum eſſe confido. Quod autem pertinet ad quæſtionem illam de gratia Dei , ſeu gratia Chriſti propria circumuagatam , idipſum firmiter teneo , & fideliter credo , quod ſemper tenui , id eſt , quod ſemper tenuit Eccleſia Catholica & Romana , quodque tenuit olim D. Auguſtinus , & poſt eum D. Thomas veriſſimus & fideliſſimus eius interpres. Denique id quod me docuerunt præceptores mei , id eſt , Theologi Lovanienſes , quorum autoritas mihi grauiſſima eſt , & quorum diſcipulus & alumnus per tot annos fui , licet indignus. 20 die Maij anno 1610.

Frey Luis de Soto mayor.

Naõ

Naõ ſerà rezaõ que defraudemos do fruyto, e ſignificaçaõ de taõ ſanta eſcritura os que naõ penetraõ a Latinidade: daremos a traduçaõ, e diz aſſi.

EIs que morro, mas antes durmo, e começo a viver em Chriſto vida minha: por cuja graça, e mercè vivi atè hoje em ſua ſanta fè Catholica, inda que naõ taõ bem como devia, chammente o confeſſo, e pezame de coraçaõ. Mas porque, como diz o Apoſtolo S. Paulo: crer com o coraçaõ ſerve pera a graça, e juſtificaçaõ; e confeſſar a fè com a boca, convem pera a ſalvaçaõ. Por tanto me pareceo neceſſario, ſendo chegado a eſte tempo, e hora, confeſſar, e declarar brevemente a fè, em que vivo, por palavra, e por eſcrito, aſſi pera ſalvaçaõ minha, como pera exemplo doutros, em tempo principalmente de tanta novidade, por naõ dizer atrevimento, e licença mal caſtigada de profanas lingoagens. E tambem pera dar eternas graças a Deos pola meſma fè. Pois foy ſervido por ſua immenſa bondade, naõ ſò fazerme Catholico Chriſtaõ, mas conſervarme em ſua ſanta fè atè o fim da vida: e iſto ſem nenhum merecimento meu, ſenaõ ſò polos meritos de meu Senhor Jeſu Chriſto ſeu Filho, que me amou, e por my ſe entregou à morte. E aſſi eſpero, e confio poderme ſalvar no que elle me mereceo, e por ſua juſtiça, e graça, quero dizer, alcançar a vida eterna, e bemaventurada. E quanto a huma queſtaõ, que anda muy ventilada, acerca da graça de Deos, ou da graça propria de Chriſto: declaro, que eu tenho, e creyo firme, e firmemente o que ſempre tive, e cri, que he o meſmo que ſempre teve a Igreja Catolica Romana: e o que antigamente teve Santo Agoſtinho, e deſpois delle ſeu muy verdadeyro, e fideliſſimo interprete Santo Thomas: e em fim o meſmo que me enſinaraõ meus Meſtres, quero dizer, os Theologos da Univerſidade de Lovaina, cuja autoridade tem pera comigo grandiſſimo peſo, e poder, ſendo como fuy tantos annos diſcipulo, e filho, inda que indigno de ſua doutrina. Em 20 de Mayo de 1610.

Frey Luys de Soto mayor.

Apos eſta proteſtaçaõ, que foy como teſtamento, porque outro naõ fez, nem tinha de que o fazer como verdadeiro Religioſo, deitouſe na cama: e ſendo viſitado de alguns medicos, deſaſſombradamente lhes diſſe, que morria, e que jà era tempo, e que lhe naõ peſava. E replicando hum que lhe daria Deos muyta vida, e ſaude, reſpondeo: A da alma, que he a que importa. A hum Monge de S. Bernardo que o viſitou, e lhe perguntou como ſe ſintia, diſſe: Como quem eſtà pera fazer huma jornada muito comprida, e muito perigoſa.

Deſte dia em diante foy entrando em fraqueza muito conhecida, e ſendo viſitado amiude dos medicos, recebeo o ſanto viatico: e antes de o receber pronunciando muitas palavras, aſſi da ſagrada Eſcritura, como dos ſagrados Concilios com que reconhecia eſtar debaixo das eſpecies ſacramentais Noſſo Senhor Jeſu Chriſto verdadeyro Deos, e homem, Filho do Eterno Padre; fezlhe huma devota, e efficaz petiçaõ que o confirmaſſe em ſua ſanta fè. E logo pedio ao Prelado, que na hora, que entendeſſe ſer tempo, lhe adminiſtraſſe a ſanta Unçaõ. Quando veyo à ſeſta feira antes do dia do Spirito Santo pareceo ao Reytor que convinha naõ lha dilatar, e tratandoo com elle, e propondolhe o perigo em que eſtava de poder falecer ſem aquelle Sacramento: com muita confiança reſpondeo, que naõ permittiria Deos tal: e que o receberia ao Sabado, que era veſpara da Feſta, ſem embargo, que como ſubdito ſe reſignava em ſua vontade. Pedio entaõ eſpaço pera ſe aparelhar. Foy o aparelho confeſſarſe, e pedir ao enfermeyro que por reverencia dos ſantos oleos lhe lavaſſe os pès. He de conſiderar que de quarenta annos atràs ſe ſabia que nunca outras maons lhos lavaraõ, ſe naõ as ſuas proprias; e naquella hora, ſendo dous dias antes da morte, conſintio que lhe tiraſſem as meas calças, que ſegundo eſtilo da Religiaõ ainda tinha calçadas, avendo tanto tempo que ſe podia aver por izento de todos os rigores della. Ao Sabbado à noite pedio que lhe leſſem a paixaõ do Euangelho de S. Joaõ: e começando a meditar hum pouco no que ouvia, deulhe hum grande aballo de eſtremecimento. Acudiraõ os Padres parecendo que acabava, e poſeraõlhe na maõ a candea. Diſſe eſpertando, que ainda naõ era tempo; que elle teria cuydado de a pedir. E vendo que eſtavaõ juntos todos os que avia no Collegio, deſpedioſe delles com amor, e humildade, e foraõ as palavras: Padres meus, como grande peccador que ſou, naõ tenho nenhum bom exemplo que lhes deixe mais, que o de bom eſtudante. Peçolhes muito que nunca ſe apartem da doutrina de Santo Agoſtinho, e de noſſo Padre Santo Tomas de Aquino. Porque ſem ella ſe naõ pode entender o Apoſtolo S. Paulo: e tudo o que ſe lhe reſponde ſaõ (foy palavra ſua formal) esfolagatos. Quiz dizer, agudezas ſofiſticas. Perguntaraõlhe a que Santos queria lhe diſſeſſem Miſſas, apontou em Santo Agoſtinho, e com a occaſiaõ pedio que lhe deſſem hum livrinho das ſuas confiſſoens, e dizendo, que aquelle era o ſeu

theſouro, tirou de dentro dous papeis: hum foy o regiſto da imagem do Santo, com que ſe abraçou como em deſpedida: outro huma oraçaõ de ſua maõ eſcrita, que dezia fora compoſta polo meſmo Santo pouco antes da morte. Mandou que lha leſſem, porque he muito devota, e por ſer tal encomendou aos Religioſos que tomaſſem treslados, e a rezaſſem. Ao dia de Pentecoſte pola manham chamou ao confeſſor, e reconciliandoſe pediolhe que lhe aplicaſſe a indulgencia concedida aos noſſos Frades no artigo da morte pola Sè Apoſtolica. Abſolto por ella diſſelhe que ſe ficaſſe embora, porque elle ſe hia deſcançar com Deos; e pedio a candea; e tanto que a teve na maõ eſpirou com huma quietaçaõ de Santo, na hora que no Coro ſe começava a cantar deſpois da Epiſtola o verſo da *Alleluya*, *Veni ſancte Spiritus.*

Ouve no tranſito deſte Religioſo dous eſtremos de conſideraçaõ. Quando ſoube ou entendeo que morria, temeo, e tremeo a humanidade ſobre oitenta, e tantos annos de vida muy occupada, muy trabalhada, e muy religioſa. Eſte foy o primeyro eſtremo: que ſe colligio de huma profunda triſteza em que cahio tanto que adoeceo, da qual ſendo advirtido que lhe agravaria o mal, reſpondeo: 2. Cor. 7. *Triſtitia hæc eſt effectus pœnitentiæ ad ſalutem.* Como ſignificando que era effeito de dor, e arrependimento pera meyo de ſalvaçaõ. Ao meſmo propoſito diſſe pouco deſpois com grande efficacia: *Timendus eſt Deus, maximè cum iudicat.* Quiz dizer: Sempre Deos he de temer, mas principalmente quando julga. Paſſou deſte eſtremo a outro, com que acabou, de huma grande paz, e ſoſſego da alma. Porque viſitandoo os Doutores da Univerſidade, com taõ boa ſombra ſe deſpedia de cada hum, como ſe tratara de paſſar pera outro Convento; e todos ſahiaõ aſſombrados, e edificados. E naõ eſpantou menos, que dizendolhe o Reytor da Univerſidade dom Franciſco de Caſtro, que hoje he Biſpo da Guarda, que ſe lembraſſe delle diante de Deos, reſpondeo que quanto nelle era prometia fazello. Aſſi o reconheceo logo toda a Univerſidade por Santo nos effeitos. Porque entre a huma, e duas deſpois de meyo dia ſe juntaraõ no Collegio com o Reytor muitos Doutores, e Fidalgos, e grande numero de Religioſos, e elle foy o primeyro que chegou a beijarlhe a maõ, o que imitaraõ alguns: mas os mais ſe foraõ aos pès, entendendo que a tal peſſoa naõ era devida menos veneraçaõ. Foy à terra coroado de huma capella de roſas: e ſobre o eſcapulario, que era hum que pera eſte dia tinha bem guardado, porque fora do Santo Arcebiſpo de Braga dom Frey Bertolameu dos Martyres, levava huma Cruz feita de roſas, e ao peſcoço hum roſario que muito pezava, por ſer feito da madeyra do caixaõ em que o meſmo Arcebiſpo eſtivera primeyro ſepultado. Nos dous dias ſeguintes teve ſolenes Officios da Univerſidade, e de todas as Religioens que concorreraõ ao Collegio. E o Reytor da Univerſidade lhe mandou cobrir a cova, que he no

Frey L. Cacegas na vida do Santo Arcebiſpo l. 6. c. 22.

meyo do Oratorio do meſmo campa eſculpida do ſeguinte Collegio, com huma fermoſa elogio.

MAgnus Theologus vir cœlo dignus Frater Ludouicus Sotto maior Dominicanus, fidei vehemens aſſertor in vtroque Germania, & Anglia, Primarius Conimbricæ Diuinorum librorum interpres longè illuſtris, & emeritus: moriens ipſa die, & hora, qua Spiritus Sanctus corda repleuerat Apoſtolorum, ſuæ mortis diuinus viuam ſanctitatis imaginem expreſſit, quam vivens ſibi parauerat Deum ſequendo. Tandem hic ſitus eſt anno 1610, *ſuæ ætatis* 84.

CAPITULO XL.

Dos eſtudos que ha neſte Conuento. E como lhe foy annexada a Igreja, e renda do antigo Moſteyro de Anſede pola Sè Apoſtolica.

FLoreceo ſempre neſta caſa eſtudo geral de Filoſofia, e Theologia, e he a primeyra Academia da Ordem neſta Provincia. Saõ ordinarias duas liçoens de Theologia, e huma de Artes, e Filoſofia. Em tempos atràs ordenou nella el Rey dom Manoel hum Collegio pera certo numero de Religioſos, o qual el Rey dom Joaõ ſeu filho mandou deſpois paſſar a Coimbra com nome de Santo Thomas, como ſe dirà em ſeu lugar, e anno proprio conforme à ordem que ſeguimos. E agora o tocamos, pera que ſe ſaiba que aqui teve ſua origem.

Alem deſte eſtudo, que he de portas a dentro, e mais proprio dos Religioſos, dado que tambem admitta alguns ſeculares: ha outro fòra, de duas liçoens publicas de caſos de conſciencia, particular pera ſeculares. Eſtas ſe lem na Ermida de Noſſa Senhora da Eſcada: e tem dous lentes que nomea o Capitulo Provincial. Foy obra, e inſtituiçaõ da Raynha dona Caterina digna conſorte do Chriſtianiſſimo Rey dom Joaõ III. e grande imitador de ſuas virtudes: e finalou de eſmola por ella ao Convento cem mil reis de juro. Mas vendo que o beneficio, com ſer taõ geral, naõ abrangia àquelles que por falta de ſuſtentaçaõ, ſobejandolhe as mais partes, naõ podiaõ aſſiſtir na cidade, ordenou hum Collegio de Clerigos pobres com numero certo, e porçoens determinadas. Conſelho de alto entendimento. Porque alem do merito da eſmola, e mantença que ſe dà a pobres: a comida certa obrigaos a eſtudar: e o eſtudo a ſe habilitarem pera ſervirem de Curas das Igrejas, e em outros beneficios: com que ſe vem a dilatar a eſmola por todos os membros da Republica. Saõ os Collegiaes trinta e dous: dos quais mandou que os doze foſſem ſempre do Arcebiſpado de Lisboa, e os vinte do reſ-

reſtante do Reyno. Aos do Arcebiſpado, como a gente que eſtà em ſua caſa, ou perto della, ſe daõ de porçaõ doze mil reis por anno; aos de mais longe a quinze mil reis pagos em dinheyro, e aos quarteis, e de maõ do Prior do Convento. Pera ſerem admittidos paſſaõ por rigurofo exame de Latinidade, deſpois de aprovados em vida, e coſtumes, e limpeza de ſangue: e ſempre ha concurſo de pertendentes, e he preferido o mais habil, e mais digno. Tem obrigaçaõ de certos annos de aſſiſtencia, e continuaçaõ quotidiana de manhã, e tarde: pera o que ha dous apontadores, cujo officio he tomar em lembrança as faltas de cada hum; e quando chega ao quartel tanto recebem menos, quanto montaõ as liçoens que perderaõ pro rata do que val a porçaõ. O Prior he o adminiſtrador de tudo, e o que manda fazer os pagamentos, que fica ſendo a mayor commodidade de todas pera os pobres, porque he almoxarife certo, e bem aſſombrado. A contia que ſe monta deixou a Raynha em juro perpetuo aſſentado na alfandega da cidade.

Mas porque falamos em juro, e rendas, ſerà bem dizermos alguma couſa das que ſuſtentaõ a eſte Convento: as quais he de ſaber, que pera cem Frades que de ordinario nelle reſidem, alem de grande numero de hoſpedes quaſi ſempre continuos, ſaõ muy curtas, como em todos os mais Conventos do Reyno. E he a rezaõ tal, que deſejo encubrilla por naõ culpar noſſos mayores, que ou polo coſtume do bom tempo em que viviamos ſem proprios, ou por brio de ſe moſtrarem izentos de cubiça, foraõ muito faciles em largar legitimas, e heranças groſſas, fazendo pouco caſo do dano das Communidades a troco da gloria de liberais. O que ſendo viſto, e conſiderado pola Raynha dona Caterina no tempo que governava eſte Reyno na menoridade del Rey dom Sebaſtiaõ ſeu neto, procurou impetrar da Sè Apoſtolica hum Moſteyro de boa renda de alguns antigos, que por eſtarem quaſi deſpovoados de Religioſos ſe davaõ polos Reys a peſſoas particulares pera viverem das rendas delles, com nome de Commendatarios. E vagando o de Anſede no anno de 1559 por falecimento do Commendatario que o poſſuya, eſcreveo ao Pontifice em nome del Rey, no qual corriaõ todos os negocios, e papeis publicos. E porque a nota teſtimunha bem as neceſſidades que temos, dito da noſſa caſa, e o eſtado da que ſe pedia, naõ ſerà fòra de propoſito tresladarmos aqui a carta: e he a que ſe ſegue.

MUito Santo em Chriſto Padre, e muy bemaventurado Senhor, eu deſejo que o Convento de S. Domingos deſta cidade tenha ſufficientes alimentos pera poder ſuſtentar o numero de Religioſos, que he neceſſario pera bom ſerviço de Noſſo Senhor neſta cidade, e Reyno, e deſta

ta Republica no eſpiritual, por ſer caſa de eſtudo de Artes, e Theolagia, donde ſaem vinte e tantos prègadores por toda a cidade, e Reyno, e onde ha continuas confiſſoens, e onde todas as principais duvidas de conſciencia vaõ ter, pera que com a determinaçaõ dos letrados da dita caſa ſe quietem as conſciencias: e por aver muytos annos que a terra eſtà em coſtume de achar na dita caſa aviamento pera todas eſtas couſas. E porque pera iſto ſe poder ſuſtentar, he neceſſario ter grande numero de Religioſos, pera os quais tem a caſa muy pouca renda: e minha fazenda eſtà muy deſpeſa pera poder a iſſo acudir, por a muy continua guerra que com os Mouros inimigos de noſſa ſanta fé continuamente trago nas partes de Africa, e India: mandey pedir a V. Santidade me quizeſſe fazer merce de unir o Moſteyro de Anſede ao dito Convento: por quanto mais ſerviço de Noſſo Senhor ſerà darſe a dita caſa, que eſtar, como atèqui eſteve, com cinco ou ſeys Religioſos por forma, e a mais renda comella hum Commendatario. Porque tambem, quando a V. Santidade lhe pareceſſe povoarſe o dito Moſteyro de Anſede d' alguns Padres da dita Ordem de S. Domingos, que prèguem na terra onde o dito Moſteyro eſtà, que tem neceſſidade de doutrina, o Padre Provincial, e Padres de S. Domingos o façaõ. E porque importa muyto a boa concluſaõ deſte negocio, no qual eſpero que V. Santidade folgue de fazer a mercè que lhe peſſo: vay ſobre elle, e outros negocios que tocaõ à dita Ordem, o Padre Frey Juliaõ, peſſoa de muita confiança: e que por el Rey meu Senhor, e avò, que ſanta gloria aja a ter delle, o mandou em tempo da boa memoria dos Papas Paulo, e Julio ſobre outros negocios da dita Ordem. Peço muyto por mercè a V. Santidade, que no que acerca diſto lhe requer por parte da dita Ordem folgue de lhe fazer toda a mercè, que ouver lugar, no que a receberey muy grande de V. Santidade. Muy ſanto em Chriſto Padre, e muy bemaventurado ſenhor, Noſſo Senhor por muytos annos conſerve V. Santidade em ſeu ſerviço. De Lisboa a 10. de Julho de 1550.

Con-

Concedeo o Papa na annexaçaõ da Igreja, viſtas as rezoens da carta. E com os rendimentos della, que importaõ pouco mais de dous mil e quinhentos cruzados forros pera o Convento, ſe aliviaraõ as neceſſidades que paſſava, e com elles, e com a providencia, e bom governo dos Priores ſe tem reformado o edificio de quaſi toda a caſa, e enriquecida a Sacriſtia de ornamentos pera o culto Divino: de ſorte, que faz ventagem a todas as de Lisboa. O Moſteyro de Anſede he taõ antigo em ſua fundaçaõ, que ha memorias com que ſe prova que no anno de 1107 avia jà nelle Religioſos, e que no de 1160 foy dado aos Conegos regrantes de Santo Agoſtinho, em cujo poder eſtava quando el Rey dom Sebaſtiaõ o impetrou pera a noſſa Ordem. E por boa conta parece que os anteceſſores dos Conegos regrantes deviaõ ſer Frades de S. Bento. A caſa he freguesia do lugar, e tem outras Igrejas, e freguesias annexas com ſeus Curas, e Abbades apreſentados polo Prior de S. Domingos de Lisboa. Aſſi fica ſendo Anſede huma das Vigairarias da Provincia: e o Vigario, ou qualquer outro Frade aly reſidente tem diſpenſaçaõ do Papa pera adminiſtrar os Sacramentos como verdadeyro Parrocho. O Biſpado em que cae he o do Porto.

Naõ he pera eſquecer que ſe guarda neſte Moſteyro de Anſede de tempos immemoriaes huma caveira de homem inteira de tal virtude, que todo animal danado que com ella tocaõ fica logo ſaõ. E de muytas legoas à roda acode o povo ao beneficio; e ſe naõ podem trazer o animal inficionado, com levarem paõ ou palha tocada na ſanta cabeça (que eſte he o ſeu nome, e naõ ſe lhe ſabe outro) como eſteja em eſtado que o poſſa comer, logo fica livre do perigo.

CAPITULO L.

Das Reliquias que ha no Convento: e de algumas memorias antigas que nelle ſe achaõ.

O Que falta de renda, e fazenda a eſte Convento, lhe ſobeja em outra riqueza de mais eſtima, que he hum tezouro de grandes, e precioſas reliquias, que ſe guardaõ na ſacriſtia recolhidas com decencia em hum nicho aberto na groſſura da parede do topo fronteiro da porta. He a primeira huma cruz feita do verdadeiro lenho em que noſſo Redentor Jeſu Chriſto padeceo. Eſtà engaſtada em outra grande de prata, que juntamente faz cuſtodia a muytas outras reliquias. Foy eſta peça do Meſtre Frey Nicolao Dias. As reliquias lhe dera em Roma o Papa Pio Quinto, de quem por ſuas grandes partes era muito amado: e elle as deu a eſte Convento como filho que era ſeu de habito, e profiſſaõ.

Tem mais dous eſpinhos da ſagrada Coroa de Chriſto em ſeus viris de criſtal com ſuas guarniçoens de prata douradas.

Em huma caixa dourada, e bem guarnecida ſe guarda a caſula inteira com que noſſo Padre S. Domingos celebrava no tempo que reſidia em Toloſa prègando aos hereges Albigenſes,

ſes. He de huma ſeda ſingella como tafetà: e moſtra na parte, que cae ſobre o peito, ſinais bem viſtos, e matizes ſantos das lagrimas que derramava naquelle celeſtial miniſterio. Foy dadiva das Freiras do inſigne Moſteiro do Prulliano feita ao Padre Meſtre Frey Antonio de Souſa, quado as viſitou como Vigario geral que era de toda a Ordem, vindo de Roma pera Portugal, e elle de ſua maõ a poz neſta caſa, porque pera ella a pedio.

Em hum engaſte de prata eſtà a cabeça do Protomartyr Santo Eſtevaõ, que a Raynha dona Caterina deu a eſta Sacriſtia com a de outro Maryr.

Outra ſemelhante guarniçaõ ſobre huma cabeça das onze mil Virgens, e hum pedaço de huma coſta de Santa Caterina de Sena, e outro oſſo grande da Beata Margarida, que ſendo nacida em Lisboa quiz ir viver, e morrer à viſta da ſepultura do noſſo glorioſo Patriarca em Bolonha com o habito, e profiſſaõ de Freyra terceira, cuja vida, ſe Deos no la der, naõ ficarà fòra deſtes eſcritos quando chegarmos aos annos em que floreceo.

A caſa da Sacriſtia, em que eſtas Reliquias eſtaõ, he bem digna Cuſtodia dellas, porque ſem grande encarecimento he a mais fermoſa quadra em capacidade, e proporçaõ que ha em todo o Reyno, inda que metamos em conta Conventos Realengos.

Mas porque nos naõ fique nada por dizer do que ha digno de hiſtoria neſte Convento, paſſaremos a algumas antiguidades que nelle achamos.

Na Igreja entre os arcos da capella de Santo Andre, que he no Cruzeiro, e da que dà ſervintia pera a Sacriſtia, parece no alto hum pequeno tumulo de pedra ſumido na parede, que corre a prumo com ella: e na na face de fòra que ſò deſcobre, tem huma letra que declara jazer nelle o Infante dom Afonſo, filho del Rey dom Afonſo o terceiro, fundador que foy da meſma Igreja. Eſte Principe jouve atè noſſos tempos no baixo do cruzeiro em huma caixa de marmore branco entalhada em roda de arvoredos, e apparatos de montaria, a qual, por ſer demaſiadamente grande, e parecer que em tal lugar dava pejo, foy desfeita: e o corpo tambem desfeito pera ſer agaſalhado em lugar mais eſtreito, e no ſitio em que hora eſtà. Quando foy deſcuberto fez eſpanto por grandeza de eſtatura, e groſſura de carnes, de que ainda eſtava acompanhado inteiramente, ſalvo nas pernas, e cabeça. Mas naõ eſpantou menos o habito em que foy achado: eſtava envolto em hum pano de ſeda amarella, e cingido com huma corda de linho: corda, e pano taõ novo, e ſaõ como poſto daquella hora, em cabo de mais de duzentos e ſincoenta annos. O cingidouro pareceo que devia ſer contriçaõ, e humildade do defunto, ou devaçaõ do Padre S. Franciſco. He de ſaber que eſte Infante foy da Rainha dona Breitiz, e naõ da Condeſſa de Bolonha, como dantes publicava a fama popular.

Fernaõ Lopes na Cron. del Rey dom Dinis.

Nas coſtas da capella de Jeſu, na parede que reſponde as craſtas, eſtà ſepultado em hum moymento de pedra alto, e ſumido

mido dentro nella hum dom Pedro Peres Conego de duas Catedraes, couſa que na ſingeleza dos tempos antigos naõ fazia diſſonancia, ſendo taõ claramente incompativel. Faleceo poucos annos deſpois de fundada a Igreja. Huma couſa, e outra conſta de hum pequeno letreiro que ſobre a ſepultura parece à face da parede em letras Goticas, e diz aſſi.

HIc iacet donus Petrus Petri Canonicus Compoſtellanæ & Ulixbonenſis Eccleſiæ, qui in ſenectute bona plenus dierum, diuitijs & ſapientia mortuus eſt in habitu Prædicatorum. Obijt autem in vigilia Beati Laurentij ſub Æra MCCCIIII.

Em vulgar reſponde.

AQui jaz dom Pedro Peres Conego das Igrejas de Compoſtella (*que he Santiago*,) e Lisboa, que em boa velhice cheyo de dias, riquezas, e ſaber, faleceo no habito dos prègadores: e acabou veſpara de S. Lourenço na era de Cezar de mil trezentos e quatro (*que reſponde aos annos de Chriſto* 1266.)

Coſtumavaõ naquelle tempo da primitiva Ordem alguns Eccleſiaſticos nobres, e tambem ſeculares ſe no eſtado ſe achavaõ deſobrigados, quando nas enfermidades eraõ deſenganados polos medicos, que naõ avia que eſperar da vida, ou quando o numero crecido dos annos dava aviſo que naõ podia ſer de muyta dura, acolherſe, como dizem, à Igreja. Pediaõ licença aos Prelados, huns pera tomarem o habito, e profeſſarem logo: outros pera ficarem com noſco, e fazerem profiſſaõ a ſeu tempo: e todos com tençaõ de ganharem as indulgencias que os Frades gozamos no artigo da morte, e participarem deſpois della dos muitos ſuffragios que ſe fazem por todos em toda a Ordem com cuidado, e continuaçaõ. E aſſi aconteceo à eſte Padre, que pouco antes de falecer ſe recolheo com noſco, e tomou o habito. Santo, e ſalutifero penſamento de parte dos que tal remate procuraõ a ſeus dias, moſtrandoſe niſſo catolicos, e conhecidos da vida futura: mas grande, e aventajada benignidade, e miſericordia a da Religiaõ em aceitar, e admittir entre ſi aquelles que tendo dado o aſſo das forças, e melhor idade ao mundo, naõ trazemos aos clauſtros mais que o ferro, e ultimo ferro da vida pera darnos pejo, mais que proveito. Porque ſendo aſſi que os que cavaraõ na vinha do pay de familias do Evangelho naõ foraõ arguidos de mao ſerviço polos emulos, ſe naõ ſò de acudirem tarde: por onde ſe vè que toda-

via eſtiraraõ os braços, e apertaraõ a enxada, e ſuaraõ: naõ ha duvida que a obra deſte bom velho teve muyto de mercantil, e uzuraria: pois morrendo cheyo de riquezas, e de annos (como diz o epitafio,) nem dia exprimentou de pobre que he o eſſencial da religiaõ: nem hora de trabalho: nem parece, que veo mais que a lograr o ſuave do habito, e naõ ſintir o agro. Que na verdade os partidos, que naõ ſaõ iguais, e como dizem de dar, e tomar, tirania ſaõ, e naõ partidos. Sirva iſto pera vermos, e entendermos o muyto que devemos eſtimar as Religioens, que ſe ſe deixaõ vencer de noſſas deſigualdades, he a cauſa porque ſaõ vinha de Deos, e os que as governaõ, ſeguem ſua condiçaõ, e bondade naõ ſe buſcando a ſi, ſe naõ o bem dos proximos, e a mayor gloria do meſmo Deos, como verdadeiros ſervos ſeus.

Mas tornando ao noſſo Conego conſtanos todavia que ainda que tarde ſoube diſpor, e aſſentar bem ſuas couſas. Porque deixou muyta fazenda de rayz à Sè de Lisboa, onde a ganhara. E porque a Ordem naõ poſſuhia proprios, e pola meſma rezaõ naõ aceytava obrigaçaõ de Miſſas nem ſuffragios perpetua, poz clauſula nos bens que deixou à Sè, que todos os annos lhe mandaſſe o Cabido cantar hum anniverſario neſte Convento. E a hum criado deixou duas moradas de caſas, huma ao poço de Borratem, outra pouco adiante, onde chamaõ a Porta Nova, com encargo de dar todos os annos na veſpara de S. Lourenço, que foy o dia em que faleceo, huma pitança aos Frades. Eſta devaçaõ que os homens do bom tempo tomavaõ taõ em groſſo, que ſe naõ contentavaõ com menos que profeſſar nas Religioeus, que todavia era obra de grande merecimento, inda que foſſe por huma ſò hora, vieraõ a trocar os que ſucederaõ em ſe contentarem de levar à cova veſtido o habito da Religiaõ a que mais ſe inclinaõ. O que alem de ſer tambem indicio de animo chriſtaõ, e pio, grangea a quem o faz muytas graças, e indulgencias concedidas polos Summos Pontifices, por ſer trajo de gente dedicada a Deos, e ſimbolo de virtude.

Eſta prevençaõ da ultima hora que taõ digna he de nos trazer deſvelados, faziaõ tambem no meſmo tempo alguns Sacerdotes regulares peſſoas de authoridade: mas por outro modo, e naõ tanto ao tarde. Deſpois que tinhaõ bem ſervido a Ordem, e trabalhado cada hum em ſua vocaçaõ procuravaõ recolherſe em algum Convento, onde a obſervancia andaſſe mais em ſeu ponto, e eſperar entre ſantos fim ſanto. Aſſi o vimos no titulo do Convento de Santarem em alguns Padres que a elle vieraõ no ultimo quartel da idade. E achamos poſto em lembrança por Jeronymo Blancas Croniſta Aragones, referido pelo Meſtre Frey Franciſco Diago: que Frey Garcia de Vulcos de naçaõ Biſcainho, e filho do Convento de S. Domingos de C,aragoça Meſtre em Theologia, e muy douto em ambos os direitos Canonico, e Civil, deſpois que ſervio o cargo de Provincial de toda Eſpanha antes da ſeparaçaõ das Provincias como por obrigaçaõ correra, e viſitara as caſas todas: de

L.2.c.38.

Na hiſt. da Ord da Prov. de Aragaõ l. 12. c. 37. & 72.

de tal maneira ſe contentou da paz, e ſoſſego, que achou neſta de Lisboa, e da pureza de eſpirito que enxergou em todos os moradores della, que ſe determinou acabar aqui ſeus dias. E aſſi diz eſte Autor que o fez: e affirma que ſobio a taõ alto grào de ſantidade, que floreceo em vida, e morte com muytos milagres: dos quais poſtos em pintura eſtava ſeu ſepulcro rodeado. Nas memorias do Convento naõ parece nenhuma que nos dè luz de tal couſa: mas dizer que eſtavaõ os milagres pintados polas paredes conforma com o que era coſtume daquella idade em Portugal, como apontamos nas vidas dos Frades de Santarem: e o faltarnos cà noticia de hum Religioſo Eſtrangeiro naõ deve tirar fé ao hiſtoriador antigo, quando a cada paſſo vamos tropeſſando em deſcuidos contra os noſſos naturais.

LIVRO QUARTO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

De huma grande perſeguiçaõ que em Portugal ſe levantou contra a Ordem. E dos favores com que a Sè Apoſtolica acudio aos Religioſos.

SOMOS chegados com a Hiſtoria aos annos do Senhor 1266 na parte que toca à fundaçaõ dos Conventos, que he a raiz, e tronco della, deſpois que noſſo Padre S. Domingos nos faltou na terra. E eſtamos com quatro Conventos de Frades fundados, e hum de Freiras. E ainda que nos temos adiantado tanto nas vidas, e feitos, e ſucceſſos dos filhos delles, que chegamos com alguns aos tempos preſentes, ſempre nos ha de ficar por guia o anno da fundaçaõ de cada hum: aſſi pera levarmos infiada, e certa a antiguidade de todos, como pera naõ perturbarmos a ordem das couſas gerais tocantes a toda a Provincia. E por iſſo he forçado tanto que concluimos o que ha que dizer do Convento, que vay ſuccedendo tornar logo atràs, e levar atada, e direita a conta dos annos. Naõ ignoro que he deſgoſto pera quem lè, eſte modo de dar, e arrepiar carreyras, e taõ largas, que chegaõ algumas a quaſi quatrocentos annos. Mas o genero de hiſtoria, que temos entre maons naõ ſofre outra traça (deſpois de buſcadas todas) pera ſer intelligivel. Temos exemplo no que faz quem eſcreve a Cronica de hum Rey, quando trata de ſeus filhos, que por ſe naõ divertir da hiſtoria principal, a que eſtà obrigado, ſe quizeſſe yr tecendo juntamente com os annos do pay, os de cada hum dos filhos, lança em hum capitulo junto o que ha de cada filho, hum por hum, atè os enterrar todos, inda

1266.

da que venceſſem em vida, e annos ao pay, e deſobrigado delles, proſegue ſua narraçaõ. Da meſma maneira faço conta que o corpo da Provincia he aqui o noſſo Rey, cuja Cronica eſcrevemos: os Conventos ſaõ os filhos: à Cronica do Rey pertence lançarmos em memoria quando, e como lhe naceo o filho, e a filha: e na hora que lhe damos o naçimento, deſenrolar logo ſua vida atè o fim, pera evitar confuſaõ: e deſpois tornar aos ſucceſſos gerais, e yr continuando nelles ſegundo a ordem dos annos. Com eſta começamos a Hiſtoria, na meſma iremos proſeguindo atè o cabo, ſe Deos for ſervido darnos forças pera lho vermos.

Seguindo a metafora propoſta, nace neſte anno de 1266 a noſſo Rey, que he noſſa Provincia, hum filho que he o Convento de Elvas. Mas porque ſe offerecem juntamente ſucceſſos de importancia que tocaõ à Provincia, diremos primeyro eſtes, e logo tornaremos ao filho. He pois de ſaber, que correndo com grande credito de virtude, e proſperidade de governo os Conventos que neſte tempo tinhamos em Portugal, ſendo eſtimados dos Reys, e do povo, e trazidos nos olhos dos Provinciais, foy Deos ſervido pera os fins que elle ſabe, que ſempre ſaõ de noſſo proveito, levantar huma riguroſa perſeguiçaõ contra os Religioſos todos, e contra todos os Conventos, e paſſou deſta maneyra. Corria o povo com grande frequencia a noſſas Igrejas aos Sermoens, e doutrinas, e Officios Divinos: e como a vida, e proceder dos Religioſos dizia com o que inſinuavaõ, era grande a devaçaõ com que lhes acudia amontoando eſmolas, e provimento de toda ſorte pera as Communidades, tomando jazigos, e capellas nas Igrejas, encomendando Miſſas, e ſuffragios nas Sacriſtias. Foy iſto em tanto crecimento (como as couſas do povo ſeguem ſempre eſtremos) que os Sacerdotes ſeculares o vieraõ a ſintir, ou como menos cabo ſeu, ou como detrimento de ſuas Igrejas, e beneffes: levantaraõ queixa, apertaraõ com os Prelados, como atràs vimos na cidade do Porto. Começaraõ os Biſpos a fazer caſo do negocio, ou temendo que lhes faltaſſem Curas, ou parecendolhes que eſtavaõ obrigados a ſuſtentar a cauſa em que o Clero hia intereſſado: e a poucos lances determinaraõſe em couſa, que foy tirar em claro aos Conventos todo o genero de remedio, tolhiaõlhes enterros, impediaõ eſmolas, e offertas, prohibiaõ aos Diocezanos ouvirem os Officios Divinos nas Igrejas dos Frades, caſtigando com rigor os que faltavaõ nas ſuas, e atè nas prègaçoens punhaõ termo: de ſorte que naõ faltava mais que lançaremnos das cidades os meſmos Prelados que primeyro nos chamavaõ pera companheyros de ſeu miniſterio, e nos agaſalhavaõ, e honravaõ. Encolhiaõſe os Religioſos no principio por naõ parecer, que ſendo hoſpedes queriaõ mais lugar na caſa alheya do que ſeu dono lhes dava, padeciaõ ſem falar. Crecendo com o ſilencio o dano, trataraõ de o vencer com paciencia: encomendavaõ a cauſa a Noſſo Senhor com ferventes, e continuas oraçoens, tomando por valedora a

Vir-

Virgem ſagrada do Roſario, particular, e univerſal valedora deſta Ordem dos principios della, e uſando do meyo de ſua devota Ladainha, antigo refugio de noſſos trabalhos. Mas nenhum ſofrimento nem moderaçaõ noſſa mitigava os animos do Clero zeloſo de ſuas prebendas: e como tinhaõ por ſi o poder Epiſcopal, que he alçada ſuprema, multiplicavaõſe avexaçoens, e apertos contra os humildes, ſem ſer admittida nenhuma compoſiçaõ nem partido de muitos, que algumas peſſoas compadecidas da inquietaçaõ dos Frades punhaõ em pratica.

Pareceo entaõ aos Prelados dos Conventos, que excedia os limites da prudencia pairar mais tempo taõ porfiada tormenta, porque vinha a redundar a diſſimulaçaõ em prejuizo geral dos privilegios da Ordem dados pola Sè Apoſtolica: os quais nenhum ſubdito pode renunciar; e quando o faça, alem de cometer culpa digna de caſtigo, naõ val em direito tal renunciaçaõ. Aſſi fizeraõ queixa na Curia Romana, dando conta de ſeus trabalhos, por meyo do Padre Geral ao Papa Clemente Quarto: o quál lhes acudio logo com hum Breve que achamos originalmente no Cartorio do Convento de Benfica, e he o ſeguinte.

CLemens Epiſcopus, ſeruus ſeruorum Dei, venerabilibus fratribus Archiepiſcopo Bracharenſi, & Epiſcopis, ac dilectis filijs Archidiaconis, Decanis, & alijs Eccleſiarum Prælatis, ac Rectoribus Regni Portugalliæ, ad quos literæ iſtæ peruenerint, ſalutem & apoſtolicam benedictionem, &c. Ab omnibus Chriſti fidelibus, ſed ijs præcipuè vos decet inueniri beneuolos, quos religioſa vita conſtituit laudabiles, & Apoſtolica Sedes habere dignoſcitur in filios ſpeciales. Sanè dilecti filij Priores, & fratres Ordinis Prædicatorum in regno Portugalliæ grauem ad nos tranſmiſere querelam, quod nonnulli veſtrum ad eos propter Deum, cuius frequenter aſſiſtunt obſequijs, affectionem debitam non habentes, ipſos affligunt grauibus moleſtijs, & preſſuris, non permittentes eos vti liberè libertatibus & indulgentijs ſibi & Ordini prædicto ab Apoſtolica Sede conceſſis. Cum autem ipſi, quos prædicta Sedes ſub ſua protectione recepit, ad Apoſtolicum præſidium propter hoc duxerint humiliter recurrendum: vniuerſitatem veſtram rogamus & hortamur attentè per Apoſtolica vobis ſcripta præcipiendo mandantes, quatenus circà dictos Priores & Fratres pro Diuina & noſtra reuerentia ſincerè gerentes charitatis affectum, à quibuslibet eorum moleſtijs, preſſuris, ſeu iniurijs penitus deſiſtatis: ità ipſos libertatibus & in-

indulgentijs huiuſmodi vti liberè permittendo , quòd ſuper hoc non aliud adhibere conſilium , ſed teneamur vobis ad actiones vberes gratiarum. Datum Peruſij VII. Cal. Martij Pontificatus noſtri anno ſecundo.

Em vulgar reſponde aſſi.

CLemente Biſpo ſervo dos ſervos de Deos aos veneraveis irmaons o Arcebiſpo de Braga, e Biſpos; e aos amados filhos Arcediagos, Deaẽs, e outros Prelados, e Reytores das Igrejas do Reyno de Portugal, que eſtas letras virem, ſaude, e Apoſtolica bençaõ, &c. Como ſeja rezaõ que todos os fieis Chriſtaons achem em vòs outros benevolencia, e brandura : com aquelles he bem que ſejais mais humanos, que a vida religioſa faz merecedores de honra, e louvor, e a quem a Sè Apoſtolica moſtra ter em conta de filhos eſpeciais. Noſſos amados filhos os Priores, e mais Frades da Ordem dos Prègadores, que reſidem neſſe Reyno de Portugal, ſe nos mandaraõ gravemente queixar, que alguns de vòs naõ correndo com elles com aquelle termo de caridade que por amor de Deos, a quem ſervem, ſois obrigados : os moleſtais, e opprimis com peſadas vexaçoens : e naõ conſintis que uſem com liberdade das iſençoens, privilegios, e graças a elles, e à ſua Ordem pela Sè Apoſtolica concedidas. Pelo que recorrendo à meſma Sede, por rezaõ de os ter tomado debaixo de ſua proteiçaõ, e emparo, a todos univerſalmente rogamos, e encarecidamente vos exortamos por eſtas Apoſtolicas letras, que com encargo de preceito vos eſcrevemos, que trocando chammente pera com elles, pola reverencia que a Deos, e a nòs deveis, todo o rigor em affeito de amor, e brandura, deſiſtais totalmente de os aggravar, e offender em qualquer couſa que ſeja : e os deixeis uſar, e gozar livremente dos ditos privilegios, e liberdades, de tal maneira, que nos fiqueis obrigando, naõ a tomar novo conſelho ſobre a materia, mas a vos dar polo que nelle fizerdes muitas graças. Dada em Peroſa aos XXIII. de Fevereyro, no ſegundo anno de noſſo Pontificado. (*reſponde ao de mil e duzentos e ſeſſenta e ſeis.*)

CA-

CAPITULO II.

Dos trabalhos que paſſavaõ os Religioſos em quanto lhes tardou o remedio de Roma: e como ceſſaraõ todos com as letras do Pontifice.

EM quanto o Breve tardou em chegar ao Reyno, creceraõ os apertos contra os Frades em numero, e força: e como mal de contagiaõ eraõ gerais em todos os lugares onde reſidiaõ. Parece, que queria o Senhor provar, e apurar a conſtancia da Religiaõ no criſol das tribulaçoens, e darlhe muito que merecer. Porque chegou o negocio a taõ fortes termos, que reſucitaraõ neſte tempo todas as ſenrezoens com que foy perſeguida em Italia, e França quando governava a Igreja o Papa Innocencio IV. As quais eraõ, que nas Igrejas dos Frades ſe naõ admittiaõ ſeculares nos Domingos, e dias Santos aos Officios Divinos, nem ſe prègava nellas ſe naõ deſpois de acabadas as Miſſas das Freguezias: nem os Frades podiaõ confeſſar peſſoa nenhuma ſem expreſſa licença do ſeu Cura: nem ſe lhes concedia prègar em ſua caſa, nem fòra della, no dia que o Biſpo prègava, ou hia ouvir Sermaõ a outra Igreja, com outras exorbitancias ſemelhantes: às quais ſe juntou agora mandar o Clero fazer petiçaõ em Roma, ſupplicando à Sè Apoſtolica que mandaſſe reſtringir as graças, e favores concedidos à Ordem. Mas eſta ſobeja diligencia foy a que deu inteiro remedio a todos os agravos dos Frades. Porque ſe acabou de certificar o Pontifice da rezaõ que tinhaõ de ſe queixar, e do muito que padeciaõ, pois tal requerimento avia contra elles: e doendoſe com entranhas paternais de ſuas injuſtas afflicçoens, paſſou de novo outro Breve, (e naõ ouve mais que tres mezes em meyo deſpois do que fica lançado no capitulo precedente) que foy de grande conſolaçaõ pera toda a Religiaõ. Porque nelle honra os Frades dando por certas, e juſtas ſuas queixas com huma clauſula que ſò poremos, de que ſe entenderaõ as mais, que diz aſſi.

IN quibuſdam locis aliquando illas, prout accepimus, perſecutiones & anguſtias ſuſtinetis, vt vix ſit vobis poſſibile, quòd ibidem Conditori omnium valeatis, prout cupitis, devotum impendere famulatum. Hinc eſt, quòd nos veſtræ prouidere quieti, ac malignorum malitijs obuiare volentes, &c.

E proſegue adiante naõ ſò naõ deminuindo parte nenhuma dos favores antigos, mas ratificando todos com novas ventagens. Cumprio aqui o Pay de miſericordias ſua antiga promeſſa tantas vezes repetida de acudir prontamente aos gemidos, e oraçoens dos perſeguidos: e enxugou as lagrimas de ſeus Pſ. 90.

ſervos, como tinha feito em outras tempeſtades, de que a Ordem foy combatida em tempos atràs, e particularmente na que atràs tocamos, ſuccedida em vida do Papa Innocencio IV. que largamente conta o Padre Frey Fernando de Caſtilho, a qual ainda que foy geral, naõ ſabemos que tocaſſe muito aos poucos Conventos, que entaõ avia neſte Reyno, e por iſſo eſcuſamos referilla.

M. Frey Fernand. de Caſt. p. 1. l. 2. c. 51.

Com a chegada do Breve primeyro que foy particular pera eſte Reyno, como temos viſto: e com os encarecimentos do ſegundo, que era geral pera toda a Ordem, foy Deos ſervido que amaynaſſe a tormenta. O Biſpo de Lisboa na hora, que lhe foraõ preſentados por Setembro do meſmo anno, paſſou logo huma proviſaõ pera todas as Igrejas de ſua Dioceſi, a qual traduzida em vulgar lançamos aqui, pera que ſe veja tambem por ella, como por confiſſaõ de parte, que eſcrevemos com pontualidade o que paſſou: e diz aſſi.

MAtheus por mercè de Deos Biſpo de Lisboa. Aos amados em Chriſto Dayaõ, e Cabido, e Arcediagos da Sè de Lisboa, & aos mais Prelados, e Reitores das Igrejas da meſma cidade, e Dioceſi ſaude, e bençaõ. Recebemos humas letras Apoſtolicas do Padre Clemente IV. que aqui vaõ inſertas. Pelo que vos rogamos, e com preceito mandamos a todos, e a cada hum de vòs, que em conformidade do mandato do Papa Noſſo Senhor, e por reverencia ſua, e noſſos rogos tenhais, e moſtreis affeito de caridade com os Priores, e Frades da Ordem dos Prègadores nellas declarados: e de todo deſiſtais de lhes fazer moleſtias, agravos, e ſemrezoens: e livremente os deixeis uſar de ſuas liberdades, e licenças. E todo o bem, e favor que aos ditos Frades fizerdes, porque os amamos com paternais entranhas, eu o agradecerey, como ſe a my foſſe feito; com apercebimento, que todo, e qualquer agravo que hoje em diante ſe lhes fizer (o que Deos naõ permita) ey de caſtigar quanto em Deos, e minha conſciencia poſſo, e devo, como intentado, e feito a minha peſſoa. Dada em Camara aos dous de Outubro Æra M. CCC. IIII. (que reſponde aos annos de Chriſto de 1266.)

Valeraõſe os Frades pera confirmarem o Biſpo neſta boa inclinaçaõ de outra Bula que pouco deſpois teveraõ de Roma, a qual foy de grande importancia pera ſe acabarem de render os animos de todos os que lhe faziaõ contrariedade, e acrecentar nos ſeculares a devaçaõ da Ordem, vendoa enriquecida de fa-

favores da Sè Apoſtolica, como diremos no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO III.

Que contem huma Bula, pela qual o Summo Pontifice mandou feſtejar em Portugal, e reconhecer por Santo a S. Domingos, e S. Pedro Martyr. Dàſe conta do muito que ſe eſtendeo polo Reyno a devaçaõ de N. P. S. Domingos.

FAvorecia o povo por todo o Reyno a cauſa dos Religioſos com hum eſtremo de piedade, e bom zelo taõ declaradamente, que iſſo lhes dava alento pera ſobrelevarem o deſabrimento da tribulaçaõ em quanto tardou o remedio. Mas do meſmo reſultava azedarſe mais o clero, aſſentando que lhe cumpria naõ decer de ſeus intentos: e buſcava rezoens pera os ſuſtentar, e ao menos reduzillos a litigio: ſe os Biſpos naõ atalharaõ tudo, declarando, e como ſe declararaõ ſem replica em favor da Ordem. Foraõ logo perdendo força as oppoſiçoens, e impedimentos em que andava aceſo, e ceſſaraõ de todo vendo as grandes honras, e favores com que a Sè Apoſtolica tratava os Religioſos em o novo Breve que publicaraõ apoz os primeyros: o qual ſe bem lhes grangeou credito univerſal, foy tambem de grande conſolaçaõ pera todos os devotos, e bem intencionados em ſuas couſas. Irà logo em vulgar pera que nos eſcuſe relatar de fòra o que contem. He do meſmo Pontifice, e do meſmo anno.

CLemente Biſpo ſervo dos ſervos de Deos. Aos noſſos veneraveis irmaons o Arcebiſpo de Braga, e Biſpos do Reyno de Portugal, a quem eſtas noſſas letras forem moſtradas, ſaude, e Apoſtolica bençaõ. Da excellencia dos merecimentos, com que os bemaventurados S. Domingos Confeſſor, e S. Pedro Martyr da Ordem dos Pregadores reſplandeceraõ no meyo das trevas deſte mundo, procedeo que a ſanta Sè Apoſtolica, deſpois de ſuas ditoſas, e bemaventuradas mortes, os eſcreveſſe no Catalogo dos Santos, mandando ſolenemente celebrar em cada hum anno as feſtas dos ditos Confeſſor, e Martyr, à boura, e gloria daquelle Senhor que a cada hum delles honrou na terra com diverſidade de milagres, e no Ceo com premios de luz immortal. O que jà de anno atràs ſe tem largamente publicado pola Chriſtandade, e deve ter chegado à noticia de todos por muitas vias, e principalmente por meyo da Ordem, que polo dito Confeſſor por Divina inſpiraçaõ foy inſtituida em amor do Ceo, e deſprezo de tudo o da terra. E o dito Martyr a guardou com cuydado de ſe empregar to-

todo na obſervancia da ley de Deos, e exercicio de virtuoſas obras, atè chegar a merecer coroa de martyrio por honra, e defenſaõ da fè Catholica. E pois naõ he poſſivel que couſa taõ celebre, e taõ publica ſeja de vos outros ignorada, e dos mais fieis deſſe Reyno de Portugal naõ ſabida: e he rezaõ que em todo o caſo a eſtimeis, e venereis. Por tanto vos pedimos, e rogamos a todos, e com encargo de preceito Apoſtolico mandamos, e em remiſſaõ de voſſos peccados vos encomendamos que ſolenizeis a feſta do dito Confeſſor aos cinco dias do mez de Agoſto, e a do dito Martyr aos 29 de Abril de cada hum anno pera ſempre: e façais que voſſos ſubditos as celebrem com a reverencia devida: e ſe tomem em voſſos Calendarios por lembrança, pera que ſua interceſſaõ vos alcançe dos tezouros do Ceo, aquillo que ambos tem jà pera ſi alcançado, e eternamente haõ de lograr, e poſſuyr. Dada em Peroſa a 20 de Março no ſegundo anno de noſſo Pontificado.

Acabaraõ de ficar em ſoſſego os Religioſos, publicadas eſtas Bulas, deſeſperando todo o adverſario de poder aver melhoramento contra tamanha força de favor. E como com a paz, e concordia todas as couſas crecem, por pequenas, e fracas que ſejaõ: e as da Religiaõ, que tem por ſi a Deos, com mayores ventagens ſe levantaõ, he couſa de eſpanto o grande fruito que por todas as partes do Reyno fez eſta Ordem, e a prontidaõ de vontade com que foy recebida de todo genero, e eſtado de gente a devaçaõ do Patriarcha S. Domingos. De huma couſa, e outra temos teſtimunho infallivel no exceſſivo numero de Igrejas, Freguezias, e Ermidas, e Confrarias que geralmente ſe foraõ logo levantando polo Reyno, e permanecem hoje. E porque iſto redunda em gloria do Santo, e eſta hiſtoria he ſua, ſintome obrigado a dar noticia dellas. Mas ſaõ tantas que temo (como hoje naõ ha hiſtoria ſem particular emulo, ou perſiguidor) arriſcar o credito deſta, ſe dando conta do numero, naõ apontar os lugares cada hum per ſi, pera deſengano dos eſcrupuloſos. Por iſſo iremos fazendo huma como ledainha dellas, que ainda que ſe eſtenda hum pouco, eſpero naõ ſerà deſagradavel, porque ſe veraõ de miſtura algumas antiguidades notaveis: e ſe entenderà juntamente a diligencia com que aquelles bemditos Padres antigos noſſos irmaons ſemeavaõ a ſanta Doutrina naõ perdoando a nenhuma comarca por apartada nem terra por aſpera, nem aldea por pequena, mas correndo por tudo, e procurando aproveitar a todos. Que claro eſtà que naõ podiaõ os povos affeiçoarſe à devaçaõ do Santo, nem edificarlhe caſas, ſem terem no-

vas

vas delle : nem podiaõ ter novas delle , ſem aver quem lhas levaſſe : nem lhas podia levar ſe naõ quem de raiz as ſoubeſſe , e muyto de perto lhe tocaſſe o bem dellas , e da honra do Santo. E eſtes naõ podiaõ ſer outros ſe naõ Frades da meſma Ordem , e habito. Donde fica entendido , e provado que andaraõ tudo , e naõ pouparaõ os pès , pera podermos dizer por elles : *Quàm ſpecioſi pedes evangelizantium bona* ! Que fermoſos ſaõ os pès dos correyos de boas, e ſantas novas ! E tambem ſe deixa ver que naõ foy ocioſo ſeu trabalho , nem pouco o proveito que fizeraõ , pois aſſi acenderaõ nas gentes o amor , e eſtimaçaõ do Santo. Da qual podemos colligir (como noſſa humanidade ſe move tanto por beneficios) que elle as devia obrigar com muytos , como na verdade obrigou ; e alguns encontraremos em caſos taõ peregrinos , que nos fiquem forrando o trabalho de contar muytos. Pois onde ouve valia , e poder pera couſas grandes , certo he que naõ faltaria nas menores. E começaremos eſta materia no capitulo ſeguinte.

Rom. 10. Iſa. 42.

CAPITULO IV.

Das Freguezias , e Ermidas que ha da invocaçaõ de S. Domingos no Arcebiſpado de Braga.

COmeçando pola cabeça da Igreja de Portugal , e de toda Eſpanha que he Braga , temos em ſeu Arcebiſpado ſinco Freguezias da invocaçaõ de S. Domingos , que ſaõ em Valdauta termo da villa de Chaves : em Ferreiros : em Val de Mendijs : em Soutello junto a Chaves , e em Mirandella , onde chamaõ o Rego.

5. Freguezias.

No meſmo Arcebiſpado temos quatro Ermidas de S. Domingos. Huma junto da villa de Guimaraens : outra na ſerra do Alvaõ Conſelho da Ribeyra de Pena , junto ao rio Tamega : outra menos de mea legoa da villa de Amarante da outra banda do rio , onde chamaõ Freirijs , no Conſelho de Geſtaço. Eſta ultima he caſa de muyta romagem , e frequentada principalmente de enfermos das febres , que o povo com nome generico chama maleitas. Sendo como ſaõ varias as eſpecies , e calidades dellas , contra todas tem eſte Santo eſpecial patrocinio : e ſaõ ſem numero os doentes dellas a que tem valido neſte Reyno com manifeſtos milagres. A antiguidade deſta Ermida teve principio em outra tanto mais antiga , que por yr arruinando de velha , tiraraõ della os vizinhos huma imagem do Santo de vulto : e a recolheraõ na concavidade de hum penedo. Mas eſtando aſſi deſemparado nunca deſemparou os que o buſcavaõ em ſuas neceſſidades , que todavia era muyta gente. Do que naceo juntaremſe hum dia os moradores do Conſelho : e como corridos de contarem todos , e cada hum por ſi mercès grandes recebidas do Santo em ſuas caſas , e o Santo naõ achar em nenhum mais gazalhado , que huma lapa : levantaramlhe quaſi de ſubito huma boa ermida. E foy tal o goſto , e a devaçaõ que como em competencia huns tomaraõ à ſua conta trazer toda a cal , outros dar a pedra , outros

tros a madeira: outros pagaraõ officiaes, e jornaleiros. E ouve homens que ſe naõ contentaraõ com menos, que tomar à cabeça huns a telha, e outros a pedra atè a porem nas maons dos officiaes. E iſto ſabemos que ſuccedeo muytos annos antes do de 1540, no qual foy dada à Ordem de S. Domingos a caſa de S. Gonçalo. Mas a mayor anſianidade ſe prova por eſcrituras muyto antigas, que fazem mençaõ de hum recolhimento de agoas aqui vizinho, chamandolhe a poça de S. Domingos. E o nome de Freyrijs tambem eſtà moſtrando, que devia aver no lugar naõ ſò Ermida, mas companhia de Frades. A quarta Ermida he junto do lugar de Lixa perto da villa de Amarante. Eſta quizeraõ alguns dos vizinhos que mudaſſe o nome de S. Domingos em S. Roque com medo da peſte que os perſeguio no anno de 1599. Mas eſtorvouo a lembrança que eſtava viva dos beneficios recebidos do primeiro dono: e ficouſe com ſeu nome antigo.

3. Freguezias.

No Biſpado de Lamego ha tres Freguezias com nome de S. Domingos. A ſaber S. Domingos de Fontello; S. Domingos de Eſcurriquella, que he no Conſelho de Fontarcada; S. Domingos de Prado no Conſelho de Caria.

2. Ermidas.

No meſmo Biſpado ha duas Ermidas do nome do Santo. Huma junto da barca de Molledo entre Meijaófrio, e Lamego; outra junto da meſma cidade que chamaõ S. Domingos da Queimada. A eſta foy em romaria el Rey dom Afonſo Quinto, ſegundo parece de ſua Cronica, obrigado de muytos milagres que o Santo nella fazia. A tençaõ era que lhe alcanſaſſe de Deos ſucceſſor, porque tardava em ter filhos, e alcanſoulhos elle tais que foraõ ſantos: porque com eſte nome celebra a antiguidade a memoria delRey dom Joaõ ſegundo polos effeitos que hoje ſe vem em ſuas reliquias no noſſo Convento da Batalha: e o meſmo poſſue digniſſimamente a Princeza dona Joana ſua irmam Freyra deſta Ordem no Moſteiro de Jeſu de Aveiro, de quem faremos larga mençaõ no titulo delle. A meſma jornada com a meſma devaçaõ, e intento fez deſpois el Rey dom Joaõ ſegundo ſeu filho, eſtando de aſſento em Abrantes. Como naõ tinha mais que hum ſò herdeiro que era o Principe dom Affonſo, dezejava darlhe irmaons, quaſi adivinhando ſua deſaſtrada morte, que foy em Santarem correndo hum cavallo em idade de dezeſeis annos. He pratica commum dos moradores deſta comarca que entre as merces que aqui alcanſa de Deos pera ſeus devotos, he huma darlhes filhos que lhe ſuccedaõ, e alegrem a caſa, e ſejaõ vinculo de paz, e concordia no matrimonio; e acodem à Ermida todos os caſados que ſe temem de eſterilidade, e naõ ſe achaõ fruſtrados em ſuas petiçoens. Por eſtes, e outros beneficios que cada hora recebem do Santo, he coſtume de tempos immemoriaes virem a ella algumas Freguezias juntas, e particulares por dia da Aſcenſaõ de cada hum anno: ſabemos que ſe juntaõ nella dezoito, que he hum grande povo. E pera ſer mayor o merecimento da romaria, he de voto, e obrigaçaõ de pecado mortal.

Chron. del Rey dom Afóſo V.

Garcia de Rezende na Chron. del Rey dom Joaõ II. c. 49.

Chronic. del Rey dom Joaõ II. c. 131.

O

2. Freguezias.

O Biſpado de Viſeu tem duas Freguezias da meſma invocaçaõ, que ſaõ S. Domingos de Mareco no Conſelho de Penalva : e S. Domingos de Parada no Conſelho de Caſtelmendo.

3. Ermidas.

Tem mais tres Ermidas, que ſaõ S. Domingos da Silva entre Moxagata, e Celorico junto a Villa pouco, e S. Domingos de Orgens pouco menos de huma legoa da cidade, que ainda hoje retem o meſmo nome, com quanto eſtà jà acompanhada de hum Convento de Religioſos menores. A terceira eſtà em huma quinta que ſe chama Torneiros, perto da villa de Ladario. He fama que hum Frade, primeiro autor della, fez levar a pedra de junto a huma grande, e dura lagea que ſervia aos lavradores de eyra em que debulhavaõ os paens: e contaõ que quando os carros paſſavaõ por cima deſta lagea, deixavaõ nella impreſſos os ſinais das rodas, como ſe fizeraõ caminho por area ſolta, ou terra molle : e ainda hoje em dia ſe enxergaõ. O Frade ſegundo a tradiçaõ, ſe chamava Frey Domingos, e a lagea conſerva ſeu nome ou o do Santo.

3. Freguezias.

No Biſpado da Guarda ha tres Freguezias. A ſaber S. Domingos de Janeiro, que he huma das ſinco Igrejas do Padroado da Coroa Real, nas quais os Reys apreſentavaõ Vigarios. E S. Domingos de Villa Cortez, termo de Celorico. E S. Domingos de Valpicca termo de Caſtello bom.

13. Ermidas.

As Ermidas ſaõ treze. A primeira he na villa de Fulgozinho. Onde aconteceo hum caſo digno de ſe ſaber. Paſſava por ella hum homem honrado, e rico no anno de 1604. Entrou dentro a caſo, ou por corioſidade : e foy ſem abrir portas, porque as naõ tinha. E achou muyta luz, por ſer de telha vam, e eſtar meyo deſtelhada: A eſte trato reſpondia o do altar; e huma imagem do Santo que era de vulto, e repreſentava extraordinaria velhice, e todavia ſe conhecia ſer ſua polas cores, e inſignias, eſtava a huma ilharga do altar encoſtada na parede, e naõ direita. Vendo tanta deſcompoſtura quiz remediar o que de preſente podia : chegou à imagem paſſoua pera o meyo do altar, aſſentandoa direita, porque lhe vio fundamento baſtante pera iſſo. Mas em a deixando da maõ, ella ſe veo por ſi ao chaõ. Sobreſaltado hum pouco do caſo, por lhe parecer que cayra ſem aver occaſiaõ : tornoua todavia a aſſentar no meſmo lugar. Porem naõ a tinha bem largado, quando tornou a cayr. Aporſiou terceira vez arrimandolhe pedras por eſcòras, e foraõ tantas que lhe ficaraõ como hum muro em roda, e caminhou pera a porta. Naõ tinha dado dous paſſos, quando ſente nova ruyna na imagem, e no muro (parece que o Santo ſe queria yr tràs quem ſe doera de ſeu deſemparo.) Tocado o homem interiormente da eſtranheza do ſucceſſo: Hora, diſſe, Senhor S. Domingos, muito bem vos entendo. Iſto he quererdes mudar pouſada : e fazeis bem : pois neſta vos vay taõ mal. Eu prometo fazervos caſa, em que eſtejais com mais decencia, ſe naõ for com toda a que ſe vos deve. Tanto que chegou a ſua caſa, que era no lugar de Mello em huma boa quinta, deſ-

deſobrigouſe do voto ſem tardança edificando a prometida obra, e pondo nella huma fermoſa imagem do Santo lavrada de pedra de Anſam. E celebrou o dia da collocaçaõ, que foy o de ſua feſta, com ſolenidade, e cuſto: e dahi em diante ficou fazendo o meſmo cada anno. Naõ me culpe ninguem de faltar com o nome deſte devoto, que de boa vontade lhe deramos memoria, ſe o alcançara.

Saõ as outras ermidas: huma em Aldea Nova legoa e mea da villa de Trancoſo: outra junto de Caſtelo Branco, que foy edificada polos vizinhos por particular devaçaõ, contra os lobos que davaõ muyta perda no gado: e foy tal o ſoccorro, que acharaõ no Santo, que a naõ largaraõ mais. Outra em Martinhel termo de Abrantes, na qual ſe celebra ſeu dia com Miſſa ſolemne, e prègaçaõ. Outra no termo do Sardoal. Outra junto de villa de Rey, que chamaõ S. Domingos da Serra. A tres legoas de Abrantes eſtà S. Domingos do Chouto. Neſta tem particular confraria todos os paſtores das charnecas à roda, tambem à conta de ſe livrarem dos lobos. E pera feſtejarem o Santo mais folgadamente, e com mais concurſo de gente, fazemlhe a feſta no mez de Setembro deſpois de recolhidas as novidades. E ſolenizaõ o dia com meza franca a todos os que a querem. Chamaõ a iſto Vodo, ou por rezaõ de ſe fazer por voto (o que o nome acena) ou porque como em voda ſe parte com todos liberal, e abundantemente. Na villa de Celorico ha duas Ermidas do Santo, huma dentro da villa, outra no termo que chamaõ S. Domingos de Lagioſa. S. Domingos de Souto de Caſa he no termo de Covilham huma legoa do Fundaõ. No lugar das Serzedas he muyto antiga a devaçaõ, e huma Ermida do Santo em que faz muytos milagres. Celebraõlhe a feſta na ſegunda oitava da Paſcoa de Reſurreiçaõ. Concorre muyta gente da villa, e termo, e dos lugares vizinhos, e ſaõ as eſmolas taõ crecidas, que ſe affirma abrangem algumas vezes com ellas os mordomos a reſgates de cativos. A ultima de todas as deſte Biſpado he S. Domingos da Sovereira. E porque merece capitulo particular, polo que nella ha que dizer, damoslhe o ſeguinte.

CAPITULO V.

Da Ermida de S. Domingos da Sovereyra: e de hum eſtranho caſo que nella obrou noſſo Senhor por interceſſaõ do Santo em favor de hum cativo de terra de Mouros.

SAõ Domingos da Sovereyra he junto à villa de Penamacor: Ermida taõ antiga, como a noticia do Santo neſte Reyno. Porque ha tradiçaõ, e memorias que antes que elRey dom Dinis começaſſe a reynar (e começou no anno de 1269) jà o Santo obrava nella muytos milagres. Chamouſe da Sovereira, por eſtar arrimada a huma taõ groſſa, e taõ velha, que com o tronco lhe fazia parede de huma banda, e com os braços, e ramada toldo cobrindoa toda. De tempos immemoriais he grande o concurſo de enfermos

mos que a viſitaõ, e de ſaons que vem comprir novenas: naõ ſò das terras vizinhas, mas doutras muyto apartadas: tanto de Portugal, como de Caſtella: e he tal o ſucceſſo, que o exemplo dos que recebem ſaude, faz continuar a devaçaõ nos doentes de todo genero de mal, ſendo o principal patrocinio do Santo contra as maleitas, doença geral do povo, e dos pobres, que mata com febres, e frios, e fazem huma ſemelhança das penas do Inferno: donde lhe quadra o nome de maleitas, quaſi dizendo malditas, como he tudo o do Inferno. Affirmaõ os antigos que nos tempos atràs eſtava taõ confirmado o credito da caſa polo beneficio que nella ſe achava, que ſe contentava a ſimplicidade, e bom eſpirito dos romeyros com levarem conſigo, quando ſe tornavaõ, das cortiças da Sovereyra: e tal avia que ſe naõ ſatisfazia com menos que cortar dellas como de reliquias ſantas com os dentes. E contaõ por couſa certa que em tempos, que avia curioſidade pera ſe porem os caſos por eſcrito, ſe juſtificaraõ muytos em numero, e raros em calidade, de que avia pergaminhos, que o deſcuydo, e antiguidade foy acabando. Todavia conſervou alguns em tradiçaõ a eſtranheza delles, e huma pintura que ainda dura no retabolo do altar, que como em outros ſucceſſos antigos temos moſtrado, ſempre ſuprio bem as faltas da eſcritura. Diremos ſòmente dous de grande maravilha, e por ella bem dignos de memoria: hum que celebra a tradiçaõ: outro que autorizaõ as pinturas.

O primeyro he, que veyo a quebrar a ſovereyra com annos, e velhice de podre, e carcomida; e caindo toda ſobre a Ermida com peſo baſtante pera arruinar huma torre, nem huma ſò telha quebrou: grande reſpeito, e grande caſo.

No ſegundo, que conſta da pintura, por ſer muito extraordinario, ſe fizeraõ algumas diligencias juridicas por parte de quem iſto eſcrevia, ſuperfluas todas a meu ver (ſe he ſuperfluo averiguar verdades com muyta exacçaõ) e todas conformaraõ com o memorial da pintura, e da tradiçaõ univerſal, que todavia ſe mantem viva entre os moradores: e teſtimunha o ſeguinte. Reynando em Portugal el Rey dom Afonſo Terceyro, que foy Conde de Bolonha, ſuccedeo cayr em poder de Mouros hum homem natural de Penamacor. Eſcureceo o tempo as particularidades do nome, e calidades da peſſoa, e da occaſiaõ, e lugar do cativeyro. Era o tratamento do amo mais de enemigo, e tyranno, que de amo, e ſenhor. Porque ſendo o pobre, cativo ſeu, e fazenda ſua, aſſi ſe deleitava em lhe fazer cruezas, como ſe fora Chriſtaõ livre, ou cuydara que com os tormentos lhe acrecentava vida. Naõ tinha o atribulado outra conſolaçaõ no meyo dos trabalhos, ſenaõ era ſoccorrerſe ao Santo da ſua terra S. Domingos da Sovereyra. E quando a força delles lhe arrancava algum gemido (que atè o ſoſpirar era culpa diante do barbaro) ſempre ſahia envolto com o nome de S. Domingos. Era iſto taõ ordinario, que o Mouro (devia ſer algemiado, e daqui collijo que o cativeiro ſeria em Grana-

da, ou em outra terra de Eſpanha das muitas que entaõ, e muitos annos deſpois ſenhorearaõ os Mouros nella) veyo a notarlhe a lingoagem. E porque naõ ficaſſe couſa em que deixaſſe de o martirizar, perguntoulhe hum dia que arenga era aquella que trazia na boca continua, quando devia chamar por Alà, nomear Domingos, Domingos (he Alà o nome, por quem os Mouros conhecem a Deos.) Alegremente confeſſou elle que trazia na boca, e tinha na alma tendo por obra de fè, e animo catholico pronunciar claramente com a lingoa o que ſintia o coraçaõ: e foy proſeguindo que era hum Santo ſobido pouco tempo avia da terra ao Ceo, e conhecido na ſua por grandes maravilhas que obrava, e em quem elle tinha eſperança que o avia de livrar de ſuas maons. Caro lhe cuſtou ao pobre a alegria, e liberdade da confiſſaõ, pagoua com riguroſo caſtigo preſente, e com outro mais duro que naõ tardou. O primeyro naõ eſtranhou tanto como era ſeu paõ quotidiano, offerecendoo a Deos por honra da fè. Mas com o ſegundo ſe vio reduzido a termos de deſeſperaçaõ. Julgou o barbaro que as eſperanças do cativo ſe deviaõ fundar em alguma determinaçaõ, e traça de fogida: quiz acautelarſe. Vindo huma noite canſado de ſervir, e trabalhar o dia inteyro, encerrouo ſobre mà cea em hum novo genero de mazmorra, que era hum arcaz grande, e forte, que deſpois de fechado com mais de huma chave, lhe ficou pera inteyra ſegurança ſervindo de leyto. Mas parecendolhe, que ainda aſſi o naõ tinha baſtantemente arrecadado, hia cada dia acrecentando novas cautelas à ſua deſconfiança. Jà lhe lançava algemas nas maons, jà adobes nos pès, deſpois de encarcerado na arca. E tendoo aſſi, perguntavalhe de cima com eſcarneo, ſe eſperava ainda no Santo da ſua terra.

Conſiderando com attençaõ eſte ſucceſſo, e outros que com noſſos olhos vimos no cativeiro de Turcos, que hum tempo experimentamos em Argel cidade da Mauritania: aſſentamos naõ ſer poſſivel, ſe naõ que era em odio da Chriſtandade, e como em vingança o que eſte inventava. Porque qualquer entendimento, por muy ruſtico que foſſe, podia alcançar que muito menos baſtava pera aver por bem ſeguro hum cativo morto de fome, e moydo de trabalho. E a verdade he que ſaneava a raina, e o goſto, que tinha de fazer mal ao Chriſtaõ, com moſtrar que nacia de cautela. Mas era jà tempo, em que Deos queria declarar ao mundo quanto acerta quem a eſte Santo buſca, e ama: e quanto podem ſeus meritos, e interceſſaõ diante da Divina bondade. Huma noite, deſpois que o Mouro o meteo na triſte mazmorra na forma que temos dito, ſobre algemas nas maons, e outros ferros nos pès, lançoulhe no peſcoço hum groſſo collar, das argollas do qual ſahia huma ſorte cadea de trinta palmos, com que lhe foy dando voltas, e enrolando o corpo todo. E pera dormir mais a ſono ſolto, lançou ſobre o alquiſer que veſtia hum alfange em tiracolo, e prendeo hum libreo que tinha às argollas da arca.

Fei-

Feita eſta diligencia eſtendeoſe ſobre ella, e contente do que tinha de novo acrecentado, bateolhe de cima, dizendo que ſe naõ eſqueceſſe de fazer oraçaõ ao ſeu Domingos da Sovereyra que o vieſſe livrar de ſuas maons. Bem he de crer que ſe naõ deſcuydaria o ſepultado de tomar o conſelho de ſeu enemigo, e offerecer aos olhos da Divina miſericordia por meyo do Santo aquellas meſmas palavras, e ironia. Como fez noutro tempo hum Rey Santo à carta, e blasfemias de hum Gentio. Aſſi ſe lançaraõ a dormir à noite ambos em terra de Mouros: aſſi amanheceraõ amo, e eſcravo em terra de Chriſtaons com grande diſtancia de legoas em meyo, e à porta de S. Domingos da Sovereyra em Penamacor. Louvemvos os Anjos, Deos dos exercitos, *qui facis mirabilia magna ſolus.* Abrio o Mouro os olhos, vioſe entre montes, e cercado de gente, que polo trajo, e eſpanto que fazia de ſua viſta, conhecia ſer Chriſtaõ. Eſpantavaſe o enterrado na arca ouvindo lingoagem da ſua terra, e muytas vozes juntas. Mas nem amo nem cativo ſe atreviaõ a dar credito hum aos olhos, outro aos ouvidos: ambos aviaõ que era tudo ſonho. Em fim como naõ he facil de enganar o ſintido da viſta, e o Mouro vio que tudo o deſenganava, e que eſtava entre Chriſtaons, naõ por ſonhos, ſenaõ com effeito, que via Igreja, e ouvia ſom de ſinos que a infidelidade ſobre tudo aborrece, acabou de cayr que naõ eraõ palavras mal fundadas as do ſeu cativo quando tanta confiança fazia do ſeu S. Domingos. Lembravaſe de tudo com eſtranha confuſaõ, e ſò deſejava ſaber por ultimo deſengano ſe eſtava em Portugal. Como tinha conhecimento das lingoagens de Eſpanha, perguntou a hum de muytos, que o rodeavaõ eſpantados de tal invençaõ de romeyro, e tais alfayas de romaria, como chamavaõ a terra, e o ſitio em que eſtavaõ. Quando ſoube que tinha diante dos olhos S. Domingos da Sovereyra, ficou como fòra de ſi de paſmado, e attonito: e conformandoſe com o tempo, quiz começar a grangear com cedo quem por boa conta trocadas as ſortes avia de ſer ſeu ſenhor.

4.Reg.19.

CAPITULO VI.

Proſegue o milagre do cativo: apontaõſe algumas particularidades, que o confirmaõ.

FOy o Mouro logo revolvendo hum molho de chaves que lhe pendiaõ da cinta, e abrindo cadeados, e fechaduras da ſua arca. Chegaraõ os circunſtantes com curioſidade a ver que peças traria pera offerecer em taõ grande arca o romeyro eſtranho: ſe naõ quando daõ com os olhos em hum Lazaro ſepultado, e em roſto, e cores defunto: mas vivo na voz, e envolto em novo genero de mortalhas, mortalhas de ferro: e taõ carregado dellas que de nenhum membro era ſenhor, ſenaõ ſò da lingoa, com a qual, voz em grita chamava por S. Domingos, como quem tinha jà ſintido onde eſtava. Paſmaõ todos, viraõſe huns pera outros fazendo Cruzes ſobre ſi, e pondo os olhos no Ceo. Lançaõſe logo à arca, querendo cada hum ſer

primeiro a ſoltar o aferrolhado: mas eraõ taes as priſoens, que ſò o Mouro as entendia, porque pera cada huma tinha ſua chave. Solto em fim ſem outra palavra na boca mais que S. Domingos, deixaſe cayr em terra, abraçaſe com ella, e beijaa, e vaiſe proſtrar diante do altar do Santo.

Deſpois de lhe dar graças com ſilencio, e lagrimas, tornou pera os que o eſperavaõ alvoroçados, e deſejoſos de entender a aventura, ou encantamento (que iſto parecia mais proprio) com que aly entrara: viſto como naõ apareciaõ carros, nem azemalas, que pera tal peſo menear eraõ neceſſarias. Entaõ lhes deu larga conta de ſua vida com todo o proceſſo dos trabalhos, e duro cativeiro que temos referido: e ſobre tudo da oraçaõ que ſempre fizera a S. Domingos, encarecendo por remate com muitas lagrimas quanto deviaõ eſtimar, venerar, e ſervir aquelle Santo, e averemſe por ditoſos em o terem por ſeu avogado, porque a elle confeſſava dever a liberdade em que o viaõ por meyo taõ eſtranho, e milagroſo: e de ſi affirmava, e deſde logo prometia naõ fazer outra couſa em toda a vida, ſenaõ ſervillo naquella caſa, ſem jà mais ſe apartar della. Logo ſe foy dando a conhecer a parentes, e amigos doutro tempo: circumſtancia que de novo accendeo a devaçaõ do Santo em todos, vendo que obrara tal maravilha por hum ſeu natural. Ficou a arca na Ermida, e os ferros todos: e atè as chaves ſe penduraraõ nas paredes por trofeos do Santo: e nella ſe vem hoje em dia o collar, algemas, adobe, e cadea, e arca, inſtrumentos de martyrio de hum ſò homem, baſtantes pera martyrizar a muytos juntos. O cativo comprio ſua promeſſa, viveo, e morreo ermitaõ do Santo. O Mouro penetrado da grandeza do milagre pedio o ſanto bautiſmo (divina força da predeſtinaçaõ) e ficou em cativeyro livre, e ditoſo ſervindo a Ermida, e acompanhando o ſeu cativo. E por morte foraõ enterrados juntos à porta della, onde os cobre ambos huma ſò campa com hum letreyro que o declara.

Levou a fama por todo o Reyno as novas de taõ fermoſo milagre com grande gloria de S. Domingos, e conſolaçaõ de ſeus devotos: e obrigou a muyta gente de todos eſtados a irem ver por ſeus olhos o que ouviaõ. El Rey dom Dinis tanto que tomou o ſcetro, ſendo informado da certeza do caſo, viſitou a ſanta caſinha: e entre outras eſmolas que lhe deixou foy huma perpetua, que chamaõ dos perdidos da villa de Penamacor, e ſeu termo, que eraõ da Coroa, e entaõ ſe ouve por boa mercè, e o que della procede goza hoje a confraria. Mas aqui ſe me offerece nova rezaõ de queixa da minha Religiaõ, e naõ ſò dos tempos antigos: que ſobre naõ pedirem eſtes ferros pera os engaſtarem em ouro, como deveraõ, aconteceo nelles tanto deſemparo, que ouve quem ſe atreveo a tirar da Ermida a cadea; e levalla à caſa da priſaõ publica de malfeitores a ſervir de corrente pera os aferrolhar. A reſtituiçaõ devemos a hum Padre de S. Franciſco, que doen-

doendoſe como bom irmaõ de tal deſcuydo, com tanta vehemencia o affeou aos naturais, prègando na caſa, que de corridos, e affrontados procuraraõ logo a ſua cadea. Era Provedor da Comarca o Licenciado Eſtevaõ da Veiga (ſaõ eſtes Provedores Miniſtros Reays, a cujo cargo eſtà olhar polo beneficio geral das terras, e juntamente polo patrimonio Real) conſtandolhe o que paſſava mandou ver a cadea por officiaes. Declararaõ por juramento ſerem de obra Mouriſca, e muito antiga trinta, e tres fuſis della, que ſe eſtendiaõ a tres braças: e ſerem de feitio moderno, e muito differente outros, com que eſtava acrecentada. O que viſto mandoua logo cortar, e tornar à Ermida a ſua parte.

Na arca começava tambem aver pouco cuydado: porque cada romeiro queria levar conſigo memoria della, por acharem que lhes valia nas maleitas (deſpois que faltaraõ as cortiças da ſovereyra que os annos tinhaõ conſumida) e a continuaçaõ de cortarem nella, inda què pouco, porque a madeira he muy ferrenha, prometia dano pera o tempo adiante. Acudioſelhe, recolhendoa no vaõ do altar, e fezeraõlhe porta pera ficar guardada, e poder ſer viſta dos devotos. Mas naõ valendo a cautela contra hum poderoſo da terra, acudio o Santo por ſi. E foy o caſo, que eſte homem, ou foſſe curioſidade, ou devaçaõ indiſcreta, cortou da caixa hum pedaço, e ficouſe com elle. Naõ paſſaraõ muitos dias que ſe vio falteado de furioſas maleitas, e chegado a ponto de tratar da alma, entre os deſcargos apontou o piadoſo furto, e fez entrega ao Confeſſor pera que o reſtituiſſe. Foy couſa averiguada, que ficou logo livre do mal. E porque ſe viſſe, que nem a doença, nem a ſaude foraõ a caſo, tardando o Confeſſor com a reſtituiçaõ, deraõ ſobre elle outras tais febres, que o naõ largaraõ atè que o pedaço ſe tornou ajuntar ao lugar donde ſayra: ſobre o qual ſe poz hum papel com a relaçaõ do ſucceſſo. Moſtraſe dentro na arca inda hoje o alquicer do Mouro, que em partes he variado de liſtas de cores ao modo dos alambeis que ſe ſohiaõ tecer neſte Reyno: e com paſſar de trezentos annos que aqui ſe guarda, eſtà inda ſaõ, e rijo. No retabolo eſtà pintado o ſucceſſo como atràs diſſemos de feitio, e maõ muito antiga. Sem embargo de tantos documentos, que fazem a hiſtoria certiſſima, achandoſe na villa de Penamacor quem iſto determinava eſcrever pedio ao Juiz de Fòra huma informaçaõ de teſtemunhas em fòrma de direyto. Era Juiz o Licenciado Eſtevaõ Nogueira Cabral, o qual no deſpacho que deu pera ſe fazer a diligencia fez o officio de teſtimunha, dizendo ao pè da petiçaõ, de ſua letra, e ſinal o ſegunte.

O Que o ſupplicante diz paſſa aſſi na verdade, e à porta da Ermida do bemaventurado S. Domingos eſtaõ enterrados eſte Chriſtaõ cativo, que huma manham foy achado

do à porta do dito Santo metido em huma arca, que eſtà hoje na dita caſa, com o Mouro ſenhor. Perguntemſe as teſtimunhas, &c.

Eſta informaçaõ, e eſtormento de teſtimunhas eſtà guardado no Cartorio do Convento de S. Domingos de Benfica. Mas à viſta de tal milagre ninguem me culparà, ſe empregarmos outro capitulo em buſcar novas Igrejas, e outras memorias de taõ grande Santo.

CAPITULO VII.

Do ſitio, e nomes de outras Freguezias, e Ermidas, que ha no Reyno, da invocaçaõ de S. Domingos.

NO Biſpado do Porto temos ſò duas Ermidas. A primeira he S. Domingos de Ataes, quaſi huma legoa da cidade polo rio acima, e da meſma banda. Eſtà ſituada no cume de hum monte que chamaõ Ataes. E alguma gente a nomea pola Ermida que matou o boy, querendo fazer myſterio de hum caſo que podia ſer muito accidental: o qual foy, que recolhendoſe hum boy dentro por fogir às moſcas, ou ao Sol, acertou de ſe cerrar a porta, que achou aberta à entrada: e como a naõ pode abrir, nem em muitos dias acudio por aly gente, foy deſpois achado morto. Outra temos entre o Moſteyro de Santo Andre de Anſede, e o lugar de Portomanſo acima do Douro. He taõ antiga, que de tempo immemorial eſtà mandado polas conſtituiçoens do Biſpado, que toda eſta Freguezia và a ella em prociſſaõ na terceyra Oitava de Paſcoa de Reſurreiçaõ: e nos tres dias das Ledainhas de Mayo: e na primeyra ſegunda feyra do mez de Agoſto. Mandoua derribar o Padre Frey Eſtevaõ Leitaõ ſendo Prior de Lisboa, por eſtar muito velha, e ſer pequena: e no meſmo lugar fez levantar a que hoje vemos. Obrigouo a eſte beneficio a annexaçaõ que o Pontifice fez do Moſteyro de Anſede, em cuja jurdiçaõ cae, ao Convento de S. Domingos de Lisboa, como atràs temos dito.

O Biſpado de Coimbra tem da meſma invocaçaõ duas Freguezias. S. Domingos da Caſtanheira na Ribeira de Pera, que he annexa à Matriz do Pedrogaõ grande. E foy a rezaõ de ſe edificar aqui, que andando huma minina guardando gado deu com huma imagem de vulto entalada entre dous penedos, e ſem ſaber de que Santo era, nem ſe era de Santo, com ſanta ſimplicidade continuava em fazer oraçaõ diante della. Vindo à noticia dos vizinhos, e moradores da Ribeira, acudiraõ a vella, e achando que era de S. Domingos nos ſinais do habito, e inſinias que trazia conſigo, edificaraõlhe no meſmo lugar huma pequena Ermida na qual fundaraõ deſpois Freguezia. Porque como da Ribeira ao Pedrogaõ, donde eraõ freguezes, ha duas grandes legoas, e de fragoſo caminho, aproveitaraõſe da commodidade alargando a Ermida. E averà cento, e vin-

vinte annos que foy fundada, porque pouco mais ha que ſe deſcobrio a imagem. A outra Freguefia he S. Domingos da Togeira : e outras duas ha no caminho que vay de Coimbra pera a cidade da Guarda, que ſaõ : S. Domingos do lugar de Lava Rabaons : e S. Domingos do lugar de Eyras.

2. Freguezias.

8. Ermidas.

As Ermidas deſte Biſpado que chegaraõ à noſſa noticia ſaõ oyto : S. Domingos da Redinha: da Povoa : de Goes : de Cernache : de villa de Rey : da villa da Sertam : e outra a huma legoa da meſma villa da Sertam. Neſta ha huma ſolene confraria do Santo com obrigaçaõ de Miſſa todos os Domingos, e dias ſantos : e fazemlhe feſta quatro vezes no anno : as tres nas ultimas oitavas de Natal, Reſurreiçaõ, e Pentecoſte : e a outra, que he a mais feſtejada, por dia de Santo Andre ultimo de Novembro. A oitava Ermida he S. Domingos em Anadia, na Freguezia de Santiago da Mouta junto à villa de Ferreiros : eſtà poſta no cabeço de hum alto monte, e dizem que foy antigamente Freguezia. Contaõſe nella muitos milagres do Santo, diremos hum ſò. Deu hum anno na varzea de Quintella, que he da Freguezia, huma praga de bicho, que ſendo os milhos jà crecidos lhes rohya, e cortava o pè, e ſe perdia tudo ſem remedio Juntaraõſe os vizinhos, foraõſe em prociſſaõ à Ermida, tomando o Santo por avogado de ſuas ſearas. Foy couſa ſucedida à viſta, e olhos de todos. Apareceraõ repentinamente nuvens de andorinhas que cobriaõ o Sol, e como ſe foraõ mandadas deceraõ ao bicho, e tal guerra lhe fizeraõ, que deixaraõ a terra limpa levando pera ſi bom paſto.

Leyria.

Entre Leyria, e o Becco ha huma Igreja de tres naves, cercada de edificios arruinados : em que ainda ſe enxergaõ ſinais de clauſtros, e officinas grandes. Chamaõlhe o moſteiro, e perſevera tradiçaõ, que o foy noſſo. Com iſto diz verſe no altar mòr huma devota imagem do Padre S. Domingos de vulto, e affirmarem os moradores dos lugares vizinhos, que faz Deos por ella muytos milagres, e he buſcada, e viſitada de muytos devotos a Igreja. E he couſa certa que ha nella huma pedra, da qual, ſem aver memoria nem rezaõ do que move as gentes, levaõ o pò que raſpando podem colher pera reliquia, e mèzinha contra as febres, e diſſo eſtà bem comida, e cavada.

Na villa de Tentuguel avia em tempos atràs hum hoſpital, do qual duraõ memorias freſcas, que foy edificado debaixo dos nomes de S. Pedro, e S. Domingos. Agora eſtà dado a Freiras Carmelitas.

Evora.
2. Freguezias.

O Arcebiſpado de Evora deu ao Santo duas Freguezias, huma junto à villa de Seda : outra no termo de Avis.

4. Ermidas.

Deulhe mais quatro Ermidas: huma no termo da villa do Redondo : outra quaſi duas legoas da villa de Ourique. E em Monte mòr o Novo teve o nome de S. Domingos huma Ermida ſituada na praça velha : que agora o tem de Noſſa Senhora da Paz : e foy a cauſa da mudança edificarſe na villa Convento da Ordem. Em Grandola levantou Ermida ao Santo huma Franciſca Nunes; na qual ſe lhe faz

faz feſta com ſolenidade todos os annos.

Na Igreja matriz do Torraõ ha hum Altar, e Confraria deſte Santo, que teve origem de reſidirem no lugar em tempos paſſados algumas molheres virtuoſas com o habito da terceira Ordem Dominica: pera as quais ſe devia edificar hum Moſteiró, que anda em tradiçaõ ouve junto deſta villa, e em diſtancia de duas legoas das Alcaçovas, onde eſtà huma erdade que a eſſe reſpeito, ſegundo dizem, ſe chama inda hoje de S. Domingos. Vindo a desfazerſe, que devia ſer por eſtar em terra erma, e perigoſa pera habitaçaõ de molheres, paſſaraõ os moradores do Torraõ a imagem pera a matriz. E inſtituiraõlhe a confraria que diſſemos.

Elvas. 1. Freguezia. Portalegre. 1. Ermida.

No Biſpado de Elvas ha huma Freguezia do meſmo nome.

No de Portalegre huma Ermida a huma legoa da cidade.

No Reyno, e Biſpado do Algarve ſe principiaraõ duas Vigairarias da Ordem. Huma em Cinis que com muyto fervor fundava Jorze Furtado Fidalgo honrado: outra em Loulè. Ambas teveraõ Frades, e ambas ſe largaraõ com bons fundamentos.

Lisboa. 6. Freguezias.

O Arcebiſpado de Lisboa ſe adiantou com o Santo em muytas Freguezias: ſaõ ſeis as de que pudemos ſaber os nomes. S. Domingos das Abitureyras na Povoa do Conde. S. Domingos de Val de Figueira no termo de Santarem. S. Domingos de Palha Cana no termo de Alanquer. S. Domingos das Marreiras huma legoa da Eyriceyra. S. Domingos da Fanga da Fè. E a ultima S. Domingos de Rana termo de Caſcais. Eſta Igreja da Rana he ſagrada de tempo immemorial: fazem os freguezes a feſta principal do Santo na primeira Dominga de Mayo, e chamaõlhe a Sagra: deve ſer porque em tal mez ſe ſagrou a Igreja. Outra celebraõ por dia de Corpus com toda a pompa que o lugar pode, a que acodem muytas cruzes, e bandeiras das Freguezias dos termos de Caſcais, e Cintra, e algumas do de Lisboa.

4. Ermidas.

Ha mais quatro Ermidas. Huma nos Coutos de Alcobaça onde chamaõ Cornaga. Outra em S. Pedro dos dous Portos. Outra onde chamaõ a Chancelaria junto a Torres Novas. E neſta villa ha tambem particular Altar, e Confraria do Santo. A quarta Ermida he em Obedos, aſſentada ſobre a coroa de hum empinado monte: onde por ſer tal, e vizinho ao mar, ſe acende fogo todas as noites em beneficio dos navegantes fazendo officio de Faro, como pera conhecimento da coſta. E fica o Santo aqui acompanhado de parte de ſuas inſignias, porque o alto da capella he o que ſerve de farol.

Confrarias em Torres Novas.

Naõ tenho duvida que ſe fizeramos diligencia mais apertada, acharamos mayor numero: mas bem baſtaõ pera prova do intento vinte ſeis Freguezias, quarenta, e duas Ermidas, e muytas confrarias eſpalhadas por todo o Reyno. Mas he tempo de tornarmos ao fio da hiſtoria, que nos temos divertido muyto.

CA-

CAPITULO VIII.

Da antiguidade, e principios, e fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora dos Martyres da cidade de Elvas.

A Cidade de Elvas he hum dos importantes lugares do Reyno por antiguidade de edificio, groſſura de terras, e numero de ricos, e honrados moradores. Foy fundada polos Elvos, gente Franceza da Provincia Narbonenſe. Os Romanos lhe chamavaõ *Turres albæ*. De huns, e outros podia proceder o nome que hoje tem. Anda na Coroa de Portugal deſpois da perda de Eſpanha deſdo tempo del Rey dom Sancho primeiro que a tirou de poder de Mouros no anno do Senhor
1200. de 1200 o titulo de cidade he nella moderno merecendoo de longe por boas razoens. Alcançouo deſpois que foy feyta Epiſcopal por el Rey dom Joaõ terceiro. Aqui tem a Ordem dous Conventos: hum de Frades, e outro de Freyras, ambos bem dotados por virtude, e liberalidade dos vizinhos. O dos Frades de que nos toca dizer agora teve principios muyto atrazados do tempo em que vamos, e por iſſo quaſi apagados na memoria dos homens. A meya legoa da cidade avia huma devota Ermida do titulo de Noſſa Senhora da Graça, ſituada em huma montanha fragoſa de penedias, e intratavel entaõ por eſpeſura de matos, agora aberta toda, e bem cultivada. Nella ſe affirma que reſidiraõ alguns Frades noſſos, dos primeyros que começaraõ a prègar polo Reyno. O que he bem de crer polo que temos viſto nas poucas commodidades que aquelles primeiros irmaons noſſos cheyos de eſpirito do Ceo buſcavaõ pera o corpo, eſcolhendo viver nas ſerras pera ſe mortificarem, e darem a entender aos pòvos que delles naõ queriaõ mais que as almas. Dura hoje na Ermida em penhor do que dizemos huma imagem do Padre S. Domingos pintada a freſco ſobre o arco do cruzeiro: e ha pouco tempo que durava no altar outra de vulto, que por conſumida dos annos, e royda do guſano, como era de madeira, mandou hum viſitador que ſe tiraſſe por reverencia, e decoro do Santo. Em ròda ſe vem ainda ruynas que moſtraõ a quadra do Clauſtro, e ſuas colunas, e huma ciſterna em meyo, e lanços de officinas. E porque tudo conforme, retem a montanha hoje em dia o nome de S. Domingos: e huma ponte que ſe paſſa ao pè della de boa fabrica, e de hum ſò arco, por rezaõ das muytas agoas que decem do alto nas invernadas, moſtra ſer fabrica religioſa: porque como em agradecimento, e memoria de ſeu Autor lhe chamaõ do Frade. E porque digamos tudo huma pequena Ermida que ſe encontra à ſubida da ſerra, com ſer da invocaçaõ de S. Jeronymo eſtà todavia acompanhada de huma imagem de noſſo Santo. Sofriaõ os Religioſos a vivenda canſada, e aſpera do monte, em quanto hya tambem quebrando, e abrandando com a ſanta doutrina a ſecura, e fereza dos coraçoens Portuguezes, que ſendo de ſeu natural inclinados ao bem, o exercicio das armas, a

que andavaõ entregues pola neceſſidade continua, em que os tinha a vizinhança dos Mouros, era cauſa de andarem remontados no que tocava às almas. Foraõ libertando as terras, e começando a ter alguma quietaçaõ: foy o fogo da palavra divina tambem penetrando, e fazendo ſeu officio nos bons animos: logo os meſmos ouveraõ por crueza cuſtar taõ caro aos Religioſos o beneficio que lhes vinhaõ fazer, procuraraõ aliviarlhes o trabalho, e encurtarlhes o caminho. Aſſi ſe começou a tratar de novo Convento em huma erdade mais vizinha à cidade. Mas parecendo que ficavaõ ainda longe, hum vizinho honrado por nome Eſtevaõ Martins tratou com os do governo trazeremnos pera a cidade a hum ſitio pegado com os muros, onde o meſmo poſſuhia hum pedaço de terra, que ao parecer ſeria capaz de Moſteiro. Ficando todos dacordo deraõ conta aos Frades que andavaõ jà com as maons na pedra, e cal da ſegunda morada (eraõ eſtes Frey Eſtevaõ Mendes, e Frey Alvaro Pires) pediraõlhes que naõ perdeſſem aly tempo, pois tinhaõ melhor poſto na terra que offerecia Eſtevaõ Martins. Porque alèm de ſer capaz de Convento, partia com outra da Coroa, em que avia huma boa ermida da apreſentaçaõ Real, que ſeria facil couſa alcanſarſe del Rey, e ficariaõ logo com Igreja. Deixaraõſe os Religioſos perſuadir viſta a mayor commodidade. Seguio logo a doaçaõ, que he feita em nome dos officiaes da Camara, e Conſelho, e diz aſſi.

NOtum ſit omnibus hominibus tam præſentibus, quam futuris, quòd nos Prætor, Iudiceſque & concilium de Elbis, & ego Stephanus Martinus, & vxor mea Maria Petri, de noſtro beneplacito, & bona voluntate damus & concedimus vobis Fratribus Ordinis Fratrum Prædicatorum pro animabus noſtris ad veſtri Ordinis Monaſterium conſtruendum, & ad omnia alia facienda, ſecundum quod vobis videbitur expedire, hæreditatem quam habemus in termino de Elbis, in loco qui dicitur Roſſio, cuius iſti ſunt termini. In oriente Rodericus Pelagij. In occidente Riparius de Cancha. In Aquilone via publica de Cocena. In Africo via publica de Iurumenia. Damus autem vobis ipſam hæreditatem, & concedimus liberè & pacificè cum ingreſſibus & egreſſibus & omnibus pertinentijs ſuis: vt habeatis eam & poſſideatis in perpetuum, & faciatis etiam de ea, ſecundum voluntatem veſtram, & ſicut videritis expedire. Et ſi aliquis venerit, qui hoc factum frangere voluerit, vel contra eum ire, vel etiam impedire, vel in aliquo contradicere, tam de noſtris, quam de extraneis: tam

de

de præſentibus, quàm de futuris, non ſit ei licitum: ſed pro ſola tentatione quantum quæſierit, tantum nobis in duplo componat, & domino terræ aliud tantum: & inſuper Dei maledictionem, & totius Concilij indignationem incurrat. Et in pœnam per annum à villa de Eluis & ſuis terminis expellatur. Nos verò ſupradictum Concilium cum Stephano Martini & vxore eius Maria Petri hanc chartam fieri mandauimus, & hanc donationem fecimus fieri Fratri Stephanno Menendi, & Fratri Aluaro Petri, qui prædictam hæreditatem à nobis pro ſuo ordine liberè receperunt. Et vt factum noſtrum maius robur obtineat firmitatis, hanc chartam noſtræ donationis per manum Martini Petri publici tabellionis de Eluis fieri fecimus, & ſigilli noſtri Concilij munimine roborari. Facta charta menſe Martij XVII. Calend. Aprilis Æra M. CCC. IIII. Qui præſentes fuerunt Fernandus Martini Curutelo tunc Prætor. Stephanus Fernandi, & Ioannes Menendi tunc Iudices, & inſuper per totum Concilium: & ego Martinus Petri publicus tabellio de Eluis per mandatum Prætoris & Iudicum, & Concilij prædictis omnibus interfui, & hanc literam propria manu ſcripſi, & ſignum meum appoſui in teſtimonium huius rei.

Traduzida em vulgar diz o ſeguinte.

SAybaõ todos os preſentes, e por vir, que nòs o Corregedor, e Juyzes, e Conſelho de Elvas: e eu Eſtevaõ Martins, e Maria Pires minha molher de noſſo beneplacito, e boa vontade damos, e doamos a vòs os Frades Prègadores por noſſas almas huma terra, e erdade que temos no termo de Elvas no lugar que chamaõ o Reſſio pera fazerdes hum moſteiro, e o mais que bem vos parecer, cuja demarcaçaõ he a ſeguinte. Ao nacente parte com terra de Ruy Paes. Ao Poente com Ribeyro de Cancha. Da banda do Norte com eſtrada publica de Cocena: e do Sul com caminho que vay pera Jurumenha. E a dita erdade vos damos, e doamos livre, e pacificamente com todas ſuas entradas, e ſaidas, e pertenças pera que ſeja voſſa, e a poſſuays pera ſempre, e fa-

çais della como for voſſa vontade, e como virdes que vos eſtà melhor. E ſe polo tempo em diante vier alguem que eſta doaçaõ queira desfazer, ou encontrar, ou embargar, ou contradizer em todo, ou em parte, naõ lhe ſeja pera iſſo doado lugar, quer ſeja peſſoa de meu ſangue, quer dos que hoje vivem, quer dos que eſtaõ por nacer. Antes queremos que ſò por tal couſa intentar, vos pague o dobro do que demandar, e outro tanto pague a el Rey. E ſobre tudo encorra na maldiçaõ de Deos, e na ira, e indinaçaõ de todo eſte Conſelho: e ſeja condenado em hum anno de degredo pera fòra de villa, e termo. E nòs o ſobredito Conſelho juntamente com os ditos Eſtevaõ Martins, e Maria Pires ſua molher, mandamos paſſar eſta carta, e eſcritura, e doaçaõ a Frey Eſtevaõ Mendes, e Frey Alvaro Pires, que em ſeu nome, e de ſua Ordem a dita terra, e erdade aceitaõ. E pera mais firmeza a mandamos fazer por maõ de Martim Pires publico tabaliaõ de Elvas, e ſellada com o ſello deſte noſſo Conſelho aos deſaſeis de Março da Era mil e trezentos e quatro (*reſpondelhe o anno de Chriſto de* 1266.) ſendo preſentes Fernaõ Martins Curutelo Corregedor, Eſtevaõ Fernandes, e Joaõ Mendes Juizes, e todo o Conſelho junto. E eu Martim Pires publico Tabaliaõ de Elvas, que por mandado do Corregedor, Juizes, e Conſelho a tudo fuy preſente, e de minha maõ a eſcrevi, e em teſtemunho de verdade nella puz meu ſinal.

CAPITULO IX.

Faz el Rey doaçaõ à Ordem da Ermida de Noſſa Senhora dos Martyres pera aſſento do novo Convento. E o Biſpo de Evora dà ſua licença pera a obra.

CRecia na cidade o goſto de agaſalhar os Religioſos como a competencia. Tinha hum Ruy Paes huma boa courela de terra que partia ao Nacente, com a que Eſtevaõ Martins doara, como parece da eſcritura. Vendo que vinha a propoſito pera o Convento offereceoa de boa vontade: e naõ tardou em fazer ſua eſcritura de doaçaõ elle, e ſua molher Elvira Gomez. Era o nome da erdade Almocovàra: e a doaçaõ ſe fez no meſmo dia, e quaſi polas meſmas palavras da primeyra: e ambas em ſeu original ſe guardaõ no Cartorio do Convento. A rezaõ de a Camara, e Governo da cidade interpor nellas ſua autoridade

dade devia ſer, ou porque era neceſſario ſeu conſintimento pera o edificio: ou por ventura, por ſerem as erdades foreyras ao Conſelho, viſto eſtarem no Reſſio, que ordinariamente pertence ao commum da Terra, e naõ ficava ſendo valioſa a doaçaõ ſem autoridade, e licença ſua.

Suſpenderaõ os Frades a obra nova que intentavaõ, com a certeza, e melhoria deſte ſitio: e poſeraõ em ordem aver del Rey a Ermida vizinha de Noſſa Senhora dos Martyres (que aſſi era ſua invocaçaõ.) Gaſtaraõſe muitos dias no requerimento. E em fim vindo el Rey por certa occaſiaõ a Elvas (era dom Afonſo Terceiro que foy Conde de Bolonha) folgou de fazer mercè della à Ordem, e darſe por padroeyro do futuro Convento, como vimos por huma proviſaõ ſua, a qual tirada do original que eſtà no Convento, he a ſeguinte.

IN Chriſti nomine & eius gratia. Noverint vniverſi præſentem chartam inſpecturi, quòd ego Alfonſus Dei gratia Rex Portugallenſis vnà cum vxore mea Regina Domna Beatriz, illuſtris Regis Caſtellæ & Legionis filiæ, & filijs & filiabus noſtris Infantibus domno Dionyſio, & domno Alfonſo, & domna Blanca & domna Sancia do & concedo in perpetuum Fratribus Prædicatoribus eremitagium meum, quod vocatur Sancta Maria de Martyribus apud Elvas cum tota illa hæreditate, quæ pertinet ad ipſum eremitagium ad conſtruendum ibidem Monaſterium Ordinis Prædicatorum ad honorem Dei, & B. Mariæ & B. Dominici. Et hoc facio amore Dei, & pro remedio animæ meæ & parentum meorum, & vt ſim particeps in omnibus bonis & orationibus eiuſdem Ordinis. Et vt hæc donatio perpetuum robur obtineat firmitatis dedi eiſdem Fratribus hanc meam chartam patentem mei ſigilli munimine conſignatam in teſtimonium rei geſtæ. Datum apud Elvas XX. die Februarij Rege mandante per Ioannem Suerij Conelium, & per Rodericum Garciæ de Pauia. Ioannes Vincentij notauit Æra M. CCC. V.

Em Portuguez reſponde aſſi.

EM nome, e graça de Chriſto. Saibaõ quantos eſta carta virem, que eu Afonſo por graça de Deos Rey de Portugal, juntamente com a Raynha dona Breitiz, filha do illuſtre Rey de Caſtella, e Liaõ minha molher: e com

e com os Infantes dom Dinis, e dom Afonſo, dona Branca, e dona Sancha meus filhos, e filhas, dou, e largo pera ſempre aos Frades Prègadores a minha Ermida de Elvas, que chamaõ Santa Maria dos Martyres, com toda a erdade, e terra que lhe pertence, pera effeito de edificarem hum Moſteyro da ſua Ordem à honra de Deos, e da Virgem Maria, e de S. Domingos. E iſto faço por amor de Deos, e pola ſalvaçaõ de minha alma, e de meus pays: e pera participar de todas as boas obras, e oraçoens da meſma Ordem. E porque eſta doaçaõ que aſſi lhes faço tenha vigor, e firmeza pera ſempre, lhes paſſey a carta preſente, autorizada, e ſellada com o ſello de minhas armas em teſtemunho de verdade. Dada em Elvas a XX. de Fevereyro. El Rey o mandou por Joaõ Soares Coelho, e por Ruy Garcès de Payva. Joaõ Vicente a eſcreveo na Era de M. CCC. V. (*reſponde aos annos de Chriſto* 1267.)

Com iſto parecia que naõ faltava nada aos Frades pera inteiro dominio do ſitio, e Ermida, e poderem começar a pòr maons na obra. Mas acharaõ que eſtava de poſſe della hum Clerigo, e que quando a quizeſſe largar, era ainda neceſſaria licença do Biſpo de Evora, ſem cujo beneplacito ſe naõ podia uſar da Ermida, nem edificar: porque a cidade, e tudo o mais que hoje he Biſpado de Elvas, era entaõ da dioceſi de Evora. Huma, e outra couſa ſe negoceou ſem dilaçaõ. Renunciou o ſacerdote ſua poſſe, e direito nos Frades: e o Biſpo ſendolhe pedida ſua licença, e bençaõ em nome dos moradores, e de todo o povo, vendo o goſto que moſtravaõ da obra paſſou logo ſuas letras cheyas de graças, e favores, cujo treslado que irà com ſua traduçaõ he o que ſe ſegue. Advirtindo primeyro, que naõ parecendo neſta licença mais que a primeyra letra de ſeu nome que he D. (ſegundo o coſtume de eſcrever antigo) alcançamos por rezaõ do tempo em que ſe paſſou chamarſe dom Duraõ Paes.

VNiuerſis Chriſti fidelibus præſentes literas inſpecturis D. permiſſione diuina Elborenſis Epiſcopus ſalutem in Domino ſempiternam. Quia Dominus Alfonſus illuſtris Rex Portugalliæ conceſſit ius patronatus, quod habebat in eremitagio S. Mariæ ad Martyres de Elbis Elborenſis diœceſis cum omnibus pertinentijs ſuis Fratribus Præ-

Prædicatoribus pro remedio animæ ſuæ, vt ibidem fundent & ædificent Monaſterium ſui Ordinis. Et quia prædicti fratres ſunt nobis valdè vtiles & neceſſarij, vt nobiſcum in agro Domini collaborent, eis damus licentiam, quòd in dicto eremitagio & ſuis pertinentijs ac in locis alijs circum adiacentibus licite acquiſitis, pro vt eis neceſſe fuerit fundent & ædificent monaſterium ſui Ordinis, in quo Domino ſtudeant famulari. Et omnibus illis, qui eiſdem Fratribus ad tam pium & laudabile opus manum porrexerint adiutricem de miſericordia Dei confiſi, & autoritate Beatorum Apoſtolorum Petri & Pauli, & ea poteſtate, quam Dominus nobis indulſit, quadraginta dies de iniuncta ſibi legitimè pœnitentia relaxamus: nihilominus concedentes vt valeant indulgentiæ per Epiſcopatum noſtrum, quas alij Epiſcopi huius rei contemplatione noſtris ſubditis duxerint concedendas. In cuius rei teſtimonium has patentes literas ſigillo noſtro fecimus conſignari. Datum apud Sanctarenam VII. Cal. Auguſti Æra M. CCC. V.

Traduçaõ.

DUrando por mercè de Deos Biſpo de Evora, a todos os fieis Chriſtaons que eſtas letras virem, ſaude eterna no Senhor. Por quanto o illuſtre Senhor Rey dom Afonſo largou o direito do padroado que tinha na Ermida de N. Senhora dos Martyres deſte noſſo Biſpado em Elvas, dandoa com todas ſuas pertenças aos Frades Prègadores por bem de ſua alma, pera nella fundarem hum Moſteyro de ſua Ordem. E porque os ditos Frades nos ſaõ muy proveitoſos, e temos delles neceſſidade pera nos ajudarem a trabalhar na erdade do Senhor, avemos por bem darlhes licença pera que na dita Ermida fundem, e levantem Moſteyro da ſua Ordem, em que poſſaõ ſervir ao Senhor: e pera o tal effeito ſe aproveitem das terras a ella pertencentes, e das mais que com bom direito ouverem aquirido, na fòrma que mais lhes cumprir. E por tanto confiando nòs na miſericordia de Deos, e pola autoridade dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo a nòs cometida, e polo poder que Deos nos deu, con-

concedemos a todos aquelles que pera taõ pia, e louvavel obra derem ajuda, indulgencia de quarenta dias das penitencias que legitimamente lhe forem impoſtas: declarando juntamente que queremos, e avemos por bem que valhaõ, e tenhaõ vigor todas as indulgencias que outros Biſpos por eſte reſpeito concederem aos ſubditos, e moradores deſte noſſo Biſpado. Em fè do qual mandamos eſtas letras paſſar, e ſellar de noſſo ſello. Em Santarem aos vinte e ſeis de Julho da Era mil trezentos e cinco (*reſponde aos annos de Chriſto* 1267.)

Como naõ avia outra couſa que tolheſſe darſe principio ao Convento, e toda a cidade eſtava alvoroçada pera ajudar a agazalhar os hoſpedes, começou a fabrica com muito fervor no meſmo anno.

CAPITULO X.

Da traça que ſe deu pera a Igreja do Convento: e das eſmolas que ſe procuraraõ pera a fabrica: e de algumas mercès que polo tempo em diante ouveraõ os Religioſos dos Reys.

FOy a traça da Igreja a meſma que el Rey dom Afonſo tinha dado na de Lisboa, e naõ ſò no talho, mas tambem na grandeza, e capacidade: com que na verdade ficou deſcompaſſada pera hum povo tanto inferior em numero de gente. Como el Rey tinha grande animo, quiznos deixar ſinais delle em hum, e outro edificio: e aſſi como fez o de Lisboa todo à ſua cuſta, naõ devia faltar a eſte com groſſas eſmolas, viſto como em ſeu ultimo teſtamento que hoje temos vivo, e originalmente eſtà no Cartorio Real da torre do tombo, ſe dà por fundador do Convento. Com tudo por algumas memorias antigas nos conſtou que os Frades ſe valeraõ do Papa, e dos Biſpos de Portugal, e Caſtella, como a machina era taõ grande, pera acharem ſoccorro nos povos, por meyo de indulgencias que concederaõ os que o deſſem. E por eſcuſarmos leitura, daremos ſòmente huma certidaõ paſſada por hum Eſcrivaõ da Cidade, que he bem de ver pola lingoagem, e termo daquelle tempo: e diz aſſi.

CONhoçuda couſa ſeja a todos aquelles que eſta carta virem, que nòs Alcaide, & Iuizes, & Concelo de Eluas, vimos letras de noſſo Senhor o Apoſtoligo de Roma, que tem os Frades Prègadores, em que dà cem dias de perdon de ſeus peccados a todos aquelles, que a eſſe ſeu logar de Eluas fizerem eſmolna. E vimos ainda letras de doze Biſpos, que cada hum delles dà quarenta dias de perdon

don de ſeus peccados aos que a eſſe logar deſſes meſmos Frades fizerem eſmolna. E vimos ainda carta aberta com ſello pendente do muy nobre Infante don Fernaudo de Caſtella & de Leon, porque manda a todas de ſà terra que non filhem dizimo, nem portagem, nem outro direito, nem hum a eſſes Frades Prègadores de Eluas, ou a ſeus homens: & naõ façaõ en al por nem huma maneyra, ſe nom a elles ſe tornaria. Porem de todalas couſas que elles comprarem, ou fizerem comprar na ſà terra, & de ſeu Padre aſſi pera ſeu veſtir, como pera ſeu calçar, como pera ſeu comer, como, pera ſuas obras: & outro ſi manda de todalas couſas que les por eſmolna derem. Em teſtimonyo da qual couſa nos a eſta carta poſemos noſſo ſello pendente. E rogamos Martim Pires noſſo publico tabaliom de Eluas, que ponha hy ſeu ſinal. E eu Martim Pires publico tabaliom de Elvas vi eſſas ſobreditas letras & ly. E a rogo do Alcayde, e dos Iuizes, & do Concelo, e deſſes meſmos Frades Prègadores de Eluas, eſte meu ſinal com inha mão hy puz que tal he.

Bem ſe deixa entender por eſta certidaõ, e pola grande copia de dinheyro que era neceſſario juntarſe pera tamanho edificio a reputaçaõ, e credito em que eſtavaõ os Frades com todo eſtado de gente, e por toda Eſpanha. Mas conſtando iſto por taõ certos indicios, inda devemos eſtimar mais outros da moderaçaõ, e pouca cobiça com que ſe aviaõ no que tocava a ſuas peſſoas. Do que apontaremos neſta caſa dous exemplos, que por ſerem do meſmo tempo, e pertencerem à Hiſtoria nos caem a propoſito. E ſeja o primeyro, que tendo os Religioſos neceſſidade pera ficarem com a largueza conveniente de mais hum pedaço de terra, e partindo com as do Convento huma boa courella que era da Coroa, e fora couſa facil avella del Rey, mandaraõ ver, que cantidade lhes baſtaria preciſamente pera o que aviaõ miſter: e achando que com ſeis alqueires de ſemeadura ficavaõ remedeando a falta, iſſo ſòmente pediraõ, como he de ver do alvarà del Rey, que por iſſo o lançaremos aqui, como jaz no original, mas ſem traduçaõ, por encurtarmos eſcritura, e porque jà fica declarada a ſuſtancia, e diz aſſi.

NOverint vniuerſi præſentem chartam inſpecturi, quòd ego Alfonſus Dei gratia Rex Portugalliæ vnà cum vxore mea Regina Domna Beatriz illuſtris Regis Caſtellæ & Legionis filiæ, & filijs, & filiabus noſtris do & concedo Fratribus Prædicatoribus de Elbis, vnam petiam de mea hæreditate regalenga, quam habeo propè domum ipſorum Fratrum. Et ipſam petiam, quam ſibi do, debet eſſe tanta quòd leuet in ſeminatura ſex alqueires de tritico: quæ hæreditas tacet inter viam quæ vadit ad fontem de Pias, & ipſos Fratres. In cuius rei teſtimonium dedi eiſdem Fratribus iſtam meam chartam. Datum Sanctarenæ prima die Maij. Rege mandante per Alfonſum Suerij ſuper iudicem. Ioannes Vincentij notauit Æra M. CCC. VI. (reſponde ao anno de Chriſto 1268) e he de notar, que chama peça de terra, com nome Portuguez Latinizado, o què os lavradores dizem courella de terra.

Mas ainda andaraõ mais curtos os ſucceſſores deſtes Padres com el Rey dom Dinis. Porque nomeandoſe el Rey dom Afonſo ſeu pay por fundador do Convento quando teſtou, como fica dito, e naõ lhe deixou nenhum genero de renda nem mantença por titulo algum, nunca pediraõ ao filho mais que huma licença pera fazerem lenha pera a caſa nos matos do Conſelho: e diſſo temos huma proviſaõ de ſua maõ aſſinada, e dà por rezaõ da mercè que lhes faz, com palavras formais (*porque ſom homens bons, e ſervem a Deos.*)

Com tudo crecendo com os annos o valor das couſas, e mingoando a caridade em commum, foy neceſſario repreſentar algumas vezes aos Principes as neceſſidades, e apertos do Convento. Eraõ muitos dos que foraõ ſuccedendo no Reyno muyto liberais, e grandioſos de animo. Sabemos que com os mais teveraõ entrada, e bom lugar os Religioſos deſta Ordem: e ſendo aſſi foy taõ pouco o que alcançaraõ os moradores de hum Convento Real, que ſe deixa bem ver nas meſmas mercès, que mais deviaõ ſer aceitadas com vergonha, que negoceadas com cobiça. A primeyra que ouveraõ foy del Rey dom Pedro biſneto do fundador. Parece couſa de graça o que montava. Eraõ dez ſoldos por dia (valia hum ſoldo o meſmo que hoje val huma moeda de tres reis de cobre a ſeis ſeitis por real,) e vinhaõ a fazer dez mil e noventa e oito reis da moeda preſente no cabo do anno. Porque na reducçaõ, e declaraçaõ que el Rey dom Afonſo Quinto deſpois fez da moeda do Reyno miuda aſſentou, que o ſoldo, e real branco que era o meſmo, valeſſe por dezoito pretos, ou dinheyros, que eraõ outros tantos

Nas Orden. del Rey dom Manoel l. 4. t. 1.

tos ſeitis. El Rey dom Fernando ſeu filho que deſpendeo grandes thezouros com eſtrangeiros em empreſas naõ ſò deſneceſſarias, mas muito danoſas ao Reyno, nenhuma mercè lhes fez de ſua fazenda: deulhes das alheas os reſiduos dos teſtamentos da cidade, e de ſeu termo: couſa entaõ, e agora de pouca conſideraçaõ. Confirmoulhos el Rey dom Joaõ Primeyro ſeu irmaõ que lhe ſuccedeo. Paſſados muitos annos eſtreitouſe tudo mais pera os Religioſos, e as rendas Reays foraõ em crecimento: teve el Rey dom Afonſo Quinto neto del Rey dom Joaõ Primeyro lembrança do ſeu Moſteyro real de Elvas, fezlhe mercè em tempo que jà os Religioſos podiaõ poſſuyr bens de rayz em commum, de quatrocentos reis brancos em cada hum anno, pagos no Almoxerifado de Eſtremoz. Montaõſe nelles pola conta que fizemos acima, mil e duzentos reis da moeda que preſente corre: porque tinha entaõ cada real branco tres reis dos que hoje ſaõ de ſeis ſeitis. De todas eſtas mercès eſtaõ os titulos vivos no Cartorio do Convento: e a certeza dellas nos obrigou a eſte diſcurſo pera louvor de noſſos antepaſſados, que podendo deixarnos grandes riquezas com pouco feitio ſeu, quizeraõ antes deixarnos exemplo de eſpiritos deſintereſſados.

CAPITULO XI.

Das fazendas, e bens de rayz que algumas peſſoas devotas doaraõ ao Convento. Dàſe conta da vida, e partes de alguns filhos delle.

POrèm, onde faltou a induſtria humana ſuprio o favor Divino. As rendas que dos Reys poderoſos, e amigos puderaõ, e naõ quizeraõ os Religioſos grangear, lhes trouxe Deos a caſa, ſem deſcomporem os paſſos de ſua obrigaçaõ, por meyo da gente caritativa, e devota da cidade, que conhecendo, e vendo de perto as faltas, e fomes que muitas vezes padeciaõ: padeciaõ: e o trabalho que cuſtava mendigar polas portas, como entaõ coſtumavamos, acudio com liberalidade a provellos de bens de rayz, com que a caſa ſuſtenta hoje trinta e cinco Frades, ſenaõ com grande largueza, ao menos com o que moderadamente baſta. Devemos memoria, e agradecimento em agradecimento em primeyro lugar a duas irmans, que naõ quizeraõ guardar pera deſpois da morte o que podiaõ fazer em vida. Entendiaõ naõ ſer nobre genero de caridade dar a Deos o que ſe deixava, e ficava no mundo, e naõ podia acompanhar a ſeu dono morrendo (como bem vio, e advirtio a ſua mãy, a virgem, e Martyr Santa Luzia, e por iſſo creyo que ficou em devaçaõ encomendarmoslhes os olhos) determiaaraõſe largar em ſaude, e boa idade toda ſua fazenda, que era muita, e boa, e entregalla logo ao Convento ſem reſervar pera ſi mais que

No Breviario Roman.

huma curta porçaõ em hum eſtreito recolhimento que buſcaraõ, e no habito da terceira Ordem de S. Domingos que veſtiraõ: e nelle viveraõ, e acabaraõ ſantamente. Chamavaõſe Anna Rodriguez, e Maria Lopez.

Seguiraõ ſeu exemplo outras duas irmans, Margayda Anes que de ſobrenome ſechamava a dòna, e Orraca Rodrigues: gente honrada, e muito rica, as quais juntando a ſi na determinaçaõ duas primas ſuas, Lianor Vaz, e Caterina Eſtevens de Cellas, de maõ commum ſe deſapoſſaraõ animoſamente por amor de Deos de quanto tinhaõ na vida, e dotaraõ ao Convento erdades que rendem hoje quarenta moyos de paõ ſem pòrem carga nem obrigaçaõ aos Frades, mais que ficarem recebidas às oraçoens, ſacrificios, e ſuffragios da Ordem. Mas quanto menos pretenderaõ ellas, tanto ſe eſmerou mais o agradecimento nos Religioſos. Porque pera ſer perpetuo lhe edificaraõ logo huma boa capella, que he a primeira do cruzeiro, quando ſaymos da Sacriſtia pera a Igreja à maõ eſquerda, e adotaraõ de Miſſa quotidiana. E porque a Margayda Annes foy principal autora, e como capitoa deſta ſanta obra, alèm de particulares eſmolas que tinha feito de boas peças de prata pera a Sacriſtia, e de mil dobras em dinheyro pera reparo da Igreja em tempo que eſtava muy perigoſa, foy conſelho conſervar ſeu nome na capella, dedicandoa com hum fermoſo retabolo, e imagem da glorioſa Virgem, e Martyr Santa Margayda.

Com particular aplicaçaõ pera a fabrica da Igreja, e ornamentos da Sacriſtia deixaraõ tambem huma boa erdade, Lourenço Eſtevens, e Maria Lopes ſua molher, e tambem ſouberaõ aproveitarſe da boa calidade da eſmola, que foy deſerdarſe vivendo.

Cerraremos eſte capitulo, e o que ha que dizer do Convento, com vermos ſe achamos alguns filhos delle que nos dem materia de eſcritura. Dos antigos, e primeyros Padres naõ temos nada que dizer, com trabalharem, e merecerem muito, ſendo os primeyros promotores do edificio, e os que nelle ſe deſvelaraõ, e cançaraõ: que bem ſe deixa entender, que ſe naõ foraõ homens de muy acreditada virtude, era impoſſivel terem o povo taõ pronto, e propicio pera os chamar, e buſcar, e trazer como à força pera a cidade, e deſpois chegarem o Convento à perfeiçaõ em que o entregaraõ aos ſucceſſores. He deſgraça noſſa que aquella idade de ouro, como trabalhava ſò pera Deos, tiveſſe por honra conſagrarlhe atè as memorias que nos puderaõ deixar de ſuas obras, e nomes. Aſſi he força ficaremnos em ſilencio muitos varoens dignos de eterno louvor, que naõ ha duvida honraraõ com ſuas virtudes, e exemplos eſte Convento: ſilencio por elles procurado, e de nòs juſtamente ſintido, que de boa vontade empregaramos a penna em os ſervir. Diremos de alguns mais chegados a noſſos tempos.

Peſſoa foy de importancia, e merecedor de lembrança o Padre Frey Umberto Cordeyro Doutor em ſanta Theologia: mas naõ nos deixou o tempo delle,

le, mais que o que foy fruito de ſeu trabalho, e eſtudo. Eſcreveo hum volume muito douto, em que juntou com a erudiçaõ, e delicadeza de engenho, particular devaçaõ. He o titulo do Amor de Deos, e do proximo.

O Padre Frey Manoel de Olivença tinha vivido largos annos nos clauſtros deſta caſa, e nos braços deſta mãy que o gerara, quando ſobre o mal de huma perna em que o peſo dos annos lhe tinha juntado grande carga de humor, e lha trazia feyamente inchada, cahio em huma forte doença de febres. Coſtumava o bom velho naõ faltar nunca do Coro, eſpecialmente a Matinas. Habito alcançado com virtude, e feito com o coſtume taõ ſaboroſo, que o mayor mal que na doença ſintia (e ſintia muitos) era faltar em tal hora da companhia de ſeus irmaons. He a hora por muitas rezoens mais apropriada pera buſcar, e louvar a Deos, e mais propria da religiaõ, e religioſos pera velar, e orar, que todas as do dia: velando, e orando polo povo como bons paſtores, quando elle ou deſcança na quietaçaõ do ſono, ou jaz ſepultado na modorra do vicio. Era veſpara de huma feſta de Noſſa Senhora, cerrouſe a noite, lembrouſe do goſto com que ſe recolhia noutro tempo, pera ſe achar primeyro, e mais eſperto no Coro, e em ſuas Matinas: começou a desfazerſe em lagrimas, vendoſe impoſſibilitado por tantas vias: tomou mal o ſono, e tarde, e eſtava delle bem neceſſitado. Eis que toca o relogio meya noite: ſegue o ſino: ſoaõ logo as taboas. Renovaſe entaõ a magoa no peito do velho, porque ſintio levantaremſe os vizinhos. E naõ podendo acabar com ſeu eſpirito ficar na cama, arremete com fervor, e quaſi furioſo ao habito, ſalta fòra do leyto, caminha pera o Coro. Naõ ſe eſpantava de ſi, nem ſe conhecia, porque o vigor do eſpirito lhe tinha tirado à imaginativa: como aconteceo ao frenetico, a quem dà força na mayor fraqueza o humor venenoſo da doença. Viſto no Coro eſpantou a todos. Pareceo que era falta de juizo: acodem a elle, pedemlhe que ſe recolha. Quando o bom velho os ouvio, entaõ acabou de conhecer o eſtado em que eſtava, de ſaõ, e livre naõ ſò da febre ardente, que de muitos dias o tinha jà meyo ſepultado na cama: mas tambem da inchaçaõ da perna. Aſſi o affirmou entaõ de palavra aos Padres, aſſi o confirmou com obras no dia ſeguinte, ficando no refeitorio, e mais lugares da Communidade entre os ſaons logrando o bem da milagroſa ſaude. Qual ſeria a vida de quem aſſi ſe levantava da doença, bem ſe deixa comprender ſem lhe buſcarmos encarecimentos. E ſe huma boa, e ſanta vida aſſegura o fim della, grande enveja nos deve fazer eſte Padre com ſeu proceder, e com ſua velhice: com ſua morte, e atè com ſuas doenças.

Por illuſtre em ſantidade foy enterrado na Capella mòr Frey Joaõ Bragado irmaõ leygo. Que mais ſe pudera fazer ao meſmo Rey fundador, e padroeyro da caſa, ſe quizera entre nòs enterrarſe? Mereceo ſitio Real na morte quem vivendo naõ quiz

nu-n

nunca ſenaõ o mais infimo, e abatido lugar do ſeu Convento. E porque neſtes dous pontos de hum eſtremo de humildade de ſua parte: e de outro eſtremo de reſpeito, e veneraçaõ de parte dos que o enterraraõ, ficaõ cifradas todas as grandezas que puderamos dizer delle: poremos ſò aqui em memoria, pera que ſe naõ perca nunca a quem lhe devemos, o lugar de ſua ſepultura, que he debaixo donde antigamente eſtavaõ os orgaons.

CAPITULO XII.

Fundaçaõ do Convento de S. Domingos da villa de Guimaraens.

A Muito nobre, e antiga villa de Guimaraens berço dos primeyros Reys de Portugal, tronco, e fonte de grande parte da nobreza deſte Reyno: naõ ha duvida que foy hum dos primeyros lugares delle, que abraçou as duas Ordens dos dous grandes Santos, grandes amigos, e companheyros S. Franciſcó, e S. Domingos. Era morada de gente illuſtre, com quem ſempre tem lugar a virtude, ou por brandura, e devaçaõ, ou por cortezia, e ponto de honra: condiçoens todas que naturalmente acompanhaõ o bom ſangue: naõ podia em tal terra faltar gaſalhado aos profeſſores de vida ſanta. E aſſi como lho deraõ os moradores della com benignidade, e goſto, aſſi ordenou aquelle Senhor, que nenhum ſerviço feito a ſeus ſervos, por pequeno que ſeja deixa ſem galardaõ, que de huma, e outra Ordem viſſe Guimaraens dentro de ſuas caſas varoens ſantos, e gozaſſe ſua preſença, e doutrina (mimo, e favor grande do Ceo pera os lugares que o alcançaõ, ſe o ſabem conhecer, e eſtimar.) Mas ou foſſem cauſa as deſcompoſiçoens, e diſcordias que entaõ avia no Reyno entre os eſtados Eccleſiaſtico, e ſecular, e outras que foraõ logo ſeguindo, que largamente eſcrevemos atràs: ou a pouca poſſibilidade dos particulares pera emprender obras de grandeza extraordinaria: ſobejando o goſto pera eſtimar os hoſpedes de ambas as Religioens, e ſendo recebidos com muito amor, e largueza quanto à ſuſtentaçaõ de ſuas peſſoas, e aceitaçaõ de ſua doutrina, ſò o gaſalhado de caſas, e apoſento foy eſtreito, e pobre. Deraõ aos Franciſcanos hum pequeno Oratorio apartado da villa, onde pouco, e pouco foraõ engenhando ſeu recolhimento em fòrma de Moſteyro, que polo tempo em diante com duas mudanças vieraõ a ter em perfeiçaõ no ſitio onde hoje eſtà. Por mayor mimo recolheraõ aos noſſos dentro da villa, e no ſeu Hoſpital, que he caſa magnifica em edificio, e tratamento de enfermos. Naõ ſe eſpantaraõ os filhos de S. Domingos do gaſalhado, e companhia de pobres, antes a abraçaraõ com goſto, aſſi pola occaſiaõ que tinha de exercitar dobrada caridade com os enfermos quando vagavaõ horas da doutrina publica, como porque era regra que trazia de ſeus mayores, pera naõ ſerem peſados a ninguem em particular, buſcarem os hoſpitaes, aſſentarem nelles orando, vigiando, e celebrando como em caſa propria, pois era dos deſemparados do mundo: delles ſayrem a prègar, em quan-

F. Marcos na Chon. de S. Franciſco p. 1. l. 6. c. 30.

quanto faltava, ou se hia negoceando commodidade de Convento. Assi o achamos escrito por Frey Estevaõ Sanhalac na sua Cronica da Ordem acrecentada polo Inquisidor Mestre Frey Bernardo de Guido, e nas lembranças do Santo Frey Jordaõ Mestre Geral da Ordem: e em testimunho affirmaõ, que os primeyros Frades que o Padre S. Domingos inviou de Tolosa a Paris passaraõ muito tempo em hum hospital, que foy hum anno inteiro des do mez de Setembro de 1217 atè Agosto do seguinte, em que tomaraõ posse da Igreja de Santiago, donde lhes ficou o nome de Jacobinos. E o Mestre Frey Francisco Diago na sua Cronica da Provincia, e Frades de Aragaõ, escreve que na cidade de Barcelona andaraõ os nossos Frades desagasalhados, atè alcançarem a Igreja de Santa Caterina, em que edificaraõ Convento: e todavia assi mal tratados, e por casas empreſtadas guardavaõ fórma, e governo de Conventuaes, e tinhaõ Coro em que se juntavaõ a rezar, e orar, e sua separaçaõ pera os noviços que recebiaõ, e em huma destas deraõ o habito ao grande S. Raymundo. E o mesmo aconteceo a outros Frades nossos na cidade de Vicencia em Italia, como aponta o Mestre Frey Fernando de Castilho. E por naõ pendermos de exemplos estranhos onde os temos caseiros, muitos annos prègaraõ em Lisboa, e alguns em Coimbra primeyro que tevessem Convento formado, como a rezaõ està mostrando, e polo que atràs fica escrito parece claro: visto como nenhuma Religiaõ entrou nunca taõ favorecida em cidade alguma que no primeiro dia achasse Convento feito. Supposta esta verdade naõ fica de espantar que sendo o hospital de Guimaraens casa abundante de provimento, e de aposeento sobejo fizessem delle morada, como fizeraõ, por mais de quarenta annos. E naõ lhes faltou mais pera ser mosteiro de Dominicos que a propriedade. Porque a religiaõ andava tanto em seu ponto que em se juntando Frades, logo as cerimonias, e observancia da regra se mantinha riguroſamente. Aqui residia o Santo Frey Pero Gonsalves Telmo quando prègou por entre Douro, e Minho. Aqui recebeo ao habito a S. Gonçalo de Amarante, e a S. Frey Lourenço Mendes, como tambem recebeo por outras partes outros sogeitos segundo adiante se verà. Porque naquelles tempos nem avia termo preciso de noviciado, e provaçaõ, nem lugares determinados pera isso. Os que andavaõ prègando polo Reyno como entaõ se costumava (e chamavaõ a isto apostolar) levavaõ licença pera lançar o habito aos que achassem dignos. Porque convinha assi pera povoar os Conventos naquelles principios, e permittiao a pureza, e perfeiçaõ dos sogeitos. Os recatos que hoje se uzaõ (e saõ muy justos, e necessarios) fez inventar a malicia que despois foy crecendo. A este modo andaraõ prègando por todas as terras de alèm Douro S. Gonsalo apoz S. Pedro Gonçalves, e S. Frey Lourenço Mendes apoz S. Gonsalo. E deste hospital sahiaõ, e a elle tornavaõ: e quando se achavaõ juntos rezavaõ, e oravaõ juntamente horas noctur-

F. Estevaõ Sanhalac. M. Frey Bernardo de Guido M. Santo Frey Jordaõ.

F. Francisco Diago l. 2. c. 1. f. 104.

Castilho 1. p. l. 2. c. 69.

cturnas, e diurnas com obſervancia, e puntualidade de Santos. Provaſe eſta habitaçaõ continua (alem da conſtante, e publica tradiçaõ que em falta de eſcrituras tem baſtante credito) porque ſe pegou ao hoſpital o nome da Ordem de maneira que o titulo porque hoje ſe conhece, e nomea he de Hoſpital de S. Domingos: e como em caſa propria eſtà ſobre a porta, e entrada delle huma imagem do Santo pintada a freſco de tempo immemorial, e de feitio, e maõ, que dà teſtemunho claro de altiſſima antiguidade. E no retabolo da Igreja ſe vem a oleo outras duas, huma do Santo, e outra de S. Pedro Martyr. E ſobre o arco, a que eſte altar ſe encoſta parecem pintados ſeis Frades Dominicos que em Toloſa de França foraõ pelos hereges martyrizados. De ſorte que ſò em caſa totalmente da Ordem ſe podem achar tantos ſinais juntos della. Mas muito mais ſe confirma iſto com hum coſtume, a que ſe naõ ſabe rezaõ nem principio, de yr como vay todos os Sabbados do anno hum Frade do noſſo Convento dizer Miſſa ao meſmo hoſpital. E de todas eſtas couſas devia nacer huma opiniaõ que anda na Provincia, que a precedencia que o Convento de Lisboa tem do quarto lugar nos Capitulos Provinciaes lhe foy dada por Guimaraens: fundandoſe os que trataõ deſta materia em terem por certo, e averiguado, que em tempos atràs lhe correra ſempre a antiguidade, naõ do dia da fundaçaõ do Convento, ſe naõ do tempo que no hoſpital começaraõ a reſidir, e prègar, e continuar Frades da Ordem: como ſe achou ao certo que ſuccedera conſecutivamente des do tempo que S. Pero Gonçalves nelle entrou, atè que o Convento foy edificado: ſuccedendo S. Gonçalo a S. Pedro Gonçalves, e S. Frey Lourenço Mendez a S. Gonçalo: e he de ſaber que S. Frey Lourenço alcançou os tempos da fundaçaõ do Convento, e nelle eſtà ſepultado. Confirmaſe eſta rezaõ com o exemplo vivo que hoje temos de preceder o Prior de Guimaraens, como precede, nos actos publicos da Provincia ao de Elvas, ſendo aſſi que ſe a tal precedencia eſtribara nos annos preciſos do edificio de cada Convento, manifeſtamente era primeiro Elvas, pois tem anſianidade em fabrica quaſi quatro annos mais. E pois eſta lhe naõ valeo, ſendo a cauſa ventilada no Capitulo Provincial celebrado no meſmo Convento de Guimaraens no anno de 1532 ſendo Provincial o Meſtre Frey Jorge Vogado, nem noutro muyto deſpois no anno de 1585 em que foy Provincial o Meſtre Frey Hieronimo Correa, no qual ſe tornou a altercar a queſtaõ: claro fica que referiaõ aquelles Padres a antiguidade de Guimaraens aos principios que temos dito da prègaçaõ de S. Pedro Gonçalves, e de S. Gonçalo. E com eſtes naõ ha duvida que vencia Guimaraens tambem ao Convento de Lisboa em alguns annos, ſem embargo de ſer começado a edificar ao juſto dezenove annos deſpois. E por eſta conta poſſuhia juſtamente o quarto lugar na Provincia, o qual pode ceder, e cedeo a Lisboa, como a Convento que por grandeza, e ſitio he cabeça de todos

dos os mais do Reyno. Mas naõ pareceo juſto que cedeſſe tambem a Elvas: e por iſſo, dando a Lisboa o ſeu quarto lugar, ſe ficou no quinto, e Elvas tem o ſeiſto.

CAPITULO XIII.

Chama o governo de Guimaraens aos Frades de S. Domingos pera morarem na villa. Daſelhe ſitio: edificaõ Convento : apontaõſe os nomes das peſſoas que lhe acudiraõ com eſmolas.

DEzenove annos avia que o Santo Frey Pero Gonſalves gozava dos premios eternos, ſegundo a conta do Meſtre Frey Vicente Juſtiniano Antiſt, que diz faleceo no de 1251. E avia doze que o ſeguira ao Ceo o Santo Fey Gonçalo de Amarante, que acabou no de 1258, e o Santo Frey Lourenço andava em ſeu miniſterio Apoſtolico, prègando polas terras onde ſintia mais neceſſidade : quando a camara, e governo de Guimaraens, deſejando que os Frades de S. Domingos foſſem moradores de aſſento, e naõ ſò hoſpedes em ſua terra : ou por ventura temendoſe que naceſſe da continuaçaõ da morada do ſeu Hoſpital, averemſe por ſenhores delle : e tendo tratado o negocio com os Prelados mayores, em fim alcançaraõ no anno de 1270 que aceitaſſe a Ordem ſitio, e caſa formada na villa.

Entrava o mez de Dezembro deſte anno quando apareceraõ em Guimaraens o Prior de S. Domingos do Porto com outros tres Religioſos, (todos peſſoas de importancia) mandados pola Provincia pera a fundaçaõ pedida. Moſtrou o povo o goſto com que a pedira, e eſperava, no gaſalhado, e alvoroço com que os recebeo : e elles o que a Ordem tinha de agradar à villa, pois em tal tempo caminhavaõ. Ordenouſe que o Prior prègaſſe aos doze do mez pera que ſe ajuntaſſe o povo, e viſſem os Religioſos nos olhos, e ſembrantes de todos a vontade, e promptidaõ com que de todos eraõ deſejados. Ajuntouſe a terra no dia aprazado, ſem faltar homem, porque os do governo por fazerem o auto mais ſolene mandaraõ convocar os vizinhos com voz de pregoeiro. Prègou Frey Alvaro, que aſſi ſe chamava o Prior ; e acabado o Sermaõ propoz a rezaõ de ſua vinda, e de ſeus companheyros, que era ſerem chamados por carta da Camara pera edificarem Convento, e mandados a iſſo de ſeus mayores. Mas que ſobre tudo queria ſaber a vontade do povo, porque a primeira ordem que trazia era naõ começar nada ſem ſeu beneplacito. Sendo entendida a propoſta, naõ deraõ lugar a que foſſe o Prior com a pratica adiante, mas levantou toda a Igreja huma voz de alegria dando graças a Deos que os trazia, e ao Prelado que os mandava, e a elles que vinhaõ, e certificando que todos eſtavaõ preſtes pera ajudar a obra. Decido do pulpito achou o Prior nos que dantes o naõ tinhaõ viſto a meſma boa ſombra, e corteſia, dandolhe animo, e promettendo que naõ faltaria nada na terra pera terem muito brevemente hum fermoſo Convento : porque nenhuma avia em todo Entredouro, e Minho mais obrigada aos Frades de S.

Domingos pola memoria de dous taõ grandes Santos, como S. Pero Gonſalvez, e S. Gonſalo, que nella aviaõ vivido, tratado, e converſado como naturaes.

Tratouſe no meſmo dia em ſe buſcar ſitio: e apontando huns, e outros em differentes poſtos, atalhou as duvidas Joaõ Pirez Arrudo peſſoa principal da villa, offerecendo pera principio do Convento humas boas caſas ſuas. Sendo aceitadas, parecia que ſò hum inconveniente tinhaõ, o qual era eſtarem na parte mais povoada da villa: porque era de crer que averia contradiçaõ, ou difficuldade em ſe largarem as que mais foſſem neceſſarias pera a fabrica. Mas foy Deos ſervido de facilitar tudo de maneira, que antes alguns deraõ liberalmente o que por alli poſſuhyaõ. Outros por naõ ſerem vencidos em cortezia, ou davaõ dinheyro pera ſe comprarem as propriedades que eraõ neceſſarias pera largueza do Convento: ou offereciaõ outras pera ſe trocarem com os que naõ quiſeſſem vender. Hum Conego da Igreja Collegiada da villa, fidalgo honrado, a quem as memorias, que temos, chamaõ grande homem, e era ſeu nome Pero Soares, poſſuhia huma terra vizinha das caſas de Joaõ Pirez, e em lugar muy accommodado pera o Convento ſe eſtender atè junto da fonte que chamaõ da Cuba. Eſta pertencia juntamente a Maria Soares ſua irmam, com huma moenda que avia nella. Como ſouberaõ ambos o que paſſava na villa, naõ foy neceſſario ſerem rogados: deraõna livremente aos Frades, e deſpois lhes fizeraõ outros grandes bens, e eſmolas, como diremos adiante. Outro Conego de Braga, peſſoa tambem nobre, chamado Gonçalo Gonçalves Peixoto, deu humas herdades, e muyto dinheyro de contado pera ajuda da obra, ſem mais encargo que pedir aos Frades o encomendaſſem a Deos entre ſeus bemfeitores. Eſte Conego querendo ajudar tambem com alguma couſa perpetua o Convento, porque naõ podia receber proprios, quando fez teſtamento poz obrigaçaõ aos herdeiros de ſua fazenda, que todos os annos lhe mandaſſem cantar polos Frades deſta caſa huma Miſſa ſolene de Requiem, e que foſſe (ſaõ palavras formaes da lembrança) por dia de lava pès: e por ella ſe deſſem de eſmola cinco livras, que reſpondem na moeda preſente oitocentos reis a 160 reis por livra. Muitas outras peſſoas acudiraõ com groſſas eſmolas: que na verdade reyna na gente deſte lugar hum particular effeito de charidade com as Religioens: e a de S. Domingos o tem eſperimentado por todas as idades.

Aſſi crecia a obra: e a viſta della eſpertava novo goſto nos moradores de a verem ſobir, e adiantar; pera o que os que naõ tinhaõ dado nada abriraõ de boa vontade as bolſas, e traziaõ o que cada hum podia ſem ſerem importunados. E os que jà ſe tinhaõ offertado tornavaõ de novo com as maons cheyas, eſtimando ter mayor parte na caſa de Deos: que como era ſua, e feita com bençaõ, e aplauſo geral, naõ tardou muito em ſe acabar. Conſtanos que, ſendo começada na entrada do anno de 1271 reynando el Rey dom Afonſo III., teve fim ainda em ſua vida: 1271.

da: e por eſta conta naõ paſſou a fabrica de oito annos de trabalho, porque el Rey faleceo no de ſetenta, e nove.

Acabado o Convento naõ quiſeraõ os Religioſos que ſe acabaſſe a memoria das peſſoas, que mais particularmente ſe empregaraõ em favorecer, e ajudar a obra, e davaõſe por mais penhorados com os devotos, porque ſabiaõ que no edificio de Elvas, alem de intervirem braço, e eſmolas de Rey, acodio o Papa com graças eſpirituaes pera obrigar outros povos, e concorreraõ muitos Biſpos com as ſuas, os quaes he de crer abririaõ tambem os theſouros da terra, quando aſſi communicavaõ os do Ceo. Poſeraõ em lembrança os nomes de todos pera ficarem ſempre vivos, e ſabidos por meyo da Religiaõ, pera honra geral da villa, e particular dos parentes, e ſucceſſores. De maõ de Frey Joaõ de Braga os achamos eſcritos, que ſendo Prior do Convento no anno de 1410, replicou em hum breve tratado que colheo de memorias antigas o proceſſo deſta obra: no qual deſpois de nomear as peſſoas que atras apontamos, ajunta Gonçalo Gonçalves Cavalleiro da Roſa, e ſua mulher, e Orraca Anes, e dona Orraca Manteigada: as quaes chama donas, e Monjas de Lorvaõ: e dona Maria Monja do hoſpital de Chavo. E dizendo que muita outra gente principal ajudara a obra com particulares dadivas, dà em prova huma clauſula de huma eſcritura que diz andava em hum livro do tombo do Convento, autorizada com o ſello delle, e paſſada em nome do Prior, e Religioſos, cujas palavras formaes eraõ.

Damos a dona Joana Diz Padroeyra, e fundadora do lugar em que a Deos ſervimos, a Miſſa do Sabado de Santa Maria, e a Miſſa ſeſta feyra, e iſto pera ſempre.

E diz mais, que o nome deſta dona Joana andava eſcrito no livro da Calenda por obrigaçaõ que avia de lhe fazerem cada mez hum Aniverſario. E aponta de novo, que o Conego Pero Soares, de que atras falamos, ſe enterrou no Convento, e deu huma grande copia de dinheiro de eſmola no dia em que faleceo.

CAPITULO XIV.

Derribaſe o Convento. Dàſe conta da rezaõ que pera iſſo ouve: edificaſe de novo em outro lugar: fazſe memoria de algumas peſſoas de grande calidade que ajudaraõ a obra.

MAs eſte Convento começado com tanto goſto, proſeguido com tanta abundancia, e largueza, e acabado com tanta brevidade, que por todas as vias eſtava ao parecer prometendo perpetuidade, viraõ muitos dos que o ajudaraõ a levantar, poſto por terra dentro de cinquenta annos: e foraõ elles os meſmos que na ruina poſeraõ tambem as maons, e paſſou o caſo deſta maneyra. Começando a reynar el Rey dom Dinis pareceolhe couſa conveniente fortificar eſta villa com nova cerca de muros, ou alargando a antiga, porque tinha crecido muito em povo. E foy tal a traça, que veyo a muralha pegar com o Convento, e deixandoo de fòra, foy correndo ao longo da

da Igreja, e Capellas. Obra em materia de fortificaçaõ de todo ponto errada : porque ficou a Igreja com a viſinhança , feita padraſto do mundo como deſpois moſtrou o ſucceſſo. Paſſados alguns annos naceraõ deſgoſtos entre o meſmo Rey autor da fortificaçaõ , e o Principe dom Afonſo ſeu filho, e herdeiro , (infante era a lingoagem com que naquelle tempo ſe nomeava o Principe.) Apartouſe o Principe dos olhos de ſeu pay: a auſencia agravou os deſabrimentos , porque naõ faltavaõ atiſſadores do fogo da diſcordia (como he coſtume pera fins , e intereſſes particulares.) Parou o negocio em campos formados, cercos de terras, e em fim guerra rota entre pay , e filho. No diſcurſo della veyo o Principe com poder ſobre eſta villa. Defendeoſelhe com a lealdade que devia a ſeu Rey , e ſenhor vivo. Mas entaõ ſe manifeſtou o erro de quem traçou a cerca da villa, porque por cima da Igreja pretenderaõ os ſoldados do Principe entralla , apertandoa com duros combates, e pelejando de lugar igual, e quaſi pè a pè com os de dentro, pola commodidade que lhes dava a viſinhança , e altura da Igreja , e capellas : e aſſi eſteve arriſcada a ſe perder. Paſſada a guerra, cujos ſucceſſos naõ tocaõ a eſta Hiſtoria , mandou el Rey notificar aos Frades que dentro de hum anno paſſaſſem o Convento a outra parte, com apercebimento que ficaſſe taõ longe do muro quanto pareceſſe a Mem Rodriguez ſeu Meirinho mòr em Antredouro, e minho. Aſſi vieraõ a pagar os Frades a impericia dos engenheiros del Rey, e as paredes do Moſteiro os defeitos da muralha. Veyo Mem Rodriguez, poz baliſas, e ſinalou a diſtancia que ſe aviaõ de afaſtar. E porque naõ faltaſſe novo deſgoſto, querendo a Ordem começar ſua obra foy embargada polo procurador do Conſelho , e governo da villa, lembrados do perigo , e medo paſſado : e parecendolhe ainda demaſiada a viſinhança , ſe o Convento ficaſſe no lugar diſenhado, que he o meſmo em que hoje eſtà. Com eſte embaraço ſe dilatou a nova fabrica atè a morte del Rey dom Dinis ; e entrando no governo ſeu filho dom Afonſo Quarto mandou que ſe naõ innovaſſe nada no que Mem Rodriguez aſſentara, porque aſſi dava por reſalvado todo o prejuizo que a villa moſtrava temer. Com tal reſoluçaõ começou a correr a obra , e era novo , e laſtimoſo genero de trabalho, porque hiaõ desfazendo, e arruinando huns, e compondo, e alevantando outros. Compraraõ os Religioſos novas propriedades pera ſe alargarem contra o campo que chamaõ do Prepoſto: fizeraõ novas trocas com os vizinhos , e novos aſſentos com a Camara de caminhos , e reſſios do Conſelho que por alli avia : nos quaes aſſentos moſtraraõ todavia os do governo o reſpeito , e amor que tinhaõ à Religiaõ. Porque em final determinaçaõ deraõ licença que os Frades meteſſem dentro da ſua cerca a fonte da Cuba com os reſſios vizinhos , ſem embargo de algumas contradiçoens de peſſoas, que de huma, e outra couſa ſe queriaõ lograr.

Ainda que eſta tresladaçaõ do Convento foy de pouco goſto

to pera todos: e naõ conſta que el Rey, que a mandou fazer, a ajudaſſe com ſeu poder, acodio Deos, como coſtuma às obras de ſeu ſerviço: e fez que ſupriſſe neſta com ſua liberalidade dom Lourenço Arcebiſpo de Braga tomando à ſua conta grande parte della. Porque de ſuas eſmolas ſe fez o Coro, e a ſacriſtia, e a mayor parte da Igreja. Foy eſte prelado em grande eſtremo affeiçoado à Ordem, e continuo bemfeitor della, e atè dos Frades particulares.

A' imitaçaõ do Arcebiſpo ſe diſpoz tambem a nos ajudar hum Fidalgo de illuſtre, e antiga geraçaõ deſte Reyno, chamado Joaõ Afonſo de Briteiros. Eſte fez todo o lanço da parede da Igreja, que fica pera a rua: e a porta principal, e outras officinas dentro. Pagoulhe Deos a charidade por hum modo muito ſeu, ordenando que foſſe o premio della, deſpois de ter dado, e gaſtado muito com a Religiaõ, darſe tambem a ſi meſmo (grande merce, e grande miſericordia do Senhor, quando he ſervido inclinar vontades, e encaminhar traças pera tamanho bem: e tanto mayor quanto he menos entendido no mundo.) falecerlhe ſua molher no tempo que andava com as maons na pedra, e cal. Coſtumava a cal cegar, e a elle eſpertoulhe a viſta: determinouſe em ter parte na obra por melhor via: pedio o habito, e recebeo o de irmaõ leigo: e naquella humildade viveo, e acabou ſantamente. Repartio ſua fazenda que era muita, antes de profeſſar dando parte à Igreja de Noſſa Senhora da Oliveira, com obrigaçaõ de certos Aniverſarios, e outros ſuffragios perpetuos por ſua alma, e de ſua molher: e todo o reſtante deu ao Convento, que foy alem de ricos moveis, e peças de caſa grande, quatro caſaes, e o lugar que chamaõ de Caſa nova: o que tudo venderaõ, ou trocaraõ os Frades pera o empregarem em acabar o Convento. E ficara ainda ſem perfeiçaõ, ſe lhes naõ valera huma fermoſa erança, que alguns annos deſpois teveraõ de hum Biſpo de Burgos, o qual renunciando a Mitra por fugir das inquietaçoens, e eſcrupulos, em que toda Eſpanha andava envolta com ſciſma que eſtava levantada na Igreja Romana, por morte do Papa Gregorio Onzeno: entre Urbano Sexto verdadeyro ſucceſſor de S. Pedro, e Clemente Antipapa que em Avinhaõ de França ſe fazia chamar Clemente Septimo: eſcolheo pera ſua vivenda, e ſoſſego a cidade de Braga, onde faleceo, e deixou eſta caſa por ſua univerſal herdeira. O que principalmente mandou que ſe fizeſſe, foy huma livraria, pera a qual deixou deſde logo muitos, e bons livros. Empregaraõſe os Frades em trazer de fora a fonte que corre na craſta, e no lavatorio da Sacriſtia, que foy obra de muita deſpeſa. Fizeraõ tambem livros pera o Coro, e outras peças de que avia mais neceſſidade.

E porque a memoria da prègaçaõ de S. Pero Gonçalves, e S. Gonçalo, alem da honra, e gloria que rendeo à Religiaõ de S. Domingos, e a eſte Reyno, foy ſempre muy venerada do povo de Guimaraens, dandoſe por obrigado a celebrar com animo agradecido o beneficio eſpiritual

ritual que de ambos recebeo, inſtituyo logo duas Confrarias em honra ſua na noſſa Igreja: huma, e outra com particular altar. Da de S. Pero Gonçalves ſaõ adminiſtradores os officiaes da Camara, e elegem em cada hum anno os Mordomos que haõ de ſervir.

E pera mais veneraçaõ impetraraõ de Roma correndo os annos muitas indulgencias, que ſe ganhaõ polos que viſitaõ a ſua capella das primeyras veſperas atè as ſegundas. Procurou, e alcançou eſtas graças hum Fidalgo honrado, e natural da villa, que naõ he rezaõ ficar em ſilencio, por nome Pedraluares. Moſtraſe a grande antiguidade da confraria em hum particular favor com que ſe autorizou o altar, que foy ſer conſagrado (couſa que ha muytos annos ſe naõ coſtuma) do que perſevera a lembrança em ſabermos polo Breve Romano que as principaes indulgencias ſaõ concedidas ao dia em que foy ſagrado ſem embargo que tambem ſe ganhaõ em certas feſtas do anno. O ſitio deſte altar, e capella he o topo do cruzeiro da banda da Epiſtola.

Ficou no outro topo defronte dedicada a capella, e o altar ao bem aventurado S. Gonçalo com ſua imagem de vulto, e ſua confraria, e em fim como de Santo em todo pertencente ao tronco, e origem deſte Convento, e como Portuguez ficou em milhor lugar qual he o da parte do Evangelho. Mas andando o tempo pareceo que era devido eſte ſitio à Virgem glorioſa do Roſario: e o Santo lhe deu ſeu lugar ſendo mudado pera o meſmo que a Senhora tinha, e ficando por duas vias honrado, huma em lhe dar o ſeu altar, outra em ficar no da Senhora.

CAPITULO XV.

Vida, e milagres do Santo Frey Lourenço Mendes: com a notavel obra que acabou da ponte de Cavez.

PErtencem a eſte Convento como filhos da Religiaõ por meyo do gaſalhado que ella achou neſta villa deſde ſeus principios: e por receberem o ſanto habito no hoſpital della, habito de pobres em caſa de pobres, ou dous grandes Santos S. Gonſalo de Amarante, e S. Frey Lourenço Mendes. De S. Gonçalo diremos quando chegarmos aos annos em que lhe foy edificado Convento, aonde parece que mais juſtamente pertence, por eſte titulo, e polo mais principal de ter aly ſuas ſantas reliquias. De S. Frey Lourenço he aqui lugar proprio polas rezoens ditas, e porque neſte Convento morou ainda alguns annos, nelle faleceo, e nelle eſpera a reſurreiçaõ o deſpojo mortal de ſeu corpo. Foy Frey Lourenço de geraçaõ nobre, o apellido de Chacim apagado hoje, mas no tempo antigo bem conhecido, e aparentado com todo o bom do Reyno: como parece do livro de linhagens que nos deixou eſcrito o Conde dom Pedro. Tinha paſſado os annos da mocidade nas vaidades della entre goſtos da terra, e eſperanças de valer, que enlevaõ os animos nobres fazendolhe diſſo obrigaçaõ, e como erança de ſeus mayores.

En-

Entrava em idade perfeita, tocouo Deos ouvindo as prègaçoens do Santo Frey Pero Gonſalves: e offereceolhe outras eſperanças, e outros meyos de valer, outra Corte em que merecer, outro Rey a quem ſervir: deſcobriolhe as alquimias do mundo, repreſentoulhe a fineza do ouro do Ceo, e por galardoens duvidoſos, e fracos, premios certos, e immortaes. Tinha o entendimento livre, e naturalmente claro, e aſſentado: era o chamamento Divino, rendeoſe de todo coraçaõ, ficandolhe ſò hum peſar de cair na conta taõ tarde. Foiſe ao Santo, que polo que tinha exprimentado tambem no mundo, era bom meſtre de enganados: e ſuas prègaçoens como verdadeiramente Apoſtolicas, naõ offereciaõ aos ouvintes outros pontos nem outras ſutilezas, ſenaõ deſenganos. Brevemente ficou reſoluto no que lhe convinha, e com a meſma brevidade deixou tudo; e tomando da maõ do Santo o habito de S. Domingos, ficouſe algum tempo em ſua companhia.

Iſto he tradiçaõ muy antiga, recebida na ordem, e na villa, e confirmada com a pintura, que naõ ha muytos annos durava no primeiro retabolo do altar do Santo: o qual por ſer velho, e por curioſidade dos Confrades ſe tirou, pera dar lugar ao novo que hoje vemos. Era de ver nelle hum Frade todo proſtrado, e eſtendido por terra aos pès do Santo: e affirmaſe que foy retrato de Frey Lourenço Mendes, quero dizer do que por elle paſſou quando entrou na Religiaõ. E dizem que elle foy o que o mandou fazer em penhor da obrigaçaõ que reconhecia a quem lhe fizera tanto bem, que o trouxera da morte à vida, e do mundo a Deos: ou como quem jà entaõ fazia conta de ſe enterrar na morte aos pès do ſeu altar, e começava a fazer em ſombras, e pintura o que avia de ſer com effeito, e verdade. Tambem he tradiçaõ muy corrente que foy contemporaneo de S. Gonſalo no habito, e reſidencia da meſma villa, e hoſpital: naõ na idade, porque S. Gonſalo era velho, e elle muyto mais moço. Mas o que ſabemos de certo he, que como buſcou a Deos com animo determinado, aſſi ſe lhe entregou ſem querer mais nada da terra, e ſe abraçou com toda a auſteridade, e rigor de vida, caſtigando com ella, e com muyta dor de ſua alma os annos mal empregados da idade florida. Decia com humildade, e deſprezo de ſi ao centro da terra, e ſobia com ardentes deſejos, e oraçaõ continua ao mais alto do Ceo. Santo, e divino exercicio, que continuando por muitos dias lhe moveo o eſpirito a deſejar ver empregados nelle todos ſeus proximos: e tanto com mayor affeito da alma, quanto via a muyta rudeza dos homens daquelle tempo nas couſas da ſalvaçaõ, e a falta que avia de meſtres por toda a parte. Quebravalhe iſto o coraçaõ, e ſintia naõ ſer letrado pera poder remediar a todos. Mas conhecendo que naõ conſiſtia ſò o miniſterio da prègaçaõ em penetrar a alteza dos myſterios Divinos, e ſabellos dar a entender aos ouvintes: mas que era a principal parte della inſinar os principios da doutrina Chriſtam,

e o

e o que baſta pera negocear, e alcançar o Ceo: perſuadiaſe que tambem poderia merecer o nome do habito, que veſtia, ſe prègaſſe aos mais rudes, e mais neceſſitados: que deſtes he ſempre mayor o numero. Foy o inſtincto de verdadeira charidade, e a obra de verdadeiro humilde. Aſſi começou a buſcar polas aldeas os velhos ruſticos, e gente ſimples: aſſentavaſe com elles, inſinavalhes o que aviaõ de crer, como ſe aviaõ de confeſſar, como aviaõ de rezar, e encomendarſe a Deos. O' quanta rudeza ha neſtas materias, que importaõ tudo, entre muytos que ſe prezaõ de agudos, e ſabios em outras, que nada ſervem! Cuſtavalhe muyto trabalho desbaſtar aquelles entendimentos groſſeiros, e boçaes: mas o Senhor, que promette graça, e favor aos humildes, ajudavao de maneira que fazia notavel proveito pola terra: e conſolandoo com lhe moſtrar o fruyto animavao pera mais trabalhar. Bem he de crer que paſſaria neſte tempo outras fadigas, que ſe naõ quebrantavaõ o corpo, fariaõ ſeus tiros ao coraçaõ com pena, e tentaçoens apertadas: digo huns deſprezos dos parentes, huns rizos malicioſos, couſa propria dos que ſe eſtimaõ muyto, e cuidaõ que ſò acertaõ com os nomes das couſas. Chamando vileza àquelle pouco caſo, que Frey Lourenço por amor de Deos fazia de ſi, animo baixo, e apoucado, andar em taes exercicios de doutrina entre enxames de mininos, nas terras grandes: ou nas aldeas entre bandos de pobres gente ruſtica, e agreſte, pouco cortez, e pouco limpa. Provava o Senhor a ſeu ſervo por eſtes meyos; e achandoo fiel, e prudente, e em ſeu ſerviço conſtante, acodialhe com grandes, e extraordinarios favores. He couſa certa que diſcorrendo por todos os lugares de Antredouro, e Minho vio confirmada ſua doctrina com grandes milagres, dos quaes naõ chegou aos tempos preſentes a pontualidade dos modos, e numero, ſenaõ de muy poucos, chegandonos a certeza que foraõ muytos, como ſe verà polas memorias que ao diante apontaremos. Perſuadia, e aconſelhava hum dia a hum homem mancebo, que perdoaſſe certo agravo a quem conhecido de ſua culpa lhe queria pedir com humildade perdaõ, e deſde logo lho mandava pedir por elle. Perdeolhe o reſpeito o agravado dando feros por repoſta, e renovando com ira propoſitos de vingança. Diſſelhe o Santo que olhaſſe por ſi; que aquillo era obra do demonio em que andava reveſtido. Pagou a advertencia ſanta com ſegunda repoſta nada menos ſoberba que a primeira. Mas naõ eraõ bem paſſados tres dias quando o pobre ſe vio atormentado do enemigo infernal, e conheceo com ſeu mal a verdade do bom conſelheiro. Vemſe a ſeus pès com lagrimas, e vergonha; pede remedio, e alcançouo fazendo o Santo oraçaõ por elle. Deixouo logo o demonio livre: e aſſi deixou a muytas outras peſſoas, que atormentava, ſò com a voz, e imperio de Frey Lourenço. Da meſma maneira ſe eſcreve que obedeciaõ ao tacto de ſuas maons as enfermidades: e atè a meſma morte; o que ſe vio em dous ho-

homens que ſendo paſſados da vida, tornaraõ a ella por ſua oraçaõ, e merecimentos. E como tudo o mais que podemos contar em materia de milagres, fica ſendo de menos conſideraçaõ à viſta de mortos reſucitados, diremos ſòmente hum. Perdera hum pobre Clerigo a viſta de hum olho por caſo acidental: ſintia muyto a falta, perſuadioſe, polo que ſabia das grandes virtudes do Santo, que ſe lhe poſeſſe ſuas maons, receberia ſaude: foyſe a elle com eſta confiança, fezlhe ſua petiçaõ chea de fè, e naõ ſe enganou: porque dali tornou ſaõ.

Naõ devemos ter por menos milagre que os grandes a empreza que acabou da ponte, que chamaõ de Cavez. Andava prègando por aquellas partes; vio com ſeus olhos o trabalho, e perigo com que ſe vadeava o rio (e he o meſmo Thamega que muytas legoas adiante paſſa por Amarante por baixo de outra ponte obra de S. Gonçalo, que lhe deu o nome) rio groſſo de agoas, e furioſo a mayor parte do anno: conſiderou a neceſſidade que os naturaes tinhaõ de o paſſar a miude pera ſeus ſerviços: compadeceraõſe as entranhas que ardiaõ em charidade. Pareceolhe que ſe lhes deſſe remedio com huma ponte faria muyto ao caſo o bem temporal pera abraçarem o eſpiritual da doutrina. Acometeo a obra: deulhe Deos a graça com os poderoſos pera acodirem com eſmolas, elle acudia com a preſença, e com ſuas oraçoens, e taes oraçoens que ſegundo achamos em huma memoria eſcrita polo Doutor Frey Joaõ de Braga no anno de 1415: e acrecentada polo meſmo no de 1434 ſendo Prior neſte Convento, eraõ poderoſas pera fazer crecer o paõ, e o vinho aos trabalhadores: e quando faltava conduto metendo o bordaõ na agoa do rio, acodia o peixe, e ſe deixava tomar quanto o Santo queria, como tinha acontecido poucos annos antes, no meſmo rio, mas em differente paragem a S. Gonſalo quando lhe lançou a ſua ponte em Amarante. O que veremos em outra parte deſta Cronica em lugar proprio: ainda que muitos annos deſpois do ſuceſſo, por ſer aſſi forçado. E como tambem tinha ſuccedido, e primeiro que a ambos ao Santo Frey Pero Gonçalves Telmo na que fez ſobre o Minho, como adiante ſe dirà. Aqui diz a meſma memoria que foy o lugar onde o Santo Frey Lourenço reſucitou hum dos dous mortos que atràs contamos. Em fim a ponte ſe acabou de obra taõ firme, que dura atè hoje, e promete durar muytos mais annos.

CAPITULO XVI.

De hum myſterioſo caſo que aconteceo ao Santo Frey Lourenço em terra de Chaves, continuando o ſanto miniſterio da prègaçaõ.

EM muytas couſas outras ſe vio a valia que eſte Santo tinha diante de Deos: mas ſobre todas he celebrada huma em que ſua divina bondade moſtrou quererlhe fazer extraordinario favor: e por ſer tal me pareceo tresladar aqui a relaçaõ propria que della anda no Convento de Guimaraens, a qual polo que ſe deixa ver do pergaminho, em

que eſtà, he taõ antigamente eſcrita quaſi como paſſou o ſuceſſo. E tirada de verbo ad verbum diz aſſi.

SAnctus Frater Laurentius Menendius, qui in iſto quieſcit Conventu, fuit prædicator Apoſtolicus ſanctæ vitæ & doctrinæ, & in multis partibus huius regni gloriosè prædicauit. Eleemoſynis etiam acquiſitis pontem, qui dicitur de Cauez, fecit ædificare. Precibus ſuis & meritis coram Deo duos mortuos ſuſcitauit. Item cum apud oppidum de Chaues, ubi prædicabat, quadam die ambularet in agro cauſa ſtudendi & firmandi memoriam pro concione facienda, ſocio ſuo ſeorſim eum à longè attendente, quidam Angelus ad eum venit per viam, & in eodem loco, in quo deambulabat, illi tradidit quandam paruam arcam ligneam, quam afferebat, multis & varijs reliquijs plenam: & cum illam in manus eius reponeret, ſancto viro dixit: Hodie traditur in manus infidelium quædam ciuitas Chriſtianorum propter illorum peccata; & propterea tibi Deus has reliquias per me tradi iubet, vt illas ad tuum Conuentum reuerenter cuſtodiendas deferas. Quibus dictis, Angelus in eodem loco diſparuit: ſocius verò illius, qui à longe proſpiciens per planum & ſpatioſum agrum, iuuenem nouerat ad D. Laurentium accedentem, & cum eo loquentem: poſtquam deprehendit illum ab oculis ſuis ſublatum, abſque hoc quòd per aliquam viam reverteretur, miratus rei nouitatem a D. Laurentio quæſiuit poſtea, quisnam illum conueniſſet. Accedentem enim, inquiebat ille, proſpexi, ſed minimè poſtea diſcedentem. Ad hæc Beatus Laurentius, Quandoquidem, ait, Deus tibi oculos dignatus eſt aperire, vt diuinum illud cerneres ſpectaculum, dignabitur etiam, vt ego tibi occultum myſterium, quod mihi commiſſum eſt, reuelem. Scias, Frater, quod hodie traditur in manus Paganorum quædam ciuitas Chriſtianorum: & iuuenis ille, quem vidiſti, Angelus erat cæleſtis, qui mihi ex eadem infortunata vrbe hanc reliquiarum capſulam, Deo ita nobiſcum miſericorditer operante, tradidit. Et deinde illi ſacrarum reliquiarum capſulam, quam ſub pallio habebat, oſtendit.

Em vulgar tem a ſignificaçaõ ſeguinte.

O Santo Frey Lourenço Mendez, que neſte Convento eſtà ſepultado, foy prègador Apoſtolico, de ſanta vida, e doutrina, e prègou por muitas partes deſte Reyno com muito nome, e louvor. E com eſmolas que buſcou, e ajuntou, fez a ponte de Cavez. Por ſuas oraçoens, e merecimentos diante de Deos reſuſcitou dous mortos. Tambem lhe aconteceo na villa de Chaves, onde prègava, que paſſeando hum dia pola veiga della apartado de ſeu companheyro por occaſiaõ de hum Sermaõ que avia de prègar, e o andava paſſando pola memoria, chegou a elle como de caminho hum Anjo, e lhe entregou huma caixinha cheya de muitas, e differentes reliquias: e pondoa nas maons do Santo, Hoje, diſſe, entra em poder de infieis huma cidade de Chriſtaons polos peccados que nella ſe cometiaõ. E por iſſo te manda Deos entregar por mim eſtas reliquias, pera que as leves ao teu Convento, onde com reverencia eſtejaõ guardadas. E acabando eſtas palavras, deſapareceo. Mas o companheiro que dado que eſtiveſſe longe, como a veiga era cham, e limpa, notara a chegada do Anjo, e julgando ſer hum homem ordinario, o vira com elle falar, vendoo ſubitamente deſaparecido diante dos ſeus olhos, ſem tomar nenhum caminho da veiga, pareceolhe caſo peregrino; e maravilhado de tal novidade, perguntou deſpois ao Santo, que homem era o que alli fora ter com elle. Porque eu (dezia o companheyro) vi bem quando chegou a vòs, mas ao deſpedir naõ ſey por onde ſe ſomio, que o naõ pude mais ver. A iſto reſpondeo o Santo Frey Lourenço: Jà que o Senhor Deos foy ſervido de vos abrir os olhos pera tal viſta alcançardes, tambem o ſerà de vos eu deſcobrir o ſegredo do myſterio que ſe me fiou. Sabereis irmaõ, que hoje ſe perde, e entrega em maons de infieis huma cidade de Chriſtaons: e aquelle mancebo, que viſtes, era Anjo do Ceo, o qual me entregou eſta caixa de reliquias tirada da infelice cidade, por particular merce que o Senhor por ſuas miſericordias me quiz fazer. E

apoz iſto moſtroulhe a caixa que tinha debaixo da capa.

Grande altercaçaõ ha entre os eſcritores ſobre que cidade ſeria eſta, donde Deos foy ſervido ſalvar eſtas reliquias, pera honrar com ellas hum Convento de S. Domingos, e a villa de Guimaraens com honra, e credito de ſeu ſervo Frey Lourenço, a quem as mandou entregar. Mas como naõ ſabemos ao juſto em que anno as recebeo, todos os diſcurſos, e altercaçoens vaõ fundadas no ar. O Padre Frey Fernando de Caſtilho quer foſſe a cidade em Africa, e naõ lhe dà nome: ſendo aſſi que jà neſte tempo naõ avia nella lugar de importancia poſſuido de catholicos: porque toda era conquiſtada de Mouros. Mais provavel couſa he que foſſe na Syria, porque por eſte tempo a vinhaõ conquiſtando infieis. E huns dizem que ſeria Antiochia, outros Ptolemaida: e aſſi vaõ buſcando os annos em que ſe perderaõ eſtas cidades, pera os accommodarem ao tempo do ſucceſſo das reliquias. E a ordem direita devia ſer ſaber primeiro o anno em que as reliquias ſe deraõ, porque entaõ ficara facil de achar a cidade perdida correndo as hiſtorias antigas. Mas como naõ he poſſivel alcançarmos eſte anno, porque as memorias que temos o naõ eſpecificaõ, fica tambem perdido o trabalho de buſcar a cidade, viſto como cada dia hiaõ os enemigos ganhando muitas.

A memoria referida como fala em Convento do Santo, e nelle manda guardar as reliquias, moſtra que ja era edificado eſte de Guimaraens. E ainda que ſe podia entender por Convento na embaixada do Anjo a reſidencia de Frades, que de ordinario aſſiſtiaõ no Hoſpital, da qual, como atràs diſſemos, lhe ficou o nome de Hoſpital de S. Domingos: naõ ha duvida que o Santo vio em ſeus dias o Convento acabado. Porque nos conſta de ſua vida por huma eſcritura autentica aſſinada de ſua maõ, e ſellada com o ſeu ſello, como entaõ ſe coſtumava, no anno de 1279, no qual tempo era jà o Moſteyro edificado. A eſcritura temos hoje viva, e por abreviar a deixamos. A materia era partir as terras, em que aviaõ de prègar os Religioſos do Porto, e Guimaraens, pera ſaber cada Convento as que eſtavaõ à ſua conta. E fizeraõ a demarcaçaõ o Santo Frey Lourenço, e Frey Vicente Egas, ou Viegas, com os Priores Frey Joaõ Martins do Porto, e Frey Miguel Sueyro de Guimaraens, por mandado, e commiſſaõ do Provincial. Pola qual rezaõ como nos conſta a verdade da entrega das reliquias ao Santo, e que vivia deſpois do Convento acabado, e que as meſmas com a meſma caixa eſtaõ hoje nelle, fica o debate de lhe buſcarmos a cidade, donde vieraõ, mais curioſo, e pera goſto, que importante pera a Hiſtoria.

CA-

CAPITULO XVII.

Da fòrma, e feitio da caixa que o Anjo deu ao Santo Frey Lourenço: do numero, e calidade das reliquias que nella avia. Apontaõſe alguns teſtimunhos, que deraõ eſtrangeiros, da ſantidade de S. Frey Lourenço: e o ſitio em que eſtaõ ſeus oſſos.

A Caixa he da feiçaõ, e feitio de huma arca ordinaria, com ſua fechadurinha de lataõ na face: tem de comprimento hum palmo grande, e tres dedos: e de largura hum palmo menos tres dedos: e meyo palmo de altura. Levantado o tampo moſtraſe por dentro marchetada em partes, e em partes pintada, e eſtà repartida em eſcaninhos, e gavetas, e todas miudas conforme a eſtreiteza do lugar, e poſtas de maneira, que humas tem ſeus tampaõſinhos, outras correm como em eſcritorio. Por ellas eſtavaõ repartidas as ſantas reliquias, envoltas cada huma em ſeu ſendal: e os ſendaes de varias cores. Eraõ muitas em numero, e todas ſinaladas com ſeus rotulos (exceito algumas poucas que os naõ tinhaõ) de letra, e lingua Latina, couſa que me faz naõ pouco eſpanto, quando ſoſpeitamos que vieraõ de Aſia, ou Africa. E porque naõ nos fique nada por dizer, nem aos devotos, e curioſos que deſejar, nomearemos todas as que tinhaõ letra que ſaõ eſtas.

Do ſanto lenho da Cruz de Chriſto Noſſo Senhor. Das mantilhas de Chriſto quando era minino. Da pedra do ſepulcro de Chriſto. Da pedra donde ſubio aos Ceos. Do veo de Noſſa Senhora. Do ſepulcro de Noſſa Senhora. Dos Santos Apoſtolos S. Pedro, S. Joaõ, Santo Andre, S. Filippe, Santiago, S. Bertolameu, S. Mathias. Do Manà da ſepultura de S. Joaõ Evangeliſta. Da vara de Moyſes. Dos Santos Innocentes. De Santo Eſtevaõ primeyro Martyr. S. Sebaſtiaõ. S. Lourenço. S. Bras. S. Jorge. S. Veriſſimo. S. Hypolyto. S. Paulo Martyr. S. Crecenciano. Santo Eugero. Do habito de S. Pedro Martyr quando o mataraõ. De S. Silveſtre Papa. S. Martinho. Santo Agoſtinho. Santo Ambroſio. S Franciſco. S. Domingos. S. Hieronymo. S. Bento. S. Bernardo. S. Roberto. Do Abbade Moyſes. Oſſos de Santa Maria Magdalena. De Santa Urſula. De algumas das Onze mil Virgens. De Santa Luzia. Santa Ines. Santa Cecilia. Santa Juſtina. Santa Comba. Santas Juſta, e Rufina. Santa Brigida Virgem. Santa Clara. Huma ambula do oleo que mana do ſepulcro de Santa Caterina Martyr. Outra do que mana da ſepultura de S. Nicolao.

Trouxe o Santo Frey Lourenço a ſua caixa pera o Convento, como lhe foy mandado; collocoua na ſacriſtia em lugar decente. E porque as grandezas de Deos he bem que ſe publiquem: manifeſtou eſta pola terra, dando moſtra das ſantas reliquias: e ao propoſito amoeſtando os povos ao temor de Deos, com o caſtigo da cidade que deſemparara: e ao ſeu amor com a merce de mandar aquelle theſouro a Portugal. Naceo da publicaçaõ mandarem os vizinhos de Chaves levantar hum pa-

padraõ no meſmo lugar em que o Santo recebeo a caixa, e pintar nelle por memoria o ſucceſſo: como tambem ſe pintou entaõ na Igreja do Convento, em huma parede junto ao altar de Noſſa Senhora do Roſario. Mas porque os Religioſos advertiraõ que algumas das reliquias ſe eſpalhavaõ, e corriaõ riſco de ſe perderem pola continuaçaõ com que eraõ buſcadas, e viſtas de muita gente, admirada tanto da calidade dellas, como da maravilha com que vieraõ; determinaraõ com ſanto zelo ſegurallas. Pera o que o Doutor Frey Joaõ de Braga, ſegundo elle meſmo refere, ordenou humas taboas grandes que ſe cerraõ como livro, nas quaes as foy aſſentando cada huma em ſeu nicho, com ſuas vidraças ſobrepoſtas, e guarnecidas de prata, e ouro pera decencia, e arrecadadas com firmeza pera reſguardo. E aponta eſte Padre, que o ouro, e prata, e o cuſto do feitio recebeo do Padre Frey Pedro de Freitas, que o devia procurar por gente devota, ou avello dentre ſeus parentes (como deſte apelido florecia entaõ muita nobreza) e por taõ boa diligencia nos pareceo que merecia ſeu nome naõ ficar fòra deſtas memorias.

Sendo taes as obras de S. Frey Lourenço, e elle por ellas taõ digno de lembrança, he muito de ſintir naõ termos nenhuma de como, nem quando, nem onde acabou ſeus Santos dias. Rudeza grande (que naõ tem outro nome) igual culpa, e ingratidaõ daquella idade. E tambem ſe perdera a de ſeus ſantos oſſos, ſe o Senhor, que ſempre foy cuydadoſo de honrar atè a terra fria dos que o bem ſervem, os naõ fizera celebres, e eſclarecidos, como fez, com muitos milagres. Trouxeraõnos conſigo os Frades na tresladaçaõ do Convento; e por maõ do meſmo Doutor Frey Joaõ de Braga tantas vezes nomeado os paſſaraõ, ſegundo elle nos deixou eſcrito, a hum archete de pedra que encaixaraõ em huma parede da Igreja junto a hum altar, que entaõ avia de S. Bras. Aqui enſinou a devaçaõ ou a neceſſidade aos que ſe queriaõ delles valer, hum meyo pera os gozar: que foy darem hum furo na pedra que a penetra dentro, e por elle os tocavaõ com a ponta de huma vara, e achando remedio recebiaõ tambem conſolaçaõ. Com tudo pelo tempo em diante pareceo indecencia, e pouca fè inquietar as reliquias ſantas; e pera ſe evitar, trataraõ os Religioſos de as paſſar a lugar mais alto. E aſſi parecem agora ſobre o alto do retabolo, e altar do glorioſo Santo Thomas de Aquino, aonde as fez tresladar hum devoto em outro novo archete bem lavrado, e dourado, e com ſua letra que declara o nome do Santo. Em huma lembrança achamos, que no primeiro Convento eſtavaõ junto ao altar de S Pero Gonçalvez. E por outra ſe moſtra, que quando o Padre Frey Joaõ de Braga accommodou nas taboas as ſantas reliquias da caixinha do Anjo, deixou de fòra em huma arca guardadas algumas que lhe naõ couberaõ, e poz com ellas muitas outras das onze mil Virgens, e de alguns Santos mais, as quaes trouxera de Colonia o Doutor Frey Afonſo do Rego: e juntamente parte de huma queixada

do

do Santo Frey Lourenço ; que quiz deixar de fòra pera conſolaçaõ de ſeus devotos.

Mas em falta das mais memorias que deſejamos, e poderamos ter por via de noſſos naturaes, deſte Santo, temos conſolaçaõ de referir as que fizeraõ os eſtrangeyros: as quaes aſſi como ſaõ prova de ſua charidade, tambem o ſaõ da força que lhes fazia a fama que delle voava. O Meſtre Frey Joaõ Theutonico no livro que compoz dos varoens illuſtres da Ordem de S. Domingos, tratando dos Santos Portugueſes, diz delle humas breves palavras, cuja ſignificaçaõ he:

Frey Lourenço prègador muy famoſo naõ ſomente reſplandeceo em ſciencia, e em ſantidade de vida, mas tambem teve particular graça contra os Demonios.

Conhecida he no mundo por couſa inſigne a Abbadia de S. Victor de Paris de Conegos Regulares. Na livraria della, que tambem he couſa inſigne, ha hum grande catalogo de Santos de todas as Ordens: e entre os de S. Domingos eſtà nomeado o noſſo S. Frey Lourenço com huma curioſa declaraçaõ, que he dizer que ſua imagem ſe coſtumava a pintar arrimada a hum loureyro: o que parece ſer alluſaõ do nome Lourenço. Bem coconhecido devia ſer onde com tanta particularidade ſe tratava delle. E polo contrario em ſua patria he taõ peregrino, que alem de naõ acharmos o ſucceſſo de ſua morte, ignoramos muyta parte de ſua ſanta vida, em que naõ podia deixar de aver outras couſas grandes. Mas iſto he magoa ſem remedio, e em que avemos de cair muytas vezes, e em cada convento. E pola naõ acrecentarmos com a queixa, paſſemos adiante, e vejamos ſe achamos memoria de outros filhos deſte Convento (quando naõ ſeja, como naõ pode ſer, dos primeiros tempos) ao menos de alguns mais chegados a nòs.

CAPITULO XVIII.

Da virtude, e ſanto fim de alguns filhos deſte Convento.

POr Illuſtre varaõ, e filho deſte Convento nos conta o Meſtre Frey Antonio de Sena a Frey Gonçalo de Guimaraens Meſtre em Theologia, e prègador famoſo, que floreceo polos annos do Senhor de 1520. Contaſe delle que era taõ pontual, e continuo nas obrigaçoens principaes de Religioſo de S. Domingos, que ſaõ altar, Coro, e pulpito, que tratando algumas vezes da morte, dezia, que em hum deſtes tres lugares avia de ſer a ſua. E foy genero de profecia; porque eſtando hum dia ſaõ, e valente, tendo dito ſua Miſſa, e aſſiſtindo no Coro em huma ſolene, que ajudava a cantar de feſta principal, ſuccedeo que o prègador, a quem eſtava encomendado o Sermaõ della, teve hum mal ſubito, e taõ forte, que ficou impoſſibilitado pera o fazer. E era o defeito grande pera qualquer dia, quanto mais em ſolemnidade. Naõ avia de quem valer com confiança, ſenaõ de Frey Gonçalo. Mandoulhe o Prior que acodiſſe a ſuprir a falta. Naõ fez elle mais que tomarlhe a bençaõ, e yrſe ao pulpito. Subido nelle tomou por tema: *Gaudent in Cœlis animæ Sanctorum.* Tema, que nem

M. Frey Anton. de Sena na ſua Cronic. f. 303. 1520.

nem vinha a propoſito do dia, nem dezia com a occaſiaõ de o fazerem tomar o trabalho extemporaneamente. Mas parece que foy eſpirito do Senhor que o chamava: porque como ſe eſtivera à viſta da gloria, que gozaõ os bemaventurados, começou a tratar dos bens, e felicidades della, e foy deſcorrendo com pontos taõ levantados, e conſideraçoens taõ devotas, com tamanhos encarecimentos de ſaudades da preſença, e viſaõ beatifica do Senhor, que engolfado na ſuavidade do que dezia, e ſintia, ſe ſuſpendeo a ſi, e aos ouvintes nella, de ſorte que encantados todos como ſe fora a muſica que dizem das Sereas, nem elle ſe fartava de dizer, nem elles canſavaõ de ouvir: e quando concluhyo entaõ lhes parecia que começava. Aſſi foy geral o eſpanto, e devaçaõ que cauſou em todo o genero, e eſtado de gente. Mas pera elle foy canto de ciſne, porque ſubitamente ficou taõ enfraquecido que foy neceſſario virem Frades tirallo do pulpito, e levaremno em braços pera a cella. Pareceo logo o acidente mortal, e creceo o mal com tanta preſſa, que dentro de dous dias ſe foy gozar dos bens que taõ vivamente ſoube repreſentar, e ſe lhe repreſentaraõ. Diz delle o eſcritor referido que teve algumas couſas quaſi milagroſas. E a preſente bem merece o nome: porque ſe conſideramos o que em vida dezia, e o que lhe aconteceo na morte, morreo huma ſò morte, e eſta juntamente nos tres lugares que apontava: porque do altar, onde pola manham eſtivera, deceo pera o Coro, do Coro ſubio pera o pulpito, e do pulpito pera a ſepultura.

Por differente carreira fez o meſmo caminho outro Frey Gonçalo chamado de Santa Maria, e filho tambem deſte Convento. Sendo grande homem de oraçaõ ſobre outras virtudes de que era eſpelho, perſeguiao o demonio viſivelmente quaſi a toda hora, porque em todas o achava orando. Que como a oraçaõ naõ ſeja outra couſa ſe naõ hum levantamento da alma a Deos com deſejo de o ſervir, amar, e gozar (oraçaõ que todos podem ter com facilidade, e todos deviamos continuar ſem ſe nos paſſar momento iſento della) o enemigo, que nenhuma couſa mais aborrece, fazialhe fortes perrarias polo divertir della. E o bom Religioſo andava taõ embebido no ſanto entretimento, que naõ tinha outra vida: e dos inſultos do enemigo fazia taõ pouco caſo, como ſe foraõ cocos de mininos. E todavia eraõ terribeis os medos com que o acometia, e procurava inquietar; mas ficava ſempre vencido. Naõ nos deixaraõ eſcritas particularidades os que diſto eſcreveraõ: ſò arrematarõ dizendo que ſendo ſempre vencedor de taõ forte contrario, venceo tambem longos annos de vida, e no cabo ſe foy gozar da eterna com claros ſinaes que era chamado do Ceo pera ella.

Naõ era menos Religioſo hum irmaõ leigo filho do meſmo Convento, cujo nome eſtando eſcrito no livro da vida naõ foy Deos ſervido que o ſoubeſſemos pera o podermos eſcrever neſte. Tinha corridos ſeſſenta annos de profeſſo, e de muyto bom ſerviço na Religiaõ, quando viſitando hum dia na vil-

la

la a hum Clerigo amigo ſeu que morria, lhe diſſe em modo de conſolaçaõ, e eſperança de ſaude, mas com eſpirito profetico: ſegundo logo ſe vio: Ora Padre, bom animo, que aſſi como fomos amigos em vida, avemos de ſer companheiros na morte, e enterrados no meſmo dia. Naõ eſtava jà o Clerigo em eſtado de ſe alegrar com o que parecia boa nova, viſta a boa ſaude de quem lha dava, e ſua ſantidade, com que muyto ſe acreditava. Era velho, e a enfermidade mortal, acabou dentro de dous dias. Deuſe recado no Convento. Sahyo a Communidade pera o acompanhar à ſepultura: tomou ſua capa o leigo, e foyſe com ella, que andava bom, e rijo: e tal ſe levantara aquella manham. A poucos paſſos chegouſe ao Prior, pediolhe licença pera ſe tornar, dizendo que ſe ſintia abalado, e temia algum acidente. Como era taõ velho que paſſava de oytenta annos, pareceo bem recolherſe logo. Tornando a Communidade pera caſa, viſitouo o Prior, e achouo em eſtado, que naõ ouve mais lugar, que pera breve confiſſaõ: e ſendo abſolto das culpas, juntamente o foy das priſoens da carne. Aſſi veyo a ſer ſepultado com ſeu amigo no meſmo dia.

Naõ he rezaõ ficarnos por dizer, porque redunda em gloria deſte Convento, que foraõ os Padres delle fundadores de outros dous nos tempos adiante, que a Ordem aceitou em Villa Real, e Amarante, como veremos em ſeus lugares proprios. Nem menos pode eſquecer a religioſa conformidade, que de tempos antigos ſe guarda, e mantèm entre os Conegos da Igreja de Noſſa Senhora da Oliveira, e os Frades do noſſo Convento, e do de S. Franciſco. Falecendo qualquer Religioſo em S. Domingos, dàſe recado ao Cabido, e a S. Franciſco: acodem com pontualidade, e como ſe foraõ Frades noſſos fazem no Dormitorio o Officio da Commendaçaõ. Logo levaõ o defunto à Igreja dous Conegos, e dous Frades de cada ordem, e os mais acompanhaõ com ſuas vèlas nas maons, e aſſiſtem no officio da ſepultura. No dia ſeguinte torna o Cabido à Igreja, e canta hum Nocturno, e Laudes com ſua Miſſa polo defunto: e nelle aſſiſte tambem a Communidade de S. Franciſco. A meſma correſpondencia ſe tem do noſſo Convento com elles: e importa muyto eſta liga, e irmandade pera conſervaçaõ de paz naõ ſòmente entre as Religioens, e o Clero, mas pera com ſeu exemplo acodirem às deſavenças, e enemizades que ſucedem entre os moradores, e como de maõ commum porem remedio nellas.

CAPITULO XIX.

De outras antiguidades que ha neſte Convento dignas de memoria: e da grande devaçaõ que a villa, e comarca tem com S. Pedro Martyr, e Santa Caterina de Sena.

ORdinario he nos Conventos da Ordem edificarſe juntamente com a Igreja Altar, e Capella de Noſſa Senhora do Roſario, como atràs deixamos apontado. Mas as Confrarias naõ ſaõ igualmente antigas: em humas partes começaraõ primeiro,

ro, em outras deſpois. Neſta villa ſe celebra eſta feſta polo mez de Mayo com ſolens prociſſoens publicas, e extraordinarias alegrias: e he couſa taõ antiga, que ſe lhe naõ ſabe principio. Na Confraria, que he mais moderna, entra toda a nobreza da terra: e a Capella tem particulares graças que foraõ impetradas de Roma por hum Religioſo deſta Provincia, peſſoa de muita autoridade, e Meſtre em Theologia chamado Frey Gaſpar de Lamim.

Mas a feſta de S. Pedro Martyr he couſa ſabida que começou neſta villa juntamente com o Convento, e capella que nelle tem: celebravaſe com prociſſaõ publica, e muitos gaſtos: e era tamanho o concurſo do povo de toda a comarca, e outros lugares viſinhos, e atè de Galiza, que avia no meſmo tempo, e hora duas prègaçoens em lugares diſtintos. Saõ de ver humas palavras da bula de indulgencias que o Papa concedeo ao ſeu altar, que teſtemunhaõ bem eſta devaçaõ, e dizem aſſi.

CVpientes vt capella Sancti Petri Martyris ſituata in Monaſterio Sancti Dominici Ordinis Prædicatorum in Vimarenenſi Barcharenſis diæceſis, ad quam certis anni temporibus, ſicut intelleximus, ob Dei & ipſius Beati Petri devotionem, reverentiam, & honorem, tam longinquarum, quam proximarum confluit partium populi multitudo magna, congruis honoribus frequentetur, & à Chriſti fidelibus iugiter: ac vt fideles ipſi eo frequentius deuotionis, orationis cauſa confluant ad eandem, nec non ad ipſum Monaſterium, in cuius immunitate dicta capella ſituata eſt.

Eſtava freſco, e como correndo ſangue na memoria dos homens o martirio do Santo: e eſtava a fè na Chriſtandade de Portugal mui pura como ſempre, e ſem labeo; era grande o fervor de devaçaõ com quem por ella dera a vida. E como os Santos ſaõ agradecidos, naõ faltava com milagres, e ſocorros do Ceo aos devotos, como tambem fazia por outras partes. Aſſi lhe foraõ levantando por toda Eſpanha Ermidas, Capellas, e Altares. E em Guimaraens era venerado por todo o diſcurſo do anno: e ainda que veyo a faltar polo tempo em diante a gente de fòra, com tudo a da villa continuou ſempre com o reſpeito do Santo coſtumado; e a eſſa conta quando ſuccede fazeremſe na terra algumas prociſſoens pera alcançar de Deos ou agoa pera as novidades, ou ſerenidade de tempo pera a terra, tiraõ os Frades nellas a imagem do Santo. Tem a ſua Capella mui boa renda, que lhe foy deixada por Alvaro Pereira Irmaõ do famoſo Condeſtabre dom Nunalvares Pereira, e por Gonſalo Pereira ſeu parente, que ambos eſtaõ nella ſepultados: e conſta

que

que elles foraõ os que lhe impetraraõ de Roma as graças de que gozaõ os que a viſitaõ.

Naõ podemos negar eſtarmos em grande divida ao povo deſta villa pola affeiçaõ que tem aos Santos da Ordem. Porque celebrando com tanta vontade, e obras, como temos dito, a S. Pedro Martyr: paſſaõ com muitas ventagens na memoria de Santa Caterina de Sena. Temna os moradores da villa, e de toda a comarca por ſua particular avogada, e padroeira, deſdo dia que a fama de ſua ſantidade chegou a Portugal. A Confraria he ſervida ſempre polos melhores da terra, ſeculares, e tambem Eccleſiaſticos: e he ordinario andarem em competencias a quem ſayrà com mais cuſtoſa armaçaõ na Igreja, com melhores invençoens na prociſſaõ, que tambem he publica por toda a villa. A feſta ſe celebra o primeiro Domingo de Mayo, com numero infinito de povo que a ella acode. Mas o que devemos eſtimar, e louvar muyto na gente deſte grande lugar he, que ſendo as feſtas temporaes, que em honra, e reverencia dos Santos fazem, todas de muyto cuſto, e concerto, de nenhuma maneira ſe eſquecem das eſpirituaes, porque pera todas ſabem procurar ſuas indulgencias; e as deſta Confraria ſaõ deſdo tempo do Papa Sixto Quarto que foy no anno de 1474. O Altar da Santa he viſitado eſte dia, e noite com tanta continuaçaõ, que a Igreja eſtà ſempre cheya a toda a hora. Os perdoens, que ſe ouveraõ pera o dia da feſta, ſe ganhaõ tambem em outros tres do anno, que ſaõ feſta feira de Endoenças em memoria das chagas que o bom Jeſu em tal dia por ſalvaçaõ dos homens recebeo, e deſpois por particular favor à ſua ſerva communicou. Os outros dous dias ſaõ tambem muy a propoſito do eſpirito da noſſa Santa. Hum he o de Santa Maria Magdalena: e outro o de Santa Caterina Martyr. A huma chama a Igreja Apoſtola dos Apoſtolos: a outra foy meſtra de Doutores.

Eſtà o Altar, que ſe viſita, no meyo do corpo da Igreja encoſtado a huma coluna. E ſe iſto acontecera de propoſito, por feyto o deramos com acertado conſelho: porque he tamanha a frequencia, com que he viſitado, que ſe naõ podera revolver o povo quando eſtevera em outro ſitio ou Capella por grande que fora. E em teſtemunho deſta devaçaõ ſerà bem dizermos o que ſe vè aqui em hum dia celebre do anno. Ha hum voto antigo deſtas comarcas, polo qual vem as Freguezias juntas com ſeus Parrochos, e Cruzes viſitar a inſigne Igreja de Noſſa Senhora da Oliveira, na primeira feſta feyra da Coreſma, à qual por eſſe reſpeito deraõ nome da feſta feira das Cruzes: e todas as que vem de parte que façaõ caminho por junto do Convento, e outras muitas, aſſi como vem em prociſſaõ entraõ pola noſſa Igreja ſò a fim de viſitarem o Altar da Santa: e naõ lhe parece àquella ſimplicidade bemaventurada que cumprem baſtantemente com ſua devaçaõ, ſe de paſſagem naõ fazem tocar as Cruzes na Imagem da Santa. Eſta Imagem he de pintura, e eſtà em hum retabolo alto, e levantado do altar: he taõ gran-

de como a natural. Moſtrou o pintor nella tudo quanto a arte pode alcançar de perfeiçaõ em repreſentar hum roſto juntamente grave, e fermoſo, e nelle hum animo, e affeito devotiſſimo: partes que grandemente arrebataõ as almas que alli a vaõ buſcar por avogada, e remedeadora de neceſſidades. Tem defronte hum devoto Crucifixo, em que eſtà toda enlevada recebendo as chagas. Aſſi naõ ſe ſabe a gente ſair da Igreja, nem apartar do altar, quando à viſta da pintura conſideraõ o eſtremo de virtudes que reſplandeceo no original: e logo ſe lembraõ dos beneficios geraes, e particulares que cada peſſoa ou exprimentou em ſua caſa, ou ouvio contar nas de ſeus viſinhos, e conhecidos, que ſaõ em grande numero: e tudo ajuda a afervorar, e acender a devaçaõ. Diremos alguns no ſeguinte capitulo pera honra da Santa, e argumento da fè, com que neſta villa he venerada ſua memoria.

CAPITULO XX.

De alguns Milagres de Santa Caterina de Sena, que ſe viraõ neſte Convento.

FOy inſigne milagre, e com que a Santa fez eſclarecido o poder que ſua interceſſaõ tem diante de Deos, hum em que tambem ſe vio o muyto que val a fè de quem ſabe pedir. Trazia huma molher (e naõ era das mais humildes do lugar) huma inchaçaõ ſobre os narizes fea, e crecida a modo de grande lobinho, que lhe cobria os olhos, e tomava a teſta com desformidade tal, que era couſa medonha, e nogenta (tevera principio de huma nacida que poucas vezes tem boa cura, chamalhe a cirurgia *Noli me tangere.*) Fogia a gente della: e naõ avia animo taõ compaſſivo, e maviofo, que lhe teveſſe os olhos direitos. Era polos annos do Senhor de 1596 Vendoſe ſem remedio, e aborrecida da vida, tratou do melhor, e ultimo, que devera ſer primeiro: foyſe à Santa, prometeolhe huma novena diante do ſeu altar: comprioa pontualmente: e a Santa, lha pagou bem, porque no derradeiro dia eſtando diante della em oraçaõ ſe lhe deſpegou, e cahyo no regaço toda aquella inchaçaõ, e carnaça pendente: e foy pera ſua caſa ſam, e livre do pejo, e tormento que ſintia, e do aſco que a todos fazia.

Huma devota da Santa tinha huma filha minina doente de muito tempo de hum mal taõ pouco entendido que nenhum medico atinava com elle: nem avia remedio, que lhe valeſſe, provandoſe muytos, como ſe aplicavaõ ſem conhecimento da cauſa. Determinouſe em pòr a cura de todo ponto nas maons da ſua Santa: deſpede medicos, vaiſe ao Convento, mandalhe dizer huma Miſſa cantada. He couſa certa que no meſmo dia lançou a menina huma cobra, que ſendo medida era jà de quatro palmos; e ainda que muyto delgada, deviſavaõſelhe polo lombo ſinais de conchas. Tornou logo ſobre ſy a enferma, e naõ ſintio mais doença.

Da meſma devaçaõ uſou outra pobre molher, e taõ pobre que vivia de vender peixe na pra-

praça. Tendo huma filha cega de cataratas, e faltandolhe poſſibilidade pera pagar a quem lhas tiraſſe, offereceoa com huma Miſſa à Santa, e com confiança que ella faria o officio do catarateiro. E naõ ſe enganou; que de ſeu altar levou a cega pera caſa com viſta perfeita.

Eſtranho, e eſpantoſo caſo foy, que andando hum minino de mama com humas moedas de cobre na maõ, como eſta idade tudo leva à boca, engolio huma das mayores que nos tempos paſſados valia des reis, e agora val tres. Ainda que por entaõ naõ ſintia dano, tinha a mãy por certo que naõ poderia viver longo tempo. Fazia continua oraçaõ à Santa pedindolhe remedio. Alcançoulhe ella de quem tudo pode tal, que a cabo de hum anno lançou o filho a moeda ſem nenhum dano.

No anno de 1597 andava na villa huma molher natural della, que vivia de eſmolas, e de muytos tempos atràs era taõ aleijada, que a raſto hya buſcando polas ruas o remedio de ſua ſuſtentaçaõ. Chegandoſe a feſta da Santa, que eſte anno cahyo aos quatro de Mayo, determinouſe em lhe fazer dizer huma Miſſa, e encomendarlhe a miſeria de ſua vida: arraſtouſe por todas as ruas, como ſohia, pedindo eſmola pera ella: e tirando da boca pera acodir à ſua devaçaõ, foy couſa viſta por todo eſte povo que a conhecia, e celebrada com geral eſpanto: acabada a Miſſa, ſe lhe acabou a aleijaõ, e ſe levantou em pè direita, e ſam, e aſſi foy pera ſua caſa.

Duas molheres ambas enfermas dos peitos de maneira que huma naõ podia viver de dores (eſta era molher de Gaſpar Alvares de Almim): a outra eſperava acabar de preſſa, porque ſabidamente tinha jà cancro. Socorreraõſe a Santa, e ſem outra medecina alcançaraõ perfeita ſaude.

Naõ eſpantou menos, nem he menos de notar o que agora diremos. Cahio do alto de huma torre do muro da villa (chamaſe a torre de S. Domingos) hum pobre homem, e quebrou huma perna de ſorte, que os oſſos dentro ſe lhe fizeraõ todos naõ ſò em pedaços, mas quaſi em pò, e como arêa: deſpois de gaſtada a ſuſtancia da fazenda com cirurgiaens, e varias curas, ficou pendurado ſobre humas muletas, e aſſi paſſava com muyto trabalho. He morte pera os pobres vida ſem ſaude, faltando pès, e maons pera ganhar a mantença. Encomendouſe à Santa com muita eficacia: reſucitou deſta morte por ſeus merecimentos: e ficando de todo ſaõ, e valente, offereceo em memoria do beneficio as muletas ao Altar, e nelle eſtiveraõ muito tempo dependuradas, fazendoſe pregoeiras do trabalho, e remedio de quem as deixou, e do valor da Santa.

Muytos outros milagres poderamos trazer; porque, ſendo modernos os que temos referido, ſabemos de certo que os antigos eraõ ſem conto, e tantos, que a coluna da Igreja, a que o Altar ſe arrima, e o meſmo Altar, e retabolo eſtava tudo cingido de argumentos de remedio alcançado em diverſos trabalhos: por huma parte de mortalhas de enfermos, por outra muletas de aleijados, fundas de quebrados: e compoſtas de cera cabeças,

ças, olhos, e braços em final dos que neſtes membros receberaõ ſaude. Mas naõ ſofre a Hiſtoria alargarmonos mais neſta parte. Sò direy que podemos ter por certo que naõ faltaraõ nunca neſte lugar maravilhas da Santa: viſta a geral devaçaõ com que he venerada, e ſervida, e o muyto que as poucas reliquias ſuas, que nella ha, ſaõ de toda a gente eſtimadas. Em tempos atràs avia muitas, que os Frades logo nos principios da Confraria fizeraõ trazer, das quaes o povo fazia tanto caſo como de hum grande theſouro; e em todas as Miſſas da Confraria, que ſaõ nas terças feiras de cada ſomana, queria ver, e tocar o cofre em que eſtavaõ. Algumas peſſoas principaes, naõ ſe contentando ſò com eſta conſolaçaõ, pediaõ, e levavaõ parte dellas. Veyo hum Prior zeloſo, e reſoluto, tomou o cofre, encerrouo em outro guarnecido decentemente, e bem arrecadado de fechadura: e pera tirar todo o cuidado de aver mais diminuiçaõ nas ſantas reliquias como deu volta à chave, mandoua quebrar à força de martello, com grande alegria do povo que ſabe eſtimar a riqueza que nelle tem, e acode ainda hoje a eſtas Miſſas com o meſmo goſto, e frequencia que antigamente, à conta de as tocar, e reverenciar aſſi encubertas, e eſcondidas.

CAPITULO XXI.

Do que fizeraõ por eſte tempo os Religioſos da Provincia em ſerviço, e por mandado do Summo Pontifice.

SEgundo a ordem, que atràs prometemos, de ir acodindo aos ſucceſſos geraes da Provincia, que he o tronco deſta Hiſtoria, deſpois que nos faltou noſſo glorioſo Patriarcha autor originario della, temos algumas couſas que dizer acontecidas entre a fundaçaõ que acabamos do Convento de Guimaraens, e a do Convento da cidade de Tuy, que ſegue apoz elle, e teve ſeu principio polos annos de 1282. He pois de ſaber que governando el Rey dom Afonſo Terceiro em muita paz, deſcançado jà, e livre das inquietaçoens que lhe dera por muitos annos ſua primeira molher a Condeſſa de Bolonha (Bilhon chamaõ em França) lograva filhos crecidos com goſto, e com diſpenſaçaõ Romana, da Raynha dona Britiz de Guzmaõ filha del Rey dom Afonſo de Caſtella, que muito amava. Mas como ha homens, a quem parece que he natural andar ſempre engolfados em tormentas de trabalhos, e deſgoſtos, naceraõ algumas contendas entre ſeus miniſtros, e os do eſtado Eccleſiaſtico, principiadas de materias de jurdiçaõ (como neſte Reyno ſaõ taõ meſturados em muitas couſas os foros Eccleſiaſtico, e ſecular) e de pequena faiſca, como he ordinario, ſahyo grande incendio. Chegaraõ queixas ao Papa, que era Gregorio Decimo, entrando no ſegundo anno de ſeu Pontificado

do, que reſponde ao de Chriſto de 1282. Quiz ouvir a el Rey, como era rezaõ; deſpachou hum Breve dirigido ao Prior de S. Domingos de Lisboa, e ao Guardiaõ de S. Franciſco, com ordem que deſſem a el Rey cartas particulares, que ſobre o caſo lhe eſcrevia: e tomando reposta ſua lhe mandaſſem aviſo do que ſucedeſſe, em autos juridicamente proceſſados. O Breve vimos em treslado autentico, e começa aſſi.

Gregorius Epiſcopus ſeruus ſeruorum Dei dilectis filijs Priori Prædicatorum: Cuſtodi & Guardiano Fratrum Minorum Vlixbonæ ſalutem & Apoſtolicam benedictionem. Cum chariſſimus in Chriſto filius noſter Rex Portugalliæ Illuſtris, &c.

E he feito em Ciuita Vechia cinco dias antes das Calendas de Junho no ſegundo anno de ſeu Pontificado: que foy no de 1272 aos 28 de Mayo. Cumpriraõ os Frades pontualmente ſua commiſſaõ Ouve demandas, e repoſtas: durou a queſtaõ atè o tempo do Papa Joaõ vigeſimo, que outros chamaõ vigeſimo primo, e foy Portuguez natural de Lisboa, e nacido na Freguezia de S. Giaõ. Aſſentouſe eſte Pontifice na Cadeira de S. Pedro, polo mez de Setembro de 1276: e como o amor, que tinha à ſua patria, o obrigava a deſejarlhe quietaçaõ, e paz, deſpachou a el Rey hum Nuncio Apoſtolico com poderes de Legado a latere. Chamavaſe dom Frey Nicolao Eſpanhol Religioſo da Ordem dos Menores: o qual chegou a Lisboa por Fevereiro do anno ſeguinte. E indo viſitar a el Rey aos Paços do Caſtello onde morava, foy acompanhado de alguns Frades de S. Domingos, e outros de S. Franciſco. Eraõ os Dominicos Frey Lopo Rodriguez, que entaõ fazia o officio de Vigario dos Conventos que avia neſte Reyno por commiſſaõ do Meſtre Geral da Ordem, e com elle Frey Joaõ de Faria, Frey Martinho Joaõ de Amiga, Frey Martim Anes por ſobrenome o que veyo: Frey Thomas de Sintra, e Frey Pedreanes Fiſico. Mas ſendo recebido del Rey com toda corteſia, e benignidade devida a ſeu cargo, naõ foy Deos ſervido que por entaõ teveſſe o negocio fim: antes durou ainda atè a entrada do anno de 1279, e nelle ſe quietou toda a differença: moſtrou el Rey como bom, e Catolico Chriſtaõ que nella naõ tevera nunca outra tençaõ mais, que conſervar com juſtiça, e rezaõ o direito de ſua Coroa, e patrimonio de ſeus filhos, e bem de ſeus vaſſallos: couſas, a que polas leys de Deos, e do mundo ſe ſintia obrigado. O que tudo declarou com huma larga, e bem compoſta pratica ao Prior de S. Domingos, e ao Guardiaõ de S. Franciſco que pera iſſo mandou chamar, como Commiſſarios que eraõ do Papa na controverſia que corria. E foy iſto em preſença do Biſpo de Evora dom Durando, e do Theſoureiro, e Chantre da meſma Sè:

e do

e do Vigario, e Proviſor de Lisboa, e de alguns Fidalgos, e Capellaens da caſa Real. Achamos em memorias que acompanharaõ aqui ao Prior de S. Domingos Frey Pedro de Alanquer Leitor de Theologia, Frey Gonçalo Honoriz, Frey Pedro Fiſico, e Frey Joaõ Gonçalves, e Frey Bertholameu que reſidiaõ no noſſo Convento de Lisboa. Pera final concluſaõ quiz el Rey que de tudo ſe fizeſſe aſſento publico com aſſiſtencia do Principe dom Dinis: no qual poſeraõ ſeus ſellos o Prior, e Guardiaõ com o Biſpo de Evora, e Vigario, e Proviſor de Lisboa. E aſſinaraõ como teſtemunhas os mais que preſentes eraõ. E deſte inſtrumento eſtà o treslado autentico no Cartorio da Sè de Lisboa.

Faleceo el Rey no meſmo anno. Succedeolhe dom Dinis ſeu filho, com quem deſpois de reynar ſe tornaraõ a renovar algumas das duvidas paſſadas: mas elle as atalhou logo com muita prudencia, fazendo compoſiçaõ com o Clero por meyo de Martim Peres da Oliveira Chantre de Evora, que deſpois foy Biſpo da meſma cidade: e de dom Joaõ Martins Conego da Sè de Coimbra, que deſpois foy Biſpo de Lisboa, e tambem Arcebiſpo de Braga. A compoſiçaõ paſſou por hum aſſento que continha muitos Capitulos: e pera a aceitaçaõ della veyo hum Breve do Papa Nicolao Tercio, que começa: *Per alias noſtras literas, &c.* cuja ſubſtancia he nomear por Commiſſarios pera o tal effeito, e ſuas dependencias, e annexidades aos meſmos Prior de S. Domingos, e Guardiaõ de S. Franciſco de Lisboa. Em todas eſtas couſas cumprindo os noſſos Religioſos puntualmente o que deviaõ ao mandato do Pontifice, procuraraõ com todas ſuas forças ſervir os Reys, como medianeyros de paz, e quietaçaõ: e pola ſatisfaçaõ, que os Principes tinhaõ de ſuas peſſoas honravaõ a elles, e a Ordem em todas as occaſioens. E logo polos annos de 1280 trataraõ de fundar o Convento que a Ordem tem na cidade de Tuy, que he ſeptimo dos que contamos no Reyno de Portugal, ſeguindo a rezaõ, e fundamentos que no ſeguinte capitulo veremos.

CAPITULO XXII.

Fundaçaõ do Convento de S. Domingos da cidade de Tuy.

EStà ſituada a cidade de Tuy na ribeyra direita do rio Minho, onde o Reyno de Galiza parte com o de Portugal, ficandolhe fronteyra ſobre a praya contraria a villa de Valença em lugar alto, e forte. A cidade he Epiſcopal, e taõ antiga, que quer referir ſua origem, e nome aos Gregos, e ao Capitaõ Tydeo. Porque em tempos atràs lhe chamavaõ Tyde, e deſpois Tude, que vem a ſer o meſmo, paſſando o y Grego em v como he coſtume dos Latinos. Trazendo guerra el Rey dom Sancho Primeyro de Portugal com o de Liaõ dom Afonſo polos annos do Senhor 1198 entrou por Galiza poderoſo, e fezſe ſenhor deſta cidade, e da villa de Ponte vedra, e dos mais lugares de ſua comarca. E ſuſtentando todos em ſua obediencia em quanto viveo, ficaraõ deſpois unidos à

Co-

Coroa de Portugal por muitos annos: do que he baſtante prova o teſtamento do meſmo Rey que os ganhou: no qual ſe vè que deixando largas eſmolas a todas as Catredais do Reyno, nomea tambem ſem clauſula nem diſtinçaõ a de Tuy como de terra ſua: e naõ ſendo com ella menos liberal que com as mais, lhe manda dar tres mil morabitinos de ouro, que ſegundo a valia daquelle tempo que atràs fica declarada, importava o legado pouco menos de quatro mil cruzados. Eſta meſma poſſe ſe collige do que eſcreve o Biſpo dom Frey Prudencio de Sandoval, dizendo que no anno de 1218 deu el Rey dom Afonſo de Portugal (que era o II. deſte nome) ao Biſpo de Tuy os dizimos dos direytos Reays de toda aquella dioceſi. E em tempo del Rey dom Afonſo Terceyro, quando todos os Prelados do Reyno ſe juntaraõ pera mandarem ſupplicar ao Papa que o diſpenſaſſe no caſamento contrahido com a Raynha dona Breitis filha del Rey dom Afonſo de Caſtella, e juntamente ouveſſe por legitimo o Principe dom Dinis, por ſer nacido em tempo que vivia ſua primeyra molher a Condeſſa de Bolonha, eſtà nomeado, e aſſinado na ſupplica dom Egas Biſpo de Tuy. E deſte meſmo Rey eſcreve dom Frey Prudencio, que deu ao Biſpado de Tuy os padroados das Igrejas de Aſife, e Sà dentro em Portugal. E paſſados alguns annos, repartindo el Rey dom Dinis muitas Igrejas de ſeu padroado entre os Biſpos de Portugal, deu ao de Tuy como a Prelado de ſuas terras, o Moſteyro de S. Salvador da Torre junto a Viana: o qual deſpois que eſtes lugares tornaraõ com a cidade à Coroa de Caſtella, tornou tambem ao padroado Real de Portugal, e correndo o tempo ſe unio à Meza Primacial de Braga: e he o meſmo que hoje poſſue a Ordem de S. Domingos, por rezaõ do Convento que temos na villa de Viana, fundaçaõ (como ao diante veremos, ſe o Senhor for ſervido chegarnos a eſcrevella) do ſanto Arcebiſpo dom Frey Bertolameu dos Martyres, que com licença del Rey dom Sebaſtiaõ, e diſpenſaçaõ do Pontifice o reſignou nella pera ſuſtentaçaõ do Convento.

Avia neſta cidade huma pequena Ermida, a que o povo tinha grande devaçaõ, por ſe dizer que fora obra do Santo Frey Pero Gonçalves Telmo, e na meſma ſe mandara enterrar, por ſer pegada com a caſa em que falecera. Era o ſitio vizinho aos muros da banda de fòra: e aſſi o achamos nomeado nas memorias antigas, por S. Domingos de par de Tuy. A memoria do Santo, e o grande numero de milagres que cada hora fazia, e o eſtar ſeu corpo em lugar (que paſſava de oitenta annos era da obediencia pacifica de Portugal) obrigou aos Frades Portugueſes a pretenderem acompanhar a Ermida com Convento, e tratar do Santo polas meſmas razoens que ficaõ ditas como de Santo pertencente a Portugal. Quatro annos deſpois de começado o edificio no de 1286 eſtando juntos em Braga muitos prelados do Reyno com dom Frey Telo Arcebiſpo Primàs, e dom Almerico Biſpo de Coimbra, dom Vicente do Por-

Duarte Nunes de Liaõ na vida de dom Sancho I. f. 66.

Na hiſt. de Tuy f. 147.

Duarte Nunes de Liaõ na vida del Rey dom Afonſo III. f. 87.

Na hiſt. de Tuy f. 155.

Duarte Nunes na vida del Rey dom Dinis f. 133.

Hiſt. da vida de dom Frey Bertol. dos Mart. por Frey Luys Cacegas l. 1, c. 25.

to, dom Frey Bertholameu do Algarve (eſte era frade de S. Domingos) dom Joaõ de Lamego, e dom Eſtevaõ de Lisboa, e outros Prelados, concederaõ certas indulgencias a quem viſitaſſe eſte Convento: devia ſer, ao que parece, com tençaõ de ſe ajudar a obra com eſmolas dos devotos. E nas letras que paſſaraõ o nomeaõ por Convento de par de Tuy.

Paſſados cincoenta annos, achavaõſe os Religioſos todavia deſacommodados por ſer muy eſtreito o lugar, e naõ terem meyo pera ſe alargar, reſpeito da viſinhança do muro. E como deſdo principio da Ordem nos acompanhou ſempre o trabalho de mudar caſas, e provar ſitios, ſegundo ſe pode ver polo que temos eſcrito, na hora que ouve occaſiaõ de melhorar, nem eſtranharaõ tomar o fato às coſtas, nem tardaraõ em o paſſar a outra parte. Pareceo lugar a propoſito huma Igreja, e Freguezia antiga ſituada na borda do rio quaſi ſobre o caiz da deſembarcaçaõ, com praça, e lugar eſpaçoſo. Era annexa à dignidade do Meſtreſcola da Sè: e a invocaçaõ de S. Joaõ Teiçon Pedioſe, e alcançouſe por induſtria do Doutor Frey Joaõ Rodriguez, e dos mais Padres Conventuaes da cidade, cujos nomes eraõ Frey Franciſco de Bragantinos, Frey Pedro de Pontevedra, Frey Joaõ de Camoens, e Frey Domingos de Valença. Foy feita Ermida morta, e renunciada polo Meſtreſcola, e concedida polo Biſpo, e ſeu Cabido, pera effeito de ſe tresladar a ella o novo Moſteyro. Chamavaſe o Biſpo dom Diogo de Muros. Ouveſe logo licença do Pontifice, que era Joaõ Vigeſimo ſegundo. E deſte tempo em diante lhe dà ſua antiguidade a Hiſtoria geral da Ordem, ſem embargo que confeſſa ſer mais alta, polo que ſe collige da tresladaçaõ, e da narrativa do Breve Romano.

Ainda que a negoceaçaõ, e induſtria da mudança foy de tantos, a deſpeſa, e trabalho do edificio tomou ſò pera ſi o Padre Frey Domingos de Valença, da fazenda de Durança Perez ſua prima, que a deu com goſto, ajuntando à doaçaõ veſtir tambem o habito de Freira terceira da noſſa Ordem, pera a qual, por lhe naõ ficar couſa por dar, deu tambem hum filho, que nella foy peſſoa de tanta importancia, que veyo a ſer Provincial de toda Eſpanha. Era eſta dona natural da villa de Valença, e fora molher de hum honrado morador della, por nome Ruy Lopez, e o filho ſe chamou Frey Martinho de Valença. Ambos mãy, e filho eſtaõ ſepultados no Capitulo do Convento em ſepulturas altas. Ella tem por cuberta do moimento huma figura inteira de freira lavrada de relevo na pedra, em final do habito que tomara, com huma letra que o declara, e diz: *Eſta he Durança Perez Freyra de S. Domingos.* A ſepultura do Provincial eſtà tambem autorizada com ſua figura de frade eſculpida no marmore, e ſua letra breve, que diz: *Eſte he Frey Martinho de Valença.* Eſta memoria merecem por fundadores, e autores do Convento, como ſe vè de hum letreyro entalhado ſobre o portal do Capitulo em lingua Latina, que contem o ſeguinte.

Iſ-

Istam domum fieri fecit Frater Dominicus de Valentia anno Domini 1330 pro anima Durantiæ Petri, & pro anima Fratris Martini de Valentia quondam Prioris Prouincialis, filij prædictæ Durantiæ Petri: & pro anima Fratris Dominici de Valentia consobrini prædictæ Durantiæ, & cognati Prouincialis prædicti. Et iste Prouincialis fuit filius honestatis & Religionis: & fuit speculum electorum iustitiæ & humilitatis.

Em Portuguez resſponde o seguinte.

ESta casa fez edificar Frey Domingos de Valença no anno do Senhor de 1330, pola alma de Durança Pirez, e pola de Frey Martinho de Valença seu filho, que foy Provincial: e pola alma de Frey Domingos de Valença primo da dita Durança Pirez, e parente do dito Provincial. E este Provincial foy pessoa de muita honestidade, e religiaõ: e espelho de escolhidos, e de bondade, e humildade.

Pouco faz ao caso a duvida de dous Domingos de Valença: hum tratado como edificador, outro como defunto. Possivel he, que fossem ambos hum sò: e se foraõ distintos, justo foy darse parte a todos do merecimento, pois a herança de taõ honrada parenta a todos pertencia. Mayor duvida temos sobre o nome do Santo da Freguezia. Porque huns lhe chamaõ, como atràs dissemos, S. Joaõ Teiçon, outros Terçon, e muitos Içon. E porque se acha em memorias antigas nomeado por S. Joaõ do Porto, naõ falta quem o queira fazer natural da cidade do Porto em Portugal: mas naõ avendo melhor prova que o nome, parece engano nacido do sitio em que o Santo tem sua Igreja, e sepultura, que tambem he porto, visto como està no caiz, e desembarcaçaõ do rio, e à borda da agoa. De qualquer parte que o Santo seja, que o naõ podemos averiguar, nem de sua vida, e feitos alcançar mais noticia, porque o tempo a tem escurecido de todo; o certo he serem suas reliquias visitadas com devaçaõ dos naturaes, e de muitos romeiros de fòra por avogado das febres: e he tradiçaõ, que em tempos passados era muy grande o concurso nesta Igreja de gentes de Portugal, especialmente por dia de S. Joaõ Baptista. Do que he bom indicio o que ainda hoje fazem muitos (começou o costume despois que a cidade se tornou a unir com Castella) que he juntarem-

ſe na praya, e areal da banda de Valença, que fica defronte do Santo, e daly fazerem ſua oraçaõ. Outros mais devotos tomaõ barcos, e vaõſe polo rio atè emparelharem com a Igreja, e da agoa fazem ſua oraçaõ. Outros levaõ trombetas, e atabales, e offerecemſe com eſte genero de feſta ſignificadora de bons animos. Muitos que deſembarcaõ tem por devaçaõ paſſar por baixo do altar, e levarem da terra, que lançaõ ao peſcoço dos enfermos: e affirmaſe que faz Deos por ella muitos milagres.

CAPITULO XXIII.

Do nacimento, e eſtudos do Santo Frey Pero Gonçalves Telmo. E das razoens que ha pera pertencer ao Reyno de Portugal.

ESTou conſiderando no titulo deſte capitulo, que eſtranhos, e naturaes em lhe pondo olhos paraõ, e levantaõ maõ da liçaõ: huns com queixa, outros com eſpanto, culpandome, e taõ bom dia ſe naõ for condenandome de fazermos noſſa a fazenda alheya: quero dizer de darmos a Portugal hum Santo nacido em Caſtella, filho de habito de Convento Caſtelhano, morto, e ſepultado em terra, e cidade, que de Portugal naõ tem hoje nada, nem lhe deve nada. Digo que confeſſo, e naõ nego, que o Santo he alheyo de Portugal por nacimento, e por filiaçaõ, e polo eſtado em que hoje vemos a terra que cobre ſeus ſantos oſſos: mas tambem affirmo que ſe quizerem ſuſpender por hum pequeno eſpaço a ſentença, e eſcutar poucas rezoens, entenderàõ que com ſer eſſe que dizem, nenhuma ſemjuſtiça faço em o dar ao Reyno de Portugal; antes cometera, erro ſe lho naõ dera. E ſeja a primeira rezaõ com que a huns, e outros reſpondo, a meſma com que faço pertencer a eſte Reyno o Convento de Tuy. Leaõ as hiſtorias antigas, e acharaõ o que atràs dizemos dos muitos annos que a cidade de Tuy andou debaixo do ſenhorio de Portugal. E quando eſte Santo faleceo nella, avia jà cincoenta, e tres que ſe governava por eſtilo Portuguez, e miniſtros Portugueſes. E ſe perſeverara neſta jurdiçaõ como perſeverou o Algarve, e como perſeveraraõ os lugares que chamamos de Riba de Coa, que huma, e outra comarca foy primeiro da Coroa de Caſtella, nenhuma duvida ha que da meſma maneira ſe contara por cidade de Portugal, que contamos Sylves, Lagos, e Tavilla. E claro eſtà que deſpois de poſſuida ſinquoenta annos de Portugueſes, jà ſe devia falar nella a noſſa lingoagem, como dentro nas terras que acabamos de nomear. Correndo logo a cidade de Tuy por terra da coroa de Portugal em poſſe pacifica, e quieta, e ſem contradiçaõ dos Reys a quem dantes pertencia, bem ſe infere, que quando o Santo tornou pera ella do caminho que levava pera Santiago, dizendo ſer vontade de Deos que ficaſſe naquelle lugar, e alli morreſſe como adiante veremos, era iſto mandallo ficar em terras de Portugal, e em terras de Portugal fazia conta o Santo que ficava. E naõ conſinto falarſeme neſte caſo em demarcaçoens, e Geogra-

grafias antigas: porque deſpois que ouve Reys, e Reynos todas ſe apagaraõ, e ficaraõ os limites eſtendidos, ou encolhidos ſegundo o poder, e valia das armas de cada hum. Suppoſto logo que Tuy eſtava entaõ dentro do ſenhorio de Portugal, como na verdade eſtava: e S. Pero Gonſalves ſepultado nelle, deſpois de em ſua vida ter aſſiſtido muyto tempo em Guimaraens, e recebido neſta villa ao habito muitos filhos, e entre elles os dou grandes imitadores de ſua ſantidade S. Gonſalo, e o Santo Frey Lourenço Mendes: e prègado com continuaçaõ por todo entre Douro, e Minho: manifeſta injuria fizeramos a todos os Reynos de Portugal ſe delle naõ trataramos, como de Santo Portugues. E aſſi digo que o hey por Santo noſſo, como Padua tem por ſeu a Santo Antonio, que naſceo em Lisboa, e profeſſou em Coimbra: Roma a S. Damaſo que naceo em Guimaraens: Milaõ ao Beato Amadeu que naceo em Campo Mayor junto a Elvas do ſangue, e caſa dos Sylvas: C,aragoça de Aragaõ a Santa Engracia que naſceo no coraçaõ de Portugal: Cordova ao Martyr Siſenando nacido em Beja: e Granada ao bendito Joaõ de Deos eſpelho de caridade natural de Monte Mòr o Novo em Portugal: e iſto baſte pera os eſtrangeiros. Pera os meus, que às vezes ſaõ peores de ſervir, e mais duros de perſuadir, acrecento que faço eſte Santo noſſo polas meſmas rezoens, e fundamentos com que Lisboa honra, e celebra como a natural a S. Vicente naſcido em Caſtella martirizado em Valença de Aragaõ. E a S. Felix, e Santo Adriano honra, e feſteja no Moſteiro de Chellas ſendo naturaes, hum de Africa, outro de Aſia, e padecendo hum em Girona, outro em Nicomedia. Evora honra a S. Mancio cujo nacimento foy Roma: Braga a S. Giraldo de patria Frances, e a S. Martinho de Dumi vindo das partes de Grecia.

Mas quando ſe me naõ aceite nenhuma deſtas rezoens, nem me valhaõ as da poſſe dos Reys, que naõ falta quem mas encontre, ſem me moſtrar tempo certo em que Tuy tornaſſe à Coroa de Liaõ: temos outro direyto polo qual irrefragavelmente, e ſem duvida pertencem a Portugal naõ ſò o Santo Frey Pero Gonçalves, mas todos os mays Santos, que a Igreja de Tuy venera. Porque ſendo aſſi que no tempo em que veyo a falecer S. Pero Gonſalves, e grandes annos deſpois: a mayor, e melhor parte da Dioceſi deſta cidade era dentro em Portugal nas terras dentre Douro, e Minho taõ eſtendidamente, que ſe contavaõ nellas duzentas, e ſetenta Igrejas, que todas eraõ da juriſdiçaõ de Tuy: em boa rezaõ eſtà que ſe communique aos membros tudo o que à cabeça pertence, com verdadeira irmandade. E daqui ficarà entendida a antiguidade, e origem da Igreja Collegiada de Santo Eſtevaõ de Valença com toda a rezaõ de ſuas rendas, e dignidades que fazem repreſentaçaõ de aſſento Epiſcopal. Porque he de ſaber que durando a grande ſciſma que ſe levantou na Igreja Catholica por morte do Papa Gregorio Undecimo: e dividindoſe os Principes Chriſ-

taons

taons em favorecer os ſucceſſores ſegundo a opiniaõ que tinhaõ de cada hum, foy Deos ſervido que eſte Reyno, e ſeus Reys ſeguiraõ ſempre a parte mais ſam, e mais ſegura, que era a de Urbano Sexto, e daquelles que em fim foraõ julgados por verdadeiros ſucceſſores de S. Pedro. E porque no meſmo tempo ſuccedeo ſeguirem os Reys de Caſtella a parte contraria com todos ſeus Reynos, e Igrejas, em que jà entaõ entrava, e eſtava reunida a de Tuy: ouve muytos prebendados nella, que naõ ſe dando por ſeguros na conſciencia, ſe paſſaraõ à villa fronteyra de Valença, que ſendo da meſma dioceſi, ſiguia com o reſto do Reyno de Portugal ao verdadeiro Pontifice Urbano Sexto, e ſeus ſucceſſores: e juntandoſe nella aos Officios Divinos logravaõ em paz de eſpirito ſuas prebendas. E daqui teve principio a falta que hoje tem a Sè de Tuy de ſuas rendas, e jurdiçaõ antiga, e o crecimento da Igreja de Valença: como tudo nos conſtou por huma ſentença bem digna de ſe ver, que ſobre a materia foy dada por Nicolao de Lapis Nuncio Apoſtolico neſtes Reynos polos annos do Senhor de 1413, cujo original ſe guarda nos Cartorios da Sè de Braga, e de Santo Eſtevaõ de Valença, que nos foy communicada polo Licenciado Louſada que outra vez nomeamos.

Avendo pois de eſcrever deſte Santo, julgamos por lugar proprio eſte Convento: viſto como o primeiro foy fundado na meſma caſa em que elle faleceo, como atràs diſſemos. E jà temos outra vez advertido que pera evitar confuſaõ determinamos enfiar toda a narraçaõ deſta Hiſtoria polas caſas, onde os Santos faleceraõ, ou ficaraõ por ſuas reliquias, e naõ pola ordem dos tempos em que paſſaraõ da vida. Naceo S. Pero Gonçalves na villa de Fromiſta em Caſtella a Velha, na parte que chamaõ terra de Campos Biſpado da antiga cidade de Palencia chamada dos Romanos com pouca differença Palancia, e aſſentada ſobre o rio Carrion. Naõ falta quem o faça natural de Aſtorga, mas niſto vay pouco: o certo he que foy filho de paes nobres, e ricos, e criado em caſa do Biſpo de Palencia que era ſeu tio: o qual por conhecer nelle habilidade, e ter a occaſiaõ em caſa dos eſtudos, que entaõ tinhaõ aſſento naquella cidade, e della ſe paſſaraõ deſpois à de Salamanca, o encaminhou pera as letras. Era mancebo, continuava com cuidado na univerſidade: crece a virtude favorecida: vagando huma coneſia deulha o tio, e com ella eſperanças de o paſſar a couſas mayores.

CAPITULO XXIV.

Da converſaõ do Santo Frey Pero Gonçalves: e dos meyos porque Deos o trouxe à Religiaõ: e do principio de ſeus milagres.

POuco tempo tardou que naõ vagaſſe mayor prebenda na meſma Igreja, que foy o Dayado della: pedioa o Biſpo em Roma pera o ſobrinho: concedeolha o Summo Pontifice. Tanto que o mancebo teve a nova, determinou feſtejalla, e no meſmo dia, que tomou poſſe da dignida-

nidade, que foy o do Nacimento de Chriſto, quando polo novo titulo tinha obrigaçaõ de repreſentar mais modeſtia, e autoridade em trajo, e em obras, entaõ poz de parte as roupas largas, e com as de moço vaõ, e alegre ſubio a cavallo, a dar viſta à cidade, e moſtrarlhe o Dayaõ que tinha. Naõ poſſo cuidar que era iſto de todo leviandade, mas creyo, que como o tempo era de guerra continua com Mouros viſinhos, onde muytas vezes convinha aos meſmos Biſpos lançar o treçado ſobre o Roxete, e empunhar a lança: devia ſer permetido aos Sacerdotes manejar cavallos, e exercitar as armas ſem afronta da dignidade. Como quer que foſſe, elle ſahyo gentilhomem, e luſtroſo quebrando as calçadas com o brio de hum ginete fermoſo, e piſador, e muyto mais com o que levava dentro de ſeu peito. Aſſi foy dando voltas à cidade, e paſſando carreiras onlhe parecia que mais ſe acreditava por homem de cavallo. Chegando a huma praça, onde eſtava muyto povo junto, naõ eſperou ſer rogado, concertaſe
Act. 9. na cella, lança o ginete. Era o caminho de Damaſco em que Deos eſperava a outro Saulo pera o fazer vaſo de eleiçaõ. Quando cuidou de parar com bom corpo, e muyto ar, cae o cavallo, e lançao por ſima das orelhas: achaſe o noſſo Dayaõ eſtirado em terra, a capa a huma parte, o chapeo a outra, todo deſcompoſto, e cuberto de lodo, que avia muyto onde foy cayr. Acode o povo a levantallo, huns com compaixaõ, outros dandolhe os parabens de ficar ſem dano: mas aſſentoulhe no coraçaõ todo o que podera receber no corpo. Aſſi ficou ſintido, e corrido como ſe quebrara perna ou braço: e mais quiſera quebralla em qualquer outra occaſiaõ, que paſſar a vergonha preſente. Triſte, e carregado ſem falar palavra nem reſponder a ninguem ſe recolheo a caſa: tiroulhe a dor o ſono, e eſpertoulhe o juizo pera ver que aſſi como caira do cavallo no lodo, e ſem perigo, poderia cair no lago do inferno arrebentando da queda. Conſiderava as pagas que o mundo dà: quaõ repentinamente lhe trocara o goſto com que aquelle dia amanhecera em magoas, e a ſoberba em vergonha. Aſſentou conſigo que naõ merecia tal mundo ſer olhado, quanto mais ſervido de homem ſiſudo. Eraõ iſto jà rayos da graça divina. Esforçou o Senhor o impulſo pera naõ tardar a execuçaõ. Quando menos ſe cuydou apareceo o Dayaõ cuberto de huma eſtreita mortalha, que foy hum habito de S. Domingos, dando exemplo de humildade na meſma terra onde o dera de preſunçaõ, e vangloria: grande principio, e bom pronoſtico de qual ſeria o fim. Os meyos foraõ eſtudar com novo cuydado, e igualmente exercitar oraçaõ, e penitencia, quebrantando os brios da idade, e ſangue por todas as vias, mas fiando ſempre mais da graça de Deos, que de ſuas forças: a elle ſe entregava, a elle pedia o remedio pera vencer, e naõ ſer vencido.

Acabado o eſtudo, foy exercitando o miniſterio da prègaçaõ por muytos Conventos. Moſtrava zelo da ſalvaçaõ das almas, que he o primeyro por-

to

to de prègador Apoſtolico: deſte nacia hum fervor grande, com que movia, e acendia os coraçoens dos ouvintes. Naõ lhe faltava eloquencia, e ſuavidade no dizer, que he hum eſmalte que dà todo luſtre, e vida ao que ſe diz. Mandouo a obediencia que foſſe prègar polos lugares da provincia, como entaõ ſe coſtumava: e Apoſtolar em beneficio dos proximos. Correo muyta terra, e ajudouo o Senhor, porque fez grande fruyto, reduzindo ao ſeu rebanho grande numero de ovelhas deſgarradas, e trazendo muytos bons ſogeitos ao habito. As terras que mais de aſſento tratou foraõ Aſturias Galiza, e as terras de entre Douro, e Minho, e Portugal. A ordem com que procedia era, na caſa em que ſe achava a comer, ou dormir: mover praticas da virtude, dos enganos do diabo, e do peccado, repreſentar o rigor do dia do juizo, e as penas dos condenados: como via temor, e compunçaõ (porque obrigava muyto com a vehemencia que tinha nas palavras) paſſava ao Amor de Deos, á ſua miſericordia, e bondade pera com peccadores arrependidos: e communicandolhe o meſmo Senhor ſua graça, e eſpirito abrandava peitos de ferro. Em fim o ordinario era naõ ſayr da caſa ſem deixar todos os moradores confeſſados, deſdo amo atè o mais vil criado. O meſmo procurava nas eſtalagens com hoſpedes, e paſſageiros: e ainda que foſſe de paſſagem naõ largava a eſtancia ſem tirar algum ganho pera Deos: e ſe avia doentes que quizeſſem confiſſaõ, a qualquer hora que ſe lhe dava recado deixava a prègaçaõ, reza, comida, ſono, e repouſo por lhes acudir com mais diligencia que ſe fora ſeu parrocho. Ajudava o Senhor eſte ſanto zelo com famoſos milagres.

Prègava hum dia junto de Bayona de Galiza, e era no campo, por ſer a gente muyta: começou ſubitamente a toldarſe o Ceo de nuvens groſſas, e negras, ſeguiraõ trovoens, e relampagos, ſinais manifeſtos de chuva, e tempeſtade. Inquietouſe o auditorio, levantaraõſe alguns. Parou o prègador com o que hya dizendo, e pediolhes que ſe naõ alteraſſem polo que viaõ, porque lhes affirmava que o Senhor a que o Ceo, e terra, e a furia dos ventos obedeciaõ, tornaria aquellas carrancas em aprazivel bonança, e naõ teriaõ gota dagoa. Logo eſtendeo o braço contra a parte donde mais afuzillava, e vinhaõ correndo as nuvens: e aſſi como o levantou, ſe dividiraõ a huma, e outra parte: e deixando em meyo o Ceo claro, e ſereno foraõ engroſſando pera os lados, e à viſta ſe começaraõ a desfazer em agoa, e pedra, esbombardeando trovoens, e rayos, que como eraõ ao longe ficaraõ ſervindo de eſpectaculo, e de huma alegre ſalva, e materia de louvar a Deos em ſeu Santo.

Foy eſte milagre muy falado: e de andar muito na boca dos homens daquelles portos de mar, devia ter origem, e principio o encomendaremſe a S. Pero Gonçalves os mareantes quando ſe achaõ apertados de tormentas: nas quais ſaõ notaveis, e ſem numero as maravilhas que obraõ ſeus merecimentos em favor dos que o buſcaõ. Mas ſeguiraõ lo-

go

go outros muytos, que acreditaraõ eſte. E a fama da ſanta vida que fazia, e o que trabalhava por ſalvar peccadores, e encaminhar ignorantes pera o Ceo, naõ tinha menos força que os milagres: porque parecia impoſſivel poder acudir hum corpo ſò a tanto trabalho, como punha ſobre ſi. De Galiza ſabemos que paſſou a Portugal, e prègou de vagar polas terras de entre Douro, e Minho: e por differentes vezes reſidio no Hoſpital de Guimaraens, que era aſſento, e como Convento de Frades de S. Domingos. E nelle lançou de ſua maõ o habito aos grandes Santos S. Gonçalo de Amarante, e S. Frey Lourenço Mendes. E eſta he a rezaõ de ſer celebrada naquella villa, e particularmente no Hoſpital ſua memoria: ceſſando aqui a rezaõ das navegaçoens que neſte lugar naõ ha, viſto como naõ tem mar, nem rio.

Bem ſaõ comparados a nuvens os varoens Apoſtolicos: aſſi voaõ por todas as partes: aſſi regaõ, e fertilizaõ as terras com as agoas fecundas de ſua doutrina. Quaſi naõ ficou lugar em entre Douro, e Minho, que naõ viſitaſſe, em que naõ prègaſſe, onde naõ fizeſſe muyto fruyto. Quando parecia que andava de vagar em huma parte, aparecia, e eſtava jà em outra obrando maravilhas. He couſa averiguada que reſidio algum tempo na Corte del Rey dom Fernando de Caſtella. E como nas Cortes ha de ordinario tanto que emendar, e cercear, aproveitou muyto nella o brado de ſua doutrina, e o exemplo de vida. E pola meſma rezaõ quiz el Rey que acompanhaſſe o exercito, quando foy cercar Sevilha. E entre os bens, que ſua preſença obrou com a gente de guerra, contaõ alguns Autores que lhe aconteceo a maravilha de ſe lançar no fogo, por occaſiaõ de huma perverſa femea, que quiz tentar ſua pureza. Mas a verdade he que eſte caſo ſucedeo no meſmo cerco, e no meſmo exercito a outro filho de noſſo Patriarca S. Domingos, que foy hum que chamaraõ Frey Domingos o Pequeno, companheyro ſeu do numero dos dezeſeis com que fundou a Ordem: e como S. Pero Gonçalves fez tantos outros prodigios certos, e provados, como logo contaremos, e podia tambem fazer eſte, naõ me agrada atribuirlhe os que trazem qualquer genero de incerteza: viſto como naõ ha duvida que ſuccedeo a Frey Domingos.

Caſtilho p. 1. l. 1. c. 29.

O que neſte cerco rendeo grande gloria ao Santo, e à Ordem, foy huma companhia de homens do mar, que o vieraõ demandar, ſabendo que eſtava no exercito, e darlhe as graças de ſua ſalvaçaõ. Eraõ Portugueſes, e contavaõ, que ſendo deſpachados polo commum da cidade de Lisboa com huma nào carregada de vitualhas pera provimento do campo Catholico: paſſado o Cabo de S. Vicente lhes ſobreviera hum temporal taõ furioſo que ſe deraõ por perdidos; e deſeſperando de remedio naõ ſouberaõ outro, ſe naõ chamar polo Santo, a cuja virtude tinhaõ ouvido dizer, que obedeciaõ os ventos, e as tempeſtades. E no meſmo ponto viraõ todos ſobre a gavia do navio hum Frade de S. Domingos, que naõ duvidavaõ ſer o Santo Frey Pero Gonçalvez.

M. Frey Vicente Antiſt. na vida de S. Pero Gõçalvez c. 2.

Porque ficando cheyos de conſolaçaõ, e confiança, fora logo acalmando o vento, e abonançara o mar.

CAPITULO XXV.

Da ponte que o Santo fez ſobre o rio Minho: e da continuaçaõ com que prègava: & de alguns milagres grandes que fez.

PAſſada a guerra, e conquiſtada Sevilha, como o Santo naõ ſabia eſtar ocioſo, foy dando volta por Caſtella: e no cabo tornouſe pera os ſeus Galegos ou Portugueſes do Minho, chamado, ou da ſingeleza da gente, ou da falta que entre elles avia de quem enſinaſſe. Prègava o Santo em Galiza, e era juſto que deſſe por bem empregado o trabalho nella. Porque os lugares ſe deſpovoavaõ polo ouvir: e naõ contentes com huma sò prègaçaõ, deixavaõ ſuas caſas, e hiaõſe apoz elle, molheres, homens, e mininos, por alcançarem nos outros lugares, a que paſſava, as palavras de vida, que arrebatavaõ coraçoens, e os faziaõ eſquecer de tudo. Aſſi parecia que levava hum exercito tràs ſi. Chegou hum dia ao rio Minho a certo paſſo, onde de veraõ avia vao junto ao lugar que chamaõ Caſtello naõ longe da villa de Ribadavia. Diſſeraõlhe ao paſſar que na mòr parte do anno era o paſſo occaſiaõ de muytas mortes: porque ſendo a paſſagem forçoſa aos viſinhos pera remedio da vida, acontecia perderemna muitos. Conſiderou o Santo o lugar, e com viſta de olhos entendeo o perigo que averia crecendo as agoas de inverno: ſintioſe abrazar em zelo de charidade, compadecido entranhavelmente dos pobres, a quem a miſeria do eſtado obrigava pòr em riſco vidas, e almas. E fazendo reflecçaõ em quantos iriaõ em màõ eſtado, ou ao menos cheyos de deſcuidos, pera paſſar num momento de hum mundo a outro, propoz conſigo lançar alli huma ponte: e como o determinou, aſſi o diſſe logo aos que o ſeguiaõ. Quando menos cuydavaõ furtouſe a todos, e foiſe à Corte del Rey dom Fernando: deulhe conta do dizenho, pediolhe ajuda de ſua fazenda, e favor de cartas, e recomendaçoens da obra pera os Biſpos, e ſenhores da terra. E dando voltas como em poſta, naõ ſe ſervindo de outra mais que do ſeu bordaõ, nem de mais alforge que a charidade dos fieis, corre pola terra, ajunta officiaes, convoca obreiros. Naõ avia quem arroſtaſſe à obra, porque a todos parecia diſparate. Os que aviaõ de ajudar com eſmolas folgavaõ de as dar à conta das cartas Reaes, e muito mais da virtude, e charidade do Santo: mas da empreza faziaõ graça, avendo que pera o meſmo Rey era difficultoſa: quanto mais pera hum pobre Frade. Aqui ſe vio como ſaõ encontradas as traças do mundo com as do Ceo. Lançou o Frade ſeu cuydado em Deos: elle lhe deu animo, e tràs o animo forças pera começar, e ver acabada huma fabrica Real, ſem ter mais fazenda de ſeu que o breviario por onde rezava. He a ponte, como convinha pera hum rio taõ caudaloſo, alteroſa, e grande, lavrada toda de cantaria taõ firme, e bem fundada, que prometia durar tanto, como as ſer-

ras,

ras, que des da criaçaõ do mundo naõ fizeraõ mudança, ſe naõ acontecera vir a render com a muita antiguidade, e ajudada de algum terremoto, a deſcompaſſada abertura do arco mayor. Abrio, e fez ruina polo meyo da volta: com que eſtà oje inutil neſta parte, eſtando em todas as mais taõ forte, e firme, como no primeiro dia. Elle era o ſobreſtante da obra, elle o architecto, e o pagador: e elle em fim o obreiro, porque naõ ſe contentava com menos que carregar às coſtas a pedra, e cal, pera podermos affirmar, que tambem foy obra de ſuas maons a ponte, como de ſua induſtria. Mas provavao Deos com muitas vezes chegar a couſa a eſtado de lhe faltar com que acodir a meſtres, e jornaleiros: e com tudo nunca perdia o animo: remetia tudo ao meſmo Senhor com affectuoſas oraçoens, repreſentavalhe o fim que tevera na obra, encaminhado ſò a ſeu ſerviço. Corriaõ logo da Divina bondade novas, e ſoberanas miſericordias que todas ficaraõ bem entendidas do que agora diremos. Era hum dia de peixe: ſobejava paõ, mas naõ avia com que o comer: a gente que andava na obra era hum povo inteiro, porque tendoa por milagroſa deſpois que a viraõ poſta em caminho acodia em bandos a trabalhar, aſſi por darem goſto ao Santo, como tambem polo ouvir: porque nunca deixava de miſturar o paõ, e paſto eſpiritual com o material quotidiano. Ouve quem apontou a neceſſidade. Naõ eſperou o Santo que murmuraſſe ninguem: e com a meſma confiança, com que emprendera tamanha machina, ſe foy ao rio, ſentouſe na praya, levantou os olhos, e coraçaõ ao Padre Eterno: naõ foy neceſſario mais que proporlhe a neceſſidade, como em outro tempo a Virgem Mãy ao bendito Jeſu: *Vinum non habent.* E he de crer, que uſaria das meſmas palavras no ſentido do que entaõ faltava, ſe naõ quando começa a agoa a ferver, e aparecer por ella cardumes de peixe, que hum ſobre outro ſe vinha à praya: e alguns que tem por natureza dar ſalto no ar, ou por participar delle, ou por viço, e ligeireza, agora parecia quererem ſaltar no regaço do Santo. Eſtava o povo atonito, e como fora de ſi com tal novidade: acodio todo homem, ficou a obra em quedo. Chama o Santo a ſeu companheyro, que as hiſtorias nomeaõ por Frey Pedro das Marinhas, mandalhe que ſeja elle o peſcador da nova peſcaria. Enchia Frey Pedro os ſeſtos que ſerviaõ na obra, e lançava em terra. Naõ fogia nenhum, nem ſe deſviava por iſſo, perdido o amor natural da conſervaçaõ, ou movidos todos doutro inſtinto mais alto. Deſpois que Frey Pedro peſcou aſſi quanto pareceo baſtante pera a occaſiaõ preſente, lançou o Santo a bençaõ aos que ficavaõ, como noutro tempo fazia o Martyr S. Bras às feras que o buſcavaõ no deſerto: e entaõ como ſe outra couſa naõ eſperaraõ ſomiaõſe no fundo, e deſapareciaõ. Iſto lhe aconteceo muitas vezes com grande eſpanto, e goſto das gentes: e naõ pequeno beneficio da fabrica, porque a fama do milagre atè ao longe deſpejava os lugares. Outras couſas ſuccederaõ aqui maravilhoſas, mas convem yr abre-

Joan. 2.

No Breviario Roman.

viando, pois todas ſaõ menores à viſta do que temos referido.

Acabada a ponte, paſſouſe pera as terras da jurdiçaõ de Portugal, digo pera a cidade, e comarca de Tuy, que jà em vida como deſpois na morte o affeiçoava o Senhor a eſta parte. Aqui prègava, e doutrinava o povo ſem ceſſar, andando de lugar em lugar, e de aldea em aldea pera ſe communicar a todos. Eſtava hum dia na cidade agaſalhado em caſa de hum fidalgo, tinha trabalhado no ſanto miniſterio da doutrina toda a manham, e faziaõſe horas de jantar: eis que lhe daõ recado de parte de hum Clerigo de Bayona ſeu conhecido, e devoto, que eſtava apertado de hum forte accidente, e chamava por elle como por ultimo remedio de ſua alma. Naõ foy neceſſario pera o Santo mayor inſtancia, que tocarſelhe em materia de alma. Na meſma hora ſe poz ao caminho ſem lhe lembrar comida, nem almorço bem merecido jà com o trabalho do dia, e neceſſario pera quem naõ era moço, e avia de caminhar a pè. Tomou o Santo o caminho com paſſos de quem deſejava chegar a tempo à neceſſidade, e ao amigo. O deſejo lhe dava forças, e enleava a fome: e vendoſe ſò entre os montes buſcava companhia que o fazia eſquecer de toda a couſa da terra, ſobindo aos Choros dos Anjos por meyo de huma alta contemplaçaõ. Alli ſe deleitava no que ſintia, e ſintia os ſabores daquelle paõ ſobreſuſtancial que o Senhor com liberalidade communica aos que com determinada vontade o ſabem buſcar. Aſſi hia caminhando à preſſa, e ſem pena. Seguiao hum bom pedaço atràs ſeu companheiro, e o meſſageiro ſecular que lhe trouxera o recado: e tendo andado tanto ſem parar, que ſobiaõ, e hiaõ vencendo o alto de huma ſerra, onde chamaõ a Portella de Arcelha, começou o companheiro a ſintir o trabalho, com ſer moço, e robuſto, e diſſe pera o ſecular: O Padre meu companheiro, como he avezado a caminhar muito, e comer pouco, naõ ſente o que outrem padece: mede noſſas forças polas ſuas, e naõ cae que os mais moços tem mais neceſſidade de comida, porque tem mais fogo, digerem melhor, e gaſtaõ mais. No meſmo ponto entendeo o Santo por revelaçaõ Divina a murmuraçaõ: e parando hum pouco chamou por elle, e diſſelhe com muita brandura, e confiança no Senhor: Meu filho, ſe vos ſentis fraco, e tendes neceſſidade, chegay àquelle penedo (e ſinaloulho com o dedo) e nelle achareis o que baſte pera vos ſatisfazerdes por eſta vez. Foy o companheyro obrigado mais da obediencia, que de eſperança da promeſſa, e do que deſejava: acompanhouo o ſecular, e chegando ambos acharaõ com eſpanto meſa poſta. Eraõ dous paens alvos, e mimoſos ſobre toalha lavada, e hum vaſo de vinho. Trouxeraõ tudo ao Santo com alegria: mandoulhes que mataſſem a fome, e o que ſobejaſſe tornaſſem ao penedo. Comeraõ ambos o que lhes baſtou, e tornaraõ alguns ſobejos ao lugar. Mas indo hum pouco adiante praticando no ſucceſſo, e altercando jà como fartos, ſe fora aquillo milagre, ou couſa ſuccedida a caſo, vencidos da du-

duvida, ou tentaçaõ determinaraõ tornar polo pouco que deixaraõ: e fazendo conta que naõ ſeriaõ ſentidos do Santo, que hia com todo o eſpirito occupado no Ceo, tornaraõ correndo ao penedo, no qual naõ acharaõ jà nem ſinal do que tinhaõ poſto. Aſſi fizeraõ volta em ſeguimento do Santo paſmados todavia, e atemorizados, e com rezaõ: porque chegando a elle achou o companheiro huma boa reprençaõ, dizendolhe, que o meſmo que ally poſera o paõ, e vinho, de que ſe tinhaõ aproveitado, tevera cuidado de arrecadar os ſobejos: porque ſe o dera, fora pera acodirem à neceſſidade, e naõ pera ſatisfazerem curioſidade intempeſtiva, e deſneceſſaria, qual fora a ſua em tornar a buſcar o que tinhaõ deixado. Dous milagres ouve neſte caſo, e duas revelaçoens, ſe bem o conſideramos. Mas muitas outras couſas fazia, e dizia o Santo, em que ſe manifeſtava eſpirito profetico que o acompanhava, e poder Divino que as obrava como logo veremos.

CAPITULO XXVI.

De hum natural milagre que o Santo fez: e de ſeu bemaventurado tranſito na cidade de Tuy.

CHegava o Santo hum dia de grande calma cançado, e ſuado, e morto de ſede a huma aldea junto à cidade de Santiago. Ajuntavaſe à força do Sol, a que lhe fazia o trabalho de huma prègaçaõ que acabara em outro lugar. Foy em demanda da caſa do Cura, e pedio ſe averia hum pouco de vinho com que ſe poderem reſtaurar do canſaço elle, e ſeu companheiro, e paſſarem adiante onde o eſperavaõ tambem pera prègar. Acodio à porta huma boa velha que o conhecia, e diſſelhe, que de boa vontade o ſervira com o que avia em caſa, mas que alem de ſer pouca quantidade no fundo de hum fraſco, tinha ordem do Cura de lho guardar com cuydado à pena de caſtigo. Reſpondeo o Santo ſorrindoſe, que todavia lhe deſſe o vinho, que poderoſo era Deos pera remedear ſeus ſervos, e livralla a ella de dano. Perſuadioſe a velha, e folgou de ſe arriſcar, parecendolhe que fazia obra de charidade com quem preciſamente eſtava neceſſitado. Naõ eraõ bem ſaydos os Frades, quando nas ſuas coſtas entra o dono da pouſada: e como fervia o Sol, foiſe ao fraſco pera matar a ſede: eſpantaſe de o achar peſado, lembrandoſe que o deixara quaſi vaſio; eſpantaſe mais, vendoo cheyo, e achando licor excellente, naõ ſò aventajado ao que deixara. Acode a velha cheya de alegria vendo o milagre, e contalhe o que paſſara com o Santo. Sahio logo o Cura correndo em ſeu ſeguimento, alcançao, contalhe a maravilha, e pedelhe, que torne a ſervirſe da caſa, e delle. Mas naõ era bom termo pera o obrigar hiſtoria de louvor ſeu: continuou ſeu caminho.

Era polos annos do Senhor de mil e duzentos e corenta e ſeis, ſegundo a conta do Meſtre Frey Fernando de Caſtilho, e ſegundo outros duzentos e cincoenta e hum, quando o Santo prègando em hum Moſteiro de

de S. Bento por dia de Ramos, deſpedio o povo que o acompanhava, dizendo que naõ era Deos ſervido que deſſe trabalho a tanta gente, porque avia muitos velhos, e mininos, e molheres, que padeciaõ muito polo ſeguir: e que ſoubeſſem de certo que naquelle lugar o naõ veriaõ mais, porque naõ tardaria muito o fim de ſeus trabalhos, e de ſua vida. E por deſpedida pedio a todos com humildade de Santo, e humas palavras ſaydas da alma, que o encomendaſſem muito a Deos: porque ainda que naõ entendia ter dado eſcandalo a ninguem com ſua vida, e trato, com tudo ſe conhecia por humano, e fraco, e muito neceſſitado das oraçoens dos fieis. Daqui dizem que ſe foy a Tuy, e prègou todos os dias da ſemana Santa ſem deſcançar: e apontaõ que huma das couſas que principalmente encarecia neſtes derradeiros Sermoens, era a neceſſidade do Sacramento da Confiſſaõ, e Penitencia: e deſpois delles coſtumava à imitaçaõ de noſſo Redentor deſcançar do trabalho do dia, paſſando as noites no campo em oraçaõ. Naõ era o Santo taõ velho nos annos, como as penitencias, os caminhos, e a força, e continuaçaõ de prègar o tinhaõ reduzido a huma cançada velhice de muita fraqueza, e falta de forças. E o muito, que ſe forçou neſta ſemana, acabou de o debilitar de maneira, que a primeira oitava lhe ſobreveo huma febre rija, e entendendo que era aviſo do fim que eſperava, fez força, deſejando de yr morrer na caſa do Bemaventurado Apoſtolo Santiago. Foy caminhando como pode atè o lugar de Santa Comba. Aqui lhe revelou o Senhor que era chegada a hora de receber o galardaõ de ſeus trabalhos, e mandoulhe que ſe tornaſſe a Tuy. Cheyo de alegria com tal nova chamou ſeu companheyro, e diſſelhe: Meu filho, o Senhor Deos tem dado termo aos dias de minha peregrinaçaõ, poucos ſaõ os que me reſtaõ. Em Tuy quer que ſeja o remate: pois elle manda, convem obedecer, tornemos ſem tardança, e ahi nos deſpidiremos pera ſempre. Chegou com trabalho à cidade, e o abalo do caminho acendeo o fogo da febre. Tinhaõ contenda naquelles membros ſantos dous grandes eſtremos, hum de affliçaõ, outro de alvoroço: atormentavaos a febre com accidentes mortaes, alegravaos a eſperança da gloria com jubilos da alma: e eſta lhe ſuſpendia o trabalho da doença de maneira, que ſe lhe traſluzia no roſto o contentamento com que eſperava a morte. E como todo o emprego dos trabalhos dos Santos he ſò pera ſegurar eſta hora, naõ ſe eſqueceo, vendoſe nella, de ſe ajudar das armas que Chriſto nos deixou em ſua Igreja, que ſaõ os ſantos Sacramentos da Comunhaõ, e Extrema unçaõ: e recebendoos com ſeu coſtumado fervor, e devoçaõ, e com huma alegria de quem jà reconhecia o porto, e começava a ver os fermoſos orizontes da patria Celeſtial, foyſe deſpidindo dos que eſtavaõ preſentes com amor, e humildade. Com o hoſpede da caſa teve mais particulares colloquios: dos quaes podemos crer que falava com elle como com toda aquella Dioceſi, e Republica,

que

que nelle ſe lhe repreſentava, e na republica com a coroa, e jurdiçaõ em que eſtava do Reyno de Portugal Eu me parto, dezia, deſta vida com grande confiança no Senhor, que uſarà comigo na outra de ſuas miſericordias. Pouco tempo o ſervi, e eſſe com muitas faltas, e imperfeiçoens. He grande Deos, poem os olhos em ſi, paga como quem he, naõ como quem nòs outros ſomos. Como taõ benigno, e taõ rico, temme prometido, que por fazer merce, e honra a eſte pobre bichinho, favorecerà eſta cidade, e ſua comarca, e a livrarà de muitos caſtigos que os peccados dos homens ſempre eſtaõ provocando. Aſſi me ficarey entre vòs outros como viſinho, e amigo. A vòs particularmente por me ſofrerdes neſta caſa, e me agaſalhardes com tanta charidade, tomara deixar algum ſinal de agradecimento. Como pobre, e que outra couſa naõ poſſuo, vos peço que aceiteis em memoria eſta correa que me cinge: pòde ſer que algum dia vos ſirva. Deſcançou hum pouco, e apoz hum breve intervallo ſe foy deſcançar pera ſempre. Do dia certo ſe perdeo a memoria: e no anno tambem ha a duvida, que atràs apontamos. Mas concordaõ todos, que faleceo entre Paſcoa de Reſurreiçaõ, e Eſpirito Santo.

CAPITULO XXVII.

Como foy ſepultado o Santo, e deſpois ſeu corpo tresladado pera a Sè: e nella melhorado de lugar duas vezes.

FOy ſepultado o Santo com toda a honra, e pompa que podia ſer; acudio toda a cidade a acompanhallo, e o Biſpo fez o Officio, e ajudou a meter o corpo na ſepultura, que por entaõ foy em huma pequena Ermida, que o Santo edificara, por naõ aver ainda na terra caſa da Ordem. Sendo enterrado, naõ tardou o Senhor em honrar ſua memoria polos meyos que coſtuma. Foraõ grandes, e famoſas maravilhas, as que ſe viaõ em ſua ſepultura, e as que ſintiaõ em ſi todos os que a elle ſe encomendavaõ. E foy a primeira que no meſmo dia naceo nella hum eſtranho genero de fonte, que manava olio clara, e conhecidamente, olio admiravel nos effeitos, como miſterioſo no nacimento, e ſemelhante ao que ſe eſcreve dos ſepulchros de Santa Caterina no Monte Sinai, e de S. Nicolao em Bari cidade do Reyno de Napoles: porque da meſma maneira era ſingular antidoto contra todas as doenças.

No ſegundo dia de ſeu falecimento veyo à ermida, em que foy enterrado, huma Senhora principal, que tinha ſua caſa em hum lugar perto da cidade: porque fora ſua devota, e coſtumava agaſalhallo, e fazerlhe outras boas obras, e eſtando deſconſolada com a nova de ſua morte vira, o Santo em ſonhos, que lhe dezia que foſſe à ſua co-

cova, e ahy veria cumprimento da promeſſa que lhe fizera em vida. Foy o caſo, que eſta dòna pedio hum dia ao Santo, que lhe deſſe alguma peça de ſeu uſo, pera lhe ficar em memoria, quando Deos o levaſſe. Defendeoſe o Santo parecendolhe acto de vangloria: mas ſendo importunado, diſſe que em vida, ou em morte prometia darlha. Obrigada de huma, e outra promeſſa, eſtava junto da cova em oraçaõ: e olhando pera ella notou hum ſinal de abertura, que primeiro naõ vira. E querendo affirmarſe, provando com a maõ ſe ſe enganavaõ os olhos, trouxe nella hum dente claro, e fermoſo, que naõ teve duvida em ſer do Santo, porque a terra ſe tornou a cerrar como dantes. Aſſi o recebeo com lagrimas, e por joya precioſa o levou, e guardou.

Começou logo a ſer celebrada, e viſitada a ſepultura de naturaes, e eſtranhos; e achando todos remedio em ſeus males por ſeu meyo, crecia cada dia mais o concurſo. Por onde, paſſados alguns annos foraõ cayndo os cidadaons, e ſintindo, que era notavel deſcuido entre gente pia eſtar taõ mal agaſalhado dos ſeus quem taõ venerado era dos foraſteiros, tomou o Cabido à ſua conta o negocio. Mandou lavrar hum moimento de marmore, ſegundo aquella idade ſumptuoſo, e poſto na Sè tresladaraõ a elle as ſantas reliquias. Moſtrou Deos logo que ſe avia por bem ſervido na obra. Porque foy continuando o meſmo manancial de olio, que ſe via dantes, do qual achamos em memoria que recolheraõ os Conegos cantidade, e affirmaſe que ainda em noſſos dias ſe guarda algum.

Amoeſtados o Biſpo, e Cabido com tamanho ſinal procuraraõ juntar na Sè todas as reliquias que pudeſſem aver do Santo: e tendo jà em ſeu poder a capa, e cajado, e outras algumas, pretenderaõ tambem a cinta. Mas parecendo crueza deſapoſſarem a quem o Santo fizera ſenhor della, pediraõlhe parte. Conſintio o poſſuidor: juntaraõſe pera a partilha. Porem querendolhe pòr a faca (caſo prodigioſo) ſaltou o ferro da maõ a quem tentava a execuçaõ do còrte, e foy o ſalto taõ longe, como ſe tevera azas, ou fora impellido de maõ violenta: dando liçaõ aos homens do reſpeito que ſe deve naõ ſò aos Santos, mas tambem a ſeus deſpojos. A evidencia do milagre fez força ao dono, pera entregar de boa vontade à Igreja a correa inteira em honra de quem lha dera. E o Biſpo deſpois que teve tudo junto determinou juntarſe na morte com o Santo, fazendo conta que lhe valeria muyto no ultimo dia grande, taõ ſanta vizinhança, e o que por elle fizera. Fez fabricar outro moymento, e pegallo com o do Santo, em que ſe mandou ſepultar. Mas naõ falta quem diga alegando memorias da Igreja, que ſe acharaõ ſeparados algum tempo deſpois com diſtancia grande hum do outro por obra divina. Couſa he em que com rezaõ podemos duvidar: aſſi pola provada virtude do Biſpo que dizem foy dom Lucas, como porque o Santo naõ podia ſer na morte menos humilde, e bem acondicionado do que fora na vida. E conſtanos

que

que deſpois de outra tresladaçaõ que fez das meſmas reliquias no anno de 1520 o Biſpo dom Diogo de Avelhaneda pera huma capella que em nome do Santo edificou, na qual as poz por ſua maõ em huma caixa de prata, e foy o lugar ſobre o frontiſpicio da meſma capella: ſuccedeo outro Prelado taõ cheyo de piedade, que teve por pouco tudo o que eſtava feito em ſeu ſerviço, e de novo lhe lavrou huma capella de tanta capacidade, que deſpois de dar ao Santo o melhor, e mais decente lugar, juntou, e agaſalhou nella com boa ordem todas as oſſadas dos Biſpos ſeus anteceſſores, e pera ſi fez tambem ſepultura. Donde inferimos que quem a iſto ſe atreveo, bem ſeguro devia eſtar dos contos antigos de dom Lucas, pois o tornava à meſma vizinhança com tantos outros. E naõ he de eſpantar acharmos os eſcritores antigos enganados em algumas couſas, que como gente ſingela eſcreviaõ por informaçoens pouco averiguadas, como era forçado em falta de livros: quando neſta idade, em que tudo anda mais apontado, e ſobejaõ memorias certas, e bem eſcritas dos tempos atràs, achamos quem ſe atreveo a eſcrever de proximo, e imprimir, que eſte Santo falecera ainda em vida do Padre S. Domingos em huma Ermida que edificara com titulo de Santa Marta, pera nella fazer penitencia, huma milha de Ribadavia. Por honra da Hiſtoria naõ dizemos o nome de tal Autor, ſendo aſſi que ha tantos erros no que diz, quantas ſaõ as particularidades, em que ſe encontra com o que aqui temos eſcrito, por autoridade de muytos, e conhecidos eſcritores. E naõ ignorando ninguem que faleceo o Padre S. Domingos no anno de 1221 por Agoſto, em tempo que nem S. Pero Gonçalves era Frade, nem em Palencia avia Convento da Ordem. E por aqui ſe pode fazer juyzo do mais.

Mas tornando à noſſa Hiſtoria, os milagres da ſepultura do Santo foraõ multiplicando em fòrma que os ſabidos, e calliſicados por authoridade do Ordinario de Tuy no anno de 1258 chegaraõ a numero de cento e oitenta: que era pola conta do Padre Frey Fernando de Caſtilho, doze annos deſpois de ſua morte: e affirma que tinha em ſeu poder quando eſcrevia o treslado do proceſſo que o Biſpo de Tuy mandara a hum Capitulo geral da Ordem de S. Domingos celebrado em Toloſa de França pera obrigar aos Frades a procurarem ſua canonizaçaõ: polo qual parecia a contia dita, e nella, que foraõ remediados, e alcançaraõ ſaude por merecimento do Santo, entre grande numero de cegos, ſurdos, mudos, e aleijados, nove endemoninhados, e cinco leproſos. Mas rezaõ ſerà eſpecificarmos alguns, viſto tocar eſte Santo a Portugal com tanta particularidade, como temos moſtrado, e empregaremos nelles o capitulo ſeguinte.

1258.

Caſtilho p.1.l.2.c. 25. & 26.

CAPITULO XXVIII.

De alguns milagres que o Santo obrou deſpois de ſua morte.

HUm Joaõ Enchanes de Caſtro patraõ de hum navio veyo viſitar o ſepulcro do Santo em cumprimento de voto que fizera no mar em ocaſiaõ de huma perigoſa tormenta. Praticando de noite com outros devotos, que na Igreja cumpriaõ ſuas romarias ſobre beneficios que cada hum tinha exprimentado do Santo, naõ duvidando de nenhuma das maravilhas que ſe contavaõ, moſtrouſe incredulo na mais ſabida de todas que era do olio que hà tempos eſtilava, e ſe colhia do ſepulcro: e deſatinadamente affirmava que ſò a ſeus olhos creria tal. Paſſada a pratica, e boa parte da noite, olhando a caſo hum dos Romeiros pera a ſepultura ſanta notou nella humas gotas groſſas como de orvalho, nas quais brilhava, e fazia vizlumes à luz das alampadas, ao modo que faz o rayo do Sol em diamantes, ou outra pedraria ſemelhante. Chamou entaõ polo incredulo, chegaraõ muitos juntos de perto, e viraõ todo o marmore banhado daquelle olio ſanto: e o porfioſo inda cego em ſua dureza poz em cima do lugar, onde mais humidade parecia, huma pequena trombeta que conſigo trazia com a boca pera baixo: e foy o Senhor ſervido por honra de ſeu Santo acrecentar o milagre. Porque contra toda a natureza das couſas foy o olio ſobindo polo cano da trombeta atè lançar pola boca contraria: e quem naõ cria huma maravilha ficou convencido com duas.

Sofre Deos incredulos de ſuas grandezas, ſendo afronta, que lhe fazemos duvidar de ſeu poder infinito: porque tem por propria a honra de ſeus ſervos: e como ſe no deſcredito delles perigara o credito de ſua bondade, aſſi acode com prontidaõ a ſatisfazer os duros, e contumazes. Tratavaõ hum dia os Conegos entre ſi deſte milagre, e doutros que cada hora lhes paſſavaõ polas maons, louvando a Deos, e o Santo em todos: e hum delles tomando a maõ começou a dizer que dos milagres naõ duvidava, nem da virtude, e merecimentos do Santo: mas que lhe parecia couſa dura tamanho numero de prodigios, como cada homem referia. Porque (dizia elle) eu venho todos os dias polla manham, e tarde a eſta Igreja, e ainda me naõ aconteceo ver nenhum por eſtes olhos. As palavras naõ eraõ ditas, quando ſintiraõ rumor de gente na porta principal: e viraõ huns homens que traziaõ hum minino aleijado de ſeu nacimento taõ miſeravelmente, que naõ era ſenhor de mover pè nem maõ: e paſſando por entre os Conegos o foraõ lançar ſobre a ſepultura ſanta. Parece que quiz Deos moſtrar neſta hora com mais evidencia as grandezas de ſua omnipotencia à viſta do Conego incredulo: e mais repentinamente, do que coſtuma em outros, lhe deu ſaude. E foy aſſi que tanto que o moço tocou na lagea fria, no meſmo inſtante eſtendeo todos os membros, e ſe ſintio taõ robuſto, e ſaõ como ſe nunca mal nenhum tivera: e logo andou, e ſaltou paſmando de ſi meſmo, e paſman-

mando com todos o Conego que deſejava ver milagres, o qual daly em diante ficou pregoeiro do Santo.

Reſende na vida de S. Frey Gil. l. 3. exẽp. 11.

Era moradora em Santarem huma molher viuva natural de Ponte Vedra em Galiza. Adoeceolhe hum filho moço de huma poſtema em hum pè, e ſobreveolhe hum mal que vulgarmente chamaõ fogo de Santo Antaõ: andava em maons de meſtres, mas com pouca eſperança de vida, porque ſe hya corrompendo o pè, e tinha o pobre por conta tirados delle jà dezoito oſſos. Neſte eſtado ſe ſocorreo a afligida mãy ao Santo da ſua terra: e naõ tardou elle em lhe valer. Parou logo o mal, e cobrou o moço ſaude ſem mais obra de cirurgia. E foy o milagre taõ patente, que o moço ſe criou em devaçaõ, e amor do habito de S. Domingos pola memoria de quem lhe dera ſaude, e em fim o veyo a receber, e morrer nelle na meſma villa de Santarem.

Na meſma villa aconteceo a outra pobre molher que indo polo Tejo em hum barco com hum filhinho no collo, cahio com elle no rio, e com o peſo, e força da queda ficou logo ſomida na agoa. Gritou o marido que a acompanhava chamando por S. Pero Gonçalves: como outra couſa naõ podia fazer, ſoccorriaſe com brados ao Santo: e a pobre molher ſem largar o minino fez outro tanto, ſegundo deſpois dizia, em ſeu coraçaõ dandoſe por morta. Aſſi tornou ſobre a agoa ſinco vezes, e outras tantas foy abaixo: e ſendo com a tardança julgada por ſem remedio, valeraõ os merecimentos do Santo pera naõ perecerem mãy nem filho, e ſairem ambos vivos deſpois de lidarem com a morte tamanho eſpaço, que os podemos chamar reſucitados.

Hum anno avia, e quaſi dous meſes que eſtava leproſo Miguel Nunes no lugar de Negros dioceſi de Tuy: e apartado jà da comunicaçaõ dos viſinhos vivia em deſterro, recolhido em huma pobre choupana: encomendouſe com confiança ao Santo, e fez voto de viſitar ſua ſepultura, e levarlhe certa offerta. Cumprio o voto, foy enfermo, tornou ſaõ.

Maria Peres da Varzea do lugar de Mera tinha dous males: ſobre lepra confirmada cegou de ambos os olhos. Parece que ſintio mais a perda da viſta, que o dano dos mais membros: encomendou os olhos ao Santo, e ſarou logo delles. Foiſe viſitallo, e darlhe as graças por eſta mercè. Com a viſita recebeo ſegundo beneficio, porque tornou ſam da lepra, de que eſtava cuberta, avia nove meſes.

Martim Perez de Cobello lugar do Biſpado de Tuy, deſpois de andar doente de dores dos olhos ſetenta dias, veyo em fim a perder a viſta, e cegar de todo. Neſte eſtado fez hum voto a S. Frey Pero Gonçalvez, e ſubitamente ſe achou ſem dor, e com viſta.

Hum pobre homem trabalhador rompendo à força por hum valado de muytos eſpinhos por neceſſidade que o obrigou, ficou com dous pregados nos olhos, e com dores taõ vehementes que deſeſperava. Como o lugar he taõ perigoſo, e as eſpinhas eraõ taõ dilicadas que ſe naõ comprendiaõ de fòra pe-

ra ſe poderem tirar, creciaõ as dores, e com ellas deſconfiança de remedio: começou a chamar com grande fè polo Santo, e na meſma hora ſintio cair ambas as eſpinhas, e foraõ viſtas polos que eſtavaõ com elle, e ficou ſaõ.

Vivia com grande pena em Redondella huma Elvira Martinz, por ver ſeu marido ſurdo em tanto eſtremo que ſe naõ podia com elle tratar ſe naõ por acenos. Paſſaraõ annos, provaraõſe medicinas, era tempo perdido. Ajuntou huma eſmola, mandoua offerecer à ſepultura do Santo pedindolhe com humildade remedio pera o ſeu enfermo. Foy couſa de grande maravilha, e louvor de Deos, que quando o meſſageiro, que levou a eſmola, tornou da jornada achou o enfermo com o ſentido de ouvir taõ perfeito como ſe nunca nelle tevera leſaõ.

No lugar de Santa Leocadia veyo a enſurdecer de todo huma Urraca Salvador. E avendo ſinco meſes que aſſi eſtava ſem nenhum genero de melhoria, fez voto de ir viſitar o ſepulcro do Santo. Na hora que o cumprio começando a fazer oraçaõ diante delle, começou juntamente a ouvir os ſinos da Sè, e day em diante ficou ouvindo perfeitamente como quando era mais ſam.

A hum minino de ſete annos levaraõ ſeus pays ao Santo com ſua offerta, e eſmola, porque atè aquella idade naõ tinha falado palavra. Foy o Senhor ſervido que fazendo elle ſua oraçaõ ſubitamente falou. E os Conegos vendo taõ ſubito, taõ manifeſto, e taõ fermoſo milagre, ordenaraõ logo huma ſolene prociſſaõ ao redor da Igreja.

Pero Perez morador em Vilela aldea de Santiago tinha hum filho atormentado do diabo, que chegou de huma vez a tanto aperto com os aſſombramentos do enemigo, que onze dias continuos naõ comeo, nem bebeo, nem dormio. Fizeraõlhe os exorciſmos da Igreja: Reſpondeo que trabalhavaõ de balde, porque ſò Pero Gonçalves Telmo o lançaria da poſſe em que eſtava. Atado de pès, e maons foy levado a Tuy: como tocou a ſepultura do Santo, naõ ſò ficou livre de todo, mas nunca mais o enemigo ſe atreveo com elle.

Com o meſmo remedio foy curada Maria Gonçalves do lugar de S. Pedro de Celha, avendo hum anno inteiro que padecia o meſmo trabalho: e alguns dias oyto e nove vezes cada dia. Sintio huma noite que lhe diziaõ em ſonhos que viſitaſſe o ſepulcro do Santo, ſe queria ſaude: creo, e obedeceo: foy ao ſepulcro, e tornou ſam.

CAPITULO XXIX.

Das luzes com que o Santo coſtuma acudir no mar aos devotos navegantes, que a elle ſe encomendaõ.

SAõ os milagres, que Deos obra em ſua Igreja, confirmaçaõ da fè, prova de ſeu poder, e calificaçaõ, e indicio de ſantidade da peſſoa por quem he ſervido fazellos. Grande conſolaçaõ pera a Chriſtandade, confuſaõ pera os hereges, deſengano pera toda a Gentilidade, e argumento ſem replica, que ſò entre os Chriſtaons eſtà a verdadeira

deira ley, e caminho de ſalvaçaõ, e que naõ ha outro debaixo do Ceo, que nos poſſa livrar da miſeria infernal, a que todos ficamos condenados pola culpa do primeyro Pay. Milagre naõ he outra couſa ſe naõ huma obra que paſſa os limites da natureza, e lhe faz força: e aſſi ſe naõ for o Senhor deſſa meſma natureza, que he Deos, ou quem ſeu poder tiver naõ farà milagre. Logo onde ha milagres eſtà Deos ou poder ſeu. E pois ſò na Igreja temos eſte bem, com grande gozo os devemos feſtejar, e contallos com igual alvoroço. E por tanto ſem pedir licença diremos mais alguns.

Lemos em Santo Antonino na vida que eſcreve deſte Santo, que certos marinheyros vendoſe no mar ſalteados de hum temporal taõ forte, que deſtroçada a nào, e quebrados os maſtros eſperavaõ cada hora ſer comidos das ondas, acodiraõ com efficacia aos merecimentos de S. Pero Gonçalves, e chamando por elle, lhes apareceo clara, e viſivelmente, e lhes diſſe, que aly o tinhaõ; que naõ perdeſſem animo. E logo abonançou o tempo. E porque a nào ficara em eſtado que naõ tinha com que ſe poder governar, o Santo ſe fez Piloto, e a foy governando atè a pòr em parte ſegura.

Tambem ſe averiguou, que em huma nào ſobindo hum marinheiro à gavia, como he coſtume, pera meneo das vèlas, foy facudido da enxarcea por onde ſobia com tanto impeto, que ſem lhe valer a força com que hia nella aferrado com ambas as maons, foy como voando ao mar. Hia a nào eſpedida, o tempo era tormentoſo. Vendoſe o pobre homem ficar por popa, e muito longe, chamou polo Santo com grande animo, e fé. Eis que lhe aparece ſobre as agoas hum Frade veſtido em habitos de S. Domingos, e dizlhe: Eisme aqui filho, chamaſte por mim, aqui me tens, naõ ajas medo. As palavras foraõ ſeguidas de obras: tomouo o Santo pola maõ, e meteoo dentro no navio à viſta de toda a companha, que eſtava como fòra de ſi polo que via. E logo deſapareceo.

Seria eſtender a eſcritura infinito, ſe quizeſſemos contar todos os milagres que eſte Santo tem obrado no mar. Porque parece que o quiz Deos dar por avogado aos mareantes, principalmente neſte Reyno de Portugal, viſtas as grandes navegaçoens que de cento, e trinta annos a eſta parte tem emprendido os Portugueſes, rodeando o mundo por tudo quanto abarca o mar Oceano, com tanto eſpirito, e conſtancia, que polas naçoens eſtrangeiras fomos notados, naõ ſò de temerarios, mas de deſaſizados: que aſſi honraõ as obras valeroſas os que pera ellas naõ tem valor nem animo. E naõ debalde, indoſe o Santo pera a cidade de Santiago, como atràs fica dito, lhe mandou o Senhor que ſe tornaſſe pera as terras da jurdiçaõ de Portugal como era Tuy. Porque daqui avia de naſcer da parte dos Portugueſes encomendarenſe a elle com inteira confiança, como a Santo natural: e da parte do Santo acodirlhes como avogado, e padroeiro, ſegundo o que a ſeu hoſpede diſſe na ultima hora. Eſta correſpondencia

Paulo Jovio.

cia

cia eſtà taõ provada, e confirmada com acontecimentos entre todos os homens que neſte Reyno cursaõ o mar, que ſendo os navegantes ſem numero, quaſi naõ ha nenhum que ſe naõ confeſſe por obrigado a eſte Santo. E o que mais lhe devemos he, que nos milagres dos outros Santos nunca acabamos de eſtar certos do bem, nem livres do medo, ſenaõ deſpois de alcançado o effeito delles: mas S. Pero Gonçalves em ſendo chamado acode logo com luz, como em penhor de ſua aſſiſtencia, a qual enche de eſperança os affligidos, taõ certa, que logo ſe daõ por remediados, e ſalvos, por grande que ſeja o trabalho. E naõ ha homem que poſſa dizer, que deſpois de viſto o ſanto forol fizeſſe naufragio. He eſte forol hum lume como de huma vèla, o qual naõ toma lugar certo na nào: ora aparece ſobre os maſtos, ora nas gaveas, ora nas entenas, e às vezes ſobre lugares mais baixos dos navios: e o ordinario he naõ ſe ver ſenaõ em tempeſtades de grande perigo. Tanto que aparece, logo toda a nào lhe dà as graças com grita, e alegria, dizendo: Salva Corpo Santo: porque na lingoagem ordinaria dos mareantes Portugueſes por eſte nome de Corpo Santo he conhecido S. Pero Gonçalves. E com eſte titulo lhe ſaõ dedicadas algumas Igrejas, e muitas capellas, altares, e confrarias. E aſſi como entre nòs cà no mar Oceano tem eſte appellido: no mar Mediterraneo, e entre os Italianos he conhecido polo ſobrenome, que he Telmo: e chamaõlhe là os marinheyros San Telmo: e com eſte faz delle memoria hum celebrado Poeta ſeu dizendo: *Il deſiato fuoco di San Telmo.* E com o meſmo guarda hum Caſtello na fortiſſima ilha de Malta, eſcudo, e propugnaculo dos Reynos de Sicilia, e Napoles. Que como aquella Religiaõ traz ſempre navios no mar, tambem lhe reconhece obrigaçaõ como todos os mais navegantes. Arioſto.

Naõ ignoramos que ſegundo as regras de boa filoſofia podem proceder de cauſas naturaes alguns fogos que ſe vem em noites tempeſtuoſas ſobre os maſtos, e antenas das nàos: pola meſma rezaõ que vemos correr nas noites claras huns rayos que ſe affigura aos olhos ſerem eſtrellas deſpegadas, e voadoras, ſendo na verdade humas exhalaçoens, que levantadas da terra, e ſobindo à meya regiaõ do ar, com qualquer calor ſe acendem no alto: e ſegundo a cantidade da materia duraõ mais ou menos. Aſſi he de crer que do bafo, e quentura da nào, e da gente ſae hum vapor ou fumo, o qual ſendo apertado, e condenſado da força dos ventos, e frio, e tentando ſobir ao alto como couſa leve, prende facilmente fogo, pola diſpoſiçaõ que leva de quentura: e tornando pera baixo faz preſa ou detença no primeiro aſſento que acha de maſto, ou gavea, ou entena: e ſegundo o impulſo dos ventos ſalta de huma parte em outra, e tanto tempo arde quanto he neceſſario pera ſe gaſtar o pavio da exhalaçaõ, e nutrimento em que ſe ſuſtenta. E querem os que fazem eſte diſcurſo, que ſeja o tal lume final tambem natural de bonança: porque no alto, onde ſe acendeo, achou jà, ou mudança, ou mitigaçaõ de ven- Ariſt. l. 1. Meteor.

vento, que o deixou cayr no meſmo lugar donde a fumaça ſe levantou. Ajunta Seneca a eſta ſua opiniaõ que os navegantes de ſeu tempo davaõ a tal lume (que elle diz aparecia ſobre as vèlas) o nome dos dous irmaons Caſtor, e Pollux venerados no mar ſem propoſito da enganada Gentilidade. Com tudo os que ſomos Chriſtaons eſtamos obrigados a ſobir com o entendimento a outra Metafiſica mais alta, de que naõ teveraõ noticia Seneca, nem Ariſtoteles: e tomando exemplo no arco do Ceo que os Gregos, e Latinos chamaõ Iris, pola differença de cores que faz nas nuvens em tempo de agoas, o qual naõ duvidamos ſer tambem cauſado de razoens naturaes: digo que aſſi a Iris, como os cometas, e eclypſes, e fogos que aparecem no Ceo, e eſtes meſmos que dizemos das nàos, ſaõ, e podem ſer humildes miniſtros, e meſſageiros da ira, ou miſericordia Divina. Gen. 9. Quanto ao arco as letras ſagradas nos enſinaõ, que foy dado por Deos ao mundo em penhor, ſinal de que naõ afogaria a terra com ſegundo diluvio, couſa de que naõ podia ſer fiadora a natureza. Que os cometas ſejaõ pronoſtico de indinaçaõ do Ceo contra os peccadores, ninguem o pode teſtemunhar com mais verdade que o Reyno de Portugal. Bem o vimos no temeroſo rayo, que no anno de 577 eſtendido ſobre eſte Occidente com huma grande cauda farpada em forma de açoute pronoſticou claramente o lamentavel fim da jornada del Rey dom Sebaſtiaõ: e principio das lagrimas que ainda hoje naõ eſtaõ enxutas neſte Reyno, nem moſtraõ ſperança de ſe enxugarem jà mais. E todavia o arco, e os cometas procedem de couſas naturaes. Nem mais nem menos, ſendo obra da natureza os pequenos lumes que ſe vem nas nàos, podem tambem ſer milagroſo indicio de favor que Deos quer uſar com os atribulados fieis ſeus ſervos, por merecimentos do fiel ſervo ſeu, e grande Santo S. Pero Gonçalves. Que ſe os demonios por permiſſaõ Divina fazem algumas vezes maravilhas, que arremedaõ o poder de Deos, como lemos que obraraõ em Egypto: Exodo 8. mais de crer he, que as faça o meſmo Senhor em honra, e credito de ſeu Santo, ou ordene, e mande, que as naturaes ſejaõ como huns corredores, e embaixadores da piedade, que quer uſar com os atribulados. Quanto mais, que he couſa certiſſima, que muitas vezes ſe deixa ver o meſmo Santo em ſua propria figura, como em dous exemplos moſtramos atràs. E o que excede todo encarecimento do muito que elle val com Deos, e nos prova com evidencia palpavel ſerem eſtes lumes miraculoſos, e ſobre a natureza, he que deſpois de deſaparecidos ficaõ muitas vezes ſinaes, e reliquias de cera, que ardeo em cima das gavias, e em outras partes em tempo do perigo. E conhecemos em Lisboa hum Piloto da carreira da India, que com veneraçaõ, e devaçaõ moſtrava hum barrete bem ſinelado de pingos de cera verde, que affirmava recebera nelle tendoo na maõ quando em meyo da tempeſtade ſalvava o lume ſanto, que pelo alto aparecia. E na cidade de Lagos no Reyno do Algarve he fama publica, que em hum templo

Senec. l. 1. Quæſt. natur. c. 1.

plo do Santo, que alli ha, onde he venerado com nome de Corpo ſanto, aparece muitas vezes em noites de inverno tormentoſas hum lume mui claro, e reſplandecente, que naõ ſòmente ſe deixa bem ver, mas alumia parte do curucheo: e como he viſto, ſe lhe faz ſalva com repiques de todos os ſinos da cidade; e affirmaõ que paſſada a tormenta ſe tem achado ſobre o curucheo muitos ſinaes de cera ardida. E pera mais confirmaçaõ deſta opiniaõ he couſa averiguada, que avendo na cidade outros lugares, e campanarios de altura igual, em nenhum ſe vio nunca tal lume: vendoſe muitas vezes no lugar que temos dito, e tambem na torre dos ſinos da meſma Igreja, e algumas vezes em ambas as partes juntamente. E deſtes aparecimentos aſſi uniformes por toda a parte devia nacer, que nas ſuas pinturas em altares, e bandeiras ſe lhe poem na maõ huma vèla aceſa. Dos meſmos, fazeremlhe os homens do mar naõ ſò feſtas, e prociſſoens, em que levaõ ſua imagem com ſolenidade em andores, e ombros: mas levantaremlhe Igrejas, Ermidas, Capellas, e Confrarias por todo o Reyno. Em Lisboa alem da Ermida propria, que tem no bairro a que dà nome de Corpo ſanto, tem capellas, e confrarias no Convento de S. Domingos, nas Igrejas Parrochiaes de S. Miguel, e Santo Eſtevaõ de Alfama, e na Igreja das Chagas. Na cidade do Porto na Freguefia de Maſſarellos ha huma boa Igreja edificada em ſeu nome, como a que temos dito de Lagos: e em todas he celebrado, e feſtejado com os officios Divinos, prègaçoens, e prociſſoens: e naõ ha homem que cuide ſayr pola barra fòra, que em ſeu ſerviço ſe moſtre tibio ou defectuoſo: e pera dizermos tudo em huma palavra, eſte Santo he o eſpirito, e animo dos mareantes do Reyno de Portugal.

CAPITULO XXX.

Das grandes inſtancias, com que a gente do mar de Portugal tem procurado, e pedido a canonizaçaõ deſte Santo.

POuco era tudo o que temos referido pera pagar a taõ grande Santo o querer ficar entre nòs, e na jùrdiçaõ de Portugal: pouco era pera igualar os beneficios recebidos em cada nào, em cada caravela, e em cada barco, ſe os animos Portugueſes naõ ſobiraõ com generoſidade a tratar da mayor honra do Santo, qual era procurarlhe, como hoje fazem à cuſta de ſua induſtria, e trabalho, e fazendà, que ſeja poſto no numero dos Santos, que a Santa Madre Igreja ſolenemente tem canonizado. E iſto podemos crer que devia Deos revelar ao meſmo Santo quando ſe hia morrer a Santiago de Galiza, pera que tornaſſe alegremente pera nòs: como alguns annos deſpois revelou tambem a S. Vicente Ferrer Frade noſſo, que hum minino que tinha diante de ſi o avia de honrar: e elle lho diſſe logo, e ſucedeo puntualmente, porque o minino chegando a idade madura veyo a ſer eleito em Summo Pontifice com nome de Calixto III., e tanto que o foy canonizou a S. Vicente, pagandolhe com eſta honra a que a am-

ambos profetizou. Aſſi ſe determinaraõ todos os mareantes da cidade de Lisboa juntos em hum corpo, em ſeu nome, e de todos os mais portos deſtes Reynos, e Ilhas adjacentes de ſua Coroa, naõ perdoar a nenhum trabalho, nem deſpeza, atè verem o Santo canonizado. E avendo muitos annos que traziaõ o negocio movido diante do Illuſtriſſimo Senhor dom Miguel de Caſtro Arcebiſpo de Lisboa, por cuja autoridade era neceſſario começar, pera ſe poderem fazer os requerimentos ordinarios em Roma: como a materia era de tanto peſo que naõ podia correr ſe naõ muy devagar; e elle como Prelado mandava fazer muitas diligencias importantes pera ſe poder reſolver, nas quaes ſe gaſtou muito tempo; porque ſe proceſſaraõ autos juridicos muy largos: determinaraõ fazer hum acto digno de grande louvor o qual foy, porque a dilaçaõ, e o rodear dos annos naõ entibiaſſe o fervor com que procediaõ, obrigaremſe com voto todos os que ſe ajuntavaõ na conſulta deſta obra, de naõ deſiſtirem della atè verem o Santo canonizado. Aſſi procedendo alcançaraõ do meſmo Prelado huma certidaõ pera preſentarem ao Summo Pontifice, na qual copioſamente ſe declaraõ todas as particularidades porque em ſemelhantes pertençoens ſe coſtumaõ pedir. E porque a certidaõ em ſi he de grande autoridade, e contem hum muy grande, e honrado teſtemunho do animo, e devaçaõ deſta boa gente, tresladaremos aqui alguns pedaços della, que tambem nos ſerviraõ de ſuprir na Hiſtoria o que mais podiamos dizer das couſas do Santo. A certidaõ começa aſſi.

DOm Miguel de Caſtro por mercè de Deos, e da Santa Igreja de Roma Metropolitano Arcebiſpo de Liſboa do Conſelho do Eſtado de ſua Mageſtade neſtes Reynos, e ſenhorios de Portugal &c., fazemos ſaber aos que a preſente virem, como a confraria de S. Frey Pero Gonçalves Telmo, ou como muytos dizem, do Corpo Santo, ſita na Igreja Parrochial de S. Miguel de Alfama deſta cidade de Lisboa, por ſeu eſpecial, e baſtante procurador, e tambem em nome de muytas outras confrarias deſtes Reynos, muytas vezes com grande deſejo, e muyta vontade nos poz diante querer tratar com ſua Santidade, e a Santa Sè Apoſtolica da canonizaçaõ do meſmo Santo. E com muyta inſtancia outro ſi nos pedio, que tomando informaçaõ com diligencia, de ſua vida, e milagres deſſemos diſſo conta a ſua Santidade, e juntamente lhe diſſeſſemos com efficacia, que à honra de Deos todo poderoſo, exaltaçaõ da Santa Madre Igreja, e conſolaçaõ univerſal do povo, e eſpecialmente dos homens do mar ouveſſe por bem de o Cano-

nizar. E conſiderando nòs tanta devaçaõ, e como mais vezes nos foraõ dadas ſobre iſto petiçoens, por autoridade do noſſo official mandamos perguntar trinta e ſete teſtemunhas ſobre a devaçaõ, e veneraçaõ do dito Santo neſtes Reynos: e em particular em quatro Igrejas deſta cidade, e a requerimento, e inſtancias dos ſobreditos mandamòs tirar da Igreja de Tuy, onde o corpo do glorioſo Santo eſtà collocado, hum proceſſo no anno de mil e quinhentos e oitenta e dous: no qual em Latim, e em lingoagem Caſtelhana largamente ſe contem a vida, morte, e diverſos milagres do dito Santo. E aſſi mais huma relaçaõ autentica do Cabido da meſma cidade de Tuy das couſas que nelle ſe celebraõ à honra do dito Santo. O que viſto, e como creceo tanto a devaçaõ deſta ſanta obra, que jà foraõ feitos deputados della o Padre Meſtre Frey Joaõ de las Cuevas da Ordem dos prègadores confeſſor do ſereniſſimo Principe Alberto Archiduque de Auſtria Legado de ſua Santidade, e da ſanta Igreja de Roma neſtes Reynos, e ſenhorios de Portugal: e dom Pedro Alarcon cavalleiro da ſua Camara. E foy outro ſi feyto procurador geral de todo o negocio Andre Dias da Cruz: por elles em nome de todos nos foraõ preſentados muytos documentos, e couſas de conſideraçaõ, e dignas de fè que tudo o aſſima dito largamente affirmaõ, e aprovaõ.

E mais abaixo procede dizendo.

AS quaes couſas parecendonos de muyto momento, e conſiderando a diligencia, cuidado, e inſtancia, com que quaſi, digamos, ſem tomar folego os devotos pera exaltaçaõ da memoria do Santo queriaõ tudo juſtificar: naõ foy poſſivel naõ deferirmos a ſuas petiçoens. Mas pera que tudo ſe fizeſſe com aquella deliberaçaõ, madureza, conſelho, e autoridade que em couſa de tanto peſo ſe requeria, mandamos os ſobreditos documentos a alguns Reverendiſſimos Senhores Biſpos, e muyto Reverendos Doutores, Religioſos, e pias peſſoas, a fim que cada hum por ſi com grande cuydado, e por tempos, e dias, tudo perfeitamente viſſem, e conſideraſſem: e deſpois nos referiſſem o que ſentiſſem do negó-

gocio, e todos invocando o favor divino com ſeus eſcritos, razoens, e conſelhos nos ajudaſſem. O que com diligencia fizeraõ, como conſta dos ſeus votos por elles aſſinados. As quaes couſas todas ponderadas, e conſideradas, entendemos, que atenta a vida, e ſantidade deſte ſanto varaõ, aſſi pera reparaçaõ, converſaõ, e proveito das almas dos fieis, como por tantos, e diverſos multiplicados milagres que por virtude divina, e merecimentos do Santo, aſſi na vida como deſpois de ſua morte conſta que fez: e viſta a taõ continua, e como digamos envelhecida obſervancia, com que eſte Santo na dita Igreja de Tuy jà com Miſſa particular, e agora de commum de Confeſſores he venerado; e que na prociſſaõ que lhe fazem no dia deſpois da oitava da Paſcoa concorrendo a ella, e eſtando preſente grande multidaõ de povo, e gente daquellas partes, coſtumaõ ſolenemente levar o proprio cinto, e cajado, e habito do Santo ao ſeu ſepulcro: donde pera remedio dos enfermos, e exaltaçaõ da ſanta fè Catolica ſe prova que manou oleo muytas vezes. E alem diſto às ſegundas feiras, e ſabbados, celebradas as Miſſas, e outros divinos officios à honra do Santo, como he coſtume, com a Cruz diante vaõ rezar ao meſmo ſepulcro. E neſtes Reynos, e em eſpecial em Lisboa nas Igrejas de S. Domingos, e Parrochiays de S. Miguel, e Santo Eſtevaõ de Alfama, e na Igreja das Chagas, e na ermida ou Capella do meſmo Corpo Santo ha Imagens, Altares, Capellas, oratorios, e confrarias. E na Freguezia de Maſſarellos da cidade do Porto ha huma Igreja feita em louvor, e honra do meſmo Santo. E o dia de ſua feſta por toda a parte ſe venera, e celebra com officios divinos, prègaçoens, e prociſſoens com a mayor ſolenidade que ſer pode: e tanto ſe eſtima eſte bemaventurado Santo, que quaſi a nenhum dos que haõ de ir por mar lhe parece poder alcançar de Deos Noſſo Senhor porto ſeguro ſe naõ por ſua interceſſaõ.

E hum pouco mais abaixo.

TOdas eſtas couſas atentadas, e conſiderada principalmente a autoridade do Sereniſſimo Principe Legado, ao qual de tudo dèmos conta, e tudo ouve por bem: e atenta outro ſy a autoridade dos Biſpos aſſima referidos, e de outros muytos graviſſimos varoens, e Inquiſidores que os aprovaraõ, e o muy douto parecer do muyto Illuſtre e Reverendiſſimo Senhor Conde Joaõ Baptiſta Bilha Colleitor de Sua Santidade ao preſente reſidente neſta Corte, e de outros Doutores, e pios homens que outro ſi apontaraõ em direito ſobre eſte negocio: e tambem o mandado de procuraçaõ do Reverendiſſimo Senhor dom Bertolameu de Plaça Biſpo de Tuy, e da ſua Igreja, em cujos nomes outro ſi os ditos deputados com inſtancia, e devotamente procuraõ eſta ſanta obra: e antiguidade do tempo que de mais de trezentos annos a eſta parte na dita Igreja de Tuy em particular, e em outras muytas aſſidua, e devotiſſimamente ſe venerou a memoria do Santo, e outras muytas ſuas confrarias deſtes Reynos. Determinamos finalmente ſer muyto juſta a pertençaõ dos ditos devotos, que com tanto trabalho, e gaſto procuraõ, e deſejaõ: e que nòs com a humildade, e reverencia poſſivel, naõ confiando na noſſa fraqueza, mas na grandeza, e antiguidade do proprio Santo, e na doutrina, prudencia, zelo, charidade, e liberalidade do Santiſſimo Padre o Papa Noſſo Senhor, pera mayor confirmaçaõ dos catolicos, confuſaõ das heregias, e conſervaçaõ, e firmeza na fè deſtes Reynos: concorrendo nòs com elles neſta parte, ſupplicaſſemos a Sua Santidade que com eſta canonizaçaõ, como ſaudavel conſolaçaõ, remedee o afeito que taõ devoto povo parece que tràs nas entranhas: e aja por bem de lhe fazer eſta mercè. O que com ajuda de Deos Noſſo Senhor fazemos por eſtes eſcritos. Proteſtando porèm como nòs naõ queremos nem podemos definir, nem determinar nenhuma couſa neſta materia: mas ſòmente pedimos iſto com efficacia, a fim que eſte fideliſſimo povo com a devaçaõ de hum Santo taõ exemplar, ſe naõ reſfrie, ou polo tempo em diante, da ſua ajuda que tantas vezes tem ex-

experimentada, por ventura naõ deſeſpere. Em fè do que nòs, e os ditos Reverendiſſimos Senhores Biſpos de noſſos proprios ſinaes, e ſellos aſſinamos, e ſellamos eſta carta, que outro ſi aſſinaraõ os outros Doutores aſſima ditos que deraõ ſeus pareceres, que tudo pera mayor corroboraçaõ ſerà tambem juſtificado polos Notarios publicos abaixo eſcritos. Dada em Lisboa aos vinte e ſete dias do mez de Agoſto de 1592 annos.

Dom Miguel Arcebiſpo de Lisboa.

Cornelio Biſpo de Laonia. Emanuel jà Biſpo de Ceita e Tangere Dayaõ da Capella del Rey. O Doutor Simaõ Borges Prior de Santa Cruz Deſembargador da Corte Eccleſiaſtica de Lisboa, e ſeu Chanceller. O Doutor Antonio Fernandes Varejaõ Chantre da Sè de Lisboa. Joaõ de Eſtay Protonotario Apoſtolico, e Conego na Sè de Lisboa. O Doutor Antonio da Cruz viſitador deſta Cidade, e Prior de S. Martinho. Pero Lourenço de Tavora Conego de Lisboa Licenciado em Theologia. Franciſco Rebello Conego Doutoral de Lisboa. Pedralvares de Freytas adminiſtrador da jurdiçaõ Biſpal de Thomar da Ordem de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto. Emanuel Machado da Fonſeca Prior de S. Chriſtovaõ de Lisboa. Dom Simaõ Prior do Moſteiro de S. Vicente da Ordem dos Conegos Regrantes Theologo. Bertolameu da Conceiçaõ Reitor do Moſteiro de Santo Eloyo da Ordem de S. Joaõ Evangeliſta Theologo. Frey Manoel Ribeiro Abbade do Moſteiro de S. Bento Bacharel em ſacra Theologia. Frey Joaõ de Andrada Theologo da Ordem de S. Bernardo. Frey Manoel Coelho Meſtre em ſanta Theologia da Ordem dos Prègadores. Frey Marçal Guardiaõ do Convento de S. Franciſco Theologo. Frey Belchior Urbano Meſtre em Theologia da Provincia de Santo Antonio da Ordem de S. Franciſco. Frey Antonio da Trindade da Ordem de Santo Agoſtinho Meſtre em Theologia. Frey Angelo Pereira Doutor Theologo Prior do Carmo. Frey Chriſtovaõ de Jeſu Doutor Theologo Miniſtro da Santiſſima Trindade de Lisboa. Frey Gonçalo de Torralva da Ordem de S. Hieronymo de Belem Theologo. Luis de Moraes Sacerdote Theologo da Companhia de Jeſu.

Foy

Foy eſta certidaõ acompanhada de huma carta do Preſidente, e Vereadores da Camara de Lisboa pedindo o meſmo com grande encarecimento, e efficacia de rezoens: e doutras que algumas cidades, e villas principaes deſte Reyno tambem eſcreveraõ. E procedendoſe no negocio em Roma com todo o calor, ultimamente no anno de 1610 eſcreveo el Rey domFilipe ſegundo de Portugal ao Papa Paulo Quinto pedindolhe com inſtancia eſta canonizaçaõ: e mandou ao ſeu Embaixador que reſidia em a Corte de Roma, e ao Agente de Portugal que nella tambem aſſiſtia, que da ſua parte a requereſſem. E que em quanto tardava a final concluſaõ pediſſem, que ſe podeſſe rezar do Santo por toda a Ordem de S. Domingos. Concedeo o Pontifice logo eſte ultimo ponto, como conſtaſſe eſtar Beatificado pola Sè Apoſtolica.

Eſtando lançados taõ bons fundamentos, era neceſſario juntarſe copia de dinheiro pera ſe ſuprirem as deſpeſas das diligencias que de novo ſe aviaõ de fazer por ordem, e mandato do Papa: e tendo os mareantes alcançado licença ſua pera poderem peſcar nos dias ſantos, e prohibidos com declaraçaõ que o procedido deſte trabalho ficaſſe applicado, e depoſitado pera o gaſto das taes diligencias. E ſendo começada a executar com grande vontade dos pòvos por todo o Reyno, Ilhas, Conquiſtas, e Senhorios delle, ſuccedeo certo encontro, pera mayor merecimento dos meſmos homens, que gracioſamente offereciaõ em ſerviço do Santo o ſuor, e trabalho de ſeus braços, o qual foy taõ poderoſo que fez parar a peſcaria. E como em negocios grandes naõ podem as reſoluçoens deixar de ſer mui vagaroſas, e eſta depende dos Conſelhos, e Conſelheiros Reaes occupados ſempre em materias preciſas, e de quotidiano trabalho, eſtà ainda hoje por determinar a cauſa do encontro da peſcaria, e pola meſma cauſa eſtaõ paradas as diligencias que jà ſe ouveraõ de começar, e puderaõ eſtar acabadas. Porque as fazendas particulares dos mareantes naõ ſaõ baſtantes a ſuprir a deſpeſa dellas, nem parece rezaõ que delles ſe eſpere.

Fim do Livro Quarto.

LI-

LIVRO QUINTO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Fundaçaõ do Convento de S. Domingos da Cidade de Evora.

NAM ouve mais que seis annos de espaço entre a fundaçaõ do Convento de Tuy, e a que temos entre maons da cidade de Evora: e ouve nellas esta differença, que o Convento de Tuy foy principiado em vida do Mestre Geral da Ordem Frey Joaõ de Vercellis: e este de Evora governando jà a Ordem seu successor, e septimo Geral della Frey Munio Castelhano natural de C,amora, que foy eleito no Capitulo Geral de Bolonha celebrado no anno de 1285. 1285. Era septimo anno despois del Rey dom Dinis levantado 1286. por Rey, e corria o de 1286, quando os nossos Frades começaraõ huma humilde fabrica nesta cidade, junto da Ermida de Santa Vitoria martyr, fabrica sò pera gasalhado, Ermida pera continuarem com suas horas do Coro, e com toda a mais ordem da regular observancia. Foy o principio da obra com esmolas dos fieis, e com vontade, e boa graça da Camara, e governo da terra. Mas porque era necessaria licença del Rey tomaraõ os Frades a cargo negocealla: e dandolhe conta de sua determinaçaõ, e do prazmo que tinhaõ da Camara, mandoulhes el Rey passar hum alvarà, cujo treslado poremos aqui tirado do proprio, porque he de ver em nota, e palavras, e diz assi.

DOm Dinis pola graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, a vòs Juizes, e Concelho de Evora saude. Sabede que os Frades Prègadores me disseraõ, que

que a vòs prazia, e tinhades por bem de morar em eſſa villa tanto que ſoubeſſeis que prazia a mim. Sabede que a mim praz, e tenho por bem, cà os tenho por homens bons que amo, e prezo. E morando elles ehy tenho que ſerà a ſerviço de Deos, e a voſſo proveito. E todo o bem, e toda a eſmola que lhes façades ſerà em elles bem empregada, e eu gracirvolaey. Outro ſi me diſſeraõ que Meſtre Payo, e Martim Migueis Tabellioens deſſa villa naõ querem a elles dar teſtimonyo de couſas que paſſaraõ de ſeu feito. Porque mando a vòs Juizes viſta eſta carta digades da inha parte a eſſes Tabellioens que lhes dem ſeu teſtimonyo em aquella guiza que lhe lo devem dar de direito, e al naõ façades. E eſtes Frades ou alguem por elles tenhaõ eſta inha carta. Dada em Lisboa XXIX dias de Junho. El Rey o mandou por Lourenço Eſcala ſeu Paceiro mòr. Martim Martinz a fez Era de M. CCC. XXIII. (que reſponde ao anno do Redemptor 1286.)

Como neſtes principios naõ interveyo mayor força que a dos Frades, foy a fabrica muy pobre, e mais conforme às dos primeiros fundadores da Ordem, que à grandeza da cidade. Mas cabiaõ em gaſalhados curtos animos grandioſos, e capazes da ſoberania do Ceo. Aſſi o moſtravaõ na aſpereza de vida, na mortificaçaõ, e recolhimento; e ſobre tudo na grande continuaçaõ do exercicio do pulpito, e doutrina, com que edificavaõ aquelle grande povo de maneira, que eraõ viſtos com geral ſatisfaçaõ, e affeiçaõ. Ao que ajudava verſe grande mudança, e emenda nos coſtumes, muita continuaçaõ dos Sacramentos, concurſo geral da terra aos ſermoens, e particular de muitos ao trato, e communicaçaõ dos Frades mais affinelados em virtude: e todos o eraõ.

Doze annos durou eſta eſtreiteza de caſa com tanto aperto, que avendo terra do Concelho à roda pera ſe poderem bem alargar, e animos na gente do governo prontos pera a darem: ſò por naõ pedirem pera ſi, ou moſtrarem cobiça ſofriaõ toda a deſcommodidade. Tinhaõ os olhos nas moradas eternas: quanto às do mundo, como viviaõ deſenganados, que nem ſaõ permanentes em ſi, nem he permanente quem as logra, nenhuma pena nem cuydado lhes dava o bem, nem o mal dellas. Mas naõ faltou quem com bom zelo propoz na Camara o que padeciaõ por mal agaſalhados, e o que merecia ſua viſinhança pera couſas mayores. Folgavaõ os que governavaõ de lhes dar tudo o que quiſeſſem de campo, naõ ſò o neceſſario: e valeo mais o goſto com que o deraõ que a meſma dadiva. Porque ſe juntou toda a nobreza do lugar com o

Prior,

Prior, que era Frey Domingos de Amarez, e foraõ cordeandó a terra por onde elle quiz, e apontou. E ficou em memoria, que vendo o Prior que seria beneficio da cidade alargarse certo caminho, que entaõ hia por entre hortas, e hoje he rua publica, cortou de seu moto proprio por hum ferrejal do Convento, que partia com o caminho, tanta parte quanta pareceo necessaria pera ficar bem espaçoso. Huma, e outra cousa consta de hum assento que ainda hoje se lè no livro dos acordos da Camara, que por ser obra de charidade merece por gratidaõ ficar nestes escritos perpetuada, e diz assi.

ERa de M. CCC. XXXVI. (responde ao anno de Christo de 1298) *sendo Prior Frey Domingos de Amarez, diante do Alcayde mòr, Juiz, Vereadores, Taballiaens, Almotaceis, Cavalleiros, e homens bons, andou o dito Prior com elles apègando, e mostrandolhes por onde queria pòr o muro do encerramento do Mosteiro. E elles vendo, e considerando como fazia mister ao Mosteiro, teveraõno por bem. E o Prior lhes deu huma peça do seu ferrejal, porque ficou mais larga, e melhorada a carreira que vay por entre as hortas. E todos lho outorgaraõ, e naõ foy quem o contradisse. Mestre Payo Taballiom o escreveo.*

Ordinario he nas cousas naturaes serem de mais força, e mais substancia as que mais devagar procedem em seus principios, e crecimento, e naõ durarem muito as que arrebatadamente sobem. Assi he Deos servido algumas vezes levar as suas no começo a passo lento, e descobrir a grandeza de seu poder no processo. Estes tenros, e vagarosos principios teveraõ despois fermosos, e importantes augmentos, procedidos sò da misericordia, e liberalidade Divina. Porque inspirou no animo de hum Fidalgo honrado, e rico chamado Martim Anes, que tomasse à sua conta edificarnos huma Igreja tal, qual convinha pera tamanho povo, que sintia muito a estreiteza da Ermida, quando se ajuntava nas prègaçoens. Naõ tinha herdeiro forçado, determinou que o fosse este edificio, e nelle o mesmo Deos. Assi a começou com magnificencia de Principe: e porque lhe naõ pode ver o fim nos dias que viveo, deixou por sua morte applicado pera ella tudo quanto lhe pertencia, e podia testar de seus bens, que eraõ alem de boa copia de dinheiro amoedado, peças ricas de ouro, e prata, e muita fazenda de raiz. E fez declaraçaõ, que despois da Igreja acabada, a qual mandava que corresse pola traça cemeçada, se empregasse o remanecente em aperfeiçoar a capella mòr de seu Coro, e o

Convento de hum clauſtro, e outras officinas taes, que ficaſſe capaz de viverem, e ſervirem nelle a Deos muitos Religioſos. Era ſua molher dona Caterina peſſoa taõ perfeita em todas as partes de huma honrada matrona, que confiadamente lhe encomendou Martim Anes todo o cuidado, e deſpeſa da obra. E ella moſtrou bem quem era na facilidade com que ſe deſapegou deſta adminiſtraçaõ, e do goſto de manejar fazenda. Porque poucos dias deſpois que perdeo o marido, eſtimando tudo menos que a elle, chamou o Prior do Convento, que era Frey Joaõ Eſtevens, e renunciou nelle todo o direito que tinha no governo da fazenda, e fabrica, entregandolhe logo com effeito todo o dinheyro, prata, e ouro que pera ella deixara applicado o defunto, e metendoo juntamente em poſſe dos bens de raiz, com encargo que elle compriſſe o teſtamento aſſi, e da maneira que nelle ſe declarava, e principalmente no que tocava às obras apontadas. E porque deſejava imitar a ſeu marido no herdeiro que ſoube eſcolher, e de alguma maneyra aventajarſe (como na verdade faz pouco quem dà fazenda, ainda que muita ſeja, pera deſpois da morte, quando jà a naõ pode lograr) ajuntou ſobre a renunciaçaõ, que tinha feita, huma doaçaõ de tudo o mais que à ſua parte lhe ficava, dizendo por huma eſcritura publica, que viſto naõ ter herdeiro por linha direita aſcendente, nem deſcendente, por fazer ſerviço a Deos, e bem à ſua alma, e em remiſſaõ de ſeus peccados, dava, e doava deſde logo ao Convento de S. Domingos todos os bens que poſſuhia, e lhe pertenciaõ na cidade de Evora, e ſeus termos: a ſaber, caſas, vinhas, herdades, adegas, louça, lagares, e toda a mais fazenda que por qualquer via lhe pertenceſſe: e atè as caſas em que vivia: e de tudo era contente que logo tomaſſem poſſe os Religioſos real, e autual, ſem pera ſi reſervar couſa alguma, porque as meſmas caſas ella fazia conta que as tinha da maõ delles: e eſta doaçaõ fazia ſem pòr mais encargo, nem obrigaçaõ ao Convento, que de huma Miſſa quotidiana polas almas de ſeu marido, e ſua. E as palavras formaes, com que conclue eſta eſcritura, ſaõ as ſeguintes.

Que lhe mantiveſſem hum Capellaõ pera ſempre, que diſſeſſe cada dia Miſſa calada de Requiem, e à ſeſta feira de Santo Andrè por ſua alma, e do dito Martim Anes: e que o Frade, que diſſer eſtas Miſſas, aja tres ſoldos de cada dia .ſſ. vinte e hum ſoldo pola Doma pera ſeu mantimento.

Pera ſatisfaçaõ dos curioſos, que folgaraõ ſaber quanto reſponde à eſmola deſtas Miſſas reduzida ao valor da moeda preſente: he de ſaber que ſeguindo o aſſento que el Rey dom Afonſo Quinto mandou tomar em ſeu tempo, valia hum ſoldo, que he o meſmo que hum real branco, dezoito dinheyros ou pretos, que ſaõ os que oje chamaõ ſeitis. E por eſta conta tres ſoldos eraõ nove reis da moeda preſente: e tanto ſe dava por eſmola de huma Miſſa: e ſeſſenta, e tres reis polas ſete Miſſas de toda a ſomana: que iſto he o que o teſtamento chama Doma. Eſte Fidalgo eſtà enterrado

Nas Ordenaçõeſ del Rey dom Manoel l. 4. t. 1.

rado no Coro, debaixo da cadeira do Supprior, e da banda de fòra ao pè do pulpito, onde ſe coſtuma dizer o Evangelho, eſtà poſto eſte letreiro.

Sepultura do nobre Martim Anes, que começou edificar eſte M.ſteiro. Cænobitæ gratitudinis ergo poſuerunt.

Querendo dizer, que os Frades em rezaõ de agradecimento lhe deraõ tal jazigo. Da meſma maneira eſtà ſepultada ſua molher da outra banda, debaixo da cadeira do Prior: e na parte de fòra ao pè do pulpito, onde ſe canta a Epiſtola, tem eſte Epitafio.

Sepultura da nobre dona Caterina molher que foy de Martim Anes, a qual fundou eſte Moſteiro, e em ſua vida o dotou de todos ſeus bens.

Eſtes montaraõ tanto polo tempo adiante, que ſaõ oje a melhor parte da ſuſtentaçaõ do Convento, e mantem de ordinario quarenta Religioſos. Paſſados duzentos e tantos annos, reynando jà em Portugal el Rey dom Joaõ o III parecendo que o Coro era eſtreito pera fazer proporçaõ com o corpo da Igreja, aceitaraõ os Religioſos que o Conde de Prado dom Pedro de Souſa o alargaſſe huma terça parte mais: e por eſte beneficio lhe deraõ enterro a elle, e a dona Joanna de Mello ſua terceyra molher no meſmo lugar.

CAPITULO II.

Dos Padres Frey Alvaro Murzello, e Frey Fernando Amado filhos deſte Convento. E dos principios de vida do Irmaõ Frey Pedro leigo.

EM quaſi todos os Conventos he força renovarmos a magoa do pouco ou nada que achamos poſto em memoria dos Frades antigos, grandes em virtude, mayores em conſtancia de encobrirem ſuas proezas: mas igualmente crueis pera com os que ſomos ſeus ſucceſſores, pois nos podiaõ mover muito com ſeu exemplo: e calando o que fizeraõ, parece que nos envejaraõ o bem, e ganho que teveramos de os imitar. Neſte de Evora temos a queixa mais viva, porque parece que ſe apoſtaraõ os Padres, que nelle viveraõ por eſpaço de duzentos, e tantos annos, a enterrar conſigo ſua memoria, como por teima. E ſò do tempo de noſſos pays a eſta parte temos alguma noticia.

O primeyro, de quem ey de fazer mençaõ, ſem ter quaſi que dizer delle, he o Padre Frey Alvaro Murzello, que faleceo neſte Convento alguns annos antes do de 1527 com tal opiniaõ de ſantidade, que o Meſtre Frey Andre de Reſende na vida que eſcreveo do ſanto Irmaõ Frey Pedro porteiro delle, o nomea por velho ſanto: e fica entendido, que por iſſo os Padres, ſegundo adiante veremos, ordenaraõ, que na ſua cova foſſe ſepultado o meſmo Irmaõ, fazendo conta, que juntavaõ hum Santo com outro. 1527.

Seja o ſegundo o Padre Frey Fernando Amado, de quem todavia achamos alguma couſa, de que ſe podem inferir muitas que elle trabalhou ſempre por encobrir como Santo: e os que dellas teveraõ noticia em ſua vida, que foraõ os Padres que o trataraõ de perto, naõ ſouberaõ eſcrever como deſcuydados. Era filho deſte Convento, e dezia muy bem o nome de Amado com ſua condiçaõ, e modo de vida. Amado de Deos, e amado dos homens: de Deos polo alto grào de ſuas virtudes; dos homens polo eſpelho que tinhaõ nelle pera ſe comporem, e ordenarem bem ſuas vidas. Moſtrou iſto mais claro no fim da carreyra, porque entaõ, quebrado o vaſo do barro mortal: *Impleta eſt domus ex odore vnguenti*: quando ſe foy de nòs entaõ ſe deſcobrio o cheyro celeſtial, e ſuaviſſimo do precioſo licor que encerrava. Era muito velho, e avia annos que vivia entrevado: e porque batalhava jà com as agonias da morte tres dias avia, vigiavaõno aos quartos alguns irmaons de caſa de Noviços. E como era morte de Santo, acompanhavaõna com muſica alegre, cantandolhe a eſpaços os hymnos de Noſſa Senhora, de quem fora particular devoto. Huma tarde eſtando jà muito no cabo, e muy enfraquecido, hiaõ os moços cantando, e quando chegaraõ ao verſo: *Maria mater gratiæ, mater miſericordiæ, &c.* Eis que ſubitamente ſe enche de novo fogo, e nova luz aquella vèla que eſtava quaſi apagada. Acorda do ſono da morte o que nelle jazia ſepultado, levanta os braços caidos, e ſem força, e com huma extraordinaria alegria de roſto, e olhos esforça a fala que tinha perdida, e dezia alto, e de bom ſom, juntando as maons, e batendo as palmas: Cantay, cantay filhos, cantay iſſo. Ficaraõ os moços atonitos, parecendolhes que reſuſcitava o morto, ou que era novo genero de paroxiſmo. Mas tirouos de duvida o Irmaõ Frey Pedro leigo Porteiro, que a caſo ſe achou preſente: o qual com os joelhos em terra, e as maons, e olhos levantados ao alto contra o leito do enfermo adorava com devaçaõ, e alegria, dizendo palavras formaes: Levantaivos fradinhos, fazei reverencia à Madre de Deos. Os Noviços paſmados entre medo, e alvoroço, com a novidade que viaõ no ſaõ, que tinhaõ por Santo, e lhe davaõ credito, tanto como com a do enfermo, que era tido na meſma conta, e todavia continuava com a feſta de maons, e prazer notavel do ſembrante, lançaõſe por terra, ainda que nada viaõ, repetindo, e continuando o meſmo verſo. Paſſado hum eſpaço tornou o velho ao ſeu tormento, e agonia, como acontece a hum eſpelho quando o apartaõ dos rayos do Sol, que o faziaõ reverberar outros claros, e fermoſos. Mas ficando cheyo de animo com o Sol da viſaõ ſagrada, abraçouſe com hum Crucifixo, e com o Santo nome de jeſus na boca, e as lembranças da viſita paſſada no coraçaõ, ajudado de Frey Pedro, que o naõ largava, paſſou a melhor vida.

Joan. 12.

Se polo eſpirito deſte Padre avemos de tirar quaes foraõ todos os antigos deſte Convento (que naõ duvido ſeriaõ ſemelhantes) e ſe pola perfeiçaõ de

hum

hum Irmaõ leigo, de que agora diremos, devemos julgar a virtude dos outros deſte grào, em grande divida eſtamos a Evora por tal gente. E naõ tenho duvida, que aſſi como dentro de pequenas provincias acontece aver lugares que produzem huma fruita, ou hortaliça, que em outros por nenhuma maneira ſe quer dar: tambem ha caſas que provocaõ, e obrigaõ a mais ſantidade, e mais pureza de vida humas que outras. Faz muito ao caſo começar hum Convento a florecer com gente ſanta, porque move, e acende o exemplo que ſe conta de perto com ſe apontar com o dedo, e verſe com os olhos a ſepultura de quem o deu. Importaõ tambem muito as reliquias, e oſſos dos Santos: porque he de crer que ſuas almas no Ceo mais particularmente devem rogar polas terras, e ſitios em que ganharaõ como às lançadas com ſeu trabalho eſſas Comendas da gloria Celeſtial de que gozaõ. E daqui deve nacer acodir Deos a eſtas partes com mais influencias de ſua Divina graça. Neſte Convento he pratica da provincia, que ſe daõ bem Frades leigos. Porque ha longos annos que ſe vaõ continuando, e ſuccedendo huns a outros alguns ſogeitos de virtude maciça, e de grande conta. Dos mais antigos pereceo a memoria particular: e fica ſendo o primeiro pera eſta hiſtoria o Irmaõ Frey Pedro Porteiro: que ſe o nomearamos polo Santo Frey Pedro, naõ fizeramos temeridade: tal foy ſua vida. Mas a antiguidade naõ he mais alta que a memoria de noſſos pays.

Naceo Frey Pedro em hum lugar do termo da villa de Aveiro, de gente pobre, e humilde. Sendo moço, como a terra he de muita navegaçaõ, inclinouſe à vida do mar, e começou conforme à idade, e pobreza a ſervir de grumete, que he como a primeira, e mais infima claſſe daquellas eſcolas. Deſpois de ter feito algumas viagens, offerecendoſelhe huma que devia ſer comprida, tratou do alforge da alma, como outros tratavaõ do corporal: foyſe ao Convento de S. Domingos pera receber os Sacramentos da Confiſſaõ, e Comunhaõ: aparelho que pola miſericordia de Deos he muy coſtumado neſte Reyno entre toda a gente do mar. Foy ſua dita encontrar com hum Padre que avia nome Frey Antaõ, aventajado em eſpirito a muitos muy obſervantes que aquelle Convento ſempre criou, e entaõ com mais ventagem criava. Eſte como tal conheceo no moço diſpoſiçaõ, e ſitio pera ſe fundar nelle bom edificio de virtude: porque no meyo da idade, em que fazem força continua os vicios do jogo, do intereſſe màõ, dos juramentos, da gula, e luxuria, com pouca lembrança às vezes de aver outra vida, achou no moço cuidado de Deos, e da ſalvaçaõ, e a eſte modo o proceſſo de ſeu viver. Teve laſtima que levaſſe tal caminho huma alma tambem compoſta, e propozlhe com boas rezoens que o trocaſſe, e buſcaſſe a Religiaõ. Mas naõ foy neceſſario deſpender muitas, achouo pronto, e preſtes, e duvidando ſò da parte dos Religioſos, da qual temia ſer engeitado por inabil, porque naõ ſabia lèr. Muitos negocios acontece perderemſe, por

por naõ aver quem comece a movelos. Alegre Frey Antaõ com o lanço, facilitoulhe a entrada : foy recebido ao habito pera Frade leigo, e paſſado ſeu anno de provaçaõ, admittido à profiſſaõ com goſto, e ſatisfaçaõ de todo o Convento.

CAPITULO III.

Das penitencias que o irmaõ Frey Pedro fazia deſpois de profeſſo, do cuydado que tinha dos pobres ſendo porteiro : e das grandes perſiguiçoens que padeceo do demonio, atè o mudarem pera Evora.

TAl noviciado tinha feyto Frey Pedro, que ſe polo eſtilo delle correra deſpois de profeſſo merecera louvor : porque de muitos ſe cuida, e em alguns ſe acha, que a vida do primeiro anno he como liçaõ de oſtentaçaõ em eſcolas, que ſe eſtuda de propoſito pera render deſcanço, e livrar de cuydados pera o diante. E elle ao contrario quando podera deſcançar, deuſe por obrigado a crecer ; e florecer, e frutificar como arvore prantada ao longo das agoas ſagradas da Religiaõ, e nos atrios da caſa de Deos. O primeyro cuydado foy domar a carne com apertada penitencia, e foy tal a conſtancia, e a determinaçaõ, que ſabidamente todos os dias de ſua vida, ſe naõ eraõ os Domingos, foraõ hum jejum continuo. Nunca comeo carne, nunca bebeo vinho. E parecendolhe que ainda podia o corpo com mais, e merecia mais aperto, nunca lhe deu cella, nem leito, nem cama pera dormir atè poucos dias antes de ſeu falecimento, que entaõ obrou a força da obediencia o que ſeu eſpirito refuſava, como ao diante veremos.

Pſal. 1. Pſal. 91.

Deſpois de gaſtar o dia em ſerviço da Communidade no officio de que acertava eſtar encarregado, quando os companheiros ſe encerravaõ nas cellas pera deſcançar, caminhava elle pera a Igreja a tomar diſciplinas, e orar, diſciplinas de ſangue, e oraçaõ de joelhos nus em terra, pera o que eſcolheo a capella da Madalena buſcando com bom juizo pera penitencia a companhia de quem nella ſoube ſer eſtremo. Se apertava o ſono, juntava as maons no chaõ, inclinava ſobre ellas a cabeça, e neſta poſtura o tomava taõ curto, e canſado, como de tal jazida ſe pode entender. E porque nella de força era breve, tornava logo à oraçaõ : e aſſi paſſava atè matinas, às quais aſſiſtia com muyta devaçaõ. Deſpois de matinas fazia volta pera a ſua Santa, e pera os ſeus exercicios, atè ſerem horas de acodir a ſeu officio.

Coſtuma a facilitar as couſas à continuaçaõ dellas. Nos caminhos de Deos faz mayores effeitos, porque naõ ſò facilita, mas torna tudo ſuave. Crecia Frey Pedro nos exercicios ſantos, e juntamente em andar contente, e alegre. Era publico entre os Frades eſte ſeu genero de vida, mas paſmavaõ, e naõ podiaõ entender como ſe compadecia com elle a boa ſombra de geſto, e palavras que a todo tempo lhe viaõ. A outros huma noite mal dormida em cella fechada entre boas mantas, e ſobre boa cama trazia o dia todo carregados, e deſabridos,

e as

e as cores perdidas: elle paſſandoas todas, e inteiras ſobre as lageas em huma Igreja mal reparada do vento, e do frio, e do ſereno, e quaſi ſem dormir boeado, e ſempre veſtido, nunca amanhecia triſte, nunca infiado: e o que mais he (redundando como he de crer no corpo os gozos do eſpirito) nunca lhe faltava a ſua cor natural no roſto que era huma alvura muito rozada. E eſta conſervou como por dom divino atè na ultima idade, de ſorte que muita gente ſe enganava com elle julgandoo por muito mais moço do que na verdade era. Aſſi foy ganhando reputaçaõ entre os Religioſos, e por ella lhe encomendou o Prior o cuidado da portaria: no qual ſe governou com muito ſiſo, e madureza, e ſobre tudo com huma entranhavel charidade pera com os pobres, aſſi no repartir das eſmolas que ficavaõ da meſa da Communidade, como em lhes procurar outras negoceando por ſeu meyo na coſinha panela particular, com que podeſſe acodir com couſa mais ſazoada aos velhos, e doentes. Iſto fazia com tanto goſto, e fervor como ſe em cada hum daquelles deſemparados do mundo, vira a meſma peſſoa do bom Jeſu. Aſſi era chamado pola terra o ſervidor dos pobres: e huma dòna principal da villa cujo nome era Dona Caterina mandou por ſeu reſpeito pintar as paredes do alpendre da portaria, e a pintura continha aquelles banquetes, que Frey Pedro fazia aos pobres; alli eſtavaõ repreſentados em fileiras como elle os ordenava, cada hum com os ſinais de ſua miſeria, aleijaõ, ou doença: e o porteiro entre elles com o eſcapulario preſo no cinto repartindolhes a comida com roſto alegre, grave, e honeſto, qual era o ſeu a toda hora, e naquella muito mais.

Mas eſta occupaçaõ do dia naõ lhe diminuia nada da ſua coſtumada das noites, em que ſeu eſpirito achava outras delicias de grande ſabor. Trabalhava polo deſviar dellas o enemigo commum, envejoſo de noſſo bem, ora com medos, ora com fortes tentaçoens, e deſpois com lhe aparecer viſivelmente. Porem o bom ſoldado ſeguia ſua carreira com os olhos naquelle Senhor que nos manda lançar nelle todos os cuidados com certeza de nunca nos deſemparar. Algumas vezes lhe dizia o maldito, que tudo quanto fazia era tempo perdido, que nada lhe avia de aproveitar, e em fim avia de ſer ſeu: elle com todo o coraçaõ em Deos reſpondia confiadamente. Melhor o farà meu bom Jeſu que por mim morreo.

Paſſados oito annos deſta vida, e crecendo Frey Pedro ſempre em mayores gràos de amor de Deos, entrou todo o Inferno em nova raiva contra elle; deixaraõ artificios de palavras, e ſiladas; começaraõ guerra deſcuberta. As mais das noites o acometiaõ os demonios, e como em vingança do pouco caſo que atè entaõ fizera de ſuas fantaſmas, lhe faziaõ corporalmente crueis perrarias; e huma noite paſſou tanto adiante a furia, que como jugando com elle a pela, o arremeçaraõ contra o moimento, que eſtà na capella onde eraõ ſuas penitencias (he ſepultura de hum fidalgo antigo

do

do appellido de Albuquerque) do qual jogo ficou Frey Pedro com huma grande ferida na cabeça: e durou ainda deſpois tanto com grita, e eſtrondo infernal, que foy ſintido dos Frades a tempo que deciaõ pera matinas: e correndo todos à capella, porque jà entendiaõ o que podia ſer, acharaõ o pobre Irmaõ eſtirado em terra, todo moido, e alem da ferida arrepelado, e arranhado no roſtro, e orelhas laſtimoſamente; aſſi foy levado em braços pera a enfermaria. Grande laſtima fazia aos Religioſos o que cada dia lhe viaõ padecer por eſte modo: mas elle naõ deixava o poſto, nem temia a guerra: porque ſe muito perdia no corpo, vencia, e ganhava mais no eſpirito. Vindo ao Convento o Vigario da Obſervancia (cargo que muytos annos durou em tres Conventos deſta provincia, que foraõ Benfica, Azeitaõ, e Aveiro, e entaõ ainda continuava) ouve pareceres que foſſe Frey Pedro pera outra caſa, a ver ſe a mudança do ſitio lhe aliviava a perſiguiçaõ. Mandou o Vigario a Frey Pedro Dias Religioſo inſigne da meſma Obſervancia, e eleito Prior de Evora, que o levaſſe conſigo. O que elle fez com melhor vontade do que foy a com que os pobres de Aveiro tomaraõ ſua ida, os quaes quando ſe acharaõ ſem elle vieraõ em bandos à portaria a fazer lamentaçoens, e a queixarſe que em Frey Pedro lhe tinhaõ tirado remedio, e remediador.

CAPITULO IV.

Vay Frey Pedro mudado pera Evora, dàſelhe cuydado da portaria, e dos pobres. Referemſe alguns meyos que buſcava pera ſer deſprezado, e abatido.

MUdou Frey Pedro a terra, mas naõ mudou o officio. Porque o Prior, como ſabia quem tinha nelle pera tudo o que era dar boa conta da entrada, e ſaida de hum grande Convento, que he o poſto da portaria, em que conſiſte grande parte da honra, e credito da Religiaõ, logo lhe entregou o cargo, e juntamente o cuidado dos pobres a elle annexo. Fez Frey Pedro hum, e outro officio com tanta humildade junta com muita prudencia, que ficou perpetuado em ambos, e nelles viveo, e morreo. Era ſofrido, e juntamente inteiro: facil, e tambem eſquivo: ſofrido com os colericos, inteiro com os demaſiados, facil pera os modeſtos, e muito eſquivo pera os inquietos, e contra qualquer màõ exemplo, e em fim fiel a Deos em tudo, e à Religiaõ. Acontecendo trataremno aſperamente de palavra alguns Religioſos, humas vezes polo tentarem, outras reſentidos da demaſiada cautela com que ſe avia no officio, nunca ſe lhe ouvio repoſta de impaciencia: contra os ditos ou feitos, que o podiaõ offender, uſava ſempre de humas palavras do monte que muitos atribuhiaõ a rudeza julgandoo dellas por ignorante, e groſſeiro. E na verdade, ou eraõ ditas pera mitigar a colera aos apaixonados, com materia de riſo, ainda que foſ-

ſe

ſe com deſcredito ſeu : ou era artificio ſanto pera ſe fazer deſprezar , e ter em pouca conta (Filoſofia do Ceo encontrada em todo com a natureza humana amiga de ſe levantar, e engrandecer , e honrar) reſpondia : *mal de meu peccado* , *ora folgate tu com iſſo.* Se o colerico ſe ria como quem ouvia hum deſproposito , elle fazia o meſmo , e acabavaſe o deſgoſto. Se acontecia acenderſe mais , entaõ moſtrava verdadeira religiaõ , lançavaſelhe aos pès ſem detença com a venia feita , e por huma via , ou por outra fazia ceſſar a ira , e a contenda.

Mas viaſe nelle que tinha particular goſto de ſer maltratado , ainda que foſſe contra toda rezaõ. Succedeo hum dia vir o Prior de fòra , e chegando à portaria em tempo que Frey Pedro andava polo Convento em buſca do Supprior pera negocio de ſua obrigaçaõ , tocou tres ou quatro vezes a campainha ; e como faltou quem abriſſe foy entrar pola Igreja. Era Prior Frey Pedro Ferreira homem auſtero , e muyto obſervante : na primeira occaſiaõ que ſe offereceo tirouo a Capitulo , reprendeoo aſperamente eſtranhandolhe naõ o achar na portaria , e mandouo tomar huma diſciplina. Nunca o penitente ſe deu por mais favorecido , deſcobrio os ombros naõ ſò com facilidade , mas com alegria. Caregoulhe o Prior a maõ , e deſpois que ſatisfez ſua ſeveridade eſperava que o ſubdito diſſeſſe , como entaõ ſe coſtumava , *peccavi* , pera com iſſo parar , e em quanto o penitente tardava com eſte conhecimento da culpa o Prelado naõ ceſſava do caſtigo , como contra eſpirito rebelde , e teimoſo. E tendoo por tal , porque naõ fazia o ſinal de culpado , levantou o braço , e a voz , e apertando a diſciplina , e mandandolhe juntamente que diſſeſſe , *peccavi* , deſcarregou de novo com tanta força , que jà naõ era diſciplinar , ſe naõ ferir , e arrebentar o ſangue. E o pobre porteiro em lugar de *peccavi* , que o Prior eſperava , dezia com humildade : Day boas , day , day. Correndo o ſangue , e lavandolhe as coſtas acodio o meſtre de noviços que era Frey Joaõ de Aveiro Religioſo de autoridade , e velho , e lançandolhe ſobre a cabeça o eſcapulario pedio ao Prior que ceſſaſſe : e diſſe a Frey Pedro que acabaſſe de dizer , *peccavi.* Acodio elle todo riſonho dizendo. Verdade he que *peccavi* , mas por iſſo mais diciplina , e mais caſtigo. Cahio entaõ na conta o Prior com todos os preſentes , que era ſantidade o que julgavaõ por pertinacia , e vendoo ferido , e chagado , mas nada deſcontente por iſſo , ficaraõ compungidos , e confuſos , e movidos a lagrimas.

O meſmo goſto moſtravaſe alguma vez era mandado aſſentar em terra , ou fazer penitencia de paõ , e agoa , ſegundo he eſtilo da Religiaõ em culpas às vezes bem leves. Como elle nunca bebia vinho , era viço , e gloria a penitencia : mas o Prelado pera mortificaçaõ mandavalhe pòr vinho em lugar de agoa. Iſto ſentia muyto , e com tudo por encontrar o goſto , que tinha naquella abſtinencia , bebia hum pouco , e logo mandava pedir miſericordia na bebida , e tornava à ſua agoa. Procurando tambem vingarſe do appetite da gu-

gula, e de caminho ficar julgado por vil, e baixo, como em tudo pretendia, fazia de ordinario na meſa meſturadas de peixe com os legumes, ou ervas, e com a moſtarda, e azeite, e vinagre, revolvendo tudo, e comendoo aſſi com aſco proprio, e dos vizinhos: e ſe lhe preguntavaõ pola rezaõ, davaa taõ pouco politica, como era a obra, dizendo que fazia deſde logo o que no eſtamago avia de acontecer deſpois. E ſe lhe punhaõ nome de torpeza ou groſſeria, acodia logo com a ſua repoſta, que como armas de prova fazia ſervir pera tudo: *Mal de meu peccado, folgate tu com iſſo.*

Nos dias, que na Communidade ſe comia carne (como antigamente era coſtume no Convento de Evora) Domingos, e Terças, e Quintas feiras por particular deſpenſaçaõ que avia, fazia elle huns caldos pera ſi do de ortigas, e malvas, e algumas folhas de couve com pouco azeite ſem procurar outra couſa. Mas nos dias, que avia peixe no refeitorio, comia ſua pitança, ſalvo à Seſta feira que naõ tomava mais que o caldo ou ervas: e porque eraõ guiſadas com mais cuidado que as ſuas ortigas, pera lhe tirar todo o bom ſabor lançavalhe em ſima hum golpe de agoa: e ſe lhe preguntavaõ a cauſa, dezia que pera esfriarem. Por hum dia de Paſcoa mandoulhe o Prior Frey Manoel Eſtaço na meſa hum peito de perdiz: e ou foſſe charidade, ou tentaçaõ, Frey Pedro reſpondeo por quem lho trouxe que ſe lha mandava comer por obediencia, que o faria: mas ſe eſta força naõ avia, foſſe ſervido de lhe naõ eſpertar a gula, que ſegundo a ſua era deſenfreada temia que tomaſſe fogo com aquelle mimo, e que teveſſe deſpois muito trabalho em a domar, e reduzir à rezaõ. A eſte modo ſe mortificava em tudo o mais, em que a carne coſtuma receber deleitaçaõ.

E porque o veſtido, e atavios da peſſoa ſaõ couſas de que noſſa humanidade ſe paga muito, atè entre os que naõ veſtimos mais que huma mortalha, de nenhuma maneira ſe podia acabar com Frey Pedro que veſtiſſe habito novo. Quando o que trazia chegava a eſtado de parecer indecencia uſar delle por esfarrapado, e roto, entaõ veſtia outro que foſſe deixado de algum Frade leigo como elle: e eſte avia de ſer dos mais velhos, e do pano mais groſſeiro. A tunica interior de junto às carnes, que na Ordem he cuſtume ſer de eſtamenha, uſava elle de burel groſſo, e aſpero. Aſſi ſe armava contra o mimo, e vangloria. E pera ficar em tudo desfigurado, e a quem o viſſe deſprezivel, e aborrecido, como o mundo eſtà taõ poſto em fazer honra ao bom trajo, e compoſiçaõ exterior, lançava no inverno ſobre o habito hum bernio groſſeiro, e velho (chamamos bernio a hum genero de mantas de lam de felpa groſſa, e muito encorpada, que por virem de Irlanda que tambem ſe diz Ibernia, retem com noſco parte do nome da terra) e repreſentava aſſi entrajado huma figura monſtruoſa: porque alem do bernio metia entre a tunica, e o habito huma almofada de lam ſobre o eſtamago, de que era indiſpoſto polas penitencias que fazia. Eſte genero de veſtido era

cau-

cauſa de o fazer hum alvo de apodaduras de quantos o viaõ, humas leves, e engraçadas, outras peſadas, e deſcortezes: levava elle todas por huma medida, ſem lhe paſſarem do bernio pera dentro, recebendoas com o ſeu mote coſtumado, que a tudo oppunha: *Mal de meu peccado, &c.*

CAPITULO V.

De alguns caſos, em que ſe notou o bom entendimento, e capacidade de Frey Pedro.

TOdas as traças, que temos contado do tratamento exterior de Frey Pedro, hiaõ a meu ver encaminhadas a alcançar aquelle alto ponto, que Chriſto em ſeu ſanto Evangelho nos manda procurar pera entrarmos em poſſe do Reyno dos Ceos, aviſandonos, que ſem elle nunca acertaremos com a porta:
Mat. 18. *Niſi efficiamini ſicut parvuli, non intrabitis, &c.* Se naõ tornarmos aos annos da infancia negoceando por entendimento o meſmo que aquella idade faz por natureza, que he eſtarmos como mortos, e inſenſiveis em todas as paixoens humanas, nunca poderemos chegar a huma grande perfeiçaõ. Aſſi tinha Frey Pedro disfarçado o bom juizo natural, que ſe fazia julgar por ruſtico, e ignorante: e todavia, alem da muita prudencia com que ſe governava na ſua portaria, naõ faltaraõ occaſioens em que moſtrou que lhe ſobejava agudeza de engenho, e bom diſcurſo.

Conta o meſtre Frey Andrè de Reſende que ſua vida nos deixou eſcrita, e a elle ſeguimos no que della eſcrevemos, que ſendo noviço no meſmo Convento, e achandoſe huma noite deſpois de matinas no Coro, acertara de ver a Frey Pedro, que eſtava na craſta, arrimado a huma coluna com os olhos pregados no Ceo, e com tamanha attençaõ, que ſe atrevera a lhe preguntar deſpois com curioſidade pueril, que era o que o tinha aſſi embebido. E elle lhe reſpondera com a ſua manſidaõ, e bondade, que eſtivera notando huma couſa aſſaz digna de conſideraçaõ (que alli acabara de alcançar) muito encontrada com a pratica que corria entre os marinheyros: que lha diria pois era amigo de ſaber. E começara dizendo, que a pratica dos mareantes era ſer a eſtrella do Norte aquelle ponto que chamamos Polo do mundo, e Polo Arctico: e que elle avia muitos tempos a tinha achado falſa, e naquella caſa ſe confirmara em ſua opiniaõ. Porque da coluna em que eſtava encoſtado marcara a eſtrella por cima de hum acipreſte alto que lhe ficava defronte, e ſendo a noite muito ſerena, e quieta, alcançara pola demarcaçaõ feita que a eſtrella roteara claramente ſeguindo o movimento ordinario do Ceo, que chamaõ Rapto, que he de Oriente a Ponente. Pola qual rezaõ movendoſe ella com o Ceo, e fazendo, como fazia circulo, naõ podia ſer o Polo do mundo, porque eſte de força avia de ſer ponto fixo, e ponto indiviſivel: e aſſi a verdade era que a eſtrella naõ era o Polo, mas eſtava perto delle: e ſe os marinheiros ſe governavaõ por ella, obrigavaos a re-

zaõ de naõ aver outra eſtrella mais chegada ao ponto verdadeiro do Polo, ponto verdadeiramente imperceptivel. E proſeguindo Frey Pedro a materia, lhe fora lendo huma liçaõ de Mathematica com tanta claridade, diſtinçaõ, e ſutileza, que a naõ entendera muitos annos deſpois dos Meſtres de Paris taõ bem como de ſua boca. E eſta prova dà de ſeu bom entendimento eſte autor: mas logo diremos outra que mais o confirma.

Foy eleito em Provincial o Meſtre Frey Manoel Eſtaço ſete ou oito annos deſpois de acabar o Priorado de Evora: e governandoſe no cargo com algumas faltas, e defeitos notaveis, foy depoſto, e penitenciado. Hum dia eſtando Frey Pedro entre as duas portarias, foyſe o Meſtre a elle pera ſe conſolar, e deſabafar com homem que tinha por ſanto. E Frey Pedro deſpois de algumas rezoens lhe diſſe as ſeguintes. Padre Meſtre, ſe o que agora me ouvir lhe der alguma pena, peçolhe por ſanta charidade me perdoe. Bem eſtarà lembrado que por vezes o aviſey com humildade, e amor do muito deſcuido com que governava a ſi, e a nós ſendo Prelado de huma Religiaõ taõ honrada, e acreditada no mundo. E naõ faço caſo de couſas em que muitos vos culparaõ: porque galgos, caçadas, banquetes, cozinha particular, iſſo ſò a vòs fazia dano, e quando muito alargava hum pouco mais as deſpezas da caſa em que eſtaveis: mas deſordens no provimento dos cargos, naõ buſcando o mais digno, ſenaõ o mais amigo: deſprezar, e às vezes perſeguir o que falava verdade, como a teimoſo, porque a falava: honrar ou alevantar o adulador, e pouco verdadeyro, porque vos naõ reſiſtia: ſofrer que o relaxado no ponto da perfeiçaõ religioſa, em lugar de ſer caſtigado triunfaſſe: em que eſperaveis que avia iſto de parar? Muito deveis a Deos por vos dar eſta quebra em vida: quebra leve, e caſtigo de pay he, com tempo de arrependimento, e penitencia dos erros que paſſaraõ em voſſo tempo na Provincia em geral, e nas conſciencias de alguns em particular. Porque, Padre Meſtre, pera entender iſto naõ ey miſter as voſſas letras: todas as culpas, a que o voſſo governo deu occaſiaõ, tanto ſaõ voſſas, como de quem as cometeo: que ſe eu ſendo piloto de huma nào der àſſinte com ella à travez, claro eſtà que ſe me confeſſar com voſco, me naõ abſolvereis, ſem fazer reſtituiçaõ, podendo, aos que por minha vontade fiz perder a fazenda. Ora tende paciencia, e encomendaivos a Deos. E ſem mais dizer lançouſelhe aos pès. A verdade he deſabrida, e ſempre amarga: na proſpera fortuna quando ſe naõ teme dano, gera odio: na adverſidade quando ſe vè o mal ao olho, ainda magòa. Aſſi naõ ſe atreve a dizella, ſenaõ quem de veras ſerve a Deos, e naõ quer do mundo nada. E porque o afligido Meſtre tinha a Frey Pedro em tal conta, levantouo, e abraçouo, pedindolhe que o encomendaſſe a Deos. De parte deſte colloquio foraõ teſtemunhas alguns Padres que a caſo chegaraõ, e hum delles foy Frey Joaõ Caldeira; e todos ficaraõ eſpantados das rezoens, e do acerto dellas mais, que da liberdade.

Da-

Daqui inferimos que a ignorancia, que em ſuas palavras, e termos ordinarios repreſentava Frey Pedro, era hum habito aquirido de naõ querer dar moſtras de prudencia humana a hum mundo de que naõ fazia caſo: pera poder dizer com S. Paulo:

1. Cor. 2. *Non enim iudicaui me ſcire aliquid inter vos, niſi Jeſum Chriſtum.* E

1. Cor. 4. noutra parte: *Nos ſtulti propter Chriſtum.*

CAPITULO VI.

Das muitas perſiguiçoens que o demonio fazia a Frey Pedro, e do valor, e paciencia, com que ſe avia nellas.

NAõ valeo a Frey Pedro a mudança de terra, e Convento pera o livrar dos enemigos que o perſeguiaõ em Aveiro. Porque naõ eſtava a cauſa de ſeu mal na terra, como foy imaginaçaõ dos que o fizeraõ mudar, ſenaõ na enveja, e perverſidade de quem lhe deſejava beber o ſangue: e tambem em ſua virtude, na qual hia adiantando cada dia com novas forças, e novos merecimentos. Aſſi ao paſſo que elle ſobia, ſe deſvelava ſatanas polo derribar: e quando mais naõ podia, polo inquietar, perſeguir, e maltratar. Eſtava hum dia em oraçaõ diante do Santiſſimo Sacramento na Capella mòr, ſenaõ quando ſoa do alto da Igreja nas linhas de ferro, que atraveſſaõ o emmadeiramento, huma voz de gallo, mas temeroſa, e horrenda. Conheceo Frey Pedro donde, e de quem era o cantar: e polo meſmo, caſo ainda que hum pouco torvado, fez coraçaõ, e deixouſe eſtar ſeguro, e confiado, como quem ſe achava diante daquelle Senhor, a quem obedece o Inferno, e ſem cuja licença naõ pode nada. Sintioſe Lucifer de ſe ver pouco temido. Eis que dece o gallo batendo as aſas com ruido infernal, e vemſelhe aſſentar ſobre os hombros, e poſtos os pès cada hum ſobre ſeu hombro começa a ferillo com os eſporoens nas faces, e com o bico pola cabeça: e ſopeſandoſe ſobre os pès cantava importunamente, e faziaſe ſentir de maneira do pobre Frade, que ſegundo deſpois contou, naõ julgava que tinha menos ſobre ſi que huma torre: mas fazendo o ſinal da Cruz, fogio o enemigo della. Com eſte alivio mudou de lugar pera repouſar hum pouco ao ſeu modo. Ao entrar de huma Capella deu de roſto com huma eſtranha figura de homem, eſtatura deſmeſurada em corpo, veſtido negro que arraſtava, barba, e cabello disforme, e os olhos ardendo como braſas abanadas, pera naõ poder encobrir quem era. Aſſi paſſeava; e como de quem fala entre dentes, ouviaſelhe hum rumor entre raivas de homem irado, e roncos de porco. Armouſe o ſervo de Deos do ſanto ſinal de noſſa redençaõ, e pronunciando o ſalutifero nome de Jeſu: Vayte, diſſe, de diante de mim beſta infernal: da parte de Deos to mando: que por mais que faças, jà me naõ has de eſpantar. Deſapareceo logo a fantaſma: e elle em lugar de repouſo, que dantes procurava, como bem neceſſitado delle, pozſe de novo em oraçaõ atè acodir a Communidade a matinas: com a viſta dos Frades ficou deſaſſombrado, e deſcançou da fadiga paſſada.

Ou-

Outra noite eſtava em oraçaõ diante do Santiſſimo Sacramento na Igreja: eis que ſoa na porta principal hum extraordinario ruido, como de muita gente junta, com furia de vozes, e alaridos: huns deziaõ fogo, fogo; outros acodi, acodi. O ſino parecia que ſe quebrava com repiques, como he coſtume em verdadeiro ſinal de fogo: quem ſe naõ avia de enganar com tantas couſas juntas? Virou a cabeça, olhou pera a porta: taes labaredas ſe lhe repreſentaraõ, tantos vultos de homens que chegavaõ, que acodiaõ, que paſſavaõ, huns pedindo machados pera atalhar o fogo, outros agoa pera o apagar, que em fim Frey Pedro ſe ouve por obrigado a deixar a oraçaõ, e acodir. Levantaſe, corre. Naõ quiz mais o enemigo que eſta perturbaçaõ: com taõ pouco ſe paga aquelle vil, e baixo, quando outra couſa naõ pode: chegando à Capella de Jeſu deſapareceo tudo a modo de ſonho, como na verdade era. Ficou Frey Pedro corrido de dar credito ao incendio fantaſtico: e por vingança do enemigo, e do ſeu medo deixouſe eſtar orando ſem tomar momento de repouſo atè acodirem os Frades ao Coro.

Deſtas illuſoens lhe faziaõ os demonios tantas, que polas ter em coſtume, ainda que muitas vezes o feriaõ, e maltratavaõ, jà as naõ ſentia. E tanto que ſaltavaõ com elle, ou lhe appareciaõ na hora da oraçaõ, naõ fazia mais que pòr o roſto em terra ſobre as maons, e fechando os olhos dizia. Ea proviços mandovos eu: day embora por eſſe corpo quanto quiſerdes, fartai voſſa furia; que por mais que façais naõ ey de levantar os olhos a ver voſſas figuras taõ màs como voſſas obras. E aſſi ſofria tudo com paciencia, avendo que o recebia da maõ de Deos, cujos miniſtros, e algozes ſabia ſerem os que o perſeguiaõ. Mas naõ he pera eſquecer hum gracioſo medo que lhe fizeraõ ſem outro dano.

Ha neſte Convento de Evora huma caſa grande onde cae a eſcada que dece do dormitorio: he lugar em que ſe juntaõ os Padres a tomar hum pouco de recreaçaõ, converſando nas horas que o Prelado dà licença: e do effeito tem nome de palratorio. Avia num canto della huns riſcos de carvaõ que debuxavaõ huma figura de Frade pintada por algum ocioſo na parede branca. Entrava Frey Pedro pola caſa rezando pera ſobir ao dormitorio às matinas de Noſſa Senhora, a tempo que dada meya noite, decia o Sacriſtaõ pera eſpertar os Frades: ſe naõ quando vè que o Frade pintado ſe meneava todo como vivo, eſtendendo os braços, abrindo as maons, e eſtirando huns dedos diſformes, armados de unhas grandes como preſas de ave de rapina, e a cara toda afogueada. Parou Frey Pedro hum pouco com eſpanto do que poderia ſer: começa o pintado a deſpedir chamas, e labaredas dos olhos, como de huma fogueira, com tal impeto, que quaſi chegavaõ a elle: logo abria huma boca de inferno, e fazendo cocos, e geſtos temeroſos, ora marchava, e batia os dentes, ora lançava a lingoa fòra, lingua luciferina taõ longa como huma eſpada. Cahio Frey Pedro em quem podia ſer o que movia a pintura;

ra, arremete a ella ſem nenhum pavor, e começa a darlhe punhadas no roſto dizendo com colera palavras formaes : *O mal de meu peccado*: *e bem*: *Frade ſois vòs*: *acertar muito nas màs horas*, *e yr pera voſſo lugar*. Neſta fadiga eſtava quando o Sacriſtaõ acabou de decer a eſcada, e o achou pelejando com a pintura, e lhe ouvio as rezoens que temos referido : e vio que apoz ellas juntava o eſcapulario nas maons, e esfregando a parede trabalhava por borrar, e apagar o debuxo.

Muito eſpantava a todos o pouco medo que Frey Pedro avia de fantaſmas, e viſoens nocturnas : mas a alguns fazia mayor eſpanto hum coſtume que nelle era taõ ordinario, que por nenhuma occupaçaõ o perdia. Falecendo algum Frade no Convento, todos os dias que ſe uſa na Ordem dizerſe por elle reſponſo cantado ſobre a ſepultura deſpois das graças ao jantar, outros tantos era a tal ſepultura cama de Frey Pedro : ſobre ella jazia toda a noite em oraçaõ continua polo defunto, deſpois de lhe acodir com a obrigaçaõ, que pola Ordem tem os Frades leigos. Eſte modo de vida o tinha taõ acreditado por toda a Provincia, e eſpecialmente na cidade de Evora, que de todos era avido por Santo, e a gente que eſtimava ſua ſalvaçaõ deſejava ter parte em ſuas oraçoens. Daqui naceo, que falecendo em Evora dom Fernando de Caſtro, que chamavaõ por ſobrenome o Magro, avò do Senhor Arcebiſpo que hoje he de Lisboa dom Miguel de Caſtro, ſua molher que era huma ſenhora muito religioſa, e amiga de Deos, deſpois de fazer por ſua alma todos os ſuffragios que era obrigada, deſejou que tambem Frey Pedro polo que ſabia de ſua virtude lhe deſſe ſuas oraçoens : e pera o obrigar mandou pedir a Frey Lopo Soares, que era Prior do Convento acabaſſe com elle ſem força que foſſe viſitalla a ſua caſa. O que niſto ſuccedeo que he couſa digna de ſe ſaber, diremos no capitulo ſeguinte.

CAPITULO VII.

Da opiniaõ que commummente avia da ſantidade de Frey Pedro : e quanto caſo ſe fazia de ſuas oraçoens.

COmo Frey Pedro tinha o officio de Porteiro, e era velho naõ ſahia nunca de caſa, e deſpois que na terra o tinhaõ por Santo, avia menos rezaõ pera andar por fòra. Por onde os Frades receoſos de que ſe podeſſe cuidar, que folgavaõ de aſſoalhar ſua ſantidade, duvidavaõ em o mandar a caſa deſta Senhora, como homens pouco amigos de engrandecer couſas proprias, e contrarios a todo genero de vangloria, e hipocrizia. E tal era o parecer dos Religioſos velhos, e diſcretos da caſa. Mas fez ella tantas inſtancias (como as molheres ſaõ efficazes no que emprendem, e mais no que apetecem) que ſe naõ pode o Prior defender, e mandou a Frey Pedro que por merito da ſanta obediencia acompanhaſſe ao Padre Frey Alvaro Mendez que mandava fòra, ſem lhe declarar outra couſa. Chegados onde eraõ mandados foraõ recebidos da devota Senhora com tanto alvoroço, que veyo

ao

ao meyo da caſa ſò à conta de Frey Pedro, e poſta de joelhos lhe lançou maõ da capa pera lha beijar. Naõ ſe pode bem dizer nem crer o ſobreſalto, e alteraçaõ que o ſanto velho recebeo. Naõ foy ſò alteraçaõ, foy tambem eſcandalo, e retirandoſe com força diſſe em voz alta palavras formaes: Nome de Jeſu, molher que fazeis: Mal de meu peccado, que eu ſou Frade leigo ignorante: la beijai os habitos ao Padre que he Sacerdote. E com eſta ultima palavra virou as coſtas, e caminhou pera a porta cheyo de paixaõ, e afronta: e com tal determinaçaõ em ſe ir ou fogir que foy neceſſario a Frey Alvaro que era Religioſo velho, e ſiſudo lembrarlhe de parte de Deos, e do Prelado o cumprimento da obediencia, e mandarlhe por ella que ſe aſſentaſſe. Eſtava a humilde Senhora todavia de joelhos a eſtes debates, e ſintida do ſuceſſo: e Frey Pedro detendoſe, como ouvio falar em obediencia reſpondeo ao companheiro: Pois levanteſe ella, e fale como ha de falar a hum Frade leigo. Sentados todos começou a Senhora a propor o que queria delle, que era que em ſuas oraçoens teveſſe particular cuidado de encomendar a Deos a alma de dom Fernando ſeu marido. Aqui tornou Frey Pedro a deſconſolarſe, e a queixarſe de novo, e como ſem paciencia dizia com ſua lingoagem ordinaria: E bem, mal de meu peccado, que viſtes vòs em mim pera iſſo me encarregardes? là, là aos Sacerdotes cujo eſſe officio he. Mas replicando ella com muita manſidaõ que todavia lhe pedia da parte de Deos, e por ſeu divino amor o fizeſſe elle tambem. Entaõ por ſe ver dali fòra, juntamente lhe diſſe a ella què faria o que pudeſſe como peccador: e a Frey Alvaro que ſe foſſem. Sahio Frey Pedro como quem ſae de priſaõ, ou de batalha, tendo por verdadeiro oprobrio verſe honrado, e reſpeitado. Todavia como ſe tinha obrigado pola palavra, fez hum anno inteiro oraçaõ particular polo encomendado. E a ſanta viuva eſtimando a promeſſa quiz dar azas à oraçaõ com alguma eſmola (azas muy poderoſas pera remir grandes faltas) e porque devia notar a pobreza do veſtido que Frey Pedro trazia, mandou fazer hum habito inteiro, e pedio ao Prior que por obediencia lho fizeſſe veſtir, e trazer. Satisfez o Prior a eſta devaçaõ, e Frey Pedro à obediencia que o Prior lhe poz: mas foy de maneira, que o veſtio novo lhe rendeo novo tormento, porque deſpois de o veſtir lhe lançava por ſima o velho: e ſobre a capa nova o ſeu bernio feito pedaços, atè que o habito perdeo a alvura, e na capa cegou a graça de nova: e pera que eſta mais em breve ſe desluſtraſſe, pois era força uſar della, tevea pendurada alguns dias na portaria, e offerecida a quantos ſe queriaõ ſervir della entrando ou ſaindo.

Mayor exemplo he do que ſe eſtimavaõ as oraçoens de Frey Pedro, o que agora diremos. Eſtando a Corte em Evora foraõ hum dia el Rey dom Manoel, e a Rainha dona Maria ouvir Miſſa a noſſa caſa, como coſtumavaõ muytas vezes. Quando ſe quiſeraõ ir entraraõ polas craſtas pera ſairem pola portaria. Foraõ os Frades fazendolhes com-

companhia em communidade, ſegundo coſtume: e ficando arrimados polas paredes em fileira foraõ os Reys agaſalhando a todos com os olhos, e ſembrante como em deſpedida; e chegando a Frey Pedro, diſſelhe a Rainha: Frey Pedro rogai a Deos por mim. Ao que elle reſpondeo com huma moderada inclinaçaõ ſem dizer nem fazer outra couſa. E ainda que dos Frades foy atribuida tal repoſta a confuſaõ, e embaraço de homem pouco pratico em encontros de Corte, ſe nos deixarem dar noſſo parecer, atrevermehei a affirmar que procedeo como ſabio nos eſtilos que deve aver entre os que ſeguem a Religiaõ, por ſer o ſilencio a moeda de mais valia que nella corre: e naõ como ignorante nos de palacio, onde entre os que melhor falaõ nenhuma couſa mais acredita hum aviſado, que ſaber calar. Naõ avia menos opiniaõ da virtude de Frey Pedro, e ſua valia com Deos entre os Prelados mayores da Provincia, que vem as couſas de mais perto, e julgaõ com peſos mais certos do que faz o povo, que ſe leva da fama que muitas vezes he ſem autor, e ſem fé viera de Caſtella a eſte Reyno o inſigne Religioſo Frey Joaõ Furtado, inſigne em letras, e em virtudes, chamado por el Rey dom Manoel pera reformador dos Moſteiros de Lisboa, e da Batalha. Deſpois de acabada a obra muito a ſerviço de Deos, e com quietaçaõ, e conſolaçaõ dos Religioſos, naõ pode el Rey acabar com elle que quiſeſſe ficar na Provincia, e menos que tudo, aceitar o governo della, que todos os bons aviaõ por bem empregado em ſua peſſoa, pola Angelica modeſtia, e grande diſcriçaõ de que era dotado alem das mais virtudes. Reſoluto em ſe yr reſpondia a el Rey com muita humildade que Religioſo avia na Provincia de mayores partes que as ſuas, a quem Sua Alteza podia ſeguramente encomendar o governo della, pera o qual jà naõ era neceſſaria ſua aſſiſtencia, e ſua vinda ſe podera bem eſcuſar. Deſpedido del Rey, e paſſando por Evora, quando ſe ouve de partir deſpois que os Padres juntos com elle differaõ as oraçoens coſtumadas *pro iter agentibus* no Capitulo: chamou a Frey Pedro, e diſſelhe: Hermano Fray Pedro ruega a Dios por my. Frey Pedro reſpondeo: Se eu Padre ouſaſſe, com mais rezaõ pediria iſſo a V. R. Pues ſea aſſi, replicou o Padre Frey Joaõ, dize tu cada dia por mi una Ave Maria a nueſtra Senhora, e yo te prometo que cada vez que celebrare, haga de ti memoria en el memento de la Miſſa. Frey Pedro ſe chegou a elle, e beijoulhe a ponta do eſcapulario: e o Padre o abraçou taõ amoroſa, e apertadamente, que parecia querello meter nas entranhas: do que davaõ final algumas lagrimas que naõ podia repremir. E dizendolhe ultimamente: Dios te conſerve en ſu ſervicio; ſe partio. E conſtanos que eſcrevendo deſpois a alguns Padres da Provincia, ſe mandou encomendar com particularidade em ſuas oraçoens.

CAPITULO VIII.

De alguns caſos, em que moſtrou eſpirito de Profecia.

EM pago de tantos trabalhos, e annos tam bem vividos quis o Senhor honrar a ſeu ſervo com eſpirito de profecia revelandolhe as couſas futuras. E ainda que eſte eſpirito ſò por ſi naõ ſeja argumento de ſantidade, porque como he graça do Ceo gracioſa, ou gratis data, como lhe chamaõ os Theologos, pode acontecer acharſe em gente pouco perfeita, e em peccadores, do que ha exemplos: com tudo quando concorre com vida inculpavel, he grande argumento de valer muyto com Deos quem a alcança. Quando avia de aver algum enterramento em caſa, era couſa ordinaria aviſar Frey Pedro aos Frades alguns dias antes: e iſto com tanta certeza, e diſtinçaõ que declarava ſe avia de ſer Frade do Coro, ou Irmaõ leigo: Irmaõ da Ordem, ou outro ſecular: varaõ, ou femea. E era jà o negocio taõ corrente, que nenhuma admiraçaõ cauſava, e iſto dezia quaſi ſempre tres dias antes. Aconteceo dizer hum dia: deſpois da manham teremos trabalho com huma defunta Irmam da Ordem que cà ſe ha de vir enterrar. Naõ tardou muito que vieraõ à portaria pedir hum habito. E verificouſe logo que era pera molher, e Irmam da Ordem como tinha dito. Chegando o dia apontado, veyo recado ao Convento que a enferma aliviara com notavel melhoria, e alegremente pedira de comer, com que enchera os ſeus de eſperanças de vida, e ſaude. Naõ faltaraõ traveſſos que foraõ dar a nova a Frey Pedro motejandoo de enganador. E elle reſpondia com pronunciaçaõ tartamuda, e ruſtica: *Que eſcriſſe, eſcriſſe.* Querendo ſignificar o dito de Pilatos: *Quod ſcripſi, ſcripſi.* E na verdade logo ſe vio que falara ao certo, porque o aliviar da doente foy hum ultimo eſforço da natureza, como de candea que ſe quer apagar: e paſſado hum breve intervalo tornou a cair em termos mortaes, e apreſſados de ſorte que no meſmo dia ſe veyo enterrar ao Convento.

Outro ſucceſſo affirmou, que teve o cumprimento alguns annos deſpois de ſua morte, e entaõ eſpantou aſſaz, e renovou em todos a memoria de ſua ſantidade, e a ſaudade de ſua boa companhia. Sendo o Meſtre Frey Andre de Reſende ido a França a eſtudar, onde andou alguns annos, faleceo ſua mãy em Evora, que era huma honrada, e virtuoſa dóna. Por ſer irmam da Ordem, e muito devota della, mandouſe enterrar na craſta do Convento, e os Religioſos lhe deraõ o jazigo de boa vontade. Mas naõ vinhaõ niſſo os teſtamenteiros: e avendo porfias entre elles, e alguns Padres, que tomavaõ mal encontrarſe a ultima vontade da defunta, acodio Frey Pedro, e diſſelhes, que pera que ſe matavaõ, que a ſepultura naõ avia de ſer nem em huma parte nem na outra, ſenaõ onde elle apontava: à entrada do Capitulo da banda de dentro, e batendo cos pès no chaõ, aqui diſſe, ha de ſer ſua ſepultura. Pareceo o dito couſa ridicula atè aos meſmos Religioſos

por

por falar em enterrar molher no jazigo dos Frades. E assi naõ fazendo ninguem caso do seu dito, venceo a teima dos testamenteiros, que por seus respeitos escolheraõ a cova na Igreja, e nella a sepultaraõ. Passados seis annos, e sendo falecido tambem Frey Pedro, tornou de França o Mestre Frey Andre seu filho: e sentido de a naõ achar enterrada no lugar que em vida escolhera, e declarara, pedio licença ao Prior que era o Doutor Frey Antonio Freire pera fazer tresladaçaõ de seus ossos pera a crasta. Concedeolha o Prior taõ ampla, que lhe mandou escolher o lugar que quisesse: e elle tomouo à entrada do Capitulo da banda de dentro com pretençaõ que cobrindoo, como fez, com huma campa de bom marmore bem lavrada, e entalhado nella hum letreiro composto de sua maõ, e ao seu modo, seria occasiaõ de que os Padres lembrados dos beneficios recebidos da defunta, e de sua virtude lhe naõ faltassem com suas oraçoens: e ainda que podera tomar lugar mais dentro, deixou de o fazer considerando que naõ era bem pejar o jazigo dos Religiosos, tendo por assaz favor o em que ficava. Feita a tresladaçaõ veyo de Montemor ao Convento o Padre Frey Afonso Banha, que là residia por confessor das nossas Freiras do Mosteiro da Anunciada: e achando a nova sepultura celebrou com lagrimas por todo o Convento, e particularmente com Frey Andre o que acabamos de contar, que ouvira affirmar ao Santo Frey Pedro avia tantos annos: e chamou pera testemunha a Frey Thomas Cruzado, que entaõ era Sacristaõ, e se achara presente quando Frey Pedro com grande energia affirmava, que naquelle sitio avia de ser sepultada a boa velha sua mãy. Cousa que Frey Andre naõ soubera nem entendera nunca. E assi ficou avida por famosa profecia entre as outras que de Frey Pedro se contavaõ.

Esta foy cumprida despois de sua morte, mas em sua vida lhe ouviraõ outra todos os Religiosos que causou mais espanto, e mais pavor: e foy que avia de dar peste na cidade com terribel contagiaõ, e della aviaõ de morrer no Convento sete Frades. E na pontualidade com que despois viraõ que passou tudo sem discrepar em nada, reconheceraõ por divina a revelaçaõ.

Mas naõ he maravilha dar Deos noticia das cousas da terra a este seu servo quando pera as do Ceo lhe abria os olhos. Bastante indicio he o que atràs contamos na morte do santo velho Frey Fernando Amado, em que vimos que querendo a Mãy de Deos com sua presença consolar na ultima hora a seu devoto, e assistindo com elle Frey Pedro, e juntamente hum rebanho de noviços mininos como cordeirinhos, que Fey Andre de Resende affirma, que sendo por todos dezoito nenhum delles passava de treze annos: com tudo em nenhum ouve luz pera alcançar a divina visaõ mais que nelle, e no enfermo. Grande final que tambem a sua innocencia se aventajava a taõ tenras idades, e em tantos sojeitos. Declara o mesmo Frey Andre que elle, e Frey Antonio Farto, que ambos eraõ do numero destes noviços, cantavaõ os hymnos quando a

Senhora apareceo, e diziaõ juntos hum verſo porque concertavaõ bem, e todos os mais reſpondiaõ com outro. Tudo o que mais podemos contar de Frey Pedro fica muyto abaixo de tamanha honra como eſta foy do Ceo. Com tudo pera gloria de Deos diremos mais duas couſas, das quaes huma he manifeſto milagre, e a outra tem muito de milagroſa. Era polo eſtio, Evora he terra calmoſa. Tinha o Prior dado cargo a Frey Pedro que pera a hora, que os Padres quiſeſſem entrar à meza, tiveſſe os jarros cheyos de agoa freſca tirada daquella hora do poço. Era couſa preciſa, e que avia miſter naõ diſcrepar momento: ſuccedeo hum dia de grande ſol recrecer tanta occupaçaõ na portaria, que naõ a podendo vencer atè o ponto que era neceſſario acodir com a agoa, entrou o Prior polo refeitorio pera fazer final, e vio juntamente os jarros vazios, e emborcados, e chamou Frey Pedro, e reprendeoo. E naõ deixando de fazer final, foraõ entrando os Padres: e Frey Pedro foy correndo fazer ſua diligencia ao poço. Mas antes que os Padres ſe aſſentaſſem, e elle tornaſſe, foy couſa certa, que os jarros ſe acharaõ todos direitos, e cheyos de agoa freſca, e boa. Eſte caſo teve por teſtemunhas o Prior com toda a Communidade. O que agora diremos contava Frey Afonſo das Vinhas Irmaõ leigo ſeu contemporaneo, e peſſoa de grande virtude, de quem ao diante faremos mayor mençaõ. E affirmaõ o Meſtre Frey Antonio de Sena na vida de Frey Pedro que compoz em Latim, e Frey Andre de Reſende na que eſcreveo em vulgar, que o ouviraõ de ſua boca.

Era coſtume antigo por dia da Santiſſima Trindade darſe no Convento meſa franca a todos os que a queriaõ (chamavalhe vodo a lingoagem do povo) ajuntavaſe a ella o commum da cidade, e do termo com taõ grande concurſo, que toda a caſa, Igreja, clauſtros, e dormitorios eſtavaõ o dia inteiro abertos, e era a inquietaçaõ muy grande de muſicas, jogos, bailes, e folias, que tudo acode onde ha comida. Quando amanhecia o Domingo da feſta Frey Pedro ouvia a primeira Miſſa que ſe diz de madrugada, e entregando as chaves a quem o Prior lhe nomeava (os pobres naõ aviaõ miſter procurador em tal conjunçaõ, porque nella lhes ſobejava tudo) encerravaſe em huma cella com humas poucas de ervas que da tarde antes tinha colhido, e naõ ſahia della ſe naõ de noite. Dezia Frey Afonſo que notara alguns annos eſtar a cella o dia todo ferrolhada por fòra, e ſendo noite abrirſe, ſem aver peſſoa que viſſe nem ſoubeſſe quem tinha cuydado de ſer ſeu porteiro. E que deſejando alcançar o ſegredo diſto, vigiara de propoſito a porta ao tempo, e conjunçaõ que coſtumava a ſair da clauſura: e vira que ſe abria, e corria o ferrolho eſtando pegada com ella huma ſombra clara, e muyto bem deviſada, a qual viraõ deſpois algumas vezes outros Religioſos, que com curioſidade ſe quiſeraõ certificar. A cauſa de Frey Pedro ſe recolher aſſi julgamos que devia ſer, alem da perturbaçaõ que cauſaõ em hum bom eſpirito as deſcompoſiçoens po-

populares de homens, e molheres em tempos ſemelhantes, querer fugir a vangloria de ſer viſto, e tratado de tanta gente, quando todos o tinhaõ jà por Santo, e como a tal o honravaõ.

CAPITULO IX.

Da glorioſa morte do ſanto Irmaõ Frey Pedro.

ERa Frey Pedro jà muito velho, e das penitencias, e mà vida anticipadamente conſumido ainda mais que dos annos. Entrou hum inverno aſpero com grandes frios, e ventos agudos. E como a ſua vida era paſſar a noite ſem cama, e ſem abrigo ſobre a terra nua, como temos dito: e de proximo tinha tomado como de empreitada fazer oraçaõ ſobre a cova de hum Frade defunto de poucos dias, ſegundo ſeu ſanto, e antigo coſtume; o frio do tempo junto com o da idade o congelaraõ huma noite de maneira, que amaneceo ſobre a ſepultura do morto tambem quaſi morto. Eſtava todo inteiriſſado, e ſem movimento: deraõno por acabado os Frades que aſſi o acharaõ, e foraõ correndo dar aviſo ao Prelado. Revolveraõno laſtimados do ſucceſſo, e entaõ lhe viraõ a caſo os joelhos que tinha pregados na terra fria, cubertos de huns callos taõ groſſos, e duros, como ſe foraõ de hum camelo. Foy levado em braços à enfermaria: tornou em ſi, e contra ſua vontade ſe deteve nella tres dias lembrando ſempre, e repetindo que ouveſſe cuidado dos pobres. Mas naõ faziaõ elles entre tanto menos lembrança delle, porque pediaõ com clamores que lhe deſſem ſeu pay. E ſendo igual a deſconſolaçaõ nelle por faltar no ſanto miniſterio de charidade, poſto que o ſucceſſor naõ era menos diligente; em fim foy reſtituido a ſeu officio, ainda meyo tolhido. Mas pozlhe o Prior preceito que dali em diante ſe recolheſſe de noite em huma cella, e dormiſſe ſobre hum feltro em huma barra de taboas, ao menos em quanto durava o rigor dos frios. Obedeceo Frey Pedro como bom Religioſo ſojeitando a vontade ao mandato do Prelado. Mas o eſpirito andava taõ riguroſo, e pronto em quebrantar a carne inſenſivel jà, e quaſi morta, que as mais das vezes tomava o ſono com os joelhos nus ſobre o ladrilho, e arrimado ſomente à barra, e naõ dando mais que os braços àquella honrada, e mimoſa cama.

Eſtas violencias continuadas em idade que paſſava de ſetenta annos acabaraõ de proſtrar as forças da natureza, que todavia era robuſta, e abreviaraõlhe a reſoluçaõ. Entendendo o ſervo fiel que era chegado o prazo de ſeus trabalhos, e a hora da paga: que rezaõ parecia que a quem profetizou as mortes alheas, naõ faltaſſe o Senhor com revelaçaõ da propria: confeſſouſe com hum Padre muyto obſervante, e velho, que pouco ha nomeamos, Frey Afonſo Banha, e diſſelhe que naquelle meſmo dia ſe avia de partir pera a outra vida. Era iſto hum Domingo deſpois da Epiphania anno de 1528. Eſpantouſe muito o confeſſor porque o via andar de pè, e ao parecer em diſpoſiçaõ de quem naõ poderia acabar taõ depreſſa. Mas elle ſe affirmou no dito. O que viſto por Frey Afonſo, 1528.

ſo, como ſabia muito de Frey Pedro, aviſou ao Prior ao ſayr do Coro, dizendolhe que ſeria bem mandar olhar por elle. Era o Prior Frey Ambroſio de Oliveira homem ſeco de condiçaõ, e duro de perſuadir: nem lhe deu credito, nem fez caſo do dito. Porque ſe ajuntou ao que tinha de natureza vello por ſeus olhos commungar com os mais Irmaons de caſa de noviços à Miſſa do dia. Deuſe Frey Afonſo por obrigado a tomar à ſua conta o que encomendara a quem o naõ cria, e obrigouo mais hum auto que ſoube fizera o Santo aquella manham na Sacriſtia. Era coſtume naquelles tempos, quando os Irmaons aviaõ de commungar, pediremſe perdaõ huns aos outros proſtrados com venia. He acto que move a devaçaõ, e compunçaõ os meſmos que o fazem, e traz todos amigos, e conformes (no Convento de Bemfica o vimos uſar, ſendo Meſtre de Noviços o Padre Frey Chriſtovaõ de S. Domingos de longos annos exercitado neſte importante miniſterio) e rezaõ fora que tal coſtume ſe naõ perdera. Eſtando eſte dia juntos os Irmaons que avia, foy elle o primeyro que ſe proſtrou em terra, e acrecentou de novo falar com todos em geral dizendo eſtas palavras: Meus Irmaons a qualquer de vòs, que por minha culpa tenha offendido, peço por amor de Deos que me perdoe: e polo meſmo Senhor vos peço a todos que lhe rogueis por mim. Apoz iſto deſpois de levantados foy abraçando a cada hum por ſi, e dizendolhes: Ficaivos com a paz de Jeſu Chriſto, e fazei polo ſervir com todas voſſas forças. Bem pareceo aos mais que tinha myſterio a deſpedida, e eſpantaraõſe da novidade: mas como naõ ſabiaõ outra couſa paſſaraõ por iſſo. Acabada a Communhaõ, deceo Frey Pedro do altar com notavel alegria de roſto, dizendo em voz baixa, mas claramente entendida dos que hiaõ perto, aquelle verſõ do Pſalmo: *Ibi lætabimur in ipſo.* He a ſignificaçaõ: Là nos alegraremos no meſmo Senhor. E repetindoo muytas vezes com grande ſuavidade da alma caminhou pera a ſua portaria. Entre tanto fez final pera o jantar o ſino da craſta. Começou a Communidade a comer. Eſtava Frey Afonſo ſobre aviſo, notou que naõ parecia Frey Pedro: ficou ſobreſaltado, pedio licença, e foyſe à portaria. Achouo encoſtado no ſeu aſſento, que era hum banco de reſpaldo que pera elle ſe mandara fazer por ſua velhice. Perguntoulhe porque naõ fora à meſa. Padre, reſpondeo, jà naõ he neceſſario. E levantando as maons repitia o verſo: *Ibi lætabimur in ipſo.* Deixouſe eſtar Frey Afonſo hum pouco. Chamaraõ à campainha, e Frey Pedro levantandoſe pera acodir à porta, ſegundo ſeu coſtume, cahio desfalecido em terra. Eraõ horas que a Communidade ſahia jà do refeitorio a dar graças na Igreja, acodiraõ os Frades todos, levaraõno à enfermaria. Querendo lançallo ſobre hum leito, fez final que o poſeſſem no chaõ. Polo naõ deſconſolarem trouxeraõ o ſeu feltro, eſtenderaõno em terra, e lançandoſe nelle de boa vontade, pedio logo que lhe trouxeſſem o Sacramento da Extrema unçaõ: e eſteve prontiſſimo em quanto lhe foy miniſtrado, e no cabo bei- Pſal. 65.

beijou a Cruz, e levantando as
Pſal. 65. maons ao Ceo diſſe : *Benedictus Deus, qui non amouit orationem meam, & miſericordiam ſuam à me.* Querendo dizer : Bendito ſeja o Senhor, que nem apartou de ſi minha oraçaõ, nem de mim ſua miſericordia. Saõ palavras do meſmo Pſalmo, donde tomara as que atràs temos referido : e ſendo aſſi que ſe alguma vez tomava Latins na boca, naõ ſe lhe deixava entender couſa diſtinta, como quem era totalmente idiota, e rude pera os eſpecificar, referio eſtas com taõ propria, e taõ eſpevitada pronunciaçaõ, que todos os Padres ficaraõ cheyos de maravilha, e julgavaõ que jà eraõ rayos da ſciencia, e claridade Divina que começavaõ a allumiar, e enriquecer aquella alma. Sobrevindolhe logo huma pequena onda de eſmorecimento cerrou os olhos, e a boca, e ficou livre dos trabalhos da vida, ſobindo a alma aos braços de ſeu Criador.

CAPITULO X.

Das exequias, e officio da ſepultura : e do ſintimento geral com que foraõ celebradas.

TEmeoſe grande tumulto de povo em caſa ſe ſe publicaſſe a morte do Santo Frey Pedro antes de ſepultado : determinouſe daremno à terra acabadas Veſperas. Durava ainda o coſtume de ſe lavarem os corpos dos defuntos (couſa deſuzada jà oje por pouco decente, e parecida com as ſuperſtiçoens Gentilicas) encomendouſe o cargo a dous Sacerdotes velhos, hum Frey Afonſo Banha ſeu Confeſſor, outro Frey Eſtevaõ Acha. Eſtes Padres lhe acharaõ hum aſpero, e largo cilicio taõ apertado, e unido com a carne de muitos annos, que lho naõ poderaõ tirar, ſe naõ cortado. E as Religioſas do Moſteiro de Noſſa Senhora do Paraiſo da cidade o pediraõ, e guardaraõ com devaçaõ em memoria de ſeu dono. Fezſe o officio da ſepultura a portas fechadas no clauſtro : e foy ſepultado no cemiterio commum do Capitulo, na cova em que de alguns annos atràs jazia o Padre Frey Alvaro Murzelo : foy a rezaõ alem da que atràs tocamos, que largo tempo fora ſeu Padre eſpiritual. Naõ baſtou tanta prevençaõ pera encobrir o que ſe fazia : e concorreo tanta gente ao terreiro da Igreja, e batiaõ com tanta força nas portas, que naõ faltava mais que poremlhes machados pera as arrombar. No dia ſeguinte amanheceo no meyo da Igreja huma èça honeſtamente compoſta pera celebrar o officio funeral com a pompa devida a taõ benemerito filho. Acodio a cidade toda com tanto numero de gente, que naõ avia quem ſe podeſſe valer com aperto : e cuydando que tinhaõ aly o corpo preſente deſcobriraõ, e revolveraõ o tabernaculo, e tumba da èça algumas vezes. Foy ſolenizado o officio com muitas lagrimas dos Religioſos, pranto do povo, e clamores deſconſolados dos pobres. Vieraõ celebrar no meſmo dia polo defunto dez Clerigos pobres, a que coſtumava dar de comer todos os dias com charidade, e reſpeito entre as duas portarias : e eraõ tantas as lagrimas, e ſoluços

ços de cada hum, quando chegavaõ a dizer ſeu reſponſo, que nem peito nem voz tinhaõ pera o pronunciar. Ajudavaos a Igreja toda obrigada da dor propria, e da que via nelles: que pode muito no ſentimento, como em tudo a companhia, e exemplo. Mas excede quanto ſe pode eſcrever o que paſſou na ſepultura, quando acabado o officio ſe ouve de cantar ſobre ella o ultimo reſponſo. Entrou o povo traz a Communidade ſem ficar homem nem molher na Igreja: aly foy a força, e a confuſaõ de novo, por chegarem a tocar a terra que cobria o corpo ſanto, e amado de todos, o pranto renovado, e trocado em gritos, e alarida, o canto dos Religioſos de maneira perturbado, e interrompido, que nem pera rezar ſe ouviaõ, nem pera cantar ſe entendiaõ. Acabado tudo, naõ acabava a gente de ſe apartar do lugar, moſtrando tal affeiçaõ com elle, que parecia quererem deſenterrar o defunto. E naõ faltando receyos diſſo nos Religioſos, fizeraõ ficar homens de guarda no Capitulo, que tarde, e com trabalho puderaõ ver deſpojado. Entaõ cahiraõ na conta, de quaõ acertado fora o conſelho do enterro ſecreto. Porque ſegundo Frey Pedro era amado, e ſua virtude em alto grào eſtimada, naõ ouvera forças que poderaõ tolher aos homens trataremno com pouco reſpeito, à conta de ſe enriquecerem de ſuas reliquias. Bem ſoube dizer hum Gentio, que ſe a virtude podera dar viſta de ſi, e de ſua belleza, naõ ouvera olhos que podeſſem com a claridade de ſeus rayos, nem coraçoens que do fogo de ſeu amor ſe defendeſſem.

Marc. Tull.

Naõ andava Frey Pedro pola terra, naõ viſitava as caſas, nem ſabia as ruas: ſò era viſto quando entre os pobres eſfarrapados repartia pedaços de paõ, e pouca comida, taõ remendado, e taõ pobre como elles. Mas eſtando eſcondido no canto do ſeu Moſteiro era conhecido de toda huma grande cidade: e dentre aquelles remendos dava taes luzes a virtude, que cegava olhos, e abraſava almas, quando vivo com ſua preſença, e deſpois de morto com ſaudades della.

Os Religioſos, que mais ſabiaõ delle, e mais perdiaõ em tal companheyro, avendo que por ſer como em cauſa propria eſtavaõ obrigados a encobrir o ſentimento, e uſar menos demonſtraçoens, fizeraõ todavia eſte dia huma aſſaz piadoſa. Era tarde quando ſe deu fim à ſolenidade: fezſe final pera o jantar, acodiraõ todos os Padres ao ſitio em que ſe juntaõ pera entrar no refeitorio (chamamoslhe poyo) mas naõ avia nenhum taõ amigo de ſi, que em tal dia cuidaſſe em comer. Foy a junta pera pedirem de acordo ao Prelado, que à honra do defunto comeſſem os pobres o jantar inteiro da Communidade. Deu o Prelado a licença: ſahiraõ quatro Padres a repartillo. Mas ainda aqui teve mais força o amor de Frey Pedro, que a fome, e neceſſidade: creceo a ſaudade nos pobres com a viſta de novos repartidores, renovouſe o pranto com a falta do antigo. Naõ he genero de encarecimento. Sobiaõ os gritos ao Ceo, as lagrimas, e ſoſpiros naõ davaõ quietaçaõ, nem lugar de comer: pedindolhes os Padres que comeſſem pola alma de Frey Pedro,

dro ; e elles pola meſma rezaõ perdendo o goſto, e apetite da comida.

Naõ ſe poz pedra nem letreiro na ſepultura de tal Santo, que declaraſſe o dia em que faleceo, e ſinalaſſe o lugar em que foy lançado. Aſſi ficou ſeu
Deut. 34. corpo como o de Moyſes, ſabido o monte, mas ignorado o ſitio. Seguiraõ niſto os Padres daquelle tempo o brio, por naõ dizer deſcuido, dos antepaſſados: e confeſſaraõno os ſucceſſores, perdendo a memoria do lugar certo em que jaz, naõ avendo duvida que he dentro do Capitulo. Naõ quero culpar ninguem, por naõ renovar a cada paſſo magoas ſem remedio : e doume por ſatisfeito com que dentro ſe vè hoje huma pedra em lugar alto com hum letreyro Latino, que contem o ſeguinte.

FRater Petrus huius domus Cænobita laicus in hoc ſacello ſepultus eſt in incerto loco : cuius vita ſanctimonia & prophetia clara literis proditur. ***D. A. M. DC. I.***

A ſignificaçaõ he.

FRey Pedro Frade leigo deſte Convento eſtà ſepultado neſta capella ſem conſtar de lugar certo. De ſua vida illuſtre por ſantidade, e profecia andaõ livros eſcritos. E eſta memoria ſe lhe poz no anno do Senhor de mil ſeiſcentos e hum.

Dado fim à vida deſte Santo, naõ ſerà bem ficarnos por dizer a rezaõ que tevemos pera eſcrever delle neſte Convento, ſendo filho de Aveyro, contra a ordem que atè aqui levamos. E digo que fizemos nelle exceiçaõ, obrigados do nome que tem por toda a Provincia de Frey Pedro de Evora : polo qual he taõ conhecido, que fora culpa notavel contra ſeu nome, e contra a devaçaõ que Evora lhe tem, ſe lhe naõ deramos memoria neſte lugar.

CAPITULO XI.

De outros filhos deſte Convento dignos de memoria.

VIvia por eſte meſmo tempo, e no meſmo Convento outro Irmaõ leigo, que na idade podia ſer pay do Santo Frey Pedro, e na Religiaõ era ſeu diſcipulo : chamavaſe Frey Afonſo das Vinhas. Tinha quaſi noventa annos de idade, e aſſi na oraçaõ como em outros exercicios de virtude trabalhava por ſeguir as piſadas do que tinha por meſtre : e ſendo a idade tal que de muito atraz o deſobrigava dos rigores ordinarios da Ordem, elle naõ ſò os atu-

rava com toda puntualidade, mas nenhuma Seſta feira do anno deixava de jejuar a paõ, e agoa: eſtimando a vida larga, naõ pera alivio, e deſcanço, mas pera lavar com mais penitencia culpas da mocidade. Que ſe pera eſte fim naõ queremos os annos dilatados todo o outro he indigno: porque ſendo o quartel da ultima velhice todo *labor*, *& dolor*, ſò pera o offerecermos a Deos com as diligencias deſte bom velho o deviamos preſar ou ſofrer. Ajuntava a eſta penitencia hum exercicio naõ menos peſado pera forças taõ quebradas da idade, o qual era varrer por ſua maõ o clauſtro do Convento duas vezes cada ſemana: e naõ ſe contentava com menos que varrer tambem o pateo delle. Como era jà avido por incapaz de officio certo, e por iſſo naõ fazia nenhum, dizia que folgava de merecer niſto o paõ que comia, pois era vivo pera pejar huma cela, e hum lugar no refeitorio: e morto pera ſervir, e trabalhar. Contaſe delle, que atè o ultimo dia de taõ larga carreira conſervou no ſembrante huma compoſiçaõ de tanta modeſtia, e gravidade, e no trato, e converſaçaõ tanta manſidaõ, e ſofrimento, que era hum particular, e aprazivel eſpectaculo: porque naõ repreſentavaõ menos aquelles noventa annos, que hum novicinho dos mais mortificados, e melhor criados do Convento.

Deveſe ſegundo lugar por antiguidade deſpois de Frey Pedro ao Padre Meſtre Frey Andre de Reſende natural da cidade de Evora, de geraçaõ nobre, e filho de habito do Convento, e que nelle foy noviço em vida do Irmaõ Frey Pedro, como parece do que atràs temos contado. Coſtumavaõ naquelle tempo alguns Frades, que tinhaõ deſejo de ſaber, e poſſibilidade de bolſa, ſair do Reino; e yrſe eſtudar a Paris, pola falta que avia de eſtudos em Portugal. Aſſi o fez Frey Andre, e porque tinha boa habilidade tornou aproveitado nas letras, principalmente nas humanas, e na lingua Latina, com a qual deixou eſcritas algumas obras que hoje ſaõ de muita eſtima. Entre ellas foy huma a vida de S. Frey Gil de Santarem, que deſpois ſe imprimio em Paris: e he a meſma que nòs ſeguimos neſta hiſtoria. Tambem tirou à luz algumas antiguidades da cidade de Evora, com juizo, e curioſidade de bom antiquario: e compoz hum officio de S. Gonçalo de Amarante, com huns hymnos de taõ fina poeſia, que ſe ſente nella o cheyro da melhor, e mais polida dos celebres Poetas antigos. Em Portuguez eſcreveo a vida do ſanto leigo Frey Pedro, de quem, como della conſta, foy particular conhecido, e amigo. E por todas eſtas rezoens nos pareceo digno deſta memoria.

Deſte Convento era filho, e nelle vivia, e delle foy pera o Ceo no anno de 1574 o Padre Frey Pedro de Montemor, velho na idade, e envelhecido em virtudes, e nos ſantos exercicios dellas. Vivia huma vida comum, em converſaçaõ igual, e religioſa, ſem ſingularidades que em publico o fizeſſem notavel: mas a alma, que pera com Deos era ſingularmente ſanta, moſtrou no cabo os bons empregos da longa vida. Eſperava jà po-

pola ultima hora em remate de huma comprida doença, armado dos Santos Sacramentos da Igreja. E era vigiado dos Irmaons de caſa de noviços, como quem naturalmente hia acabando. Parecendo a alguns que fazia jà termos pera eſpirar, eis que eſperta ou reſucita ſubitamente, e moſtrando extraordinarios ſinaes de alegria no roſto, que jà cobriaõ ſombras de morte, chama polos noviços dizendo com voz que eſpantou de robuſta, e vigoroſa: Irmaons, Irmaons fazei reverencia, e ſauday a Sacratiſſima Virgem Mãy de Deos, e Senhora noſſa, cantailhe com muita devaçaõ a ſua Antifona: *Salve Regina.* Proſtraraõſe os innocentinhos por terra entoando entre gozo, e temor os verſos ſantos, mas naõ dando fè do que o enfermo via. E elle cheyo de conſolaçaõ, e prazer, como quem adormecia com a muſica que pedira, dormio no Senhor.

CAPITULO XII.

Do inſigne varaõ o Padre Meſtre Frey Luys de Granada.

Tit. Livio dec. 5. l. 5.

DEu o Romano Emilio Paulo, venturoſo conquiſtador da Macedonia, dous filhos ſeus a duas familias graviſſimas, quaes eraõ a dos Scipioens, e a dos Fabios, pera continuarem nellas como adoptivos appellido, e ſucceſſaõ: ſahiraõ ambos taes, que honraraõ o nome de quem os buſcou, e naõ menos o de quem os deu. Bem quadra iſto com dous inſignes varoens que nos deu Caſtella: hum o Meſtre Frey Franciſco de Bobadilha, de quem avemos de eſcrever ao diante: outro o Meſtre Frey Luis de Granada, de quem agora diremos; ambos adoptivos deſta Provincia, e ambos pera grande louvor della, e da terra que os gerou, e nolos deu; hum perfilhado neſte Convento, que foy o Padre Frey Luis, o outro no de Benfica. Mas confeſſo que pera eſcrever do Meſtre Frey Luis, me acontece o meſmo que Marco Tullio de ſi affirmava quando queria orar: Elle tremia com todos os membros: a mim caeme o coraçaõ, e a penna, e as maons ſe me tornaõ paraliticas. Porque eſcrever maravilhas de varoens pouco conhecidos no mundo, por grandes que ellas ſejaõ, he obra de goſto, mais que de trabalho: mas falar de quem eſtà celebrado por todas as provincias, e naçoens do mundo, naõ ſò por pennas alheyas, mas muito mais pola ſua propria, temo ficar tanto atràs do que ſe lhe deve, que fiquem por minha culpa muito abatidas ſuas grandes calidades. Aſſi offereço fazer officio de eſcritor ſingello apontando ſòmente os paſſos, e ſucceſſos de ſua vida. E aconſelharey a quem quizer ſaber muito della, e delle, que tome nas maons ſeus livros, e deſte naõ faça caſo: porque aqui naõ acharà mais que hum debuxo (como dizem) de morta color, e là acharà o meſmo Frey Luis vivo, e com todas ſuas cores. Saõ os eſcritos hum verdadeiro retrato de ſeu autor. Que ſe he verdade, como he, que a voz ordinaria, o riſo, os meneos, a atè o paſſeo deſcobrem o que jaz eſcondido no peito de qualquer homem, mais rezaõ he que ſeja deſcuberto polo que he ver-

Cron. f. 321. Marieta na vida deſte P. Serafino Razzi na Cron. da Ordem f. 275.

Eccl. 19.

P. 2. l. 1. M. Frey Anton. de Sena na

dadeiro parto do entendimento, como ſaõ os eſcritos de cada hum. Quem quizer ſaber qual era o eſpirito deſte Padre, quaes ſuas letras, ſeu entendimento, ſua eloquencia, e ſuas forças em trabalhar: leaõ por elle, e por ſuas obras. Taes ſaõ ellas, que jà naõ ha naçaõ no mundo onde naõ ajaõ penetrado. Chegaraõ aos Turcos, paſſaraõ aos Perſas, e atè aos ultimos Chins: e eſtà averiguado que ſe tem jà traduzido em nove linguas: e que ſaõ lidas com louvor atè dos meſmos inimigos da fè (que naõ pode ſer mayor encarecimento) hereges de todas as ſeitas, Mouros, Gentios, e Judeus. A todos eſpantaõ, e a muitos convertem.

Começandò pois o que toca à noſſa obrigaçaõ. Naceo eſte Padre na cidade de Granada no
1504. anno de 1504, que foy o meſmo em que Deos quiz dar à ſua Igreja, e deſpois veſtir no meſmo habito o grande lume de ſantidade o Papa Pio V. Sendo minino ſuccedeo ter rezoens com outro, das quaes vieraõ aos cabellos, e a trataremſe mal: foy ſua ventura acertar de os ver de huma janela o Marquez de Mondejar, e mandandoos apartar, ouvir deſpois o que o noſſo diſſe em ſua deſculpa: que foraõ humas rezoens taõ concertadas, e com tanta viveza, e graça repreſentadas, que o Marquez afeiçoado, e eſpantado, quiz ſaber ſeu nacimento: e conſtandolhe da pobreza, e humildade delle mandou a hum criado que tomaſſe a cargo fazello aprender, e eſtudar. O nacimento, que o meſmo Padre nunca negou, antes com muita alegria confeſſava muitas vezes, era ſer filho de gente taõ humilde, e de huma mãy taõ pobre, que ſe ſuſtentava de ſervir os Frades do noſſo Convento de S. Domingos que chamaõ ſanta Cruz la Real, ora lavando, ora amaſſando. Neſta idade das primeiras letras lhe começou Deos a dar inclinaçaõ, brio, e deſenvoltura pera prègador: ouvindo os ſermoens nas Igrejas ajuntava deſpois por ouvintes outros de ſua idade, e referiaos com tanta energia, que fazia movimento notavel, e tal que lhe chamavaõ os meſmos com termo, e lingoagem pueril el Evangelizadero. M. Frey Franciſco Diago na vida deſte P. c. 2.

Crecendo nos annos affeiçoouſe à caſa, onde elle, e a mãy comiaõ o paõ, pedio o habito, terçou por elle pobreza, e habilidade. Acreditou logo ſeu noviciado com pedir ao Meſtre licença pera partir ſua pitança com a mãy. Em huma ſò obra duas virtudes: piedade com quem o gerou, abſtinencia conſigo. Nos principios tomou apellido de Sarria por alguma relaçaõ que teria com Galiza. Como tinha jà fama de habil foy mandado apoz a profiſſaõ ao Collegio de S. Gregorio de Valhedolid. Com o eſtudo deſcobrio engenho, juizo, madureza, e adiantou em tudo tanto, que com poucos annos de eſcolas deu grande letrado, e famoſo prègador. Tornou paſſado o eſtudo pera a natureza, e Convento de que era filho, e foy exercitando o pulpito com tal eſpirito, que ouvindoo hum grande ſervo de Deos, e eſtremado prègador, diſſe por elle, que naõ cuidava menos, ſenaõ que aſſi como Santo Thomas viera ao mundo pera alumiar entendimen-

mentos, nacera tambem Frey Luis pera abrazar coraçoens. E na verdade foy verdadeira profecia. Porque procedendo o tempo, aſſi nas praticas particulares, como no pulpito, e em ſeus eſcritos moſtrou ſer hum eſtremo naquella parte que nas da oraçaõ tem o primeiro, e mais eſſencial lugar, que he mover, e perſuadir. Porque ſendo todas as outras, e a meſma oraçaõ ordenadas ſò ao fim de obrigar os ouvintes a ſe deixarem vencer do que ouvem, claro fica que melhor orador ſerà quem deſta mais tiver. Ajuntavaſe que jà neſta primeira idade era conhecido por recolhimento, oraçaõ, e penitencias: e como ſobia ao pulpito a perſuadir o que fazia, ſahia a lingoagem ardendo em fogo, e taõ viva, e affervorada que fazia maravilhoſos effeitos.

M. Frey Franciſco Diago na vida deſte P.

Aconteceolhe hum dia em hum auditorio de grande numero de povo (dizem que foy em Cordova) ou foſſe por ſer mandado prègar de repente, ou por outra rezaõ que naõ conſta: poſto no pulpito tirou de hum Miſſal que levava, e por ſer em Seſta feira da ſemana Santa começou a lèr: *Paſſio Domini Noſtri Jeſu Chriſti*: e ſem lèr mais, foy declarando que couſa era paixaõ, quem era o que padecia, e porque padecia Fez tamanha impreſſaõ o novo modo de propor, foraõ os termos taõ levantados, e ſentidos, pronunciados com tanto encarecimento, que o povo todo arrebatado, e compungido entrou em hum pranto nunca viſto, e tal que nem o prègador teve lugar de ir adiante, nem o povo pera mais ouvir, e foy força acabar. Neſte tempo tinha trinta annos de idade, e foy a occaſiaõ de ir a Cordova, encarregarlhe o Meſtre Geral da Ordem Frey Joaõ Fenario vindo peſſoalmente viſitar a provincia de Andaluzia, que tresladaſſe o Convento de Eſcala Cæli de Cordova, que eſtava em huma ſerra, e em ſitio pouco ſàdio pera dentro da cidade.

CAPITULO XIII.

Vem o Meſtre Frey Luis a Portugal à petiçaõ do Cardeal Infante: perfilhaſe polo Convento de Evora. He eleito Provincial. Daſe conta da Ordem que tinha em Lisboa em ſua vida, e eſtudos.

FOy o Convento de Eſcala Cæli fundado por hum Frade Portugues, de que he rezaõ ficar memoria neſtes eſcritos: ainda que ſeja com pouca diſtinçaõ, e clareza, ſabemos que ſe chamava Frey Alvaro, e que na meſma caſa he tido por Santo: do que he bom argumento ſabermos tambem que foy muito eſtimado da Emperatriz dona Izabel molher do Emperador Carlos Quinto, e irmaõ del Rey dom Joaõ o Terceiro de Portugal. Tanto credito tinha jà aquerido o Meſtre Frey Luis nos trinta annos de idade, que com muita ſegurança foy eleito por hum Geral pera tal cargo. Mas neſta reſidencia de Cordova, e na tresladaçaõ que fez do Convento adiantou muito mais em reputaçaõ de virtude, e penitencia, e eſpirito. Porque aqui começou ajuntar com a prègaçaõ o trabalho de eſcrever livros eſpirituaes: nos quaes ſe occupava com grande continuaçaõ, e encerramento: e pera dar

dar boa conta de tudo meſtura-va com tal exercicio eſtreitas penitencias. Conta dellas o Meſtre Frey Franciſco Diago Aragones, que ſuccedeo huma noite a certos fidalgos mancebos paſſarem por junto do Convento, e ouvirem a toada de huma riguroſa diſciplina, que por ſer no ſilencio de alta noite, e tomada com força ſe deixava bem ouvir: e de miſtura com ella ſoavaõ a eſpaços huns gemidos taõ profundos, e triſtes, que ficando por huma, e outra couſa penetrados de dor, e compunçaõ os ocioſos, deſiſtiraõ da jornada, que naõ devia ſer muito de ſerviço de Deos: do que foy ſinal que no dia ſeguinte entraraõ polo Convento, e averiguado que era elle o penitente, lhe deraõ as graças da mudança do conſelho.

Tratouſe entre tanto na Provincia fundar Convento em Badajoz. Pareceo que naõ podia ir peſſoa pera o effeito mais a propoſito: e encomendouſelhe o cargo. Deſta viſinhança de Portugal entrou por elle a fama de ſuas prègaçoens, e vida: e chegando ao Infante, e Cardeal dom Anrique à cidade de Evora, da qual tinha aceitado a prelacia, naõ tardou em pedir ao Padre Geral que lho deſſe pera eſta Provincia, nem ſe contentou com menos que trazello perfilhado logo polo Convento da meſma cidade. Que por eſſa rezaõ lhe coube aqui ſeu lugar. Neſta cidade procedeo de maneira, que ſabidamente foy de grande utilidade pera todo o Arcebiſpado, e naõ menos pera o Reino. Porque com as prègaçoens, confiſſoens, conſelhos, e devaçaõ em que occupava os dias, ſervia aos preſentes: e com os livros que compunha, a que dava as noites, acodia aos auſentes naturaes, e eſtranhos. Por maneira, que nenhuma hora ſua deixava de ſer fructuoſa.

Com taes occupaçoens ſe fez por eſtremo amado do Cardeal, e del Rey dom Joaõ ſeu Irmaõ, e de todos os Principes do Reyno, que entaõ eraõ muitos: e de ſeu conſelho, e letras ſe ajudavaõ nos negocios mais graves. Daqui foy tirado pera Provincial deſta provincia, quando acabou a vida antes de acabar ſeu quadriennio, o Meſtre Frey Joaõ de Salmas: e foy eleito por fim de Outubro do anno de 1557. 1557. Teve eſta honra huma particularidade bem de eſtimar: que avendo muitos annos que a Provincia deſejava, e procurava ſer governada por ſojeitos Portuguezes: porque avia nella peſſoas de grande talento: os meſmos, que podiaõ pretender o cargo, foraõ os que lhe deraõ o voto. Eſtimou o Cardeal a honra do prègador, porque vio nella acreditado ſeu juizo. Mas naõ o foy menos no cuidado com que o Meſtre Frey Luis exercitou o cargo. A' ſua diligencia devemos o Convento que a Ordem tem na grande villa de Montemòr o Novo, como diremos em ſeu lugar: à meſma deve o Convento de Lisboa o Moſteiro, e Igreja que hoje poſſue de Anſede como atràs fica contado: e a cidade de Braga, e o Reyno todo lhe eſtà obrigado polos bens, que reſultaraõ da eleiçaõ do grande Arcebiſpo dom Frey Bertolameu dos Martyres. Porque elle foy o promotor, e principal conſelheiro della: ſendo aſſi, que a Rainha dona Caterina, que ficou

cou governando o Reyno por falecimento del Rey dom Joaõ o Terceiro, e em nome del Rey dom Sebaſtiaõ ſeu neto logo ſe ſervio delle, e o fez ſeu confeſſor. E tambem ſabemos que no Convento de S. Sebaſtiaõ de Setuvel teve tanta maõ, ainda que foy começado por mandado del Rey dom Sebaſtiaõ, ſendo Provincial o Padre Frey Eſtevaõ Leitaõ, que elle foy o que lhe lançou a primeira pedra, e aſſiſtio nos principios da fabrica como autor principal della. Acabados os quatro annos de ſeu cargo, e alguns meſes mais por
1562. Junho do anno de 1562 ficouſe no Convento de Lisboa, e nelle reſidio deſpois em quanto viveo.

As occupaçoens de ſua vida ſempre foraõ as meſmas que diſſemos de Evora atè o ultimo ſuſpiro. Da ordem que tinha nella, e nellas diremos agora alguma couſa. Levantavaſe de ordinario às quatro da manham: gaſtava atè às ſeis, parte em oraçaõ mental de que foy ſempre taõ grande ſeguidor, como bom eſcritor; parte em ſe aparelhar pera o Santo ſacrificio da Miſſa. Celebrava às ſeis com tanta devaçaõ, e reverencia, que movia muito a quem o via, e ouvia: e naõ lhe ficava dia ſem eſte divino paſto, porque era lingoagem ſua que o melhor aparelho pera elle era a continuaçaõ quotidiana, reprovando muito os que por medo, ou demaſiada reverencia ſe privaõ de tamanho bem, que ſe nos dà de graça; e o meſmo Senhor, que o dà, tem por honra ſua aceitarmolo. Seguia ao ſacrificio oraçaõ, e graças: e indoſe pera a cella chamava de caminho quem lhe eſcrevia.

O modo de eſcrever era mandando primeiro ler algum livro que ouvia por eſpaço de huma hora: logo começava a dictar paſſeando quaſi ſempre: e dictava atè às dez. Entaõ deſpedia o eſcrevente, e tomava elle a pena, e eſcrevia atè às onze em materias differentes das que tinha dictado. A horas de jantar decia a comer ſempre na Communidade o que nella ſe dava, naõ lhe eſquecendo nunca deixar boa parte pera os pobres. Se algumas vezes jantava fòra da meſa conventual por indiſpoſiçaõ, ou por lhe ter tomado o tempo algum negocio forçado, fazia lèr em quanto comia do que pola manham tinha dictado, e mandava riſcar ou acrecentar o que lhe parecia. Iſto fazia ou por naõ perder aquelle tempo, ou por naõ ficar comendo ſem a liçaõ que ouvera de ter na Communidade. Levantado da meſa hia viſitar os enfermos: e a viſita naõ era ſò perguntar pola ſaude, mas tambem ſe tinhaõ falta de alguma couſa principalmente ſe eraõ hoſpedes em que eſtava mais certa a neceſſidade: e porque a modeſtia naõ aceita offerecimentos, e a preſunçaõ ordinaria he contra elles, que por iſſo lhe chama o mundo comprimentos como a couſa ſuperficial, e que naõ tem raiz na vontade, aviſava os enfermeiros que de ſegredo ſe informaſſem da verdade, e dandolhe conta do que achavaõ proviaos do que tinha com largueza. Da enfermaria buſcava a converſaçaõ dos Padres onde eſtavaõ juntos, quando avia licença de palrar, e alegremente ſe detinha com elles atè meya hora: e tornando pera a cella re-

repouſava outra meya, e às vezes ſò hum quarto, couſa que naõ ſe podia chamar ſono.

Se avia Noa, acodia a ella, e ſempre eſtendia o eſpaço, porque naõ era facil em deſpegar do ſabor da oraçaõ. Nos tempos em que naõ avia Noa, logo à huma chamava o eſcrevente, e gaſtava atè noite, ou atè Completas dictando. Deſpois de Completas, em que nunca faltava, ficava ordinariamente em oraçaõ atè às dez, e iſto em pè, ou aſſentado no chaõ. A cea, quando era tempo dellas, fazia de ordinario com dous ovos, que por ſua maõ aſſava ao lume de huma vela com artificio que pera iſſo tinha por eſcuſar criado, que nunca teve: e eſta cea tomava polas onze da noite. Tal era a vida do Padre Frey Luis em S. Domingos de Lisboa, e por eſte teor a continuou em quanto teve forças, e robuſteza, ajuntando ao que temos dito cilicios, e diſciplinas continuas, mais ou menos aſperas, ſegundo os tempos: porque deſtas alfayas poſſuhia differentes generos, e como couſa amada, ſò dellas tinha chave: cilicio de ſedas ſeco, e bem fero pera de ordinario, de ferro delgado ou lataõ, que chamaõ folha de Frandes, de que ſe fazem os ralos, uſava em Quareſma, e dias particulares: e ao meſmo modo diſciplinas groſſas, e outras de roſetas.

CAPITULO XIV.

Da pobreza voluntaria que o Padre Frey Luis ſeguia, e de ſua grande humildade. Contaõſe alguns caſos em que ſe vio o que amava eſtas virtudes.

A Pobreza da cella era notavel pera em homem que avia governado a Provincia, e fora taõ eſtimado em todo tempo dos Principes, naturaes, e eſtrangeiros como adiante veremos. Naõ avia nella pintura rica, nem peça de eſtima, nem livrarias pompoſas por numero de livros ou calidade, ou concerto: tinha os que convinhaõ pera eſtudo, naõ pera oſtentaçaõ. Na cama naõ avia differença das comuns dos Frades ordinarios, ſenaõ em ſer a ſua mais pobre que muitas. O meſmo paſſava no veſtido: naõ poſſuya mais que duas tunicas, nem mais que huns ſòs habitos, que lhe duravaõ muitos annos, porque os naõ largava ſe naõ no ultimo fio. Averiguouſe que ſe ſervia de hum ſombreiro que tinha de uſo quarenta annos, e huma capa de doze. E naõ nos eſpantaramos muito, ſe lhe faltara dinheiro de que ſe poder ataviar como proprio, ou ſe em ſeus amigos naõ ouvera charidade pera lhe acodirem. Sobejavalhe dinheiro da impreſſaõ de ſeus livros, que podemos chamar proprios, porque os Prelados naõ lhe punhaõ nelle taxa. E os amigos eraõ taes, que o importunavaõ que aceitaſſe delles, ſe quer o neceſſario pera viver com comodidade: porque tinhaõ poder, e deſejos pera lhe darem atè o ſuperfluo. Mas el-

elle nem deſtes queria nada: e o que lhe vinha dos livros aplicava à Communidade, ou deſpendia em eſmolas. Ao ſeu Convento de Granada mandou poucos annos antes que faleceſſe huma eſmola groſſa negoceada com ſeu ſuor, porque era procedida de ſuas impreſſoens. E com tudo ſaõ mais dignas de memoria as palavras com que a offereceo, que a meſma obra: eſcreveo ao Prior, que nos livros da receita do Convento mandaſſe fazer aſſento que Frey Luis de Granada filho da lavandeira, e amaſſadeira delle, por ſer filho de habito do meſmo emviara a tal eſmola. Aſſi nos deixa em duvida quem teve aqui primeiro lúgar, ſe a charidade acodindo à caſa pobre, que era mãy: ſe a humildade em ſe lhe dar a conhecer por filho taõ pequeno. Mas tal era Frey Luis, que quanto mais illuſtre, e levantado ſe via no mundo, tanto mais cuydado tinha de ſe humilhar, e abater, e reconhecer ſeus principios.

Em Setuvel lhe aconteceo, quando entendia na fundaçaõ do Convento de S. Sebaſtiaõ, viſitaremno huns almocreves de Andaluzia, que vinhaõ a fazer peixe. Avia entre elles alguns que na verdade eraõ ſeus parentes. Recebeo a todos com tanta feſta, e tanto amor partindo com elles do que tinha pera ſeu gaſto, que acodiraõ outros a vello, e darſelhe tambem por parentes: e o bom velho dezialhes com graça, e grande affabilidade as palavras ſeguintes: *Algunos arrieros ſabia yo que eran mis parientes, però no penſava que eran tantos.*

A meſma humildade moſtrou com hum amigo, e devoto ſeu, que doendoſe da ſingeleza que lhe enxergou no veſtido em hum inverno ventoſo, e frio, lhe quiz fazer hum genero de roupa, que alguns neceſſitados, ou amigos de ſi uſaõ ſobre o habito (chamaſe na Ordem argao.) Reſpondeo, que verdade era que andava falto de roupa: mas que lhe lembrava que a mantilha, com que ſua mãy o cobria quando ella pobre, e elle deſcalço, e esfarrapado hiaõ buſcar os pedaços de paõ, e o caldo da portaria do Convento de S. Domingos de Granada, era muito mais velha que a capa, e habitos que de preſente tinha. E acrecentou, que muitos homens de melhor ſangue avia na cidade, que paſſavaõ mais neceſſidades que elle. E por tanto a eſtes buſcaſſe, e acodiſſe com o preço do argaõ, que ſeria melhor emprego: que elle com a ſua pobre capa ſe dava por bem cuberto pera todo o inverno. Replicou o devoto confundido da repoſta dizendo, que todavia ſabia que a capa tinha jà doze annos de idade, e naõ podia tolher o frio a quem taõ velho eſtava como elle. Naõ ſe dobrou com nada, nem aceitou a offerta.

Ao Archiduque Alberto, quando governava eſte Reyno, fez queixa hum criado ſeu, por quem mandara viſitar ao Meſtre eſtando enfermo, dos eſtremos de pobreza de hum homem que merecia ſer viſitado com recados de Sua Al. mantas de panno groſſeiro, de conſumidas do uſo finas, e delgadas, tunicas groſſas, e aſperas, e tudo taõ velho que competia com ſeu dono. Mandou logo o Archiduque que lhe levaſſem huma cama in-

teira nova, e ſeis tunicas de linho fino. Aceitou tudo como cortez, por honra de quem o mandava, mas de nenhuma couſa uſou, antes ficandoſe em ſua pobreza fez com o Prelado que aplicaſſe tudo pera a enfermaria.

Deſpois que chegou aos ultimos tempos da idade, que Deos pera beneficio commum foy ſervido eſtenderlhe atè os oitenta, e quatro annos, foy remitindo algumas couſas dos rigores referidos. Que quando a vida humana pola demaſiada idade torna à fraqueza da infancia: quando a lingua enfaſtiada naõ
Pſal. 89. ſente jà ſabor nem goſto, os dentes ou ſaõ caidos, ou nadaõ na boca, o eſtamago naõ digere, e em fim tudo he trabalho, e dor, ninguem pode culpar que ſeja aliviado dos peſos communs quem deſda mocidade aturou o jugo com conſtancia. Todos eſtes males padecia o bom velho: e ſobre elles foy Deos ſervido, que tendo naturalmente a viſta curta, vieſſe a perdella de todo em hum olho à pura força de eſtudo. Foylhe mandado fazer hum Sermaõ de hum dia pera outro, em occaſiaõ preciſa; trabalhou toda a noite, deitouſe junto da manham pera quietar a cabeça; acordando achou que ſe lhe vaſara a minina do olho. Mas nem deixou o Sermaõ, nem deſmayou: taõ conforme vivia com a vontade de Deos. Antes dandoſe por cego, e refirindo a elle tudo, determinou offerecerlhe os ſentidos, que lhe ficavaõ com novo ſacrificio de verdadeira humildade, e bom exemplo pera os tempos preſentes. Merecem os cegos de ordinario a eſmola tangendo: conſiderou que podia tambem aſſi merecer o paõ da Religiaõ, e poz em execuçaõ o penſamento, aprendendo a tanger tecla, e ſoubeo fazer facilmente, porque o ajudava o canto de orgaõ em que era deſtro. Com tudo, ou foſſe que a falta de huma viſta, como he coſtume, esforçaſſe mais a outra, ou que quiſeſſe o Senhor naõ privar ſua republica dos fruitos de tal eſpirito, e de tais olhos: achando que a naõ perdia de todo, tornou a entender com os livros, e tomar a penna, e empregalla como dantes: e valiaſe de hum meyo com que ſentia alivio, que era eſcrever em papel de cores. E alguns deſtes vieraõ a noſſa maõ eſcritos no tempo que começava a querernos dar de ſua letra a vida do Santo Arcebiſpo de Braga dom Frey Bertolameu dos Martyres, que ainda vivia.

CAPITULO XV.

De ſua morte, exequias, ſepultura, e epitafio della.

VIvia o Padre Frey Luis jà neſte tempo quaſi meyo morto nos ſentidos: mas freſco, e bem robuſto nas potencias da alma. Enchiao o Senhor de conſolaçaõ, e gloria com lhe moſtrar grandes fruitos de ſeus eſtudos, fazendolhe vir às maons alguns de ſeus livros traduzidos em quaſi todas as linguas de Europa, e em algumas de fòra. Porque ſabidamente tinhaõ chegado a Turquia, e à Perſia, como o eſcreve o Padre Frey An- Lib. 1. c. 13. f. 38.
tonio de Gouvea da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, que deſpois foy eleito Biſpo da Chriſtandade daquellas partes com

com titulo de Sirene, affirmando que vio preſentar a el Rey da Perſia por maõ de hum gentilhomem Veneciano o ſeu livro do Symbolo da Fè ricamente encadernado, e traduzido em lingua da terra.

Mas porque o enemigo do genero humano a nenhuma idade perdoa, e ainda naquella ultima velhice por ventura tentaria levantar azas de vangloria: permitio o Senhor que ſuccedeſſe na cidade de Lisboa hum caſo que grandemente quebrantou o ſanto velho. E foy taõ vivo o deſgoſto que recebeo, por ſer materia em que o meſmo Senhor fora offendido, que finalmente, ſegundo a opiniaõ commum, elle lhe abreviou os dias da vida: e veyo a falecer ultimo dia do anno de 1588 em idade de que tinha cumpridos oitenta e quatro, e paſſava delles tantos meſes, quantos tinha tomado do de 1504 em que nacera. No dia ſeguinte depois de Completas foy dado à terra. Celebraraõſe ſuas exequias com grande concurſo de povo, acompanhamento de gente nobre, e Religioſos de diverſas Ordens, dos quaes foy tratado como varaõ que tinhaõ por Santo, beijandolhe muitos os pès, e maons, e outros tomando, e levando retalhos do habito. Deuſelhe ſepultura no Ante coro, cuberta de huma campa de jaſpe, e entalhada nella a letra ſeguinte, que foy eſcolhida entre muitas, que em ſeu louvor ſe fizeraõ, por ſer mais conforme com a certeza de ſuas couſas.

1588.

FRater Ludouicus Granatenſis ex Prædicatorum familia, cuius doctrinæ maiora extant miracula Gregorij Decimi Tertij Pontificis Maximi oraculo, quàm ſi cæcis aſpectum, mortuis vitam impetraſſet: Pontificia dignitate ſæpius recuſata clarior: mira in Deum pietate, & in pauperes miſericordia, inſigniumque librorum ac concionum varietate toto Orbe illuſtrato, ætatis ſuæ anno 84 Vlyſſipone moritur magno Reipublicæ Chriſtianæ deſiderio pridie Kalend. Ianuarij anno 1588.

Em vulgar reſponde o ſeguinte.

O Padre Frey Luis de Granada da Ordem dos Prègadores, cuja doutrina foy tal, que por dito do Papa Gregorio decimo Tercio mayores milagres obrou, que ſe de Deos alcançara viſta pera cegos, e vida pera mortos: mas muito mais famoſo, porque ſendo buſcado muitas vezes pera Biſpo, ſempre enjeitou a honra: inſigne por devaçaõ, e amor de Deos, e por caridade com

os pobres : tendo allumiado toda a redondeza da terra com diverſidade de excellentes livros, e ſermoens, faleceo em Lisboa aos oitenta e quatro annos de ſua idade com grande ſaudade de toda a Republica Chriſtam, ultimo dia de Dezembro, e do anno de 1588.

CAPITULO XVI.

Do grande credito que ſua peſſoa, e eſcritos tinhaõ por toda a Chriſtandade entre todo genero, e eſtados de gente.

DEraõ grandes, e illuſtres teſtimunhos das letras, e erudiçaõ, do eſpirito, devaçaõ, e ſantidade deſte varaõ, ſabios, e doutos eſcritores, ſenhores Eccleſiaſticos, e ſeculares, Reys, e Principes, e em fim o Principe, e ſenhor de todos, que he o Vigario de Chriſto na terra. E começando polos letrados, ſegundo o que propuſemos ſeja o primeiro o inſigne varaõ naõ ſò em letras, mas tambem em virtude Martim de Aſpilcueta Navarro, o qual no prologo do ſeu Manual de Confeſſores que imprimio em vulgar no anno de 1557 alegando alguns homens doutos diz aſſi: *De los quales fue aquel de ſingulariſſima vida y eſpirito, ſummo predicador & igual eſcritor Fr. Luis de Granada gran gloria de los Dominicos, &c.*

Naõ dizem menos as palavras do Inquiſidor de Sicilia dom Luis de Paramo, no livro que compoz do principio da Santa Inquiſiçaõ; e ſignificaõ traduzidas o ſeguinte: *Bem entendia iſto o Padre Frey Luis de Granada: no qual reſplandeceo em grande maneira o conhecimento da Divina ſabedoria, &c.* L. 2. t. 3. c. 2. §. 1.

Mais que ambos ſe eſtende o Padre Frey Fernando de Caſtilho, que como quem era de caſa e ſabia muito do ſojeito fala aſſi. P. 1. l. 3. c. 43. na Cronic. da Ord.

ENtre los quales contamos al Padre Fray Luis de Granada Predicador univerſal de todas las prouincias de Chriſtianos, que deſde ſu celda ha muchos dias que haze eſte officio, alumbrando y enſeñando al mundo con ſus muchos libros y tratados llenos de eſpirito y erudicion: por quien ſe ha renouado en nueſtros tiempos el ſanto exercicio de la Oracion, y ſe ha hecho vna general reformacion de las coſtumbres en el pueblo Chriſtiano, tal y tan grande, que aunque en eſte lugar lo quiſieramos paſſar en ſilencio (por ſer viuo el autor) no lo conſintieran los Reynos y Prouincias Catholicas en Eſpaña, Italia, Francia, Flandes, Alemania, ni las Indias Orientales y Occidentales: adonde con los trabajos deſte Padre deſcançan, y ſe con-

ſuelan los fieles, y traen ſus libros entre las manos cada vno en la lengua vulgar de ſu tierra, aprenden la Caſtellana para entenderlos o aprouecharſe dellos toda ſuerte de gentes en todas naciones, y de todas edades, de todos officios, y de todos eſtados: confeſſando por ſus bocas ſin contradicion alguna, que no es pequeña ſeñal de aver ſido inſpiracion del Cielo.

Seria fazer grande volume ſe eſcreveſſemos tudo o que muitos diſſeraõ. Baſtarà irem alegados na margem. Buſqueos quem for curioſo.

Naõ engrandecem menos as letras deſte Padre todos aquelles que com ſeus eſcritos quiſeraõ honrarſe, ou aproveitar aos outros como fizeraõ muitos, entre os quaes foy o Padre Frey Barnabe de Xea, com hum livro intitulado: *Annotationes in Evangelia totius anni de Tempore & Sanctis, ex omni in vniuerſum, quæ hucuſque extat doctrina admodum Reverendi Patris Magiſtri Fratris Ludouici Granatenſis.*

O meſmo fez Miguel de Iſſelt Alemaõ, o qual eſcreveo dous livros em lingua Latina, e chamou a hum delles: *Flores colhidas de todos os livros eſpirituaes que compoz o Padre Frey Luis de Granada.* E o titulo do outro he: *Paraiſo de Oraçaõ tirado das obras do Padre Frey Luis de Granada, e de outros Padres Santos.*

O devotiſſimo Lourenço Surio traz em ſuas obras alguns ſermoens inteiros declarando que ſaõ do Padre Frey Luis de Granada, como ſe pode ver nas feſtas da Viſitaçaõ, e Aſſumpçaõ de N. Senhora.

O Biſpo de Novara Ceſar Speciano, que deſpois foy Nuncio Apoſtolico na Corte de Caſtella fala taõ largamente, e com tanta admiraçaõ nas couſas do Padre Frey Luis, que ſe naõ fora ſua grande autoridade, e ſabermos as poucas relaçoens que com Portugal teve, o puderamos lançar de ſoſpeito. Vejaſe o livro que eſcreveo da vida do grande Arcebiſpo, e Cardeal de Milaõ S. Carlos. Porque ſeria couſa muy comprida apontarmos aqui tudo o que diz.

O que naõ fez por eſcritos publicos, moſtrou em obras, e cartas particulares o Santo varaõ dom Joaõ de Ribera filho do Marquez de Tarifa Arcebiſpo de Valença, e Patriarcha de Antiochia. Com as cartas ſe encommendava affectuoſamente nas oraçoens do Padre Frey Luis, ſendo taes as proprias, que podia valer com ellas a muitos. E juntava a ſuas cartas eſmolas groſſas de dinheiro pera ſerem repartidas por taõ juſto diſpenſeiro, como tinha por certo que o era o Padre Frey Luis.

De ſenhores particulares do Reyno, e de fòra delle, que com grande familiaridade trataraõ eſte Padre eſtimandoo muito, puderamos apontar grande numero: mas baſtarà pera exemplo nomearmos alguns eſtrangeiros, como foraõ o grande Governador de exercitos o Duque de Alva dom Fernando Alvarez de Toledo quando ſe achou em

em Lisboa, onde acabou: e o Duque de Beijar, que ſendo ainda Marquez de Gibraleaõ veyo disfarçado a Lisboa, e o viſitou, e ſe lhe deſcobrio em ſua cella. De Italia vieraõ Fidalgos principaes em habito de peregrinos, affirmando que o fim principal de ſua peregrinaçaõ era quererem conhecello de roſto. Sobre todos ſe lhe moſtrou domeſtico, e amigo o Principe do mar Joaõ Andre de Qria vindo a Lisboa no anno de oitenta e dous: porque naõ ſe contentou com menos que tomar papel, e tinta dentro na ſua cella, e eſcrever à Princeza ſua molher, pedindolhe os parabens de taõ boa ventura ſua, como julgava, que era poder fazer aquella carta de tal lugar.

1582.

Podemos colher de tudo o dito, e affirmar com rezaõ que naõ ouve entre os nacidos homem que ſem ſer Principe ſecular nem Eccleſiaſtico foſſe mais eſtimado, nem mais famoſo no mundo. E com tudo ainda nos fica muito que dizer. Fama publica he confirmada por dito, e eſcritos de muitos, que a Raynha dona Caterina o eſcolheo, e nomeou pera Arcebiſpo de Braga. E ſeu neto el Rey dom Sebaſtiaõ lhe quiz dar outros Biſpados. E quanto à primeira prelacia naõ ſò a naõ aceitou: mas deu peſſoa em ſeu lugar pera ella, como atràs fica dito, que foy fazer Arcebiſpo que he mais que ſello. As outras refuſou com humildade, e valor Apoſtolico. El Rey dom Felippe Primeiro deſte nome em Portugal, quando entrou nelle, moſtrou tanto deſejo de o ver, que eſtando ainda em Almada o mandou chamar, e lhe falou, e o tratou com grande benignidade: e com a meſma lhe ouvio alguns ſermoens na capella Real de Lisboa.

Dos Cardeais S. Carlos de Milaõ, e Frey Miguel Bonello Alexandrino ſabemos certo, que o primeiro foy efficaz promotor com os Papas Gregorio XIII., e Xiſto V. pera que o honraſſem naõ ſò por eſcrito, mas com o Capello de Cardeal: e o ſegundo o eſtimou tanto, que vindo a Portugal por Nuncio, diſſe publicamente, que o goſto de o poder ver lhe fizera o cargo ſaboroſo: e ambos o trataraõ por cartas toda a vida, com particular familiaridade pedindolhe ſuas oraçoens.

CAPITULO XVII.

Que contem humas letras Apoſtolicas, com que o Summo Pontifice honrou ſua peſſoa, e eſcritos.

REſtanos pera concluſaõ do mais, que podiamos dizer do Padre Frey Luis, o que he mayor gloria, e mayor encomio ſeu, digo as honras que o Principe ſupremo da Igreja lhe fez. Conſtaõ eſtas de hum Breve que o Papa Gregorio Decimo Tercio lhe mandou, que anda acoſtado a algumas obras ſuas, e diz aſſi.

Di-

Dilecto filio Aloysio Granatensi Ordinis Prædicatorum Gregorius Papa Decimus Tertius. Dilecte fili, salutem, & Apostolicam benedictionem. Diuturnus atque assiduus labor tuus in hominibus, tum à vitijs deterrendis, tum ad vitæ perfectionem vocandis fuit semper nobis gratissimus: ijs vero ipsis, qui suæ cæterorumque salutis, & Dei gloriæ desiderio tenentur, fructuosissimus iocundissimusque. Multas olim conciones habuisti, libros præstanti doctrina & pietate refertos edidisti, idem quotidie facis, nec vnquam cessas præsens atque absens quam plurimos potes Christo acquirere. Gaudemus isto, tum aliorum, tum tuo ipsius tam præstanti bono & fructu. Quot enim ex concionibus scriptisque tuis profecerunt (profeciſſe autem per multos, quotidieque proficere certum est) totidem Christo filios genuisti, longèque illos maiori beneficio affecisti, quam si cæcis aspectum, aut mortuis à Deo vitam impetrasses. Præstat enim multò sempiternam illam lucem & vitam beatissimam (quoad mortalibus datum est) nosse, & piè sanctèque viuentem ad eam aspirare, quam mortali hac vita & luce frui, omni cum terrenarum rerum affluentia & voluptate. Tibi verò ipsi quàm multas à Deo coronas comparasti, dum omni cum charitate in eo studio versaris, quod constat esse longè maximum. Perge igitur vt facis, in istam curam toto pectore incumbere, quæque habes inchoata (habere enim te nonnulla accepimus) perficere, & proferre ad ægrorum salutem, debilium confirmationem, valentium & robustorum lætitiam, vtriusque, tum militantis tum triumphantis Ecclesiæ gloriam. Datum Romæ apud sanctum Marcum sub annulo Piscatoris die XXI Iulij M. D. LXXXII. Pontificatus nostri anno vndecimo.

Antonius Buccipalulius.

Em vulgar reſponde o ſeguinte.

A Noſſo amado filho Frey Luis de Granada da Ordem dos Prègadores, o Papa Gregorio Decimo Tercio. Amado filho, ſaude, e bençaõ Apoſtolica. Sempre

pre nos foi agradavel o trabalho, com que continuais, e perſeverais aſſi em procurar apartar os homens de peccados, como em os convidar, e chamar pera a perfeiçaõ da vida: trabalho cheyo de fruito, e goſto pera os meſmos que deſejaõ a ſalvaçaõ dos proximos, e ſua, e eſtimaõ a gloria, e honra de Deos. Muito tendes prègado em tempos atràs; muitos livros tendes compoſto de ſanta, e poderoſa doutrina: o meſmo fazeis de preſente, naõ canſando de ajuntar gente pera Chriſto ao perto, e ao longe. Muito nos alegra iſto, tanto polo bem, e fruito que reſulta pera outros, como pera vòs meſmos. Porque quantos ſe aproveitaraõ de voſſas prègaçoens, e livros (que averiguado he terem valido a muitos, e cada hora valerem, e aproveitarem a outros) tantos filhos geraſtes pera Chriſto: e muito mayor bem lhes fizeſtes que ſe, ſendo cegos, ou eſtando mortos, lhes alcançareis de Deos, pera huns viſta, e pera outros vida; porque muito mais importa chegar ao conhecimento da ſoberana luz, e bemaventurança eterna, quanto he licito a hum homem mortal, e aſpirar a ella por meyo da virtude, e ſantidade, que gozar da luz, e vida preſente, ainda que ſeja com toda a abundancia dos bens, e goſtos da terra. No que tambem ganhaſtes pera vòs muitas coroas empregandovos por amor de Deos em taes cuidados, nos quaes ſois continuo, e aturado. Por onde proſegui, e trabalhai como fazeis a toda a força, e levai adiante as obras que tiverdes começadas, que ſou informado trazeis algumas entre maons, e fazei polas acabar, e publicar pera ſaude dos enfermos, confirmaçaõ dos fracos, alegria dos ſaons, e valentes, e honra da Igreja militante, e triunfante. Dada em Roma em S. Marcos aos vinte e hum de Julho de 1582 aos onze annos de noſſo Pontificado.

Sucedeo ao Papa Gregorio na Cadeira de S. Pedro o Papa Xiſto Quinto da Ordem de S. Franciſco, o qual conhecendo o valor do meſmo Padre, e o muito proveito que tinha feito na Republica Chriſtam com ſeus eſcritos, determinou em galardaõ delles fazello Cardeal: e eſtorvouſe a promoçaõ, porque muito antes de entrar em creaçaõ de Cardeaes publicou, e communicou eſta vontade a alguns do ſagrado Collegio: e chegando a nova, como logo chegou a Portugal, ſabemos de cer-

certo que ſe affligio com ella ſobre maneira: e que com toda inſtancia eſcreveo a ſeu grande amigo o Cardeal Alexandrino Frey Miguel Bonello Frade noſſo, que moſtraſſe o amor que lhe tinha, e a honra que ſempre lhe fizera em lhe eſtorvar eſta. E por tal modo deixou de vir a effeito. Do que daõ bons teſtimunhos o Biſpo de Novara Ceſar Eſpeciano na vida de S. Carlos: e os Padres Frey Joaõ Marieta, e Frey Franciſco Diago em ſeus eſcritos.

CAPITULO XVIII.

Do Padre Frey Reginaldo de Melo filho deſte Convento.

DEſte Convento de Evora era filho, e nelle acabou ſeus dias o Padre Frey Reginaldo de Melo de eſpirito verdadeiramente Apoſtolico, e taõ penitente que atè a ultima doença, de que faleceo, e ainda no diſcurſo della atè a hora que foy ungido, andou ſempre ſingido à raiz das carnes com huma cadea de ferro de duas voltas, fechada com cadeado, e a chave perdida, pera perder tambem toda eſperança de alivio. A eſte modo era todo o trato da vida. Na cella naõ avia mais livros que hum Flos Sanctorum pera eſtudo, hum breviario pera rezar hum enxergaõ de palha, e mantas de ſaco pera cama, hum pequeno banco de pinho pera aſſento, negro, e defumado de velho. De toda a mais commodidade, e alfayas que a velhice permitte, e as doenças deſculpaõ eſtava totalmente erma. As tunicas que veſtia (avendo por couſa mimoſa a eſtamanha, que uſamos commummente em Portugal, pola miſtura que tem de linho) eraõ de huma que na Provincia chamamos de Elvas, e naõ tem mais differença do ſaco que ſer mais ſolta, e mais delgada, ſendo da meſma lam, e taõ ſeca, taõ mordente, e aſpera como o meſmo ſaco. O dormir inverno, e veraõ era veſtido, ſeu eſcapulario poſto, e capello metido na cabeça. Nunca comeo carne, ſalvo por doença: nenhuma ſeſta feira de todo anno tomava mais mantença que hum bocado de paõ, e eſte à noite acompanhado de huma laranja azeda em honra do fel, e vinagre de Chriſto Senhor Noſſo: nos mais dias, de tudo quanto vinha à meza, tanto que lho punhaõ diante, tirava preciſamente ametade pera os pobres, com quem tinha taõ particular devaçaõ que nunca ſahya fòra de caſa, ſem levar alguma couſa pera lhes dar: e era coſtumado todas as ſeſtas feiras buſcar ſinco mais neceſſitados: e em reverencia de Chriſto pay delles repartirlhes huma pobre eſmola que buſcava, e negoceava como podia, que eraõ quando mais naõ alcanſava ſinco moedas de tres reis cada huma, com ellas ſinco quartos de paõ. Eſmola fraca, e pobre, mas era tudo, ou ainda mais de quanto abrangia a poſſibilidade de quem tudo tinha deixado por Deos: e do mundo naõ queria nada. Sua vida ſe reſolvia em hum perpetuo encerramento na cella, deſpois de livre das occupaçoens ordinarias do Convento: e nella em hum perpetuo exercicio de novo genero de oraçaõ, que era toda lagrimas, e gemidos. A todo tempo que o buſ-

caſſem, vertiaõ ſeus olhos agua, e o peito batiaõ ſuſpiros, ſem ſe poder reprimir nem encobrir: obra de que ſe arguhiaõ grandes, e ſoberanas cauſas, as quaes elle tinha cuidado de eſconder com hum ſegredo taõ conſtante, que ſe moſtrava bem verdadeiro imitador dos noſſos antigos Padres. Mas por toda a Provincia tinha nome de ſanto, conjeiturando os que bem julgavaõ por rezaõ de eſpiritual Filoſofia, que naõ podiaõ ſair duas fontes de agua perene, ſenaõ de hum coraçaõ que ardeſſe em fogo (fogo de amor divino) conforme ao que eſtà eſcrito: *Fulgura in pluuiam fecit*. Por ſer tal foy buſcado deſde moço pera ſuprior em alguns Conventos, e deſpois pera Vigario de Freiras, e foy Prior em Evora, como ſe vè de ſua ſepultura, e em outras partes.

Pſ. 135.

Temos hum bom teſtimunho de outro grande meſtre de eſpirito, que foy o Arcebiſpo Primas dom Frey Bertolameu dos Martyres, varaõ nunca louvado quanto merece. Chamalhe em huma carta o ſeu Apoſtolo de Coira, porque em tal tempo andava prègando naquelle diſtricto, que he da Dioceſi de Braga. Mas era teſtimunho de amigo: que ſe por tal podia cauſar ſoſpeiçaõ, daremos muitos de hum enemigo capital qual era Lucifer, que deſcobria com raiva as virtudes que aborrecia no ſervo de Deos. Perſeguiao na cella, e fóra della a todo tempo, fazialhe medos, perturbavao na oraçaõ. Porem aviao com ſoldado velho, e ſabio, que delle nenhum caſo fazia: e quando mais afrontado ſe via, pagavaſe com lhe dizer quem era, em muitos vituperios: dos quaes ficou hum em memoria que por mais injurioſo, e mais ſintido do enemigo, devia o Santo repitir muitas vezes: pera notar de feo, e nogento a quem foy taõ fermoſo, que competia com a eſtrella d' Alva, acertavalhe com o nome: chamavalhe moquenco.

No livro de ſua vida impreſſo em Viana l. 2. c. 14.

Eſai. 14.

Sendo muito velho, e cahindo na ultima doença, de que acabou, deu ella cauſa de ſe lhe ſintir o ferro que cingia, poque jà taõ tarde que foy ao receber da ſanta Unçaõ. Entendido do Prelado mandoulhe com preceito que o lançaſſe fòra. Mas que remedio, que naõ avia cha ve? Deulho a meſma infirmidade, que o tinho reduzida a eſtado, que fazendolhe a cadea dantes algumas chagas de apertada, agora lha deſpiraõ facilmente polos pès: taõ conſumido eſtava. E he circunſtancia de grande conſideraçaõ que vivendo muitos annos entrevado, e tolhido de quaſi todos os membros, e ſendo penoſo pera quem jaz qualquer cingidouro, ſofreo eſte, que por ſer de ferro avia de ſer penoſiſſimo, atè a ultima hora. Lidava jà com a morte, e naõ ſe podia acabar com elle que mudaſſe a cama: obrigouo Prelado com obediencia. Paſſaraõno a colchoens, e lençois. Mas foy mataremno mais depreſſa com o mimo: como aconteceo ao outro, que tirado do lago meyo congelado, mas vivo acabou logo na recreaçaõ do fogo que aceitou. Com rios de lagrimas pedia que o tornaſſem ao ſeu antigo, e conhecido leito, ſe queriaõ que viveſſe algum dia mais. Naõ conſintio a caridade dos enfermeiros, pagouo

gouo a vida do Santo, concluyo-ſe logo.

Em premio de virtude taõ provada, e final de tempos mais politicos, ou menos ſeveros, ſe eſculpio huma letra Latina em ſua ſepultura, de que he bem ſe naõ perca a memoria, quando a pedra ſe gaſtar: Diz aſſi.

REuerendus Pater Frater Reginaldus de Mello quondam huius cænobij præfectus vir ſanctitate, & auſteritate vitæ inſignis hic ſitus eſt.

AQui jaz o Reverendo Padre Frey Reginaldo de Mello, Prelado que foy deſte Convento, varaõ inſigne por ſantidade, e rigor de vida.

Mas ainda ſe vè deſcuido neſta memoria: pois lhe faltaõ os annos que teve de idade, e o em que acabou. Procuramos averiguallos, e achamos que o tranſito foy no de 1596 polo mez de Mayo, e que jà entaõ paſſava alguns de ſetenta. A cadea ſe eſtimou, como era rezaõ, e anda hoje no depoſito do Convento guardada em huma bolſa por thezouro, e moeda de preço.

CAPITULO XIX.

Da eſtranha penitencia, e morte do Padre Frey Duarte de Oliveira.

POucos annos deſpois faleceo neſte Convento o Padre Frey Duarte de Oliveira, que à grande virtude, e vida muy religioſa, e boas letras ajuntou famoſa eloquencia. Foy hum dos Padres que neſta Provincia mayor nome ganharaõ na prègaçaõ, e com mais juſtiça o poſſuiraõ: porque ſe viaõ nelle juntas todas as partes que a outros illuſtraõ repartidas, graça natural, meneo ayroſo, e grave, elegancia de palavras, agudeza de rezoens, e conceitos: e de tudo iſto tinha tanto, que naõ podia acabar conſigo fazer ſermaõ curto: e ſò diſſo era tachado. Porque faltaõ neſta idade os entendimentos de hum Tullio, que ſendo perguntado qual lhe parecia melhor de todas as oraçoens de Demoſthenes, reſpondeo que a mais comprida. Digna repoſta de taõ grande juizo. Porque na verdade nunca o que de ſua natureza he bom, pode perder, ou danarſe por muyto: nem o que he mao, melhorar por pouco. Como prègava com obras, e palavras era ſua prègaçaõ fogo que abraſava, eſpada que penetrava. Aſſi era eſtimado, e buſcado de todos, e particularmente amado do grande Prelado dom Theotonio de Bragança.

Como era de contino occupado neſte miniſterio, ſintia naõ poder acudir aos exercicios de penitencia, tanto quanto ſeu eſpirito o inclinava. E era ponto, em que ordinariamente fazia muita força, amoeſtar a to-

dos prevençaõ, e provimento de penitencia pera o dia da morte, onde he obrigaçaõ ſatisfazer de contado: affirmando com exemplos dos Santos, que atè aos mais perfeitos (naõ ſò aos peccadores) convinha fazer alforge della, e naõ guardar a paga pera a outra vida. Neſte diſcurſo ſe affervorou hum dia com grande vehemencia, e por remate fez huma exclamaçaõ a Deos com affeito, e palavras ſaidas da alma, pedindolhe que foſſe ſervido dar em ſua vida algum meyo, com que nella pagaſſe as penas, que por ſeus peccados avia de padecer no Purgatorio. Naõ deſpreza o Senhor petiçoens juſtas, porque delle nace o eſpirito pera ſabermos pedir: e naõ devia ſer eſta ſua ſò daquelle dia. Paſſado pouco tempo, começou a ſintirſe indiſpoſto, paſſou alguns annos caindo, e levantando. Em fim veyo a cair de todo com hum mal de tal calidade (como ha tantos, e taõ varios pera hum miſeravel corpo humano) que ſem o acabar, lhe acabou, e jarretou todos os membros, ſintidos, e potencias, e deixoulhe ſò final de vida no movimento do pulſo, e olhos: ficou em tudo o mais como hum tronco, provido de eſpirito vegetativo, recebendo a mantença, ſe lha davaõ: e naõ na pedindo, ſe lhe faltava. Foy caſo novo, e nunca ouvido, que paſſou neſte eſtado ſem alteraçaõ nem mudança ſeis annos inteiros: e no cabo de taõ longa, e extraordinaria penitencia, foy Deos ſervido que tornaſſe em ſi pera morrer. Era por fim de Dezembro do anno que acabava de 1600, e em dia de S. Joaõ Evangeliſta: notava o enfermeiro, que avia dous dias que quaſi naõ comia nada do que lhe dava, e tirava muito do peito com o folego apreſurado: pareceolhe que era acabar, chegouſe a elle, bradoulhe dizendo, que ſoubeſſe que era dia do Evangeliſta S. Joaõ; que ſe era ſeu devoto, comeſſe por amor delle. Eſpertou a eſta voz como quem ſae de huma peſada modorra, ou de encantamento, ouvio, entendeo, falou, e reſpondeo: foy correndo o enfermeiro ao Prior, que era o Padre Meſtre Frey Antonio Tarrique deputado do Santo Officio, que lhe deſſe confeſſor; mandoulhe o Padre Meſtre Frey Antonio da Reſurreiçaõ que entaõ lia no Convento, e agora lè na Univerſidade de Coimbra Cadeira de Prima de Theologia. Achouo com perfeito juizo, e diſcurſo, e conhecido do eſtado em que eſtava, que era no ultimo fio da vida: Aſſi ſe confeſſou como virtuoſo, e como letrado: e eſtava tanto no cabo, que naõ ouve tempo pera lhe darem o Viatico, e ſòmente foy ungido, e acabou logo. A vida paſſada era taõ boa, e a confiſſaõ preſente foy tal, que o Prelado affirmou, que ſe o dia ſeguinte, em que o deraõ à terra, naõ fora dos Santos Innocentes, em que a Igreja muda paramentos, com os de feſta lhe ouvera de celebrar as exequias, como a Santo, que por tal o tinha, e que naõ era inconveniente o ſucceſſo de naõ poder receber o Santiſſimo Sacramento, porque todos ſabiaõ que muitas vezes o recebera quando andava enfermo, antes de cayr naquelle adormecimenta mortal.

Contaſe deſte Padre, que com

com ſer continua a ſua occupaçaõ de prègar, todas as vezes que era chamado pera fazer alguma confiſſaõ, acudia muito levemente, e de boa vontade. E ſuccedendo hum dia chamallo hum irmaõ leigo em conjunçaõ, que ao meſmo parecia impoſſivel deixar o que fazia, elle ſe levantou, e largou tudo dizendo: Vamos, vamos. Que ſey eu ſe me faltarà a my a Confiſſaõ, quando eu faltar com ella ao proximo? Pagoulhe Deos neſta parte tanto à medida da neceſſidade, como vimos: pera exemplo, e aviſo do que eſtà eſcrito: que pola meſma vara que medirmos pera noſſo proximo, ſe ha de medir pera nòs.

Mat. 7.

Mas devemos neſte paſſo grandes louvores à Miſericordia Divina, que dando trabalhos, logo ſabe dar os meyos pera ſerem toleraveis. Aſſi proveo a Frey Duarte de hum enfermeiro taõ piadoſo, e humano, que como ſe fora mãy, e mãy muito mavioſa, e elle filho minino, e muito querido, aſſi curava delle, aſſi o alimpava, e penſava, e amimava: e fazendo rara, e penoſa penitencia na penitencia alhea conſtantemente o ſervio atè o ultimo eſpirito. Grande gloria da Religiaõ, e grande boa ventura dos que a ſabem buſcar, pois ſò nella ſe achaõ eſtes milagres de caridade. Naõ diremos o nome, por

Eccl. 11.

ſeguirmos o que avia o Eſpirito Santo, que he naõ louvar ninguem em vida. Baſte ficar ſabido que era Irmaõ leigo, pera ſe conſolarem elle, e os de ſeu eſtado, e nos animarmos todos os que trazemos eſte ſanto habito a exercitar com todas as forças eſta virtude, lembrados que por teſtamento nos foy encommendada por noſſo ſanto fundador.

He eſte Convento pobre de antigualhas dignas de eſcritura. E porque ſe veja que nos naõ faltou diligencia pera as inquirir, daremos aqui huma letra de huma ſepultura, que achamos no clauſtro, ao parecer das bem antigas da caſa, que pola ſentença naõ deſmerece eſte lugar.

Ne fleas viator. Hoc non mortem putauit Franciſcus. Quieſcunt boni mortui. Ceſſant peccare improbi. Quaſi dizendo: Naõ me chore ninguem: que eu Franciſco naõ tive por morte o acabar. Deſcançaõ os que bem acabaõ. Acabaõ de peccar os que mal vivem.

No Capitulo jazem dous Biſpos, ambos Frades Dominicos, e filhos do Convento de Lisboa: ambos titulares, e do ſerviço da Santa Sè de Evora, no tempo que della era Prelado o Cardeal Infante, que deſpois foy Rey dom Anrique. Hum he dom Frey Gaſpar dos Reys Biſpo de Tripoli: outro dom Frey Jeronymo Pereyra Biſpo de Salè. De ambos fazemos atràs larga mençaõ.

L. 3. c. 36.

CAPITULO XX.

Da fundaçaõ, e primeyros principios do Moſteyro de S. Domingos das Dònas de Santarem.

PEra tratarmos da fundaçaõ do muy obſervante, e antigo Moſteyro de Religioſas de S. Domingos da villa de Santarem, a quem a idade antiga com cortezia, e devaçaõ, e por mais

ref-

reſpeito, e honra poz nome das Dònas, he neceſſario tomarmos o principio de muito atràs, e tornarmos com a hiſtoria aos annos, e memoria do glorioſo Padre S. Frey Gil. Porque aſſi como noſſo Santo Patriarcha foy o primeiro autor de recolher donzellas em perpetua clauſura, começando em Toloſa, e deſpois em Roma, e Madrid: foy tambem S. Frey Gil principio, e cauſa originaria em Santarem do primeiro encerramento de virtuoſas donzellas, e de outras molheres, que deixado o mundo ſe determinaraõ a ſeguir o Divino Eſpoſo, em huma vida quanto ao corpo penoſiſſima, mas pera o eſpirito verdadeiramente Angelica. E paſſou o negocio deſta maneira. Deſpois que a religioſa donzella Elvira Duranda obrigada da viſaõ celeſtial, que largamente contamos no ſegundo livro, deu de maõ a todos os bens, e eſperanças da vida ſeculàr: e ficou voluntariamente recluſa entre quatro paredes, polos annos do Senhor de 1240, ſem mais differença de ſepultura, que ficarlhe na pequena cella huma muy eſtreita freſta, ou ſèteira, que lhe ſervia de luz, e de receber por ella o mantimento, e a ſeus tempos os Santos Sacramentos da Confiſſaõ, e Communhaõ: naõ pode largar nunca a devaçaõ da caſa em que Deos a alumiou. Veſtia o habito de S. Domingos, confeſſavaſe, e conſolavaſe com os noſſos Religioſos, e esforçada de ſuas exortaçoens, e conſelhos corria o caminho daquelle deſerto com alegria, e conſtancia. Algumas vezes a viſitava, e conſolava o Santo Padre Frey Gil; e vendo o valor de eſpirito, com que procedia dava graças ao Senhor, eſpantado do muito que pode a mais fraca natureza, quando he ajudada da graça. Animavaa, e encomendavaa a Deos com grande affeito: e quando ſe achava entre ſeculares falava nella com tanto louvor, que juntas ſuas palavras ao que toda a villa por ſeus olhos via, e ſabia da perpetua penitencia a que ſe condenara, eſpertaraõ ſanta enveja em muitas donzellas nobres, e compungiraõ outras molheres pera ſe determinarem a ſemelhante empreſa. Começaraõ duas, ſeguiraõ outras, e pouco, e pouco mais, fazendo ſuas celinhas ſeparadas, e cada huma de per ſi: e traziaõ todas o habito de S. Domingos, à imitaçaõ de Elvira Duranda, como fora a primeira naquelle genero de vida: e por ſua conta acodiaõ os noſſos Frades a todas com a adminiſtraçaõ dos Sacramentos. Daqui naceo entaõ darlhes o povo nome de Freiras de S. Domingos, naõ tendo porem deſte Santo mais que a piedade, com que o Santo Frey Gil, e ſeus Frades por ſua ordem lhes aſſiſtiaõ: e a devaçaõ, e o habito que ellas voluntariamente uſavaõ: como naquelle tempo naõ avia rigores, com que hoje ſe coſtuma acodir a ſemelhantes eleiçoens.

L.2.c.22.

1240.

Naõ avia ainda em Santarem Moſteiro nenhum de Freiras. Porque o de Santa Clara, que foy o primeiro, naõ teve principio ſe naõ dezenove annos deſpois deſte em que vamos, que foy o de 1259. Aſſi foraõ as recluſas em tanto crecimento, que chegaraõ as celinhas a formar huma boa rua, e eraõ em numero quaſi vinte: e como eſtavaõ divididas,

1259.

das, e poſtas em ordem occupavaõ muito ſitio: e eſte ſe eſtendia da Ermida da Trindade contra o Convento de S. Franciſco. Nos primeiros annos eraõ eſtimadas de toda a terra, e de todos os Religioſos bem viſtas, como gente ſanta, e que na verdade o era. Mas correndo o tempo começaraõ os Padres Menores, que por eſte tempo eraõ vindos a fundar em Santarem no ſitio que hoje tem, a aver por peſada a viſinhança. Porque imaginando dantes, que como aquelle genero de Religiaõ fora principiado ſem fundamento, aſſi cahiria brevemente por ſi, viaõ agora que levava caminho de ſe perpetuar: era a rezaõ, que as que faleciaõ deixavaõ as cellas a parentas ou amigas, que logo as pejavaõ: e naõ faltava quem de novo edificaſſe outras. E ſentiaõ os Frades prantarlhes em ſuas portas hum moſteiro (que por tal o aviaõ jà) de molheres. Fizeraõ primeiro requerimento aos Frades do noſſo Convento, pedindolhes, que pois aquellas molheres eraõ jà em tanto numero, que faziaõ hum bom moſteiro, e traziaõ o habito de S. Domingos, e ſe davaõ por Freiras ſuas no veſtido, na obediencia, e no governo, quiſeſſem tirallas da viſinhança de Convento alheyo, e paſſallas pera junto de ſi. Defendeoſe o noſſo Prior com a verdade, dizendo que as chamadas Freiras ſendo como eraõ emparedadas, lhe naõ pertenciaõ a elle, nem à ſua Ordem em nada. Porque no temporal era cada huma ſenhora de ſi: e ſò no eſpiritual lhes acodia, como eſtava obrigado a todas as mais peſſoas daquella villa quando o buſcavaõ: e ſe o fazia com mais prontidaõ, naõ era reſpeito do habito, pois eſſe tomado por eleiçaõ propria, e naõ dado por Prelado da Ordem, pouca obrigaçaõ lhe punhaõ: ſenaõ por ſer gente que procedia com grande exemplo de virtude, e muitas dellas eraõ do melhor da villa: e huma couſa, e outra as fazia naõ ſò dignas de favor, mas tambem de veneraçaõ. E pola meſma rezaõ ficavaõ elles Padres Menores obrigados a naõ as inquietar. Naõ ſe deraõ elles por ſatisfeitos de repoſta taõ juſtificada, e poſeraõ logo o negocio em praça, e em litigio, requerendo juntamente as emparedadas pera deſpejarem o ſitio. He de advirtir pera o diante, que os eſcrivaens dos autos, que na contenda ſe proceſſaraõ, como ſe faziaõ em Latim, quando falaõ neſtas molheres lhe chamaõ *Dominas*: que he o primeiro fundamento, que achamos pera neſte noſſo Moſteiro começar o nome de Dominas, que hoje dura. Avogou polas emparedadas virtude, e nobreza, e a poſſe em que eſtavaõ. E como os Reys deſte Reyno por ſua muita Chriſtandade vigiaraõ ſempre ſobre a quietaçaõ, e bom governo das Religioens, que era grande meyo pera a obſervancia andar em ſeu ponto: el Rey dom Afonſo Terceiro, que entaõ reynava, affeiçoado a huma, e outra Ordem, eſcreveo logo aos Geraes de ambas deſſem traça como a queſtaõ ſe definiſſe extrajudicialmente, e ſem paſſar a eſcandalos, por juizes arbitros. Correo a materia com toda a formalidade como era guiada por el Rey. Nomearaõſe juizes, foraõ confirmados por ſeus mayores. Ouve juntas, e conſultas,

e era

e era el Rey de animo taõ pio, ou avia taõ pouco em que entender naquelle bom tempo no governo do Reyno, que ſe quiz achar nellas, e dar ſeu voto na ſentença como qualquer dos Juizes. Sentenciouſe a cauſa em
1261. dezeſete de Novembro de 1261. Mandouſe que atè dia de Natal proximo foſſem os Frades de S. Domingos obrigados a fazer mudar as recluſas (chamalhes a ſentença Latina, Fratriſſas) que traziaõ o ſeu habito, e pera onde ficaſſem apartadas das Igrejas de S. Franciſco, e da Trindade: porem com tal declaraçaõ, que ſe ellas por terem comprado o ſitio por ſeu dinheiro, ou polo direito da poſſe quiſeſſem nelle continuar, deſpiriaõ logo o habito Dominico, e ficariaõ incapazes de nomearem por morte as cellas em outras molheres pera effeito de ſeguirem nellas o meſmo modo de vida: e juntamente naõ receberiaõ, ou conſentiriaõ em ſua companhia daquelle dia em diante outra nenhuma emparedada. Publicouſe a ſentença, e mandou el Rey pendurar nella o ſello Real. Mas naõ baſtou iſſo pera as emparedadas conſentirem no julgado, ou ſe averem por obrigadas às condiçoens delle: antes appellaraõ pera Roma, e ſouberaõ propor ſua queixa, e ordenar taõ bem ſuas rezoens, que o Summo Pontifice, que era Urbano Quarto, cometeo o conhecimento da cauſa ao Biſpo de Lisboa: diante do qual provando as recluſas, como provaraõ, que algumas dellas eraõ mais antigas no ſitio, que os Padres Franciſcanos na villa, ſò por eſte fundamento, que era baſtantiſſimo, julgou, e aſſi ficou determinado que foſſem conſervadas em ſua poſſe por todo o tempo de ſua vida.

CAPITULO XXI.

Mudaõ as emparedadas em encerramento commum o particular que tinhaõ: e ficaõ no meſmo poſto em forma de Moſteyro. Recrecendo novas queixas, dàlhes o Convento de S. Domingos o ſitio da Madalena.

HE noſſa natureza muy amiga de ſe perpetuar. Feſtejando as emparedadas muito a ſentença naõ ſe pode crer quanto ſe deſgoſtaraõ do ponto ultimo, que reſtringia todo o favor às vidas das poſſuidoras. E foraõ logo cuydando que remedio averia pera vencerem eſta contrariedade, e continuarem por ſi hum genero de vida taõ bem recebido na terra. Pareceolhes que ſe deixaſſem a ſingularidade em que viviaõ, e ſe reduziſſem a viver juntas em Communidade, e com ſua clauſura, ficariaõ habilitadas pera a Ordem as receber por Freyras ſuas, como recebera as de S. Sixto em Roma: e aſſentavaõ, que como teveſſem tal patrocinio, naõ tinhaõ que temer, porque a meſma Ordem pugnaria polas perpetuar recebendo noviças, e litigando por ellas com melhores armas, que as da primeira controverſia. Sò nos modos ſintiaõ difficuldade: porque eſtavaõ certos novos embargos, novas alteraçoens, e deſgoſtos. Em fim reſolveraõ trocar huma vez a clauſura, por termo que apareceſſe a couſa feita antes de ſintida, e da melhor maneira que podeſſe ſer: ſe naõ foſſe da que

mais

mais compria: e deixar o mais a beneficio do tempo, e da ventura. Naõ nos conſta ſe foy o conſelho communicado com os Frades: mas ſabemos que o poſeraõ ellas em execuçaõ com grande animo, e ſegredo igual. E paſſou aſſi.

Deraõ conta a alguns parentes do diſenho: e como as mais dellas os tinhaõ na terra ricos, e poderoſos, e que tomavaõ mal perderſe aqueſſa Congregaçaõ, apercebeoſe caladamente todo o neceſſario de materiaes, e petrechos, officiaes, e trabalhadores: e teve a traça taõ bom ſucceſſo, que anoitecendo hum dia no ſeu encerramento particular, amaneceraõ no outro com clauſura commum: e de emparedadas apareceraõ ſoltas, e livres das ſepulturas, e ficaraõ juntas em communidade. Foy a ordem que cerraraõ de taboado alto, e empinado pola banda de fora as diſtancias, que avia entre todas, e cada huma das cellas: e no topo da rua junto do oratorio, que tinhaõ, ficou huma ſò porta pera ſerventia, e portaria commum, ſua campainha no alto. Em quanto os carpinteiros andavaõ cerrando, e cercando, trabalhavaõ pedreiros em abrir as cellas, e deſencerrar as recluſas. E porque naõ faltaſſe nada pera repreſentaçaõ de perfeito Moſteiro, abriraõ porta no oratorio guarnecida logo de grades de ferro, que eſtavaõ feitas com ſua caſinha de coro por dentro, compoſta da meſma madeira, ſegundo o tempo ſofria pera aſſiſtirem nos officios divinos. Feito tudo com preſſa, e brevidade naõ cuidada, faltava ſò huma cabeça, que governaſſe, e a quem obedeceſſem todas. Como era ponto importante, tambem amanheceo Prioreſſa eleita, e obedecida, que foy Sancha Martins antiga, e muy ſanta religioſa.

Foy grande o alvoroço na villa com a nova transformaçaõ, e como eraõ favorecidas do povo, recebida com geral aplauſo. Naõ pudemos averiguar em que anno ao certo ſucedeo eſta mudança: mas lançando contas, e conjeituras achamos, que devia ſuceder muyto adiante do de 1265. E a rezaõ que temos he, porque os que eſcrevem a viſaõ, que foy cauſa do primeiro emparedamento de Elvira Duranda, affirmaõ que ella a naõ declarou, ſenaõ deſpois da morte de S. Frey Gil: e como eſte ſanto faleceo no de 1265, logo ainda vivia Elvira Duranda: e parece que a mudança ſe naõ devia fazer em dias de ſua vida; porque ſe ella vivera, naõ lhe podia nenhuma preceder no cargo de Prelada. Donde ficamos collegindo, que como alcanſou de dias ao Santo, e naõ foy eleita em Prelada da nova Congregaçaõ, e clauſura, devia acontecer a mudança deſpois de ſua morte, e polo meſmo caſo adiante do anno de 1265. Aſſi ficaraõ vivendo em ſua communidade, e melhorando pouco, e pouco as imperfeiçoens da obra ſubita, e tumultuaria, atè que o tempo, que com ſeu curſo vay ſempre acarretando novidades, produzio outra mayor, que em fim foy meyo de paz, e quietaçaõ de todas. 1265.

Levantaraõ grandes queixas os Padres Menores, vendo o que eſtava feito, julgavaõ que ſua pretençaõ ficava em peyor eſtado, e as recluſas mais corrobo-

radas em ſua poſſe: lançavaõ todas as culpas ſobre o Prior, e Frades de S. Domingos, e naõ admittiaõ nenhuma rezaõ em contrario, ou por acreditarem as ſuas, ou porque na verdade aſſi o entendiaõ: e naõ pararaõ atè darem com a queixa no Meſtre Geral da Ordem. Eſtava o Prior innocente, e moſtrava ſer injuſtamente culpado. Mas os homens prudentes atè as culpas injuſtas atalhaõ, ſe o podem fazer ſem muita quebra (que he grande ſizo fogir de andar em linguas, e juizos das gentes.) Paſſados alguns annos de queixas, e demandas, lembraraõſe os noſſos Padres, que tinhaõ ocioſo o ſitio de junto à Madalena na porta de Manſos: onde avia caſas antigas, e officinas principiadas do tempo que nelle pretenderaõ fundar Convento os Padres que vieraõ de Monte junto. E como naõ avia pera elle comprador, nem era rezaõ vender o que com eſmolas fora aquirido: obrigados da devaçaõ, e conſtancia com que as emparedadas tinhaõ batalhado por ficarem no habito, e governo da Ordem, acordaraõ darlho: e aſſi de hum golpe acabar de cortar muitos inconvenientes juntos. Como o determinaraõ, aſſi o effeituaraõ com grande goſto, e alvoroço das pobres molheres, e dos Padres de S. Franciſco, e de todo o povo: dellas por ſe verem em lugar que jà tinha nome de caſa de S. Domingos, do qual ſe prometiaõ certeza de naõ ſerem engeitadas da Ordem, que lho dava: delles por ſe acharem deſafrontados da viſinhança, e livres de demandas: do povo porque amava, e tinha em grande conta as meſmas molheres.

CAPITULO XXII.

Paſſaõſe as recluſas ao novo ſitio da Madalena. Dàſe rezaõ do nome de Dònas, com que atè o preſente ſe nomeaõ as Religioſas deſte Moſteyro.

NAõ quiſeraõ perder tempo as devotas recluſas: e compondo brevemente algumas couſas da nova caſa, que ſe naõ podiaõ eſcuſar, paſſaraõ a ella acompanhadas dos Religioſos de S. Domingos, e de todo o povo com triumpho, e alegria geral. As memorias, donde colhemos o que vamos eſcrevendo, nomeaõ vinte e duas: a ſaber Maria Domingues a Caſtelhana, Tareja Martins, Maria Martins Pereira, Eſtefania Baſſinha, Maria Pires Baſſinha, Caterina Pirez, Maria Giraldes, Maria Garcia, Elvira Fernandes, Eſteva Joaõ, Tareja Vicente, Maria Sueyra, Elvira Paez, Maria Joaõ Pacharra, Gracia Martins, Maria Fernandes Batalaria, Ouroana Catanha, Mayor Velaſques, Domingas Joaõ, Maria Paula, Tareja Afonſo, dona Enxemna ou Eugenia. Deſtas vinte duas a dona Enxemna, apontaõ as memorias, que veyo deſpois de novo. E tambem nos deixaõ em alguma duvida de qual das nomeadas era a Prelada: mas parece que devia ſer Maria Domingues, que chamaõ a Caſtelhana, aſſi por eſtar nomeada em primeiro lugar, ſegundo coſtume das eſcrituras dos Religioſos, como porque ſe declara nas meſmas memorias quando della fazem mençaõ, que era avida por Santa. De Sancha Martinz primeyra Prelada quando ſe puſeraõ

ſeraõ em Communidade naõ ha lembrança entre as nomeadas neſta paſſagem. Donde inferimos que ſem duvida era morta: e polo meſmo caſo que ouve eſpaço de tempo, e annos entre aquella primeyra mudança de vida, e eſta ſegunda do lugar. Do anno certo, em que eſta foy, tambem nos falta certeza, mas por ſucceſſos ſabidos confirmaremos logo quem ſuccedeo do anno de 1280 pera diante, deſpois que diſſermos alguma couſa da paz, e nome, que começaraõ a lograr de dònas, naõ de Freiras de S. Domingos.

Tinhalhes cuſtado tanto tempo, e trabalho chegarem a alcanſar eſte titulo, que aſſi o eſtimavaõ como ſe juntamente tiveraõ alcançado o effeito, e ſuſtancia delle. Alegravaõſe de ſe verem em ſoſſego, e tinhaõ por gloria reſultarlhes das opreſſoens recebidas com as demandas, e requerimentos dos Padres ſeus viſinhos, ſairem de emparedadas, (que era huma vida cativa, e ſem ordem nem inſtituto certo) pera hum modo de viver regular, e bem ordenado: e de huma pobre cerca de taboas ſem força de verdadeira clauſura, pera hum Moſteiro formado em todas ſuas partes, e acompanhado do titulo, que jà antes de o povoarem poſſuhia, de S. Domingos. Tanto que eſtiveraõ juntas neſte ſitio ficaraõ em Santarem tres Igrejas do titulo de S. Domingos, que eraõ eſta das Dònas, e a de Monteijras na Ribeira, onde primeiro moraraõ os noſſos Frades, como atraz fica dito: e a terceira do noſſo Convento que hoje permanece. E eſtas duas de Marvilla, pera aver diſtinçaõ, ſe nomeavaõ huma por Igreja de S. Domingos dos Frades, e a outra das Dònas. Naõ faltou quem cuidaſſe, que tivera principio eſte nome de Dònas no tempo em que viveraõ ſem profiſſaõ, nem regra, nem mais que huma ſimples clauſura, que foraõ muytos annos: nos quaes como as naõ podiaõ nomear por Freiras, os que queriaõ falar com propriedade, davaõlhe o nome honeſto, e cortez de Dònas. Outros julgavaõ mais materialmente; porque tomando argumento da ſignificaçaõ vulgar que hoje tem o nome de Dònas, quiſeraõ que eſte Moſteiro tiveſſe principio em algum ajuntamento de molheres viuvas honradas, que deixada caſa, e fazenda, quiſeraõ conſagrar a Deos todos os cuidados da vida. Mas na verdade huns, e outros ſe enganaraõ: porque o nome de Dònas reduzido à ſua verdadeira ſignificaçaõ tem ſeu principio no Latino Dominas, que he o meſmo que ſenhoras: com a qual geralmente eraõ tratadas as molheres moças, e donzellas, e mais em eſpecial as nobres, entre os Romanos mais cortezaons. Parece de Autores antigos em muitas partes. Suetonio falando de Claudio Emperador, e de Meſſalina ſua molher, diz aſſi: *Poſtquam in triclinio decubuit, cur Domina non veniret, requiſiuit.* Querendo dizer que deſpois de eſtar poſto à meſa, perguntou porque naõ vinha a ſenhora, que era Meſſalina. E melhor ſe vè em Eſtacio na poeſia de Achilles, quando introduzindo humas Ninfas, que finge acompanhavaõ ſua Princeſa nas agoas do Helleſponto,

Sueton. Tranq. in vita Claudij Tib. c. 37.

Statius Achil. l. 1.

Idé Thebaid. 1. diz: *Dominas non explicat æquor.* E noutra parte atè huma Furia do inferno honrou por moça, e donzella com o meſmo nome: *Et occurſu Dominæ pauet.* Com a meſma ſignificaçaõ foraõ tratadas nos tempos mais modernos, como ſe colhe da gloſſa ſobre hum canon das Decretais, onde aponta que o tal canon reprende os que vaõ às Igrejas com tençaõ de verem as donzellas, e diz: *Ut videant dominas.* Começando eſte titulo nas moças, e donzellas em tempos mais antigos, foiſe aplicando a todas as molheres nobres, ou polo muito que ſe eſtima o titulo da mocidade (como he natural em todos ſintirmos polo mayor defeito da vida a carga da idade) ou porque na verdade em toda a bem compoſta republica a nobreza he a que ſenhorea, e manda. Donde veyo dizer Plinio Segundo, quando trata dos trajos das Romanas nobres, declarando que ſò ellas podiaõ por lei uſar ouro, e pedraria: *Inſerta margaritarum pondera è collo Dominarum auro pendeant.* Que he o meſmo que dizer, que as nobres, e ſenhoras podiaõ trazer ao peſcoço fios de perolas engrazadas em ouro. Deſta pratica procedeo a cortezia ordinaria na lingoagem Italiana como mais viſinha da Latina, nomeando a toda molher nobre por Madona, como Madona Laura, Madona Vittoria, quaſi dizendo *mea domina.* Deſte meſmo principio ſe introduzio em Eſpanha o titulo de Dons, e de Donas em homens, e molheres, taõ eſtimado do povo, que quem ſabe pouco da ſingeleza, e bom termo antigo, cuida que falta nobreza onde eſte falta.

2.p.Decr. Cauſ. 24. Quæſt. 1. 1. Can. 28. Odi.

Plinio l. 33. c. 3.

Mas ſendo eſte nome de Donas corrente, e ordinario da gente nobre, e naõ ſò das moças, e donzellas: tanto que ouve freiras logo lhes pertenceo por ambos os titulos: de Donzellas, porque eſta idade, e eſtado he o que melhor ſe diſpoem a fugir do mundo, e que mais agrada ao Senhor delle: de nobres, porque das taes ſe povoaõ pola mayor parte os Moſteiros, ou porque he verdadeira nobreza ſervir a Deos, pois ſegundo as leis toda a molher ſegue a condiçaõ do marido, e como as freiras buſcaõ, e recebem por eſpoſo ao meſmo Chriſto, ninguem ha mais nobre que ellas: aſſi as nomearaõ logo por Dominas, e ſenhoras todos os eſcritores antigos, e o Martyrologio de Uſuardo na vida de Santa Clara, pera dizer que começou eſta Santa huma ordem de Freiras pobres, diz: *Pauperum Dominarum Ordinem inchoauit.* Começou huma ordem de ſenhoras pobres. Seguiraõ eſtes eſcritores ao digniſſimo de ſer ſeguido, e imitado S. Hieronymo em muitos lugares de ſeus eſcritos, e particularmente onde parece que foy ſua tençaõ declararnos em todo o que vamos provando. Eſcreve a Santa Euſtochio, e começa hum periodo: *Hæc idcirco, Domina Euſtochium, ſcribo. Dominam quippe vocare debeo ſponſam Domini mei.* Declaraſe o Santo, e diz que a chama Domina, e ſenhora: porque aſſim he rezaõ nomear a quem era eſpoſa de ſeu Senhor.

Martyrolog. de Uſuardo.

S. Jeronym. ep. 22. c. 1.

Donde fica claro, e entendido que o titulo de Dònas, que noſſos antepaſſados deraõ em Santarem às ſuas emparedadas, antes, e deſpois de recolhi-

lhidas no novo Moſteiro, que hoje conſervaõ ſuas ſucceſſoras, foy fraſi de gente cortezam, e que ſabia tratar com reſpeito a virtude, e nobreza: como tambem o faziaõ os Reys de Caſtella, e Portugal com o exemplo que ſempre deraõ a ſeus vaſſalos de piedade catolica. Conſta de palavras formaes de huma proviſaõ paſſada por el Rey dom Fernando, que chamaraõ o Santo, em favor das Freiras de S. Domingos de Madrid, e trazida polo Meſtre Frey Fernando de Caſtilho, que ſaõ as ſeguintes.

M. Frey Fern. de Caſtilho Cron. da Ord. p.1. l. 2. c. 3.

FAcio chartam conceſſionis, confirmationis & ſtabilitatis Deo, & vobis Dominabus de Ordine Prædicatorum apud Madrid commorantibus præſentibus & futuris &c.

E a meſma honra, que por eſta proviſaõ ſe vè dada às Religioſas de Madrid, dà el Rey dom Afonſo ſeu filho às do Moſteiro, que fundou na villa de Caleruega, nas caſas em que naceo o Santo Patriarcha, ſò com eſta differença, que aquella era em lingua Latina, e eſta na Caſtelhana, e o que a Latina chama, *Dominas*, a Caſtelhana diz com verdade *Dueñas*. Mas o que he mais de eſpantar, o meſmo Meſtre Geral da Ordem naõ negou o titulo de *Dominas* às noſſas Freiras de Santarem quando as recebeo, e encorporou na Ordem. E el Rey dom Dinis lhes dà o meſmo de Dònas em huma proviſaõ ſua, como huma couſa, e outra veremos a diante.

CAPITULO XXIII.

Das diligencias que fizeraõ as Emparedadas deſpois de mudarem o ſitio, pera ſerem recebidas, e encorporadas na Ordem.

CEſſaraõ as demandas, e contendas com a mudança, e paſſagem que as pobres recluſas fizeraõ pera a caſa nova. Mas entraraõ com a paz em novos cuidados de alcançarem com effeito o que jà tinhaõ em ſombra, e aparencias: que era ſerem pola Ordem admittidas a ſeu governo, obediencia, e proteiçaõ. A eſte fim foraõ fazendo ſuas diligencias ſem perder conjunçaõ, mandando efficazes requerimentos aos Capitulos geraes com largas relaçoens do eſtado do Moſteiro, dos apertados encerramentos em que tivera principio, e da eſtreiteza, e recolhimento, e religiaõ, com que procedia. E com ellas alcançaraõ, que foſſe ſua petiçaõ viſta, e bem ouvida em hum Capitulo, e aprovada noutro. Mas faltava ſer confirmada em terceiro, ſegundo o eſtilo, que entaõ guar-

guardava a Ordem nas aceitaçoens dos Moſteiros. Julgavaõ aquelles primeiros Padres, que ſendo carga muy peſada pera gente, que buſcava perfeiçaõ, encarregarſe de governo de molheres, governo, e comunicaçaõ encontrada ſempre com o eſpirito, meteſſem tanto intervallo em meyo (e polo menos foſſe o eſpaço de tres Capitulos geraes) pera que a dilaçaõ maduraſſe o conſelho nos aceitantes, e deſcobriſſe nos requerentes a firmeza de tençaõ, e devaçaõ com que buſcavaõ a Ordem, e com que ſe ſojeitariaõ às leis, e auſteridades della.

Entrava o anno de 1287. Eſtava publicado Capitulo geral pera Bordeos cidade de França ſobre o Oceano Gallico. Pareceo às recluſas que lhes convinha fazer ultimo esforço nelle, e aproveitarſe de todos os meyos de diligencia, e negoceaçaõ, pera inclinarem os Capitulares a piedade. Em primeiro lugar acordaraõ que ſeria ponto muy efficaz aparecer no capitulo huma dellas requerendo a cauſa de todas, e repreſentando ſua communidade como carta viva. Elegeraõ logo huma boa velha por nome Domingas Joaõ, velha, e muito antiga nos annos, mas inteira, e firme na deſpoſiçaõ, e endurecida nas mortificaçoens de emparedada, em que ſe criara, às quais ajuntava calidades de nobreza, e virtude conhecida, e grandes eſpiritos. Buſcaraõ favores, e cartas dos Fidalgos da Corte, porque o Meſtre Geral era Caſtelhano. A Camara, e governo de Santarem quiz tambem ajudar o requerimento, e acreditar a ſanta meſſageira, e deulhe ſuas cartas pera o Padre Geral. Com o primeiro bom tempo do anno partio Domingas Joaõ, e ſeguio ſeu caminho com tal cuidado, que muitos dias antes da ſanta Paſcoa de Pentecoſte ſe achou em Bordeos, eſpantando aos Religioſos, e a terra toda a nova peregrina, e a calidade do requerimento. Mas ninguem ſe eſpantou mais, que o Geral da Ordem, quando poſta a ſeus pès lhe preſentou as cartas que levava, e em poucas, e diſcretas palavras relatou o intento de ſua jornada. E diſſelhe o bom Padre maravilhado: *O mulier, magna eſt fides tua.* Logo foy vendo as cartas da Corte de Portugal, que davaõ noticia das partes, e calidades da portadora, e do que hya buſcar: e abrindo as letras da Camara vio que continhaõ o ſeguinte.

NOuerint vniuerſi præſentis ſcripti ſeriem inſpecturi, quod nos, Prætor, Aluaſiles, & Concilium Sanctarenenſe, pro ſalute animarum noſtrarum, & ad ſervitium Dei, & honorem nihilominus noſtræ villæ, nec non & ad cultum diuinum ſpecialiter ampliandum, rogamus Reuerendum, ac religioſum virum Dominum Fratrem Munionem Magiſtrum Ordinis fratrum Prædicatorum, vel Priorem Prouincialem Hiſpaniæ, qui fuerit pro tempore: quòd mittat nobis ſorores ſui Ordinis, quas rogamus & vocamus

mus ad habitandum in villa noſtra , & ad monaſterium conſtruendum ſuffragante diuina potentia proponimus dare operam efficacem. In cuius rei teſtimonium huic literæ ſigillum noſtrum duximus apponendum. Datum Santaren, XIX. Kalend. Ianuarij Æra M. CCC. XXV.

Em vulgar querem dizer.

SAibaõ quantos o teor deſte eſcrito virem que nòs o Corregedor, Alguazis, Concelho, e Camara de Santarem, por ſalvaçaõ de noſſas almas, e ſerviço de Deos, e pera honra deſta noſſa villa , e em particular pera augmento do culto divino, pedimos , e rogamos ao Reverendo , e Religioſo ſenhor Frey Munio Meſtre da Ordem dos Frades Prègadores, ou ao Prior Provincial, que for de Eſpanha, que aja por bem mandarnos Freiras da ſua Ordem, as quaes queremos, e procuramos pera ficarem moradoras deſta villa , e fundarem nella hum moſteiro : e pera a obra delle com o divino favor offerecemos dar ajuda com effeito, e boa diligencia. Em fé do qual mandamos ſelar eſtas letras com o ſello da villa. Em Santarem aos dezanove antes das Calendas de Janeiro da era de mil , e trezentos , e vinte e ſinco (*que reſponde aos* 14 *de Dezembro do anno de Chriſto de* 1286.)

Avia no Capitulo muitos Frades aſſi Caſtelhanos como Portugueſes que jà tinhaõ noticia das demandas, e affliçoens, que as recluſas aviaõ padecido: deraõ conta dellas, e da pretençaõ da meſſageira aos capitulares: laſtimaraõſe todos dos trabalhos paſſados , e naõ menos do preſente de taõ longa jornada. Requeriaõ por ella os annos, o bom termo, e gravidade da peſſoa; naõ ouve quem fizeſſe duvida no deſpacho quando ſe tratou a cauſa no definitorio. Aſſentouſe, que o Moſteiro das recluſas foſſe pola Ordem aceitado, e nella, e em ſeu governo encorporado. E o Padre Geral como pay pio, e quaſi natural pola viſinhança de Çamora, donde tinha o nome, e nacimento, quiz honrar a Portugueza, e na peſſoa della a todas as que a enviaraõ , veſtindolhe da ſua maõ o habito ſanto na Igreja do noſſo Convento de Bordeos com ſolenidade, e concurſo dos Capitulares, e de muyta nobreza da terra: e com hum eſtremo de eſpiritual conſolaçaõ da que o recebia. E naõ ceſſando ella de dar graças a Deos polo bom remate de ſeu requerimento,

rimento, e parecendolhe todo o tempo largo de ſe ver jà de volta em Santarem, e entre ſuas irmans, deu preſſa no deſpacho dos papeis neceſſarios, e repoſtas do Padre Geral: o qual com ſua bençaõ a deſpedio, e com a patente, que poremos no capitulo ſeguinte.

CAPITULO XXIV.

Que contem a patente com que foy aceytado da Ordem o Moſteyro das Dònas de Santarem.

O Teor da patente era eſte: *Nouerint vniuerſi præſentes literas inſpecturi, quòd nos Frater Munio Magiſter Ordinis Fratrum Prædicatorum, licet indignus: & Priores Prouinciales prouinciæ Franciæ, prouinciæ Romaniæ, prouinciæ Teutoniæ, prouinciæ Bohemiæ, prouinciæ Poloniæ, prouinciæ Græciæ, prouinciæ Prouinciæ, prouinciæ Lombardiæ, prouinciæ Angliæ, prouinciæ Vngariæ, & prouinciæ Daciæ, Definitores Capituli Generalis anno Dñi 1287 apud Burdigalam celebrati, illud quod ad Religionis augmentum, & animarum profectum circa Sorores noſtras Monaſterij, quod eſt extra muros villæ Sanctarenenſis, diæceſis Vlyxbonenſis ad portam de Manſos, iuxta heremitagium S. Mariæ Magdalenæ ſituatum: per vnum Capitulum Generale inchoatum extitit, & poſtmodum per aliud Generale Capitulum approbatum, vt videlicet ſub cura noſtri reciperentur Ordinis, & incorporarentur eidem: nunc auctoritate duximus præſentium confirmandum. In cuius confirmationis teſtimonium ego præfatus Magiſter voluntate & aſſenſu dictorum definitorum appenſione noſtri ſigilli præſentes feci literas roborari. Datum apud Burdigalam anno Domini, & Generali Capitulo prætaxatis. Item ordinamus, volumus, & concedimus, quòd nec Prioriſſa, nec Conuentus per ſe, nec omnes inſimul, nec quælibet per ſe poſſit aliquid dare, aut donare, aut commutare vltra valorem quinque librarum monetæ Portugallenſis tam de mobilibus, quam de immobilibus, tam de rebus quæ ſpectant ad communitatem Conuentus, quam etiam de his quæ Dominæ, ſeu Sorores retinent de licentia Prioris noſtri, ſpecialiter ad ſuas neceſſitates, ſine licentia Magiſtri Ordinis, vel Patris Prouincialis, vel alterius à nobis, aut ab aliquo eorum dati.*

A de-

A declaraçaõ em vulgar he a que ſe ſegue.

SAibaõ quantos as preſentes letras virem, que Nòs Frey Munio Meſtre da Ordem dos Frades Prègadores, ainda que indigno: e os Priores Provinciaes das provincias de França, Romania, Alemanha, Boema, Polonia, Grecia, Proença, Lombardia, Inglaterra, Ungria, e Dacia, todos Definidores do Capitulo Geral celebrado em Bordeos no anno do Senhor de 1287, acordamos agora, e ouvemos por bem de ratificar, e com a autoridade deſtas letras confirmar aquillo meſmo que jà eſtava por hum Capitulo Geral começado, e por outro approvado, e julgado por conveniente, e acertado, aſſim pera augmento da Religiaõ, como pera aproveitamento das almas, em quanto toca ao requerimento das noſſas irmans moradoras no Moſteyro da villa de Santarem, ſituado fòra dos muros, à porta que chamaõ de Manſos, junto com a Ermida de Santa Maria Madalena do Biſpado de Lixboa: polo qual pretendiaõ ſer recebidas debaixo da adminiſtraçaõ da noſſa Ordem, è encorporadas nella. E em teſtimunho deſta confirmaçaõ, que aſſi fazemos, eu o ſobredito Meſtre de parecer, e beneplacito dos ditos Definidores as preſentes letras fiz autorizar, e corroborar com noſſo ſello pendente. Dada em Bordeos no anno do Senhor, e no Capitulo Geral atraz declarados. Aſſi mais ordenamos, queremos, e outorgamos, que nem a Prioreſſa, nem o Convento por ſi, nem todas as Freyras juntas em corpo de Communidade, nem cada huma por ſi poſſaõ ſem licença do Meſtre da Ordem dar, ou doar, ou trocar couſa alguma que paſſe do valor de cinco livras da moeda Portugueſa. O que entendemos aſſi de bens moveis como de rayz: e aſſi dos que pertencem ao commum do Convento, como dos que as Dònas ou Sorores em particular poſſuem pera ſuas neceſſidades por licença de ſeu Prior ou Vigario. E neſte caſo, que a nòs reſervamos, poderà tambem diſpenſar o Padre Provincial, ou qualquer outra peſſoa, que noſſa commiſſaõ tiver.

Com eſta patente, e ordenaçaõ aſſi junta, ſem outro preceito nem advertencias (como naquelles bemditos tempos tudo era ſingeleza, e pouca cautela) ſe poz a caminho a Madre Domingas Joaõ polos meſmos paſſos por onde fora. Davalhe azas o goſto do bom deſpacho, e brevemente entrou em Santarem: e ſendo recebida de ſuas irmans, e companheiras com o amor, e alvoroço que ſe deixa entender, tudo foy dobrado deſpois de entendido o bom ſucceſſo de ſua jornada. E naõ faltaraõ ſantas envejas do premio que jà trazia della, ſendo a primeira profeſſa de toda aquella Communidade. O deſejo de ſe verem brevemente no meſmo eſtado começou de alvoroçar todas, viſta huma carta, e commiſſaõ que Domingas Joaõ moſtrou do Padre Geral pera o Padre Frey Gonçalo Origijs (chamalhe a commiſſaõ Latina, *Gonſaluus Honorii*) morador no Convento dos Frades da meſma villa, com ordem pera lhes fazer profiſſaõ, como veremos logo.

CAPITULO XXV.

Vaõ duas Religioſas do noſſo Moſteyro de Chellas fundar o das Dònas de Santarem. Dàſe conta das groſſas eſmolas que acudiraõ ao Moſteyro, tanto que foy admittido ao governo da Ordem.

ERa Frey Gonçalo Origijs hum Religioſo velho, e de muita autoridade, e tal em ſua vida, e coſtumes, como os criava entaõ o Convento de Santarem, que ſegundo nos referem os eſcritores daquelle tempo, eraõ todos ſantos. Mandavalhe o Padre Geral que teveſſe o governo das Freiras, e Moſteyro, com titulo de Prior, que era o meſmo que agora Vigario. E porque a nova obſervancia coſtuma entrar nas caſas onde ſe pranta, com peſſoas criadas, e verſadas nella, davalhe ordem pera trazer do noſſo Moſteyro de S. Felix de Chellas duas Religioſas, que pediria em ſeu nome à Prioreſſa: das quaes inſtituiria huma em Prioreſſa do novo Moſteyro, e logo lançaria o habito a todas, e a ſeu tempo lhes faria profiſſaõ. Naõ ouve dilaçaõ em virem as Religioſas de Chellas, que foraõ as Madres dona Maria Mendes de Anſiaõ, e dona Eſtevainha Baſſinha, pola grande inſtancia que faziaõ as de Santarem, que naõ aviaõ por bom o deſpacho do Capitulo, em quanto lhes tardava a execuçaõ delle. Mas de força tardou mais do que cuydaraõ, porque naõ pareceo bem a Frey Gonçalo, que começaſſe a correr o rigor da obſervancia em quanto avia falta no edificio pera verdadeira clauſura. Aſſi ſe trabalhou no que convinha ſem perder hora, atè veſpera de Pentecoſte do anno de 1290: no qual dia o Prior Frey Gonçalo confirmou em primeyra Prioreſſa a Madre dona Maria Mendez de Anſiaõ. Começou logo o Moſteyro a correr em perfeita clauſura, e em todo rigor das Conſtituiçoens com exceſſiva alegria das Religioſas, e de todos os devotos da Ordem. Começou tambem a moſtrarſe a charidade dos moradores da villa, em acodirem muitos com groſſas eſmolas ao novo Moſteyro, aſſi pera ajuda da ſuſtentaçaõ 1290.

çaõ corporal, como do edificio: e algumas de renda perpetua em bens de raiz.

De huma dòna principal ha grandes memorias neſte Moſteyro, que com particular devaçaõ ſe lhe affeiçoou, e tomou à ſua conta fazer a Igreja. Chamavaſe dona Eſtevainha Pirez de Caſevel. E porque ſuccedeo falecer antes de ſer de todo acabada: pera que outrem naõ tiveſſe parte na obra que começara, deixoulhe hum legado de quinhentas livras, com que ſe poz em ſua perfeiçaõ. E por ſingular bemfeitora foy enterrada na capella mòr, que agora poſſuem os herdeiros de Manoel Telles de Meneſes Commendador da Commenda das villas do campo de Ourique, da Ordem de Santiago, que vivem, e tem ſua caſa na meſma villa de Santarem.

Tambem a Prioreſſa do Moſteyro de Chellas quiz acodir com obras de charidade às novas filhas, em teſtimunho do que eſtimava a honra de tal fundaçaõ; e fez doaçaõ à caſa de Santarem de todo o patrimonio que poſſuhiaõ as duas fundadoras, e juntamente do que ficara da irmam de dona Eſtevainha, que era huma dellas, deſpois de o lograrem em ſua vida. Lançaremos aqui a doaçaõ na meſma lingoagem, e polas meſmas palavras, em que jaz no pergaminho original, o qual eſtà vivo, e guardado no Cartorio das Freiras de Santarem. E naõ no averà por ſobeja curioſidade quem ſe lembrar das queixas, que fizemos noutra parte deſta Hiſtoria, de huma pedra, que poſta na Igreja de Chellas eſtà ſem rezaõ tirando pedras a todas eſtas verdades, e diz aſſi.

Conhoſcaõ quantos eſta carta virem & ler ouuirem, que eu Tareja Fagundijs Prioreſſa do Moſteiro de Chellas entendendo acrecentar o ſeruiço de Deos, & aſaude das almas, dou & outorgo licença a dona Eſteuainha dita Baſſinha, & à Maria Menendez dita de Anciom de morarem em Santarem, & de poderem hy fazer & acrecentar Moſteiro de Dònas da noſſa Ordem, ſegundo como Frey Gonçalo Origijs mandar: & outorgo & mando que ellas poſſaõ reter quanto ellas haõ tambem de ſeus patrimonios, como donde quer que o ajaõ, ou auer poſſaõ: & metaõno em prol do lugar, ſegundo como dito Frey Gonçalo por bem tever. E outroſi outorgo ſo eſta condiçaõ à dita dona Eſteuainha o que foi de ſua irmam. E iſto outorgo a tal condiçom, que o nom poſſaõ em nenhuma guiſa albear: mas depoz morte dellas aja todo o Moſteiro de ſuſodito das Dònas da noſſa Ordem de Santarem. E ſe por ventura em Santarem nom forem Dònas que tragaõ habito da noſſa Ordem: ou forem, & naõ obedecerem aos Frades

Prègadores, quero & ordinho que ſe torne tudo quanto as ditas dona Eſteuainha & dona Maria ouuerem à nòs. Em teſtemõyo da qual couſa dey a ellas eſta carta aberta, ſeellada do meu ſeello. Dada em Achellas quinze dias andados de Dezembro. Era M. CCC. XXIX. (que he anno do Senhor de 1291.)

Crecia o Moſteiro em virtudes, e religiaõ: e naõ he de eſpantar que ao meſmo paſſo lhe entraſſem por caſa os bens da terra: os quaes corriaõ a ella com tanta abundancia, que ouveraõ as Religioſas por neceſſario valeremſe de licença del Rey pera os poderem poſſuyr: por lhes naõ prejudicar huma ley que neſte tempo ſe tinha publicado, a qual ordenava aos Religioſos que naõ aceitaſſem heranças nem doaçoens de bens de raiz, nem os compraſſem por ſi, nem por interpoſta peſſoa: e pera mais cautella mandava aos Taballiaens com riguroſas penas, que em ſuas notas naõ lançaſſem ſemelhantes eſcrituras, nem com ſua preſença as autorizaſſem, ou aprovaſſem. Reynava el Rey dom Dinis. Elle aſſinou a ley, e em ſeu nome ſe publicou, e nelle ficou lançada entre as do Reyno: mas ſeu grandioſo animo, e os dos Reys ſeus ſucceſſores fizeraõ della taõ pouco caſo, que nunca encontraraõ doaçaõ nenhuma de fazenda, por groſſa que foſſe, feita às Religioens por peſſoas particulares: E aſſi ficou ſervindo a ley de reſplandecer mais a benignidade real, que na verdade elles como pays no amor, e verdadeyros Reys nos eſpiritos enriqueceraõ de ſeu patrimonio todas as Religioens que ha em Portugal: e pagoulho Deos com as ineſtimaveis riquezas, grandes, e poderoſos ſenhorios que lhe deu fòra deſte pequeno canto de Eſpanha. Mas tornando à Hiſtoria, ſuccedeo vir el Rey a Santarem na entrada do anno de 1298. Entaõ lhe pedio a Prioreſſa diſpenſaçaõ do rigor da ley no que tocava ao ſeu Moſteyro. E alcançoua naõ ſò em particular, mas em geral pera heranças, e doaçoens, que era o que mais compria às Freiras. Mandoulhes el Rey paſſar ſua carta do teor ſeguinte. 1298.

DOm Dinis pola graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve. A quantos eſta carta virem faço ſaber, que eu querendo fazer graça, e mercè às Dònas da Ordem de S. Domingos de Santarem, façolhila em eſta maneira. Mando que aquellas Dònas que hy entrarem em Ordem, que mandem, e dem ſeus herdamentos àquelles que tiverem por bem. E outroſi mando, que aquelles ou aquellas que hy quiſerem deixar ſeus herdamentos por ſàs almas, que

que o poſſaõ fazer. E mando aos Taballiaens que lhes façaõ ende cartas, e eſtromentos: e às juſtiças que ponhaõ hy os ſeellos dos Concelhos. E todo aqueſto façaſe ſem engano. E que ellas naõ comprem nem mandem comprar nenhuns herdamentos. Em teſtemõyo deſto deilhes eſta incha carta. Datum em Santarem dez dias de Mayo. El Rey o mandou. Martim Loredo a fez. Era M. CCC. XXXVI.
1298. (que he o anno de 1298.)

CAPITULO XXVI.

Que contem huma eſcritura que fez a Madre Dona Maria Mendes ſendo reeleyta em Prioreſſa: em reconhecimento de ſer o ſitio, e Moſteiro das Dònas fazenda propria do Convento dos Frades.

NO meſmo anno que el Rey paſſou a proviſaõ atràs lançada, avendo jà ſete e meyo que Dona Maria Mendez governava o moſteiro ſendo Meſtre Geral da Ordem o Padre Frey Nicolao Treviſano, e Provincial de Eſpanha Frey Domingos de Alquezar, foi reelegida, e de novo confirmada em Prioreſſa por Frey Martinho de Carvalhoſa novo Prior ou Vigario delle em nome do dito Provincial. E no meſmo dia de ſua reeleiçaõ, que foi aos dez de Fevereiro do anno apontado de
1298. 1298 como alcançada, e corrida, ao que parece, de averem paſſado tantos annos de ſeu governo ſem fazer alguma demoſtraçaõ publica da obrigaçaõ em que aquellas Religioſas eſtavaõ aos Frades por lhes darem graciosamente o ſitio, e caſa que poſſuhiaõ: foi a primeira couſa em que entendeo, ſem querer pòr maõ em outra, chamar dous Taballiaens, e mandarlhes fazer huma eſcritura de declaraçaõ, e obrigaçaõ, declaraçaõ de ſer a caſa dos Frades, aſſi como as Freiras a poſſuhiaõ: obrigaçaõ de naõ diſporem della as Freiras em nenhum tempo ſem eſpecial licença dos Frades. A eſcritura ſe lançou em notas em lingua Latina como entaõ ſe coſtumava, e na meſma ſerà rezaõ, que a tresladamos aqui com ſua traduçaõ. Mas porque contem outras muitas couſas, poremos ſòmente a parte que toca a eſte ponto, que he a força, e principio della, e começa deſta maneira.

NOuerint vniuerſi præſentis inſtrumenti ſeriem inſpecturi, quod nos Maria Menendi dicta de Anciom Prioriſſa, & nos Maria Giraldi, Caterina Petri, & Ioanna Gonçalui, Maria Roderici, Sancea Egea, Taraſia Durandi, Toda Alfonſi ſorores Sancti Dominici Ordinis Præ-

Prædicatorum, commorantes in monaſterio, quod eſt extra muros villæ Sanctarenenſis, Vlixbonenſis diæceſis, ad portam de Manſos, propè Heremitagium ſanctæ Mariæ Magdalenæ: de noſtra ſpontanea & libera voluntate recognoſcimus & confitemur, quòd territorium, in quo monaſterium noſtrum eſt ſituatum ſeu ædificatum, cum toto circuitu ſuo fuit emptum in propria pecunia Conuentus Fratrum Prædicatorum Sanctarenenſis. Et proinde nos non poſſumus illud dare, nec donare, nec cambiare, nec aliquo modo commutare, nec alienare, nec aliquid aliud de eo ordinare, niſi in ipſo ſub eorum Ordinis obedientia Deo famulari, ſecundum quod ipſi duxerint ordinandum. Et ſi aliqua vel aliquæ de nobis, vel de futuris aliquid aliud contrarium voluerint aſſentare (quod Deus auertat) vel eis non obedire: volumus & concedimus, quòd Prior Fratrum Prædicatorum Sanctarenenſis, & fratres eiuſdem Conuentus poſſint locum ſeu Monaſterium prædictum accipere, & de eo facere quidquid voluerint, tam in vendendo, commutando, dando, quam etiam alios Religioſos ſeu Religioſas plantando, vel totaliter, ſi eis viſum fuerit, deſtruendo, tanquam veri domini de re propria, empta, poſſeſſa, & ædificata. Quia ſimpliciter confitemur, quòd nullam aliam iuriſdictionem habemus in locō ſeu Monaſterio prædicto, niſi quantum nobis ipſi impendere voluerint pro eleemoſyna: vt ibi Domino ſub eorum habitu, obedientia & Conſtitutionibus Ieſu Domino altiſſimo famulemur. Recognoſcimus, & confitemur, quod ædificia & domus ibi conſtructæ totum fuit pro eorum ſolicitudine & labore procuratum.

Segue a traduçaõ.

SAibaõ quantos o teor deſta eſcritura virem, que nòs Maria Mendez de Anciaõ Prioreſſa, e nòs Maria Giraldes, Caterina Pirez, Joana Gonſalvez, Maria Rodrigues, Sancha Viegas, Tareja Duranda, Toda Afonſo, Sorores Religioſas de S. Domingos da Ordem dos Prègadores moradoras no moſteiro, que he ſito fòra dos muros da villa de Santarem à porta de Manſos, junto da Ermida de Santa Maria Magdalena Biſpado de Lisboa:

boa: de noſſo proprio moto, pura, e livre vontade conhecemos, e confeſſamos, que o ſitio, e lugar em que eſte noſſo moſteiro eſtà edificado, com tudo quanto ſe eſtende, e alarga em roda foi comprado com dinheiro do Convento dos Frades Prègadores deſta villa. E por tanto declaramos, que nòs o naõ podemos dar nem eſcambar, nem de alguma maneira trocar, nem delle por nenhuma via diſpor: ſe naõ ſomente ſervir nelle a Deos debaixo da obediencia, e Ordem que elles profeſſaõ, e ſegundo a fòrma, e leys, e ordenaçoens que por elles nos forem dadas. E ſendo caſo que alguma ou algumas de nòs, ou das que deſpois de nòs vierem queiraõ intentar (o que Deos naõ permitta) alguma couſa em contrario, ou refuſem obedecer aos ditos Religioſos, queremos, e outorgamos, que elles poſſaõ de novo lançar maõ deſte ſitio, e moſteiro, e delle fazer o que quiſerem, aſſi por venda, troca, eſcaimbo, ou doaçaõ, como recolhendo nelle outras Freiras ou Frades, ou ſe lhes parecer derribandoo por terra como verdadeiros ſenhores, que delle ſaõ, por ſer couſa ſua propria, e comprada por ſeu dinheiro, e por elles poſſuida, e edificada. Por quanto chammente confeſſamos, que nenhuma outra jurdiçaõ temos no dito ſitio, e moſteiro, ſe naõ aquella que elles por eſmola nos quiſerem deixar lograr, pera nelle ſervirmos a Noſſo Senhor Jeſu Chriſto no meſmo habito, obediencia, e regra, que elles tem, e guardaõ. E aſſi reconhecemos, e confeſſamos que as caſas, e edificios, que no meſmo lugar eſtaõ levantados, procederaõ todos, e tiveraõ principio de ſua agencia, e diligencia &c.

No fim da eſcritura eſtaõ nomeados, e aſſinados os Taballiaens, ante quem paſſou, que foraõ Martim Joaõ o que a eſcreveo, e Salvador Dias o que a juſtificou, e concertou diante de quatro teſtimunhas: e declara que foraõ a ella preſentes o Prior do Convento dos Frades, que tambem o era das Freiras, Frey Martinho da Carvalhoſa, e Frey Martim Paez, Frey Egas Gil, Frey Domingos de Santarem Doutor, Frey Egas Solha, Frey Eſtevaõ Mendez o velho, Frey Pero Fernandez, Frey Eſtevaõ Rodrigues, Frey Fernando de Eſtremoz, e Frey Joaõ de Eſtremoz, e Frey Domingos Longo.

CA-

CAPITULO XXVII.

Que contem huma petiçaõ que o Moſteyro das Dònas fez ao Summo Pontifice pera ficar unido à Ordem pera ſempre: e o deſpacho, que ouveraõ.

NAõ ſe pòde negar que todas as couſas, que muyto ſe eſtimaõ trazem conſigo hum trabalhoſo contrapeſo, que he o receyo, e ſobreſalto de ſe perderem. Bem ſe deixa entender da nota, e termos da eſcritura, que acabamos de treſladar, como de todas as mais diligencias, e trabalhos com que eſtas Religioſas procuravaõ valerſe do emparo, e abrigo da Ordem, o amor, e devaçaõ que lhe tinhaõ. Mas eſta meſma affeiçaõ as inquietava com humas continuas deſconfianças de lhes parecer, que tinhaõ feito pouco, ou que podiaõ fazer mais pera confirmaçaõ, e inteira ſegurança do bem que poſſuhiaõ, e como ganhado à ponta da lança de muyto trabalho, e oraçoens, e lagrimas prezavaõ. E vieraõ a aſſentar, que ſe confirmaſſem o eſtado preſente por hum breve Apoſtolico, ficaria fundado com toda a força que podiaõ eſperar de valias da terra. Seis annos adiante no de 1304 ſendo Prioreſſa Tareja Afonſo mandaraõ ordenar huma petiçaõ, cujo treſlado tirado do Latim, que eſcuſamos por ir abreviando, he o ſeguinte. 1304.

TAreja Afonſo Prioreſſa, e todo o Convento das Sorores, que moraõ em Santarem debaixo do governo, e habito da Ordem dos Frades Prègadores proſtradas por terra diante do Beatiſſimo Padre, e Senhor o Senhor Benedicto Summo Pontifice da ſanta Igreja de Roma com muy profunda humildade beijaõ devotiſſimamente ſeus ſantos pès. Santiſſimo Padre poſto que nòs, e todas as mais Sorores, que nos precederaõ neſte noſſo moſteiro ſempre eſtivemos, e queremos eſtar debaixo do governo, cuidado, e diſciplina da Ordem dos Frades Prègadores de quarenta e ſinco annos a eſta parte: e ha muitos que fomos miſericordioſamente recebidas pola dita Ordem por tres Capitulos Geraes hum apoz outro, e nella ſegundo ſeus eſtatutos encorporadas. Com tudo proſtradas todas como eſtamos aos pès de voſſa ſantiſſima Paternidade, de commum acordo humilmente lhe pedimos, e rogamos aja por bem de nos querer pera ſempre encorporar na dita Ordem, aſſi a nòs, como a todas as mais que pera eſte moſteiro vierem, e como o meſmo moſteyro com tudo o que nelle, e por rezaõ delle poſſuimos, na meſma forma, e modo que nelle eſtaõ unidas

as

as Sorores do moſteyro de S. Xiſto deſſa cidade de Roma. E pera que, Santiſſimo Padre, aquietemos de todo voſſa ſantiſſima conciencia, e poſſamos mais facilmente alcanſar a graça, e miſericordia, que com muyta inſtancia lhe pedimos, confeſſamos, e affirmamos, que nunca dioceſano nenhum, nem outra peſſoa alguma em ſeu lugar viſitou eſte noſſo moſteyro, nem poz, nem tirou prelada, nem ordenou couſa que tiveſſe ſombra de governo, jurdiçaõ ou dominio: mas ſempre profeſſamos a regra de Santo Agoſtinho, e fomos ſojeitas à Ordem dos Prègadores ſegundo ſuas conſtituiçoens ſem nunca aver quem iſto nos contradiſſeſſe. Polo que huma, e muitas vezes humilde, e devotiſſimamente pedimos a voſſa ſantiſſima Paternidade, e clemencia com toda a inſtancia que podemos: e polo ſangue de Jeſu Chriſto, que vos fez ſeu Vigario, que naõ dilate voſſa clemencia concedernos o que a ſaude de noſſas almas com devaçaõ lhe pede. E pera que voſſa clemencia, Santiſſimo Padre, miſericordioſamente ſe incline com mais brevidade ao bom deſpacho deſta noſſa petiçaõ, e ella tenha credito, e firmeza, rogamos a Miguel Martins Taballiaõ publico deſta villa, que a puzeſſe em publica, e autentica forma diante de teſtimunhas. O que aſſi fizemos com receyo, que o ſello do Convento, ſe com elle a ſellaſſemos como carta, ſe poderia quebrar ou cair por algum deſaſtre. Feita em Santarem aos treze dias de Março da Æra M. CCC. XXXXII. (reſponde ao anno de Chriſto 1304) *teſtimunhas que foraõ preſentes Frey Fernando Fructuoſo Prior, Frey Martinho de Carvalhoſa, Frey Fernando do Santo Ladraõ, Frey Lourenço de Almada, todos Frades da Ordem dos Prègadores, e moradores no Convento de Santarem. Martim Joaõ Taballiaõ, Joaõ Soeiro, e Mateus Domingues.*

Quando eſta ſupplica chegou a Roma era falecido o Papa Benedicto nella nomeado, e foi apreſentada a ſeu ſucceſſor immediato, Clemente Quinto, o qual obrigado das piadoſas rezoens que continha, deſpachou hum motu proprio ao Provincial de Eſpanha, em que lhe mandou que elle, e todos ſeus ſucceſſores teveſſem cuidado deſte moſteiro, viſitando, conſolando, e governando as Religioſas delle, e mandandolhe adminiſtrar os Sacramentos aſſi, e da maneira que dos annos atràs eraõ

coſtumados. Quietaraõ com iſto em ſuas deſconfianças : e poſtos de parte todos os cuidados da terra (que muito divertem , quaeſquer que ſejaõ , do mayor bem) entregaraõ a Deos ſeus coraçoens em perfeita , e amoroſa uniaõ : e começou a florecer naquelle cantinho de Portugal hum paraiſo de deleites alegrando o Ceo , e a terra com flores e fruitos de excellentes virtudes.

CAPITULO XXVIII.

De algumas religioſas inſignes em virtude que ouve neſte moſteyro deſdo principio da primeira recluſaõ.

SEja a primeira , e primeiro contada entre as Religioſas deſte ſantuario da terra , e jardim do Ceo , aquella que foi primeira planta delle , ſendo a primeira emparedada de Santarem , e cauſa principal de o lograrmos hoje : digo Elvira Duranda ; que pois o principio de ſua vida foi offerecido a Deos , como contamos , e os meyos foraõ encerrarſe entre quatro paredes pera ſe entregar toda ao divino eſpoſo , ſem querer mais da terra , que aquella eſtreita ſepultura , bem merece celebrada por autora de huma vida taõ extraordinaria , e cativeiro terribel de todos os goſtos della : aſſi como louvamos a hum Paulo Primeiro ermitaõ , e hum Antaõ Primeiro pay dos animoſos moradores do deſerto. Que ſe mereceraõ muito por ſe aterverem a viver entre brenhas , e rochedos cercados de tigres , e lioens , ſendo homens : pòde ſer que foi mayor a determinaçaõ de molheres fracas fazer deſerto no meyo da mais populoſa villa do Reino , e condenarſe às penas , e faltas delle : à viſta de gente alegre , farta , deſcançada , e deſcuidada. E he bem de crer , que como os pays das Religioens tem aventajados gràos de gloria no Ceo pola occaſiaõ , que deraõ aos muitos filhos , que com ſeu exemplo fizeraõ de ſi agradavel ſacrificio a Deos : nem mais nem menos os deve ter Elvira Duranda como fundadora da vida das recluſas , e polo principio , que dellas veyo a ter eſte moſteiro das Dònas. E naõ ſerà parte ignorarmos o fim , que teve , pera deixarmos de lhe dar eſte lugar. Porque baſtante cauſa he pera darmos por averiguado que foy fim ſanto , e de ſanta , ſabermos como ſabemos , que na hora que o Senhor foi ſervido manifeſtarlhe aos olhos corporaes a luz do Ceo , que vio decer ſobre o Santo Frey Gil , obedeceo ſem detença ao chamamento , da outra que lhe amanheceo na alma : logo fogio a todos os goſtos , e comodidades do corpo , e ſe enterrou voluntariamente em vida pera reſucitar com Chriſto. E he bem de notar que o meſmo Senhor lhe começou tambem em vida a pagar de contado o cento por hum de ſuas divinas promeſſas , rodeandoa de muitas companheiras , e imitadoras de ſua mortificaçaõ , que por ella , e por ſeu exemplo ſeguiaõ ao cordeiro amador divino das almas puras : gloria ſem preço pera quem foi a primeira na ſanta empreza. Sabemos deſta heroyca Religioſa , que o fim , com que ſe animou a taõ dura vida , foi hum vivo deſejo de imitar a penitencia ,

cia, e oraçaõ do Santo Frey Gil. E ſabemos tambem, que o alcançou de dias: por onde falecendo elle (como temos dito em ſeu lugar) no anno de 1265, quando o naõ paſſaſſe mais que hum ſò, jà fica com mais de vinte e ſinco de ſepultura em vida, viſto como ella ſe emparedou no de 1240. Tambem nos conſta que do Santo era viſitada, e tratada na recluſaõ com muita particularidade, e que nella acabou a vida: o que tudo ſaõ rezoens que a fazem digna de illuſtre lugar na terra, e de naõ duvidarmos, que o terà illuſtriſſimo no Ceo.

1265.

Aſſi como Elvira Duranda merece fama, e honra por primeira recluſa, e autora de tal genero de vida em Santarem: nem mais nem menos devemos honra, e louvor à primeira Prelada, que as recluſas tiveraõ por digna do cargo quando fizeraõ a transformaçaõ de priſaõ particular pera encerramento commum. Eſta foi Sancha Martinz: que quem entre vinte almas dedicadas a Deos com voluntario, e perpetuo carcere, ſe adiantava tanto em virtude, e partes, que por aclamaçaõ mereceo o titulo de cabeça, e Prioreſſa entre todas, naõ ha que cuidar, ſenaõ que devia ſer hum ſerafim entre Anjos. E ſem nos conſtar, nem acharmos della outra couſa eſcrita, iſto ſò baſta pera a fazer muito eſtimada.

Mas na Prelada, que levaraõ quando deixado o ſitio das contendas ſe paſſaraõ pera a Madalena, que os noſſos Frades lhe deraõ, achamos alem da rezaõ, e conjeitura do cargo huma memoria que nos affirma, era tida, e avida por ſanta: chamavaſe Maria Domingues a Caſtelhana. E tal foi a primeira Prelada, que povoou o lugar, que hoje he poſſuido do moſteyro das Dònas, antes de admittido ao governo da Ordem. E na verdade naõ he de eſpantar, que foſſem taes as partes, quando ſabemos que foi ſeu cultivador, e hortelaõ primeiro o Santo Frey Gil: a quem devemos referir naõ ſò o bem, que entaõ avia, mas o que hoje dura, e permanece de verdadeira obſervancia: e foi continuado por todas as idades em muitas almas, que com excellentes virtudes, e maravilhas celeſtiaes honraraõ ſeu nome, e a caſa, e a Ordem: das quaes alcanſamos ainda algumas os que hoje vivemos. Porem he grande laſtima, que ſendo ſabidamente muitas em numero as que aſſi procederaõ, naõ aja memoria particular ſenaõ de muy poucas. E eſta que ha he quaſi por cifras, e colhida por indicios com que o Senhor as quiz deſcobrir na morte, ou depois della. E tantas virtudes avia em todas as mais, que ſe com o fim da vida naõ aparecia couſa particular em alguma, nas geraes dos rigores, e auſteridades da Ordem (cujo ſeguimento continuado he o mayor louvor della) viviaõ com tanta pontualidade todas, que todas ſem differença eraõ humas, e todas eraõ ſantas. Polo meſmo caſo ouve nas mais antigas hum obſtinado ſilencio de ſuas virtudes, e tal que ſò no dia do juizo as averemos de ſaber. Nas que ſeguiraõ deſpois mais vizinhas a noſſos tempos, avendo cuydado pera notar o valor de cada huma, faltou pera ſe pòr em eſcri-

crito : e aſſi as mais das couſas que dellas ſabemos chegaraõ a nòs por tradiçaõ das Religioſas velhas : e ainda deſtas, como o tempo gaſta as memorias, muitas ſe foraõ perdendo, ou eſcurecendo, como aconteceo nos marmores, e eſtatuas deſenterradas dentre ruinas de famoſos edificios : donde he ordinario naõ ſairem mais que pedaços, e troncos de corpos, ou de colunas com taõ pouca diſtinçaõ de membros, que eſcaſſamente alcançamos parte ſam, em que os olhos poſſaõ louvar a maõ daquelles excellentes artifices antigos. Com eſta condiçaõ iremos trazendo à luz as breves, e confuſas memorias, que de algumas Religioſas deſte Moſteyro podèmos achar : as quaes ſerviraõ pera que os bons entendimentos façaõ juizo da ventagem, que averia nas que foraõ nacidas em melhores tempos, e nas que atraz deſſas paſſaraõ, de que naõ ſabemos, nem podemos dizer nada.

CAPITULO XXIX.

Das Madres Sor Sentiz, e Sor Joana Lourenço.

COmeçaremos por huma, de quem jà o nome nos vem eſpedaçado, e naõ lhe alcançamos outro ſe naõ o de Sor Sentiz : era em todas as mais virtudes eminente, mas na da oraçaõ ſe aventajava tanto, que todas as vezes que no Coro entrava (e naõ faltava nunca delle) hia jà taõ abraſada no amor daquelle Senhor que avia de louvar com ſuas companheiras, que à viſta de todas aparecia envolta em chamas, e labaredas viſiveis de fogo vivo, que a aconpanhavaõ, como ſe fora hum Seraſim, e duravaõ nella tanto tempo, quanto tardava o Officio Divino : e aſſi como ſe hia acabando, hia tambem mingoando o fogo. Entaõ ficava toda treſpaſſada em hum profundo roubo dos ſentidos ſem dar acordo de ſi, nem de couſa da vida : e neſte eſtado ſe averiguava, e via muitas vezes que a força do eſpirito levantava em alto o peſo mortal da terra groſſa do corpo, e ficava ſuſpendida no ar, como quem jà em vida começava a voar pera os braços do Divino Eſpoſo. Era tanto o que ſe ſabia, e publicava por toda a villa de ſuas virtudes, que ſendo falecida, e enterrada dentro no cemiterio commum como he coſtume, naõ tinhaõ as Freiras huma hora de ſoſſego em todo o dia, com a inquietaçaõ que lhes dava o povo, que acodia a viſitar ſua ſepultura, obrigado de muitos milagres, que por ſeus merecimentos obrava o Senhor, em cegos, e aleijados, e em todo genero de enfermidades. E como noſſa natureza ſe leva tanto de novidades, e caſos extraordinarios, crecia cada dia mais o concurſo da gente. Mas era intoleravel o trabalho, e deſaſſoſego que padeciaõ as Freiras, porque a ſingeleza, e facilidade do tempo antigo naõ acabava conſigo ter as portas à devaçaõ, pera ſe poder fazer a romagem por ſeculares, com o decoro que convinha, onde avia clauſura. Aſſi queixandoſe ellas, e o povo naõ afroxando na devaçaõ, vieraõ a partido com os officiaes da Camara, e governo da villa, que ſe paſſaſſe pera a Igreja o corpo ſanto : onde ſem

dar

dar perturbaçaõ na Communidade podeſſe ſer de todos a toda hora viſitado. Fezſe a tresladaçaõ com alegria geral da terra. Naõ cabiaõ os devotos na Igreja, com ſer grande. Mas foy caſo peregrino, que des da hora que veyo pera a Igreja, naõ fez mais milagre: ſintiraõ ao que parece os oſſos ſantos, ainda naquelle eſtado tiraremnos da ſua clauſura, e da companhia de ſuas irmans, em que por goſto, e obrigaçaõ tinhaõ vivido muitos annos, e por morte naõ queriaõ faltar huma hora. Quarenta annos contados eſteve na Igreja, e em todos elles nem hum ſò milagre ſe contou. Corre o mundo traz ſeu intereſſe: tanto que viraõ trocada a ſeu parecer a condiçaõ na Santa, trocaraõſe tambem os homens: perdeoſe a devaçaõ. E as Religioſas com bom conſelho tornaraõ a recolher pera dentro as reliquias ſantas. Na execuçaõ deſta ſegunda mudança uſaraõ de huma bem conſiderada cerimonia: quiſeraõ ver ſe recebiaõ o que deraõ, pois o ſucceſſo ao parecer dava a ſoſpeitar outra couſa, com a falta dos milagres de quando o deraõ. Acodiraõ todas de dentro com cirios aceſos nas maons a receber o ſanto depoſito à porta: acompanhavaõno de fòra o Prior, e muitos Padres. E à viſta de todos foy o caixaõ, em que eſtava, deſpregado. Sendo aberto deu claro teſtimunho do que em ſi guardava, com hum cheyro celeſtial, e ſuaviſſimo, que encheo de nova devaçaõ, e gozo a todos os preſentes. Viraõſe as reliquias, e notouſe com eſpanto a toalha, em que eſtavaõ envoltas, taõ limpa, taõ alva, e taõ nova, como ſe naquella hora alli fora poſta. Aſſi inteiro, e ſem mais diligencia, que a que diremos no capitulo ſeguinte, foi de novo cravado o caixaõ, e metido em hum moimento de pedra, que eſtava feito à medida, e ficou em lugar decente na craſta do Coro debaixo. E pera que louvemos a Deos, que em ſeus Santos he maravilhoſo, tanto que aquelles oſſos ſecos tornaraõ ao poſto da clauſura regral começaraõ a reverdecer, e florecer de novo com grandes, e notaveis milagres.

Caenos em propoſito eſte exemplo pera louvarmos aqui aquella parte da reformaçaõ, que introduzio a Obſervancia, contra hum errado coſtume da Clauſtra: que era ſayrem as Religioſas da clauſura, ſem lhe ſer eſtranhado, e viſitarem ſuas amigas: couſa, que eſta defunta nem em ſeus oſſos mirrados aprovava, com naõ paſſarem da Igreja. E todavia he bem que fique aqui notado pera grande louvor deſta caſa, que com eſſa ſò liberdade ſe vivia nella, em tudo o mais taõ reformadamente no tempo da Clauſtra, que muitas Religioſas della teveraõ por ponto de menos valer, aceitar as regras da Obſervancia, naõ por refuſarem os apertos, ſenaõ porque nunca ſe podeſſe cuydar, que avia couſa digna de reprenſaõ em ſuas vidas. E muitas por eſta conta deixaraõ o Moſteyro: ainda que deſpois tomando melhor conſelho tornaraõ todas, como diremos em ſeu lugar. Mas das que ficaraõ, e aceitaraõ a obſervancia foy huma a Madre Joana Lourenço, peſſoa de tal virtude, que ficou em lembrança darem muitos Fidalgos de Santarem ſuas filhas a eſ-

eſte Moſteyro, ſò por receberem della a criaçaõ. Eſta foy a primeira Meſtra das Noviças, que entraraõ deſpois de aceitada, e aſſentada a Obſervancia. Era devotiſſima de Noſſa Senhora. Na oraçaõ nunca tinha limite, nem lugar certo. Sempre orava, e ſempre ardia em zelo da guarda da Religaõ, dizendo, e obrando (que ha muitos zeladores de lingua, e poucos de obra, e eſtes ſaõ aquelles a quem S. Franciſco dizia: *Fate fate, non parlate.*) He couſa certa, que eſtando na ultima hora muy fraca, e desfalecida, levantou a voz com huma força milagroſa, e com taõ alto, e naõ eſperado tom, que foy ouvida em huma varanda muy diſtante da caſa, em que faleceo. E o que diſſe foy: Chamame a minha muy alta Senhora. E acabou logo.

CAPITULO XXX.

Da Madre Sor Caterina Rodrigues: da grande tribulaçaõ em que viveo, e da glorioſa morte, com que acabou.

ASſi como a Madre Sentiz, de quem eſcrevemos no capitulo precedente, ſe aventajou no ſanto exercicio, e fervor da oraçaõ, naõ faltando em nenhuma das outras virtudes monaſticas: da meſma maneira teve a Madre Caterina Rodriguez, de quem agora diremos hum eſpirito invencivel pera ſe quebrantar com penitencias, e contradizer à natureza com paciencia. Começouſe a mortificar com huma eſtreitiſſima regra no comer, e beber. E porque o ſono he parte de ſuſtentaçaõ corporal, ainda que lhe fazia crua guerra com ſe matar de fome, e ſede, ajuntoulhe dous contrapeſos: primeyro, cortallo, e abreviallo muito notavelmente nos tempos, que era força darlhe ſua hora: ſegundo, eſſa hora, que lhe dava, era com tal trato, que o dormir, que a natureza fez pera repouſo, e alivio dos trabalhos do dia, pera ella era hum vivo tormento. Porque ſe avia de dormir, nem avia de ſer em cama, nem ſe avia de deſpir. E he couſa averiguada, que toda a vida paſſou as noites ſobre huma taboa, e ſempre veſtida, ſem mudar, nem aliviar roupa, nem fazer differença de noite da que uſava de dia; que entre todas as mortificaçoens he a mayor, que ſe pode contar. E daqui faziaõ juizo os medicos, que lhe procedera huma doença de incuravel lepra, que em fim a veyo a matar. Mas eraõ juizos humanos: a verdade foy, que quiz o Senhor provar a ſua ſerva, e ver ſe a achava igualmente fiel, e ſofrida nos trabalhos, que vinhaõ de fòra, como era nos que tomava por ſua maõ: que vay muito a dizer de aſpereza voluntaria, a aſpereza forçada. Deulhe o Divino Eſpoſo a doença, e pera lhe dobrar o merecimento fortaleceoa de huma eſtranha paciencia, com que a levava. He muy natural nas molheres ſentirem mais os males quando cauſaõ aſco: e ſe trazem conſigo deformidade, naõ ha pera ellas mayor mal. Com tudo, antes que eſte acabaſſe de a penetrar de todo, nenhum exercicio da Communidade deixava, nunca faltava do Coro, nem da ſua oraçaõ, em que era continua. Ao Santiſſimo Sacramento

to venerava com huma eſpecial devaçaõ, e affeito da alma cordialiſſimo: e era tal o reſpeito, com que hia diante delle todas as vezes, que avia de commungar, que tres dias antes, e tres deſpois guardava inviolavel ſilencio: e quando ſe offerecia couſa de tanta neceſſidade, que era força reſponder, faziao por aſſenos.

Creceo o mal, veyo a cayr, e como outro Job cobrioſe de chagas: e eſtava tal de aſqueroſa, e diſforme, que fazia medo: do que nacia, que avendo na caſa gente muy caridoſa, todavia algumas vezes aconteciaõ deſcuidos, e a pobre enferma padecia muito: mas nunca de ſua boca ſe ouvio palavra, de que as enfermeiras pudeſſem colligir nem hum leve ſentimento, ou deſconſolaçaõ de ſe ver mal tratada. Tudo referia a Deos, dandolhe graças polo trabalho da doença, que de ſua bendita maõ lhe vinha: e polo que lhe davaõ as faltas de quem a curava, que tambem conhecia, que elle as permitia, e ordenava. Rara paciencia, e digno eſpelho pera nos vermos nelle os que hoje vivemos, e entendermos noſſo pouco eſpirito polas queixas ſem fim, em que nos faz romper qualquer pequena falta, e em muito leve doença. Bem podemos cuydar, como Deos naõ faz nada debalde, que tanto pera noſſo exemplo, como pera merecimento de ſua ſerva lhe deu eſte martyrio, e a armou de taõ ſobido genero de ſofrimento.

Paſſou o mal a outro eſtremo, e chegou a eſtado, que ſe pera remedio de cura, ou de alivio, ou de limpeza a aviaõ de revolver no leito, nem ella podia ſofrer as dores, que lhe cauſava qualquer movimento, nem as enfermeiras a laſtima, e aſco que juntamente lhes fazia. E com tudo a primeirá voz, que ſe lhe ouvia entre profundos gemidos, era de louvores de Deos: e algumas vezes eſtando ſò, paſſava com elle as horas em huns colloquios taõ humildes, e amoroſos, que davaõ claros penhores de ſua conformidade. Vindo a falecer, como jà em vida eſtavaõ aquelles membros cheyos de corrupçaõ, ouve receyos entre as Religioſas, que o halito delles, e da roupa fizeſſe entaõ mais penetrativa a contagiaõ, que aquelle mal de ſi tem. E quando ſe juntaraõ pera a commendaçaõ da alma, e enterro, procurou cada huma yr a ſeu modo provida de defenſivos. Mas anticipouſe a miſericordia do Senhor a deſcobrir os ganhos, que a defunta levava de ſeu martyrio. Tanto que entrou em artigo de morte, viraõſe na enfermaria, e em todo o Convento duas couſas de grande maravilha: huma foy, ſentirſe hum cheyro taõ ſuave, e excellente, que a juizo de todas excedia os melhores perfumes, e caſſoulas da terra: a outra foy, ouvirſe hum rumor, e ſuſurro, que ninguem duvidava ſer de grande numero de abelhas juntas, que ſem ſerem viſtas venciaõ com o ruido, que faziaõ, as vozes da Communidade, que rezava. Aſſi foy levada à ſepultura com turibulos do Ceo, e muſica funeral dobrada com grande conſolaçaõ das Religioſas. Porque o bom cheyro foy penhor de que podiaõ eſtar ſeguras de contagiaõ: e a muſica inviſivel he bem

bem de crer (e aſſim foy juizo das que mais ſabiaõ della) que foſſe das almas Santas, que vinhaõ acompanhar pera a gloria a quem ſahia do purgatorio, que em vida taõ conſtantemente padecera, e que por ellas como Santa que era, devia muitas vezes offerecer ao Senhor. De huma, e outra couſa ouve logo manifeſtos ſinaes: porque da enfermidade naõ reſultou dano a ninguem; e o preço de ſua ſantidade em valia com Deos reſplandeceo de maneira, que as Religioſas, que algum achaque ou doença ſentiaõ, viſitando ſua ſepultura alcançavaõ ſaude. E paſſando a fama à villa ſararaõ muitos enfermos, recebendo, e tocando com devaçaõ a terra della; o que teve principio no caſo, que agora diremos.

Trazia huma Religioſa hum mal em huma maõ de tanta pena, e taõ pouco entendido, que naõ tinha vida nem ſoſſego, nem os medicos lhe atinavaõ a cura. Tanto que a enferma faleceo, ſonhou que lhe diziaõ, que meteſſe a maõ na ſua cova, e teria remedio. Naõ fez caſo do ſonho: mas tornandoſelhe a fazer a meſma repreſentaçaõ ſegunda, e terceira noite, o deſejo da ſaude, e medo de parecer ſuperſticioſa, fez que deſſe conta a ſeu Confeſſor. Elle lhe reſpondeo, que naõ creſſe em ſonhos, mas que viſitaſſe embora a ſepultura, e ſe encommendaſſe a quem taõ ſantamente acabara. Fez huma, e outra couſa, e eſtendeo a maõ doente ſobre a cova cobrindoa com a terra della. Foy caſo publico, e viſto de todo o Moſteyro, que dally a tirou ſam taõ ſolta, e livre de todo mal, que da outra naõ tinha differença.

Acreditaraõ eſte milagre outros muitos, que logo ſeguiraõ: como foi hum, que muito eſpantou. Eſtava atribulada, e cheya de medo huma Madre, que avia nome Anna de Santo Antonio, por lhe nacerem ſobre a menina de hum olho tres empollas, que lhe tolhiaõ a viſta com ameaças de mayor mal. Viſitou a ſepultura com devaçaõ, e deſejo de ſaude, e alcançoua. Particularmente ſe viraõ notaveis effeitos nas febres importunas, que o povo chama maleitas. E foi aſſi, que avendo naquella conjunçaõ no Moſteyro de Santa Clara da meſma villa algumas Religioſas enfermas dellas: ſò com eſta terra que pediraõ, e lhes foy às maons, alcançaraõ ſaude. E muitos annos deſpois ſararaõ com ella em differentes tempos dous officiaes pedreiros, que faziaõ as obras do meſmo Moſteyro das Dònas: hum que a mandòu buſcar, porque a doença prolongada o tinha poſto em eſtremo de fraqueza: outro que a tomou por ſuas maons, porque paſſando as ſezoens em pè, e naõ deixando o trabalho, em que aſſiſtia no Moſteyro, foy aconſelhado das Madres, que chegaſſe à cova, e ſe valeſſe della. E ainda no tempo preſente as Religioſas, que na meſma caſa adoecem deſtas febres, ou de outro qualquer mal, logo acodem ao primeiro ſitio, em que aquelle ſanto corpo teve ſepultura: e exprimentaõ na terra delle a antiga virtude. Digo, primeyro ſitio, porque quando a Madre Sor Sentiz, de que atràs eſcrevemos, foy tresladada da Igreja pera dentro, pareceo bem que ficaſſem duas Santas juntas, por ſer o caixaõ capaz

das

das reliquias de ambas: e começando a aparecer por entre a terra, que ſe tirava, os oſſos ſantos, foy ſayndo delles hum cheyro de notavel frágrancia, e recreaçaõ, que refreſcou a memoria do ſucceſſo de ſeu enterro: e logo foraõ juntos com os da Madre Sentiz, e collocados no moimento de pedra, que atràs contamos.

CAPITULO XXXI.

Das Madres Sor Eyria Alvares, e Sor Breytiz Feijò, e outras ſem nome.

FIcou do tempo das Madres Sor Sentiz, e Sor Caterina Rodriguez huma bendita velha, que as antigas, que a alcançaraõ, affirmavaõ chegara à idade de cem annos. Devia ſer natural da villa, porque tinha o nome de Eyria, e chamavaſe Eyria Alvares. Eſta Madre fez ſeus empregos em abſtinencia: e ſabendo quanto importa pera meyo de alcançar, e conſervar todas as virtudes, cuydou huma eſtranha invençaõ pera nunca deixar de ſer abſtinente, e ſempre aborrecer a comida. Era a invençaõ trazer de contino na boca hum paninho de ſal, com que alem de mortificar o appetite da comida ganhava huma lembrança continua de guardar ſilencio, no qual ſe affirma que tambem era unica, porque nunca lhe ouviaõ falar ſenaõ o que era muy neceſſario. Quando chegava a comer, em tudo o que lhe davaõ lançava de novo muito ſal, e juntamente vinagre, pera que ou perdeſſe algum bom ſabor ſe o tinha, ou a lingua, e garganta o enjeitaſſem por intoleravel, e fero. Por eſtas virtudes, e outras era tida em grande conta; e a Rainha dona Caterina molher del Rey dom Joaõ o Terceiro, que ainda alcanſou, fazia della tanto caſo, que quando hya a Santarem, e entrava no moſteyro, ſempre a chamava pera junto ſi, e o nome que lhe dava era de ſua amiga: e algumas vezes lhe mandava pratos da ſua meſa, ajuntando lembranças, que comeſſe delles ſem as ſuas ſalſas ou miſturas, de que jà tinha noticia. Mas eraõ perdidos os aviſos, porque ella naõ ſabia deſiſtir da mortificaçaõ. A eſte modo de proceder continuando por quaſi cem annos de idade pera confuſaõ de goloſos, e delicioſos, que com a variedade, e abundancia dos manjares mais eſcolhidos corrompem a natureza, e fazem a vida enferma, e curta: ajuntava a boa velha huma continua oraçaõ com tanto fervor de eſpirito, principalmente quando ouvia Miſſa, com a conſideraçaõ dos myſterios da Paixaõ do bom Jeſu nella repreſentados, que ao levantar da Sagrada Hoſtia ſentia em todos os membros hum martyrio de impetuoſas, e graviſſimas dores, que a obrigavaõ a derramar infinitas lagrimas. E porque eſtas lhe davaõ honra com quem as via taõ bem empregadas, dizem que fez petiçaõ ao Divino Eſpoſo, que lhas tiraſſe, dobrandolhe a affliçaõ, e o martyrio. Aſſi aconteceo, que ſubitamente ſe lhe ſecou o affeito de chorar, crecendo à cauſa, e à rezaõ que dantes o acendia, que eraõ as meſmas dores, mas com aventajado tormento ſegundo ſua petiçaõ: do qual ſe lhe viaõ no roſto, ſe naõ era em lagrimas, clariſſimos finaes em tudo o mais.

Deſte grande favor do Ceo deu conta a peſſoas de credito pera honra, e gloria de Deos: e tal eſtava a caſa, que toda ardia em amor divino, e tudo ſe podia crèr das moradoras della. E foy bom argumento huma revelaçaõ, que em particular ſegredo deſcobrio a huma Madre, que muito amava chamada Ines do Sepulcro, que na vida eſpiritual inſtruhya. Contou que vira hum dia a Igreja, e Moſteyro cercado todo de hum reſplandor celeſtial, que hia parar como em fonte no Sacrario do Santiſſimo Sacramento: da qual viſaõ ſe perſuadia, que tudo naquella caſa era ſantidade. A vida ſanta ſeguio morte glorioſa: foia deſemparando o calor natural vencido da longa idade. Sobreveolhe hum accidente dos que ſaõ corredores da ultima hora: acodio a Communidade ao ſom das taboas, que logo ſoaraõ por toda a caſa. Quando tornou em ſi diſſe, que ſe podiaõ recolher, e quietar, que ainda naõ era tempo, e como o foſſe ella aviſaria as enfermeiras pera fazerem final. E como ſe tivera as horas, e o tempo na maõ, aſſi aconteceo: e aſſi acabou.

Por differentes vias corria a meſma carreira da oraçaõ, e penitencia a madre Breytiz Feijò. Oitenta annos que teve de vida, e conſta que viveo alguns mais, empregou todos em ſe mortificar, e orar: ſempre ſeguio as horas, e lugares da Communidade ſem faltar em nenhum: todo o mais tempo naõ ſabia buſcar outra eſtancia ſe naõ o Coro. Alli, como ſe fora hum Padre do ermo, varaõ robuſto, curtido do Sol, e do frio, paſſava as noites inteiras, e o que tinha livre dos dias: os joelhos ſempre em terra, e as maons, e olhos ao Ceo taõ abſorta nelle, que de nenhuma couſa de cà parecia ter ſentimento. Huma noite de Natal deſpois de dizer a liçaõ oitava, que lhe tocou, fez huma muy humilde inclinaçaõ diante do Santiſſimo Sacramento, e diſſe eſtas palavras: Senhor ficaivos embora, que jà cà vos naõ direi outra. E aſſi foy. Adoeceo pouco deſpois de hum prioriz agudo, que em breves dias a trazpoz no Ceo. Sendo falecida lhe foy achada, e tirada huma cinta de ferro de largura de tres dedos companheira ſua, ao que ſe podia julgar, de toda a vida.

Cerremos eſte Capitulo com duas irmans, que ſendoo por ſangue, e nacimento, tambem o foraõ em nos negar a antiguidade ſeus nomes. Mas neſta ſemelhança, e igualdade tinhaõ huma differença, que eſmerandoſe ambas em deſejos de agradar o divino eſpoſo das almas, huma o buſcava na quietaçaõ, e ſuavidade da oraçaõ: a outra em andar todo o dia da enfermaria pera a coſinha, e da coſinha pera a enfermaria negoceando com cuidado ora o comer, ora as meſinhas, ora a limpeza, e commodidade das enfermas. Sucedeo em huma noite tormentoſa dar hum acidente a huma religioſa: eſtavaõ apagadas as alampadas dos dormitorios: foi correndoo a ſolicita Marta, que tinha por dita a aſpereza da noite pera acrecentar merecimento do ſerviço; e como noutra parte naõ avia luz, entrou polo Coro a buſcala, e tornou com ella. Mas com ſer a deshoras, e em tal noite, achou a irmam,

que

que vigiava nelle em oraçaõ diante de hum Crucifixo. He fama confirmada com tradiçaõ recebida de maõ em maõ por todas as idades, que falou o Senhor da Cruz à que nelle eſtava toda enlevada (que vendo em tal tempo a irmam ficou todavia perturbada) e o que lhe diſſe foi, que mais merecia ſua irmam por andar naquella hora deſvelada em acodir ao ſerviço da enferma, que ella com aſſiſtir alli a noite inteira orando. Dignas palavras de quem as diſſe: e grande conſolaçaõ pera todos os que na Religiaõ ſe occupaõ por obediencia em ſerviços das Communidades, que ao parecer ſaõ diſtractivos, e de pouco merecimento. Saibaõ certo, que pera noſſo enſino ſucedem eſtes caſos, e ficaõ em memoria. Que aſſi como S. Paulo quando guardava as capas dos que apedrejavaõ ao Santo Potromartyr Eſtevaõ levava ſua parte em cada huma das pedras, que tiravaõ os que o tinhaõ feito depoſitario da roupa, porque de tal ſerviço reſultava poderem mais ſoltamente menear maons, e braços: nem mais nem menos qualquer Religioſo, que com bom animo ſe emprega em ſervir ſua communidade, por humilde, e abatido que ſeja o officio, viva confiado, que a elle refere o juſto premiador das boas obras grande parte do que ganhaõ os mais abraſados eſpiritos prègando, doutrinando, confeſſando, e ſacrificando. Eſte Crucifixo, que aſſi falou, dizem que he o meſmo, que hoje eſtà na enfermaria deſte Moſteiro.

Act. 7.

CAPITULO XXXII.

Das Madres Sor Caterina Nunes, Sor Caterina Pacheca, e Sor Caterina da Coſta.

DE outras tres Madres, tambem do tempo antigo temos que tratar, todas tres raros eſpiritos, e raro cada hum por ſua via, e todas tres de nomes Caterinas. A primeira ſerà a Madre Caterina Nunes, de quem ſabemos, que atè o ultimo ponto da vida, que foi muy comprida, continuou com huma abſtinencia ſemelhante às que ſe eſcrevem dos Padres do ermo. Paſſava as Coreſmas inteiras ſem mais mantimento, que paõ, e laranjas. Nos dias de Comunhaõ por reſpeito daquelle alto Senhor, que recebia, naõ comia nada atè o dia ſeguinte. Sua perpetua reſidencia era no Coro, donde nunca ſahia ſenaõ por grande força de neceſſidade. Em tudo quanto dezia, e fazia ſe lhe enxergava andar abraſada em amor divino. Nunca nomeava a Chriſto ſe naõ polo ſeu bom Jeſu, ou polo ſeu cordeiro ſem magoa, e o nomeallo era com entranhavel alegria. Conheceo a hora de ſua morte. Eſtando enferma da doença, que a levou, mandoulhe a Prelada huma noviça, que aſſiſtiſſe com ella pera a vigiar, e ſervir. Naõ o conſintio dizendo, que naõ queria canſar a ninguem antes de tempo: que quando o foſſe, ella teria cuidado de aviſar. Paſſou aſſi alguns dias, e no cabo delles advertio às enfermeiras, que era chegada a hora, que a naõ deixaſſem, e moſtroulhes onde tinha junto todo o neceſſa-

rio pera ſua mortalha. E aſſi ſe foi pera o Ceo como hum Anjo.

He ſegunda a Madre Caterina Pacheca, Religioſa de grande oraçaõ mental, exercicio ſeu de toda a vida: e viveo tanto, que chegou a naõ ſe poder bolir ſenaõ ſobre muletas, porque ſe ajuntava aos longos annos outra aleijaõ, que tinha natural. Eſtando doente na enfermaria lhe fez o Senhor hum ſoberano favor. Era huma noite da Semana Santa, e da quinta feira pera a feſta, eſtava bem eſperta, e empregada toda na conſideraçaõ dos myſterios de tal tempo, eis que começa hum ruido por toda a caſa, como de tropel de gente, que vinha andando à preſſa, e empuxandoſe, e forcejando com grita, e vozeria, e grande rumor: e no meſmo tempo ſentio mover, e eſtremecerſe todo hum devoto Crucifixo, que tinha à cabeceira. Naõ caindo no que poderia ſer, e ficando torvada, começou a ouvir huma voz de pregoeiro mui alta, e retinida, que diſtintamente declarava a morte, que Pilatos mandava dar ao bom Jeſus, como quando hya caminhando pera o Calvario polas ruas de Hieruſalem. Neſte paſſo foi tal a dor da devota enferma, que levantou a voz em grita dizendo: Senhor, Senhor, iſto naõ he pera mim, que vos creyo, e confeſſo, e ſei que iſto, e muyto mais paſſaſtes por mim: là Senhor aos infieis, que vos naõ crem, moſtrai eſtes ſinaes. Acodiraõ as enfermeiras, e outras enfermas, que eſtavaõ perto, ao grito com eſpanto (que do mais naõ ſintiraõ nada) e obrigaraõ a velha ſanta a declarar a cauſa.

Chamavaſe a terceira Religioſa Sor Caterina da Coſta, que por muito zeloſa da Religiaõ, e guarda da regra ſervio longos annos o cargo de Supriorefſa. Na virtude do ſilencio ſe eſmerou com grandes, e notaveis particularidades, e com as meſmas em huma affectuoſa devaçaõ com as almas do fogo do Purgatorio. Aſſi naõ ſe tinha por maravilha, que quem tratava ſempre com defuntos guardaſſe ſilencio com os vivos. Mas todavia eſpantava muyto o continuo trato, que tinha com as almas deſejando fazerlhes bem, e o grande deſaſſombramento, e pouco medo com que falava com ellas procurando ſaber ſuas neceſſidades, e remedeallas por todas as vias, que podia. Da morte de ſeu pay foi aviſada por elle meſmo, que lhe apareceo, e deu conta do eſtado em que eſtava, e do que avia miſter que fizeſſe por ſua alma. Eſtava huma noite no ſeu leito em oraçaõ, ſentio por junto delle como eſtrepito de gente, que paſſava: levantou a cortina, e vio huma comprida prociſſaõ, e toda a companhia della veſtida de branco. Como acoſtumada a ſemelhantes viſoens naõ ſò ſe naõ perturbou, mas perguntou confiadamente aos de mais perto, quem eraõ, e a que vinhaõ alli. Reſponderaõ que eraõ almas do Purgatorio, e vinhaõ viſitar, e conſolar por particular privilegio, e mercè de Deos huma ſua devota daquella caſa, que muitos bens lhes fazia, e eſtava doente. Taõ deſaſſombrada ſe achava a boa velha, que fez ſegunda pergunta, ſe avia de morrer a que queriaõ viſitar: e foilhe reſpondido, que daquel-

la

la doença naõ. Era a enferma a Madre Micia dos Apoſtolos, de quem adiante falaremos, peſſoa bem merecedora de taes viſitas: a qual com ſer ainda entaõ moça era jà taõ eſtimada de todas as Madres, que o goſto de as alegrar com a boa nova obrigou a ſanta velha a deſcobrir a viſaõ. Faleceo em boa velhice cheya de dias, e com grandes ſinaes de Santa.

CAPITULO XXXIII.

Da Madre Sor Breytiz Salema.

SEgue a eſtas Religioſas antigas a Madre Sor Breytiz Salema, tambem antiga como ellas, mas aventajada, ſe ſe pode dizer, em hum ſanto propoſito, com que ſe determinou a retratar em ſi em ſupremo gràо todas as virtudes juntas de huma perfeita Religioſa, e em cada huma ſer unica. E naõ cuide ninguem, que he iſto termo Retorico, e querer ſair do eſtilo devido à hiſtoria. Naõ he ſempre ſeca a verdade: fariamos contra ella, ſe por medo de parecer amigos de encarecer, uſaramos termos breves, e ordinarios, e menos ſignificativos do que merece hum valor naõ coſtumado nem ordinario, como foi o deſta Madre. E todavia por fugir ditos, e opinioens iremos eſcrevendo ſingelamente o que della achamos, e ſem mais cores nem ordem, que a que tem em ſua fonte. Primeiramente, porque ſe naõ poſſa duvidar do que diſſermos de ſuas couſas, fundou a vida em huma profunda humildade, tomando por ſua vontade todos os mais baixos, e abatidos officios da caſa. Ella era a que alimpava todas as immundicias do moſteyro, e atè as eſcravas ajudava a ſervir como ſe fora huma dellas: e iſto naõ era ſò ſendo moça, ſe naõ tambem deſpois de muito velha, que ſempre andava com a vaſſoura na maõ varrendo tudo o que naõ eſtava muito limpo. No Coro nenhum officio eſtimava como o de noviça. Aſſi quando as Madres hiaõ a elle, jà tinha candeas aceſas, livros poſtos, e regiſtrados, e tudo taõ a ponto ſem ſer de ſua obrigaçaõ, como ſe na verdade eſtivera à ſua conta. Eralhe facil eſta diligencia, porque dormia muito pouco (que he outra grande virtude monaſtica) e nenhuma na caſa ſe levantava primeiro a Matinas: e como ſe trouxera conſigo o relogio, aſſi eſtava pronta na hora, e pola meſma rezaõ ella era a que de ordinario eſpertava, e tangia a Matinas. A falta de ſono naõ lhe procedia de natureza pouco inclinada a elle, ſe naõ de quebrantada, e vencida com força de abſtinencia: ſoberana virtude, e de todas as outras conſervadora. Affirmaſe della, que nunca comia mais, que paõ ſeco: ora ſeco, ora em ſopas, que devia ſer deſpois, que a idade lhe foi roubando os dentes. A ſua pitança da meſa lhe levavaõ ſempre preſos da cadea publica, que tomava à ſua conta pera os manter, ou outros pobres. Eiſaqui como ſe alternava a abſtinencia com a charidade, ou como huma virtude era origem da outra. Mas pois tratamos da caridade, que uſava com os neceſſitados das portas a fora, naõ deixemos pera mais longe a que das portas a dentro exercitava.

To-

Toda ſua vida coſtumou ſervir as enfermas, alimparlhes os leitos, yr, e vir à cozinha polo jantar, e cea de cada huma com tanta diligencia, que ainda deſpois de velha competia com as mais piadoſas ſervidoras. E pera que abramos os olhos, conſiderando com eſpanto os juizos de Deos, ſendo as obras de charidade taõ eſtimadas delle, que de ſua boca nos affirma aceitar por feitas em ſerviço ſeu, as que por qualquer neceſſitado fizermos: no meſmo exercicio aconteceraõ à ſanta velha dous caſos, hum dos quaes lhe cuſtou perder huma maõ, e o outro a vida, e paſſaraõ aſſi. Indo depreſſa acodir a huma enferma com certa couſa, que na maõ levava, ou ſe ferio nella, ou ſe queimou (o certo naõ conſta) de tal ſorte, que a poucos dias lhe ſaltaraõ erpes, e poſta em cura ficou com vida, mas porque foi neceſſario ſarjarlhe a maõ ficou aleijada: e com tudo nada eſcarmentada, nem menos ſolicita nos officios de piedade. Era polo mez de Agoſto, e em dia de noſſo Padre, e caſa revolta, e toda occupada em feſtejar o Santo. Entaõ he o tempo em que padecem os enfermos, porque feſtas grandes ſaõ ſò pera os ſaons, e todos ſe querem achar nellas. Eraõ horas de jantar, e paſſava de horas: vio a ſanta velha, que naõ avia quem ſe lembraſſe de huma pobre doente, fraca, e neceſſitada: naõ ſe quiz valer do privilegio da feſta, nem da idade que jà entaõ era quaſi decrepita, nem deſculparſe com o perigo do Sol de Agoſto, avendo de fazer o caminho pera a cozinha por lugar deſcuberto a elle: foi correndo, chamou, bateo, porque a achou fechada. Avia dentro tanto em que entender, que ou naõ foy ouvida, ou a naõ quiſeraõ ouvir. Fazialhe guerra pera que ſe tornaſſe o ardor da calma, que ſem reparo alli fervia, mas era mayor o que ſentia de charidade em ſuas entranhas: bater, e gritar parecialhe genero de impaciencia, e importunaçaõ, ſendo ſeu coſtume ſofrer tudo, e a todas, naõ ſer peſada, nem dar eſcandalo a ninguem. Eſcolheo por menos mal o que era mais em dano ſeu, que foy eſperar, e ſofrer o Sol: mas dalli trouxe logo huma fezaõ: e ſegundaraõ outras que a levaraõ em poucos dias. Aſſi foy martyr da charidade, e juntamente da paciencia, e manſidaõ: pois com huma pequena falta, que fizera em qualquer deſtas virtudes, eſcuſava a doença: porem affirmaſe, que era taõ de bronze na paciencia, e taõ de roſas na manſidaõ, que nem com huma eſcrava ſe lhe vio nunca final de ira: e ſobejando nas Communidades grandes, como foy ſempre a daquelle Moſteyro, occaſioens de encontros, e deſgoſtos, ella os ſabia levar, ou deſviar de modo, que nunca perdeo a paz da alma conſigo, nem com outrem des do dia que veſtio o habito da Religiaõ.

Sendo tal nas virtudes, que tem reſpeito ao proximo, era prontiſſima muito mais do que ſe pode encarecer nas que ſò tem por objeito a Deos. Como ſohia chamar, e eſpertar a Matinas polo pouco que dormia, e era a primeira que a ellas vinha, aſſi aſſiſtia nellas, e em todos os mais Officios Divinos, com tanto eſpirito, e taõ enlevada no

que

que rezava, que ſeu roſto a quem a via no Coro parecia de hum Anjo. Deſpois das horas a que era obrigada aſſiſtir ſempre ſe ficava em oraçaõ, e nella continuava com attençaõ eſtranha. He couſa certa que em tempo de recreaçoens, quando por dar algum alivio ao trabalho de todo o anno concede o coſtume da Ordem diſpenſaçaõ nas Matinas da meya noite, a Madre Breytiz Salema naõ podendo acabar conſigo deixar de acodir àquella hora a louvar o Senhor, caminhava ſò pera o Coro, e alli aturava toda a noite em peſo, atè horas de Prima, taõ eſquecida de ſi, e de tudo o da vida, que por muito rumor que ſe fizeſſe, ou caſo extraordinario que aconteceſſe, nenhuma couſa baſtava pera tolher aquelle ſono do Ceo, com que o Senhor ſabe recrear as almas, que o amaõ. Quando ſe achava aſſi ſò no Coro, o poſto que tomava era no meyo delle, pera ficar defronte do Santiſſimo Sacramento. A poſtura naõ aſſentada como fazem as fracas, e mimoſas, ſe naõ joelhos em terra, e maons levantadas, e todos os ſentidos paſſados ao Ceo por alta contemplaçaõ. Acontecia em tardes de veraõ entrarem as Religioſas, e veremlhe o roſto cuberto de moſcas, que a comiaõ, ſem fazer ſentimento, nem dar acordo de nada. Mas o que mais eſpanta he, que atè a hora da morte nunca ceſſou, nem afroxou neſte eſtilo, e ordem de vida: antes perſeverou ſempre, ſeguindo o Coro dia, e noite, e reſidindo nelle, ſalvo em quanto era occupada em officios da Communidade, ou acodia ao ſerviço das ſuas enfermas.

A oraçaõ taõ continua ajuntava huma entranhavel devaçaõ com a Virgem glorioſa do Roſario, empregando em ſeu ſerviço, e ornato de ſua Confraria tudo quanto lhe vinha às maons, e podia grangear. Quando chegou ao fim da vida, das ſezoens que diſſemos, acompanhandoa a Communiddade, ſobreveolhe hum deſmayo que pareceo termo de quem queria acabar. Quando todas cuydaraõ que ſe finava, ella tornou rindo com hum geſto, e viveza de ſam. Diſſelhe huma das que eſtavaõ mais perto: Que he iſto Madre, de que rides? Viſtes por ventura aquella Senhora de quem ſois taõ devota? Reſpondeo a enferma palavras formaes: Ella me deu a ſua graça. E ſem dizer outra couſa rendeo a alma ao Creador. Seguiraõna as Madres de commum conſentimento, naõ com canto funeral, e triſte, mas como em triunfo com hum alegre *Te Deum laudamus*, ſegundo era decente a quem morria com o final que o Eſpirito Santo dà da molher, que canoniza por Santa, dizendo: *Et ridebit in die noviſſimo*: Morrerà rindo. Prov. 31.

CAPITULO XXXIV.

Das Madres Sor Anna Vilella, e Sor Anna Carreira.

A Madre Anna Vilella ganhou nome de eſmoler naõ tendo de ſeu nada, e vivendo entre Freiras pobriſſimas. Mas aqui cabe o louvor que teve a velha do templo por boca da ſumma Verdade: que deu mais que os ricos, que vazavaõ bolſas, ſò com dar os ſeus dous ſeitis, porque elles davaõ das bol- Luc. 21.

bolſas cheyas, e do que lhes ſobejava; ella dava da boca, e tirava da ſuſtentaçaõ daquelle dia. Nem mais nem menos fazia eſta Madre: partia a pobre pitança polo meyo: juntavalhe o que podia polas amigas, e pola meſa, e conſolava hum pobre. Iſto fez ſempre, e cada dia ſem mudança. Mas avendo quem lho eſtranhava deſpois de velha, e fraca, dizendo que avia miſter ajudarſe do mantimento, com lembrança que a charidade começava pola propria peſſoa (que atè idiotas ſabem Theologias em proveito do corpo) ella reſpondia, que huma ametade queria pera a alma, e a outra baſtava pera o corpo. Toda a vida teve de coſtume levantarſe infalivelmente à meya noite: e rezava logo com particular devaçaõ os ſete Pſalmos penitenciaes: e quando chegava ao verſo do ſetimo que diz: *Expandi manus meas ad te*: *anima mea ſicut terra ſine aqua tibi*, a eſtas ultimas palavras batia nos peitos com huma pedra por tres vezes com tanta força, que acordavaõ as Religioſas ao eſtrondo dos golpes: e o coſtume de as ouvirem cada noite, e às meſmas horas, e ſaberem todas donde procediaõ, veyo a facilitar o que dantes cauſava medo, e torvaçaõ. Era taõ obediente, que tendo muito amor a huma gatinha, que criara, e mandandolhe a Prioreſſa, que naõ entendeſſe com ella, por lhe parecer que ſe occupava, e inquietava mais do neceſſario, ou por ventura pola provar: obedeceo taõ fielmente, que nem olhar pera ella ſe atrevia. E acontecendo chegarſe a ella o pobre animal polo inſtincto natural da criaçaõ, torcia o roſto pola naõ ver, mas os olhos davaõ final arraſandoſe de lagrimas polo muito que lhe cuſtava a força que ſe fazia, por naõ faltar na mayor da obediencia.

Creceria muito eſte volume, ſe ouveramos de proſeguir todas as couſas que ha dignas de memoria nas vidas deſtas Madres. Aſſi nos contentamos com tocar ſòmente algumas, e cortar muitas, porque as que ſe apontaõ parecem baſtantes pera ſe entender o eſpirito, e valor de cada huma. Anna Carreira ſe chamava huma Madre que veyo buſcar eſta ſanta morada, deſpois de muitos annos de mundo empregados em penſamentos altos, e eſperanças de grandezas da terra, porque ajuntava com bom ſangue partes naturaes excellentes, e o que o mundo mais eſtima, muita, e groſſa fazenda. Guardavaa Deos pera ſi, foylhe abrindo os olhos do entendimento, que tinha eſperto, e aſſentado, moſtroulhe em cabeça alheya ſucceſſos aveſſos, deſaſtres naõ cuydados, eſperanças cortadas em flor. Reſolveoſe polo diſcurſo do tempo, que ſò a Religiaõ, e o buſcar a Deos era porto ſeguro de corpo, e alma. Sem mais eſperar deixa tudo, entra polo Moſteyro huma noite (proprio tempo de quem foge) abraçada com hum Chriſto crucificado, naõ ſe fartando de lhe dar graças: porque nenhum outro conſelheyro achara do bem, em que ſe via de o buſcar, ainda que tarde, ſe naõ ſò a elle. Trazia grande animo, mas eraõ as forças fracas, e eſſas debilitadas com o habito da vida empregada em delicias de gente rica. Aſſi fizeraõ a batalha

talha mais perigoſa, e a vitoria de mais merecimento. Como quem pera ella ſe armava de hum arnes trençado, veſtio logo hum gibaõ inteyro de cilicio, e deuſe tal manha com todos os rigores da Ordem, que ninguem os executava melhor. Porem era à cuſta de muitos trabalhos, e contradiçaõ da carne, e da natureza: e tambem do que o enemigo commum lhe procurava com tentaçoens perſuadir, como deſpois pareceo.

Paſſou ſeu anno de noviça: fez profiſſaõ com alegrias, e jubilos da alma. Mas Lucifer, que ardia de rayva, e enveja de ſe ver atropelado, e vencido de huma fraca molher, determinouſe com ella em guerra deſcuberta, e guerra de maons: ſalta nella na meſma noite da profiſſaõ, lançalhe maons à cabeça, afferralhe do veo: defendeſe a profeſſa, e grita, e em fim fica com vitoria. Naõ quiz todavia o ſoberbo apartarſe ſem alguma vingança. Tinha a nova profeſſa no ſeu leito hum caixaõ de muitos brincos de procelanas, vidros, criſtays, e outras miudezas, que como eraõ de caſa rica, todavia tinhaõ valia. Neſtas fartou o odio. Acharaõſe pola manham todas feitas pedaços, e taõ eſmiuçadas, e moydas, que ſò maons do diabo poderaõ tal obrar. E foraõ viſtas por todo o Moſteyro com eſpanto, e laſtima: mas ſò pola profeſſa com goſto, por lhe naõ ficar couſa da terra em que o occupaſſe. Caindo o enemigo na conta, que fizera lanço contra ſi, tornou outras noites a perſeguilla, procurando arrancarlhe o veo da cabeça, e arrepelandoa: feitio, e obras que a fundavaõ cada hora mais no amor de Deos. E aſſi dizem, que a eſtancia do leito, onde eſtas perſeguiçoens padecia, lhe ſervia mais de oratorio, que de cama, mais de trato com Deos, que de ſono. Porque paſſava as noites inteiras orando com tal enlevamento da alma, e dos ſentidos, que acontecia entrarem Freiras a tomar luz da ſua candea, e aſſentaremſe a rezar junto della, ſem ella dar fé de nada, nem acordo de ſi. Mas lograſe mal tudo o que tem eſtremos de bom, porque o naõ merece o mundo. Viveo poucos annos deſpois da profiſſaõ: e acabou como viveo com morte de Santa. Do que ouve fermoſo teſtimunho alguns annos deſpois. E foy aſſi, que abrindoſe a ſua cova pera lançarem nella outra defunta, ſahio de dentro hum cheyro de taõ exceſſiva ſuavidade, e fragrancia, que os Religioſos, que faziaõ o officio, culpavaõ quem tinha o cargo da Sacriſtia, affirmando, que em lugar de incenſo ſe queimavaõ no turibulo paſtilhas, ou beijoim. Porem averiguada a verdade com viſta da naveta, cahiraõ que a Madre Anna Carreira era a que convertia com ſua ſantidade aquelle pò, que tocava ſeus olhos, em barro de cheyro, e paſtilhas do Ceo: e como eſtava freſca a memoria de ſuas virtudes, naõ ſe eſtranhou a maravilha.

CAPITULO XXXV.

Das Madres Sor Filippa de Caſtro, e Sor Filippa Godinha.

A Duas Annas ſantas ſuccedem duas Filippas, que o naõ foraõ menos. Ambas chegaraõ com a idade a noſſos tempos. Ambas muito penitentes, e de grande oraçaõ. Huma foy a Madre Sor Filippa de Caſtro: outra Sor Filippa Godinha. A primeira teve particular excellencia em ſer amiga do bem commum da caſa, e eſtimar o particular de cada Freira mais, que proprio: e naõ ouve nunca occaſiaõ taõ peſada, que lhe abateſſe o fogo da charidade, que tinha pera com todas. Por ſer eſta foy vinte annos porteyra: e nunca o trabalho do cargo a fez afroxar na penitencia, ou deſcuidar na oraçaõ. Todos os ſabados do anno jejuava a paõ, e agoa, à honra de Noſſa Senhora, de quem era devotiſſima. O meſmo fazia todas as veſperas das ſuas feſtas, e das feſtas dos Apoſtolos: e na Quareſma ajuntava a eſta penitencia as quartas feiras. Por maneira, que contados os dias, vinha a fazer interpoladamente em cada hum anno quaſi duas Quareſmas de paõ, e agoa. Na oraçaõ aſſiſtia com tanto goſto, e aſſi a continuava, como ſe outra couſa naõ tivera em que entender: e tal era a conſolaçaõ de ſeu eſpirito nella, que lhe tresbordava no roſto, e parecia a quem a via, que ſe eſtava rindo. Veyo a falecer de huma febre ardente acompanhada de modorra, e freneſi, que a conſumio em termo breve: mas foy o Senhor ſervido que antes de acabar tornou em ſi, e com perfeito juizo, e conhecimento do eſtado, em que eſtava, tratou de ſua alma, e ſe deſpedio de todas: e com grande animo, e conformidade com Deos ſe foy pera elle.

A penitencia da Madre Filippa Godinha foy couſa extraordinaria, e fòra do commum. Por ella era chamada de todas: O Padre do ermo, e avida por Santa. Nunca trouxe tunica de linho, nem de eſtamenha. Veſtia ſobre as carnes hum cilicio inteiro, que era hum gibaõ de pano baixo, e aſpero, trajo de molheres do povo humildes, que ellas chamaõ ſainho, por ſer mayor, e mais comprido de talho, que o gibaõ. Cama tinha, mas naõ pera dormir nella: ſò lhe ſervia de nome, de effeito nunca, porque nunca ſe deitava nella. E tal era eſta cama de eſtado, que tambem fora penitencia por ſi ſofrella: e pera ſe mortificar em todo tempo, ſofriaa nas doenças. Era hum enxergaõ velho, e podre, acompanhado de hum colchaõ de lam quaſi vazio, em ſima por lençoes, e mantas huns pedaços de cubertas, que ſendo de panno do monte ſeco, e aſpero, a muita velhice, e roturas as faziaõ brandas Outra couſa naõ avia nella. Neſta affirmaõ que a viraõ deitada em doença graviſſima, que padeceo de febres ardentes ſobre huma inflammada eriſipula. Tomava muitas diciplinas, jejuava todas as ſeſtas feiras do anno a paõ, e agoa, e na Quareſma tambem as quartas feiras. A oraçaõ era paſto ſuaviſſimo de ſua alma, e ſuas delicias. Pera gozar della nem na ultima ida-

idade podia acabar conſigo ficar de Matinas. A todas acodia com hum cuidado invencivel, e deſpois ficava de ordinario no Coro atè pola manham. Era grande amiga do ſilencio, e naõ abria a boca ſenaõ pera couſas muy forçadas. Se ouviſſe pratica eſpiritual acodia, e reſpondia, e alargavaſe, principalmente quando ſe tratava da Paixaõ de Chriſto, de que era mui devota. Na hora da morte foi perſeguida do enemigo infernal, que a tentou viſivelmente. Defendiaſe com obras, e palavras, como outro S. Martinho: armavaſe com o ſanto ſinal da Cruz, e dizialhe: Renego de ti, e de tuas màs obras. Vaite pera o teu lugar. Aqui naõ tens que fazer. Sou alma de ſalvaçaõ. Meu Deos morreo por mim, elle me ha de ſalvar polos merecimentos, que pera mim ganhou na Cruz: e juntamente polos de meu Padre S. Domingos, cuja filha ſou. Outras vezes fechava os olhos pera huma parte do leito, outras fazia ſinais de deſprezo, e eſtendendo o braço, e cerrando a maõ dava figas. Em fim quietou; e com o nome de Jeſu na boca, e na alma paſſou à quietaçaõ perpetua.

CAPITULO XXXVI.

Da Madre Sor Maria de Mendoça.

COmeçamos a eſcrever de gente, que conhecemos de mais perto: e ainda que he coſtume do mundo fazer muito caſo das couſas antigas, e muitas vezes ſem mais rezaõ, que o goſto, e inclinaçaõ, que noſſa natureza tem a eſtimar mais tudo o de longe, e que naõ tem uſo: a verdade he que o ouro velho naõ he melhor por mais velho, ſe naõ por mais fino: e quem o achar hoje taõ ſubido em quilates, como he o dos Portugueſes del Rey dom Manoel, ou dos dobroens de duas caras dos Reys dom Fernando, e dona Iſabel, naõ tem pera que deſejar, nem envejar mais velhices. Porque com o meſmo fogo, que apurou o antigo, podemos levantar o novo a igual, e mayor fineza. Da meſma maneira veremos daqui em diante neſte Moſteyro alguns eſpiritos, que naõ devem nada em valor aos muito atrazados em annos, e muito abaliſados em boas calidades: e naõ ha que eſpantar, pois ſabemos que huns, e outros ſaõ obra ſayda de huma meſma forja, e das maons do meſmo official, que he Deos. Bem o podemos dizer pola Madre Sor Maria de Mendoça, que ſegundo ſua grande religiaõ, zelo, e eſpirito de governo, ſe cahira nos tempos muito antigos, receberamos ſua memoria como couſa eſtranha, e peregrina; e todavia acharemos que foy igual ao valor dos que celebramos por muito afaſtados da idade preſente. Quinze annos teve o trabalho de Prioreſſa. Soube ajuntar no officio dous eſtremos, com que ſe fez grandemente eſtimar, que foraõ ſer temida, e amada: pera o que lhe valeo huma natureza, que tinha, muy humilde, e ſofrida: e igualmente inteira, e varonil. Saõ eſtremos taõ neceſſarios em quem tem qualquer adminiſtraçaõ, que por iſſo vemos hoje tanta falta de bons governadores, e bom governo por toda a parte, porque

naõ ha quem eſtude em os alcançar, e manter juntos. Huns cuidaõ que tudo ſe alcança com rigor, daõ em tyrannos, e ganhaõ odio dos ſubditos. Outros ſeguem tanta brandura, que de froxos, e pera pouco ſe fazem deſeſtimar, vaõſe com todos, naõ contradizem nada: e cuydando ganhar amor por eſta via, vem pola meſma a ſer mais aborrecidos, que os tyrannos. A Madre Maria de Mendoça na ſua pequena Republica aſſim ordenava ſuas couſas, que nem por branda era pouco reſpeitada, nem por eſquiva odioſa. E naõ devemos cuydar, que lhe vinha iſto de ſer lida nas politicas de Ariſtoteles, ou republicas de Plataõ: a cauſa original era, porque ſe governava ſegundo o conſelho Evangelico, com ſimplicidade, e entranhas de pomba, com prudencia, e inteireza de ſerpente. A ſua amiga, por muy eſpecial que o foſſe, naõ ſe avia de deſmandar, nem fazer couſa mal feita, que logo naõ teveſſe a reprençaõ, e a pena, ſe convinha: a quem naõ era muito de ſeu ſeyo, ſe fazia o que devia, e procedia com bom termo, tinha de ſua boca gloria, e louvores, e a honra do melhor cargo, ſe pera elle preſtava. Aſſi trazia em igual balança pena, e premio com todas, e ſem diſtinçaõ com nenhuma. Com tal arte tinha aquella Communidade taõ obrigada, que em quanto viveo, todas as vezes que lhe coube, foy buſcada à força pera Prelada, ſem lhe valer huma peſada, e incuravel enfermidade de hum cancro, que lhe hia comendo o peito direito com intoleraveis dores, e com fluxos de ſangue, que lhe acodiaõ a miude, e a punhaõ no ultimo da vida. Valiaſe em tanto mal de huma entranhavel devaçaõ, que ſempre teve com a Paixaõ de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto: pera a conſideraçaõ da qual tomava muitas horas, principalmente de noite. Sabiaſe deſta Madre de muitos annos atraz, que em ſoando nos relogios as doze jà eſtava eſperta, tanto ao juſto como ſe alguma peſſoa tivera cuydado de a chamar. Logo ſe levantava a meditar a ſagrada Paixaõ, e nella lhe dava o Senhor altos, e devotos ſentimentos. Dezia ella (e ſua vida merecia credito em mayores couſas) que todas as vezes, que ouvia cantar os gallos naquella hora, lhe atraveſſavaõ o coraçaõ graviſſimas dores, com lembrança das negaçoens de S. Pedro. E que desda quinta feira atè o ſabado por toda a roda do anno ſentia em ſua alma huma grande deſconſolaçaõ, lembrada da que o Senhor padecera naquelles dias, e das magoas, e ſaudades da Virgem ſua Mãy.

Com a idade, e enfraquecimento da natureza foy lavrando o cancro, e ſendo muitas as penas, e miſerias de tal doença, e o verſe comida em vida, era admiravel a paciencia com que as levava. Acontecia ouviremna as que paſſavaõ por ſeu leito entre os gemidos, que a força das dores lhe arrancava, falar algumas palavras, naõ de queixa nem ſentimento, mas de amores, e requebros, que dezia à meſma chaga, como quem eſperava, que avia ella de ſer meyo de ſua gloria. Aſſi lhe chamava de ordinario a ſua roſa. Tinha com todo eſte trabalho compridos tres annos de Prelada, que fo-

foraõ os ultimos de ſua vida: entaõ conhecendo a hora de ſua morte, pedio abſolviçaõ do cargo, e durou deſpois que o largou, hum mez. Neſte tempo, quando entendeo que eſtava perto do fim, chamou ſuas parentas, que tinha muitas, deſpedioſe dellas, e mandou que a deixaſſem por naõ receber torvaçaõ na viſta de ſuas lagrimas. Pouco deſpois começaraõ as Madres a Ledainha, e oraçoens daquella hora: as quaes acabadas, pedio com muita quietaçaõ que lhe rezaſſem em voz alta algumas couſas de devaçaõ; e eſtava tanto em ſi, que rezandolhe o Reſponſorio de Noſſo Padre: *O ſpem miram &c.* Quando repitiaõ: *Imple Pater quod dixiſti.* Levantava os olhos ao Ceo como quem lhe pedia o meſmo. Pedio deſpois que lhe diſſeſſem o Reſponſorio de quinta feira da Cea: *In monte Oliueti, &c.* Foraõno dizendo, e quando chegaraõ a dizer: *Pater, ſi fieri poteſt*, entrou em paſſamento com os olhos pregados em hum Chriſto crucificado, que tinha diante, e aſſi acabou ſem fazer geito nem differença na boca, nem na cor. Foy eſte bendito tranſito, como de quem era taõ devota da paixaõ, em huma feſta feira de
1575. Março do anno de 1575. E naõ ſe podendo ſepultar aquelle dia por ſer tarde, quando veyo o ſeguinte, tomandolhe algumas Religioſas as maons pera lhas beijar, notouſe com eſpanto, que eſtavaõ taõ brandas, e aſſi ſe meneavaõ como ſe foraõ de peſſoa viva. Era eſta Madre filha de Ayres de Souſa Commendador das Commendas de Noſſa Senhora de Alcaçava de Santarem, e de Rio mayor da Ordem de Avis: e de dona Violante de Mendoça.

CAPITULO XXXVII.

Da Madre Sor Guimar de Souſa.

DEſta Religioſa, a quem demos o capitulo precedente, era prima com irmã a Madre Sor Guimar de Souſa, da qual podemos dizer que foy hum retrato de toda a bondade. Porque em tudo, o que tocava às leys da Religiaõ ſe eſmerou perfeitamente, e em eſpecial em ſer pobre de vontade, e com effeito; que he ponto, em que ha muitos, e grandes ganhos ſecretos. Padecia faltas de muitas couſas neceſſarias, e naõ ſò as levava com paciencia mas com alegria. Na obediencia era taõ pronta, que em ouvindo o nome da Prelada em qualquer eſtado que eſtiveſſe, ainda que foſſe comendo, e pera couſas de pouca importancia, tudo deixava, com quanto por ſer muito doente tinha a eſcuſa na maõ. Davaſe à oraçaõ quaſi continuamente, e eſta era ſua principal occupaçaõ. Naõ falava, nem conſentia falar de peſſoa auſente em ſua preſença, ſe naõ com louvor. Era muy humilde de coraçaõ, e obras: o que ſe via em que deſpois de ſer duas vezes Prioreſſa, e no tempo que o era, enſinava de boa vontade a ler, e cantar as que ſabiaõ pouco: e iſto ſem lho pedirem, moſtrando particular goſto do trabalho, que tomava em as inſtruyr (verdadeyro officio de Prelados, mais que occuparemſe com todo o cuidado, como acontece muitas vezes, em temporalidades, avendo que ſò conſiſte nellas toda

da a ſuſtancia do cargo.) Era muito eſcrupuloſa nas couſas de ſua obrigaçaõ: e daqui lhe nacia folgar de enſinar as ignorantes, e juntamente tratar com letrados pera aprender o que naõ ſabia. Por eſtas virtudes alcançou de Deos hum ſoberano favor por ella com longas inſtancias requerido, que foi darlhe neſta vida a ſentir parte dos tormentos, que padeceo na Cruz. O modo era acodiremlhe em certos dias humas dores taõ exceſſivas em todos os membros, que affirmava naõ eraõ menos, que ſe hum por hum lhos foſſem eſpedaçando todos: e porque ficava de todo tolhida, naõ tinha remedio pera as paſſar ſe naõ deitada em cama. Quando lhe começaraõ, como os medicos naõ entendiaõ o que era, applicavaõ remedios, e meſinhas; e ella por ſe encobrir, ainda que ſabia donde vinhaõ, ſofria tudo ajuntando martyrio a martyrio. Duravalhe o acidente de ordinario vinte e quatro horas, as quaes paſſadas, como no mal naõ avia cauſa natural, ficava livre de todo, atè que o Senhor era ſervido mandarlhe outro. Como foraõ continuando os acidentes, por eſcuſar medicos, que os Prelados logo chamavaõ, tomou por meyo dàr conta a ſeu confeſſor, e declararlhe a verdade, que pera gloria de Deos ſe veyo a manifeſtar, e era publica no moſteiro. Mas ficou em perpetuo ſegredo o que fora de mais honra deſta Madre, quero dizer os meyos por onde entendeo, que era dado por Deos, e a ſua petiçaõ hum tormento, que podia ſer natural: o que de força avia de ſer por revelaçaõ, e com outras particularidades, que ſe deixaõ bem entender, e ella por ſua humildade ſe naõ atreveo a declarar. Por eſtas, e outras couſas, que ſe notavaõ de ſua vida, era tida de todas em grande conta: mas no cabo da carreira ſuccederaõ outras, que confirmaraõ bem tal opiniaõ. Eſtando enferma da ultima doença, que a levou, juntouſe a Communidade huma tarde parecendo que entrava em paſſamento. Vendo as Madres juntas, diſſelhes que ſe podiaõ ir; mas que no dia ſeguinte às dez da manham eſtiveſſem com ella, que entaõ as avia de deixar. Toda aquella tarde, e noite paſſou em palavras de muita edificaçaõ: e chegando a hora, que tinha dito, ſe foi ao Ceo no mes de Março do anno de 1578. Ordenouſe a caſo abrirſelhe huma ſepultura nova, e deraõ os officiaes em huma piçarra taõ ſeca, e dura, que tudo o que tiravaõ era pedra, e à força de alavanca: e parecendo que pera cobrir o corpo faltaria terra, e ſeria neceſſario mandar vir alguma de fora, notaraõ os religioſos, que aſſiſtiraõ ao officio, naõ ſem grande maravilha, que deſpois de cuberta, e cerrada, e igoalada a cova, naõ ſomente ouvera falta de terra, mas antes ſobejara muita alem de hum monte de pedras, que eſtava junto, que della ſe tirara. E fazia o caſo mais notavel naõ ſer a defunta corpulenta, antes ir muito extenuada da doença. Mas outro, que logo ſucedeo, fez eſquecer eſte. Vieraõ tochas alugadas pera o officio, como he coſtume, mandadas polo Cerieiro da caſa, e dadas, e tomadas por peſo, e por eſcrito. Arderaõ à miſſa, e officio, que foi 1578.

can-

cantado com muita ſolenidade, como era rezaõ por Prelada, e que todas tinhaõ por ſanta. Quando foi a entrega naõ ſò ſe naõ achou deminuiçaõ na cera, mas ouve tanto crecimento no peſo, que baſtou pera pagamento do aluguer. Naõ faltaraõ ſonhos, e viſoens em algumas peſſoas de boa vida, que deraõ teſtimunho da gloria a que ſubio: mas podendo ſer mui certas polo que merecia, eſcuſamos contar verdades ſonhadas, à viſta das palpaveis que temos referidas.

CAPITULO XXXVIII.

Das Madres Sor Filippa de Payva, Sor Guimar Velha, Sor Iſabel da Roſa, Sor Breytiz de Mendoça, e Sor Lianor do Roſario.

SEis annos a diante no de 1584. 1584 faleceo neſta caſa a Madre Sor Filippa de Payva com grandes ſinaes de ſalvaçaõ no fim, como tinha dado com verdadeira obſervancia por toda a vida. Foi o mal, de que acabou, huma trabalhoſa hidropeſia, que ſofreo com grande paciencia, naõ deixando nunca hum ſanto exercicio de eſtar ſempre com Deos por meyo da oraçaõ. Eſtimava eſta Madre em tanto grão o eſtado da Religiaõ, e a boa ventura que conſiderava ter alcanſado nelle, que a nenhum officio da Communidade, por humilde que foſſe, troceo nunca o roſto: ainda ſendo muito velha ſervia todos com alegria, e tinha por honra fazellos com perfeiçaõ, e a goſto das outras Religioſas em quanto ſe eſtendia ſua obrigaçaõ. Aſſi atè a hora da morte foi ſempre occupada. Era taõ charidoſa, que a todos amava, e deſejava agradar, como ſe cada huma fora ſua irmam por ſangue: pagavaõlhe todas na meſma moeda, porque alem das boas entranhas, que lhe conheciaõ, achavaõ em ſuas maons huma certa virtude pera qualquer dor, ou oútro mal que a cada huma ſuccedia, em que tinhaõ tanta fé, que como ſe nella tiveraõ certa a ſaude, aſſi era chamada das enfermas. Acodia a boa velha ſempre com alegria, e ſentiaõ de ſuas maons recreaçaõ, e alivio. Mas a meſtra verdadeira era a Virgem glorioſa do Roſario, cujo azeite levava ſempre conſigo, e eſte era o que obrava o remedio por meyo da ſua ſerva, que com perpetuo amor ſe empregava no cuidado, e veneraçaõ da ſua imagem, que a ſeu cargo tinha: e quando faleceo fazia entre as Madres, e em ſerviço da meſma Senhora o officio, que chamaõ de mordoma, que era eſtar obrigada aquelle anno a lhe fazer a ſua feſta. Parece que quiz a mãy de miſericordia que lha foſſe celebrar entre as ſantas Virgens do Ceo.

Por Fevereiro do anno de 1590 faleceo a Madre Sor Gui- 1590.
mar Velha, que merece fazermos della memoria pola perſeverança, que toda a vida teve na oraçaõ, de ſorte, que ſervindo ſempre os officios do mais trabalho da Communidade, tomava por alivio do muito, que nelles canſava de dia, orar toda a noite, que era deſcançar com Deos do que trabalhava por Deos. Era muito devota do Santiſſimo Sacramento; e todos os empregos de couſas, que fazia

por

por ſuas maons, e fazia muitas, offerecia pera o culto divino: e as que pera elle naõ convinhaõ, fazia vender pera que ſerviſſem por outra via. Aſſi enriqueceo com ſua induſtria a ſacriſtia, e ſe lhe deve grande parte dos concertos, que nella ſe vem hoje.

A Madre Iſabel da Roſa fez huma vida taõ ſanta, e eſmerouſe tanto em todas as virtudes, que mereceo ſer crida na hora da morte, dizendo que eſtava com ella o grande Arcebiſpo de Florença Santo Antonino Frade noſſo. Sabiaſe della que toda a vida lhe rezara cada dia o ſeu officio inteiro, aſſi como o o rezamos em ſua feſta.

Quatro annos foi Prioreſſa neſte Moſteiro a Madre Sor Breytiz de Mendoça com grande ſatisfaçaõ de toda a Communidade. Sobre muitas virtudes, de que era dotada, na da humildade foi hum eſtremo. Porque atè as eſcravas ajudava a trabalhar quando entendiaõ em couſa, de que ella podia lançar maõ: o que tambem lhe nacia de humas entranhas brandas, e piadoſas pera com todas. Tinha muita oraçaõ, e era eſpecialmente devota de noſſo Padre S. Domingos, em cujo dia naõ ſabia dar hum paſſo fóra do Coro, gaſtandoo todo em meditaçaõ da alteza de ſuas virtudes, as quaes lhe faziaõ do Santo tamanha ſaudade, que ſegundo affirmava, naõ podera ſer mayor, ſe muito familiarmente o tratara, e converſara.

Sor Lianor do Roſario ſe chamava huma moça, que da India oriental veyo com outra irmam ſua (e vieraõ ambas em tenra idade) a tomar o habito neſte moſteyro, por ſerem filhas de hum homem nobre natural da meſma villa. E foi o tempo, que o logrou, taõ curto, que paſſava pouco de dezoito annos quando ſe partio delle pera o Ceo, tanto ao certo na opiniaõ de todas as Religioſas, que juſtamente lhe podemos aplicar o que por outrem foi dito: *Conſummata in breui expleuit tempora multa*, em vida curta obras de longos annos. Deſde minina começou a ſer Santa. De dia quando a meſtra dava recreaçoens, a ſua era furtarſe às companheiras, entender com livros de devaçaõ, ou irſe ao Coro: com tanta conſtancia, que a tinha pera ſe ouvir chamar de hipocrita, e naõ ſe render, nem eſcandalizar, nem fazer màо roſto. De noite dormindo em companhia de outras mininas na enfermaria, por naõ ter ainda leito, era ordinario as que acordavaõ a caſo, ou ſe levantavaõ fóra de tempo, acharemna poſta de joelhos rezando diante de huma imagem de noſſa Senhora. Eſtando no coro era tanta ſua compoſiçaõ, e devaçaõ no modo de rezar, que fazia eſpanto a toda a Communidade. Eſta foi quando minina, e noviça: tanto que fez profiſſaõ, entendendo que votara pobreza, deſaproprioufe logo de tudo, quanto tinha de brincos, e curioſidades de Freiras, que ſem encontrar o voto ſe poſſuem, ou com licença, ou em nome da Communidade, ou por naõ ſerem de valia: e quiz deſembaraçarſe de ſorte, que atè as neceſſarias largou a ſua irmam; e quando ſucedia ter neceſſidade de alguma, contentavaſe com a pedir por empreſtimo, ou por eſmola, e nunca como ſua. E pe-

Sap. 4.

ra

ra mais inteiro deſapropriamento, nem a chave de hum pobre bofeto, que lhe ficou, quiz nunca poſſuyr: aberto o tinha ſempre, ou a chave junto delle no leito. Juntava a eſta pobreza muitas diciplinas tomadas com rigor, eſtreita abſtinencia, e huma obediencia muy pronta. Saõ os officios das novas profeſſas na Religiaõ os mais trabalhoſos que nella ha, pera ſe acoſtumarem bem, e ſe yr dando alivio às mais antigas. Ella aceitava, e fazia todos com goſto, e perfeiçaõ: e por muito canſada que ficaſſe, nem cortava polo Coro, nem por huma peſada carga voluntaria, a que ſe tinha obrigado, de rezar hum Pſalteiro cada dia. Ao Coro acodia com eſtranha continuaçaõ, e a obrigaçaõ do Pſalteiro cumpria puntualmente. E aſſi quaſi naõ tinha momento, que naõ foſſe dado a Deos. Era o trabalho muito, a idade tenra, e a natureza fraca, foi ſentindo o peſo, e enfermou gravemente. Soubeſe de certo que entre as couſas, que pedio a Deos na profiſſaõ, foy huma, que deſpois de profeſſa lhe encurtaſſe os dias, pera yr mais cedo gozar de ſua viſaõ beatifica: outra que foſſe ſeu fim de doença vagaroſa, pera que conheceſſe a morte, e atè o ultimo tiveſſe fala, e juizo. Cumpriolhe o Senhor miſericordioſo ſua petiçaõ em tudo, porque raramente conſente, que fiquem baldados deſejos ſantos. Abrevioulhe o deſterro, e deulhe a enfermidade que deſejava: fezſe tiſica, foiſe conſumindo de vagar, falando, e tratando com todas, e vendo, e entendendo que hia acabando.

Viſitoua o medico hum dia, e entendendo polo pulſo, que ſe lhe apertava o prazo, aviſou que lhe acodiſſem com o Sacramento ultimo da ſanta Unçaõ. Sentioſe a carne quando o ſoube: que naõ ha taõ valeroſo ſoldado, que naõ tema ao entrar na batalha, e naõ ſe chama eſforçado o que carece de medo (que iſſo he ſer temerario) ſe naõ aquelle que atropelando, e vencendo os medos ſe arremeſſa animoſamente ao perigo. Podia ſer tambem confiança da mocidade: em fim fez reſiſtencia, e refuſava diſporſe pera o Sacramento. Mas como era verdadeira filha de obediencia, na hora que a Prelada lhe diſſe que convinha, naõ ſómente conſentio logo, mas as horas, que deſpois durou, gaſtou todas em fazer eſcrupulo, e pedir perdoens da difficuldade que moſtrara. Entregouſe à diſpoſiçaõ Divina com huma conformidade, que parecia communicada do Ceo, dando graças ſem fim ao Creador pola trazer à Religiaõ, e a eſta Ordem, e caſa, e lhe dar a morte que deſejara, e pedira. Quando lhe chegou a hora, pareceo a todas as Religioſas, que tivera verdadeyro conhecimento, e revelaçaõ della. Porque grande eſpaço dantes pedio que lhe chamaſſem huma amiga ſua, e eſteve tratando, e falando com ella de vagar; e deſpedindoa, pedio logo que lhe deſſem a candea. Entrou na batalha, e eſtando jà muy quebrada, tornou em ſi com viveza, e alegria, e fez ſinal pera a Madre, que lhe tinha a candea, chamandoa, como que queria dizer alguma couſa que via: mas jà naõ avia força pera ſatisfazer à vontade, nem formar muitas palavras, e

ſó lhe foy ouvida huma clara, e diſtintamente, que foy: Noſſa Senhora do Roſario. E com eſta Senhora na alma, e na boca, e ſegundo opiniaõ das circunſtantes, tambem nos olhos, paſſou à melhor vida por Julho do anno de 1592.

1592.

CAPITULO XXXIX.

Da Madre Sor Micia dos Apoſtolos.

SEguio a huma moça muito moça, e muito ſanta, huma velha muito velha, mas tambem muito ſanta: foy a Madre Sor Micia dos Apoſtolos, cujas grandes virtudes, e longa vida de força nos haõ de obrigar a huma narraçaõ hum pouco mais dilatada. Faleceo quaſi ſeis annos juſtos deſpois de Sor Lianor do Roſario, por Junho de 1598, e teve os meſmos principios de vida, moſtrando logo nos ſeis pera ſete annos de idade, em que entrou no Moſteyro, hum peſo, e gravidade, que dava pronoſtico de grandes aventagens pera o tempo adiante. Aborrecia os paſſatempos de menina, com goſto da oraçaõ, e Coro, e huma entranhavel charidade pera com as enfermas, empregando as forças, que ainda naõ tinha, em ſervir todas, e com mais affeiçaõ às velhas com quem era ſeu mayor goſto tratar pera aprender dellas a orar, e meditar, e os modos de mais agradar a Deos. E como neſte ponto conſiſte todo noſſo bem, ſendo aſſi que pola oraçaõ, e meditaçaõ ſe une com Deos noſſa alma: e quanto eſta uniaõ he mais perfeita, tanto ficamos mais vizinhos aos bens da gloria, que eſperamos, bem podemos aſſentar, que quem nella ſe aventajar ſobirà brevemente ao cume de todas as virtudes. Porque a oraçaõ he fogo, que purifica a alma da eſcoria dos vicios, que a affeaõ: he teſouro que a enfeita com joyas, e louçainhas de virtudes, que a fazem bella, e fermoſa aos olhos do Creador: he eſpelho que nos deſcobre os defeitos mais eſcondidos da alma: e em fim he huma cadea compoſta toda de fuſîs de ouro, como lhe chama o divino Dionyſio Areopagita, pola qual nos alamos com facilidade da terra ao Ceo. Neſta virtude foy inſigne eſta Madre muito alem do que ſe pode encarecer, e por aqui podemos fazer juizo quanto ſe adiantaria nas outras. Era couſa averiguada no Convento, que quem a quizeſſe achar, em nenhuma parte a tinha certa como no Coro. Hora de palra, nem converſaçaõ ſua ninguem a teve nunca, ſe naõ era eſtando enferma, porque eſtava preſa da doença. A ſeculares nunca tratou, nem pera elles chegou à grade, ſenaõ foy deſpois de Meſtra de noviças pera acompanhar as ſubditas por obrigaçaõ do officio: e aviſar a ſeus pays, ou irmaons do que convinha pera ellas. Por naõ deixar a oraçaõ lhe acontecia yr muitas vezes a Matinas ſem ſe deitar: e deſpois dellas ou ficava no Coro, ou ſe ſe recolhia ao leito, era pera orar de novo diante das imagens, que alli tinha. E quando por fraqueza natural a vencia o ſono, vingavaſe de ſi com ſe encoſtar hum pouco aſſi veſtida ſobre o ladrilho: e pera que duraſſe menos o deſcanço, ou foſſe miſturado com pena, toma-

1598.

va

va por cabeceyra huma pedra. Soubeſe iſto, porque lhe viraõ no leito huma muito grande; e naõ atinando a que fim, a curioſidade de entender nos feitos alheyos obrigou algumas Madres a querer ſaber de que lhe poderia ſervir hum penedo, onde ſe buſcaõ couſas de recreaçaõ, ou alivio: e viraõ por ſeus olhos, que lhe ſervia de almofada.

Naõ podia deixar de ſentir o enemigo infernal, polo capital odio que nos tem, os ganhos que eſta alma fazia pera ſi, e pera muitos por taes meyos. Atràs contamos de huma viſaõ, que teve a Madre Caterina da Coſta, e da repoſta, que lhe foy dada polas almas, que ſe lhe repreſentaraõ. Baſta repetir aqui ſómente, que ſendo ainda muito moça a Madre Sor Micya, e eſtando julgada à morte de huma grave doença, alcançaraõ as almas, por quem orava, poderem vir conſolalla, e darem novas de que tinha vida, como a ſanta velha logo contou, e o ſucceſſo confirmou. Daqui ficaremos facilmente crendo alguns inſultos, que o diabo lhe fazia, ainda que naõ paſſavaõ de huns leves eſcarneos, porque naõ tinha licença pera mayor vingança. Entre outros ſentio huma noite, eſtando rezando junto do leito, que lhe tiravaõ polo Roſario, que na maõ tinha; apertou depreſſa a maõ, e com toda a força; mas naõ lhe valeo contra a do enemigo, ſendo tanta a que poz polo ſuſtentar, que lhe ficaraõ as unhas affinaladas nas palmas. Bem entendeo donde lhe vinha o tiro, e o que pertendia quem lho fizera: trazia outras contas ao peſcoço, acabou por ellas o que lhe reſtava, a peſar de quem lhas roubara. No dia ſeguinte chamou humas dicipulas, fez deſmanchar a cama, e revolver o leito, a vèr ſe topava com as contas furtadas. Como as naõ achou, e paſſaraõ mais quatro dias, foiſe diante da imagem de Noſſa Senhora do Roſario, queixouſe, e pediolhe que mandaſſe ao enemigo lhe fizeſſe reſtituiçaõ do furto; que tinha devaçaõ, e amor àquelle Roſario (devia ter nelle contas bentas de Roma, e de indulgencias em favor das almas, como he ordinario.) Foraõ teſtimunhas algumas noviças das meſmas, que tinhaõ revolvido cama, e leito avia quatro dias, ſem o poderem achar, que logo deſpois deſta queixa deraõ com elle em cima da meſma cama. Era a Madre taõ digna de credito, e taõ fóra de todo genero de jactancia em couſa ſua, que ſeu ſimples dito pudera igualar grandes teſtimunhos.

Mas o que mais eſpanta he, que nem a força de annos muito crecidos, nem de doenças, com que elles a foraõ quebrantando, baſtava pera amainar no fervor, e continuaçaõ de eſtar ſempre unida com Deos orando. Mandandolhe a Prelada, por laſtima do que trabalhava, que ficaſſe do Coro: fazia Coro do leito, e era ordinario nella perſeverar na oraçaõ atè ouvir a meya noite, e entaõ tomava hum pouco de repouſo. Sua humildade era tal, que decia por ella tanto, quanto ſobia pola oraçaõ. Tinhaſe em ſua opiniaõ, e palavras pola mayor peccadora do mundo: e tudo o que fazia julgava por nada, e dizia que ſe alguma couſa trabalha-

va, era porque ſe naõ perdeſſe huma alma remida com o ſangue de Chriſto. A caridade com pobres, e com enfermas chegavaa muitas vezes a deixar de comer de todo. Aſſi eſmaltava eſta virtude com eſtreita abſtinencia: gracioſo eſmalte pera os olhos Divinos, e grande exemplo pera todos os caridoſos. Nos lugares das Communidades naõ faltou nunca em quanto teve forças pera andar: e ſe lhe diziaõ, que lhe faria mal o vento por ſua idade, e doenças, reſpondia que olhaſſe, e pagaſſe cada huma por ſi, que ella nunca deixaria de fazer o que era obrigada.

CAPITULO XL.

De outras virtudes da Madre Sor Mycia, e de ſua ſanta morte: e da Madre Lyanor de Morays.

ASſi como a Madre Sor Mycia, no cumprimento das couſas da Religiaõ era por eſtremo obſervante, tinha tambem muita liberdade em advirtir as Preladas, e as ſubditas do que via em caſa deſordenado: mas com tal humildade, e prudencia, que com ſer no trato auſtera, e grave, e ſerem as materias de reprenſaõ pouco ſaboroſas, era bem ouvida, e obedecida. Eſtas virtudes a faziaõ ſobre maneira amavel, e reſpeitada de todas as Religioſas: e dellas naceo porem algumas em pratica fazella Prioreſſa. Aqui reſplandeceo grandemente ſua humildade. Aſſi ſe deu por agravada, como ſe fora conjuraçaõ pera a lançarem fóra do Moſteyro. Deſconſolouſe, chorou, e em fim ficou entendido que ſò officios de trabalho, ou baixeza aceitaria: de honra, e autoridade nenhum. Donde veyo, que por mais de vinte annos foy Meſtra de noviças, e outros tantos Cantora mor: e era taõ incanſavel, e amiga de trabalhar, que lhe aconteceo ſervir ambos os cargos juntos. E neſte tempo atè as ſervidoras enſinava: e nunca deixava de viſitar as enfermas, affirmando todas, que ſentiaõ notavel melhoria em ſeus males, ſò com ella lhes pòr as maons na cabeça.

Com Noſſa Senhora do Roſario teve particular devaçaõ, e foy a que ordenou fazeremlhe feſta as Religioſas dentro, o que dantes naõ avia, tomando titulo de mordomas as que a faziaõ: e ella foy a primeira mordoma, e a que poz em coſtume cantarſelhe todos os dias a *Salue*, como hoje ſe canta; e muitas vezes lhe aconteceo, por naõ faltar dia, cantalla ſò, ou com as mininas que avia. Ella coſtumou acenderlhe a ſua alampada do dormitorio nas ſuas feſtas, e todos os ſabbados do anno.

Bem ſe deixa entender, que naõ ſeria menos devota do filho quem aſſi ſervia, e venerava a mãy. Tudo, o que por ſua induſtria, e diligencias podia ajuntar empregava em ornamento da Sacriſtia, e ſerviço do Santiſſimo Sacramento: fezlhe tres alampadas de prata, duas à ſua cuſta, e huma de eſmolas, que tirou polas Religioſas. Nos dias de Communhaõ tinha grande ſilencio, e ſe naõ era em couſas de grande importancia, ninguem lhe ouvia palavra. E o meſmo fazia des da quinta feira da

da Cea do Senhor atè o ſabbado deſpois de Miſſa: e tambem ao dia de Paſchoa. E da quinta pera a feſta ſempre aſſiſtia de joelhos diante do Santiſſimo Sacramento com os olhos feitos rios de lagrimas: e ſe as dicipulas lhe preguntavaõ pola cauſa dellas pera aprenderem, e porque a naõ viaõ chorar nunca ſenaõ com grandes occaſioens, reſpondia com ſingeleza ſanta eſtas palavras: Vou viſitar aquella gente ſanta, que eſtà deſconſolada: entendia polos Santos Apoſtolos, de quem tinha o nome, e era por eſtremo devota, e como tal ſolenizava ſeus dias, e veſperas. Mas entre as feſtas, que com mais eſpirito celebrava, era huma a de todos os Santos: guardava nella ſilencio perpetuo, falando ſó com os olhos, e com grande abundancia de lagrimas, e confeſſava que lhas arrancavaõ à força humas vehementes ſaudades, que neſte dia tinha da Gloria, e de tal companhia.

Veyo a adoecer da doença, de que Deos a levou, hum dia deſpois de S. Pedro Martyr, eſtando confeſſada, e commungada da meſma feſta: duroulhe a enfermidade trinta e cinco dias. Neſta, e em outras, que teve por toda a vida, moſtrou paciencia de Santa, naõ ſofrendo que por ella deixaſſem as Religioſas de acodir aos Officios Divinos, e ficava de boa vontade ſò, porque ellas naõ delacompanhaſſem o Coro. Pagavalho bem o Senhor, porque huma manham deſpedindo a todas pera o Coro teve huma viſita do Ceo, que contou a humas particulares amigas com palavras geraes dizendo, que homens de muita magestade lhe cercaraõ o leito: e apertada que diſſeſſe mais, acrecentou, que entendia eraõ os ſeus Santos Apoſtolos.

Hum dia antes que faleceſſe perdeo a fala com hum paroxiſmo, que lhe ſobreveyo; mas no geito, com que acodia ao que lhe diziaõ, moſtrava eſtar com perfeito juizo. Aſſi ſe foy reſolvendo aquella vida, e eſteve lidando atè o outro dia. Na noite antes de acabar tornou a cobrar a fala, e eſtando muy em ſi, preguntou com voz clara, que gente era a que via, e que vinha aly fazer, ou pera onde hia. Reſpondendolhe as circunſtantes, que todas eraõ ſuas filhas, e amigas, tornou dizendo, que a ellas conhecia muito bem, mas a gente, que dizia, era outra, e muita. E o caſo foy, que toda aquella noite ſe ouvio polo dormitorio huma eſtorpiada, e rumor como de gente junta, que obrigou algumas Religioſas a levantarem por vezes as cortinas, pera verem ſe eraõ algumas mininas das que avia em caſa. Entre o tumulto ſoavaõ campainhas com hum tinido taõ eſperto, que atè a enferma perguntou ſe vinha o medico: e ficouſe entendendo que deviaõ ſer as almas ſantas, que toda a vida pera aquella hora com devaçaõ chamara, e que Deos permittia ſentirſe ſua aſſiſtencia no rumor, e campainhas pera exemplo de todas, e certificaçaõ da ſantidade daquella, que vinhaõ buſcar. A ultima palavra, com que acodio, deſpois que vio naõ ſatisfaziaõ à ſua pergunta, foy formalmente: Nunca me deſeſpantarey deſta gente: e tràs ella com muita quietaçaõ rendeo o eſpirito, ficandolhe no roſto hu-

huma fermoſura, e reſplandor a juizo de todas como de hum Anjo. Ouve de ſua gloria muitos ſinaes, que naõ referimos por ſerem teſtimunhos ſingulares. Hum ſò diremos, que foy publico a toda a Communidade. Por Agoſto primeiro ſeguinte quiſeraõ as amigas honrarlhe a memoria, e ſatisfazer a ſuas ſaudades, mandandolhe cobrir a cova com huma grande campa: e porque ſahio muito groſſa, foy neceſſario tirar tanta terra, que ſe temeo chegaſſem a deſcobrir o corpo. Neſte tempo eſtando as Madres temeroſas de poder ſayr algum ſentimento de corrupçaõ, foy o Senhor ſervido de as conſolar com hum ſuaviſſimo cheyro taõ vivo, e manifeſto, que recendia por todas as craſtas, e ſobio às varandas, e em fim encheo o Moſteyro.

Naõ ſerà rezaõ ficar fóra deſtas memorias a grande ſimplicidade da Madre Sor Lianor de Moraes, que ſendo doente muitos annos, e de doenças trabalhoſas, nunca ſe pode acabar com ella que comeſſe carne. Ajuntava a iſto oraçaõ de noites inteiras, muita devaçaõ, muitas diſciplinas: e lembrada das bofetadas, que o bom Jeſu em ſeu divino roſto ſofreo, recebia com grande eſpirito, e força muitas de ſuas proprias maons. Muito antes que acabaſſe a vida aviſou a algumas amigas o tempo em que avia de ſer, ſinalando o meyo da Quareſma daquelle anno, e puntualmente aſſi ſuccedeo.

CAPITULO XLI.

Da Madre dona Jeronyma Religioſa da terceyra regra, e Ordem de S. Domingos.

A Eſte lugar ſe deve concluirmos com tudo o que achamos na villa de Santarem pertencente à Ordem: e naõ deſdirà o fim dos principios, e meyos. Que ſe começamos a hiſtoria della com Frades cheyos de grandezas do Ceo, e a proſeguimos com Freyras ſemelhantes: ſerà o remate com huma da terceira regra de tanta excellencia de virtudes, que ſe com a comparaçaõ naõ temeramos offender ſua humildade, por primeira a poderamos contar entre todas. Atràs fica dito como da Ordem militar, que noſſo Santo Patriarcha inſtituyo pera ſervir a Igreja com armas materiaes contra hereges, teve principio a terceira regra, ou como outros lhe chamaõ, a terceira Ordem da penitencia de S. Domingos: deſpois que foy ceſſando na Igreja a neceſſidade daquelles miniſtros, e crecendo o reſpeito dos Tribunaes do Santo Officio, e Inquiſidores Apoſtolicos. Apontamos juntamente a aprovaçaõ que eſta terceira Ordem teve do Ceo, dandonos nella muitas peſſoas inſignes em virtude, e algumas famoſas Santas. Eſtas pois foraõ exemplo polo tempo em diante a muitas Matronas deſejoſas de ſua ſalvaçaõ, que achandoſe no mundo preſas de obrigaçoens forçoſas de filhos, ou fazenda, ou pobreza, naõ podiaõ obrigarſe ao encerramento dos Moſteyros: pera lançarem maõ do meſmo remedio, e aſſi L. 1. c. 17.

fi-

ficarem no mundo com profiſſaõ, e votos de Religioſas, e poſtas na eſtreita vereda do Ceo, que ſuas almas pretendiaõ. Neſte Reyno ouve ſempre algumas, que ſeguiraõ eſte inſtituto, principalmente nos lugares grandes, onde avia Conventos da Ordem, como ao diante veremos: das quaes ſe naõ fazemos hiſtoria particular, he por ſer o intento deſta, eſcrever ſòmente das que com eminencia de virtudes ſe fizeraõ dignas de memoria, qual foy na villa de Santarem a Madre dona Jeronyma, a quem damos, e cabe eſte lugar: e quaes foraõ outras Religioſas em outras partes do Reyno, das quaes faremos mençaõ em ſeus tempos, e lugares.

Madrugaraõ as bençoens, e graças do Ceo em favor da Madre dona Jeronyma: e o Senhor, que com ellas a prevenio, deulhe tambem lume no entendimento pera as ſaber agaſalhar. Sendo ainda de muy pouca idade, e vivendo em caſa de ſeu pay Pero Carvalho, todo ſeu goſto era paſſar o tempo com livros devotos, dar voltas ao ſeu Roſario, e offerecerſe a Deos por meyo dos Santos Sacramentos, a que a levava a inclinaçaõ, e jà os buſcava de vontade quanto era licito a quem vivia ſojeita. Era ſeu pay rico, e valido, e eſtimado del Rey dom Joaõ: e tinha poucos filhos. Deſejava liarſe por meyo de dona Jeronyma com alguma caſa grande do Reyno. E ainda que como fidalgo, e Chriſtaõ ſabia eſtimar a boa inclinaçaõ da filha, imaginava que os exercicios ſantos continuados a divertiriaõ de penſamentos, e vida ſecular, e ſe engolfaria tanto nos de Religioſa, que jà lhe via amar, e ſeguir, que naõ poderia deſpois dobralla a ſeu intento: determinou darſe preſſa em a caſar. Entre tanto (como o enemigo das almas tem muitas vezes feitores, que o ſervem de graça, enganados de boa tençaõ) naõ faltava em caſa quem perſiguia a ſanta donzella, ora acompanhandoa importunamente pera a divertir do que chamavaõ malenconia, ſendo goſto de eſtar ſó com o ſeu Roſario, que era eſtar com celeſtial companhia: ora eſcondendo, e furtandolhe os livros ſantos, em que ſò achava ſabor. Mas naõ baſtando nada pera lhe torcer os olhos, e o animo do que jà conhecia por melhor, acudio ſeu pay de ſubito, e ſem uſar de preambulos, nem outro meyo de querer deſcobrir mais de ſeus penſamentos, fezlhe ſaber que a tinha caſada. Era filha, e obediente: e mais obediente pola meſma rezaõ, que buſcava a Deos: falouſelhe em couſa feita, que ao parecer naõ poderia tornar atràs, beijoulhe a maõ em ſinal de conſentimento, naõ de alvoroço, nem goſto.

Do pouco goſto, com que aceitou o eſtado, alem de outros ſinaes, que ſe lhe viraõ no roſto, foi hum de obra, que muito admirou a todos os ſeus. Era o caſamento com dom Franciſco Coutinho muito illuſtre em ſangue, abaſtado de fazenda, e rico de pretençoens por ſer herdeiro, e ſucceſſor da grande caſa, e Condado de Marialva: e ſobre tudo de gentil preſença, e em idade florida, que naõ chegava a dezoito annos. Tanto que o caſamento

eſ-

eſteve aſſentado, continuava a rua da deſpoſada como bom galante, com paſſeos, e moſtras de contente, e affeiçoado. He couſa certa que, ſendo perſuadida dona Jeronyma por gente ſua, naõ que lhe deſſe viſta de ſy, ſe naõ que o quiſeſſe ver por detras de huma janella ſem ſer viſta, naõ ouve quem tal podeſſe acabar com ella. Quem aſſi procedia no fervor da mocidade bem ſe deixa entender como viviria polo tempo adiante, quando o governo da caſa, a criaçaõ dos filhos, os perigos, as doenças, e os mais cuydados ordinarios de caſas grandes, e caſados, lhe foraõ moſtrando que ſò vive com deſcanſo quem ſabe fogir ao mundo. Podemos dizer que todo o tempo de caſada foy pera ella hum martyrio continuado. Porque a adminiſtraçaõ da caſa, em que entendia com diligencia de prudente mãy de familias, levavalhe muito tempo: a obrigaçaõ de ſe compor, veſtir, e toucar ao uſo das caſadas moças, e de ſua calidade davalhe pena, e triſteza: porque alem de aver por horas perdidas, naõ ſò mal gaſtadas, as que dava a tal emprego, conſiderava que ſò a alma era a que devia ſer ataviada, e enfeitada, e que ſò iſſo era rezaõ que eſtimaſſe ſeu marido. Mal ſe pode encontrar ſempre o entendimento. Ainda que de ordinario procurava acommodarſe ao tempo, e uſo, algumas vezes deixava tudo, e parecia toucada com huma ſimples, e honeſta toalha: quando outras ſe matavaõ por ir aſſoalhando pedraria, e ouro, pompas de riqueza, e gentileza.

Naõ lhe faltaraõ deſgoſtos ſobre a materia, humas vezes com ſua irmam dona Joana molher de Pero de Souſa Comendador das Comendas de Noſſa Senhora de Alcaçava, em Santarem, e de Rio Mayor da Ordem de Avis: e outras com o meſmo marido. Tinha dom Franciſco bom entendimento, conhecia ſeu grande preço, e naõ vendo nella couſa que o deſcontentaſſe, ſintia poderſe julgar da deſigualdade do trajo, e deſcuido, que ella em ſy moſtrava, que vivia deſcontente: ou era menos venerada delle, do que ſuas partes mereciaõ. Mas eſtes tormentos, que Deos permittia pera prova de paciencia em ſua ſerva, e ella lhe ſabia offerecer em agradavel ſacrificio por ſua alma, e do meſmo que lhos cauſava, teveraõ fim por hum meyo daquelles com que o Senhor do Ceo ſabe diſpor o que he ſervido ſuaviſſimamente, como logo veremos.

CAPITULO XLII.

Como enviuvou, e fez Profiſſaõ: e da vida, e penitencia, que fazia deſpois de profeſſa.

ESTava dom Franciſco em Lisboa, ſò, e em negocios da ſua caſa. Amanhece hum dia ſalteado de huma febre com encendimento temeroſo, que crecendo por horas acometeo a cabeça, e deu em modorra. Deſconfiaraõ os medicos. He couſa de eſpanto como abre os olhos, e entendimento qualquer tribulaçaõ: ſò por iſto ſe deviaõ deſejar as doenças. Enſinou a força do mal ao enfermo, que tinha em Santarem (era ſua reſidencia

dencia ordinaria neſta villa) e dentro em ſua caſa melhor medico, que todos os de Lisboa, e que ſó lhe podia dar ſaude ſem eſtudar por Hiprocates nem Avicena: o qual era dona Jeronyma ſua molher. Jà como quem via Ceo claro, e ſem nevoas reconhecia por ſolida, e verdadeira a virtude, que dantes ſe lhe afigurava hipocreſia, ou ſuperſtiçaõ. Mandalhe pedir encarecidamente lhe acuda com ſua preſença. E eſtava tanto em ſy no meyo dos accidentes da doença, que na hora que a teve conſigo ſe deu por ſaõ. E como quem tinha experiencia dos modos, por que a podia grangear, pediolhe que em ſeu nome quizeſſe logo viſitar o Santiſſimo Sacramento, e em ſeu nome confeſſarſe, e commungar. Louva ella a Deos em ſeu coraçaõ, reconhecendo o poder divino, e cobrando de tal lingoagem grande animo: e deulho o meſmo Deos logo pera antes de ſair de caſa lhe prometer ſaude com palavras ſingelas, e humildes, e eſperanças fundadas no Ceo. E naõ ſe enganou na confiança, nem na promeſſa. Porque quando tornou da Igreja achou o doente taõ notavelmente aliviado, que parecia impoſſivel poder ſucceder tal ſem milagre. E foi pratica commum dos de caſa, que della, e de ſua devaçaõ procedera a melhoria, e a ſaude, que logo foi cobrando. Tornaraõſe ambos pera Santarem com huma paz, e concordia do Ceo, ficando ella jà com largueza, e liberdade pera viver a ſeu modo com ſeus ſantos exercicios, e deixar os cuidados da compoſiçaõ corporal, que como profanidades aborrecia.

Aſſi viveraõ muitos annos atè o de 1578, em que ſuccedeo a laſtimoſa empreſa, com que el Rey dom Sebaſtiaõ paſſou pera as terras de Africa tudo o melhor de ſeu Reyno por meyo da batalha, que temerariamente quiz dar a Moley Maluco ſenhor dellas. Foi dom Franciſco na jornada acompanhado de ſeu filho mais velho, e de muitos parentes de ſua caſa, com groſſa deſpeſa de armas, e cavallos, e familia, obrigado de promeſſas, que el Rey lhe fez de o ouvir à volta na pretençaõ da caſa, que diſſemos de Marialva. He Marialva huma boa villa em groſſura de terras, e termo, forte por ſitio, muralha, e torres de boa cantaria: e taõ antiga, que dos dous nomes Latinos, e Romanos: *Marij & Arua*, tomou o que de preſente goza: como ſe differamos: *Marij arua*, que he o meſmo, que campos de Mario. A eſta villa eraõ como anexas muytas villas, e lugares grandes ficando ella por cabeça do eſtado: o qual pertencia direitamente a dom Franciſco por morte do ultimo poſſuidor, que fora o Infante dom Fernando por meyo da Condeſſa dona Guimar com quem foi caſado. El Rey dom Joaõ Terceiro irmaõ do Infante encorporou por ſua morte a caſa na coroa: e era o direito de dom Franciſco taõ claro, que ſò ſer ouvido em juſtiça pedia. Foi Deos ſervido por ſeus ocultos juizos, que acabaſſe junto em hum dia o Rey, e o Reino; e no meſmo teve dona Jeronyma em ſeu oratorio noticia certa, que morrera ſeu marido. Affirmava ſeu Confeſſor, que ella lho diſſera por taes palavras, que

ſem revelaçaõ era impoſſivel poder acontecer.

Ficando aſſi livre quanto ao mundo, e atribulada com a perda de marido, e filho, e fazenda, determinou entregarſe de todo a Deos. Continuava com eſte propoſito os officios divinos no noſſo Convento de S. Domingos, e tinha nelle por ſeu Padre eſpiritual ao Padre Frey Franciſco dos Anjos Religioſo exemplar, e letrado. Paſſado pouco tempo tocuoa Deos com nova affliçaõ levandolhe de huma apreſſada doença o filho mais velho deſpois de reſgatado, que era a luz de ſeus olhos, e muito digno de ſer amado por ſuas partes. Pareceolhe aldrabada da maõ divina, porque tardava na execuçaõ do que trazia determinado em ſeu peito: chama o Confeſſor, faz diante delle ſacrificio de ſi a Deos com tres votos em ſuas maons profeſſados de obediencia, caſtidade, e pobreza. Era iſto por minha conta deſpois de entrado o anno de 1581, porque a relaçaõ que temos de ſeu Confeſſor dà a entender, que foy alguma couſa mais de quatro annos antes de ſua morte: e ella faleceo por Outubro de 1585.

Na hora que tomou ſobre ſi o ſuave jugo do Senhor, foy admiravel a reſoluçaõ com que ſe lhe entregou, e a pontualidade com que guardou os preceitos da profiſſaõ: E porque eſtes ſaõ fundamento de toda a religiaõ, delles he bem que comecemos o que avemos de dizer de ſua vida. Affirma ſeu Confeſſor, que tambem foy ſeu prelado toda a vida, que nenhuma couſa das que a noſſa regra ſogeita à autoridade dos Prelados, fez nunca ſem ſua licença: e nem viſitar huma parenta, ou amiga ſua ſe atrevia, ſem ella. Da pureza de ſua alma, e conciencia teſtimunha o meſmo Confeſſor, como Juiz que era della, que naõ vira em ſua vida mais rara innocencia: ſendo aſſi que atè aos grandes Santos ſe atreve o inferno a fazer dura guerra, e em o vencer conſiſte a ſantidade. A pobreza naõ ſò guardava, mas como joya precioſa a eſtimava, e dizia muitas vezes, que deſejava verſe em eſtado dos mais humildes, e mais deſemparados pobres, e que lhe foſſe neceſſario ir polas portarias dos moſteiros mendigando o paõ de cada dia: e ſentia affliçaõ de ſe ver com criados, e ſervida, e ſe naõ fora por reſpeito dos filhos, que criava, de todos ſe deſpejara. Aſſi quando acontecia falar na pobreza, o nome que lhe dava era de ſua ſenhora: e ſendo verdadeiramente pobre de eſpirito, pera o ſer tambem de obra, nenhuma deſpeſa fazia conſigo por leve que foſſe, nenhuma couſa poſſuhia por ſua conta, ſem particular licença do Confeſſor.

Cómo a vida dantes era inculpavel, e com os votos ficou como cidade fortalecida com tres cercas de muro fortiſſimo, parece que aſſaz fazia entendendo na vigia, e guarda delles pera merecer grandes louvores, ainda que naõ paſſaſſe adiante. Mas tinha ouvido que nos caminhos de Deos era o parar, e contentarſe, hum genero de tornar atràs. E temeroſa de lhe poder acontecer tal fraqueza, veſtioſe logo das armas de que canta a Igreja, que reprimem vicios, levantaõ eſpiritos, e daõ forças,

e eſ-

e esforço pera a larga jornada do monte Horeb : jejuava quaſi todo anno : carne naõ comia nunca ſe naõ conſtrangida de grande força de doença : e as ſeſtas feiras paſſava com paõ, e agoa, e o paõ era o que em caſa ſe dava aos eſcravos. Mas nem aqui parava, ao jejum ajuntava continuo cilicio, ao cilicio diſciplinas de ſangue taõ copioſas, que por muita diligencia, que fazia polas encobrir, e diſſimular, o ladrilho, e paredes do oratorio as accuſavaõ de maneira, que era neceſſario lavar o chaõ, e cayar as paredes. E porque era muito fraca de membros, e compleiçaõ veyo o Confeſſor a tomarlhe as diſciplinas de roſetas, e mandarlhe, que de todo deixaſſe eſte genero de penitencia: e os cilicios lhe tolheo tambem, diſpenſando ſò com as ſeſtas feiras pola naõ deſconſolar : porque ſegundo a grande devaçaõ, que tinha com a paixaõ de Chriſto tudo quanto nellas fazia lhe parecia pouco pera o muito que ſe ſentia obrigada. Na cama naõ avia lençol, nem mais que hum colchaõ muito ſingelo, e huma ſò manta : e ainda deſte modo uſava della à força de obediencia, e reſpeito de ſuas indiſpoſiçoens. As tunicas pola meſma cauſa naõ eraõ de lam, mas de huma eſtopa taõ crua, e ſeca, que ficavaõ na aſpereza ſemelhantes às de lam. Com eſte modo de vida chegou brevemente a eſtar taõ deslapidada, e conſumida de carnes, que fòra de pelle, e oſſos naõ avia nella outra couſa. Mas quanto perdia do corpo, tanto engroſſava, e acrecentava no eſpirito.

CAPITULO XLIII.

Da continuaçaõ, e fervor que tinha na oraçaõ : e dos grandes mimos, e favores que nella recebia do Senhor com viſoens, e particularidades extraordinarias.

HE grande, e poderoſo meyo o da penitencia pera levantar de ponto as virtudes do eſpirito. Saõ corpo, e alma duas balanças, que nunca ſe achaõ iguaes : e como ſempre peſa huma mais que a outra, quando a do corpo ſobe adelgaçada, e purificada com o fogo dos trabalhos, e affliçoens, encheſe a da alma de riquezas do Ceo, e engroſſa com peſo de graças : por maneira que das perdas do corpo enriquece a alma. E eſta deve ſer a cauſa, porque os Santos, ainda aquelles que deſdo nacimento conſervaraõ a primeira graça polo ſanto bautiſmo recebida naõ deixaraõ nunca da maõ a penitencia atè o ultimo eſpirito : e della nacia ficar taõ ligeira em muitos aquella terra mortal, e peſada dos corpos pola força, e virtude, e peſo das almas, que a qualquer impulſo do eſpirito facilmente ſobia por eſſes ares como ſe trocara natureza. Neſte fundamento podemos fazer conta, que tinhaõ principio os grandes fervores, que eſta Madre tinha na oraçaõ, e a grande ſede com que a ella ſe dava. Porque ſabemos que todas as vinte e quatro horas do dia natural lhe pareciaõ tempo curto pera orar : e affirmava que as duas, ou tres horas que por obediencia dormia, tinha por

furtadas à alma, porque as naõ dava ao eſpirito, e oraçaõ. O ſeu goſto era eſtar continuamente ſò, e ſem tratar com ninguem, por tratar ſó com Deos: e por iſſo ſe moleſtava grandemente com todo genero de viſitas.

Na Igreja deſdo ponto que commungava, que era às oito horas atè às onze, que acabava a Miſſa Conventual eſtava ſempre de joelhos, taõ immovel, e ſem aballo como ſe fora huma eſtatua: e taõ enlevada no Ceo, que ſe a naõ advertiaõ que queria o ſacriſtaõ ſerrar a Igreja, naõ dava acordo de hora nem tempo, e quando ſe levantava era como arrancada à força. Acompanhava eſta oraçaõ com hum orvalho celeſtial de lagrimas em tanta abundancia, que parecia dom de Deos, porque era impoſſivel aver ſem milagre tanto humor pera vir aos olhos em quem quaſi naõ comia, nem bebia, nem dormia: e he averiguado, que lhe naõ baſtavaõ dous e tres lenços, que ſempre levava à Igreja, e acontecialhe mandar pedir outros a ſeu Confeſſor. E tudo dizia, que era pouco pera o que deſejava, e lhe parecia obrigaçaõ chorar quando lhe lembrava qualquer culpa das com que tinha offendido a hum Deos taõ digno de ſer amado, ſendo aſſi, que a dor, e compunçaõ de huma ſó venialidade lhe fazia deſejar verſe mil braças debaixo de terra.

Naõ podia deixar de ſer mui favorecida tal oraçaõ daquelle Senhor, a quem as lagrimas dos juſtos naõ ſó deleitaõ viſtas: mas tambem as ouve, como ſe lhe fizeraõ muſica: e iſto he querer ſiguificar, que o obrigaõ muito, como tambem diſſe, que lhe dava brados o ſangue de Abel. Notaraõ alguns Padres, que quando aſſi orava, lhe reſplandecia o roſto com huma luz taõ viva, que parecia eſpelho ferido de rayos do ſol. E em hum eſtormento de teſtimunhas, que ſe tirou diante do Ordinario em Santarem pouco deſpois de falecida, ouve algumas que depoſeraõ, veremna levantada no ar. E affirma ſeu Confeſſor, que eraõ grandes as conſolaçoens, e mercès, que de ordinario recebia do Senhor, grande a alteza de viſoens que tinha, e que quaſi nunca commungava, que o Senhor naõ alegraſſe ſua alma, e confirmaſſe ſua fé com alguma particularidade divina, que lhe moſtrava viſivel na hoſtia ſagrada. E foi huma dellas viſta por algumas das teſtimunhas, que depoſeraõ diante do Ordinario aſſaz eſpantoſa: porque affirmaõ verem diſtintamente muitas vezes as fórmas, que commungava, tintas, e como borrifadas de ſangue. Daqui lhe vinha hum tamanho goſto daquelle divino paſto, que o Confeſſor por ſuas grandes inſtancias, e obrigado do que ſabia de ſua conſciencia lhe concedeo poder commungar cada dia, couſa que ella eſtimou como ſingular favor do Ceo: e tanto que alcançou a licença, nunca mais atè morte perdeo o uſo della. E todas as vezes, que chegava à ſagrada meſa, hia jà taõ abſorta na conſideraçaõ do myſterio, e taõ vencida do divino cheiro dos unguentos, e botica celeſtial, que era neceſſario de propoſito eſpertalla o Confeſſor, que era o meſmo que lhe miniſtrava o Sacramento.

Gen. 4.

4. Reg. 20. Pſal. 38. & 55.

Eſ-

Eſte fogo Divino recebido na alma com os aparelhos, e premiſſas, que temos dito, lha veyo a purificar em taõ alto grào, que quaſi nem huma venialidade ſe achava nella. Da ſua boca naõ ſahia palavra ociosa, nem ſuas orelhas ſofriaõ ouvilla, nem ſofria que ninguem diante della falaſſe ſenaõ de Deos: e por iſſo lhe era penoſa a hora, que entendia no governo de ſua caſa, em que era força aſſiſtir: e atè a ſeu Confeſſor eſtranhava tratarlhe de materia, que naõ foſſe do Ceo, ou de ſua conſciencia. A Igreja continuava todos os dias tendo ſaude, porque todos os dias commungava como fica dito. As prègaçoens ouvia com grande attençaõ, condenando por culpa grave o contrario, pois pola boca do Prègador fala Deos com os homens. A' imitaçaõ de Santa Caterina de Sena Freira do meſmo habito, e terceira regra, tinha particular reſpeito, e affeiçaõ a todos os Religioſos; e venerando nelles a dignidade Sacerdotal, chamavalhes ſepulchro de ſeu Senhor, e com todos os que ſe queriaõ valer della exercitava huma incanſavel charidade: em eſpecial com os Padres da Ordem de S. Franciſco, dos quaes como mais neceſſitados era continua enfermeira: e com tanto amor, que dizia de ſi, que nenhuma neceſſidade veria nos proximos, que ſe naõ vendeſſe com muito boa, e alegre vontade pola remedear. A eſte reſpeito era ſua caſa huma botica franca, e continua pera todos os pobres da villa: e porque naõ ouveſſe falta, procurava fazer baſtante proviſaõ pera todo o anno do que cumpria pera doentes. E naõ ſe contentava com acodir aos pobres ſabidos, e publicos: remediava de ſecreto a muitos, que ſabia padeciaõ grandes faltas; e o querellas por honra encobrir, as fazia mais peſadas. Aos preſos ſocorria com eſmolas. Aos enfermos do hoſpital naõ ſe ſatisfazia com mandar mimos: determinou yr peſſoalmente ſervillos, e curallos; e ſe o deixou de fazer, foy porque ſeu Confeſſor lho tolheo. Eſcrito eſtà, que aceita o Senhor como feito à ſua propria peſſoa qualquer bem que fazemos ao pobre. Eſtes, que fazia, lhe pagava em altos intereſſes de miſericordias: porque alem das conſolaçoens interiores, que como temos dito lhe communicava na oraçaõ, acodialhe com grandes illuſtraçoens da alma, e com huns raptos dos ſentidos muito amiudados, que com tal paſto lhe ſevavaõ o eſpirito, que ſe fora licito naõ quiſera nunca tornar em ſi. Affinavaſe, e crecia a caridade nos favores, e rendialhe novos merecimentos, e mayores mercès. Affirma ſeu Confeſſor, que o meſmo Chriſto Senhor noſſo ſe lhe moſtrou muitas vezes no tempo, que rezava o Officio Divino: e em hum dia da Aſcençaõ, feſta de que era devotiſſima, lhe fez hum raro favor, que paſſou deſta maneira. Achandoſe no noſſo Convento como coſtumava, e aſſiſtindo àquella hora em que o bom Jeſu ſe foy pera o Pay Eterno, acompanhava com a conſideraçaõ, por huma parte a gloria com que hia capitaneando exercitos de almas ſantas, por ſeu ſangue da priſaõ antiga reſgatadas, e triunfando do inferno: por outra os gozos, e jubilos,

Matth. 25.

bilos, com que era recebido da Corte Celeſtial: ſeguiao cheya de prazer atè o Ceo Impirio. Logo decia com o penſamento a ajudar a ſentir as ſaudades da Máy ſagrada, e dos Santos Apoſtolos, que com almas, e olhos ſe hiaõ a poz elle taõ arrebatados, e ſuſpenſos, que parecia quererem voar. No meyo deſtas conſideraçoens ſolenizadas humas, e outras com lagrimas, hora de alegria, hora de magoa: eis que ſubitamente lhe começaõ a cayr ſobre o peito muitas roſas, que vindo ſabidamente do alto, e por boa conta dos jardins do Ceo, ella por humildade naõ ſe atrevia a cuydar tal. Mas viſto, e contado o ſucceſſo por peſſoas, que ſe acharaõ preſentes, e viraõ, e tocaraõ as roſas, eſtava claro, que naõ avia outra parte donde a tal tempo pudeſſem vir. Porque nem na Igreja, nem nos altares avia nenhuma, e era o cheiro, e a viſta tal, que bem teſtimunhava de que jardim vinhaõ.

No meſmo Convento em huma noite de Natal, cantandoſe o officio daquella ſanta feſta, vio hum Anjo, que com balanças hia peſando a devaçaõ, e attençaõ de cada hum dos Religioſos, e deſpois levava pera o Ceo ſeus merecimentos, e os louvores que davaõ a Deos. No meyo deſtes mimos, ou pera os ſabermos eſtimar, ou pera exercicio de paciencia, permittia o Senhor, que lhe apareceſſe o demonio algumas vezes. Procurava o maldito perturballa, e divertilla da oraçaõ, repreſentavaſelhe taõ feyo, e temeroſo como he. Mas aviao com quem eſtava encaſtellada na fortaleza da pedra, que he Chriſto, e veſtida nas armas da fé: nenhum caſo fazia delle, tratavao com deſprezo, e ſem nenhum medo: dizialhe o que era coſtumada reſponder a qualquer penſamento ocioſo, que noutro tempo ſe lhe offerecia. Eraõ as palavras: Andar, andar embora; outrem eſtà jà ſenhor da pouſada. Deſaparecia logo corrido, e raivoſo, e vingavaſe em lhe apagar a candea, com que rezava: e huma noite que ſintio mais verſe deſprezado, apagoulha com a maõ da meſma Madre, de modo que lhe deixou queimado hum dedo.

CAPITULO XLIV.

De algumas mercès que Deos fez a differentes peſſoas por meyo de ſuas oraçoens: e de huma muy ſoberana, que lhe fez a ella: e de ſeu bendito tranſito.

ASſi como o Senhor piadoſo permittia as vexaçoens, que temos contado, pera prova do valor de ſua ſerva, tambem lhe acodia logo com a paga de contado em novos favores. Era muito devota da Santa Madalena, e do Padre Santo Thomas, e de Santa Caterina de Sena, a quem chamava ſua mãy. Hum dia ſe vio viſitada de todos tres juntos, certificandoa com celeſtial conſolaçaõ, que eraõ ſuas oraçoens aceitas diante de Deos. E vio os effeitos deſta verdade em muitas couſas. Porque quaſi nenhuma pedia com efficacia, que naõ alcançaſſe. Foy huma o remedio de hum cativo dos que ſe perderaõ na batalha de Alcacere: remedio, naõ da liberdade corporal, mas da eſpiritual, que mais lhe cumpria, porque fo-

fora eſcandaloſa ſua vida paſſada. Petiçaõ he eſta, que muito agrada ao Rey da Gloria. Concedeolha, e foy ſervido, que acabando o corpo conſumido dos trabalhos, e miſerias do cativeiro, viſſe ella a alma alegre, e conſolada, e com graos de gloria dandolhe as graças do bem que por ſeu meyo, e interceſſaõ gozava.

O meſmo lhe aconteceo com hum preſo da cadea de Santarem, a quem culpas enormes faziaõ indigno de todo bem diante dos olhos do povo, mas naõ dos de dona Jeronyma, que conſiderando que fora remidio com o ſangue do bom Jeſu, deſpois de lhe mandar acodir com eſmolas, eſtranhadas ſempre de toda a terra, que o conhecia por facinoroſo, e deſalmado, determinou ſoccorrerlhe a alma com fervoroſas oraçoens: ſoccorro naõ ſòmente naõ eſtranhado no Ceo (quanta differença vay bom Deos dos voſſos caminhos aos caminhos dos homens!) mas taõ bem agaſalhado do Senhor delle, que foy ſervido vieſſe a morrer de ſua doença nos ferros, com ſinaes de predeſtinaçaõ quanto ao mundo, e com certeza quanto a ella.

A meſma experiencia ſe vio da valia de ſua oraçaõ em muitos caſos de menos importancia, mas tambem milagroſos. Porque alcançou ſaude pera muitos enfermos de doenças, que a fiſica naõ ſabia curar. Dous Frades noſſos referiaõ à ſua virtude veremſe livres de huns accidentes, que padeciaõ de grande perigo. A muitas molheres valeo em partos perigoſos: e particularmente a duas, que eſtavaõ julgadas por mortas, pareceo claramente que naõ podia ſer ſem milagre.

Mas de tudo iſto devemos fazer pouco caſo à viſta de outro grande, e ſoberano favor, que ſoube negocear, e alcançar. Affirmava o Confeſſor, que andara a ſanta Madre muito tempo em requerimento com ſeu amado Jeſu, que pera ſatisfaçaõ de culpas, e augmento de amor lhe concedeſſe poder ſentir em ſi alguma parte das dores, que ella padecera na Cruz: e ajuntava que foſſem interiores, e ſecretas. Porque queria ſó o tormento, e naõ a honra dellas. Alcançoulhe o deſpacho deſejado a perſeverança com que o requereo. E começou a padecer graviſſimas dores no lado eſquerdo, e nos pès, e maons, acontecendolhe a tempos ſerem taõ crecidas, que por muito que trabalhava diſſimular, naõ podia ſuſtentarſe ſobre os pès, e ficava de todo manca: e nas maons era tal o martyrio, que ſe lhe abraſavaõ em fogo da força delle. Mas ſem outro nenhum final de fóra. Sò no lado foy o Senhor ſervido, pouco mais de hum anno antes de ſeu falecimento, abrirlhe huma chaga patente, e clara, que alem da dor interior, lhe dava por fóra grande trabalho. Porque o ſangue, que lançava, ſe lhe pegava na tunica, e cauſava tormento de ferida freſca: do qual obrigada fez queixa ao Confeſſor, pedindolhe conſelho ſe aplicaria remedios humanos ao mal que ſabia, e conhecia naõ ſer humano. Quiz elle entaõ, que viſſem a chaga algumas dònas de ſua caſa pera com teſtimunho de muitos olhos ſe poder reſolver: e o que della nos deixou eſcrito he, que era com-

comprida, e raſgada, e por baixo do peito eſquerdo, e reſumbrava ſangue continuo. Eſtas palavras, que temos dito, ſaõ as proprias do Confeſſor: no termo de comprida parece querer entender, que era de alto abaixo, e naõ atraveſſada, como nos repreſentaõ os pintores a chaga do lado do Senhor crucificado. Em humas Endoenças da ſeſta feira pera o ſabado (dias que ella coſtumava paſſar na Igreja) foi tanta a vehemencia de dores, que lhe acodiraõ ao peito, que a forçaraõ a deixar a Igreja, e yrſe a caſa levada em braços como doente de huma grande enfermidade: e ſem ſe poder doutra maneira valer, ſe lançou em cama: onde a força daquelle mal ſobrenatural a teve taõ tolhida, e atormentada, que foy impoſſivel poderſe levantar por alguns dias.

Mas chegavaſe a hora em que o Senhor tinha determinado alivialla de todos os trabalhos: e pera crecerem os peſos da gloria à medida do que aos ſeus fieis tem prometido, deulhe huma doença, que toda foy de novas, e agudiſſimas dores. Aſſi jazia conſumida de ſuas penitencias, e ſobre grande fraqueza padeceo aquelle intoleravel martyrio em todos os membros: e eſtes jà naõ eraõ mais, que huma armaçaõ ou notomia de oſſos, que o fraco alento da vida ſuſtentava ainda juntos. A alma eſtava toda enlevada em ſeu Deos: mas entretanto fazia a natureza ſeu officio no corpo mortal oprimindoo com a affliçaõ da doença, que lhe hia acabando a vida, e juntandoſe a ella hum tormento novo de huma grande dor, que intenſamente lhe atraveſſava ambos os lados. Eſte lhe durou de oito dias antes, que faleceſſe atè à hora que Deos a levou, e lhe abrio nova ferida no lado direito.

Neſte eſtado vio junto de ſi hum vulto, que a ſeu parecer era como de hum cordeiro, do qual ſahia huma voz, que lhe dizia eſtas palavras formaes: Veràs quanto es amada polo que fores padecendo. Palavras, que todos os atribulados deviaõ trazer impreſſas no coraçaõ, pera eſtimarem, e abraçarem com goſto ſeus trabalhos naõ ſó pera ſe conſolarem nelles, como ſe conſolou muito a noſſa enferma: a qual chamando ſeu Confeſſor, lhe pedio que logo as eſcreveſſe pera nunca dellas ſe poder eſquecer, deſpois de lhe contar a viſaõ.

Com muitas outras conſolaçoens a favoreceo o Senhor no meyo deſte purgatorio, que ſendo duriſſimo de levar ellas lho hiaõ fazendo paraiſo. Foy huma moſtrarlhe a hora de ſeu tranſito tanto ao juſto, que mandou eſcrever a ſeu filho mais velho dom Manoel Coutinho, que eſtava em Lisboa, que atè veſpera de S. Franciſco, terceiro dia de Outubro, ſe achaſſe em Santarem ſe a queria ver antes de acabar: e com a meſma certeza fez eſcrever cartas à algumas peſſoas devotas, com quem ſe communicava, deſpedindoſe dellas, e ordenou ſeu teſtamento, e pedio, e recebeo todos os Sacramentos da Igreja.

Na madrugada do dia em que faleceo aos tres de Outubro ſe lhe repreſentou à viſta hum altar cercado de reſplandores, e fermoſura celeſtial, e todo ſemeado de roſas: e nelle hum Sacer-

cerdote, que lhe dizia Miſſa, e de ſua maõ a commungava. Podeſe crer, ainda que o naõ declarou, que ſeria o meſmo Chriſto de quem tantas mercès cada hora recebia. Acompanhava a ſeu Confeſſor a quem contou a viſaõ, e por occaſiaõ della lhe refirio neſta hora, que quando recebera as chagas interiores nos pès, e maons, e a exterior do lado vira decer do Ceo humas linhas de fogo, e ſangue, que a feriraõ, e certificaraõ da mercè que o Senhor lhe fazia. Tinha pedido a Deos, que foſſe ſua morte em dia de quinta feira, por ſer dedicado à ſolenidade do Santiſſimo Sacramento de quem era grandemente devota: e na hora em que Chriſto ſobio aos Ceos, que ſempre chamava a ſua fermoſa hora. Tudo lhe concedeo o Senhor, porque o dia da veſpera de S. Franciſco, que foy aos tres de Outubro, cahio em quinta feira, e nella a levou pera ſi, no ponto da huma hora deſpois de meyo dia. Foy couſa de grande eſpanto pera todos os que ſe acharaõ preſentes, e acompanharaõ à ſepultura, a ſuavidade, e novidade do cheiro, que della ſahia, e a fermoſura, e graça extraordinaria, que ſe lhe notava no roſto. Foy enterrada como Religioſa no cemiterio do Convento, e levada na tumba dos Frades, e por elles: anno de 1585, aos quarenta e tres de ſua idade, ou pouco mais. 1585.

Fim do Livro Quinto.

LIVRO SEISTO
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS,
PARTICULAR DO REYNO, E CONQUISTAS de Portugal.

CAPITULO I.

Das cauſas, e rezoens que ſe offerecem pera o Reyno de Portugal ter produzido tanta gente ſanta, como parece deſta Hiſtoria.

Thucid. lib. 2. de Bell. Pelop. Tit. Livio Dec. 2. l. 1. & Dec. 4. l. 1.

NOtado tenho em eſcritores antigos Gregos, e Latinos, no proceſſo de ſuas obras cortarem algumas vezes o fio da hiſtoria, e ſuſpendendo a narraçaõ entreteremſe a ſi, e ao Leitor com alguns diſcurſos, que lhe caem a propoſito, mais vezes de curioſidade, que neceſſidade. Pareceme iſto o meſmo que acontece a quem tem paſſado largo caminho, que ou ſe aſſenta de cançado achando ſitio deleitoſo: ou de contente, ſe chega a poſto, que lhe começa a deſcobrir, inda que ſeja de longe, o fim da jornada. Com taõ bom exemplo, e com tanto papel eſcrito, como atràs deixamos: e achandonos no ultimo dos ſeis livros, que damos a eſte primeyro volume, que he quaſi eſtarmos à viſta do fim delle, licença temos pera diſcurſar hum pouco ſobre hum penſamento, que ſe me tem offerecido nas materias, que vamos tratando, naõ indigno do emprego de algumas regras.

Paſſando os olhos por tanto numero de gente ſanta, e taõ ſanta como temos viſto atè aqui, em Provincia taõ eſtreita, e Conventos taõ poucos, perſuadome que deve aver alguma rezaõ mais alta, que as ordinarias de frutificar neſte Reyno com tanto exceſſo a doutrina de S. Domingos. E naõ hey por baſtante dizeremme, que o fez a força da boa ſementeira, e a diligencia do primeiro, que nella poz a maõ. Porque ſe iſſo ouvera de baſtar, perguntariamos logo como naõ reſpondeo com a meſma fertilidade em outras regioens mayores por terras, por grandeza de Conventos, por

numero de Religioſos: pois naõ ſe me pode negar, que nenhuma em ſua cantidade deu tantos, e taõ grandes Santos a eſta Ordem, como Portugal. Offerece-ſeme aqui o que dizem os Aſtrologos de humas matas, que ha em certa parte de Macedonia, as quais criaõ ferociſſimos Lioens, naõ ſe criando em nenhuma outra de todo o Reyno: e daõ por cauſa a influencia, e conſtellaçoens do Ceo, a que querem attribuir produzirem humas regioens flores, e frutos, arvores, e animais, que outras naõ levaõ, ſendo o terreno igualmente fecundo. Aſſi me parece, que dar Portugal taõ crecida novidade de virtudes heroicas a eſta Ordem, como tambem a tem dado a todas as outras Religioens, foy particular influencia da miſericordia Divina, que ſuperabundou nelle com enchentes de mercès ſuas, des do tempo que ſubindo Chriſto Senhor Noſſo aos Ceos, foy ſervido que ſe ſantificaſſe eſte pequeno torraõ, primeyro que toda outra parte de Europa, e de Eſpanha, com a preſença, e prègaçaõ do grande Apoſtolo Santiago. E porque naõ devia ſer ſem particular ordem, e revelaçaõ do Ceo tal jornada, podemos dizer, que em certo modo quiz o Senhor cumprir na terra a animoſa petiçaõ dos dous irmaons, e de ſua mãy, dando a hum o braço do Oriente em Efeſo, e mandando o outro a eſte ultimo Occidente a huma das mayores cidades, e de mais conta que entaõ avia nelle. Eſta era a que jà poſſuhia o nome de Brachara Auguſta polo imperio Romano, e por elle era aſſento, e Corte de juſtiça, e cabeça de Provincia. Aqui prègou o Santo, e ajuntou diſcipulos, que como rios derivados da fonte do Paraiſo regaraõ deſpois com as agoas de ſua doutrina todo o reſto de Eſpanha, e com o ſangue muitas cidades. Mas o primeiro, que o derramou polla fé em toda Eſpanha, foi aquelle a quem o Santo dandolhe a cadeira Epiſcopal de Braga tinha dado tambem com ditoſo, e bem eſtreado pronoſtico, pera ſer pedra fundamental das Igrejas de Eſpanha, o nome de Pedro: e deixandoo nella, ſe tornou com os mais a padecer em Jeruſalem.

Eſta grande honra de Eſpanha, foi tanto mayor, e mais particular pera o Reyno de Portugal, viſtos tais principios, que a ella, e a elles devemos referir hum exceſſivo numero de gente ſanta, que com raro valor de virtudes o tem honrado por todas as idades, em todas as cidades, e villas, e por todas as Ordens, que ſuſtenta. E tenho por certo, que naõ ha de tardar em ſair a luz hum martyrologio de Santos Portuguezes, que faça eſpanto, e devaçaõ em toda a terra. Mas porque he taõ antigo como o meſmo mundo, naõ faltarem emulos, ou envejoſos nelle de qualquer favor extraordinario, ſeja do Ceo, ou ſeja da terra: brevemente moſtraremos a verdade deſtes conteſtimunhos irrefragaveis.

E ſerà o primeiro de peſſoa mayor de toda exceiçaõ, qual he o Papa Calixto, cujas palavras nos provaõ a vinda do Santo a Galiza, ſua prègaçaõ, eſcolha, e converſaõ de diſcipulos, e ſaõ as ſeguintes. Calixt. Papa in prologo transl. S. Jacob.

No-

NOuem verò in Gallæcia dum adhuc viueret Apoſtolus elegiſſe dicitur, quorum ſeptem (alijs duobus in Gallæcia prædicandi cauſa remanentibus) cum eo Hieroſolymam perrexere &c.

E deixando eſcritores Eſpanhoes, que nos podem dar por ſoſpeitos, que todos affirmaõ o meſmo, desde Santo Iſidoro, atè os mais modernos: e deixando os Breviarios de Braga, Çaragoça, e Toledo digniſſimos de toda fé por antiguidade, e calidade, pòde quem for curioſo ſatisfazerſe deſta verdade polos eſcritos dos Biſpos Cabelionenſe, e Eſquilio, de Santo Antonino, e Beda, e Vincencio no Eſpelho Hiſtorial, e ſobre tudo da tradiçaõ geral, e immemorial, que tem tanta força, como hiſtoria viva.

S. Iſid. Breviarios de Braga, Çaragoça, Toledo. Epiſcop. Cabelion. Epiſcop. Eſquil. S. Antoninus. Beda in Collect. Vincen. in ſpec. p. 2. l. 10.

Conſtando pois, como conſta, da vinda do Santo a Galiza, naõ temos pera que nos canſar na prova de que prègou em Braga. Porque eſtà entendido, que ſendo (como outras vezes temos moſtrado) eſta cidade, e toda a terra de alem Douro nas antigas demarcaçoens de Galiza, e ſendo povoaçaõ taõ celebre por todas as vias, a nenhuma iria o Santo primeiro dar novas da vinda do filho de Deos à terra. Nella prègou, e converteo, e eſcolheo nove diſcipulos, de que naõ podemos duvidar ſerem vizinhos, ou moradores de Braga. De ſerem taõ poucos naõ ha que eſpantar, porque ainda entaõ naõ prègavaõ os Apoſtolos o Evangelho mais que aos do ſangue Hebreo. Do numero certo nos aviſa o Papa Calixto nas palavras aſſima referidas: e em outras, que logo ſeguem, nos dà conta da vida, e lugares da morte dos ſete delles, dizendo que de Jeruſalem vieraõ acompanhando ſeu ſanto corpo defunto atè o ſepultarem em Galiza: e day ſe foraõ a Roma, donde tornaraõ ſagrados Biſpos polos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo: e convertida gente ſem numero em Eſpanha, acabaraõ a vida Torquato em Acci, Theſifon em Verja, Segundo em Avila, Endalecio em Urci, Cecilio em Eliberi, e Eſicio em Caterſa, Eufraſio em Andujar. O Latim he:

EIuſque corpus poſt paſſionem per mare ad Gallæciam deportauerunt: de quibus Beatus Hieronymus in martyrologio ſuo, ſicut didicit à Beato Cromatio, ſcripſit quòd, ſepulto in Gallæcia beati Jacobi corpore, ab Apoſtolis Petro, & Paulo infulis Epiſcopalibus apud Romam ordinantur, & ad prædicandum Dei verbum ad Hiſpanias adhuc gentili errore implicatas diriguntur. Tandem verò peregrinatione ſua inenarrabilibus gentibus illuſtratis Torquatus

quatus Acci, Theſiphonis Uergi, Secundus Abulæ, Endalecius Urci, Cæcilius Eliberi, & Eſicius Caterſæ, Eufraſius Eliturgi circiter Idus Maij quieuere.

Tendo por ſi eſta relaçaõ naõ ſó ao Papa Calixto, mas a S. Jeronymo, e S. Cromacio, como della parece: foy Deos ſervido acreditalla de novo, naõ ha muytos annos, com o theſouro de reliquias, que deſcobrio em Granada ſendo Arcebiſpo nella dom Pedro de Caſtro: com a qual ſe achou particular informaçaõ do martyrio de tres Santos deſtes, que lhes dà os meſmos nomes, e os chama diſcipulos de Santiago. E aſſi fica certa, e ſem duvida na parte que toca aos dous diſcipulos, que ſem os nomear, diz ficaraõ em Galiza pera continuarem a prègaçaõ, dos quais foy hum o bemaventurado Protomartyr de Eſpanha S. Pedro de Rates, primeiro Prelado, e Primàs della, e immediato ſucceſſor do Apoſtolo Santiago, e de ſua maõ conſtituido na cadeira de Braga: e taõ verdadeiro imitador de ſeu meſtre, que aſſi como Santiago foy o primeiro dos Apoſtolos, que padeceo por Chriſto: foy elle o primeiro martyr naõ ſó de Eſpanha, mas de toda Europa, dando o ſangue pola fé no anno de Chriſto de quarenta e ſinco ſegundo os Hiſtoriadores de Eſpanha, e outros, e o Martirologio Portuguez. E foy o martyrio no lugar de Rates quatro legoas de Braga: donde ſendo primeiro deſcuberto por luzes do Ceo, e deſpois por grandes milagres, em fim foy levado pera a ſua Sè de Braga polos annos do Senhor de 1552. Mas tornemos à noſſa Hiſtoria.

Gregor. Lopes Madeira ſobre as particularidades deſtas reliquias. Fr. Bern. de Brito na Monarchia Luſit. p. 2. l. 5. c. 5.

An. 45.

Martyrolog. Luſit. Vazeo no 1. tom. de ſua Cronol. Bernar. BiſpoLodovenſe 3. p. 1552.

CAPITULO II.

Do principio que teve o Moſteyro de Freyras de Corpus Chriſti em Villa nova do Porto.

CInquenta e oito annos correraõ deſpois que no Capitulo Geral de Bordeos foy admittido à Ordem o moſteyro das Dònas de Santarem, atè o de 1345, em que ſe fez nova fundaçaõ, e doaçaõ junto à cidade do Porto, da caſa, e Igreja de Corpus Chriſti: e porque no diſcurſo deſtes annos naõ ſuccedeo levantarſe no Reyno outro nenhum edificio pertencente à ordem de S. Domingos, tem aqui eſta caſa ſeu lugar: e no numero, e antiguidade dos Moſteyros de Freyras he o terceiro, e no de caſas em geral, undecima. He pois de ſaber, que reinando em Portugal el Rey dom Afonſo o Quarto, que por valor mereceo o nome de Bravo, vivia em Villa nova do Porto huma Dòna muito rica, e nobre por nome dona Maria Mendes Petita filha de Soeiro Mendes Petite, a qual ficando viuva de hum fidalgo honrado do apellido dos Coelhos (apellido que naquelle tempo tinha no Reyno muito lugar, e nome) deſejoſa de empregar parte de ſua fazenda em hum Moſteyro de Freyras pera ſerviço de Deos, e recolhimento ſeu em vida, e morte: começou junto das caſas, em que vivia, huma fabrica grande de clauſtros, e officinas ſem dar conta a ninguem da tençaõ, e

fim

fim pera que aſſi edificava, e procurando que ſe naõ entendeſſe, que fazia Moſteyro. Tanto que a teve acabada, mandou pòr maons no que faltava pera deſcobrir ſeu intento, que era a Igreja. Pera eſte effeito meteo numero de officiaes, e fez grande, e extraordinaria diligencia por ver ſe a podia levantar antes dos encontros, que tinha por certos na hora, que ſe entendeſſe na terra ſeu diſenho. E naõ ſe enganou: porque tanto que no proceſſo da obra apareceo traça, e forma de Igreja, acodio logo o Cabido da Sè a impedir, e embargar tudo. Era dona Maria muito poderoſa por fazenda, e valia, tinha de propoſito muytos materiaes juntos, ſobejavaõ officiaes, e trabalhadores: naõ fez caſo dos embargos pera deixar de continuar a obra: antes corriaõ a paſſo igual embargos, e edificio, e huma couſa, e outra hya a toda furia. Aſſi em quanto ſe litigava creceo a Igreja de maneira, que ſe poz em ſua perfeiçaõ. Naõ faltando na caſa outra couſa mais, que quem a povoaſſe, foiſe dona Maria a ella com ſeus criados, e chamando o Prior do noſſo Convento da cidade, que era Frey Vicente de Barcellos, fezlhe por huma publica eſcritura doaçaõ de toda aquella fabrica em nome da Ordem, e da Prioreſſa, e Freyras do Moſteiro de S. Domingos das Donas de Santarem: e elle, e ſeu companheiro o Doutor Frey Pedro de Caires a aceitaraõ no meſmo nome. He de ver a eſcritura, cujo original ſe guarda no Cartorio do Moſteyro, e tresladada puntualmente diz aſſi.

Saibaõ todos que em preſença de mim Afonſeanes Taballeon de Noſſo Senhor el Rey em Gaya & em Villa Nova & em ſeus termos & julgados, & das teſtimunhas que a diante ſom eſcritas, dona Maria Meendes Petita filha de Soeiro Meendes Petite, diſſe que ella ao louuor & à honra, & a ſeruiço do Corpo de Ieſu Chriſto fizera, ordinhara, fundara, & edificara caſas moradeas, caſa ſanta de Igreja pera ſe fazer officio diuino em Villa Noua de par de Gaya. E porque o ella aſſi fizera a ſeruiço & ao louuor de Deos Padre, Filho & Eſpirito Santo, entendendo ella que o dito logar podia ſer ſeruido, teuido a ſeruiço de Deos por Dònas da Ordem de S. Domingos. Porem a dita dona Maria diſſe que ella daua, doaua, fazia doaçaõ pera todo ſempre de todas as ſobreditas caſas que ella fizera na dita Villa Noua, aſſi como eſtaõ cerradas, tapadas, muradas com ſa Igreja, como parte pola fonte por cima das caſas contra o monte como eſtava cerrado, tapado: de contra Douro caminho publico: de contra Abrego caminho

nho publico : às Dònas Pregaretas da Ordem de S. Domingos de Santarem que ellas o pobrem, morem façaõ ahy ſeruiço de Deos. A qual doaçaõ dona Maria diſſe que fazia por ſà alma & daquelles de quem alguma couſa ouuera como naõ deuia, aſſi que nunca por filho nem filha, nem por neto nem por neta, nem por geraçaõ, nem por diuido, nem por linhagem nunca podeſſe ſer embargada nem toruada a dita doaçaõ que ella fizera das ditas caſas às ſobreditas Dònas. E que aquelle ou aquella tambem de ſà parte, como da eſtranha que a dita doaçaõ das ſobreditas caſas erdades quiſeſſem embargar, ou toruar por alguma guiſa, primeiramente ſeja maldita da maldiçom de Deos Padre, & da ſua com Iudas o tredor no inferno foſſem malditos, confuſos, condanados. E de mais diſſe que ella daua maldiçom pera todo ſempre a toda ſua geraçom que o embargaſſem, & que aſſi ſecaſſem como ſecaua a ſilua no Agoſto. E logo na dita hora a dita dona Maria ſe ſayo das ditas caſas, e meteo em corporal poſſeſſom Frey Vicente de Barcellos & Frey Pedro de Caires Doutor da Ordem de S. Domingos do Porto & em nome das ditas Dònas, os quaes ſe dezia procuradores das ditas Dònas em corporal poſſeſſom das ſobreditas caſas erdades, por terra, por telha, per chaues, e os ſobreditos receberom a dita poſſe. E a dita dona Maria diſſe que tolhia, renunciaua todo o direito, & juro, & poſſe que ella nas ſobreditas caſas auia, & que dava, & doava, & outorgava à Prioreſſa de S. Domingos & às outras Dònas que hy vieſſem pobrar com ella. E de mais logo a dita dona Maria pera dotar o dito logar pera ſerviço de Deos, e pera ſe poderem manter aquellas Dònas que hy ſeruirem a Deos, deu & doou ao dito lugar, & dotou das ſàs erdades : Conuem a ſaber as ſainhas de Tauaride que forom de Pedro Afonſo Ribeiro que eſtaõ na freguezia de Buarcos : & a erdade de Caſtro que foi de Guiomarianes Coelha que eſtà no termo de Leirea: & as caſas do campo do ſergueiro com ſeus exidos & com ſàs pertenças que eſtaõ em Villa Nova de par de Gaya: e a vinha que foy de Domingos Teeyga de Gaya: aſſi que pera ſempre as ajaõ pera ſeu mantijmento. E logo outro ſi a dita dona Maria diſſe que lhes daua a poſſeſſom das ditas er-

erdades, & que as tomaſſem & ouueſſem ſempre para todo ſempre cada que quiſeſſem, & mandou dar às ſobreditas deſto hum eſtromento feito em Villa Noua de par de Gaya onze dias do mez de Outubro Era de M.CCC.LXXXIII. annos (que he anno do Senhor 1345) *Teſtimunhas Martim Afonſo clerigo, Ioaõ Saluadoriz, Pero Fernandes clerigo, Vaſco Lourenço homem de dona Maria, Domingos Martins clerigo da dita dona Maria & outros. E eu Afonſeanes Taballiom ſobre dito que eſte eſtormento por mandado & outorgamento da dita dona Maria fiz: eſtas couſas preſente fuy, & porem meu ſinal hy fiz que tal he.* 1345.

Eſtava o Cabido ſentido, e queixoſo do artificio, com que dona Maria procedera primeiro, e da força com que deſpois ſe mantinha contra ſeus embargos: mas quando chegou à ſua noticia o auto de doaçaõ, e poſſe que naõ pode ſer ſecreto, como paſſou entre tanta gente, levantaraõ montes de requerimentos em todos os auditorios Eccleſiaſticos, e ſeculares: em huns embargando a poſſe, e doaçoens dos Frades, em outros o dote da fazenda: e por remate naõ pediaõ menos ſe naõ, que ſe derribaſſe o Moſteyro por ſe aver edificado ſem licença nem conſentimento do Biſpo, e Cabido. Corria o litigio com grandes altercaçoens, e contendas: de ſorte que os Frades por naõ eſcandalizarem a parte do Clero foraõ ſuſpendendo a vinda das fundadoras, que jà eſtavaõ nomeadas polo Provincial no Moſteyro das Dònas de Santarem.

CAPITULO III.

Pede o Cabido Juiz Apoſtolico ao Pontifice pera a cauſa dos embargos, que tinha poſto ao Moſteyro. Pede dona Maria licença pera fundar. Dàſe o Juiz, e dàſe a licença.

PAſſados muitos dias, vendo o Cabido, que lhe naõ valiaõ ſuas diligencias contra dona Maria, porque em nenhum requerimento eraõ providos, ſuplicaraõ ao Papa que lhes deſſe hum Juiz Apoſtolico pera a cauſa, que naõ foſſe morador daquelle Biſpado, porque todos os naturaes, ou que nelle tinhaõ domicilio aviaõ por ſuſpeitos. Nomeoulhes o Pontifice ao Biſpo de Viſeu: mas naõ lhes foy por iſſo melhor, porque a fundadora aſſi como tinha mais juſta cauſa, e ſua calidade era tanta, que ſe fazia reſpeitar por toda a parte, tambem alcançou mais favor da Sè Apoſtolica: e impetrou hum Breve com que ceſſou toda a contenda em cabo de muitos annos de trabalhos, e deſgoſtos com o Cabido, polo modo que agora diremos. Of-

fereceo ella, que dotaria o Moſteyro em quinhentas libras de renda, a fòra hortas, e caſas, que tinha junto do Moſteyro, que tambem lhe aplicava. Com eſte dote lhe foy deſpachada huma muy ampla licença pera a fundaçaõ do teor ſeguinte. E porque fica declarado o que contem eſcuſaremos traduzilla.

INnocentius Epiſcopus ſeruus ſeruorum Dei, dilectæ in Chriſto filiæ nobili mulieri Mariæ Menendæ Portugallenſis diæceſis ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Tuæ deuotionis merita, quibus in ſinceritate fidei æterno Regi placere deſideras, ac Romanam Eccleſiam reuereris, rationabiliter nos inducunt, vt deſiderijs tuis, illis præſertim, quæ tuæ ſalutis commodum, & Diuini cultus augmentum reſpiciunt, opportunis fauoribus annuamus. Exhibitæ ſiquidem nobis pro parte tua petitionis ſeries continebat quod tu de ſalute propria cogitans, cupienſque terrena in cœleſtia, tranſitoria in æterna fælici commercio commutare, in quibuſdam domibus tuis in Uilla Noua Portugallenſis diæceſis, & ad te ſpectantibus, ac ſufficientibus pro vno Monaſterio inibi conſtruendo, præcordialiter deſideras quoddam Monaſterium Canonicarum Ordinis Sancti Auguſtini, quæ ſub cura, & ſecundum inſtituta Ordinis Fratrum Prædicatorum perpetuò viuere debeant, cum Eccleſia ſeu Oratorio, cœmiterio, domibus, & alijs officinis, pro certo competenti numero earundem Canonicarum fundare & ædificare, ac de bonis tuis proprijs ſic Monaſterium præfatum dotare, quod ipſius Monaſterij fructus, redditus & prouentus quingentas libras monetæ Regni Portugalliæ valeant annuatim, & nihilominus ius patronatus eiuſdem Eccleſiæ dictæ diæceſis, & hortos, & loca quædam eiſdem domibus contigua, & plura alia ad te ſimiliter ſpectantia pro ſuſtentatione dictarum Canonicarum, & aliarum inibi pro tempore degentium, in augmentum dotis huiuſmodi eidem Monaſterio aſſignare. Quarè pro parte tua nobis extitit humiliter ſupplicatum, vt tibi fundandi, dotandi, & ædificandi Monaſterium huiuſmodi licentiam concedere dignaremur. Nos itaque huiuſmodi tuum deſiderium in Domino commendantes, ac propterea volentes votis tuis anuere fauorabiliter in hac parte, tibi fundandi & conſtruendi dictum Monaſterium in eiſdem domibus cum Eccleſia, ſeu Ora-

Oratorio , & alijs officinis prædictis dote ſupradicta de bonis prædictis eidem Monaſterio primitùs aſſignata, iureque Parrochialis Eccleſiæ , & cuiuslibet alterius in omnibus ſemper ſaluo , plenam & liberam autoritate Apoſtolica tenore præſentium licentiam elargimur. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam noſtræ conceſſionis & voluntatis infringere , vel ei auſu temerario contra ire. Si quis autem hoc attentare præſumpſerit , indignationem Omnipotentis Dei , & Beatorum Petri & Pauli Apoſtolorum eius , ſe nouerit incurſurum. Datum Auinione Tertio Nonas Martij Pontificatus noſtri anno primo.

Foy deſpachado eſte Breve em cinco de Março do anno de
1353. Chriſto de 1353 , que juſtamente reſponde ao primeiro anno do Pontificado deſte Papa. Nelle acho duas couſas dignas de conſideraçaõ : huma pera honra da noſſa fundadora , que he o titulo , dizendo , *Nobili mulieri* , o qual lhe naõ dera , ſe naõ conſtara ſer peſſoa de muita calidade. Outra o nome que poem às noſſas Freiras de Conegas de Santo Agoſtinho governadas polos Frades Prègadores , e por
L.1.c.23. ſuas Conſtituiçoens. O que quero que ainda nos ſirva , ou pera confirmaçaõ do que eſcrevemos na fundaçaõ do noſſo Moſteyro de Chellas , ou pera perdaõ do ſentimento com que alli nos queixamos.

Reſta pera ſatisfaçaõ de tudo o que o Breve contem averiguarmos a valia , que entaõ tinhaõ as quinhentas livras de renda , com que a fundadora ſe obrigou a dotar o Moſteyro. Valiaõ as quinhentas livras ao juſto dezoito mil reis da moeda , que hoje corre : e naõ era pequena renda pera aquelles tempos , em que a falta da moeda era geral , e a grande abundancia , e barateza dos fruitos da terra , junta ao pouco numero de povo que entaõ àvia no Reyno pera os gaſtar , faziaõ riqueza do que oje quaſi naõ he dinheiro nem fazenda conſideravel. Mas porque eſta conta , e reduçaõ da moeda antiga ao valor da preſente nos ha de ſervir pera o diante , e alguns eſcritores falaõ nella com menos advertencia , moſtraremos a certeza das livras mais em particular. Sendo aſſi que o diſcurſo dos annos faz continuas mudanças em tudo o da terra , iſto he certo , que em nenhuma couſa as vemos mayores , que no uſo da moeda , dependendo della todo o trato , e governo da vida humana. A cidade de Roma , que ſe manteve quinhentos e oitenta e cinco annos ſem conhecer outra moeda mais que de cobre , e a primeira que bateo de prata , foy cinco annos antes da primeira guerra Punica : lemos que neſſe cobre fez grandes mudanças levantandolhe o preço , e adelgaçando a moeda tanto em peſo , que por duas vezes deſempenhou a Republica : huma na primeira , outra na ſegunda guerra Punica. Ao re-

Plin. Nat. hiſ. l. 33. c. 3.

vez o vimos neſte Reyno os que nos lembramos do anno de 572, no qual el Rey dom Sebaſtiaõ com grande conſelho abateo o meſmo cobre de maneira, que a moeda, que valia dez, ficou em tres, e a eſte reſpeito todas as mais. Enchiaſe o Reyno de cobre, fugia a prata, e ouro: remedioule o mal com a baixa. E com tudo à viſta de tal exemplo vemos em Caſtella de vinte annos pera cà ſobida a meſma moeda (chamaõlhe là de velhon) ao dobro do que antes valia: por maneira, que cada arratel de cobre em ſaindo ſinelado dos crunhos Reays, val tres vezes mais do que ſe acha nas tendas em paſta. Aſſi he certo, que como Eſpanha tem mais ouro, e prata, que todas as mais Provincias da Europa: e pola meſma rezaõ he mayor ſua valia nellas, que nella: podemos dizer, que todas ellas batem cobre pera Eſpanha: e Eſpanha ouro, e prata pera ellas: com grande perda noſſa, e proveito do eſtrangeiro, a quem a cobiça, e ganho exceſſivo inſinaõ a ſer moedeiro do cobre, e paſſador de huma, e outra moeda. Seja exemplo que vimos por noſſos olhos em Argel, no anno de 577 em que aly fuy cativo, correr eſcudos, e reales de oito, e de quatro em cantidade admiravel, e o preço era dezaſeis reales o eſcudo douro, doze os reales de oito, ſeis os de quatro: ſendo a diſtancia de naõ muitas legoas de Eſpanha, e o commercio muito continuo. Por rezaõ deſtas alteraçoens, e danos foraõ ſempre os Reys de Portugal acudindo com Ordenaçoens, e declaraçoens importantes, como parece das que el Rey dom Manoel nos deixou, que ainda oje duraõ, nas quais ſe refere a outras dos Reys dom Afonſo Quinto, e dom Duarte: e de todas ſe collige a grande variedade, que os annos hiaõ fazendo na moeda, em peſos, valias, feiçoens, armas, e diviſas de cada huma, e atè nos nomes. El Rey dom Duarte mandou, que por cada huma das livras antigas (e chamou antigas as de contratos, e eſcrituras feitas antes do anno de 1395) ſe pagaſſem ſetecentas das correntes de ſeu tempo: e declarou logo, que a tal livra antiga valeria vinte reays brancos: e cada real branco dez pretos. El Rey dom Afonſo Quinto, que lhe ſuccedeo ſem fazer novidade nas livras, levantou a valia dos reais brancos a dezoito pretos, ou dinheiros. Eraõ pretos, e dinheiros, e ſeitis huma meſma couſa. E os reais brancos o meſmo, que ſoldos. Reynando el Rey dom Manoel, porque jà entaõ ſe naõ batiaõ reais brancos, nem dinheiros, ou pretos do peſo, e valia antiga: e recreciaõ muitas duvidas ſobre os pagamentos de contratos feitos em tempos atràs, declarou por atalhar todas, que a valia intrinſeca dos reais brancos era por cada hum dez ſeitis, e quatro quintos de ſeitil, dos que em ſeu tempo mandava lavrar, que ſaõ do valor dos meſmos, que oje ha. Aſſi fica entendido, que como aquella livra antiga valia vinte reais brancos: e o real branco valia intrinſecamente dez ſeitis, e quatro quintos de ſeitil dos que oje duraõ, reſpondem a cada livra antiga ao juſto nos reais do tempo preſente, trinta e ſeis reis: e conſeguintemente

Ord. del Rey dom Manoel l. 4. t. 1.

Na meſma Ord. l. 4. t. 1. §. 17.

temente as quinhentas livras multiplicadas por trinta e seis reis, produzem, e nos daõ os dezoito mil reis, que dizemos no principio deste discurso.

Na mesma Ord. l. t. & §.

Restanos averiguar, que genero de moeda eraõ as livras correntes, ou modernas taõ miúdas em conta, que setecentas dellas naõ valiaõ mais que huma das antigas: porque a mais baixa moeda das que a Ordenaçaõ del Rey dom Manoel faz memoria saõ mealhas, cuja valia era meyo seitil. Viemos a descobrir esta curiosidade por huma carta de venda, que achamos entre pergaminhos antigos do tempo del Rey dom Afonso Quinto, pola qual vende hum lavrador a Joaõ Fogaça Commendador de Cezimbra hum pedaço de pumar por contia de mil reais brancos, e declara que seraõ de trinta e cinco livras o real. Por onde fica averiguado o que buscavamos: visto como as trinta e cinco livras multiplicadas por vinte, fazem setecentas: e fica tambem entendido, que com aver livras, que valiaõ cada huma vinte reais brancos, avia outras que trinta e cinco dellas naõ valiaõ mais que hum real. Estranha differença, e variedade causada sò do rodear dos annos. Naõ peço perdaõ destas miudezas, porque nenhuma lingoa se aprende sem o seu alfabeto: e estas o saõ da moeda de Portugal.

CAPITULO IV.

Dota a fundadora o Mosteyro em conformidade do Breve: vaõ duas Religiosas do Mosteyro das Dònas de Santarem darlhe principio.

COmo por este tempo residiaõ os Pontifices Romanos com toda sua Corte no Reyno de França, na cidade de Avinhaõ, tardavaõ pouco as letras Apostolicas em chegar à Portugal, e às maons da fundadora: e tanto que estas recebeo, tratou logo de fazer vir do Mosteyro das Dònas de Santarem as Religiosas, que o Provincial tinha deputado pera darem principio ao novo Mosteyro. Mas porque era ponto principal dotarse primeyro nas quinhentas livras de renda, que pera aquelles tempos naõ era pequena difficuldade, veyo a celebrarse a escritura de nova doaçaõ, e dote juntamente na entrada do anno seguinte: a qual tirada do Original, que as Freiras guardaõ em seu Cartorio, contem o seguinte.

SAibaõ todos, que em presença de mim Afonseanes Taballiom de nosso Senhor el Rey em Gaya, e em Villa Noua, & em seus termos & julgados, & as testimunhas que adiante saõ escritas, estando dona Maria Meendes Petita filha de Sueyro Meendes Petite em Uilla noua de par de Gaya no seu Mosteyro, a dita dona Maria Meendes disse, que a ella fora outorgado hum priuilegio & graça especial de Nosso Senhor o Papa Innocencio Sexto, no qual era con-

conteudo entre as outras couſas, que o dito Senhor Papa daua licença à dita dona Maria, que ella pudeſſe fundar & edificar o dito Moſteyro, & as couſas que a elle pertenceſſem: & que lhi era mandado na dita Bolla que ella aſſinaſſe de renda ao dito Moſteyro em cada hum anno em dote quinhentas liuras de dinheiros Portugueſes dos ſeus bens, entè que as ditas couſas foſſem feitas. E dizia que ella pera ſatisfazer ao mandado & Bolla do dito Senhor Papa aſſinara jà ao dito Moſteyro as trezentas liuras, polo ſeu logar & erdade que ella ha em termo de Leirea, que chamaõ o Craſto: e outroſi as sàs caſas que eſtaõ na dita Villa de Leirea, que eſtom na ribeira do rio, e as sàs marinhas do ſal que ella ha em Tauaride termo de Monte mayor o velho: e outro ſi o ſeu logar & erdade de Mourentaes com todas sàs pertenças, & sàs erdades que auia em Villa Noua & em ſeu termo: as quaes erdades dizia que valiaõ as ditas trezentas liuras de renda em cada hum anno, ao tempo que ella fizera a doaçom dellas ao dito Moſteyro, ſegundo mais compridamente he conteudo em hum eſtormento que ende tinhaõ as Dònas de S. Domingos de Santarem, porque foraõ metudas em poſſe das ditas quinhentas liuras que porem daua & fazia pura venda ao dito Moſteyro pera todo ſempre de todo o ſeu terço das sàs erdades de Santarem, & outroſi do ſeu terço das sàs erdades de Leirea, & da ſua quintaa da Mota. E que outroſi lhe fazia doaçom de mil liuras de dinheiros Portugueſes, que dizia que lhe nuia de dar ſeu filho Pero Coelho de por sà morte per sà alma, por rezom da quintaa de Carapeços que della comprara: & dizia que mandaua que as deſſe ao dito Moſteyro ſo pena de sà moldiçom. E dizia, que por eſtas erdades & dinheiros era entregue o dito Moſteyro das ditas quinhentas liuras & mais. E pidia a Frey Antoninho da Ribeira Priol de S. Domingos do Porto que preſente eſtaua, que em nome da dita Ordem recebeſſe a dita doaçom pera o dito Moſteyro & Ordem ſer entregue das ditas quinhentas liuras de renda, como dito he. E dizia, que por eſte eſtormento deſta doaçom metia em poſſe o dito Prior de todas as ditas erdades & fruitas, & nouos, & rendas dellas com todalas pertençaas que a ellas pertencem, &

& de direito deuiom pertencer ſegundo dito he. E que outroſi lhe fazia pura doaçom do padroado da Igreja de Santa Maria de Beatodos, que he no Biſpado do Porto, que a ella he dada & outorgada pera a auer o dito Moſteyro, & que ficaua pera lhe entregar as cartas que tinha, porque dizia que lhe a dita Igreja era outorgada, deſte dia atà quinze dias. E mandou & outorgou que eſta doaçom, que aſſi fazia, que valeſſe pera todo ſempre ſem contenda nenhuma. E diſſe, que mandaua & rogava a todos os ſeus filhos & parentes que compriſſem & aguardaſſem as couſas ſuſoditas ſo pena de sà maldiçom ſe contra iſto foſſem. E que aſſi como prende a ſilua no Ianeiro, que prende & he bem deſpoſta, & crece & vay adiante, que aſſi vaõ todos aparentalados de sà geraçam, que eſto temerem & aguardarem. E aſſi como ſeca a ſilua no Agoſto, a que talhaõ a raiz, aſſi ſequem, vaõ à veſſas aquelles, & toda a sà geraçom que contra iſto forem, e o nom quiſerem guardar, & lhe ſequem as maons, e os membros, que nunca ſe poſſaõ delles ajudar. E mandou & rogou a mim dito Tabelliom que deſtas couſas, & doaçom fizeſſe hum inſtrumento, & o deſſe ao dito Priol, que preſente eſtaua, pera dita Ordem. E logo o dito Priol diſſe, que elle recebia a dita doaçom & couſas em ella conteudas, & que ſe daua dellas por bem entregue em nome da dita Ordem, & pedio deſto hum eſtormento. Feito foy no dito Moſteyro doze dias de Abril da Era de M.CCC.LXXXXII. (que reſponde ao anno do Senhor de 1354.) *Teſtimunhas Afonſo Martins eſcolar, morador em Gaya, Antonio da Maya,* 1354. *& outros. E eu Tabelliom ſobredito que eſte eſtormento por mandado & outorgamento da dita dona Maria fiz, e meu ſinal hy fiz que tal he.*

Dotado aſſi o Moſteyro em conformidade do Breve Apoſtolico, vieraõ traz o dote as Religioſas de Santarem. Eraõ duas, e ficou huma por Prioreſſa, que avia nome Sor Marinha Afonſo Lobata. Entraraõ logo muitas noviças da cidade do Porto, e de outras partes, que eſtavaõ apellidadas por dona Maria: e dentro de poucos annos começou a florecer nelle tanta virtude, que toda a terra ſe dava por muy obrigada à Padroeira, polo animo, e valor com que emprendera, e levara ao cabo tal obra. Mas o Cabido entre tanto naõ deſiſtia do ſeu litigio dian-

diante do Biſpo de Viſeu Juiz Commiſſario da cauſa, ou foſſe polo muito, que ſe tinha empenhado nella, ou pola confiança que lhe davaõ as palavras do Breve, que o Pontifice declarava naõ entender prejudicar em nada ao direito da Igreja Parrochial. Nem tivera fim ſua porfia, ſe o meſmo Biſpo ſe naõ fizera medianeiro de compoſiçaõ, e paz, a qual em fim ſe veyo a concluir por huma eſcritura publica celebrada no meſmo Moſteiro tantos annos adiante deſte, em que vamos continuando, que avia jà numero de profeſſas, que acodiraõ a ella em corpo de Communidade perfeita. Na calidade do concerto naõ ha couſa que ſirva a eſta Hiſtoria, e por iſſo deixamos a eſcritura: mas naõ ſe pode deixar huma gracioſa particularidade, que nella aponta o taballiaõ dizendo, que o Cabido da Sè ſe achou aqui junto, e congregado por ſom de trombeta, e as Freiras tambem juntaraõ ſeu Cabido entre ſi por ſom de malhos. E dà por rezaõ, que avia interdito na cidade, e ſua comarca.

CAPITULO V.

Em que ſe faz memoria de algumas peſſoas de grande calidade, que deixaraõ eſmolas, e fazenda a eſte Moſteyro: e doutras que nelle tomaraõ ſepultura.

NAõ achamos memoria, que a fundadora ſe recolheſſe neſte Moſteyro em ſua vida, como fazia conta ſegundo atraz vimos. Mas conſtanos que eſtà nelle enterrada: o que deſcobrimos deſejando darlhe a memoria, que nos merece, polo teſtamento de hum de ſeus filhos chamado Eſtevaõ Coelho, o qual mandandoſe ſepultar aos pès de ſua mãy, e deixando parte de ſua fazenda às Freiras, diz aſſi em humas verbas, que ſaõ bem de notar, e por iſſo vaõ aqui como as achamos em ſeu original.

MAndo que a Prioreſſa & Dònas deſte Moſteyro de Corpus Chriſti me ſoterrem na Igreja ante o altar principal: ou a par de inha madre, vu ella qui sê. Seja no dito Moſteiro mais abaixo que ella, o qual ella fundou. Mando que as ditas Dònas do que lhe deixo dem em cada hum anno ſinco liuras ao Prior Prouincial em a sà peſſoa, & demlhas em praça. E elle emcomendeme no Cabido Prouincial, & faça comprir eſte teſtamento aos teſtamenteiros. Mando que dem de cada hum anno quarenta ſoldos a qualquer que for Prior de S. Domingos do Porto. Outros quarenta a qualquer que for Prior de S. Domingos de Coimbra que me façaõ emmentar em ſeus Cabidos. Peço que ſe encerre inha hoſpeda no dito Moſteyro & faça hi sà morada honeſta como cleriga da Ordem.

Cre-

Crecendo com os annos a reputaçaõ deſta caſa, e a boa fama da religiaõ, com que nella ſe vivia: começou a ſer favorecida da gente nobre com largas eſmolas, e algumas de bens de rayz, e renda perpetua, ſò por terem parte em ſuas oraçoens. Sabem os virtuoſos, que o dar fazenda aos pobres de Chriſto, e principalmente àquelles que o bem ſervem, he o meſmo que pola em banco ſeguro, e dalla a ganho certo, e ſabido. Aſſi achamos, que o fizeraõ Joaõ Pirez de Alvim, e dona Branca ſua molher, os quaes por ſuas mortes deixaraõ muita fazenda a eſta caſa. Aſſi o fez ſua filha a Condeſſa dona Lianor molher do grande Condeſtabre dom Nuno Alvarez Pereyra honra, e gloria do nome Portuguez. Eſta Senhora vindo à falecer no Porto, onde tinha ſua caſa em tempo, que o Condeſtabre ſeu marido aſſiſtia em Braga em humas Cortes, que el Rey dom Joaõ Primeiro alli ajuntara: como em vida fora grande affeiçoada da noſſa Ordem, e bemfeitora das Religioſas deſte Moſteyro, quiz moſtrallo tambem na morte: mandouſe enterrar entre ellas, e deixoulhes huma eſmola perpetua pera ſua veſtiaria: e outra pera hum Capellaõ que na meſma Igreja celebraſſe cada dia polas almas della, e do Condeſtabre. E pera mais ſignificaçaõ do amor, que tinha à Ordem, nomeou por teſtamenteiros a Prioreſſa dona Sancha Lourenço, e a Frey Vaſco do Valle Prior do noſſo Convento do Porto. Eſta eſmola ficou deſpois à conta do Condeſtabre, e elle pera que foſſe mais ſuave às Freiras a cobrança, deulhes huma Quinta em Barroſo, onde chamaõ Revoredo, junto a hum ſitio, em que ellas tinhaõ outra: e ambas juntas tornaraõ polo tempo adiante à ſua caſa: porque as deraõ as Freiras por titulo de emprazamento a ſeu genro o Senhor dom Afonſo filho del Rey dom Joaõ o Primeiro, e primeiro Duque de Bragança, e de Barcellos caſado com a ſenhora dona Breytiz ſua filha.

No corpo da Igreja (pera que nos naõ fique eſquecida nenhuma das antiguidades da caſa) eſtà embebido na parede da banda da Epiſtola hum arco de pedraria lavrado à antiga, que cobre huma grande ſepultura: ſobre ella parece deitado hum vulto de cavaleiro armado eſculpido de relevo na pedra, que a cerra quanto ſe eſtende o moimento: no alto do arco tem hum pequeno letreyro aberto na pedraria, que nos deſcobre alem do nome de quem nella jaz, huma curioſidade naõ indigna de memoria: e diz aſſi.

AQui jaz Aluareanes de Sarnache caualeiro, criado que foy del Rey dom Joaõ, cuja alma Deos aja, & Anadel mór dos Beſteiros de cauallo: & Alferez que foy dos namorados da Batalha Real; & em todas as outras guerras: o qual ſe finou Era de M.CCCC.XXXXII. (reſponde ao anno de Chriſto de 1404.

CAPITULO VI.

Da grande religiaõ, que neſte Moſteyro floreteo ſempre: do rigor, e auſteridades, que ſe guardavaõ: e de alguns caſos raros, que ficaraõ nelle em tradiçaõ.

TEve eſta caſa deſde ſeus principios, e polos tempos a diante atè o preſente muitas Religioſas de grande perfeiçaõ de vida: e entre ellas foraõ inſignes algumas por particulares mercès recebidas do celeſtial amador das almas, humas vezes com luzes do Ceo, que ſe viaõ em ſeus tranſitos, outras em cheiros celeſtiays quando ſe temiaõ os de corrupçaõ: e com outras maravilhas. Mas naõ tivemos dita os que hoje vivemos, que ouveſſe entaõ quem ou por honra da virtude, ou pera proveito da poſteridade quizeſſe eſcrever: acontecendo aqui como em todos os mais Conventos noſſos o meſmo deſcuido, que he forçado repetirmos ſempre, de noſſos mayores, porque naõ fiquemos em culpa de pouco diligentes os que neſta ultima idade tevemos por ſorte o trabalho de eſcrever, de que elles com noſſo dano ſe quizeraõ forrar. Acontece donde ha muita gente junta ouviremſe ao longe humas vozes mal declaradas, outras confuſas, ou cortadas, as quaes todavia colhidas por quem eſtà attento, ſe vai fazendo juizo por conjeituras, e boa eſtimativa, daõ grande noticia, inda que falte certeza formal, do que paſſa no lugar donde ellas ſaem. Aſſi deſejando fazer relaçaõ particular daquelle valor antigo, de que temos grandes vozes, e atoadas de teſtimunhos geraes mui certos, naõ achamos mais, que huns longes de alguns ſucceſſos eſtroncados, que paſſaraõ de boca em boca, e de idade em idade: dos quaes por eſtarem acreditados com a antiguidade do tempo, e com as boas calidades das peſſoas por quem vieraõ paſſando, gente religioſa, e verdadeira, apontaremos alguns. E creo que quando naõ fizerem hiſtoria muito ſaboroſa, polo menos haõ de criar conceito nos animos de quem a lèr que devia ſer muito crecido, e eſpantoſo o ſom de virtudes, donde retumbando taes Ecos chegaraõ a nòs. E ficarnoshaõ devendo os leitores a miudeza, e cuidado com que os vamos colhendo aſſi neſte, como em quaſi todos os mais Conventos da Provincia: trabalho muy ſemelhante ao que ſe eſcreve de quem ajuntou os Oraculos da Sibylla Cumèa, que ſendo eſcritos em pequenas folhas dc arvores, e eſtas lançadas com deſcuido em parte, onde o vento aſſoprando as revolvia, deſordenava, e confundia: ficava tudo junto eſcurecendo mais o ſegredo dos Oraculos, ainda que naõ deminuindo nada na verdade, e autoridade delles. E com propoſito de naõ canſar mais ao leitor nem a mim em todo o reſto da Hiſtoria, nem com queixas, nem com deſculpas, ou encarecimentos em tal materia, paſſaremos a diante.

Virgil. l. 6. Æneid.

Poucos annos deſpois de fundado o Moſteyro ſuccedeo hum caſo, que pera todas as idades ficou impreſſo na memoria das moradoras delle: e ſendo antiquiſſimo, ſe conta com tanto eſpan-

panto, e reſpeito, como ſe fora de freſco acontecido, pera exemplo de huns eſpiritos leves, que ſem muy graves cauſas ſe deixaõ tentar, e vencer de hum appetite de ſayr com facilidade daquella ſepultura ſanta, a que voluntariamente ſe condenaraõ com voto de naõ reſucitarem della ſe naõ pera o Ceo. Foi o caſo que dando peſte na cidade, e na villa foraõ as Madres perſuadidas por gente amiga de ſua ſaude corporal mais do neceſſario, que ſaiſſem em Communidade pera huma Quinta do Moſteyro, lugar ſàdio, e de bons ares. Ficaraõ na clauſura ſò tres, das quaes huma poucos dias deſpois foi ferida do mal, com tanto eſpanto das auſentes quando o ſouberaõ, que dandoſe por muy ſeguras no ſitio, em que eſtavaõ, aviſaraõ as duas que na hora que a companheira eſpiraſſe deſpejaſſem o Convento, e ſe foſſem pera a Quinta. Sentio a enferma alguma inquietaçaõ nellas, ou, como ſanta que era, alcançou do Ceo ſua determinaçaõ. Chamouas, e diſſelhes: Vòs irmans eſperaes, que morra eu pera detemparardes o voſſo moſteyro: pois, eu vi o minino Jeſu, quando a Communidade ſe foy pera a Quinta, que me dizia: Vòs outras ideſvos: naõ ſabeis logo que eſtou eu em toda a parte. Por iſſo fiquei: e com quanto eſtou morrendo, naõ me peſa de ter ficado. Chamavaſe eſta Madre Franciſca de Abreu. Faleceo logo: e as duas mais cheyas de medo, que conhecidas da advertencia ſanta, fogiraõ logo pera as companheiras. Porem huma dellas eſtando huma noite ainda aſſombrada do pavor paſſado, mas bem eſperta vio entrar pola caſa onde todas ſe recolhiaõ a dormir, ſinco tochas ardendo. Foſſe revelaçaõ do Ceo, ou malencolia da terra (que acontece muitas vezes adivinharem os triſtes) na noite ſeguinte apareceraõ feridas do mal outras tantas Religioſas, e todas morreraõ. Inſinadas as vivas, ainda que tarde, no dano alheyo tornaraõ pera a villa, onde tudo ardia em fogo de contagiaõ, e mortes: e com tudo tanto que eſtiveraõ encerradas no ſeu Moſteyro, foy Deos ſervido, que nenhum mal tiveraõ.

Ariſt. l. de Divinat. per ſomn.

Apoz eſta antiguidade he primeira tradiçaõ tambem antiga, e geral da caſa, que huma das virtudes, que as Religioſas della com mais ventagens abraçaraõ, foy o rigor da penitencia, exercitandoſe todas como à competencia em varios generos de aſperezas, que ficaõ mais dignos de louvor, e eſpanto pola delicadeza ordinaria do ſogeito feminil. De muitas ſe diz, que deſda hora, que veſtiraõ o ſanto habito nunca mais ſouberaõ o nome à cama: quando aviaõ de dar algum alivio aos membros canſados dos exercicios diurnos, e nocturnos, o mayor favor era encoſtarſe veſtidas como andavaõ de dia, ſobre huma taboa nua. E porque foſſe a jazida mais penoſa, naõ era mais larga nem mais comprida que o tampaõ de huma arca ordinaria, e pequena. E pera tal ſerviço como gente pobre, e humilde mandavaõ buſcar eſtes tampaons pola cidade: e aponta a tradiçaõ, que lhes chamava a lingoagem daquelle tempo mantalotes. Outras com ſanta conſtancia nunca mais comeraõ carne. Muitas jejuavaõ todo anno in-

teiro: muytas grande parte delle a paõ, e agoa por intervalos. Outras avendo por mimoſas as tunicas de eſtamenha, que ſaõ ordinarias na Ordem, uſavaõ por toda a roda do anno de humas, que faziaõ de pano dos montes ſeco, e mordente como ſaco, alem de outros generos de cilicios. E caſtigada a carne por eſte modo, e cultivada, e cortida aſſi aquella terra viva, naõ fica de eſpantar a grande abundancia de flores, e fruitos, que nos eſpiritos criava.

Da Madre Anna da Conceiçaõ ſe conta, que a mayor parte das noites paſſava em oraçaõ alternada com diſciplinas de ſangue taõ deſpiedadas, que dava ſinal dellas o chaõ, onde as tomava. E com trazer de contino cingido, e apertado hum largo cilicio de ſedas de cavallo, quando ſe hya ao leito pera ſatisfazer à fraqueza natural com hum pouco de ſono, achava nelle huma manta de tal feitio, que era outro cilicio, porque naõ parecia menos, que compoſta de tojos, e abrolhos: e por maravilha ſe guarda, e moſtra ainda hoje: e ſò à força de muita neceſſidade, e grande falta de ſono podia grangear repouſo a quem nella ſe envolvia ſobre huma taboa. E com tudo porque ſe veja com quanto pode a natureza ſojeita, e bem acoſtumada, viveo aſſi muitos annos. No cabo delles moſtrou Deos àquella ſanta Communidade hum juizo final temeroſo, e muito digno de ſer notado com todas as potencias da alma, principalmente dos que vivem com qualquer deſcuido della. Eſtava jà mui conſumida da doença, e quaſi acabando: eis que huma tarde começa ſubitamente a entrar em grande inquietaçaõ, e afadigarſe muito fóra do ordinario, e a eſpaços tremia, e fazia grandes ſinaes de medos, e ora falava, ora eſperava como quem eſcutava pera dar repoſta. Acodem as Religioſas, cuidaõ que he accidente de acabar, e dandolhe attençaõ entenderaõ claramente, que eſtava o demonio à viſta feito acuſador de huma parte, e ella accuſada como rea da outra. E inferiaſe, que era acuſada de culpas da mocidade, e deſcuidos da obſervancia: porque humas vezes reſpondia em voz alta dizendo: Si, he verdade, que eu fiz iſſo: mas deſpois fiz tal, e tal penitencia, e hia apontando cada huma por ſi. A outras couſas reſpondia: Jà me confeſſei muitas vezes deſſa culpa. E de huma vez acodio dizendo diſtintamente: Em penitencia diſſo deci do Coro de cima deſcalça de madrugada, e ajuntava quantas vezes, e quantas feſtas feiras. Era eſte hum exercicio, que todo o Moſteyro ſabia, que ella coſtumava a fazer, como correndo as eſtaçoens de Roma, ou viſitando os lugares ſantos de Jeruſalem. Em fim ceſſou a batalha, ficando todas muy compungidas na conſideraçaõ da pureza daquella alma, que a todas era notoria, e do rigor da reſidencia, que por ſeus olhos lhe viraõ tomar. Mas ella ficou cheya de alegria, como quem cantava vitoria: e deſcançando hum pouco, foy receber a coroa, e deſcançar pera ſempre.

CA-

CAPITULO VII.

Das Madres Sor Brazia Anes, e Sor Joana da Gloria.

A Madre Brazia Anes foy molher de grande oraçaõ, e particularmente amiga de ajudar com ella as almas do fogo do Purgatorio: ſanta, e muy Chriſtam, e piadoſa devaçaõ. Coſtumava, ſempre que podia, ganhar por maõ ao relogio nas horas de Matinas, pera entrar nellas com mais eſpirito, pedindoo com profunda humildade ao Divino Sacramento, diante do qual ſe proſtrava aquelle eſpaço. Indo huma noite pera entrar no Coro, ſegundo ſeu bom coſtume, ſentio que ſe rezava dentro: ficou ſobreſaltada, culpandoſe naõ ſò de faltar na ſua hora, e exercicio, mas de naõ ter ouvido ſinos, nem taboas. Entrou, e foy acompanhando as que rezavaõ. Acabada a reza, vio que ſe foraõ ſaindo huma, e huma, e notou, que em lugar de irem pera o Dormitorio, encaminhavaõ todas pola eſcada abaixo. Pareceolhe novidade, quiz entender a que hiaõ, e vio que chegando ao lugar das ſepulturas ſe foraõ ſumindo nellas, e deſaparecendo. Naõ podia deixar de cauſar pavor taõ eſtranha viſta em qualquer animo, por muy varonil, e esforçado, que fora: tal ficou Sor Brazia, que cahio em terra eſmorecida, e aſſi eſteve atè, que ſoando os ſinos da meya noite, cobrou animo, e alento pera ſe poder levantar, e recolher. Mas ſerviolhe o ſucceſſo pera duas couſas: primeira pera ſer mais continua na oraçaõ, que fazia polas almas: ſegunda pera perder o medo a viſoens nocturnas, e a outras fantaſmas, com que o demonio começou a perſeguilla. Eraõ muitos, e varios os generos de inquietaçoens, que lhe dava. Porem quantas mais eraõ em numero, e força, menos caſo fazia delle, e dellas, avendoas por jogo de mininos.

Huma noite, que ſendo jà muito velha, ſe lhe poz diante com viſta horrenda, e fera, a tempo que andava com hum hyſope de agoa benta na maõ, correndo as ſepulturas, e rezando ſobre ellas, naõ ſò procedeo no que fazia animoſamente, mas deſpois que concluhio com a devaçaõ, arremeteo a elle com o hyſope na maõ direita, e o bordaõ que trazia na eſquerda: e o covarde lhe deu as coſtas, e foy fogindo polas craſtas. Eſta Religioſa, ou foſſe a cauſa entrar jà crecida na Religiaõ, ou ter de ſeu natural a lingua groſſa, e empeçada pera o Latim, nunca em toda a vida ſoube nem pode fazer legitima pronunciaçaõ na reza. Quando veyo a falecer, que foy de grande velhice, mais que de doença, eſtando em todo ſeu perfeito juizo, entre muitos ſinaes que de ſua predeſtinaçaõ ſe notaraõ, foy hum, que ao tempo de eſpirar começou a rezar o Cantico: *Nunc dimittis ſeruum tuum*, e o levou atè o cabo com huma expreſſiva taõ clara, taõ diſtinta, e deſembaraçada, que ſe teve em toda a Communidade por couſa prodigioſa: e aſſentaraõ, que aquella voz devia ſer jà a meſma, com que ſeu eſpirito inveſtido da claridade Divina avia de louvar logo a Deos entre os Coros das Virgens.

Deſ-

Deſde minina ſe diz, que foy a Madre Sor Joanna da Gloria taõ affeiçoada aos bens do Ceo, com hum perpetuo aborrecimento das falſidades da terra, que quando chegou a profeſſar, por iſſo eſcolheo o ſobrenome da Gloria: naõ porque ouveſſe myſter eſpertador pera a mais eſtimar, e amar, mas porque a queria começar a poſſuyr em eſperança, e nome, em quanto lhe tardava na realidade. Com a profiſſaõ, e com o nome, e juntamente com os annos foy crecendo tanto neſte amor, que veyo a dar em hum eſtremo poucas vezes viſto, mas digno de ſer envejado, e imitado; aſſi poderamos todos. Taõ enlevada andava nelle, que nem queria, nem podia lembrarſe de outra couſa, nem avia nenhuma, que foſſe poderoſa a divertilla. Sò o Ceo lhe parecia fermoſo, ſó digno de ſer buſcado: e quando lhe punha os olhos, era com hum geito, e affeito taõ ſaudoſo, que moſtrava naõ quiſera nunca tornallos à terra: ſeguiaõ ſoſpiros, e gemidos, e ſem ſe poder reprimir arrebentava em rios de lagrimas. Deteveſe huma noite no Coro, vioſe ſó diante do Senhor da terra, e Ceo, ajudava o ſitio, a eſcuridaõ, o ſilencio; foiſe engolfando em huma taõ profunda, e dilatada conſideraçaõ da Gloria, que naõ apareceo em muitas horas no Convento. Deu iſto cuidado às amigas, e ſendo buſcada, foraõ dar com ella, e acharaõna de tal maneira extatica, que de viva naõ tinha mais, que a reſpiraçaõ: chamada naõ acodia, empuxada naõ ſentia. Deſpois que a fizeraõ tornar daquelle ditoſo traſportamento, começaraõlhe a dar pena com reprenſoens de ſe deixar eſtar ſó, e a taes horas em lugar temeroſo: e ella reſpondia com quietaçaõ, que aly eſtiveraõ ſempre com ella, e eſtavaõ ainda duas Religioſas. Tal opiniaõ avia de Sor Joana, que ſem ellas ſerem viſtas, foy ella crida. E naõ he de eſpantar, porque jà era publico no Moſteyro, que tinha viſoens, e repreſentaçoens de couſas grandes da outra vida provadas, e certas: e como deſta ſó tratava, taõ deſaſſombradamente falava com os defuntos, como com os vivos: e acontecia apareceremlhe Religioſas defuntas de muitos annos, que naõ conhecera: e polos ſinais, que dava de cada huma, ſe averiguava entre as que foraõ de ſeu tempo, que naõ era engano.

Sendo de vinte annos, e andando ſam, e rija, diſſe a humas Freiras, que quando foſſe noite olhaſſem pera o cemiterio: e onde viſſem huma luz azulada como de vela aceſa, alli avia de ſer ſua ſepultura: e porque duvidavaõ, apontoulhes o lugar com o dedo. Tiveraõ por certo as que iſto ouviraõ, e deſpois viraõ a luz, que naõ viviria muito quem tal dizia. Paſſados poucos mezes, veyo a adoecer conſumida de ſuas ſaudades, e de grande violencia de penitencias, com que as acompanhava; porque todas as quartas feyras, e ſeſtas, e ſabados da quareſma levava a paõ, e agoa, e muitos dias deſtes tambem pola roda do anno. Aſſi foy a doença prolongada, e de muito tempo. Nella lhe ſuccedeo hum caſo, que podendo ſer accidental, teve muito de milagroſo. Era em grande eſtremo devota do Santiſſi-

tiſſimo Sacramento, e coſtumava celebrar ſempre as veſperas da Communhaõ com huma aſpera diſciplina, e com naõ dormir em cama. E era ſua mayor conſolaçaõ na doença receber muitas vezes o Divino paſto, porque com elle como com verdadeiras arras da Gloria, hia ſoportando as demoras, e priſaõ da enfermidade. Mas querendo o Senhor darlhe merecimento, foy ſervido, que lhe acodiſſem huns vomitos, que ella ouve polo mais penoſo accidente de todos os que em ſeu mal padecia: e era a cauſa, porque como continuavaõ, tomouſe aſſento que naõ commungaſſe. Perdia com iſto a paciencia, porque nem acabava de morrer, nem melhorava: e o medo dos vomitos tinha atadas as maons ao Vigario, pera ſe naõ atrever a conſolalla com a ſanta Euchariſtia, como fazia dantes. Queixavaſe, chorava, e movia todas a piedade com as laſtimas, que dizia, affirmando, que o fogo em que ſua alma ardia de anſias, e deſejos dos bens Celeſtiaes, ſó o Senhor delles ſacramentalmente recibido com ſua preſença o refrigerava, e ſó mitigava as ſaudades, e eſperanças taõ dilatadas de o chegar a ver face a face: que ſe eraõ irmans, ſe eraõ amigas perſuadiſſem ao Padre Vigario uſaſſe com ella de miſericordia, e naõ temeſſe nenhum deſaſtre; que nem o Senhor o permittiria, nem ſeu eſtamago regeitava ſe naõ peſo de comida, e jà tinha experimentado, que ſe naõ revolvia tomando couſas leves. Mas naõ baſtava nada pera dobrar o Vigario. Queixavaſe entaõ ao Senhor, pedialhe que vieſſe de ſua maõ a miſericordia, que nos homens naõ achava: e quando entendia, que commungava a Communidade, da cama em que jazia cantava tambem em alta voz os hymnos do Sacramento, que ſoavaõ no Coro, acompanhandoos com lagrimas. Hum dia de feſta ſolenne eſtando as Freiras commungando, repreſentoulhe a devaçaõ, que ſeria genero de alivio em tanta fome, ſe recebeſſe polo caliz com que ſe dava a Communhaõ a ſuas irmans, hum pouco de lavatorio em que o Vigario purificava os dedos: mandoulho pedir com grandes encarecimentos. Naõ fez o Vigario difficuldade na petiçaõ, deſpois de commungar as Religioſas, e ter purificado os dedos no caliz da Communhaõ: quando o ouve de dar a quem o levaſſe à enferma, permittio o Senhor que em lugar delle, deſſe outro que tinha no altar, no qual eſtava huma forma conſagrada, que ſobejara. Foy correndo a meſſageira com alvoroço, mas ſem ſaber o que levava: quando a enferma deſcobrio o caliz, e reconheceo dentro o teſouro celeſtial, julgou que fora compaixaõ, naõ erro do Vigario, e ſatisfez ſeus deſejos com cordial conſolaçaõ. Tinha acabado de a levar, e começava a entoar por graças aquella parte do hymno: *Tantum ergo Sacramentum, &c.*

Eis que chega correndo huma Religioſa com recado da Prioreſſa, que naõ commungaſſe atè ella chegar, porque tinha que lhe dizer primeiro. E foy o caſo, que o Vigario abrindo o ſacrario pera recolher a fórma, cahio no erro, e mandou com diligencia aviſar a Prioreſſa,

ſa, que o remediaſſe polo modo, que temos dito. Entrou a Prioreſſa afadigada tràs a meſſageira, que mandara diante, e ambas teveraõ da enferma a meſma repoſta. Meu Senhor Jeſu Chriſto (dizia ella cheya de eſpirito, e alegria) que ſabe a grande fome, que minha alma padece tantos mezes ha deſte Divino manjar, e a muita neceſſidade, que delle tenho, ordenou que commungaſſe eu neſta taõ grande ſolenidade, e que pera iſſo me confeſſaſſe (como me confeſſey ontem.) Se o Padre Vigario cuida que errou, erros ha no mundo, que ſaõ acertos, e miſericordias de Deos: a elle dou as graças.

Quando veyo a falecer paſſava poucos mezes de vinte hum annos. Muitos dias antes declarou, que avia de acabar no dia de Ramos primeiro ſeguinte, e atè a hora finalou, e tudo ſuccedeo puntualmente: e foy ſepultada no meſmo ſitio, que muito antes, eſtando ſam, moſtrara. Paſſado algum tempo, fez aſſento a terra da ſepultura, de modo que ficava notavelmente baixa, e deſigual: pera ſe accommodar, e igualar, arrancouſe o ladrilho, bolioſe a terra, foy couſa de eſpanto, que em ſe movendo aquelle pò frio, e ſeco, ſahio della tanto, e taõ ſingular cheiro, que o official deu brados de maravilha: mas as Religioſas, que conheciaõ quem aly jazia, ſem maravilha deraõ graças a Deos.

CAPITULO VIII.

Das Madres Sor Iſabel de Abreu: e Sor Iſabel de Morays.

SUccedem duas Iſabeis taõ ſemelhantes ambas em virtudes, e merecimentos, como no nome: e como foraõ differentes ſó no appellido, aſſi ſe differençaraõ em poucas couſas da vida. Ambas eraõ muy devotas da paixaõ, ambas pediraõ a Deos com particular efficacia lhes deſſe a ſentir alguma parte das dores, que nella padecera o bom Jeſu: e a ambas foy concedido. E porque lhes naõ foſſe cauſa de vamgloria tamanho favor, permittio o Senhor, que cada huma dellas padeceſſe hum forte eſtimulo de Satanàs, que as eſpantava, e perſeguia com terribeis illuſoens, e tentaçoens.

A Madre Iſabel d' Abreu começou a ſentir ſuas dores pouco mais de ſeis annos antes, que faleceſſe. Eraõ taes, que em quantas junturas de membros tinha, em todas a hum meſmo tempo era martyrizada com incomportaveis tormentos: levavaos ella com o meſmo animo, e devaçaõ com que os pedira, gemendo muitas vezes, e gritando a boca com a opreſſaõ das dores, mas dando graças em ſeu coraçaõ a quem lhas dava. Eſtava hum dia muy desfalecida com ellas, cercavaõna muitas Religioſas, e perſuadiaõna que ſe animaſſe, e tiveſſe paciencia: pareceolhe que eraõ rezoens de gente, que ſe deſpidia; interrompeo a pratica, e pedio com encarecimento, que a naõ deixaſſem ſó, dando por rezaõ, que creciaõ ſeus males como eſtava deſ-

deſacompanhada. Fizeraõ todas juizo, que eraõ queixas de quem jà naõ podia com o trabalho, e acodiraõlhe de novo com lembranças da obrigaçaõ, que tinha de ſofrer com valor, o que pedira por favor, e alcançara por miſericordia. Vioſe culpada, e reprendida, pareceolhe força declarar o que atè entaõ encobrira. Madres, reſpondeo, naõ me agaſtaõ dores, antes cada momento lhes lanço mil bençoens, porque ſe o corpo padece, triunfa a alma. O que me agaſta, e muito me inquieta, he huma dura perſeguiçaõ, que o demonio me dà com ſua viſta horrenda, e fera, na hora que me acha ſò: e baſta eſtar comigo qualquer peſſoa pera naõ ſer atrevido: parece que por meus peccados tenho merecido eſta guerra.

A Madre Iſabel de Morays tinhaſe determinado a huma perpetua mortificaçaõ de todas as corporaes commodidades. Avezouſe a quebrar o ſono, que he grande parte da ſuſtentaçaõ da vida, e alivio de quem trabalha: e veyo a ſogeitallo de maneira, que era huma tyrania, porque lhe naõ dava entre dia, e noite mais que duas horas, ſendo aſſi, que ſempre andava occupada nos mais trabalhoſos officios de caſa. Foy muitos annos Sacriſtam, ſem conſentir companhia, que a deſcançaſſe: com muito goſto lavava ſó, encreſpava, e perfumava toda a roupa de ſeu cargo: e à força de braço trazia limpo, e luzente todo o eſtanho, e arame da Sacriſtia. O tempo, que forrava do trabalho, deſcançava em continua oraçaõ: nella ſeu principal exercicio era meditar a Paixaõ de Chriſto, compadecendoſe dos tormentos, e afrontas a que o bom Senhor ſe quiz offerecer por ingratos; e abrazavaſe em deſejos de ter parte nellas, por naõ ſer de todo ingrata. Por fim da oraçaõ, conhecendo, que pedia muito, ajuntava em parte de requerimento muitas diſciplinas, e outras penitencias ſecretas. Aſſi alcançou o deſpacho tanto à medida do que deſejava, que brevemente ſe vio cercada de tantas, e taõ fortes doenças, tantas, e taõ continuas dores, que bem parecia couſa contra natureza tamanha complicaçaõ de males, e tal força de tormentos padecidos juntamente. Choravaõ as Religioſas laſtimadas do que lhe viaõ padecer, e ella alegre no meyo dos martyrios, que a rodeavaõ como a outro Job, chamavalhes peſadas conſoladoras; pois, em lugar de lhe ajudarem a dar graças ao Senhor por lhe ter ouvido ſua oraçaõ, eraõ cruelmente piadoſas, moſtrando ſentimento de ſeu bem. Com todos eſtes males naõ podia acabar conſigo deixar hum genero de cilicio, que trazia cravado nas carnes, que melhor podemos chamar cinta de ferro. Era huma faixa larga feita de huma folha de arame, que ordinariamente ſe chama folha de Frandes, paſſada de muitos furos, de tal modo abertos, que lançava cada hum pera fóra tres e quatro pontas, que onde alcançavaõ, feriaõ, e penetravaõ como cravos. Acertou de lha ver huma ſobrinha, de que ſe naõ acautelava tanto, como das outras Freiras; accuſoua à Prioreſſa, porque ſabia que nenhum outro remedio valeria. Em fim tirou o cilicio por obediencia,

e com dores dobradas : humas polo tormento , que lhe dava deſaferrallo da carne , que de muito atràs tinha atenazada: outras polo que ſentia naõ acompanhar com mais aquella mortificaçaõ os tormentos do bom Jeſu Mas ficoulhe em lugar do cilicio huma perſeguiçaõ infernal do tentador das almas , que como era noite lhe aparecia , e ſe atrevia a pòr em pratica a quem com tanta perfeiçaõ vivia, naõ menos que deſeſperaçaõ da miſericordia de Deos (grande ponto pera nos abrir os olhos , e cuydarmos que farà ; e quaõ atrevido ſerà com os que ſomos fracos , e peccadores quem aſſi acomete a gente ſanta) algumas vezes lhe ouviraõ dizer as Religioſas , que dormiaõ perto , eſtas palavras : *Maldito , vaite ao inferno , a que eſtàs condenado pera ſempre ; que por muito que faças, naõ deixarey nunca de dar graças a meu Deos polas grandes mercès que me faz em me dar doenças , e dores , que tantos annos lhe pedi.*

Quando a importunaçaõ crecia uſava do meſmo remedio, que a Madre Iſabel d' Abreu: chamava por ſua ſobrinha , ou qualquer outra Freira , e como tinha companhia ficava em paz. Coſtumava a dizer muitas vezes, que na feſta de Natal avia de morrer : e veyo dar fim a ſeus trabalhos na primeira Oitava , e ultima hora della , quando jà ſe tangia o primeiro de matinas de S. Joaõ Evangeliſta , mas naõ nos conſtou em que anno. Pouco antes que eſpiraſſe advirtio as enfermeiras que era tempo de fazerem final pera ſe juntar a Communidade como he coſtume na Religiaõ : e deu por rezaõ que eſtava alli o Minino Jeſu , que a queria levar conſigo.

CAPITULO IX.

Das Madres Sor Caterina de Soagoa , Sor Breytiz Rabella , e Sor Iſabel Afonſo.

A Madre Sor Caterina de Soagoa paſſou toda a vida em rigor de penitencias , e fervor de oraçaõ : e com taes azas tintas , e variadas de fermoſas cores de todas as outras virtudes , voou pera as moradas eternas. Nunca deſpois que tomou o habito comeo carne , nunca deixou de dormir veſtida , e apertada , e compoſta como andava de dia: e era o leito huma taboa ſeca , deſacompanhada de todo o genero de roupa , ou outro gaſalhado : e por morte lhe foy achada à raiz das carnes huma cinta de ferro de quatro dedos de largo , companheira inſeparavel de toda a vida.

Da Madre Breytiz Rabella, por outro nome da Trindade, ſe conta por eſpecial excellencia que entre todos os exercicios ſantos da Religiaõ o que mais lhe levava a alma , e o goſto era a devaçaõ do ſanto Roſario: pera o rezar com mais atençaõ, e ſoſſego levantavaſe de madrugada. Parece que tinha ouvido o que diz o Eſpirito Santo , ou elle lho tinha communicado : *Quoniam oportet præuenire ſolem ad benedictionem Dei , & adorientem lucis adorare Deum.* Eſth. 5.

Convem que madrugue mais, que o ſol , quem quer louvar a Deos , e receber delle mercès : convem levantar pera o adorar tan-

tanto que ſe levanta, e apare-
ce a primeira luz. Aſſi o fazia
com grande perſeverança, de-
leitandoſe na viſta da eſtrella da-
va em ſaudar a verdadeira Au-
rora, por quem conſiderava que
teʌemos no mundo todos os
bens do Ceo. Tardando o ſol
lembravaſe das anſias, com que
os Santos Patriarcas, e Profetas
deſejavaõ o verdadeiro, que
veyo alumiar as almas, e do in-
timo do coraçaõ dizia com
Eſai. 45. Eſaias: *Rorate cæli de ſuper &c.*
Acabai jà Ceos de nos mandar
eſſe divino orvalho. Lembravaſe
do affecto, com que a Virgem
deſejava vello, e adorallo naci-
Mal. 4. do na terra, e dizia: *O' oriens*
ſplendor lucis æternæ & ſol iuſti-
tiæ, veni & illumina ſedentes in
tenebris. O' rayo belliſſimo, luz
da luz eterna, e ſol de juſtiça,
chegay jà, e vinde alumiar os
que vivem em trevas Deſpois
de nacido o ſol alegravaſe nos
gozos da Virgem, quando ſe
vio mãy, e may de Deos, e ſua
pureza com tal filho mais pura,
mais honrada, e mais ſagrada.
Neſtas, e em outras ſemelhan-
tes conſideraçoens hya dando
voltas ao ſeu Roſario, e acom-
panhandoas a eſpaços com co-
pioſas lagrimas, hora de gozo,
hora de magoas, ſegundo os
miſterios.

Sabe o enemigo do genero
humano quanto ſe adianta em
todas as virtudes polo meyo do
ſanto Roſario. E como em todo
o exercicio dellas eſtà certa a
tentaçaõ pera prova, e merecí-
mento, permittio Deos que
procuraſſe a toda a força diver-
tilla de tal devaçaõ com medos,
e fantaſmas. Deſpois que vio
que naõ aproveitava por aqui,
aparecialhe viſivelmente ao tem-
po, que queria começar a rezar
pera a perturbar, ou inquietar
quando mais naõ podeſſe. Acon-
teceolhe deitarſe huma noite
com mais cuidado do ordinario
de ſe levantar a tempo, pera
cumprir mais a ſeu ſabor com o
ſanto exercicio. Quando eſper-
tou vio tanta claridade na caſa,
que teve por certo ſer o ſol na-
cido. Levantouſe à preſſa, e
com deſgoſto, e reprendendoſe
da tardança: e vendo que avia
ſilencio por toda a caſa, cami-
nhou pera o ſitio cuſtumado,
que era o Coro, e começou ſua
devaçaõ. Mas naõ he de dura
nenhuma falſidade, e as do dia-
bo mais depreſſa moſtraõ o fio,
e deſcobrem ſeu dono. Eis que
ſubitamente deſaparece a luz,
e fica tudo em trevas, e noite
eſcura: e pera mais certeza de
que fora fingida, e falſa a clari-
dade a que ſe levantara, ſoaraõ
logo no relogio as tres horas.
Caindo entaõ na conta do lanço,
com que Lucifer procurou deſ-
goſtalla, foy rezando, e medi-
tando com muito mayor conſo-
laçaõ ſeu Roſario, do que fora
a pena com que o começara.

Na ultima doença, quando
lhe foy declarado que acaba-
va, recebeo o deſengano naõ
ſò ſem ſobreſalto, mas com
muyta alegria. E diſpondoſe pe-
ra a hora, que eſperava, e que
tinha por ditoſa, e fermoſa,
naõ largava das maons o ſanto
Roſario. Hiaſelhe a vida traſ-
pondo por momentos, e a paſſo
igual ſe viaõ em ſeu roſto novos,
e mais claros ſinaes de gozo:
dos quaes obrigada huma reli-
gioſa, e tendo por certo que
deviaõ nacer de alguns favores,
que naquella hora lhe fazia a
Virgem do Roſario, que tanto

ſervira ſempre, pediolhe que pera gloria da meſma Senhora, e edificaçaõ das que eſtavaõ preſentes declaraſſe alguma couſa. Mas ſaõ os Santos mui avaros em revelar ſemelhantes mimos: reſpondeo com palavras geraes, que muitas mercès lhe fazia ſua ſenhora naquelle temeroſo trance. Inſtando a Religioſa por alcançar alguma particularidade, e apertando muito, em fim confeſſou que a Senhora eſtivera ali com ella: e naõ falou mais. Eſta Madre foy duas vezes Prioreſſa: e huma tença que tinha, naõ pequena pera o tempo de entaõ, deſpendia toda com Religioſas neceſſitadas, e em concertos da ſacriſtia.

A Madre Sòr Iſabel Afonſo foy huma das antigas, que neſte Moſteyro ſe criaraõ: e como tal taõ obſervante daquellas primeiras, e apertadas auſteridades, que por certo ſe conta que desda hora que profeſſou nunca mais comeo carne, nem teve outra cama ſenaõ hum matalote como os que atràs diſſemos; e as tunicas, que uſava, eraõ de pano de lam groſſeira dos montes, por maneira, que andava veſtida em hum cilicio inteiriſſo. Neſta aſpereza viveo longos annos; e ſem a mudar acabou ſantamente.

CAPITULO X.

Das Madres Sòr Juſta Vieyra, Sòr Violante, e Sòr Juliana.

TRinta annos achamos que foy Prioreſſa neſte Moſteyro a Madre Sòr Juſta Vieyra: e ſe a morte a naõ aſſolvera do cargo nunca os Prelados nem as ſubditas conſintiraõ que o deixara. Taõ inteiro, e taõ ſuave era ſeu governo. Todo ſeu cuidado empregava por manter a caſa no rigor primeiro, em que fora criada: e ainda os que os Capitulos, que fazia eſpiravaõ fogo de eſpirito, com que o pegava às mais tibias, eraõ ſuas obras taes, que naõ avia quem à viſta dellas moſtraſſe froxidaõ pera as mayores auſteridades. Nunca ſe achou que nas ordinarias da Ordem ſe valeſſe do privilegio de Prelada pera diſpenſar conſigo: antes acrecentava a ellas particulares penitencias, que em quem preſide bem ſe ſofre ſerem publicas, e ſabidas, polo muito que move o exemplo das cabeças. Entre outras ſe faz memoria das tunicas, que uſava, de pano baſto de lam como ſaco, que era andar toda envolta em hum aſpero cilicio, como diſſemos da Madre Iſabel Afonſo. Com o Angelico Doutor Santo Thomas tinha grande, e particular devaçaõ, e pagavalha elle com lhe alcançar de Deos muytos favores. Muito tempo antes de ſua morte declarou o dia, e hora em que avia de ſer; e ſuccedeo ſem falencia.

Reſtanos dizer de duas Religioſas, que ſendo falecidas ha menos de vinte annos, e ſendo ambas nobres por geraçaõ, e muyto mais por virtude, jà naõ pudemos alcançar dellas mais, que meyos nomes. Pera ficarem aſſi menos de eſpantar as faltas dos antigos. Seja primeira a Madre Sòr Violante taõ devota, e bemfeitora das almas fieis do Purgatorio, que cada dia lhes rezava hum pſalterio, pedindo a cada huma, que quando

do ſe achaſſe livre do carcere, e à meſa do Rey da Gloria como o outro criado de Faraó ſe lembraſſe da ſua priſaõ della, alcançandolhe huma ſuave ſaida das miſerias da vida, e vindoa ajudar, e acompanhar na hora da liberdade. Acompanhava eſta devaçaõ, pera que foſſe mais meritoria com muita abſtinencia, diſciplinas, e cilicios eſmerandoſe ſobre tudo em hum grande cuidado de guardar ſilencio, e naõ o quebrar nunca nos tempos, que a regra o encomenda. Viveo eſta Religioſa muytos annos ſem quebra nem mudança de ſeus ſantos exercicios: e perſeverando aſſi com muito exemplo aconteceo huma noite acharemna morta pola maneira ſeguinte. Dormia a ſacriſtam em ſeu leito canſada do trabalho do dia. Eis que alta noite ſente chamarſe por ſeu nome, e abrindo os olhos vè hum vulto de Freira com lume nas maons, mas lume, ſegundo deſpois dizia, eſcuro, e cego, e como de candea, que ſe vai apagando: e ouvio que lhe dizia com voz diſtinta, e clara, porem naõ conhecida, palavras formaes: Levantaivos, e ide acodir a Sòr Violante, que eſtà morta. A novidade do aviſo, e a falta de luz baſtante, e de conhecimento da fala obrigou a ſacriſtam a perguntarlhe quem era: e ouvio ſegunda voz, que lhe diſſe. Eu ſou a Madureyra. Avia no Moſteiro huma Religioſa deſte nome amiga da ſacriſtam, e com quem algumas vezes coſtumava a ter graças: deſpedioa aſperamente, e como merecia huma ocioſidade a taes horas (ſe o fora) e tornouſe a quietar. E com tudo fazendo reflexaõ no

Gen. 40.

que ouvira, e na calidade do dito chamou huma companheyra pera yrem juntas. Foy circunſtancia, que tambem deu cuydado, que procurando levar lume conſigo, naõ acharaõ em toda a caſa alampada aceſa, e foy força valeremſe de pederneira, e fuſil. Chegando ambas ao leito de Sòr Violante acharaõ verdadeiro o aviſo da voz, e eſpertaraõ à preſſa a Communidade, pera a commendaçaõ da alma. Ficouſe fazendo diſcurſo entre as Religioſas, que fora Deos ſervido darlhe hum tranſito abreviado, e ſem pena por rogativas das almas ſantas, e polas meſmas permittira, que foſſe aviſada a ſacriſtam por termo taõ extraordinario pera lhe naõ tardarem os ſuffragios, e oraçoens da Communidade, ou em ſatisfaçaõ de alguma leve culpa, ou em augmento de gloria: o que tudo trabalhara por encontrar, e dilatar o demonio com a falta de luz, e apagando as alampadas: e cahiaõ que a meſſageira podia ſer huma diſcipula da meſma Sòr Violante, que tambem ſe chamava Madureira, e naõ avia muito que era falecida.

Quaſi polo meſmo tempo ſe foy pera o Ceo outra Religioſa, que lhe demos por companheira: chamavaſe Sòr Juliana, porque nacera em tal dia: fora duas vezes Prelada com notavel exemplo de virtude, e obſervancia regular, e nos exercicios particulares era por excellencia devota das finco precioſas chagas de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto, venerandoas, e celebrandoas com todos os generos de devaçaõ, que ſabia, e podia, e offerecendolhes ſua alma com con-

continuas oraçoens. Andando o tempo foy Deos ſervido tocalla de hum ar de parleſia na lingua, que lhe tolheo a fala : e muda viveo muytos annos. Vindo deſpois a falecer no meſmo dia de ſanta Juliana, em que nacera, vioſe nella hum caſo eſtranho : tornoulhe a fala, e diſſe a huma amiga, que a curava, que naquella hora lhe tinhaõ aly trazido ſinco ſerejas. Eſpantada a enfermeira de ouvir nomear ſerejas em Fevereiro, e parecendolhe delirio de quem morria, aporfiou a enferma que ſabia o que dizia, e que debaixo da cabiceira lhas tinhaõ poſtas, e ahy as acharia, ſe as quiſeſſe buſcar, e ver. Eſtavaõ jà juntas outras Freiras : obrigadas da teima com que affirmava couſa taõ ſem propoſito levantaraõ o traviſſeiro, e acharaõ que onde dizia, em lugar de cinco ſerejas, eſtava tinto o lençol com cinco gotas de ſangue freſco poſtas em Cruz, que fizeraõ eſpanto, porque ſe juntava ao dito da enferma (que pouco tardou em ſe finar) naõ verem donde podeſſe aly vir tal ſangue : e pareceo hum principio de paga da ſanta devaçaõ das Chagas, e penhor da gloria, qne por ella a eſperava.

CAPITULO XI.

De alguns grandes milagres, que noſſo Senhor tem feito neſte Moſteyro por huma imagem, que nella ha do Padre S. Domingos.

POdemos dar por boa prova da grande Religiaõ deſte Moſteyro a providencia, com que o Santo Patriarca, que lhe deu nome, e regra acodio ſempre, e acode ainda hoje às neceſſidades, e doenças, e deſconſolaçoens das filhas, que nelle tem. Guardaſe aqui de tempos antigos huma imagem do Santo venerada de todas as Religioſas, tanto por ſer ſua, como pola experiencia, que tem de lhes fazer Deos por ella muytas miſericordias. E porque aſſi como ſaõ muytas em numero, ſaõ tambem em calidade muy notaveis, do que ſe ſegue honra pera o Santo, e pera a caſa : parece rezaõ apontarmos algumas de mais ſuſtancia pera gloria de Deos, e do ſeu Santo, cuja eſta Hiſtoria he ; e pera louvor, e eſtima da gente, que taõ propicio ſabe ter o Senhor a que ſerve : couſa que naõ pode ſer, ſegundo ſe deixa bem ver, ſem muyta pureza de almas, e conciencias. Mas antes de entrarmos na relaçaõ dellas diremos, e louvaremos hum ſanto coſtume, que eſtas Madres tem de acompanharem com aſſiſtencia perpetua o Santiſſimo Sacramento acodindo todas, e revezandoſe no ſerviço com tal ordem, que em nenhuma hora do dia nem da noite fica ſó : o qual he hum genero de laus perennis, qual o meſmo Rey, e Senhor noſſo tem na ſua Corte do Ceo. Serviço digniſſimo, que em todas as caſas de Religiaõ ſe fizera, e que naõ tenho duvida a todas rendera grandes intereſſes eſpirituaes. Eſtas Madres ſe obrigaraõ a elle polo titulo do Moſteyro : mas naõ ha nenhuma, que deixe de ter pola ſuſtancia do que devemos, a meſma obrigaçaõ, que eſta mantem polo nome. E tornando ao que propuzemos venhamos aos milagres do Santo.

Qua-

Quatro annos avia que a Madre Franciſca da Aſcençaõ eſtava entrevada de parlezia, e taõ tolhida de todos os membros, que naõ era ſenhora de mover pè nem maõ. Em todo eſte tempo provaraõ os Medicos varios remedios, e ſem aproveitar nenhum ficou avida por incuravel. Quando aſſi ſe vio, pedio à Prioreſſa, que lhe mandaſſe trazer alli a imagem que diſſemos, de noſſo Padre, affirmando que ſò a elle queria por Medico, como ſabia que o fora de muitas outras enfermas. Juntouſe a Communidade, trouxeraõlha em prociſſaõ. Vioa, veneroua, abraçouſe com ella com devoto affeito da alma, porque os braços eſtavaõ mortos; e lembrando ao Santo com grande fé a ſua antiga promeſſa de naõ faltar aos filhos, ainda que auſente, pedio que lha deixaſſem ficar ſobre a cama. Deixaraõlha: continuou ella com ſeus devotos coloquios; e ſobrevindolhe hum leve ſono, começou a ſonhar que ſe chegava ao leito hum veneravel Religioſo da Ordem, e pondolhe a maõ ſobre hum braço lhe dizia: Filha, naõ te agaſtes. A viſta, e viſinhança do Religioſo cauſou ſobreſalto, e o ſobreſalto lançou fóra o ſono. Acordando achou, que tinha abraçada a ſanta imagem com aquelle braço, que por tolhido tivera ſempre recolhido debaixo da roupa, e que naõ ſó o ſentia com vigor, e força, mas de todo ſaõ, e aſſi todos os mais membros.

Sendo o caſo taõ extraordinario, que eſpantou quantos conheciaõ eſta Madre, e ſabiaõ do ſeu mal, ficou eſquecido com muitos outros mais antigos, polo que ſuccedeo à Madre Caterina da Aſſumpçaõ no anno de 1595. Cahyo eſta Madre de hum lugar muito alto: e eſtava tal quando lhe acodiraõ, que nenhum final nem ſentimento tinha de vida. Provaraõſe remedios de ventoſas, e ſangrias a ver ſe tornava: naõ baſtou nada, e parecia tudo por de mais, porque ſe via que de piſada, e moida eſtava toda negra. Neſte eſtado lhe acodio a Communidade, e hum povo de irmans carnaes, que nella tinha, que naõ eraõ menos de ſinco: trazemlhe a imagem do Santo com huma devota prociſſaõ cantando entre laſtimas, e lagrimas a antiphona: *O' lumen Eccleſiæ, &c.* Ouvio Deos por meyo de ſeu ſervo ambas as Communidades. Foy couſa que paſſou a olhos, e face do Convento inteiro: no meſmo inſtante que poſeraõ a ſanta imagem junto da que choravaõ por defunta, abrio os olhos, e falou, e alegrou a todas com eſperanças de vida. Tornaraõ a mais conſoladas com a imagem ao ſeu altar. Entre tanto apareceo o Santo clara, e viſivelmente à atribulada Madre; e como eſtava jà em ſeu acordo, e reconhecida da mercè recebida nos principios de remedio, foiſe proſtiando como pode a ſeus pès pera lhos beijar. Fogem os males da preſença dos Santos. Aſſi deſapareceo o Santo dos olhos da enferma, e deſapareceo juntamente toda a leſaõ, e quebrantamento de ſeus membros, ficando em taõ perfeita diſpoſiçaõ, e ſaude, como tinha antes do deſaſtre. Foi eſte milagre muy celebrado, e com publicos eſtormentos autenticado, e em fim prègado nos pulpitos. 1595.

Naõ

Naõ foy menos eſtimada a ſaude, que ſubitamente, e polo meſmo meyo recebeo a Madre Sòr Antonia da Encarnaçaõ. Eſtava ſangrada vinte, e oito vezes de humas febres taõ rijas, que nem com tanta evacuaçaõ de ſangue davaõ final de amainar, e ſobre todo o mal endoudecia com freneſis. Fezlhe o Medico ultima viſita neſte eſtado, e aviſou a Prioreſſa, que naõ averia lugar pera outra, porque naõ tinha de vida mais que tres horas. Era pola manham: acodio a devota Prelada aos remedios do Ceo cheya de fé, mandoulhe dizer logo huma Miſſa a noſſo Padre, e encomendou às Religioſas levaſſem a ſanta imagem à ſentenciada enferma, apellando da ſentença da terra pera a miſericordia do Ceo: Levaraõlha: ſobreveolhe ſono, cuidouſe que era o da morte; e foi o Senhor ſervido, que acordou delle com certeza de vida, e ſaude perfeita, que logo ſeguio.

Melhor ſuccedeo à irmam Joana Bayoa, que com hum ſó milagre do Santo negoceou remedio pera duas neceſſidades muito differentes entre ſi, e ambas muito importantes. Paſſava de quarenta annos, que eſtava recolhida no Moſteyro a titulo de ſervidora. E avendo muitos que pedia com devaçaõ ao Santo, a fizeſſe Freira ſua, adoeceo gravemente de huma eſquinencia acompanhada de febre ardente, que brevemente a poz no fim da vida. Dada por morta, ungida, e jà ſem fala: propoz huma Freira velha à Prioreſſa, que pois morria, ſe quer por agradecimento do bom ſerviço da enferma lhe deſſem a conſolaçaõ de morrer no habito, que tanto deſejara em vida, como ſe ſabia: que pois morrendo lho aviaõ de veſtir como a irmam, que jà era da Ordem, mais valia veſtirlho em tempo, que ainda o pudeſſe eſtimar, e agradecer, viſto como de qualquer maneira o avia de lograr poucos dias, ou poucas horas. Inclinouſe a Prioreſſa, ajudaraõ todas as Madres, foilhe veſtido o habito com a ſolenidade ordinaria, cantando a Communidade junta o hymno: *Veni Creator Spiritus*; e moſtrando a enferma, no que ſe podia entender, que morria conſolada. Immediatamente como a quem eſtava deſconfiada de todo o remedio humano lhe trouxeraõ a imagem de Noſſo Padre, e huma Religioſa lhe fez lembrança, que pois tinha jà o habito do Santo, ſe encommendaſſe a elle como filha ſua. Fizeraõ todas oraçaõ com ella (que val muito diante de Deos oraçaõ de gente junta, e unida em ſeu ſerviço, e nome) foy logo tornando em ſi, e dentro de poucos dias de leiga, e enferma, e morta, achouſe viva, e ſam, e Freira, confeſſando dever tudo ao Santo, polo meyo da ſua imagem. Foy deſpois conſultado no caſo o Padre Provincial: e tomada informaçaõ de como paſſara, deu ſua aprovaçaõ, e licença pera ſe lhe fazer profiſſaõ a ſeu tempo.

A Madre Sòr Urſula de S. Domingos tinha jà recebido o Santiſſimo Sacramento por Viatico, e tratavaſe da Unçaõ em huma forte doença, que por momentos a hia conſumindo. Neſte eſtado pedio, que lhe trouxeſſem a ſanta imagem: foy caſo

ſo raro, que parece naõ ouve meyo em chegar a imagem, e fogir o mal: repentinamente ficou ſam.

O meſmo aconteceo a outra Religioſa em ſemelhante eſtado, e igual perigo. Viaſe acabar ſem remedio, gritou agonizadamente, e em alta voz polo Santo: e bradava dentro em ſua alma com outra mais alta de fé, e eſperança. Adormeceo deſpois, repreſentouſelhe que via o Santo, e lhe dizia, que ſe naõ deſconſolaſſe, que brevemente teria ſaude: e aſſi aconteceo.

A Madre Sor Elena da Conceiçaõ andava atribulada de hum grande inchaço, que lhe nacera debaixo de hum braço, temendo que poderia ſer mal contagioſo. Acodio com oraçoens ao glorioſo Confeſſor S. Roque. Reſolveoſe, e ficou bem. Paſſados alguns dias levantouſelhe outro no peſcoço da groſſura de hum ovo. E dado que jà naõ receava contagiaõ, todavia acodindo ao meſmo Santo, fez oraçaõ a Noſſo Padre S. Domingos, que como pay lhe valeſſe diante de Deos com ſua interceſſaõ. No meyo deſte requerimento feito com devaçaõ, e confiança de boa filha foy tentar com a maõ o tumor, e achou o peſcoço deſembaraçado, e igual, e ſem ſinal de inchaçaõ, como ſe nunca tevera nenhum mal.

Recebendo as Religioſas deſte Convento tantos favores de Noſſo Patriarcha, facil fica de crer qualquer outro que affirmarmos que as meſmas recebem dos mais Santos da Ordem: que onde o Pay ſe moſtra taõ amoroſo, naõ podem os filhos ſer menos brandos, nem trocer o roſto à gente, que elle aſſi empara. Puderamos ajuntar milagres muy provados, e caſos notaveis, com que alguns Santos noſſos eſtrangeiros, e naturaes acrecentaraõ ſua devaçaõ neſta caſa, e acreditaraõ a grande obſervancia, com que nella ſe vive: mas de propoſito, e determinadamente os deixamos, porque os Santos eſtrangeiros naõ ſaõ da obrigaçaõ deſta Cronica, e os naturaes tem nella lugar proprio, aonde pertencem ſuas maravilhas. Sò as do Santo Patriarcha proſeguiremos, como a hiſtoria he propria, e originalmente ſua, em qualquer parte que as encontrarmos.

CAPITULO XII.

Origem, e principio da fundaçaõ do Real Convento de Noſſa S.nhora da Vitoria, no lugar da Batalha.

ACchavaſe el Rey dom Joaõ o Primeyro deſte nome, e decimo no numero dos Reys de Portugal nos campos de Aljubarrota termo da cidade de Leiria, alojado em hum eſtreito arrayal, e acompanhado de poucos vaſſallos, ainda que fieis, e animoſos, e determinados. Tinha defronte outro Rey tambem Joaõ, e tambem Primeyro dos Reynos de Caſtella, o qual trazia conſigo todo o poder de ſuas terras, e muita gente das de Portugal, que o ſeguia, ou por intereſſe proprio, ou enganada da cauſa. Era força vir às maons. E como todos os ſucceſſos da guerra ſaõ incertos, e a batalha eſtava em grande eſtremo arriſcada da parte dos Portuguezes, polo pouco numero delles, com-

parado com a multidaõ contraria, que cobria montes, e valles: vendo todavia que por ſer buſcado, e dentro em ſeu Reyno, naõ podia eſcuſalla ſem grande deſcredito, e perda de reputaçaõ: procurou na hora que ſe determinou em pelejar, valerſe do ſoccorro do Ceo, e pedir a vitoria àquelle Senhor, que as dà, e tira, e por iſſo ſe chama Deos dos exercitos. E invocando por medianeyra a Virgem Mãy, porque em veſpera de ſua glorioſa Aſſumpçaõ foy a jornada, prometeo que ſayndo vencedor lhe edificaria hum famoſo Moſteyro. Foy Deos ſervido fazello vencedor: ficaraõ vencidos nas armas, os que venciaõ em poder, e confiança: e podemos crer, que foy a cauſa de ſua deſtruiçaõ ſeguirem, e ſuſtentarem, como ſeguiaõ, e ſuſtentavaõ as partes de hum Clemente Antipapa ſciſmatico, e levantado contra o verdadeyro paſtor da Igreja, e Vigario de Chriſto Urbano Sexto ſucceſſor de Gregorio Undecimo. Com a vitoria deu Deos ao Portuguez tambem o Reyno, que brevemente foy reduzido todo à ſua obediencia. Mas no tempo que tardou em o quietar de todo, naõ quiz dilatar o comprimento, e deſobrigaçaõ do voto. Com as armas às coſtas revia traças, conſultava Architectos, buſcava officiaes: e ganhando por huma parte à força lugares rebeldes, que lhe reſiſtiaõ, hia por outra edificando paredes ſagradas. E foy aſſi, que jà avia tres annos que a obra do Moſteyro corria, quando eſtando de cerco ſobre o Caſtello de Melgaço, aſſentou de o dar à Ordem de S. Domingos, ſegundo o achamos declarado no teſtamento, que muitos annos deſpois fez em huma verba, que diz aſſi.

PO rque nòs prometemos no dia da batalha que ouuemos com el Rey de Caſtella, de que Noſſo Senhor Deos nos deu vitoria, de mandarmos fazer à honra de Noſſa Senhora Santa Maria, cuja veſpera entaõ era, a cerca donde ella foy, hum Moſteyro: o qual deſpois que foy começado, nos requereo o Doutor Joaõ das Regas do noſſo Conſelho, & Frey Lourenço Lamprea noſſo Confeſſor, eſtando nòs em cerco de Melgaço, que ordenaſſemos que foſſe da Ordem de S. Domingos. E nòs duuidamos de o fazer, porque aſſi foy noſſo prometimento de ſe fazer à honra da dita Senhora Noſſa Santa Maria. E reſponderaõnos que a dita Ordem eſpecial era muito da dita Senhora declarandonos as rezoens porque: as quaes viſtas por nòs, acordamos, & prouuenos de ordenar o dito Moſteyro que foſſe da dita Ordem, &c.

Tan-

Tanto que el Rey ſe fez ſenhor de Melgaço, e ſe veyo recolhendo pera baixo, parou na cidade do Porto, e nella mandou paſſar carta de doaçaõ à Ordem no principio do anno de 1388, cujo treslado tirado do proprio, que ſe guarda no Cartorio do Convento he o ſeguinte.

DOm Ioaõ pola graça de Deos Rey de Portugal, & do Algarue. A quantos eſta carta virem fazemos ſaber, que por honra da Virgem Maria noſſa defenſora, & deſtes Reynos, conſirando as muitas eſtremadas graças, que do ſeu bento Filho a rogo della ſempre recebemos, aſſi em guarda de noſſo corpo, como exalçamento dos ditos Reynos em as guerras & meſteres em que fomos poſtos, eſpecialmente na batalha & campo que ouuemos com os Caſtellanos, dandonos delles vitoria marauilhoſa, mais por ſua miſericordia, que polos noſſos merecimentos, propozemos em renembrança dos beneficios por ella recebidos de edificar, & mandar fazer caſa de oraçaõ, em a qual à honra & louuor da dita Senhora ſe faça ſeruiço a Deos. A qual de feito jà mandamos começar apar da Canoeira. E porque ſegundo Deos & verdade os Fraires Prègadores da Ordem de S. Domingos ſom muy deuotos em ella, aſſi por as ſuas obras, como polo habito que de ſuas maons receberaõ, ſaõ outro ſi merecedores de todo bem, & mais, que a Noſſo Senhor, & a dita Senhora ſua Madre ſeruem em cada hum dia, & ſaberaõ ſeruir ao diante rogando a elles por nòs, & polos ſuzoditos Reynos. Porende nòs ſuzodito Rey à honra & louuor dos ſuzoditos Senhores de noſſo proprio mouimento, liure vontade, & por comprir outro ſi aquillo que preſupoſto auiamos, damos, doamos, & dedicamos à Ordem de S. Domingos o noſſo Moſteyro de Santa Maria da Vitoria, que Nòs hora mandamos fazer a par do dito logo da Canoeira termo de Leiria à honra da dita Senhora com todos ſeus direitos & pertenças. E rogamos aos Frades da dita Ordem, àquelles, a que de direito he cometida a adminiſtraçaõ della, eſpecialmente a Frey Lourenço noſſo Confeſſor, que tome o encarrego & poſſe da dita caſa & Moſteyro por eſta noſſa carta: a qual queremos & outorgamos que ſeja firme & valedoura para todo ſempre. E mandamos outro ſi, & rogamos a todos noſ-

noſſos filhos, noſſos ereos, & ſucceſſores que ajaõ o dito Moſteyro encomendado, & o acrecentem ſempre de bem em melhor, & defendaõ em os priuilegios & liberdades, que lhe per Nòs, & per os Padres Santos forem dados: em quanto ſeu poder abranger, & ao dito Moſteyro for neceſſario & compridouro, ſob pena de noſſa bençaõ. E para eſto outro ſi auer mais pronta & comprida executaçaõ, rogamos, & mandamos ao Doutor Ioaõ das Regas do noſſo Conſelho, que perante Nòs & ſuzoditos ſucceſſores ſeja prometor & requeredor de todo o bem, prol, & honra do dito Moſteyro & Frayres delle. E em teſtemunho deſto lhe mandamos dar eſta carta aſſinada por noſſa maõ. Dada na cidade do Porto quatro dias de Abril. ElRey o mandou. Aluaro Gonçaluez a fez Era de M. CCCC. XXVI. annos. Rey. (reſponde ao anno do Senhor de 1388)

Era Meſtre Geral da Ordem neſte tempo o Padre Frey Raymundo de Capua, que foy Confeſſor de Santa Caterina de Sena, e na ſciſma, que ſe levantou na Igreja por morte do Papa Gregorio Undecimo ſeguio as partes do verdadeyro ſucceſſor de S. Pedro, e Vigario de Chriſto Urbano Sexto. Eſte Geral ſendo o Convento aceitado pola Provincia, confirmou a aceitaçaõ. Tomouſe logo poſſe pola Ordem, e foy mandado aſſiſtir nelle o Padre Frey Joaõ Martins, Meſtre em Theologia, e peſſoa de grande nome neſte Reyno em virtude, e letras. A obra corria por Miniſtros Reaes: elle com ſeus companheiros naõ faziaõ mais que dizer ſua Miſſa, prègarlhes nos dias de feſta, e reſidir como em caſa ſua: mas naõ davaõ voto nem traça, nem ordem em couſa alguma, pórque toda a fabrica eſtava à conta del Rey, e dos que em ſeu nome preſidiaõ nella.

CAPITULO XIII.

Do ſitio que el Rey eſcolheo pera o Moſteyro, e das razoens que o moveraõ a edificar nelle.

QUiz el Rey fazer hum templo, e Moſteyro, que excedeſſe todos os famoſos da Chriſtandade, naõ ſó de Eſpanha: e na verdade alcançou com effeito, e realidade, o que pretendeo com o deſejo, e animo. Porque na ſua idade, e em muitos annos deſpois naõ foy edificada taõ grande, nem taõ magnifica, nem taõ perfeita, e polida fabrica. Chamou de longes terras os mais celebres Architectos, que ſe ſabiaõ, convocou de todas as partes officiaes de cantaria deſtros, e ſabios, convidou a huns com honras, a outros com groſſos partidos, obrigou a outros com tudo junto. A' voz da grandeza da obra acodio de todo o Reyno numero infinito de pionagem a ſervir, e trabalhar,

lhar, e ganhar jornaes (que eſte bem tem as obras grandes, manter muitos pobres.) Avia muito dinheiro, e fidelidade nos miniſtros, voava a obra naõ ſó corria. Mas antes que entremos nas particularidades da fabrica, naõ ſerà emprego ſem proveito buſcarmos com hum breve diſcurſo, que cauſas moveraõ hum Rey prudente, concebendo em ſeu grandioſo eſpirito levantar huma machina, que foſſe maravilha do mundo, fundalla em huma charneca quaſi deſerta, naõ ſó falta de boſques alegres, de fontes, e freſcura: e em ſitio baixo, e humido. Achaõſe nas cidades, e povos grandes, ou perto delles muitos olhos, e muitos bons juizos, pera verem, louvarem, e eſtimarem as couſas inſignes: boſques, e freſcura ajudaõ muito, ornando, e acompanhando os Conventos grandes: os lugares eminentes daõ luſtre, e fazem creſcer na proſpectiva, e repreſentaçaõ qualquer edificio, porque ſe começa de muito longe a lograr com os olhos dos que a elle vem: e lograſe com ſaude dos que dentro vivem: ſendo polo contrario o ſitio humilde encobridor da grandeza, e abatedor da mageſtade, occaſiaõ de enfermidades, e como ſepultura do meſmo, que ſe pretende tenha vida, e grande luz, e aparato ſobre a terra. Naõ offerece pequena duvida eſta queſtaõ: mas ſoltaſe com a determinada vontade, que el Rey teve em naõ alongar o ſacrificio do ſitio, em que recebera a mercè, ſegundo o declarou na verba do teſtamento, que referimos: e avendo de ſer a fabrica no lugar, em que começou a Batalha (no qual logo mandou levantar huma ermida a S. Jorze, que hoje dura) ou em ſeus contornos, naõ offerecia a comarca toda mais accommodado aſſento que eſte, que a carta del Rey chama de apar da Canoeira. Porque ſendo a terra ſeca por todas eſtas partes, aqui achou huma boa ribeira de agua de todo o anno pera ſerviço do Moſteyro: e logo abaixo pera viſta huma eſtendida, e fertil veiga regada da meſma, e doutra mayor ribeyra. E fez conta, que onde ouveſſe agoa, e gente curioſa naõ faltaria todo genero de freſcura: e quanto à baixeza do ſitio, eſſa venceria com a eminencia, e grandeza da obra, que imaginava: a qual por ventura lhe fazia tambem crèr, que chamaria a ſi tanto numero de viſinhos, que vieſſem a formar huma illuſtre povoaçaõ. A humidade affirmavaõ os Architectos, que enxugaria com o edificio, ao menos quanto baſtaſſe pera naõ ſer prejudicial à ſaude. E naõ ſe enganaraõ; porque ſe bem a caſa tem ainda muito de humidade, naõ ficou enferma. Acrecentavaſe ficar em diſtancia de pouco mais de meya legoa de S. Jorze, onde foy o primeiro rompimento da Batalha: e com taes conſideraçoens juntas ficaraõ vencidas todas as mais dificuldades.

Requeria eſta machina pera a podermos bem repreſentar aos olhos do leitor, obra mais de pincel, que de pena, mais pintura, que deſcripçaõ hiſtoriada; porque toda a narraçaõ fica curta nas excellencias della, viſto naõ podermos alcançar com a eſcritura particularizar miudezas, que he couſa muito facil a quem uſa de cores, e ſombras:

ſen-

ſendo aſſi que o Hiſtoriador offerece as couſas por mayor, da meſma maneira que o pintor em virtude da arte deſcobre as meſmas tanto polo miudo, que em nada falta. Em prova diſto tem acontecido, que alguns eſtrangeiros peſſoas de grande juizo, que em ſuas terras teveraõ noticia deſta fabrica por narraçaõ copioſa, e pontual de Frades noſſos, ſuccedendo deſpois veremna com ſeus olhos, fizeraõ eſtremos de eſpanto; porque acharaõ lhes deſcobria mais a viſta, do que podera referir a fama. E eraõ homens que tinhaõ viſto, e conſiderado tudo o bom de Europa. Com eſta ſalva daremos relaçaõ della, e ſerà com a mayor clareza, e particularidade que podermos.

CAPITULO XIV.

Deſcreveſe a Igreja pola parte interior, com as medidas, e calidade do edificio.

O Primeiro nome, que el Rey deu ao Convento quanto ao ſitio, foy de apar da Canoeira, como parece da doaçaõ, por naõ aver outro lugar mais viſinho: e he huma aldea diſtante delle pouco mais de meya legoa: o que lhe ficou deſpois de edificado foy da cauſa de ſua fundaçaõ, chamandoſe da Batalha. Os noſſos velhos mais ſantos, que atilados chamaraõlhe impropriamente na lingua Latina, *De Bello*: e naõ fora o nome ſe naõ muy proprio, e acertado (como muytas vezes acontecem a caſo grandes acertos) ſe o tomaramos na ſignificaçaõ que tem ſendo adjectivo, por couſa bella, e fermoſa, e naõ polo ſubſtantivo, que he guerra.

Começou a Igreja com deſmeſurada grandeza, e ſumptuoſidade tal, que aos meſmos edificadores fazia impoſſivel o fim da obra, lançando conta ao que convinha ſobir polas regras de boa proporçaõ, e ao que era forçado gaſtar de tempo, e dinheiro pola deſpeſa que levava. Sò o corpo della, deſda porta principal, que abre onde ſe poem o ſol, e corre contra o nacente ſegundo a poſtura das Igrejas antigas, tem trezentos palmos de comprimento, atè o primeiro degràò da Capella mòr: aos quaes juntos ſeſſenta, que ha deſte degràò atè à parede, em que encoſta o altar mòr, fica todo o comprimento do templo de trezentos e ſeſſenta palmos. A largura he de cem palmos, que vem a ſer ao juſto a terça parte de todo o comprimento, que diſſemos atè o primeiro degràò da Capella mòr: e a eſta medida reſponde a altura na proporçaõ da arte, que he tal, que hum valente braceiro chega mal tirando com huma pedra ao alto do tecto: porque como he abobada, ſobe ainda grande eſpaço ſobre as paredes, tanto quanto requer a diſtancia em que eſtriba. Aſſi tem de altura atè o ponto mais ſobido da mayor abobada cento e quarenta e ſeis palmos.

Das tres naves em que ſe divide a Igreja tem a do meyo trinta e tres palmos de vaõ, e as dos lados a vinte e hum e meyo cada huma. O que falta pera encher a conta dos cem palmos, que demos de largura a todo o corpo, he occupado dos pilares, que fazem diviſaõ às naves, que ſaõ oito por banda: cu-

cujas baſes aſſentadas em quadro fazem doze palmos por cada teſta. Cada nave tem ſua abobada por ſi. As abobadas, pilares, e paredes ſaõ tudo cantaria, aſſentada com tanto primor, e cuidado, que quaſi querem enlear os olhos as junturas, mas ſe ſe deixaõ enxergar, porque naõ podia al ſer, he taõ ſem offenſa da arte, que difficultoſamente ſe diviſa nellas final de cal. A groſſura das paredes he como a das baſes dos pilares, de doze palmos por todo. A pedraria he lavrada toda do mayor polimento, que a arte uſa, ſalvo de brunido, e luſtrado. A calidade da pedra toda huma, e naõ deve aver em toda Eſpanha outra melhor pera ſemelhantes edificios: porque quanto à cor tem hum eſtremo de alvura, e quanto à fortaleza he baſtantemente dura, ſem ſer demaſiado aſpera ao lavrar. Moſtraſe huma, e outra couſa em que paſſando jà de duzentos annos de idade o edificio, nem na gaſtaõ o diſcurſo, e injurias do tempo, nem o que lhe tem trocado da alvura lhe tira muito da primeira graça. E acontecelhe neſta parte o meſmo que ao roſto de hum homem, que foy muyto alvo, que por muyto que ſe queime, e curta da força do ſol, e do ar, nunca no queimado perde de todo o final das primeiras cores. Aſſi eſta pedra vay tirando com a antiguidade a hum toſtado nada deſengraçado, e naõ a pardo nem eſcuro, ou denegrido, como vemos em outros generos de pedra.

O cruzeiro tem de largo trinta palmos, que reſponde ao juſto à quinta parte de todo o ſeu comprimento, que he de cento e ſincoenta. As paredes do corpo do templo ſaõ todas liſas, e cheas, naõ vaſadas nem cortadas (como he ordinario em outros) com numero de Capellas. Sòmente na entrada da porta principal ſe abre à maõ direita hum grande arco pera huma fermoſa quadra, da qual diremos adiante. A frontaria do cruzeiro a hum, e outro lado da Capella mòr eſtà dividida em quatro Capellas duas por cada banda. A primeira, e mais vizinha à ſacriſtia he dedicada a ſanta Barbara, e jaz nella em huma ſepultura baixa hum Cardeal, de cujo nome, e ſangue ſe perdeo a memoria: temſe por certo ſeria chegado à caſa Real. A ſegunda he de noſſa Senhora do Roſario. Vèſe nella hum bem lavrado moimento alto, em que el Rey dom Afonſo Quinto mandou tresladar a Raynha dona Iſabel ſua molher, que faleceo em Evora no anno de 1455. A terceira, que he collateral à Capella mòr da parte da Epiſtola tem a vocaçaõ de Noſſa Senhora da Piedade, e nella eſtà depoſitado o corpo del Rey dom Joaõ o ſegundo. A quarta deu o autor de toda a obra ao grande Meſtre de Chriſto dom Lopo Diaz de Souſa, que nella jaz ſepultado, lugar bem merecido de ſeu valor, e bons ſerviços. O Conde de Miranda Anrique de Souſa, que hoje vive como ſucceſſor, e erdeiro que he da caſa deſte Meſtre recolheo em noſſos dias nella ſua molher dona Mecia. No meyo da Capella mòr logo abaixo dos degraos do altar jazem el Rey dom Duarte, e a Rainha dona Lianor ſua molher em duas grandes caixas do meſmo marmore,

de

de que he toda a fabrica : as quaes ſaõ liſas, e ſem lavor , e ſem letra alguma : ſó tem em cima os vultos de ambos lavrados de relevo inteiro em todo o primor da eſcultura , e dizem que eſtaõ tirados ao natural. O del Rey com a maõ direita travada com a direita da Rainha : a eſquerda del Rey ſobre huma acha de armas , e a da Rainha occupada com hum livro. Dos topos do cruzeiro toma hum a porta traveſſa da banda da Epiſtola , o outro enche o altar de Jeſu com hum grande , e fermoſo retabolo de pedraria lavrado à moderna. Eſtas ſinco Capellas, aſſi a mayor , como as quatro collateraes , podemos dizer que naõ tem retabolo algum. Porque dado que na mayor , e na do Roſario vejamos hoje retabolos , ſaõ ambos couſa taõ pequena em corpo , e taõ pobre em feitio, que claramente moſtraõ naõ dizerem com a mais obra do Convento , nem com a tençaõ do fundador : principalmente eſtando ermas as outras tres : eſtando em todas ſinco aberto em freſtas pera luz o meſmo ſitio que ouveraõ de cubrir os retabolos , ſe foraõ proporcionados com as Capellas. Donde ſe pode colligir , que o animo do fundador naõ foy tratar de retabolos de pedra nem madeira. Porque ſe o fora , ou os fizera deſde principio , ou deixara o lugar livre pera ſe fazerem ao diante. E aſſi he meu parecer , que foy ſua determinaçaõ como de eſpirito em tudo grandioſo fazer retabolos de prata , e eſtes levadiſſos com tantos corpos de prata de Santos , que pera qualquer feſta ficaſſem os Altares cubertos delles : e fundome em que jà quando faleceo tinha dado à ſacriſtia quinze corpos , como veremos a diante. Em todas ſinco Capellas tomaõ o verdadeiro lugar dos retabolos humas grandes freſtas altas , e raſgadas , as quaes todas eſtaõ guarnecidas , e cerradas de ſuas vidraças illuminadas de finas cores , e varias pinturas de devaçaõ , e tambem aſſentadas , que curſando no ſitio grandes ventanias , e ſendo mayor a bataria das tempeſtades , quanto mais altas ſaõ as paredes , com tudo a mayor parte das vidraças eſtà ainda hoje inteira , e com o aſſento da primeira maõ , ſem aver miſter ſegunda do reformador dellas , que aſſiſte na caſa particularmente aſſalariado pera as fabricar , e manter em ſua perfeiçaõ. A Capella mòr tem quatorze freſtas das quaes lhe ficaõ no lugar do retabolo dez : a ſaber ſinco baixas , e ſinco altas : e cada huma a quarenta e dous palmos de raſgado de alto a baixo : e porque ficaõ direitamente humas ſobre outras : vem a abrir cada duas em altura oitenta , e quatro palmos. E todas dez tem huma meſma largura de tres palmos , e meyo de vaõ cerrada de ſuas vidraças , ſem diviſaõ nenhuma de pedra. Aſſi vem a dar cada huma das dez freſtas cento e corenta e ſete palmos de abertura , e outros tantos de vidraça , e de luz.

As outras quatro lhe ficaõ nos lados , e taõ altas que tomaõ luz ſobre as Capellas collaterais , a duas por banda. Eſtas tem vinte palmos de alto , e doze de largo com dous pilares polo meyo de groſſura de hum palmo cada pilar pera fortaleza

da

da vidraça. E por boa conta vem a dar cada huma deſtas freſtas duzentos palmos de luz, e outros tantos de vidro.

As quatro Capellas collaterays tem cada huma ſuas tres freſtas com alguma differença entre ſi. Porem as mais ſaõ de corenta palmos de alto, e tres de largo, com outros tantos de vidraça.

CAPITULO XV.

Deſcreveſe a Capella particular, em que el Rey jaz, e que pera ſi eſcolheo como fundador.

DIſſemos atrás que entrando pola porta principal da Igreja, abria hum arco à maõ direita. O que dentro ſe vè, he huma grande ſala quadrada de noventa palmos por cada lado, fabricada da meſma ſorte de cantaria da Igreja, e cuberta de abobada com hum ſimborio, que artificioſamente naſce do meyo della ſobre oito Pilares como a effeito de meter mais luz dentro, mas na verdade pera luſtre, e mageſtade da Capella, e juntamente eſtribo da abobada: porque ſóbe em grande altura em forma oitavada, e trinta e oito palmos de diametro, ſeguindo a ſituaçaõ das colunas, e fazendo duas faces de hum meſmo lavor, e feitio, huma pera dentro, e outra pera fóra: e vay vaſado todo em roda atè a mais alta parte delle em freſtas muy raſgadas, e grandes, e taõ largas, como he cada parte do oitavado, e todas ſaõ cerradas com ſuas vidraças de cores como as da Igreja, e Capellas: e nellas ſe vem debuxadas as armas do Reyno, e diviſas do Rey, que as mandou fazer. E porque o ſimborio ſe levanta demaſiadamente ſobre as primeiras freſtas, corre huma diviſaõ, ou cordaõ de cantaria em redondo, pera firmeza da obra, e ſobre ella ſobem outras freſtas em direito das que ficaõ debaixo, com o meſmo lavor, e guarniçaõ de vidraças, e illuminaçaõ: atè pegarem na chave, onde fecha toda a obra, a qual fica taõ alta, que della ao pavimento, ou lageado da Capella ha noventa e dous palmos. Eſte ſimborio aſſi feito faz pavelhaõ a duas ſepulturas, e hum altar, que ao juſto lhe ficaõ debaixo, e entre as colunas em que eſtriba. As ſepulturas fez el Rey pera ſi, e pera a Raynha dona Filippa ſua molher engeitando com aquelle ſeu grande animo o melhor lugar na caſa propria, e feita com ſeu trabalho, e deſpeſa. Saõ dous grandes moimentos taõ juntos, que parecem hum ſó. O marmore muito alvo, e fino, lavrados todos em roda de hum ſilvado de meyo relevo com ſeus eſpinhos, e amoras, e a eſpaços huma letra Franceza, que diz: *Il me plait, pour bien.* He a empreſa de fundamento taõ alto, que nos dà nella eſte Principe hum conhecido penhor de ſeu bom juizo. Porque ſe a tomamos na verdadeira ſignificaçaõ do nome Latino: *Rubus*, que he ſilva, ou ſarça, repreſentanos hum Moyſes libertador do ſeu povo, chamado por Deos do meyo della, e naõ refuſando a empreſa, como elle: mas obedecendo ſem tardança com a palavra: *Il me plait*, como quem queria dizer, que alegremeute ſe offerecia a to-

todo trance, e trabalho polo bem dos ſeus, e amor de quem o mandava. E ſe a tomamos polo Rhamno miſterioſo, e parabolico do texto ſagrado, que tambem he genero de ſarça, ou ſilva: confeſſaſe por outro Abimelech, no que toca a ſeu nacimento, e principios: mas com meyos, e obras de tanto valor, e virtude, e com fins taõ cheyos de proſperidades, que foy nellas hum Abimelech às veſſas. Porque eſte pera reynar ſó matou aleyvoſamente ſetenta irmaons filhos legitimos de ſeu pay, ſendo elle baſtardo: e o noſſo eſteve taõ longe de ambiçaõ, que reconhecendo por mais proximos, e mais dignos herdeyros do Reyno, a dous hirmaons ſeus que andavaõ auſentes, naõ pretendeo mais que libertallo pera elles, com nome de defenſor: e o de Rey naõ tomou, ſe naõ deſpois que o povo junto, e a falta dos hirmaons lhe fez força. E ſe o outro foy fogo, que ſahio do Rhamno, que abrazou ſua cidade, e os ſeus, e a elle meſmo: o noſſo foy fogo, ou luminaria de honras, de vitorias, e acrecentamento de titulos pera Portugal: e de taõ boas venturas pera ſi, que viveo longos annos rico, e contente, e acabou em paz rodeado de filhos, e netos; e foy taõ amado de ſeus naturais, como Abimelech odiado, e malquiſto de todos. Aſſi que por toda a parte eſtà a empreſa ſentencioſa, e quadra bem com ſeu autor: no Rubo em ſintido direito, e no Rhamno em contrario, que lhe dà mais graça: a qual ſe colhe tambem da ſegunda parte da letra, que he: *Pour bien*, como acenando el Rey, que ſe Abimelech foy Rhamno pera males, e deſaventuras, elle o foy pera todo o bem, paz, amor, e quietaçaõ: como ſe dà entender na abundancia de fruitos, de que as ſarças eſtaõ povoadas, e nos meſmos fruitos, que fazem a empreſa mais enfatica com o nome Portuguez, que tem de amor. E porque todos ſabem que em muitos lugares, e em alguns ornamentos da Sacriſtia ſe acha a letra dividida em duas partes: como que naõ tem reſpondencia huma com a outra, (e na verdade aſſi parece) podemos aplicar o *Il me plait*, por repoſta animoſa do Autor ao chamamento Divino, em quanto entende pola ſarça o rubo de Moyſes: e o *Pour bien* por repoſta aos enemigos, que o tinhaõ em ſeus principios polo Rhamno de Abimelech.

Jud. 9. Iſidor. ibid. in Gloſ. Ord.

Chron. de Portug.

Sobre os moimentos parecem dous corpos deitados, do meſmo marmore, lavrados de relevo inteiro, hum del Rey, que eſtà armado de todas as armas ſalvo as da cabeça, e o outro da Rainha, que fica à maõ direita del Rey, e eſtaõ travados polas direitas. As cabeceiras deſtas ſepulturas ficaõ pera a porta principal, e em cada huma eſculpido ſeu letreiro, que por ſerem em demaſia largos, teraõ particular Capitulo. Fica o altar que diſſemos contra os pés das ſepulturas, arrimado às colunas, que ſuſtentaõ o ſimborio: por maneira que o altar, e ſepulturas fazem huma capella particular por ſi, e naõ pequena no meyo de toda a quadra.

Na parede fronteira, que fica à maõ direita dos Reys parecem quatro ſepulturas debai-

xo de quatro arcos lavrados de obra miuda, e encaixados na groſſura da parede, que tomaõ todo o lanço della. Na face de fóra, que ſó deſcobrem, repreſentaõ eſcudos de armas, e diviſas em lavores de meyo relevo com empreſas, e tençoens dos que nellas jazem, que ſaõ os quatro filhos, que el Rey teve deſpois do Principe herdeiro dom Duarte, que lhe ſuccedeo no Reyno, pera quem deixou a Capela mòr. E naõ ſe faz conta do Infante dom Afonſo, que morreo moço, e foy enterrado na Sè de Braga, ſendo primogenito.

Jaz na primeira o Infante dom Pedro como mais velho entre os quatro: foy Duque de Coimbra, e de Monte mòr, e Governador deſte Reyno na menoridade del Rey dom Afonſo V. ſeu ſobrinho, e genro, por tempo de onze annos, que ſe affirma foy o mais inteiro, e ſanto governo, que nelle em muitos annos ſe gozou. Eſte he o Infante, de quem o povo conta que andou as ſete partidas do mundo: e naõ ha duvida que correo muitas terras, e em Alemanha ſe achou com o Emperador Sigiſmundo em alguns feitos notaveis: e de Italia paſſando por Padua trouxe algumas reliquias do noſſo Portuguez Santo Antonio, que deu à ſua Igreja de Lisboa; e merecenos eſta memoria, porque ſabemos que foy grande affeiçoado da Ordem de S. Domingos; em tanto grào, que todas as vezes que ſe offerecia tratar dos filhos della, eraõ ſuas palavras como ſe fora hum delles, dizendo os Frades da noſſa Ordem. Foy indigna de ſuas grandes virtudes a morte, com que acabou (paga vergonhoſa, e coſtumada do mundo, pera que ninguem ſe engane com elle, e ſegredo ineffavel do Altiſſimo) morreo em huma batalha (chamaõlhe da Alferroubeira as memorias antigas) em que ſó elle era buſcado, e quaſi ſó elle morreo, merecendo ſó viver. Moſtraſe em huma parte da ſepultura a diviſa da Ordem da Garrotea, de que era Cavalleiro, com a letra della. He Ordem dos Reys de Inglaterra, que communicaõ aos Principes amigos, e a outras peſſoas inſignes. A outra parte ſe vem humas balanças, e de miſtura com ellas alguns ramos, de que pendem humas bolotas como de azinheira, e huma letra Franceza de huma ſó palavra, que he *Deſir*. Ainda que dizem que a rezaõ das balanças era devaçaõ particular, que tinha eſte Infante com o Archanjo S. Miguel por certo milagre, que ſe lhe attribuhio em ſeu nacimento, a empreſa quadra bem a quem tinha à ſua conta a adminiſtraçaõ da Republica, e he verdadeyra promeſſa de guardar juſtiça: mas porque o prometer muito naõ cae em gente ſiſuda, offerece boa vontade com a letra *Deſir*, que diz deſejo.

E ſendo, como ſaõ, muy louvadas em toda empreſa as letras breves, naõ nos quiz faltar neſta parte, e com huma ſó palavra de duas ſillabas ſatisfaz baſtantemente naõ ſó ao corpo da empreſa, mas a tudo o que ſe deve, e póde eſperar de hum ſingular governador, offerecendonos juntamente verdadeyra imitaçaõ dos grandes ſabios de Grecia, os quais avendo por nome

Plutarc. Cic. 1. de Officijs & 1. de Legibus.

me arrogante o de Sabios (porque na verdade ſó Deos he Sabio) trocaraõno com o de Filoſofos, que he o meſmo que amigos, ou deſejoſos de ſaber. Aſſi o, Infante prometendonos com humildade naõ effeitos, mas vontade no governo publico, com ella ſó aſſegura effeitos excel-
3. Reg. 3. lentes, como outro Salamaõ, a quem os bons deſejos alcançaraõ do Ceo o mayor ſaber da terra. E como ſeja natural dos homens ſuſpirar polos tempos antigos, e idades douradas, quando avia abundancia de todos os fruitos, e ſe vivia em perpetua paz, e ſem opreſſaõ de ninguem: parece que no ramo das bolotas quiz ſignificar, que procuraria introduzir com ſeu governo outra tal idade, viſto como eſte fruito he daquelles, que ſem nenhum cuidado nem trabalho produz a terra, e o colhem os homens, e delle ſe mantinha o mundo naquelles bons tempos primeiros, como ſe acha eſcrito em todos os que
Plin. lib. 16. c. 1. delles trataõ. Ao que ſe ajunta o coſtume, que avia entre os Romanos antigos de honrar com coroa de arvore produzidora de bolotas, o cidadaõ que na batalha ſalvava de morte a outro. E eſta ſe chamava *Corona civica.*
Plin. lib. 16. c. 4. E era tanto mais eſtimada que as de ouro, e todas as outras, que deſpois de entrados os Emperadores, elles a aceitavaõ por inſignia de ſua clemencia; e ſe conta de Augnſto Ceſar, que dando de ſua maõ outras, ſe deixou coroar de huma deſtas, como dada polo genero humano: devia ſer pola paz geral, que deo no mundo. E como o Infante era no Reyno taõ grande peſſoa, e todavia queria moſtrar que governava como igual a iguais, e como cidadaõ a cidadaons, e aſſi avia de procurar o bem de todos, por todas as vias lhe cahia a propoſito a empreſa.

Tem ſegundo lugar nas ſepulturas, como na idade, o Infante dom Anrique Duque de Viſeu, e ſenhor de Covilham, e Meſtre da Ordem de Chriſto. Dizem que foy eleito Rey de Chipre, e dà teſtimunho o vulto, que cobre ſua ſepultura, que eſtà coroado de Coroa Real. O que ſabemos de certo he, que foy ſua alma coroada de muitas, e grandes virtudes, vivendo em perpetua continencia vida ſolitaria, e filoſofica, exercitando todas as boas ſciencias, e em eſpecial as da Coſmografia, e Geografia, que lhe abriraõ o caminho pera intentar os primeiros deſcobrimentos dos mares, e terras incognitas da coſta de Africa, como poz por obra. A eſte fim vivia em Sagres no Algarve; e huma aldea, que oje ſe chama do Infante naquelle Reyno tomou delle o nome. Pagoulhe Deos taõ ſantas occupaçoens com longa, e quieta vida, e morte ſemelhante a ella. Tem no eſcudo a diviſa da Garrotea: parece que ſendo moço profeſſaria eſta Ordem, a que o devia inclinar o parenteſco del Rey de Inglaterra. Em outro eſcudo tem a ſua Cruz de Chriſto. E entre os lavores da ſepultura ſe vem huns troſſos pequenos, de que naſcem huns raminhos, que na feiçaõ, e fruitos parecem de carraſco, porque as bolotas ſaõ muito redondas, os ramos torcidos, e curtos, e as folhas cercadas de pontas agudas. Quem tratava de cultivar os deſertos

da

da Libia taõ agreſtes, e feros, com infinitos perigos de mar, e terra, como elle pretendia com ſeus deſcobrimentos (que todavia foraõ principio de amanſar aquella barbaria, e darlhe a conhecer o verdadeiro Deos) bem podia ſignificar ſua boa tençaõ, e a difficuldade da empreſa, na fereza, e humildade de hum carraſco, e no fruito ſeco, e ſem proveito, que delle nace, com a letra tambem Franceſa: *Talaint de bien faire.* Talante, e animo de bem fazer: Porque na verdade, ainda, que lhe cuſtavaõ muita fazenda, e trabalho, nunca eſtendeo os penſamentos a cuydar que poderiaõ ſer de mais utilidade, do que ſaõ os carraſcos, e ſeus fruitos no monte: e declarouo melhor em hum livro, que mandou eſcrever do ſucceſſo deſtes deſcobrimentos, em que uſava com a meſma letra differente corpo de empreſa, mas muito aventajado em agudeza de ſignificaçaõ, e graça. Eraõ humas piramides, que foraõ obra dos Reys antigos do Egypto, e ſendo emprego, e trabalho ſem nenhum fruito, avidas por huma das maravilhas do mundo: e na verdade ficavaõ dizendo melhor com o animo, e obras do Infante, e com a ſua letra. Eſte livro enviou o Infante a hum Rey de Napoles: e nòs o vimos na cidade de Valença de Aragaõ entre algumas peças ricas, que ficaraõ da recamara do Duque de Calabria ultimo deſcendente por linha maſculina daquelles Principes, que aly veyo a acabar com titulo, e cargo de Viſorey.

Succedeo logo o Infante dom Joaõ Meſtre de Santiago, e Condeſtabre de Portugal, o qual caſando com huma neta do Condeſtabre dom Nuno Alvres Pereira, filha do Duque de Bargança dom Afonſo ſeu irmaõ, teve duas filhas, por cujo meyo participaõ hoje do ſangue deſte valeroſo Portugues dom Nunalvares os mais dos Reys, e Principes grandes da Chriſtandade. Sua diviſa ſaõ huns ramos eſtendidos com huns fruitos picados, e redondos, como medronhos, e por entre elles pendem humas bolſas quadradas ao uſo antigo com tres vieiras ſobre cada bolſa. A letra em Frances, como as de ſeu pay, e irmaons (era naquelle tempo a lingua Franceza eſtimada, e corrente entre os Principes por cortezam, e polida) *Ie ay bien raizon*, reſponde em Portugues: Eu tenho bem rezaõ. Como naõ ſabemos feitos particulares deſte Principe, tambem ignoramos em que funda a rezaõ, que teve pera ſe contentar tanto como affirma da empreſa dos medronhos, que naõ duvido ſeria muy acertada. Só a devaçaõ que tinha ao glorioſo Bautiſta, como do ſeu altar colligimos, e o veremos adiante, nos obriga a diſcurſar, que eſta, e o ter ſeu nome, o fez contentar de huma arvore, e fruito ſylveſtre, pera lhe deſcobrir ſua affeiçaõ: como ſabemos que o Santo nunca buſcou melhores mantimentos. E naõ fica deſayroſa a junta de dous Santos, hum de devaçaõ, outro de obrigaçaõ. Porque ſe a fruita do mato denota o Bautiſta: a bolſa, e vieiras ſaõ diviſa de Santiago, e da Ordem de que era Meſtre.

A ultima ſepultura, e quarta he do ultimo, e quarto irmaõ, o Infante Santo dom Fernando filho ſexto em numero del Rel dom Joaõ. Foy Meſtre de Aviz.

Aviz. A diviſa de ſeu eſcudo ſaõ as Quinas Reaes ſobre a Cruz floreteada da ſua Ordem. A empreſa, que ſe vè no campo do moimento, ſaõ huns ramos como os do Infante dom Joaõ; mas com eſta differença, que aquelles vaõ eſtendidos, e eſtes enlaçados em circulo huns com os outros: e os fruitos deſtes tem differença no nacimento daquelles. Por onde ouve quem quiz dizer que eſtes ramos circulares fazendo, como fazem feiçaõ de coroa, eraõ de eſpinheiro; e diziaõ bem, ſe lançaraõ puas ou eſpinhos, o que naõ fazem. A empreſa neſte ſentido era bem fermoſa, e juntamente profetica: e os eſpinhos, que naõ teve quando ſe eſculpio, que foy muito antes de ſeus trabalhos, experimentou o Santo entre os Mouros. Pode bem ſer, que como amava a coroa de Chriſto, e ſeus tormentos, como Santo que era, naõ ſe atreveo, por humildade, a declarar ao mundo o que tinha em ſeu animo: por naõ parecer que blaſonava virtudes ante tempo. Moſtrouo deſpois com effeitos, e bem à ſua cuſta; e eſtes ſaõ os eſpinhos, que faltaõ no lavor, e corpo da empreſa. E ainda que lhe naõ vemos letra no moimento, elles moſtraraõ que aſſi muda publicava, e ſoava mais que todas as de ſeus irmaons.

Da meſma maneira que os Reys tem ſeu altar junto de ſi, que he da invocaçaõ da Cruz, tem os quatro Infantes outros quatro altares juntos, e diſtintos por ſeus arcos formados na groſſura da parede no lanço da quadra, que fica contra os pès dos Reys: ornados todos com ſeus retabolos pequenos ſegundo o ſitio, e de pintura antiga, mas perfeita. A invocaçaõ dos altares he ſegundo a devaçaõ que cada hum teve em vida. O primeiro, que ſegue logo apoz a ſepultura do Infante Santo, he da Aſſumpçaõ de N. Senhora. Moſtraſe que pertence ao meſmo Santo, porque nos payneis, que cercaõ a Senhora, ſe vè retratado com ſuas cadeas, e ſucceſſos de ſeus trabalhos. O ſegundo he do Bautiſta, e diz com o nome, e devaçaõ do Infante dom Joaõ. No terceiro fez o Infante dom Anrique pintar o Infante dom Fernando, porque o tinha por Martyr, e com elle eraõ todas ſuas devaçoens. O do Infante dom Pedro, que he o quarto, tem o ſeu Anjo S. Miguel, cuja inſignia trazia por diviſa, como atràs vimos. A parede fronteira deſta, que fica na cabeceira dos Reys, eſtà toda occupada de grandes almarios de madeira, em que ſe guarda o neceſſario pera ſe officiarem os ſacrificios, que cada hum deſtes Principes tem quotidianamente, como ao diante eſpecificaremos. E pera ſe conhecer cada hum, e a que Principe pertence, vemſe na madeira lavradas as diviſas, tençoens, e letras de todos. E porque nos naõ fique nada por dizer do que toca ao Infante Santo, achamos aqui com as ſuas coroas parte do que faltou em ſua ſepultura, que he a letra, e Franceza tambem, como tem os mais, e diz aſſi: *Le bien me plait*, ſignificando: *O bem me agrada.* E porque a verificou com obras em vida, e morte, como ao diante veremos, nunca crerey de ſeu eſpirito que a uſou, nem admitio vivendo: ſalvo ſe quizermos dizer que os ramos

da

da ſua empreſa ſaõ de Era, e naõ de eſpinheyro, como outros querem, e parece mais conforme à rezaõ pola falta dos eſpinhos. E entaõ eſtà bem a propoſito a letra. Porque ſendo aſſi, que na Era ha duas calidades, huma muito boa, que he ſobir arrimada a qualquer planta taõ alto como ella, por levantada que ſeja, e della meſma tomar forças pera o fazer; e outra naõ taõ boa, que he danificar o tronco que a ſuſtenta; moſtra com a letra que ſó da melhor ſe ſatisfaz, a qual em hum varaõ, que deſde ſeu nacimento foy exemplo de ſantidade, como adiante veremos, diz bem com a conſtancia que nella teve atè o fim. E conforma com a pureza de ſua alma, conſiderada huma particularidade, que os naturais referem deſta planta dizendo, que ſe da madeyra della ſe fez hum vaſo, e nelle ſe lançar juntamente vinho, e agoa, o vinho ſe ſumirà, e perderà todo, e ficarà ſó a agoa pura. E tal he a fabrica da Capella, e enterro del Rey dom Joaõ Primeiro, e dos Infantes ſeus filhos.

Plinio l. 16. c. 49.

CAPITULO XVI.

Deſcreveſe a Igreja pola parte de fóra: e todo o edificio juntamente polo alto.

DA parte de fóra da Igreja ha duas entradas, huma que faz a porta principal, e outra a traveſſa, que toma o topo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jeſu, como fica dito. O portal, e frontiſpicio da principal merecia ſó hum livro pola calidade da obra, ſe ouveramos de particularizar tudo o que nella ha de colunas, de figuras, de lavores, e variedade de feitios, deſda primeira pedra, que deſcobre ſobre a terra atè o remate, que levanta grande altura ſobre a mayor abobada. Porque cada palmo tem tanto que ver de delicadeza, e artificio, de trabalho, e mageſtade, que conſiderado com attençaõ impoſſibilita o engenho, e embota a pena, pera o declararmos, e ſe entender com todas ſuas partes. Sò hum eſpelho, que ſe abre no alto, em meyo do frontiſpicio pera dar luz dentro, parece que ſe naõ podia obrar com mais ſutileza, e cuydado em trancinhas de agulha, ou em lavor de cera, ou no eſpelho de huma viola. E quadralhe bem eſta ultima comparaçaõ pola forma circular, e redonda, e pola repreſentaçaõ, e miudeza do feitio. Os vaons, que na viola ficaõ abertos pera darem lugar às vozes, que forma no interior, ficaraõ cà ſerrados de vidraças, como as que temos dito atràz, debuxadas todas de cores finas, e pinturas varias de armas, e diviſas do Reyno, de tençoens, e empreſas del Rey. E como ſaõ muytos os vaons, porque o circulo he muy dilatado, communica dentro muyta claridade, e paga com a graça das cores o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz paſmar a firmeza, com que ſe mantem obra taõ miuda, tantos annos ha, em lugar taõ alto.

Naõ eſpanta menos a firmeza, numero, e grandeza de outras vidraças, que daõ luz à Igreja, e cruzeiro. Sò no corpo da Igreja abrem trinta freſtas, todas taõ raſgadas de alto abaixo,

e ao reſpeito, e proporçaõ taõ largas, que em noite clara, ſendo a caſa taõ deſcompaſſada de grande, como temos dito, e a luz das vidraças em parte embotada com a pintura, e cores, que atràs diſſemos, podeſe eſtar nella naõ ſó ſem pavor, mas como em meyo de huma praça.

Naõ ſerà deſagradavel declararmos a medida de algumas, que fizemos tomar pera credito do que dizemos, por maõ de Architecto. No alto da nave do meyo ha dezeſeis freſtas, a oito por banda, que ſobem dezoito palmos atè os capiteis, e tem de largura nove, dividida cada huma com dous pilares, de groſſura de hum palmo cada pilar, pera firmeza das vidraças. Aſſi ficaõ em cada freſta ſete palmos de vidro, e luz, que multiplicados polos dezoito da altura, fazem cento e vinte ſeis.

As duas naves tem ambas doze freſtas. Quatro à do Sul, em que fica encoſtada a Capella do fundador: e oito à contraria. Cada freſta vinte e dous palmos de alto, e ſete e meyo de largo. E porque tambem ſaõ divididas a dous pilares, de groſſura de palmo, como as da nave do meyo, ficaõ com cinco palmos e meyo de vidro: e vem a ter cada freſta por eſta conta cento e vinte e hum palmos de abertura, e luz: e outros tantos de vidraça.

Da meſma altura, e largura deſtas ha outras duas freſtas, que acompanhaõ a porta principal, huma de cada lado, e fazem o numero que diſſemos de trinta. E vem a ſer huma tamanha cantidade de vidraças, que por couſa prodigioſa ſe pode ter entre as que mais eſpantaõ deſta caſa.

Ajudaõ a claridade outras tres no cruzeiro, das quais ſó huma, que fica ſobre a porta traveſſa, ſobe quarenta e dous palmos, e tem de largo quatorze, lavrada toda de huma artificioſa rede de pedraria, e os vaons tomados de ſuas vidraças. Eſtas com as da Capella mòr, e collaterais, a fóra o eſpelho do frontiſpicio da porta principal, que allumia por muitas, fazem a caſa por eſtremo alegre, e muito clara, e bem aſſombrada. O que me faz cuydar, que ſendo aſſi que neſta meſma conjunçaõ teve tambem principio o famoſo templo da Sè de Milaõ (chamaõlhe là *il Domo*) o qual ſe começou a fabricar em vida do Pontifice Urbano Sexto, que preſidio na Igreja de Deos onze annos atè o de 1389, e ficou com tacha de eſcuro, e malenconico: deviaõ eſmerarſe os Architectos deſte noſſo, em o fazer por contrapoſiçaõ em todo eſtremo claro, e bem aſſombrado. Defendem os Milaneſes a ſeus artifices, attribuindo a conſelho, e bom juizo, o que foy defeito, e culpa: e dizem que como geralmente he avido por mais grave, e de mais peſſoa o homem carregado, e feyo: aſſi faz mais devaçaõ a Igreja ſombria, e eſcura. Mas naõ me convencem: porque dado que o argumento ſeja verdadeyro quanto aos homens, nos templos que ſaõ retrato do Ceo, e aſſento da luz eterna, naõ parece rezaõ aver nenhum commercio com o horror das trevas. E tornando à hiſtoria, eſtaõ eſtas vidraças todas taõ fortes no aſſento, taõ criſtalinas na viſta, e taõ vivas nas cores, que paſſando jà de duzentos annos que ſervem, pa-

Hiſtor. Pont. de Ilheſcæs p. 2. l. 6. c. 8.

re-

recem na repreſentaçaõ obra moderna.

Cobreſe eſta Igreja, e abobada, que jà diſſemos era de pedraria, com hum telhado tambem de pedraria, compoſto de humas grandes lageas direitas, e adelgaçadas em corpo, e groſſura, que ficaõ arremedando huns meyos tabooens groſſos, e começando a aſſentar na parte inferior humas, e ſobrepondo outras atè o alto, fica armado hum telhado immortal, que ſofre ſem dano, e ſem perigo ſer paſſeado, e corrido: e pera as immundicias, que os longos annos fazem crecer, ſe varre, e alimpa à vaſſoura. Cercao em roda huma grinalda de pedraria formada em laços, e ſeus floroens altos a eſpaços, com que fica como coroado, e de toda a mais obra do alto differençado.

Pera ſe poder ver, e gozar eſta grande machina toda por junto ha duas ſervintias, que do baixo da Igreja levaõ ao mais alto do telhado della. Eſtas ſaõ abertas na groſſura do muro do cruzeiro, entrando pola porta traveſſa à maõ eſquerda: e fica huma junto da porta, e outra junto ao altar de Jeſu. Ambas vaõ em caracol, e com cento e vinte degraos, que tem cada huma, vencem a mayor altura. Mas alem deſtas ha outra ſubida por dentro do Convento facil, e ſuave, por eſcadas largas, e bem lançadas: e recebe a viſta particular deleytaçaõ eſtendendoſe de cima por huma cerra de penedia, que das cerras ordinarias naõ differe em mais, que em ſer eſta lavrada, e polida à força da arte, e as outras informes, e deſcompoſtas, e ao natural: nas quaes aſſi como ha deſigualdades hora com valles fundos, hora com picos, e rochedos, que ſe vaõ às nuvens: da meſma maneira ſe vem neſta ſuas differenças. Porque em humas partes ſe levanta a penedia, como na Igreja; em outras abate, como no refeitorio, Capitulo, e adega: logo por outras partes ſobem curucheos muy altos, e de obra taõ eſpantoſa, que igualando as da natureza na eminencia, deixaõna muyto atràs no que he artificio: porque vaõ fabricados por tal ordem, que daõ facil ſubida ao alto: mas naõ ſem medo, polo muyto que alevantaõ. Deſtes ha tres: hum que fica ſobre o Cimborio da Capella do fundador, fazendolhe huma fórma de pavelhaõ: como a faz o Cimborio à meſma Capella (ſegundo atràs tocamos) e he por eſtremo fermoſo, porque ſobe piramidalmente ſincoenta palmos, e leva huma ſacada em roda de quatro palmos de praça, guarnecida de ſeu perapeyto lavrado em rede, e coroado de humas metas, como flores de lis: o que tudo junto faz huma maquina muito creſpa, e viſtoſa. Outro tem ſeu nacimento quaſi ſobre a caſa, que chamaõ da prata, entre a craſta, e a ſacriſtia: e tem de altura ſeſſenta e tres palmos. Naõ faz menos repreſentaçaõ de grandeza a torre dos ſinos, e relogio, conformando nella com tudo o mais do edificio.

CAPITULO XVII.

Da Sacriſtia, e do thezouro de Reliquias, ouro, prata, e ornamentos com que el Rey — a enriqueceo.

DA Capella de Santa Barbara, que pega com a de Jeſu ao topo do cruzeiro, ſe entra pera a ſacriſtia. Eſta ſacriſtia naõ he caſa em ſi notavel por grandeza, ou compoſiçaõ: mas bem de ver polo thezouro ſagrado de Reliquias, ouro, prata, e ornamentos de brocados, telas, e ſedas de toda ſorte, que o fundador com liberalidade verdadeyramente Real nella amontoou, que iremos apontando. E começando polos de mais eſtima, que ſaõ as reliquias he de ſaber, que achandoſe o Emperador de Conſtantinopla Emanuel Paleologo na cidade de Paris em França, aonde viera no anno do Senhor de
1401. 1401, a effeito de pedir, e juntar ſoccorro entre os Principes Chriſtaons do Occidente, contra a força, e poder da caſa Ottomana, que vinha conquiſtando a Aſia, e ameaçava a Conſtantinopla, e Europa, e ſendo mandado viſitar, como era rezaõ, por parte del Rey dom Joaõ, reſpondeo à viſita com lhe inviar hum preſente de preciosſas Reliquias, muyto de eſtimar pola calidade dellas, e pola certeza, e credito que lhes dava a autoridade de taõ grande Principe: e juntou a ellas huma certidaõ de ſua maõ aſſinada, e com hum ſello pendente d'ouro autorizada: da qual daremos aqui o treslado em Portugues: porque ſendo bem digna de ſer lida, eſcuſanos recontar de fòra o numero, e calidades das Reliquias, e diz aſſi:

Emanuel Paleologo, em Chriſto fiel Emperador a Deos, e Governador dos Romanos, e ſempre Auguſto, a todos, e a cada hum dos que virem eſtas letras Imperiaes, ſaude em aquelle que he verdadeira ſalvaçaõ de todos. O piadoſo Salvador, e Redentor noſſo Jeſu Chriſto offerecendoſe a ſi meſmo a Deos Padre em ſacrificio ſem macula no altar da Santa Cruz, deixou aos fieis chriſtaons as inſignias de ſua paixaõ pera memoria de ſuas maravilhas. Polo que tendo nós na noſſa cidade de Conſtantinopla algumas ſantas Reliquias do meſmo noſſo Salvador, e de muytos Santos ſeus, dignas de ſerem veneradas, como o temos de tradiçaõ dos ſereniſſimos Emperadores noſſos Pais por eſtormentos autenticos, e Cronicas aprovadas: as quais couſas foraõ por elles guardadas, e conſervadas, como tambem o ſaõ por nòs com a diligencia, e reverencia devida: E ſuccedendo hora paſſarmos a eſtas partes occidentais, por cauſa das perſiguiçoens, e oppreſſoens dos Turcos crueis enemigos do Santiſſimo nome de Jeſu Chriſto, que elles com todas ſuas forças trabalhaõ por extinguir na terra, e principalmente nas partes de Thracia: a effeito de buſcar defenſa, e ajuda pera os chriſtaons das provincias Orientais, que eſtaõ polos ditos infieis opprimidos, trouxemos com noſco parte das ditas Reliquias, e Santuarios. E ſabendo por certeza, que no Illuſtriſſimo Principe dom Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal noſſo parente,

digno

digno de toda honra, florece o zelo da fé, e religiaõ chriſtam: por tanto porque ſua devaçaõ creça ſempre no Senhor, ouvemos por bem darlhe algumas das ditas couſas ſagradas: e lhe damos agora ao meſmo ſereniſſimo Principe huma pequena Cruz de ouro, dentro da qual eſtaõ Reliquias dos bemaventurados Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, e de S. Jorze, e de S. Bras. E no meyo da dita Cruz eſtá huma pequena particula da eſpongia, com que deraõ a beber a Chriſto o fel, e vinagre. E pera certeza, e cautela de todas as couſas ditas, pedimos que ſe eſcreveſſe eſta carta ao meſmo ſereniſſimo Principe, aſſinada por noſſa propria maõ com letras Gregas de tinta vermelha, como coſtumamos no noſſo Imperio, e a autorizamos com a firmeza de noſſo ſello pendente de ouro eſculpido de letras Gregas. Dada na cidade de Pariz aos quinze dias do mez de
1401. Junho de 1401. Demos tambem ao ſobredito Rey huma pequena parte da veſtidura de noſſo Redentor Jeſu Chriſto, que he de cor, que tira a roxo, e he daquella, cuja borda, tanto que a tocou a molher que padecia a doença de fluxo de ſangue, logo ficou ſam. Eſta ſanta Reliquia eſtà incluſa em hum viril de criſtal engaſtado em ouro. Emanuel Paleologo.

Eſtas ſantas Reliquias recebeo el Rey, e na meſma forma, que lhe vieraõ à maõ, e acompanhadas da meſma certidaõ do Emperador mandou entregar neſte Convento, e ſacriſtia. O ſello he redondo. Tem de huma parte hum I. grande Latino, que poſto no meyo corta quaſi todo o campo de alto abaixo, e juntamente huma medalha do roſto do Emperador, e huma letra, que diz: *Emanuel in Chriſto Imperator Paleologus.* No reverſo parece huma imagem de Chriſto, e outro I. tambem grande, e Latino, e huma letra que diz: *Jeſus Chriſtus.* O Latino I. moſtra o titulo de quem ſe prezava de Emperador dos Romanos, como parece da certidaõ, que atràs fica lançada.

Eſtas ſaõ as Reliquias. A prata, e ouro diremos agora. Deu el Rey quinze corpos de prata de fundiçaõ muy prima, e cuſtoſa, que repreſentavaõ outros tantos Santos de ſua devaçaõ. Vintoyto calices quaſi todos dourados. Catorze pares de galhetas, ſinco caldeiras com ſeus hiſſopes. Oyto turibulos, e ſeis navetas pera elles. Nove cruzes means pera ſervirem nos altares. Quatro grandes, das quais eraõ tres pera as prociſſoens, e huma de pè pera o altar mòr. Dous caſtiçais grandes altos, e dourados, e doze menores. Seis grandes tocheiras. Das quaes eraõ duas douradas, e ha memoria, que peſavaõ noventa, e hum marcos ſó eſtas duas. Sete alampadas de grande corpo, e peſo. Huma lanterna. Sinco caixas de hoſtias. Sinco portapazes. Dous gomis com ſeus pratos grandes de agoa às maons. Duas campainhas. Peſava eſta prata ao que ſe podia entender mais de mil e duzentos marcos: e valia muyto por feitio, e por ſer grande parte della dourada: e reduzida a peſo ordinario paſſava de dezoito arrobas: magnifico, e real emprego em ſerviço da caſa de Deos pera em tempo que naõ avia India, nem Indias.

Os ornamentos, que mandou fazer pera celebraçaõ das Miſſas, ſerviço dellas, e paramentos dos Altares, eraõ onze de riquiſſimos brocados com ſuas capas, e frontais, e panos de eſtante, tudo do meſmo. Os mais deſtes eraõ guarnecidos de çanefas de imaginaria, ou broſlados de ouro, e de obra muyto rica. Avia mais trinta e dous ornamentos de ſedas cuſtoſas, varios em cores, guarniçoens, e ſortes de ſedas, alem de muytas veſtimentas particulares de brocados, telas, e ſedas pera ſerviço ordinario, e quotidiano. Avia muitos, e grandes panos de ouro, brocado, e veludo: e outras cortinas de ſedas, que ſervem pera ornato da Igreja, e altares, e pera cobrir as ſepulturas dos Reys, quando ſe cantaõ ſeus anniverſarios.

Deſta prata, aſſi por muyta della ſer ſuperflua, e algumas peças naõ ſervirem a noſſo modo, ſe vendeo contia que peſou oyto centos e onze marcos: e juntamente ſe venderaõ quatro ornamentos dos mais ricos, e outro ſe fundio, que era cuberto todo de eſcamas de prata de martello taõ juntas, e ſobrepoſtas, que naõ davaõ ſinal nem conhecimento da ſeda, e o faziaõ taõ peſado, que ſervia mais na ſacriſtia pera ſe moſtrar por oſtentaçaõ, e mageſtade, que no altar pera ſe poder com elle celebrar. O conſelho da venda naõ foy dos Frades: mas de gente de fóra, que julgou ſeria conveniente fazer renda pera ſuſtentaçaõ, e fabrica do Convento, daquillo que ou eſtava ocioſo, ou era ſobejo: e impetrouſe hum Breve da penitenciaria em Roma dirigido aos Biſpos de Lamego, S. Thomè, e Targa, e paſſado no anno quarto do Papa Paulo Terceiro: em virtude do qual mandaraõ effeituar a venda: e do procedido della ſe fez emprego em algumas couſas muito neceſſarias pera o Convento, mas pouca renda.

CAPITULO XVIII.

Deſcreveſe o mais interior do Convento.

ENtraſe da Sacriſtia no Capitulo. He eſta caſa de tal fabrica, que naõ deve aver outra mais eſpantoſa em quanto ſe ſabe de eſtremos de architectura. Porque ſendo quadrada, e tendo trezentos, e quarenta palmos em ambito, e oitenta, e ſinco por cada lanço, he fechada de abobada de cantaria ſem coluna, nem eſteo, nem couſa que a ſuſtente, nem mais repuxo da banda de fóra, que a companhia do edificio, que lhe fica nos lados. Aſſi eſtá em fórma, que a quem poem os olhos no alto engana, e faz parecer pola grandeza da caſa, que ſe ſuſtenta ſem concavo. He fama, que ao tempo que ſe fabricava, cahyo duas vezes ao tirar do ſimples com dano de officiaes, e el Rey dezejando, que toda via ficaſſe a caſa ſem o deſar de colunas em meyo, prometeo mercès ao Arquitecto: as quais o fizeraõ eſpertar de ſorte, que tornandoa a fechar affirmou que teria melhor ſucceſſo: porèm ao tirar da madeira do ſimples dizem, que naõ quiz el Rey arriſcar os officiaes, e mandou vir das priſoens do Reyno alguns homèns, que eſtavaõ ſentenceados a grandes penas, pera que ſobre elles caiſſe o terceiro

ceiro dano quando ſuccedeſſe. Neſta caſa eſtà depoſitado el Rey dom Afonſo Quinto, neto de quem a fez. Levantaſe no meyo della hum eſtrado grande de madeira, a que ſe ſobe por muitos degràos continuados de todos os quatro lados. No alto parecem dous tumulos juntos cubertos de panos ricos, em hum eſtà o corpo deſte Rey, no outro o de hum neto ſeu, que foy o Principe dom Afonſo, filho del Rey dom Joaõ ſegundo, que morreo deſaſtradamente em Santarem correndo hum cavallo nas prayas do Tejo.

Cronic. del Rey dom Joaõ o II.

Segue ao capitulo a craſta, que abre porta no meyo della outra, que bem correſponde na grandeza, e ſumptuoſidade a toda a melhor da caſa. He quadrada, e tem por cada lanço duzentos e ſincoenta palmos, dos quaes vaõ cubertos trinta ao longo das paredes de abobada ſobre grandes arcos de pedraria, altos, e eſpaçoſos, de obra Gothica, lavrados todos de laçarias, e entalhados de alto a baixo de lavores, e feitios de tanta miudeza, e excellencia, que moſtraõ bem que naõ eraõ menos engenhoſas as maons, que nelles ſe empregaraõ, que as que obraraõ o frontiſpicio do templo: nem menos curioſo quem governou humas, que quem aſſiſtio nas outras. A praça de dentro fica dividida em ruas, e paſſeyos, e grandes canteiros povoados de diverſidade de arvores, e flores, offerecendo cada hum aos olhos hum particular jardim, ornados todos em roda de pedraria. No meyo abre hum grande poço de muyta agoa: e a hum canto ſe levanta huma fabrica de fonte muy alteroſa com grandes pratos recebendo os mayores a agoa dos mais levantados, e menores, atè cayr em ſeu tanque. Serve a fonte neſte ſitio, porque lhe fica defronte a hum canto do corredor do clauſtro a porta do Refeitorio: e offerece aos que vaõ entrar nelle lavatorio pera as maons, e recreaçaõ pera a viſta, em quanto ſe eſpera final da meſa no poyo, que fica no meſmo corredor, e encoſtado de huma, e outra banda da porta com ſeus aſſentos altos, e reſpaldos de madeyra.

Fica eſta porta no fundo do ſegundo lanço do clauſtro, ſe damos o primeiro lugar ao que he mais vizinho do capitulo, e corremos ſobre a maõ eſquerda. Deſte ſegundo lanço toma huma grande parte o Refeitorio, começando do canto onde tem a porta. Podeſe contar por peça bem digna de toda a mais obra. Porque ſendo capaz de grande numero de Frades em comprimento de cento e trinta e tres palmos, e largura de trinta e dous, que vem a ſer quaſi a quarta parte do comprimento: he muy clara, e taõ alta, que naõ corre ſobre ella outra nenhuma obra, e he de abobada de cantaria, ſemelhante às que temos referido.

Todas as mais officinas baixas, e gerays do Convento, como celleyros, e adegas, tem a capacidade conforme, tanto polo que demanda a grandeza delle, como pola neceſſidade do recolhimento dos fruytos, e do numero dos moradores, que ſuſtenta, que por rezaõ do eſtudo continuo ſempre he muy crecido, como ao diante ſe dirà. Sò a adega tem de comprido cento

e ſe

e ſetenta palmos, e quarenta e tres de largo, e he cuberta de ſua abobada.

Corre à outra parte hum clauſtro de menos campo, que o grande quaſi ao meyo em toda ſua conta: mas em ſeu tanto muy bem obrado. Aſſi viſto, e conſiderado de fóra o Convento repreſenta huma boa villa, ou muitos Conventos juntos. Porque os dormitorios, hoſpedarias, enfermarias, livraria, e caſa de Noviços, que por cima ſe eſtendem, fazem que ſe poſſa crer aſſi, pola grandeza que em cada couſa ha. A caſa de Noviços ſó por ſi he como hum bom Convento na capacidade de corredores, e numero de cellas, e concerto de Oratorio, e recreaçaõ de ſeu pumar, e jardim. O dormitorio do Convento he hum eſtendido corredor forrado de madeira, e com ſeu telhado ordinario, por reſpeito da ſaude dos Religioſos: mas como tudo o mais, em grande altura. Faz no topo hum eyrado deſcuberto ſobre huma grande cerca de vinha, e pumares, que colhe dentro huma boa ribeira de muita agoa, e pègos fundos que a tempos ajudaõ a aliviar o trabalho da recluſaõ, e eſtudo aos Padres, com peſcarias de cana, e redes. Neſte corredor, e na enfermaria, e hoſpedarias ha mais de ſeſſenta cellas. Em caſa de Noviços vinte quatro.

Os recebimentos da portaria da banda de fóra, e de dentro, a largueza das entradas, e paſſagens pera caſas de differentes ſerviços, e myſteres, e as muitas que ha, repreſentaõ em tudo grandeza de maquina Real. E pera em todas aver diſpoſiçaõ, e commodidade, limpeza, e bom ſerviço, atraveſſa todo eſte edificio por baixo do lageado huma groſſa levada de agoa, que ſem dar viſta de ſi purifica, e leva fóra todas as immundicias da caſa.

CAPITULO XIX.

Deſcreveſe a obra que hoje ſe vè na capella imperfeita, detràs da mayor.

COm eſta deſcripçaõ aſſi humilde, e pouco atilada temos moſtrado quanto nos foi poſſivel a ſumptuoſidade, e magnificencia do edificio, que ſe vè acabado, e perfeito. Mas outro ha imperfeito, e menos antigo, que ſe chegaramos a ver nelle a ultima maõ, viramos em ſumo gràо acrecentada a mageſtade deſta caſa. No corredor que dece do Convento pera a capella de Santa Barbara, fica por detras della huma pequena porta, pola qual quem ſae, dà logo em outra pouco mayor, que no alto ſobre a lumieira, moſtra entalhade de meyo relevo huma Cruz de feiçaõ das que uſaõ os Cavalleyros da Ordem de Chriſto: e por baixo della dous inſtrumentos com que os Meſtres de Mathematicas daõ a entender os movimentos do Ceo, e poſtura da terra (chamalhes a lingoagem vulgar Èsferas.) Eſtas fazem guarda a huma tarja, que entre ſi tem, na qual ſe vè huma abreviatura de tres caracteres juntos, que ſaõ hum, C, grande, e dentro nelle hum, E, como eſte: e da ponta baixa do C pega, e dece hum, y, Grego. Podeſe crer, que quiz o Autor da obra advirtir de ſua tençaõ

çaõ aos curioſos, que a entraſſem a ver, mas que lhes cuſtaſſe advinhar, e com mais trabalho, que ſe propoſera algum hieroglifico Egypcio, ou Oraculo das Sibyllas. E digo com mais trabalho. Porque fora mais facil o juizo nas couſas deſte genero, que todavia com palavras, e figuras à viſta, podeſe fundar algum diſcurſo mais certo: o que naõ acontece em poucas letras, tanto mais duvidoſas na ſignificaçaõ imaginada de ſeu dono, quanto mais faciles de receber, como Camaliaõ as cores, ou como cera as figuras, que lhes quizermos dar. Eſta porta com ſuas empreſas, e cifra myſterioſa offerece entrada pera hum pateo deſcuberto, que fica direitamente detràs da Capella mòr da Igreja, e ao juſto defronte della moſtra huma fermoſa portada, que ſe forma de huns cordoens, que começando do baixo ſobem ao alto: e em volta ſem fazer final de capitel, nem outro genero de diviſaõ em nenhuma parte, tornaõ a decer pola outra atè o chaõ: e começando a fazer com o primeiro, que fica mais fóra de todos, huma grande abertura de portal, os que ſe lhe juntaõ, que ſaõ ſeis, vaõ recolhendo, e apertando a entrada com tal diminuiçaõ, que vem a ficar em huma moderada porta. Saõ os cordoens todos ſete deſiguais em groſſura, como tambem ſaõ differentes em feitio: mas todos entalhados de variedade, e ſutileza de lavores taõ perfeitos, e com tanto primor, e mimo obrados, como ſe fora na mais facil, e obediente madeira de quantas ſervem pera eſcultura. Aſſi fazem a obra admiravel de cuſtoſa, conſiderado o tempo que levaria de lavrar, e polir cada pedra, e as muitas que ſe perderiaõ eſtalando com a força do ferro, e ſutileza do lavor. Em quatro cordoens deſtes he parte do feitio huma letra interpoſta a eſpaços, a qual eſcrita com os meſmos caracteres, que tem eſculpida, he a ſeguinte: *Tanyas erey*. E faço declaraçaõ dos caracteres taõ apontada, porque quando eſtivemos neſta caſa de paſſagem pera Entre Douro, e Minho à impreſſaõ que fizemos em Viana do livro da vida do Santo Arcebiſpo de Braga dom Frey Bertolameu dos Martyres, achey que todos os Religioſos della liaõ nelles: *Tangas & Rey*, fazendo g do y Grego interpoſto em *Tanyas*, e partindo em duas dicçoens o *Erey*, o que conhecidamente he contra a fórma da eſcultura, como entaõ lhes moſtrey, a qual continua as letras na propria feiçaõ, e modo, que aqui vaõ eſcritas, ſem fazer differença em hum numero quaſi infinito. A grande multiplicaçaõ deſta letra me poz em cuydado de lhe querer buſcar alguma ſayda entre os Padres velhos, que por tradiçaõ dos mais antigos poderiaõ alcançar o que ſe praticava della quando ſe eſculpia. E naõ procuravamos couſa impoſſivel, pois naõ tem mayor anſianidade, que a vida del Rey dom Manoel. Nem da lingoagem ſe podia fazer facil diſcurſo, viſto naõ ſer Latina, nem das mais vulgares, que oje ſe falaõ na Europa. Mas naõ pudemos achar quem nos quietaſſe com couſa fundada, nem neſta letra, nem na outra cifra da entrada do pateo. E como ſeja obrigaçaõ de quem eſcreve dar

ſeu

ſeu parecer nas difficuldades, que a Hiſtoria offerece, naõ me ſerà contado a temeridade procurar deſatar, ou cortar com hum breve diſcurſo eſte nò Gordiano, ainda que ſó a Alexandres toque deſatar os que ſaõ dados por Reys. Como lhe naõ achey conformidade com a lingoagem da Patria, lanceime às eſtranhas, e communicada a letra com peſſoa de grande juizo aſſentamos ſer Grega. Porque *Tanyas* he accuſativo do nome Grego *Tanya*, que he o meſmo que regiaõ: e *Erey* he o imperativo do verbo *Erèo*, cuja ſignificaçaõ he buſcar, inquirir, inveſtigar. E ficaſe dizendo em nome do Senhor do Templo a el Rey dom Manoel, que o edificava, ſegundo iremos moſtrando: Buſcay, inquiri novas regioens, e climas: como animandoo a naõ deſiſtir de ſeus valeroſos penſamentos. E quadra bem a ſignificaçaõ com a empreſa, que entaõ actualmente occupava eſte Principe, do deſcubrimento da India; e tambem com a diviſa da ſua myſterioſa Esfera, que aceitada por elle a outro fim, foy pronoſtico de ſe lhe aver de ſogeitar grande parte do mundo.

Mais trabalho nos dà a cifra da primeira porta, que como he de letras, que naõ fazem dicçaõ certa, fica expoſta a quantos ſentidos lhe quizermos aplicar, ſegundo jà nos queixamos atràs. A primeyra duvida he, a que lingoagem avemos de attribuyr eſtes caracteres. Obrigame a dallos por Gregos, acharmos Grega a letra, que jà fica declarada: e forçame a companhia de que eſtaõ cercados das Esferas, e Cruz de Chriſto, a ter por ſem duvida, que jaz nelles algum grande myſterio. Parece que quiz o Autor da fabrica, que teveſſemos aqui huma repreſentaçaõ do antigo, e celebrado templo de Delfos em Grecia: do qual lemos, que ſobre a porta tinha huma quaſi ſemelhante cifra: e na entrada outra letra, que falava com os que o viſitavaõ. Era a letra *Gnoti ſe auton*, que quer dizer: conhecete. Era a cifra *Ei*, que ſignifica: Vos Soys. Eſta cifra deu tanto que fazer aos ſabios antigos, que ſó della eſcreveo Plutarcho hum livro: no qual deſpois de longos diſcurſos aſſenta, que por eſte Soys, de preſente, ſe naõ pode entender outra couſa, ſe naõ hum ſó, e Eterno Deos. E ſaõ ſuas palavras.

Plutar. lib. de Ei apud. Delph.

Deus enim Eſt, & eſt nulla ratione temporis, ſed æternitatis immobilis, tempore & inclinatione carentis: in qua nihil prius eſt, nihil poſterius: nihil futurum, nihil præteritum, nihil antiquius, nihil recentius: ſed vna cum ſit, vnico Nunc ſempiternam implet durationem.

E mais abaixo:

Non enim multa ſunt numina, ſed vnum.

Quaſi dizendo, que ſó de Deos ſe póde, e deve dizer que He, e que eſte ſer he ſem nenhuma dependencia, ou rezaõ de tempos, mas ſó de huma perenne, e immovel eternidade, eternidade carecente de tempo, e de mudança: e tal que ſe naõ dà nella nenhuma couſa primeira, nem derradeyra: nada futuro,

nem

nem paſſado: nada mais antigo, ou mais moderno: mas como he huma ſó, com hum ſó Agora, e he preſente, enche, cumpre, e declara ſua perpetuidade eterna, e ſem fim. Porque a verdade he, que naõ ha muytos Deoſes, ſe naõ hum ſó. Atè aqui Plutarcho. Favorecem eſte ſentido o doutiſſimo Padre Franciſco de Mendoça da Companhia de Jeſu no ſeu primeiro tomo ſobre os Reys: e Euſebio no da preparaçaõ Evangelica. E he a doutrina taõ conforme com o que temos no ſagrado Texto, que ſe pòde cuydar, que a bebeo o Gentio, onde ſe lè: *Ego ſum qui ſum*: *qui eſt*, *miſit me ad vos*. Eu ſou aquelle que ſou: aquelle que he, eſſe me manda a vòs outros. Reſolve ultimamente eſte Autor que a cifra *Ei*, he hum aviſo, que nos eſtà obrigando a temor, e amor, reſpeito, e devaçaõ de hum Deos, que eternamente permanece, que iſto dizem as palavras, com que vay cerrando o tratado.

Franciſc. Mendoça pag. 557. col. 1. lit. C.

Euſeb. l. 11. c. 7.

Exod. 3.

Plutar. lib. de Ei apud Delph.

Hoc enim pronuntiatum eſt, vt nos percellat, & ad venerationem Numinis, vtpote quod ſit ſemper, excitat.

Aſſi naõ tenho duvida, que o meſmo ſe nos repreſenta cà na noſſa cifra: e que he repoſta del Rey ao Senhor que o manda empregar em deſcobrir novos mares, e novas terras, quaſi dizendo:

Eu acho, Senhor, que ſó vòs ſoys eterno, immortal, e infinito: e pola meſma rezaõ ſó digno de ſer buſcado. Eſtas terras, e mares, inda que foraõ de muitos mundos juntos, em fim tem termo, e limite.

E naõ obſta, nem desfaz eſte ſentido a letra C, porque ou ſerve ſó de guarda às outras duas: ou de nos apontar na eterna eſſencia o ſagrado myſterio da Trindade das peſſoas Divinas, que o Gentio ignorou. E moſtrao de duas maneyras: primeira, ſendo como he, terceira letra do noſſo alfabeto: que he a meſma rezaõ com que Plutarcho prova que a cifra *Ei*, era figura do numero quinario: ſegunda, fazendo com as duas numero de tres, como faz abraçando o E, e pegando no y. E he de conſiderar, que ſe fez com bom juizo, o que à primeira viſta repreſenta impropriedade, digo a eſcolha da terceyra letra, tomada antes do alfabeto Latino, que do Grego, pera juntar com as duas Gregas: porque fica ſendo hum teſtimunho da verdade Catolica, dado por quem era filho da Igreja Latina.

Ibid. ad medium.

E concluindo advirto aos que tem noticia do Grego, que naõ façaõ eſcrupulo ſe acharem y Grego, onde pertence, i, Latino, ou *iota* Grego: que iſto devemos perdoar aos officiaes da eſcultura idiotas, viſto terem ambas as letras a meſma força na noſſa lingoagem, e modo de eſcrever.

Paſſada a porta leva os olhos apoz ſi hum edificio imperfeito, e deſcuberto, que de preſente he huma grande praça de capellas formada em perfeito circulo, e contaõſe nelle ſete. E aſſi como a traça de eſtarem em campo redondo, moſtra naõ ſe pretender preferencia por quem as ordenou, em nenhuma: da meſma maneira ſe teve cuidado de ſe buſcar igualdade, ao que parece, no corpo feiçaõ, forma, e feitio de todas, e cada huma por ſi, que he quanto ſe póde

deſejar por todas ſuas partes excellente de arcos, e laçarias, de policia de eſcultura, de graça, ſutileza, e diverſidade de lavor: mas em nenhuma ſe enxerga differença tal, que a faça aventajada, ou mingoada de autoridade. Porem he grande laſtima, que eſtando, como eſtaõ, todas as capellas acabadas em ſua perfeiçaõ, e as paredes em roda levantadas atè o ponto, donde ſegundo a arte avia de começar a ſobir a abobada mayor, pera cobrir todas, e tornar o que oje he praça aberta em capella fechada, que naõ fora demaſiado cuſto à comparaçaõ do muito que jà eſtà feito, parou a obra neſte eſtado: e teſtimunha bem a fortaleza della eſtar tantos annos ha, como logo veremos, batida das inclemencias do tempo, e enxergarſelhe muy pouco dano.

O fim, a que tirava a magnificencia deſta nova fabrica, ſe deixa bem entender: viſto como todos os corpos de Principes que no Convento eſtaõ recolhidos deſpois del Rey dom Joaõ Primeyro, e ſeus filhos, jazem nelle a titulo de depoſito: e parecia juſto, que algum herdeiro, ou mais piadoſo, ou mais deſoccupado tomaſſe a ſeu cargo agaſalhallos em proprio domicilio. Quem foy aquelle que de tal penſamento ſe deixou levar, e primeyro poz maõ na obra, ha varias opinioens. Porem de que ſe acabou, e fez a mayor parte do que eſtà levantado por ordem del Rey dom Manoel, ou de conſintimento ſeu, e em ſeu tempo, naõ he materia de duvida, porque eſtà verificado com argumentos, e provas certas. He a primeira veremſe no lugar mais autorizado della, qual he a capella, que entre as ſete fica fronteyra da entrada, as eſferas, que atràs diſſemos, da primeira porta, certa, e ſabida diviſa del Rey dom Manoel, que nunca trocou. Seja a ſegunda lerſe nos remates dos angulos da meſma capella a letra: *Tanyas erey*, em ſuas targetas entre dous lanços. Donde infirimos, que eſta letra taõ repetida na fermoſa proſpectiva da portada, como a cifra das tres letras da primeira porta, eraõ manifeſtamente pertencentes ao meſmo Rey, pois huma, e outra ſe vem agermanadas com as eſféras. E naõ faz em contrario a Cruz de Chriſto, que atràs vimos na primeira entrada: porque foy dignidade do Meſtrado que poſſuhio antes de reynar, e depois a unio pera ſempre à Coroa. Mas toda a duvida nos tira huma letra Latina eſculpida ſobre a porta, por onde ſe entra no primeiro pateo da banda de dentro, que diz: *Perfectum eſt opus anno* 1509. Querendo ſignificar, que ſe poz naquelle eſtado de perfeiçaõ em tal anno: que era o meſmo em que avia jà muitos, que glorioſamente reynava gozando das vitorias, e theſouros da India.

Naõ falta quem funde em boas rezoens, que foy autora a Raynha dona Lyanor ſua hirmam, obrigada de dous taõ grandes penhores, como tinha ſem ſepultura propria no Convento, que eraõ el Rey dom Joaõ Segundo ſeu marido, e o Principe dom Afonſo ſeu filho: e como poſſuhia groſſas rendas, e era Princeſa de grandes eſpiritos, e el Rey dom Manoel ſeu irmaõ lhe reconhecia, alem do ſan-

gue, e eſtado, particulares obrigaçoens, pola diligencia com que procurara ſua ſucceſſaõ no Reyno, a que el Rey dom Joaõ ſe moſtrava manifeſtamente contrario: podia bem aplicarſe a ſemelhantes grandezas. Ajuntaõ os que tem eſta opiniaõ, que o deixar o melhor lugar, que era a Capella do meyo, pera el Rey dom Manoel ſinalandoa logo com ſuas letras, e diviſas, fora querer imitar o eſtilo, e moderaçaõ del Rey dom Joaõ o Primeyro: e pola meſma rezaõ eſcolhera pera ſi, e pera el Rey dom Joaõ Segundo ſeu marido huma das collaterais, em que ſe vè o pelicano ferindo o peito, empreſa ſua muyto ſabida. Mas póde mais o tempo, que todas as determinaçoens dos homens. Eſtas ficaraõ ſem effeito, e elle vay jà roubando o luſtre a toda a obra, e acabandoa antes de acabada: e em fim virà a conſumir huma maquina digniſſima de perpetuidade.

O que me obriga ajuntar aqui o juizo que fez della, e de tudo o mais deſte Convento, huma peſſoa de grande entendimento, e que tinha viſto, e conſiderado todas as fabricas de mais importancia da Chriſtandade, que foy o grande Meſtre Frey Vicente Juſtiniano noſſo Geral, e Cardeal. Teſtimunho ſem ſoſpeita por ſer de eſtrangeyro, e de varaõ muito religioſo, e ſanto. Eſte Padre vindo a eſte Reyno notou nelle algumas couſas, que refiriremos pera que ſe veja quaõ bem ſabia notar. Diſſe por Lisboa: *Vidimus Orbem in vrbe.* Como ſe diſſera: Vimos em huma cidade todo o mundo junto. Diſſe por Setuvel: *Vidimus oppidum lapide cinctum pretioſo*: Vimos huma villa murada toda de pedras precioſas: foy a rezaõ, porque toda a pedra della he jaſpe, nem aquelles contornos produzem outra. Diſſe por Coimbra: *Vidimus vrbem vndique ridentem.* Vimos huma cidade taõ bem aſſombrada, que por onde quer que a olheys, parece que ſe vos eſtà rindo. E quando chegou a ver eſte Convento, diſſe com admiraçaõ, e affirmaçaõ: *Vidimus alterum Salomonis templum*: Vimos outro templo de Salomaõ.

CAPITULO XX.

Dos ſuffragios que el Rey ordenou neſta ſua caſa por ſua alma, e dos Infantes ſeus filhos: e da eſmola, e offertas, que com elles ſinalou: e da diſpenſaçaõ que ouve pera o Convento poſſnyr proprios.

SEgue ao edificio temporal de pedra, e cal, de ouro, e prata, o eſpiritual de ſacrificios, e ſuffragios, que os Reys pera ſempre inſtituiraõ neſte Convento pera gloria de Deos, e beneficio de ſuas almas. Na Capella del Rey dom Joaõ o Primeiro ſe dizem cada dia por todo o diſcurſo do anno cinco Miſſas a hora de Prima, com aſſiſtencia da Communidade: huma cantada por el Rey, e Raynha, e as quatro rezadas polos Infantes ſeus filhos; e eſtas ſe rezaõ em quanto aquella ſe canta, e todas ſe dizem nos altares, que correſpondem às ſepulturas de cada hum. Nos dias feſtivaes ſaõ todas da feſta, que a Igreja celebra: em todos os outros ſaõ de Requiem, e ſó a que ſe diz polo Infante Santo he da ſolenidade de to-

dos os Santos. Alem deſtas Miſſas ſe celebra outro grande numero polos Reys, e Rainhas, Principe, e Infantes, que neſta caſa jazem, ſegundo como cada hum diſpoz em ſeu teſtamento. Cantaõſe em cada hum anno dous anniverſarios ſolenes por cada hum deſtes Principes: hum no dia de ſeu falecimento, outro na ſemana, que ſegue ao dia da Commemoraçaõ dos finados. Mas ha eſta differença, que no que ſe faz por el Rey dom Joaõ Primeiro aos quatorze de Agoſto, e dom Joaõ Segundo aos vinte e cinco de Outubro, que ſaõ os dias em que faleceraõ, he coſtume pontualmente guardado aver prègaçaõ com memorias de ſuas proezas, e virtudes. No ultimo deſtes anniverſarios, que toca ao Infante Santo deixaõ os Religioſos a muſica funeral, e triſte, e cantaõ huma Miſſa ſolene officiada com orgaons, e paramentos brancos, que he Miſſa de todos os Santos, como atràs diſſemos, em quanto naõ he canonizado nem beatificado. Pera os dias deſtes anniverſarios ſe cobrem as ſepulturas todas de panos de ouro, e ſeda, guardando com eſtes Principes defuntos toda aquella ſolenidade, e mageſtade, que por quem foraõ lhes he devida.

Com cada anniverſario ficou limitada ſua offerta de certa quantidade de trigo, vinho, e cera: e como a noſſa Ordem foy fundada em comer peixe continuo, quiſeraõ os Reys pios que ſe juntaſſe tambem à offerta humas tantas duzias de peſcadas ſecas, por ſer genero de peixe, que por grande, e ſadio ſerve bem pera as Communidades: e tambem, porque nos portos de mar mais vizinhos ao Convento coſtumava peſcarſe em grande copia. E como os anniverſarios ſaõ muitos, e as offertas realengas, chega o trigo a ſincoenta e dous moyos e meyo, e o vinho a quarenta e tres pipas: vinte quatro arrobas de cera, e duzentas e quinze duzias de peſcadas. Eſta offerta reduzida a dinheiro mandaõ os Reys pagar de preſente aos quarteis nas ſuas rendas do Almoxerifado de Leiria: e porque o preço das couſas levantou muyto, faz ſoma de huma boa eſmola, e he a principal parte da ſuſtentaçaõ dos Religioſos. Mas no tempo que el Rey dom Joaõ fundou a caſa, como a offerta era mais curta, e tudo valia pouco, conſiderou logo, naõ ſer rezaõ, que Frades por elle eſcolhidos pera ſeus Capellaens perpetuos, e moradores de huma charneca ſaiſſem de caſa a mendigar entre vizinhos pobres ſua pobre mantença, como a noſſa Ordem fazia entaõ por toda a Chriſtandade: e uzando de paternal providencia ſupplicou ao Papa Bonifacio Nono, que deſpenſaſſe com eſte Convento, pera poder ter proprios, e rendas perpetuas, e aceitar eranças pera gozar em commum. E o Pontifice o ouve por bem, e mandou deſpachar hum Breve com a execuçaõ cometida ao Biſpo do Porto dom Joaõ Eſteves: do qual emanou a licença ſeguinte, que naõ irà traduzida em vulgar, viſto como a ſuſtancia fica jà declarada, e entendida.

Ioan-

IOannes Dei & Apoſtolicæ Sedis gratia Portugallenſis Eccleſiæ Epiſcopus executor ad infra ſcripta per Sedem Apoſtolicam ſpecialiter deputatus : vniuerſis & ſingulis tam præſentibus quam futuris , ad quos literæ præſentes peruenerint , ſalutem in Domino ſempiternam. Literas Sanctiſſimi in Chriſto Patris & Domini noſtri , Domini Bonifatij Papæ Noni , nobis per ſereniſſimum Principem Dominum Ioannem Regnorum Portugalliæ & Algarbij Illuſtrem Regem præſentatas , nos noueritis cum ea qua decuit reuerentia recepiſſe : quarum literarum tenor ſequitur in hæc verba. Bonifatius Epiſcopus ſeruus ſeruorum Dei , venerabili fratri Epiſcopo Portugallenſi ſalutem & Apoſtolicam benedictionem. Exhibita nobis nuper pro parte chariſſimi in Chriſto filij noſtri Ioannis Portugalliæ & Algarbij Regis Illuſtris petitio continebat , quòd cum olim Portugalliæ & Algarbij regna inuaderentur per ſchiſmaticos , idemque Rex vnà cum dilectis filijs populo Regni Portugallenſis contra eosdem ſchiſmaticos manu armata in campo exiuiſſent , & dictis ſchiſmaticis proſtratis & conflictis victoriam maximam de eisdem ſchiſmaticis reportaſſent : Dictus Ioannes Rex credens firmiter ſe huiuſmodi victoriam habuiſſe precibus & meritis Beatæ Virginis Mariæ , in loco vbi eandem victoriam habuit ad laudem dictæ Virginis fundari & conſtrui fecit vnum locum cum Eccleſia , domibus & alijs neceſſarijs officinis pro vſu & habitatione fratrum Ordinis Prædicatorum , in quo iidem fratres perpetuum Domino redderent famulatum : qui quidem locus vulgariter nuncupatur Sanctæ Mariæ de Victoria : ipſumque locum a quinque annis citra , eiſdem fratribus pro eorum vſu & habitatione donauit & conceſſit : in quo nonnulli fratres eiuſdem Ordinis commorantur. Cum autem , ſicut eadem petitio ſubiungebat , dictus locus propter nimiam diſtantiam à conuerſatione fidelium ſit plurimum ſeparatus , dictique fratres eleemoſinas de quibus viuere valeant , à Chriſti fidelibus ad ſufficientiam pro eorum vitæ ſuſtentatione , habere non poſſint : dubitetque dictus Rex , ne dicti fratres huiuſmodi locum propter penuriam & indigentiam victualium relinquere cogantur : pro parte ipſius

Re-

Regis nobis fuit humiliter ſupplicatum, vt fratribus dictæ domus qui ſunt, & erunt pro tempore, vt poſſeſſiones & alia bona mobilia & immobilia, quæ ipſis à Chriſti fidelibus donari, ſeu in teſtamentis & vltimis voluntatibus relinqui, ſeu legari continget, pro ipſorum victu & veſtitu & alijs neceſſitatibus obtinere liberè & licitè valeant, licentiam concedere de benignitate Apoſtolica dignaremur. Nos igitur de præmiſſis certam notitiam non habentes, atque deſiderantes cultum Diuinum noſtris temporibus non minui ſed augeri, ipſius Regis in hac parte ſupplicationibus inclinati, fraternitati tuæ per Apoſtolica ſcripta mandamus, quatenus, ſi eſt ita, fratribus domus prædictæ, vt ipſi huiuſmodi poſſeſſiones & bona mobilia & immobilia, ſi vt profertur, eis à Chriſti fidelibus dari, concedi, aut erogari, ſeu in teſtamentis & vltimis voluntatibus relinqui, ſeu legari contingat, recipere & perpetuo retinere, pro ipſorum victu & veſtitu, & alijs neceſſarijs liberè & licitè valeant: quibuſcunque conſtitutionibus Apoſtolicis ac ſtatutis, ordinationibus & conſuetudinibus dicti Ordinis contrarijs, nequaquam obſtantibus, Apoſtolica autoritate licentiam largiaris. Datum Romæ apud Sanctum Petrum Nonis Martij Pontificatus noſtri anno ſecundo.

Poſt quarum quidem literarum præſentationem & publicationem, fuimus pro parte præfati Domini Regis cum inſtantia requiſiti, quatenus ad executionem ipſarum procederemus ſecundum traditam per Sedem Apoſtolicam nobis formam. Nos igitur Epiſcopus præfatus, volens mandatum Apoſtolicum exequi, vt tenemur, vt de contentis in eo informaremur pleniſſimè, ad dictum locum perſonaliter acceſſimus, & per oculorum inſpectionem, & multos teſtes idoneos & omni exceptione maiores comperimus fuiſſe veriſima illa, quæ pro parte præfati Domini Regis fuerunt certa præmiſſa, Romano Pontifici intimata. Propterquæ auctoritate præfati Domini noſtri, & vigore poteſtatis per eum nobis ſuper hoc traditæ, vt fratres domus prædictæ qui ſunt & erunt pro tempore, poſſeſſiones & alia bona mobilia & immobilia, quæ ipſis à Chriſti fidelibus donari, concedi, aut erogari, ſeu in teſtamentis & vltimis voluntatibus relinqui, ſeu legari contingat, recipere & perpetuò

petuò retinere pro ipſorum victu & veſtitu & alijs neceſſarijs liberè & licitè valeant : quibuſcunque conſtitutionibus Apoſtolicis ac ſtatutis , ordinationibus & conſuetudinibus dicti Ordinis contrarijs nequaquam obſtantibus , auctoritate præfata plenam licentiam concedimus ac etiam largimur. In quorum omnium teſtimonium has patentes literas manu noſtra ſignatas , ac ſigilli noſtri appenſione munitas præfato Domino Regi , ac fratribus dicti Monaſterij duximus concedendas. Datæ fuerunt hæ in ciuitate Viſeenſi die ſexta Martij de anno Domini Milleſimo tercenteſimo nonageſimo ſecundo. Ioannes Epiſcopus Portugallenſis.

Em virtude deſta diſpenſaçaõ começou o Convento a poſſuir em propriedade bens de raiz, e rendas : e foy o primeiro que em toda a Ordem uſou dellas, e el Rey dom Joaõ tambem o primeiro que lhas deu. Mas affirmaſe , que os Religioſos ſentiraõ muito a novidade , tanto por verem quebrar aquelle primeiro rigor taõ encomendado por noſſo Santo Patriarca , e deſpois confirmado em tantos Capitulos Gerais : como tambem por começar a diſpenſaçaõ por elles , e por eſte Reyno. E ainda que conheciaõ a impoſſibilidade , que era viverem de eſmolas em tal ſitio tantos Religioſos , como el Rey queria , e eraõ neceſſarios pera as obrigaçoens , que lhes punha , tomaraõ antes arriſcarſe a todo o trabalho , que afroxar em ponto taõ eſſencial. Aſſi fizeraõ ſuas diligencias , e inſtancias por naõ aceitar a renda , e titulos della, lembrados , e lembrando , que avia cento e ſetenta e tantos annos , que a Ordem ſem quebra ſe ſuſtentava dos pedaços de paõ dos fieis , e eſtavaõ certos lhes naõ faltaria no futuro o pay das miſericordias. Porem el-Rey levava o negocio naõ ſó por prudencia humana quanto aos Frades , mas tambem quanto a ſi meſmo , porque avia por deſautoridade , e menoscabo do nome Real viver de eſmolas de particulares a caſa , que tinha titulo de ſua. E ſem embargo da reſiſtencia , que fizeraõ por algum tempo , lhes fez aceitar , ſeis annos deſpois , huma quinta vizinha , que avia dias tinha comprado , a fim de a encorporar , como encorporou , com o Convento. E alem do que montavaõ as offertas , que nomeou pera ſeus anniverſarios , e dos Infantes ſeus filhos , que tudo ficou conſignado nas rendas do Almoxarifado de Leiria , mandou por legado de ſeu teſtamento lhe foſſem compradas mais rendas , como logo veremos.

CA-

CAPITULO XXI.

Faz el Rey doaçaõ de huma quinta ao Convento. Dàſe conta do cuydado que teve em ſeu teſtamento, que ficaſſe com baſtante ſuſtentaçaõ: e das cauſas que a tolheram.

TInha hum Fidalgo por nome Egas Coelho huma boa quinta no meſmo ſitio, em que ſe fundava o Convento. Pareceo a el Rey, que lhe armava pera os Frades terem logo gaſalhado em quanto o naõ dava a obra nova, e que era bem acharem alguma couſa feita, de que ſe poder ajudar. Mandoulha comprar, e deſpois que teve a diſpenſaçaõ atràs referida obrigou-os a entrarem de poſſe della pola doaçaõ ſeguinte.

DOm Joaõ pola graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve. A quantos eſta carta virem fazemos ſaber, que nòs por ſerviço de Deos, e renembrança da victoria que nos deu da batalha, que ouvemos com aquelle, que ſe chamava Rey de Caſtella entre Leiria, e Aljubarrota, por bem, e ſalvaçaõ de noſſa alma fizemos edificar hum Moſteiro em honra de Santa Maria, em cuja veſpera ouvemos a dita victoria, na quintam do Pinhal, que foy de Egas Coelho, e de Maria Fernandes de Meira ſua Madre, a qual lhe por nòs foi comprada. E parte de huma parte com Joaõ da Beeſta, e da outra com Janebra Pirez, e enteſta com caminho publico. E porque nòs avemos dado o dito Moſteiro à Ordem de S. Domingos, e lhe ouvemos letras de Noſſo Senhor o Papa, o dito Moſteyro podeſſe aver bens de raiz patrimoniaes, pera que os Frades que hi eſtiveſſem o podeſſem aver de ſe manter. Porèm nòs com a Rainha dona Felippa minha molher, e com o Infante dom Afonſo noſſo filho primogenito, e erdeiro fazemos livre, e pura doaçaõ antre os vivos aò dito noſſo Moſteiro da dita quintam, com todas ſuas crdades, montes, e arvores, e agoas, e pertenças della: e por eſta carta tiramos, e tolhemos de nòs a poſſe, uſo, e propriedade da dita quintam, inveſtimos, e poemos em ella o dito Moſteiro, e queremos que a aja livremente, e ſem outro embargo algum pera todo ſempre, naõ embargando quaeſquer leis, decretais, coſtume, conſtituiçoens, foros, façanhas, e outros quaeſquer direitos, e couſas que eſta doaçaõ poderiaõ annular, e embargar por alguma guiſa: poſto que taes ſejaõ, de que em eſta doa-

doaçaõ deveſſe ſer feita expreſſa menção, as quaes nòs avemos aqui por expreſſas, e expreſſamente nomeadas, e queremos que naõ ajaõ em eſte lugar; nem lhes poſſaõ empecer: mas que eſta doaçaõ ſeja firme, e valioſa pera todo ſempre: e ſuplimos todo falecimento de ſolemnidade que de feito, e de direito for neceſſaria pera eſta doaçaõ firme ſer, e mais valer. E prometemos de a naõ revogar nem ir contra ella. E rogamos aos Reys que de poz nòs vierem que lha naõ contradigaõ, e lha façaõ guardar. E em teſtimunho deſto lhe mandamos dar eſta noſſa carta. Dada em Coimbra xiiij dias de Janeiro. El Rey o mandou. Alvaro Gonçalves a fez Era de M.CCCC.XXXVI. annos (que reſponde ao de Chriſto de 1398.)

Como os Religioſos ſe moſtravaõ taõ pouco amigos de poſſuyr renda eſtavel, e certa (ſendo aſſi, que nem com muita agencia he facil de negoçear, ainda polos que ſaõ cobiçoſos, qualquer requerimento de fazenda Real, pola ſequidaõ, e tenacidade ordinaria dos Miniſtros) ou foſſe deſcuido, e deſazo ſeu, ou as muitas occupaçoens del Rey, e as grandes deſpeſas, que fez na conquiſta da cidade de Ceita em Africa, veyo a falecer deſpois de longos annos de vida ſem lhes deixar renda comprada, nem mais aſſentamento, que o trigo, vinho, peſcadas, e cera, que ſe lhes pagava no Almoxerifado de Leiria. Mas entendendo que em ſeus ſucceſſores naõ faltaria a liberalidade, que tal caſa, e taes capellaens mereciaõ, pois todos por morte aviaõ de vir a ter neceſſidade della, e delles, mandou por verba de teſtamento o que em vida naõ pode comprir por obra, ordenando, e mandando ſe compraſſem herdades, e bens de raiz pera ſuſtentaçaõ dos Religioſos. A verba he de ver pera louvor da moderaçaõ dos Padres noſſos anteceſſores, que ſendo os Reys naquelle tempo muito liberaes, e tanto mais grandioſos quanto menos ricos, nunca lhe quiſeraõ ſer peſados requerentes, crecendo cada dia as obrigaçoens, e o preço das couſas, e o numero dos Religioſos. A verba diz aſſi:

Conſirando nòs depois a maneira que eſtes Frades de S. Domingos tem entre ſi em ſemelhantes caſos, ordenamos que ſe tenha eſta ordenança no acabamento do dito Moſteyro, e ſeu bom ſoportamento, e mantimentos dos ditos Frades: a qual mandamos, rogamos, e encomendamos ao dito Infante Duarte meu filho, e a outro qualquer que vier, que ſeja Rey, e Senhor dos ditos Reynos, que a faça comprir, e guardar pela guiſa que por nòs he de-

terminado. Primeiramente mandamos, que o dito Moſteyro ſe acabe de craſtra, caſarias, e de todos os outros edificios, que a bom com comprimento do dito Moſteyro forem neceſſarios, polas rendas de Leiria, e ſeu termo com ſeu Almoxarifado: e pola guiſa que ſe ora faz: e ſejaõ em elle manteudos, e governados aquelle numero de Frades, que agora, e de cote igualmente eſtà, aſſi, e pola guiza que ora ſom: os quaes tenhaõ aquella maneira de rezar ſuas horas, e dizer ſuas Miſſas, reſponſos, e fazer ſaimentos por minha alma, e da Raynha minha molher, em cuja gloria Deos acrecente, e aſſi como ſe ora faz: e acrecentando por minha alma deſpois de noſſo euterramento aquellas Miſſas, e horas, que o dito Infante, ou outro que tràs nòs ficar Rey deſtes Reynos ordenar atà o dito Moſteyro ſer acabado, e o numero dos trinta Frades em elle poſtos, e governados como a juſo faz menҫaõ, e daqui avante ſe tenha a maneira por nòs ordenada. E acabado o dito Moſteyro de todas as obras neceſſarias como dito he, polas ditas rendas de Leiria, e termo, e ſeu Almoxarifado, tirando aquillo que for neceſſario pera governança dos ditos Frades, ſe comprem tantas, e taes herdades, e bens, porque ſe poſſaõ rezoadamente manter, & governar de comer, beber, veſtir, e calçar os ditos trinta Frades da dita Ordem de S. Domingos, convem a ſaber, vinte de Ordens ſagras, e os dez Noviҫos, e Frades leigos: e alem deſto certos ſervidores, aſſi como amaſſadeira, cozinheiro, azemel, lavandeira, ҫapateiro, e outros ſemelhantes ſe lhe forem neceſſarios. E aqueſtes trinta Frades ordenamos que eſtem continuadamente no dito Moſteyro, &c.

Iſto ordenou el Rey em tempo que jà naõ podia fazer mais, que encomendar. Aſſi naõ deixe ninguem de fazer o que he obrigado por rezaõ, ou por conſciencia: em quanto tem tempo, à conta de mandar, e encomendar ao herdeiro, ainda que filho ſeja, e taõ ſanto como foy el Rey dom Duarte: porque o que naõ tolhe condiҫaõ, tolhem caſos, e desbaratаõ deſaſtres. Entraraõ peſtes a poz a morte del Rey que deſcompoſeraõ a Corte, e o curſo dos negocios, e a todo Reyno: foi muito curta a vida del Rey dom Duarte; o que junto com a pouca agencia, e diligencia dos noſſos Religioſos, deu cauſa a que nunca chegaſſe a effeito a diſpoſiҫaõ deſta verba, na parte que toca a ſe nos comprarem, e darem herdades, e ren-

renda pera congrua ſuſtentaçaõ da caſa Ficamos em fim em hum Convento Real vivendo atè hoje de eſmolas : porque eſmola he o que recebemos das offertas, que atràs diſſe, as quaes acompanhaõ, e ſaõ devidas aos ſacrificios, e oraçoens dos Religioſos. E ainda neſtas offertas era taõ curto o favor pera a caſa, que quando el Rey dom Filippe Primeyro em Portugal, e ſegundo no reſto de Eſpanha entrou neſte Reyno, ſe achou por conta, que mandou fazer, que de cinco partes, que eſtavaõ taxadas a eſtes ſuffragios por eſtatutos do Synodo Provincial do Arcebiſpado, naõ recebia o Convento mais que huma ſó : na contia, que no Almoxerifado de Leiria ſe lhes pagava. Por onde ſe vivia nelle com muito aperto. Era el Rey ſabio, e inteiro, dava fé de todas as materias tocantes a bom governo de ſeus Reynos, vio a quebra, reconheceo a obrigaçaõ de ſeus anteceſſores, emendou liberalmente ſuas faltas, e ficou ſuprindo com ſua grandeza o deſazo dos Frades : ao qual attribuhia o padecermos tanto à viſta dos Reys de Portugal magnificentiſſimos em todo o tempo com as Religioens. Merece memoria quem advertio a el Rey, e procurou, e chegou ao cabo o melhoramento, que foy o Padre Frey Joaõ da Cruz, da primeira vez que foy Provincial. E com tudo, dado que ſe vive hoje com mais largueza, e a caſa ſuſtenta de ordinario ſetenta Religioſos, ainda he de eſmolas : porque a mercè apontada ficou feita nas meſmas offertas : reduziraõſe ſómente a hum ponto mais alto, e conveniente na valia.

CAPITULO XXII.

De algumas graças eſpirituaes que el Rey impetrou pera o Convento. E de outras couſas que ordenou pera bom governo delle, e conſervaçaõ do edificio.

TEmos viſto atràs que a diſpenſaçaõ, que el Rey dom Joaõ noſſo fundador nos alcançou, ſervio quanto a elle, ſó pera a quinta que nos deu : e quanto aos Frades, pera pobres herancinhas de particulares : porque alguns bens, que polo tempo adiante nos deraõ os Principes, foraõ a titulo de eſmola, e por rezaõ de ſuffragios, e obrigaçoens, que nos encarregaraõ, como logo veremos. Porem naõ podemos negar que foy na verdade liberal, e grandioſo Rey : e a falta, que nos fez, naceo mais de confiança demaſiada nos ſucceſſores, que de culpa ſua. Moſtrouo bem em todas as mais couſas que ordenou em favor, e honra deſta ſua caſa. Porque no eſpiritual, alem da diſpenſaçaõ dita, impetrou do Summo Pontifice particulares graças, e indulgencias pera os Noviços que nella recebeſſem o habito, ou ſe criaſſem, ou faleceſſem. E quanto ao corporal naõ lhe eſqueceo provella de couſas importantes : ordenando que aſſiſtiſſe hum medico continuo em lugar vizinho, donde acodiſſe aos enfermos, obrigado naõ ſó com ſalario conveniente, mas com honras, e privilegio de medico da caſa Real. E huma couſa, e outra deixou eſtabelecida, e firme como por ley. Nem ſe deſcuydou ſua providencia da neceſſidade, que tem todos os gran-

des edificios de reparo continuado contra as injurias de tempo: e ordenou hum miniſtro, que com nome de Almoxarife, ou provedor das obras do Convento aſſiſtiſſe na vizinhança delle, a quem acodiſſem muitos officiaes de todos os meſtres, todas as vezes que ſe offereceſſe neceſſidade de refazer, ou concertar alguma parte. E eſtes honrou com izençoens, e liberdades: e pera que nunca ouveſſe falta, nem dilaçaõ no que cumpriſſe quiz que foſſe o numero muy crecido. Saõ cento e vinte e cinco pedreiros: cincoenta e ſeis cavouqueiros: vinte carreiros: dez ſervidores: e hum ferreiro, com dous carpinteiros ſomente, viſto como nos principios naõ avia couſa de madeira, e carpintaria, mais que portas, e janellas, e tudo o mais he pedraria. Pera eſte genero de gente, e ſeu miniſterio foy baſtante a honra dos privilegios pera os ter ſempre prontos, e preſtes ſem outro ſalario: porque eſte ſe eſtima muito em todas as occaſioens: e ao tempo do trabalho levaõ ſua paga ordinaria polo eſtado da terra. Mas porque o numero, e grandeza das vidraças he parte muy principal da fermoſura, e aparato do Convento, e como couſa mais fragil tinha neceſſidade de remedio mais propinquo, aſſinou particular porçaõ pera hum vidraceiro aſſiſtir, e entender quotidianamente no reparo dellas. E o partido he por rezaõ do ſalario, que leva, remedear à ſua cuſta o que ſe for danificando das vidraças atè medida de hum palmo; e paſſando de palmo fazerſe à conta do que ficou deputado de renda pera ſemelhantes deſpeſas.

Rezaõ he que fique em companhia das grandezas deſte Rey a memoria que hum filho ſeu quiz deixar de ſeu nome neſte Convento. Foy eſte o Infante dom Anrique, a memoria, huma villa, que lhe deu no Biſpado de Lamego, que chamaõ Valdija, a qual, ainda que he de pouco rendimento, fica em honra, e credito da caſa.

CAPITULO XXIII.

Que contem o Epitafio Latino da ſepultura del Rey dom Joaõ.

PAreciame que naõ ſatisfaziamos à obrigaçaõ em que a eſte Principe eſtamos, por nos dar caſa em vida, e ſe recolher com noſco na morte, e nos querer pera o diante por capellaens perpetuos, ſe paſſaramos a outra couſa ſem ficar neſtes eſcritos huma breve memoria de ſeus glorioſos feitos. Mas fezme anteparar o receyo de que poderiaõ perder muito de ſua luz na pobreza de noſſo eſtilo, alem de encontrarmos as leys da hiſtoria geraes, e particulares deſta, que trata ſó de gente deſprezada do mundo, e fugitiva delle. Porem eſte meſmo medo me deſcobrio hum meyo pera ſem offenſa do Rey, e da hiſtoria nos deſobrigar da divida: o qual he lançar aqui de verbo ad verbum a letra que atràs prometemos de ſua ſepultura, mandada entalhar nella por el Rey dom Duarte ſeu filho, que he a ſeguinte.

IN nomine Domini. Sereniſſimus & ſemper inuictus Princeps, ac victorioſiſſimus & magnificus, reſplendens virtutibus, Dominus Ioannes Regnorum Portugalliæ Decimus, Algarbij Sextus Rex: & poſt generale Hiſpaniæ vaſtamen primus ex Chriſtianis famoſæ ciuitatis Septæ in Africa potentiſſimus Dominus præſenti tumulo extat ſepultus. Excellentiſſimus iſte Rex nobiliſſimæ ac fideliſſimæ ciuitatis Vlixbonæ ortus anno Domini 1358. *extitit per ſereniſſimum Dominum Petrum ſuum genitorem militaribus in ætate quinquennij ibidem decoratus inſignijs: & ſuſcipiens poſt deceſſum Regis Ferdinandi fratris ſui, ipſius Lixbonenſis vrbis & aliarum complurium munitionum, quæ ſe illi ſubdiderunt, gubernamen: obſeſſam perſonaliter per Regem Caſtellæ nouem menſibus Vlixbonam mari grandiſſima claſſe, & per terram ingenti vallatam exercitu, & plurimis Portugallenſium Regis Caſtellæ potentiam roborantibus circunſeptam, aduerſus feras & multiplices impugnationes ipſam Ulixbonenſem ciuitatem ſtrenuiſſimè defenſauit.*

Deinde nobilis ciuitatis Conimbricæ anno Dñi 1385 *iocundiſſimè ſublimatus in Regem, per ſe & per ſuos bellicos proceres miranda exercuit guerrarum certamina: & pluries adverſantium dominia, & terras intrando glorioſiſſimus triumphauit: & præcipuam, & Regiam circà iſtud Monaſterium victoriam eſt adeptus: ubi Regem Caſtellæ Dominum Ioannem ſuorum maximo firmatum robore natiuorum, & plurium Portugallenſium, & aliorum extraneorum fultum ſubſidijs iſte inuictiſſimus Rex, virtute Dei Omnipotentis potentiſſimè debellauit: & quamplures iſtius Regni munitiones & caſtra iam ſub hoſtium redacta poteſtate, viribus recuperavit armorum, vſque in ſuæ vitæ terminum virtuoſiſſimè protegendo. Et Deo recognoſcens, glorioſiſſimæque Virgini Mariæ Dominæ noſtræ potiſſimam victoriam, quam in vigilia Aſſumptionis obtinuit in menſe Auguſti, hoc Monaſterium in eorum laudem ædificari mandauit, præ cæteris Hiſpaniæ ſingularius & decentius. Et ſoli Deo optans honorem & gloriam exhiberi, & tantum ipſi aut propter eum maioritatem fore cognoſcendam, deſcri-*

ſcriptionem quæ ſuorum prædeceſſorum temporibus in publicis ſcripturis ſub Æra Cæſaris notabatur, decreuit ſub anno Domini noſtri Ieſu fore de cætero annotandam. Hoc actum eſt Æra Cæſaris M. CCCC. LX. & anno Domini 1422 *tempore aliter defluendo.*

Iſt fæliciſſimus Rex non minus reperiens quæ ſuſceperat regna illicitis ſubiecta moribus, quàm ſæuis hoſtibus, ipſa expurgauit cum diligentia ſalutari, & proprijs actibus virtuoſis vſitata facinora extirpando: pullulare fecit in his Regnis probitates honeſtas: & ſolicitus ad pacem cum Chriſtianis amplectendam, eandem ante proprium deceſſum pro ſe ſuiſque ſucceſſoribus obtinuit perpetuam. Et ſuccenſus fidei feruore iſte Chriſtianiſſimus Rex comitante eundem ſereniſſimo Infante Domino Eduardo ſuo filio & hærede, & Infante Domino Petro, & Infante Domino Henriquo, & Domino Alfonſo Comite de Barcellos præfati Regis filijs & ingenti ſuorum naturalium impauida ſociatus potentia, cum maxima claſſe plus quam ducentis viginti aggregata nauigijs, quorum pars numeroſior maiores naues & grandiores extitere triremes, in Africam transfretauit: & die prima qua telluri Afrorum impreſſit veſtigia, nobilem & munitiſſimam ciuitatem Septam oppugnando in ſuam poteſtatem redegit mirificè, & poſtmodo eidem vrbi pluſquam centum mille (vt aſſeritur) Agarenorum vltra marinis & Granatæ pugnatoribus obſeſſæ idem glorioſiſſimus Rex per ſuos illuſtres genitos Infantem Dominum Henricum, & Infantem Dominum Ioannem, & Dominum Alfonſum Comitem de Barcellos, & alios Dominos & generoſos ſuccurſum miſit: qui fugantes de obſidione Agarenos, quam plurimos in ore gladij trucidando, ipſorum claſſe ſubmerſione, incendio & captura conquaſſata, prædictam liberauit ciuitatem Septam, quam decem & octo annis minus octo diebus anno Domini 1433 *in menſe Auguſti vigilia Aſſumptionis Sanctiſſimæ Mariæ Virginis terminatis aduerſus bellicos Agarenorum multiplicatos inſultus validiſſimè præſidiauit.*

Menſe autem & vigilia prædictis iſte glorioſiſſimus Rex in ciuitate Vlixbonæ aſſiſtentibus ſuis filijs, & alijs quamplurimis generoſis vitam fœliciter compleuit mortalem,

relin-

relinquens notabilem vrbem Septam ſub poteſtate altiſſimi potentiſſimique Domini Eduardi filij eius, qui paternos actus viriliter imitando, eandem in fide Ieſu Chriſti nititur proſperè gubernare. Iſte autem excellentiſſimus, & virtuoſiſſimus Rex Dominus Eduardus tranſtulit honorantiſſimè corpus Chriſtianiſſimi Regis patris ſui, aſſiſtentibus eidem ſuis germanis Infante Domino Petro Duce Collimbriæ & Montis maioris Domino, Infante D. Henrico Duce de Viſeo, & Domino Couillianæ, & Gubernatore Magiſtratus Chriſti: Infante Domino Ioanne Comiteſtabili Portugalliæ, & Gubernatore Magiſtratus Sancti Iacobi: & Infante Domino Ferdinando, & Domino Alfonſo Comite de Barcellos filijs præfati Regis Domini Ioannis, qui tempore ſui obitus alios non habebat, præter duas filias, quarum vna erat Domina Infans Eliſabet Duciſſa Burgundiæ, & Comitiſſa Flandriæ, & aliorum Ducatuum, & Comitatuum: & alia Domina Beatrix Comitiſſa Hontinto & Arondel, quæ in ſuis terris permanebant. Habebat autem Dominus Ioannes nepotes qui Dominicæ translationi affuerunt Dominum Alfonſum Comitem de Ourem, & Dominum Ferdinandum Comitem de Arrayolos filios Comitis de Barcellos: & habebat nepotem Dominum Infantem Alfonſum primogenitum Domini Eduardi, & alios nepotes, & pronepotes qui annumerati cum filijs erant viginti, tempore quo de præſenti ſæculo migrauit ad Dominum.

Affuerunt etiam huius translationis celebritati omnes qui tunc in Cathedralibus Eccleſis iſtorum Regnorum Prælati erant, & alij complures cum multitudine clericorum & Religioſorum copioſa: & Domini & generoſi huius patriæ, ciuitatum etiam & munitionum procuratores extitere præſentes. Fuit autem venerandiſſimè delatum Regium corpus eius ad iſtud monaſterium trigeſima die Nouembris anno Domini ſupradicto, & in Capella maiori cum excellentiſſima & honeſtiſſima, & chriſtianiſſima Domina Philippa eius vnica v ore prædictorum Regis Eduardi & Infantum, & Duciſſa Illuſtriſſima genitrice. Anno vero ſequenti die decima quarta menſis Auguſti fuere per Regem Eduardum & Infantes & comites prælibata corpora prædictorum

Et rum Regis & Reginæ Philippæ cum honore mirifico ad hanc Capellam delata, quam ædificari pro ſua ſepultura imperauit. Huic deductioni extitere præſentes altiſſima & excellentiſſima Princeps Domina Leanor horum Regnorum Regina, & Infans Domina Eliſabeth Duciſſa Collimbriæ, & Infans Domina Eliſabeth vxor Infantis Domini Joannis, & præcipua pars Dominorum & generoſorum iſtius terræ, qui interfuerunt ſepulturis prædictorum Dominorum Regis & Reginæ, quibus Deus ſua miſeratione & pietate largiri dignetur ſine fine fælicitatem. Amen.

CAPITULO XXIV.

Declaraſe em vulgar o Epitafio del Rey Latino.

PAreceonos acertado ſeparar a traduçaõ vulgar deſte elogio, aſſi por ſer muy largo, como pera o acharem os curioſos cada hum por ſi diſtinto em ſua lingoagem. O Portugues diz aſſi.

EM nome do Senhor jaz neſta ſepultura o ſereniſſimo, e ſempre invicto, victorioſiſſimo, magnifico, e em virtudes eſclarecido Principe dom Joaõ, Decimo Rey de Portugal, e ſexto do Algarve, e o primeiro entre todos os Chriſtaons, que deſpois da perda geral de Eſpanha foy ſenhor da famoſa cidade de Ceita em Africa. Naceo eſte excellentiſſimo Rey na muyto nobre, e muyto leal cidade de Lisboa no anno do Senhor de mil e trezentos e cincoenta e oito, e nella foy armado cavalleiro em idade de ſinco annos por maõ do ſereniſſimo Rey dom Pedro ſeu pay. E tomando à ſua conta deſpois da morte del Rey dom Fernando ſeu irmaõ o governo da meſma cidade, e de muitas outras forças, que ſe lhe entregaraõ defendeoa valeroſamente contra el Rey de Caſtella, que nove meſes a teve cercada por mar com muy groſſa armada, e por terra com grande exercito acometendoa com muytos, e apertados aſſaltos, e ſendo ajudado de muitos Portugueſes.

Sendo deſpois levantado por Rey na cidade de Coimbra com geral alegria no anno de 1385 fez por ſua peſſoa, e de ſeus Capitaens, grandes feytos em armas, e en-

e entrando muytas vezes polas terras de ſeus enemigos alcançou notaveis vitorias: e a principal, que teve, foy a que Deos lhe deu junto a eſte Convento, vencendo, e desbaratando em batalha campal a el Rey dom Joaõ de Caſtella, que trazia comſigo hum poderoſo exercito de ſeus vaſſallos, e vinha acompanhado de muytos Portugueſes, e outros eſtrangeiros que o ſerviaõ. E logo foy ganhando à força de armas muytas forças, e caſtellos, de que os enemigos ſe tinhaõ apoderado, que deſpois valeroſamente ſuſtentou, e defendeo por toda a vida. E conhecendo que Deos fora o que lhe dera a vitoria por interceſſaõ da glorioſiſſima Virgem Noſſa Senhora, que ſuccedeo na veſpera da ſua feſta da Aſſumpçaõ por Agoſto, mandou à ſua honra edificar eſte Convento, que he a melhor obra de toda Eſpanha. E com deſejos da mayor gloria de Deos, e pretendendo que ſó a elle ſe reconheceſſe neſte Reyno ſuperioridade em tudo, aſſentou que os annos, que polo tempo atràs ſe coſtumavaõ a contar nos autos, e inſtrumentos publicos pola era de Cæſar, ſe reduziſſem ao Nacimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto: e fez que começaſſe a correr eſta conta do anno de mil e quatrocentos e vinte e dous em diante, no qual andava a era de Ceſar em M. CCCC. LX.

E achando eſtes Reynos naõ menos eſtragados de coſtumes, que desbaratados das inſolencias dos enemigos, poz diligencia em os emendar, e apurar deſterrando com ſeu exemplo, e obras ſantas todas as devaſſidoens, e maldades que geralmente ſe uſavaõ, e prantou, e fez florecer em ſeu lugar obras de virtude, honeſtidade, e honra. E procurando eſcuſar guerras com Chriſtaons deixou antes de ſua morte aſſentada com elles paz perpetua pera ſi, e pera ſeus ſucceſſores. E abraſado em fogo da fé paſſou em Africa com huma groſſiſſima Armada, em que avia mais de duzentas e vinte velas, a mayor parte nàos de grande porte, e galès Reaes: e foy acompanhado nella do Infante dom Duarte ſeu filho, e erdeiro, e dos Infantes dom Pedro, e dom Enrique, e do Conde de Barcellos dom Afonſo ſeus filhos, e de grande poder, e numero de animoſos vaſſallos: com os

quaes no meſmo dia em que poz os pès em terra de Mouros, tomou de aſſalto com eſpanto do mundo a fortiſſima, e famoſa cidade de Ceita. E pouco tempo deſpois vindo ſobre ella (ſegundo ſe affirma) mais de cem mil combatentes Mouros de Berberia, e Granada, e tendoa apertadamente cercada, elle a mandou ſoccorrer polos Infantes dom Enrique, e dom Joaõ, e polo Conde de Barcellos ſeus filhos, e por outros ſenhores, e fidalgos: os quaes acometendo aos Mouros os fizeraõ levantar, e fugir com morte de muytos, e toda ſua armada desbarataraõ, metendo muitos navios no fundo, queimando, e tomando outros: e aſſi livrou a cidade.

E avendo dezoito annos menos oito dias, que ſe compriaõ veſpera da Aſſumpçaõ da Virgem Noſſa Senhora do anno de 1433, que a tinha tomado, e fortificado baſtantemente contra todo acometimento de enemigos: no meſmo dia mez, e anno acabou eſte glorioſiſſimo Rey bemaventuradamente ſua vida na cidade de Lisboa, rodeado de ſeus filhos, e de grande parte da nobreza do Reyno, deixando a cidade de Ceita em poder do muy alto, e muy poderoſo Rey dom Duarte ſeu filho, que à imitaçaõ de tal pay procura mantella, e governalla com eſtes Reynos na fé de Jeſu Chriſto. O meſmo Rey dom Duarte tresladou com grande honra, e mageſtade o corpo del Rey ſeu pay, acompanhandoo ſeus irmaons o Infante dom Pedro Duque de Coimbra, e ſenhor de Montemòr, e o Infante dom Enrique Duque de Viſeu, e ſenhor de Covilham, e Governador do Meſtrado de Chriſto, e o Infante dom Joaõ Condeſtabre de Portugal, e Governador do Meſtrado de Santiago, e o Infante dom Fernando, e o Conde de Barcellos dom Afonſo filho do dito Rey dom Joaõ: o qual ao tempo de ſeu falecimento naõ tinha outros, ſe naõ duas filhas, que eſtavaõ caſadas, e viviaõ em ſuas terras com ſeus maridos, huma a Infanta dona Iſabel Duqueza de Borgonha, e Condeſſa de Flandes, e ſenhora de outros muytos eſtados, e outra a ſenhora dona Beatriz Condeſſa de Hontinton, e Arondel em Inglaterra. Aſſiſtiraõ mais neſta tresladaçaõ todos os netos, e biſnetos que avia del Rey

dom

dom Joaõ, a ſaber dom Afonſo Conde de Ourem, e dom Fernando Conde de Arrayolos filho do Conde de Barcellos. E tinha neſte tempo outro neto, que era o Infante dom Afonſo filho primogenito del Rey dom Duarte: os quaes contados com os filhos faziaõ todos numero de vinte peſſoas. Acodiraõ tambem, e foraõ preſentes todos os Biſpos que avia no Reyno com outros muytos Prelados com grande numero de Clerizia, e Frades, e os Senhores de terras, e Alcaides mòres, e Fidalgos gos particulares. Aſſi foy trazido o Real corpo com muita reverencia a eſte Convento: e entrou nelle aos trinta dias do mes de Novembro do dito anno: e foy ſepultado na Capella mòr com a Rainha dona Filippa ſua unica molher, e mãy Illuſtriſſima del Rey dom Duarte, e dos Infantes ditos. E no anno ſeguinte aos quatorze de Agoſto foraõ os corpos ambos com nova pompa paſſados a eſta Capella, que pera ſua ſepultura tinhaõ edificado. E acharaõſe preſentes a muy alta, e excellentiſſima Princeza dona Lianor Rainha deſtes Reynos, e as Infantes dona Iſabel Duqueza de Coimbra, e dona Iſabel molher do Infante dom Joaõ com a mayor parte dos Prelados, e nobreza do Reyno, atè ficarem recolhidos em ſuas ſepulturas. As almas tenha o Senhor Deos em ſua gloria. Amen.

Eſtaõ mais eſculpidos à cabeceira del Rey ſinco verſos latinos, que ſaõ os ſeguintes (e eſcuſamos traduzillos, porque naõ dizem couſa de novo mais que o Epitafio.)

Hoc tegitur tumulo fælix Rex ille Ioannes,
Magnanimus, pius, & cunctorum gloria Regum,
Militiæque decus, firmiſſima regula legum:
Qui tumidum Regem paruo cum milite fregit
Caſtellæ, & Septam ſibi magna claſſe ſubegit.

CAPITULO XXV.

Que contem huma parte da letra do Epitafio da Rainha dona Filippa, com ſua ſignificaçaõ.

MAs naõ nos corre menos obrigaçaõ de dizermos alguma couſa da Rainha dona Filippa, por molher de tal Rey, por mãy de tantos, e taes Infantes, e por ſuas grandes, e excellentes virtudes. O modo jà eſtà achado, que he valermonos do Epitafio, que eſtavamos obrigados a referir, notado polo marido, mandado gravar polo filho, ambos Reys. E porque contem muyta leitura, da qual huma grande parte ſerve pouco neſte lugar, por ſer relaçaõ de geraçoens, e decendencias dos Reys de Inglaterra, lançaremos aqui ſómente o que delle pertence à ſua vida, e condiçoens, deixando o mais pera as Cronicas do Reyno. E tomado donde faz a noſſo caſo diz.

Hæc fælicissima Regina à puellari ætate, vsque in ſuæ terminum vitæ fuit Deo deuotiſſima: & diuinis officijs Eccleſiaſticè conſuetis tam diligenter intenta, quòd clerici & deuoti erant religioſè per eandem ſæpius eruditi: in oratione autem tam continua, quòd demptis temporibus gubernationi vitæ neceſſarijs, contemplationi aut lectioni, ſeu deuotæ orationi totum reſiduum applicabat. Plurimum vero fideliſſimè dilexit proprium virum: & moraliſſimè proprios filios caſtigando virtuoſiſſimè doctinauit: & bona temporalia circà Eccleſias & monaſteria diſtribuendo pauperibus plurima erogabat, generoſis Domicellis maritandis manus liberaliſſimas porrigebat. Erat enim integra populi amatrix, & pacis plena deſideratrix, & efficax adiutrix ad pacem habendam cum Chriſticolis vniuerſis, & libenter aſſentiens in deuaſtationem infidelium pro Dei iniuria vindicanda: & tantum prona etiam ad indulgentiam, quòd nunquam accepit de ſibi errantibus, nec conſenſit vindictam fieri aliqualem. Uirtuoſiſſima iſta Domina extitit fæminis maritatis bene viuendi regulare exemplar, Domicellis directio & totius honeſtatis occaſio: cunctiſque ſuis ſubiectis fuit curialis vrbanitatis moderatiſſima doctrix. In his autem & alijs quam plurimis perſeuerando virtutibus, quarum plurimitatem huius lapidis humilitas nequiret vllatenus præſentare, dietim & continuè peruenit ad iſtius viuendæ mortalis limitem ordinatum: & ſicut eius vita fuit optima & valde ſacra, ſic mors extitit pretioſa in conſpectu

ctu Domini, & nimium glorioſa: & receptis laudabiliter omnibus Eccleſiaſticis Sacramentis proprios filios benedixit commendans eiſdem quæ intendebat fore ad Diuinum obſequium & honorem & profectum iſtorum Regnorum, & quæ in eis ſperabat cauſatura crementum indubiè: virtuoſiſſimè, taliterque huius mundi labores finaliter adimpleuit, quòd præſentes qui relata audierunt firmam ſuæ ſaluationis ſpem retinent ſingularem. Obijt autem decima octaua die Iulij anno Domini 1415 *& in monaſterio de Odiuellis ante Chorum Monialium decima nona die menſis eiuſdem extitit ſepulta: & anno ſequenti menſis Octobris die nona fuit pretioſum corpus eius deſepultum, integrum inuentum & ſuauiter odoriferum, & per victorioſiſſimum Regem Dominum Ioannem eius coniugem, & per ſereniſſimos Infantes, ſcilicet, Dominum Eduardum ſuum primogenitum, & Dominum Petrum Collimbriæ Ducem, & Dominum Henricum Ducem Viſeenſem, & Dominum Ioannem, & Dominum Fernandum, & Infantem Dominam Eliſabeth ipſius glorioſiſſimi Regis, & fæliciſſimæ Reginæ filios ſociante Prælatorum, & Clericorum, & Religioſorum copia numeroſa, & Dominis & generoſis Dominabus & Domicellis quamplurimis comitantibus, fuit corpus dictæ Reginæ honorandiſſimè tranſiatum ad iſtud Monaſterium de Victoria: & tumulatum in capella maiori & principaliori, die menſis Octobris decima quinta anno Domini* 1416: *& poſteà fuit translatum ad hanc capellam in hoc tumulo reconditum cum corpore glorioſiſſimi Regis Domini Ioannis ſui coniugis virtuoſiſſimi ſub illa forma quæ in ſuo epitaphio continetur. Horum autem perſonas Deus Omnipotens glorificare dignetur perpetua fælicitate. Amen.*

Eſta he a parte, que nos pareceo tresladar aqui do epitafio da Raynha dona Filippa. E pera ſe entender melhor a traduçaõ, he de ſaber, que o Duque Joaõ de Lencaſtre filho del Rey Duarte de Inglaterra ouve eſte Ducado por caſamento com dona Branca unica filha, e herdeira do Duque Anrique ultimo poſſuidor delle. E deſta dona Branca teve filhos, que foraõ Anrique Rey de Inglaterra Quinto deſte nome, e a noſſa Rainha dona Filippa: a qual o meſmo pay trouxe a eſte Reyno pera caſar com el Rey dom Joaõ, em huma poderoſa Armada, com que veyo fazer guerra aos Reynos de Caſtella que pretendia

tendia herdar, como patrimonio de ſua ſegunda molher filha del Rey dom Pedro de Caſtella, que chamaraõ o Cruel. E o caſamento ſe fez ſendo el Rey dom Joaõ de idade de vinte e nove annos, e ella de vinte e oito. E deſpois de terem muitos filhos, fazendoſe el Rey preſtes pera yr ſobre Ceita, ella lhe pedio licença pera ficar recolhida com as freiras de Odivellas: onde adoeceo logo, e faleceo antes de ſe effeituar a jornada: e he fama, que na hora de ſeu tranſito a conſolou a Virgem Noſſa Senhora com ſua glorioſa viſta: e com eſte prologo paſſemos à traduçaõ, que he a ſeguinte.

ESta feliciſſima Raynha deſde ſua mininice atè o fim da vida foy muito dada a Deos: e era taõ pratica, e bem inſtruida na reza, e Officios Divinos da Igreja, que acontecia muitas vezes advertir com Real benignidade, e inſinar algumas couſas a Sacerdotes letrados, e devotos. Na oraçaõ era taõ continua que fóra do tempo que lhe tomavõ as occupaçoens forçoſas da vida, todo o reſtante empregava em contemplar, ou ler, ou rezar. A el Rey ſeu marido amou ſobre todo encarecimento: a ſeus filhos criou em toda a virtude, e bons coſtumes, com doutrina, reprenſaõ, e caſtigo. Suas rendas particulares deſpendia com Igrejas, e Moſteyros, e à gente pobre fazia groſſas eſmolas: mas pera caſamentos de donzellas nobres dava tudo, e com grande largueza. Do povo em geral era muito amiga, ninguem deſejava mais a paz, ninguem com mais efficacia a perſuadia, procurando que a ouveſſe entre os Chreſtaons, e tomando bem fazerſe guerra aos infieis, em vingança das offenſas que fazem a Deos. E com iſto era tanta ſua manſidaõ, que por erros cometidos contra ſua peſſoa nunca maltratou, nem conſentio que foſſe ninguem maltratado.

Foy eſta ſenhora hum modello, e regra de virtude conjugal pera caſadas, guia, e inſino pera donzellas, meyo, e occaſiaõ de toda a honeſtidade pera o Reyno: e porque naõ ſaltaſſe em nada, tiveraõ nella os que a ſerviaõ huma meſtra muy diſcreta, e grave da graça, e galantaria de palacio, e de toda a politica cortezam. E continuando neſta, e noutras muitas virtudes (de que eſta pedra por grande que fora, naõ era capaz), e crecendo cada dia, e adiantando nellas, chegou ao prazo ordinario da

da vida mortal: e como a ſua foy ſempre muito boa, e ſanta, aſſi a morte nos olhos de Deos foy precioſa, e muito bemaventurada. Recebidos devotamente todos os Sacramentos da Igreja, lançou a bençaõ a ſeus filhos; e encomendando a cada hum o que entendia que convinha ao ſerviço, e honra de Deos, e proveito deſtes Reynos, e aquillo que eſperava lhes foſſe occaſiaõ de acrecentar, e melhorar na virtude, de tal maneira deu remate aos trabalhos do mundo, que tanto nos que ſe acharaõ preſentes, e foraõ teſtimunhas de viſta, como nos auſentes que a relaçaõ ouviraõ, deixou huma firme, e muy aſſentada opiniaõ, que eſtà gozando de Deos. Faleceo a dezoito de Julho de 1415, e foi ſepultada no dia ſeguinte no Antecoro das Freiras de Odivellas. E ſendo deſenterrada no anno adiante em nove de Outubro, foy achado ſeu corpo inteiro, e ſem corrupçaõ, e acompanhado de ſuave cheiro, e foy trazido a eſte Convento polo victorioſiſſimo Rey dom Joaõ ſeu marido, e polos ſereniſſimos Infantes, a ſaber, dom Duarte ſeu filho primogenito, dom Pedro Duque de Coimbra, dom Anrique Duque de Viſeu, dom Joaõ, e dom Fernando, e dona Iſabel filhos delle, e della: ſendo acompanhados de grande numero de Prelados, e Clerigos, e Frades, e de todos os ſenhores, e fidalgos da Corte, e de muitas donas, e donzellas illuſtres que ſeguiaõ a Infante dona Iſabel: e em quinze de Outubro do anno de 1416 ficou depoſitado na capella mòr, donde foy deſpois tresladado a eſta capella, e ſepultura em companhia del Rey ſeu marido, na fórma que no epitafio do dito Rey ſe declara. Ambos tenha o Senhor em ſua gloria. Amen.

Aqui pertence advirtirmos aos curioſos, que querem rezaõ de tudo, que a letra de huma pedra que parece na Igreja à entrada da porta traveſſa contem hum breve epitafio Latino deſta ſanta Rainha pera memoria da ſua primeyra tresladaçaõ pera eſta Igreja, que fica contada, em quanto tardava a ſegunda pera a ſua capella, que foy muitos annos deſpois.

CA-

CAPITULO XXVI.

De hum caſo milagroſo, que ſe vio em Lisboa em hum Officio ſolene de exequias celebrado pola alma del Rey dom Joaõ o Primeyro.

FAltava pera ultimo comprimento das boas venturas del Rey dom Joaõ ſabermos que gozava da mayor de todas, e ſem a qual todas as do mundo ſaõ fumo, e vaidade: e porque eſta lhe naõ faltaſſe, e diſſo tiveſſemos hum ſinal dos que humanamente fazem em ſemelhantes caſos grande prova, ordenou a Divina Providencia, que coſtumando el Rey dom Duarte celebrar todos os annos ſolenes honras por ſua alma (como ainda hoje ſe fazem na veſpera de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ) ſuccedeſſe caſo taõ prodigioſo em hum Officio que ſe fez no terceiro anno deſpois de ſeu falecimento na Sè de Lixboa, que geralmente foy avido por obra do Ceo, e teſtimunho de ſua gloria: e como tal ſe autenticou por mandado do Arcebiſpo de Lisboa dom Pedro de Noronha filho mais velho do Conde de Gijos, Norvenha, e irmaõ do Conde primeiro de Alcoutim que fundou a caſa dos Marquezes de Villa Real. E porque foi juſtificado com fé de teſtimunhas, e delle ſe paſſaraõ inſtrumentos publicos, devemos à boa memoria deſte Rey, a quem o conſentimento commum por ſuas obras deu eſte nome, de boa memoria, pormos aqui hum treſlado em lugar de relaçaõ. E he o que ſe ſegue.

EM nome da Santa, e individua Trindade, Padre, Filho, e Eſpirito Santo. Sejaõ certos quantos eſte publico eſtromento virem, que no anno do nacimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1437 annos quatorze dias de Agoſto em a muy nobre, e leal cidade de Lixboa, na Igreja Metropolitana da dita cidade, eſtando ahi o muito honrado, e prezado ſenhor dom Pedro de Noronha Arcebiſpo deſſa meſma cidade, e Joaõ Rodriguez Dayaõ Nuncio Apoſtolico, e Collector Geral, e Afonſeanes Chantre, e Gonçalo da Sylveira Theſoureiro, e Apoſtolico Protonotario, e Afonſo Gonçalvez Meſtreeſcola, e Rafael Pereſtrello, e Gomes Paez em Degredos Licenciado Conegos, Beneficiados da dita Igreja. O muito honrado Pedreanes Lobato Cavalleiro, e Governador da caſa do Civel, e Diogo Afonſo Doctor utriuſque iuris do Deſembargo del Rey, e Gonçalo Gonçalves Camello Chanciler da caſa do Civel, e outras muitas honradas peſſoas, aſſi Eccleſiaſticas como ſegraes, em preſença de mim Alvaro Afonſo Notario,

tario, e peſſoa publica por autoridade Real na dita cidade, e teſtimunhas ao diante eſcritas, o dito ſenhor Arcebiſpo diſſe: Muitas ſantas graças, e louvores ſejaõ dadas ao muito alto Deos por quem elle he, e a ſua Santa Madre a Virgem glorioſa Santa Maria, por querer demoſtrar a nòs peccadores o galardaõ que dà a ſeus devotos, e ſervidores por demonſtraçaõ de milagres a olhos viſtos, e palpaveis. E como aſſi ſeja, que o muito alto, e mui poderoſo, e eſclarecido, e temido el Rey dom Duarte, cujo eſtado com longa vida ſeja acrecentado, tem ordenado des o apartamento que o mui vitorioſo, e de toda a virtude comprido el Rey dom Joaõ de boa memoria ſeu padre fez da preſente vida, que ſegundo parece, fazerſe em cada hum anno ſolenes exequias no dia que fez ſeu acabamento, que foi aos quatorze de Agoſto 1433 começarenſe as veſperas das ditas exequias, em as quaes ordenou ſerem aceſos em o altar principal da dita Igreja ſeis cirios, cada hum de peſo de huma livra de cera, e que acabadas as ditas veſperas ſe acendeſſem vinte e quatro tochas, cada huma de peſo de terço de arroba, e ſe darem a vinte e quatro beneficiados da dita Igreja, que as tiveſſem aceſas em quanto ſe diſſeſſe o derradeiro reſponſo, aſſi às ditas veſperas como em o outro dia á Miſſa: as quaes foraõ celebradas eſpecialmente com ajuntamento de toda a clerezia, e Religioſos da dita cidade. E acabadas as ditas exequias Gregorio Alvares meyo Conego da dita Igreja que entom recebedor era da cera do dito Cabido, por ſaber como uſavaõ os officiaes do dito ſenhor Rey em darem os ditos cirios, e tochas, fez peſar os ditos ſeis cirios que no altar principal aceſos foraõ, e achou que peſavaõ aſſi queimados ſeis livras e meya: e por ſe fazer certo demandou Diogo Lourenço Cerieiro, que fizera os ditos cirios, quanto peſavaõ, diſſe que peſaraõ ſeis livras. E com eſte dito ſe veyo a nòs onde eramos no Moſteyro de Santa Maria da Graça, da Ordem de Santo Agoſtinho com o dito ſenhor Rey, em companhia da prociſſaõ, que ordenada he em cada hum anno fazerſe em louvor da Virgem da Graça, por a vitoria da batalha Real, que ella quiz demoſtrar, e dar ao dito Rey dom Joaõ: referendonos o que dito he, mandandolhe

que fizeſſe vir perante nos o dito Cerieiro, o qual veyo, e dentro na Sacriſtia da dita Igreja, preſente os ſobreditos, demos juramento ſobre os Santos Evangelhos ao dito Cerieiro que díſſeſſe a verdade: o qual polo dito juramento diſſe, que quando entregara os ditos ſeis cirios com vinte e quatro tochas, que os cirios peſaraõ ſeis livras, e as tochas oito arrobas: e que o achariaõ eſcrito no livro do peſo publico do Conſelho, hu foraõ peſados, e eſcritos no livro da impoſiçaõ da cera; e ainda eſcrito por Joaõ Alvrez eſcrivaõ do teſouro do dito ſenhor Rey: os quaes ſeis cirios feitos polo dito Cirieiro aſſi queimados, e preſente nòs, e as ditas peſſoas peſaraõ ſeis livras e meya: e mandamos peſar as tochas, e referido o peſo por peſſoas dignas de fé, e polo dito Cerieiro, e officiaes que peſaraõ as queimadas as ditas oito arrobas, como peſavaõ antes que aceſas foſſem. E viſto por nòs todo eſto, com acordo do noſſo Cabido, e com Doctores, e Letrados, e outros virtuoſos, e entendentes peſſoas que preſentes eraõ, concludimos ſer feito eſto miraculoſamente por o muito alto Deos, por petitorio de ſua Madre Virgem glorioſa, cujo devoto ſervidor o dito Rey ſempre foy. E em teſtimunho dello mandamos tanger todos os ſinos da dita cidade. Sendo a nòs pedidas cartas teſtimunhaveis, as quaes lhe mandamos dar de noſſo ſinal, e ſello: e a mim dito Notario pedidos hum, e muitos eſtromentos. Teſtimunhas que a eſto preſentes foraõ os nomeados no dia, mez, anno ſobredito. E eu dito Alvaro Afonſo Notario publico por autoridade Real em a dita cidade, que eſte eſtromento eſcrevi por mandado, e requerimento do dito ſenhor Arcebiſpo, e dou minha verdadeira fé que ſe paſſou preſente mim o que ſi ſo he, como em eſte eſtromento ſe contem. Nom ſeja duvida o reſpanſado, que diz, com o dito ſenhor Rey em companhia da prociſſaõ que ordenada he em cada hum anno fazerſe em louvor: que eu dito Notario o corregi ao concertar. E porem em teſtemunho de verdade aſſinei aqui por minha maõ do meu publico ſinal que tal he.

Eſte ſucceſſo de crecer a cera, ou naõ ſe gaſtar nada, ou gaſtarſe em taõ pouca quantidade, que lançada conta ao tempo que ſervio ardendo, parece exceder os termos naturaes, he hum

hum argumento nos Officios dos fieis defuntos, de que ordinariamente ſe faz muito caſo, junto com a boa opiniaõ que deixaõ de vida, e coſtumes, pera ſe conſolarem os que os amaõ, e ſe ratificarem no juizo que de ſuas obras faziaõ, avendo que tem por ellas galardaõ de Gloria. Alguns ſemelhantes deve ter encontrado o leitor no que fica atràs eſcrito, e outros acharà no que reſta deſta hiſtoria: porque naõ he bem deixarmos nada do que achamos apontado em credito, e honra daquelles de quem eſcrevemos. Mas podeſe fiar de nòs, que em todos fizemos as diligencias que eſtà obrigado quem ſae a publico, e deſeja naõ ſer julgado, ou por facil em crer, ou por temerario em contar.

CAPITULO XXVII.

Do nacimento do ſanto Infante dom Fernando: e de ſua religioſa vida, e ſantos coſtumes.

SEgundo a ordem que atè eſte ponto vamos ſeguindo de contar tudo o que achamos digno de memoria por qualquer via que ſeja em cada Convento: naõ pedirei perdaõ do titulo que damos ao capitulo preſente. Porque onde concorre ſantidade, e peſſoa Real, e tocarnos taõ de perto como em filho do fundador, e em Principe deſte Reyno: e tal Principe que polos naturaes delle offereceo ſua peſſoa a hum duro cativeiro, e em fim deu a vida porque ſe naõ deſſe aos Mouros huma cidade importante: tudo convida a afinar em ſeu ſerviço o eſtilo, naõ ſó a referir o que lhe toca polo termo ordinario que levamos. Que ſe Roma eſtimou tanto os ſeus Decios, que naõ acaba de os pòr no Ceo com louvores, porque ſouberaõ disfraçarſe pera ſe lhe perder o reſpeito entre os enemigos, e poderem com ſua morte fazer ſeus exercitos vencedores. E ſe a meſma Roma fez igual caſo de hum Regulo, porque ſe atreveo a aconſelhar no ſenado que naõ reſgataſſe cativos ſendo elle que o aconſelhava, hum delles (e naõ eraõ os Decios nem Regulo mais que huns cidadaons ordinarios ainda que muito nobres) com que pagaremos nòs ao Infante dom Fernando filho, e irmaõ de Reys, que ſe entrega aos enemigos da fé por ſalvar os ſeus que vè perdidos: e deſpois aconſelha que ſe naõ entregue Ceita eſtando na entrega della o remedio de ſua vida, e liberdade? Com toda eſta obrigaçaõ procuraremos abreviar ſuas couſas, aſſi porque andaõ livros dellas, como por tomarmos brevemente ao ſojeito principal que temos à noſſa conta de Religioſos de S. Domingos.

M. Tullius l. 2. Tuſcul. Valer. Max. l. 5. c. 6.

Valer. Max. l. 1. c. 1. Horat. Carm. l. 3. Od. 5.

Foi eſte Infante ultimo filho del Rey dom Joaõ, e da Rainha dona Filippa. Naceo em Santarem no anno de 1402 quaſi por milagre. Andava a Rainha prenhada, adoeceo taõ gravemente, que foi parecer dos medicos, que morreria do mal, ſe naõ procuraſſe abortar a creatura, que em ſuas entranhas trazia. Offereceolhe el Rey ſeu marido de ſua maõ huma bebida compoſta pera o effeito: mas eſteve taõ longe de a tomar, que quanto mais certificada foi de ſua morte, ſe tardava em a levar, tanto com mayor valor a

1402.

engeitou. Agradou eſte animo a el Rey, mandou trazer Reliquias de Santos, dar eſmolas, fazer oraçoens. E por tal caminho deu Deos vida, e bom parto à enferma a peſar da medicina: e com elle hum filho que alegrou a Corte, e o Reyno (quaſi pronoſtico do muyto que deſpois avia de fazer polo meſmo Reyno.) Como filho de dores, e perigo aſſi foi amado da Rainha pera o criar com dobrado cuidado: e como avido por oraçoens, e ſacrificios aſſi ſayo em condiçoens huma criatura celeſtial. Deſde moço ſe entregou todo a Deos com exercicios religioſos de ſorte, que ſendo de quatorze annos rezava o Officio Divino como hum Sacerdote. E pera ſe deſviar do trato ordinario da Corte, e conſervar a precioſa joya da caſtidade, e pureza que toda a vida amou, e guardou, ſahia raramente de caſa, occupando todo o tempo, ſem dar hora à ocioſidade, em lèr e eſtudar: e da hy veyo que foi bom Latino, e na Sagrada Eſcritura taõ verſado, que parecia mais graça do Ceo, que força de eſtudo.

Obrigouo el Rey ſeu pay a mais cuidado dandolhe cedo caſa, e eſtado, e rendas particulares com duas villas, que foraõ Salvaterra de Magos, e a Atouguia. Aqui começou a deſcobrir huma prudencia, e ſiſo de velho. Bem ſe diz que naõ ſe mede a velhice por cans, nem por annos, ſe naõ polo ſaber. Era ſua caſa hum reformado Convento na vida dos moradores, no governo, e concerto das couſas. Poſſuhia menos renda que ſeus irmaons, como menor que era de todos, mas luzialhe muito mais. Em particular era de ver a ordem de ſua capella na ſolenidade com que fazia celebrar os Officios Divinos, na virtude dos Capellaens, na eſcolha dos Prègadores, na prata, paramentos, e ornato della. Creceo deſpois tudo com a renda que el Rey dom Duarte ſeu irmaõ lhe acrecentou fazendoo Meſtre de Avis. Aqui he de conſiderar que naõ pode el Rey acabar com elle, que aceitaſſe eſta dignidade ſem primeiro lhe aver diſpenſaçaõ de Roma. Porque dizia, que ſua tençaõ naõ era ſer Religioſo, e ſendo leigo tinha eſcrupulo de gozar rendas Eccleſiaſticas. Tal foy a pureza de ſua conſciencia, que naõ ſó eſtes bens refuſava, mas he certo que nunca quiz aceitar de ſeu irmaõ fazendas confiſcadas, por mais juſtificada que foſſe a cauſa da confiſcaçaõ. E naõ eſpantarà iſto deſpois que diſſermos a vida que fazia em particular. Jejuava infallivelmente cada ſemana tres dias, quartas, e ſeſtas, e ſabados: e os ſabados eraõ a paõ, e agua. Todas as vigilias das feſtas de Chriſto, naõ comia mais, que paõ, e agoa, e por mais humildade, e mortificaçaõ naõ queria que o paõ foſſe alvo. O meſmo fazia nos tres dias antes da Paſcoa, e neſtes aſſiſtia ſempre na Igreja diante do Santiſſimo Sacramento. Muitas outras feſtas do anno, e Santos de ſua devaçaõ jejuava as veſperas, e algumas tambem a paõ, e agoa: entre as quaes eraõ todas as vigilias de Noſſa Senhora por particular devaçaõ que lhe tinha. E he de notar, que ſendo tantas abſtinencias poderoſas pera desbaratarem huma com-

Sap. 4.

complexaõ muy robuſta , era a do Infante naturalmente muito delicada , e fraca : porque deſde ſeu nacimento foi ſempre perſeguido de achaques , e particularmente padecia grande mal de coraçaõ. Aſſi ſe via que todas eſtas obras naciaõ de força de eſpirito , e lhe ficavaõ mais cuſtoſas que a qualquer outro ſojeito. Ao Sanctiſſimo Sacramento tinha tanta reverencia , que alem de acodir prontamente a acompanhallo quando o levavaõ aos enfermos , naõ ſe contentava com menos que levar huma tocha diante. E pola meſma rezaõ naõ conſentia que lhe falaſſem na Igreja , nem dava nella audiencia a peſſoa alguma. Da meſma cauſa procedia reſpeitar muito toda a gente Eccleſiaſtica , e Religioſa , e ſer com ella facil , e affavel , e muito mais com os que ſabia ſerem virtuoſos , e devotos. Compadeciaſe muyto dos pobres , e afligidos , e ouvia ſuas laſtimas com muita paciencia , e conſolavaos de palavra , e obra , de maneira que jà era publico que ninguem ſahia de ſua preſença deſcontente. Aos Moſteyros tinha particular goſto de acodir com ſuas eſmolas , e ajudallos nos Capitulos , pera participar de ſeus ſuffragios: e eſtendendo a charidade a mais alto ponto , mandava celebrar muitas Miſſas por cativos , e naufragantes , e enfermos , eſpecialmente lazaros de que muito ſe dohia. E em fim o dizimo de todas ſuas rendas de cada anno empregava em eſmolas , e obras pias. E era tal a fama que de ſuas virtudes , e prudencia no Reyno , e fóra delle corria , que o Papa Eugenio Quarto lhe mandou offerecer o capello de Cardeal por hum Abbade da Camaldula de Florença , que veyo por Nuncio a Portugal , e elle o naõ aceitou pola rezaõ que temos dito de que naõ determinava ſer religioſo. Pola meſma cauſa lhe davaõ ſeus filhos com muyto goſto , os fidalgos mais illuſtres do Reyno pera o ſervirem , e ſe criarem em taõ ſanta eſcolla como ſabiaõ que era ſua caſa.

CAPITULO XXVIII.

Embarcaſe o Infante na jornada de Tangere , e chegando o Campo a ponto de ſe perder , offereceſe a ficar em poder dos Mouros , polo ſalvar.

TRinta e quatro annos tinha o Infante comprido na vida , e exercicios que atràs temos dito quando el Rey ſeu irmaõ determinou mandallo com huma poderoſa armada ſobre a cidade de Tangere. Era jornada cheya de inconvenientes , e por iſſo encontrada de todos os homens de bom juizo : e o Infante era hum dos que mais a reprovavaõ. E el Rey fazendo General della ao Infante dom Anrique mandouo embarcar com elle. Na hora que ſoube a vontade del Rey diſpozſe ao ſervir com goſto , mas contra ſeu entendimento. E porque eſte lhe pronoſticava dentro em ſua alma o ſucceſſo que avia de ter ordenou logo as couſas de ſua conciencia , como ſe ao ſabido fora a morrer. E conſiderando que tinha grande familia de criados, huns que o naõ podiaõ acompanhar , e outros a que tinha obrigaçaõ de ſatisfazer ſerviços paſſados , pedio a el Rey quizeſſe

zeſſe ſatisfazer a todos em caſo que elle Infante acabaſſe na jornada, polo que valia ſua recamara, e baixella: e ao que iſto naõ chegaſſe ſupriſſe Sua Alteza das rendas da Coroa por cujo ſerviço ſe arriſcava: porque aſſi iria mais quieto em ſua conciencia, e entraria com mais goſto em todo perigo. Reſpondeolhe el Rey à vontade, e neſta conformidade ordenou ſeu teſtamento mandando dizer muitas Miſſas por todos os moſteyros antes de ſua partida, e repartindo groſſas eſmolas entre pobres. E por lhe naõ ficar nada por fazer do que a huma muyto eſcrupuloſa conciencia ſe podia repreſentar, eſcreveo às Juſtiças dos lugares, onde por algum tempo reſidira, que fizeſſem pregoar ſe ouveſſe algum queixoſo de perda, ou dano, ou divida, ou agravo que de ſua caſa, ou criado ſe ouveſſe recebido, acodiſſem a certos miniſtros, que pera iſſo deputou, e ſeriaõ inteiramente ſatisfeitos. E ajuntou huma clauſula de animo verdadeiramente Chriſtaõ, e humilde, dizendo que em caſo que ouveſſe queixas de tal calidade, que com dinheiro ſe naõ pudeſſem ſatisfazer, pedia a todos lhe perdoaſſem por amor de Deos. Com eſtas prevençoens muito antes feitas ſe embarcou huma manham deſpois de receber a ſanta Communhaõ em Noſſa Senhora da Eſcada de maõ do Padre Frey Gil Mendes da Ordem de S. Domingos, que por ſeu confeſſor levava: e no meſmo dia ſe fez à vèla com toda a armada em vinte e ſeis
1437. de Agoſto do anno de 1437.

Como o Infante padecia de ordinario ſegundo temos dito achaques, e indiſpoſiçoens de natureza fraca, com que ſahio do ventre de ſua mãy, effeitos da doença que em ſua prenhez padeceo: logo lhe fizeraõ abalo os cuidados da jornada, e acodiolhe huma defluxaõ de humor a huma perna, que ſendo de tal calidade que em qualquer outra peſſoa eſtorvara o entrar no mar: elle a diſſimulou, e encobrio: e a diſſimulaçaõ lhe cauſou muyto dano. Porque vindolhe a furo no mar foy neceſſario tomar Ceita pera ſe curar, e ahy correo perigo de morte por grandes acidentes de dores, e febres ardentes. Com tudo como era filho de ſeu pay na viveza do eſpirito, ſintindo huma leve melhoria ſe foi com a poſtema ainda aberta em huma galè a Tangere. Achou o noſſo Campo em terra que ſe hya fortificando com ſuas trincheiras, e tinha ja dado alguns aſſaltos à cidade: tomou logo parte no trabalho, como ſe chegara muyto ſaõ, e acodindo aos aſſaltos dos Mouros que logo ſe começaraõ a receber muyto a miude, porque ſe juntou tanta multidaõ delles que de acometidos ſe fizeraõ acometedores. Aqui aconteceo ao Infante pelejar muitas vezes por ſua peſſoa, e trabalhar, e canſar tanto que era eſpanto a todos, mas mayor aos ſeus que ſabiaõ do mal, que ainda padecia, o qual lhe cauſava tornar ardendo em febre quando vinha a deſcanſar. Creciaõ entre tanto os Barbaros de todas as partes em tanto numero, que como hum diluvio aſſi cobriaõ montes, e valles. Aponta a hiſtoria que ſó de cavallo eraõ noventa e ſeis mil, e os de pè paſſavaõ de ſeis centos mil, numero ao parecer im-

impoſſivel, ſe o naõ acreditaraõ as Cronicas antigas de Eſpanha falando da facilidade com que ſe juntavaõ eſtes Barbaros contra Chriſtaons. Morriaõ infinitos em todos os acometimentos às maons dos Portugueſes, mas nunca ſe ſintia falta nelles, e os noſſos hiaõ diminuindo tanto à preſſa, que tudo eraõ mortos no arrayal: e como he ordinario na guerra, acabavaõ os melhores, e deſtes eſtava tambem grande multidaõ inutil, huns de feridas, e outros de doenças. Aſſi foy o negocio dando volta, e moſtrando taõ differente roſto, que começou a entrar deſconfiança entre os noſſos. Porque ſobre os aſſaltos que a toda hora recebiaõ dos Mouros, ſem terem momento livre pera repouſar de dia nem de noite, ſuccedendo huns a outros, e acudindo ſempre gente nova, e de refreſco foraõ faltando mantimentos, ou porque naõ lançaraõ em terra quantos eraõ neceſſarios pera hum cerco dilatado, ao deſembarcar: ou porque fizeraõ conta de os aver por ſeu br ço tomando a cidade de aſſalto, como lhes tinha acontecido em Ceita. E he mais de eſpantar a falta, porque de quatorze mil combatentes, que por livro embarcaraõ em Lisboa eraõ conſumidos neſtas brigas, e trabalhos a mayor parte. Vendoſe os Infantes neſte aperto, e que naõ eſtavaõ em termos de poder eſperar bom ſucceſſo da empreſa detendoſe: e ſe quiſeſſem retirarſe, como pedia o eſtado das couſas, naõ era poſſivel embarcar ſem evidente riſco de ſe perderem todos: porque em pouco mais de hum mez eſtavaõ reduzidos a termos que naõ avia mais de tres mil homens que pudeſſem tomar armas: aſſentaraõ por ultimo remedio tratar de algum meyo de paz. Era Senhor de Tangere Salabenſala, que ainda que ſe via livre do perigo primeiro, e tinha por certo que dos noſſos lhe naõ eſcaparia homem com vida, de boa vontade deu ouvidos ao trato, com os olhos na honra que ganharia entre os Mouros ſe alcançaſſe por eſte meyo a reſtituiçaõ de Ceita. Juntouſe eſta cobiça com a noſſa neceſſidade: foy facil o acordo. Aſſentouſe que o exercito Portuguez, ou reliquias delle, ſe embarcaſſe com armas, e muniçoens, e bagagem: com partido que a cidade de Ceita ſe entregaria, ficando em poder do Mouro pera fiador hum dos Infantes: e Salabenſala daria hum filho pera ſegurança da embarcaçaõ dos noſſos: em troco do qual ficariaõ por arrefens em poder dos Mouros quatro fidalgos. Fizeraõſe as capitulaçoens de parte a parte com muitas lagrimas do pouvo, mas com grande animo do Infante dom Fernando, que por ſalvar a todos, e a peſſoa de ſeu irmaõ, naõ ſó ſe offereceo de boa vontade, mas com alegria. Veyo tomar entrega delle, e dos fidalgos Salabenſala rebentando de ſoberba, e vamgloria, e deixou juntamente aos noſſos ſeu filhos mais velho, que foy logo levado às nàos.

CA-

CAPITULO XXIX.

Fazſe a entrega do Infante aos Mouros, levaõno a Tanger: e de Tanger a Arzilla, e a Fez. Contaſe a vida que fazia neſtas terras, e os trabalhos, e afrontas que padeceo

FOy a entrega do Infante em dezeſeis de Outubro deſte
1437. infelice anno de 1437, mandoulhe trazer o Mouro hum cavallo, ſeguiraõno a pè os quatro fidalgos, que eraõ Aires da Cunha, Joaõ Gomez do Avelar, Pero de Ataide da caſa, e ſerviço do Infante, e Gomez da Silva Comendador de Noudar. Foraõ mais com elle pera o ſervirem Rodrigo Eſtevẽs ſeu amo, Frey Gil Mendes da Ordem dos Prègadores ſeu confeſſor, Joaõ Rodriguez ſeu colaço, Joaõ Alvarez ſeu ſecretario, meſtre Martinho fiſico, Fernaõ Gil guarda roupa, e Joaõ Vazques ſeu cozinheiro mòr, que todos merecem ficar em lembrança neſtes eſcritos por companheiros dos infortunios, e trabalhos de tal Principe. Com eſta companhia entrou em Tangere, e foi metido em huma torre, onde tiveraõ a primeira noite tal hoſpedagem que bem anteviraõ logo as grandes infelicidades, que os eſperavaõ, e em que por fim quaſi todos acabaraõ. Gente fera, e barbara, enemiga de toda humanidade, e cortezia deleitavaſe em os ver padecer faltandolhes na primeira noite com a cama, e comida: facil penitencia pera o Infante, ſintida ſó polo que tocava aos companheiros.

Na ſemana ſeguinte determinou Salabenſala paſſallos a Arzila, e antes de partir quiz dar viſta do Infante àquella multidaõ innumeravel que ſe lhe juntara de ſoccorro: e teveo poſto em hum lugar alto feito alvo dos vituperios de povo infiel, ruſtico, e enemigo. Em Arzila naõ paſſou menos afronta. Acharaõ a villa embandeirada como de triunfo, e o povo todo no campo, que o recebeo com outros tantos oprobrios de molheres, e mininos. Offerecia o ſanto Infante tudo ao Rey das eternidades dandolhe graças por aquella adverſidade; que como cria com viva fé lhe vinha de ſua ſanta maõ pera bem de ſua alma, por mimo a contava, e por favor. Sete mezes o tiveraõ em Arzila, e ainda que quaſi ſempre foi doente todo o tempo occupava em oraçaõ, e em jejuns, tirando de ſi pera empregar em manter pobres cativos, ſuſtentando de ſecreto a muitos, e mandando veſtir a outros por via de terceiros, e a outros reſgatando que eſtavaõ em riſco de negar a fé por cruezas, e opreſſoens de ſeus amos: e eſtes reſgatados ſe achou que foraõ doze.

Entre tanto era grande o ſentimento que em todo Portugal ſe fazia pola infelice jornada: mas ſobre todo mal magoava geralmente que caiſſe a pior ſorte ſobre a melhor alma de todo o exercito, que era o Infante. Chamou el Rey a Cortes pera ſaber o que ſentia o Reyno ſobre ſe tornar Ceita aos Mouros, e alcançar o Infante ſua liberdade. Aſſentouſe que Ceita ſe naõ deſſe por nenhum caſo, e que polo Infante ſe pagaſſe a dinheiro tudo o que os

Mou-

Mouros pediſſem, ou ſe arriſcaſſe o Reyno, fazendolhes nova guerra. Obrigou a eſte parecer aquella junta geral de eſtados, o voto do meſmo Infante, que como verdadeiro Catolico, e amigo de ſua patria, advirtio em ſegredo a el Rey que trataſſe do mayor bem de Eſpanha, e mais honra de Portugal, antes que da vida de hum ſó homem, vida que em breve aviaõ de cortar, ou accidentalmente doenças, ou naturalmente poucos mais annos. Naõ quiz el Rey que ſe declaraſſe tal reſoluçaõ aos Mouros: e pera ſer mais occulta ſuſpendeo a entrega do filho de Salabenſala: o qual ou por tirar o Infante de lugares maritimos, ou polo obrigar a tratar de ſi com mais calor, determinou paſſallo a Fez, dandolhe por rezaõ que o tinha prometido àquelle Rey por ſeu priſioneiro pola vontade com que o viera ſocorrer: em caſo que lhe naõ tornaſſe Ceita: e pois os Chriſtaons tardavaõ em comprir o contrato, naõ queria elle fazer o meſmo em ſua palavra. E deixando ſó os quatro fidalgos, que eſtavaõ à conta de ſeu filho, mandouo levar a Fez com os que oſerviaõ: dos quaes faltava jà o noſſo Frade Frey Gil Mendez ſeu Confeſſor falecido de doença, e do màо trato dos inſieis.

Foy eſte caminho de novo tormento pera o Infante, e ſeus companheiros: porque nos lugares que paſſavaõ acodia a eſcoria do povo de todo eſtado, ſexo, e idade a maltratallos de palavra, e obra, coſpindolhes no roſto, tirandolhes com lodo, e com pàos, e pedras, fazendoos dormir na terra nua, e comer por onças. O Infante hia em hum rocim buſcado àſſinte pera mover a riſo, e eſcarneo, que de magro, e velho, e fraco naõ podia dar paſſo, a ſela, e freyo tudo feito pedaços. Neſta fórma entrou na cidade de Fez, onde, como a terra era mayor, e de gente mais livre, aſſi ouve mais injurias, e mais que merecer. Entrados no alcaçar del Rey, meteraõnos em huma ſala que chamavaõ do Conſelho, onde os fizeraõ deſcalçar, e aſſentar no chaõ. Daqui foraõ paſſados a huma torre, e recolhidos em huma caſa alta, na qual os emparedaraõ de maneira, que ſem candea ſe naõ podiaõ ver huns a outros: porque de pedra, e cal lhe taparaõ janellas, e freſtas, e ſobre tal recluſaõ avia gente de guarda que os vigiava. Neſta caſa paſſou o Infante quatro mezes conſolandoſe com Deos, porque tinha dentro hum capellaõ, e Miſſa todos os dias, e confeſſavaſe, e commungava a miude. Rezava ſuas horas Canonicas, que nunca deixou em quanto teve forças, e ajuntava mortificaçoens, e penitencias voluntarias à violenta, e forçada em que vivia: com que animava grandemente os ſeus, vendo hum corpo enfermo, e delicado poder com tanto. No cabo deſte tempo entrou o Alcaide na caſa, e mandouos carregar de ferros a duas bragas mui groſſas por cada hum: e logo lançallos fóra, e levallos à horta del Rey, dandolhes enxadas pera trabalharem. Foi o Infante o derradeiro nos ferros, e em quanto lhos lançavaõ deraõlhe os Mouros no pobre fatinho, ſaquearaõ, e levaraõ tudo: e ar-

raſtando as bragas, foy guiado à eſtrebaria del Rey. Aqui o eſperava o Alcaide Lazarac, que era quem mandava tudo na terra; e vendoo diſſelhe, que pois os Chriſtaons faltavaõ na palavra como trèdores em naõ tornarem Ceita, ſoubeſſe que era ſeu cativo: e como a tal lhe mandava curaſſe daquelles cavallos. O Infante reſpondeo gravemente com eſtas palavras: Os Chriſtaons nunca fizeraõ treiçaõ, nem cabe nelles tal nome: o que mandas farey, porque eſtando em teu poder, naõ perco niſſo honra, nem o ſervir me he vergonha: tu a deveras ter de tratar taõ vilmente quem ſabes que he filho de Rey. Logo lhe meteraõ na maõ huma vaſſoura, e outros inſtrumentos de eſtrebaria: e o Santo com muito ſoſſego, e humildade começou a entender no officio, varrendo as immundicias, e alimpando os cavallos. Sobre tarde foi tornado à caſa donde ſahira, na qual achou novo genero de tormento: ſoube que eraõ lançados na cova da maſmorra ſeus companheiros, e nella bem fechados. Entendeo que era quereremno, como ſuccedeo, apartar delles polo moleſtarem: cauſoulhe o apartamento grande pena; e ainda que de noite a aliviou algum tanto falandolhes de fóra, deraõlha os guardas no dia ſeguinte dobrada: porque o fizeraõ paſſar em amanhecendo a outro apoſento, pera que naõ viſſe os companheiros quando ſaiſſem a trabalhar. Iſto anguſtiou tanto ao Santo Infante, que lhe cauſou hum forte accidente, e tal, que os guardas dandoo por morto foraõ correndo dar aviſo a Lazarac. Bem conheceo o Mouro donde lhe nacia o mal, e mandou que lhe diſſeſſem, deſpois que tornou em ſi, que ſe queria eſtar em companhia dos ſeus, avia de ſer eſtirando os braços com huma enxada, e trabalhando como qualquer delles. Foi eſte recado pera o Santo huma medicinal epitima: aceitou a enxada como por alvitre, e foyſe com ella às coſtas aonde elles trabalhavaõ com paſſos alegres, ainda que cançados, e vagaroſos do peſo das bragas: viſta pera os companheiros pranteada com lagrimas do coraçaõ. Mas o Santo ledamente lhes dizia, que junto com elles naõ avia mal que o canſaſſe, e mais queria ſuar alli, que deſcançar em ſua auſencia: e logo foi cavando de taõ boa graça, que os alegrava, e deſcançava: mas naõ paſſou adiante tal deshumanidade.

CAPITULO XXX.

Como foy paſſado a huma maſmorra, e deſpojado do veſtido, e cama. Contaõſe outras affliçoens que paſſou, atè lhe chegarem novas do falecimento del Rey ſeu irmaõ.

NO meſmo dia ſabendo Lazarac que o Santo trabalhava como qualquer dos ſeus, mandoulhe que largaſſe a enxada, acrecentando que tempo averia pera a menear ſe de Portugal tardaſſe bom deſpacho a ſeus negocios. Aſſi os acompanhou alguns dias. Mas naõ cabia na condiçaõ de Lazarac eſeſtar muito tempo ſem o aperrear. Reſidia em Fez hum mercador Malhorquim por nome Moſſem Chriſtovaõ de Xalon. Veyo à no-

à noticia do Mouro que provia eſte algumas vezes o Infante de couſas de comer, e dinheiro empreſtado: mandouo ameaçar. Naõ ſe atreveo o mercador a continuar. Começaraõ os preſos a padecer muito: porque a raçaõ, que tinhaõ, naõ era mais que dous paens ſecos por homem. Entre tanto buſcou o mercador piadoſos meyos pera em ſegredo os tornar a prover, que foy peitando ao Alcaide da priſaõ. Mas iſto tambem, ou foy ſintido, ou adivinhado: e mandouſe publicar com pena de açoutes, que nenhum Mouro falaſſe com o Infante. E com lhe ficar tolhido por eſta via todo o commercio dos que à conta de intereſſe lhe acodiaõ com recados do mercador, ou doutros cativos, ainda buſcaraõ outro meyo de lho eſtreitarem mais. Eſte foy meteremno dentro na maſmorra com os ſeus; e pera mayor tormento, ſendo o lugar taõ eſtreito que agaſalhava mal oito peſſoas, meteraõ dentro tantos cativos mais, que vinhaõ a ſer doze com elle, que era hum martyrio incomportavel.

Aſſi hia Deos aperfeiçoando aquella alma neſta fornalha de affliçoens, que o Santo paſſava com animo taõ conſtante, que ſe os companheyros de afadigados ſoltavaõ alguma palavra de impaciencia, elle os reprendia, lembrandolhes amoroſamente, que naõ eraõ os Mouros mais que huns algozes, e executores dos mandados de Deos: que naõ perdeſſem o merecimento do que padeciaõ com attribuirem às creaturas o que por ſeu grande bem lhes mandava o Creador. Hum dia, laſtimado do muito trabalho que paſſavaõ, queixouſe a hum valido de Lazarac que achou na horta, e mandoulhe por elle lembrar, que aquelles homens naõ eraõ cativos, nem arrefens obrigados a couſa alguma, mas ſómente criados delle Infante, que polo ſervirem quiſeraõ ficar com elle: e era grande ſemrezaõ ſerem tratados com a pena que elle ſó merecia. Pareceo a queixa juſta atè ao meſmo infiel; mas rendeolhe o que agora diremos. Veſtia o Infante ſobre gibaõ de fuſtaõ huma roupeta de panno preto forrada, e apertada, e cobria hum ferraroulo do meſmo, grande, e comprido: eſte lhe ſervia de capa entre dia, e de manta de noite, porque a cama naõ era mais que duas pelles de carneiro ſobre a terra fria, cubertas com hum pedaço de alcatifa velha, e hum feixe de feno por traviſſeiro. Devia parecer aos Barbaros, que o mimo de tal veſtido, e de tal cama lhe dava eſpiritos pera ſe reſentir: levaraõlhe hum dia tudo, deixandolhe pera veſtido, e cama hum pedaço de manta de burel.

Naõ tinha o corpo mais que padecer: começaraõlhe a dar ſobreſaltos na alma. Humas vezes levandolhe os companheyros a trabalhar longe, e fazendolhe crer que hiaõ a açoutar, quando mayor mal naõ foſſe: outras mandoulhe dizer, que era conſelho dos Alfaquis, que pera o quebrantarem, lhe tiraſſem de todo a viſta dos criados. Ajuntaraõſe de fóra novas cauſas de affliçaõ, e foy huma que pera perder de todo a eſperança, que todavia tinha na bondade do ſeu Malhorquim, lhe ſaltaraõ em caſa, e o deſpojaraõ de quanto ti-

tinha. Outra foi huma importunaçaõ de cartas, e queixumes continuos dos fidalgos de Arzilla, que naõ ſofriaõ dilatarſelhe a liberdade, quando pendia de couſa taõ leve, como era a troca do filho de Salabenſala. Mas ſobre todo mal, nenhum lhe foy mais peſado, que começaremlhe a adoecer os companheyros de pura fome, e canſaço corporal: e ſendo elle o que mais que todos padecia, faziao diſſimular com ſeu mal, e ſer conſolador dos alheyos, ſua grande charidade, e a lembrança de quem era: animavaos, e aliviavaos feito ſeu enfermeiro, e faziaos comer do pouco que avia, obrigandoos com ſeu amor, e reſpeito. No meſmo tempo canſavaſe em reſponder aos de Arzilla, e em eſcrever em ſeu favor a Portugal, pedindo o remedio delles com mais inſtancia que o proprio ſeu.

Eſpanto era como ſe ſuſtentava huma vida cercada de tantas tribulaçoens: mas vencendo todas com Real valor, e com eſperança certa que em Portugal ſe naõ tratava em outra couſa mais que traças de ſua liberdade, ſuccedeo caſo que de todo lhe derribou o ſofrimento. Quando mais deſcuidado eſtava mandalhe dizer Lazarac, que era morto el Rey ſeu irmaõ: e porque naõ cuydaſſe que era fingimento ſeu, confirmoulhe pouco deſpois a triſte nova com carta, que lhe veyo às maons pera o meſmo Infante, de Fernaõ da Syſva eſtribeiro mòr del Rey. Neſte paſſo acabou o Infante de aſſentar conſigo, que era chegado o fim de ſeu cativeiro, e juntamente de ſua vida: e com tudo era tal ſua bondade, que ſe dava por cauſa principal da morte del Rey, e iſſo lha fazia ſentir mais. Deſpois de muitas laſtimas, e prantos falou aos companheiros, encomendandolhes que trataſſe cada hum de ſua alma, fazendo conta da morte mais que da liberdade: porque elle des daquella hora naõ faria outra: e como el Rey ſeu irmaõ era morto, ordenaria logo novo teſtamento em que a elles ſós faria ſeus herdeiros, porque os tinha por filhos, e eſperava que morrendo elle teriaõ mais remedio.

CAPITULO XXXI.

De outras cruezas, e màos tratamentos que ſe fizeraõ ao Santo: e como adoeceo, e faleceo.

SEguimos na vida deſte Santo a relaçaõ que della eſcreveo Joaõ Alvrez Cavalleiro da Ordem de Avis, que foy ſeu Secretario, e com elle reſidio em Fez, reformada deſpois polo Padre Frey Hieronymo Ramos da Ordem de S. Domingos. Mas advertimos ao Leitor, que ſegundo parece de huma carta que ſe moſtra no Convento da Batalha eſcrita polo Infante, a qual por brevidade naõ trazemos aqui, a força dos trabalhos que paſſou, e temos contado, naõ ſuccedeo ſe naõ do anno de 1441 em diante deſpois de doze do mez de Junho em que foi feita. Porque nella diz que atè entaõ nem trazia ferros, nem trabalhava, nem dormia em maſmorra: e com eſta advertencia paſſemos adiante. Morto el Rey dom Duarte, e governando o Reyno o Infante dom Pedro por

el

el Rey dom Afonſo Quinto ſeu ſobrinho que ficou minino, ouveſe Lazarac por deſenganado da entrega de Ceita, e determinou vingarſe no Infante, e nos ſeus: e como entre os Mouros reyna hum erro antigo de que tudo ſe governa por fado, com que os ignorantes querem tirar o poder a Deos, e o livre alvedrio ao homem, fazia conta que por muito que o perſeguiſſe, e maltrataſſe, naõ morreria, ſenaõ quando tiveſſe ſua conta cheya: aſſi fartaria ſua raiva, e naõ perderia hum grande reſgate, ſe a vida lhe duraſſe. Eſtava o Santo affligido, ſobre a falta de ſeu irmaõ, com nova deſconſolaçaõ pola morte dos fidalgos de Arzilla, cauſada da peſte que andava por toda a terra de Africa. E como os Mouros nem ſe guardaõ deſte mal, nem contra elle fazem prevençaõ alguma, pola meſma rezaõ que diſſemos do poder que attribuem ao Fado: tanto que deu na villa, naõ deixou couſa em pé. Foy graviſſima ferida eſta pera o Infante, dandoſe por homicida de taõ bons amigos. Mas no meſmo tempo que os chorava a elles, e a ſi, andando jà a meſma contagiaõ mui aceſa em Fez, foy huma manham tirado da maſmorra, dizendolhe os que o tiravaõ, que ſeus criados ſeriaõ logo levados a degolar: e a elles diſſeraõ que o Infante iria pera o meſmo: e arrebatadamente deraõ com elle no alcaçar del Rey, em huma caſinha terrea ſem nenhum genero de luz mais que a que recebia pola porta, e taõ eſtreita que naõ tinha feiçaõ de caſa: e pera mais afronta era o ſitio della pegado com a latrina commum do alcaçar. E refrigerio que aqui achou, e que naõ teve por pequeno, foy hum poyal que lhe ficou ſervindo de leito. Neſte purgatorio começou huma vida de Anacoreta recluſo: oraçaõ continua, ora vocal, ora mental, liçaõ, e horas Canonicas: pera o que lhe ſuſtentavaõ os ſeus huma alampada perpetua, que mais eſtimava que a comida. As lagrimas eraõ tantas, que tinha o roſto, e lagrimaes creſtados: do pouco que lhe traziaõ pera comer cortava de maneira, que ſempre fazia notavel abſtinencia. Eſte genero de vida ſobre ſeis annos de continuaçaõ, o apartamento dos ſeus, que raras vezes, e ſó às furtadas o podiaõ ver, a malencolia de tudo fez effeito de peſte. Adoeceo com hum accidente de diſenteria, que trouxe logo conſigo faſtio, e aborrecimento a todo genero de comida, certos menſageiros de morte. Aviſado Lazarac polos guardas deu licença que entraſſe com elle o ſeu Medico, e alguns Chriſtaons. Alegrouſe o Santo hum pouco com a companhia: mas como quem ſabia que acabava, lembroulhes, que lhe naõ falaſſem em outra couſa mais que de Deos, e do Ceo: porque de nenhuma da terra queria jà ſaber parte. Eſtancou ſubitamente a diſenteria, mas creceo a febre, e a fraqueza era eſtrema: mandou ao Confeſſor que o naõ deixaſſe: e julgando por ſinal mortal a mudança que via na doença, confeſſouſe geralmente. No quinto dia levantouſe o Confeſſor ante manham, e chegouſe ao Santo a ver ſe dormia: e pondo os olhos nelle, vio que lhe ſahia do roſto huma deſacoſtumada cla-

claridade, notoulhe o ſembrante alegre, e riſonho, e que tinha os olhos abertos, e cheyos de lagrimas, e as maons juntas, e levantadas. Maravilhado de tal novidade, e naõ ſabendo que julgaſſe, chamou por elle tres vezes, perguntandolhe ſe dormia. A' terceira reſpondeo o Santo que bem ouvia. Mas como naõ diſſe outra couſa, nem mudou poſtura, ceſſou o Confeſſor, parecendolhe que naõ queria que o inquietaſſe. Quando foy manham, que os porteiros vieraõ abrir a porta, mandou o Infante ao Medico que ſe faiſſe, porque queria falar com o Confeſſor. Como eſtiveraõ ſós, diſſe o Infante: Vós me perguntaſtes eſta madrugada ſe dormia, e naõ vos reſpondi, porque avia quem nos ouviſſe. Agora, que eſtamos ſós, me day voſſa palavra de guardardes ſegredo, no que vos quero dizer, em quanto eu for vivo: e que nem deſpois de minha morte o deſcobrireis em outra parte, ſenaõ em Portugal, pera gloria de Deos, e da Virgem Maria ſua Mãy. E deſcançando hum pouco tornou a dizer: Eſta madrugada (podiaõ ſer duas horas antes de amanhecer) eſtava conſiderando as miſerias da vida, e lembrandome a gloria dos Bemaventurados, enchiame todo de ſaudades do Ceo, e apoz ellas de hum ardente deſejo de me ver fóra do mundo. Neſte ponto abrindo os olhos contra aquella parede, feriome nelles huma luz, que naõ ſey comparar a couſa da terra: vejo logo no meyo della huma Senhora ſobre hum trono aſſentada, com tal geſto, e mageſtade, que naõ duvidava ſer a Virgem Noſſa Senhora. Noto juntamente que de grande numero de Bemaventurados, que a ſercavaõ, ſe lhe inclinava hum, e com muita humildade lhe pedia ſe doeſſe de mim, e me levaſſe pera ſua companhia. Obrigoume a petiçaõ a olhallo com mais vontade: e vi que trazia em huma maõ hum fermoſo guiaõ atraveſſado de huma Cruz, e da outra humas balanças penduradas. Chegava logo outro, e com a meſma reverencia rogava tambem por mim: e pareciame que tinha nas maons hum caliz, e hum livro aberto, no qual ſe deixavaõ bem ler em letras de ouro as primeiras palavras do Evangelho de S. Joaõ: *In principio erat verbum.* Alegravame a viſta da Senhora, e o requerimento dos que por mim falavaõ, que polas inſignias naõ ſaõ outros ſe naõ aquelles a quem ſempre me encomendo: o Archanjo S. Miguel, e o amado de Jeſus S. Joaõ Evangeliſta. A Virgem entaõ pondo em mim os olhos de miſericordia diſſeme gracioſamente: Hoje viràs pera eſta companhia. Deſapareceo logo: mas o que ficou neſta alma de alivio, de conſolaçaõ, e goſto he tanto, que dou por bem empregados todos os trabalhos, e tormentos paſſados por me renderem tal viſta: e ſó me peza porque naõ foraõ muito maiores, pois o que agora vi, excede infinitamente tudo o que ſe póde dizer, e imaginar de gloria, e felicidades. Quando me chamaſtes acabava de me deixar eſta viſaõ, mas naõ acabava eu de me dar por deſpedido della, polo ſabor que lhe achava: e por iſſo vos naõ reſpondi logo.

Era o Confeſſor peſſoa de virtude,

tude, e eſpirito: deſpois de o ouvir com muytas lagrimas pareceolhe que ſeria genero de conſolaçaõ atribuir tudo a eſperanças, e promeſſas de ſaude: e aſſi o foi fazendo. Mas o Santo levantando as maons ao Ceo dizia: que outra ſaude naõ queria, nem outro bem ſenaõ o comprimento da palavra que ouvira: e entrando em devotos colloquios com Deos pola mercè prometida de averem de ter termo ſeus trabalhos naquelle dia, eſtava taõ contente, e bem aſſombrado, como qualquer outro enfermo pudera eſtar com certeza de vida. Paſſou aſſi o dia todo, e quando foy ſol poſto ſobreveolhe hum deſmayo, do qual deſpois que ſahio, ficou muito enfraquecido, e ſintindo que acabava, fez a confiſſaõ geral, e huma devota proteſtaçaõ da fé, e pedio ao Confeſſor lhe aplicaſſe huma indulgencia plenaria, que pera aquella hora lhe tinhaõ concedido os Papas Martinho Quinto, e Eugenio Quarto: e recebendo com ella a bençaõ do Confeſſor acabou em paz aos ſinquo de Julho do anno de 1443.

CAPITULO XXXII.

Dos improperios que os infeis fizeraõ ao corpo do Santo: e das maravilhas que por elle obrou o Senhor: e como foy trazido a Portugal.

FAlecido o Infante mandou Lazarac aos ſeus que logo abriſſem o corpo pera ſer embalſamado: mas naõ ouve nenhum que ſe atreveſſe a pòr ferro em ſeu ſenhor affirmando todos que morreriaõ primeiro que fazer tal officio. O que fizeraõ foy tirarlhe as cadeas, e beijarlhe cada hum os pès com devaçaõ, e humildade, como a Santo, e como a ſenhor ſeu. Trouxeraõ logo os guardas outro cativo, que comprio o mandado, e deſpejado o corpo dos inteſtinos encheo o vazio de ſal, e folhas de murta, e louro (que iſto chamavaõ embalſamar) e os criados recolheraõ o coraçaõ, e mais interiores com tal ordem, e cuidado que vieraõ deſpois a Portugal, e como reliquias ſantas foraõ recebidos, e recolhidos na ſua ſepultura do Convento da Batalha. Mas os Mouros, tanto que o corpo foy a eſte modo compoſto, fizeraõno pendurar do muro junto a huma porta da cidade atado polos peis, e nù (beſtial crueldade, e pouca lembrança da ſorte humana) e naõ pararaõ aqui. Fez Lazarac ajuntar o povo, e trouxe a el Rey, que por elle era governado, e mandado em tudo, ao triunfo de hum defunto. Jugaraõ canas, diſſeraõ afrontas, fizeraõ eſcarneo contra o corpo ſanto, permittindo o Senhor que tiveſſe ainda eſte genero de martyrio deſpois de morto, pera lhe augmentar gràos de gloria no Ceo, e nova honra na terra, como logo ſe vio, e foy aſſi.

Aos tres dias deſpois de pendurado paſſou polo lugar hum cego muyto conhecido na cidade que pedia de porta em porta o remedio de ſua vida: e como tinha ouvido que eſtava alli o corpo do Santo, diſſe a hum minino que o guiava, que o chegaſſe bem perto aonde eſtava o Principe Chriſtaõ. Parece que foy inſtincto do Ceo, e força de predeſtinaçaõ: chegouſe tanto, que

que ficou em parte, donde no veſtido lhe cairaõ humas gotas do humor que da ſanta Reliquia deſtilava: ſentioas, tentouas com as maons, e levandoas aos olhos no meſmo ponto ſe achou com viſta, e luz nelles: e foy tanta a que neſta hora recebeo, que paſſou dos olhos à alma, e cheyo de eſpirito do Senhor levantou altas vozes dizendo, que elle cria na fé daquelle Principe ſanto, que alli injuſtamente eſtava mal tratado, e nella queria viver, e morrer. Naõ foi neceſſario muita repitiçaõ de brados: aos primeiros foy arrebatado, e levado diante del Rey; e naõ ſe desdizendo por nenhum medo nem ameaças, foy logo arraſtado, e apedrejado. E aconteceo pera maior gloria de Deos, e de ſeus Santos, que ſem ſaberem o que faziaõ, deraõ honra de Santo ao que ontem era infiel, e honraraõ a quem cuidavaõ afrontar. Porque ſendo morto o levaraõ a enterrar com feſta popular fóra da cidade, e ſobre o lugar levantaraõ por memoria da vingança hum cubelo cuberto de telha vidrada de branco, e azul, que ficou ſendo memoria de triunfo, e ſantidade: e foy fama que muytas noites o viraõ os Mouros arder em reſplandores.

Muitas outras maravilhas obrou o Senhor polo ſanto Infante entre eſtes infieis: ſoubeſe que levavaõ os Mouros a terra onde cahia aquella humidade que diſſemos, pera remedio de infermidades com effeito taõ certo, com tanta preſſa, e em tanta quantidade, que em pouco tempo avia no ſitio huma grande concavidade aberta. Lançavaõna ao peſcoço dos enfermos em ſuas nominas, e atè aos bois, e outros animaes, a que a aplicavaõ, dava ſaude. E pode ſer que iſto foy cauſa pera os que governavaõ, mandarem recolher o corpo em hum caixaõ, onde eſteve muitos annos ſobre o meſmo muro.

Paſſados alguns annos, foraõ reſgatados o Secretario do Infante Joaõ Alverez, e ſeu Capellaõ Pero Vaz, e trouxeraõ conſigo as Reliquias que ſalvaraõ no dia, em que como diſſemos, foy aberto, e poſtas em hum cofre entraraõ com ellas em Santarem, onde ſe achava el Rey dom Afonſo Quinto ſeu ſobrinho, por Janeiro do anno de 1451, o qual as mandou recolher com ſolenidade na ſua ſepultura deſte Convento. Mas naõ quiz o Senhor que terra infiel, e enemiga comeſſe o corpo do ſeu Santo, e ordenou que vinte annos deſpois de chegadas as primeiras Reliquias tendo o meſmo Rey conquiſtado a villa de Arzilla em Africa, e ganhado a cidade de Tangere, vieſſe inteiro a eſte Reyno aſſi como eſtava ſobre os muros de Fez. Nos meyos, e modos por que foy trazido ha variedade entre os eſcritores, concordando todos na certeza da vinda. Chegando a Lisboa foy depoſitado no noſſo moſteyro de Freiras do Salvador, onde a Cronica del Rey dom Afonſo diz, que prègou o Prior de S. Domingos da cidade, que era o Doutor Frey Afonſo de Evora: e aponta que fora o ſermaõ taõ devoto, que toda a feſta, e ſolenidade ſe convertera em lagrimas dos ouvintes. Daqui foy paſſado com real pompa, e acompanhamento dé Prelados, e Fidalgos ao Con-

Cronica del Rey dom Afonſo V. por Zurara.

Convento da Batalha : onde os muitos milagres que entre os Frades, e por toda aquella comarca tem obrado ſua interceſſaõ, lhe grangearaõ tal fama, e devaçaõ, que perdido o nome proprio naõ he conhecido hoje, ſenaõ polo de Infante Santo. E porque noſſa natureza de ſofrega pera o que eſtima, e ama, naõ ſe contenta com menos que ver, e tocar: atreveoſe a curioſidade, ou a devaçaõ a dar furo ao marmore do moimento, polo qual os devotos, e neceſſitados tocaõ com huma vara os cofres de madeira em que eſtaõ encerradas as ſantas Reliquias, e beijandoa devotamente ſatisfazem com ſua fé, e piadoſa tençaõ.

CAPITULO XXXIII.

Em que ſe faz memoria de alguns ſinays, e teſtimunhos callificados da virtude del Rey dom Joaõ ſegundo que neſte Convento eſtà em depoſito.

MUitos Conventos ha inſignes, e famoſos por ſepulturas de Reys, mas por Reys, e principes ſantos ha muy poucos como eſte da Batalha, onde temos tantos, que o podemos chamar ſacrario de ſantidade Real : porque alem do que temos viſto do Fundador delle dom Joaõ o Primeiro, e ſobre o eſtremo de virtudes da Rainha dona Filippa, e de ſeus dous filhos os Infantes dom Fernando de quem brevemente diſſemos, e dom Enrique de quem puderamos dizer muito. Mereciaõ nova, e larga eſcritura a peſſoa, e excellencias de bom governo (ainda que pouco venturoſo em tempo, e ſucceſſos) del Rey dom Duarte, e da Rainha dona Lianor ſuma molher. E naõ mereciaõ menos o braço invencivel contra Mouros del Rey dom Afonſo Quinto, e a ſantidade da Rainha dona Iſabel ſua molher filha do Infante dom Pedro, ſantidade acompanhada de perpetuas magoas, e lagrimas nunca enxutas, que lhe encurtaraõ a vida cauſadas de ver em diſcordia, e poſtos em campo os dous penhores que mais obrigaçaõ tinha de amar, e mais amava na terra, que eraõ ſeu pay, e ſeu marido. Se naõ fora deſviarmonos de noſſo intento mais do que permittem as leis da hiſtoria, poderamos dizer muyto deſtes Principes : mas remetendo o leitor às Cronicas do Reyno, diremos brevemente alguma couſa do ultimo que aqui eſcolheo ſepultura, e ainda hoje a naõ tem mais que por depoſito, que he el Rey dom Joaõ Segundo. E jà diſſemos como eſtà recolhido na Capella de Noſſa Senhora da Piedade. Falecendo na villa de Alvor no Algarve em idade de quarenta annos, e alguns mezes mais, foy enterrado na Sè Catedral de Silves. Alli começou a correr fama que a terra de ſua ſepultura era remedio contra doenças de febres. Foraõ muitos os que acodiraõ a valerſe della : e o ſucceſſo foy taõ provado, que o Biſpo do Algarve mandou fazer inquiriçaõ polo ſeu Vigario Geral com o Conego Alvaro Fernandes por adjunto, polo qual parecem juſtificados ſeis caſos diſtintos de peſſoas conhecidas que ſararaõ com aquella terra : e algumas das teſtimunhas affirmaõ de muytas outras ſem nome, que al-

cançaraõ ſaude com o meſmo remedio. Do auto deſta inquiriçaõ feito em Sylves no anno de 1497 veyo a noſſas maons hum treslado autentico, aſſinado em publico por Luis Diaz de Beça Taballiaõ, e concertado com Gonſaleanes eſcrivaõ: e nelle ſe declara que aſſiſtio à inquiriçaõ o Bacharel Eſtevaõ Diaz Corregedor do Algarve, por quem parece aſſinado o treslado que dizemos.

Verificaõſe eſtes teſtimunhos com o que eſcreve Damiaõ de Goes, que ſuccedeo nas exequias ſolenes que el Rey dom Manoel lhe mandou fazer em ſua tresladaçaõ quatro annos deſpois. Affirma eſte Croniſta, que andando na voz do povo, que obrava Deos por elle alguns milagres, ſe publicara no ſermaõ das exequias, que quando fora deſenterrado em Sylves ſe achara a madeira do caixaõ queimada, e quaſi conſumida da força da cal viva, com que o corpo fora cuberto pera ſe gaſtar brevemente, e aſſi a mortalha, e huma alcatifa: mas o corpo eſtava inteiro, limpo, e ſaõ, e a cabeça, e roſto cuberto de todo ſeu cabello, e barba, como quando vivia: e que eſpantando muito tal viſta em corpo mortal, e corruptivel, por ſe ver que naõ fora acompanhado de nenhum genero de materiaes aromaticos, nem ajudado de outros feitios, que preſervaõ de corrupçaõ: cauſara mais eſpanto em todos os preſentes hum cheiro ſuave, que delle procedia. Foy o Prègador dom Diogo Ortiz Biſpo de Tangere peſſoa de provada virtude, que fora Capellaõ mòr do meſmo Rey. Mas o que elle refirio em voz confirma hoje a viſta de olhos, ſendo compridos no anno de 1621, que iſto vamos eſcrevendo, cento e vinte e ſinco que foi enterrado. Eſtà ſeu corpo taõ inteiro como o dia que faleceo ſem lhe faltar mais que a ponta do nariz: e em tudo o mais ſe moſtra taõ longe de corrupçaõ que huma colcha, e lençol em que foy envolto na tresladaçaõ conſerva hoje ſua primeira viſta, força, e alvura, como ſe eſtiveraõ guardados em bons cofres, e entre roupa ſemelhante, ou lha pudera communicar hum corpo defunto. Informado el Rey dom Sebaſtiaõ do que temos dito quiz ver eſta maravilha. Moſtrouſelhe (que he facil de ver como eſtà ſem moimento de pedra.) Encheoſe o Rey moço de reſpeito com tal viſta, e fezlhe reverencia como a Santo. Paſſou deſpois à curioſidades, e como quem tinha brios de valente, e ſabia que o fora o Santo, quiz ver como lhe eſtava a eſpada na maõ. Mandouo levantar em pè, e meteolhe nella a ſua propria, que no Convento ſe guardava: e vendoo neſta poſtura diſſe pera o Duque de Aveiro dom Jorze que o acompanhava, que beijaſſe à maõ a ſeu viſavo: o que elle fez beijandoa primeiro a qdem lho mandava. Acrecentou el Rey falando com o Duque, e com os olhos no defunto eſtas palavras. Duque, eſte foy o melhor official que ouve de noſſo officio. E todas as vezes que ſuccedia falar nelle em outras occaſioens, chamavalhe o ſeu Rey. Ditoſo: ſe o ſoubera imitar na prudencia, como o quiz paſſar na valentia.

Part. 1. c. 45. da Cronic. del Rey dom Manoel.

Acharaõſe a el Rey dom Joaõ por

por morte algumas couſas guardadas, e fechadas de ſua maõ, que ſendo deſacoſtumadas em taõ alto eſtado, conformaõ bem com o que vamos contando: eraõ inſtrumentos de penitencia, e devaçaõ. Iſto affirma ſeu Croniſta eſcrevendo em tempo que naõ pode nenhum eſcrupuloſo cuidar, que o faria deſviar da verdade deſejo vaõ de comprazer ou adular.

Mas cerraremos eſte Capitulo com huma prova ſemelhante a outras que jà vaõ neſta eſcritura que hum prelado noſſo fez: naõ devia ſer ſem bom eſpirito, porque o tinha elle tal. Era Prior deſte Convento polos annos do Senhor de 1570 o Padre Frey Franciſco de Orta Meſtre em ſagrada Theologia. Quis fazer hum officio ſolene a eſte Rey como he coſtume: e porque tinha ouvido dizer que ſe naõ gaſtava nelle a cera, por muito que ardeſſe mandou peſar em ſua preſença, e doutros Padres vinte e ſeis tochas, e fez tomar por eſcrito o peſo, que foy de ſinquo arrobas e ſete arrateis e meyo, e ordenou que ſe achaſſem preſentes o eſcrivaõ das obras do moſteyro, que he miniſtro poſto por el Rey, e o cerieyro dono da cera, a quem tocava arderem bem por ſeu intereſſe. Arderaõ às veſperas que foraõ cantadas, e deſpois no dia ſeguinte a todo o officio, Miſſa, e prègaçaõ (que jà diſſemos atràs he coſtume prègarſe neſtas honras, e nas del Rey dom Joaõ Primeiro.) Acabada a ſolenidade, peſouſe de novo a cera diante dos meſmos Padres, e acharaõ que do primeiro peſo naõ quebrara mais em todas vinte e ſeis que hum ſó arratel, porque peſaraõ deſpois de ardidas ao juſto ſinquo arrobas, e ſeys arrateis e meyo. Deſta maravilha, que por tal foy avida por todos os que preſentes foraõ a hum, e outro peſo, mandou o Prior fazer auto publico em que aſſinaraõ elle, e os mais.

CAPITULO XXXIIII.

De algumas graças, que el Rey dom Afonſo Quinto impetrou da Sè Apoſtolica pera eſte Convento.

EL Rey dom Afonſo Quinto, deſejando honrar eſta caſa por todas as vias, impetrou em ſeu favor do Papa Pio Segundo hum Breve muy importante. Porque ſendo de credito, e honra pera os Religioſos no eſpiritual, tambem redundou no temporal, como começaraõ a poſſuir bens de raiz. Foy o favor livrallos de pagar dizimos de ſuas quintas, e granjas, e izentouos de lançamentos pera ſubſidios, e de outras obrigaçoens, com que ficaraõ adiantando na renda tudo quanto eſtas couſas lhe faziaõ, ou podiaõ fazer de dano, que naõ era pouco alem dos encontros, e moleſtias que tinhaõ com os Ordinarios nas pagas, e execuçoens dellas. Concedeolhes mais que o Prior poſſa nomear dous Religioſos, os quaes poſſaõ por todo o anno ouvir confiſſoens, e abſolver os penitentes de todos os caſos que tocaõ aos Ordinarios exceito em dias Paſcoaes. O Breve he o ſeguinte.

PIus Epiſcopus ſeruus ſeruorum Dei dilectis filijs Priori, & Fratribus Beatæ Mariæ de Victoria Ordinis Prædicatorum Collimbrienſis Diœceſis ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Sacræ Religionis, ſub qua devotum & ſedulum exhibetis Altiſſimo famulatum, promeretur honeſtas, vt vos & pro tempore exiſtentes Priorem & fratres ſpecialibus fauoribus & gratijs proſequamur : illaque vobis & eis gratiosè concedamus, per quæ à perturbationibus ſecuri poſſitis cum animi quiete Domino deſeruire. Hinc eſt, quòd nos, chariſſimi in Chriſto filij noſtri Alfonſi Portugalliæ & Algarbij Regis illuſtris in hac parte ſupplicationibus inclinati omnes & ſingulas exemptiones, gratias, immunitates, & priuilegia vobis & domui veſtræ, nec non præfato Ordini Prædicatorum ſub quacumque verborum forma per prædeceſſores noſtros Romanos Pontifices conceſſa, autoritate Apoſtolica tenore præſentium de eſpeciali gratia in fauorem Regum in dicto Monaſterio ſepultorum, quorum omnium & ſingulorum tenores, ac ſi de verbo ad verbum inſerti forent præſentibus, haberi volumus pro expreſſis, ex certa ſcientia confirmamus & approbamus : ac vobis & pro tempore exiſtentibus dicti Conventus Priori & Fratribus, quod illis & etiam alijs per Sedem Apoſtolicam concedendis, gaudere & vti liberé: necnon tertiam, quartam, ſeu quintam, aut alias, partem ſeu portionem occaſione fructuum, bonorum mobilium, & immobilium, & ſe mouentium à colonis, ſeu ab alijs quibuſuis perſonis, vobis perſoluendam integraliter abſque diminutione & ſubtractione alicuius decimæ, tam in maiori anno, quam alias qualitercumque & quomodocumque, quam vobis & ipſi Monaſterio concedimus percipere, recipere, & retinere liberè & licitè valeatis, eadem autoritate indulgemus : præfatumque Monaſterium veſtrum à ſolutione cuiuſcumque quartæ portionis, ratione funeris, aut alias quibuſuis obuentionibus quomodocumque & qualitercumque ipſi Monaſterio datis, oblatis & conceſſis, ſiue redditis, dandis, offerendis, & relinquendis de nouo, de ſpeciali gratia perpetuò eximimus, & totaliter liberamus. Quodque etiam Monaſterium ipſum, ſeu Priorem & Fratres eiuſ-

eiuſdem, ac ipſius gubernatores ratione domorum, locorum aut quorumcumque præfatorum bonorum mobilium, & immobilium, & ſe mouentium, ſeu quarumcumque poſſeſſionum, quæ & quas in præſentiarum vbilibet habent, & iuſtis modis præſtante Domino habebunt in futurum, ſeu alia quauis occaſione, decimas prædiales prætextu fructuum prædictorum bonorum, vel aliam partem, portionem, ſeu annuos redditus, aut cenſum, vbicumque poſſeſſiones ipſæ conſiſtant, Ordinarijs, vel aliam ſubuentionem legatis, ſeu delegatis, vel Nuntijs Sedis Apoſtolicæ & Ordinarijs locorum, aut Eccleſiarum Rectoribus, vel alijs quibuslibet perſonis, etiam ſæcularibus, dare & ſoluere minimè teneantur : neque ad id præfatum Monaſterium poſſit compelli, vel ſuper hoc, aut alias à quoquam quomodolibet Conuentu per literas Apoſtolicas aut Legatorum, ſeu delegatorum, aut Notariorum ipſius, vel diœceſanorum locorum, & Rectorum, terrarum Eccleſiæ Romanæ, ſiue quorumcumque aliorum, etiam ſi in eiſdem literis Apoſtolicis contineatur expreſsè, quod ad quæuis exempta, vel non exempta ſe extendat, niſi expreſſam, ac de verbo ad verbum mentionem de præſentibus fecerint ſpecialem: quodque Prior præfati Monaſterij, vel præſidens duos fratres eligere, ipſoſque pro tempore mutare ad confeſſiones ſecularium, exceptis diebus Paſchalibus audiendas : qui quidem fratres electi perſonas vtriuſque ſexus & Religionis cuiuſcumque diœceſis audire, eaſque ab omnibus caſibus Ordinariorum abſoluere, eiſque pœnitentias ſalutares iniungere, aliaque ſacramenta conferre, quæ ad ſalutem animarum conferuntur, liberè valeant atque poſſint, eadem autoritate decernimus, & declaramus, ac pariter vobis concedimus per præſentes : non obſtantibus quoad omnia & ſingula præmiſſa, Conſtitutionibus, declarationibus, reuocationibus, ſeu ordinationibus Apoſtolicis, ac ſtatutis, vel conſuetudinibus Prouinciarum, necnon priuilegijs, gratijs, literis, conceſſionibus Apoſtolicis in genere, vel in ſpecie quibuſuis perſonis, ſeu Eccleſijs ac Monaſterijs & locis conceſſis, aut in poſterum concedendis ſub quauis forma, vel expreſſione verborum, ac ſi de eis & earum toto tenore de verbo ad verbum habenda eſſet in præſentibus mentio ſpecialis : &

præ-

præſertim per fælicis recordationis Clementem Quintum editam in Concilio Vienenſi, quæ incipit, Dudum, &c. necnon piæ memoriæ Martinum Quintum & Eugenium Quartum, & Nicolaum Quintum, ac etiam Calixtum Tertium prædeceſſores noſtros, & quoſcumque alios Romanos Pontifices prædeceſſores noſtros qualitercumque factis, aut alijs communis iuris diſpoſitionibus, ſub quibus has noſtras nolumus comprehendi, cæteriſque contrarijs quibuſcumque. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam noſtræ confirmationis, approbationis, conceſſionis, exemptionis, liberationis, & declarationis infringere, vel ei auſu temerario contraire. Si quis autem hoc attentare præſumpſerit, indignationem Omnipotentis Dei, & Beatorum Petri & Pauli Apoſtolorum eius, ſe nouerit incurſurum. Datum Romæ apud S. Petrum anno Incarnationis Domini M. CCCC. LVIII. pridie Cal. Ianuarij Pontificatus noſtri anno primo.

Naõ damos o vulgar deſte Breve, porque jà apontamos a ſuſtancia delle na entrada do capitulo, que baſta pera os que naõ ſabem Latim.

Do meſmo Papa Pio Segundo, e no meſmo anno primeiro de ſeu Pontificado alcançou eſte Rey outro Breve que começa: *Pia conſideratione &c.* Polo qual dà licença pera ſe unirem a eſte Moſteyro pera a fabrica delle tres Igrejas do Padroado Real, de qualquer renda que ſejaõ. Moſtrava el Rey animo de acrecentar muito eſte Convento, porque nos conſta de outra ſemelhante graça, que à ſua inſtancia lhe tinha concedido o Papa Nicolao Quinto no anno ſexto de ſeu Pentificado, que cahio no de 1452. E começa a Bulla: *Romanus Pontifex, &c.* Da qual ſe naõ contentou nem uzou, porque o Pontifice taxava a renda das Igrejas, que ſe aviaõ de annexar, e mandava que naõ paſſaſſe de mil livras. E por eſſa rezaõ procurou o Breve ſem limite, de que agora falamos. E com tudo ſendo taõ cuydadoſo em pedir o que eſtava em maõ alheya, foy deſcuydado em dar o que tinha na ſua. E na verdade por eſta via podera eſtar hoje a caſa naõ ſó competente, e abundantemente provida contra todos os danos, que o diſcurſo do tempo vay cauſando em tudo, mas com forças, e nervo de dinheiro pera ſe acabar a capella imperfeita del Rey dom Manoel: e naõ ſe perder antes de chegada à ſua perfeiçaõ huma obra de tantas excellencias.

CA-

CAPITULO XXXV.

Das memorias que el Rey dom Manoel deixou neſte Convento: e da renda que os Reys dom Filippe Primeiro, e ſegundo de Portugal lhe deraõ.

EL Rey dom Manoel foy o que ſe aventejou a todos ſeus anteceſſores em augmentar, e ennobrecer eſte Convento com effeitos, e deſpeſas, e mercès Reaes. Porque a grande, e cuſtoſa obra da capella, que chamamos imperfeita, ou naceo de ſua traça, e ordem, e ſegundo parece dos muitos ſinaes, que atràs deixamos em ſeu lugar apontados, ou de ſua fazenda, e conſentimento, ſendo autora della a valeroſa Raynha dona Lianor ſua irmam. E aſſi por huma, ou outra via a podemos contar por ſua. Deſpois que as boas venturas, e grandezas do Oriente lhe fizeraõ cobiçar hum jazigo particularmente ſeu entre profidos, e jáſpes, e ſobre elefantes, em teſtimunho das novas terras, que por ſeu poder tinha conquiſtado, deixou a caſa alheya: e atè as empreſas, e letras enigmaticas, que nella eſtavaõ por ſuas, enjeitou, fundando o famoſo Moſteiro de Belem ſobre a barra de Lisboa. Mas ſe bem mudou o lugar, naõ perdeo nunca o amor ao Convento de ſeus mayores, pera deixar de lhe fazer honra, e mercè. Foy a primeira ordenar nelle huma perpetua memoria ſua, mandando celebrar huma Miſſa cantada aos Anjos no primeiro dia de cada mez: e quotidianamente no Coro tres Antifonas com ſuas oraçoens: huma a Noſſa Senhora, outra ao Archanjo S. Miguel, terceira ao Doutor da Igreja S. Jeronymo: e por taõ leve obrigaçaõ fez eſmola à caſa por Março de 1501 de huns lagares, e moendas de azeite na villa de Torres novas, com ſeus aſſentos de caſas, e levadas de agoa, fazenda de importancia, que mandara fabricar a Raynha dona Iſabel ſua primeira molher. Tambem lhe fez doaçaõ de huns grandes chaons com fornos de cal, e telhaes, que antigamente foraõ comprados pera ſerviço das obras do Convento quando ſe edificava. E ultimamente crecendo a povoaçaõ que oje vemos ao longo delle com a commodidade, e nobreza do edificio em tanto numero de gente de todas ſortes, e eſtados, que fazia jà hum bom lugar, e uſava do meſmo nome, que foy cauſa da fundaçaõ do Convento, chamandoſe o lugar da Batalha: e ſendo aſſi que pola vizinhança pertencia ſeu julgado, e governo à cidade de Leiria, o meſmo Rey o deſmembrou della, e o fez villa, com todos os privilegios, honras, e liberdades das mais villas do Reyno, e he conhecida pola villa da Batalha. 1501.

Reynando el Rey dom Joaõ Terceiro, hum Nuncio do Pontifice Paulo Terceiro, que neſte Reyno aſſiſtia, que era o Biſpo Valuenſe Pompeyo Zambicario concedeo por autoridade Apoſtolica aos Priores deſte Real Convento, que podeſſem mandar dar nelle Ordens ſacras aos ſeus Religioſos, e eſcolher pera iſſo qualquer Biſpo, como teveſſe licença pera ordenar fóra de ſua dioceſi, e os ordenantes foſſem idoneos: e alargando

mais

mais a graça acrecentou, que ſe podeſſem conferir, ainda que foſſe extra tempora.

El Rey dom Filippe Primeiro de Portugal, e ſegundo de todos os mais Reynos de Eſpanha, reſpeitou tambem eſta caſa de maneira, que ſem a ver nunca, foy aquelle que mayor renda lhe deu, ſegundo o que atràs diſſemos, quando tratamos das offertas dos Reys ſeus anteceſſores: porque com o novo orſamento que mandou fazer dos preços juſtos das couſas, a reſpeito do tempo preſente, fazendo juſtiça nos fez mais favor que todos os paſſados.

Ultimamente el Rey ſeu filho que no meſmo mez, e anno que iſto vamos eſcrevendo ſe foy ao Ceo gozar os premios de ſua grande, e natural bondade, como lhe foy ſemelhante no nome, naõ quiz ſer differente nas obras pera com eſte Convento: e foy o primeiro que deu à execuçaõ os Breves Apoſtolicos impetrados por el Rey dom Afonſo Quinto, aplicando pera a fabrica de pedra, e cal, e neceſſidades do edificio, o rendimento da Igreja da villa, e Conſelho de Luymil no Biſpado de Lamego. He a Igreja do Padroado Real, e de taõ bom rendimento, que tiradas deſpeſas ordinarias manda liquidos ao Convento trezentos e cincoenta mil reis em cada hum anno.

CAPITULO XXXVI.

Aſſentaõſe eſtudos neſte Convento: fazſe memoria de alguns Religioſos que lhe pertencem, e do Padre Frey Amador Anriquez filho delle.

PEdiaõ as grandes calidades deſta caſa naõ lhe faltarem a Provincia, e Padres della em imitar os Reys no que de ſua parte podeſſem fazer pera augmento de grandeza, e luſtre. Aſſi ordenaraõ que foſſe aſſento de huma das Univerſidades da Provincia: e foy feita eſta ordenaçaõ no Capitulo Provincial, que em Lisboa ſe celebrou em vinte e cinco de Abril do anno de 1540, em que foy eleito em Provincial o Padre Meſtre Frey Jeronymo de Padilha, hum daquelles Padres, que à inſtancia del Rey dom Joaõ Terceiro eraõ vindos de Caſtella a titulo de Reformadores da Obſervancia. Foraõ Diffinidores neſte Capitulo o Padre Frey Paulo Sotelo, e os Doutores Frey Jorge Vogado, Frey Amador Anriquez, e Frey Afonſo de Madrid. As palavras das Actas ſaõ as ſeguintes. 1540.

QUoniam circà ſtudium ſumma eſt habenda diligentia certiſſimum certe medium ad Ordinis cuſtodiam, & ad profectum morum proferendum, propter quem Ordo noſter dignoſcitur inſtitutus: ordinamus, & mandamus quòd in ſubſequentibus Conuertibus ſtudium ſemper vigeat. In primis in noſtro Conuentu de Victoria ſit ſtudium Artium & Theologiæ. Lectorem Artium aſſignamus Pa-

Patrem Fratrem Bartholomæum das Martens, & in Lectorem Theologiæ, & ſtudij Regentem Fratrem Antonium Farto.

E he de ſaber, que atè entaõ naõ avia outra Univerſidade na Provincia, exceito a do Convento de Lisboa, inſtituida por el Rey dom Manoel em fórma de Collegio, com titulo de Santo Thomas, pera certo numero de Collegiaes, e ſuas particulares leys, como diremos ao diante, quando chegarmos aos annos, em que foi tresladado pera a cidade de Coimbra, onde ſe lhe fez caſa. O eſtudo dos mais Conventos, de que as Actas falaõ, advertimos que eraõ ſómente de Grammatica em muitos: e de Theologia moral, e Caſos de conſciencia em dous, que eraõ Santarem, e Guimaraens. E porque el Rey dom Joaõ o Terceiro foy de parecer que ſe paſſaſſe eſte Real Collegio de Lisboa pera a Batalha, com tençaõ de o transferir dahi pera Coimbra, como fez tanto que ouve gaſalhado capaz no edificio que ſe começava: ficou Frey Bertolomeu Leitor de Artes nelle ſegunda vez, mudado ſómente o lugar, como eſcrevemos em ſua vida, porque por eſtes degràos foy ſobindo atè chegar a ſe aſſentar na cadeira ſuprema, e Primacia de Eſpanha, que he a cidade de Braga. Deſde entaõ ficou tambem em Lisboa Univerſidade formada, por honra, e autoridade da cidade, e do Convento: e a outra ficou na Batalha, onde o lugar ſolitario, e a boa ſombra da caſa ajudaõ muito o eſtudo, e exercicios das letras, e nellas tem produzido homens inſignes: dos quaes nomearemos alguns em ſeus lugares, deſpois que dermos noticia, como he rezaõ, dos que della foraõ filhos de habito, e mereceraõ por virtude, e partes terem lugar na Provincia, e fama, e honra no Reyno.

Entre todos parece deverſe primeiro lugar ao Padre Frey Lourenço Lamprea confeſſor do meſmo Rey, que nos deu a caſa, pois de ſua palavra, e teſtimunhos ſabemos que por elle ſe inclinou a lhe parecer bem entregalla à Ordem de S. Domingos. E naõ ſe póde duvidar que deviaõ concorrer nelle partes de virtude, letras, e conſelho que o fizeſſem digno do lugar, que tinha com tal Rey. E como a grande antiguidade nos eſcondeo a caſa de que verdadeiramente foy filho, bem merece que fique com memoria neſta que nos procurou.

O meſmo lugar nos eſtà merecendo o Padre Frey Joaõ Martins Meſtre em Theologia, que por ſinelado em virtudes foy o primeiro que a Ordem mandou aſſiſtir nos principios do Convento.

Mas he magoa que muito ſe faz ſintir por ſer ſem remedio, que em cento e dez annos que correraõ desdo anno de 1388, em que el Rey deu o Convento à Ordem, atè o de 1498 naõ ficaſſe lembrança nelle de nenhum filho mais que do Padre Frey Amador Anriquez, que nelle profeſſou em onze de Novembro deſte anno de mil e quatro cen-

tos, e noventa, e oito. Foy eſte Padre Meſtre em Theologia, e celebrado polos antigos por excellencia de pulpito: e governou muytos annos os Conventos deſte Reyno, e o ſeu da Batalha. Na entrada do anno de 1534 foy eleyto no Capitulo que ſe fez em Evora em Provincial a inſtancia, e por ordem del Rey dom Joaõ o Terceyro. Acabava entaõ ſeu cargo o Provincial Frey Jorge Vogado, e Frey Amador era actualmente Prior de Lisboa. E notouſe que quiz el Rey carregar tanto a maõ em o favorecer, que ſendo coſtume entaõ ficar governando a Provincia com titulo de Vigario geral o Prior em cuja caſa ſe tinha o Capitulo, atè ſer confirmado o eleito: e tocando ao Prior de Evora eſta honra, que era o Doutor Frey Antonio Freire, peſſoa de grandes calidades, foy traça do meſmo Rey, que largaſſe o cargo a Frey Amador, e foſſe a negocio de ſeu ſerviço fóra da Provincia. Aſſi ficou Frey Amador governando logo. Mas ou foſſe que o favor, e proſperidade o fizeſſe deſcuidar de ſuas obrigaçoens, como acontece a muytos, ou que ſua natureza foſſe melhor pera obedecer que pera mandar: quando concluhio ſeu quadriennio, foy penitenciado no Capitulo com huma pena de gravior culpa, e condenado a ſeis mezes de recluſaõ no Convento da Serra de Almeirim. Saõ as palavras do Diffinitorio.

Item quia frater Amator Anriquez in ſuo officio Provincialatus valdè negligenter ſe habuit culpas diſſimulando, & non corripiendo delinquentes, vt bonum paſtorem decet: vnde prouincia deſolata eſt, tam in ſpiritualibus, quàm in temporalibus, ideò eum condemnamus ad pœnam grauioris culpæ ſimpliciter, & eundem ad officia omnia Ordinis in perpetuum inhabilitamus, & in Conuentu de Serra aſſignamus, quem pro carcere per ſex menſes ei damus.

E he bem de conſiderar a inteireza dos Padres daquelle tempo, que naõ avendo no condenado culpas mais graves que de froxidaõ, e negligencia, porque em ſua peſſoa ſe naõ achava tacha, eſſas baſtaraõ pera o caſtigo. Mas naõ nos deve paſſar por alto a grande moderaçaõ del Rey, que tendo feito tanto emprego de ſeu poder em favor do homem na eleiçaõ, quando veyo à pena deixou correr a Ordem em ſeus eſtilos. Porem Frey Amador ſe governou neſta adverſidade com tanto entendimento, que lhe redundou em nova honra pera com a Religiaõ, e em grandes gràos de gloria pera com Deos. Quando chegou o Capitulo ſeguinte, em que foy eleito Provincial o Padre Frey Jeronymo de Padilha, veyo ja aſſiſtir nelle feito Prior da meſma caſa que ſe lhe dera por carcere, que era o Convento

vento da Serra, e foy diffinidor no meſmo Capitulo. Daqui ſe fez affinar neſte ſeu Convento da Batalha donde era filho, e nelle ſe entregou todo a Deos, e acabou ſantamente, conhecendo muito o dia de ſua morte, e declarandoo aos Frades ao certo.

CAPITULO XXXVII.

Do Padre Meſtre, e Inquiſidor Frey Jeronymo da Azambuja, ou Oleaſtro.

1520. EM ſeis de Outubro do anno de 1520 achamos que profeſſou neſte Convento o Padre Meſtre Frey Jeronymo da Azambuja, taõ conhecido por toda a Chriſtandade polo nome de Oleaſtro, que na lingua Latina he o meſmo que Zambujo, que poucos autores ha que o ſejaõ mais. Deulhe eſta fama a ſoberana erudiçaõ de ſeus eſcritos, ſó com huma pequena parte que imprimio ſobre os ſinco livros de Moyſes: digo pequena a comparaçaõ do muyto que toda a vida eſcreveo, e trabalhou. Era muy verſado na Theologia Eſcolaſtica, e ajudavao hum grande conhecimento que tinha das linguas Hebraica, e Grega: o que junto com hum juizo muy aſſentado, e acompanhado de grande agudeza de engenho produzia partos admiraveis. E tal he tudo o que deixou eſcrito aſſi na ſuſtancia, como na ordem pera aproveitar aos eſtudioſos: porque declara primeiro o ſentido literal, e logo vai moralizando os paſſos, e levantando conceitos com tanta erudiçaõ, e aviſo, que enſinando muyto, naõ deleita menos. Aſſi faz grande laſtima a todos os homens de letras naõ acabarem de chegar à impreſſaõ ſuas obras: das quaes ſe pòde temer que andando como andaõ eſcritas de maõ, ou ſe viraõ a perder, ou publicar em nome alheyo. As que deixou em limpo, e a ponto de poderem ſair em publico, ſaõ ſobre os Pſalmos, e ſobre os livros dos Reys, ſobre Iſayas, e Jeremias, e ſobre os doze Profetas menores: e affirmaſe que tinha eſcrito ſobre todo o reſtante da Biblia. Agora de proximo ſe imprimio em França à inſtancia do Padre meſtre Fey Pedro Calvo o que tinha eſcrito ſobre Iſayas. He hum grande volume lido com grande admiraçaõ de todos os doutos.

Como era conhecido por homem de tantas partes, deſpachouo el Rey por ſeu Theologo pera o Concilio de Trento quando primeiramente ſe abrio por fim do anno de 1545 com outros dous Religioſos da meſma Ordem. E no pouco tempo, que deſta vez durou aquella ſagrada junta, deu grande final de ſuas letras religiaõ, e Chriſtandade. Donde naceo que tornando ao Reyno deſejou a Provincia aproveitarſe delle em ſeu governo, como tambem em premio do muyto que trabalhava em ſerviço commum: e vindoſe ajuntar em Capitulo de eleiçaõ de Provincial por Julho do anno de 1551, foy 1551. eleito com trinta, e ſeis votos, e com grande aplauſo dos Capitulares, e a eleiçaõ confirmada polo Geral, e naõ desfavorecida do Pontifice Romano. Mas naõ ouve effeito; porque el Rey dom Joaõ eſtava perſuadido que convinha pera quietaçaõ, e bom governo da provincia naõ na tirar

da maõ dos reformadores que mandara vir de Caſtella, e ſecretamente ſe proveo de hum Breve da Penitenciaria, com que fez eleger outro. E eſtava el Rey taõ longe de cuidar que niſſo agravava os grandes ſojeitos que entaõ avia na Ordem, que pouco deſpois nomeou pera Biſpo todos os tres Religioſos que mandara della ao Concilio. Porem aceitando os dous ſua promoçaõ, ſó o Padre Frey Jeronymo recuſou a dignidade: e foy o termo taõ acompanhado de humildade, e modeſtia, que ainda que ſe podia cuidar lhe durava algum reſintimento do encontro que diſſemos de ſua eleiçaõ, ficou el Rey ſatisfeito que o movia amor de ſeu eſtudo, e quietaçaõ, e receyo de entender com almas alheyas, mais que lembrança de couſas paſſadas. Era o Biſpado na ilha de S. Thome.

Foy deſpois eleito em Prior deſte Convento de que era filho, e naõ perdendo ponto no que tocava bom governo, fazia eſpanto a continuaçaõ com que aſſiſtia ſobre os livros. Daqui o tirou o Cardeal Infante pera Inquiſidor de Lisboa: e em fim a Provincia tornou a lançar maõ delle, e o fez ſeu Provincial polo mez de Junho do anno de 1560 acabando ſeu tempo o Meſtre Frey Luis de Granada. E porque vejaõ, e notem a alteza de eſpirito deſte Padre os que naõ podem por falta de letras conhecello de eſcritos mais levantados, poremos aqui duas memorias ſuas: e ſerà a primeira huma carta que nos veyo às maons, eſcrita por elle aos Conventos, quando foy eleito, que he bem de eſtimar, e por ſer tal a daremos com ſua traduçaõ. A outra ſerà o treslado de dous periodos das Actas que entaõ fez muyto dignos de os trazermos ſempre na memoria. Segue a carta.

REuerendis Patribus Magiſtris, Prioribus, & Præſidentibus Conuentuum, & cæteris noſtræ Prouinciæ Fratribus, frater Hieronymus ab Azambuja humilis Prior Prouincialis, & ſeruus, ſalutem & vitæ regularis obſervantiam. Cum in hoc noſtro Capitulo Prouinciali in definitorio conueniremus, & pro more, & inſtituto cæterorum Capitulorum aliqua ordinaremus, quæ ad retinendam & promouendam vitæ regularis diſciplinam pertinerent, deprehendimus nihil penè à nobis animaduerſum, quod non ante in cæteris Capitulis præcedentibus eſſet diligenter & animaduerſum & prouiſum: quamuis eſſet à nonnullis negligenter obſeruatum. Quamobrem ſi quid in noſtris moribus, aut incuriæ aut remiſſionis eſt, non in culpa eſt defectus legum, ſed defectus executionis earum. Leges enim ſine executione, non leges, ſed literæ, vel picturæ ſunt. Et ni ſi legi mortuæ (quæ litera eſt) ad ſit lex vi-

viua (quæ prælatus eſt) nihil inde fructus conſequetur Quamobrem non maiorem ſpem concepimus , quòd hæc à nobis edenda diligentius ſeruarentur , quam ab alijs iam ante edita, ſeruata ſint. Quod ſi ita eſt Patres mei, fruſtrà tot comitia noſtra celebrantur , fruſtrà tot laboribus , tot itineribus , tot expenſis , tum Regijs , tum priuatis ad Capitulum peruenitur : fruſtrà tot ſumptus atque præparationes ante Capitulum fiunt : ſi obliuio , ſi in curia , ſi negligentia prælatorum cunctos abolere debet labores noſtros. Actum eſt de Religionis noſtræ ſacroſancta dignitate , ſi quod diligentiſſimè præceptum eſt , negligentiſſimè cuſtodiatur. Quid enim emolumenti habet legum conditio , niſi ad ſit legum executio ? Quorſum attinet leges mortuas condere , niſi eas vigilantia & cura præſidentium de morte excitent ad vitam , & veluti de potentia reuocent in actum ? Quarè rogamus vos , Patres , per viſcera miſericordiæ Chriſti , vt iuſtiſſimam contra huiuſmodi negligentias indignationem concipiatis : & noſtrorum temporum calamitatem vobis ante oculos proponatis , in quibus maxima ferè pars Religionis noſtræ ideo extincta eſt , quia collapſa eſt , ſi enim ſeruaſſet quæ à maioribus accepit , ſeruaſſet vtique illam qui maiorum ſpiritum ad eius inſtitutionem ſuſcitauit. Quamobrem quæſo vos , Patres , vigilate , orate , laborate , date operam , vt qui Priores eſtis nomine , Priores etiam ſitis in labore : & ſatagite vt per bona opera veſtra Seruator noſter Chriſtus exiguas has Ordinis noſtri reliquias ſeruet : quandoquidem ſcriptum eſt. Si volueris mandata conſeruare , conſeruabunt te. Ualete , & pro me Dominum evorate.

A ſignificaçaõ he a ſeguinte.

AOs Reverendos padres meſtres , Priores , e Preſidentes dos Conventos , e a todos os mais Religioſos deſta Provincia , Frey Jeronymo da Azambuja humilde Prouincial , e ſervo , ſaude , e obſervancia da vida regular. Juntandonos neſte difinitorio , e começando a entender , como he coſtume dos Capitulos , em algumas couſas concernentes à boa guarda , e adiantamento da religiaõ ,

ligiaõ, e obſervancia, achamos que quaſi nenhuma advertiamos, que dos Capitulos paſſados naõ eſteveſſe jà, naõ ſomente advertida com cuidado, mas provido nella de baſtante remedio: aſſi naõ foraõ mal, e friamente guardadas por alguns. Donde fica entendido, que ſe em noſſos coſtumes ha froxidoens, e deſcuidos, naõ eſtá a culpa nos defeitos das leys, ſenaõ no defeito da execuçaõ dellas. Porque leys ſem execuçaõ, naõ ſaõ mais que humas penadas de tinta, humas letras ou figuras pintadas. E ſe à letra morta (que he a ley) ſe naõ ajuntar a letra viva (que he o Prelado) nunca della ſe ſeguirá fruito. Pola qual rezaõ naõ nos atrevemos a eſperar, que no que hoje ordenarmos averá melhor guarda, do que ouve atégora no que outros deixaraõ ordenado. E ſe aſſi ha de ſer, Padres meus, debalde nos canſamos em tantas juntas, e conſultas, perdidos ſaõ tantos trabalhos, tantos caminhos, tantas deſpeſas publicas, e particulares, quantas ſe empregaõ em acodirmos aos Capitulos, perdidos ſaõ quantos gaſtos, e preparaçoens pera elles ſe fazem: ſe o eſquecimento, o deſcuido, e tibieza dos prelados nos ha de baldar noſſos trabalhos. Naõ ha que duvidar, ſe naõ que podemos dar por acabada a gloria de noſſa Religiaõ, ſe às couſas, que com grande ponderaçaõ, e juizo aſſentarmos, ha de reſponder igual leviandade, e negligencia em ſe comprirem. Porque dizeime, que proveito ſe ha de tirar da ley, naõ avendo quem a guarde? Ou de que ſerve fazer leys mortas, ſe a vigilancia, e boa diligencia dos que governaõ, e podem, as naõ ouver de eſpertar da morte à vida, e como reduzir de potencia a acto? Por onde, Padres, polas entranhas da miſericordia de Chriſto Senhor noſſo vos pedimos, que contra ſemelhantes deſcuidos armeis os peitos de juſta ira, e dor, como a rezaõ eſtá obrigando a todos, e façais eſpelho das calamidades de noſſos tempos, em que vemos acabada quaſi a mór parte da noſſa Religiaõ, ſem aver mais cauſa que ter começado a deſcair. Que ſe toda a Ordem ſe deſvelara em guardar as regras, e preceitos, que de noſſos mayores ouvio, e recebeo: guardaraa a ella o meſmo Senhor, que a elles communicou o eſpiri-

to, com que a doutrinaraõ. Polo que vos rogo, Padres, que vigieis com olhos, e entendimentos, orando, e trabalhando, e façais que os que ſois Priores, e primeiros no nome, tambem o ſejais no trabalho: e empregueis todas voſſas forças, e juizo em fazer, que por meyo de voſſas boas obras nos guarde o Senhor eſte pequeno cantinho de noſſa Religiaõ: pois eſtà eſcrito: Se guardardes a ley, ella vos guardarà, &c.

Os periodos das Actas ſaõ os ſeguintes.

PRimùm quidem in celebratione Diuini Sacramenti admonemus omnes totius noſtræ Prouinciæ ſacerdotes: vt ſacroſancta myſteria puriſſimè tractent: ad celebrandum non imparati, ſed præuia ſemper oratione, & meditatione accedant: celebrationem etiam oratione, & gratiarum actione ſubſequente. Commouemur enim grauiter in eos, qui poſt non grauia colloqaia (ne vana dicamus) ſtatim ad Altare tremendum irrumpunt: & in eos, qui curſim & properanter, & ob id irreuerenter celebrant; unde omnes ſpirituales & temporales totius Religionis iacturas certò prouenire credimus.

No Portuguez reſponde aſſi.

PRimeiro que tudo amoeſtamos a todos os ſacerdotes deſta Provincia, que quando celebrarem o ſanto ſacrificio da Miſſa, entendaõ naquelles ſagrados myſterios com toda limpeza, e pureza, naõ chegando nunca a elles ſem aparelho, mas antes precedendo ſempre oraçaõ, e meditaçaõ: e ſeguindoos deſpois com nova oraçaõ, e rendimento de graças. Porque na verdade nos obriga a hum graviſſimo ſentimento aver homens, que huns ou logo apoz o ſono, ou traz palras, e converſaçoens pouco graves (por naõ dizer ocioſas, e vans) ſe arremeſſaõ ſem medo ao altar, que nos devia aſſombrar com terror, e medo: outros celebraõ de corrida, e como pola poſta: e pelo meſmo caſo ſem nenhuma reverencia; donde tenho por certo que nacem todos os eſtragos, e ruinas da Religiaõ aſſi eſpirituais, como temporais.

Eſ-

Eſte Padre naõ acabou o tempo de ſeu cargo: porque como ſervia no Tribunal do Santo Officio com grande continuaçaõ, e ſobre o governo da Provincia naõ largava o eſtudo, que he lima ſurda, e polo goſto que dà a quem o ama, corta, e penetra ſem ſe ſentir, encurtoulhe o trabalho os dias, e levouo na entrada do anno de 1563 com grande ſentimento de toda a Provincia, naõ tendo ſervido mais que dous annos, e meyo.

CAPITULO XXXVIII.

Dos Biſpos dom Frey Antonio Bernardes, e dom Frey Joaõ Bautiſta: e de outros Padres, filhos deſte Convento.

SUccedem dous Biſpos a hum, que ſendo tambem eleito, como temos viſto, conſtantemente recuſou a dignidade, e ambos filhos deſte Convento. Dom Frey Antonio Bernardes profeſſou nelle no anno de 1537, e por ſuas letras, virtudes, e bom pulpito foy chamado de Coimbra pera Biſpo titular daquella Igreja. Dom Frey Joaõ Bautiſta ſendo mandado por el Rey dom Joaõ Terceiro a Roma a negocios de importancia, deu taõ boa conta de ſi, e delles, que o ouve por merecedor da mitra: e là lhe mandou a nomeaçaõ da Igreja da Ilha de S. Thomé, em tempo que vagara por renunciaçaõ, que della fez dom Frey Bernardo da Cruz: e a naõ aceitou o Meſtre Frey Jeronymo da Azambuja, ſendolhe polo meſmo Rey (como diſſemos) offerecida. Foy eſte prelado antes de ſayr de Roma ſagrado: e chegando a Portugal juntou conſigo doze Religioſos da Ordem, com que ſe embarcou pera ſua dioceſi, que jaz ao longo da coſta de Africa terra da Etiopia Occidental, e cae direitamente debaixo da linha Equinoccial, em meyo da Zona Torrida. Chegando à Ilha com boa viagem começou a batalhar animoſa, e Chriſtammente contra vicios, abuſos, e liberdades introduzidas com a longa auſencia dos Prelados, e feitas taõ caſeiras entre os moradores, que deſpois de lhe cuſtar muito trabalho de encontros, e contradiçoens o remedio que procurava, em fim, vendo que todo o feitio era perdido com os poderoſos; foi tal o deſgoſto que recebeo de ver que paſtoreava ovelhas pola mayor parte incuraveis, que lhe abreviou a vida. Os mais dos companheiros tinhaõ paſſado da Ilha à terra firme a ſemear a palavra de Deos no eſtendido Reyno de Congo, que entaõ era ſojeito a S. Thomé no eſpiritual, e ha muitos annos que com ſeu Rey obedece à Igreja Romana. Eſtenderaõſe por elle occupados em ſeu miniſterio, no qual acabaraõ a vida quaſi todos, tornando ſó ao Reyno os que ſe acharaõ na companhia do Biſpo quando faleceo.

Aſſi como eſtes dous Padres foraõ tirados do remanſo da Religiaõ pera as ondas do mundo, e tempeſtades, de que as dignidades ſe acompanhaõ, temos outros que no canto della, e ſem ſairem deſte Convento paſſaraõ longos annos em manſa pobreza, naõ querendo ſer conhecidos nem ouvidos, entregues

gues todos a hum ſó cuidado de ſalvar ſuas almas, que em fim he ſó o que importa na vida, e pera que ſe buſca o deſerto da Religiaõ. Outros ſendo occupados pola Provincia em cargos, ou em liçaõ, e prègaçaõ, mudando ſó de Convento, naõ mudaraõ eſtilo de vida, e acabaraõ entre ſeus irmaons. Entre eſtes foraõ raros em rigor de vida, e amor de oraçaõ o Padre Frey Diogo de Vitoria, ou da Barreira nacido em huma pobre aldea deſte nome vizinha ao meſmo Convento, que lhe deu o habito, e em que ſe fez eſtimar: e os Padres Frey Antonio de Ourem, e Frey Antonio da Cruz. Deſte ultimo ſe conta hum eſtranho caſo, que por ſer de teſtimunho ſingular nem o affirmamos, nem o quiſeramos contar, ainda que acreditado com a ſimplicidade de quem o deu, e muito mais com a provada virtude, e pureza de vida do meſmo Padre, da qual fazemos mais caſo que do milagre, quando bem fora mui calificado. Mas naõ parece rezaõ deixarmolo eſquecido, porque poderoſo he Deos pera moſtrar ainda mayores maravilhas em ſeu favor, como tem moſtrado nas partes da India Oriental polo Padre Frey Simaõ das Chagas ſeu irmaõ, que nellas he por Santo venerado, ſegundo veremos na terceira parte deſta Cronica, ſe o Senhor nos chegar a eſcrevella. Na hora que eſte Padre Frey Antonio da Cruz foy lançado na cova, ao tempo de o começarem a cobrir de terra ſe viraõ cayr ſobre ſua cabeça muitas flores brancas mindas, e como desfolhadas, ſem parecer donde vinhaõ, e inviſiveis pera toda a outra peſſoa, ſenaõ pera os olhos de huma que muitas vezes entaõ, e deſpois o contou diante de toda a Communidade.

Os que agora diremos faleceraõ fóra do Convento de que eraõ filhos, ſendo chamados do Senhor em outros, onde ſerviaõ a Ordem. O Padre Frey Lopo de Souſa deſpois de Prior duas vezes de Lisboa, e de outras caſas da Provincia: e deſpois de ſer della Vigario Geral faleceo no Moſteiro de S. Joaõ de Setuval ſervindo àquellas Madres de ſeu Vigario.

Os Padres Frey Gaſpar Coreſma, e Frey Joaõ Aranha faleceraõ ambos em Coimbra: ambos famoſos Prègadores: e eſte ſegundo Lente na Univerſidade da meſma cidade de Coimbra da Cadeira de prima de Eſcritura.

Naõ tenho duvida que averá muitos mais filhos deſte Convento que mereçaõ eſte lugar, e memoria, mas naõ chegaraõ à noſſa noticia ou os nomes, ou as partes que nos obrigaõ a fazer delles lembrança. E com tudo temos hum raro eſpirito pera cerrar eſte numero, e eſte capitulo: o qual tambem ſe enterrou fóra do ninho do nacimento. Foy o Padre Frey Antonio de Sande nobre por geraçaõ, qual he o appellido neſte Reyno, e nos de Caſtella. Eſte Padre ſe fez amar, e eſtimar no Convento de Santarem, onde, pola obediencia eſtava aſſinado por muy eſſencial religioſo. E ſendoo nas mais partes de prègador Apoſtolico, e verdadeiro ſeguidor da pobreza de Chriſto, eſmerouſe grandemente nas virtudes da charidade, e hu-

humildade. Era porteiro, e tinha a ſeu cargo repartir as eſmolas de caſa na porta. Naõ ſe vio nunca nelle acto nem palavra de pouco ſofrimento, ſendo o officio com os de caſa aſſaz trabalhoſo, e com os de fóra, na repartiçaõ das eſmolas cheyo de importunaçoens, e deſconcertos, que às vezes cauſa ou demaſia de neceſſidade, ou falta de criaçaõ dos que buſcaõ a mantença polas portarias dos Conventos. Elle repartia o que avia do refeitorio, e o que de fóra buſcava, com tanta ordem, e concerto, com tanta brandura, e affabilidade, que naõ avia nenhum que o naõ amaſſe, e reſpeitaſſe. Sabemos delle, que faltando algumas vezes agoa de beber em caſa, porque naõ faltaſſe na hora da comida aos pobres, por ſuas maons a hia buſcar, ſendo jà de ſeſſenta annos, a hum poço muy alto, que eſtà na cerca, e ſe chama de S. Frey Gil: elle a tirava, e trazia, e ſendo o trabalho grande, a charidade lho adoçava tanto, que o tinha por paſſatempo.

Mas como a morte he o fiel, que com mais certeza deſcobre quem cada hum he, a ſua nos confirmou as perfeiçoens que avia em ſua alma. Andava indiſpoſto de hum achaque taõ leve, que o paſſava na cella ſem yr à enfermaria. Hum dia do anno
1690. de 1690 levantandoſe da cama pola manham ſem febre de novo, nem alteraçaõ de pulſo, nem dor nenhuma, ſe foy à ſacriſtia, confeſſouſe, e diſſe Miſſa: tornouſe logo à cella, e deitouſe, e pedio que lhe trouxeſſem as Taboas, e lhas poſeſſem junto do leito. Damos eſte nome na Religiaõ a huma pequena taboa cercada de aldrabas de ferro pendentes, que meneada ſerve de eſpertador das portas a dentro, e de juntar a Communidade, quando algum religioſo eſtà em paſſamento. Acodiraõ os Frades maravilhados de tal prevençaõ em peſſoa, que a olhos de todos naõ tinha que temer. A huns parecia graça, a outros malencolia. Veyo o medico que o coſtumava viſitar, tomoulhe o pulſo, finavaſe de riſo naõ achando couſa de que formar pronoſtico de perigo, quanto mais de morte. Mas o Frade naõ quietou atè que teve junto de ſi as taboas: e brevemente, como todos andavaõ em vigia ſobre elle, viraõ que começava a desfalecer, e entrar em deſmayos, com que foy pera o Ceo ſem tardar muito, alegre, e profeta de ſeu bem. Sendo a morte por eſte modo quaſi ſubita, aſſi ſe juntou logo todo o povo daquelle grande lugar a venerallo, como ſe fora eſperado de longos dias: e particularmente foy chorado por todo o genero de pobres, como ſeu pay, e como Santo. Enterrado como humilde, e ordinario religioſo, foy Deos ſervido que ficaſſe honrado com hum elogio do Capitulo Geral de Roma, celebrado pola noſſa Ordem no anno de 1612, o qual veyo im- 1612.
preſſo nas actas delle, e declara brevemente parte do que temos dito, e he o ſeguinte.

Flo-

FLoruit etiam in Portugallia Frater Antonius de Sande Prædicator verè Apoſtolicus, qui maximo cum odore virtutum portarij munus exercuit in Conventu Sanctarenenſi, acquiſitas eleemoſynas pauperibus ſumma cum humilitate & charitate diſtribuens: in cuius obitu ad eius corpus venerandum frequentiſſimus cucurrit populus. Euolauit in cœlum anno Domini 1609 *ſexagenarius.*

CAPITULO XXXIX.

Do eſtado em que eſtavaõ as couſas da Provincia, e do Reyno, polos annos em que ſe deu à Ordem eſte ultimo Convento da Batalha.

1388. BAſtava ſem outra razaõ ter crecido tanto eſte volume pera lhe darmos termo, e guardarmos pera outro os Conventos que nos reſtaõ, que ſaõ muitos mais em numero, e naõ ha menos que dizer nelles: juntandoſe alem da Congregaçaõ da India, onde temos jà grande numero de caſas, Conventos em Africa, miſſoens aos Reynos de Congo na torrida Zona, e expediçoens ao Braſil, parte do mundo novo: couſas todas que demandaõ muito papel, e muitas dellas eſtaõ apagadas na memoria dos meſmos homens, entre quem vivemos: ſendo aſſi que todas nos tem levado, e conſumido muitos, e grandes eſpiritos deſta Provincia com mortes, com perigos, com doenças, e naufragios: eſpiritos merecedores que ſe occuparaõ melhores pennas, que a noſſa, em lhes reſtituir com fama, e louvores nova vida pola que perderaõ por honra de ſua Ordem, e da patria, e por nos deixarem bom exemplo. Porèm temos outras conveniencias que nos aprovaõ cortarmos aqui o fio: das quaes he a primeira acabarſe pontualmente por eſte tempo a uniaõ de governo que avia entre os Conventos deſte Reyno com os de Caſtella. Porque dado que a diſtinçaõ de Provincias naõ teve cumprimento formado, ſenaõ quaſi trinta annos adiante deſte de 1388 em que vamos correndo, 1388. que veyo a ſucceder no Capitulo de Florença do anno de 1417 ſendo Meſtre Geral de toda a Ordem o Padre Frey Leonardo Eſtaço: com tudo em quaſi todos elles ſe governavaõ jà eſtes Conventos de Portugal por Vigarios Geraes, ſem dependencia nem reconhecimento de outra peſſoa mais, que do Geral Frey Raymundo de Capua, que eſtava com Urbano Sexto verdadeiro Pontifice: e naõ faziaõ caſo do Provincial, que reſidindo em Caſtella ſeguia com aquelle Reyno as partes do Antipapa ſciſmatico. E eſtes Vigarios Geraes duraraõ tanto tempo arrimados ſempre com todo Portugal ao verdadeiro Vigario de Chriſto (que por tal era avido Urbano) e ſeus legitimos ſucceſſores, quanto durou a ſciſma. E no cabo delles ſe fez logo a diviſaõ for-

formal que jà procedia em realidade.

Aſſi faço conta que acaba bem o volume quando fenece, e ſe desfaz a companhia das Provincias: e quando começarmos outro, ſerà começando eſta noſſa a fazer corpo, e geſto por ſi, com ſeus onze Conventos que lhe temos dado atè o anno de 1388, oito de Frades e tres de Freiras. E digo ſó onze, porque na diviſaõ das Provincias fica Tuy com Caſtella.

Ficamos tambem dando ponto a eſte trabalho com a boa occaſiaõ de o darem juntamente algumas antigualhas do Reyno, que com muita rezaõ ſe reformaraõ: como foy huma a do governo Eccleſiaſtico da mayor, e melhor cidade delle, a quem os Reys honraõ com nome de Princeſa: digo Lisboa, que naceo, e foy levantada em nova
1390. dignidade no anno de 1390 por graça, e favor do Summo Pontifice Bonifacio Nono, o qual de ſuffraganea que primeiro fora de Merida, e deſpois de Braga a fez Metropoli: e lhe ſojeitou por ſuffraganeos tres Biſpados, a ſaber Evora, e Badajoz, que entaõ era da coroa de Portugal, e Sylves no Algarve. E foy o primeiro Arcebiſpo dom Joaõ Eſcudeiro.

Acabou juntamente a mal introduzida, ou mal tolerada conta da Era de Ceſar (vergonhoſa conta pera os que naõ temos mayor bem que a memoria, e annos de Jeſu Chriſto.) Acabou de a deſterrar deſte Reyno el Rey dom Joaõ, como fez a outros grandes monſtros de màos coſtumes, ſe naõ foy preciſamente por eſtes annos (polo muito que cuſta arrancar màos uzos) ao menos em ſua vida ficou eſquecida, e apagada: e dahi em diante eſtaremos livres de reduçoens, e duvidas de annos.

E porque, ceſſando velhices, ſeja tudo novo, veremos no principio da obra ſeguinte levantarſe com ella valeroſos eſpiritos amigos daquelle antigo fervor da noſſa primitiva Ordem, que por demaſiado antigo jà parecia novo, e começar a pelejar contra a furia feya da Clauſtra, que do mundo eſtava feita abſoluta ſenhora com as deſordens, e liberdades, que acarrea a longa guerra, e mais quando he civil, como foraõ quaſi todas as que ouve nos tempos dos Reys dom Fernando, e dom Joaõ. Veremos por outra parte acrecentado logo o Reyno em titulos de Conquiſtador dos Mouros de Africa, com a tomada da famoſa cidade de Ceita, recheada ainda daquellas meſmas armas, que foraõ inſtrumento da ſervidaõ, que por oitocentos annos opprimio Eſpanha. Em fim viremos a começar obra nova (ſe o Senhor for ſervido, que continuemos o que nos reſta da Provincia) quando no Reyno tambem começa tudo novo. E entre tanto rendamos as graças ao Pay, e Autor de todo bem, pola mercè de nos chegar a ver o fim deſta primeira jornada: pola qual ſeja louvado com o Filho, e Eſpirito Santo in ſempiterna ſecula. Amen.

LAUS DEO.

Sub cenſura Sanctæ Matris Eccleſiæ Romanæ.

TA-

TABOADA
DOS CAPITULOS
DESTA PRIMEIRA PARTE DA HISTORIA
de S. Domingos particular do Reyno, e conquistas de Portugal.

LIVRO I.

Cap. 1. *Do nacimento do Patriarca S. Domingos, sua criaçaõ, estudo, e virtudes, atè tomar o habito dos Conegos Regulares de Santo Agostinho, pag.* 1.

Cap. 2. *Parte Frey Domingos pera França, passa a Paris, e a Roma: torna de assento a Tolosa prègar aos hereges: funda hum recolhimento de donzellas: vence muitos hereges em disputas: converte outros. Aparecelhe a Virgem Nossa Senhora: insinalhe a devaçaõ do santo Rosario, e mandalhe que a prègue, p.* 7.

Cap. 3. *Começase a guerra contra os hereges Albigenses. Dà S. Domingos principio ao Santo Officio da Inquisiçaõ: confirmao o Summo Pontifice, e dalhe titulo de Prègadores a elle, e a seus companheiros, p.* 12.

Cap. 4. *Censurase hum lugar de outro Religioso da mesma Ordem, e opiniaõ, p.* 17.

Cap. 5. *Passa o campo Catholico contra outros lugares. Contaõse algumas maravilhas que Deos obrou polo Santo. Cercaõ os Catholicos a cidade de Tolosa: retiraõse com perda, e desfazse o campo, p.* 22.

Cap. 6. *Anima o Santo aos Catholicos com huma alegre profecia do fim da guerra. Contaõse algumas maravilhas obradas por meyo do santo Rosario: e a grande vitoria que se alcançou dos hereges, p.* 24.

Cap. 7. *Dà S. Domingos prin-*

principio à ſagrada Ordem dos Prègadores. Pede confirmaçaõ ao Pontifice : alcançaa verbal , e condicional. Funda em Toloſa o primeiro Convento. Faz renunciaçaõ de rendas , e fazenda. Torna a Roma em demanda da confirmaçaõ : contaõſe humas viſoens que a hy teve , p. 28.

Cap. 8. *Alcança S. Domingos em Roma letras Apoſtolicas de confirmaçaõ de ſua Ordem , com titulo de Ordem dos Prègadores. Torna a França , faz eleiçaõ de Prelado entre os ſeus , e mandaos a prègar por varias partes , p.* 32.

Cap. 9. *Entra Frey Gomes em Portugal. Daſe conta de quem era em nome , patria , e calidades , p.* 34.

Cap. 10. *Confirmaſe a verdade de Frey Soeyro Gomes ſer Portuguez : com algumas rezoens , com as quaes ſe deſcobre que tambem era nobre , e letrado , p.* 38.

Cap. 11. *Dàſe conta do eſtado , e governo do Reyno de Portugal na chegada de dom Frey Sueyro Gomes : e do que fez entrando , e como deu principio ao primeiro convento que ouve em toda Eſpanha da Ordem dos Prègadores , p.* 41.

Cap. 12. *Deſcreveſe o ſitio do primeiro Convento que a Ordem de S. Domingos teve em Portugal , e a fabrica delle , p.* 45.

Cap. 13. *Das grandes maravilhas que Deos Noſſo Senhor obrou em Roma por S. Domingos. Contaſe a nova forma de habito que o Santo deu aos ſeus Frades , e a rezaõ della , e como poz em clauſura as Freyras de Roma. Ordena liçaõ de Theologia no ſacro Palacio , e he o primeiro leitor della. Prèga a devaçaõ do ſanto Roſario , p.* 49.

Cap. 14. *Moſtraſe como S. Domingos foy o primeiro que inſinou a rezar por contas os miſterios de Noſſa Redençaõ , que he a devaçaõ do ſanto Roſario, contra os que a querem fazer mais antiga : contaſe como reſuſcitou ao ſobrinho do Cardeal Eſtefano em Roma , p.* 53.

Cap. 15. *Contaõſe outros milagres. Parte o Santo pera Eſpanha. Eſcreveſe o que lhe ſuccedeo no caminho. Funda em Segovia*

Con-

Convento de Frades, em Madrid de Freyras. Torna pera Italia, p. 59.

Cap. 16. *Parte o Santo de Madrid pera Italia: e dom Frey Sueyro pera Portugal. Pedem os Prelados de Portugal a dom Frey Sueyro prègadores pera ſeus Biſpados. A Infante dona Branca offerece fundar caſa em Coimbra, p.* 63.

Cap. 17. *Parte dom Frey Sueyro pera o primeiro Capitulo Geral de ſua Ordem a Italia. Contaſe o que ſuccedeo a S. Domingos deſpois que ſahio de Madrid atè à celebraçaõ delle: e o que ficou ordenado naquella ſanta junta, p.* 67.

Cap. 18. *Celebra Noſſo Padre S. Domingos ſegundo Capitulo Geral em Bolonha. Acode a elle dom Frey Sueyro, e torna pera Eſpanha com nome de Provincial, e com letras Apoſtolicas em ſeu favor, e dos ſeus, p.* 73.

Cap. 19. *Proſegue o Provincial dom Frey Sueyro Gomes a viſita de ſua Provincia nos Reynos de Caſtella, e Portugal. Contaſe o felice tranſito de Noſſo glorioſo Patriarcha S. Domingos: e a eleiçaõ que ſe fez em ſeu lugar de Meſtre Geral da Ordem, p.* 78.

Cap. 20. *Vem a Portugal o Provincial dom Frey Sueyro, treslada o Convento de Montejunto pera Santarem ao ſitio de Montijràs, p.* 83.

Cap. 21. *Vay o Provincial a Coimbra chamado del Rey dom Sancho Segundo. Concordao com o Arcebiſpo de Braga, ſendo por ambos eleito juiz das contendas que traziaõ, p.* 87.

Cap. 22. *Aſſiſte o Provincial a huma eſcritura de compoſiçaõ entre el Rey dom Sancho Segundo, e as Infantes ſuas tias. Averiguaõſe os annos que reinaraõ dom Afonſo Segundo, e dom Sancho ſeu filho, p.* 91.

Cap. 23. *Como foy fundado o primeiro Moſteyro de Freyras, que ouve em Portugal da Ordem dos Prègadores, p.* 96.

Cap. 24. *Cenſuraſe huma letra eſculpida de freſco em huma pedra do Moſteiro de Chellas: deſcobreſe o artificio, e tençaõ della, p.* 102.

Cap. 25. *Confirmaſe a materia do Capitulo antecedente*

dente com hum Breve Apoſtolico, e com outros documentos, p. 104.
Cap. 26. *De algumas particularidades notaveis do moſteyro de Chellas, p.* 110.
Cap. 27. *Da madre Sòr Filippa do Eſpirito Santo, p.* 115.
Cap. 28. *Do grande augmento, e proſperidade da Provincia de Eſpanha no tempo que foy governada por dom Frey Sueyro. Daſe conta de ſeu grande eſpirito, e virtudes, e dos annos que viveo, p.* 120.

LIVRO II.

Cap. 1. *Do ſitio da villa de Santarem: e do que nella ſe deu de novo ao Convento de S. Domingos de Monteijràs, p.* 125.
Cap. 2. *Começaſe a obra da caſa nova no primeiro ſitio que ſe comprou: ſuſpendeſe por hum eſtranho caſo, e fundaſe a caſa em outro. Dàſe conta de quem foy o que deu a traça da Igreja, e craſta, p.* 129.
Cap. 3. *Proſegue a relaçaõ do edificio da caſa nova de Santarem. Contaõſe algumas antiguidades tocantes a ella. Moſtraſe como lhe pertence a precedencia de todos os Conventos de Eſpanha, p.* 133.
Cap. 4. *Moſtraſe como pertence a eſte Convento a precedencia de todos os de Eſpanha, p.* 136.
Cap. 5. *Da grande ſantidade que florecia no Convento de Santarem: com huma notavel memoria da pobreza em que nelle ſe vivia. Dàſe conta de que eraõ dous Religioſos, que ſeguiraõ a el Rey dom Sancho fóra do Reyno, p.* 138.
Cap. 6. *Da ſanta vida, e morte do Padre Frey Fernando Pirez, Chantre que foy da ſanta Sè de Lisboa, p.* 141.
Cap. 7. *Da religioſa vida, e ſanta morte do Padre Frey Martinho de Lisboa: e do irmaõ Frey Martinho leigo, p.* 144.
Cap. 8. *Do Padre Frey Pedro de Santarem, e do irmaõ leigo Frey Martinho ſegundo, p.* 145.
Cap. 9. *Do ſancto fim de Frey Domingos, e Frey Gonſalo irmaons leigos, p.* 147.
Cap. 10. *Do Padre Frey Domingos Gomes Prior do Convento de Santarem, p.* 150.

Cap.

Cap. 11. *Do Padre Frey Fernando de Jeſu, de ſuas doenças, e paciencia: de ſua ſanta morte, e aparecimento deſpois della, p.* 152.

Cap. 12. *De quem foy o Padre Frey Domingos do Cubo, e de ſua vida, e morte, e ſepultura, p.*153.

Cap. 13. *Do nacimento, geraçaõ, eſtudos, e peregrinaçaõ do ſanto Frey Gil, atè o dia de ſua converſaõ, p.* 157.

Cap. 14. *Da milagroſa converſaõ do ſanto Frey Gil, e como tomou o habito de S. Domingos, e fez profiſſaõ, p.* 160.

Cap. 15. *Sae Frey Gil de Palencia, mudado pera Santarem. Continua ſuas penitencias. Contaõſe as perſiguiçoens, e aſſombramentos que padeceo do Demonio, atè alcançar o eſcrito que lhe tinha dado, p.* 163.

Cap. 16. *Parte Frey Gil pera França a eſtudar Theologia. Contaſe a ſanta vida que fazia em Paris eſtudando, e como recebeo o grào de Doutor pola Univerſidade, e foy declarado pola Ordem por Meſtre, e Leitor de Theologia, p.* 166.

Cap. 17. *Torna Frey Gil pera Eſpanha. Contaſe o que lhe ſuccedeo no caminho: e como começou a prègar em Portugal. Refereſe hum eſtranho artificio com que o Demonio o tentou, e como ſe ouve nelle, p.* 170.

Cap. 18. *Como foy eleito em Provincial o Santo Frey Gil, e do cuydado, e inteireza com que procedeo no cargo. Paſſa à ilha de Malhorca celebrar Capitulo Provincial. Dàſe conta da tempeſtade que teve no mar, e das afrontas que por rezaõ della lhe fizeraõ: e como ceſſou por ſua oraçaõ, p.* 173.

Cap. 19. *Do eſtranho meyo com que S. Frey Gil foy ſabedor do naufragio de huns Capitulares que hyaõ em outro navio. Deſpacha Religioſos pera Inquiſidores de algumas cidades de Catalunha. Celebra Capitulo em Burgos. Aceitaſe nelle o Convento da cidade do Porto. Vem a Portugal. Prèga com liberdade a el Rey dom Sancho. Recolheſe a Santarem, p.* 177.

Cap. 20. *Dos grandes effeitos que fazia no Santo a força do amor Divino,*

com diverſidade de enlevamentos, e raptos maravilhoſos. Contaõſe alguns. Dà principio ao Convento de Lisboa, p. 180.

Cap. 21. *Como foy decretada a depoſiçaõ del Rey dom Sancho do Reyno: e como lha intimou em ſua peſſoa o Santo Frey Gil. Contaõſe as afrontas que por iſſo recebeo: e a revelaçaõ que teve meyo dellas: e huma antiguidade, em que ſe moſtra quanto era eſtimado del Rey dom Afonſo, p.* 183.

Cap. 22. *De alguns effeitos admiraveis da oraçaõ de S. Frey Gil, em que ſe vio por caſos differentes o muito que por ella alcançava de Deos, p.* 187.

Cap. 23. *Vem a Santarem o novo Provincial. Achaſe preſente a huma extaſi do Santo. Dà el Rey dom Afonſo principio à Igreja de S. Domingos de Lisboa. Refereſe a famaliaridade com que tratova a S. Frey Gil em Santarem: e como convaleceo da gota por ſeu meyo. Torna o Santo a ſervir o cargo de Provincial, p.* 191.

Cap. 24. *Manda o Santo Provincial prègadores a terra de Mouros. Contaſe hum eſtranho caſo que lhe ſuccedeo caminhando por Caſtella: e outros em Portugal, todos em materia de eſpirito. Pede abſolviçaõ do cargo em Capitulo Geral: alcançaa. Contaſe huma penitencia que nelle ſe deu a huns Frades, p.* 193.

Cap. 25. *De algumas viſoens ſobrenaturais que o Santo teve: e milagres que por ſeu meyo, e oraçaõ obrou o Senhor, p.* 197.

Cap. 26. *De algumas couſas milagroſas que o Santo fez por ſua maõ, p.* 201.

Cap. 27. *De outros caſos milagroſos obrados por interceſſaõ do Santo auſente: mas ainda vivendo na terra, p.* 203.

Cap. 28. *Do grande nome que o Santo tinha em toda a Ordem, e por terras eſtranhas: e de ſeu felice tranſito, p.* 206.

Cap. 29. *Dos ſinais que ouve da gloria do Santo, por diverſidade de ſucceſſos que a confirmaraõ, p.* 208.

Cap. 30. *Como reſuſcitaraõ por oraçoens feitas ao Santo tres mortos: e foraõ livres do Demonio quatro peſſoas, p.* 211.

Cap.

Cap. 31. *Como ſe converteo hum Mouro, e foraõ curadas algumas peſſoas de grandes males por meyo de Reliquias do Santo, p.* 215.

Cap. 32. *De muitas, e varias doenças que tiveraõ milagroſa cura encomendandoſe os enfermos ao Santo ou uſando de ſuas Reliquias, p.* 218.

Cap. 33. *De algumas molheres que alcançaraõ remedio em partos dificultoſos, encomendandoſe ao Santo: e como foraõ curados ſurdos, e mudos com a terra de ſua cova, p.* 221.

Cap. 34. *Como foy tresladado o Santo pera a ſua capella, p.* 223.

Cap. 35. *Como por interceſſaõ do Santo alcançaraõ huns pobres homens remedio pera vinho danado, e perdido: e outros o teveraõ em graves doenças, e varias neceſſidades, p.* 226.

Cap. 36. *Da ſanta vida, e glorioſo tranſito do Padre Frey Bernardo de Morlans: e de dous mininos Santos ſeus diſcipulos, p.* 229.

Cap. 37. *Como foraõ achados os corpos dos Santos Frey Bernardo, e ſeus diſcipulos, e collocados em altar particular, p.* 234.

Cap. 38. *Do Santo Frey Bernardo ſegundo ſua converſaõ, vida, e milagres, e ſepultura, p.* 238.

Cap. 39. *De alguuns Religioſos, que deſpois de ſervirem grandes cargos na Ordem ſe recolheraõ neſte Convento. E outras antiguidades delle, p.* 242.

Cap. 40. *Das grandes maravilhas que em varios tempos ſe viraõ no cemiterio, em confirmaçaõ da ſantidade do Convento. Das peſſoas Reays que nelle jazem. Dos Religioſos que os Reys lhe tiraraõ pera differentes cargos, p.* 245.

Cap. 41. *Da devaçaõ, e virtudes do Padre Frey Manoel de Beja, e do irmaõ Frey Diogo das Vinhas. E da jornada que fez à India o Padre Frey Pedro Coelho, p.* 249.

Cap. 42. *Vida, e morte do irmaõ Frey Diogo de Saldanha, filho deſte Convento, p.* 251.

Cap. 43. *Das ſantas Reliquias que ha neſte Convento. p.* 254.

LI-

LIVRO III.

Cap. 1. *Da fundaçaõ, e principios do Convento de Coymbra, p.* 259.
Cap. 2. *Vida, e morte, e milagres do Santo Frey Payo, p.* 263.
Cap. 3. *Proſeguem outros milagres do S. Frey Payo: com eſtranheza do ſino fundido com a terra da ſua cova, p.* 266.
Cap. 4. *De algumas antiguidades deſte Convento, e como foy mudado pera o ſitio em que oje eſtà, p.* 269.
Cap. 5. *Do proceſſo do edificio do Convento novo: e da grande virtude, e partes do Meſtre Frey Martinho de Ledeſma, p.* 272.
Cap. 6. *Vida, e morte de dom Frey Vicente da Fonſeca Arcebiſpo de Goa, Primàs da India, p.* 275.
Cap. 7. *Do Padre Frey Thomas pinto Inquiſidor, p.* 276.
Cap. 8. *Do grande cuydado, e ſolenidade com que na cidade, e Convento de S. Domingos de Coymbra, ſe celebraõ as feſtas do Santo Roſario. Referemſe dous milagres ſuccedidos de proximo por interceſſaõ da Virgem, p.* 280.
Cap. 9. *Da origem, e principio do Convento da cidade do Porto: e das cauſas que ouve pera ſe aceitar pola Provincia, p.* 283.
Cap. 10. *Dos Religioſos que foraõ mandados fundar o Convento do Porto. Dàſe conta dos muitos favores que o Biſpo lhes fazia. E como deſpois mudou parecer, e das rezoens que pera iſſo teve, p.* 288.
Cap. 11. *Buſcaõſe interceſſores poderoſos por parte do Convento: naõ valendo nada, queixaõſe os Frades a Roma. Comete o Summo Pontifice ao Arcebiſpo Primàs que os deſagrave, p.* 292.
Cap. 12. *Levantaõſe as cenſuras, e proſegue a obra do Convento. Paſſa el Rey dom Sancho aos Frades carta de Padroeiro. Mitigaſe o Biſpo, e faz compoſiçaõ com elles, p.* 296.
Cap. 13. *Faz a Raynha dona Mafalda doaçaõ do Padroado de huma Igreja à Sè do Porto, pera de todo pacificar o Biſpo, e Cabido com os Frades. Procede o Biſpo com elles em amizade. Fazlhes eſmola de*

de duas fontes pera o Convento, p. 299.

Cap. 14. Da Confraria do Santissimo nome de Jesu sita neste Convento: de sua antiguidade, e milagres, p. 303.

Cap. 15. De outros milagres do Santo Crucifixo, p. 305.

Cap. 16. De alguns filhos deste Convento: e das Reliquias que nelle ha: e outras particularidades, p. 307.

Cap. 17. Da fundaçaõ do Real Convento de Lisboa, p. 310.

Cap. 18. Funda el Rey dom Afonso Terceiro a Igreja grande do Convento: fazlhe doaçaõ de muitos chãos, e terras à roda. Contaõse alguns trabalhos que ouve na casa por cheyas, e tremores de terra, p. 313.

Cap. 19. Da antiguidade, e devaçaõ da Ermida de N. Senhora da Purificaçaõ, que commummente se chama da Escada, p. 318.

Cap. 20. Da vida, e morte do Padre Frey Fernando do Cadaval Capellaõ de Nossa Senhora da Escada, p. 323.

Cap. 21. Do Padre Frey Mattheus de Ogeda Capellaõ de Nossa Senhora da Escada, p. 324.

Cap. 22. Do principio, e origem que tiveraõ na Ordem de S. Domingos os altares, e Confrarias do Santissimo nome de Jesu, p. 327.

Cap. 23. Da occasiaõ, e tempo em que foy instituida a primeira Confraria do nome de Jesu no Convento de S. Domingos de Lisboa, p. 330.

Cap. 24. Ordenase solene festa no altar de Jesu, por graças da saude, fazemse compromisso, e estatutos da Confraria, p. 333.

Cap. 25. Da Confraria de Nossa Senhora do Rosario, p. 336.

Cap. 26. Proseguem mais alguns milagres do Santo Rosario, p. 340.

Cap. 27. De outras Confrarias que ha nesta Igreja, e de sua antiguidade, e devaçaõ, p. 343.

Cap. 28. Prosegue a relaçaõ das Confrarias, e outras irmandades que ha na Igreja, p. 346.

Cap. 29. De alguns Religiosos filhos desta casa que faleceraõ com opiniaõ de santidade, p. 348.

Cap. 30. Da vida, e martyrio glorioso do Padre Frey Jeronymo da Cruz, p. 350.

Cap. 31. *Eſte ſe advirta que falta nos numeros, mas naõ na ſubſtancia, p.* 352.
Cap. 32. *Vida, e trabalhos do Padre Frey Lopo Cardoſo, p.* 355.
Cap. 33. *Da vida, e morte do Padre Frey Ignacio da Purificaçaõ. E do irmaõ Frey Pedro de S. Domingos leigo, p.* 358.
Cap. 34. *Do naufragio, e trabalhos, e martyrio do Padre Frey Nicolao do Roſario, p.* 360.
Cap. 35. *Como foy martyrizado o Padre Frey Nicolao do Roſario, p.* 362.
Cap. 36. *De alguns filhos deſte Convento que ſobiraõ a grandes Prelazias, p.* 365.
Cap. 37. *De outros filhos deſte Convento que ſerviraõ nos tribunais do Santo Officio, p.* 369.
Cap. 38. *De outros Padres que foraõ Lentes de grandes catedras na Univerſidade de Coimbra ſem entenderem em outro miniſterio, p.* 372.
Cap. 39. *Da proteſtaçaõ da fé que o Padre Meſtre Frey Luis de Sotto Mayor deixou eſcrita; e de ſua bemaventurada morte, p.* 376.
Cap. 40. *Dos eſtudos que ha neſte Convento. E como lhe foy annexada a Igreja, e renda do antigo Moſteyro de Anſede pola Se Apoſtolica, p.* 380.
Cap. 41. *Das Reliquias que ha no Convento: e de algumas memorias antigas que nelle ſe achaõ, p.* 383.

LIVRO IV.

Cap. 1. *De huma grande perſeguiçaõ que em Portugal ſe levantou contra a Ordem: e dos favores com que a Sé Apoſtolica acudio aos Religioſos, p.* 389.
Cap. 2. *Dos trabalhos que paſſavaõ os Religioſos em quanto lhes tardou o remedio de Roma: e como ceſſaraõ todos com as letras do Pontifice, p.* 393.
Cap. 3. *Que contém huma Bula, pola qual o Summo Pontifice mandou feſtejar em Portugal, e reconhecer por Santos a S. Domingos, e a S. Pedro Martyr. Dàſe conta do muito que ſe eſtendeo polo Reyno a devaçaõ de Noſſo Padre S. Domingos, p.* 395.
Cap. 4. *Das Freguezias, e Er-*

Ermidas que ha da invocaçaõ de S. Domingos no Arcebiſpado de Braga, p. 397.

Cap. 5. *Da Ermida de S. Domingos da Sovereyra: e de hum eſtranho caſo que nella obrou Noſſo Senhor por interceſſaõ do Santo em favor de hum cativo de terra de Mouros, p.* 400.

Cap. 6. *Proſegue o milagre do cativo: apontaõſe algumas particularidades, que o confirmaõ, p.* 403.

Cap. 7. *Do ſitio, e nomes de outras Freguezias, e Ermidas que ha no Reyno da invocaçaõ de S. Domingos, p.* 406.

Cap. 8. *Da antiguidade, e principios, e fundaçaõ do Convento de Noſſa Senhora dos Martyres da cidade de Elvas, p.* 409.

Cap. 9. *Faz el Rey doaçaõ à Ordem da Ermida de Noſſa Senhora dos Martyres pera aſſento do novo Convento. E o Biſpo de Evora dà ſua licença pera a obra, p.* 412.

Cap. 10. *Da traça que ſe deu pera a Igreja do Convento: e das eſmolas que ſe procuraraõ pera a fabrica: e de algumas mercès que polo tempo em diante ouveraõ os Religioſos dos Reys, p.* 416.

Cap. 11. *Das fazendas, e bens de raiz que algumas peſſoas devotas dotaraõ ao Convento. Dàſe conta da vida, e partes de alguns filhos delle, p.* 419.

Cap. 12. *Fundaçaõ do Convento de S. Domingos da Villa de Guimaraens, p.* 422.

Cap. 13. *Chama o governo de Guimaraens aos Frades de S. Domingos pera morarem na Villa. Dàſelhe ſitio: edificaõ Convento: apontaõſe os nomes das peſſoas que lhe acodiraõ com eſmolas, p.* 425.

Cap. 14. *Derribaſe o Convento. Dàſe conta da rezaõ que pera iſſo ouve: edificaſe de novo em outro lugar, fazſe memoria de algumas peſſoas de grande calidade que ajudaraõ a obra, p.* 427.

Cap. 15. *Vida, e milagres do Santo Frey Lourenço Mendes, com a notavel obra que acabou da ponte de Cavez, p.* 430.

Cap. 16. *De hum myſterioſo caſo que aconteceo ao Santo Frey Lourenço em terra de Chaves, continuando o Santo miniſterio da prègaçaõ, p.* 433.

Cap. 17. *Da fórma, e feitio*

tio da caixa que o Anjo deu ao Santo Frey Lourenço: do numero, e calidade das reliquias que nella avia. Apontaõſe alguns teſtimunhos que deraõ eſtrangeiros da ſantidade do Santo Frey Lourenço: e o ſitio em que eſtaõ ſeus oſſos, p. 437.

Cap. 18. Da virtude, e ſanto fim de alguns filhos deſte Convento, p. 439.

Cap. 19. De outras antiguidades que ha neſte Convento dignas de memoria: e da grande devaçaõ que a villa, e comarca tem com S. Pedro Martyr, e Santa Caterina de Sena, p. 441.

Cap. 20. De alguns milagres de Santa Caterina de Sena, que ſe viraõ neſte Convento, p 444.

Cap. 21. Do que fizeraõ por eſte tempo os Religioſos da Provincia em ſerviço, e por mandado do Summo Pontifice, p. 446.

Cap. 22. Fundaçaõ do Convento de S. Domingos da cidade de Tuy, p. 448.

Cap. 23. Do nacimento, e eſtudos do Santo Frey Pero Gonçalves Telmo. E das rezoens que ha pera pertencer ao Reyno de Portugal, p. 452.

Cap. 24. Da converſaõ do Santo Frey Pero Gonçalves; e dos meyos porque Deos o trouxe à Religiaõ, e do principio de ſeus milagres, p. 454.

Cap. 25. Da ponte que o Santo fez ſobre o rio Minho; e da continuaçaõ com que prègava: e de alguns milagres grandes que fez, p. 458.

Cap. 26. De hum notavel milagre que o Santo fez; e de ſeu bemaventurado tranſito na cidade de Tuy, p. 461.

Cap. 27. Como foy ſepultado o Santo, e deſpois ſeu corpo tresladado pera a Sè; e nella melhorado de lugar duas vezes, p. 463.

Cap. 28. De alguns milagres que o Santo obrou deſpois de ſua morte, p. 466.

Cap. 29. Das luzes com que o Santo coſtuma acudir no mar aos devotos navegantes, que a elle ſe encomendaõ, p. 468.

Cap. 30. Das grandes inſtancias com que a gente do mar de Portugal tem procurado, e pedido a canonizaçaõ deſte Santo, p. 472.

LI-

LIVRO V.

Cap. 1. *Fundaçaõ do Convento de S. Domingos da cidade de Evora, p.* 479.

Cap. 2. *Dos Padres Frey Alvaro Murzello, e Frey Fernando Amado, filhos deſte Convento. E dos principios de vida do Irmaõ Frey Pedro leigo, p.* 483.

Cap. 3. *Das penitencias que o Irmaõ Frey Pedro fazia deſpois de profeſſo: do cuidado que tinha dos pobres ſendo porteiro: e das grandes perſeguiçoens, que padeceo do Demonio, até o mudarem pera Evora, p.* 486.

Cap. 4. *Vay Frey Pedro mudado pera Evora, dá-ſelhe cuidado da portaria, e dos pobres. Referemſe alguns meyos que buſcava pera ſer deſprezado, e abatido, p.* 488.

Cap. 5. *De alguns caſos em que ſe notou o bom entendimento, e capacidade de Frey Pedro, p.* 491.

Cap. 6. *Das muitas perſeguiçoens que o Demonio fazia a Frey Pedro, e do valor, e paciencia com que ſe avia nellas, p.* 493.

Cap. 7. *Da opiniaõ que commummente avia da ſantidade de Frey Pedro: e quanto caſo ſe fazia de ſuas oraçoens, p.* 495.

Cap. 8. *De alguns caſos em que moſtrou eſpirito de profecia, p.* 498.

Cap. 9. *Da glorioſa morte do ſanto Irmaõ Frey Pedro, p.* 501.

Cap. 10. *Das exequias, e officio da ſepultura do Irmaõ Frey Pedro, e do ſentimento geral com que foraõ celebradas, p.* 503.

Cap. 11. *De outros filhos deſte Convento dignos de memoria, p.* 505.

Cap. 12. *Do inſigne varaõ o Padre Meſtre Frey Luis de Granada, p.* 507.

Cap. 13. *Vem o Padre Meſtre Frey Luis a Portugal a petiçaõ do Cardeal Infante: perfilhaſe polo Convento de Evora. He eleito Provincial. Dàſe conta da ordem que tinha em Lisboa em ſua vida, e eſtudos, p.* 509.

Cap. 14. *Da pobreza voluntaria que o Padre Frey Luis ſeguia, e de ſua grande humildade. Contaõſe alguns caſos em que ſe vio o que amava eſtas*

tas virtudes, p. 512.
Cap. 15. *De ſua morte, exequias, ſepultura, e epitafio della, p.* 514.
Cap. 16. *Do grande credito que ſua peſſoa, e eſcritos tinhaõ por toda a Chriſtandade entre todo genero, e eſtados de gente, p.* 516.
Cap. 17. *Que contem humas letras Apoſtolicas com que o Summo Pontifice honrou ſua peſſoa, e eſcritos, p.* 518.
Cap. 18. *Do Padre Frey Reginaldo de Mello filho deſte Convento, p.* 521.
Cap. 19. *Da eſtranha penitencia, e morte do Padre Frey Duarte de Oliveira, p.* 523.
Cap. 20. *Da fundaçaõ, e primeiros principios do Moſteiro de S. Domingos das Dònas de Santarem, p.* 525.
Cap. 21. *Mudaõ as emparedadas em encerramento commum o particular que tinhaõ: e ficaõ no meſmo poſto em forma de Moſteyro. Recrecendo novas queixas, dàlhes o Convento de S. Domingos o ſitio da Madalena, p.* 528.
Cap. 22. *Paſſaõſe as recluſas ao novo ſitio da Madalena. Dà-ſe rezaõ do nome de Dònas com que atè o preſente ſe nomeaõ as Religioſas deſte Moſteyro, p.* 530.
Cap. 23. *Das diligencias que fizeraõ as emparedadas deſpois de mudarem o ſitio, pera ſerem recebidas, e encorporadas na Ordem, p.* 533.
Cap. 24. *Que contem a patente com que foy aceitado da Ordem o Moſteyro das Dònas de Santarem, p.* 536.
Cap. 25. *Vaõ duas Religioſas do noſſo Moſteiro de Chellas fundar o das Dònas de Santarem. Dàſe conta das groſſas eſmolas que acudiraõ ao Moſteyro, tanto que foy admittido ao governo da Ordem, p.* 538.
Cap. 26. *Que contem huma eſcritura que fez a Madre Dona Maria Mendes ſendo reeleita em Prioreſſa, em reconhecimento de ſer o ſitio, e Moſteyro das Dònas fazenda propria do Convento dos Frades, p.* 541.
Cap. 27. *Que contem huma petiçaõ que o Moſteyro das Dònas fez ao Summo Pontifice pera ficar unido à Ordem pera ſempre: e deſpacho que ouveraõ, p.* 544.

Cap.

Cap. 28. *De algumas Religioſas inſignes em virtudes, que ouve neſte Moſteyro desdo principio da primeira recluſaõ, p.* 546.
Cap. 29. *Das Madres ſor Sentiz, e ſor Joana Lourenço, p.* 548.
Cap. 30. *Da Madre ſor Caterina Rodrigues: da grande tribulaçaõ em que viveo, e da glorioſa morte com que acabou, p.* 550.
Cap. 31. *Das Madres ſor Eyria Alvares, e ſor Breytiz Feyjò, e outras duas ſem nome, p.* 553.
Cap. 32. *Das Madres ſor Caterina Nunes, ſo Caterina Pacheca, e ſor Caterina da Coſta, p.* 555.
Cap. 33. *Da Madre ſor Breytiz Salera, p.* 557.
Cap. 34. *Das Madres ſor Anna Vitta, e ſor Anna Carreſa, p.* 559.
Cap. 35. *Das Madres ſor Filipp de Caſtro, e ſor Filipa Godinha, p.* 562.
Cap. 3. *Da Madre ſor Mari de Mendoça, p.* 563.
Caſ 37. *Da Madre ſor Guinar de Souſa,* 565.
Cap. 38. *Das Madres ſor Filippa de Payva, ſor Guimar velha, ſor Iſabel da Roſa, ſor Breytiz de Mendoça, e ſor Lianor do Roſario, p* 567.
Cap. 39. *Da Madre ſor Micia dos Apoſtolos, p.* 570.
Cap. 40. *De outras virtudes da Madre ſor Micia, e da ſua ſanta morte, e da Madre Lianor de Morais, p.* 572.
Cap. 41. *Da Madre dona Jeronyma Religioſa da Terceira Regra, e Ordem de S. Domingos, p.* 574.
Cap. 42. *Como inviuvou, e fez profiſſaõ, e da vida, e penitencia que fazia deſpois de profeſſa, p.* 576.
Cap. 43. *Da continuaçaõ, e fervor que tinha na oraçaõ, e dos grandes mimos, e favores que nella recebia do Senhor com viſoens, e particularidades extraordinarias, p.* 579.
Cap. 44. *De algumas mercès que Deos fez a differentes peſſoas por meyo de ſuas oraçoens, e de huma muito ſoberana que lhe fez a ella: e de ſeu bendito tranſito, p.* 582.

LIVRO VI.

Cap. 1. *Das cauſas, e razoens que ſe offerecem pera o Reyno de Portugal ter produzido tanta gente ſanta como pa-*

parece deſta Hiſtoria, p. 587.

Cap. 2. Do principio que teve o Moſteyro de Corpus Chriſti em Villa nova do Porto, p. 590.

Cap. 3. Pede o Cabido Juiz Apoſtolico ao Pontifice pera a cauſa dos embargos que tinha poſto ao Moſteyro. Pede dona Maria licença pera fundar. Dàſe o Juiz, e dàſe a licença, p. 593.

Cap. 4. Dota a fundadora o Moſteyro em conformidade do Breve: vaõ duas Religioſas do Moſteyro das Donas de Santarem darlhe principio, p. 597.

Cap. 5. Em que ſe faz memoria de algumas peſſoas de grande calidade, que deixaraõ eſmolas, e fazenda a eſte Moſteyro, e de outras que nelle tomaraõ ſepultura, p. 600.

Cap. 6. Da grande religiaõ que neſte Moſteiro floreceo ſempre: do rigor, e auſteridades que ſe guardavaõ: e de alguns caſos raros que ficaraõ nelle em tradiçaõ, p. 602.

Cap. 7. Das Madres ſor Brazia Anes, e ſor Joana da Gloria, p. 605.

Cap. 8. Das Madres ſor Iſabel de Abreu, e ſor Iſabel de Morays, p. 608.

Cap. 9. Das Madres ſor Caterina de Soagoa, ſor Breytiz Rabella, e ſor Iſabel Afonſo, p. 610.

Cap. 10. Das Madres ſor Juſta Vieyra, ſor Violante, e ſor Juliana, p. 612.

Cap. 11. De alguns grandes milagres que N. Senhor tem feito neſte Moſteyro por huma imagem que nelle ha do P. S. Domingos, p. 614.

Cap. 12. Origem, e principio da fundaçaõ do Real Convento de Noſſa Senhora da Vitoria, no lugar da Batalha, p. 617.

Cap. 13 Do ſitio que el Rey eſcolhe pera o Moſteyro, e las razoens que o moveraõ a edificar nelle, p. 620.

Cap. 14. Deſcreveſe a Igreja pola parte interior, com as medidas, e calidade do edificio, p. 622.

Cap. 15. Deſcreveſe a capella particular en que el Rey jaz, e que pera ſi eſcolheo como fundador, p. 635.

Cap. 16. Deſcreveſe a Igreja pola parte de fóra: e tolo o edificio juntamente polo alto, p. 631.

Cap. 17. Da Sacriſtia, e do

do theſouro de Reliquas, ouro, prata, e ornamentos com que el Rey a enriqueceo, p. 634.

Cap. 18. *Deſcreveſe o mais interior do Convento, p.* 636.

Cap. 19. *Deſcreveſe a obra que hoje ſe vè na capella imperfeita, detràs da mayor, p.* 638.

Cap. 20. *Dos ſuffragios que el Rey ordenou neſta ſua caſa por ſua alma, e dos Infantes ſeus filhos: e da eſmola, e offertas que com elles ſinalou: e da diſpenſaçaõ que ouve pera o Convento poſſuir proprios, p.* 643.

Cap. 21. *Faz el Rey doaçaõ de huma quinta ao Convento. Dè conta do cuidado que teve em ſeu teſtamento, que ficaſſe com baſtante ſuſtentaçaõ, e das cautas que a tolheraõ, p.* 648.

Cap. 22. *De algumas graças eſpirituais, que el Rey impetrou pera o Convento. E de outras couſas que ordenou pera bom governo delle, e conſervaçaõ do edificio, p.* 651.

Cap. 23. *Que contem o epitafio Latino da ſepultura del Rey dom Joaõ, p.* 652.

Cap. 24. *Declaraſe em vulgar o epitafio del Rey, Latino, p.* 656.

Cap. 25. *Que contem huma parte da letra do epitafio da Raynha dona Filipa, com ſua ſignificaçaõ p.* 660.

Cap. 26. *De hum caſo milagroſo que ſe vio em Lisboa em hum officio ſolene de exequias celebrado pola alma del Rey dom Joaõ o Primeiro, p.* 664.

Cap. 27. *Do nacimento do ſanto Infante dom Fernando: e de ſua glorioſa vida, e ſantos coſtumes, p.* 667.

Cap. 28. *Embarcaſe o Infante na jornada de Tangere, e chegando o Campo a ponto de ſe perder, offereceſe a ficar em poder dos Mouros, polo ſalvar, p.* 669.

Cap. 29. *Fazſe a entrega do Infante aos Mouros, levaõno a Tangere, e Arzila, e a Fez. Contaſe a vida que fazia neſtas terras, e os trabalhos, e afrontas que padeceo, p.* 672.

Cap. 30. *Como foy paſſado a huma maſmorra, e deſpojado do veſtido, e cama. Contaõ-ſe outras afflições, que paſſou, atè lhe*

chegarem novas do fallecimento del Rey seu irmaõ, p. 674.

Cap. 31. De outras crueʒas, e màos tratamentos que se fizeraõ ao santo Infante: e como adoeceo, e faleceo, p. 676.

Cap. 32. Dos imperios, que os Infieis deraõ ao corpo do sant Infante: e das maravilhas que por elle obrou o Senhor: e como foy trazido a Portugal, p. 679.

Cap. 33. Em que se faz memoria de alguns sinais, e testemunhos calificados da virtude del Rey dom Joaõ Segundo, que neste Convento està em deposito, p. 681.

Cap. 34. De algumas graças que el Rey dom Afonso Quinto impetrou da Sè Apostolica pera este Convento, p. 683.

Cap. 35. Das memorias que el Rey dom Manoel deixou neste Convento: e da renda que os Reys dom Filippe Primeiro, e Segundo de Portugal lhe deraõ, p. 687.

Cap. 36. Assentaõse estudos neste Convento: fazse memoria de alguns Religiosos que lhe pertencem, e do Padre Frey Amador Anriquez filho delle, p. 688.

Cap. 37. Do Padre Mestre, e Inquisidor Frey Jeronymo da Azambuja: ou Oleastro, p. 691.

Cap. 38. Dos Bispos dom Frey Antonio Bernardes, e dom Frey Joaõ Baptista: e de outros Padres filhos deste Convento, p. 696.

Cap. 39. Do estado em que estavaõ as cousas da Provincia, e do Reyno, polos annos em que se deu à Ordem ho ultimo Convento da Batalha, p. 699.

FINIS.

8901419
15 mr 2021

cc (INNOCÊNCIO V, 328).
DA 8/5/15